



# Salto Mortal

*Marion Zimmer Bradley*



EB  
BANTAM BOOKS

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Marion Zimmer Bradley

## SALTO MORTAL

Título original: The Catch Trap

À KERRY, sem a qual eu provavelmente nunca teria começado este livro e Ao WALTER, sem o qual eu certamente nunca o teria acabado.

## *Advertência habitual — Com uma diferença*

Salto Mortal é um trabalho de ficção. Nenhuma das personagens destas páginas representa, ou pretende representar, qualquer ser humano, vivo ou morto. Nem qualquer dos circos ou grupos de saltimbancos mencionados nestas páginas existe fora da imaginação da autora.

Todos os romancistas fazem estas afirmações. Habitualmente é a verdade. Contudo, e porque escrevi sobre acontecimentos que foram reais, embora as minhas personagens não tivessem neles qualquer papel, devo fazer uma advertência muito especial.

Não fazia parte das minhas intenções escrever a história ficcionada do circo americano. Embora as minhas personagens se preocupem com a história e as tradições do trapézio voador, e especialmente com o mais difícil dos seus exercícios, o "triplo", não utilizei a verdadeira história do triplo neste livro.

Embora hoje em dia seja habitual ver o triplo executado por qualquer voador com pretensões e competência, nem sempre foi assim. Durante muitos anos, acreditou-se que o triplo era uma impossibilidade física; e mesmo depois de se saber que era possível fazê-lo, era conhecido como salto mortal, ou salto fatal, visto tantos voadores terem morrido ou terem ficado gravemente feridos ao tentar executá-lo. Como todos os aficionados do trapézio voador, sei que foi Eddie Clark quem, pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, conseguiu fazer o triplo pela primeira vez, que foi o grande Alfredo Codona quem primeiro conseguiu incluí-lo regularmente nas suas atuações, que Antoinette Concello foi a primeira mulher a fazer este exercício e a exibi-lo na pista com regularidade e que esta grande tradição foi continuada por voadores como Fay Alexander e Tito Gaona.

Isto coloca-me numa posição um tanto peculiar. Poderia, como alguns romancistas por vezes fazem, misturar os nomes das minhas personagens imaginárias com os de pessoas reais, com os dos trapezistas daquele período, mas essa foi uma liberdade que não me pareceu correto tomar. Ou podia, em alternativa, inventar totalmente uma história imaginária para o circo e a arte de voar no trapézio, apropriando necessariamente os percursos conhecidos e os feitos de pessoas reais e atribuí-los aos meus voadores imaginários.

Foi o que decidi fazer por se adaptar melhor à liberdade do romancista, mas esse fato torna necessária esta advertência especial.

As vidas privadas das personagens deste livro, dos Santellis Voadores, dos Fortunatis, e de outros artistas dos circos imaginários aqui descritos, não representam nem tencionam representar em qualquer aspecto as vidas privadas dos artistas de circo famosos que executaram, realmente, os exercícios aqui descritos nas pistas dos circos do mundo real. Das vidas privadas destes artistas nada sei exceto aquilo que, nas palavras do imortal Will Rogers, li nos jornais — ou aquilo que eles próprios decidiram tornar público nas suas memórias. E embora esses fatos possam ser tão fictícios como os descritos no meu livro, são uma ficção diferente e uma outra história.

Nos casos em que me apropriei de um episódio conhecido da história do circo e o atribuí a um dos meus voadores fictícios, fi-lo unicamente pelo seu valor e efeito dramáticos e não na tentativa de estabelecer um paralelo entre a minha personagem e qualquer trapezista que alguma vez tenha vivido. Se alguns destes episódios nunca existiram fora da publicidade criada pelos jornais, ou se foram inventados por um qualquer agente de relações públicas imaginativo, a minha única desculpa para os ter utilizado é a mesma de todos os escritores: "Se não foi assim que aconteceu, deveria ter sido." Ou, parafraseando, *Se non è vero, è ben trovato* — o que em inglês pode ser traduzido como: "Pode não ser verdade, mas dá uma boa história."

Este livro situa-se nos anos 40 e princípio dos anos 50.

Algumas das afirmações feitas pelas personagens refletem atitudes sociais e sexuais que seriam consideradas de mau gosto, se não mesmo impensáveis, hoje em dia. O leitor é aqui veementemente exortado a não confundir as atitudes expressas pelas várias personagens com qualquer posição da autora na vida real.

Marion Zimmer Bradley

## *Agradecimentos*

A todos os meus amigos que, sabendo da minha obsessão pela arte do trapézio voador, me têm enviado ao longo dos anos recortes de jornal, fotografias, programas de circo, revistas sobre circo e postais chamando-me a atenção para livros, filmes ou documentários televisivos que de outra forma me poderiam ter escapado.

Ao arquivo de circo em Santo António, Texas, por me ter facultado acesso especial à ficha sobre Alfredo Codona.

Aos amigos que, para além daquilo que seria legítimo esperar, me acompanharam na minha décima segunda ou vigésima quarta ida ao cinema para assistir aos filmes que me permitiram estudar uma e outra vez os pequenos pormenores da movimentação corporal no vôo no trapézio.

A Bob Tucker, Vernell Coriell e Jacqueline Lichtenberg, aos meus filhos tão pacientes e às dezenas de operários, encarregados de aparelhos e artistas que — sem saber que eu estava a fazer uma pesquisa para um livro — ouviram as minhas perguntas e tiveram paciência para a minha curiosidade impertinente.

Os meus agradecimentos sinceros.



Todo o terror e todas as recompensas deste jogo fantástico só são conhecidos daqueles que para ele trazem o seu talento levado à perfeição pelo treino obsessivo, uma grande capacidade competitiva e uma grande inteligência, bem como a sensibilidade flagelada que tantas vezes a acompanha. Nestes homens ocorre por vezes uma profunda transformação: o jogo torna-se a própria vida. Compreendem o que Karl Wallenda disse, ao voltar para o arame a seguir ao trágico acidente que matou dois elementos do seu grupo e deixou outro paraplégico: "Estar no arame é a vida; tudo o resto é uma espera."

Sterling Moss/Ken Purdy

*Livro Um*

**O VOADOR**  
1944 — 1947

## *Capítulo I*

Quando mais tarde na sua vida perguntavam a Tommy Zane qual a sua memória mais antiga, ele nunca hesitou. Era a da queima da Tenda Grande do Circo Lambeth.

Lambeth não era, nem de longe nem de perto, o Maior Espetáculo do Mundo. Tanto quanto ele sabia, seria mesmo um daqueles pequenos circos itinerantes que ctuam sobretudo nas aldeias e pequenas cidades rurais do Midwest. A memória que Tommy tinha dos espetáculos realizados na Tenda Grande eram muito vagos, dos tempos em que era tão pequeno que não o deixavam entrar na pista com medo que o pisassem.

Só anos mais tarde lhe disseram que foi a meio da temporada de 1935, quando a tenda principal do circo já estava tão velha e de tal forma no fio que já não podia ser revestida com materiais anti-inflamáveis, que Jim Lambeth decidiu ser o perigo demasiado grande, e fez uma fogueira com ela, algures no Oklahoma.

Foi ótima publicidade para o espetáculo, naqueles tempos da Depressão em que os bilhetes custavam 25 cêntimos, e mesmo assim os lavradores pobres da região tinham dificuldade em pagar a entrada. A única recordação de Tommy era, no entanto, a de o seu pai o ter sentado nos ombros enquanto viam a tenda arder, as grandes chamas erguendo-se no ar. Lembrava-se de ter começado a chorar quando o fogo morreu, e de não ter conseguido explicar qual a razão das lágrimas. O pai dissera: "Está muito excitado, é só isso", e levava-o para o atrelado da família metendo-o na cama. Tinha sido ao cair da tarde, e foi só quando nessa noite acordou com os sons familiares da música da charanga e da voz de Big Jim Lambeth sobrepondo-se à música, como era costume, que se dissolveu por fim o nó que lhe apertava o peito.

Adormeceu feliz por saber que o circo continuaria como sempre.

Ao ver arder a Tenda Grande ele pensara que também o espetáculo desapareceria.

Tinha cinco anos naquele Verão. Depois disso tinham atuado a céu aberto em recintos de feira, estádios, parques e baldios nos arredores das cidades. Os Invernos nunca foram muito reais para ele. Durante toda a sua infância teve a fantasia recorrente de que no Outono, quando o espetáculo era desmontado, o mundo real se desvanecia e eles passavam a viver como os animais no Jardim Zoológico: enjaulados no mesmo sítio, até chegar o momento de voltar à estrada e viver de novo a verdadeira vida. Às vezes perguntava-se se também o público seria desmontado no Inverno.

Nunca soube dizer em que momento deixara de pensar assim.

Já a guerra ia adiantada, tinha ele 14 anos, quando percebeu que para quem não fazia parte do circo era o seu mundo que era ilusório, uma imitação, algo de não muito genuíno.

Tommy estava de pé na pista de areia e serradura, olhando para o reflexo do sol nos aparelhos dos trapézios, aguardando que os Santellis terminassem o treino da manhã.

Doze metros acima dele, entre a teia de cabos e trapézios oscilantes, os três Santellis — Angelo, o base, e Mário e Papa Tony, os voadores — estavam absortos no treino matinal. Tommy esperou que Mário pousasse na plataforma mais próxima.

— Fui com o meu pai buscar o correio. Tenho uma carta para ti.

— De onde é o carimbo? — gritou Mário cá para baixo.

Tommy tirou a carta do bolso e estudou as marcas esborratadas.

— De São Francisco.

— Trá-la cá acima, então.

Tommy tirou as sapatilhas empoeiradas e trepou como um macaco pela escada de corda. Naquele Verão, ele era um miúdo baixo e robusto, forte mas ágil, e com os ombros surpreendentemente largos para a sua altura. Manobrou em torno da saliência provocada pela rede de segurança que firmemente segura desviava a estreita escada de corda, e subiu para o estrado de madeira mantido no lugar por cabos fortes e com largura

suficiente para comportar três pessoas lado a lado, e que servia de plataforma de saída para os trapezistas.

Mário Santelli (Tommy pensava sempre nele como Mário Santelli, embora soubesse há meses que esse não era o seu verdadeiro nome), de pé, com um braço em torno de uma corda guia, enxugava a testa coberta de suor com o lenço sujo de resina.

Pegou na carta e disse:

— Senta-te. Talvez a possas levar quando desceres.

Na outra ponta do aparelho, Angelo, o base — um homem baixo e forte de trinta e tal anos, com cabelo escuro e encaracolado tinha-se puxado para cima e estava sentado no trapézio com um braço descontraidamente passado por uma corda, balançando-se lentamente para trás e para a frente.

— Porque é que paraste?

— Carta da Liss — respondeu-lhe Mário e abriu o envelope.

Enquanto Mário lia a carta, Tommy olhava para baixo para a panorâmica do circo que se estendia abaixo de si, e para o acampamento, que tinha sempre o mesmo aspecto, quer estivessem no Texas ou no Tennessee, em Oklahoma ou no Ohio. Sob o sol empoeirado do Texas, o aglomerado de atrelados em que os artistas viviam parecia-se com uma pequena aldeia, distinguindo-se dos tectos maiores das casas da cidade lá mais ao fundo.

Nas traseiras da maioria dos atrelados a roupa estendida agitava-se ao vento. Por todo o recinto grossos cabos elétricos, semelhantes a grandes cobras, estendiam-se em direção ao caminhão com o gerador de eletricidade.

Os quiosques estavam alinhados formando uma rua estreita por forma a delimitar a entrada do público. Por detrás de barreiras seguras com cordas, destinadas a afastar intrusos curiosos, estavam instalados os animais do circo, no centro de um recanto formado pelos caminhões e atrelados de transporte de equipamentos. Perto das jaulas onde os felinos eram mantidos entre os espetáculos, Tommy vislumbrou uma camisa vermelha e um chapéu de abas largas; era o seu pai, assegurando-se de que nenhuma das fêmeas

estava com o cio, e que nenhum dos machos tinha as patas magoadas ou um dente inflamado.

Logo por baixo de si, na pista, um grupo de acrobatas treinava e Tommy conseguia ouvir a voz de Margot Clane marcando-lhes o ritmo, "Um-dois, um-dois, allez-hopsf". Outros equipamentos estavam a ser montados — para o equilibrista no arame, Shuffles Small, e para o ballet aéreo intitulado Pink Ladies. Para além deles estendiam-se os tetos da cidade, obscurecidos pelo fumo da descaroadadeira de algodão. Um mundo estranho, do qual Tommy nada sabia.

Papa Tony — António Santelli — pequeno, vigoroso, de cabelo e bigode grisalhos — descansava com uma perna passada por cima da plataforma.

— Alguma novidade? — perguntou.

Mário acabou de ler a carta, dobrou-a e meteu-a no elástico das calças de ginástica.

— Nada que valha a pena contar. Acho que se sente sozinha.

Mas já não falta muito tempo... acabamos daqui a uma semana.

— E já vai sendo tempo, digo-te eu — declarou o Papa Tony. — Já está muito frio para os espetáculos noturnos; será que o padrone quer que voemos no trapézio vestidos de ceroulas?

— E ontem à noite o vento estava tão forte que me vi aflito para controlar as cordas — disse Mário. Era um rapaz magro e robusto, com vinte e poucos anos embora parecesse mais novo. Usava o cabelo escuro e encaracolado, penteado para trás, deixando ver a testa alta e os olhos escuros, de sobrancelhas oblíquas, davam-lhe um ar ligeiramente estrangeirado e malicioso.

Tinha de se o conhecer há muito tempo para perceber que aquelas sobrancelhas constituíam uma tremenda contradição no seu rosto. Muita gente nunca chegou sequer a aperceber-se disso.

— Mais alguma carta, Tom?

— Não, para ti não. Mas eu recebi um postal. Queria falar contigo acerca disso. Lembras-te que eu fui à escola em Santo Angelo, no ano passado, quando o meu pai esteve lá a trabalhar no

Jardim Zoológico? Conheci lá uns miúdos, o Jeff Martin e a irmã dele, a Nancy. Eu e o Jeff dividíamos o cacifo na escola.

Ele diz que vem com a Nancy ao espectáculo na quinta-feira, e que vem mais cedo para me ver.

— Isso vai ser bom para ti, estares com os teus amigos — disse o Papa Tony -, mas hoje é quinta-feira; eles vêm cá hoje? — Tommy acenou que sim, e Papa Tony virou-se para o Mário. — Matt, disseste-lhe?

— Não, esqueci-me completamente. Tommy, pedimos ao Big Jim que viesse até aqui uma destas manhãs antes de o espectáculo ser desmontado para o Inverno. Por isso, vê lá se manténs os joelhos firmes, e não ficas com mãos de manteiga.

Tommy engoliu em seco e fingiu que era o sol a bater-lhe nos olhos o que o perturbava.

— Ei, isso quer dizer que...

— Isso não quer dizer absolutamente nada, a não ser que ele está curioso, e quer ver se eu andei a desperdiçar o meu tempo o ano inteiro — avisou Mário. — Não te enchas de pressas.

Já te disse isso mais que uma vez. Quando estiveres um pouco mais seguro, somos capazes de te deixar entrar no espectáculo de vez em quando. Mas tem calma, não tentes ir depressa demais.

Já te disse que...

— Ei, Mário! Estou à espera! — gritou Angelo do outro extremo dos aparelhos. Mário pôs-se de pé num movimento contínuo e fluido. A plataforma balançou como o convés de um navio, mas os três ajustaram o peso automaticamente e sem darem por isso, por forma a compensar o movimento.

— Fica por aí, Tom. Sobe um pouco mais para não atrapalhares.

Depois de acabarmos o treino do nosso número quero experimentar uma coisa. Angelo, aqui vou eu!

— Já não era sem tempo! — gritou-lhe Angelo virando-se de cabeça para baixo, pronto para o agarrar.

Tommy trepou para a barra mais alta, fixa sobre a plataforma à qual estava preso o segundo trapézio quando fora de uso. Ali podia

ficar sentado a observar sem interferir com os trapezistas; era o seu ponto de observação favorito, o local de que mais gostava.

Só há cerca de dois meses os Santellis lhe davam o privilégio de ali se sentar durante os seus treinos. Não era da vista que ele gostava — embora fosse bastante espectacular. O mais importante era a prova de que confiavam nele: confiavam suficientemente nele para saberem que não interferiria com o ensaio, que não distrairia nenhum deles num momento crucial, que não os poria em risco fazendo qualquer disparate. Durante algum tempo isso fora-lhe suficiente. Agora tinha mais qualquer coisa em que pensar.

Somos capazes de te deixar entrar no espectáculo de vez em quando...

Mas não te enchas de pressas. Pensou em quantas vezes Mário lhe teria dito aquelas palavras durante a temporada.

Os Santellis Voadores haviam-se juntado ao Circo Lambeth naquele ano, a meados de Junho de 1944. Enquanto observava Mário lançar-se na direcção de Angelo, Tommy deu por si a recordar a primeira vez que os vira trabalhar, vários meses atrás. Tinham chegado durante a noite; de manhã cedo montaram e testaram o equipamento.

Eram bons. Tendo vivido toda a sua vida no circo, Tommy sabia distinguir entre artistas bons, médios e incompetentes, e os Santellis eram bons — tão bons que ele chegou a perguntar-se qual seria a razão de estarem num espectáculo com a pouca dimensão do Lambeth.

Tommy reconhecera imediatamente quão bons eles eram pela precisão e perícia com que o base julgava as condições do vento, e o ritmo adequado antes de se baixar e ficar dependurado, seguro pelos joelhos, testando o balanço do trapézio e acelerando-o ligeiramente arqueando os ombros, entrelaçando as pernas nas cordas do trapézio e tornando-se a si próprio numa extensão do movimento.

Depois, o primeiro dos trapezistas, um homem grisalho, pequeno e elegante, já com uma certa idade, estirara-se agarrando firmemente a barra do trapézio, e lançara-se no ar num arco longo e



perfeito. No ponto mais alto do arco largara a barra e saltara para cima, dobrando o corpo pelo meio num salto encarpado.

Enrolara depois para um duplo mortal à retaguarda não aparentando qualquer esforço, e endireitara-se com correcção, as mãos esticadas encaixando nas mãos do base.

Ao mesmo tempo, o segundo trapezista, um jovem longilíneo em calças de ginástica, apanhara o trapézio quando este se aproximava da plataforma no voo de retorno, e lançara-se no ar passando o corpo por cima da barra. No preciso momento em que o primeiro trapezista largara os pulsos do base, o rapaz largara o seu trapézio, e os dois passaram um pelo outro com um salto mortal, o rapaz chegando com segurança às mãos do base e o velho agarrando o trapézio que o rapaz acabara de deixar. Tommy ficara com a respiração suspensa pela perfeição da manobra — nunca vira um passe aéreo de uma precisão tão milimétrica -, mas o homem mais velho, ao pousar agilmente na plataforma, gritara: "Péssimo, péssimo! Sais cedo demais, Mário! Tenta de novo!" Tinham feito mais três repetições antes de o velho se dar por satisfeito. O velho agarrara numa toalha, lançara-a por cima dos ombros, e sentara-se a descansar num dos extremos da plataforma.

Tommy, o encanto quebrado, virara-se para se ir embora quando o trapezista mais novo gritara: "Espera, Angelo. Dá um impulso bem forte e alto que eu quero tentar outra vez, está bem?"

— Num aparelho novinho em folha? Está bem, miúdo, o pescoço é teu — gritou o base.

No momento em que Mário deixara a plataforma, Tommy percebera o que o trapezista mais novo estava a tentar fazer: o difícil, o lendário, o quase impossível triplo mortal no ar. Ele dera a segunda volta e lançara-se para a terceira, mas fizera-o uma fracção de segundo depois do momento certo; virara-se no ar, enrolara-se, mergulhara na rede, ressaltara duas vezes e rira-se contrariado. Saltara de dentro da rede. Ao vê-lo a uma distância de 12 metros Tommy pensara que ele era adulto; via agora que Mário era apenas alguns anos mais velho que ele.

— Para onde estás a olhar, miúdo?

— Não há nenhuma lei contra olhar, pois não? — ripostou Tommy. — Achei só que vocês eram bons, mais nada. Os últimos trapezistas que tivemos aqui não valia a pena ficar a vê-los.

— Pois. Eu acabei de fazer uma linda figura agora mesmo, não foi?

Tommy respondera, subitamente envergonhado:

— Foi pouca sorte. Parecia mesmo que ia conseguir. Mas vai acabar por conseguir.

— Oh, claro! Um dia! Consegui fazê-lo duas vezes em mil tentativas. Talvez nas mil seguintes consiga quatro ou cinco. Mas olha lá, quem és tu? Não és da cidade. És daqui?

— Sou o Tommy Zane, Júnior.

— O filho do Tom Zane? Conheci o teu pai ontem à noite. — O trapezista estendera a mão a Tommy, e cumprimentaram-se.

— Um dia mais tarde também vais ser domador?

— Não, senhor Santelli.

O rapaz mais velho dera uma gargalhada.

— Ei, fazes-me sentir velho. O senhor Santelli é o meu avô, que está ali em cima.

— Ouvi-o chamar-te Mário.

— É o meu nome artístico. Houve sempre um Mário na família. Aquele é o Papa Tony, o meu avô. E o base chama-se Angelo, é meu tio, irmão da minha mãe. Também é um Santelli.

Mas o meu verdadeiro nome é Matt Gardner; isto é, sou Matthew Júnior. O meu pai era o base da minha mãe quando ela trabalhava no circo. Morreu era eu pequeno. A minha irmã, a Elisa, deixou o circo há um ano quando se casou. Tu trabalhas aqui no circo?

— Faço parte do desfile, vou num dos carros alegóricos, e ajudo a Ma Leighty no guarda-roupa do desfile de abertura — respondera Tommy -, e às vezes entro no ballet aéreo quando uma das miúdas precisa de uma folga. Uso uma peruca e pronto.

— Enchera-se de coragem e conseguira dizer por fim: — Mas, o que eu quero mesmo ser, é trapezista voador.

Ficara à espera que Mário se risse ou fosse paternalista. Era o que costumava acontecer com a maioria dos adultos. De repente,

fora tão importante para si dizer que queria ser trapezista que até isso seria suportável, visto que aquele era um verdadeiro trapezista. Mas Mário limitara-se a erguer uma das suas sobrancelhas maliciosas.

— Ai é? Há quanto tempo trabalhas no ballet aéreo?

— Comecei a aprender a trabalhar nas cordas quando tinha cerca de nove anos. Todos os miúdos aprendem.

— Eu sei. A minha irmã também aprendeu. E és bom?

— Não há nada em que se possa ser bom naquele número — disse Tommy exasperado. — Até a Ma Leighty poderia trabalhar naquele número se as cordas aguentassem com ela!

Mário começara a rir-se mas parara de repente. Lançara a Tommy um olhar penetrante, franzindo as sobrancelhas até elas formarem uma linha. Depois erguera o olhar para os aparelhos desertos. Papa Tony e Angelo já tinham descido.

— Já sei. Sobe comigo, se quiseres.

— Para ali? Para o trapézio?

— Estás com medo?

— Não — apressara-se a responder Tommy -, só que uma vez eu subi lá a cima e correram comigo. E levei uma sova.

— Bom, garanto-te que desta vez ninguém te bate por causa disso — disse Mário. — Vamos lá então.

Subiram então pela primeira vez a escada de corda, estreita e oscilante, até à plataforma. Já daquela primeira vez Tommy subira como vira outros trapezistas fazer; não como uma escada vulgar em que se agarram as cordas laterais e se põem os pés nos degraus, mas agarrando uma das cordas laterais, mantendo o corpo do lado de fora e utilizando os degraus unicamente como pontos de apoio para se impulsionar para cima. Nunca o fizera antes, mas pareceu-lhe tão natural como respirar. A plataforma estremeceu e balançou quando Mário poisou sobre ela a seu lado.

— Já vejo que não tens medo das alturas. Quanto mede o teu pai?

— Cerca de um metro e setenta, acho eu. Talvez nem tanto.

— E a tua mãe?

— É mais ou menos do meu tamanho. Porquê?

— Porque se cresceres até ao metro e noventa o melhor é esqueceres. Eu já sou demasiado alto para um trapezista, e não chego a ter um metro e oitenta. No entanto, as probabilidades são de que não deves chegar a essa altura. Quantos anos tens? Dez?

— Fiz catorze em Maio — respondeu Tommy com frieza.

— És pequeno para a tua idade, então. Não, não te estou a insultar, porque isso é bom. Quer dizer que já tens idade para começar a aprender. Tens é de ter altura suficiente para, da plataforma, chegar à barra. Agarra. — Esticou o braço, e soltou o trapézio do gancho a que estava preso. — Consegues chegar-lhe?

Conseguira, e fora com a respiração suspensa, numa espécie de encantamento, que fechara pela primeira vez os dedos em torno da barra envolta por uma fita rugosa. Mário perguntara:

— Sabes cair na rede, não sabes?

— Claro — dissera Tommy numa voz que mal se ouvia. — Tem de se cair de costas, e pronto.

— Então, e que tal? Queres tentar balouçar-te? — Tommy não tivera a certeza de que o trapezista estivesse a falar a sério.

— A sério? Posso?

— Mais novo que isto já ninguém aprende. Força, tenta!

De repente a altura parecera-lhe enorme e a rede, lá em baixo, demasiado pequena e frágil.

— Vai — dissera-lhe Mário. — O pior que te pode acontecer é cair na rede. Agora!

Tommy agarrara a barra com firmeza e saltara da plataforma.

Recordando-se do que os vira fazer no início do movimento, lançou os pés para a frente arqueando o corpo. Conseguira fazer com que o trapézio formasse um arco longo, mas quando atingira o vértice as cordas haviam bambeado, e sentira as mãos a escorregar da barra — mais tarde aprendeu que os atletas as cobriam de resina -, contorcera-se freneticamente e pontapeara o ar com força, conseguindo impulso suficiente para o voo de retorno. Não conseguira acertar na plataforma e o trapézio afastara-o de novo.

— Não entres em pânico — gritara-lhe Mário. — Consegues trocar de mãos e virar-te para cá? Se não conseguires, espera que o trapézio pare, e salta para a rede.

Ele já se virara daquela maneira num trapézio simples, a três metros de altura. O impulso levava-o até ao fim do movimento em arco, e ele lá conseguira trocar as mãos transpiradas por forma a ficar de frente para a plataforma. Quando o impulso da barra o levava de volta saltara para a plataforma, e aterrara atabalhoadamente ao lado de Mário, lançando violentamente o trapézio num movimento transversal e agarrando-se às cordas laterais.

— Calma! Calma! — Mário agarrara-o firmemente, restabelecendo-lhe o equilíbrio. — Ainda vais parar à rede! Mas de qualquer forma conseguiste voltar. Pensei que ias ter de te deixar cair; é o que acontece à maioria das pessoas da primeira vez. A mim foi o que aconteceu. E as mãos escorregaram-me, fiquei pendurado só por uma mão. O braço quase que me ia saindo do ombro.

— Sorrira com a recordação. — Vamos fazer uma coisa. Apareces por aqui, aí umas quatro ou cinco vezes por semana de manhã, depois de termos preparado os aparelhos, e eu começo a ensinar-te.

Mas não tenhas pressa.

Isso acontecera há vários meses e não fora assim tão simples.

A sua mãe ficara branca como um lençol quando Tommy entrara no atrelado dos Zane esfuziante com a novidade: conhecera os novos trapezistas e um deles dissera que o ensinaria a voar no trapézio, e até o deixara subir aos aparelhos.

— Eu e esse rapaz vamos ter de conversar — respondera-lhe ela com aspereza, lançando os pratos no lava-loiça. Tom Zane, acendendo o seu cachimbo da tarde, reagira mais calmamente.

— Tem calma, Beth, sabes bem que ele sempre foi doido pelo trapézio, desde pequeno. E a Margot já lhe ensinou tudo o que podia. Eu mesmo ia falar com o Tony Santelli para ele lhe ensinar...

— Ouve, Tom. Eu deixei-o aprender a trabalhar no tapete, deixei-o trabalhar nas cordas, no ballet aéreo... mas no trapézio voador? Tom, são vinte metros de altura! Um descuido e...

— Mãe... — disse Tommy sentindo um nó apertar-lhe o peito. — Eles usam um aparelho de doze metros. O público no topo das bancadas está quase a essa altura. E além disso há a rede.

— Ouve, Beth, eu conheço os Santellis. O Tony já voava antes de eu ou tu termos nascido. Nenhum deles deixaria o Tommy aproximar-se do trapézio se não estivessem dispostos a olhar por ele. Estou até surpreendido por eles se darem a este trabalho com um miúdo. Habitualmente trabalham com a família e não admitem estranhos. Quem foi, Tommy? Foi o mais velho, o António?

— Não, foi o miúdo. Aquele a quem chamam Mário.

— Ouve — dissera Beth Zane. — Talvez o velhote seja seguro, mas o miúdo? Será que ele tem idade para saber o que está a fazer?

— Ele já não é tão miúdo assim — respondera Tom. — Está na idade de ir à tropa, acho eu. Vinte, vinte e um. E sei que ele já voa com os outros há anos. E é muito bom. Eles costumavam actuar no Starr.

— Então que estarão eles a fazer num circozinho do tamanho do Lambeth?

— Tiveram um acidente nos anos trinta e a família separou-se durante algum tempo — dissera Tom Zane. — Não conheço os pormenores. — A sua cara mostrara aquela expressão que Tommy conhecia desde os tempos da sua infância, e que significava que o pai sabia perfeitamente todos os pormenores, mas não os ia discutir na frente de Tommy. — De qualquer forma eles estão aqui, e é uma sorte para o Tommy; não há ninguém que o pudesse ensinar melhor. E são pessoas decentes, Beth, gente de família. Uma família de circo do velho continente. O Tommy ficará optimamente com eles. Descontra-te, Beth. Deixa o miúdo divertir-se.

E fora assim que começara. De início um pouco ao acaso, uns minutos de cada vez. Só Mário prestava alguma atenção a Tommy.

Papa Tony nem parecia aperceber-se da sua existência — ou pelo menos assim parecia a Tommy na altura — e isso convinha-lhe perfeitamente. António Santelli tinha uma voz poderosa, e um temperamento irascível, que lançava indiscriminadamente, quer sobre a sua família quer sobre as pessoas de fora. Angelo era bem-educado e até simpático, mas para ele Tommy era apenas mais um dos miúdos do circo. Para além dos poucos minutos das lições, fazia longas horas de exigentes e dolorosos exercícios de ginástica, e trabalhava nas paralelas que o pai lhe montara; horas de repetições

de impulsos simples no trapézio, para a frente e para trás, aprendendo a movimentar o corpo em qualquer ângulo, a virar-se e a trocar de mãos em qualquer dos momentos do impulso, e a cair com segurança na rede sem se magoar. Os poucos minutos ocasionais, três ou quatro vezes por semana, acabaram por se transformar numa rotina diária. Assim que o treino matinal dos Santellis terminava, assim que Papa Tony e Angelo vestiam as camisolas e se iam embora, Mário fazia sinal a Tommy, e ele subia ao aparelho e trabalhava o programa de exercícios que este o autorizava a fazer.

Começara, rapidamente, a ficar impaciente e a querer voar de verdade. Balançar-se para a frente e para trás num só trapézio, alternando com mergulhos para a rede e manobras com o corpo sobre e em torno da barra, não era assim muito diferente de andar às voltas a uma corda a quatro metros do chão. Mas quando comunicara a Mário a sua impaciência este respondera-lhe secamente:

— Não. Não até que eu ache que estás pronto para isso.

Já te disse que não quero nada de pressas.

Mas passara-se apenas uma semana — fora algures no Arkansas, e Tommy nunca mais se conseguiu recordar do nome da cidade — que ao chegar para o treino da manhã, Angelo ainda estava nos aparelhos. Tommy hesitara, mas Mário fizera-lhe sinal para que, ainda assim, subisse. Depois dissera-lhe:

— Tom, observa com atenção. — Lançara-se pelo ar no trapézio e girara sobre si próprio até ficar sentado na barra como se se tratasse de um baloiço. Depois deixara-se escorregar para trás, seguro pelas mãos e prendendo os tornozelos — tudo isto já ele ensinara a Tommy. Depois, quando Angelo atingiu o ponto mais alto do arco descrito pelo impulso do seu trapézio, Mário largara a barra e caíra na sua direcção, agarrando-lhe os pulsos com facilidade e descontração. Balouçaram juntos, os pulsos entrelaçados, por alguns segundos. Quando Mário voltara à plataforma dissera-lhe: — Achas que consegues fazer isto hoje?

Uma excitação crescente fervera dentro de Tommy.

— Posso mesmo?

— Parece-me bem que é isso que vamos ver. Se não te deixarmos sair da barra, um dia destes ainda lá ficas congelado.

Angelo mergulhara para a rede. Tommy soltara um resmungo de protesto e desapontamento, e Mário dissera-lhe:

— Não faz mal, sou eu quem te vai aparar. Achas que eu ia fazer o Angelo perder tempo contigo?

— Tu também és base?

Às vezes. O Papa Tony é conhecido por insistir com que toda a gente aprenda a fazer tudo. Eu comecei por ser o base e o meu irmão mais novo, o Johnny, era o voador porque eu era mais alto que ele. Só que ele gostava mais de ser base e eu gostava mais de voar, e por isso trocámos.

— Não sabia que tinhas um irmão.

— Tenho até dois. Gémeos.

— Como é que se chamam?

— John e Mark. E tenho uma irmã, a Liss.

— E porque é que eles não trabalham convosco?

— O Mark nunca aprendeu a voar. O Johnny foi-se embora e criou o seu próprio número há dois ou três anos. E a Liss casou-se. Queres voar, ou ficar para aqui na conversa?

— Desculpa, não te queria fazer perder tempo.

— Esquece. Não faz mal. — Mário lançara-se para a rede, trepara à corda no outro extremo do aparelho e, quando se içara para o trapézio base, já estava outra vez a sorrir.

— Pronto, vamos a isto. Agora não te esqueças que quando eu der sinal tu largas a barra e mergulhas na minha direcção. Não agarres, estende apenas as mãos que eu estarei lá. Provavelmente vais falhar, como sabes toda a gente falha da primeira vez. — Soltara as mãos, inclinara-se para trás e, entrelaçando as pernas em torno da base dos apoios do trapézio base, iniciara o longo balanço pendular, para trás e para a frente, num ritmo regular.

Tommy mantinha-se a postos na plataforma, a boca seca, mas sentindo qualquer coisa dentro de si a acompanhar o ritmo regular do pêndulo. Firmara as mãos na barra.

— Agora! — gritara Mário, mas Tommy já estava fora do pedestal, lançando-se com firmeza, sentindo o corpo erguer-se,



distendido. Quando o trapézio atingira a sua máxima extensão erguera-se, flectindo os braços e os joelhos — costumavam chamar a isto "esfolar o gato", pensara por breves momentos -, ouvira-o dizer outra vez, "Agora!", soltara-se e sentira o impulso levá-lo na direcção das mãos estendidas de Mário.

Falhara, como é evidente, e sentira um vazio no estômago quando o voo se transformara em queda. "Vira-te!", gritara Mário, mas Tommy já se virara e enrolara, agindo por instinto, num reflexo que já não tinha nada de consciente. Caíra na rede no ponto em que esta se curvava para cima junto aos esticadores e, em vez de ressaltar, deslizara, sentindo as cordas queimarem-lhe a pele dos cotovelos desprotegidos. Faltara-lhe a respiração. Uma queda não intencional na rede não era — em nada — parecida com as quedas intencionais que aprendera a dar. Ficara ali deitado, abalado e surpreendido, com Mário balançando-se por cima de si, rindo-se, de cabeça para baixo.

— Vês? É grande a diferença entre cair e mergulhar! Queres subir e tentar de novo?

— Assim que recuperar o fôlego.

— E deixa-te ficar agarrado ao trapézio mais um bocadinho.

Largaste-te demasiado cedo. Para a próxima espera pelo meu sinal.

Tommy subira, lançara-se de novo e falhara mais uma vez.

E ainda uma terceira vez. Por essa altura as pisadelas dos ombros já estavam a ficar negras, e as cordas ásperas da rede tinham-lhe deixado o joelho esquerdo e o cotovelo direito em carne viva.

Ardiam-lhe como se tivessem sido queimados. Sentira-se desencorajado, dorido, com os olhos rasos de lágrimas.

— Mais uma vez — gritara Mário cá para baixo.

— Acho que não vou ser capaz.

— Mas afinal o que és tu? Desistes, é? Sobe já para aqui!

E continuas a soltar-te demasiado cedo. Faz o favor de subir já para o trapézio!

Desta vez os pulsos de Tommy haviam mesmo roçado pelas mãos de Mário. Depois, quando ele sentia já a exaltação do sucesso,

não conseguira fixar as mãos a tempo de as prender aos pulsos de Mário; tentara desesperadamente agarrar-se e atingira o seu rosto com o cotovelo. Caíra, virando-se rapidamente de costas, e qualquer coisa caíra pesadamente a seu lado. Enquanto se soltava da rede, gemendo — tinha agora os dois cotovelos queimados pelas cordas -, vira Mário sentando-se, atordoado, na rede a seu lado. Tinha sangue a escorrer-lhe pela cara.

— Mário, o teu nariz! Estás a sangrar...

— Raios, sei muito bem que estou a sangrar! — Era a primeira vez que Mário se descontrolava a ponto de praguejar. Como todos aqueles que trabalhavam num espectáculo cujo público era constituído maioritariamente por crianças, Mário era muito cuidadoso com aquilo que dizia na frente do público, e este descontrolo provocou em Tommy uma estranha satisfação; sentira que já não era alguém de fora, que já não era uma criança que tinha de ser protegida.

— Desculpa, Mário. A culpa foi minha. Perdi o equilíbrio...

— Agarraste-me. Eu tinha-te dito que não o fizesses. — Mário desentalou do elástico das calças o lenço teso de resina — todos eles traziam sempre um lenço para enxugar o suor das mãos e evitar que estas escorregassem nos aparelhos — e limpou a cara.

— Aquela senhora que ganhava a vida a lutar com tigres devia levar-te para trabalhar com ela! — acrescentou com rudeza.

— Não, não me atiraste abaixo; fui eu que senti o nariz começar a sangrar e me deixei cair. Isto acabou comigo por esta manhã.

Tenho de ir pôr gelo no nariz, ou vou passar o espectáculo da tarde a sangrar. Pira-te.

— Posso ajudar nalguma coisa? Queres que vá buscar gelo ao quiosque das bebidas? — Ficou ali, sentindo-se impotente, enquanto Mário descia da rede.

— Não, não. Veste mas é a camisola antes que te constipes.

Não faças disto uma tragédia, faz tudo parte da profissão. Ou já não achas isto assim tão divertido?

Tommy tentou não se deixar atingir pelo sarcasmo e vestiu a camisola.

— Acho que se tu consegues aguentar alguns milhares de quedas eu também posso aguentar umas quantas dúzias. De qualquer forma eu desta vez quase que te agarrei as mãos.

Mário tirara o lenço do nariz soltando uma gargalhada.

— Parece-me que serves para isto. Não te esqueças de pôr qualquer coisa nessas esfoladelas, ragazzo. A tua mãe deve ter um creme qualquer para as queimaduras. Toma... — Mexera na gola da camisola. — Chega aqui.

Estava a tirar qualquer coisa da costura do ombro da camisola, uma medalha metálica oval presa por um alfinete-de-ama. Dobrara-se e prendera-a na gola da camisola de Tommy.

— O que é isso?

— É a minha medalha de São Miguel. Santo padroeiro dos trapezistas. Usa-a para te dar sorte, está bem?

Embaraçado, Tommy tocara com um dedo no pequeno objecto de metal.

— Eu não sou católico.

— Bem, eu sou, e vou trabalhar contigo, e assim talvez o São Miguel olhe por ti e te impeça que quebres o meu pescoço! — Subitamente os olhos de Mário tinham sorrido sob as sobrancelhas oblíquas. Não com o seu habitual riso sardónico, mas num sorriso agaiatado. Tocara de novo o rosto que sangrava. — É melhor ir pôr gelo nisto, e tu devias pôr qualquer coisa nessas feridas.

Põe-te a andar, Tom.

Tommy fora, tocando a pequena medalha com curiosidade.

Não podia saber que a usaria toda a vida. Nunca com devoção, como Mário a usara até aí, mas simplesmente porque a associava, nessa altura e depois disso, com a sua primeira verdadeira experiência do que era voar no trapézio. E também por saber, ainda que de uma forma indistinta e nunca totalmente consciente, que por esta súbita camaradagem com Mário, por aquela manifestação inesperada de afecto que irrompera da habitual rudeza com que este o tratava, ele submeter-se-ia a mil quedas.

Tommy conseguira a sua primeira passagem bem sucedida do trapézio para as mãos do base três dias mais tarde. Depois de mais três semanas de actuações, e de terem deixado para trás o

Arkansas, o Oklahoma e o Kansas, Mário indicara a Tommy que subisse para a plataforma ainda com Angelo no trapézio base.

Angelo gritara-lhe:

— Vamos a isto, meu rapaz. Vamos lá ver se o Matt te conseguiu ensinar alguma coisa!

Tommy ficara como que colado à plataforma, subitamente intimidado, mas Mário tocara-lhe ao de leve no ombro.

— Vamos embora. Tenta um salto encarpado. Nada de muito complicado.

Tommy lançara-se, encarpando o salto por forma a ficar dependurado da barra pelos joelhos. Soltara-se então, caindo em cambalhota, os braços estendidos, na direcção de Angelo. Falhara, e o seu corpo virara-se sem graciosidade, enquanto mergulhava na rede, ao som do riso áspero de Angelo.

— Ah! Ah! Ainda ficaste pior do que o Mário quando tentou o triplo pela primeira vez!

Tommy cerrara os punhos e os olhos tinham-se-lhe rasado de lágrimas com a humilhação. Ao cair magoara muito um dos joelhos. Caíra muitíssimo mal. Também Mário se ria na plataforma por cima de si. Tommy estava prestes a gritar que os arcos descritos por Angelo eram mais curtos que os de Mário, quando se apercebeu que, se havia coisa que não podia fazer, era inventar desculpas. Rolara para fora da rede tentando não coxear sobre o joelho que magoara.

— Desculpe, Angelo. Posso subir para tentar de novo?

E, após um silêncio que lhe fizera gelar o sangue, Angelo gritara-lhe rudemente:

— Sicuro! Vamos lá então.

Fora então que soubera que fora aceite. Tinham-no treinado sem piedade, apontando-lhe duramente os erros mas, umas semanas mais tarde, quando regressara pela primeira vez com sucesso à plataforma, depois de ter solto as mãos do base — num verdadeiro voo de retorno -, Papa Tony dissera olhando-o de cima a baixo, e com o cenho assustadoramente franzido:

— Bem, Mário, assim como assim, o melhor é ensinares-lhe os exercícios da Elissa.

Desde esse dia, à excepção de quando estavam a actuar, era um deles. Juntava-se-lhes no topo do trapézio para o treino da manhã em vez de treinar sozinho com o Mário. Durante os ensaios ficava na plataforma, e aprendeu a manobrar com as barras — apanhando o trapézio no voo de retorno, e lançando-o de novo para o trapezista, tirando-o do caminho quando um dos voadores regressava à plataforma. Mas Mário dissera-lhe: Não tenhas pressas...

E agora Mário tinha-lhe dito, Pedimos ao Big Jim para vir até cá de manhã durante esta semana. Isso significava que eles estavam a considerar seriamente a hipótese de permitirem a Tommy actuar com eles, em breve, num dos espectáculos. Sonhando acordado na plataforma mais alta, por cima dos trapezistas, perdera a noção do que se passava à sua volta até que Mário, esticando o braço, lhe tocou ao de leve num ombro.

Estás acordado aí em cima? Desce para tentarmos o número de pares.

Era algo que só tinham começado a treinar alguns dias antes.

Papa Tony já tinha descido, e dirigira-se até ao outro extremo do trapézio, onde estava a soltar mais um trapézio base. Tommy apressou-se a descer para o lado de Mário ajudando a prender o trapézio mais pequeno onde não causasse transtorno, e a soltar a barra ligeiramente mais larga que utilizavam para o exercício de pares. Posicionou-se cuidadosamente à esquerda de Mário. Tinha as mãos ligeiramente transpiradas; alcançou o saco de resina preso a um dos postes e passou as mãos por ele.

Papa Tony e Angelo balançavam-se de cabeça para baixo, lado a lado, os movimentos sincronizados, qual pêndulos de relógios produzidos em série. Mário e Tommy, as mãos pousadas ao de leve nos ombros um do outro para manterem o equilíbrio, estavam na expectativa; Mário murmurou:

— Agora! — Agarraram a barra, as quatro mãos contra a fita rugosa que envolvia a barra como se de uma só mão se tratasse.

Embora o movimento fosse simples, Tommy recordou-se das horas de prática que exigira — uma fracção de segundo de diferença

no atacar da barra e esta desviar-se-ia para o lado, fazendo com que o trapézio se entortasse.

Naquele dia correu tudo bem; saíram juntos, num movimento forte, harmonioso e regular, largando depois a barra em simultâneo.

As suas mãos encontraram os pulsos de Papa Tony, e sentiu o esticção nos músculos dos ombros, ouvindo ao longe o sobressalto na respiração de Angelo quando este sentiu o impacte do peso de Mário.

Tommy contou mentalmente os impulsos. Um, o impulso.

Dois, soltaram-se simultaneamente, um voo nauseante no espaço vazio que continuava a causar-lhe sempre um vago aperto de medo no estômago. — "Será que quando saímos da barra esta ficou direita? Será que um sopro de vento a desviou sem que houvesse ninguém para a apanhar e lançar de novo?" — Três!

As mãos alcançaram a barra, e ouviu o impacte das mãos de Mário ao lado das suas, o seu peso equilibrando o trapézio. Quatro, dois pares de pés pousaram sobre a plataforma, e dois pares de mãos fizeram um movimento rápido de recuperação de equilíbrio que parecia ser um floreado artístico, um convite ao aplauso.

Tommy endireitou-se, afogoeado e a tremer, o suor correndo-lhe nas têmporas. Alguém gritou lá de baixo.

— Bom trabalho, miúdos! — No solo, Big Jim Lambeth<sup>{1}</sup> — o patrão, que era realmente grande, medindo mais de um metro e noventa, e com uma envergadura condizente — e Margot Clane riam-se e aplaudiam. Mário apertou exuberantemente o ombro de Tommy antes de se afastar dele. Murmurou:

Buon ragazzo — E Tommy, que sabia que Mário nunca falava na língua da sua mãe a não ser que estivesse furioso ou encantado, sentiu-se inchar de orgulho.

Cá em baixo Jim Lambeth conversava com Mário.

Foi tua a ideia de fazer do miúdo do Zane um trapezista, não foi?

E ideia do miúdo também. Ele trabalhou como um danado, Jim.

— Muito bem, experimentem-no quando acharem que chegou a altura. Aquele número de pares faz boa figura. Experimentem-no

numa cidadezinha qualquer onde, se ele estiver nervoso, e der cabo do número, isso não faça moça.

— Ele não vai estragar nada — disse Mário com confiança -, e eu gostaria de o estrear em Santo Angelo, está bem? Ele tem lá amigos.

— Por mim, tudo bem. Mas olhem que é melhor um de vocês falar com a família do miúdo, não é?

Tommy, enterrando os pés nus na areia, sentiu uma estranha impressão no estômago. O pai perceberia como ele se sentia.

Só que não era o pai que o preocupava; era a mãe. E habitualmente o pai fazia o que a mãe lhe dizia para fazer. Mesmo aos 14 anos ele já tinha uma vaga noção de que o pai começara a treinar leões e tigres para ter oportunidade de, ocasionalmente, levar a sua avante.

Tony Santelli disse com firmeza.

— Eu próprio falo com a Elizabeth Zane. — Tommy descontraiu-se.

Não conseguia imaginar ninguém, nem mesmo a sua mãe, a ser capaz de discutir com Papa Tony.

Ao almoço, Tommy debicou a comida, embora a mãe tivesse fritado uma galinha. Sentou-se à mesa do atrelado, mordiscando nervosamente um bolinho de aveia enquanto o pai, estiraçado no sofá, fumava o seu cachimbo depois de almoçar. Mas quando Papa Tony bateu à porta do atrelado, o pai levantou-se e convidou-o a entrar. Depois mandou Tommy embora declarando:

Quem fica à escuta nunca ouve nada de agradável acerca de si próprio. Vai ter com a Ma Leighty e faz o teu trabalho, que depois falamos.

## Capítulo II

O atrelado de Ma Leighty estava no local do costume, junto à entrada dos artistas. Ma Leighty<sup>{2}</sup> — toda a gente, desde Jim Lambeth à mais pequena das crianças lhe chamava Ma — era a encarregada do guarda-roupa dos espectáculos. Dizia-se que ela fora em tempos uma famosa amazona. Tinha agora 70 anos, e nem mesmo um elefante teria suportado o seu peso com facilidade.

Tommy tinha apenas quatro anos quando Ma o vestira pela primeira vez com um pequeno fato de Tio Sam<sup>{3}</sup>, e o sentara no mais calmo dos pôneis. Não que ele se recordasse disso, mas tinham-lhe contado. Desde que se conseguia lembrar que participava nas paradas e no desfile, a abertura em que se mostravam os vários artistas e os fatos, e a que chamavam "spec"<sup>{4}</sup>. A maioria das mulheres e dos filhos dos artistas, e até mesmo dos operários, fantasiava-se e desfilava; a pé, montando pôneis, cavalos ou em carros alegóricos. Isso fazia com que o pequeno espectáculo parecesse maior do que era na realidade. Quando fez 10 anos Tommy começou a ajudar Ma Leighty a cuidar do guarda-roupa.

Naquele ano, já com estatuto de veterano, Tommy estava incumbido das crianças mais pequenas, o que lhe dava bastante prazer. Mas naquele dia estava impaciente, com a cabeça no que se estaria a passar no seu atrelado, até que a velhota lhe disse com rudeza:

— Tommy, que tens tu hoje? Toma atenção ao que estás a fazer! Puseste os chapéus chineses ao pé dos tamancos de madeira!

— Desculpe, Ma — murmurou.

Margot Clane, que vinha buscar as saias de gaze cor-de-rosa para o ballet aéreo, entrou no atrelado. Era uma mulher pequena com a pele bronzeada pelo sol. Tinha o cabelo de um ruivo debotado, cheio de rolos, e trazia vestidas uma jardineiras remendadas e uma velha camisa de homem.



— Tommy, vi-te esta manhã. Estiveste muito bem. Ouve, Tom, fui à tua procura esta manhã estavas tu no trapézio com os Santellis. Depois o Lambeth apareceu e eu esqueci-me completamente.

A Betsy Gentry escorregou ao saltar da corda ontem no espectáculo. Magoou um pé e vai ter de fazer uma radiografia. Vou substituí-la hoje à tarde, mas é muitíssimo complicado mudar de roupa a tempo de entrar no número de equilíbrio. Se ela tiver o tornozelo partido vais ter de treinar connosco amanhã e, provavelmente, actuar connosco durante uns dias, está bem? — Não esperou pela resposta e foi-se embora com os fatos do ballet nos braços.

Tommy franziu a testa zangado. Nunca ninguém lhe pedia nada, com um raio! Limitavam-se a dizer-lhe. Não se importava de actuar no ballet aéreo, mas se ia participar no espectáculo com os Santellis num dos dias daquela semana, tinha de ensaiar com eles!

Ouviu-se à distância um pii curto e ritmado que soaria aos ouvidos de um estranho como se alguém estivesse a aquecer um instrumento para o espectáculo; era o sinal que alertava os artistas de que faltavam 30 minutos para o espectáculo, que a bilheteira estava aberta e que deviam começar a vestir-se para a matinée.

Tommy pegou nos cabides com as fantasias para o desfile de abertura, e dirigiu-se ao atrelado vazio que servia de camarim aos figurantes do sexo masculino.

Durante a meia hora seguinte esteve ocupado a apertar os botões dos fatos dos rapazinhos mais pequenos, marcando a lista dactilografada de tarefas que estava pregada na parede e tirando com bom humor pastilhas elásticas da boca de alguns dos miúdos.

Do outro lado do atrelado, Little Ann Clane<sup>{5}</sup> a filha de Margot, e Ellen Brady, filha do chefe da charanga, faziam o mesmo com as rapariguinhas. Tommy ergueu as crianças mais pequenas, montando-as em póneis ou colocando-as no cimo dos carros alegóricos, sem pensar no que fazia. Ocupou o seu lugar no carro da selva, ajeitando a pele de leopardo que vestia, e agarrando na trela de um macaco. No próximo ano não me vou limitar ao desfile de abertura, no próximo ano vou voar no trapézio.

Ninguém lhe disse nada entre os espectáculos da tarde e da noite, ou mesmo depois, acerca da visita de Papa Tony, e Tommy sabia que o melhor era não fazer perguntas. Depois do espectáculo da noite começou o frenesim da desmontagem do espectáculo, mas Tommy já estava a dormir no atrelado dos pais quando partiram.

Não fazia ideia de onde iria acordar. Como aliás nunca fazia.

Às onze horas da manhã seguinte o incharacterístico terreno baldio da cidade desconhecida fora transformado numa réplica exacta do anterior, com cada atrelado estacionado exactamente no mesmo local, cada aparelho montado no mesmo lugar, e a pista montada no mesmo sítio de sempre. Esta cidade tinha uma refinaria de petróleo em vez de um descarçador de algodão e cheirava horrivelmente. Mas a cidade não passava de um cenário, de uma parte da paisagem. Como todas as crianças do circo, Tommy crescera a ouvir a história do artista que perdera o relógio numa cidade e no dia seguinte fizera toda a gente andar à procura dele, tendo-se esquecido completamente que o acampamento do dia anterior ficara a 60 quilómetros de distância.

Tommy estava à espera dos Santellis ao pé do trapézio quando apareceu Margot à sua procura. Sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— Como está o pé da Betsy?

— Nada bem. Está ligado e dói-lhe muito. É melhor vires treinar connosco. Há já mais ou menos um mês que não treinas.

Angelo tinha chegado e estava do outro lado do aparelho.

Tommy correu até ele para lhe explicar o que se passava e ele assentiu com a cabeça.

— Eu digo ao Matt. Não fazemos o número de pares hoje e pronto, qual é o problema?

Tommy sentiu-se desconsolado, desiludido, enquanto formava com as nove raparigas do ballet aéreo. Conhecia-as a todas, como é evidente; o Circo Lambeth era um circo familiar, e os vários artistas mantinham-se ano após ano. De vez em quando um artista muito bom mudava-se para um circo maior — para o Sorenson, o Woods-Wayland ou mesmo o Starr — ou um artista bêbado ou incompetente era despedido; fora um desses casos que criara uma

vaga para os Santellis. Mas, regra geral, o espectáculo era "o mesmo todos os anos.

Ballet aéreo! Ele começara a fazer aquilo quando tinha 10 anos! Grandes trapézios fixos, semelhantes a escadas de aço montados em aros de aço brilhante; 10 raparigas em fatos vaporosos de ballet trepavam pela corda — a que chamavam teia — para os trapézios, e ali faziam simples exercícios de ginástica ao ritmo da música. Havia mesmo fortes laços de segurança para os ginastas prenderem um dos pés de forma a que, ao fazer uma pirueta, ninguém corresse o risco de se desequilibrar e, no solo, um homem mantinha as cordas bem esticadas e seguras.

Tommy tomou o seu lugar no círculo ao lado de Little Ann Clane. Na bancada da charanga puseram a tocar a música gravada utilizada para o número de ballet aéreo. Tommy começou a marcar o ritmo silenciosamente enquanto trepavam pela corda, fazendo uma pausa de quatro em quatro tempos para uma pirueta e um floreado com as pernas. Sabia a marcação de cor.

— Alto! Alto! A perna esquerda para cima! — gritou Margot, e Tommy franziu o sobrolho concentrando-se, mas apercebeu-se que fora a rapariga que subia atrás de si quem falhara o movimento.

Tommy pensou que para fazer aquela sequência de exercícios lhe bastaria ir observando Little Ann, uma rapariga baixinha, de nariz arrebitado e que nos ensaios usava o cabelo brilhante preso em dois rabichos. Ela ia fazendo os exercícios da marcação com grande confiança, e o ar um tanto ausente de quem está meia a dormir. Era ano e meio mais velha que Tommy, e fazia números de acrobacia com a mãe desde os seis anos.

— Marie, fecha os cotovelos! Little Ann, mantém as mãos alinhadas com o corpo, não esbracejes dessa maneira! Tommy, o que é que pensas que estás a fazer? São cinco tempos, e não te ponhas a olhar para o lado! Zelda, toma atenção aos pés. — A Tommy parecia-lhe ter ouvido aquele som durante toda a sua vida, a voz aguda de Margot gritando instruções e marcando o ritmo.

Olhou de relance para as raparigas enquanto elas desciam.

Todas tinham cabelo louro, natural ou pintado, e a maioria usava-o preso em rabichos, cobertos por lenços ou presos por rolos.

Estavam vestidas com vários tipos de calções, camisolas ou largos fatos-macaco. Pensou que devia fazer uma figura muitíssimo esquisita no meio daquelas raparigas todas. Quando já se tinham ido todas embora, Margot chamou-o:

— Já falei com a tua mãe e ela disse que está bem.

— Não acha que vou fazer uma triste figura no meio das raparigas? — Nos três anos em que fizera parte do número nunca tal lhe ocorrera.

— Com a peruca ninguém vai saber se és rapaz, rapariga ou um chimpanzé de saias. — Margot olhou-o, a cabeça inclinada como um pássaro de sobreaviso. — Por mim já te tinha feito começar a trabalhar a sério na pista há seis ou oito anos, como a Little Ann. Só que a Beth nunca quis ouvir falar nisso. Gostava de saber o que é que o Tonio lhe terá dito. Muito bem, esta tarde, assim que tirares o fato do desfile, vens ter comigo ao atrelado das raparigas que eu tenho lá a peruca e o fato para ti.

Tommy respondeu educadamente:

— Sim, senhora — e correu na direcção do trapézio. Mas os Santellis já haviam terminado o treino e partido.

O público dessa tarde era, como todos os públicos das matnées, constituído predominantemente por crianças; Tommy não conseguia perceber porque é que lhe parecia diferente e um tanto hostil. Naquele dia deixou a inspecção das fantasias que faziam após o desfile a cargo da Ellen Brady, e correu para o atrelado da Margot, que era comprido, pintado de vermelho e branco, e que servia também de camarim às raparigas do ballet aéreo. Quando Tommy bateu à porta ela apareceu com os braços cheios de tule cor-de-rosa. Estava um rádio ligado em altos gritos emitindo notícias da guerra.

— Este ano já estás muito grande para te vestires num atrelado cheio de raparigas — disse-lhe Margot. — Vai para o teu atrelado e veste isto, depois volta aqui para a Ann te arranjar.

Foi para o atrelado da sua família, o tule a arranhar-lhe os braços. No ano passado costumava participar neste número sem pensar duas vezes. Por que é que fico tão furioso agora? Macambúzio, vestiu o fato puxando pelas saias de tule, pois o

corpete de cetim cor-de-rosa servia-lhe mal, e calçou as sapatilhas de ballet, também elas cor-de-rosa, e já muito usadas. O tecido arranhava-o e fazia-lhe comichão nas pernas. Sentiu-se ridículo ao atravessar o acampamento com o fato cor-de-rosa, mas embora houvesse gente por todo o lado, estavam todos muito ocupados, e ninguém lhe prestou a mínima atenção.

A Margot já se fora embora, mas a Little Ann estava à sua espera e Betsy Gentry também lá estava; era uma mulher pequena e pálida, com cerca de 40 anos, e o pé magoado envolto em ligaduras. Indicou-lhe que se sentasse e curvasse a cabeça. Fixou-lhe a peruca avisando-o para que tivesse cuidado quando fizesse piruetas.

— Se isto cair enquanto estiveres lá em cima fazes uma grandessíssima figura de parvo, meu rapaz. — Falava com um ligeiríssimo sotaque. Tommy sabia que ela não era americana, mas não sabia de que país era originária. Isso nunca lhe interessara. Agora, subitamente, ficara curioso. Mas aquela não era a altura indicada para fazer perguntas. — Esse corpete vai cair não tarda. Dá-me uma dessas toalhas de maquilhagem, Little Ann, querida, que eu já trato disto. — Começou a enfiar a toalha pelo decote do corpete cor-de-rosa, mas Tommy empurrou-lhe a mão.

— Pare com isso — resmungou. — Antes quero deixar que esta porcaria caia mesmo! — Sentia-se extraordinariamente embaraçado.

Não queria parecer que tinha peito, por amor de Deus!

Anteriormente sempre lhe tinham dado um dos fatos das miúdas mais pequenas, com um corpete a direito e não um com aquele tipo de corte.

— Os teus ombros este ano já são demasiado largos — disse Betsy exasperada. — Prende-lho então com um alfinete-de-ama, Little Ann.

Apertando o alfinete, Little Ann segredou-lhe ao ouvido:

— O que é que se passa, Tommy? Não estejas nervoso, conseguias fazer isto a dormir!

— Eu não estou nervoso. Sinto-me é uma besta completa dentro desta coisa!

— A minha mãe diz que é feio dizer besta. — Little Ann repreendeu-o com petulância.

— E porque não? Todos os miúdos dizem. Não é um palavrão.

— Tommy olhou-se ao espelho. Sentia-se magricelas e deselegante, os ombros demasiado largos, o rosto pálido sob a peruca cor de palha. Little Ann, com o cabelo penteado em cachos, estava amorosa com o fato cor-de-rosa. Ele parecia um espantalho.

— Queres bâton, ou alguma coisa assim? — perguntou Little Ann.

— Vai-te matar! — gritou-lhe ele. — Afinal que raio é que tu pensas que eu sou?

— Não há dúvida de que precisas de qualquer coisa — ripostou Little Ann. — O que é que se passa contigo, Tommy?

— O que eu preciso é de um saco enfiado na cabeça — resmungou Tommy.

— Deixa-o em paz, Little Ann — disse Betsy com firmeza. — E tu, Tommy, ninguém vai saber, ou querer saber, o que é que tu pareces, ninguém mesmo.

— O que eu pareço é uma curiosidade de um espectáculo de feira, é isso que eu pareço!

— Nem penses nisso — disse Betsy. — És apenas um entre dez, e a não ser que faças algo de realmente desastroso, o que não vai acontecer, ninguém vai estar a olhar para ti. Vá, despachem-se, vocês os dois.

Ficou ao lado de Little Ann ao pé da "porta do palco", a entrada dos artistas, desejando ser invisível. O pai, Tom Zane, ainda com o capacete colonial e o fato branco que usava na grande jaula dos espectáculos, parou por momentos e examinou Tommy dos pés à cabeça. Não disse nada, limitando-se a levar o cabo do chicote à testa numa saudação e continuando a andar.

— Aí está a nossa música — disse Little Ann. — Faltam dois minutos. — Ajeitava o cabelo com as mãos. — Se te atrapalhares olha para mim. Heim, Tommy, que é que se passa?

— Sinto-me um bocado esquisito. Como se fosse ficar doente.

Ela agarrou-lhe a mão entre as suas. Tal como Tommy, tinha as mãos duras, calejadas da barra do trapézio e secas da resina.

— É claro que te sentes esquisito. Acontece a toda a gente.

Eu sinto-me sempre assim, mas isso já te passa. A mãe diz que é uma estupidez tu não seres efectivo neste número, assim já não te davam os tremeliques quando tens de entrar a substituir alguém. Quer dizer, tu foste criado aqui e tudo. A mãe disse à tia Beth... — calou-se abruptamente, apertou-lhe a mão e largou-o.

— Olha, é a nossa vez — disse ela e começou a correr na direcção dos aparelhos.

Enquanto formava com as nove raparigas por baixo das cordas e das barras, Tommy olhou de relance para a assistência.

O sol batia-lhe em cheio na cara quando começou a subir a corda em direcção ao círculo de metal brilhante a quatro metros e meio de altura.

Tommy não teve mais tempo para pensar em como se sentia até estar de novo no solo, seis minutos depois, ao som do rolar dos tambores e dos aplausos. Quando vinham a sair da pista tropeçou numa das fitas das sapatilhas de ballet e caiu contra um palhaço que o empurrou, bem humorado. Já de novo na entrada dos artistas Margot deu-lhe uma pancadinha no ombro dizendo:

— Muito bem, muito bem, da próxima vez toma só um pouco mais de atenção aos ritmos — e correu para junto dos equilibristas que se aglomeravam junto da entrada para a pista. Tommy foi-se embora para ir tirar o fato cor-de-rosa e a peruca.

Participou de novo no espectáculo da noite e mais tarde, enquanto os operários desmontavam o recinto e preparavam os equipamentos para a longa etapa até Santo Angelo, Margot bateu à porta do atrelado dos Zane. Lá dentro estava escuro, pois o cabo que ligava o atrelado ao gerador já havia sido desligado. Tommy estava a ajudar a mãe a arrumar a loiça dentro dos armários à luz da lâmpada de querosene.

— Entra, Margot — disse-lhe Tom Zane. — Ainda há café... temos de o beber, ou deitá-lo fora. — Deitou algum num copo de papel.

Margot ficou de pé bebericando o café amargo.

— Quero o Tommy no ballet aéreo até a Betsy ficar boa outra vez. E cuidarei para que lhe paguem alguma coisa.

— Tia Marge — rebentou Tommy -, eu sou suposto actuar com os Santellis amanhã em Santo Angelo, está lembrada?

— Bem, nós precisamos de ti e eles não. Eu falo com o Tonio.

— Mãe... — apelou Tommy, mas Bethy manteve as costas voltadas para ele, lavando a cafeteira.

— Faz o que te dizem, Tom Júnior.

— Sim, senhora — disse ele desanimado. Não havia mais nada a dizer.

Enquanto montavam o espectáculo no recinto dos rodeos nos arredores de Santo Angelo, a cidade pareceu-lhe mais pequena, mais suja, mais poeirenta e árida do que no ano anterior. Custava a Tommy acreditar que vivera ali de Outubro a Maio do ano anterior, que fora à escola, que conhecia as ruas, que fizera amigos. Agora não passava de mais uma cidade.

Os Santellis tinham-se levantado cedo para supervisionar a montagem dos seus equipamentos. Angelo estava no topo da estrutura a inspeccionar as cordas guia com um nível, mas Mário, que examinava a rede através do método mais que comprovado de saltar para cima e para baixo em cima dela, parou a meio de um salto para lhe dar os bons-dias.

— Ei, passa-se alguma coisa, miúdo? Estás com cara de quem comeu e não gostou.

Tommy contou-lhe o que Margot dissera e Mário abanou a cabeça.

— Pouca sorte.

— Pois é. Eu queria mesmo...

— Eu referia-me à pouca sorte de Betsy por ter partido o pé, estúpido! Ouve, há mais cidades. Eu falo com o Papa Tony, mas acho que entrar em dois números no mesmo espectáculo é um bocado de mais. O que não falta é tempo. — Deve ter reparado no desapontamento espelhado no rosto de Tommy, porque acrescentou num tom bondoso mas descontraído. — Claro, acho que para ti também é pouca sorte, mas mesmo que só começasses no próximo ano ainda te podíamos pôr no cartaz como o mais jovem trapezista da América. Ei, Angelo — gritou -, acha que no próximo ano



podemos chamar ao Tommy o mais jovem trapezista dos Estados Unidos?

— Nem pensar — gritou Angelo cá para baixo. — Aquele tipo em Blomington tem um miúdo de nove anos a voar no trapézio!

— Eu não sou assim tão novo — disse Tommy irritado.

Pois não, e Jossie também não é o elefante de circo mais velho da América, mas fica sempre bem no cartaz. Ei, o teu número está à tua espera, pira-te — acrescentou virando-se e Tommy, lutando contra o sentimento de infelicidade e fúria, correu a juntar-se ao ensaio do ballet aéreo.

Antes do espectáculo da tarde, enquanto a multidão esperava que as bilheteiras abrissem, Tommy saiu para procurar os amigos.

Viu-os à distância e, passando por baixo da vedação de corda, chamou:

— Jeff, Nancy! Por aqui!

— Olá, Tommy! É bom ver-te, pá!

— A cidade está no mesmo sítio, pelo que vejo.

— Bolas, não! Foi pelos ares na última tempestade de areia — disse Nancy Marlin. Naquele ano já estava mais alta que Tommy, e tinha o cabelo cortado curto. Ele achou que lhe ficava melhor assim do que com tranças. — Que fizeste durante o Verão?

— perguntou-lhe ela.

— Viajei, como de costume. Que é que vocês fizeram?

— Pus-me em forma para no Outono jogar futebol e pouco mais — disse Jeff — e fizeram uma piscina nova aqui na cidade.

Vens aqui para a escola neste Inverno?

— Não sei. Acho que não. O meu pai diz que isto aqui é demasiado seco para os felinos.

— É uma pena. Pensei que íamos jogar futebol juntos — disse Jeff. — Tu és pequeno mas aguentas-te bem. — Estava a olhar para a azáfama do recinto por trás da vedação.

— Que é que se passa ali?

— Queres entrar e dar uma vista de olhos? — sugeriu Tommy.

— E deixam-nos? — perguntou Nancy.

Alguns miúdos estavam a ser afastados com firmeza da vedação, mas Tommy respondeu com um pequeno e súbito assomo

de arrogância:

— Claro que deixam, se vierem comigo. — Tinha agido pelo seguro pedindo licença previamente. Jeff e Nancy pareciam não estar muito convencidos quando Tommy os levou até à barreira, mas quando o guarda o reconheceu, acenou e os deixou passar por baixo da corda, o cepticismo deu lugar a sorrisos respeitosos.

Tommy levou-os primeiro ao atrelado da família para que cumprimentassem a sua mãe, e depois conduziu-os em torno do recinto e da pista já montada para a sessão da tarde. Queriam ver tudo, tinham curiosidade acerca de tudo e Tommy, à medida que ia respondendo às suas perguntas, sentia desaparecer a frustração acumulada durante a manhã. Sabia-lhe bem ser olhado com respeito, com admiração, em vez de ser mandado a toda a hora sem que nunca lhe perguntassem o que ele queria.

— Actuas no espectáculo? — perguntou Nancy.

— Vou ficar a ver se te vejo na parada, na Grande Marcha, ou lá como é que se chama.

— Spec. É o diminutivo de espectáculo. — Tommy começou a descrever-lhes o carro alegórico da selva quando se lembrou que entrava num número aéreo, ainda que não fosse o dos trapezistas voadores. Apontou para os trapézios de metal do ballet aéreo que balouçavam, suspensos. — Entro no ballet aéreo. Não sou efectivo, mas como uma das raparigas se aleijou num pé, eu estou a substituí-la. Mas tenho de usar uma peruca.

— Lá em cima? — Estavam obviamente impressionados. — Como é que sobes?

— Subo a teia. — Eles não perceberam e ele repetiu. — Subo aquela corda. Como no ginásio da escola. É fácil. Aposto que conseguias, Nancy. Muitas das raparigas nesse número têm mais ou menos a tua idade.

— Eu teria medo — disse ela e olhou-o boquiaberta, Jeff também parecia estar impressionado.

Tommy agarrou na corda e trepou por ali acima. Um dos operários que estava a montar aparelhos no outro lado da pista correu até eles e gritou.

— Ei, miúdos! Saiam já daí! Oh, és tu Tommy. Tudo bem, mas mantém os outros miúdos afastados, estás a ouvir?

— Tudo bem, Bill. Estava só a mostrar-lhes como é fácil — disse Tommy balançando-se de cabeça para baixo num dos trapézios mais pequenos do círculo, dependurando-se brevemente pelos calcanhares.

— Por favor desce daí — implorou-lhe Nancy com a voz trémula. — Fico tonta só de olhar para ti.

Tommy deixou-se escorregar pela corda.

Até que parece fácil — comentou Jeff. Mas parecia impressionado.

— Não sabia que eras acrobata, trapezista, ou lá o que isso é.

Isto não é um verdadeiro número de trapézio — disse Tommy com desdém -, mas trabalhei durante todo o Verão com os Santellis Voadores. — Levou-os até aos trapézios voadores. — Devia actuar com eles esta noite, mas sou preciso para o ballet aéreo.

— Ora, deixa-te de coisas — zombou Jeff. — Tu? Ali em cima? — Estava a olhar assombrado para a altura estonteante da teia de cabos dos aparelhos de trapézio. — Tu? Ali, lá em cima de tudo?

— Claro — disse Tommy, mas percebeu subitamente que eles não o acreditavam. Foi a sua primeira experiência de que uma verdade, qualquer que seja a forma como seja dita e por mais sincera que seja, pode soar como uma mentira. Foi quase um alívio quando chegou a altura de os conduzir aos seus lugares e de se ir vestir para o desfile.

Quando naquele dia chegou a vez do ballet aéreo, sentiu-se mais seguro. Sentiu que a peruca não ia cair quando fizesse piruetas ou se pendurasse de cabeça para baixo, e que não iria cometer nenhum erro estúpido na contagem dos tempos das marcações.

A Betsy já conseguia andar, mas ainda tinha o pé fortemente ligado. Perguntou-se pela primeira vez quantos anos ela teria. Fazia parte do espectáculo desde que ele se conseguia recordar. Parecia-lhe estranho que alguém com aquela idade ainda fizesse um número tão simples.

— Tens a peruca um bocadinho torta — disse-lhe ela, dando-lhe um jeito à peruca com um sorriso amigável.

— Como está o seu pé, Betsy?

— Um bocadinho melhor — disse ela -, mas o médico disse-me para lhe dar bastante descanso. E a Margot diz que, tendo em conta as circunstâncias, te estás a portar muito bem. Assim ganhas experiência. Não te faz mal nenhum.

Margot riu-se.

— Tu és como um velho cavalo de bombeiro, Betsy, sempre a querer acudir a mais um fogo.

— E com muito orgulho — assentiu Betsy. — E que mais poderia eu fazer? Montar um quiosque de comes e bebes, não?

— É a vossa música — disse Margot abruptamente. — É a vossa vez, meninas!

Naquele dia, Tommy sentia-se suficientemente seguro de si para lançar um segundo olhar ao público lá de cima do trapézio e procurar Jeff e Nancy entre o público. Tinha combinado encontrar-se com eles depois do espectáculo e ir até à cidade.

Sentiu-se calmo e aliviado ao vestir a sua roupa e até um pouco orgulhoso. Se cometera algum erro este não fora suficientemente grave para merecer os comentários de Margot. Sentia-se ligeiramente arrogante quando se dirigiu a Jeff e Nancy que o esperavam junto ao portão.

— Desculpem tê-los feito esperar — disse-lhes.

Jeff deu uma gargalhada desagradável.

— Ei, Tommy — disse ele -, fazes uma rapariga muito gira.

Nancy soltou uma risadinha estridente.

— Onde estão aqueles caracóis louros tão amorosos, Tommy?

Ou talvez te devamos chamar Tammy?

— E aquelas vaporosas saias cor-de-rosa? — arrulhou Jeff.

— Parem com isso — disse Tommy pouco à-vontade. Não se importava que brincassem com ele, mas tinha a noção de que, de alguma forma, aqueles eram golpes baixos. — Vamos beber uma gasosa. Onde vamos? Ao Walshs?

Nancy perguntou:

— Tu no circo és sempre uma menina, Tommy?

— Não, não. Claro que não. — Tommy perguntou-se porque é que eles estariam a fazer daquilo um bicho de sete cabeças.

— Só que hoje, como lhes disse, uma das raparigas magoou um pé, e deixaram-me substituí-la.

— Deixaram-te?! A mim não me conseguiriam obrigar — disse Jeff. — Nem que me pagassem eu vestia aquelas saias vaporosas e punha aqueles caracóis louros e aparecia à frente daquela gente toda!

— Oh — disse Nancy com uma grande gargalhada -, eu acho que ele dá uma rapariga amorosa. Ei, Jeff, achas que eles este Inverno mandam o Tommy para o ginásio das raparigas?

Tommy apercebeu-se demasiado tarde que eles não estavam apenas a meter-se com ele. Estavam a ridicularizá-lo.

Acabem com isso — disse-lhes zangado. — Alguém tinha de fazer o espectáculo enquanto a Betsy está doente! Se acham que é tão engraçado, gostava de os ver tentar.

Oh — disse Jeff em falsete. — Eu acho-te mesmo gira!

Nancy, temos de trazer cá a malta toda esta noite — eles vão adorar ver isto! Beldades do Circo, não é como lhe chamam?

Beldade do Circo... — Chegou-se a Tommy e disse-lhe num sussurro sugestivo: — Eh, miúda, queres sair comigo? Gostavas de ser a minha miúda?

Tommy sentiu-se cegar de raiva, a fúria tomando conta de si.

Lançou-se a Jeff e deu-lhe um murro.

Quando se apercebeu de novo do que se passava à sua volta Pick Leighty estava a separá-los aos três. Tommy tinha um grande arranhão por baixo do olho esquerdo e a boca inchada por um murro, mas o nariz de Jeff começara a sangrar e um dos seus olhos estava fechado. Jeff conseguira ter a última palavra rosnando:

— Ei, lutas muito bem, para uma rapariga!

— Agora vão-se embora! Vocês, os miúdos da cidade, saiam daqui! — Pick deu a Jeff um empurrão mal-humorado, e franziu o sobrolho a Nancy. Dobrou-se, apanhou-lhe o laço que tinha caído no chão e atirou-lho. — Lindas maneiras que tu tens para uma menina, ainda por cima uma visita! — disse-lhe desdenhosamente, empurrando Jeff na direcção do portão. Mas quando eles desapareceram virou a sua ira contra Tommy.

— Tenho vergonha de ti, menino Tommy! Pedires por especial favor para trazeres os teus amigos aqui para dentro e acabares à pancada no pátio do acampamento! E ainda por cima à pancada com uma rapariga! Se eu fosse teu pai dava-te uma sova de que te lembrarias por três temporadas! Pensando melhor, quando esse olho acabar de inchar nem vai ser preciso sova nenhuma!

Tommy pôs os olhos no chão e afastou-se envergonhado.

Sentia a boca inchada e a saber a sangue, e tinha os nós dos dedos doridos. Sentia vontade de chorar, mas o olho doía-lhe demasiado até para isso.

Tinha-se gabado de ser um trapezista, um acrobata. E afinal não passava de uma bailarina, uma coisa ridícula de saias cor-de-rosa e peruca loira. Provavelmente toda a gente nas bancadas se ria dele quando se apercebia de que ele era um rapaz vestido de rapariga. E Jeff vira a sua vergonha. Agora iria dizer aos seus amigos da escola, miúdos que ele conhecia e de quem gostava, que Tommy trabalhava no circo de peruca loira e vestido com saias de tule cor-de-rosa!

Talvez a culpa fosse sua por se ter gabado de participar no espectáculo! Talvez merecesse aquilo! Atravessou o pátio abatido, cheio de desprezo por si próprio. A mãe estava a pôr o jantar na mesa quando ele, finalmente, se arrastou para dentro do atrelado.

Olhou-o de cenho franzido.

— Estás atrasado — disse-lhe. E depois: — Tommy, andaste à pancada? Tens a boca e o olho...

— Não senhora — mentiu ele fazendo figas por trás das costas. — Bati com a cabeça na... na barra do trapézio.

— E foi também na barra do trapézio que esfolaste os nós dos dedos e que abriste o lábio?

— Deixa-o em paz, Beth — disse Tom Zane que estava a lavar as mãos no lava-loiça. — Não estás com certeza à espera que o rapaz te conte as brigas em que se mete. Anda lavar-te para ires jantar, Júnior.

Tommy limitou-se a debicar a comida e o olhar atento da mãe deu por isso.

— Então, não comes nada?

Teve de mentir de novo.

— Comi uns cachorros no quiosque dos comes e bebes.

— Não devias atafulhar-te com essas porcarias — ralhou-lhe a mãe.

— Não faz mal. Ele pode comer qualquer coisa depois do espectáculo da noite — disse o pai. Tommy percebeu o que o pai estava a pensar; que Tommy estava nervoso com o espectáculo da noite. E estava, só que não pelas razões que o pai pensava.

O que estava a dar cabo dele era saber que tinha de vestir aquele horrível fato de tule e aparecer à frente da cidade inteira, de gente com quem tinha ido à escola no ano anterior. Deu uma desculpa a mãe e saiu atrás do pai conseguindo apanhá-lo junto à jaula dos animais selvagens. Sabia que era quase um crime perturbar o pai com assuntos de ordem pessoal antes do espectáculo, mas sentia uma confusão e dor tão grandes que se arriscou a fazê-lo.

Pai, queria perguntar-lhe uma coisa. Acha... acha que as pessoas se riem de mim por eu usar um fato de mulher no ballet aéreo?

Tom Zane estava a verificar o estado dos chicotes e dos adereços e a prepará-los para o espectáculo.

E porque é que haviam de se rir? Um artista veste aquilo que lhe dizem para vestir.

Pai — disse ele -, eu tenho mesmo de entrar no ballet aéreo?

O pai virou-se e ficou a olhar para ele.

— Agora ouve-me bem — disse-lhe. — Nos últimos dois anos, em cada duas palavras saídas da tua boca, uma foi trapézio, trapézio, trapézio. Agora que começaste a trabalhar no espectáculo fazes o que te dizem para fazer, vestes o que te derem para vestir e não discutes. Caramba, filho, agora estou ocupado! Pira-te!

Ele obedeceu. As palavras do pai davam-lhe algum conforto — Um artista veste aquilo que lhe dizem para vestir -, mas não lhe apagavam da memória a expressão de escárnio no rosto de Jeff, nem a insinuação lasciva das suas palavras. Não queres ser a minha miúda? Sentiu-se mal. E o seu pai nem sequer o queria ouvir!

Havia uma pessoa com quem ele podia falar. Mário. Perguntou-se se Mário teria acedido a vestir um fato cor-de-rosa, a pôr uma peruca loira e a actuar com aquelas raparigas todas. A ideia era ridícula. Por uma razão qualquer, que não conseguia perceber, a ideia ainda o fez sentir-se pior. Mas o grande camião escuro dos equipamentos com as palavras Santellis Voadores pintadas a todo o comprimento, e que lhes servia de camarim antes dos espectáculos, estava deserto e com as luzes apagadas. Aventurou-se mesmo a procurá-los no atrelado da família, algo que nunca se atrevera a fazer, mas também ali estava tudo escuro e ninguém respondeu quando bateu à porta. Devem ter ido jantar à cidade, pensou Tommy enquanto se voltava e encaminhava para a zona não iluminada do recinto, a garganta apertada.

Não era justo! Papa Tony prometera que ele se estrearia no trapézio voador em Santo Angelo, onde tinha amigos, mas em vez disso tinham-no arrastado para o número de ballet, tinham-no vestido de saias cor-de-rosa, com todos os seus colegas de escola a verem-no vestido de rapariga e a mandarem-lhe piadas sujas!

Vagueou desconsolado pelo recinto sem saber o que procurava. Um par de rapariguinhas do circo estavam a saltar à corda à porta do atrelado onde moravam. Um palhaço, já com a cara pintada, estava sentado no poial de um atrelado a escovar o pêlo a um caniche e a pôr-lhe uma fita à volta do pescoço. Ellen Brady, à porta do grande atrelado que servia de alojamento à sua família — tinha quatro irmãos mais novos — estava a apanhar uma enorme quantidade de roupa estendida, fatos de ginástica, fraldas e fatos-macaco, tudo misturado. Tommy bateu à porta do atrelado de Margot, e ela pôs a cabeça de fora.

— Olá, Tom, vens cedo. Queres levar o teu fato?

Ele semicerrou os olhos à luz que vinha da porta.

— Vim perguntar como está o pé da Betsy. Já está bom outra vez?

— Bem, ela acha que sim, mas eu não. Que se passa, Tom?

Não te estás a sentir bem? Entra.

Ele subiu o degrau e entrou no atrelado. A Betsy estava lá dentro com o pé apoiado em cima de uma cadeira e a Little Ann



estava a comer uma sanduíche com uma toalha em volta da cabeça. Ele disse numa voz tremida:

— Tia Marge, os miúdos desta cidade... eles conhecem-me todos. Não posso actuar com um fato de rapariga! Não consigo!

Little Ann pousou a sanduíche.

— Mas isso é um disparate! — protestou. — São só uma data de miúdos da cidade, civis. Que é que te interessa o que eles pensam?

— Tia Marge, a Betsy disse que o pé já estava bom. Eu...

Eu não consigo — disse Tommy desesperado. — Sinceramente, antes quero morrer já aqui, do que vestir essas saias, e pôr essa peruca e aparecer assim à frente daqueles miúdos todos que me conhecem da escola!

— Agora ouve-me bem, Tom Zane... — começou Margot a dizer, mas Betsy interrompeu-a.

— Ora, deixa o rapaz em paz, Margot. Eu ouvi falar disso.

Houve uns miúdos da escola dele que o atormentaram esta tarde e lhe tentaram bater. As crianças sabem ser cruéis, como eu sei disso! O meu pé vai aguentar-se suficientemente bem...

— Oh! Betsy, acha que podia? Só esta vez aqui nesta cidade...

— Betsy, sabes muito bem o que o médico te disse — interrompeu Margot virando-se zangada para Tommy. — Tommy, tenho vergonha de ti! Não tens o direito...

Margot, ele é um miúdo — disse a Betsy. — Então, e eu não sei como era o meu filho nessa idade? E agora está no Pacífico a combater os Japoneses. Eu cá me arranjarei com este pé, Tommy.

— Vá, agora vai-te embora. — Betsy agarrou-se à porta de metal.

Os cantos da sua boca empalideceram, mas Tommy recusou-se a Ver. Ela lá devia saber o que fazia, pensou para consigo. Ela é que sabia o que conseguiria fazer com o maldito do pé! Afastou-se da porta iluminada.

— Sim — disse uma voz grave e cheia de sarcasmo. — Põe-te a andar, rapazinho!

Tommy sentiu como que um balde de água fria. "Mário?" Mário estava de pé, na sombra junto ao atrelado. Vestido com o traje de

passeio parecia-lhe um desconhecido. Um desconhecido moreno, hostil e estranho. Tinha os caracóis escuros bem penteados e recentemente cortados. Sob sobranceiras oblíquas os seus olhos faiscavam.

— Mário, eu...

— Oh, eu ouvi — interrompeu-o Mário com um gesto desdenhoso.

— Vinha perguntar à Margot... Bem, não interessa. E fiquei a pensar... Diabo, não confiaria em ti nem para tomares conta de uma tendinha de algodão doce! Quer creias quer não, eu pensava que estavas pronto para te poderes considerar um artista, e acabo de descobrir que não passas de um raio de um bebé chorão!

Impediu que Tommy protestasse com um gesto de despedida.

— Vai, vai-te embora — va lã, va lã, ragazzo — vai, corre, sai do caminho — alguns de nós temos de trabalhar! Pira-te, vai, desaparece!

Tommy nem tentou responder. Curvou a cabeça e correu dali para fora. Sentira-se prestes a chorar, mas agora sentia-se morrer de vergonha.

O seu atrelado estava às escuras. O pai devia estar a verificar os adereços das jaulas e a mãe devia estar a ajudar a Ma Leighty com o guarda-roupa. Era onde ele deveria estar. Engoliu em seco, tentando reprimir os soluços. Bebé chorão. E não conseguiu impedir as lágrimas de correrem.

As palavras de Mário eram as que mais o magoavam. Tommy deixara que Jeff, um civil, o fizesse ter vergonha daquilo que era: um acrobata, um artista que fazia o que lhe diziam, e não pensava em si próprio, mas sim no papel que tinha a desempenhar. Como podia ele aspirar a ser um trapezista se não tinha o bom senso suficiente para não se sentir mal por usar uns metros de tule e uma peruca? Bem, faria uma figura muito mais triste se deixasse que o número entrasse na pista com um elemento a menos, ou se se deixasse substituir por alguém que não soubesse as marcações.

Não passava de mais uma saia cor-de-rosa. E o que é que o levava a pensar que alguém reparava nele? Agora a Margot, muito provavelmente, nunca mais o deixaria entrar a substituir ninguém.

E quanto ao Mário... provavelmente nunca mais queria nada com ele.

Ouviu os primeiros sons da charanga e a voz tonitruante de Big Jim — não as palavras, mas o som do altifalante. O barulho, o som, a música da charanga, os risos e os gritos das crianças do público. Oh, raios, ele devia estar lá! Teria enlouquecido completamente?

Quem o iria substituir no carro alegórico? Seria a primeira vez que faltava em seis anos, desde que tivera papeira, era ainda pequenino! Agora a Ma Leighty também ia ficar furiosa com ele, para além da sua mãe. Que é que lhe dera? A Ma Leighty confiara nele! E quando o pai soubesse... O pai já não lhe dava uma sova havia um par de anos, mas desta vez não o surpreenderia se lhe torcesse o pescoço.

Desta vez fiz asneira da grossa!

Alguém bateu com força na porta do atrelado.

— Tommy! Ei, Tommy, estás aí?

Tommy procurou o interruptor às apalpadelas. Tinha a boca seca. Lá fora, sob a luz forte, Mário pareceu-lhe mais velho e com um ar fatigado. Tinha vestido o maillot dourado dos espectáculos com uma camisola por cima.

— Tommy, com mil raios, onde é que te escondeste? A Little Ann já correu o acampamento todo à tua procura! Vai ter com ela imediatamente — pronto, presto!

— Espera, tu ouviste-a dizer-me...

— Não, tu é que me vais ouvir, meu malandro — disse-lhe Mário com frieza. — Enquanto estavas para aí sentado cheio de pena de ti próprio, a Betsy apoiou-se no pé magoado e desmaiou!

Desta vez é capaz de ter rebentado um tendão. Não mereces participar no espectáculo, isso é evidente. Se eu fosse uns centímetros mais baixo, era eu quem vestia a porcaria do fato e ia para a pista, que tu não mereces pôr os pés no espectáculo!

Mas tu tens o tamanho certo e sabes as marcações, por isso faz o favor de te pôr a andar antes que eu te corra a pontapé!

Tommy abriu a boca para lhe responder, mas Mário agarrou-o pelos ombros e abanou-o.

Nem mais uma palavra, com mil raios!

Subitamente, com uma urgência desesperada, Tommy disse:

— Mário, espera...

Mário largou-o e disse friamente:

— Tens cerca de doze minutos. Que é que queres? — Depois, mudando de tom, disse-lhe: — Ei, Tommy, que tens, miúdo?

— Mário... — Tommy estava a tentar recuperar o domínio de si próprio. — Tenho de te perguntar uma coisa. O Jeff disse...

O Jeff disse... — A garganta apertou-se-lhe com a recordação da humilhação. Iria Mário responder-lhe também com um indiferente Que te interessa a ti o que eles dizem?

Mas Mário, com as mãos nos bolsos da camisola e um olhar atento, encarou-o de frente.

— Pronto, miúdo, pronto. Que é que te está a moer? Vá lá, podes-me contar. Que se passou afinal?

Tommy disse atabalhoadamente:

— Ele disse... Ele agiu como se eu fosse esquisito. Como se qualquer rapaz que vestisse um fato de rapariga e entrasse num número a fazer de rapariga... — A voz prendeu-se-lhe novamente na garganta. — Ele tratou-me como se eu fosse uma rapariga, convidou-me para sair... Ele estava a brincar, só que não teve graça... — Não conseguiu continuar.

Não conseguia ver a cara de Mário na escuridão. Este não respondeu imediatamente e Tommy, que esperava palavras de conforto automático e pouco convincente, ficou em silêncio, a tensão subindo dentro de si. Depois, lentamente, começou a descontrair-se.

Mário disse por fim, quase num sussurro:

— Meu Deus, eu devia ter percebido. Então é isso! Eu devia ter percebido... Tu estás na idade em que esse tipo de coisa é um problema. Muito bem, ouve, Tom. Sabes quem foi Shakespeare?

Tommy, surpreendido pela pergunta inesperada, disse lentamente:

— Acho que ouvi falar dele na escola. Foi quem escreveu o Hamlet ou coisa assim?

— Sim, é esse. Uma das coisas que ele escreveu foi: "Não existe nada que seja bom ou mau em si próprio. O nosso pensamento é que confere esses atributos." Por isso, diz-me: sentes-

te uma rapariga quando vestes aquele fato? Queres ser uma rapariga?

— Meu Deus, não! — gritou Tommy. — O que é que pensas que eu sou?

— Isso é que interessa — disse Mário a seu lado, o rosto escondido pela sombra. — Tu és aquilo que pensas que és.

Se por dentro não te ficas a sentir rapariga, então ótimo, aquilo não passa de um fato. Se te fizesse sentir esquisito por dentro, como se fosses mesmo uma rapariga, então eu dizia para não te vestires assim, e armares uma grande briga se fosse preciso. Mas, se por dentro te sentes um homem, quem é que se vai importar com o que vestes para o espectáculo? Tudo o que um homem faz é digno de ser feito por um homem, ou não será assim?

Ou achas que tens de andar por aí de punhos no ar ou a puxar de uma arma a toda a hora, como o Tom Mix, para te sentires um homem?

Tommy de repente sentiu-se um idiota — idiota mas ao mesmo tempo, aliviado. Disse:

— Achas que eu tenho muito ar de rapariga?

— Com os diabos, não — reagiu Mário de imediato e, quando se aproximavam das luzes do atrelado de Margot, o seu rosto sisudo abriu-se repentinamente num sorriso. — Ragazzo, não tens nada de efeminado. Não pareces uma rapariga, não andas como uma rapariga e não voas como uma rapariga, e eu aprendi a voar com a minha irmã, por isso sei o que estou a dizer. Ninguém te poderia confundir com uma rapariga, nem mesmo vestido com aquelas roupas, excepto os papalvos das bancadas e, se prestas atenção ao que eles pensam, então estás na profissão errada.

Fora o que o seu pai dissera, o que Margot dissera; mas por qualquer razão, vinda de Mário, aquela verdade tocou-lhe fundo.

Tommy soltou um grande suspiro. Já não sentia vontade de chorar.

— Vai, anda — disse Mário -, o teu número está à tua espera. Se tivesses mais dois anos espetavam-te com uma multa por faltares ao desfile. Se queres ser tratado como qualquer outro artista, Tom, é melhor que comeces a agir como um artista.

Vai, é melhor despachares-te.

Ele foi sem olhar para trás. No atrelado da Margot reinava a maior confusão de raparigas, saias esvoaçantes, pó-de-arroz e tule.

Tommy entrou, hesitante.

Tommy, graças a Deus! — Margot parecia não se lembrar de que ele já lá estivera antes. Encheu-lhe os braços com um monte de tule cor-de-rosa. — Não tens tempo para ir trocar de roupa ao teu atrelado, vai ali para a cozinha.

Ele obedeceu, submisso, tirando a roupa no pouco espaço existente entre o fogão e a geleira, e vestindo o fato pregueado.

Saiu da cozinha a atar as sapatilhas. As raparigas tinham desaparecido numa nuvem cor-de-rosa. Betsy Gentry estava deitada no beliche de Little Ann, um quimono debotado apertado ao corpo.

Parecia muito pequena. Tinha o tornozelo apoiado num saco de serapilheira, cheio com gelo do quiosque dos gelados, que pingava para cima de um oleado.

Tommy parou a seu lado.

— Betsy, porque é que não me disseste?

— Porque é uma artista e tinha um espectáculo para fazer — disse Margot com brusquidão. — Despacha-te, Tommy. Tens a cara numa desgraça. — Agarrou num trapo húmido e Tommy, apercebendo-se de que tinha a cara suja de lágrimas e pó, submeteu-se humildemente à indignidade de deixar que Margot lhe limpasse a cara.

Quando corria para a entrada (viu com alívio que não estava atrasado, e que o grupo de mulheres e raparigas vestidas de cor-de-rosa ainda ali se mantinha à espera), voltou a lembrar-se que os seus colegas da escola o veriam actuar vestido de rapariga.

Mas isso agora parecia já não ter importância.

Porque haveria ele de se ralar com o que eles pensavam?

Era um acrobata, fazendo aquilo para que fora treinado, e o que era necessário ao espectáculo. Se calhar, ao comportar-se como um bebé chorão tinha perdido o interesse e a amizade especial de Mário. Mas podia ao menos recuperar o seu auto-respeito.

A charanga começara a tocar os acordes de abertura da Valsa da Dama Cor-de-Rosa; ouviu Zelda, a seu lado, contar baixinho os

tempos. Quando deu por si estava a subir pela corda e os rostos nas bancas mal se viam, ofuscados pelas luzes. O mundo lá fora era real, muito mais real do que ele alguma vez imaginara — mas nunca mais teria qualquer poder sobre ele.

## *Capítulo III*

Durante o intervalo, enquanto os vendedores distribuíam amendoins, algodão doce e marionetas de macaquinhos, Tommy ficou sentado, de calções e camisola de ginástica, a ver formarem-se os números para a segunda parte do espectáculo. Vira uma ou duas caras conhecidas entre o público. Nenhuma delas parecia estar a rir-se dele. E um rapaz, que fora da sua turma no ano anterior, acenara-lhe amigavelmente. Talvez Jeff e Nancy tivessem querido apenas baixar-lhe um pouco a crista depois de ele se ter armado em gabarola. E que diferença é que isso fazia?

A ele nenhuma. Mas apercebeu-se no entanto de que qualquer coisa de muito importante lhe acontecera. De que ultrapassara uma crise crucial sem que no entanto soubesse exactamente qual fora.

Shuffles Small, o equilibrista que trabalhava no arame, estava de pé junto à pista, com o seu fato branco e prateado, preparando-se para entrar. Era ele quem abria a segunda parte do espectáculo.

— Ainda aqui estás? — disse a Tommy. — O Tonio Santelli andava à tua procura ainda há poucos minutos, devias ir ter ao atrelado deles. Tens de aprender a ajustar-te ao ritmo do espectáculo, miúdo. É melhor pores-te lá o mais depressa possível.

Tommy assim fez. Já se estavam a formar grandes clareiras no recinto; os operários e os encarregados dos aparelhos estavam a desmontar as estruturas que só serviam na primeira parte do espectáculo. Os aparelhos do ballet aéreo, os postes, os aros de metal e as cordas, tinham sido desmontados, e estavam a ser carregados para um dos camiões; o camião-jaula já tinha partido levando consigo os leões. Tommy alcançou o camião com as palavras Santellis Voadores pintadas num dos lados e viu Papa Tony à porta, olhando-o de cenho franzido.

— Que se passa contigo? Já te esqueceste? E esqueceste-te logo de uma coisa destas? Então o Lambeth não disse que tu te estreavas em Santo Angelo?



— Não, não me esqueci, mas pensei... O Mário disse...

— O Mário ainda não toma decisões no que respeita a este número, meu rapaz. Se o Lambeth diz para te estrearmos em Santo Angelo, pois bem, estreamos-te em Santo Angelo. De qualquer forma o trapézio de pares já está montado; foi montado esta manhã. Sobes connosco e ficas na plataforma. Abrimos com as sequências de pares para podermos subir os segundos trapézios, assim tiramos logo do caminho. Depois disso podes ajudar na manobra das cordas. E, para estreia, já chega.

— De verdade? — Tommy quase não se atrevia a acreditar.

— Achas que estou a falar só pelo prazer de me ouvir?

Mas não podes ir de calções! Vai lá dentro que eles dão-te um maillot — ordenou-lhe Papa Tony virando-lhe as costas.

Mário e Angelo estavam de pé junto à mesa que lhes servia de toucador. Mário sacudia as capas verdes e douradas que usavam para entrar em cena. Angelo cumprimentou Tommy com um breve aceno de cabeça.

— Já não era sem tempo! Para a próxima estás aqui no intervalo, estás a ouvir-me? Toma, veste isto. — Deu-lhe um par de calças de ginástica de um verde debotado. — São minhas, mas devem servir-te. Mas aperta-as bem na cintura, não queres que te caiam pelas pernas abaixo em plena pista. Aí é que fazias mesmo uma triste figura.

— É uma ótima altura para falar em tristes figuras, não há dúvida. Estava a referir-se a mim, não? — Mário estava de péssimo humor.

Angelo deu a Tommy uma camisola verde com uma faixa dourada à frente, igual à que ele próprio tinha vestida.

— Acalma-te, Matt, o teu nervosismo vê-se a quilómetros de distância. Estou a falar a sério, miúdo. Senta-te e fuma um cigarro, ou faz exercícios respiratórios, ou qualquer coisa assim. Se sais daqui com esse ar, o Papa Tony nem te deixa tentar, sou eu que te digo. Digo, não, aviso-te!

Mário murmurou qualquer coisa num italiano selvagem.

Angelo dirigiu-se a Tommy que, com nervosismo, esticava as calças de malha. Angelo mostrou-lhe como se ajustavam na cintura

e meteu-lhe a fralda da camisola para dentro. Depois enrolou-lhe uma gaze em torno dos pulsos para que o adesivo não lhe queimasse a pele e passou adesivo por cima.

Está demasiado apertado? Se estiver diz-me, que eu ponho outra vez.

— Não, está bem.

Angelo nunca prestara tanta atenção a Tommy. Em circunstâncias normais este até tinha algum medo dele, mas agora estava demasiado nervoso para pensar nisso. Os Santellis nunca o haviam deixado ficar por perto quando estavam nos preparativos finais para entrar em cena. Ausentes estavam os risos e as brincadeiras dos treinos; estavam silenciosos, tensos e terrivelmente sérios.

— Tens o cabelo empoeirado. Toma. — Angelo passou-lhe uma escova. Não estava muito limpa, mas Tommy utilizou-a sem comentários.

Mário ainda estava em frente do espelho ajustando a capa verde e dourada sobre os ombros. Virou-se. Como sempre que vestia o fato de cena parecia maior, a cara mais morena, as sobrelhas oblíquas dando às feições um ar ligeiramente demoníaco.

Disse bruscamente:

— Quando entrarmos em cena mantém-te entre o Angelo e o Papa Tony. Já viste o apresentador tirar-nos as capas? — Tommy assentiu com a cabeça. — Hoje fazes tu isso, assim damos oportunidade ao público de te ver bem. Primeiro tiras a do Papa Tony, depois a do Angelo e depois a minha. Em seguida passas as capas ao homem dos aparelhos, já sabes como é. Mas não te apresses.

Angelo atou a capa em volta do pescoço. Tommy não tinha capa; era apenas um suplente, um extra. Atravessaram o recinto em direcção à entrada da pista e chegaram no momento em que a charanga tocava os primeiros acordes da música lenta e pomposa que anunciava a entrada dos trapezistas voadores. Pela centésima vez Tommy pensou que tinha de perguntar que música era aquela, mas depois achou que provavelmente se voltaria a esquecer.

Anda. — Angelo agarrou-lhe no cotovelo e conduziu-o à entrada. Mário não voltara a dizer palavra. Tommy sabia que alguns artistas ficavam mais nervosos que outros antes de entrarem na pista — ele próprio sentia que seria uma sorte se conseguisse chegar ao pé do trapézio sem vomitar -, mas Mário parecia que estava em transe. Angelo olhou para Tommy com um pequeno sorriso tenso e sussurrou: — Olha, miúdo, tem calma, já fizeste isto umas cem vezes, não há razão nenhuma para que desta vez seja diferente. — Passou o braço por cima de Tommy e agarrou o cotovelo de Mário. — Estás eléctrico, Matt, estás tenso como tudo. Ainda te estás a sentir com sorte? Por mim, não me importo se não estiveres.

Mário disse-lhe qualquer coisa, mas Tommy não percebeu o quê, porque a voz de Jim Lambeth já saía, tonitruante, dos altifalantes:

— Os Santellis Voadores...

Tommy respirou fundo. Sentia-se cambaleante, como se as pernas não tivessem tamanho suficiente para chegarem ao chão.

Tentou imitar-lhes o andar, em passos lentos e medidos, o olhar em frente. Enquanto a música de entrada mudava sem qualquer transição para uma valsa graciosa e ritmada, Tommy retirou as capas dos trapezistas à sua esquerda e à sua direita, e passou-as ao encarregado dos aparelhos. Foi o último a subir pela corda, e as luzes encandeavam-no. Quando subiu para a plataforma sentiu-se estranho, como se essa fosse a primeira vez que o fazia, os pés não muito seguros. Depois reencontrou o equilíbrio ao apoiar-se à corda que corria de um dos lados da plataforma.

A mão de Mário pousava-lhe no ombro, pesada e firme.

Sentia-se frio por dentro e por fora. À luz dos projectores as barras dos trapézios pareceram-lhe esquisitas, diferentes, estranhas linhas escuras; e tanto Angelo como Papa Tony (no segundo trapézio base para o número de abertura), pareciam maiores que o costume, também eles diferentes. Quase que não ouviu as palavras de Big Jim:

— E na sua estreia mundial... o mais jovem trapezista actuando regularmente em qualquer circo americano... a primeira vez que aos

Santellis se junta este novo elemento da sua equipa.... Mário e Tommy Santelli em pares...

Enquanto puxavam o trapézio para baixo, Mário sussurrou:

— Consegues ver bem com estas luzes?

— Consigo.

— Muito bem — Já!

O seu cronómetro interno começou a marcar o ritmo sem necessidade de qualquer decisão consciente. Um: quatro mãos atacando a barra em uníssonos. Dois: o longo balanço, o arco lá no alto, o impulso e o retorno. Três: novo impulso para tomar balanço — e, num relance, sob as luzes pouco familiares, Tommy viu lá em baixo o contorno da rede. Quatro: o voo no espaço, o impacte das mãos de Papa Tony em torno dos seus pulsos, o peso súbito nos ombros... sentindo, sem ver, Mário ficar preso nas mãos de Angelo, os dois corpos flectindo-se e descrevendo uma curva idêntica no ar, num gesto praticado até ser automático como um reflexo. O voo de retorno, a viragem face à plataforma, os corpos lançados no vazio, o terror momentâneo de que nunca se livrara completamente e que o atingia sempre naquela altura — e se o trapézio se tivesse desviado para um dos lados, ainda que só ligeiramente, empurrado pelo vento -, o imenso alívio de sentir a barra firmemente segura entre os dois pares de mãos, equilibrada, sem que qualquer gesto desastrado a tivesse feito desviar-se para os lados. As mãos bem firmes. O longo rolar dos tambores, ou seria o bater do seu coração? Os pés pousaram sobre a plataforma e ouviu os aplausos, os seus primeiros aplausos, subirem e aumentarem, como o pulsar do sangue no seu cérebro. Curiosamente não se sentiu excitado ou orgulhoso, mas apenas uma estranha sensação de desconstracção. A exaltação viria depois.

Viu o segundo trapézio ser içado por forma a não estorvar.

Daí a algum tempo — já ouvira esse assunto ser discutido — começaria a preencher este tempo morto do espectáculo com uma passagem para as mãos do base. Mas não na sua primeira actuação. Papa Tony juntou-se-lhes na plataforma. Mário baixou o trapézio simples, ligeiramente mais estreito.

— Muito bem — disse -, para ti já está. Mantém-te fora do caminho.

Tommy manteve-se num dos extremos da plataforma, alerta, observando os exercícios que se tinham tornado tão familiares que os podia ver de olhos fechados: o duplo à retaguarda de Mário, o duplo mortal e meio à frente de Papa Tony, o cruzamento dos dois no espaço.

Mário, esfregando os pulsos com nervosismo, murmurou:

— Dêem-me bastante espaço.

Papa Tony passou-lhe a barra e disse qualquer coisa baixinho.

Tommy não conseguiu perceber as palavras, mas tinham a entoação de uma pergunta. Mário assentiu com a cabeça. Papa Tony ergueu a mão fazendo sinal a Lambeth. Habitualmente este exercício, que fechava a actuação, era um duplo com meia pirueta — o difícil duplo mortal com uma meia pirueta entre as duas voltas do salto. Era Papa Tony quem habitualmente fechava o espectáculo, embora ultimamente e de vez em quando fosse Mário a fazê-lo. Naquela noite foi o nome de Mário que Big Jim anunciou.

— E agora... senhoras e senhores... a vossa atenção para o trapézio... O mais difícil de todos os números do trapézio voador...

Mário Santelli vai tentar o triplo salto para as mãos do seu base... Mário Santelli!

Tommy susteve a respiração. Eu não sabia que ele o ia tentar esta noite...

Mário lançou-se no espaço flectindo o corpo e lançando-o bem alto com um forte impulso. Fez um voo de retorno extra para ganhar balanço, depois lançou novamente o trapézio para a frente, cada vez mais alto, a uma altura quase inacreditável.

No último momento, quando as cordas estavam prestes a dar de si, soltou-se da barra num movimento à retaguarda, dando uma cambalhota apertada a uma velocidade estonteante; seguiu-se uma segunda cambalhota incrivelmente mais alta que a primeira; e uma terceira no movimento descendente... Tommy esquecera-se de respirar... Na última fracção de segundo Mário endireitou-se e Tommy sentiu, com um sobressalto que lhe causou uma dor bem lá no fundo, os pulsos a encaixarem nas mãos de Angelo, a pega a

soltar-se e a refazer-se no instante em que parecia que o impulso do trapézio lançaria Mário para a escuridão, para lá do seu base.

A Tommy pareceu que a sua respiração ao soltar-se fizera mais barulho que os súbitos gritos e aplausos vindos das bancadas.

Mário e Angelo balançaram juntos, as mãos e os pulsos entrelaçados.

O rosto de Angelo resplandecia de satisfação.

Depois, Mário regressou à plataforma pousando com leveza.

Virando-se para o público, ergueu a mão num floreado e esperou pelo recrudescer dos aplausos.

E estes surgiram, cada vez mais altos — mais altos do que qualquer aplauso que Tommy já ouvira, ou pelo menos assim lhe pareceu. Em seguida, um a um, mergulharam na rede, saindo da pista com um mortal enquanto os palhaços acorriam para o grande final.

Tommy quase esquecera que naquela noite realizara o seu sonho de muitos anos. Pois Mário, sabendo que naquela noite iria enfrentar a sua prova de fogo, estivera disposto a dispensar o tempo e a energia necessários a meter-lhe juízo na cabeça! Tommy sentiu-se um idiota e ficou cheio de vergonha.

Mal tinham passado a cortina de lona que tapava a entrada dos artistas quando Angelo deu uma reviravolta e apertou Mário com exuberância, dando-lhe um grande abraço. Papa Tony olhava-os com um grande sorriso irradiando orgulho e felicidade.

Mário estava pálido e combalido; tinha começado a tremer e Tommy, pegando numa das capas deixadas em monte em cima de uma caixa de adereços, lançou-a sobre os seus ombros. Mário conseguiu forçar um sorriso.

— Grande actuação, hã, miúdo?

Sem se dar conta do que fazia, Tommy lançou os braços em torno da cintura de Mário e abraçou-o. Mário apertou-o por instantes e Tommy disse:

— Conseguiste! Fizeste o triplo! Mas porque é que não me disseste... porque é que nem sequer me disseste que o ias tentar hoje...?

Mário parecia já se ter recomposto quando se riu.

— Achei que já tinhas demasiado em que pensar por esta noite. Vamos, vamos, temos de desimpedir a entrada!

Nem Angelo nem Papa Tony disseram nada sobre a actuação de Tommy. Ele achou natural que toda a sua atenção e excitação estivessem concentradas em Mário. Foram até ao camião dos equipamentos para mudar de roupa, a mão de Mário no ombro de Tommy. Passados alguns instantes retirou-a, perguntando:

— Tommy, o que é isto?

Sobressaltado e um pouco confuso, Tommy levou a mão à Pequena medalha presa por dentro da gola da camisola. Automaticamente e sem dar por isso, transferira-a da camisa para o fato de cena, prendendo-a à gola, sem ter tido consciência de o fazer. Só agora dava por ela. Sentiu-se corar.

Oh — respondeu -, é aquela coisa. A medalha. Bolas, Foste tu quem ma deu!

— Olha, raios me partam — disse Mário baixinho -, acho que São Miguel está a olhar por nós os dois, nesse caso. Parece-me que tinha razão; achei que tu... que tu me ias dar sorte.

Os seus olhos, escuros e brilhantes, estavam fixos nos de Tommy. Ficaram assim durante alguns momentos, a mão de Mário no seu ombro. Depois o rapaz mais velho suspirou e deu uma gargalhada.

— Vai-te embora, Lucky. A tua família também deve querer saber se não partiste o pescoço.

— Mário, és um fenómeno! — gritou alguém, e Tommy viu que era Jim Lambeth de pé junto ao camião. Atrás dele estava um grupo de artistas ainda com os fatos de cena. Acorreram a congratular Mário e Tommy, não querendo interferir nem por um minuto no triunfo de Mário, afastou-se silenciosamente na escuridão.

Enquanto atravessava o recinto, correndo na direcção do atrelado dos seus pais, ouviu alguém a chamá-lo. Parou. Little Ann, com um casaco vestido por cima do fato que usava no número de acrobacia que fazia com a mãe, correu na sua direcção.

— Porque é que não me disseste que ias entrar no número dos Santellis? Ouve, acho que foi horrível!

— O que é que foi horrível? Não percebo. Que é que eu fiz?

— Não foste tu. Foi o Mário — disse ela com veemência. — Ele nem sequer te disse que ia fazer hoje o triplo e ia estragar tudo?

— De que é que estás a falar? — perguntou Tommy confundido.

— Acho que ele não disse a ninguém a não ser ao Angelo, mas tem andado a treinar durante toda a temporada. Bolas, toda a gente no espectáculo sabe que ele tem andado a trabalhar nisso!

Qual é o problema?

— Toda a gente está tão louca de excitação por causa disso, que se esqueceram completamente de que hoje foi a tua estreia — disse Little Ann zangada. — Ter um novo trapezista voador no espectáculo merece um pouco de atenção, raios! Aposto que ele fez de propósito. Está tão cheio de si que não suporta a ideia de mais alguém ser alvo de atenções especiais!

Tommy fitou-a de cenho franzido, surpreendido, espantado e um pouco zangado.

Lucky — "felizardo" em inglês. (N. da T.)

— Valha-me Deus, não fazes a menor ideia do que o Mário acaba de fazer? O triplo mortal, Little Ann! Não sabes o que isso significa? Só dois ou três voadores no Mundo alguma vez o fizeram, e ultimamente ninguém conseguiu fazê-lo excepto o Barney Parish e esse espetou-se cá em baixo numa das tentativas!

E o Jim Fortunati que actua no Grande Espectáculo, esse trabalha na pista central do Starr! E achas que me deviam prestar atenção a mim? Little Ann, acho que deves ter enlouquecido!

Ela recuou como se ele lhe tivesse batido.

— Bem, se me dás licença! — disse zangada, virando-se e correndo para o seu atrelado. Tommy começou a ir atrás dela — era a sua melhor amiga, e não queria que ficasse zangada com ele -, mas depois encolheu os ombros e deixou-a ir. Que importância tinha aquilo, afinal? Subitamente pensou se o pai o teria visto actuar.

Uma semana mais tarde o Circo Lambeth separou-se para o Inverno. Tommy tinha actuado todas as noites com os Santellis e, uma única vez, participara num dos espectáculos da tarde. Mário só tentara o triplo mais uma vez. No último dia, depois da matinée, estava Tommy a ajudar a mãe a arrumar o atrelado para a longa



viagem até ao acampamento de Inverno, quando ergueu os olhos e viu Mário de pé junto à porta do atrelado. Correu a juntar-se-lhe.

— Tommy, nós vamo-nos embora hoje depois do espectáculo da noite. Provavelmente já não vou ter oportunidade de falar contigo, só te vou ver no espectáculo. Pensei vir aqui e despedir-me agora. — Hesitou e pôs a mão no ombro do rapaz. — Onde é que passas o Inverno?

— No acampamento de Inverno do Lambeth, algures no Texas. Não me lembro qual é a cidade. Porquê?

Oh, nunca se sabe, sou capaz de te mandar um postal pelo Natal, ou coisa assim. Na verdade foi o Papa Tony quem disse para eu me informar. — Hesitou, pareceu ir dizer mais qualquer coisa, e acabou por dizer. — Pronto, então acho que nos voltaremos a ver na próxima temporada.

A não ser que te chamem para a tropa — disse Tommy. — Como é que te safaste até agora? Tens os pés chatos ou coisa assim?

A expressão de Mário fechou-se, dura como um penedo.

Ou coisa assim. Tu fazes demasiadas perguntas intrometidas, raios!

— Ei, não te zangues — implorou Tommy.

Mário suspirou e encolheu os ombros.

— Está bem, está bem. Ouve, tenho de me ir embora.

O Angelo anda de um lado para o outro como um leão enjaulado, está muito preocupado, não sabe como é que vamos chegar à Califórnia com aqueles pneus. — Ainda tinha a mão pousada no ombro de Tommy. Tocou brevemente no altinho provocado pela medalha que Tommy tinha presa por dentro da gola da camisa e murmurou qualquer coisa em italiano, língua de que Tommy só conhecia umas quantas palavras. Depois virou-se, fazendo um breve aceno de despedida com a mão, e foi-se embora.

Beth Zane estava a empacotar tachos e painéis numa caixa quando Tommy regressou ao atrelado.

— Vem cá ajudar-me com isto. O que é que o Mário queria?

— Só se queria despedir até para o ano.

Ela olhou-o de relance.

- Suponho... — começou a dizer mas depois arrependeu-se.
- Mãe, a mãe fala italiano, não fala?
- Dantes falava um bocadinho. Acaba por se aprender quando se estuda música. Mas não muito. Porquê?

Tommy gaguejou tentando lembrar-se das palavras pouco familiares.

- Tu sei... Não consegui apanhar tudo. Fortuna. E sventura...
- Tens a certeza? Fortuna... significa sorte, boa sorte. E sventura... tens a certeza de que foi isso que ele disse? Isso é má sorte, sarilhos. Suponho que deve ter dito qualquer coisa acerca de boa e má sorte, acho eu. Se calhar é uma espécie de provérbio, ou coisa assim. Mas é esquisito ele não to ter traduzido.

— Suponho que ele me estava a desejar boa sorte e não má sorte — disse Tommy e voltou ao trabalho, mas já tinha percebido o que Mário dissera. Ele chamara-lhe "Lucky" umas quantas vezes. Mas o que ele lhe dissera fora, És a minha sorte... boa ou má. Tommy guardou as palavras dentro de si tal como mantinha a medalha pregada por dentro da gola da camisa, como um talismã, embora não soubesse exactamente porquê.

## *Capítulo IV*

O vento forte de Novembro arrancava das árvores as últimas folhas de Outono quando Tommy regressava a casa vindo da escola. O Sol já se escondera no horizonte, e as árvores despidas de folhas oscilavam como uma rede frouxa por cima da sua cabeça.

A pequena casa em que ele e a sua mãe estavam a passar o Inverno estava iluminada, pois já era tarde. O pai vivia a 25 quilómetros de distância, no acampamento de Inverno do circo.

Tommy nunca percebera porque é que a mãe se recusava a viver lá. Nunca nenhum deles discutira esse assunto.

Não via menos vezes o pai, pois Tom Zane vinha a casa quase todos os dias, mas a distância criava nele uma sensação um tanto incoerente, como se o mundo estivesse partido em dois. E aqueles 25 quilómetros provocavam na sua mãe uma diferença que não conseguia definir. Não conseguia perceber de que se tratava, mas existia, e ele descobrira antes mesmo de fazer 10 anos que aquele era um assunto que a mãe não queria discutir.

A sala estava vazia, mas da cozinha vinha um odor a comida.

Tommy foi pôr os livros ao quarto, e sentou-se na cama abanando distraidamente um dos pés.

O quarto era incaracterístico e estava quase vazio, a pouca mobília de má qualidade deixava ver as marcas dos muitos inquilinos que por lá tinham passado. O chão varrido estava nu; o toucador pintado de branco coberto de artigos de higiene. Não acrescentara nada à decoração a não ser umas quantas fotografias Pregadas às paredes verde-petróleo. Uma delas era uma fotografia em papel brilhante dos Santellis Voadores — a atracção da pista Central do Circo Starr — que Margot Ihe dera havia dois anos.

Ela tinha conhecido os Fortunatis anos atrás, e a fotografia estava autografada em baixo: "Com a amizade da Cleo, Lionel, Jim."

A outra fotografia, recortada de uma revista havia muito tempo, era uma imagem desfocada de um homem em maillot,

atacando a barra do trapézio ao sair de uma pirueta. Fora a única fotografia que Tommy conseguira arranjar de Barney Parish, o homem que inventara o triplo 30 anos antes. A terceira era um instantâneo tirado pela Little Ann com a máquina que lhe tinham oferecido pelos anos; ela mandara fazer uma cópia extra para lhe oferecer.

Tirada durante um ensaio, mostrava Mário, Angelo e ele próprio na base da escada do trapézio, todos eles equipados para treinar.

Tommy apoiou o queixo nas mãos e ficou a olhar para a parede. Durante um mês ficara até mais tarde na escola para treinar com o grupo que estava a tentar entrar para a equipa de basquetebol. Pensara que tinha uma imaginação demasiado fértil quando sentira um ambiente hostil à sua volta. Era demasiado baixo para poste, como era evidente, mas tinha bons pés, era rápido no jogo e não falhava um cesto. Achava que havia boas razões para ter esperança. Naquela tarde, ao trocar de roupa, erguera a cabeça e vira o treinador a observá-lo.

— Zane, quando estiveres pronto chega ao meu gabinete.

— Sim, senhor. — Tommy apressou-se a atar os sapatos, atirou com as botas de basquete e com o fato de ginástica para dentro do cacifo, e desceu o corredor até ao gabinete do treinador.

O treinador Seymour era um homem baixo, seco e musculado.

Ergueu os olhos para Tommy com um olhar directo e inexpressivo.

— És um óptimo jogador, Zane — disse por fim. — Não tenho razão nenhuma para não to dizer, és provavelmente o meu melhor jogador. Mas acho que isso já tu sabias.

Tommy ficou espantado com tanta veemência.

— Muito obrigado. Sei que sou demasiado baixo, mas esforcei-me bastante.

— Senta-te, Zane. Qual é o teu primeiro nome... Tom? Bem, Tom, estive a fazer as listas para as equipas e ia mesmo incluir o teu nome, mas foi então que descobri que havia umas quantas coisas a teu respeito que eu desconhecia. — Subitamente a voz do treinador

encheu-se de hostilidade. — Por exemplo... és acrobata profissional, não és?

— Quem é que lhe disse? — perguntou Tommy.

— Isso não interessa. Os teus pais são gente do circo, não são? E tu próprio já participaste em espectáculos como ginasta profissional?

— Bem, não muitas vezes...

— Conta-me lá isso, está bem? O que é que fazes?

Tommy, sentado na cadeira de madeira, sentia-se confundido pelo misto de curiosidade e hostilidade do olhar do homem; era como se tivesse cometido qualquer desonestidade.

— Bem, quando se passa todos os Verões com o circo, a febre do circo acaba por se pegar. Fiz exercícios no tapete, barras paralelas, esse tipo de coisas. E comecei a interessar-me por voar — no trapézio, sabe? — e um dos trapezistas ensinou-me.

Mas não fazia realmente parte do número, só entrei umas quantas vezes para substituir alguém que estava magoado e coisas desse género.

— Mas entraste como profissional em espectáculos?

— Claro, umas quantas vezes — disse ele mais confuso que nunca.

— Bem, Zane. Sabes com certeza que o desporto escolar é totalmente amador. Tem havido alguma... polémica acerca da tua escolha, tu um ginasta profissional, para competir com rapazes que não tiveram as tuas oportunidades. Nestas circunstâncias parece ser mais justo para com os outros rapazes não te incluir na equipa.

Por alguns instantes Tommy sentiu-se como se tivesse mergulhado do cimo do trapézio e tivesse descoberto que a rede não estava onde deveria. Depois a dignidade que aprendera na pista a custo de tanta dor veio em seu socorro. Sentou-se muito direito.

— Sim, senhor, como queira. A decisão é sua.

Tu não querias usufruir de um desequilíbrio que não seria justo para os outros rapazes.

Não, senhor — disse Tommy empertigado. Que desequilíbrio?

Eu no circo não jogo basquetebol!

Isto nada tem de pessoal, como sabes. Podia acontecer a qualquer um. Até a estrela olímpica, o Jim Thorpe — sabes quem é? foi desqualificado dos Jogos Olímpicos por ter feito uma época como profissional quando era pouco mais velho que tu.

Charles Seymour falou com ele durante mais alguns minutos fazendo Perguntas idiotas acerca do circo, como que para provar que não restavam quaisquer ressentimentos. Mas Tommy respondeu às suas perguntas de forma neutra e escapou-se assim que lhe foi possível.

Agora, no seu quarto, reflectia sobre a hostilidade e a frieza e sobre algo mais. Podia manter-se fisicamente em forma. Mas todos os detalhes de ritmo, precisão e equilíbrio não só exigiam perícia, como exigiam prática. No Verão seguinte ser-lhe-iam necessárias semanas, senão meses, para atingir a forma em que se encontrara em Setembro. Todos os artistas tiravam umas férias no fim da temporada, mas nunca paravam durante tanto tempo. Deveria estar a trabalhar, a treinar, a ensaiar. Tinha sido diferente enquanto fora um amador, trabalhando ao acaso quando alguém tinha tempo para o ensinar. Mas se queria entrar nos espectáculos no ano seguinte — e ele sabia que queria, sabia que era a única coisa que queria — deveria estar a treinar. Com alguém.

Descalçou os sapatos e foi à cozinha buscar um copo de leite, mas quando estava a abrir o frigorífico ouviu a voz do pai no outro quarto. Surpreendido, abriu a boca para o chamar, mas fechou-a de novo, pois ouvira algo que nunca ouvira até então: o pai gritava, zangado. Como todos os homens que trabalhavam com felinos, Tom Zane movia-se rápida mas nunca inesperadamente, e tinha uma voz extraordinariamente calma e baixa. Mas agora estava aos gritos e estava furioso.

— Raios partam, sim, e entre outras coisas isso quereria dizer que podias ficar de bem com a tua consciência, acabar com este disparate e vir viver comigo para o acampamento de Inverno!

Não sejas tão horrivelmente complicada, Beth!

— Tom, ele tem só catorze anos. Tem de ter uma vida normal.

Festas na escola, encontros com raparigas, jogos de basquetebol e de basebol, ir à pesca...

— Já é demasiado tarde para isso, minha querida. Ouve, talvez a culpa seja minha... Eu sempre te quis ter a ti e ao miúdo junto a mim, na estrada, todos os Verões. Mas Tommy... no que lhe diz respeito, tens de admitir...

Sem fazer barulho e nas pontas dos pés, Tommy voltou para o quarto. Calçou-se e voltou à cozinha fazendo barulho.

— Mãe! Cheguei!

Os pais vieram para a cozinha e Tommy fingiu sentir surpresa.

— Então, pai, que está a fazer em casa a uma quarta-feira?

E desde quando é que eu preciso de uma razão para vir a casa?

Tommy encolheu os ombros.

Atrasaste-te, Tommy. Que é que aconteceu? — perguntou-lhe a mãe.

Tive de falar com o treinador. Não vou entrar para a equipa de basquetebol.

O que é que se passou, filho? — perguntou Tom Zane.

— O treinador disse, parece que existe uma regra qualquer, que eu sou acrobata profissional. Não reúno as condições, ou coisa assim. Não fui eu quem lhe disse... Alguém deve ter sabido. Ele disse que não seria justo para os outros rapazes.

— Estás a ver? — disse Elizabeth Zane por cima da cabeça do filho.

— Estou, estou a ver — retorquiu Tom Zane olhando firmemente a sua mulher e esticando o queixo. — Estou a ver que se ele fosse à escola lá ao pé do acampamento de Inverno, onde toda a gente está habituada às pessoas do circo, em vez de as tratarem como anormais, não teria de passar por isto. Querias mesmo entrar para a equipa, Tom Júnior?

Tommy olhou o pai nos olhos.

— Não, pai. Acho que não.

O pai não respondeu.

— Vai buscar depressa o casaco. Quero levar-te a ti e à tua mãe a dar uma volta pelo acampamento. O King já estava tão velho que tivemos de o abater, e o Lambeth comprou outro bicho para esta temporada. Ainda não o estou a trabalhar. — Procurou qualquer

coisa nos bolsos. — Uma carta para ti. Foi para o acampamento de Inverno.

Tommy aceitou a carta, surpreendido. Nunca recebia cartas e ainda era muito cedo para receber o cartão de Boas-Festas que Little Ann lhe costumava enviar.

Era um postal colorido, mostrando quase só mar e areia.

No local destinado à mensagem Mário tinha escrito: "Estou a dar lições de exercícios no tapete e acrobacia — imagina tu onde — numa escola de ballet. A maioria dos rapazes não é tão fácil de ensinar como tu. O Angelo manda cumprimentos. Até breve."

Era a primeira vez que via a caligrafia de Mário. Uma escrita pequena e quadrada, com as pernas das letras muito direitas e cada 1 cuidadosamente traçado com uma linha horizontal muito certinha. As letras pareciam mais ter sido desenhadas do que simplesmente escritas. Meteu a carta no bolso do casaco e entrou para o carro.

O cheiro do acampamento de Inverno — uma mistura de cheiro a animais, a lona, a feno e a estrume — era familiar a Tommy e provocava-lhe uma estranha sensação de saudade.

Vagueou pelo recinto que começava a ficar encoberto pelas sombras.

Apenas uns quantos artistas passavam o Inverno no acampamento do Circo Lambeth; a maioria fazia o circuito dos circos que actuavam em recintos cobertos, ou o circuito dos teatros.

Tommy foi até ao atrelado da Ma Leighty e mostrou-lhe o postal de Mário. Isso fê-lo sentir-se menos só. Um estranho número com cavalos estava a treinar no recinto coberto. Acabou por voltar para junto dos pais e encontrou-os com Big Jim Lambeth. A mãe estava a coçar o Lúcifer com um pau, através das grades. Tommy sentiu-se contrair. Ele, pura e simplesmente, não gostava de felinos.

Lúcifer já nascera no circo — Tommy ouvira aquela história mais de cem vezes — e, tal como a maioria dos leões nascidos em cativeiro, tivera de ser imediatamente tirado à mãe; as leoas, quando em cativeiro, tendem a matar os filhotes. Beth Zane criara aquela cria enorme a biberão; Lúcifer tinha dormido na cama dela até já ser quase adulto.



Toda a gente no circo sabia que Beth tinha imenso jeito para os animais. Quando Tommy era pequenino, ela trabalhava com o pai na jaula grande, abrindo e fechando as divisórias e, por vezes, treinando os animais nas habilidades que faziam durante o espectáculo.

Dominava os animais tão bem como o marido, embora tivesse deixado de trabalhar na pista quando Tommy fizera seis anos. O velho Lúcifer era o seu preferido. Tommy não tinha propriamente medo de Lúcifer, mas odiava ver a mãe tão perto das grades. Quanto aos outros leões, Lady e Big Boy, detestava-os.

Sabia, como é óbvio, que de todos os grandes felinos os leões eram os menos perigosos, que a maior parte dos seus rosnidos e gestos ameaçadores eram arditamente provocados pelo seu pai para os fazer parecer ferozes e conseguir assim um bom espectáculo. Sabia também que o leão perigoso não é aquele que se ergue e ruge — isso é só uma manifestação de bom humor, como o abanar de cauda de um cão — mas o que se agacha com as orelhas viradas para trás. Mas, apesar de tudo, nunca assistia ao trabalho do pai; ver o pai a trabalhar punha-lhe os cabelos em pé e enrolava-lhe o estômago.

E então o que achas do leão novo, Tom Júnior? Vou chamar-lhe Prince. — Tommy olhou para o chão e escavou-o com o pé. Prince era um jovem macho castanho-amarelado, de grandes olhos dourados e juba arruivada. Enquanto Tommy o olhava, o belo leão abriu a boca enorme e bocejou, exibindo os grandes dentes, depois recolheu e deitou de fora as garras num gesto brincalhão. Tommy sentiu a pele arrepiar-se-lhe da nuca aos dedos dos pés.

— É lindo, pai. Mas não é... seguro. Não vais trabalhar com ele, pois não?

O pai deu uma gargalhada.

— Então, Tom Júnior, será que eu te tento ensinar a voar no trapézio?

Lambeth aproximou-se e olhou para Tommy lá de cima do seu metro e noventa.

— Então como vai o mais jovem trapezista do mundo? Vais voar na próxima temporada? — perguntou.

— Acho que isso é com os Santellis.

Tommy apercebeu-se de que a mãe estava zangada, embora ele não percebesse porquê, e não soubesse como lho perguntar.

Elizabeth Zane permaneceu silenciosa durante todo o caminho de regresso a casa e, quando chegaram, os pais mandaram-no ir fazer os trabalhos de casa e ficaram a discutir, em vozes cuidadosamente baixas, até muito tarde. Até mesmo enquanto dormia lhe parecia ouvir o som das suas vozes, os tons conflituosos penetrando-lhe os sonhos.

Novembro chegou ao fim. Uns dias antes do Natal, ao regressar A casa, Tommy viu o carro do pai estacionado à porta e a mãe tinha os olhos inchados como se tivesse chorado.

— Mãe, que se passa? Pai... Pai, não foi chamado para a tropa Ou coisa do género, pois não? — Nos últimos meses de guerra até homens com mais de 30 anos e homens com filhos estavam a ser chamados. O pai respondeu que não com a cabeça.

— Não, se eles me quisessem recrutar já o teriam feito há dois anos. Não vejo suficientemente bem para ir à tropa. Não, é uma coisa que temos de discutir contigo. Senta-te, filho.

— Pai, que é que se passa? Que é que aconteceu? Mãe...

: — O teu pai explica-te. — A mãe desviou o olhar. Tommy sentou-se, ansioso.

— Descontra-te, filho — disse finalmente Tom. — Não há qualquer problema, nem aconteceu nada de grave. Mas hoje recebi uma carta que aborreceu a tua mãe. Diz-me, algum dos Santellis te falou dos seus planos para a próxima temporada?

— Não, embora o Mário se tenha despedido até para o ano, por isso suponho que continuem com o Lambeth. Disse-me também que era provável que eu actuasse com eles de vez em quando. Foi tudo. Porquê? Aconteceu alguma coisa? Eles não vão voltar para o Lambeth?

— O Mário mandou-te um bilhete. Depois dou-to. Filho, quero fazer-te uma pergunta muito séria. Tu queres mesmo ser trapezista?

— Mas claro, evidentemente que sim, o pai sabe que quero.

— Não, espera, assim não. O que eu quero dizer é, estás perfeitamente seguro de que é isso que queres fazer? Ou tens só

andado a brincar, a divertir-te?

Tommy remexeu-se na cadeira, sentindo-se desconfortável por o pai estar tão sério. Antes que Tommy lhe pudesse responder ele continuou:

— Talvez eu tenha feito mal. Talvez eu devesse ter-te instalado num sítio qualquer, ter-te mandado para uma escola, para um colégio interno onde pudesses viver o ano inteiro.

— Pai, por amor de Deus, eu não poderia viver assim!

— Tommy, Tommy, Tommy, a maioria das pessoas nunca vive de outra maneira! Eu deveria saber que tu serias contagiado por esta febre! Deixei que a Margot te ensinasse a fazer exercícios no tapete sobretudo para te manter ocupado. E quando começaste a falar no trapézio... bem, pensei que te fartasses da ideia mesmo antes de saíres do chão.

— Como pode pensar....

— Oh, muitos miúdos acham que gostariam de ser artistas de circo. Pensei que, quando descobrisses como era difícil, desistisses da ideia. E o Tony Santelli pensou o mesmo. Ele disse-me que se tu só te estavas a divertir, então quanto mais depressa desistisses melhor. Disse ao Mário para não te facilitar a vida, para te fazer trabalhar a sério. Surpreendeste toda a gente ao não desistir.

Tommy abriu a boca mas tornou a fechá-la e o pai disse-lhe:

— Fala, vá.

Pai, não é só por ser divertido. É... bem, claro que é divertido, mas sobretudo... bem, é uma coisa que eu quero fazer e que sei fazer e quanto mais treino mais vontade tenho de fazer melhor...

— Percebo o que queres dizer — interrompeu-o abruptamente a mãe -, mas a questão, Tommy, é que se queres ser apenas um amador então esta é a altura de desistires. Já te divertiste.

Eles até te deixaram actuar com eles umas quantas vezes.

E agora?

— Mãe, não percebo. Eu não sou, nem de perto nem de longe, suficientemente bom para entrar no espectáculo como trapezista... Nem sequer sou suficientemente bom para suplente.

Ainda agora comecei. Não posso desistir agora!

O pai suspirou.

— Tens razão, claro. Para amador és bastante bom. Se quiseres ser um profissional então ainda mal começaste. Mas... mas não quero que acordes um dia, quando estiveres em idade de ir para a Universidade, por exemplo, e descubras que não serves para mais nada a não ser para fazer acrobacias.

— Bem — disse Tommy espantado -, e que mais é que eu quereria ser?

Viu a mãe olhar para o pai com um olhar estranho e pleno de resignação.

Muito bem, parece-me que isso esclarece a questão — disse Tom pensativamente. — Muito bem. Filho... recebi hoje uma carta do Tony Santelli. Ele na carta diz mais ou menos o mesmo que eu te disse agora. Querem-te a actuar com eles no próximo verão.

— Pai...

Sei como te estás a sentir. Mas há um senão. Ele quer que Tu faças um Contrato com ele pessoal, para os próximos três Anos. Ele diz que esse é o tempo que vais levar até tu teres Algum valor para o número deles. Vais ganhar um pequeno salário...

A esse respeito está tudo bem; o que ele oferece é totalmente justo. E pelo menos este ano eles vão continuar com o Lambeth, por isso tu continuarás a viver comigo e com a tua mãe durante a digressão. Mas há aqui um problema e a tua mãe — não, Elizabeth, sou eu quem trata disto — queria que eu lhes dissesse que não, mesmo antes de falar contigo. Eles querem-te na Califórnia na próxima semana.

— Para a semana que vem?

— Sim. Logo depois do Natal. Passas o Inverno com eles — vais viver com a irmã do Angelo, é ela quem toma conta da casa da família, acho eu — para te treinares e preparares para a temporada.

— Deixá-lo à mãe e a si?

— Sim, Ele diz que se não for assim estarás fora de forma no início da temporada e a digressão já iria a meio antes que te pudessem utilizar a tempo inteiro no espectáculo. Ele quer a nossa resposta esta semana, senão terão de encontrar alguém na Califórnia.

— Oh pai, por favor, eu tenho de ir! Eu quero ir... quero ser eu a ir!

— Eu percebo a posição do Tony, claro. Eles gastaram muito tempo e tiveram muito trabalho para te treinar. Agora têm de saber, de uma vez por todas, se podem contar contigo como uma parte efectiva da equipa deles.

A mãe exclamou:

— Mas és tão novo, Tommy. Ainda... ainda nem tens quinze anos...

Tommy levantou-se e foi ter com a mãe abraçando-a pela cintura e sentindo-a tremer com a força dos soluços.

— Mãe... mamã, não, por favor não chore... não consegue perceber? Eu tenho trabalhado tanto. Na verdade ainda no outro dia estava a pensar que devia passar o Inverno a trabalhar, a treinar, e não ficar assim parado. Se eles arranjam outra pessoa estou acabado. Estou acabado ainda antes de começar. Mamã, mamã, se continua a chorar assim não vou poder ir, e eu tenho de ir, não compreende? — Ele próprio estava quase a chorar.

Ela ergueu a cabeça. Já não estava a chorar. Os seus olhos estavam de um azul brilhante e por momentos pareceu a Tommy que tinham um brilho quase eléctrico.

— Tom Júnior — disse ela muito baixo -, olha para mim. Agora. Por Deus, Tom, isto não é um jogo. É isto que tu queres?

Ele engoliu em seco tentando dar firmeza à voz.

— Lamento, mãe. Eu sei que não gosta que assim seja. Mas sabe que é o que eu sempre quis. É tudo o que eu sempre quis.

Então — viu os músculos da sua garganta moverem-se quando ela engoliu em seco -, não te digo mais nada sobre este assunto. Faz o que tens a fazer.

O pai chegou-se junto deles e passou-lhes um braço por cima. Disse:

— Muito bem, Tom Júnior. És maduro para a tua idade, tens a cabeça no lugar, e és trabalhador. Tenho-te visto treinar sozinho e, na tua idade, isso é um grande esforço. Vais continuar a ir à escola lá na Califórnia, mas quando este ano acabar vais ter de continuar a tua instrução como te for possível, isto é, sozinho.

— Pai, eu não quero saber se acabo ou não o liceu.

— Mas quero eu — disse a mãe imediatamente. — Promete-me, Tom.

— Oiçam, mãe, pai...

— Isso nem tem discussão — disse o pai com firmeza. — Vais acabar o liceu. Seja como for. Ninguém se consegue safar hoje em dia sem um diploma. E depois de a guerra acabar ainda vai ser pior.

Tommy curvou a cabeça.

— Sim, senhor. — Continuava sem perceber o porquê daquela insistência, mas a sua obediência nesta questão era provavelmente o pormenor de que dependia tudo o resto.

— Há ainda mais uma coisa. Até teve imensa piada durante uma semana, no ano passado, mas eles querem-te apresentar como Tommy Santelli.

Bem — disse Tommy -, o número chama-se Santellis Voadores.

E tu queres ser um deles? E não Tom Zane Júnior?

Oh, pai — disse ele com desespero, depois percebeu que o Pai se estava a rir.

Muito bem, filho. Aqui está a carta que Mário te mandou.

Leva-a e lê-a. Mas pensa bem, Tom, porque aqui se vai provavelmente decidir o resto da tua vida e, quando eu escrever ao Tony, vais ter de ir para a frente com isto. Será um contrato com força legal.

Eu quero ir — disse Tommy firmemente.

Acordou a meio da noite, inseguro, pensando se conseguiria mesmo deixar os pais. Um pequeno e fino raio de lua iluminava as fotografias coladas na parede. Viu os rostos, na sua memória, tão claramente como se fosse de dia. Mário, Angelo e ele próprio, descontraidamente agrupados em torno da base do trapézio.

Lembrava-se do dia em que Little Ann tirara a fotografia. Fora no aniversário dela. Fora também no dia em que Mário conseguira, pela primeira vez, fazer um triplo nos treinos sem se descontrolar e cair. E depois, quando ele regressava à barra, Tommy lançara-a uma fracção de segundo demasiado cedo; atingira Mário num cotovelo entorpecendo-lhe o braço e ele tivera de se deixar !! cair na rede. Tommy ficara desesperado de consternação, sabendo que

estragara um momento de triunfo. Papa Tony gritara com ele ininterruptamente durante cinco minutos, alternando com explosões dirigidas a Mário e fora-se embora, furioso. Tommy, quase a chorar, descera da plataforma e Mário erguera os olhos sorrindo e continuando a massajar o cotovelo.

— Descontrai-te, miúdo. O melhor é aprenderes italiano.

A maior parte daquilo era para mim.

Angelo, dobrando-se para calçar os sapatos, levantou a cabeça por momentos.

— A próxima vez que faças aquilo vai directamente para a rede. Estavas tão tonto que nunca terias conseguido apanhar a barra mesmo que o Tommy a tivesse lançado bem. A tua noção do tempo desapareceu totalmente.

Mário abriu os braços soltando uma gargalhada constrangida.

— O, Dio mio, que família a minha! Consigo finalmente fazer um triplo e eles armam uma discussão sobre a forma como regresso à barra!

— Pois — dissera Angelo gentilmente e metendo os dedos por entre os caracóis de Mário, erguendo-lhe o rosto. — Pensas que eu não sei disso? Mas também não quero que partas o pescoço, ragazzo. Um na família já chega, não achas?

Haviam-se esquecido completamente de Tommy. Ou estavam tão habituados a ele que o faziam sentir como parte da família.

Nesse momento aparecera Little Ann que queria acabar o rolo que tinha na sua nova máquina fotográfica e lhes tirara a fotografia.

Nunca ocorreu a Tommy, enquanto estava ali deitado no escuro que, tanta persistência como a sua, acabaria por o levar a entrar num número de trapézio mais cedo ou mais tarde. Para ele voar continuava a estar associado a Mário.

O contrato chegou uma semana mais tarde e o pai leu-o, e explicou-lho.

Na verdade — disse-lhe Tom Zane -, isto significa que Papa Tony é o teu tutor legal até fazeres dezoito anos e tem controlo legal sobre ti.

— Porque é que isso é necessário?

— Por vários motivos. Entre outras razões porque qualquer pessoa da tua idade, desde que não viva com os pais, tem de ter um tutor. E assim ele pode assinar contratos por ti e pode fazer contratos em nome do grupo todo sem ter de fazer um contrato individual para ti; contrato esse que eu teria de assinar. Mas não pode ceder o teu contrato a ninguém, está estipulado aqui que, a não ser que estejas a viver comigo ou com a tua mãe, terás de viver sob o seu tecto e debaixo da sua supervisão pessoal e directa. É aquilo a que se chama in loco parentis — ou seja, no lugar dos pais. Quanto ao dinheiro, à excepção de algum dinheiro de bolso, arranjei as coisas de maneira a que seja depositado num banco e que ninguém, nem mesmo eu ou a tua mãe, ou mesmo tu, lhe possa tocar até fazeres vinte e um anos.

— Meu Deus, pai, não confia nele no que respeita ao meu dinheiro?

— Se eu não confiasse nele em relação ao dinheiro, não lhe iria confiar o meu filho — disse o pai -, mas quero que tenhas algum dinheiro com que possas contar quando fores crescido.

E, de qualquer forma, legalmente não podes lidar com dinheiro até fazeres vinte e um anos. — Hesitou e depois sorriu, mas manteve-se sério por detrás do sorriso. — Muito trabalho e mais nada senão algum dinheiro de bolso, e sabes bem a forma como o Tony trata a família. Pela última vez, filho, tens a certeza que queres que eu assine o contrato?

Tommy assentiu com a cabeça. O pai assinou o seu nome e Tommy agarrou na caneta e escreveu o seu nome completo por baixo da assinatura do pai: Thomas LeRoy Zane, Jr. De repente Perguntou-se como se sentiria chamando-se Tommy Santelli.

Foi só na véspera de Natal que todo o peso e a gravidade Da decisão o atingiram. Durante toda a semana, ocupado a comprar tudo aquilo de que necessitava, tinha estado demasiado excitado para sentir o que quer que fosse. O pai estava estiraçado na cadeira a fumar um dos charutos da caixa que Jim Lambeth lhe oferecera pelo Natal. A mãe cantarolava baixinho uma canção de Natal numa voz doce. Tommy sentiu vontade de chorar. Fez menção de se levantar e gritar ao pai que escrevesse aos Santellis dizendo que não



passava tudo de um horrível mal-entendido, que ele não queria deixar os seus pais.

O pai remexeu-se na cadeira e olhou-o nos olhos; Tommy teve a sensação de que o pai tinha percebido o que lhe ia na alma.

Ele trabalhava há tanto tempo com animais, que Tommy tinha a sensação que ele sabia sempre o que se estava a passar sem que houvesse necessidade de alguém lho dizer.

— É bom que preguices enquanto podes — disse-lhe ele com um bocejo. — Não vai durar muito.

As palavras que Tommy estivera prestes a dizer sumiram-se sem deixar rasto. Uns dias mais tarde, ao empacotar a roupa na sua mala nova, não podia crer que tivesse hesitado e tivesse tido tantas dúvidas.

Na véspera de Ano Novo entrou na camioneta para Los Angeles debaixo de uma chuva torrencial. O pai e a mãe ficaram a dizer adeus enquanto a camioneta se afastava e Tommy, sem que tivesse plena consciência disso, sentiu que ao acenar era da sua infância que se despedia.

Sentiu-se um pouco triste quando a camioneta começou a andar e os rostos dos pais desapareceram na distância. Até mesmo a casa desaparecera, pois a mãe tinha-se mudado para o acampamento de Inverno para ir viver com o pai. Aquele não passara de mais um alojamento temporário, não um lar verdadeiro, aliás como todos os outros sítios em que tinha vivido. Sentia-se estranhamente suspenso no meio de coisa nenhuma. Mas era demasiado novo e resistente para ficar triste durante muito tempo.

Quando a camioneta entrou na auto-estrada, já ele dormia um sono cheio de sonhos.

## Capítulo V

A estação rodoviária de Los Angeles estava apinhada com os viajantes de Inverno. Tommy vagueou por entre a multidão, sentindo-se inseguro, com a pesada mala na mão e olhando as caras desconhecidas. Estava habituado a outro tipo de multidões, às multidões barulhentas e descontraídas da província. Esta gente da grande cidade assustava-o um pouco. Viu a sua imagem reflectida na superfície espelhada de uma porta de vidro. Diminuído pela distância, viu o reflexo de um rapaz baixo e magro, com a cabeça coberta de caracóis ruivos, amarrotado, encardido, e pareceu-lhe, no seu estado de fadiga e confusão, que o rosto reflectido no espelho tinha uma expressão assustada.

— Tommy? Por aqui. — Sem qualquer cumprimento formal, Mário aproximou-se e pegou-lhe na mala encaminhando-se para a porta. — Tenho o carro ao pé da porta da frente. Já estavas à espera há muito tempo? Andei à procura de lugar para estacionar o carro.

— Não, cheguei há um ou dois minutos.

— Estás com um ar horrivelmente cansado. É uma viagem terrível para se fazer de camioneta. Porque é que o teu pai não te mandou de comboio?

Os comboios andam superlotados. De qualquer maneira ele não conseguiu arranjar um, como é que isso se chama?

Um passe.

Tomaste o pequeno-almoço?

Parámos para tomar o pequeno-almoço aí há umas duas horas, mas não me apeteceu comer.

Então paramos num sítio qualquer antes de irmos para Casa. No dia de Ano Novo aquilo é sempre uma casa de doidos, nunca se come antes do fim da tarde, é sempre assim. A Lúcia, a minha mãe, estava para te vir buscar, mas tem tanto que fazer... e além disso nem ela te conhece a ti nem tu a ela, e como eu tinha de passar por

aqui a caminho de casa... Já lá não vou aí há umas duas semanas, mas ontem telefonei e disseram-me que tu chegavas neste autocarro, e eu disse que te vinha buscar.

É este carro, deixa-me pôr a mala no banco de trás.

Pôs a mala de Tommy no banco de trás de um velho Chrysler azul aí com uns 10 anos. O vidro de uma das janelas estava rachado, e os estofos dos bancos da frente estavam rasgados, mas uma manta escocesa cobria as partes mais danificadas.

Mário abriu a porta do lado do condutor.

— Entra e passa por baixo do volante, que essa porta não abre. O fecho está estragado. — Entrou a seguir a Tommy e bateu com a porta.

Tommy disse, sobretudo para quebrar o silêncio:

— Não sabia que conduziás.

— Aqui tem de ser. Fica tudo longíssimo umas coisas das outras, e os autocarros parece que só passam de três em três dias. Quando andamos na estrada não conduzo muito, o Angelo não gosta da forma como eu conduzo, diz que pareço um maníaco homicida. Comprei este carro muito barato no Outono passado, sobretudo para ter uma forma de ir e vir para o trabalho. — Encostou o carro ao pé de um edifício baixo. — Vamos lá tomar o pequeno-almoço. Também ainda não comi nada.

Caminhou descontraidamente pelo passeio conduzindo-o a um café. Sentaram-se numa divisória com os assentos estofados com cabedal vermelho.

— Como está o Papa Tony? — perguntou educadamente Tommy.

— Como sempre — status quo — o mundo treme quando ele ergue o punho, ou lá como é que se costuma dizer. Há já umas duas semanas que não vou lá a casa, mas se alguém estivesse doente eu saberia.

— Não vives com a família? — Tommy sentiu-se estranhamente desapontado.

— Bem, vivo e não vivo — disse Mário com lentidão. — É uma espécie de tradição familiar. A partir do momento em que acaba a temporada e até ao Dia de Ano Novo, cada um vai para onde quer,

faz o que quer, ou o que pode fazer. O Angelo está no México a trabalhar num circo qualquer de lá. E eu escrevi-te acerca do meu trabalho na escola de ballet. — Calou-se quando um rapaz moreno de casaco branco lhes pôs duas canecas de café à frente. — Obrigado, Ronnie. Traz-nos uns ovos e uma dose daquelas salsichas. Está bem para ti, Tom?

— Claro, qualquer coisa serve.

Ronnie escreveu qualquer coisa num bloco.

— É para já. Hoje levantaste-te cedo, Matt, não foi?

— É para começar bem o ano — disse-lhe Mário com um dos seus sorrisos mais satânicos. — O Keno já apareceu por aqui esta manhã?

— Veio tomar café e foi-se logo embora — respondeu o rapaz.

Quando Ronnie se afastou na direcção da cozinha Mário pegou numa das chávenas de café.

— Açúcar? Leite? Vá, bebe, estás com um ar completamente gelado.

— Pensei que a Califórnia era quente.

— Bem, e é. Quando comparada com Chicago e sítios assim.

Mas à noite fica frio. De qualquer forma, como te estava a dizer, é uma tradição familiar que no Dia de Ano Novo, ou por volta dessa altura, toda a gente que vai em digressão na temporada seguinte apareça para começar a trabalhar. O Angelo este ano vai chegar mais tarde, está no México com a filha, a Tessa.

— Eu nem sabia que ele era casado.

— Foi casado — corrigiu-o Mário. — A Teresa morreu num acidente na auto-estrada, na Primavera passada, imediatamente antes de nos juntarmos ao Lambeth. Foi aliás essa a razão de não termos ido mais cedo, e só termos ido quando, a meio da temporada, houve uma vaga. A Tessa só tem quatro ou cinco anos. Está interna num colégio de freiras em Santa Bárbara, lá para os lados da costa, mas Angelo levou-a com ele para o México.

Está lá a gerir um circo que actua em recintos cobertos durante as férias. Ele queria que eu fosse com ele, mas como eu gosto do emprego que aqui tenho, ele levou um número chamado Barrys Voadores. — Pousou o café quando o rapaz apareceu com as

travessas de ovos com salsichas. — Obrigado, Ronnie. Tommy, queres mais alguma coisa? Panquecas, donuts?

Não, obrigado. Isto é mais que suficiente.

Ronnie fez uma pequena pausa e depois perguntou:

— Matt, que se passa?

— Nada de especial. Pensei que era capaz de encontrar aqui o Keno, mas cá pelos vistos ele anda para aí na vadiagem. — Quando o rapaz se foi embora Mário explicou a Tommy: — Aquele miúdo é um dos meus alunos da escola de ballet.

— Aqui chamam-te sempre Matt? — perguntou Tommy.

— Toda a gente que não é da família.

— Porque é que mudaste de nome?

— Como já te disse sempre houve um Mário na família.

Nunca te contei a história da família, pois não?

— Só bocadinhos, aqui e ali.

Mário lançou um olhar ao seu relógio de pulso, um relógio fininho preso a uma correia de cabedal entrelaçado; viu que Tommy seguira o seu olhar e riu-se.

— Quando andamos na estrada uso um relógio de bolso como toda a gente. Este foi um presente. Gosto bastante dele, embora a Lúcia tenha ataques quando o uso lá em casa. O tipo que mo ofereceu provavelmente nunca se apercebeu de que há pessoas que ainda acham que um relógio de pulso é — hesitou — um bocado maricas. Olha, conto-te a história da família enquanto comemos. Não deixes arrefecer os ovos.

Resumidamente o que Mário lhe contou foi o seguinte:

No início da década de 1890, Mário di Santalis e os seus filhos, Tito e Rico, tinham vindo para a América. Eram os sobreviventes de uma família austro-italiana de acrobatas e malabaristas, famosa nos circos europeus havia mais de um século. Tinham viajado pela América com meia dúzia de circos e, durante algum tempo, tinham mesmo tido um circo seu. O filho de Mário, António, o nosso "Papa Tony", casou com uma filha de uma outra família do circo, Carla Fortunati. Di Santalis provara ser demasiado complicado para a maioria dos apresentadores americanos, e assim tinham-se tornado nos Irmãos Santellis e mais tarde, quando António se tornara num

dos pioneiros dos voos com retorno no então recentemente inventado trapézio voador, nos Santellis Voadores. Após a retirada de Rico, António tinha actuado com os seus filhos, Joe e Angelo e com a filha, Lúcia.

— Matt Gardner, o meu pai, juntou-se ao número como trapezista base — disse Mário. — Lúcia era então a primeira figura do espectáculo e uma verdadeira beleza. Casaram-se e durante algum tempo ela esteve demasiado ocupada a ter-nos a nós, aos filhos, para ter tempo para voar. Somos quatro: Liss, a minha irmã, é a mais velha, depois sou eu, e depois o Johnny e o Mark que são gémeos. O meu pai morreu eram os gémeos bebés.

Nenhum de nós se lembra dele, nem mesmo a Liss.

— Ele... ele morreu numa queda?

— Não. Morreu de tifo durante uma estada mais longa em Pittsburgh. Após a sua morte, Lúcia voltou à estrada até ter tido o acidente. — Abruptamente empurrou o café já frio. — Vamos, já são horas de irmos para casa, acho eu.

Mário conduziu o carro através do trânsito congestionado do centro da cidade e virou para uma estrada larga e sinuosa orlada por arbustos estranhos, relva e folhas secas. Tommy começou a sentir calor e tirou a camisola. Mário riu-se.

— Espera até te habituares. O nosso clima parece sempre quente aos recém-chegados, mas depois de teres passado aqui dois Invernos também vais tremer de frio quando a temperatura descer para os doze graus. — Guiava de forma arriscada fazendo as curvas muito depressa. Tommy deu por si a querer fazer mais uma dúzia de perguntas. Os irmãos de Mário eram todos trapezistas?

Quantos eram eles na família? Mas ao olhar para a expressão fechada de Mário, perdeu a vontade de lhe perguntar o que quer que fosse.

Subitamente Mário abrandou de novo o carro e olhou para Tommy.

— O teu pai contou-te alguma coisa acerca do Johnny?

— Sobre quem? Não, não contou nada.

— Antes de chegarmos a casa — disse Mário -, acho melhor explicar-te a verdadeira razão de aqui estares. — Manteve os olhos

na estrada. — Quero que percebas isto, que é para não dizeres a coisa errada no momento errado. O que aconteceu foi o seguinte. Sabes que o Lambeth gostou daqueles números de Pares com quatro trapézios que nós fizemos. Para ser honesto, Lucky, eu achava que tu eras demasiado novo e disse-o. Queria Que tu passasses mais um ano a entrar no espectáculo só de Vez em quando, e não que ficasses como efectivo. Angelo e Papa Tony conhecem toda a gente neste negócio, como é evidente, E podiam ter arranjado meia dúzia de homens para o lugar sem qualquer problema, mas nós não costumamos trabalhar com ninguém de fora da família. É uma espécie de tradição familiar — repetiu Mário. — Naturalmente pensámos no meu irmão Johnny.

Ele costumava trabalhar connosco antes de nos termos juntado ao Lambeth. Na realidade, ao princípio, eu era segundo base, com o Angelo, e a Liss e o Johnny eram os voadores. O Johnny como voador não era nada de especial, mas era um base excelente.

Na verdade, quando era bom, era muito, muitíssimo bom, e quando era mau, como se costuma dizer, era péssimo. Ele e o Papa Tony tiveram uma discussão, e o Papa Tony disse-lhe que ele não era digno de se chamar Santelli e o Johnny respondeu-lhe que tudo bem, por ele não havia problema, pois não tinha vergonha nenhuma de se chamar Gardner. O que, como podes imaginar, não tinha por objectivo acalmar os ânimos, muito menos o de Papa Tony.

Tommy pestanejou tentando imaginar alguém a argumentar com Papa Tony. Mário, adivinhando o que ele estava a pensar, deu uma gargalhadinha.

— Bem, o Papa Tony manteve-o no solo — recusou-se a deixá-lo voar — e Johnny recusou-se a voltar a ser um suplente e moço de recados. Deixou o número e foi-se embora; arranjou emprego num grupo de saltimbancos. O que, segundo Papa Tony, é o que existe de mais baixo à superfície da terra. Antes de partir, amaldiçoou os Santellis, passados, presentes e futuros e desde aí, durante todo o tempo que estivemos no Lambeth, nunca mais soubemos nada dele. Suponho que ele deve ter escrito um postal à Lúcia de vez em quando só para lhe dizer que estava vivo, e que não tinha sido chamado para a tropa, ou coisa assim.

Bem. No princípio do Outono vimos uma peça no Billboard sobre os Espectáculos de Freres e Stratton, e um número de trapézio voador, e lá estava o Johnny ali escarrapachado. Por isso, umas semanas atrás, quando decidimos que precisávamos de um quarto homem, a Lúcia sugeriu o Johnny. Foi aí que o Angelo disse em alto e bom som que se o Johnny voltasse ele se ia embora.

"Gostava que o tivesses ouvido. Sabes como o Angelo é calmo. Não chegou a levantar a voz ou a irritar-se, limitou-se a ficar ali sentado a espalhar cinza na carpete de Lúcia, e a dizer que se o Johnny voltasse ele desistia e não havia mais nada a dizer. Foi ele que disse: O miúdo do Zane pode não ser brilhante como o Johnny, mas desde a primeira vez que o Matt o deixou subir ao trapézio a atitude dele sempre foi séria. E continuou:

É claro que ele comete erros, mas podemos confiar que não vai fazer uma acrobacia qualquer disparatada só para se divertir.

E além disso — disse Angelo -, o miúdo é respeitoso. Não se arma em esperto, não é respondão, e não discute o tempo todo."

"E pronto. A decisão estava tomada. O Papa Tony age como se nos possuísse de corpo e alma e eu de vez em quando armo-me em prima donna, mas é o Angelo quem mantém o espectáculo a funcionar e nunca te esqueças disso, miúdo." — O Angelo disse isso? De mim? — Tommy seria capaz de afirmar sob juramento que Angelo nunca lhe prestara a mínima das atenções.

— Foi o que ele disse. Não te estou a contar isto tudo para ficares todo inchado ou coisa assim. Tens quase tudo para aprender e tens de trabalhar como um danado este Inverno se quiseres ir para a estrada connosco na próxima temporada, mas...

— Sei disso muito bem... — Tommy estava atordoado. Então o Angelo gostava dele. Fora o Angelo que intercedera por ele!

— Ótimo. Mas, a questão é esta, miúdo. Johnny era espectacular quando estava para aí virado, mas depois tinha uma ideia maluca, como tentar coisas novas sem avisar ninguém, ou um malabarismo novo em pleno espectáculo sem discutir nada connosco. Era bem sucedido, sem dúvida, ele tem uma sorte dos diabos, mas não se lhe podia dizer nada. Não aceitava ordens.



Não aparecia para os treinos. Dizia que era melhor sem treinar do que nós treinando, e a grande gaita é que ele tinha razão. Ele é bom. É um raio de um génio. Mas aquele tipo de atitude não cola na família. Ele não fazia a parte dele do trabalho chato.

E respondia torto a toda a hora ao Angelo e ao Papa Tony.

Muitas vezes acabava por fazer o que eles lhe diziam, mas queria sempre saber porque é que tinha de fazer isto ou aquilo, e tu sabes como é o Papa Tony e o Angelo também. Eles querem que quando te dizem "Faz isto", tu faças mesmo e sem perguntas, na estrada, essa é a única forma de fazer funcionar o espectáculo.

Todos nós nos fartámos das discussões de Johnny de cada vez que alguém lhe dizia para fazer qualquer coisa, e depois de Johnny se ir embora, tornou-se muito mais fácil lidar com o Angelo; quando o Papa Tony começou a falar em trazê-lo de volta, o Angelo, como eu já disse, fez uma birra. Por isso, resolvemos que em vez disso te íamos dar uma oportunidade a ti.

E, de qualquer forma, se calhar o Johnny mandava-nos a todos para o diabo. E pronto, tu estás aqui e o assunto está arrumado.

Mário respirou fundo ao mesmo tempo que travava e metia o carro por um caminho de gravilha.

## Capítulo VI

O carro entrou por um portal de ferro, com o portão aberto, e meio dependurado nas dobradiças.

— Cá estamos nós. É um lugar bastante monstruoso, não achas?

Ao fundo do caminho de gravilha a casa não passava de um vulto gigantesco, mas Tommy pareceu-lhe ver, ainda que de forma indistinta, janelas ogivais e torreões estendendo-se em todas as direcções.

— É uma monstruosidade — disse Mário com candura. — O meu pai e o Papa Tony compraram-na barata nos tempos do cinema mudo... durante a Depressão. Esta casa foi penhorada para pagar os impostos quando a estrela que era a proprietária se suicidou, ou coisa do género. Desmantelaram o salão de bailes e montaram lá os aparelhos de trapézio. Nessa altura, e durante seis anos, estas foram as instalações de Inverno para oito ou dez grupos de trapezistas. Mas agora quem usa as instalações é só a família. — Saiu do carro levando a mala de Tommy. — O Papa Tony fala de vez em quando em vendê-la e arranjar um sítio mais Pequeno. Nós somos muitos, somos uma família grande, mas não suficientemente grande para um sítio destes. Mas hoje em dia já não se consegue vender um monstro exageradamente grande como este. Nem dar, quanto mais vender!

Estavam mais três carros estacionados na frente da casa:

O Ford cinzento que os Santellis utilizavam quando andavam  
Em digressão, um enorme Hudson preto e um pequeno MG com A  
pintura comida pelo sol e com os pneus e os pára-choques cobertos  
Por uma espessa camada de lama vermelha e argilosa.

A Liss e o David devem ter comprado um carro novo — Disse Mário franzindo o sobrolho. — No entanto aquela lama não é daqui da Califórnia. E a matrícula é do Minnesota? De quem será o carro? — Escancarou a porta.

— Entra, Tom.

À primeira vista o átrio pareceu-lhe enorme e escuro, iluminado por um lustre antiquado que criava mais sombras do que aquelas que eliminava. Em cima de uma arca de cedro estavam espalhados casacos, camisolas e galochas de criança. O chão estava coberto por uma tapete debotada, raspada e quase no fio. No ar pairava um delicioso cheiro a café e especiarias que Mário inalou com prazer.

— Parece-me, pelo cheiro, que a Lúcia está mesmo a preparar-se para o Ano Novo. — Pousou a mala de Tommy e, como se aquele tivesse sido o sinal combinado, Papa Tony apareceu ao fundo do átrio.

— Matt, és tu? E foste buscar... Sim, vejo que foste. Tommy.

Prazer em ver-te. — Atravessou o átrio sem fazer ruído com os seus chinelos de quarto e estendeu-lhe a mão. Tinha as mangas da camisa de cambraia azul arregaçadas deixando ver os tendões fortes e bronzeados dos braços. O farto cabelo grisalho estava cuidadosamente penteado para trás deixando à mostra a testa estreita, e as sobrancelhas cinzentas e hirsutas acentuavam-lhe o cenho franzido. Tommy sentiu que aqueles olhos escuros e astutos, ao fazerem um rápido percurso inspeccionando-o dos pés à cabeça, registavam tudo acerca do seu aspecto, incluindo o botão desapertado da camisola e as esfoladelas dos sapatos.

— Como está o teu pai, Tommy?

— Está bem, muito obrigado.

— Matt, onde é que o vamos pôr?

— Pensei que o íamos pôr no quarto do Johnny.

— Não, o Johnny está cá. — Pronunciou o nome de uma forma que o fez soar a Gianni. — Não viste o carro dele lá fora?

E trouxe a parceira com ele, é uma jovem. Também temos de lhe arranjar um quarto. Bem, a Lúcia terá de pensar em qualquer coisa. — Acenou a Tommy com a cabeça num gesto brusco que, sem sombra para dúvidas, tencionava ser gentil. — Instala-te como se estivesses em casa, meu rapaz.

Mário abriu uma porta do lado direito do átrio que dava para uma sala comprida e de tectos altos. As janelas góticas tinham as cortinas espessas e com a cor comida pelo sol, corridas para os

lados e na lareira enorme ardia um grande fogo. Em volta do fogo, com as costas voltadas para Tommy e Mário, estava aquilo que parecia ser um grupo numeroso de homens, mulheres e crianças; alguns sentados em cadeiras com altos espaldares de cabedal, outros em velhas almofadas de pele e, no chão, uma rapariga mais ou menos da idade de Tommy e um rapaz mais novo. Mesmo no meio do grupo estava um bonito rapaz louro, gesticulando cheio de boa disposição. Tommy ouviu-o dizer:

— ... e então eu disse ao Frenzel o que ele podia fazer às suas ordens e não fiquei à espera para ver se ele fazia ou não.

Nessa noite, enquanto eles desmontavam a tenda, esgueirei-me por entre os camiões estacionados e expliquei ao encarregado dos adereços o acordo que tinha para lhe propor. Tinha duas alternativas, ou dava à Stella o equipamento do pai dela sem armar confusões, ou eu dava-lhe um...

Uma mulher baixa e morena ergueu-se de uma das cadeiras e veio ter com eles. Pôs-se em bicos de pés e agarrou Tommy pelos ombros. Olhou com gravidade durante alguns instantes e depois sorriu.

— Então este é o Tommy — disse. — O meu filho falou-me muito de ti. Matt, não te ouvi entrar.

— E quem ouviria, com Johnny na pista central? — Mário riu-se baixinho. — Tommy, esta é a minha mãe, Lúcia Gardner.

Lúcia, onde é que o vamos instalar? No meu antigo quarto?

— Não. Quando o Papa Tony começar com os treinos tu vais dormir aqui a maior parte das vezes. E que tal no quarto ao lado do Angelo?

No quarto das crianças? Meu Deus, Lu, o berço ainda lá está... a Liss vai querer esse quarto para o bebé. E eu já lhe disse e repeti que não vou dormir aqui!

Lúcia Gardner abriu os braços num gesto bem-humorado.

Tommy deu-se conta de que ela deveria ter sido uma mulher muito bonita. Os elementos da beleza continuavam presentes: a testa alta e inteligente, os olhos escuros e afastados, sob sobrancelhas oblí- quas e bem desenhadas muito parecidas com as

de Mário, e que lhe davam ao rosto um ar permanentemente interrogativo e atrevido.

Era uma mulher pequena, com seios grandes mas uma Cintura esbelta e mãos belas e elegantes. Disse, encolhendo graciosamente os ombros:

— Bem, já é demasiado tarde para eu te dizer onde deves dormir — e virou-se de novo para Tommy. Tinha estado a falar com Mário a grande velocidade por cima do seu ombro. — Tira a camisola, Tommy. Dá-ma cá. — Recebeu a camisola — ele reparou mais uma vez, registando-a, na destreza e graciosidade dos seus movimentos — e pousou-a em cima da mesa como se o gesto fizesse parte de uma qualquer coreografia. — Vem sem-tar-te à lareira e conhecer o resto da família. Não fará mal nenhum a Johnny sair do centro das atenções!

Mário deteve a mãe com um gesto.

— A Liss ainda não veio?

— Não, mandou um telegrama de São Francisco. O Davey está com tosse, e tem um bocadinho de febre, e eles só vêm quando ele estiver bom outra vez.

A expressão de Mário entristeceu.

— Eu queria que o Tommy conhecesse a Liss.

— Bem, podes pelo menos dizer olá ao teu irmão — admoestou-o a mãe bem-humorada. Rodopiando sobre si própria, chamou: — Johnny. — A sua voz não era forte, mas tinha um toque de autoridade. — Cala-te um bocadinho!

Puxou Tommy para a frente, para o centro do grupo, e fez um gesto com o braço chamando as atenções sobre ele.

— Minha gente, este é o Tommy Zane. Estão recordados, fez a sua estreia connosco na temporada passada.

Tommy ficou emudecido perante tantos olhares e rostos — que de repente lhe pareceram iguais uns aos outros — erguidos na sua direcção. Felizmente Mário veio em sua ajuda, passando por entre as cadeiras até ficar a seu lado.

— O nosso novo terceiro voador. Não saltem em cima dele todos ao mesmo tempo, que ele não está habituado a tantos Santellis à sua volta!

Johnny, vendo-se subitamente privado da sua audiência, veio até junto dele. Olhou Tommy de cima a baixo e depois disse:

— Olá, Matt. É então este o protegido de que a Lu nos falou?

— Sim, é o Tommy. Tommy, apresento-te o meu irmão, Johnny Gardner.

— Olá. — Johnny estendeu-lhe a mão. Tinha os caracóis louros e rebeldes e uma pequena marca em forma de crescente — cicatriz ou sinal de nascença -, que lhe dava à cara uma expressão meio interrogativa, meio atrevida. Era tão louro quanto Mário era moreno, mas tinha o mesmo tipo de beleza firme e ousada. Ficaram a olhar um para o outro, Mário sorrindo com nervosismo, e Johnny com os polegares enfiados nos bolsos das calças, bem-disposto mas beligerante.

— A fazer-me sair da luz da ribalta, não é, Signor Mário?

Chego aqui todo cheio de mim porque fui mais esperto que o dono de um circo, dei cabo de um espectáculo, arranjei uma parceira e um contrato para a temporada, e o Papa Tony remata tudo aquilo que eu tinha para lhe contar dizendo calmamente, ah, é verdade, o teu irmão mais velho fez o triplo na temporada passada. Deve ter sido um espectáculo... — acrescentou: — O Tommy estreia-se, e tu sais por aí fazendo triplos por tudo o que é sítio... Deve-se passar algo de estranho com o ar do Texas.

— Pôs a mão no ombro de Mário, e abanou-o ligeiramente. — Muito bem feito, irmão. Gostaria de lá ter estado para ver.

— E vais ver. Que história é essa de teres arranjado uma parceira, Johnny?

Johnny fê-los virarem-se, enfiando um braço no de Mário, e agarrando Tommy por um cotovelo, puxou-os para junto do fogo.

— Venham sentar-se, que eu conto-vos a história toda.

Tommy sentou-se num banco de madeira de costas direitas, perpendicularmente à lareira. Johnny sentou-se graciosamente no chão e estendeu um braço na direcção de uma rapariga loura que estava sentada numa das almofadas. Ela inclinou-se para a frente, sorrindo, deixando-se escorregar para o chão até ficar sentada a seu lado.

Amigos, esta é a Stella Kincaid, e para vossa informação, temos um contrato para a temporada inteira com os Espectáculos Moorcock!

Stella Kincaid era pequena e magra, como uma criança, e vestia uma saia de pregas e uma camisola fofa de lã. Tinha um rosto pequeno e pontiagudo, a pele clara, e o cabelo muito curto e encaracolado que lhe caía em caracóis delicados em torno das têmporas. Tinha as mãos ossudas e os nós dos dedos gretados; as Pernas eram finas e ficavam estranhas nas sandálias sujas que calçava.

Mário sorriu-lhe educadamente e perguntou:

— Dançarina? Ginasta? Bailarina?

— Trapezista voadora — disse Johnny com arrogância -, mas fazia um número de equilíbrio sobre a cabeça, e um número com aros, e acabámos a temporada a fazer um número com alçapões. Anunciavam-nos como Frankie e Johnny, já imaginaste?

— Espectáculos Moorcock, isso é um espectáculo de saltimbancos, não é?

— É um espectáculo misto. Assentam arraiais em feiras de província e locais desse tipo, e dão espectáculos gratuitos para atrair o público.

— Viemos até cá para trabalhar um bom número para o ano que vem, e para pedir ajuda à Lúcia para o guarda-roupa — explicou Johnny. — O Papa Tony foi óptimo a esse respeito.

Eu estava meio à espera que ele fizesse o número do nunca-mais-me-apareças-à-frente conosco, mas ele limitou-se a dizer que sim, e que a casa estava sempre aberta para qualquer um de nós, o que foi muito decente da parte dele, se tivermos em consideração...

— Ele é um velhote muito decente, e nunca te esqueças disso, irmão John.

— Olha, ouve — disse Johnny -, nós herdámos uma mistura de equipamentos e, quando nos piramos, limitámo-nos a enfiar tudo no carro, nem sei para que servem metade daquelas coisas. Não temos para aí o velho trapézio-nuvem da Teresa?

A Lu disse que tu devias saber. Eu estava a dizer à Stella...

A atenção de Tommy desviou-se. Estava a tentar situar-se.

Papa Tony cumprimentara-o e depois desaparecera, não sabia para onde; sentia-se rodeado por estranhas sombras que iam e vinham, e que não eram totalmente reais. Até Mário parecia etéreo e irreal naquele cenário. A jovialidade atrevida de Johnny, a atitude imperiosa de Lúcia, até a beleza de Stella — fantástica como a de uma fada — de joelhos na carpete ao lado de Johnny, fazia com que parecessem tremeluzir, a sua imagem focando-se e desfocando-se, como se fossem as personagens de um filme histórico. Olhou fixamente para a carpete. Estava muito usada, quase no fio, e estava queimada junto ao local onde tinha o pé. Concentrou-se na marca da queimadura que, por qualquer razão, lhe serviu de âncora à realidade. A casa, embora enorme e estranha, era uma casa e não um castelo sinistro. Não passava de uma grande casa antiga, habitada por uma família numerosa e barulhenta.

Um homem baixo, com o cabelo encaracolado e todo branco, aproximou-se de Tommy.

Quando os rapazes começam a discutir equipamentos não se calam durante horas — disse. — Vem cá conhecer os meus filhos. A minha filha é mais ou menos da tua idade.

Tommy não sentia grande vontade de conhecer mais gente, mas assentiu educadamente.

Eu sou o Joe Santelli. Este é o meu filho, Clay, e esta é a minha filha, a Bárbara.

Tommy não prestou qualquer atenção a Clay, um rapazinho gorducho e moreno que não tinha mais de oito anos.

Bárbara era magra, morena e com um aspecto delicado.

Estava estendida na carpete a ouvir a conversa de Johnny e Mário, mas quando o pai lhe dirigiu a palavra virou-se e sentou-se.

Também ela tinha as exóticas sobrelhas oblíquas dos Santellis.

Tommy pensou que deveria ter cerca de 12 anos.

— Olá, Tommy. Estás com a sensação de que aterraste numa casa de doidos? Na maior parte das vezes somos bastante civilizados, mas no Ano Novo... acho que é por nos voltarmos a ver todos outra vez. E este ano até está tudo muito calmo, com a Liss ainda em São Francisco e o tio Angelo algures no México.



Joe disse:

— Tommy, eu conheço o teu pai e a tua mãe. Ainda trabalham juntos nos espectáculos?

Não, senhor. A minha mãe deixou de trabalhar com os leões quando eu era pequenino.

Uma pena — comentou Joe. — São raras as boas domadoras.

Houve uma temporada, lembro-me bem, em que a Beth tinha um número misto, com chitas e um tigre.

Eu era demasiado novo para me poder lembrar, mas vi fotografias assenti Tommy. Achou que era estranho que fosse o trabalho da sua mãe, e não o do seu pai, a ser recordado.

Bárbara olhava Tommy com intensa curiosidade.

Quantos anos tens? — perguntou-lhe.

Quinze — disse Tommy, exagerando em cinco meses.

Eu vou fazer doze este Inverno.

— Também és trapezista? — perguntou Tommy educadamente.

— Quero dizer, visto que fazes parte da família e tudo...

Bárbara fechou os braços em torno dos joelhos.

— A Lúcia deixa-me subir ao trapézio e balançar-me, isto é, quando está com disposição para ficar a tomar conta de mim, e a aborrecer-se de morte. Eu acho que já estou pronta para voar para as mãos do base, mas nisso a Lúcia não me pode ajudar, e o Mário diz que ainda é cedo. — Sorriu, fazendo covinhas nas faces.

— Bem — disse Tommy -, eu já tinha treze anos quando comecei e, para além disso, já fazia um número nos trapézios fixos há muito tempo. E sou provavelmente mais forte que tu.

— Eu sou forte — protestou Bárbara. — Ando numa escola de ballet já há seis anos, e isso torna-me tão forte como os exercícios no tapete. É o Mário quem o diz. — De todos os Santellis, deu-se conta Tommy, Bárbara fora a única que lhe chamara Mário, à excepção de Johnny, e Johnny fizera-o com ironia, obviamente como piada.

— As raparigas da família, todas elas, sempre estudaram ballet — disse Joe Santelli. — A Lúcia era muito boa, e a Elissa poderia tê-lo sido, e a Teresa, é claro, foi bailarina profissional.

Eu não ponho objecções a que Bárbara aprenda a voar se ela assim o desejar, mas eu gostaria de ter uma bailarina na família...

Uma mulher muito pequena e com um ar espectral, enterrada numa cadeira estofada, mexeu-se subitamente, e disse qualquer coisa em italiano. Era grisalha e estava enrolada até ao queixo num xaile branco de tricô, mas o seu rosto, sulcado de rugas e branco como o de um cadáver, tinha os ossos delicados e as sobrancelhas oblíquas dos Santellis. Disse numa voz aguda e doce mas em tom quezilento.

— É o Rico? Porque é que ele não me vem falar?

— Não, não, Nonnina — disse Johnny com gentileza. — Este é o novo parceiro de Matt, o Tommy. Tommy, esta é a minha avó.

Ela parecia suficientemente velha para ser avó de qualquer pessoa, pensou Tommy, até mesmo de Papa Tony, se fosse caso disso. Obedecendo ao sinal de Johnny tomou entre as suas a mão magra e frágil que ela lhe estendia, dizendo polidamente.

— Muito prazer em conhecê-la, minha senhora.

Os olhos mortícios agitaram-se denotando grande confusão.

Estamos à tua espera há imenso tempo — disse com irritação, pestanejando.

Sobressaltado, Tommy protestou:

— Desculpe, eu não...

Não faz mal — sussurrou-lhe Bárbara -, não discutas com ela. Ela não sabe...

A velha senhora disse num tom surpreendentemente brusco.

Sei perfeitamente o que se está a passar, Lúcia. Pensas que eu não sei que hoje é Dia de Ano Novo? Vocês os jovens são todos os mesmos, não têm respeito pela disciplina. — Falava um inglês claro e perfeito, mas qualquer coisa na sua entoação denotava não ser aquela a sua língua materna, e o sotaque acentuou-se à medida que foi continuando a falar. — Rico, se desses ouvidos ao teu pai, e não passasses o tempo com gente sem valor e com vadios... — Interrompeu-se e depois tartamudeou numa voz baixa e insegura: — A Lúcia... a Lúcia andava à tua procura, acho eu...

Lúcia Gardner reaparecera na ombreira da porta e Mário, a atenção subitamente desviada por ela, disse:

— Pronto, Johnny, falamos nisso depois — e ergueu-se.

Alcançou Tommy em duas passadas. — Anda, é melhor instalares-te no teu quarto antes que alguém to roube. — Curvou-se sobre a pálida e velha senhora roçando-lhe as faces amarelecidas com os lábios. — Buon giorno, Nonnina, come sta?

Ela sorriu-lhe, os lábios a tremer, e disse qualquer coisa em italiano de que Tommy não percebeu palavra. Sussurrou para Mário:

Que se passa? Eu disse alguma coisa que não devia, alguma coisa que a aborreceu?

Mário mordeu o lábio.

Não, mas o que ela disse foi: "Porque é que o Rico não vem dar um beijo à mamã?" — A velha senhora estava com um ar inseguro e infeliz, virando, confundida, a cabeça de Mário para Tommy, os olhos desmaiados rasos de lágrimas. Num impulso Tommy dobrou-se como Mário fizera e beijou a velha face enrugada. Ela sorriu, pôs a mão livre no rosto de Tommy, e falou-lhe em italiano até Mário a convencer pacientemente a deixá-lo ir.

Lúcia esperava-os junto à porta. Mário perguntou:

— Arranjou lugar para toda a gente, Lu?

— Acho que sim. Há duas camas no quarto de Bárbara; a rapariga, a Stella, terá de ficar numa delas, e a Bárbara terá de se convencer que não poderá ter amigas a dormir cá em casa este Inverno. Quando o Angelo vier, a Tessa fica a dormir no meu quarto até voltar para o convento, e ele pode ficar no quarto de Papa, assim a Liss e o David podem ficar no quarto de Angelo ao pé do quarto do bebé. O Tommy pode ficar com o teu quarto, e o Johnny, ou partilha o quarto com o Clay, ou põe um divã na sala de costura, como preferir. Queres que vá contigo e te ajude a instalares-te?

— Não, nós cá nos arranjamos, Lulu, mas é melhor ir ter com a Nonna. Ela pensa que o Tommy é o tio Rico.

— Madre Santíssima! Ele...

— Tudo bem, Lulu, ele reagiu como um verdadeiro membro da família. Mas se conseguisse que ela percebesse...

— Sim, eu sei. Muito bem, Matt, leva-o para cima. — Lúcia passou por eles e foi ter com a velhota.

As escadas largas e sinuosas estavam cobertas por uma tapete escura e gasta, mas o patamar era amplo com uma bela balaustrada em cerejeira. No cimo das escadas, e ao longo do largo corredor, portas entreabertas deixavam ver para dentro dos quartos: um deles era forrado a papel amarelo, com o linóleo do chão decorado com coelhinhos e tinha um berço; um outro era uma divisão espaçosa com cortinas de um algodão rosado; mais à frente a porta entreaberta de um outro quarto deixava ver uma divisão escura e desarrumada, com duas malas abertas no chão de onde saía um monte de roupa amarrotada. Mário disse, enquanto viravam uma esquina do corredor:

— Suponho que deves ter percebido que a minha bisavó não está sempre no seu perfeito juízo. Nem sempre nos reconhece.

Se ela te chamar por outro nome qualquer faz o mesmo que fizeste há pouco lá em baixo, responde-lhe e pronto. Ela já tem quase noventa e quatro anos. Ao Papa Tony reconhece-o quase sempre, ele é o seu filho mais velho, e na maioria das vezes a Lúcia consegue fazer-se entender, embora a maior parte do tempo a Nonna lhe chame Clara — era a mulher do Papa Tony, a minha avó. Mas quanto ao resto de nós.... bem, a Liss e eu habituámo-nos a ela quando éramos pequeninos.

O Joe disse que ela era avó dele. — Tommy ainda estava a tentar perceber quais os parentescos. — O Joe é um dos irmãos do Papa Tony? — Mal as palavras lhe saíram da boca viu que não tinham lógica.

Meu Deus, não! O que é que te fez pensar uma coisa dessas? Não, ele é irmão da minha mãe, ele... Ah, claro — disse Mário subitamente -, o cabelo. Ele tem o cabelo branco há anos... ficou com o cabelo branco quando tinha só cerca de quarenta anos. É mais velho que a Lúcia mas não muito. A mulher dele, a Stacy, morreu há já muitos anos. Não era trapezista.

Ao fundo do corredor Mário abriu uma porta.

— É aqui. Este é o meu antigo quarto, onde vais ficar instalado. O do lado é do Clay, e o da Bárbara é em frente; passámos pelo antigo quarto da Liss, e pelo quarto do bebé.

Vais ter de partilhar a casa de banho com os miúdos, suponho.

Há outra no rés-do-chão, por baixo das escadas. O Joe, a Nonna e o Papa Tony ficam todos lá em baixo na outra ala, e o quarto do Angelo é ali... — Apontou. — Há mais quartos lá em cima no terceiro andar, mas fechámos o andar todo há já vários anos, já custa bastante aquecer este velho celeiro, mesmo assim. E, nas traseiras da casa, há a velha sala de baile. É da altura dos três andares, e não é muito maior que o Hollywood Bowl.

Entrou no quarto.

— Vi a Lu trazer a tua mala aqui para cima. — Abanou a cabeça, exasperado. — Quem me dera que ela pedisse a um dos miúdos para lhe fazer esse tipo de coisas; as costas dela não são assim muito fortes.

O quarto era estreito e escuro, com um papel de parede antiquado, às riscas. A mobília também era escura e demasiado grande, atafulhando o espaço; uma cama larga, uma cómoda enorme e uma cadeira.

Provavelmente vais encontrar coisas minhas no armário e nas gavetas da cómoda — disse Mário. — Se calhar vais mesmo ter de me aturar a dormir aqui de vez em quando, por uma ou duas noites, se os treinos estiverem a ser muito frenéticos, já que este ano toda a gente está a partilhar os quartos. — Foi até à janela e puxou as cortinas de cretone para os lados. — Estou contente por aqui estares. Tommy. Acho que lá em baixo não tive oportunidade de to dizer.

— Eu também estou contente por cá estar.

— Eu estava a contar-te a história do tio Joe, não estava? — Mário veio até à cama e sentou-se-lhe aos pés. — Quando eu era miúdo — começou -, Joe e Lúcia eram as estrelas do número... as estrelas do espectáculo. Nessa altura estávamos no Starr, no Grande Espectáculo, na pista central. Depois, foi há cerca de nove anos, houve um acidente terrível.

— O meu pai disse qualquer coisa a esse respeito. Só que a minha mãe não quis falar nisso à minha frente — disse Tommy.

— Que foi que aconteceu, Mário?

Mário apoiou a nuca nas mãos entrelaçadas.

— Foi bastante horrível — disse numa voz baixa. — O Mark, é o meu outro irmão, não conheces, o Mark foi o único de nós, miúdos, que assistiu, e costumava acordar a meio da noite, durante meses a fio, aos berros. Sempre agradeci a Deus não ter assistido. Sim, porque o Mark nunca conseguiu voar, nunca conseguiu subir ao trapézio. De cada vez que tentava, e ele tentava mesmo, seja o que for que te digam a esse respeito, ficava verde e desmaiava.

— Como é que isso aconteceu?

— Só Deus sabe. A Liss e eu tínhamos estado na pista antes desse espectáculo. A Liss tinha quinze anos, e eles tinham começado a deixá-la participar nos espectáculos de vez em quando.

Mas nesse dia não estava a trabalhar. E foi uma sorte não estar.

Joe estava a treinar-me a mim e à Liss, na plataforma, e depois a Lúcia apareceu para ensaiar. Mandou-nos tomar banho, a mim e à Liss, mas o Mark ficou para assistir ao espectáculo e viu tudo. Um dos elos das correias do trapézio partiu-se, e a Lúcia e o Joe caíram juntos. O Joe tentou amortecer a queda da minha mãe, enrolou-se à volta dela e bateu num dos esticadores com a cabeça. Foi um milagre não terem morrido os dois ali mesmo, mas neste tipo de acidentes nunca se sabe, O Barney Parish uma vez caiu em cima de um esticador, ressaltou para o chão e nem sequer ficou magoado, só torceu um polegar. De qualquer das maneiras, a Lúcia partiu as duas omoplatas e as clavículas, e chegaram a pensar que ela tinha partido a coluna também. Andou a entrar e a sair dos hospitais durante um par de anos, e fez todo o tipo de operações. Recuperou maravilhosamente, tentou mesmo voltar a voar, mas um dos ombros tinha sido demasiado atingido.

"O Joe, no entanto... toda a gente pensou que ele estava óptimo, nem sequer tinha desmaiado. Toda a gente estava de volta da Lu, chamaram uma ambulância, levaram-na para o hospital, pensando que a coluna estava esmagada, e que ela talvez nem sobrevivesse àquela noite. Toda a gente pensou que o Joe estava óptimo. Entrou para fazer o espectáculo da noite, mas enquanto subia pela corda caiu. Disse que não conseguia ver. Ao cair da corda partiu um braço, mas os verdadeiros estragos haviam ocorrido

durante a queda com a minha mãe. Ficou cego durante três semanas — tinha um nervo qualquer na cabeça que fora afectado.

E quando recuperou a visão já não conseguia suportar altitudes, nem sequer conseguia trepar pela corda. Não era que tivesse perdido a coragem, ou coisa do género. Pura e simplesmente não se conseguia equilibrar. Havia qualquer coisa errada na sua cabeça, passava a vida a ter tonturas horríveis, caía a toda a hora, nem sequer conseguia andar. O cabelo ficou-lhe todo branco num par de meses. Foi... — Mário abriu os braços num gesto de impotência — foi horrível. Ainda acompanhou o espectáculo durante algum tempo depois de voltar a conseguir andar bem, mas nunca recuperou totalmente das tonturas. Ainda as tem por vezes. Disseram-lhe que eram vertigens. Acabou por desistir e por se instalar aqui na cidade. Tem umas concessões de um parque de diversões na praia.

Tommy fechou os olhos. O rosto do homem baixo com o cabelo branco de neve pareceu-lhe subitamente insuportável, com a sua vivacidade.

Coisas assim acontecem nesta profissão — disse Mário com sobriedade. — Uma escorregadela e pumba! Num momento na pista central, no topo do Mundo, no minuto seguinte, em sítio nenhum. Se me acontecesse a mim antes queria partir o pescoço, e acabar com tudo de uma vez por todas.

Isso é uma coisa muito mórbida para se dizer! — disse Tommy zangado. Sentiu um arrepio; estava frio no pequeno quarto Escuro.

Mário endireitou as costas e inclinou-se para abrir a mala de Tommy.

Não quis dar esse sentido, a sério. O Joe esteve muito Mal durante uns tempos, mas agora está bem. E o acidente Não o fez ficar mórbido nem nada. Ele gosta imenso de nos ver treinar, e está a deixar a Barby aprender a voar. Acho que sou eu que estou deprimido por a Liss ainda não ter chegado. Queria mesmo vê-la.

Ajudou Tommy a desfazer as malas e a arrumar a roupa, e desimpediou as gavetas da cómoda. Depois de terem fechado a última gaveta Mário disse:

— Agora vou levar-te à sala de treinos, e fazer-te uma visita guiada.

As escadas das traseiras eram estreitas e estavam empoeiradas, e as portadas duplas ao fundo da escada eram ornamentadas, de madeira esculpida, mas estavam bastante sujas, fazendo um estranho contraste com o ar brilhante e limpo do resto da casa.

Ficaram ligeiramente empenadas quando Mário deu ao puxador; e ele acabou por ter de lançar todo o seu peso contra uma delas fazendo-a escancarar-se, deixando ver a enorme sala de treinos.

Lá dentro, Mário dobrou-se e desatou os atacadores dos sapatos.

— Regras da casa. Manda os teus para dentro daquela caixa, Tommy.

A caixa em questão era de madeira tosca e tinha Maçãs Keith estampadas num dos lados, mas um bocado de feltro fora-lhe colado ao fundo, de modo que deslizava silenciosamente pelo chão.

— O Papa Tony manda polir o chão todos os Dezembros — explicou-lhe Mário -, e Deus tenha misericórdia de quem o riscar. Ele conhece de memória todas as solas de sapatos cá da casa.

Mário acendeu uma luz. As luzes fluorescentes eram a única coisa moderna em toda a sala. As paredes em torno da sala estavam cobertas por espelhos emoldurados em velhos caixilhos dourados, escurecidos pelo tempo, e enquadrados por esculturas de madeira em estilo rococó, vestígios dos tempos em que a sala fora um salão de baile. As paredes eram imensas e os espelhos, reflectindo as esculturas e as luzes, faziam-nas parecer ainda maiores, como se a sala se estendesse até ao vazio do espaço. Uma enorme extensão de pavimento, polido até brilhar, reflectia as luzes que brilhavam bem lá em cima, no tecto. Tommy, habituado às salas de treino improvisadas em celeiros, utilizadas pela maioria dos artistas de circo, estava impressionado e espantado e, anos mais tarde, o mistério constituído por Papa Tony perpetuar-se-ia encontraria a sua solução na memória dos sobrados polidos e da preservação das antigas esculturas de madeira.



O trapézio fora montado ao fundo da sala; um grande embrulho envolto num saco de tela — a rede desmontada — ficava-lhe por baixo. A sala era tão grande que os aparelhos de trapézio não a atafulhavam nem pareciam ter falta de espaço. Perto de uma das paredes laterais estavam presas ao tecto barras e uma escada de corda. A cerca de quatro metros e meio de altura fora montado um único trapézio fixo; um outro, a cerca de dois metros e meio de altura, tinha um grosso colchão de quedas por baixo de si. Mário apontou para o trapézio mais baixo.

— É dos miúdos — explicou. Deslocando-se silenciosamente em meias, conduziu Tommy até ao centro da sala. Sobre as suas cabeças, mesmo por cima da porta por onde tinham entrado, ficava uma pequena galeria.

— É a antiga galeria dos músicos — disse Mário. — Tem uma porta que dá para a parte da frente da casa. As pessoas podem sentar-se lá em cima para nos observar, embora também haja uma espécie de regra relativamente a isso. Vais ficar a pensar que isto aqui é pior do que a tropa, com esta minha conversa toda acerca de regras, mas na realidade, fora da sala de treinos, isto é uma verdadeira Casa da Liberdade. Ninguém discute com a avó, mas à parte disso, não tem grande importância o que cada um faz.

Aqui dentro, no entanto, temos regras rígidas e cumprimo-las.

Parecia estar à espera de comentários, por isso Tommy disse:

— Acho que provavelmente tem de ser assim.

Claro. Se alguém desrespeita uma das regras e isso aplica-se a qualquer pessoa, não só aos trapezistas, do Papa Tony ao Clay, então esse alguém põe-se de joelhos e puxa o lustro ao chão. Parece um disparate — riu-se Mário -, mas funciona; ficarias admirado de ver como funciona. O chão é enorme, e depois de lhe teres puxado o lustro uma vez, duas no máximo, com os outros a tua volta, e a rirem-se de ti, não voltas a desrespeitar a mesma regra.

Que regras são essas? — perguntou Tommy apreensivo.

Sobretudo são coisas óbvias, do senso comum. — Mário abriu uma porta — Esta Porta da Para o vestiário. É o que lhe chamamos, embora a família, como é lógico, costume mudar de roupa nos

quartos. Mas o Papa Tony treinou muita gente e, durante umas quantas temporadas tivemos umas dúzias de grupos a entrar e a sair, utilizando este local como sala de treinos durante o Inverno. E esta é a sala dos equipamentos... — Abriu uma outra porta que dava para uma confusão bafienta que cheirava a metal, a cordas, a resina e a pó. — Guardamos aqui o equipamento que não está em uso: cordames velhos, colchões de ginástica, esse tipo de coisas. Estas salas costumavam ser copas, ou os alojamentos dos criados, ou coisa assim. E agora — disse com dramatismo enquanto fechava as portas -, vou apresentar-te às regras da família. Fazemos sempre uma pequena cerimónia destas ocasiões.

Levou Tommy até àquilo que parecia ser um quadro numa das paredes, mas não se tratava de uma pintura. Era um papel muito velho e amarelecido, coberto por uma bela ortografia gótica em tinta desmaiada. Tommy pôs-se em bicos de pés para conseguir ler, e depois afastou-se, desapontado.

— Mas está escrito em italiano!

— E em que outra língua poderia estar? Duvido que o velho Mário Santalis tenha alguma vez aprendido inglês. Ele morreu antes de eu ter nascido, claro, por isso não tenho a certeza. Mas naquela altura as famílias do circo eram muito mais tipo clã do que agora. E todos nós, quando nos desorientamos, ou fazemos amor, ainda o fazemos em italiano. Nunca ouviste o Papa Tony quando ele perde completamente as estribeiras?

Tommy fez que sim com a cabeça, rindo-se. As explosões de Papa Tony já eram, depois de uma única temporada, lendárias no Circo Lambeth.

— O Papa Tony mandou emoldurar isto depois de o pai ter morrido; são uma espécie de tradição familiar. Há uma cópia dactilografada na parede do vestiário. Anda cá, vou lê-las para ti — disse Mário, mas em vez de ler o papel inclinou a cabeça para trás e citou de memória.

— As seguintes regras serão sempre observadas pela nossa família:

"Um. É proibido fumar em qualquer circunstância na sala de treinos.

Dois. Não serão usados sapatos quer no solo quer nos aparelhos.

Três. É proibido treinar sem que a rede esteja firmemente segura no seu lugar.

Quatro. Não será permitido a ninguém trabalhar no alto trapézio quando sozinho.

Cinco. Em circunstâncias nenhuma as roupas de passeio serão usadas nos aparelhos.

Seis. Os ociosos e os estranhos só poderão assistir se lhes for dada permissão."

Todas as infracções à disciplina serão adequadamente punidas.

A escrupulosa observância da disciplina é o que distingue o artista.

Ali de pé, ouvindo a voz calma e grave de Mário, Tommy teve a consciência súbita e extraordinariamente clara de que era aqui — e não lá em cima em frente do fogo acolhedor, mas aqui na sala vazia, fria e poeirenta, por trás da protecção do vidro da moldura — que batia o verdadeiro coração daquela casa. Sentiu um arrepio ao olhar para a arrogante assinatura europeia, que era tudo o que conseguia ler:

Mário di Santalis.

— Como vês — disse Mário sorrindo -, todas as regras fazem sentido. Não importa quão seguro estejas de ti, nunca, mas nunca treinas sem rede, e ninguém, nunca, vai para os trapézios sem que alguém esteja presente. Os sapatos de sair dão cabo do chão, e ficarias surpreendido ao descobrir quão grande é a tentação, quando se quer tentar qualquer coisa e não apetece ir mudar de roupa, de subir para o trapézio com a roupa que se traz vestida.

E, quanto à outra regra.... Nem é preciso explicá-la, numa família como esta toda a gente fica curiosa de saber o que os outros andam a fazer. Portanto o sistema funciona assim: Quando se está a trabalhar, tem-se precedência automática sobre qualquer outra Pessoa que não faça parte do número. Por isso, se decidires que, durante as próximas semanas, enquanto estás a voltar a adquirir boa forma não queres que a minha mãe ou os miúdos te vejam trabalhar e não te iludas, que eles estarão curiosos — pede-lhes que

saiam. Eles não vão pensar que és malcriado; é a forma como funcionamos na família. E isso funciona para os dois lados.

Se qualquer outra pessoa estiver aqui a treinar ou a ensaiar, por exemplo o Johnie e a Parceira dele, e tu entrares, perguntas se Podes assistir. Se eles disserem que sim, muito bem, podes assistir, daqui de baixo ou da galeria, como preferires. Se eles disserem que não, tu desapareces imediatamente sem discutir e sem ficar ofendido.

— Estou a perceber.

— Alguns de nós não nos importamos, e outros importam-se que os vejam. A Liss, por exemplo... a minha irmã. Enquanto está a treinar fica nervosa como tudo, e alguém a observá-la põem-na : completamente maluca. O Papa Tony ainda é pior que a Liss, embora se controle muito melhor. — Tommy lembrava-se de Papa Tony, na estrada, a correr com os miúdos do circo do pé do trapézio durante os ensaios. — Ao Angelo tanto se lhe dá, e a Cleo sempre adorou exhibir-se. E por aí fora.

Tommy perguntou-se quem seria Cleo, e como se sentiria o próprio Mário em relação a ter ou não assistência durante os treinos, mas não foi capaz de perguntar. Mário continuou:

— Os trapézios mais baixos, os dos miúdos, não contam.

Podes trabalhar neles, nos colchões e nas paralelas sem ninguém por perto, se assim o desejares. Bárbara treina aqui os exercícios de ballet na barra, é por isso que temos ali aquele espelho.

A Lúcia mandou instalá-lo quando eu e a Liss éramos pequenos.

— Disseste que não vivias aqui em casa, não foi?

— Não, não vivo. Amo a minha família, mas por vezes tenho de me afastar ou dou em doido. Já me chega o fratellacio com que apanho na estrada.

— Chega-te o quê?

Mário riu-se.

— Irmandade. Mas não repitas a palavra como eu a disse ao Papa Tony. A forma correcta é fratellanza. Seja como for, tenho uma casa em Santa Mónica. Venho aqui comer na maioria das vezes e,

quando os ensaios são muito duros, durmo cá. Mas gosto de ter uma casa só minha. Oh, eles provocam-me por causa disso. A Liss está sempre com piadas acerca do meu antro de ópio. A Lu está provavelmente convencida de que arranjei a casa para lá levar mulheres... e o Angelo gostaria que eu as levasse.

O quê?

Mário soltou uma risada seca.

— É uma piada de família. Esquece, está bem?

Mas a Tommy aquilo não lhe soara a piada e perguntou subitamente:

Tens uma namorada?

De um momento para o outro Mário ficou zangado.

E onde diabo é que tu queres que eu tenha tempo para namoradas? Passo oito meses por ano na estrada e no resto do tempo estou a trabalhar. Não, não tenho namorada.

Mas não era assim que as coisas se passavam, nem mesmo na estrada. Havia homens no circo que conheciam raparigas em todas as cidades e, de qualquer forma, havia duas mulheres por cada homem no circo. De que estava o Mário a falar? Mas não insistiu e virou-se para as regras emolduradas.

— O que é que dizia ali em baixo, acerca da disciplina?

— A escrupulosa observância da disciplina — leu novamente Mário — é o que distingue o artista.

Papa Tony repetiu as palavras junto à porta entreaberta.

Atravessou a sala e Tommy reparou que ele até descalçara os chinelos macios e ficara descalço. Mas mesmo descalço, e com as mangas arregaçadas, continuava a ter o ar altivo de um rei no seu domínio.

— Podias ter esperado até amanhã para a visita guiada, Matt — repreendeu-o com brandura. — Tenho a certeza de que o Tommy deve estar cansado e com fome. — Mas Tommy teve a sensação de que ele até ficara satisfeito por os encontrar ali.

Papa Tony pôs uma mão no ombro de Tommy e a outra no ombro do seu neto. — Vejo que já te apresentaram às tradições da nossa família. Ele disse-te há quantos anos a família di Santalis é uma família de artistas, aqui e na Europa? Mas não deixes que isso

te intimide, filho. Aqui és um de nós e, como ele te disse, tens os mesmos direitos que qualquer um de nós. E para lá daquela Porta, e sorriu repentinamente com um sorriso que lhe iluminou O rosto todo -, continuas a ser um de nós. — A Tommy parecia-lhe incrível que o velhote severo que ele tanto temera pudesse sorrir assim. Passou o braço em torno dos ombros de Tommy, e continuou a abraçá-lo enquanto disse: — Quero que saibas o que eu disse à família e ao teu Pai também, antes de tu teres vindo. Nós não aceitamos estranhos nos Santellis Voadores, Tommy. Qualquer um que faça parte do nosso número, qualquer Um que leve o nome dos Santelli Para a pista, tem de ser um de de nós. Esperamos tratar-te exactamente como qualquer um de nós — acrescentou com gravidade -, como um filho, como um irmão, e não como um estranho que trabalha connosco.

Mas presta-me atenção, meu rapaz... — Virou-se e agarrou Tommy firmemente pelos ombros. — Isso é uma responsabilidade, também.

A não ser que estejas disposto a ser um de nós, um filho da casa, um bom filho obediente e um irmão mais novo para nós, e não um convidado ou um estranho, então não seremos bem sucedidos. Tu aqui não podes ser uma visita.

Tommy sentiu-se embaraçado pela intensidade das palavras do velhote, mas também comovido. Disse baixinho:

— Vou tentar.

— Ótimo, ótimo. — Papa Tony largou-o sorrindo, e franziu o nariz na direcção do aroma que entrava pela porta aberta. — Acho que o jantar está pronto. A Lúcia não tarda estará a chamar toda a gente. Matt, leva o Tommy para cima, e indica-lhe onde poderá preparar-se para o jantar.

— Certo. Anda... — Mário hesitou, olhou de relance para o avô e disse: — Anda daí, irmãozinho.

Tommy apercebeu-se nesse momento que tinha de facto frio, estava muito cansado e, apesar do grande pequeno-almoço que tomara, estava cheio de fome. A tensão da viagem e das apresentações estava a dissipar-se de repente. Perguntou-se o que seria o jantar — cheirava optimamente, mas o odor era tão estranho

que ele não conseguia imaginar o que seria. Ajoelhou-se obedientemente ao lado de Mário para retirar os sapatos da caixa que estava no chão antes de subir as escadas.

## *Capítulo VII*

A sala de treinos estava às escuras quando, uns dias mais tarde, Tommy abriu a porta, mas uma réstia de luz esgueirava-se por entre a porta entreaberta do vestiário. Entrou e viu Mário ajoelhado a um canto entre duas caixas de cartão enormes.

— Que se passa, Mário? Estás a rezar?

— Nem por isso. — Mário endireitou-se. — Tarefas domésticas.

Para o ano este trabalho caber-te-á a ti. O mais novato é quem fica com o trabalho sujo.

Na sala pairava um estranho odor a cânfora, cola e um cheiro bafiento que não conseguia identificar. Mário debruçou-se outra vez sobre as caixas.

— Todos os anos prometemos que faremos isto no último dia da temporada, e todos os anos acabamos por enfiar tudo dentro de caixas dizendo uns aos outros que será muito mais fácil tratar disto em casa. Quando damos por isso já estamos no Ano Novo e é altura de preparar tudo outra vez para a temporada seguinte.

Tommy esquecera-se de descalçar os sapatos. Dobrou-se rapidamente, sentindo-se culpado, para os desatar e levou-os para dentro da caixa na sala de treinos. Quando voltou já Mário acabara a sua exploração preliminar das caixas. Agarrou numa delas e despejou o seu conteúdo no chão. Um monte de tecidos, pretos, Verdes, brancos e dourados caiu todo junto de dentro da caixa, espalhando-se depois numa catadupa desordenada pelo chão.

Mário repetiu o processo com a outra caixa, e espalhou bolas De naftalina que rolaram para os cantos da sala fazendo barulho ao rolarem pelo chão. Mário olhou para a pilha de roupa sem entusiasmo.

Que confusão! — Viu o olhar de Tommy e riu-se. — Acaba Por ser tudo guardado junto no fim da temporada e cabe-me a mim separar isto tudo, decidir o que ainda serve para outra temporada, o



que pode ser remendado e usado nos treinos ou coisa do género, e o que deveria ter ido para o lixo durante a digressão em vez de ter sido trazido para casa.

Tommy estava divertido e espantado. Os Santellis eram tão metódicos quando andavam na estrada... eram quase obsessivos.

Comunicou a Mário o que estava a pensar.

— Sim, e quando chegamos ao fim da temporada já estamos tão fartos de verificar e reverificar cada pequeno pormenor que, todos os anos, na última noite quando nos estamos a preparar para ir embora, tudo o que conseguimos pensar é: "Cos diabos, vamos enfiar mas é tudo dentro das caixas, e vamos embora para casa." A sala onde estavam tinha cerca de quatro metros quadrados, e a luz entrava por uma enorme janela com vidro martelado.

Junto a uma das paredes estava um balcão baixo com uma bacia a meio — a sala fora em tempos uma copa — e os armários por cima e por baixo do balcão tinham sido toscamente adaptados como cacifos. Na outra parede estava pendurado um quadro que servia para afixar papéis, e Tommy foi inspeccioná-lo.

Mário seguiu-o lentamente.

— Isso é uma cópia das regras da casa, mais ou menos, em inglês — disse. — Foi a Lúcia quem a afixou aí quando havia muitos estranhos a entrar e sair a toda a hora.

Tommy ergueu-se nos bicos dos pés e leu:

**TODOS OS APARELHOS DE GINÁSTICA SÃO PERIGOSOS QUANDO USADOS IMPROPRIAMENTE!**

Para sua e nossa segurança, pedimos-lhe que observe as seguintes regras:

1. Por favor não use sapatos nem traje de passeio na sala de treinos em circunstância alguma.

2. NÃO suba para os aparelhos quando não acompanhado pelo seu treinador ou instrutor.

3. Não faça Quaisquer ajustamentos ou alterações nos aparelhos em circunstância Alguma!

4. Minhas senhoras, o vosso cabelo deve estar preso com segurança para que não vos caia para os olhos!

5. Por favor não fumem nas instalações.

SERÁ VEDADO O ACESSO À SALA A QUALQUER PESSOA QUE VIOLE ESTAS REGRAS DE FORMA PERSISTENTE!

Ficarias admirado — disse-lhe Mário -, com o número de pessoas que acham estas regras idiotas. Mas o Papa Tony pôs fora uma meia dúzia de pessoas por não as acatarem, sem levar em conta quanto pagavam para treinar aqui ou para ter lições. Podia contar-te uma anedota acerca de cada uma dessas regras. Mas nunca tivemos aqui nenhum acidente grave, e temos orgulho nisso.

Havia mais coisas afixadas no quadro: meia dúzia de histórias aos quadrinhos com histórias de circo que haviam sido recortadas de jornais e revistas, umas quantas fotografias esborratadas tiradas na sala de treinos, mostrando vários membros da família e alguns estranhos, e uma pequena placa de madeira pintada que dizia apenas: Abaixo a Lei da Gravidade.

Tommy riu-se.

— Claro, se não fosse a gravidade tínhamos o problema resolvido!

— Oh, não tenho assim tanta certeza. Sem a força da gravidade toda a gente seria capaz de voar, e como é que nós ganhávamos a vida?

Um grande pedaço de cartão sem moldura estava preso com pregos à outra parede; tinha escrito em letras infantis mas muito bem desenhadas:

ESCOLA DE TRAPÉZIO VOADOR E REFORMATÓRIO DE ANGELO SANTELLI Mau Feitio Lágrimas e Birras devem ser entregues à gerência (por questões de segurança)

LASCIATE OGNI SPERANZA, VOI CFTENTRATE Em toda a Volta Junto às margens, estavam desenhadas a lápis Pequenas figuras rudimentares de trapezistas: um macaco pendurado Por um dos pés de Um trapézio uma rapariga com um Grande rabo de cavalo a passar por dentro de um arco seguro por uma figura grotesca com um bigode enorme, um base pendurado de cabeça para baixo consultando um relógio enorme cujos ponteiros marcavam a meia-noite. Os desenhos eram amadores mas tinham a perspicácia característica das caricaturas; o boneco de , bigode era obviamente Papa Tony, e a rapariga do rabo de cavalo era muito parecida com

Mário, com as sobrancelhas oblíquas de toda a família. Tommy riu-se às gargalhadas.

— E quem é que fez isto?

— A minha irmã Liss — disse Mário. — Tinha cerca de quinze anos, acho eu.

— O que querem dizer as palavras em italiano?

— "Abandonai toda a esperança vós que aqui entrais" — traduziu Mário. — São as palavras que supostamente estão escritas por cima dos portões do Inferno de Dante.

Tommy riu-se.

— Escola de Trapézio Voador e Reformatório, hem?

— Foi durante um período de descanso de Inverno — disse Mário. — O Angelo tinha começado a deixar-nos fazer algumas figuras e passagens para o base. E... bem... A Liss tem mau feitio.

Um dia o Angelo gritou com ela. Uma observação qualquer perfeitamente normal, normal para o Angelo, claro. Qualquer coisa como: "Mantém-me esse rabo gordo metido para dentro!" Tu sabes como ele é delicado.

Tommy deu uma gargalhada recordando-se de alguns comentários cheios de tacto feitos por Angelo.

— Ah! sim, claro.

— Bem, a Liss ficou tão perturbada, ou ofendida ou ultrajada, ou lá o que foi, que se lançou para a rede e fez uma birra aos berros, ali mesmo. E Angelo, que nunca aturou esse tipo de coisas, desceu cá para baixo e deu-lhe uma sova. Aí a Liss teve um ataque de histeria, e pôs a casa toda em polvorosa, e a Lúcia e a Nonna vieram a correr, e a Lu deu com uma toalha molhada na Liss. Pensando bem foi a grande comoção do ano. Liss já tinha sido bastante castigada quando finalmente foi lá para cima, e depois de se ter acalmado o Papa Tony fez-lhe o seu Discurso Número Três, aquele que versa sobre disciplina e auto-controlo, e proibiu-a de pôr os pés na sala de treinos durante uma semana. Esse é o passo seguinte daquilo a que o velho Mário chamava "punição adequada".

É um nó acima do polimento do chão ou de se ficar sem mesada. Bem, no dia seguinte quando voltou da escola, ela esgueirou-se para o quarto de Angelo e prendeu isto na bainha do

roupão dele. E quando ele foi tomar duche depois do treino deu com aquilo e ouviam-se as gargalhadas dele pela casa toda. Todos nós nos rimos com aquilo. Na verdade acho que a Lúcia falou com o Angelo acerca de ele ter deitado a Liss no joelho, na idade dela, e a ter espancado como um bebé, e pela primeira e última vez na história da família, foi-lhe levantado o castigo; o Angelo trouxe isto para aqui e afixou-o no lugar de honra. Desde então provocamo-lo sempre com a Escola de Trapézio e Reformatório.

— A tua irmã deve ser uma miúda dos diabos.

— E é mesmo. — Mário deu um pontapé no monte de roupas misturadas. — Anda, vamos lá começar com isto. Para o próximo ano posso empurrar este trabalho todo para cima de ti, e acho que vais ficar com ele até o Clay crescer.

Agarrou numa mão-cheia de calças de ginástica pretas, enroladas como cobras, e atirou-as a Tommy.

— Toma, procura rasgões e buracos de traça. Se não tiverem remédio põem-nas aqui nesta caixa para o homem do trapo. Se só estiverem coçadas põem-nas aqui para a Lúcia e a Liss, quando chegar, as remendarem, que ficam para os treinos.

Tommy sentou-se com as calças no colo. Cheiravam a bafio, mas por baixo do cheiro a naftalina desprendia-se o velho odor familiar a resina, serradura e suor; o cheiro da sua infância. Mário estava a escolher um monte de sapatilhas e chinelos.

— O Angelo devia ter mandado estes fora no ano passado — disse ele lançando um velho par de chinelos de pano para dentro da caixa dos trapos. — Matriculaste-te na escola?

Um de nós deveria ter ido contigo.

Correu tudo bem. Puseram-me no segundo ano do secundário.

A que horas é que saís à tarde? Por volta das três?

Bem, era sobre isso que eu queria falar contigo. A Senhora Santelli, quero dizer, a tua mãe, só que ela é Senhora Gardner, não é?

Interrompeu-se recordando o encontro que tivera com ela. Apenas há uns minutos, no patamar do primeiro andar, quando Lhe explicara as questões relacionadas com a escola. Ela dissera Com um dos seus gestos elegantes e decididos:

— Oh, Tommy, toda a gente aqui, até o meu neto, me chama Lúcia. Porque é que haverias de ser a única exceção?

, Ele ficara embaraçado.

— Não sei porquê não me parece educado, Senhora Santelli...

. quero dizer, Senhora Gardner...

E ela respondera com o seu riso doce:

— Vês o que quero dizer? É simplesmente demasiado complicado. — Mas a voz doce tinha um toque autoritário.

Contou a conversa a Mário.

— Não sei, não me parece... bem, respeitoso. À minha mãe dar-lhe-ia uma coisa. Achas mesmo que eu a devia tratar assim?

— Se é o que ela quer, porque não? Todos nós o fazemos.

Segundo Angelo diz, isso costumava dar cabo da cabeça ao meu pai. Quando Liss não passava de um bebé a aprender a falar, a Lu tornou perfeitamente claro que não queria que lhe chamasse Mama, e todos nós crescemos a chamar-lhe Lulu. E o Papa Tony sempre foi para todos nós o Papa. Acho que ele morreria de choque se alguém, até mesmo o Clay, lhe chamasse avô. Para quê argumentar? Chama-lhe o que ela quiser. Parece-me bem que isso é que é verdadeiramente bem-educado.

: — Bem, acho que sim — assentiu Tommy algo duvidoso. — De qualquer maneira ela ofereceu-se para me levar à escola esta manhã, mas eu disse-lhe que podia ir sozinho. No entanto, todas as escolas aqui funcionam em dois turnos, e eu fui colocado no turno da manhã.

— Ótimo — disse Mário. — Posso manter o meu emprego na escola de ballet durante mais algumas semanas. Se tu tivesses escola à tarde o Papa Tony queria que eu me despedisse imediatamente para podermos treinar de manhã.

— Então parece que assim fica tudo bem. — Tommy enfiou um , dedo por um buraco de traça. — Não sei, mas acho que a tua mãe tem de ser muito boa a remendar para ser capaz de arranjar estas.

, — Ora bolas, também me parece — disse Mário. — Enfia-as aqui com os outros trapos. As outras estão tão más como essas?

— Não, estas aqui só estão um pouco coçadas nos pés, mais nada.

— Bem, já não é mau. — Mário estava a virar nas mãos uma sapatilha preta de ballet bastante usada. — E como é que isto veio aqui parar, pergunto eu?

Mário, diz-me uma coisa que já há algum tempo te queria perguntar. Como é que começaste a ensinar ballet?

Nervosamente, Mário virou a sapatilha do avesso e voltou a pô-la direita.

Oh, eu não ensino a dançar. Só ginástica acrobática e exercícios no tapete aos miúdos que querem aprender ballet.

Mas eu comecei por ser bailarino antes de ter começado a voar.

Olhou fixamente para a sapatilha que tinha nas mãos. — Inscreveram-nos a mim e à Liss na escola de ballet quando éramos muito pequenos; íamos todos os Invernos. Depois, quando a Lúcia e o Joe tiveram o acidente, passámos a ir durante o ano inteiro.

O Johnny nunca se interessou por aquilo, nem o Mark, mas eu continuei sempre. Quando fiz dezasseis anos ofereceram-me um lugar no grupo de bailado do Studio Ballet. Mas o Papa Tony já tinha decidido levar-nos a todos em digressão. E... não sei... uma vez na estrada, como que me apaixonei outra vez pelo circo. Mais tarde, deixei de voar outra vez durante um ano, pois o avô Gardner quis que eu fosse para a universidade, foi no ano em que a Liss se casou. Ele disse que me mandava para a Universidade de Berkeley, a mesma em que o meu pai estudou; pagava-me as propinas, as despesas, tudo. Eu nessa altura já não queria ir.

Já começava a conseguir ser suficientemente bom como base para aparar um voador num duplo, e já tinha esta mania de um dia vir a fazer o triplo. Mas Angelo disse que eu devia tentar durante um ano, e eu fui.

— Então andaste na universidade?

— Sim. Não te rias. Pensei que um dia gostaria de vir a ser professor.

Não me estou a rir. Acho que darias um bom professor — disse Tommy. — Há tantos tipos horrorosos no ensino. Tu sabes, andaste na escola.

Não, não andei. Nunca fui à escola. Passávamos a vida na estrada. Quando a Lu era estrela do Starr, era suficientemente

importante para lhe darem um tutor para os miúdos, mas depois do acidente limitei-me a viver praticamente na escola de ballet.

Mas passei os exames de admissão sem problemas. Parece que Tinha um QI alto ou COISA assim. E gostei bastante de andar na Faculdade.

— Então porque é que desististe?

— Não desisti — disse Mário, a sua expressão subitamente impenetrável. — Fui expulso.

— Mas porquê?! — explodiu Tommy, chocado.

Mário pareceu-lhe, nesse momento, frio, estranho, completamente adulto; um desconhecido.

— Tu fazes demasiadas perguntas. Se queres mesmo saber, embebedei-me. Meti-me em sarilhos, e dos grandes, e fui parar à cadeia, e depois fui expulso da escola. Vamos escolher a porcaria da roupa, ou vamos ficar aqui a fazer perguntas intrometidas um ao outro? — Atirou com a sapatilha debotada para dentro da caixa.

Tommy curvou a cabeça sobre o monte da roupa, a cara a arder como se Mário lhe tivesse batido. Correu cuidadosamente os dedos ao longo das costuras das calças de ginástica, passou os dedos pelas biqueiras e calcanhares procurando coçadelas, passando os olhos pelas virilhas à procura de rasgões. Como tantas vezes acontecia com Mário, Tommy sentiu que estava a avançar por terrenos escorregadios e desconhecidos. Nunca sabia quando ia dizer ou fazer a coisa errada.

Já desde os tempos em que Mário o começara a ensinar a balouçar-se na barra que Tommy se defrontava com aquele temperamento imprevisível. Durante alguns minutos Mário era amigável, paciente, encorajador; mesmo quando se ria dele ou lhe gritava, era com companheirismo, amigavelmente. Depois, sempre sem qualquer aviso, como se um vento invisível tivesse virado, o humor dele mudava, e ele dizia asperamente: "Já chega... agora pira-te, anda!" A princípio Tommy culpara-se a si próprio, à sua estupidez e lentidão a aprender, de esgotar a paciência de Mário; mais tarde começou a perguntar-se se Mário não seria incapaz de se concentrar durante muito tempo. Mais recentemente apercebera-se

que não era disso que se tratava, que não era uma irritabilidade vulgar, e que nada tinha a ver consigo.

Mário estava ajoelhado no chão, a cabeça curvada, sacudindo casacos e cintos ornamentados com brilhantes. Tommy observou-o pelo canto do olho. O cabelo chegava-lhe ao pescoço, e estava a precisar de um corte. Tinha vestidas umas calças de ganga coçadas e uma velha camisola de gola alta — Tommy perguntou-se quantas teria ele, e se alguma vez vestira outra coisa e, coçadas, tinha uma sandálias mexicanas de sola direita Miúdo... — disse Mário por fim.

— Sim?

Ouve, atingiste-me num ponto sensível, é só isso. Desculpa ter disparatado daquela maneira. É uma longa história e não muito agradável. Um dia conto-ta. Anda, ajuda-me a desvencilhar desta confusão. Atira essas toalhas para ali; precisam de ser lavadas.

Tommy foi e começou a separar roupas do monte, separando calças de ginástica, cintos, camisolas decoradas com lantejoulas, toalhas e roupões. Mário pegou num rolo da gaze larga com que habitualmente ligavam os pulsos, enrolando-a de novo.

— Tom, há mais uma coisa. Queres fazer-me um favor?

— Claro, se eu puder...

— Sabes que te vão anunciar como Tommy Santelli? Bem, ouve, não te estou a pedir que mintas nem nada, mas se eu te levar a um sítio qualquer, e sou capaz disso, vou apresentar-te com esse nome e deixar que toda a gente pense que és o meu irmão mais novo, está bem? Mesmo que eu te chame Tommy Gardner não me contradigas, tá?

— Sim, está bem, como queiras — concordou Tommy, confuso.

Mário levantou a cabeça e já estava a sorrir de novo.

— Sabes, é que eu acho que o Papa Tony estava a falar muito a sério. O que ele disse, não sei se percebeste, foi para mim.

Não foi para ti.

Não te estou a perceber — disse Tommy completamente espantado.

Importas-te de ser o meu irmão mais novo?

Bolas, não, se consegues aguentar-te com isso eu também consigo — disse Tommy. Estava de novo a pensar que, com Mário,



nunca se sabia em que pé é que se estava.

Na manhã seguinte, lá em baixo na enorme sala de treinos, Começaram a trabalhar. Tommy viu-se de relance num dos velhos Espelhos, enquanto faziam uns exercícios preliminares de extensão E flexibilidade: um rapaz magro, de pernas altas, com uma camisola demasiado grande e em calções de ginástica. Há muito tempo que deixara de se sentir embaraçado com a sua aparência, mas a baixa forma em que se encontrava perturbava-o.

Mário — em tronco nu, e vestindo umas calças de ginástica pretas e curtas, com os joelhos e os pés remendados — apoiava-se à barra fixa à parede e erguia, alternadamente, uma e outra perna acima da cabeça. Virou-se e sorriu-lhe.

— Não vais levar mais de um ou dois dias para ficares outra vez em forma. Não te esqueças que eu treinei o Inverno inteiro.

É claro que tenho de estar em boas condições. — Ficou apoiado na ponta de um dos pés. — Sabes qual foi a pior coisa que já me aconteceu, ou uma das piores? Tinha eu, o quê, aí uns quinze anos e estava a ensaiar para um recital de bailado. Estava cheio de orgulho porque conseguia fazer aquelas coisas complicadas, saltos bem altos, rotações rápidas, piruetas, sabes como é. Sabias que um bailarino aprende a fazer piruetas como um trapezista?

Exactamente da mesma maneira? E conseguia erguer a perna mais alto do que toda a gente. E um dia o senhor Court, era o nosso professor, ralhou comigo e disse: "O teu problema, Matt, é que tu não és um bailarino, não passas de um raio de um acrobata!" Eu naquela altura ainda era suficientemente novo para ir para casa e faltar-me de chorar por causa daquilo. — Mário riu-se. — O mais engraçado é que ele não fazia a mais pequena ideia de ! como estava certo. Não sabia que eu e a Liss éramos de uma família do circo; usou o termo unicamente como insulto genérico.

. Tommy riu-se pouco à vontade.

— Bem, quando eu era pequeno o meu pai disse-me que a pior coisa que se podia dizer a alguém no mundo do espectáculo era: "Que todos os teus filhos sejam acrobatas!"

Mário deixou a barra e atravessou a sala.

— Anda, vamos fixar a rede e fazer uma surpresa aos outros quando aqui chegarem.

Trabalharam em silêncio. Mário com gestos precisos e , concentrados, parando a espaços para supervisionar e verificar a forma como Tommy fixava as cordas. Quando acabaram de . testar a rede, Mário saltou para o chão com uma cambalhota.

— Que horas serão? Tens de te preparar para a escola e eu tenho de me barbear e ir para o emprego. A minha primeira aula de hoje é às dez e meia. Podemos deixar isto para a tarde. Nessa altura já cá vamos estar todos.

Tommy sentiu um desapontamento pouco razoável; não se apercebera até então de quão ansioso estava por voltar ao trabalho.

Mário ficou a olhá-lo e depois encolheu os ombros.

Ora, já agora podemos ver se ainda temos o ritmo certo.

Eu próprio não subo lá acima desde o Outono.

Enquanto subia a escada de corda, pareceu a Tommy que as paredes, ameaçadoras, espessas e opressivas, se fechavam sobre si. Lançou um olhar pouco confiante ao trapézio calculando o arco que as cordas descreveriam. De repente imaginou-se a bater com a cabeça numa das paredes demasiado próximas. Segurando-se à escada de corda com uma das mãos, olhou pouco à vontade para a clarabóia do tecto. Se se desse um impulso demasiado forte, demasiado alto, podia muito bem bater-se lá em cima...

— Toma atenção ao que estás a fazer! — gritou Mário. — Essa corda está a ficar torcida como uma cobra!

Repreendido, Tommy concentrou-se na subida, sentindo o impacte do peso de Mário atrás de si. Subiu para a plataforma e virou-se para fixar a corda enquanto Mário se lhe juntava. Ficaram os dois ali por uns instantes, Mário assobiando uma música baixinho. Depois disse, Andiamo, e fez sinal a Tommy para que desenganchasse a barra do grande gancho a que estava presa.

Apertou-a uma ou duas vezes mas não ficou satisfeito. Esticou os braços e apertou as mãos em torno do saco com resina, depois voltou a agarrar a barra e lançou-se no espaço, impulsionando-se até conseguir um movimento suave, regular e direito como uma

seta, nos quatro balanços simples de aquecimento com que começava sempre os seus treinos.

Depois, voltando à plataforma, saltou. Tommy esticou o braço e agarrou a barra, mas esta desviou-se atingindo Mário num cotovelo. Este desequilibrou-se momentaneamente, passou um braço num dos cabos e rosnou:

Vê o que fazes! Se queres apanhar a barra quando eu a largo, então agarra-a! Não ma atires contra a cara!

Tommy disse "Desculpa", mas Mário já tinha voltado a agarrar na barra e saído da plataforma. O trapézio descreveu uma curva, o corpo do homem fazendo-o descrever um arco impecável; ergueu-se rolando sobre a barra numa viragem perfeita. No voo de regresso, e tão rapidamente que Tommy teve dificuldade em distinguir os movimentos, enfiou os tornozelos no meio das mãos e ficou a balançar-se, o corpo dobrado num arco invertido. Depois passou-se por cima e em torno do trapézio, dependurou-se momentaneamente pelos calcanhares e mergulhou na rede, caindo de costas e deixando que as cordas esticadas o lançassem bem alto no ar.

Coxeando em direcção à escada de corda, gritou para cima:

— É a tua vez!

Ficou de pé ao lado de Tommy na plataforma, de cenho franzido, enquanto este agarrava na barra.

— Cabeça erguida, os cotovelos mais flectidos, e não franzas a cara, não és nenhum halterofilista!

Tommy lançou-se no espaço. Por instantes pareceu-lhe que ia voar direitinho à parede em frente. Quando chegou ao ponto extremo do movimento, Mário gritou "Volta-te!", mas não tinha o ritmo certo. No rápido movimento giratório em que trocava de mãos e virava o corpo para ficar de frente para a plataforma, perdeu a pega. Mário gritou "Larga-te!", mas os reflexos de Tommy já haviam flectido os seus músculos na posição de rolamento; enquanto caía, era suficientemente experiente para saber que não podia ficar pendurado por um só braço — virou-se, caiu de costas e ressaltou na rede.

— Bem, pelo menos ainda sabes cair — gritou Mário -, mas o que é que se passou?

Tommy ia dizer que as paredes à sua volta lhe haviam parecido demasiado próximas, mas engoliu as palavras.

— Não sei. Falhei, foi só isso.

A porta gemeu e abriu-se.

— Ei, rapaz — perguntou uma voz conhecida -, decidiste começar bem cedo?

Tommy virou-se, os pés presos nas malhas da rede. Mário gritou "Angelo!" e mergulhou da plataforma. Tommy caiu para um dos lados quando Mário atingiu a rede, próximo de si. Mário saltou da rede e correu através da sala até onde Angelo estava dobrado a desapertar os sapatos. Abraçaram-se e Angelo sorriu a Tommy quando Mário o largou.

— A começarem a temporada com avanço, é?

Vestido com um fato cidadão, Angelo parecia mais cheio e mais baixo, muitíssimo diferente de si próprio; só a voz e o sorriso eram os mesmos de sempre.

— Quando é que chegou? — perguntou Mário.

Eram cerca das quatro da manhã, não nos ouviste? A Lúcia desceu e fez-me um café; ficámos na cozinha até agora a conversar.

Não, não dormi aqui, só vim cedo para pôr a rede no lugar antes de ir para o trabalho. Como estava o México?

Quente como o diabo, como de costume, e igualmente irritante. Pó, falta de água potável, cavalos a adoecer, e o raio dos trapezistas passavam mais tempo atrás das senhoritas do que a fazer o que deviam. Um deles caçou demais nos sítios errados e acabou com uma dose daquilo-que-tu-sabes, e eu tive de acabar a temporada a substituí-lo no número, raios os partam a todos.

Separámo-nos em Loredó anteontem à noite. A Tessa é que se divertiu que se fartou. Voltou a falar tão depressa em espanhol que nem eu conseguia perceber o que ela dizia. Ela até queria assistir a uma tourada, mas eu achei que havia limites. Mas estava toda excitada porque fez lá uma amiguinha e foi a convidada de honra na festa da primeira comunhão da amiga; houve uma missa especial para os miúdos na igreja da Missão. E é claro que foi um grande sucesso com toda a gente do espectáculo. Participou nos desfiles, e uma rapariga de um número de equilíbriço ensinou-a a fazer

piruetas, e a equilibrar-se sobre a cabeça. Até lhe pôs um cinto de segurança e deixou-a subir a um trapézio. Pus fim àquilo muito rapidamente, é claro. Mas três dias mais tarde tive de subir ao aparelho do trapézio voador e tirá-la da plataforma.

O diabinho tinha subido sozinha!

Mário riu-se:

— Onde é que eu já ouvi isso? Parece que o Johnny fez o mesmo quando tinha cinco anos.

Sim, eu lembro-me. Deixei-lhe o rabo vermelho por causa disso. A Tess deu-me cabo da cabeça durante toda a viagem de regresso para a deixar ir connosco para a estrada este ano.

E porque é que não a deixas vir? Há muitos miúdos no Lambeth.

, Se a Liss ainda estivesse connosco, íamos ver se eu não levava a Tess connosco! É o diabo ter de passar oito meses longe da minha filha — disse Angelo.

Onde é que ela está agora? Deixaste-a no convento?

Não, está lá em Cima na cama da Lúcia; nem acordou Quando eu a trouxe para casa. Levo-a para o Holy Name no Próximo fim-de-semana. Sabes, eu disse à Lúcia...

— Ei — interrompeu-o Mário abruptamente -, que horas são?

— Um quarto para as oito — disse Angelo e Mário assobiou.

— Põe-te a andar, Tommy, tens de ir para a escola — ordenou, e Tommy, obedecendo como sempre, sentiu um ressentimento pouco razoável quando ouviu as suas vozes retomarem a conversa atrás de si.

Nessa tarde, quando regressou à sala de treinos, estava apreensivo e estranhamente excitado. Mário e Angelo, ambos em fatos de treino, estavam de pé junto à base do aparelho do trapézio voador; viraram a cabeça quando Tommy entrou, mas não lhe prestaram mais atenção. Descalçou-se e ficou à espera que acontecesse qualquer coisa. Passado algum tempo Papa Tony entrou seguido por Lúcia. Olhou em torno de si e ficou com uma expressão furiosa, as narinas tremendo com desdém.

— Angelo — disse -, estás deseioso de começar a temporada dando uma boa polidela ao chão, é?

Lúcia cobriu a boca com a mão para esconder um sorriso.

Angelo, que tirara distraidamente um maço de cigarros do bolso, apressou-se a voltar a pô-lo no mesmo sítio.

— Onde está o Johnny? — perguntou Papa Tony. — Ele e a sua jovem amiga não vêm treinar connosco?

Lúcia apressou-se a dizer:

— Eles pediram-me que os ajudasse a trabalhar num outro número, Papa. Vão treinar à noite para não incomodar.

Papa Tony voltou a lançar um olhar zangado a Angelo mas , limitou-se a dizer:

— Muito bem. Vamos então começar? Assim como assim, é melhor que saibamos o que vamos ter de aperfeiçoar até à Primavera.

Antes de fazerem um intervalo já Tommy estava quase sem respiração, a pingar suor e com os nervos desfeitos; mas também já percebera que não eram só os principiantes que levavam ralhetes. Naquele dia, Papa Tony concentrara-se em Angelo, mas Mário também não escapara. Angelo e Mário tinham-se criticado um ao outro tão duramente, com gritos e rosnadelas, que faziam lembrar a Tommy um par de jovens leões. Quanto a Tommy, apanhou de todos os lados; não podia mexer um dedo ou um pé sem provocar o desdém de toda a gente.

Estava cansado como nunca estivera em toda a sua vida.

Tinha os calções e a camisola de tal forma ensopados em suor e deixava marcas húmidas na barra, e cada músculo doía-lhe como um dente inflamado. Mas gostou; agora já não se tratava de uma mera brincadeira.

Finalmente Papa Tony virou a cabeça na sua direcção.

Desce. Estás cansado.

Não, não estou, eu estou bem — protestou Tommy faltando à verdade.

Os olhos escuros de Papa Tony faiscaram. — Já disse que já chega. Estás a começar a tremer... e quando se treme, cai-se. Põe-te já lá em baixo e veste a camisola.

Tommy esquecera-se de trazer uma camisola para a sala de treinos tornando-se assim no primeiro alvo das lendárias explosões

de Papa Tony.

— Vais então andar por aí pelas escadas frias e cheias de correntes de ar com a roupa encharcada em suor? Basta! Mereces apanhar uma pneumonia! E de pernas nuas como um amador ou uma mulher! Arranja um par de calças de ginástica antes de vires para aqui outra vez, estás a ouvir-me? Agora desce daí! Sai do aparelho e sai da sala!

Mas quando Tommy tentava abrir a porta ouviu a sua poderosa voz de baixo erguer-se de novo.

— Angelo, per nome di Dio, será que no México te esqueceste de como se descia por uma corda? Estás a escorregar por aí abaixo, e o que é que te acontece à pele dos pulsos?

E, por falar nisso, onde estão as protecções dos teus pulsos?

Pensas que lá por ser o primeiro dia tens cabedal em vez de pele nos pulsos? Seu trapalhão, seu...

Tommy fechou a porta sobre uma torrente de italiano sincopado, mas ouviu-a voltar a abrir-se e fechar-se devagarinho atrás de si. Mário, subindo as escadas em pontas dos pés atrás de Si murmurou:

Achei melhor escapar-me antes que o Papa Tony começasse a atirar com mimos na minha direcção!

A vida de Tommy entrou rapidamente numa rotina própria:

Treino com Mário bem cedo de manhã, escola, outro treino com Toda agente ao fim da tarde. Cerca de uma semana mais tarde, Quando estava a acender as luzes da sala para o treino da manhã-Mário tinha sido encarregue de dar a Tommy o treino extra de que ele necessitava — ouviram passos nas escadas das traseiras e Johnny entrou na sala. Parecia maior, mais sólido, com as calças de ginástica coçadas que em tempos haviam sido vermelhas.

— Importam-se que treine convosco? — perguntou em tom de desafio. — A Stel não se consegue levantar a esta hora.

Precisam de um base?

— Anda daí — disse Mário desinteressadamente. — Tom, não te importas, pois não?

— Não, tanto se me dá.

— Vamos lá ao trabalho, então — disse Mário. — Até agora tenho feito de base para o miúdo, mas posso ajudá-lo melhor da plataforma se tu estiveres no trapézio base. — Começou a subir pela corda outra vez e depois virou-se. — Isso faz-me lembrar outra coisa. Diz à Stella que nos faria um grande favor se de vez em quando se levantasse e viesse treinar connosco. Estou a ensinar Tommy a trabalhar no trapézio base, a coordená-lo com os outros trapézios e essas coisas, mas ele ainda é um peso pluma, não me conseguiria agarrar sem partir os braços. E não acho que a Bárbara esteja pronta para passar para as mãos do base.

A Stella não pesa muito, pois não?

— Não, não... Deve pesar aí uns quarenta quilos, ou coisa assim. Está bem, eu peço-lhe. Mas para que é que estás a ensinar o Tommy a trabalhar a base? Pensei que ele ia ser voador.

— Porque — explicou Mário pacientemente — é uma boa ideia aprender-se como é dos dois lados. E se a Stella vai fazer parte do número da família, deveria começar a fazer a sua parte...

— Pronto, pronto — Johnny dobrou-se como se se estivesse a esquivar de um murro -, poupa-me ao discurso. Vejo que és saidinho do velho molde da Escola de Trapézio Voador e Reformatório de Angelo Santelli. — Afastou-se e começou a verificar as cordas do seu lado da rede. Depois começou a subir para o trapézio base. — Vamos lá ver como estamos a voar, Signor Mário... e aproveito para dar uma olhadela ao teu protegido.

Enquanto observavam Johnny a ganhar impulso e depois a deixar-se cair para trás até ficar na posição de base, Mário disse baixinho:

— Eu vou primeiro. Quero ter a certeza de que ele não vai fazer macaquices.

Tommy observou com olhar crítico enquanto Mário se lançou No ar deu uma cambalhota para a frente por cima da barra e apanhou os pulsos de Johnny, numa pega perfeita sem tensão nem atabalhoamento. Acenou com a cabeça enquanto voltava para o seu trapézio.

Perfeito, Johnny — gritou. — Ficarias ofendido se eu te dissesse que também tu és saidinho do velho molde da Escola de



## Trapézio e Reformatório?

Quando foi a sua vez de voar para as mãos do base, Tommy apercebeu-se imediatamente de que Johnny era um base hábil e competente; ficou instantaneamente consciente da precisão das mãos de Johnny nos seus pulsos quando ficaram juntos pelas mãos entrelaçadas, e do pequeno impulso extra que este lhe deu, impelindo-o de volta no momento exacto que Mário lhe deu sinal para que se soltasse. Apesar disso sentia-se um pouco contrariado.

Tinha tido imenso prazer naqueles treinos matinais a sós com Mário. E embora afastasse aquele pensamento — Bom Deus, parece um miúdo da escola a tentar monopolizar a atenção do melhor amigo! — continuou a sentir um estranho ressentimento pouco definido.

Nesse dia ao fim da tarde, depois do treino de grupo, Papa Tony foi vestir-se para o primeiro andar, mas Mário ficou a trabalhar mais um bocado com Angelo. Tommy estava a segurar-lhes na barra num dos extremos quando, lá em baixo, a porta se abriu e fechou e uma voz feminina e doce perguntou:

— Posso assistir?

Liss! — gritou Mário, e Tommy, olhando para baixo, viu uma rapariga na ombreira da porta. Àquela distância distinguia apenas uma saia azul, a cabeleira escura e uma camisola mais ou menos da mesma cor do cabelo.

— Não desçam, continuem! — gritou a rapariga. Sentou-se no Chão. Instantes depois pôs-se de pé com um salto lançando os Sapatos para dentro da caixa, e atravessou a sala a correr até ao aparelho de trapézio.

Mário fez Sinal a Angelo lançou-se pelo ar na barra e deu Um mortal Simples Para a frente. Mas em vez de voltar para a plataforma largou as mãos de Angelo caindo na rede, deu uma cambalhota para o chão e correu na direcção da rapariga, erguendo-a com um abraço exuberante.

— Liss, Liss, pensei que nunca mais cá chegavas! Vem cá a baixo, Tommy — gritou.

A rapariga deu a Tommy um aperto de mão rápido e firme e sorriu-lhe alegremente.

— Então é este o Tommy. Li muitas coisas acerca de ti, no ano passado, nas cartas de Matt.

Elissa Gardner Renzo era uma rapariga bonita, morena e elegante, com o sorriso pronto e cheio de vivacidade. Tinha um cabelo escuro e abundante puxado para fora do rosto, num rabo de cavalo sedoso, e caracóis esparsos por cima dos olhos afastados e de um azul surpreendente. Nos braços de Mário parecia muito pequena.

— Onde está o rebento, Liss?

— O Davey? Oh, deixei-o lá em cima com a Lúcia. Vai passar pelo menos os próximos três dias a saltar de um colo para outro.

E o Johnny, Deus o abençoe, arrastou o David para ir ver o carro de desporto dele. Mas eu queria vir imediatamente aqui para te ver, Matt, e ao teu protegido. Ele é mesmo bom?

— MUITÍSSIMO bom — disse Mário muito sério.

Angelo juntou-se-lhes no solo; beijou Liss na face e deu-lhe um grande abraço.

— Olá, gatinha. Vieste para ver o famoso triplo?

Ela virou para ele os olhos azuis cheios de excitação.

— Não posso esperar. Oh, Matt — agarrou de novo nas mãos do irmão -, a Lu contou-me, é tão maravilhoso, depois deste tempo todo!

— Fi-lo uma única vez na estrada, mas depois disso já consegui mais uma meia dúzia de vezes. Nos dias bons. Nos dias maus nem tento. E hoje não, doçura, se não te importas...

Estou demasiado excitado por te ver. Estás com um ótimo aspecto, Liss.

Ela deu um pequeno puxão inseguro nas cordas do aparelho.

— Posso subir?

Mário pareceu algo constrangido, mas disse calmamente:

— Se quiseres, Liss. — Virou-se para Angelo e Tommy num tom exageradamente brincalhão — Parece-me que a rapariga está com saudades de casa!

E estou. — Depois olhou para Tommy, envergonhada, disse: — Mas estou destreinada. Não subo a um trapézio desde que o Davey nasceu.

A escolha foi tua, Liss — disse Mário. — Estás arrependida?

Não. O David é mesmo um anjo. E o Davey é um cordeirinho, agora já deixei de ter medo de o deixar cair. E uma senhora casada e mãe de família não pode andar para aí a voar nos trapézios dos circos pelo país todo. E etecetera por aí fora.

— A tua mãe andou — fez-lhe notar Angelo -, e muito bem, muito obrigado. Recomeçou a voar quando tinhas seis semanas.

Ela riu-se.

— Estou só a citar o David, tio Angelo. E estou totalmente feliz, de verdade. Oh, eu não exibiria a minha técnica enferrujada à frente de qualquer pessoa, Matt, mas gostava de tentar outra vez... digamos que pela última vez. Não, não é isso que quero dizer. Quando o Davey for mais velho, quem sabe? Mas... Matt, por favor? Angelo?

Mário riu-se.

— Quanto é que pesas, meu anjo?

— Quarenta e cinco quilos, completamente vestida e encharcada, a pingar — ripostou-lhe ela. — Perdi peso desde que o Davey nasceu e não o contrário!

Angelo apertou as mãos em torno da sua cintura estreita e ergueu-a no ar.

— Acredito que tenhas, de facto — disse aprovador. — Belos abdominais, rijinhos, também.

Pousou-a no chão e ela deu uma risada. Mário aproximou-se por detrás e agarrou-lhe os cotovelos. "Allez-y", murmurou, e elevou-a num arabesco complicado. Ela ergueu-se delicadamente sobre as pontas dos pés e deixou que ele a levantasse bem alto e em equilíbrio.

Quando ele a pôs no chão deu uma pirueta rápida, girou sobre si própria e deixou-se escorregar numa pose graciosa...

É o melhor que consigo fazer sem sapatilhas de pontas — confessou.

Sim, ainda te magoas nos tornozelos se te pões em pontas descalça — disse-lhe Mário. — Sabes bem disso.

Mas que par de bailarinos! — resmungou Angelo com um gesto de repugnância divertida.

— Se quiseres realmente subir ao trapézio, Liss — disse Mário -, eu faço de teu base.

— Não sei. Deixa ver como me sinto depois de me balançar umas quantas vezes, está bem? — Depois olhou para Angelo com alguma incerteza. — Oh, mas vocês estavam a treinar...

— Esquece — disse Angelo. — De qualquer das maneiras, contigo aqui, eu não ia conseguir que o Matt trabalhasse mais nada. E de qualquer forma estávamos quase a terminar. Queres que eu fique por aqui e te marque os ritmos, ou coisa do género?

Mário abanou a cabeça.

— Não, obrigado. Nós cá nos arranjam.

— Não que se queiram ver livres de mim, não é? — riu-se Angelo. — Muito bem, fica aqui a brincar com os rapazes, Liss.

Eu vou lá acima ver o que é que o meu sobrinho preferido já cresceu.

Liss gritou nas suas costas:

— Não se atreva a dar-lhe doces — mas ele bateu com a porta, rindo-se. Ela disse com aspereza: — Cada vez que cá venho o Davey fica totalmente mimado.

— O que só lhe faz bem — disse Mário. — Trouxeste umas calças de ginástica, doçura? Não podes subir para o aparelho com essa roupa.

Ela desabotoou a cintura da saia azul e tufada sem olhar sequer para Tommy e despiu-a descontraidamente. Aquilo que ele pensara serem meias pretas eram as pernas de um maillot de ballet. Ergueu os braços e prendeu o cabelo mais firmemente com a fita que trazia posta. Depois recuou um ou dois passos olhando para a grande sala vazia com uma concentração total. Metodicamente ergueu os braços acima da cabeça e lançou-se numa série de rodas firmes e de um equilíbrio perfeito. Caiu de pé no outro extremo da sala, acenou-lhes e riu-se.

— Muito bem, já provaste aquilo que querias — disse Mário. — Sobe lá para cima, se queres.

Tommy segurou-lhe na corda. Ela subiu com destreza, apoiando cuidadosamente os pés envoltos pelas meias pretas; a corda não se torceu nem balançou. Mário murmurou a Tommy:

— A Liss costumava ser bastante boa para uma rapariga. A maior parte das raparigas são más voadoras. Conseguem balançar-se de um lado para o outro e ficar bonitas penduradas na barra, mas têm o centro de gravidade demasiado baixo para os exercícios mais complicados. Mas ela não era má.

Mário, preferes que eu me vá embora? Disseste-me uma vez que ela detesta que a observem...

Não, fica onde estás... eu quero que tu fiques. Mas fica cá em baixo mais um bocado. Vou subir com ela primeiro e vê-la balançar-se antes de a deixar passar para a base.

Subiu para se ir juntar à irmã e ficaram lado a lado na plataforma.

Tommy conseguia ouvir as suas vozes mas não o que diziam. Passados uns minutos Elissa esfregou as mãos com resina e lançou-se na barra. No extremo do arco descrito pelo trapézio inverteu a pega, puxando-se para cima da barra e ficando sentada como uma criança num baloiço; depois baixou-se até ficar pendurada pelos joelhos. Depois de três oscilações voltou a erguer-se, tomou a barra entre as mãos e saltou com limpeza para a plataforma, passando a barra a Mário sem qualquer desequilíbrio.

Gritou cá para baixo para Tommy:

— E que tal, para uma dona de casa enferrujada?

A excitação via-se-lhe no rosto e na voz. Tommy respondeu:

— Ótimo!

— Vem cá para cima! — ordenou-lhe Mário e Tommy foi-se-lhes juntar na plataforma. Mário disse: — Se quiseres tentar, Liss...

— Oh, sim, por favor!

— Continuo a ter a sensação de que a Lúcia preferiria que tentasses primeiro com o cinto de segurança. — Olhou-a, duvidoso, da cabeça aos pés. — Deixa o Tommy vir primeiro e passas-lhe a barra. Assim consigo ver como está a tua coordenação.

Saltou para a rede, andou por cima dela até ao outro extremo e começou a trepar pela teia até ao trapézio base, içando-se com uma mão após a outra. Liss, sozinha com Tommy na plataforma, parecia não saber o que dizer. Por fim sorriu e comentou:

O Matt escreveu-me muitas coisas sobre ti, Tommy. Tenho Um bocadinho de ciúmes teus, por poderes voar com ele esta temporada!

É engraçado ouvir toda a gente chamar-lhe Matt. Eu sempre lhe chamei Mário.

— Acho que lhe chamam Mário a maior parte das vezes quando andam na estrada. — Observaram Mário colocar-se na posição de base. — Mas tenho mesmo ciúmes de ti. De verdade.

Ele detesta trabalhar no trapézio base. Dantes só o fazia para me apanhar a mim. Fazia com que o Johnny...

— Liss, Tom... estão prontos? — gritou Mário. Liss puxou o trapézio, passando-o a Tommy com destreza. Ele agarrou-o entre as mãos e ficou à espera.

— Agora — disse Elissa, e Tommy lançou-se em frente, atravessou o espaço em direcção à base num só mortal e endireitou-se, apanhando as mãos esticadas de Mário. Oscilaram juntos uma única vez e viu Liss lançar-lhe a barra para o retorno, no momento certo, descreveu um arco e com um pequeno salto estava de novo na plataforma ao lado de Liss. Daquela vez não perdeu o equilíbrio quando largou o trapézio e não teve de se segurar às cordas. Ela apanhou o trapézio e retirou-o eficientemente de junto de si.

— Perfeito — disse ela apreciativamente. — E esta é a tua primeira temporada?

— Muito bem, Liss — gritou Mário -, vamos lá. Que vais fazer?

— Pergunta desnecessária — respondeu-lhe ela. — Vou fazer o Expresso de Minneapolis!

Mário, de cabeça para baixo, engasgou-se com as gargalhadas.

— Meu Deus, ainda te lembras disso? Tem cuidado, ou ainda te mando vigiar! Muito bem, Tom, ela vai fazer um salto a partir da posição de sentada.

Tommy contornou-a cuidadosamente passando-lhe depois a barra. Ela saiu num arco perfeito e gracioso, ergueu-se até ficar

sentada no trapézio e depois saltou num voo perfeito e arqueado na direcção das mãos de Mário. Por instantes Tommy pensou que ela falhara; depois as suas mãos encontraram os pulsos do irmão e cerraram-se em torno deles. Ele sorriu enquanto oscilavam juntos.

— Hoje não vais para Minneapolis!

— Cancelei a minha reserva — disse Liss alegremente. Tommy largou a barra, Liss voou na sua direcção, apanhou-a sem esforço, impulsionou-se para a plataforma e pousou sobre ela, sorrindo a Tommy cheia de uma satisfação um tanto envergonhada. Perguntou a Mário — E que tal?

— Suficientemente bom para quem está parada há dois anos — respondeu Mário -, mas por amor de Deus, Liss, não me agarres dessa maneira! Voltaste à tua velha mania de queres voar e agarrar ao mesmo tempo!

E tu voltaste à tua velha mania de me dares sermões! — E aqui termina o Evangelho segundo São Mateus!

Mário endireitou-se, passando descontraidamente os braços pelas cordas enquanto se balançava.

Agora a sério, Liss, com seis semanas de treino voltarias a ser tão boa como eras.

— Ah! E onde é que eu tenho essas seis semanas?

— Não me tinha apercebido que te tinhas mantido em forma.

— Oh, ensino os miúdos todos da vizinhança a fazer piruetas e a dar cambalhotas e esse tipo de coisas. E danço muito.

— Anda daí, Liss. — Mário voltou a pendurar-se na posição de base. — Tenta uma meia pirueta. E desta vez deixa que eu te agarre, hem? É para isso que eu aqui estou.

— Está bem. — Ela virou-se para Tommy e disse ansiosamente:

— Empurro sempre esta porcaria para o lado. Desta vez lança a barra um bocadinho para a esquerda, está bem?

— Para a minha esquerda ou para a tua esquerda, quando vieres de volta?

, — Assim. — Demonstrou o que queria. — Para a tua esquerda, acho eu.

— Certo. Estás pronta? Muito bem... vai!

Liss partiu, planando na direcção do base que voltava. Tommy ouviu a porta abrir-se lá em baixo, mas tinha os olhos fixos no trapézio que regressava. Apanhou-o, vendo a rapariga oscilar nas mãos de Mário; depois largou a barra. No momento em que ela se soltava, alguém gritou:

Elissa! Em nome de Deus! O que é...

Tommy susteve a respiração quando o voo perfeito da rapariga se desequilibrou. Pareceu-lhe, por instantes, que ela não ia conseguir apanhar a barra, mas conseguiu apanhá-la atabalhoadamente e voltar a ganhar balanço, arqueando o corpo para trás.

Ergueu-se com o trapézio e pousou na plataforma. Zangada, murmurou:

— Raios!

— Que foi, Liss?

Ela não respondeu. Tommy pensou que ela não o ouvira.

Mário gritou:

— David, seu grande estúpido, nunca se grita quando alguém está a voar!

Liss tartamudeou:

— É o meu marido. Eu ia apostar... — Interrompeu-se e disse lá para baixo: — Está tudo bem, David, estou só a brincar.

— Que raio de brincadeira! Desce daí, por amor de Deus.

Fico tonto só de olhar para ti! — O rapaz saiu do pé da porta e atravessou a sala. Tommy olhou-o lá de cima. Era um homem novo, robusto, com cabelos encaracolados e pele morena e com o ar de quem, em circunstâncias normais, era bem-disposto. Mas naquele momento tinha uma expressão zangada e assustada.

— Estou a falar sério, Liss. Desce dessa coisa imediatamente.

— Oh, Dave! Estou a divertir-me! Há anos que não tinha oportunidade de fazer isto! Olha. — Agarrou na barra, saltou do pedestal e lançou-se numa pirueta estonteante no fim do arco descrito pelo trapézio.

— Liss! Por favor!

Ela deu uma meia volta muito rápida, inverteu a pega na barra, impulsionou-se para cima e aterrou novamente na plataforma.



Mário mergulhou na rede e deu uma cambalhota para o chão. Quando atravessou a sala direito a David, Tommy conseguia ouvir a raiva que lhe fazia tremer a voz.

— Ouve, sua besta imbecil, se tu mais alguma vez... se tu mais alguma vez, gritares com alguém que esteja a voar no trapézio, eu torço-te pessoalmente o pescoço. Nós nesta família não fazemos esse tipo de coisas. Pensei que até tu tinhas miolos suficientes para perceber isso. É assim que morrem pessoas! Meu Deus, não sabes que a podias ter assustado o suficiente para lhe provocar uma queda perigosa?

— Eu quero-a cá em baixo. Já — disse David com brusqui- dão, ignorando Mário e voltando a chamar: — Elissa, querida, por favor!

Liss lançou-se subitamente para a rede. David gritou, assustado, mas ela enrolou a cabeça, pôs-se rapidamente de pé sobre a rede e pulou para o chão.

Mário gritou:

— Tom, é melhor desceres.

Tommy parou para prender a barra ao gancho; quando saiu da rede, Liss estava a dizer em tom apaziguador:

.- Mas Dave, estou tão segura ali em cima como tu ao volante de um carro. Mais segura, na verdade, porque toda a gente que lá está em cima sabe exactamente o que está a fazer e na estrada nunca se sabe. Porque é que não te acalmas, tiras os sapatos, te sentas e assistes, que eu e o Matt mostramos-te qualquer coisa que valha realmente a pena?

David Renzo pôs uma mão no braço da mulher.

— Liss, tu não vais ali para cima outra vez. Proíbo-te. — A sua voz ainda estava a tremer.

— Mas porque é que não paras de te preocupar?! Eu não me vou magoar... nunca me magoei. O Matt também só me deixa fazer coisas fáceis. Coisas que qualquer miúdo pequeno conseguiria fazer. Metade delas tu próprio conseguirias fazer.

— Dave — disse Mário -, não sejas desmancha-prazeres.

A Liss não faz birras quando tu vais velejar ou fazer surf, pois não? Eu e ela, todos nós, crescemos a voar no trapézio tal como tu crescestes a andar de bicicleta.

— Raios, Elissa, pensei que tinhas vindo aqui para ver!

O cabelo de Liss estava a soltar-se da fita que o prendia, e tinha o maillot ensopado em suor. Tommy passou-lhe a sua camisola e ela pô-la em torno dos ombros sem sequer dar por isso. Disse, tentando controlar a irritação que lhe transparecia nos olhos faiscantes:

— Não prometi coisa nenhuma. Esta é a casa em que cresci e o Matt é o meu irmão. Quando é que vais parar de dizer o que posso e não posso fazer?

— Desta vez, antes de eu ter concordado em cá vir, tu prometeste-me que não haveria mais...

— Não prometi nada disso, e tu sabe-lo bem!

Sabes perfeitamente que eu nunca te teria trazido até cá se me passasse pela cabeça que tu ias começar outra vez com esta história do trapézio! Oh, não, tu querias ver a tua mãe, querias estar com a tua família... não disseste uma palavra sequer acerca da história do trapézio. Sabias perfeitamente o que eu pensava em relação a isso; resolvemos essa questão antes de o Davey ter nascido!

Mário pegou na mão da irmã.

Liss, é só dizeres e eu ponho-o daqui para fora a pontapé!

Ouve, seu atrasado mental musculoso — disse Dave -, parece que esta é uma briga privada entre mim e a minha mulher, e ninguém te pediu para meteres o nariz onde não és chamado! E se foste tu que a convenceste a isto, torço-te o pescoço!

— E porque é que não tentas? — disse Mário com muita calma. Era mais baixo que David Renzo, mas o outro homem olhou para o tronco nu de Mário, para os braços e ombros musculados e recuou um pouco. Virou-se para Liss.

— Raios, veste a saia! Estás quase nua! E tira essa porcaria dessa camisola!

Liss pareceu aperceber-se da camisola pela primeira vez.

— De quem é isto? Do Tommy? Oh, obrigada, Tom. David, ele pôs-ma por cima porque eu estava toda transpirada; não querias que eu ficasse ao frio e apanhasse uma pneumonia, ou querias? — Virou-se para Tommy com um sorriso nervoso tentando restabelecer um ambiente normal e sociável. — É um disparate ficarmos para

aqui a discutir. Tom, este é o meu marido, David Renzo. Dave, este é Tommy Zane; o meu irmão tem estado a ensiná-lo a voar.

— Olá — grunhiu David, virando-se novamente para Liss.

— O teu irmão pode ensinar a voar todo o Estado da Califórnia se quiser, desde que te deixe em paz.

— Por favor... Dave, não consegues perceber? Eu estava só a , divertir-me. Anda daí que eu levo-te lá acima à plataforma. Quando , lá estiveres em cima poderás ver, com os teus próprios olhos, que não há nada a temer quando se sabe o que se está a fazer.

:! — Nem morto, muito obrigado! — David olhou para cima para o alto da estrutura dos trapézios e empalideceu. — Liss.

Eu vou fazer disto um cavalo de batalha. Quero-te fora daqui e vestida dentro de dez minutos, ou pego no bebé, meto-me no carro e vou para São Francisco. Quando achares que é altura de voltar para casa eu e o Davey estaremos em casa da minha mãe.

E escusas de voltar até estares preparada para esquecer toda esta história do circo de uma vez por todas.

Marchou para fora da sala de treinos sem olhar para trás. Liss, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, ajoelhou-se e procurou os sapatos dentro da caixa. Mário debruçou-se sobre ela e ela encostou a cabeça no seu ombro e começou a soluçar.

— Matt, não é que ele seja mau. Só que eu não o consigo fazer entender!

Liss — implorou Mário -, não o deixes manipular-te como se fosses um fantoche. Esta é a tua casa, doçura. Tens todo o direito de fazer aquilo que entenderes. É só dizeres que eu desfaço-o!

A boca, inchada pelo choro, começou a tremer-lhe.

Isso não iria ajudar em nada. Ele já acha que as pessoas do circo são uma cambada de zaragateiros. — Pestanejou, tentando parar as lágrimas, e olhou para Tommy. — Lamento imenso que tenhas tido de assistir a isto, Tom. Eu não fazia ideia... Ele não é sempre assim...

Mário virou a irmã até esta ficar de frente para si.

— Liss. Porque é que continuas com aquele macaco cheio de si? Volta connosco para a estrada este ano. Sabes que o Papa Tony

adoraria ter-te de volta aos espectáculos. Em três meses estarias de novo no topo da tua forma. Em três anos... quem sabe?

— Oh, se eu pudesse — murmurou ela, e por instantes escondeu a cara contra o seu peito. Depois, lentamente, afastou-o.

— Há o Davey...

— Trá-lo também. A Lúcia andou na estrada connosco os quatro.

— Sim, e olha para nós. De qualquer forma os Renzos levá-lo-iam.

O David poderá deixar que eu me vá embora sem lutar contra isso, mas não o bebé. E de qualquer forma — curvou a cabeça, impotente — eu amo-o, Matt. E ele ama-me, ou não teria tanto medo.

— Que amor tão estranho, se te quer destruir pela raiz! — Mário segurou os braços da irmã. — Liss... doçura... por favor, sê tu! Não subas essa escada com o rabo entre as pernas! Não o deixes obrigar-te a fazê-lo! Luta, Liss! Se ele te ama realmente, vai perceber o quão importante isto é para ti.

Não — disse ela, infeliz, as lágrimas deixando-lhe sulcos brilhantes no rosto até ao queixo — Tenho de ir ter com ele, Matt. Ele está verdadeiramente desesperado, porque teme por mim. Talvez um dia eu lhe consiga mostrar que não há nada de que ter medo.

E nessa altura já será demasiado tarde para ti, piccina.

Terei de correr esse risco.

Mário disse, num tom malévolo, enquanto Liss fazia os laços. Dos atacadores às cegas e, dobrando a saia no braço, corria pelas escadas acima: eles ainda se perguntam porque é que eu não me caso.

## *Capítulo VIII*

Nas semanas seguintes Tommy ajustou-se sem esforço ao seu lugar na casa e na família Santelli. Tratavam-no exactamente como se fosse um membro da família, e ele perdeu rapidamente a desconfiança que antes sentira. Era impossível continuar a sentir-se um estranho quando ia dar com Lúcia a coser-lhe descontraidamente um botão do casaco, quando Bárbara lhe pedia ajuda para os trabalhos de casa, ou quando Angelo saiu da sala e gritou, a quem quer que estivesse a fazer aquela barulheira toda nas escadas, para parar imediatamente sob pena de ficar com o rabo a arder (daquela vez era Tommy quem estava a fazer barulho ao perseguir Clay pelas escadas acima). Habitou-se a responder à velhota quando esta lhe chamava Rico, Angelo ou Matthew. Passado algum tempo, quando viu que ela ficava verdadeiramente perturbada por ele lhe chamar "Senhora di Santalis" ou "minha senhora", começou a chamar-lhe timidamente Nonna, como Clay e Bárbara faziam. Ninguém pareceu ficar surpreendido, nem sequer ter reparado.

Ia todos os dias à escola, era pontual e mantinha-se atento, mas não fez quaisquer amigos, nem ali, nem em sítio nenhum fora a família. Os Santellis eram uma família tipo clã que parecia não precisar de ninguém que lhe fosse exterior. Bárbara tinha uma ou duas amigas na escola de ballet, mas raramente as trazia a casa.

Até Clay, novo como era, parecia preferir a companhia da família à dos colegas da escola. Aos sábados à tarde ia ao cinema com Bárbara e, às vezes, com o Clay, ou ia nadar para a piscina que ficava na vizinhança. Às vezes Johnny e Stella, e por vezes até os mais Velhos — Liss e David e, embora raramente, Mário, juntavam-se-lhes formando um grupo muito unido de gente nova mas todos da família. Tommy tinha orgulho na forma como eles o aceitavam, pois percebera do quão pouco eles necessitavam ou toleravam as pessoas de fora.

Não tinham aceite Stella exactamente da mesma forma, pelo menos até então. Era em parte culpa sua, é claro. Não era que ela fosse antipática, intrometida ou convencida, mas era muitíssimo calada e reservada. Raramente falava a não ser que lhe dirigissem a palavra. Tommy achava que nunca a tinha ouvido dar uma opinião sobre qualquer assunto. Ajudava Lúcia na cozinha, nas limpezas e nas tarefas domésticas, e tomava para si própria, sem qualquer alarido, a detestada tarefa de remendar as velhas e debotadas calças de ginástica dos treinos. Por duas ou três vezes, quando a Lúcia não estava, ofereceu-se para ficar com Davey para que Liss e David pudessem sair juntos. A Tommy parecia-lhe que ela falava mais com Davey do que com qualquer outra pessoa da casa.

Tommy prestava-lhe pouca atenção até ao dia em que trabalhou pela primeira vez no trapézio base. Mário obrigara Stella a pôr o aparelho de segurança — cinturão de cabedal preso a duas cordas que corriam em roldanas fixas no tecto e que, mantidas tensas a partir do solo, amorteciam a queda do voador quando este não conseguia completar um exercício com sucesso. Enquanto ela prendia o cinto em torno da cintura, Tommy observou-a surpreendido; Mário nunca usara o cinto, nem mesmo quando treinava as técnicas mais difíceis, e ensinara Tommy sem o seu auxílio.

— Para que é isto?

Mário explicou-lhe com frieza que um trapezista que sabia cair podia falhar um exercício sem se magoar, mas se o base se atrapalhava e falhava, o voador não conseguia cair na rede em condições; era mais provável que saísse disparado por cima da , rede, que batesse na parede ou caísse no chão duro.

, — Por isso vou ficar aqui em baixo a segurá-la com as cordas.

Estou-me borrifando que partas o teu pescoço, mas não quero que acabes por partir o de mais ninguém!

A explicação pareceu a Tommy ser bastante razoável; mas depois de ter falhado uma ou duas vezes, conseguia agarrar Stella discreta e eficientemente, sem confusões nem precipitações. Era bastante simples, era só uma questão de estar no ponto certo do espaço ao mesmo tempo que o voador; uma questão de coorde-

nação e ritmo. Quando Mário os mandou descer e subiu com Angelo para treinar os seus exercícios mais complicados, Tommy sentou-se no chão com Stella e conversaram. Ela ficava bonita até com o velho fato de ginástica de Bárbara que vestira para o treino, uma velha camisola de homem passada em volta dos ombros e o cabelo húmido de suor caindo em volta das têmporas raiadas de pequenas veias azuis.

Nascera numa tenda, e o seu berço fora, no sentido literal do termo, o tabuleiro superior da arca do guarda-roupa da mãe.

A mãe fora uma amazona que montava cavalos em pêlo; o pai um "joey", ou palhaço acrobático. A mãe ensinara Stella a montar assim que ela se tivera de pé. Quando tinha apenas quatro anos o pai usara-a no seu número, equilibrando-a sobre os ombros enquanto fazia os seus truques cómicos. Aos nove anos já era uma veterana da pista, participando num número Risley em que um dos seus tios, um acrobata, se deitava de costas no chão e, sobre os pés esticados, equilibrava e fazia malabarismos com Stella e uma das suas pequenas primas como se fossem duas bolas saltitantes.

Mais cedo ou mais tarde, experimentara praticamente todos os números acrobáticos existentes no circo. Viajavam pela Austrália, no primeiro ano da guerra, quando a mãe morrera num acidente de comboio. O pai de Stella voltara a casar quase de imediato.

Fora a madrasta de Stella quem lhe ensinara a trabalhar no trapézio e, durante algum tempo, tinham actuado juntas num número de trapézio duplo sob o nome de "As Andorinhas". No respeitante a sua adolescência, Stella era evasiva, bem como em relação às razões que a tinham levado ao grupo de saltimbancos onde Johnny a encontrara; mas no respeitante ao trabalho que fizera falava sem inibições.

Hoje em dia não te deixam fazer quase nada a não ser que já tenhas idade para votar. Trabalhei em Nova Iorque um ano no Circo Shriner. Tinha onze anos, e já há três que fazia Passagens de um trapézio para outro, mas o papá teve de dizer À Polícia que eu tinha dezasseis anos, ou eles entregavam-me à Gerry Society<sup>{6}</sup>. Alguns dos miúdos do espectáculo foram mesmo levados.

Stella, quantos anos tens?

Ela respondeu muito depressa:

— Vinte e um — mas Tommy não acreditou. Não parecia ser mais velha que ele próprio. Nunca viria a saber a sua idade exacta, nem mesmo anos mais tarde quando isso se tornou assunto de discussão, e por vezes perguntava-se se ela própria o saberia com exactidão.

Houve uma tarde em que desceram mais cedo do que o habitual. Johnny estava na base e Tommy e Stella estavam juntos na plataforma, com Mário a dar-lhes indicações a partir do solo, quando Papa Tony entrou. O velhote subiu a corda rapidamente ficando ao lado deles. Enquanto passava as mãos pelo saco de resina lançou um olhar desdenhoso ao fato de ginástica coçado que Stella vestia.

— Não tens calças de ginástica? — perguntou.

— Não. A senhora Gardner disse que isto servia — murmurou Stella, encolhendo-se ligeiramente, e Papa Tony resmungou:

— Isto é novidade, termos a Stella e o Johnny aqui connosco.

— Fui eu que lhes pedi — disse Mário lá de baixo.

Liss estava encavalitada no trapézio de Bárbara, balançando-se suavemente para trás e para a frente, a menos de um metro e noventa do chão. Disse:

— Stel é a única suficientemente leve para o Tommy agarrar, Papa. A não ser eu, e sabe que prometi ao David.

— Estou a ver — Papa Tony lançou a Stella um olhar inquietante.

Depois gritou: — Estás a treinar connosco, Johnny? — Como sempre, pronunciou Gianni.

— Isso é consigo, Papa. Se quiser que eu desça, eu desço.

— Não, fica onde estás. Angelo ainda não chegou, e eu ainda não tive oportunidade de te ver trabalhar. Tommy — virou a cabeça -, desce. Creio que vamos deixar que a jovem senhora me lance a barra. De acordo, menina Stella?

Stella sorriu-lhe com nervosismo. Tommy principiou a descer a corda, mas Papa Tony disse com aspereza:

— Deixa-me ver saltares em mortal para a rede. Achas que consegues sem aterrar de cara para baixo?



Tommy respirou fundo. Sabia cair ou saltar da barra em qualquer ponto do seu percurso, mas até então Mário não o deixara tentar o mortal à frente da plataforma para a rede. Ergueu os braços, flectidos nos cotovelos, à frente da cara e mergulhou; deu uma cambalhota no ar, os braços em volta dos joelhos dobrados, e caiu pesadamente de costas, ressaltando e ficando de pé.

— Serve, mas não és nenhum sempre-em-pé — gritou severamente Papa Tony. — Assim ainda ficas com um olho negro ou partes o nariz contra o teu próprio joelho. Mantém a cabeça protegida e rola com o movimento da rede, estás a ouvir-me?

Tommy agarrou na camisola, atou as mangas à volta do pescoço e saltou para o chão para ficar a assistir. Lá em cima, Papa Tony lançou-se em frente e balouçou-se para trás e para diante, depois fez um passe perfeito por cima da barra, cortando o ar como uma gaivota; virou-se a meio do voo por forma a que as mãos estendidas de Johnny lhe agarrassem, não os pulsos, mas os tornozelos. Balouçaram juntos; depois Papa Tony passou as mãos por trás das costas arqueadas, puxando o corpo para cima e passando-o por entre o aro formado pelas mãos, ficando a oscilar preso pelos pulsos nas mãos de Johnny. Na sua segunda oscilação em conjunto Johnny soltou-o, e ele voou de regresso ao trapézio.

— Lindo! — gritou Liss, batendo as palmas, e acrescentou para Tommy: — Eu costumava fazer aquilo. Foi uma das primeiras coisas que a Lulu me ensinou.

— É um exercício para mulheres — disse Papa Tony com desprezo — e muito simples, se se for suficientemente forte.

A questão está em fazê-lo com elegância.

Johnny disse:

— Achas que consegues fazê-lo, Stella?

Veremos — disse Papa Tony. Com um aceno de cabeça, breve e altivo, passou a barra a Stella e disse bruscamente: — Vai!

Ela lançou-se pelo ar, o corpo ligeiramente dobrado e puxou-se para cima, ficando sobre o trapézio; no ponto mais distante o arco descrito pela barra lançou-se por cima desta e virou-se ligeiramente no ar, as mãos de Johnny fechando-se em torno dos seus tornozelos. Ela abriu muito os braços, depois ergueu-se, dobrando-se pela

cintura de uma forma estranha, numa tentativa atabalhoada e contraída de passar o corpo através das mãos entrelaçadas.

— Mete o rabo para dentro — gritou Liss do solo.

Papa Tony gritou:

Trapalhona! A tua coluna é de serradura?

Johnny agarrou-lhe nas mãos e oscilaram juntos, mas o efeito do exercício perdera-se completamente. Quando Stella voltou à plataforma Papa Tony rosnou-lhe sonoramente:

— É melhor tentares de novo. — Foi tudo o que ele disse, mas Tommy, olhando para cima, viu Mário e Liss trocarem um sorriso.

— Seja como for ela conseguiu à primeira tentativa — gritou Johnny cá para baixo -, por isso apaga esse sorriso da cara, gatinha, porque eu sei de alguém que não conseguiu!

Stella lançou-se novamente pelo ar, passou por cima da barra e, virando-se a meio da trajectória, lançou os tornozelos para as mãos de Johnny. Papa Tony gritou:

— Espera pelo impulso do balanço... espera — agora! — Desta vez Stella ergueu-se com mais destreza, passando as mãos pelos tornozelos, sem a pausa e a contracção deselegante, por forma a que a pega se transferisse suavemente para os seus pulsos.

— Está melhor, mas ainda desmaias como uma boneca de trapos — gritou-lhe Papa Tony zangado. Stella largou-se, voou em direcção ao trapézio e tentou alcançá-lo, mas os seus dedos mal tocaram a barra envolta em fita rugosa, tentou agarrar-se e falhou.

— Vira-te — gritaram Mário, Tommy e Liss em uníssono, e ela virou-se de costas, caindo e enterrando-se na rede.

— Para cima! Para cima! — disse Papa Tony contrariado. — Não consegues sequer voltar à plataforma?

Liss debruçou-se e sussurrou a Mário por cima da cabeça de Tommy.

— A Escola de Trapézio e Reformatório em pleno funcionamento, hem?

— Estás contente por te teres livrado dela?

Liss murmurou uma resposta inaudível para Tommy. Ela e Mário continuaram a conversar baixinho enquanto Stella subia a corda e tentava o exercício pela terceira vez.

— Não, não, não, não! — Explodiu subitamente Papa Tony do topo dos seus poderosos pulmões. — Dio mio, ragazza, ainda partes os pulsos ou os de Johnny! Sai daqui para fora, sua, sua... boneca de trapo cheia de serradura! Sai da plataforma! Sai da sala!

A minha paciência esgotou-se! Sai daqui para fora antes que partas esse pescoço pateta! Conseguirás dar um mortal para a rede sem partir todos os ossos desse corpo desastrado, não que se perdesse alguma coisa se isso acontecesse? Ou tens de descer pela corda com o rabo espetado como um elefante numa banheira? Já lá para baixo! Fora daqui! Aprende a segurar a barra entre as mãos antes de voltares aqui para cima! Elissa! — gritou.

Liss, sobressaltada, ergueu a cabeça. :

— Sim, Papa?

— Vem já aqui para a plataforma e manobra-me as cordas!

David, David, não interessa o que o David diz... eu me entenderei com ele! Esta... esta boneca de trapos está quase a chorar! Desce, Stella, de que estás à espera? Que te cresçam asas?

A rapariga mergulhou para a rede, virando-se em pleno voo.

Caiu adequadamente de costas, mas Tommy ouviu a sua respiração tornar-se irregular quando escorregou sobre as cordas tensas.

— Estás bem, Stel? — gritou Johnny.

— Claro. — Stella saiu da rede, a face contraída enquanto olhava para uma grande esfoladela provocada pela corda junto ao cotovelo.

— Desequilibras-te — disse Liss bruscamente, pondo o dedo do pé na corda de fora da escada de forma a que este mal tocasse no degrau. — Também me costumava acontecer o mesmo, Stel.

Tentas equilibrar-te na rede com um cotovelo, e essa é uma forma quase certa de deslocar o ombro. Mantém os cotovelos fechados quando caíres, e rola, não escorregues. — Começou a subir a corda, acrescentando casualmente: — Se isso te está a doer há uma pomada no vestiário.

— Elissa, estou à espera — rosnou Papa Tony. — Presta atenção, se fazes favor!

Tommy seguiu-a com o olhar.

— Então, David lá se conformou?

O sorriso de Mário mal lhe mexeu os lábios.

A Lúcia falou com ele. A Elissa prometeu-lhe solenemente não voar e ele decidiu ser generoso. Deixa-a divertir-se aqui em baixo e trabalhar com as cordas quando estamos a treinar.

Tommy agarrou na camisola velha de Johnny, que Stella usava como roupão, e foi atrás dela. Estava de pé no meio do vestiário, com um ar muito pequeno e desconsolado, de costas para ele.

Cabelo louro e húmido de suor estava a soltar-se do elástico que o Prendia, e ela tinha o cotovelo erguido, tocando a esfoladela Vermelha com dedos cuidadosos.

Tommy deixou que a porta se fechasse.

— Stel, estás a apanhar frio. Toma. — Pôs-lhe a camisola pelos ombros e sentiu-a tremer de frio.

— Porque será que não aquecem este casarão? — murmurou ela.

— Porque o calor sobe. Antes de estar razoavelmente confortável no chão, já estaria tão quente lá em cima nos aparelhos, que assariámos todos. O cotovelo dói-te?

Ela lançou um olhar desinteressado à ferida, mas ele reparou que ela evitava cuidadosamente que a camisola lhe tocasse.

— Perdi uns centímetros de pele, nada de especial.

— Deixa-me pôr-te pomada. — Foi buscar o estojo dos primeiros socorros e fê-la sentar num banco. Ela não ergueu a cabeça nem disse palavra enquanto ele destapou o tubo do bálsamo anticéptico e o espremeu, deitando uma porção num rectângulo de gaze. Teve de lhe puxar o cotovelo para cima e virá-lo para poder pôr o penso sobre a pele ferida. Segurou-o com duas tiras de adesivo não muito apertadas. — Aí está.

— Está ótimo, escusavas de te ter incomodado — disse ela na sua voz aguda e inexpressiva. — Estou habituada às queimaduras das cordas. Não sou assim tão novata como isso.

— Bem, isso podia infectar. O Mário armaria a maior das confusões se tu andasses por aí com uma queimadura ao ar.

— E isso seria terrível — ripostou ela, e enquanto voltava a tapar a bisnaga da pomada, Tommy viu que ela tinha os olhos

cinzentos rasos de lágrimas. Ela apressou-se a baixar a cabeça, procurando um lenço nos bolsos do fato de ginástica coçado.

O lenço estava manchado de suor, e teso da resina, passou rapidamente o pulso pelos olhos.

— Stella, aleijaste-te muito? Quero eu dizer, seriamente? Queres ir lá para cima deitar-te?

A rapariga abanou a cabeça, e ele viu os músculos da sua garganta contraírem-se convulsivamente quando ela engoliu as lágrimas. Era tão magra que se lhe viam as veias azuis no rosto, nos pulsos e nas pernas. Tommy pôs-lhe a mão no ombro. Era ossudo e cheio de arestas como o de um gatinho esfomeado. Cuidadosamente, como se estivesse a fazer festas a um animal assustado, passou-lhe o braço pela cintura e puxou-a para si. Ela era leve e pequena, a cara fria e molhada contra o seu rosto, corpo tenso e a tremer como o de um gatinho assustado.

Quando a puxou para si cheirou o seu cheiro a suor salgado e a resina que, misturado com o cheiro do anticéptico, se confundia com o odor exótico da pele e do cabelo.

Não chores — murmurou contra a sua face molhada. — Não chores, querida.

Ela agarrou-se a ele, tremendo, a cabeça no seu ombro.

Tommy, eles odeiam-me, eles odeiam-me todos. Porquê?

Stel, não odeiam nada. A sério que não, querida, é a maneira de ser deles. Escuta — acrescentou energicamente, afastando-se para a poder olhar de frente, mas mantendo-a delicadamente segura por um dos pulsos -, mesmo depois de o Papa Tony ter berrado contigo daquela maneira, não reparaste que ele te disse para saltares da plataforma fazendo um mortal para a rede? Ele nunca me tinha deixado tentar fazê-lo até hoje, e eu já trabalho com eles há séculos.

— Eu era capaz de fazer o que ele queria. A sério que era.

Se não gritassem comigo daquela maneira!

— Eu sei — disse Tommy quase num sussurro -, a mim também me enerva. Mas é a maneira de ser deles, Stel. Há-de habituar-te, como eu me habituei. E de qualquer maneira, muito em

breve eles não terão qualquer razão para gritar contigo. Até eu consigo ver isso.

— Achas mesmo?

— É claro que sim — disse Tommy.

Ela estava de pé, com o rosto molhado erguido na sua direcção e Tommy, curvando-se ligeiramente, roçou os lábios Pelos dela. A sua boca era fresca e macia. Subitamente, como se se movesse num sonho, sentindo-se meio entorpecido, Tommy abraçou-a de novo. Sentiu os pequenos seios contra o tecido grosseiro do fato de ginástica, o seu pequeno corpo, complacente, moldando-se ao seu. Depois, corando, as faces muito vermelhas, afastou-se muito depressa e disse, numa voz pouco segura:

É melhor ir para cima e... e mudar de roupa, antes que Me constipe. — Apertando a camisola de Johnny em volta dos ombros, correu para fora do vestiário e subiu as escadas. Passados instantes Tommy ouviu a porta do primeiro andar fechar-se com estrondo. Nessa noite, na grande sala iluminada pelo fogo que ardia na lareira, Stella era, como de costume, a única que se mantinha em silêncio. Estava sentada à parte, ausente, o cabelo incolor caindo solto no círculo de luz do candeeiro que incidia sobre um par de calças de ginástica coçadas, movendo a agulha para trás e para a frente. Estava completamente imóvel exceptuando o movimento dos dedos curtos e fortes, para trás e para diante. Não olhava para Tommy, mas também não parecia estar a evitá-lo. Este estava sentado com o livro de álgebra no colo, sem ver as páginas, a imaginação pregando-lhe partidas. Nunca beijara uma rapariga antes excepto em sonhos confusos e agitados de que acordava num estado de grande perturbação. A realidade era muitíssimo menos excitante do que os sonhos, mas no entanto fora muito agradável abraçá-la. Ela era muito macia. A sua boca tinha um sabor estranho.

Recusou ceder à tentação de lhe olhar de novo para a boca.

Não usava bâton e isso fazia-a parecer-se com um rapaz. Perguntou-se se ela e Johnny dormiriam juntos, e aquele pensamento provocou-lhe mais imagens perturbantes.

Olhou para Johnny sentado a uma velha mesa de jogo com Mário e Liss, com um jogo de Monopólio à frente. Mário

habitualmente ia para casa logo a seguir ao jantar, mas naquela noite, por qualquer razão, ficara até mais tarde. Tommy reparou, pela primeira vez, que também Johnny tinha as sobrancelhas e a beleza dos Santellis. Era tão louro que parecia diferente dos outros, mas quando observado mais de perto, as feições eram praticamente as mesmas. Johnny quando estava com a família quase não prestava atenção a Stella — dava-lhe menos atenção que a Liss ou à mãe — e se calhar, pensou Tommy, isso queria dizer que ela era só sua parceira, e ele não pensava nela "dessa maneira". Supunha que para Johnny seria fácil ter todas as raparigas que quisesse.

Como se sentiria uma rapariga em relação a Johnny, que era tão arrogante e bonito, tão determinado e tão forte? Pensou na forma como as mãos fortes de Johnny o apanhavam em pleno voo; seria ele mais gentil com as raparigas? Mário era mais bem parecido que Johnny. Mesmo de calças de ginástica coçadas, e com uma camisola velha e apertada no peito, tinha bom aspecto. Stella deixara que Tommy a beijasse sem resistir. Gostaria ela de ser beijada?

Deixaria ela que Mário a beijasse assim? A ideia era estranhamente perturbante.

Anda, Stella — incitou-a Liss alegremente, larga essa Porcaria e anda jogar connosco. Tem mais graça se formos quatro, Ela olhou-a timidamente.

Não sei jogar. Teriam de interromper o jogo para me ensinar.

O fogo assobiou baixinho. Clay e Bárbara, esticados no chão, bocejavam em cima dos trabalhos de casa. Papa Tony, todo estirado num cadeirão, estava meio a dormir. Lúcia, sentada na sua habitual cadeira de espaldar nunca estava parada; como sempre, tinha as mãos ocupadas num bordado complicado. Naquela noite tinha um pedaço de cetim azul espalhado sobre os joelhos e estava a coser, uma a uma, lantejoulas que ia retirando de um pequeno pacote que tinha no colo.

Mário levantou os olhos do copo dos dados.

— Tu sabes jogar, não sabes Tommy?

— Sei.

— Então anda jogar connosco — disse Mário em tom de comando. Tommy levantou-se. Contornou Angelo que estava a soldar um raio que se soltara numa das rodas da bicicleta de Clay sob a observação atenta do filho de Liss, Davey. O pequeno Davey era um bebé gorducho e muito activo que, com uns enormes olhos azuis, era o ai-jesus de toda a família e horrivelmente mimado.

Tommy não percebia grande coisa de bebés, mas parecia-lhe que já era horrivelmente tarde para uma criança da idade de Davey ainda estar acordada. O miúdo agarrou subitamente no ferro prateado do soldador e Angelo olhou-o ameaçador.

— Não, Davey, quente. Liss, leva-o daqui antes que ele se queime na mão!

— Agarra-o, Tommy — disse Liss negligentemente, e Tommy Pegou no bebé que tentou resistir, contorcendo-se.

— Vá lá, miúdo. Tu não queres isso para nada.

Davey olhou para Tommy com os olhos muito abertos, cheios de teimosia, tentando decidir se devia ou não fazer uma birra.

— Baixo! — gritou, pontapeando Tommy, zangado.

— Pronto, pronto, seu diabinho! — Tommy segurou-o, desconfiado, com os braços estendidos. — Liss, pega nele!

Está bem. Vem cá, seu empecilho — disse Liss. — Que queres tu fazer, Davey, queimares-te todo? Dar com toda a gente em doida? — Franziu o sobrolho enquanto o punha ao colo. — Bolas, está outra vez molhado! Quem é que lhe pega enquanto vou buscar uma fralda limpa? Toma-o lá, Tommy. — Com um gesto gracioso inclinou-se sobre Tommy, que se tinha sentado à mesa de jogo, e largou-lhe a criança no colo. — Cuidado que ele está molhado.

Mário riu alto ao ver o horror estampado no rosto de Tommy e esticou os braços, puxando Davey para o seu próprio colo.

O seu rosto magro adoçou-se, e Tommy ficou a olhar surpreendido enquanto Mário encostava a cara ao rosto rechonchudo de Davey e lhe murmurava mimosos em italiano. O bebé parou de tentar ir para o chão, mergulhou os punhos no cabelo de Mário e começou a saltar-lhe nos joelhos.

— Como é que tu fazes isso? — Liss, ao regressar com a fralda limpa, ficou maravilhada. — É magia! Fica com ele enquanto vou lá



acima buscar-lhe o pijama, está bem?

— Eu vou. — Stella largou a costura e correu para as escadas.

Angelo ergueu os olhos da roda da bicicleta e perguntou:

— Ele não devia estar já na cama, Liss? É horrivelmente tarde para um miúdo tão pequeno.

— Se eu o meto na cama, ele deita a casa abaixo com gritos e eu vou ter de ficar a fazer-lhe companhia. Deixa-o cansar-se.

Acabará por adormecer na carpete, e eu depois levo-o e meto-o no berço... Obrigada, Stel. — Aceitou o pijama que Stella lhe estendia. Mário pediu-lho estendendo a mão, e Liss deu-lho, agradecida.

Mário, segurando Davey sobre os seus joelhos, todo nu e aos gritos, manteve-o seguro com um cotovelo. Mudou-lhe a fralda e enfiou-lhe o pijama com destreza, usando a mão que tinha livre.

Deu um estalo carinhoso no rabo do bebé.

— Agora porta-te bem e vê se deixas a tua mãe em paz por algum tempo, Davey. — Pousou-o no chão com gentileza. Joe pegou-lhe ao colo e Davey, aparentemente exausto por toda a atenção que lhe fora dispensada, meteu o dedo na boca, aninhou-se contra o peitilho da camisa de Joe e fechou os olhos.

Joe continuou a embalá-lo, mudando de lugar a revista que estava a ler para que, ao virar as páginas, estas não incomodassem o bebé. Liss sentou-se e pegou no copo dos dados com um suspiro de alívio.

— Costumávamos jogar isto às prestações quando andávamos na estrada — disse Johnny movendo o seu peão. — Uma vez tivemos um jogo que durou três semanas. Deixávamos o jogo montado e jogávamos entre os espectáculos, e voltávamos a jogar depois do espectáculo da noite até a Lúcia correr connosco para a cama. Afinal quem ganhou o raio do jogo?

— Cinco cêntimos — disse Lúcia erguendo os olhos das lantejoulas.

Johnny procurou amuado dentro dos bolsos das calças de ganga, pescou uma moeda e depositou-a num porquinho mealheiro roxo e muito feio, que estava em cima da lareira.

Tinham dito a Tommy que aquele era um hábito da família desde que Lúcia, aos nove anos, repetira qualquer coisa que ouvira a um dos seus tios. Percebia agora a razão porque Mário, Angelo e, de uma maneira geral, Johnny, nunca diziam palavrões.

— Recordo-me desse jogo, Johnny — gabou-se Liss. — Primeiro levei o Matt à falência, e depois ele sentou-se atrás da minha cadeira e ajudou-me a acabar contigo. Foi a única vez que consegui ter quatro hotéis na Boardwalk e no Park Place<sup>{7}</sup> ao mesmo tempo, para além de todas as estações de caminho de ferro.

— Sim — disse Johnny fazendo rolar os dados, já me lembro.

Vocês os dois sempre se uniram contra mim. Até costumavam falar em italiano só para eu não perceber.

— Ninguém te impediu de aprender italiano — disse Mário. — Todos nós fomos criados a falar nessa língua.

— Mas tu tramaste-nos, sempre te conseguiste vingar, de uma maneira ou de outra — disse Liss com um sorriso que lhe fez uma covinha no queixo. — Matt, lembras-te de quando ele pôs um pedaço de cacto dentro da minha cama? Andávamos nós em digressão pelo Arizona? Meti-me na cama e bati com os pés naquilo; dei um guincho que se ouviu nas jaulas dos elefantes.

Tive de dormir com o Matt nessa noite e a Lúcia deu-me um sermão dos diabos... um sermão e missa cantada. E nunca conseguimos tirar os espinhos todos do colchão. Passei o resto da temporada a tirar espinhos dos calcanhares!

— De cada vez que alguém diz que as famílias grandes são engraçadas, devia ver-se a braços com um monte de filhos adolescentes.

— Angelo largou a roda no chão e pousou o ferro de soldar de forma a que a ponta incandescente ficasse assente na pedra da lareira e em segurança. Puxou de um maço de cigarros.

Já era suficientemente complicado quando eles eram pequenos e passavam a vida a adoptar gatinhos perdidos, rãs e coisas desse género. E a Liss, quando estava sozinha, não era má. O pior que fazia era roubar um cigarro de vez em quando, ou encher-se de gelados entre os espectáculos até já não caber nas calças de ginástica — Nunca, mas nunca, fiz tal coisa! Angelo, eu mato-o...

— Mas durante os anos em que andaram os três connosco na estrada, quando eram adolescentes... Meu Deus, vou-vos contar!

Costumava ficar ansioso pela hora do espectáculo, pois essa era a única altura em que tinha a certeza que se iam portar bem, e pelo menos quando estavam no cimo do trapézio, sabia onde estavam todos!

Mário, baralhando as "cartas da sorte"<sup>{8}</sup>, sorriu a Tommy.

— Isso foi antes de nos juntarmos ao Lambeth. Estávamos a actuar com os Espectáculos Carey-Carmichael e a Lúcia estava connosco para tomar conta da Liss.

— E fartava-se de tomar conta dela — resmungou Angelo com um sorriso afectuoso para Lúcia. — Toda a gente sabe quem sempre tomou conta de todos os miúdos da família desde que começavam a tomar biberão! O tio Angelo, é claro!

Lúcia encolheu os ombros.

— Bem, tu gostas de miúdos. Nunca te ouvi queixar.

— E quem me daria ouvidos se me queixasse? — Angelo voltou a pegar no ferro de soldar.

— Lúcia foi a melhor empresária que já tivemos — disse Papa Tony abrindo os olhos. — Nisso sempre foi melhor que eu. Nunca pensei que uma mulher pudesse desempenhar essa função melhor que qualquer homem, mas ela fê-lo. Quem me dera conseguir convencer-te a vires connosco este ano, minha querida Lúcia.

— Chegaram-me bem os tempos antes de a Liss se casar, muito obrigada. — Lúcia ergueu a cabeça num gesto caprichoso que mostrava onde ficava, ainda que escondida, uma covinha igual à da filha. — Estou muito bem aqui. A melhor coisa de se ter filhos é poder negligenciá-los, quando eles já têm idade suficiente para olharem por si próprios.

— Como uma rainha — riu-se Joe pondo a revista de lado. — papa, lembra-se de quando ela deu um murro no homem dos adereços?

Papa Tony lançou a cabeça para trás soltando uma grande gargalhada, e Lúcia parodiou o gesto de querer esconder a cara.

— Eu devia era ter feito uma birra, espectáculo sim espectáculo não, como o Barney Parish, para ver se eles se esqueciam desta,

que foi a única que fiz. Perdi a cabeça uma única vez, e torno-me numa lenda do circo!

— Conte-nos! — gritou Clay. — Nunca ouvi essa história, Lúcia. Papá, conte-nos!

Lúcia massajou as têmporas, pensativa.

— Olha, ainda aqui tenho a cicatriz. — Virou a cabeça para que as crianças pudessem ver a estreita linha branca que lhe chegava à raiz dos cabelos. — Sim, conta-lhes, Joe.

Até Stella levantou a cabeça da costura, e Tommy ficou a olhar com curiosidade para a majestosa Lúcia, debruçada sobre o cetim que tinha no colo e corada como uma rapariguinha, mas a sorrir.

Joe disse:

— Bem, foi em Denver... foi antes ou depois de a Liss ter nascido?

— Foi depois — disse Papa Tony. — A Lúcia já estava outra vez a trabalhar ia para três meses.

— Bem, nesse ano acabávamos a actuação com um número a que chamávamos saída tripla. Eu estava na plataforma, o Matthew estava no trapézio base, o Matt mais velho, claro, e aí a Lulu lançava-se num arco longo, fazia uma pirueta sobre a barra.

E ela fazia umas belas piruetas, quando estava para aí virada.

Depois, quando já estava tão alto que toda a gente ficava de respiração cortada, lançava o trapézio por cima dos apoios e fazia um voo picado, ao mesmo tempo que eu e o Matt mergulhávamos, e caíamos juntos na rede. Era digno de ser visto, três corpos em queda que faziam levantar as bancadas, aos gritos, mesmo vendo a rede ali à sua frente.

— Eu lembro-me desse número. Tu puseste os miúdos a fazê-lo quando o Matt, o Matt Júnior, isto é, ainda trabalhava a base, mais ou menos quando o Johnny aprendeu a voar — disse Angelo.

Liss fez uma careta.

— Esse número... era um inferno. Eu, o Matt e o Johnny. Conseguíamos acabar sempre todos embrulhados. Passávamos a vida com os olhos negros e os narizes a sangrar, por cair em cima uns dos outros, e eu acabei por partir um dedo ao Johnny. Foi então que a Lulu tirou esse número do espectáculo de uma vez por todas.

— Não é coisa para ser feita por amadores — admitiu Joe com complacência. — Bem, nesse dia em Denver, um dos aderecistas prendeu um dos esticadores às três pancadas, e quando a Lulu caiu na rede aquela porcaria partiu-se, saltou e apanhou-a em cheio na cara. Deixou-lhe o osso da face a ver-se e fez com que todo aquele lado da rede caísse. Ela rolou direitinha para o chão.

Eu e o Matt conseguimos agarrar-nos às cordas, mas a Lu saiu disparada.

— Ela não conseguiria cair mal nem que fizesse de propósito — acrescentou Angelo. — Ficou meia tonta, no chão, mas rolou, deu quatro mortais no solo, aterrou de pé e agradeceu.

O público pensou que aquilo fazia parte do número e ia enlouquecendo de entusiasmo.

Lúcia escondeu o rosto com as mãos, as gargalhadas saindo-lhe por entre os dedos, enquanto Joe continuava:

— E foi então que ela viu o tal aderecista ali especado, a olhar. A nossa gentil e feminina Lúcia, a rapariga que tinha a fama de ser a única trapezista do mundo que não tinha mau feitio, a nossa Lulu... perdeu a cabeça. Chamou-lhe...

— Joey — disse Lúcia baixinho, se repetires o que eu lhe disse isso vai custar-te cinco cêntimos e, de qualquer forma, os miúdos não sabem tanto italiano assim... espero eu!

— Bem, ela chamou-lhe, hum, um nome feio, em alto e bom som e depois deu-lhe um murro em cheio na cara. E, naqueles tempos, podem crer que a nossa menina tinha músculos para pôr qualquer um K.O.! Estendeu-o ali mesmo, na serradura, e depois ficou ali com o sangue a escorrer-lhe pela cara abaixo e... deu-lhe um pontapé!

Davey, ao colo de Joe, endireitou-se e disse, ensonado:

— Lulu?

Lúcia apressou-se a pôr o bordado de lado e pegou no neto.

— Sim, a Lulu — disse numa voz de riso. — Sim, daquela vez o número teve um clímax bem dramático. Só me consigo recordar de um outro melhor, Joey. Daquela vez em que as estrelas fomos nós os dois.

Abruptamente, no silêncio tenso que encheu totalmente a sala, aperceberam-se de que os olhos brilhantes de Lúcia estavam cheios de lágrimas, e de que a voz se lhe prendia. Ela virou-se precipitadamente, abraçando Davey.

— Liss, querida, és quase tão má mãe como eu. Em que é que estás a pensar para deixares o Davey a pé até tão tarde? Continuem com o vosso jogo, meninos. Eu levo o Davey para cima.

## Capítulo IX

O Inverno ameno da Califórnia decorria sem incidentes quando, no início do mês de Fevereiro, teve lugar uma quebra na rotina.

Um outro ramo da família Santelli, o dos filhos de Rico, o irmão de Papa Tony, tinha-se mudado para Santa Bárbara e deixado definitivamente o circo. Uma das filhas da família era postulante num convento, e estava prestes a tomar votos. Papa Tony e os filhos tinham sido convidados para assistir à cerimónia — os primos daquela parte da família não viam Johnny há quatro anos — e, quando finalmente partiram, Tommy e Stella ficaram sozinhos no grande casarão. Ambos haviam sido convidados, separadamente, para ir também — Liss e Johnny tinham convidado Stella e Angelo tinha feito o convite a Tommy, mas ambos declinaram.

Sentiam-se os dois um pouco estranhos, sozinhos na casa enorme. Stella passou a manhã a limpar entediadamente a grande cozinha, e Tommy vagueou, sem qualquer propósito, pela sala de treinos, tentando descobrir qualquer coisa com que empregar o tempo. A meio da tarde Stella juntou-se-lhe no alpendre e perguntou:

— Queres ir dar uma volta de carro?

— Tens as chaves do carro do Johnny?

Ela riu-se.

— Era o carro do meu pai. Agora é meu. Anda, vamos sair um bocado. Quanto mais não seja podemos parar para comer um gelado.

Ele foi buscar o blusão de ganga ao átrio, e foi ter com ela.

Há já algum tempo que sentia curiosidade acerca do carro que supusera pertencer a Johnny; seria a primeira vez que andava num MG. Stella dirigiu-se ao carro, amarrando frouxamente um lenço em volta do cabelo batido pelo vento. Vestia umas calças coçadas de ganga branca, e uma camisola de homem.

— Quando é que aprendeste a conduzir? — perguntou-lhe Tommy.

— Oh, sei lá. O meu pai ensinou-me a conduzir quando eu era pequena... tinha nove ou dez anos. Assim que consegui chegar com os pés ao travão. Muitos homens não gostam que as mulheres conduzam, mas mesmo quando eu era pequena, o meu pai não era assim. Ele dizia que se a Amélia Earhart podia pilotar um avião certamente que eu podia aprender a conduzir um carro. — Entrou e ligou o motor. — Foi assim: depois de eu ter sido despedida do espectáculo, o Johnny meteu-se no assunto para que me devolvessem o meu equipamento. Estávamos ambos entalados. Não tínhamos para onde ir. Isto é, eu não tinha. Ele tinha para onde ir, disse ele, mas não tinha como lá chegar. Eu tinha o carro, por isso, decidimos ficar juntos, e viemos para aqui. — Pousou o pé no acelerador e virou o volante com força, saindo do caminho em marcha atrás.

Conduzia depressa e com competência, dando cabo das ilusões masculinas de Tommy, acerca das mulheres ao volante, em menos de cinco minutos. Saíram rapidamente da cidade, entraram na estrada, e ela virou para uma estrada deserta. Tommy nunca andara num carro tão potente; apesar de velho e muito usado, o motor de competição ronronava, não com o som abafado do motor de um carro vulgar, mas com o rosnido controlado de um dos leões do seu pai. Stella aumentou cada vez mais a velocidade, voando em frente enquanto o ponteiro do velocímetro avançava lentamente: 105, 110, 115, 120, 125... Tommy susteve a respiração contra o vento forte que lhe batia na cara, manchas desfocadas de verde, cinzento e castanho, pedaços da paisagem surgindo e desaparecendo na distância; durante alguns minutos perdeu toda a noção do tempo. O seu pai nunca conduzira o seu velho e pachorrento Hudson acima do limite legal de velocidade. Viu os lábios de Stella moverem-se quando ela lhe disse qualquer coisa, mas não ouviu o que ela disse, nem estava interessado. O mundo passava a toda a velocidade, e ele tinha consciência de um estranho e vertiginoso efeito de contracção, como se estivesse a ser engolido por um turbilhão. Stella era irrelevante. Nada existia, excepto aquela estranha e conturbada



consciência de si mesmo no tempo e no espaço. Deu finalmente pelo vento a abrandar no seu rosto e viu que tinham abrandado para uns moderados oitenta quilómetros por hora. Stella estava a falar com ele, desta vez com alguma impaciência.

Desculpa, Stella, não ouvi o que disseste. — Porque é que ela não podia ficar calada? Que teria ela para dizer que pudesse, de alguma forma, comparar-se à maneira como se sentia? Talvez ninguém a não ser Mário pudesse ajustar-se ao seu estado de espírito. Lembrava-se de uma frase solta que Mário uma vez lhe dissera: O Angelo diz que eu conduzo como um maníaco homicida...

Agora Tommy sabia porquê — a violência, o gozo deliberado da velocidade...

Eu disse que não quero ser multada por excesso de velocidade.

Não tenho dinheiro para pagar multas, e eu e Johnny fomos apanhados aqui, uma vez, por uma brigada de trânsito.

Vamos virar para a outra estrada. Queres conduzir um bocado?

Ela disse-o casualmente e ele ficou espantado. Queres? Queria ele conduzir aquela maravilha?

— Sabes conduzir, não sabes?

— Claro, o meu pai ensinou-me no ano passado. — Depois, totalmente fiel à verdade, confessou: — Só conduzi algumas vezes, no entanto. Talvez aí umas quatro.

— Bem, aqui não há trânsito, por isso não podes bater em nada. Passa para aqui. — Saltou decididamente do carro, e deu a volta para o outro lado. Tommy deslizou para o lugar do condutor e ficou a ouvir, num curioso atordoamento provocado pela incredulidade, enquanto ela lhe explicava, meticulosamente, os diferentes instrumentos. Ela riu-se um pouco dele:

— És um miúdo engraçado. O marido de Liss, o Clay, e até o Angelo, já o conheciam de ponta a ponta ainda não estava estacionado há três dias à frente da porta. Pensei que não gostasses muito de carros.

Tommy limitou-se a soltar uma pequena gargalhada, sentindo-se impotente. A alavanca das mudanças parecia-lhe estranha, e o volante era mais pequeno do que o habitual. Durante algum tempo fez força demais no volante, e o carro desviava-se para um dos

lados a cada toque dos seus dedos. Mas, os seus reflexos eram os reflexos perfeitos dos atletas, e passado algum tempo sentiu-se suficientemente confiante para acelerar para os 70 quilómetros por hora. Segurava o volante com força, sentindo-se tenso e cauteloso, tentando conduzir com perfeição. Olhou de relance para Stella. Ela estava debruçada para a frente, alerta e a sorrir mas não estava a vigiar cada um dos seus movimentos; confiava nele. Sentiu-se percorrer por um estranho sentimento de conforto Recostou-se no assento, firmando o volante, e durante longos minutos saboreou a estranha doçura de saltar, sem qualquer responsabilidade, para uma ilusão de maturidade masculina. Não tinha noção de praticamente mais nada a não ser do volante e da estrada por baixo do carro. Mais tarde, não conseguiria dizer, nem sob juramento, por onde tinham passado.

Já estava a ficar escuro quando viraram de regresso à cidade, e Stella voltou a pegar no volante. Ele passou-lho com relutância, mas quando já estava sentado de novo no lugar do pendura, apercebeu-se de que ficara exausto pela tensão, e sentiu-se-lhe agradecido.

Nenhum deles estava muito certo de qual era o caminho para casa. Viraram no sentido errado numa das estradas, discutiram por causa disso durante alguns minutos, e atravessaram finalmente os subúrbios da cidade de Los Angeles muito depois de as casas se terem iluminado. Pararam num café à beira da estrada e comeram chili picante servido em taças, nenhum deles com muita vontade de conversar. Quando saíram do café estava frio; soprava um vento cortante e as ruas iluminadas começavam a cobrir-se de nevoeiro.

Tommy tinha frio e estava completamente exausto, e Stella estava pálida sob a luz intermitente dos candeeiros de rua. Subitamente um forte aguaceiro abateu-se sobre o pára-brisas e, abruptamente, antes que tivessem tempo de se aperceber do que lhes acontecia, estavam os dois encharcados até aos ossos sob a chuva que caía violentamente.

Stella praguejou entredentes, com palavras que chocaram Tommy, embora ele soubesse que não era suposto tê-las ouvido, mas quando se virou para ele estava a rir-se, batendo o queixo.

— Paramos e levantamos a capota? — gritou-lhe. — Ou vamos mesmo assim?

— Mais molhados não podemos ficar — respondeu-lhe Tommy também aos gritos. — Acho que não vamos dissolver! — Por qualquer razão a chuva torrencial, e as suas roupas encharcadas, davam-lhe vontade de rir.

Luzes incidiram sobre eles e desapareceram nas estradas escuras e escorregadias, mas Stella controlava perfeitamente o carro. Passados instantes subiam a sua própria rua, e abrigaram-se debaixo do telheiro dos carros. Correram juntos pela escada acima, Stella rindo às gargalhadas, o cabelo despenteado soltando-se do lenço e colando-se, molhado, ao pescoço. A casa, escura e enorme, envolveu-os com o seu calor quando fecharam a porta pesada. Tommy procurou o interruptor às apalpadelas, tocou na mão de Stella enquanto o tentava encontrar e, repentinamente, como fizera no vestiário, abraçou-a e beijou-a. Ela tinha a cara fria como gelo por causa do vento, o cabelo molhado e frio contra o seu rosto, mas a boca era quente e o seu corpo, magro e estreito, encaixou-se desajeitadamente no seu através das calças de ganga e das camisolas grossas.

Numa voz abalada pelo riso ela disse:

— Oh, Tommy, estamos tão molhados... não faças isso.

— Como eu já disse, mais molhados não podemos ficar. — Agarrou-lhe a cara entre as mãos e beijou-a de novo. Quando a boca dele tocou na sua, ambos ficaram excitados de prazer, mas ela aquietou-se rapidamente nos seus braços, ficando ali de pé, constringida, o corpo contra o seu.

— Não, Tom — disse-lhe num suspiro. — Anda, estamos os dois encharcados... é melhor irmos para cima secarmo-nos.

Docilmente, ele deixou cair os braços e recuou. O cabelo dela, escurecido pela água da chuva, caía-lhe sobre a gola; tinha um ar amarrotado e magricelas, e de uma beleza enternecedora.

Subiram as enormes escadas desertas em silêncio e Stella foi na direcção do seu quarto, virando-se depois repentinamente.

— Tommy...

— Vai e veste roupas secas — disse ele muito depressa. — Não queres constipar-te, pois não.

— Vou ligar o aquecedor no meu quarto. — Desapareceu atrás da porta.

Tommy, com uma estranha sensação de desapontamento, entrou no pequeno quarto forrado com papel às riscas. Ouvia a chuva abater-se com força sobre a janela; um carro passou com estrondo pela estrada do desfiladeiro. Pensou se os Santellis já estariam de regresso e, se assim fosse, a que horas chegariam.

Despiu as calças e a camisa molhadas e, vendo que também tinha a roupa interior molhada, pôs-se completamente nu. Vestiu umas cuecas lavadas, pôs umas calças e remexeu dentro da gaveta de baixo da cómoda. Mário deixara ali uma confusão de roupas: pijamas, dois pares de calças de ganga coçadas, peúgas, camisolas.

Tommy hesitou, voltando a sentir-se culpado mas, por fim, incapaz de resistir ao impulso, tirou uma das camisolas de Mário e vestiu-a.

Tinha sempre pronta a desculpa de que se enganara e pensara que era uma das suas, mas até ali ninguém havia notado e como Mário trazia a roupa para ser lavada lá em casa, Lúcia não achava estranho encontrá-la na lavandaria.

Atravessou o átrio em direcção ao quarto que Stella partilhava com Bárbara. A porta tinha apenas uma nesga entreaberta; fez menção de entrar, mas deteve-se e bateu na ombreira.

— Stel? Estás decente?

— Claro, entra.

Estava sentada na frente do toucador de Bárbara, embrulhada até ao pescoço num velho roupão de lã cor-de-rosa. O quarto era bonito, pintado de branco e decorado com um tecido florido.

Tommy teve a sensação de que Stella parecia deslocada no quarto decorado com tão bom gosto, e ela como se lhe lesse o pensamento, afastou-se do espelho.

— Adoro este quarto. Nunca tive um quarto assim bonito, como este. Nas instalações de Inverno vivíamos em pensões, cada uma pior que a outra. Sujas, e às vezes até tinham percevejos.

E na estrada ficávamos em qualquer sítio que aceitasse gente do circo. — Dobrou-se para calçar uns velhos chinelos cambados.

— Talvez devêssemos ir lá para baixo. A Lúcia não gosta que os rapazes entrem aqui, e deu uma descompostura à Bárbara por ir ao quarto do Angelo buscar a roupa suja dele, e ele nem sequer lá estava.

— Estou tão habituado a viver num atrelado que nunca penso nisso — disse Tommy com sinceridade.

Stella aproximou-se e sentou-se na cama desviando o urso de pelúcia castanho de Bárbara. Ficaram algum tempo de mãos dadas sem dizer nada. Depois de algum tempo, Tommy inclinou-se e beijou-a de novo. Agora, com o roupão macio, ela estava quente.

Ficaram ali sentados, constrangidos, a olhar um para o outro e Tommy empurrou-a gentilmente, deitando-a na cama. Ela rolou, afastando-se dele ligeiramente, envergonhada, mas depois riu-se e deixou-o abraçá-la. Ele virou-se, apoiando-se nos cotovelos e debruçou-se sobre ela. Estava linda, loura e infantil, o cabelo espalhado na almofada, ainda húmido da chuva, em pequenos caracóis dourados. Ela puxou-o para si. Quando se separaram para respirar, Tommy estava ofegante. As costelas dela eram duras e ossudas contra o seu corpo, o peito quase tão chato como o seu, mas quando lhe passou a mão pelo seio sentiu que o corpo dela estremecia todo, ele sustinha a respiração. O toque das mãos dela na sua nuca fazia-o arrepiar-se. Pensou se ela teria alguma coisa vestida por baixo do roupão. De repente sentiu-se assustado e ansioso sem saber porquê. Ficou ali, abraçando-a, a cara escondida no seu ombro musculado. Nada daquilo tinha semelhanças com os sonhos vagos que tivera e em que beijara raparigas sem rosto...

Tentou abrir-lhe o roupão mas ela segurou-lhe na mão. Os seus pulsos, que pareciam frágeis e quebradiços, tinham a força de aço de qualquer trapezista.

— Não, Tommy, não faças isso. Sê bonzinho.

Ele não insistiu. Aquilo era quase suficiente. Beijaram-se novamente com doçura e o pensamento de que gostaria de ali dormir cruzou-lhe o espírito. Dormir apenas... não queria mais que isso; gostaria de adormecer ali, com a cabeça sobre o seu ombro,

assim como estavam, o seu corpo macio apertado contra si. Sentiu-se inexplicavelmente só e mais uma vez não percebeu porquê.

Pensou se aquela seria a forma que assumiam as saudades de casa e disse ferozmente a si próprio, Que coisa mais disparatada de todo! Aqui estás tu na marmelada com uma rapariga e comesas a sentir-te assim...

Ela afastou-se um pouco dele.

— Tommy, não devíamos fazer isto.

— Não estamos a fazer grande coisa. — Subitamente a imagem do braço protector e possessivo de Johnny passado pelos ombros dela cruzou-lhe o espírito e perguntou com brusquidão:

— Tu e o Johnny dormem juntos?

Ela fechou novamente o roupão no peito e sentou-se rapidamente, passando os dedos pelo cabelo despenteado.

— Sob o tecto da sua própria mãe? — perguntou num Pequeno assomo de ironia. — A Lúcia não gostaria nada disso.

Ela teve uma conversinha amigável comigo.

— Não gostas da Lúcia, pois não, Stel?

— Ela tem sido muito boa para mim — disse Stella, passando nervosamente a mão pela bainha do roupão. — Tem-me ensinado muita coisa. E estou em casa dela, sou sua convidada. Acho natural que ela não esperasse que eu tivesse qualquer noção de como me deveria comportar num ... bem, numa casa decente. Bem, eu acho que talvez... e além disso ela sabia que sou de uma família de saltimbancos. E ela tem sido mesmo tão decente quanto seria possível esperar-se... todos eles, aliás. A Lúcia... a Lúcia fez-me dois vestidos, quando fez os fatos para o espectáculo, e arranjou um dos casacos da Liss para mim. Acho que o meu estava horrivelmente esfarrapado. Ela chegou a dizer-me que esperava que o Johnny se casasse comigo. Não sei porquê... tenho a certeza de que não sou o tipo de rapariga que ela escolheria para nora. Não sou... suficientemente respeitável e bem comportada, não sei falar... volta e meia esqueço-me e digo palavrões... Não sou, pura e simplesmente, como eles... — Engoliu em seco e calou-se.

— É porque ela sabe que tu vais ser trapezista, Stel. E muito boa. Uma verdadeira trapezista, como o Mário... não uma imitação,

como o Johnny.

— Johnny não é... — enfureceu-se ela, depois ficou silenciosa e levantou-se. — Tom, é melhor deixares-me acabar de vestir.

Depois descemos e arranjamos qualquer coisa para o jantar, está bem?

Tommy estendeu a mão tentando restabelecer a intimidade de há momentos atrás, mas esta desaparecera irremediavelmente.

Tommy sentiu instalar-se em si uma estranha melancolia, a saudade do momento em que Stella lhe saíra gentilmente dos braços, a saudade de Stella despenteada, rindo-se, havia apenas alguns instantes. Ainda conseguia sentir o calor do seu corpo, mas ela já estava do outro lado do quarto. Com brusquidão, não esperando sequer que ele se fosse embora, Stella despiu o roupão ficando nua, magra e inocente, só com um par de cuecas de algodão esburacadas, e enfiou o vestido pela cabeça. Com aquele gesto quebrou o encanto de uma forma mais definitiva do que se o tivesse corrido do quarto aos gritos, com protestos de modéstia ultrajada.

Sua besta, insultou-se ele. Porque é que lhe fizeste aquela pergunta estúpida acerca do Johnny? Foi isso que a pôs assim.

Com um sorriso inocente e amigável, Stella esticou as mãos e pô-lo de pé. Comeram na cozinha; já era muito tarde quando acabaram de arrumar os pratos. A grande sala de estar, com a lareira apagada, estava demasiado escura para lá ficarem, e em vez disso sentaram-se nas escadas durante algum tempo, até que Stella passou a mão pelos olhos.

Tommy, estou cheia de sono. Importas que me despeça e vá dormir?

Acho que também vou. Nunca se sabe, eles são capazes de só chegarem lá para as três ou quatro da manhã. E isso é se não passarem a noite lá, em casa da família.

No patamar, num impulso, pegou-lhe no cotovelo magro e puxou-a de novo para si sem que ela protestasse.

Stel — murmurou. O seu corpo animara-se totalmente sob o efeito das suas fantasias, e ele debatia-se com mil perguntas:

Como seria? Abraçou-a contra si, mas ela afastou-se com suavidade, outra vez tímida e reservada.

— Tommy, não. Não. Por favor.

Ele empurrou-a contra a parede, mantendo-a firmemente segura mas, ao mesmo tempo, com medo de a estar a magoar, de tal forma ela tinha os ossos frágeis e à flor da pele. Não lhe apetecia dizer nada. Disse-lhe com a boca colada ao pescoço:

— Stel, deixa-me entrar só por alguns momentos.

Ela abanou a cabeça, silenciosa.

— Mas porquê, querida? Porquê?

Ela tocou-lhe ao de leve no rosto.

— Não ficaria bem. Não aqui, na casa deles. E imagina que chegam de repente? E de qualquer maneira... Oh, raios — disse, pôs-se em bicos de pés e roçou levemente os lábios pelos dele.

— Tu és um bom miúdo, Tommy. Usa a cabeça. — Virou-se muito depressa, soltou-se dos seus braços e foi para o quarto. A porta fechou-se, firme e definitiva.

Tommy foi para o quarto sentindo-se subitamente exausto.

Atirou com a roupa e meteu-se entre os lençóis frios. Não conseguia deixar de pensar em Stella, sozinha na cama do outro lado do átrio. Com uma espécie de memória táctil voltou a senti-la contra si, fria e molhada, a sua cara contra o seu rosto; a estranha suavidade do seu corpo franzino enrolado no roupão pesado e quente. Não tardou que a excitação o percorresse, mas até para isso estava demasiado cansado.

Ficou ali deitado, vendo imagens soltas na escuridão: o estremecimento do volante do MG entre as suas mãos, a chuva abatendo-se sobre a cabeça desprotegida de Stella, a sua mãe de pé à chuva em frente ao atrelado... as cordas do aparelho de tra- pézio agitando-se e balouçando-se ao vento forte do Arizona num dia de tempestade... Já a sonhar, sentiu a oscilação da escada de corda sob os pés, Mário e Liss, — não, era Stella — sobre a plata- forma por cima de si. Depois subiu à plataforma e passou a Mário a barra coberta por fita preta. Mário agarrou-a e lançou-se para a frente, voando, livre... Tommy viu então que o trapézio estava montado mesmo à beira de um desfiladeiro, onde o Mundo acabava, e ele e Mário voavam, no seu número de pares, sobre o grande precipício e, lá em baixo, o enorme ruído da rebentação... protestou num



murmúrio abafado "Hum!..." e sentou-se na cama. Pela porta aberta a luz do corredor batia-lhe em cheio na cara.

— Chiu, sou só eu — sussurrou-lhe Mário. Parecia mais alto e diferente com o fato escuro e de gravata. Tinha os sapatos na mão. Fechou a porta devagarinho e veio, iluminado pelo luar, até à cama.

— Já era tão tarde quando chegámos que o Papa Tony disse para eu cá ficar. Desculpa ter-te acordado... pensei que conseguia deitar-me sem que desses por isso.

Ainda um tanto estonteado pelo sonho, Tommy sentou-se e esfregou os olhos.

— Podes acender a luz se quiseres.

— Não é preciso. — Mário pousou os sapatos e sentou-se na cama enquanto desapertava a gravata. — Tu e a Stella sentiram-se muito sozinhos aqui todo o dia? Deviam ter vindo... a viagem é muito bonita. Que é que fizeram?

— A Stel levou-me a dar uma volta de carro e ensinou-me a conduzir o MG.

— Bolas — disse Mário , já tencionava ensinar-te a conduzir desde que aqui chegaste, mas esqueço-me sempre. Então a Stel adiantou-se-me! Deve ser mais divertido conduzir um MG do que o meu calhambeque. — A camisa branca caiu em monte no chão. Dirigiu-se à cómoda movendo-se com segurança no quarto semi-obscurecido. — Há aqui imensa tralha na gaveta de baixo...- aqui está um pijama. Vá lá, conversamos de manhã, chega-te para lá e volta a dormir.

Obedientemente, Tommy chegou-se para a parede. Mário sentou-se na beira da cama para vestir as calças do pijama. Tommy riu-se subitamente embaraçado por dormir nu. Via perfeita- mente Mário à luz do luar abotoando as calças. Mário virou-se e tocou no braço nu de Tommy, pousado sobre o cobertor.

Não tens frio?

Não sei porquê, mas desabituei-me de dormir vestido — tartamudeou Tommy.

Ouviu Mário rir-se baixinho.

Se passasses o Inverno num buraco como o meu, e tivesses uma senhoria tão forreta com o aquecimento como a minha,

voltavas a habituar-te rapidamente. — Deitou-se, puxou o cobertor para cima, e virou-se para o outro lado, as costas voltadas para Tommy.

— Queres puxar mais a almofada?

— Não, está óptimo. Boa noite, Tom.

— Boa noite. — Tommy fechou os olhos e ficou muito quieto. A sua perna nua roçava ligeiramente pela perna das calças do pijama de Mário; afastou-a com cuidado com medo de o incomodar. Voltou a abrir os olhos e ficou a olhar para o quarto iluminado pelo luar. Mário mexeu-se e Tommy susteve a respiração; o amigo fez um movimento lento e sonolento, procurando posição, e virou-se de barriga para baixo, o braço por debaixo da almofada. Tommy, imóvel junto à parede, ficou a ouvir a respiração regular de Mário, sentindo os olhos fecharem-se...

Tommy apercebeu-se de que voltara a adormecer, pois o luar desaparecera e lá fora estava muito escuro. O que o acordara fora Mário a mexer-se; ele dormia um sono irrequieto, não parando de se virar na cama. Estava agora virado para Tommy, a respiração quente tocando-o no rosto, o braço passado por cima do seu peito nu. Tommy sentia-se dorido e dormente por estar há muito tempo na mesma posição. Mexeu-se cuidadosamente por forma a libertar-se, mas ao mexer-se a cama rangeu, e Mário voltou a mexer-se, murmurou qualquer coisa ininteligível e esticou os braços. Sobressaltado, Tommy ficou completamente acordado e debateu-se por instantes, resistindo e sentindo-se envergonhado, depois deixou que Mário o puxasse contra o peito. Ficaram aninhados um no outro, costas contra peito, os braços de Mário envolvendo a cintura de Tommy, os joelhos dobrados encaixados a curva dos joelhos um do outro. Tommy fechou os olhos sentindo-se confortável. Podiam perfeitamente dormir assim, pensou. Não fazia mal nenhum. Parecia-lhe perfeitamente natural estar assim encaixado nos braços de Mário. Tommy queria dormir sentia que devia estar a dormir, mas em vez disso ficou ali deitado muito quieto, acordado mas gozando, ensonado, a sensação de conforto. Apercebeu-se então, como que sonhando, daquilo que tentaria esquecer mais tarde: que sempre quisera que Mário o abraçasse assim.

Adormecia e acordava como se se movesse sobre uma fronteira pouco definida, com imagens surgindo e desaparecendo do seu espírito: Mário de pé com os braços em volta de Johnny; balouçando-se no trapézio, o corpo num arco perfeito; a subida no espaço, a passagem de um pelo outro, planando, a descida; o sobressalto ao agarrar o trapézio, permitindo que este o levasse consigo, sempre mais alto, até ao salto no espaço — um raio de luz brilhante, um vislumbre de fogo... Mário nu, de pé no vestiário, o rosto coberto de suor, passando a toalha em movimentos bruscos pelos ombros — repentinamente desperto com um sobressalto comparável ao de uma queda, tal era a tensão que percorria o seu corpo, Tommy teve consciência do que se estava a passar.

E se Mário soubesse, se se apercebesse do que estava a acontecer?

Cautelosamente, tentou libertar-se do abraço quente e perturbadoramente apertado, mas Mário apertava-o com força, a cara fortemente encostada à sua omoplata. Assustado e quase a entrar em pânico, Tommy endireitou-se e esgueirou-se para fora do círculo formado pelo corpo de Mário, afastando-se.

Sentiu mais do que ouviu a alteração da respiração de Mário; depois este, com mãos firmes e seguras do que faziam, agarrou-o pelos ombros e puxou-o para si. Ficaram deitados face a face, mal se tocando. A sensação de conforto ensonado desaparecera.

Tommy estava agora completamente desperto e rígido de embaraço, quase frenético com o que lhe estava a acontecer.

Oh, meu Deus! E eu que pensava que estava a sonhar... que raio de altura para ficar excitado...

O rosto de Mário era áspero contra o seu. Cheirava a sono e a suor. Por instantes Tommy pensara, na confusão da sua excitação, que Mário também estava acordado, mas agora tinha quase a certeza de que ele estava a dormir. Ignorando as tentativas cautelosas e cheias de nervosismo que Tommy fazia para se afastar, Mário puxou-o mais a si. Numa espécie de encantamento atordoado, Tommy deixou-se puxar para um abraço apertado. Pensou fugazmente, enquanto começava a tremer de tensão e medo, Ele está a dormir, não se apercebeu... Depois, para lá de todo o

controle, deixando de conseguir pensar, foi assaltado por uma sucessão de imagens confusas: a súbita brusquidão de um peito peludo esmagando-se contra o seu, duro como pedra; um toque accidental e escaldante, a tortura intermitente da mão de Mário, quente como um ferro em brasa, nas suas costas, sentindo-a antes mesmo de ele o tocar, enquanto os ossos das costelas, das ancas e das pernas se esmagavam, obstinados, e recusavam separar-se daquele abraço doloroso. Ele continuava a pensar, Ele esta a dormir, tem de estar a dormir, não se apercebe do que está a fazer, senão não o faria, quando o toque escaldante se transformou numa carícia, numa convulsão breve e violenta a que se seguiu a queda num vazio atordoado. Respirando fundo, virando a cabeça súbita e violentamente, Mário beijou-o na boca; Tommy sentiu a sua respiração tornar-se convulsa, suspender-se e soltar-se e, depois, uma quietude total. Confuso e incrédulo, e um pouco tonto, Tommy soube de uma forma um tanto vaga — enquanto Mário se remexia e suspirava, como que dormindo mais profundamente, o seu corpo relaxando-se e ficando mais macio e pesado, os braços ainda em torno da cintura de Tommy — que ele nunca acordara. Meu Deus, quão baixo és capaz de descer, Tom Júnior? Fechou os olhos e caiu, instantaneamente, num sono profundo.

Dormiu calma e profundamente, agora sem se mexer. Quando por fim despertou, a mão de Mário estava no seu ombro, o rosto debruçado sobre o seu, os olhos escuros sorrindo-lhe.

— Acorda, tonto! Ficaste surpreendido? Chegámos tão tarde que o Papa Tony me obrigou a ficar cá. Estavas a dormir tão profundamente que nem te mexeste quando me deitei.

Tommy estava prestes a dizer com rudeza: "Estás parvo ou quê? Nós conversámos, seu imbecil!" quando, o brilho nos olhos de Mário, um assomo de memória ou a vaga descontração quente do seu próprio corpo, o fez entender o que Mário estava a tentar dizer-lhe sem palavras. Era então assim. Deveria ter percebido, se se tivesse dado ao trabalho de pensar nisso, que uma coisa assim não poderia ser levada para a luz do dia e permitir que eles se continuassem a olhar olhos nos olhos. O que quer que tivesse acontecido, embriaguez ou inconsciência — Raios, se calhar ele

pensou que eu era a namorada! — tinha de ser repudiado com prontidão.

— Sim — disse ele lentamente , afinal a que horas é que chegaste? Estava a dormir que nem uma pedra.

## Capítulo X

Numa manhã do fim de Março, Tommy encontrou Johnny sozinho na sala de treinos, vestido para sair mas descalço, mexendo nos elásticos do trampolim.

— Fizeste gazeta, Tom?

— Não, hoje não tenho escola. — Tommy lançou os sapatos para dentro da caixa. — Onde está a Stella?

— Está lá em cima com a Lúcia a experimentar o fato de cena. Vamo-nos embora em breve. A temporada dos circos de província começa mais cedo, e a equipa Gardner-Kincaid está aquilo que se pode dizer falida. — Deu um puxão final aos esticadores do trampolim. — Sabes fazer alguma coisa de jeito nesta coisa?

— Não sei. Desde pequeno que não experimento.

— Não tem nada que saber. O Angelo montou-o quando éramos pequenos; acho que ele queria que o Mark tivesse qualquer coisa que pudesse fazer connosco.

— O Mark é teu irmão gémeo, não é? Nenhum de vocês fala muito nele. Como é que ele é?

— É porreiro — disse Johnny com lentidão. — Não é tanto o facto de não falarmos muito nele, mas... bem, isto é horrível de se dizer, mas eu até me esqueço que ele existe. Nunca mais o vi.

Ele tinha um raio de um problema para um Santelli: medo de alturas. Papa Tony conseguiria ensinar um surdo a conduzir uma orquestra, mas quanto ao Mark não pôde fazer nada. O miúdo até tinha bastante vontade, mas de cada vez que se via a dois metros do chão ficava verde, caía para o lado e vomitava o almoço.

O Matt não te contou?

— O Mário disse-me uma vez que ele vive com uns parentes vossos em São Francisco.

— Sim, vive com uns parentes do meu pai. Quando o meu pai morreu eles queriam adoptar-nos aos quatro. Houve mesmo uma disputa pela custódia, com alegações de que a Lúcia não era boa

mãe, viajando pelo mundo todo como ela viajava. Felizmente o Starr é o circo mais respeitável do mundo, e ninguém conseguiu olhar duas vezes para o Papa Tony, e duvidar de que ele fosse capaz de nos educar da melhor maneira possível. E a Lu acabou por ficar connosco. Sabe Deus por que razão se terá dado a esse trabalho. Mas quando ficámos mais velhos, o Mark gostava de viver em São Francisco, e passado algum tempo a Lu passou a mandá-lo para lá durante a temporada. Ele licencia-se este ano pela Universidade de Barkeley, a não ser que seja chamado para a tropa, entretanto.

— O Mário também lá esteve uns tempos, não foi?

— Foi — disse Johnny fechando a boca com firmeza, e Tommy percebeu que mais uma vez desrespeitara um tabu familiar. Depois Johnny encolheu os ombros, apoiando-se na borda do trampolim.

— O Mark não é mau tipo, mas já não temos grande coisa a dizer um ao outro. É como se ele fosse uma espécie de primo afastado, em vez de ser meu irmão. O único de nós que o vê é a Liss.

O Dave Renzo foi amigo dele na faculdade, eram da mesma associação, ou coisa do género. Sempre pensámos que a Liss continuasse a trabalhar no espectáculo, que se casasse com alguém do circo.

Mas ela foi passar um Verão com os Gardners e... bem, sabes como é a Lu. Durante todo o tempo que andávamos com o circo, ela vigiava a Liss como um cão de guarda. Não a deixava sair fora da sua vista nem por um minuto, obrigava-a a usar totós e saias rodadas, não a deixava pôr bâton nem sair com rapazes e, se qualquer homem do espectáculo lhe dissesse mais que três palavras seguidas fora de cena, aparecia logo a Lúcia ou o tio Angelo. Por isso, quando a Liss foi passar férias com os Gardners, e eles a trataram como é normal tratar-se uma rapariga de vinte anos, acho que a liberdade lhe subiu à cabeça, ou coisa do género. E mal demos por isso, já ela estava casada com o tipo. Os Gardners, como é evidente, acharam aquilo pura e simplesmente maravilhoso. Mais um dos seus netos fora do mundo do espectáculo. E ainda por cima arrumada com um jovem simpático e com uma profissão respeitável.

Johnny deu uma gargalhada curta e saltou para cima do trampolim.

Ora a ti não te apetece ouvir estas histórias antigas, pois não? Saltou uma ou duas vezes para ganhar balanço, e lançou-se para trás num mortal encarpado aterrando de pé. — Salta para aqui e tenta fazer isto, Tom.

Tommy hesitou, pois estava vestido com roupas de passeio; mas o Johnny também estava e, de qualquer forma, o trampolim não era um aparelho de trapézio. Saltou para o seu lado.

Calculou mal as distâncias na primeira tentativa de fazer o mortal e atingiu Johnny no peito; caíram um por cima do outro.

Mas ao contrário de Mário ou Angelo, Johnny não gritou com ele, nem se riu com desdém da sua falta de jeito. Em vez disso disse-lhe encorajadoramente:

Vá, tem calma. Tenta outra vez. Olha, deixa-me mostrar-te como é... mantém os joelhos um bocadinho flectidos...

Saltou, enrolando-se com perfeição, e depois desenrolou o salto, demonstrando a forma de distribuir o peso. — Equilibra-te...

Equilibra-te, é esse o segredo.

Depois de ter apanhado o jeito e a coordenação necessários para que os dois pudessem trabalhar juntos no trampolim, Tommy provou ser um aluno entusiasta e em breve saltavam um sobre o outro como um par de jovens rãs. Nenhum deles deu pela passagem do tempo até Mário abrir a porta de repente e dizer:

— Meu Deus, vocês os dois têm aqui estado este tempo todo?

— Desde as onze horas. — Johnny rolou do trampolim para o chão e Tommy seguiu-o. O chão parecia-lhe instável depois de ter estado em cima da superfície elástica do trampolim.

— Devias pô-lo a trabalhar no tapete, Matt; ele é bom. Tem uma boa noção do ritmo.

— Eu sei. Vou levá-lo um destes dias à escola de ballet para mostrar aos miúdos umas acrobacias.

— Bem, toma bem conta dele no meio daquele bando de bichas — avisou Johnny com bom humor.

Mário riu-se.

— Eu estava a falar nos miúdos mais pequenos, irmão John!



Abruptamente, já sem qualquer vestígio de riso na voz, Johnny disse:

— Matt, ouve, queria fazer-te uma pergunta. Como é que vocês aguentam?

Aguentamos o quê, Jock?

— A forma como o Papa Tony vos trata a todos. E não só a vocês. Ele trata a Lu e o Angelo da mesma maneira que trata aqui o miúdo. E tu, tu és a estrela dele. Porque é que nunca lhe dizes para não te chatear?

— Porque o velhote já se esqueceu de mais coisas acerca do trapézio do que eu alguma vez saberei. E quero aprender tanto quanto possível com ele. Ele não está a ficar mais novo, sabes?

— O rosto sério de Mário abriu-se subitamente num sorriso.

E embora deteste ter de o mencionar, meus caros, estão vestidos com traje de passeio e foram apanhados no acto e em flagrante<sup>{9}</sup> literal e metaforicamente, não sei se me estão a perceber. Vou buscar os panos.

— Oh, não! — gemeu Tommy.

— Ouve, aqui em baixo, no trampolim... — protestou Johnny.

As fortes gargalhadas de Mário ecoaram na galeria por cima de si.

— Objecção rejeitada. Invoco o famoso caso Gardner versus Santelli. Lembras-te dos calções da Liss? Aqueles com botões nas bainhas? Angelo disse-lhe que não eram seguros e ela disse-lhe que todas as suas calças de ginástica estavam na máquina de lavar.

Lembras-te da sentença proferida pelo juiz nesse caso?

Johnny fez uma careta.

— Sim. Disse "bem, gatinha, podes ir lá acima e pôr os calções na máquina também, quando acabares de polir o chão".

Sabes, Mário, acho que fui eu quem levou o Tommy a fazê-lo.

Eu não mudei de roupa, e ele provavelmente pensou que no trampolim não fazia mal. Ora bolas, de qualquer forma acho que o chão estava a precisar de ser limpo. Temos sido todos demasiado cumpridores da lei este ano. Temos houve em que levava uma boa polidela dia sim dia não. Devemos estar a ficar crescidos.

Nunca pensei que fosse possível passar um mês sem quebrar uma regra qualquer e meter-me em sarilhos.

Tommy agarrou no pano fino embebido em óleo e começou a encerar a partir de um dos cantos. O pano e o chão cheiravam ligeira e agradavelmente a óleo de cedro. Johnny trabalhou em silêncio durante alguns minutos, e depois soltou uma gargalhada.

É engraçado. Eu tinha jurado que nunca mais faria isto.

Que já era um rapaz crescido, e que estava farto destas tretas. Mas estar aqui em casa tem um estranho efeito sobre mim. Muito estranho mesmo. Acho que até gosto de fazer isto. — Passou o pano com gestos largos sobre o chão brilhante. — Faz-me sentir outra vez um puto, com o velhote a dar-nos cabo da cabeça. Ele veio cá a baixo ver-nos ensaiar ontem à noite. Sabes como ele é... não consegue limitar-se a assistir. Não tardou muito que começasse a implicar com a Stel...

— Sim, vi-o fazer isso há algumas semanas — disse Mário.

— Sim, e o que ele diz vale a pena ser ouvido com atenção.

Tentei fazer com que a Stel percebesse isso, mas ela ficou perturbada e eu vim cá a baixo e tentei-lhe dizer, educadamente, por amor de Deus, avô, que a minha parceira não fora educada com os métodos da Escola de Trapézio e Reformatório, e de qualquer forma eu já era um rapaz crescido, e podia eu próprio muito bem treinar o meu número.

— Aposto que isso — disse Mário — foi o erro do ano.

— Para ti é fácil dizer isso — disse Johnny amuado, não foste tu quem teve de ver a Stella ficar completamente histérica.

— Lembro-me que o Angelo costumava lidar muito eficientemente com esse tipo de situação — disse Mário rindo-se.

A boca de Johnny contraiu-se.

— É melhor que não tente esses métodos com a Stella. Não vejo com bons olhos a ideia de sovar raparigas casadoiras.

— Por amor de Deus, Johnny! Vê lá se cresces! Se o Angelo tivesse pensado na Liss como uma rapariga casadoira nunca lhe teria tocado com um dedo, e tu sabes disso muito bem. Ele ainda hoje age como se ela tivesse doze anos... ou não a ouviste pedir-lhe um

cigarro no outro dia? Ele disse: "Gatinha, sabes que o Papa não gosta que vocês, os miúdos, fumem."

— Bem, de qualquer forma, como eu te estava a dizer, o Papa Tony teve um ataque de fúria. Eu consigo ignorá-lo, mas ele começou a atacar a Stel, e algumas das coisas que ele disse... bem, foi bastante duro. Disse-lhe que um verdadeiro artista consegue aprender com as críticas de qualquer pessoa, até com as vaias de um espectador, e perguntou-lhe se ela queria passar o resto da Vida como uma artista de terceira classe, ser só mais uma rapariga a mostrar as pernas bonitas em cima de um trapézio. Perguntou-lhe: "Achas que és assim tão bonita que ninguém reparará se distingues a barra das cordas?" A Stella começou a chorar, e disse-lhe que trabalhava na pista desde os quatro anos, e ele rosnou-lhe que devia ter tido tempo para aprender qualquer coisa nesse tempo todo!

— Sim, reconheço que isso foi um bocado duro. Mas o Papa Tony é assim, Jock. É assim que ele funciona. E a Stella podia fazer muito mais do que faz. Ela foi horrivelmente ensinada.

— Sim, naquela espelunca daquele espectáculo de saltimbancos.

Mas está a aprender. Ela faz o que eu lhe digo, mas eu tento ser cuidadoso. Seja como for, quando ele lhe disse aquilo ela fugiu escadas acima. Eu dei um grito ao Papa Tony — "Já viu o que arranjou agora?" — e corri atrás dela. Encontrei-a no quarto da Barbie a chorar em cima da cama. Disse-me que faria tudo o que eu quisesse, mas que se eu não mantivesse o velhote longe dela, se ia embora. Foi preciso quase uma hora para a acalmar.

E quando eu já estava a conseguir fazê-la acalmar-se, entra a Lúcia!

Bolas, eu só estava a conversar com a Stel, a porta para o corredor estava escancarada e estávamos os dois completamente vestidos, bem, eu tinha vestidas as calças de ginástica e a Stella de roupão.

Seja como for, estávamos ambos sentados na cama, a Stel estava agarrada a mim em pranto, e eu tinha os braços à volta dela, e foi uma carga de trabalhos para explicar à Lulu que as minhas

intenções eram as mais puras. E é claro que, enquanto eu explicava, a Stel ficou outra vez completamente histérica...

Mário gemeu. Mas estava a rir-se ao mesmo tempo.

— Com os diabos, Jock, tu sabes como é a Lúcia!

— Pois, pois, claro. Foi educada à antiga italiana, e tentou com todas as suas forças fazer o mesmo connosco. Suponho que nem sequer lhe ocorreu que eu pudesse estar na mesma cama com Stel sem pensar sequer naquilo-que-tu-sabes. Mas, de qualquer maneira, fiquei furioso. Raios, que espécie de filho da mãe pensa a Lúcia que eu sou? Eu também tenho algum respeito pela família! Será que ela pensa que eu trago uma rapariga para casa da minha mãe e... e a trato como se fosse um engate de rua?

— Suponho que a Lu acha que a encontraste num grupo de saltimbancos, e que isso é praticamente a mesma coisa — murmurou Mário.

A questão não é essa. A questão é que se eu fosse fazer uma coisa dessas, e sabe Deus que não estou a tentar dizer que sou melhor que os outros, não sou padre, nem monge, nem nada dessas coisas, certamente que não o faria em casa da minha mãe e debaixo do seu nariz!

Tommy, os olhos no chão, percebeu que eles se tinham esquecido da sua presença.

Mário debruçou-se sobre Johnny e deu-lhe uma pancadinha no ombro.

Pronto, miúdo, pronto. Afinal como é que isso acabou?

Bem, quanto mais eu tentava convencer a Lu de que não estávamos a fazer nada, mas mesmo nada de mal, mais perturbada ficava a Stel e pior aspecto tinha aquilo tudo. Acabei por me ir embora achando que as mulheres seriam capazes de resolver a questão entre elas. A Lu nunca conseguiu ser mesquinha com ninguém. Sarcástica, sim, mas má, não. Por isso fui lá a baixo para dizer ao Papa Tony o quanto ele magoara a Stel, e ele limitou-se a rosar que não tinha paciência para mulheres histéricas e que, além disso, não lhe dissera nada que ela não merecesse.

— Sabes — disse Mário, ele não está tão errado assim.

A Stel não é feia, tem talento, uma boa coordenação, muito boa coordenação, um bom físico...

— Oh, isso não sei, eu gosto de raparigas com mais... — As mãos de Johnny descreveram curvas no ar.

— Eu queria dizer bom físico para voar, estúpido! É pequena de osso e não tem um rabo grande; consegue fazer mortais tão bem feitos como aqui o Tommy. Mas não é uma profissional.

O Tommy já tinha juízo suficiente para não me responder como ela faz no dia em que o deixei subir pela primeira vez ao trapézio.

Johnny encolheu os ombros.

— E que é que tem responder? Assim desabafa. E, se calhar, ela tem razão. Eu não sou infalível e ela é esperta. Somos parceiros.

Eu estou disposto a ouvir o que ela tem para dizer.

Mário abanou a cabeça.

Discordo. Isso é pura e simplesmente evitar o problema, Johnny. o treinador de um número é totalmente responsável pelo resultado final, e isso significa ser responsável pelo que os outros fazem também. Não é fazer dos outros paus mandados, mas é absolutamente necessário que exista uma ideia mestra por trás do número, e se ela não aceitar a tua liderança, o que é que está então a fazer no teu número? Como é que um artista pode ter qualquer espécie de controlo se não aceitar a disciplina? Ela devia aprender a acatar ordens... e a aceitar críticas também.

— Vocês têm uma obsessão por isso!

— Bem, dá resultado. No ano passado fez com que eu conseguisse um triplo. E o Papa Tony podia ensinar-lhe imenso se ela o ouvisse em vez de desistir e fugir a chorar.

— Sim, eu sei — concordou Johnny desencorajado, mas se ela está a fazer qualquer coisa mal, porque é que ele não é capaz de lho dizer em vez de gritar e armar uma tragédia? Claro, ele é um dos melhores do mundo, eu sei disso. Quem me dera que ele ensinasse a Stel. Adorava poder trabalhar com ele...

— Jock, mas não existe razão nenhuma para que não trabalhes!

Ouve, quando essa porcaria desse contrato com o Moorcock acabar, volta! O Papa Tony consegue dar a volta ao Angelo, sempre

conseguiu. E ele está morto por voltar a ter um número verdadeiramente em grande outra vez, daquele tipo de número em que o ar se enche de corpos em voo...

— Houve um Verão em que trabalhei num número assim, no Minnesota. Os Morellis Voadores. Nove voadores e três bases.

Estávamos a treinar um dia e houve alguém que perguntou por nós ao apresentador, e ele disse: "Ah, sim, é o número do confetti."

— Sim. Bem, o Papa Tony está morto por ter um número tipo confetti. Mas odeia trabalhar com estranhos.

— Claro. Porque não os pode possuir de corpo e alma. — Johnny esfregava o chão furiosamente. — Ele tomou a iniciativa, sabias? Disse que eu me tinha acalmado. Ofereceu-se para receber de volta o filho pródigo. Mas sabes, Matt, eu não sou assim.

Se ele nos ensinasse, nos dirigisse no espectáculo e deixasse a nossa vida privada em paz, tudo bem. Mas eu não posso continuar, ano após ano, como se o homem mais velho do número fosse Deus Todo-Poderoso, com mais alguns profetas à mistura e o homem mais novo fosse uma espécie de tonto. Tu já és muito melhor profissional do que o Angelo alguma vez foi, mesmo nos seus tempos áureos, que eu suspeito já pertencerem ao passado. Mas quando o Papa Tony se reformar, e já não pode faltar muito, o que é que achas que o tio Angelo se está a preparar para ser? Uma segunda edição saída do mesmo prelo. E tenho-te visto treinar o Tommy para se encaixar nesse esquema, andar ao mandado de vocês todos e, daqui a alguns anos, começar a tratar o Clay exactamente da mesma maneira. — Atirou com o pano e pôs-se de pé. Nunca quiseste ser alguém?

Eu sou alguém — disse Mário. — Sou o Mário dos Santellis Voadores. Não tenho de o provar. Isso faço-o lá em cima. — E apontou para o topo do aparelho dos trapézios.

Johnny disse com irritação:

— Talvez eu e a Stella não sejamos suficientemente bons para os Todo-Poderosos Santellis Voadores. Talvez não estejamos de todo à vossa altura...

— Eu não disse isso.

— ... mas trabalhamos em equipa, e não ficamos enrolados em tradições e regras e em coisas escritas há mil anos, como aquelas

Malditas Escrituras do Velho Mário ali na parede! Não me importo de aturar este tipo de disparates — deu um pontapé no trapo — se for para nos divertirmos; isso faz-me sentir parte da família. Mas a forma como tu o fazes, não é como sendo uma boa piada, como o desenho da Liss sobre a Escola de Trapézio e Reformatório que está no vestiário. Tu levas isto muitíssimo a sério e eu não sou capaz de aguentar com isto, nem quero. E se eu fosse uma estrela, então havia de querer ser uma estrela, e não o idiota júnior.

Mário disse gravemente:

— Se o meu trabalho é digno de uma estrela, não me interessa o que sou o resto do tempo. Até o Tommy chegar, eu era o homem mais novo. Agora é ele. No ar, eu sou a estrela do trapézio.

Mas continuo a ser o homem mais novo do número à excepção de Tommy. Para que é que eu havia de querer puxar pelos galões?

— Tu nem sequer percebes de que é que eu estou a falar!

— Percebo, sim, Jock. O Papa Tony não me regateou elogios.

Foi o meu nome que foi para o cartaz, e fui eu quem foi chamado Para encerrar o número.

— E quem ficou com todas as tarefas domésticas e tratou da roupa suja de toda a gente enquanto andaram na estrada?

— E porque não? É sempre o homem mais novo quem faz essas coisas.

— Oh, raios — explodiu Johnny. — Tu és incorrigível!

— É a diferença entre o ballet clássico e a dança moderna Não, Jock, deixa-me acabar. A dança moderna tem vigor e poder mas é indisciplinada. O ballet clássico nunca adopta nada até que o seu valor esteja confirmado. O trabalho clássico de trapézio é muito assim. Tem o tipo de disciplina subjacente a uma tradição especial. Que não se consegue imitar. É simplesmente.

— Isso não passa de uma data de tretas. Não tem mais de cem anos. E está sempre a mudar. Não leio tanto como tu, mas sei perfeitamente que se pensava que era impossível alguém conseguir fazer o duplo mortal e meio, quanto mais um triplo.

— Faz como quiseres — disse Mário. Tinha o rosto fechado, e com uma expressão de teimosia. — Eu só sei que o Papa Tony é um dos grandes trapezistas do passado e que, se eu for fiel àquilo que

ele acha certo, posso vir a ser um dos grandes trapezistas do futuro. E ainda que ele fique tolhido de reumatismo, e eu me torne numa estrela três vezes maior do que o Barney Parish alguma vez foi, ele ainda assim me fará saltar com um simples aceno de cabeça. Simplesmente por causa daquilo que foi, e ainda é.

— Detesto ter de te fazer isto, irmão mais velho. — Johnny ergueu repentinamente a cabeça com um sorriso de orelha a orelha. — Mas sinto ser o meu dever solene informar-te, seguidor consciencioso que és das tradições da família, que estás a conspurcar o chão acabadinho de polir com esses teus grandes pés calçados com esses grandes sapatos.

Mário disse impotente:

— Porque é que eu não calo a boca?

Tommy dobrou-se e tentou não rir alto enquanto Mário apanhava humildemente um dos panos, se ajoelhava ao lado de Tommy e Johnny e começava a puxar o lustro ao chão.

Johnny e Stella partiam daí a uma semana, e era tradição na família Santelli que qualquer membro da família, antes de partir para cumprir qualquer contrato, desse um espectáculo especial.

Era uma espécie de ensaio geral para benefício dos membros da família que não trabalhavam no trapézio. Durante todo o dia reinou um clima de expectativa em toda a casa. Lúcia estava fechada com Stella na sala de costura no primeiro andar, e o treino normal foi desmarcado para que Angelo e Mário pudessem ajudar Johnny a ajustar o trapézio para o seu número com Stella.

Antes do jantar entraram todos cerimoniosamente para a galeria dos músicos que dava para a sala de treinos, Nonna apoiando-se no braço de Liss, e Lúcia tensa e pensativa. Quando a família já estava toda sentada, Mário, que estava lá em baixo junto à porta do vestiário, hesitou e deu uma gargalhadinha constrangida.

Depois o seu rosto ficou muito sério e Tommy percebeu que para Johnny e Stella este seria o mais severo de todos os testes.

O público que iriam enfrentar não era composto por ignorantes em busca de excitação e divertimento, mas sim por colegas de profissão com capacidade crítica. Até o pequeno Davey, no seu fato-



macaco vestido de lavado, parecia consciente da seriedade da situação, e estava muito quieto ao colo de Bárbara.

Mário ficou silencioso por momentos; depois, imitando sem parodiar um apresentador do circo disse:

— Lúcia Santellis apresenta — e olhou de relance para cima, para a sua mãe — o par de trapezistas, Gardner e Kincaid!

Abriu de par em par a porta do vestiário revelando Johnny e Stella de pé, com os braços passados pelos ombros um do outro.

Estavam extraordinariamente belos enquanto entravam lentamente no salão de bailes, virando-se graciosamente para que Lúcia pudesse gozar por alguns momentos a admiração dos outros pelos belos fatos que lhes fizera. Johnny parecia-se com um Apolo jovem e dourado, Stella com um anjo prateado e azul, daqueles que enfeitam as árvores de Natal.

— Lúcia — Liss perguntou reprovadoramente, descolorou o cabelo de Johnny?

Usavam capas azul-petróleo debruadas a cetim prateado, que reflectia a luz, com um brilho baço, quando se moviam. Quando tiraram as capas, reluziram nos seus fatos azul-eléctrico, as lantejoulas reflectindo intensamente a luz; Stella tinha em torno do pescoço um colar de penas azuis e macias.

Enquanto Stella subia ao trapézio, Liss disse ansiosamente:

— Ela é tão bonita.

Aquele não era um número de trapézio voador, embora eles tivessem combinado de forma engenhosa as poses pitorescas do trapézio voador, especialmente aquelas que realçavam a beleza e graciosidade de Stella, com as sequências típicas de um número de trapézio duplo. No fecho do número, Stella lançou-se em mortal do trapézio mais alto, os tornozelos encaixando-se nas mãos de Johnny quando parecia que se iria despenhar no solo; seguidamente ergueram-se lado a lado e ficaram agarrados ao trapézio mais baixo, cada um deles passando a perna em torno das cordas e desenhando arabescos perfeitos. A família aplaudiu generosamente, a avó Santelli batendo as palmas com as velhas mãos ressequidas e até Papa Tony, um tanto contrariado, acenando a sua aprovação.

— Tem de admitir que ele é bom — murmurou Liss enquanto Johnny e Stella corriam para o vestiário. — Porque é que é tão duro com ele, Angelo?

— Eu não sou duro com ele, gatinha. E nunca disse que ele não era bom. Mas ele é desonesto. Não em relação a dinheiro, não é isso que eu quero dizer, acho que ele não seria capaz de roubar um selo de correio. Mas é desonesto em relação àquilo que realmente conta, ao trabalho. Faz parecer tudo mais difícil do que realmente é, tudo mais espectacular. Como aquela passagem em que eles fazem de propósito para parecer que a Stel vai cair. É baixo. É uma maneira baixa de provocar os aplausos do público. É fraudulento. É sensacionalista. É para os papalvos que vão ao espectáculo na esperança de que alguém morra, e não para ver um bom espectáculo de trapézio.

— Não gosta mesmo dele, pois não, Angelo?

— Bolas, Liss, não é nada disso. Como sobrinho gosto tanto dele como gosto de ti, ou do Davey, ou do Clay. Gosto dele. Ele é da família. Mas como Santelli, não o respeito e isso não tem nada a ver com gostar dele ou não.

Liss franziu o sobrolho.

— Mas aquilo é espectáculo — argumentou.

Mário, que subira para a galeria para o pé dos outros depois de ter feito de apresentador, estava de cenho franzido. Olhando para Angelo enquanto este pegava em Davey e o levava para baixo, para a sala de treinos, disse baixinho:

— É isso mesmo. Eu bem que sabia que havia qualquer coisa naquele truque de que eu não gostava. Só que não o conseguiria exprimir por palavras como o Angelo fez. — Virou-se repentinamente e sorriu a Tommy. — Mas são bons, naquilo que fazem são bons. — disse — Não fazem um número de trapézio voador nem nunca disseram que faziam. Bolas, o Moorcock não se pode dar ao luxo de ter um bom número de trapézio voador, e o público que vai aos seus espectáculos nem reconheceria um bom número de trapézio se o visse. Aquilo é exactamente o que o público deles quer... provavelmente vão adorar. Vamos lá a baixo dizer-lhes quão bem se saíram.

Excepcionalmente as regras sobre o calçado foram desrespeitadas enquanto se juntaram em torno de Johnny e Stella, já vestidos com as roupas de passeio, congratulando-os e abraçando-os.

Stella, no seu novo vestido de algodão às riscas cor-de-rosa, um dos que Lúcia lhe fizera, com mangas de balão e a saia rodada, estava radiante e muito corada. Liss tomou a rapariga nos braços e deu-lhe um grande beijo e toda a gente lhe seguiu o exemplo.

Papa Tony deu-lhe um beijo cerimonioso na testa e Angelo deu-lhe uma beijoca sonora na face. Até Tommy, quando chegou a sua vez, lhe deu um beijinho tímido. Mário pôs as mãos ao de leve nos ombros de Stella e olhou-a, sorrindo.

— Quem me dera que voasses em vez de andares nessas brincadeiras com os trapézios fixos.

Ela corou, os olhos no chão.

— Também eu.

— Stella, escuta... — começou Mário, mas nesse momento Bárbara lançou os braços em torno de Stella.

— Estou com tanta inveja tua que me apetece gritar! — guinchou ela. Mário, dando de ombros desdenhosamente, virou-lhe as costas.

Papa Tony disse a Johnny:

— Foi muito bonito, meu rapaz, muito competente.

Johnny lançou os braços impetuosamente em torno de Stella:

— E todo o crédito deve ir para a minha parceira que é gira, bonita e talentosa! Lulu, dê um abraço à nossa nova estrela!

Lúcia passou o braço ao de leve por cima dos ombros estreitos de Stella e beijou-a na testa.

— Minha querida, espero que isto seja apenas o início. Tens talento para, um dia, entrares num número muito mais sofisticado.

Tu e o Johnny trabalham maravilhosamente juntos.

Stella tinha o rosto erguido para Lúcia, os olhos rasos de lágrimas.

— Vocês têm sido todos tão bons para mim. Trataram-me como se eu fizesse mesmo parte da família.

Lúcia sorriu-lhe com um dos seus sorrisos aciganados.

— Venham para cima, miúdos. Merecem o jantar, não há .  
dúvida.

Johnny e Stella sentaram-se no lugar de honra, lado a lado à cabeceira da mesa. Papa Tony, depois de servir um copo de vinho cerimonial a toda a gente (até Clay e Bárbara tiveram direito a umas gotas em honra da ocasião), pôs-se de pé ao fundo da mesa, sorrindo e erguendo o copo.

— Ao Johnny e à Stella, o ramo mais brilhante e viçoso da velha árvore. Vá, vá lá, Stella, não quero lágrimas nesses lindos olhos!

Tommy recordar-se-ia sempre dela assim: uma criança corada e feliz, chorando de felicidade, incapaz de falar até Johnny lhe pegar na mão.

Depois do jantar sentiam-se todos abatidos, quebrados, sofrendo os efeitos da excitação anterior. Liss, que tentava jogar damas com Bárbara, acabou por afastar o tabuleiro.

— Não estou com disposição para isto. Lúcia, podemos ir buscar o álbum? Tommy e Stel nunca o viram.

Lúcia hesitou e depois encolheu os ombros.

— Como queiras. Mas não deixes o Davey tocar-lhe com as mãos todas peganhentas.

Joe ergueu os olhos.

— Tiraste uma fotografia ao Johnny e à Stella com os fatos de cena, Lu?

— Tirei-lhes ontem algumas fotografias quando treinaram com os fatos, mas ainda estão a revelar.

— Sua malandra! E eu que me perguntei o que estaria a fazer lá em baixo! — disse Johnny afectuosamente, tocando a mão macia da mãe. Ela encolheu os ombros e sorriu, mas pareceu ficar satisfeita. Liss voltou com um pesado livro de recortes que colocou no centro da mesa de jogo. Johnny fez um gesto com a mão na direcção de Stella. — Querida, anda ver isto.

O livro abriu-se sozinho na página central onde fora colada uma fotografia ligeiramente sumida em tons de sépia e cuidadosamente coberta com celofane.

Estes eram os Santellis Voadores no ano antes de eu Nascer — disse Liss , o que me faz sempre sentir como se tivesse estragado tudo.

Lúcia passou-lhe um braço pela cintura.

Se me voltas a lançar isso à cara, Liss, sou capaz de começar a acreditar. — Disse aquilo num tom descontraído, mas tinha a testa franzida, marcada por duas rugas verticais entre as belas sobrancelhas.

Tommy debruçou-se cautelosamente sobre a fotografia. Quantos anos tinha Liss? A fotografia fora tirada há, talvez, uns vinte e cinco anos.

— O Papa Tony está exactamente na mesma — comentou.

— Os trapezistas nunca envelhecem — disse Angelo , só os seus nervos é que ficam mais velhos.

Stella perguntou:

— Quem é o moreno? Não pode ser o Mário... Ele ainda não tinha nascido, pois não?

— É o Joe, claro — disse Liss , e aquele é o Papá. O meu pai. Matt Gardner. O primeiro Matt Gardner.

Tommy pensou que o homem alto e louro ao centro podia ser o Johnny, só que mais alto, mais velho e mais discreto.

— Aquela é a senhora, não é, Lúcia? — perguntou.

— Porque não usas o cabelo assim, Liss? — perguntou Stella.  
— Ficarias igualzinha a ela.

Liss encolheu os ombros.

— É exactamente essa a razão.

Debruçando-se por cima deles para conseguir ver, Mário disse:

— A Lúcia é a única mulher viva que ficava bonita com aquelas coisas farfalhudas que as trapezistas vestiam por cima das calças de ginástica.

Joe deu uma gargalhada.

— Oh, para nós ficavam tão bonitas como vocês acham que ficam naquelas coisas brilhantes e coladas que parecem fatos de banho. Nós não tínhamos sido estragados com a visão de quilómetros e quilómetros de pele feminina aí pelas praias.

— Por falar em praia — disse Johnny , acabámos por não chegar a ir. Queria levar a Stella. Porque será que nunca vamos à praia?

Mas Stella ainda estava a olhar para a fotografia.

— Quem é a outra rapariga? Era a mulher do Angelo?

— Meu Deus, não — disse Angelo. — Eu tinha doze anos quando essa fotografia foi tirada.

Lúcia sorriu distraidamente olhando para a fotografia de onde, ao centro, a sua figura pequena e altiva lhe sorria. A seu lado estava uma rapariga pequena e com ar travesso com o braço dado a Joe.

— Oh, não. Não é uma Santelli. Embora durante algum tempo pensássemos que se ia casar com Joe.

— Estás a invocar o meu nome em vão? — perguntou Joe.

— Estava só a pensar no que teria acontecido se tivesses casado com a Cleo.

— Isso é muitíssimo fácil — disse Joe enterrando o nariz no jornal outra vez. — Não teríamos o Clay e a Bárbara.

— Pois não. Ela nunca teve filhos, pois não? — disse Lúcia franzindo o sobrolho e olhando para a fotografia.

Stella perguntou:

— Mas quem é ela? Tenho a certeza de que já a vi em qualquer lado!

— Disso não tenhas qualquer dúvida — disse Lúcia. — Era uma rapariguinha talentosa que entrou para o circo no ano em que eu me casei. Era uma das alunas do Barney Parrish e eu encorajei-a a aprender a voar. Depois, quando tive de deixar de fazer parte do número por a Liss vir a caminho — tocou fugazmente com os dedos na ponta da trança da filha — ela passou a fazer todas as minhas partes. Um par de anos mais tarde casou com o Jim Fortunati e passou a fazer parte do grupo deles...

— Cleo Fortunati... é claro — disse Stella espantada. — Não fazia ideia de que ela tinha trabalhado com os Santellis!

— Ela não anuncia isso propriamente aos quatro ventos — disse secamente Lúcia , mas nós somos parentes dos Fortunatis, sabias? A minha mãe era a Carla Fortunati. O Jim e o Lionel são meus primos direitos.

Liss disse, com uma piscadela de olho matreira:

— Sabes, ainda hoje entre os trapezistas, se discute quem foi a maior trapezista, se a Lu se a Cleo...

— Oh, pára com isso, Liss! — disse Lúcia com impaciência.

— Essa é uma questão que pura e simplesmente não se põe!

O seu pé batia nervosamente no chão. — Quando eu trabalhava na pista central, as mulheres não tentavam fazer os exercícios mais difíceis. Esperava-se que fôssemos bonitas e graciosas, e não que mostrássemos os músculos. Tive mais publicidade por causa de um duplo à retaguarda nesses tempos, do que aquela que o Mário consegue com o triplo! Seja como for... vira a página, Liss e mostra-lhes algumas das fotografias mais bonitas.

Ela obedeceu e Tommy susteve a respiração. A magia das fotografias coloridas apanhara uma mulher em pleno voo, os braços abertos, deixando as mãos do base: calças de ginástica douradas e caracóis escuros, por cima de si um corpo vestido de verde enrolava-se, tenso, num movimento perfeito de um mortal.

Lúcia falou com brusquidão, mas os olhos sorriam com um ar sonhador.

— Essa foi uma das primeiras fotografias a cores de alta velocidade que foram tiradas — disse-lhes ela. — Ganhou um concurso internacional de fotografia em 1936 e saiu na capa da Life, e esse tipo de coisa. Aquele, no trapézio base, é o Jim Fortunati, e eu e o Joe numa passagem no ar.

Stella rebentou:

— Oh, quem me dera, quem me dera podê-la ter visto, Lúcia!

Tommy não disse nada, mas olhou para Lúcia com outros olhos — fora repentina e permanentemente forçada a ficar em terra.

Joe disse afectuosamente:

— Em termos de pura forma, nunca houve ninguém — ninguém!

— como tu, Lulu. A Cleo pode fazer as maiores acrobacias, mas nunca será o que tu foste, Lu. Tu eras uma bailarina voadora.

Lúcia sorriu.

— E se se tiver em conta que eu tinha tido quatro filhos em cinco anos...

Angelo apontou para a legenda da fotografia.

— Sonhos Voadores — leu. — Aquele tipo sabia porque é que voar atrai tanta gente. O velho sonho de voar. Toda a gente sonha ser capaz de voar. E os números de trapézio voador tornam possível esse sonho. É por isso que não há nada de mais belo no mundo do que um belo trapezista. Homens ou mulheres, são lindos.

Liss disse, num súbito acesso de hilaridade:

— Olhem quem está a fazer discursos!

Angelo encolheu os ombros e sorriu-lhe, tentando não dar importância ao seu comentário:

— Queres que eu lhes mostre algumas fotografias tuas de aparelho nos dentes, gatinha? — meteu-se com ela, e a solenidade criada pelo que dissera desapareceu tão depressa como surgira Pouco depois, Lúcia e Liss foram para cima para ajudar Stella a fazer as malas. Angelo foi ajudar Johnny a fazer o mesmo, e os outros dispersaram-se. Tommy, Mário e Bárbara sentaram-se junto à lareira, Mário partindo avelãs entre os dedos e lançando as cascas para as chamas. Bárbara deitou-se de barriga para baixo, a cabeça sedosa apoiada nas mãos, olhando sonhadoramente para o fogo.

— A Stella é tão bonita. Mário, achas que ela e o Johnny se vão casar?

— Como é que eu hei-de saber, querida? Sim, provavelmente, porque não?

— A Liss alguma vez voou tão bem como a Stella?

— Não — disse Mário, mas não lhe digas que eu disse isso.

— Quem me dera que a Lu me deixasse voar — disse Bárbara.

— O Johnny diz que eu estou pronta para isso.

— Para o ano.

Bárbara rolou e sentou-se contra o joelho de Mário; Tommy, olhando para os dois primos, sentiu-se subitamente excluído, solitário, com saudades de casa. Mário deu uma noz a Bárbara e disse:

— Se quiserem mais nozes, miúdos, partam-nas vocês. Estou a ficar com as mãos doridas. Tommy, chega-te mais para aqui para onde possas ver as chamas. Todos os Outonos vamos às praias à



procura de salvados e trazemos madeira. As cores das chamas são provocadas pelo sal embebido na madeira.

— Nunca vi o mar. — Tommy chegou-se para mais perto do fogo, olhando para o brilho intermitente das cores, amarelo-sulfuroso, verde-vivo, azul-cobalto, animando-se e morrendo.

— Nunca viste o mar? — perguntou Mário. — Bárbara, que fazes amanhã?

— E que é que eu faço às quintas-feiras? Vou à escola.

E tenho lição de ballet às três e meia.

— Diabos, amanhã é quinta-feira? Ia-te dizer para fazeres gazeta. À escola podes muito bem faltar, a Lúcia não se importa, mas não podes faltar ao ballet. Ouve, Tom, não te podes ir embora da Califórnia sem veres o Pacífico. Vamos à praia amanhã. Já que a Barbie não pode vir, achas que aguentas a minha companhia um dia inteiro?

Claro — disse Tommy e, de repente, já não se sentia solitário outra vez.

Olhem — disse Bárbara, aquela é exactamente a cor que a Lu escolheu para o fato da Stella... — apontou para a chama azul do fogo. — Porque é que não escolhes outro dia que não calhe a uma quinta-feira para ir à praia, Mário? Não é justo!

— Estão a dormir, miúdos? — A luz do tecto acendeu-se esbatendo o pulsar ritmado e hipnótico das chamas e Johnny e Liss entraram na sala. — Que estão vocês a fazer às escuras? — perguntou Liss.

— A tomar conta dos bebés — disse Mário com uma gargalhada.

— Graças a Deus que o meu bebé está arrumado por esta noite — disse Liss. — Matt, vou-me embora amanhã de manhã.

Queres vir dar uma volta lá fora comigo? Queria falar contigo.

Mário hesitou e depois pôs-se de pé.

— Está bem, doçura, vamos dar uma volta e conversar. Onde está a Stella?

— A Lulu meteu-a na cama — disse Johnny. — A miúda estava estafada. A Lu nem me deixou entrar para lhe dar as boas-noites.

Liss disse, empertigada:

— Olha, Jock, tem cuidado. A rapariga está apaixonada por ti, caso não tenhas dado por isso.

Johnny deu uma gargalhada nervosa.

— Ora, deixa-te disso, nós somos só amigos. A Lulu tem andado a fazer de casamenteira e a meter-te ideias na cabeça?

— Eu tenho olhos para ver — disse Liss. — A sério, Jock, haverá alguém que tome conta dela lá nesse espectáculo?

Os Espectáculos Moorckoc não são muito melhores que um grupo de saltimbancos, qualquer coisa lhes serve.

— Liss, querida — disse Johnny, sai da Idade Média.

A Stella já é uma rapariga crescida. Gostaste de ter a Lulu ou o Angelo em cima de ti o tempo todo, para terem a certeza, qual é o termo bem educado para dizer isto?, de que mantinhas intacta a tua virtude?

— Por outras palavras — disse Liss, queres dizer para eu me meter na minha vida. Não tenho vergonha de ter sido educada decentemente, e isso também foi muito importante para o David. Se te vais casar com a Stella, Jock...

— Raios, Liss, és pior que a Lúcia! — irritou-se Johnny.

Ela encolheu os ombros.

— Pronto, pronto. Vocês já são os dois crescidos. Talvez eu devesse falar com ela!

— Metes-te nisto — disse Johnny agarrando-a por um pulso e eu torço-te o pescoço!

— Calma, Johnny — disse Mário, larga-a!

Johnny começou a rir-se.

— Como sempre, juntos contra mim. Que se passa Liss, estás com ciúmes? Já estás farta de estar em São Francisco a tomar conta do bebé?

Liss riu-se com uma estranha gargalhada depreciativa.

— Um pouco, talvez.

Johnny lançou a cabeça para trás.

— Ei, isso resolveria tudo. Porque é que não vens tu connosco, Liss? Podias tomar conta da Stella, a moral ficava a salvo, e vias-te livre dos Lorenzos todos.

O sorriso de Liss foi irónico.

— Não me tentes! — Passou o braço por trás de Johnny e abraçou-o. — Tenham uma ótima temporada, Jock. Os dois.

— Vamos ter, mana. Ouve, tem cuidado contigo. E quando voltares para São Francisco diz olá ao Mark por mim. Meu deus, gostava de o ter visto. Diz-lhe isso. — Johnny beijou-a na testa, depois virou-se, e deu uma puxadela aos caracóis de Bárbara. — No próximo ano quero ver-te fazer tudo o que a Stella faz, querida.

Garanto-te, se o Papa Tony não te ensinar a voar, sou eu que te ensino na próxima Primavera!

Tommy sorriu hesitante e disse:

— Um bom ano para ti, Johnny.

— Para ti também, miúdo. — O rosto de Johnny ficou sério. — Olha, Tommy, importas-te que te dê um conselho? O primeiro ano em digressão pode fazer de ti um sucesso ou acabar contigo.

Tem calma... não fiques muito em baixo se qualquer coisa te correr mal e não fiques todo inchado se te correr tudo bem, e tiveres sorte. — Deu a Tommy uma pancadinha no ombro. — Vês, Matt?

O próprio Papa Tony não conseguiria dar um conselho melhor que es... deixa-te disso. — Mário pôs as mãos nos ombros de Tommy. — Raios, Jock, quem me dera que fosses connosco em vez de ires para a estrada com esse circo maltrapilho!

Talvez um dia, irmão. Ouve, Matt, vê lá se não partes o pescoço a inventar um triplo e meio, ou coisa do género, estás a ouvir? — Lançou os braços à volta de Mário e, para surpresa e embaraço de Tommy, os irmãos beijaram-se na boca. Nunca vira homens adultos beijarem-se; não se lembrava de o seu pai o ter beijado desde que ele era praticamente um bebé.

Johnny bocejou esfregando os olhos.

Acho que vou para cima. Amanhã tenho de conduzir.

Começou a subir as escadas e Mário disse:

— É melhor irem também, miúdos. Tom, venho buscar-te amanhã cedo. Anda, Liss, vai buscar o casaco. Damos uma volta ao quarteirão se quiseres, e conversamos um bocado.

Johnny e Bárbara subiram as escadas, mas Tommy, deixando-se ficar para trás, ouviu Mário e Liss no átrio.

— Ouve, Matt, porque é que não vens para Barkeley no próximo ano para estudar? Podias ficar connosco. O Dave não se importava.

— Importava-me eu.

— Não sejas assim, Matt!

— Seja como for, como é que eu me ia arranjar, doçura?

Nunca volto antes de Outubro, e tenho de voltar a partir em...

— Podias arranjar uma maneira qualquer, matricular-te antecipadamente para o semestre de Outono, ou coisa assim. Há mais quem faça isso.

— De qualquer forma, querida, tu sabes o que aconteceu...

— Matt, não fales como se fosses o Al Capone ou alguém assim! Só estiveste em liberdade condicional por três meses. Eles aceitavam-te de volta sem qualquer problema...

— Olha, se queres falar disso aqui — disse Mário zangado, por amor de Deus fala baixo até sairmos de casa! — Tommy ouviu a porta fechar-se atrás deles e apressou-se a subir as escadas, espantado e perturbado.

Ainda não tinha amanhecido quando, no dia seguinte, Tommy ouviu vozes e passos no átrio. Percebeu que Johnny estava a levantar-se e a fazer as últimas despedidas. Ouviram-se passos apressados a subir e a descer as escadas, cheiro a café, o ruído do MG a afastar-se. Não saiu do quarto. Aquele era um assunto estritamente familiar e, mais uma vez, sentiu-se excluído.

Algumas horas mais tarde acordou de repente, e viu que a luz do dia já inundava o seu quarto, e Mário estava debruçado sobre si, sorrindo.

— Acordado?

— Claro. — Tommy apressou-se a sentar-se. — Não precisavas de vir aqui acordar-me, podias ter batido à porta.

Mário virou-se e olhou para fora da janela.

— Traz os calções de banho. Estavas com um ar tão sereno que quase não tive coragem de te acordar, mas achei que era melhor irmos embora antes de já estar tudo a pé e o Clay começar a fazer uma birra para vir também.

Tommy enfiou a roupa e saíram para uma manhã algo fria e cinzenta de nevoeiro. Inicialmente o carro de Mário moveu-se lentamente pelas ruas, mas o nevoeiro levantou rapidamente à medida que o sol foi aquecendo.

Foi um dia estranho e Tommy reteve, para sempre, umas quantas imagens desse dia. O chão polido e o espelho de parede da escola de ballet, onde Tommy esperou que Mário terminasse a sua aula do princípio da manhã. Mário estava de pé no centro da sala, elegante e muito direito, conduzindo os estudantes — todos mais novos que Tommy — com palavras gentis e fazendo estalar sonoramente os dedos, em exercícios complicados, meio dança, meio acrobáticos, que os olhos não treinados de Tommy não conseguiam seguir. Tommy ficou de um dos lados da sala, fora do caminho, observando tudo com um peculiar sentimento de ciúme.

Os estudantes agrupavam-se em torno de Mário exigindo a sua atenção, como Tommy nunca se atreveria a fazer, chamando-lhe "Matt" ou "senhor Gardner", mais ou menos ao acaso. Um rapaz com 11 ou 12 anos, baixo e elegante e surpreendentemente robusto, parecia ser o exibicionista e o preferido da turma; não parava de posar, saltando incrivelmente alto, fazendo piruetas estonteantes.

Gracioso, alegre e atrevido, com uma grande cabeleira encaracolada, os seus olhos brilhantes seguiam todos os movimentos de Mário com uma adoração óbvia. Era o centro de todas as marcações depois de um exercício correu a falar com Mário numa catadupa de palavras, quase sem fôlego. Tommy não ouviu o que ele disse mas Mário pôs a mão a meio das costas do rapaz, apoiando-o ligeiramente enquanto o rapaz se dobrava cada vez mais; repentinamente o rapaz ficou tenso como uma mola comprimida e fez um flic à retaguarda com toda a perfeição. Mário sorriu enquanto o miúdo aterrava de pé. "Nada mau, Eric. Estás a ver, consegues fazer isso sozinho, não precisas que eu te ajude."

Depois inclinou a cabeça encontrando o olhar de Tommy e os ciúmes vagos que este sentia desapareceram. Mário era simpático e descontraído com estas crianças, enquanto que com Tommy era duro, brusco e exigente, mas Tommy percebeu de repente que essa

diferença de tratamento era o maior cumprimento que Mário lhe podia fazer. Eram parceiros, colegas de profissão e Mário, desprezando qualquer tipo de indulgência, fazia vir ao de cima o que Tommy tinha de melhor para dar.

Mais tarde seguiram pela auto-estrada que corria ao longo do oceano, com uma vista espectacular, e passaram horas no areal de uma praia deserta. Estava demasiado frio para nadar, e Tommy ficou um pouco assustado com a rebentação barulhenta das ondas.

Apesar disso entraram na água durante alguns momentos, e Tommy nunca esqueceria a surpresa que sentira ao ver que a água que lhe batia nos lábios era mesmo salgada. Na areia, ao abrigo das rochas, estava quente e acolhedor. Deitaram-se em calções de banho e Tommy teve a sensação curiosa de estar a rolar na superfície de um mundo que girava sobre si próprio, tão profundamente envolto pelas idas e vindas da água que não havia sequer a necessidade de articular as ideias. Adormecido pelo sol e pela areia, numa letargia e satisfação tais, que resvalara para um mundo de sonhos mais profundos que o próprio sono. Ficou ali deitado com um cotovelo tocando ligeiramente no ombro de Mário, sentindo-se tão confortável, numa felicidade tão absoluta, que era impossível de analisar. Sobressaltou-se de uma forma quase dolorosa quando a maré subiu e as ondas frias lhe tocaram nos dedos dos pés e Mário se virou e disse, sonolento:

Acho que é melhor irmos embora.

O sol, enorme e vermelho, tocava a superfície da água, o mar estava da cor do fogo. Em silêncio, apanharam as toalhas e voltaram para o carro. Tommy virou-se para mais um breve olhar para o brilho laranja-dourado onde o céu, a areia e o mar se juntavam numa explosão de cor, fixando a imagem na memória. Nunca me vou esquecer disto, disse ferozmente para consigo nunca. E nunca esqueceu.

Enquanto vestiam as calças de ganga frias e peganhentas a cor desapareceu totalmente do céu deixando apenas um brilho vermelho na água junto ao horizonte. Quando Mário ligou o carro e saiu da estrada que levava à praia, suspirou:

— Quem me dera... Raios, quem me dera que parecesses uns anos mais velho, Tommy.

Tommy piscou os olhos tentando ficar desperto. Fora a primeira vez nesse dia que sentira a sua diferença de idades. Perguntou-se se aquele comentário seria um aviso das súbitas mudanças de humor de Mário, em que ele ficava agressivo, entediado e irrequieto, recambiando Tommy de volta para o mundo dos miúdos e retirando-se para aquela sua outra vida de que Tommy não fazia parte.

— Não quis dizer... é só que me apetecia jantar num dos meus restaurantes preferidos e gostava que fosses comigo. Mas tu tens... quantos anos? Catorze, não é?

— Faço quinze daqui a umas semanas e tu sabes muito bem disso.

— Mesmo assim, não conseguiria que passasses por ter vinte e um anos num bar. Pelo menos não neste bar. Esquece.

Queres jantar num daqueles drive-in?<sup>{10}</sup> Podemos comer galinha frita, camarão, ou coisa do género. Ou queres ir ao parque de diversões onde trabalha o Joe?

Tommy votou pelo drive-in. O longo dia, o sol e o mar, tinham-lhe tirado a vontade de ir para o meio do barulho e da confusão do parque de diversões.

Deixaram-se ficar bastante tempo no drive-in, com os tabuleiros cheios de galinha frita à frente, e depois fizeram a longa viagem de regresso dentro do carro escuro, pela costa acima. Passava das 10 horas quando entraram na cidade. Enquanto percorriam os desfiladeiros sinuosos ladeados por grandes propriedades muradas escondidas nas gargantas escuras, Tommy sentia-se embalado pelos movimentos do carro. O rádio transmitia música jazz, pulsando em tons abafados que penetravam a sua sonolência e lhe despertavam emoções intensas. Tommy sentia-se cheio de comida e quase a dormir, a testa a arder com um grande escaldão. Fechou os olhos e passado algum tempo deixou de dar pelas curvas da estrada. Aninhou-se na escuridão quente, embalado pelos movimentos do carro e, meio a dormir, sentiu que tinha a cabeça contra o ombro de Mário. Fez menção de se endireitar, mas

mal iniciara o movimento quando, soltando um suspiro, voltou a deslizar para a escuridão confortável do sono.

Sem fazer ideia de quanto tempo teria passado, viu que o carro parara e que tinha a cabeça no colo de Mário. Fora um pequeno movimento que o acordara quando Mário se inclinara para desligar o rádio. Ainda num estado de semiadormecimento quase infantil, sentiu, sem que isso lhe provocasse qualquer reacção, que Mário lhe beijava ao de leve a fronte. Agarrou-se à sensação agradável de sonolência, até Mário se endireitar afastando-se; depois, sentindo fugirem-lhe os sonhos e a escuridão do sono, Tommy mexeu-se e suspirou.

— Que foi? Onde estamos?

— Chegámos. Acorda.

Teve no entanto a sensação, enquanto as névoas do sono se dissipavam, de que estavam há já algum tempo às escuras, imóveis dentro do carro, e que fora a tentativa de desligar o rádio que pusera fim à situação. Parecia recordar-se de Mário lhe ter murmurado qualquer coisa parecida com, "Oh raios, aqui não!", mas já não tinha a certeza se não teria sonhado.

— O que é que aconteceu, adormeci?

— Sim, devias estar estafado. — Havia na voz de Mário um tom diferente que Tommy nunca lhe tinha ouvido. Debruçou-se e abriu a porta do carro. — Já é tarde. É melhor ires para casa.

Se calhar durmo cá.

— Sim, agora que o Johnny se foi embora há mais uma cama — disse Tommy.

Mário hesitou.

— Olha, há uma luz acesa no rés-do-chão. Ainda está alguém acordado. É melhor não ficar... se entro agora vão-me dar cabo da cabeça por te ter trazido tão tarde. Vai tu.

Sentindo, não sabia porquê, que Mário estava perturbado Tommy disse numa voz infantil, parodiando:

— Oh... não me vens aconchegar na caminha e embalar-me para eu dormir?

Mário deu uma gargalhada nervosa.



— Sim, claro que te embalo, se arranjar uma embalagem suficientemente grande. — Apontou-lhe uma pistola imaginária.

Depois a sua mão fechou-se suavemente em torno do pulso de Tommy. — Se tivesse pensado nisso a tempo ter-te-ia levado para minha casa para passares lá a noite. Mas agora, se a Lúcia ainda está acordada e ouviu o carro, ia dar confusão. Fica para outra vez, está bem? Boa noite.

Tommy sabia que não valia a pena argumentar nem resistir. Mas não sabia porquê.

— Obrigado, Mário, tive um dia ótimo.

— Sempre às ordens. — Mário bateu a porta do carro atrás de si e arrancou. Tommy subiu o caminho até à casa, perguntando-se o que é que se passaria — porque é que depois de um dia cheio de novas experiências e de companheirismo, se sentia de repente tão pesado, tão perdido, com um cansaço cheio de tristeza e melancolia. Pestanejou sob a luz fraca do átrio. Lúcia chamou da sala grande:

— Matt? Tommy, são vocês?

— Sou só eu. — Foi até à porta. Lúcia e a avó Santalis estavam sentadas à lareira. O rádio estava a tocar baixinho e ele pensou se a estação seria a mesma da que tinham ouvido no carro.

— O Matt não veio contigo?

— Não senhora. Ainda tinha um longo caminho a fazer até casa, acho eu.

— Quem me dera que ele ficasse cá — impacientou-se Lúcia. — É tão disparatado, há aqui tanto espaço! Queres... Deus do Céu, Tommy, tens um escaldão horrível! — Levantou-se da cadeira e, pela primeira vez desde que ali vivia, Tommy reparou que nem todos os seus movimentos eram graciosos, que houvera uma hesitação, um movimento estranho que parecera ter sido causado pela dor. — Anda comigo, vamos pôr qualquer coisa nisso.

— Oh, não faz mal. Por favor não se incomode...

— Anda daí. Não discutas. — Levou-o até à cozinha onde lhe passou a cara com qualquer coisa fresca e adstringente. — Vais pelar durante duas semanas. Os ombros também estão assim?

Tirou-lhe a camisa. — Pois, já devia calcular! Espero que o Matt tenha juízo suficiente para pôr qualquer coisa nas queimaduras dele.

Acho que ele já estava bastante bronzeado. — Uma imagem dos ombros nus de Mário, bronzeados como os de um cigano e com gotas de água do mar brilhando como jóias sobre a pele, atravessou o espírito de Tommy.

Lúcia voltou a tapar o frasco.

— Não vistas a camisa por cima disso. Tenho três filhos todos mais velhos que tu, Tommy. Já vi muitos miúdos nus antes de ti.

Se fosse a ti dormia sem a parte de cima do pijama esta noite.

E leva isto para cima se precisares de tratar das pernas ou do rabo.

Queres comer qualquer coisa? Uma sanduíche? Um copo de leite?

— Leite, talvez, mas nós jantámos.

— Encheram-se de porcarias, aposto — ralhou Lúcia passando-lhe um copo. — Francamente. O Matt devia ter mais juízo.

Trazer-te para casa com um escaldão destes. Não me admira que não se tenha atrevido a entrar e a enfrentar-me.

A avó entrou a porta da cozinha no seu passo incerto e ficou a ver Tommy beber o leite.

— E porque é que o Matt não veio? É tão injusto... ele e a Elissa andam sempre juntos e o pobre do pequeno Johnny é como um órfão desde que mandaste o Marco embora. É sempre errado separar os gémeos — che il Dio ha fatto due... e a Elissa passa demasiado tempo com os rapazes, é uma maria-rapaz...

— Nonna querida — disse Lúcia suavemente, não é o Johnny, e a Liss já é crescida e tem um filho.

— Elissa... — A velha senhora franziu o sobrolho e disse qualquer coisa em italiano que, desta vez, Tommy não conseguiu perceber. Era evidente que ela estava outra vez a fazer confusão com o tempo, pois Tommy apanhou as palavras "sempre" e "così, come tu stessa, Lúcia!" Lúcia suspirou impaciente.

— Sim, Nonna querida, já me disse isso — disse baixinho, mas a Elissa é muito feliz com o marido e com o bebé, e a Lúcia também. Por favor, cara, vá dormir.

Lúcia pousou a mão no velho pulso deformado, mas a velhota afastou-se.

— Não, Carla — disse com aspereza. — Sou eu que te digo non minganni — a Lúcia é demasiado parecida comigo para isso Digo-te que aquela criança se sente infeliz, infeliz por ficar aqui comigo a tomar conta do bebé quando o que ela queria era estar com os outros, na estrada. No meu tempo e no teu era diferente as raparigas já estavam a trabalhar de novo um mês depois de terem os bebés, e trabalhavam até o mais tarde possível antes de terem o seguinte. Mas esse Matthew, esse marido dela, é americano, não percebe essas coisas; a partir do momento em que sabe que ela está grávida fica cheio de medo do que lhe pode acontecer, e lá volta a insistir...

— Pare com isso! — gritou Lúcia. — Pare com isso, cale-se, cale-se e deixe-me em paz! Maldita seja! Maldita seja, sua bruxa velha!

Tommy ficou sem respiração. Nunca ouvira ninguém contradizer a velhota antes, nunca ouvira a voz doce de Lúcia alterar-se. Ela virou-se para Tommy numa fúria repentina.

— Sai — murmurou entredentes. — Sai daqui! Vai para cima!

Deixa-me resolver isto! — Depois, fazendo um esforço, desfez os punhos e respirou fundo. Humedeceu os lábios com a língua. — Desculpa. Estou cansada — disse — e às vezes isso põe-me nervosa. — E, embora o seu sorriso fosse bondoso, ele viu que as rugas provocadas pela dor se voltavam a acentuar no seu rosto.

Enquanto se virava para se ir embora, viu que ela pegava com gentileza no braço da velhota senil e a levava para fora da sala.

Ficou impressionado com o seu auto-controlo. Subiu lentamente as escadas da casa adormecida e, quando fechou a porta atrás de si e tentou reviver o dia que passara, descobriu que se lembrava apenas de uma linha de fogo extinguindo-se no mar junto ao horizonte, de um sonho que se desvanecia e da melancolia impotente nos olhos de Mário.

## *Capítulo XI*

À medida que Março foi avançando, a casa dos Santellis parecia ir ficando vazia e silenciosa. A rotina diária dos treinos tinha abrandado; o número para aquela temporada já estava estruturado, e as sessões de treino tinham-se tornado ensaios rotineiros.

Tommy deu por si estranhamente inquieto. Já dominava todos os exercícios simples que lhe permitiriam fazer nesse ano; os outros descansavam, relaxando-se e gozando o tempo primaveril.

Sabia que dentro de poucas semanas partiriam para o acampamento de Inverno e passariam lá cerca de uma semana, no meio do pandemónio de última hora em que se preparam os números e se fazem os ensaios gerais e em que se acordam as tarefas extra a desempenhar no espectáculo, antes de o Circo Lambeth se fazer à estrada.

Sentia-se cada vez mais perdido. Na escola era um solitário, um estranho, uma sombra entre os outros estudantes. Assistia às aulas, entregava os seus trabalhos de casa, chegava mesmo a ir tomar uma Coca-Cola, ou a ir ver as revistas nas bancas com os colegas, mas sentia-se como se não estivesse realmente ali.

As vezes dava por si debatendo-se com a mesma questão que se lhe pusera durante a infância: no Inverno também "desmontam"... o público? Sabia que de facto assim era, visto que se encontrava no meio do público, e este não lhe parecia nada real. E, curiosamente, ele próprio também não o era. Não quando estava ali, no meio deles. Nessa altura o único local em que existia, parecia ser entre as paredes da sala de treinos. Só quando ali estava sabia o que fazia, ou mesmo onde se encontrava, e trabalhava e treinava tanto que até Mário, o perfeccionista, lhe acabou por lhe dizer, rudemente, que para tudo havia limites. À medida que os dias de Primavera iam passando, aumentava a sua tensão interior. Sentia saudades da voz sonora de Johnny e da sua indomável alegria sentia falta de Stella, e até mesmo de Liss e do bebé barulhento e

cansativo. Quando sentia que iria rebentar de tensão, absolutamente incapaz de ficar quieto por mais tempo, ia até à sala de treino e tentava dispendir a energia acumulada no trampolim repetindo os velhos exercícios de ginástica com uma violência persistente.

Lúcia chamou-o um dia à sala de costura e tirou-lhe as medidas mostrando-lhe os desenhos do seu fato. Tommy usara fatos de fantasia durante toda a sua vida, e sempre gostara de os arrumar e cuidar deles, mas o fato para a sua primeira temporada como trapezista era muito especial.

Tradicionalmente, a estrela do número de trapézio voador dos Santellis vestia-se de ouro dos pés à cabeça; durante muitos anos fora Papa Tony quem o fizera. No ano anterior tinha sido tomada a decisão de pôr Mário ao centro e de o vestir de dourado: calças de ginástica douradas, o maillot justo feito de malha dourada, lan-tejoulas douradas. Mas depois de ter visto Mário e Tommy voarem juntos no número de pares, Lúcia insistira em vesti-los com fatos idênticos. A polémica durara durante quase uma semana, até Angelo ter sobressaltado Papa Tony, ofendido Lúcia gravemente e espantado todos, ao erguer a cabeça um dia quando estavam à mesa a jantar e dizer, com um ar cansado:

— Este raio de conversa está a aborrecer-me de morte. Que diferença é que isso faz, afinal? Porque é que não havemos de esquecer o dourado e escolher outra cor qualquer? Eu por mim estou enjoado e farto destas porcarias em verde e dourado, parecemos um bando de papagaios!

Bárbara deu uma risadinha e apressou-se a esconder a cara atrás do guardanapo.

— Os Santellis sempre se vestiram de verde e dourado — protestou Lúcia.

— Querida Lulu, eu sei disso — disse Angelo pousando o garfo.  
— Faço parte do número há muitos anos e não sou cego nem, infelizmente, surdo. Tenho estado aqui sentado a ouvi-los falar disso já faz mais de uma semana, e...

— Se não gostas dos fatos que eu faço, Angelo...

— Lu, com mil raios...

E não praguejes comigo!

Lúcia, Lúcia — disse Angelo com um suspiro que parecia ter-lhe sido arrancado do fundo da alma — Eu não disse isso.

Mas toda esta discussão é um raio, desculpa, é um disparate completo e tu sabe-lo tão bem como eu. Se mudássemos as cores todos os anos talvez isso fizesse algum sentido. Mas nunca mudamos. Porque não fazes então simplesmente os fatos da forma como achares melhor, sem esta discussão toda? Ninguém está a argumentar contigo! Ou então, ainda melhor, encomenda o raio das coisas, e descansa um bocado!

— Não te queres vestir de verde e dourado, Angelo?

— Ora bolas, Lu, o que eu te estou a tentar dizer é que não quero saber disso para nada... Estou-me nas tintas para o que visto desde que a porcaria do fato me sirva. O que eu não quero é ter de ouvir esta maldita discussão que parece ter-se tornado permanente, eterna!

Lúcia corou.

— Admito que tenho algum prazer em fazer os fatos para o número, e em ver os Santellis vestidos como sempre se vestiram.

Será isso um crime?

Angelo encostou a testa aos punhos cerrados.

— Esquece que eu falei sequer no assunto.

— Não, agora que começaste... Eu não quero ser ditatorial.

Deixa que ouçamos, para variar, quais são as tuas preferências estéticas.

— Lu, deixe-o — murmurou Matt. — O Angelo não tinha intenção...

Angelo empurrou a cadeira para trás.

— Eu já dei a minha opinião. Acabaremos por usar verde e dourado como sempre. O Mathew não foi capaz de mudar isso, a Cleo não foi capaz de mudar isso e, valha-nos Deus, eu também não posso mudar isso, e nem sei porque é que me dei ao trabalho de falar nisso. Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. A-a-a-men!

— Basta! — disse Papa Tony com rudeza. — Não há necessidade para blasfémias! Não admito esse tipo de coisas nesta casa!

Respeita a tua irmã, Angelo, ou sai da mesa. Quanto ao guarda-roupa, é responsabilidade dela, e não tens nada a ver com isso!

— Era isso que eu estava a tentar dizer...

— Chega, já disse — interrompeu-o Papa Tony.

Angelo pôs-se de pé murmurando:

— Não quero sobremesa, obrigado, Barbie. Desculpem-me todos — e saiu porta fora. Tommy, com os olhos postos no prato com pudim, ouviu os passos de Angelo afastarem-se, e a porta da frente fechar-se com estrondo.

Lúcia disse, e na sua voz era óbvia a dor que sentia:

— Papa... eu sou assim tão pouco razoável? Isto é tudo o que está ao meu alcance fazer pelo número. Estou a ser assim tão tirana? — Ele confortou-a em italiano e Tommy continuou a comer o pudim e a olhar para o prato, de cenho franzido. Aquilo não era de esperar da parte de Angelo! Todos contavam com ele, uma âncora firme entre todos aqueles Santellis tão voláteis; trabalhador, prático, de confiança. Que lhe teria dado?

Ouvira Johnny chamar-lhe uma vez, depreciativamente, "um artista de segunda classe de primeiro plano". E embora o tivessem mandado calar imediatamente, secretamente Tommy sentia que Johnny pusera o dedo na ferida, naquilo que Angelo realmente era. Era competente e metucioso, ficava bem de calças de ginástica, e o seu bom feitio fazia com que fosse agradável trabalhar com ele. O seu sentido do tempo e do ritmo era quase de génio — Tommy era ainda demasiado novo para reconhecer a essa característica o seu devido valor — e a sua grande força dava-lhes a todos uma grande segurança quando voavam para as suas mãos fortes. Mas não tinha o talento de Papa Tony, nem o estilo de Mário ou a sua ambição motivadora, nem o mais pequeno traço do brilho dos restantes membros da família. Tommy apercebeu-se, com um pequeno assomo de vergonha, que Angelo lhe parecia insípido. Ele era tão boa pessoa que Tommy detestava ter de admitir, ainda que perante si próprio, que ele era insípido.

E, ainda mais secretamente, Tommy disse para consigo, Ora, até eu sou mais como os Santellis do que ele.

Um dia antes de partirem, Tommy foi com Mário até ao vestiário para despejar os cacifos dos trastes que por lá tivessem ficado esquecidos, enquanto Papa Tony e Angelo ajudavam Lúcia a transferir as suas coisas para o atrelado que era a casa dos Santellis quando andavam na estrada.

Engraçado — disse Mário olhando para o salão de baile deserto, enquanto remexia nas correias de uma protecção de pulso de cabedal, agora ninguém virá aqui até ao próximo Inverno.

Oh a Barbie é capaz de vir trabalhar na barra, ou o Clay é capaz de trazer alguns dos amigos para brincar no trampolim, mas nós como que empacotamos esta sala e a levamos connosco.

Tommy sorriu timidamente. Ele percebia exactamente o que Mário queria dizer. Ele sentira no primeiro dia em que ali estivera que ali — naquela sala nua e fria — batia o coração da casa, e Mário dissera-o também ao mostrar-lhe o lema do velho Mário di Santalis pendurado na parede. Mas Tommy sabia agora que o lema já não estava apenas na parede. Fora-lhe inculcado. Vivia em todos eles.

Ia dizer isso mesmo, mas interrompeu-se e engoliu em seco. Não saberia como dizê-lo e iria soar a piroscice. Mário ali de pé, cheio de preguiça e sorrindo só de meias, sorriu-lhe com um sorriso caloroso que começou no fundo dos olhos e se espalhou por todo o rosto.

Naquele momento Tommy poderia ter rebentado, tantas eram as emoções a fervilhar dentro de si. Era um deles. Era ali o seu lugar. Toda a sua vida parecia ter-se concentrado numa paixão mais violenta, mais pura e mais intensa que qualquer outra coisa que ele tivesse experimentado até então, ou que viesse a experimentar depois. Voltou a olhar para Mário e sorriu, a rebentar de felicidade. Desejou ser capaz de pensar em qualquer coisa adequada para dizer. Qualquer coisa que fizesse Mário perceber o que estava a sentir. Mas não existe forma de se expressar sentimentos assim.

— Vamos fazer um espectáculo para a família, como o Johnny e a Stella fizeram? — perguntou em vez disso.

— Claro. Fazemos sempre.

— Para onde foi o Joe?



— Foi até ao Conselho de Racionamento buscar cupões para a gasolina para fazermos a viagem até ao acampamento de Inverno.

Poupámos cupões durante todo o Inverno, mas se conseguirmos mais alguns vão-nos dar jeito. Sabes como é o Papa Tony, recusa-se a comprá-los no mercado negro<sup>{11}</sup>. O Johnny arranjou alguns dessa maneira, e eu pensei que ia dar uma coisa ao Papa Tony. — Ficaram em silêncio durante bastante tempo.

— Realmente — disse Mário por fim, o tio Angelo não devia ter saltado em cima da Lu daquela maneira por causa dos fatos. Sabes, eu e o Johnny temos tido as nossas brigas, mas consigo perdoar ao Jock quase o que quer que seja só pelo que ele fez pela Lúcia este ano. Pedir-lhe a ela, em vez de pedir ao Papa Tony, para treinar o número com ele. O Johnny comporta-se como um idiota completo às vezes, mas consegue ser um tipo simpático como tudo.

Tommy disse:

— Eu tive a sensação de que esse trabalho entediava a Lúcia de morte.

— Também te enganou a ti? — Mário sorriu com ternura. — Sim, ela consegue fazer um grande teatro, não consegue? E essa é a razão porque o que o Jock fez foi tão simpático. Ele foi-se embora, e age como se a família não lhe dissesse absolutamente nada, mas foi o único de nós que teve a decência de fazer uma coisa assim pela Lúcia. Ela foi a melhor de sempre, sabias?

E recorda-se bem disso, se bem que aja como se a sua única preocupação fosse não deixar arrefecer o esparguete.

Encostou-se à parede.

— Recordo-me do dia em que ela percebeu realmente que não voltaria a voar. Passou imenso tempo dentro e fora dos hospitais, com aparelhos de gesso e operações, e essas coisas todas, mas acabou por recuperar de uma maneira espantosa, mesmo quando os médicos pensavam que ela ia ficar aleijada para o resto da vida. Mas ela melhorou e saiu do hospital e treinou connosco durante um par de semanas, agindo como se estivesse pronta para entrar no espectáculo outra vez. Todos nós podíamos ver que os ombros a estavam a fazer sofrer horrivelmente, mas ela nunca comentou isso com ninguém. Às vezes ia lá para cima chorar, mas nunca dizia

nada. E depois houve um dia em que ela desceu depois do treino e disse: "Não serve de nada, pois não, Papa?" E Papa Tony limitou-se a abanar a cabeça ao de leve e disse: "É o teu pescoço, cara." Mas ela disse que não, e que esse é que era o grande problema, é que se tratava do pescoço de nós todos. Ela disse: "E este ano temos os três miúdos no número." E depois, e juro-te, Tom, foi a única vez que ouvi a minha mãe praguejar, disse: "Raios partam, mais valia andar de muletas! Porque raio é que me submeti àquilo tudo?" E saiu da sala de treinos e foi lá para cima, e nos três anos seguintes não pôs aqui os pés. Só nos últimos anos é que ela voltou a vir cá a baixo para vigiar os miúdos. Não se lamentou, nunca disse absolutamente nada. Acho que teria sido mais fácil para todos nós se ela o tivesse feito. — Suspirou e levantou-se.

Parece-me que já temos tudo. Traz essas toalhas para meter na máquina, trazes?

Tommy ergueu a cabeça e disse: :

— Quem é que vem a descer as escadas?

Angelo entrou no vestiário.

— O atrelado já está pronto. Alguma destas coisas é para ir para o atrelado? Têm a certeza de que está tudo? Está bem, eu e o Papa Tony levamos isto hoje à noite. — Olhou em torno da sala. — Limpam tudo, estou a ver... não fica nada para a Lu fazer aqui. Virá alguém tratar do chão na próxima semana, quando já cá não estivermos.

Bárbara foi ter com eles ao átrio.

— Mário, a Lúcia quer que fiques cá esta noite para amanhã poderem sair cedo. Se tiveres de ir hoje até à tua casa, e tiveres de voltar amanhã de manhã, ela diz que vais atrasar o Papa Tony pelo menos uma hora.

Mário encolheu os ombros.

— Por mim está bem. Mas tenho de telefonar ao Eddie.

Subaluguei a minha casa a um miúdo lá da escola de ballet...

— Alguém que eu conheça?

— Acho que não. É o Eddie Keno.

— Já o vi — disse Bárbara. — Um tipo roliço de caracóis escuros, o que fez de Fabricante de Brinquedos no Quebra-Nozes, no

ano passado? Simpático, com uma voz aguda e um bocado amarelo?

Mário fez que sim com a cabeça.

— Sim, é esse o Ed. Há já tantos anos que não vejo o Quebra-Nozes que vocês fazem lá na escola, que nem me lembrava que ele entrou este ano.

— Mas toda a escola falou nisso. O senhor Court não te disse?

Houve uma grande confusão porque ele queria dançar em pontas, como o Sergiev dançou em Nova Iorque...

— Eu não o conheço assim tão bem, Barbie — disse Mário franzindo o sobrolho.

Até Tommy percebeu que o cenho franzido significava Pára com isso, mas Bárbara continuou a falar sem dar por nada.

Houve uma grande discussão. O Eddie disse que o Nijinsky dançou o Spectre de la Rose assim e que era uma estupidez não deixarem os homens fazerem-no, e Court disse que no ballet dele só as mulheres dançavam em pontas. — Bárbara deu uma risadinha.

— O que ele disse foi, "No meu ballet, só as mulheres de verdade dançam em pontas..."

— Por amor de Deus — intrometeu-se Angelo, muito tenso, não comecem os dois a falar sobre ballet! Se tiveres alguma coisa de que precisas de tratar na tua casa eu posso levar-te lá depois do jantar, pegas no que precisares e voltamos muito a tempo.

— Bom velho Angelo — riu-se Mário, continua a cuidar dos miúdos. — Acrescentou para Tommy: — Costumava fazer isso connosco a toda a hora quando andávamos na estrada, alinhava-nos todos antes de o comboio arrancar. — Passou um braço por cima dos ombros de Angelo. — De qualquer maneira obrigado, Angelo, mas eu já trouxe as minhas coisas para cá, e o Eddie já tem uma chave. Mas tenho de lhe dizer que já não vou lá, para o caso de ele querer usar a casa hoje.

— E porque é que isso faria... — começou Bárbara a dizer, mas depois deu um risinho. — Oh, queres dizer se ele quiser levar lá a namorada ou coisa assim?

— Sim — disse Mário, é isso mesmo. Telefone-lhe depois do jantar.

Bárbara disse:

— Encontrei o teu outro par de ténis, Tommy. Estavam com os de Clay no átrio das traseiras.

— Obrigada, Barbie.

— Vou sentir a tua falta — disse ela enquanto desciam o corredor.

— Não tem graça ir ao cinema ao sábado à noite com o meu irmão mais novo. E o Clay vai sentar-se com aqueles fedelhos todos da escola primária. Quem me dera ir em digressão convosco. A Liss foi, quando tinha a minha idade.

Angelo sorriu à rapariga.

— Devias ter combinado isso com a Lúcia. Para esta temporada já é tarde. Para o ano, talvez.

Isso, de qualquer maneira, faria a Lúcia voltar à estrada — disse Mário. — Teria de vir para tomar conta da Barbie, e quanto é que aposta que ela estaria disposta a ser a nossa empresária outra vez?

Não me atrevo a apostar nem a favor nem contra — disse Angelo. — Mas contigo a fazer o triplo, são favas contadas que não ficaremos com o Lambeth mais do que este ano.

— Ainda não te vi fazer o triplo — queixou-se Bárbara enquanto subiam as escadas. — Treinas sempre quando estou na escola. Vais fazê-lo hoje à noite?

Mário olhou para Tommy e perguntou:

— E que tal? Este é um dos meus dias de sorte?

— O que é que tu pensas que eu sou? Alguma bola de cristal?

Eu nem sequer sei se o vais incluir regularmente no número este ano!

— Se fosse, não iríamos com o Lambeth — disse Mário. — Não, não estou pronto para isso. Quero fazer como fiz no ano passado: treiná-lo, incluí-lo no espectáculo de vez em quando, quando me estou a sentir bem, sem fanfarras nem confusões.

Não o quero incluir no número numa base regular até conseguir fazê-lo sempre.

— Sonho impossível número sete — riu-se Angelo. — Nem mesmo o Barney Parrish o conseguiu fazer mais do que nove em

cada dez vezes.

— E eu calculo que o consigo fazer quatro em dez vezes, e nunca tento a não ser que sinta que estou em dia sim.

Estavam agora no patamar do primeiro andar. Tommy reparou numa velha mala de viagem ao pé da porta do seu quarto e perguntou:

— Vais dormir aqui comigo hoje, Mário?

Mário hesitou.

— Acho que não. O quarto onde o Johnny dormia, agora está vazio. Vou lá pôr a minha mala. As tuas coisas já estão todas no atrelado, Tommy?

— Tudo excepto o fato para hoje à noite e a roupa que vou vestir amanhã.

Mário tirou a mala da mão de Barbie quando ela lhe pegou.

— Não andes para aí a carregar pesos, querida. Queres ver um triplo? Pois muito bem, eu mostro-te um. Tendo em consideração, como é evidente, que és capaz de te limitares a ver-me cair na rede.

— Contentar-me-ei com isso se tiver de ser — disse Bárbara mas, Mário, porque é que o triplo é assim tão fantasticamente difícil? Todo o voador digno desse nome faz duplos, e a Lu costumava fazer o duplo e meio. E no entanto só um em cem faz o triplo. Houve o Gerard Might e o Barney Parrish e o Jim Fortunati e agora tu. Aquela volta suplementar faz assim tanta diferença?

Tommy já fizera essa pergunta a si próprio. A sua própria transição do mortal simples à retaguarda para o mortal e meio, que lançava os seus tornozelos e não os pulsos para as mãos do base, fora conseguida sem grande dificuldade.

Mário encostou-se à ombreira da porta.

— Raios me partam se sei — disse de cenho franzido. — Costumava haver uma teoria que defendia que após duas voltas o acrobata já não conseguia controlar os músculos, que o seu corpo se movia demasiado depressa para o cérebro o poder controlar. O Parrish e o Fortunati deram cabo dessa teoria. Mas, a não ser que se seja muitíssimo bom, até duas voltas tornam tudo tão confuso que se torna muito difícil encontrar o base a tempo.

— Não consigo perceber isso — disse Bárbara. — Quando o Johnny nos estava a ensinar a trabalhar no trampolim, conseguia fazer seis, sete mortais. Até o Clay consegue fazer dois e eu, uma vez, fiz quatro. Porque é assim tão diferente? É só por ser a doze metros de altura?

Tommy disse:

— Ouve, no trampolim não...

Angelo disse ao mesmo tempo: :

— Por amor de Deus, o impulso é muito maior... — depois parou e olhou para Mário.

Bárbara disse, magoada:

— Eu estava só a perguntar.

Mário não sorriu.

— Não, Barbie, não tem nada a ver com a altura. A questão é que no solo, ou no trampolim, toca-se numa superfície entre cada volta e a pessoa sabe onde está, reorienta-se. Mas lá em cima, no trapézio, tens o impulso do teu balanço e o peso da barra para te dar mais velocidade. Se deres duas voltas completas entre o momento que deixas a barra e o momento em que chegas ao base, moves-te duas vezes mais depressa e, além disso, estás também a lutar contra a gravidade. Duas voltas àquela velocidade põem qualquer um tonto, mas se tiveres os músculos sob controlo, consegues dar duas cambalhotas rápidas e ainda tens uma pequena fracção de segundo para ver onde está o base. Mas para que possas ter espaço para dar três voltas completas entre o trapézio e o base, para já tens de levar o trapézio tão alto e tão depressa que, quando largas a barra, saís disparada como uma bala de canhão.

Fez um gesto com as mãos. — O Jim Fortunati disse-me, quando eu era pequeno, que calculava a velocidade em quase cem quilómetros por hora, e ele é mais esperto que eu, por isso acredito nele. A questão não é tanto conseguires fazer a terceira cambalhota, a questão é conseguires desfazê-la. Àquela velocidade deixas de ver, deixas de ver por fracções de segundo; eu pelo menos, deixo, e quando voltas a ver, estás mesmo em cima do base, está tudo enevoado e ele ali está, aproximando-se de ti como um comboio expresso. E se fizeres uma pega mal feita, como os miúdos fazem —

deu a Tommy uma pancadinha no braço , sabes que lhe vais arrancar o braço ou ele te vai arrancar o teu. Àquela velocidade cada pega tem de ser simplesmente perfeita, perguntem ao Angelo, ou o ombro de alguém é arrancado da articulação.

E, se te atrapalhares ou fizeres a coisa atabalhoadamente, saís por cima da rede e lá se vai o teu pescoço.

Bárbara arrepiou-se.

— Não voltes a deixar-me fazer tantas perguntas! Agora vou ter medo de te ver hoje à noite!

— Ei, ei, querida — disse Mário passando-lhe o braço pelos ombros e apertando-os um pouco , isso não é maneira de uma Santelli falar!

Tommy disse rapidamente:

— Sim, mas Mário, já te vi falhar o triplo aí umas cem vezes e nunca caíste fora da rede, nunca caíste em cima dos esticadores, nem nunca te magoaste. Como é que consegues?

— Vou dizer-te um segredo — disse Mário contorcendo a sua cara expressiva num sorriso. — Fiz um pacto com o diabo. Vendi-lhe a minha alma e ele disse...

— Ei, miúdo, isso não são coisas que se digam — protestou Angelo, obviamente ofendido. — Não gosto dessas coisas. A Lu não gostaria de te ouvir. E Papa...

— Não. A sério, Mário — disse Tommy e o sorriso de Mário desfez-se.

— Muito bem — disse , a sério. Decidi há já muito tempo quando comecei a aprender o triplo, ainda antes de o começar a treinar, que o aprenderia como fez o Barney Parrish, sem cordas de segurança. Achei que quantas mais vezes caísse, melhor aprenderia a cair sem me magoar muito. Eu e o Angelo tivemos grandes discussões por causa disso.

— Eu pensei que ele era maluco — disse Angelo , mas resultou.

Mário assentiu.

— Devo ter caído aí umas duas mil vezes. Acho que por esta altura já era capaz de cair sem rede e sobreviver. — Bateu na

ombreira da porta e disse — Cruzes. Não estou a pensar experimentar, no entanto.

Angelo esticou o braço e desabotoou o punho da camisa de mangas compridas de Mário. Arregaçou a manga e tocou numa mancha vermelha, sempre ligeiramente áspera, provocada pelas queimaduras das cordas no cotovelo de Mário.

— Mas andas sempre com uma ou duas coisas destas. Um dia ainda vais apanhar uma infecção grave e aí é que vão ser elas.

Para já não mencionar que deve doer como o diabo.

Mário encolheu os ombros e puxou a manga para baixo.

— Pieguice, pieguice, pieguice. És pior que a Lúcia! Eu já nem dou por isso. Que era aquilo que a Cleo nos dizia quando éramos pequenos? Acerca de ter o espírito aberto quanto a partir o pescoço?

— Não era a Cleo — disse Angelo. — Era o Barney Parrish.

Ele costumava dizer que qualquer pessoa que quisesse voar, tinha de ter o espírito aberto quanto à possibilidade de partir o pescoço.

— Bem, eu não tenho — disse Mário. — Tenho este horrível preconceito, próprio de quem tem vistas estreitas, contra partir o pescoço. Podem mesmo dizer que sou absolutamente preconceituoso em relação a isso. Por isso, achei que era melhor ter uma relação boa como o raio, desculpa, Barb, uma relação muito boa com a rede. É para isso que a... a porcaria da coisa está ali. E compensou.

Perguntem ao Tommy. Ensinei-lhe a voar sem cordas, nunca as usou, e não caiu nem metade das vezes que os principiantes costumam cair.

Mas como é que cais sem te magoares? — insistiu Tommy.

Mário encolheu os ombros.

Da mesma maneira que tu. Ou que qualquer outra pess... por instinto, acho eu. Quando começo a formar a terceira cambalhota, o cronómetro interno diz-me se sim ou se não, e se é não, não tento ir para as mãos de Angelo; dou por mim já enrolado para cair na rede.

— Não é um instinto mau para se ter — disse Angelo. — Faria de ti um bom duplo de cinema. Durante os Invernos faço muito trabalho como duplo, nos World Films. Podia arranjar-te tantos



trabalhos quantos pudesses aceitar. Sei que já disseste que não gostas da ideia mas, com os diabos, é uma forma de ganhar dinheiro, e é muito mais trabalho de homem do que essa porcaria amaricada que fazes lá na escola de ballet!

Tommy percebeu que Mário estava zangado pela tensão súbita dos seus ombros, mas ele forçou um sorriso e disse:

— Não. Não é para mim. Como ainda agora disse, tenho um preconceito horrível, próprio das pessoas de vistas estreitas, quanto a partir o pescoço, em qualquer outro local que não seja a pista principal, é claro. Deixe-se disso, Angelo, temos um ensaio geral para fazer.

Nessa noite Tommy ficou acordado durante muito tempo, o espírito ainda cheio das imagens do seu "ensaio geral". Mário passando por ele na plataforma, relaxado e tenso ao mesmo tempo. O seu próprio primeiro balanço e a consciência súbita, uma fracção de segundo antes de largar a barra, de que este era um público mais crítico e exigente do que qualquer outro que teria de enfrentar na estrada.

Mário, tenso, fazendo a Angelo o sinal para o triplo e a sala ficando silenciosa, silenciosa, silenciosa, tão silenciosa que todos conseguiam ouvir o gemido das cordas enquanto ele se impulsionava cada vez mais para cima. Soltou-se, girando e dando uma cambalhota e mais uma e mais uma — desfez o mortal, virou-se e caiu com força. O grito de Lúcia, cortado a meio, um som de verdadeiro terror. O rosto de Mário enquanto saía da rede, alternando entre o pensativo e o zangado.

Mais tarde Tommy murmurara-lhe, enquanto desciam:

— Lamento que tenhas falhado, Mário.

Mas Mário sorriu.

— Não faz mal. Desta vez percebi o que tinha feito mal.

Mais tarde a família juntara-se à sua volta com abraços e congratulações. Bárbara lançara os braços impulsivamente em torno de Tommy e beijara-o. Sentiu as orelhas arderem-lhe de novo, ao lembrar-se dos olhos de Lúcia sobre eles, calmos e divertidos.

Ele empurrara Bárbara com força murmurando:

— Acaba com a porcaria dos beijos, estás a ouvir?

Cada um deles tivera qualquer coisa simpática para lhe dizer.

Os olhos de Papa Tony tinham brilhado, embora se tivesse limitado a dizer:

— Bem, não vais desonrar o nome dos Santellis este ano.

Angelo dera-lhe um abraço brusco em frente a toda a gente e dissera com veemência:

— Muito bem, miúdo! — Joe dissera, com palavras lentas e pensadas, que achara que Tommy se sairia muitíssimo bem quando ficasse maior e mais forte.

Mas para ele o que tivera mais significado fora o abraço rápido, forte e sub-reptício, que Mário lhe dera quando estavam a despir as calças de ginástica. Tudo o que dissera fora:

— Bem, Lucky, bem. — Mas para ele fora mais importante do que tudo o resto.

Mas mais tarde nessa noite, Mário retirara-se para um dos seus isolamentos súbitos e frios de adulto. Lúcia apresentara uma das suas espectaculares refeições comemorativas, mas antes de irem para a cama franzira o sobrolho a Mário e dissera:

— Dormes na sala de costura, hoje? — Quando ele disse que sim, ela impacientou-se: — Oh, Matt, já tirei os lençóis dessa cama!

Não podes dormir com o Tommy ou com o Clay esta noite?

Mário hesitou e Tommy disse rapidamente:

— Por mim tudo bem, Mário.

Depois a expressão de Mário fechou-se, ficou fria e estranha ; e a um milhão de quilómetros de distância. Disse:

: — Ouve, vamos ter de viver todos em cima uns dos outros naquele atreladozinho nos próximos três dias. Prefiro ficar sozinho, se não te importares. E por amor de Deus, Lúcia, eu faço a cama. Acha que não sei fazer uma cama depois destes anos todos?

Onde estão os lençóis? — E fora-se embora sem olhar para trás.

Tommy, recordando a noite em que tinham ido à praia , Mário também se furtara a passar a noite no quarto de Tommy, dessa vez , sentiu-se rejeitado. Mário estava outra vez farto da sua companhia.

Sim, ele gosta de mim, pensou. Mas eu não passo de um miúdo. Ele sente em relação a mim o que eu sinto em relação ao

Clay! Como se eu fosse uma chatice, alguém de quem ele tem de tomar conta.

Partiram cedo na manhã seguinte, no carro de Angelo, o atrelado arrastando-se atrás. Em condições normais era uma viagem de quatro dias até à pequena cidade do Texas onde Lambeth passava o Inverno. Uma vez ultrapassada a cordilheira montanhosa a leste de Los Angeles, a paisagem era plana, quente e monótona.

Os homens revezavam-se a conduzir, sobretudo Angelo e Papa Tony. Mário era um bom condutor, mas ficava impaciente e irrequieto ao volante e tendia a aumentar mais e mais a velocidade, muito para além do limite legal, até Angelo se inclinar para a frente e o avisar:

— Cuidado, Matt. Os nossos pneus já não são o que eram, e sabe Deus quando poderemos arranjar uns novos. Não sabes que estamos em guerra?

Obedientemente, Mário diminuiu a velocidade, mas passado algum tempo a impaciência provocada pelo terreno plano voltou a assenhorear-se dele e mais uma vez a agulha subiu, até que por fim Angelo fez-lhe um sinal impaciente para que encostasse à berma e pegou ele próprio no volante.

Ao fim do terceiro dia estavam todos impacientes e irascíveis.

Mário ia de novo ao volante.

— Posso deixar o Tommy conduzir um bocado? — perguntou.

— Não com um atrelado destes a reboque, seu idiota — ripostou Angelo. — Se estás cansado de conduzir, Matt, eu substituo-te.

Não que o miúdo pudesse fazer pior que tu!

— Ora, deixe-me em paz, Angelo! A minha carta está tão imaculada como a neve! Quantas multas por excesso de velocidade apanhou no ano passado?

— Quer ele saiba ou não conduzir, não tem carta — disse rapa Tony com firmeza pondo fim à discussão, e em qualquer caso é muito diferente conduzir com um atrelado atrás. Levaria tempo para que ele se habituasse e nós não dispomos desse tempo.

Como de costume, quando Papa Tony falava, não se falou mais nisso. Tommy não estava com vontade de conduzir com o atrelado, de qualquer forma, sentia o carro desviar-se e reparara que Angelo

tivera de lutar fortemente com o volante para conseguir fazer uma das curvas.

Pararam num café para jantar e discutiram breve mas ardentemente, se deveriam parar para passar a noite ou continuar. Todos tinham vestido as suas roupas mais leves devido ao calor abrasador, mas ainda assim estava muito abafado dentro do carro, e estavam transpirados e irritáveis. Foi Angelo quem descobriu, ao folhear o jornal local, uma piscina pública, e depois de uma hora dentro de água sentiam-se todos muito melhor. Enquanto se vestiam numa sala ao lado da piscina, Angelo disse de bom humor:

— Dormitei o dia todo enquanto tu conduzas, Matt. De qualquer maneira seria muito mais fresco fazer a viagem de noite.

Se não pararmos, estaremos lá antes do meio-dia. E se ficarmos aqui esta noite, temos de encontrar um local para estacionar o atrelado e de manhã leva sempre tempo até conseguirmos estar prontos para arrancar. Eu conduzo; não há trânsito praticamente nenhum à noite.

— Boa ideia — disse Papa Tony, penteando com perfeição o cabelo grisalho com os dedos. — Vocês concordam, rapazes?

— Se o Angelo quer conduzir, por mim tudo bem — disse Mário apanhando os calções molhados de Tommy e enrolando-os numa toalha juntamente com os seus. — E que tal, Tommy?

Importas-te de ficar a pé toda a noite?

— Não sou eu que vou conduzir — disse Tommy encolhendo os ombros, por isso para mim tanto faz.

— Ora aí está como eu gosto de ver um miúdo agir — disse Angelo com um sorriso. — Porque não tens assim bom feitio, Matt?

— Porque não me fazem as perguntas certas — retorquiu Mário esfregando o cabelo encaracolado com uma toalha. — Estás com um ar fresco e confortável, Tommy. Também devia ter trazido uns calções de ginástica.

Papa Tony grunhiu e Tommy olhou envergonhado para o chão. No interior quente e apertado do carro parecera-lhe mais sensato usar calções do que as grossas calças de ganga, mas agora tinha dúvidas se teria vestido adequadamente para o resto da viagem.

Não gostaria de entrar num restaurante de calções; já era demasiado crescido para isso. Mas Papa Tony disse suavemente:

Matt, para uma criança da idade de Tommy, são perfeitamente adequados, mas em ti ficariam absurdos em qualquer local que não a praia. Esta coisa de hoje em dia os rapazes usarem calças compridas é ridícula. Quando eu era da idade de Tommy, ainda andava atrás do meu pai para que me comprasse um par de calças para levar à missa ao domingo. Hoje em dia rapazinhos pequenos vestem calças compridas e homens feitos não se importam de ser vistos em calções, e é tudo uma enorme estupidez!

O Sol já se pusera, mas continuava a soprar um vento quente e abrasador que varria as ruas poeirentas da cidade. Pararam numa estação de serviço para meter gasolina e óleo no carro, bem como ar nos pneus e esperaram por ali, bebendo gasosas de garrafas tiradas de uma geleira. Tommy tirou uns pedacinhos de gelo de dentro da geleira e esmagou-os entre os dentes; estes refrescavam-lhe agradavelmente a boca, mais do que a laranjada insípida.

Angelo trepou para trás do volante.

— Eu conduzo primeiro, Papa. E que tal, Tommy, queres vir à frente?

Antes que Tommy pudesse responder, Papa Tony disse:

— Não, deixa os rapazes irem lá atrás onde podem dormir se quiserem. O Mário conduziu o dia todo e está cansado. E é uma viagem muito longa para uma criança; o Tommy precisa de descansar. — Sentou-se à frente ao lado de Angelo, e este conduziu cuidadosamente o carro e o atrelado em direcção à auto-estrada.

Mário desembulhou um chocolate que comprara na bomba de gasolina. Partiu-o ao meio e deu uma metade a Tommy.

— Vamos comer isto antes que derreta. Bom Deus, se isto é assim no fim de Abril, como é que será em Agosto!

— Em Agosto estaremos a preocupar-nos com os tornados no Kansas e com as tempestades no Arkansas — disse Papa Tony.

Angelo virou a cabeça por momentos, na brincadeira.

— Comes doces demais, Matt. Vais ficar gordo demais para seres trapezista.

— Olha quem fala! — respondeu Mário amigavelmente. -Quem é o comilão da família, afinal?

Tommy amarrotou o papel do chocolate e atirou-o pela janela.

Voou e desapareceu no crepúsculo do deserto. Nunca vira uma terra assim — sem árvores, sem casas, sem nada que crescesse ao longo das estradas. Estava habituado a zonas rurais em que as casas distavam de dois ou três quilómetros e em que as cidades tinham 30 ou 40 quilómetros entre si. Mas aqui parecia haver 120 ou 130 quilómetros entre as casas e entre elas não havia qualquer sinal de vida humana; nada, a não ser a fita alcatroada da estrada, evitava que se pensasse ser aquele um qualquer mundo alienígena de uma história de Júlio Verne, totalmente desprovido de vida.

Deixaram a pequena cidade ao pôr do Sol, e antes de verem uma quinta isolada já era noite escura, e as luzes brilhavam distantes e estranhas através da terra nua e plana. Sentou-se encostado à janela, o frio do metal contra a sua testa quente, os olhos esforçando-se por ver para lá do foco solitário dos faróis. Aquela terra assustava-o, e sentia-se grato quando, de longe em longe, uma lebre saltava do esconderijo e atravessava rapidamente o foco de luz dos faróis do carro para se perder novamente na escuridão.

A lua estava baixa, junto ao horizonte; um crescente esverdeado e pálido. De cada vez que a estrada fazia uma curva, a Lua desaparecia por trás de um dos montes baixos e distantes para reaparecer mais à frente, cada vez mais baixa. Finalmente desapareceu e não voltou a aparecer. O céu estava baço e escuro, com poucas estrelas como lantejoulas velhas num fato deitado fora.

Ouviu Mário suspirar com impaciência e mexer os pés na escuridão, acabando por se dobrar para tirar os huareches mexicanos de cabedal entretecido que tinha calçados. Tinha a camisa desabotoada até à cintura. Angelo acendeu um fósforo; à luz breve da chama Tommy viu a cabeça de Papa Tony, inclinada para um dos lados, com a boca aberta e ressonando ligeiramente. Angelo assobiava uma cançoneta, quase inaudível devido ao barulho do motor. Mário deixou-se escorregar e cruzou as pernas, bocejou e voltou a remexer-se.

— Tens espaço suficiente? — murmurou Tommy. — Estou em cima de ti?

— Não — sussurrou Mário, mas se quiseres conversar chega-te mais para cá para não acordarmos o Papa Tony — murmurou.

Tommy deslizou sobre o banco, chegando-se mais para ele.

Ia-te só perguntar se estavas a dormir — disse num murmúrio.

— Não, ainda não. Tens sono?

Algum. — Tommy sentia-se, sobretudo, estranhamente inquieto ao olhar lá para fora para a escuridão solitária. Nunca ouvira o termo agorafobia, mas estava a sofrer de um vago desconforto provocado pelo medo de toda aquela imensidão, e sentia-se melhor sentado próximo de Mário, onde lhe pudesse tocar.

— De qualquer maneira é melhor veres se dormes. Anda, encosta-te ao meu ombro, se quiseres... encosta-te e descansa, miúdo.

No banco da frente o cigarro de Angelo apagou-se. Ele continuava a assobiar a mesma melodia indefinida e interminável.

O Papa Tony ressonava. As luzes continuavam a ser engolidas pelas distâncias imensas à frente do carro.

Tommy deu por si a recordar a noite em que Mário o trouxera da praia para casa. A proximidade silenciosa e embaladora era a mesma. Fechou os olhos e tentou conjurar, de forma deliberada, a sensação de atordoamento que então sentira. Deixou-se pesar um pouco mais contra Mário e sentiu a sonolência esvair-se em vez de se instalar. Mário esticou um braço e passou-o em torno de si e, continuando a fingir estar meio adormecido, Tommy deixou a cabeça rolar para o ombro do outro rapaz. Seu idiota, pensou, seu bebé! Já agora podias sentar-te ao seu colo, como se tivesses quatro anos. Lembrava-se de se ter sentado em vários colos quando era pequeno. As mulheres cheiravam sempre a pó-de-arroz e a perfumes adocicados; sempre preferira sentar-se no colo de homens.

Deixou que a sonolência fingida se transformasse num sono ligeiro. Mário nunca lhe tocara. Pestanejou na escuridão sobressaltado pelos seus pensamentos. Trabalhando juntos, ele e Mário roçavam um no outro quase ininterruptamente no aparelho de trapézio, agarravam mãos e pulsos, de uma forma ou de outra

estavam em contacto físico quase permanente. Estavam sempre a agarrar-se e a empurrar-se, a lutar um com o outro e a bater-se.

Mas ele sentiu de repente que esta era, realmente, a primeira vez que se tocavam. Não, a segunda. A primeira fora quando Mário voltara de Santa Bárbara. Claro que também houvera a noite em que tinham vindo de carro da praia. Mas Tommy estivera de facto demasiado sonolento naquela altura para ter consciência do contacto.

Agora estava absolutamente consciente desse contacto a sua face descansando contra a superfície rugosa da camisa de Mário. Tinha a mão numa posição tal que os seus dedos tocavam no cinto de cabedal de Mário; a coxa dele estava fortemente encostada à sua. Desprendia-se sempre de Mário um ligeiro odor a cravo-da-índia e um outro, ainda mais ligeiro, a suor e, naquele momento, cheirava um pouco a chocolate. Subitamente envergonhado pela proximidade, Tommy mexeu-se e murmurou qualquer coisa, fingindo ter acordado de repente, e afastou-se um pouco.

— Está tudo bem — sussurrou Mário com a boca junto à sua orelha. — Dorme.

Tommy não respondeu. Estava a sentir-se embaraçado de novo. Mas não se chegou para o seu lado do banco como começara a fazer, e passados alguns instantes, Mário voltou a puxá-lo para o seu ombro. Tommy, sentindo-se idiota sem razão nenhuma, fingiu ter voltado a adormecer profundamente; não ressonou, mas respirou mais profundamente. Agora sentia-se mesmo com sono.

Passado algum tempo, através da sua sonolência, apercebeu-se de que Mário lhe acariciava levemente o ombro nu. Mexeu-se ligeiramente e Mário ficou instantaneamente imóvel, a mão parada sobre o ombro de Tommy, como se estivesse unicamente a amparar o rapaz e a impedi-lo que caísse do banco quando o carro descrevesse uma curva.

Tommy não se mexeu; manteve os olhos fechados, a cara encostada contra o ombro de Mário, no meio da escuridão que era como a de um sono profundo. Ouviu Mário suspirar e sentiu o seu peito encher-se de ar e voltar a esvaziar-se. Também Mário poderia



estar profundamente adormecido. E no entanto havia nele a curiosa quietude de quem escuta e espera.

Tommy sentiu que Mário esperava um sinal dele, que Mário sabia perfeitamente que Tommy não estava a dormir mas que, por qualquer razão, queria ter a certeza de que ele continuaria a fingir que estava; a farsa do sono tornara-se subitamente muito importante.

Voltou a mexer-se ligeiramente e a suspirar, aninhou-se um pouco mais e sentiu que Mário suspendia a respiração. Repentinamente um pensamento cruzou-lhe o espírito: Naquela noite lá em casa. Ele nessa noite também sabia que eu não estava a dormir.

Deliberadamente, Tommy passou o braço por trás de Mário abraçando-se contra ele, o rosto enterrado no seu ombro. Sentia que o efeito do seu movimento fora o sinal esperado, sentiu a respiração suave reatar-se e sentiu o braço de Mário apertar-se, abraçando-o com força por instantes. Manteve os olhos fechados e a cara escondida. Na escuridão, sentiu que as mãos de Mário se moviam sobre ele, apertando-o na cintura, descerem, tocarem-lhe nas coxas nuas, deslizarem por dentro das pernas largas dos calções de ginástica. Tommy estava agora consciente, de forma indubitável, do tipo de excitação que crescia dentro de si — inesperada, indesejada... mas, estranhamente, bem-vinda.

Uma memória passageira e um pouco amarga ocorreu-lhe de uma experiência sub-reptícia e furtiva com um colega da escola, há anos atrás... Bolas, não passávamos de putos afazer disparates.

Uma vez o pai avisara-o de que havia alturas em que os rapazes tinham de ter cuidado com os homens. Dera-lhes um no... pervertidos; fizera com que a palavra soasse de uma forma repugnante e Tommy tinha-se sentido dividido entre o nojo e, relutantemente, a curiosidade. À medida que foi crescendo achara a ideia irritantemente intrigante. Ouvira o termo maricas, e suspeitara de miúdos desajustados que lhe tinham sido apontados por amigos da escola. Da conversa que tivera com o pai, ficara com a vaga ideia de que não era sensato ficar muito tempo em casas de banho

públicas onde estranhos desagradáveis poderiam fazer propostas indescritíveis.

Mas este era Mário, e Tommy apercebeu-se novamente — como se apercebera naquela noite — que sem o saber ou sem saber porquê, há muito tempo que queria que Mário o tocasse assim.

A medida que os dedos de Mário se moviam sobre ele, levando-o à erecção, pareceu-lhe que durante todo aquele Inverno se tinha movido num círculo cujo centro era Mário, que só vivia intensamente quando podia ver Mário ou quando estava a ser olhado por ele, que a estranha tensão e inquietude dentro de si o tinham movido, inevitavelmente, para aquele momento. Lembrou-se, e mesmo na escuridão sentiu-se corar, de como observara com uma atenção embaraçosa, algo que percebia agora tratar-se de ciúmes, quando Mário beijava ou abraçava o irmão; e a memória fez com que sentisse a misteriosa excitação crescer no seu corpo.

As mãos de Mário voltaram a mover-se sobre si, explorando-o entre as pernas e Tommy ficou sem conseguir respirar; sentia vontade de rir por puro nervosismo. Não fazia ideia do que aconteceria a seguir. No banco da frente, Angelo continuava a assobiar a melodiazinha sem fim, uma única frase conhecida, repetida até à exaustão. Tommy sentia-se agora totalmente desperto e tenso, quase assustado, e a sua erecção era agora tão grande que chegava a ser dolorosa. Através da excitação e do medo, sentia-se bastante assustado a um nível muito mais vulgar. Que aconteceria se naquele momento Angelo se virasse ou parasse o carro? Este era o tipo de loucura que só Mário faria.

Mário respirou fundo, demoradamente. Tommy perguntou-se se Mário estaria à espera que ele fizesse qualquer coisa, se esperaria algo dele, mas não conseguia pensar o quê. Não queria pensar sequer. Limitou-se a mergulhar a testa mais no ombro de Mário e depois mexeu-se por forma a ficar com a boca contra o seu peito nu. A sensação da pele nua contra os seus lábios aumentou a enorme excitação que agitava mais abaixo o seu corpo, e sentiu que imagens estranhas se lhe movimentavam no espírito, vindas do nada, como se os seus pensamentos corressem esbaforidos... Gostava de, quase que quero, devia — e às cegas estendeu um

braço, procurando. Mário agarrou na mão de Tommy por um momento, pousando-a contra si e Tommy sentiu a sua excitação enorme e quente ali, por baixo da sua mão, mas era ainda demasiado inocente para fazer mais do que manter ali a mão, tremendo. Tinha consciência do movimento do carro, ! balouçando-se e ressaltando sobre a estrada esburacada, do corpo inteiro de Mário pesando sobre si, da musiquinha enervante que Angelo assobiava, e que parecia subir e descer e desvanecer-se ao ritmo da carícia que lhe desvanecia a consciência de tudo o resto: as mãos de Mário em si, firmes, exigentes, quase dolorosamente insistentes... Sentiu-se ficar rígido, mover-se involuntariamente, o seu corpo percorrido por aquilo que não identificou imediatamente como um soluço convulso. Tinha os ouvidos a zunir, sentia-se atordoado e curiosamente descontraído. Sentiu no seu rosto a respiração de Mário voltar ao normal; depois ele curvou-se e o queixo áspero roçou com meiguice a face de Tommy. Tommy sentiu que estava a tremer e que tinha os calções sujos e peganhentos. O murmúrio de Mário foi como que um sopro de respiração contra a sua orelha:

Pronto, miúdo, pronto. Chiu. Dorme.

Passados segundos estava a dormir, a cabeça ainda sobre o ombro de Mário, a melodiazinha nos seus sonhos. Mais tarde — muito mais tarde, pensou ele, pois o vento quente e abrasador tornara-se húmido e frio — acordou ligeiramente. O carro parara e ele ouviu o ruído agudo e metálico de uma bomba de gasolina.

Endireitara-se, estonteado, e vira uma luz de néon anunciando Paragem de Camiões. Papa Tony estava a trocar de lugar com Angelo para conduzir, e este inclinou-se para o banco de trás, perguntando quase num murmúrio:

— Algum de vocês quer comer alguma coisa, ou beber uma gasosa... qualquer coisa?

Mário respondeu num sussurro:

— Nada. Eu estava a dormir. Olha, acordaste aqui o miúdo...

— e Tommy sentiu Mário puxá-lo de novo para o seu ombro. — Está a dormir profundamente... olha.

E Tommy caiu num sono mais profundo, desta vez verdadeiro.

## *Capítulo XII*

Já quase esquecera o que se passara quando acordaram na madrugada cinzenta e fria. Pararam à beira da estrada para tomar o pequeno-almoço e Tommy, sentado entre Mário e Angelo, engolindo alegremente enormes quantidades de panquecas e bacon, não se sentia nada inclinado a pensar em nada do que se passara durante a noite. Pensou nisso apenas brevemente, quando pararam noutra paragem de camionistas para se lavarem e mudarem de roupa, e reparou na mancha desmaiada por dentro dos calções de ginástica; mas enfiou-os no saco da roupa suja sem pensar mais nisso. Se não fora aquilo, até talvez tivesse pensado que tudo não passara de um sonho um bocado estranho e embaraçoso.

Foi ao princípio da tarde que entraram na pequena cidade cuja única marca distintiva era servir de acampamento de Inverno ao Circo Lambeth. Já estavam cerca de uma dúzia de camiões e atrelados estacionados ao fundo do enorme terreno vazio ao pé dos campos de algodão. Camiões e atrelados tinham sido dispostos numa formação cuidada, meia dúzia de pequenas tendas tinham sido montadas e a ordem tristonha do acampamento de Inverno estava a dar lugar ao sentimento bem definido de um espectáculo que se preparava para ir para a estrada. Tommy saltou do carro dos Santellis quase antes de este ter parado, e disparou na direcção do atrelado bem conhecido que era o da sua família.

Depois de abraços, gritos, cumprimentos e um segundo pequeno-almoço com os pais, saiu para o pandemónio que lhe era familiar. As estruturas dos trapézios tinham sido montadas numa grande área vedada com uma corda. Ouviu o estalar de um chicote enquanto um homem estranho de calções fazia um grupo de cavalos correr em torno de uma pista grosseiramente delineada. No interior da área vedada, um homem desconhecido e uma mulher loura e baixa, com um ar vagamente perdido, supervisionavam a montagem de uma estrutura giratória. Tommy reconheceu alguns números do

ano anterior: os trapézios fixos já tinham sido montados e Margot Clane segurava a corda para que uma rapariga de calções e camisola pregueados a subisse, uma mão após a outra. Tommy não viu Betsy Gentry em sítio nenhum.

Little Anne, num fato debotado, estava sentada numa caixa de adereços. Tommy encaminhou-se na sua direcção, com imensas perguntas para fazer acerca do espectáculo, mas Papa Tony encurralou-o e mandou-o à procura de Buck, o encarregado dos equipamentos do Lambeth, para que o ajudasse a montar e testar o trapézio.

— E não te preocupes muito — disse-lhe Papa Tony. — Vais entrar connosco no ensaio geral, mas eu já disse ao Lambeth que tu és um elemento competente deste número e ele conhece-me bem. Se Tonio Santelli diz que sabes voar — ergueu o queixo e ficou com um ar muito arrogante — não tens de te preocupar com nada.

Ele nunca lhe fizera tão grande cumprimento e Tommy sentiu-se espantado. Trepou pela estrutura acima para ajudar Buck com as cordas, sentindo que nunca fora tão feliz em toda a sua vida.

Ao fim da tarde saltou do aparelho onde estivera a verificar os cabos com um nível. Mário e Angelo tinham acabado de chegar do atrelado e vestiam calças de treino. Tommy correu direito a Mário — como já fizera mais de mil vezes antes daquele dia, agarrou-o por trás e tentou, meio a sério meio a brincar, atirá-lo ao chão antes que ele recuperasse o equilíbrio.

Mário ficou imediatamente rígido e empurrou-o.

— Pára com isso! — disse. — Pára com esses disparates.

Tommy ficou a olhar como se ele lhe tivesse batido, os braços caídos ao longo do corpo. Era demasiado novo para ter consciência da mudança súbita na forma como Mário o via: de uma criança com quem se podia brincar ou fazer afinar, Tommy transformara-se, aos olhos de Mário, numa pessoa com uma individualidade própria, de quem um toque inesperado pode ser significativo ou ofensivo, mas é sempre, e em qualquer dos casos, pessoal. Nem tão-pouco lhe ocorreu que Mário pudesse ter medo de deixar transparecer essa mudança. Sentiu o sangue subir-lhe à cara e recuou, tropeçando em Angelo. O homem mais velho segurou-o e ajudou-o a equilibrar-se.

— Vê onde pões os pés, estúpido! Tens de fazer de parvo O tempo todo? Queres cair e deslocar um pulso, ou coisa do género, imediatamente antes da noite de estreia? Pira-te e vai vestir as calças de ginástica. Temos de mostrar o número ao Lambeth.

Tommy correu a mudar de roupa. Quando voltou, os Santellis já estavam todos no cimo do aparelho e Tommy trepou para se lhes juntar. Segurou na barra para Mário, mas ele abanou a cabeça.

— Vai. De que estás à espera?

— Queres sempre ser o primeiro.

— Vai, raios! Passa-se qualquer coisa com a porcaria do meu pulso.

Por baixo do tecido de algodão da protecção do pulso, reparou Tommy, o pulso de Mário estava apertado com adesivo; ele estava a mexer nas pontas, torcendo as fitas de gaze, tentando atar com a outra mão e os dentes uma protecção de cabedal.

Franziu o sobrolho a Tommy e o rapaz sentiu-se quase fisicamente ferido pelo olhar. De repente, recordando-se, sentiu-se morrer de vergonha. Ele teria sido capaz de esquecer tudo aquilo, aceitar o que se passara como uma espécie de jogo, para ser esquecido ou ignorado por ambos, se Mário o tivesse continuado a tratar exactamente como dantes. Mas agora sentia-se invadir pela culpa e pelo desalento. Não lhe ocorreu — nem naquela altura, nem durante muitos anos — o que Mário estava a sentir. Num desejo confuso de endireitar o que estava mal entre eles, e num assomo de afecto, tocou ligeiramente no pulso de Mário.

— Magoei-te lá em baixo com as minhas brincadeiras? Devias ter-me dito. Magoei-te no pulso?

— Não é nada, cos diabos! Dormi em cima dele, ou coisa assim. Agora mexe-te, está bem? Ou então desce.

Tommy agarrou na barra e lançou-se para a frente. Os balanços e manobras que faziam no treino para aquecimento correram bem, mas Mário estava num daqueles estados de espírito a que Angelo chamava de prima donna. Balanços e piruetas absolutamente perfeitos eram seguidos de retornos tão trapalhões que até Tommy se sentia no direito de troçar, e por duas vezes, ao tentar um duplo, Mário desistiu no último momento e mergulhou na

rede sem que para isso houvesse qualquer explicação. Até Angelo, o parceiro com o melhor feitio do mundo, acabou por se puxar para cima no trapézio base e gritou furiosamente que se Mário ia treinar com a rede, ele ia beber um café, e porque raio é que ele não se lembrava que tinha um base à espera do outro lado do aparelho?

Finalmente, Papa Tony mandou-os fazer os números de pares, e tornou-se imediatamente óbvio — se é que já não o era antes — que aquele era um daqueles dias em que nada sai direito. Saíram tão mal da plataforma que Papa Tony, aos gritos os obrigou a voltar para trás. Na vez seguinte, Tommy atrasou-se, as suas mãos tocando de forma perceptível a barra com um quarto de segundo de atraso em relação às de Mário. E sob a pressão desigual a barra desviou-se e curvou-se tanto para um dos lados, que não havia nada a fazer senão saltar para a rede.

Enquanto voltavam a subir Mário rosnou:

— Que raio se passa? Serás capaz de orientar os teus malditos movimentos pelos meus em vez de esperares por inspiração divina?

Nervoso e ansioso para não repetir o erro, Tommy daquela vez adiantou-se; agarrou a barra antes de Mário lhe ter posto as mãos e esta voou de lado, atingindo o pulso ligado de Mário. Este, agarrando-se a uma corda para se equilibrar, gritou de dor agarrando-se ao pulso.

— Raios, vê o que fazes!

Papa Tony, endireitando-se sobre o trapézio base e balouçando-se, perguntou:

— Que se passa convosco?

A mão de Mário, fria e calejada, pousou por instantes no ombro nu de Tommy.

— Vamos a isto, ragazzo — disse com fúria, antes que eles corram connosco!

Daquela vez conseguiram sair juntos na barra, mas viraram atabalhoadamente e sem coordenação; Tommy chegou às mãos esticadas de Papa Tony uma fracção de segundo antes de os pulsos de Mário encaixarem nas mãos estendidas de Angelo.

O retorno lançou-os de novo ao mesmo tempo, mas aterraram tão mal na plataforma, que Tommy teve de lançar um braço em

torno dos suportes do pedestal para evitar cair deselegantemente para o avental da rede. Mário conseguiu equilibrar-se sem se agarrar, mas virou-se para Tommy e praguejou furiosamente em italiano.

Papa Tony largou o segundo trapézio base e mergulhou na rede, fazendo-lhes sinal para que descessem. Ficou a olhar para eles de cenho franzido, com o cabelo húmido, desgrenhado e de pé, como se fossem cornos retorcidos de diabinhos, pensou Tommy.

Que se passa com vocês os dois? — perguntou furiosamente — isto não é um espectáculo de cabeçudos! Nunca os vi assim! Tommy, é assim que reages a umas palavras de simpatia?

Eu confio em vocês e é esta a recompensa que tenho? Uma vergonha!

Tommy engoliu em seco, sentindo-se mal disposto. Mas aprendera a nunca inventar desculpas.

— Eu... Lamento. Parece que não sou capaz. Podemos subir e tentar de novo?

Papa Tony franziu o sobrolho a Mário.

— Matt, treinaste o Tommy para receber os teus sinais e agora não lhos estás a dar. Estás frouxo, como um fantoche, parece que alguém tem de te puxar os cordelinhos! Não tens nada aqui! — Deu a Mário uma pequena pancada seca no peito. — Nos teus próprios exercícios, claro, lá te safas, porque o Angelo ajusta o ritmo dele pelo teu, pode, como se diz, pode compensar.

Mas no número de pares...

— Eu fiz sinal — disse Mário irritado, mas o ritmo dele desapareceu.

— Oiçam, a culpa é toda minha — disse Tommy ansiosamente.

— Pura e simplesmente desorientei-me...

— Agora ouve — disse Papa Tony com os olhos em Mário e ignorando o rapaz mais novo, não importa quão bem o Tommy pensa que conhece este exercício, ele pensa que marca o ritmo pelos teus sinais; mas na verdade ele tem de os marcar por qualquer coisa que vem de dentro de ti, como uma corrente eléctrica. Tu gritaste bem alto o sinal, eu ouvi-te, mas não lhe deste o ritmo; estavas a ir atrás do que estavas a fazer. Ora, neste duo



com Tommy, vocês os dois têm de se mover como se tivessem dois corpos mas uma só cabeça, e a cabeça tem de ser a tua, Matt. O Tommy está a tentar marcar o ritmo por ti e tu não estás lá. Já alguma vez viste um carro com dois condutores?

Não podes fazer este exercício sozinho e deixar que o Tommy vá atrás e esperar que funcione, como não podes esperar que uma pessoa faça amor sozinha. Se o teu ritmo desapareceu, não culpes o rapaz de ele se descontrolar.

Tommy ouviu, espantado. Estava tão acostumado às explosões de raiva de Papa Tony que a calma daquela lição o espantara. Papa Tony disse:

— Avanti, vocês os dois. E, Matt, vê se acordas por dentro está bem? Ou isto não dá em nada!

Enquanto regressava ao seu lugar, Mário conseguiu sorrir nervosamente a Tommy:

— Tenho estado a desorientar-te?

— Eu pensei que a culpa era minha — disse Tommy com honestidade.

Mário sorriu com uma sombra dos seus habituais sorrisos.

— Pois, é natural. — Virou-se para a corda. — Anda, vamos tentar fazer isto bem desta vez.

Mas, percebeu Tommy, esse era o problema. Em vez de se moverem em uníssono, perfeitamente coordenados, estavam a tentar manter o ritmo e não era a mesma coisa. Percebeu, relutantemente, que a culpa não era sua. Mário não estava a dar aquele pequeno extra que fazia com que o exercício resultasse. Em vez de um duo eram apenas dois voadores, um veterano e um noviço, fazendo os mesmos exercícios ao mesmo tempo — mas não juntos.

Após mais uma tentativa medíocre, Papa Tony fez um gesto de desilusão.

— Basta! Vocês os dois azedaram, é o que é, não vale a pena. Guardem o equipamento de pares. Vamos treinar outra coisa.

Mas quando estavam a acabar de guardar o trapézio base que servia para o número de pares, Angelo interrompeu-se e gritou cá para baixo:

— Queres alguma coisa, Margot?

— Tonio? — gritou Margot Clane. — Aquela equipa do trapézio giratório está a ter uma fúria e parecem ter-se esquecido subitamente do pouco inglês que sabem... e aqui ninguém fala italiano suficiente para perceber porque é que eles estão aos gritos! Vens lá para esclarecer o que se passa?

Papa Tony desceu pela corda e foi-se embora com Margot, e Angelo gritou:

— Muito bem, Tommy, tenta um mortal por cima da barra e desta vez tenta manter os pés no lugar, está bem?

Tommy fez o exercício com facilidade, o que o fez sentir-se consideravelmente melhor. A sua autoconfiança, seriamente abalada pelo fiasco que tinha sido o número de pares, voltou quando Angelo o mandou fazer mais duas passagens. Depois fez sinal a Mário para que fizesse um duplo à retaguarda. Mário saiu, lançando-se bem alto, mas quando Angelo o agarrou, até Tommy pôde ver que a pega tinha sido mal feita e, quase antes de Mário ter tido tempo de regressar à plataforma, Angelo saltou para a rede.

Estava quase incapaz de falar, tal era a sua fúria. Gritou:

— É melhor ficarmos por aqui antes que partas o raio do pescoço... ou o meu pescoço!

Quando Tommy e Mário chegaram ao solo, Angelo mandou Tommy ir fazer um recado e fez sinal a Mário para que se aproximasse.

— Quero falar contigo.

O homem mais novo aproximou-se, a tremer de frio, a camisola passada por cima dos ombros e atada nas mangas, a cara a pingar de suor. Angelo, abotoando a sua camisola, agarrou nos cigarros. Acendeu um e perguntou:

— Que raio se passa contigo hoje?

Mário abanou a cabeça irritado.

— Se tem reclamações a fazer, faça.

— Não tenho um fim-de-semana disponível para as pôr por ordem — disse Angelo. — Esse pulso está a incomodar-te assim tanto? Se esse for o caso é melhor ires ao médico.

— Não tem problema.

— Bem, há um problema qualquer, disso não há qualquer dúvida.

— Não dormi grande coisa na noite passada.

— Nenhum de nós dormiu. Eu conduzi durante toda a noite, estás recordado? E já te vi trabalhar com os pulsos em carne viva, por isso também não é disso que se trata. Ouve, se o miúdo te está a enervar...

— Não tem nada a ver com o Tom... por amor de Deus, não comece agora a culpá-lo. Olhe, dê-me um cigarro, está bem?

— Certo. — Angelo sacudi um cigarro para fora do maço e depois esticou-lhe um fósforo para lhe acender o cigarro. — Era capaz de te fazer bem começares a fumar, miúdo, estás sempre tão irritadiço.

Mário riu-se, dando uma passa cautelosa — uma passa de não fumador, sem inalar — no cigarro.

— Dá cabo de mim, Angelo. Durante os meus verdes anos fiz-me discursos, noite e dia, acerca de como eu deveria evitar os vícios do prazer. Não fumar, não beber, não... bem, não é preciso falarmos nisso agora. Mas agora quer que eu os apanhe todos para acalmar os nervos.

— Não há necessidade de exagerar, nem mesmo na abstinência.

— Angelo sentou-se num dos bancos da pista. — Vá lá ragazzo, o que é que te está a preocupar? Se estás chateado com qualquer coisa o melhor é desabafares.

Mário esmagou a ponta do cigarro. Fumara menos de metade.

— Não, não é nada... Deve ser só nervos. Não posso ter um dia de folga, ou assim? Vamos para cima e tentamos de novo, se quiser.

— Esquece. Estás demasiado tenso. Aconselho-te um duche quente, uma bebida e uma boa sesta, mas faz como quiseres. — Angelo esmagou o cigarro na areia, espalhando cuidadosamente as cinzas com o pé. — E... olha, miúdo, eu grito muito, mas se há realmente qualquer coisa que te preocupa, podemos conversar sobre isso. Sabes disso, não sabes?

— Sim, claro, Angelo — disse Mário, mas não o olhou nos olhos. — Obrigado pelo cigarro.

Foi-se embora desaparecendo entre os camiões, e Angelo ficou a vê-lo andar com elegância, mesmo quando o fazia com os ombros curvados. Papa Tony apareceu por trás dele e perguntou- -lhe em italiano:

— Descobriste o que é que ele tem, filho?

Angelo abanou a cabeça e respondeu na mesma língua:

— Só Deus sabe. Se calhar não passa de uma perda de confiança momentânea. Ele vai ficar bem quando for a estreia, Papa.

— Achas que eu o devia obrigar a ir ao médico por causa do pulso? Ele tem dores?

Angelo abanou lentamente a cabeça, continuando a olhar para o local por onde Mário desaparecera.

— Não, Papa — disse por fim , deixe o rapaz em paz.

Quando andava na estrada, a família Santelli vivia no seu velho atrelado, mas durante a temporada, e devido a uma cláusula do seu contrato — cláusula essa que constituía excepção em relação a todos os outros artistas do Circo Lambeth , estavam autorizados a utilizar o camião dos equipamentos como camarim.

Não tinham por isso necessidade de atravancar o atrelado com os fatos de cena e os produtos de maquilhagem. (Pois embora não se pintassem no sentido mais comum do termo, Tommy aprendera rapidamente a manter os caracóis no lugar com o auxílio da brilhantina, a pôr pó-de-arroz para disfarçar queimaduras solares, e a cobrir pequenos cortes com adesivo da cor da pele. Conseguia assim o aspecto permanentemente imaculado e desempoeirado em que os Santellis insistiam.) O camião dos equipamentos estava agora vazio; todas as pesadas estruturas dos números de trapézio estavam montadas para o ensaio geral e Tommy transferiu o guarda-roupa do atrelado dos Santellis para o camião. Pendurou o grande espelho num grande gancho preso à parede, montou os toucadores desmontáveis que utilizavam, e começou a preparar os fatos e a separar o guarda-roupa para o primeiro espectáculo, pendurando as várias peças em cabides. Estava quase a acabar quando Mário entrou pela porta atrás de si.

— Meu Deus, tens isto quase pronto! Um de nós podia-te ter ajudado a fazer isso!

— Não tem importância. Calculei que vocês tivessem mais que fazer — disse Tommy. — Como está o teu pulso?

— Está bem, acho eu. — Mário tirou o protector de cabedal, desenrolou a ligadura de gaze que usava por baixo dele, e começou a soltar a fita adesiva. Não estava a conseguir fazê-lo com a mão esquerda e tentou arrancá-la com os dentes. Acabou por estender o braço a Tommy.

— Toma. Arranca-me esta coisa. Arrancas?

Cuidadosamente, Tommy tentou separar as duas extremidades da fita.

— Como é que te arranjaste para isto ficar assim tão enrolado?

— Acho que foi a transpiração por baixo do cabedal.

— Tenho de ir buscar uma tesoura para cortar isto. — Introduziu as grandes pontas da tesoura por baixo do adesivo e Mário encolheu-se.

— Cuidado, cuidado! Se me cortas, mato-te!

Bem, se eu pusesse adesivo desta maneira, comias-me vivo, seu parvo. — Tommy estava a segurar a tesoura com as duas mãos, manobrando-a cuidadosamente, tentando fazê-la passar por baixo do adesivo enrolado. Acabou por cortar cuidadosamente e as extremidades separaram-se. Tommy pousou as tesouras, agarrou as pontas do adesivo e puxou.

Mário gritou:

— Ai, raios!

— Dizes-me sempre para arrancar o adesivo de uma só vez e não aos bocadinhos. Sentes-te melhor agora?

— Acho que sim. — Mário agarrou no pulso de Tommy, ainda ligado por uma fina faixa de gaze. O toque foi tão deliberado, em contraste com as pancadinhas leves que eram a sua língua-gem habitual de comunicação no trapézio, ou com os empur- rões com que Mário lhe chamava a atenção ou sublinhava uma ordem, que Tommy ergueu os olhos, sobressaltado, sentindo-se tentado a afastar-se. Depois, ligeiramente envergonhado, obri- gou-se a descontrair e a deixar o pulso na mão de Mário, no pré- ciso

momento em que este sentia a sua rigidez e o estava prestes a largar.

, — Ouve, Tom... — começou Mário. Depois, encabuladamente, disse: — Ouve, queria falar contigo acerca de... bem, acerca da noite passada... e de repente não sei o que hei-de dizer.

Tommy remexeu no pedaço de adesivo enrolado. Tinha um ar muito jovem e confuso, a perder a pele da testa, a pele nua dos ombros a cair em pequenos pedaços. Mário disse casualmente:

— Pareces um bocado de carne crua, com esse escaldão.

Bem passado ou mal passado?

Tommy fez uma bolinha com a fita adesiva, mantendo os olhos no chão.

— Não tens de dizer nada — disse. Depois, repentinamente e deixando cair no chão a bolinha peganhenta, olhou-o nos olhos e disse em tom acusatório: — Tu sabias muitíssimo bem que eu não estava a dormir, com mil raios! Ou não sabias?

— Cuidado com a linguagem — repreendeu-o Mário automaticamente. Depois, apercebendo-se do que Tommy dissera, encostou a testa aos punhos cerrados. — Meu Deus, Tommy!

— Então, sabias ou não? Quero dizer, sabias que eu não estava a dormir. Achas que eu não percebi o que tu querias? Que tipo de fedelho burro é que tu pensas que eu sou?

O rosto de Mário corou intensamente. As veias incharam-lhe sobressaindo na testa.

Sim — disse , é claro que sabia. Sabia que não irias armar confusão com os outros ali, e acho que queria que soubesses que podias parar com aquilo, em qualquer altura, acor... acordando.

Ou fingindo que acordavas. Queria que soubesses que eu não estava a obrigar-te a fazer nada que tu não quisesses.

Queria que tu sentisses... — Não conseguiu acabar. — Esquece, esquece, nunca devia ter falado nisso.

Tommy disse em voz baixa:

Ainda bem que falaste. Tenho-me... tenho-me perguntado.

— Bem, agora já sabes. — Mário virou-se. — Chama-lhe o nome sujo que quiseres. Maricas. Bicha. Perverso. Ou qualquer coisa pior, se calhar.

— Tens de ser tão desagradável em relação a isto? — Tommy ouviu a sua voz tremer e tentou desesperadamente falar com firmeza. — Eu queria falar sobre isto porque... eu ia dizer... acho que eu também queria, e se és aquilo que estavas a dizer, acho que o que se passou faz com que eu também seja um desses, ou não será?

Mário deu um passo rápido na direcção de Tommy, curvando-se sobre ele, com uma expressão decidida.

— Não digas isso! Por amor de Deus, miúdo! — Estava a agarrar os ombros do rapaz num frenesim doloroso.

— Ai — disse Tommy numa voz sumida, o meu escaldão!

As mãos de Mário soltaram-se e deslizaram pelos braços de Tommy; segurou-o pelos braços.

— Desculpa, miúdo. Tu... tu tocaste-me num ponto sensível, é só isso. Sobre o que é que querias conversar? Acho que te devo isso.

— Não sei. Pelo menos exactamente. De muitas coisas.

Tu não gostas de... mulheres?

— Não muito. Não dessa maneira. Oh, Deus — disse Mário numa voz estrangulada. — De verdade que não sei o que te hei-de dizer, e o Angelo ou o Papa Tony não tardam a entrar por aí adentro. Não estou a tentar fugir às tuas perguntas. Juro-te que havemos de falar de tudo o que tu quiseres. Só que não aqui, nem agora. Mas... mas não estás zangado comigo? Sei que não me vais denunciar, mas eu... Tenho-me odiado de morte.

Tommy voltou a desviar a cara sem saber porquê.

— Não, não estou zangado. Mas não compreendo, não completamente.

E quero falar disso quando for possível. Até estou satisfeito por isto ter acontecido, porque agora podemos falar disso. Pensei que talvez tu... talvez tu quisesses que eu fingisse que aquilo nunca tinha acontecido. Como da outra vez.

Agora era a vez de Mário virar a cara, e Tommy viu que o sangue lhe subia ao rosto.

— Oh, cos diabos, Tommy, eu não... eu não sei o que te hei-de dizer.

— Mário, diz-me uma coisa. Estavas zangado comigo esta manhã? Foi por isso que demos cabo de tudo daquela maneira?

— Zangado contigo? Raios, não, miúdo. — Fez uma pausa e disse — Com vergonha, talvez. E vingando-me em ti. — Suavemente virou Tommy por forma a que este ficasse de frente para ele. — Tu estás bem? Não estás mesmo zangado comigo? Continuamos amigos?

O primeiro impulso de Tommy foi lançar os braços ao pescoço de Mário e confortá-lo. Depois, sem saber muito bem porquê, sentiu que não o podia fazer. Limitou-se a dizer:

— Claro. Sabes que sim.

— Acho que esta manhã, estava... estava a tentar matar o que quer que sentia dentro de mim. Não sei, parecia fazer tudo parte do mesmo, de alguma forma. Percebes o que quero dizer?

Tommy assentiu com a cabeça, lentamente. Ele já antes tivera uma noção um tanto confusa de que o trabalho deles no trapézio, e a proximidade intensa que sentia em relação a Mário, tinham origem na mesma fonte interior.

— Sim. Acho que sei o que queres dizer.

— Fui eu, mais do que tu, miúdo. Tu foste bem. Acho que eu estava a lutar contra o que quer que seja que nos faz trabalhar bem juntos. Tom... promete-me uma coisa, miúdo.

— Não contar a ninguém? Eu sei disso, estúpido!

Mário baixou a cabeça de novo, voltando a corar de embaraço.

— Não, não é isso. É outra coisa. Ouve, Tom, aconteça o que acontecer não... não vamos deixar que volte a interferir com o nosso trabalho. Vamos manter isso... manter isso fora da plataforma, não vamos deixar... não vamos deixar que isso faça qualquer diferença no nosso trabalho. Prometes-me, Tom?

Tommy não percebeu, não totalmente, mas a intensidade da voz de Mário fez com que sentisse de uma forma igualmente intensa. Disse:

Está bem, Mário. Prometo. — Não sabia que a promessa que fizera os ajudaria atravessar inúmeras e incontáveis tempestades.

Foi, das promessas que trocaram, a única que nunca quebraram.



Estrearam-se em Brownsville, no Texas, numa tarde quente, peganhenta e húmida. Tommy desempenhava uma dúzia de pequenas tarefas na primeira parte do espectáculo: ficava no solo, na base dos aparelhos de trapézio fixo, e segurava na corda para uma das mulheres do ballet aéreo; retirava os tamboretos da pista depois de um número de cães amestrados, acompanhava um malabarista e segurava em arcos e bolas durante o seu número.

A sessão da tarde foi pródiga em erros e confusões. Dois palhaços chocaram um com o outro e ficaram cheios de galos e nódoas negras (o público, como é evidente, achou aquilo moderadamente engraçado e riu-se), e um encarregado de aparelhos, que era novo no espectáculo, deixou duas cordas mal presas. Em consequência disso o número de trapézio atrasou-se quinze minutos, os palhaços a fazerem improvisos, actuando na pista enquanto murmuravam pragas, enquanto Mário e Angelo, enalorados e zangados, trepavam aos aparelhos para atar convenientemente as cordas.

Durante todo o espectáculo da noite, as nuvens foram-se acumulando. Fora passada palavra para que as actuações fossem encurtadas, mas os artistas juntaram-se à entrada observando o céu e fazendo previsões pessimistas quanto à possibilidade de as nuvens se abrirem e começar a chover durante o espectáculo. Uma boa porção do público foi-se embora, pelo sim pelo não, durante o intervalo.

Enquanto se preparavam para o número de trapézio voador, Angelo chegou à porta do camião e ergueu um dedo para sentir o vento.

— Meu Deus — murmurou. — Tommy, vigia as cordas como se fosses uma águia! Com este vento vão-se enrolar se lhes deres hipótese disso. Vamos ter de saltar os exercícios de pares; tem de estar sempre alguém na plataforma para reorientar a barra a cada passagem.

— Está bem. — Tommy tentou falar descontraidamente, mas sentia aquele pequeno nó na garganta que sabia ser de medo.

Nunca trabalhara antes com vento forte, e sabia como este era odiado pelos artistas — e tinham boas razões para isso.

— Bem, a temporada está a começar bem para os trapezistas  
— disse Angelo alegremente. — Ainda te doem os ombros?

— Um bocadinho. — Tommy estava a cobrir a testa, que estava de um cor-de-rosa vivo, com um pó cor de pele.

Angelo sorriu.

— É uma pena teres de tapar essas sardas tão giras.

— O q... quê? — gaguejou Tommy.

— A rapariga nova do ballet aéreo... ouvia-a a falar no ensaio.

Disse: "Aquele miúdo com o escaldão, o ruivo do número de trapézio voador... Não tem as sardas mais sensuais que vocês já viram?" Tommy murmurou:

— Deixe-se disso. — Já o tinham provocado o suficiente acerca do bem que ele ficava de calças de ginástica. Começara a tomar consciência de como os trapezistas eram como que um íman para as mulheres que trabalhavam no circo — e para as do público. Até o grisalho Papa Tony, com o seu ar de avô, estava sempre cercado de admiradoras.

Mário debatia-se para pôr o protector do pulso com uma só mão. Papa Tony pôs-se atrás dele.

— Esse pulso ainda te está a incomodar, Matty?

— Não tem problema. Mas tê-lo sempre ligado faz com que fique assado. Passa-me o álcool, passas, Tom?

Tommy passou-lhe o frasco.

— Queres que to ponha?

Mário deixou que Tommy passasse álcool nas partes mais irritadas e que lho cobrisse com uma fina camada de algodão e gaze, antes de o voltar a ligar com a fita adesiva por baixo da ligadura normal. Papa Tony ficou a olhá-lo, de cenho franzido, enquanto ele punha o protector de cabedal.

— Não quero mais essa parvoíce de andares a trabalhar com um pulso em carne viva, Matt. Amanhã vais à procura de um médico à cidade e trata disso.

— Não me incomoda desde que esteja ligado, Papa.

— Mesmo assim. Não vais voltar a andar a temporada inteira com um pulso infectado por seres desleixado quando isso ainda está no princípio, estás a ouvir-me?

— Sim, Papa! Como queira. — Mário parecia zangado e apreensivo. — Meu Deus! Oiçam-me aquele vento!

Se piorar vamos ter de eliminar o número de trapézio.

Mesmo assim, é melhor não tentares o retorno com pirueta. Acabamos com um duplo — disse Papa Tony. — Vamos lá a recapitular a sequência para o número encurtado, meus filhos.

Ao sentir o peso da capa assentar-lhe nos ombros, Tommy começou a sentir a sensação de ligeira náusea remexer-se dentro de si. Estas verificações de última hora eram sempre tensas, enervantes.

Quando estavam junto da entrada dos artistas, Angelo olhou para norte.

— Trovões — disse.

— E se começa a chover quando estivermos lá em cima, no aparelho? — perguntou Tommy.

— Se isso acontecer, descemos o melhor que pudermos, antes que as barras fiquem demasiado escorregadias para que as possamos segurar. E rezamos para que o público esteja demasiado ocupado a correr em busca de abrigo para olhar para nós — disse Mário.

— Uma das coisas boas de se actuar ao ar livre — disse Angelo, é que se pode parar quando começa a chover muito.

Nas tendas tem de se continuar, mesmo que a chuva e o vento sejam tão fortes lá em cima, que mal se vejam as barras. E, lá no topo da tenda, acredita no que te digo, às vezes fica tudo cheio de água. Lembro-me de uma vez, quando estávamos no Starr...

— Cala-te — disse Papa Tony, ouvindo a banda. — É a nossa vez. Andiamo...

Tommy tocou brevemente na medalha de São Miguel presa por dentro da gola da sua camisola. Enquanto atravessavam a pista iluminada, Angelo murmurou:

— Tenham calma. — Tommy ficou de pé na plataforma entre Mário e Papa Tony, ouvindo os aplausos durante alguns momentos antes de expulsar tudo de novo para fora da sua consciência.

Mário lançou-lhe um sorriso breve e tenso.

— Calma, Lucky. Lembra-te, isto é como a sala de treinos. — Puxou a barra para baixo e disse pelo canto da boca: — Cuidado com as cordas — e lançou-se numa linha direita como uma seta.

Tommy respirou fundo. Estava onde queria estar.

O final mal tinha acabado, e o público ainda não se dispersara, já os operários cobriam a pista, apressando-se a guardar tudo antes que a tempestade rebentasse. Os atrelados familiares e alguns dos camiões dos equipamentos, tinham começado a partir durante a segunda parte do espectáculo. Cada número, depois de acabada a sua actuação, prendia os atrelados aos carros e saía do acampamento, querendo arrancar cedo em direcção ao local seguinte. O pesado camião que transportava os equipamentos dos números aéreos aproximou-se das estruturas ainda montadas e Tommy, no interior, apressou-se a tirar as calças de ginástica e a vestir umas calças de ganga e uma camisola. Trabalhou com Mário e Buck, o encarregado dos equipamentos do Circo Lambeth, enxugando cuidadosamente postes e barras antes de os guardar, ajudando a enrolar a rede de forma conveniente. Se qualquer parte do equipamento ficasse enlameada ou molhada, isso significava imensos problemas, possivelmente substituições dispendiosas ou cordas perigosamente podres.

Antes de terem acabado, a mãe de Tommy veio à procura deles, os pés metidos em botas e um lenço na cabeça. A chuva começava a cair, forte e espessa.

— Está à procura do Tommy, Beth? — perguntou Angelo. — Ele está dentro do camião.

Beth Zane enfiou a cabeça pela porta do camião.

— Podes vir-te embora? O teu pai já se foi embora com o camião-jaula, e eu estou pronta para me ir embora com o atrelado.

— Ainda não acabámos — disse Mário enxugando a cara. — Ele pode vir connosco. Não precisa de esperar se não quiser. Tudo bem, Tom?

— Está bem — disse Beth. — Vejo-te na próxima cidade, Tommy. — Foi-se embora rapidamente, chafurdando nas poças de água como um pato apressado.

Buck disse:

— Podias ter deixado o miúdo ir, Matt. Estamos quase prontos.

— Não faz mal. Angelo, está ali o Papa com o atrelado.

Vai com ele, não queres? Eu e o Tommy vamos no camião.

Angelo apressou-se a ir embora e Buck pôs a cabeça de fora, encolhendo o pescoço dentro da gola azul da camisa de trabalho.

Puxa, vai chover como os diabos dentro de cinco ou dez minutos! Vamos embora antes que o terreno fique muito enlameado, está bem? Está tudo seguro aqui atrás?

Mário olhou em torno de si.

Sim, acho que sim. — No interior do camião, cada poste e barra do trapézio voador, bem como dos outros equipamentos de trapézio transportados por aquele camião, tinham sido guardados no seu lugar próprio, e a mesa desmontável que os Santellis usavam como toucador estava dobrada numa das pontas, tapando o espelho. Havia apenas um pequeno espaço ao centro onde estava colocado o colchão enrolado de Buck — quando não conseguia arranjar um quarto barato na cidade, dormia no camião.

— Estão prontos? Olhem, dêem-me uma ajuda com as portas — disse Buck. — Vocês querem ir à frente comigo, rapazes?

— Não, vamos aqui. Se calhar batemos uma soneca... queres, Tom?

— Claro. — Tommy foi ajudá-lo a fechar as portas pesadas.

O terreno, completamente vazio à luz do único projector que restava ao centro, parecia totalmente deserto à excepção de alguns papéis e sacos rotos de pipocas que se espalhavam no chão sob a chuva. A maioria dos outros camiões já tinha partido. Jim Lambeth, com a gola do casaco puxada por cima da cabeça, correu na sua direcção.

— Este camião está pronto para partir?

— Pronto! — gritou Tommy como ouvira Mário fazer uma centena de vezes.

— Muito bem, vamos a isto então. Apaga a luz, Smitty — gritou Lambeth. O grande projector montado no camião-gerador apagou-se e o terreno deixou de ser o recinto de um circo. Não passava de um grande baldio deserto e batido pela chuva, iluminado apenas pelos

relâmpagos súbitos. Buck bateu com a porta e Tommy ouviu-o correr a tranca.

Estava escuro como breu dentro do camião. Mário tirou uma lanterna do bolso e acendeu-a, fazendo-a incidir em torno de si.

— Anda, sentamo-nos no colchão do Buck. — Descalçou as botas enlameadas. — Tira os ténis, Tom, não queremos sujar isto todo de lama.

O camião começou a mover-se lentamente. Mário guardou as botas num canto e depois atirou com os ténis húmidos para junto delas. Ouviram os pneus lutarem contra a lama, o motor em esforço, a chuva caindo com força sobre o tejadilho de metal Mário soltou um grande bocejo.

— Raios — disse , com a história da chuva não chegámos a jantar, e quando chegarmos a Newton já vão ser uma ou duas da manhã... vai estar tudo completamente fechado. Tens fome?

— Não muita.

— Seja como for, come metade disto. — Mário voltou a acender a lanterna e procurou dentro da gaveta onde guardavam a maquilhagem. Pescou de lá de dentro uma grande tablette de chocolate. Partiu-a ao meio e deu metade a Tommy.

Desembrulhando a sua metade, Tommy perguntou:

— Como é que tens isto?

— Apanhei esse hábito na escola de ballet. Algumas das raparigas, a Liss era uma das piores, não tomavam o pequeno-almoço, ou esqueciam-se de parar para almoçar, e desmaiavam a toda a hora. Por isso habituei-me a andar sempre com barras de chocolate atrás. E enquanto houve racionamento de açúcar, cada vez que via um chocolate à venda comprava-o, pelo sim pelo não.

Ouviu-se o estrondo forte de um trovão e Tommy disse na escuridão:

— E se formos atingidos?

— O sítio mais seguro para se estar, no meio de uma trovoada, é no interior de um carro em movimento. Está-se isolado pelos pneus de borracha, ou coisa do género.

O vento assobiava e pequenas rajadas frias entravam pelas frestas junto às portas de metal, à medida que o camião ganhava

velocidade na auto-estrada. Mário disse subitamente:

— Ouve, eu há uns dias atrás disse que tínhamos de conversar.

Esta é a primeira oportunidade que temos para o fazer sem ter gente à nossa volta. Não tenho estado a tentar evitar a conversa, só que não sei o que te hei-de dizer.

Embora Tommy não tivesse voltado a pensar naquele assunto depois do dia do treino desastroso, sabia exactamente do que Mário estava a falar. Uma dúzia de perguntas cruzaram-lhe o espírito, mas tinha vergonha de as fazer. Por fim disse:

— Quando eu era pequenino o meu pai disse umas coisas acerca dos... dos maricas. Só que falou nisso como se fosse horrível. Tu chamaste-lhes outra coisa.

— Homossexuais.

Pois. Ele estava... estava a tentar assustar-me. Não dei por que estivesse assim tão assustado.

Tommy disse com ferocidade:

Qualquer coisa que tu quisesses que eu fizesse não... não me assustaria!

Mário tocou-lhe levemente na mão na escuridão.

— Obrigado. Não, eu nunca... nunca te queria assustar.

Ou magoar-te. Mas fico contente por tu o saberes.

— O meu pai agiu como se... se esses tipos, os maricas, as bichas, os homo... homossexuais, andassem por aí a agarrar-se aos miúdos... como se, se eu alguma vez me chegasse perto de um deles...

Mário suspirou.

— Não sei nada acerca desse tipo de pessoas. Talvez haja homens assim. Não sei... nunca conheci nenhum. Eu... nunca toquei em ninguém que não o quisesse tanto como eu. Um homossexual não tem de ser um... um perverso. Um homossexual é apenas um homem que gosta de outros homens. Em vez de gostar de mulheres.

— Queres dizer... dessa maneira. Sexualmente.

— Sim.

— E tu és homossexual?

— Sim. Sempre fui.

Tommy ficou a pensar naquilo durante algum tempo. Depois disse:

— Acho que te devo contar. Aquela não foi a primeira vez que... que fiz aquilo com outro rapaz. Portanto acho que também sou homossexual, não é?

Tommy sentiu, embora não o pudesse ver, o olhar rápido que Mário lhe lançou.

— Quantos anos tinhas tu? Ou antes, que idade tinha o outro rapaz?

— Acho que tínhamos os dois à volta de oito anos. Talvez nove...

— Ora, cos diabos, Tommy. Que é que vocês fizeram? Masturbaram-se um ao outro? Ouve, todos os miúdos passam por essa fase. Os rapazes passam, pelo menos. As raparigas não sei, nunca Perguntei a nenhuma. Isso não quer dizer nada, nem para um lado nem para o outro. — Hesitou. — Escuta, não respondas se não quiseres. Já alguma vez tiveste uma rapariga?

Tommy ficou a olhar para a escuridão e balbuciou:

— Não. Uma vez estive quase. Quer dizer, eu e uma rapariga estávamos na brincadeira, foi no ano passado. Essa rapariga... bem, deixa os rapazes fazerem-lhe coisas...

— A Rosa? Sim — disse Mário, toda a gente daqui do circo sabe que ela... ela já deve ter dormido com tudo o que veste calças nas redondezas. És capaz de ter tido sorte de não ter acontecido nada; ela provavelmente tem todas as doenças que existem. O Papa Tony disse-lhe que se a apanhasse mais alguma vez perto do nosso atrelado a punha a dormir, e que se eu ou o Angelo tivéssemos alguma coisa com ela, o melhor era irmos imediatamente ao médico. Então que foi que aconteceu? Não conseguiste, ou não quiseste?

— Um bocadinho das duas coisas, acho eu. Ela... ela riu-se e perguntou-me se eu era maricas. — E um fantasma assombrou-lhe o espírito, Jeff Marlin perguntando-lhe com uma risadinha porca — Gostavas de ser a minha miúda?...

Mas Mário estava a rir às gargalhadas.

— É evidente que perguntou! Raios, não, miúdo, não é assim que se descobre! — Depois, com mais gravidade. — Não, Tom, isso



não quer dizer nada a não ser que ela era a rapariga errada para ti. Só quer dizer alguma coisa se já tiveste muitas hipóteses com raparigas diferentes, raparigas de quem gostas realmente, e continuas a preferir homens.

Raparigas de quem gostes realmente. Tommy pensou de repente em Stella, no dia em que tinham saído no MG, rindo-se molhada nos seus braços, e de como a abraçara mais tarde, nua sob o roupão espesso. Soube, com uma memória súbita e quase física, o que então quisera. Começou a dizer qualquer coisa, mas depois calou-se. Não podia contar aquilo, pelo menos sem provocar a impressão errada. Mário poderia pensar que Stella era como a tal Rosa. E não era. Não era mesmo.

Mesmo que ela e o Johnny durmam juntos, a Stella não é assim.

Mas Mário não gostava de mulheres. Não iria entender.

Mário disse baixinho:

— Alguns homens, não muitos, talvez, mas alguns, vão para a cama com outros homens quando não podem ter mulheres.

Como os marinheiros. Ou na prisão. Mas, a não ser que gostem mais de homens, mesmo quando podem ter mulheres, não são realmente... realmente homossexuais.

Houve outro longo silêncio preenchido apenas pela chuva metálica e forte.

— Tom, aquela foi uma partida baixa e suja a que eu te preguei na outra noite. Assim, no carro.

— Eu poderia ter-te feito parar se não te quisesse. Eu sabia disso. Como na noite em que... em que dormiste no meu quarto.

Também não estavas a dormir nessa altura, pois não?

— Não — disse Mário, só queria que tu pensasses que estava.

— Como já te disse... eu acho... acho que queria que fizesses aquilo.

— Sabes — disse Mário, a voz suave, podias ter-me metido nuns sarilhos do diabo. Não és suficientemente crescido...

— Porque é que eu havia de te querer meter em sarilhos?

— Bem, se eu te magoasse. Ou te assustasse.

— Passas a vida a falar em assustar-me. De que é que eu devia ter medo?

Mário estendeu o braço e apertou-lhe a mão no escuro.

Fez-se outro longo silêncio. Por fim, Tommy disse:

— Tu não queres mesmo saber de raparigas? Ou não consegues...

— Consigo — disse Mário secamente — e já o fiz. Simplesmente não gosto assim muito. Não tenho nada contra as raparigas, de algumas até gosto imenso, mas pura e simplesmente não me dá gozo ir para a cama com elas. Há imensas coisas de que gosto mais, é só isso.

Tommy estava prestes a perguntar de quê, como e porquê, mas subitamente deu-se conta que não queria realmente saber. A conversa já fora um pouco longe de mais para o seu presente estado emocional. Simultaneamente queria saber e tinha medo e vergonha do que se seguiria. A imaginação atormentava-o com ideias não formadas. Queria mudar de assunto, mas não conseguia deixá-lo cair.

— Sempre foste assim, Mário? Ou estou a ser demasiado curioso?

— Não me importo de te responder a qualquer pergunta que queiras fazer. Quem me dera... Oh Deus, quem me dera que tivesse havido alguém para me responder a mim quando eu tinha a tua idade. Estou só a tentar pensar em como hei-de dizer as coisas por forma a que percebas. É mais ou menos como tentar explicar a alguém como cair na rede. É qualquer coisa que tem de se sentir cá dentro, é tudo.

— Começou... começou com alguém de quem tu gostavas muito a fazer-te... a fazer-te um avanço? — O que ele queria dizer realmente era como tu fizeste comigo, mas não se conseguiu obrigar a dizê-lo.

Mário deu uma gargalhada curta e amarga.

— Não. No meu caso foi alguém de quem eu gostava muito pouco.

Perturbado, Tommy perguntou-se como é que seria possível fazer tal coisa com alguém de quem não se gostasse. Passados instantes perguntou isso mesmo.

A voz de Mário ficou repentinamente trémula:

— Esse é o maior mistério do Universo, puto. A sabedoria da extinta Atlântida, ou coisa do género. Porque raio é que as pessoas andam por aí a ir para a cama com outras, a quem a seguir não conseguem nem ver.

— Mas... — Tommy sentia-se como se teria sentido se, em pleno voo no trapézio, olhasse para baixo e descobrisse que a rede se tinha desfeito por baixo de si.

— Tom, que se passa? Isto é um diabo de uma conversa para se ter com um miúdo da tua idade. Acho que estou a fazer a maior confusão. Que se passa? Eu disse alguma coisa que te perturbasse?

Tommy explodiu:

— Eu... Eu não o faria... a não ser que gostasse da pessoa, é tudo.

— Então tens imensa sorte — tartamudeou Mário. De repente susteve a respiração. — Oh, valha-me Deus! Que burro que sou!

Que idiota imbecil... Tommy, escuta. Não, vem cá e ouve-me... — Passou o braço em torno dos ombros renitentes. — Tom, por amor de Deus, pensaste que eu estava a referir-me a ti? Que estava a arranjar uma forma sub-reptícia de te dizer que não gosto lá muito de ti? Não sabes que... ora, vá lá miúdo, não estejas assim! — À força puxou Tommy para junto de si. — Ouve, Tom — disse num murmúrio tenso. — Sabes o que é que me fazia sentir pior quando descobri que era... que era bicha? Foi saber que, provavelmente, não iria ter filhos. Nunca fui... nunca fui muito chegado aos meus irmãos. Eu e o Johnny sempre brigámos muito, e o Mark... bem, afastámo-nos um do outro. Mas desde o dia em que comecei a trabalhar contigo, foi como... como se um dos meus irmãos sempre tivesse sido como eu gostaria que eles fossem. Realmente chegados a mim, a gostarem mesmo de mim. Sabes uma coisa?

Quando comecei a sentir-me... a sentir-me excitado em relação a ti não parava de me dizer que gostava demasiado de ti para começar com... o resto, com o sexo, que era melhor ter-te só como... como um irmão mais novo, que eu podia... podia — a voz faltou-lhe e ele disse, quase num murmúrio: — podia amar...

Tommy esticou os braços na escuridão e passou-os à volta de Mário. Disse, com a cara escondida no seu ombro:

— Eu nunca tive um irmão. Costumava fingir que tu eras o meu irmão mais velho. Como o Papa Tony disse.

— A sério? — Abraçaram-se na escuridão e Tommy sentiu-se contente por Mário não poder ver a sua expressão. Disse, através do nó que lhe apertava a garganta:

— Costumava ter medo que tu te fartasses de me ter sempre atrás de ti como... como um cachorrinho.

— Estava assustado, acho eu — murmurou Mário contra o pescoço de Tommy... — Eras tão, mas tão novo, e eu tinha medo de não conseguir... de não conseguir manter as mãos afastadas de ti. Como na noite em que voltámos da praia. Meu Deus, suei sangue! Achei que ias correr pela casa dentro e dizer à Lulu ou a alguém que eu te tinha feito um avanço porco.

— Eu não o faria. Eu nunca faria uma coisa dessas. Se eu estivesse magoado contigo ter-te-ia dito a ti, não a outra pessoa... pensei que soubesses disso. — Tommy hesitou. — Mário, posso fazer-te uma pergunta? Como é que descobriste que eras assim?

Homossexual?

Mário ficou em silêncio durante tanto tempo, que Tommy pensou se a pergunta afinal o teria ofendido, mas por fim ele disse:

— Ora bem. Eu era um par de anos mais velho que tu, suponho. Tinha dezasseis anos. Tens de ter presente que eu fui educado na Igreja Católica, e de cada vez que tínhamos qualquer tipo de pensamentos sobre... sobre sexo, tínhamos de os confessar, "pensamentos impuros", foi o que nos ensinaram a chamar-lhes, e o padre fazia-nos um sermão e mandava-nos rezar o terço e dizia-nos para rezarmos a pedir pureza, e coisas assim. Bem, eu tentei fazer a coisa com um par de raparigas e foi uma grande ! desilusão, quero dizer, elas pareceram gostar e tudo, correu tudo ! como era suposto que corresse, acho eu, mas para mim foi uma daquelas coisas, como beber cerveja ou ficar acordado a noite toda; parecem coisas óptimas até seres suficientemente crescido para as fazeres e depois, afinal, não são nada de especial. Passados uns tempos pensei que tinha pouco impulso sexual e deixei as coisas por aí. — Hesitou e riu-se. — Foi no ano em que parti este pulso, o que me está a dar problemas agora, lembra-me de ir à procura de um médico amanhã.

Bem, tive de ficar parado durante seis semanas no início da temporada. Andava por aí, sem fazer nada, a dar com a Lúcia em doida. Ela andava de novo na estrada connosco, para tomar conta da Liss, mas não voava, como é óbvio, ainda estava bastante em baixo, participava no desfile de abertura, tratava do guarda-roupa e dirigia o número. Ela disse-me que eu podia ir para casa, para Los Angeles, até o pulso ficar bom, mas eu queria ficar com o espectáculo. Bem, havia nessa altura um responsável pelos itinerários do espectáculo, bolas, não me consigo lembrar do nome dele. Era Harry qualquer coisa, Benett.

Não, Bennicke. É isso, Harry Bennicke. Perguntou-me se eu queria ir com ele uma semana, tipo guarda avançada, fazer a prospecção dos terrenos, colar os cartazes, localizar os tipos a quem tem de se pagar uns tostões... esse tipo de coisa. Muito bem, fui com ele e partilhámos o mesmo quarto no hotel. Por essa altura eu já tinha uma ideia do que ele queria, por umas quantas coisas que ele tinha dito. Deu-me uma bebida ou duas, mas não seria justo dizer que me embebedou. Seja como for, descobri que não havia nada de errado com o meu impulso sexual, tinha estado a jogar no campeonato errado, era só isso. — Massajou pensativamente o pulso. — Bem, foi assim. Acho que ele não era mau tipo. E eu fiquei contente por ter ficado a saber como era. E depois disso... bem, as coisas acontecem. Só que nunca houve ninguém de quem eu gostasse a sério.

Tommy abraçou-o.

— Quem me dera que me tivesses contado.

Mário sorriu no escuro; Tommy conseguiu perceber pela sua voz que ele estava a sorrir.

Para quê? E seja como for, e isto é qualquer coisa que um verdadeiro homem americano preferiria morrer a ter de admitir, mas acho que tenho mesmo pouco impulso sexual. E gasto tanta tanta energia no trapézio, que acho que não sobra grande coisa.

Penso que... — Ficou em silêncio acabando por terminar a frase em tom de desafio: — Penso que as pessoas só têm uma certa quantidade de energia, e quando se usa uma grande parte no trabalho que se faz, não resta grande coisa. As pessoas cujo

trabalho não as satisfaz, ou que não lhes exige o suficiente, passam o tempo à procura de qualquer coisa que preencha esse vazio.

O sexo, a vontade de ganhar muito dinheiro e esse tipo de coisas.

A maioria das pessoas é um bocado... sei lá, vazia por dentro. Oca.

Li uma vez uma coisa na faculdade sobre homens ocos, e já nessa altura pensei que a maioria das pessoas é assim, vazia por dentro, e passam a vida a tentar preencher esse vazio com o sexo porque não têm mais nada dentro de si.

Tommy perguntou timidamente:

— É por isso que tu comesças com estas coisas quando estás aborrecido ou... ou insatisfeito com a forma como as coisas te estão a correr?

— Sim, sim, é exactamente isso! — Mário parecia excitado, como se tivesse acabado de descobrir qualquer coisa importante.

— Quando estou triste, ou a sentir-me muito em baixo, ou infeliz... e não me parece que seja muito justo para as outras pessoas utilizá-las para me livrar dos meus maus humores. Parece-me que o sexo devia ser mais que isso. Só que macacos me mordam se sei o quê!

Tommy sugeriu hesitantemente, com medo de se estar a intrometer, com medo de estragar aquele momento quase único de auto-revelação:

— Talvez esses momentos em que te sentes em baixo surjam porque pensas demais nos teus sentimentos. Talvez, não sou muito bom a pensar nestas coisas, mas talvez precisas mais de estar com pessoas e parar de pensar tanto. Não me refiro só ao sexo, quero dizer estar mais em contacto com outras pessoas, estar perto delas... bolas, percebes o que eu quero dizer, não percebes?

Sim, acho que sim. E também sei outra coisa: se ficarmos acordados a conversar a noite inteira, isso não vai ajudar nada o nosso trabalho amanhã. Devíamos dormir um bocado. — Passou o braço por cima dos ombros de Tommy e voltou a tirá-lo — Vê se dormes alguma coisa, puto.

Tommy aninhou-se obedientemente. Estava agitado, pensando e repensando em tudo o que Mário lhe dissera. Meio desejoso, meio relutante, quase esperara que mais qualquer coisa acontecesse. Levava algum tempo a habituar-se à ideia. Sentia-se espantado e um pouco alarmado, e para além de tudo sentia uma ternura que não sabia explicar.

— Estou contente por me teres contado, Mário.

No escuro, Mário voltou a encontrar a sua mão e apertou-a.

Mas não disse nada. Ficaram ambos em silêncio, no inevitável afastamento que se segue a conversas muito íntimas, a confidências que tocam em pontos demasiado íntimos. Tommy teve consciência do afastamento, da retracção. Ao fazer aquele tipo de confissão, Mário pusera, até certo ponto, o futuro da sua relação nas mãos de Tommy. Agora o ónus de qualquer mudança ou desenvolvimento pertencia a Tommy, e por instantes ele sentiu-se ressentido.

Percebeu, confundido, que Mário se afastara de novo. Era sempre assim. Estavam juntos — próximos um do outro, amigos, como irmãos, e de repente e sem qualquer aviso Mário ficava a quilómetros de distância, do outro lado de uma qualquer barreira invisível. Como naquele momento.

Naquela altura, ele não tinha mais que uma noção muitíssimo vaga dos escrúpulos indefinidos que faziam com que Mário lhe passasse a iniciativa em relação a outro tipo de relação. Enrolou-se no colchão, fingindo que dormia. Passado muito tempo, sentiu que Mário lhe tocava no ombro, mas não se mexeu, fingindo não ter dado por isso e Mário afastou-se de novo. Tommy ficou sem saber se se sentia aliviado ou arrependido. Acabou finalmente por adormecer, caindo num sono repleto de sonhos curiosos em que trepava cordas e escadas de corda até ao topo de um enorme aparelho de trapézio, só para descobrir que por cima daquele havia um outro, e por cima daquele outro ainda outro... balançava-se num trapézio cujas cordas pareciam não estar fixas a coisa nenhuma e a barra, entre as suas mãos, parecia ser feita de carne humana e viva. Mário estava a base, no outro extremo do aparelho, mas as suas mãos estavam sempre inacessíveis, e Tommy caiu no espaço vazio, numa queda sem fim. — Assustado, acordou bruscamente, e ficou a

olhar para a escuridão, transpirando devido ao terror da queda. Mário respirava calmamente, profundamente adormecido a seu lado. Tommy chegou-se a ele e pôs-lhe o braço por cima, mas Mário não se mexeu. Tommy pôs a cabeça no seu ombro e voltou a cair num sono mais profundo e sem quaisquer sonhos perturbantes. Sem quaisquer sonhos.



## *Capítulo XIII*

O Circo Lambeth percorreu o Texas e subiu para norte, em direcção ao Novo México, e Tommy habituou-se totalmente à rotina imposta pelos Santellis. Faziam-no trabalhar esforçadamente e sem piedade. Como homem mais novo do número, desempenhava todas as tarefas que anteriormente pertenciam a Mário. Era incumbência sua escovar e arejar as capas, verificar os atacadores das sapatilhas que usavam na pista, levar a roupa à lavandaria sempre que ficavam dois dias na mesma cidade e havia tempo para isso. Ia com Buck verificar as cordas de segurança e a rede nas manhãs de chuva; era também seu dever fazer a verificação final antes de cada espectáculo, assegurando-se de que as barras estavam secas e cuidadosamente envoltas em fita adesiva rugosa.

Passar-se-ia mais um ano sem que ele se desse conta de que, ou Angelo ou Papa Tony, verificavam sempre discretamente o seu trabalho. Faziam-lhe crer que ele era o único responsável pela segurança de todos eles e, passado algum tempo, isso tornou-se para ele como que uma segunda natureza. Ficar-lhe-ia para sempre.

Começou cada vez a tornar-se mais independente dos pais; aparecia no atrelado deles só para comer e dormir. Aqueles que estavam com o Circo Lambeth já há anos continuavam a referir-se-lhe como "o miúdo do Tom Zane", mas para todos os artistas recém-chegados ele era "o Tommy Santelli, o puto do número de trapézio". No fim de Junho já respondia quando se lhe dirigiam por esse nome sem sequer pensar nisso.

Numa noite do princípio de Julho, estava junto à entrada dos artistas, envergando o casaco vermelho dos aderecistas que vestia sempre na primeira metade do espectáculo, a ver o seu pai trabalhar com os leões. Agora que ele próprio era um artista, começava a reconhecer o controlo e a disciplina totais deste número que fora uma parte tão importante da sua infância. Mas continuava a sentir-se assustado.

Tom Zane agarrou no arco através do qual Big Boy saltava fez estalar o chicote no chão da pista e o leão saltou através do aro, aterrou com um pequeno rosnido e encaminhou-se negligentemente para o seu tamborete. Tom Zane atirou o aro através das grades; o rapaz que o ajudava agarrou-o, rolou-o para fora do caminho, e Tommy soltou de novo a respiração. Depois, enquanto o pai girava, mantendo os olhos fixos em Prince, fazendo estalar o chicote no chão, Tommy sentiu o familiar nó apertar-se-lhe no peito. Medo. Tommy sabia que grande parte dos rugidos e das escavadelas no chão, a maior parte dos estalos de chicote, eram orquestrados para impressionar o público. "Os leões são preguiçosos", fora o que Tom Zane sempre lhe dissera. "Na pista são bem alimentados. Pensam no espectáculo simplesmente como em qualquer coisa que fazem antes de jantar." Tentara encorajar Tommy por várias vezes a ser seu ajudante. Mas só de pensar nisso Tommy sentia-se mal, e Tom Zane acabara por deixar de falar no assunto.

Mesmo naquele momento, em segurança do lado de fora da jaula, sentia-se percorrido por uma enorme tensão. Não gostava sequer de assistir ao número. Mesmo quando era o velho Lúcifer, o leão que Tom Zane estava a trabalhar, cuja pata ele sacudia cerimoniosamente ao entrar na pista, que rolava alegremente virando-se de barriga para cima e deixando que Tom Zane se sentasse na sua enorme barriga felpuda, Tommy sentia-se mal — e a sua mãe criara Lúcifer a biberão. Quando o leão era Prince, reparou que até o pai se movia com extrema precaução, mantendo os olhos fixos no enorme bicho. Tommy recordou o que ouvira o pai dizer tantas vezes: "Nenhum grande felino chega a ficar totalmente domado. Estão treinados, por vezes; mas continuam a ser sempre animais selvagens e são, sempre, muito perigosos. Até o velho Lúcifer, se eu fizesse alguma coisa que o aborrecesse ou assustasse, podia esquecer todo o treino e virar-se a mim. A culpa seria minha e não dele. Mas eu estaria morto."

Desviou o olhar enquanto, um por um, os bichos saltaram por cima do seu pai para subir para os seus tamboretas. Zane posou no centro da pirâmide de leões, dois de cada lado, e Tommy respirou fundo, observando o ajudante a manobrar as portinholas.

Experimentara fazer aquele trabalho uma única vez. Fora aí que o seu pai admitira que os domadores nascem domadores e não se fazem domadores, e abandonara a esperança de ver Tommy seguir-lhe os passos.

O quadro desfez-se com um estalido do chicote de Tom Zane e, mais uma vez, um a um, os leões abandonaram as suas poses e correram para os seus lugares. O ajudante subiu a portinhola e, um após outro os grandes bichos correram, no seu peculiar passo bamboleante, para a porta. Tommy ouviu Pick Leighty dizer, a voz entrecortada: "Oh, meu Deus!" e viu-o começar a correr. Prince saíra a porta da jaula e depois virara-se inesperadamente; antes que o rapaz conseguisse baixar a portinhola, regressou à pista. Deitou as orelhas para trás e moveu-se lentamente, rosnando, em direcção a Tom Zane. Ignorou a ordem gritada e até a chicotada que estalou junto ao seu focinho. Tom Zane nunca atingia os seus animais com a ponta do chicote, mas mesmo que o fizesse, isso não os magoaria. Era o medo que eles tinham do barulho do chicote o que ele utilizava para os manter sob controlo — isso e as guloseimas que lhes dava. Gritou novamente, mas Prince continuou a avançar. Pick Leighty e Angelo já corriam em direcção à pista. Inevitavelmente, com um salto que fez Tommy estremecer dos pés à cabeça, Prince atacou. Tom Zane saltou para um dos lados e, pegando na cadeira que utilizava para se defender de um animal ocasionalmente mais agitado, recuou descrevendo círculos; mas quando o peso bruto do leão se abateu sobre ele, caiu no chão.

A charanga atacara a música ruidosa que marcava a entrada do número seguinte. Angelo e Pick estavam dentro da jaula.

Tommy correu para a entrada. O pai estava novamente de pé, o casaco branco manchado de sangue. Prince rosnava, batendo com a cauda.

Alguém agarrou Tommy pelo ombro.

— Por amor de Deus, Tom, não entres ali! — Mário fez Tommy girar sobre si próprio, empurrando-o com força e obrigando-o a olhar para o lado contrário da pista. Uma dúzia de aderecistas e operários estavam amontoados em torno da jaula, ocultando-a da assistência, e os elefantes amestrados estavam a ser empurrados

para a pista. Tommy lutou para conseguir ver o que se passava e viu que o pai estava novamente por terra. A mãe correu em direcção à entrada e Tommy caiu em si, o horror que sentia dentro de si transformando-se em algo de gelado e agudo. Agarrou a mãe pela cintura.

— Mamã! Não entre ali, não...

— Tommy, que foi que aconteceu? — Estava muito pálida e pela primeira vez, com um choque súbito, ele pensou, Estou mais alto que ela. Abraçou-a contra si, protegendo-a como Mário o protegera.

— Não olhe — disse. — Não pode fazer nada. O Prince atacou-o...

— Continuava a ter presente o casaco branco horrivelmente manchado de sangue.

— Não, deixa-me ir — disse rapidamente Elizabeth Zane. — Tenho de ir, Tommy. Controlo melhor os leões do que o Cardiff, e se não chego ali a tempo, eles são capazes de dar um tiro no Prince.

Soltou-se rapidamente das suas mãos e saiu a correr pela porta dos artistas, entrando na pista. Não se passara ainda um minuto desde que Prince saltara pela primeira vez. Das bancadas vinha um ruído tenso e ominoso, audível por cima do barulho alegre da charanga. Tommy conseguia agora ver o pai. Estava na jaula de segurança, com Angelo, e a mãe estava na jaula grande com Jeff Cardiff. Juntos, estavam a forçar o leão a voltar a sair pela portinhola.

Cardiff empunhando a cadeira, Beth Zane empunhando uma barra de aço. Tommy deu um passo na direcção da pista.

Angelo e Pick Leighty estavam a ajudar Tom Zane a pôr-se de pé.

A parte de cima do fato branco estava vermelha escura, com tiras vermelhas soltas, que tanto podiam ser de tecido como de carne, e a sua cabeça curvada tombava horrivelmente de um lado para o outro. Deu um passo e tombou nos braços de Angelo.

Tommy teve consciência de que Mário o agarrava com força, os dedos como autênticas garras nos seus braços.

— Não vais a sítio nenhum — disse Mário por entre os dentes cerrados. — Tens aí uns dez minutos para te preparares para o número!

— Mário, é o meu pai! Está ferido, talvez esteja morto...

— Não me interessa, nem que metade da cidade esteja morta ali fora, tu continuas a ter de subir ao trapézio dentro de dez minutos! Mexe-te! — Deu a Tommy um forte empurrão, e este saiu aos tropeções para a escuridão do acampamento.

Entrou no camião dos equipamentos com a boca seca. Sentia-se atordoado e desorientado. Os odores familiares em torno de si metal, pano húmido, resina, suor — pareciam-lhe novos e estranhos, fazendo com que o seu estômago se contraísse, nauseado. Mário já tirara a camisa e os sapatos. Tommy tirou umas calças de ginástica, verificando automaticamente a etiqueta na cintura. Aquele par de calças pertencia a Angelo. Tirou outras e eram as suas. Começava a perceber que, mesmo que tivesse visto o pai morto no chão da jaula, continuaria a ter de vestir as calças de ginástica e ir para o cimo do aparelho dali a oito minutos.

Enfiou um dos pés nas calças e encostou-se à parede, a tremer da cabeça aos pés, com um gosto horrível na boca. Naquele momento odiou Mário, que vestia calmamente as pernas nuas com as calças de ginástica.

Mário virou-se e olhou-o com dureza.

— Se vais vomitar ou coisa do género, vai lá fora e despacha-te antes de entrarmos para a pista. Raios, puto, mexe-te!

Eles vão fazer durar o número de ciclismo mais uns minutos, se puderem, mas temos de estar prontos! Despacha-te, raios te partam!

Continuava a sentir um aperto no peito, mas os tremores tinham desaparecido e dado lugar à fúria. Apertou os lábios e vestiu as calças. Angelo entrou com um salto no camião, já com a camisa meio despida. Despiu as calças de uma só vez e vestiu as calças de ginástica; estas ficaram presas e ele praguejou, curvando-se para as soltar. As mãos de Tommy estavam húmidas; secou-as cuidadosamente, passou-as por álcool e voltou a enxugá-las para

tirar os últimos vestígios de suor. Angelo veio ao pé dele e estendeu-lhe os pulsos.

— Matt, traz-me um bocado de adesivo, está bem? Tommy, o teu pai não morreu, levaram-no para o hospital em Albuquerque.

Tem de levar uns pontos, mas vai ficar bom. Põe-me o adesivo, está bem?

Mário fez um sinal brusco com o cotovelo, e Tommy procurou dentro de uma gaveta o rolo de adesivo. Havia uma grande mancha de sangue no braço de Angelo.

Quer que eu esta noite fique a base, Angelo? — perguntou Mário.

Não, eu estou bem. Passa uma ligadura por cima da ferida.

Tommy ficou a olhar atordoado enquanto Mário ligava com eficiência o antebraço de Angelo. Estava sempre alguém a ficar magoado. O próprio Tommy passava cada dia da sua vida com uma entorse, ou uma nódoa negra, ou uma queimadura de corda algures no corpo; houve um período em que o cotovelo lhe doera continuamente durante dois meses.

Mas as garras afiadas, as grandes tiras de tecido ensanguentado ou de pele ensanguentada...

— Tommy, com mil raios, presta atenção ao que estás a fazer — rosnou Angelo. — Estica as mãos.

Tommy conseguiu dizer, a voz embargada:

— Desculpe. Tem sangue na cara...

— Matt, atira-me um pano molhado. Tom, cerra os punhos ou isto vai cortar-te a pele quando segurares a barra — lembrou-o Angelo. Acabou de lhe ligar os pulsos, e depois atirou o rolo de gaze a Tommy. — Toma. Trata do pulso magoado do Matt.

Vou tirar as capas.

Tommy obedeceu em silêncio. Quando ia a meio da tarefa, Mário ergueu o olhar.

— Calma, raios, isso está demasiado apertado!

— Desculpa... — Tommy ouviu a sua voz começar a tremer.

Mário lançou-lhe um olhar feroz. Tinha gotas de suor na testa.

— Queres levar um pontapé nos fundilhos, é?

— Calma — disse Angelo. — Tem calma com o miúdo, Matt.

— O diabo é que tenho calma! Tom, ou entras na linha ou eu desfaço-te, estás a ouvir-me? Tens pó no cabelo. Anda cá. — Pegou na sua escova e passou-a pelo cabelo de Tommy.

Papa Tony entrou no camião. Já estava vestido para entrar em cena, visto que era um dos poucos artistas do Circo Lambeth que não desempenhava nenhuma tarefa extra na primeira metade do espectáculo. Agarrou na capa com um movimento rápido.

— Vamos... ou chegamos atrasados — disse ao mesmo tempo que um palhaço enfiava a cabeça pela porta.

— Santellis? Prontos?

Papa Tony ergueu o queixo orgulhosamente.

— Os Santellis estão sempre prontos. Andiamo, ragazzi.

Mário pegou no cotovelo de Tommy e conduziu-o para a entrada. Tommy, através do nevoeiro que lhe envolvia o espírito, sentiu qualquer coisa de feroz, de emocional, na forma como se dirigiram para a pista, agrupados, próximos uns dos outros.

Os Santellis estão sempre prontos. E ele era um deles. Ergueu o queixo e caminhou ao lado de Mário, tentando mover-se com a mesma calma arrogante.

A banda atacou a música da sua entrada, o projector apanhou-os à entrada da pista, e Tommy respirou fundo. Num gesto automático levou a mão à gola da camisola e sentiu, com certa surpresa, a pequena medalha de São Miguel. Não tinha a menor recordação de a ter transferido da gola da outra camisola. As luzes queimavam-lhe os olhos. Depois, na plataforma ao lado de Mário, sentiu o estômago contrair-se espasmodicamente, mas essa sensação era-lhe familiar. Esticou as mãos para a barra e sentiu-a, dura e real nas palmas das mãos. Depois seguiu-se a realidade dos pulsos de Mário envoltos em ligaduras brancas ao lado dos seus, a das linhas finas que eram as cordas oscilantes dos trapézios base de onde se dependuravam Papa Tony e Angelo para a execução daquele exercício, a do seu corpo arqueando-se cada vez mais alto; tudo o resto era vago e distante, o mundo estava reduzido a uma pequena linha voadora, a uma realidade fina e dura como o fio de uma navalha sob o seu corpo que cortava o ar...

Sem saber como, o número chegou ao fim: o rufar final dos tambores, o duplo mortal e meio, a tempestade dos aplausos, Mário fazendo a sua vénia habitual. Tommy voltou a sentir-se atordoado enquanto deslizava pelas cordas até ao chão.

De volta ao camião dos equipamentos, Angelo disse:

— Vistam-se o mais rapidamente possível, vocês os dois. Vais ter de conduzir, Matt. Parece-me que eu não sou capaz.

Jim Lambeth entrou no camião.

— Angelo, estás bem?

— Sim, acho que sim — limitou-se a dizer Angelo, e Tommy viu, com um horror profundo e renovado, que o sangue ensopara a ligadura do braço de Angelo.

— Que aconteceu, Angelo? — sussurrou.

— Não viste? Ele tirou o teu pai debaixo do nariz do Prince.

— Isto não deve ser nada — disse Angelo, mas é melhor levar uma injeção contra o tétano, ou coisa do género... as garras de um leão podem sempre provocar infecções. Queres que eu trate de alguma coisa lá no hospital, Jim?

— Sim. Vê o que é que a Beth tenciona fazer — disse Lambeth.

— Ela só estava preocupada com a hipótese de nós matarmos a porcaria do bicho. Tem calma, Angelo. Nós desmontamos e arrumamos os aparelhos.

Tommy foi sentado, ainda atordoado, entre Angelo e Mário no carro dos Santellis. Daquela vez Angelo não fez comentários à condução de Mário. Tiveram de perguntar o caminho numa bomba de gasolina antes de conseguirem encontrar o hospital.

Sob a luz crua dos corredores do hospital pareciam três vagabundos; tinham vestido calças velhas por cima das calças de ginástica. Angelo ainda tinha vestida a parte de cima do fato de cena e, por cima, um casaco de aderecista. A enfermeira, de ar decidido e impecável, ficou a olhar para eles e recuou um pouco.

— O senhor Zane? O caso que entrou de ambulância vindo do circo? Esperem um minuto, por favor. Creio que ainda está na cirurgia. Venham por aqui.

Conduziu-os a uma sala de espera do outro lado do corredor.



Tommy viu que a mãe estava lá dentro, pálida e com um ar fatigado, a frente do vestido com uma grande nódoa ensanguentada.

Levantou-se de um salto e correu na sua direcção.

— Tommy, Tommy, Tommy... — murmurou. Ele abraçou-a com força, sentindo-a tremer, a chorar. Acalmou-se passados alguns instantes. — Angelo, foi muito atencioso ter vindo aqui.

— Bem, eu de qualquer forma tinha de vir para me examinarem o braço.

— Se não fosse o Angelo... — disse e agarrou-lhe a mão entre as suas, demoradamente. Angelo abanou a cabeça, embaraçado.

— Pronto, pronto, Beth, esqueça isso. Como está o Tom?

Afinal o que é que aconteceu? E é muito grave?

— O Prince atingiu-o três vezes com as garras, uma no braço e depois duas vezes nas costelas. Perdeu muito sangue e tem um golpe por cima do olho... — Calou-se, desesperada, e começou a chorar. Mário agarrou-a pelos ombros e fê-la sentar-se numa cadeira, com suavidade.

— Tommy, fica aqui com a tua mãe. Elizabeth, vou buscar-lhe um café quente. Angelo, veja se encontra alguém que lhe trate desse braço.

Tommy ficou sentado ao lado da mãe na sala de espera.

Depois de algum tempo Angelo voltou, com uma grande ligadura no antebraço. Mário trouxe café e deu uma chávena a Tommy sem lhe perguntar se a queria. Ele deu um golo, mas estava amargo e pousou-o no chão, quase sem lhe ter tocado. Disse:

Eu sabia que aquele bicho era um assassino.

Beth Zane ergueu o olhar, surpreendida e protestou:

— Oh, não, Júnior, a culpa não foi do Prince. O Tom sabia que ele tinha um dente inflamado; por descuido tocou-lhe desse lado com a mão. O Prince estava assustado, foi tudo, assustado e magoado. Eles são como bebés, bem sabes.

— Mas que bebé — murmurou Tommy. Já ouvira aquilo antes.

Parecia já se ter passado um ano quando o médico finalmente apareceu.

— Senhora Zane?

Puseram-se os quatro de pé ao mesmo tempo.

— Senhora Zane, pode ver o seu marido agora durante dois minutos, e outra vez, também por minutos, de manhã.

— Como... como é que ele está?

O médico olhou-os de relance, e Tommy voltou a ter consciência de como pareciam uns maltrapilhos, a mãe com o seu velho casaco, a grande nódoa de sangue no vestido.

— Está ferido com gravidade, como é óbvio. Tem um dos ossos do braço partido, para além de quatro costelas. Acho que... que o leão rolou por cima dele. O braço está bastante mal tratado, é claro, e o músculo do ombro está rasgado. Tivemos de lhe dar mais de oitenta pontos no braço e no peito, para além de que tivemos de operar o músculo do ombro. O olho é o que está pior. Não podemos ter a certeza até o inchaço desaparecer, mas a pálpebra foi gravemente golpeada. Talvez sejamos capazes de lhe salvar a visão, mas para ser honesto consigo, a situação parece ser grave. Qualquer ferida provocada por garras de animais provoca sempre infecção.

Angelo benzeu-se.

O médico disse com gentileza:

— Devia ir para casa, senhora Zane. Deixe que os seus filhos a levem.

Beth abanou a cabeça:

— Podem levar Tommy de volta para o acampamento.

Eu fico. Angelo, ponha-me o Tommy em casa são e salvo.

— Claro.

Tommy esboçou um protesto, insistindo em ficar com a mãe mas Mário agarrou-o firmemente por um braço e levou-o para o carro.

— Quer que eu conduza, Angelo?

— Raios, não! O braço está ótimo, já tive arranhões piores feitos por gatinhos domésticos! — Esperou impacientemente que eles entrassem.

Tommy voltou a sentir a náusea avolumar-se dentro de si.

Quando já tivesse 20 anos de trabalho no circo, seria ele capaz de entrar na jaula dos leões, salvar descontraidamente a vida de um homem e depois ir fazer o seu próprio número, com o golpe

profundo de uma garra no braço, golpe esse que nem sequer mencionara?

Tinha os dentes a bater uns nos outros, e Mário olhou para Angelo por cima da sua cabeça e disse:

— Ande um bocadinho mais depressa. O miúdo está completamente gelado!

— E com razão — disse Angelo. — Foi um milagre ter-se aguentado este tempo todo. Foste horrivelmente bruto com ele, Matt.

Mário passou o braço por cima de Tommy.

— Escuta, Tom. Eu tinha de te falar com dureza ou tu ter-te-ias desfeito. E se tu te tivesses ido abaixo, os outros artistas ter-se-iam ido abaixo. E se eles tivessem ficado desorientados, o público daria por isso, e instalar-se-ia o pânico. Já vi isso acontecer em circos onde houve acidentes graves. Quando a malta se apercebeu de que tu te irias aguentar, tudo voltou a correr sobre rodas. Podes deixar-te ir agora, se quiseres. Agora é a altura certa para isso, agora que já passou tudo.

Tommy disse:

— É só que... que tenho tanto frio. Devo... devo ter arrefecido no... no hospital...

O acampamento do circo estava totalmente silencioso e escuro, mas quando o carro entrou, Jim Lambeth saltou do carro-bilheteira.

— Angelo, estás bem? Tommy, como está o teu pai?

Ouviu o que eles tinham para contar e depois deu a Tommy uma pancadinha no ombro.

És um bom miúdo. Mário, mete-o na cama. O miúdo é um profissional.

Tommy ouviu o cumprimento, mas estava demasiado gelado para o entender. Angelo parou em frente ao atrelado dos Zane e Mário saiu com Tommy.

— Eu fico com o miúdo. Veja se dorme, Angelo.

— Eu estou bem — protestou Tommy, mas Mário ignorou-o empurrando-o através da porta do atrelado. Este pareceu-lhe um tanto estranho, com as luzes ainda acesas, o cesto de costura da sua mãe abandonado onde ela o deixara, um par de calças de

ginástica suas esticadas sobre um ovo de passajar, a camisa do pai pendurada nas costas de uma cadeira. Tommy tinha os dentes cerrados para os impedir de baterem uns nos outros. O frio parecia ter-lhe penetrado até aos ossos. Já esquecera completamente o que era sentir-se quente.

Pareceu-lhe que estava a sustentar a respiração, para se defender daquela tensão dolorosamente fria, há horas. Mário entrou na casa de banho do atrelado e apalpou o depósito de água quente.

— Graças a Deus que temos aqui um bom chuveiro com água quente. Despe-te e toma um duche quente, tão quente quanto te for possível aguentar. E veste um pijama quente.

— Olha, Mário, eu estou bem, já disse...

Mário deu-lhe um empurrão.

— Por uma vez faz o que te digo sem me dares cabo da cabeça, estás a ouvir-me? Dá-te por feliz por teres água quente e não estarmos a actuar numa tenda onde tudo a que tens direito é a um balde de água fria! Se apanhares uma constipação, isso não vai ser uma ajuda para ninguém. Agora mexe-te, raios!

Debaixo do jacto forte e quente do chuveiro, Tommy sentiu o frio que lhe tolhia o corpo desaparecer. Mas o aperto no seu peito era uma dor que não parava de crescer. Vestiu uma camisola por cima do pijama. Mário estava na cozinha do atrelado.

— Sentes-te melhor? Onde é que a tua mãe guarda o café? Vou fazer qualquer coisa para jantarmos... ou tomarmos o pequeno-almoço, ou seja o que for. Vais ficar melhor se comeres qualquer coisa quente.

— O café está na lata. Não quero comer nada. Se comer ainda vomito.

— Pronto, pronto, mete-te na cama, se queres. Mas eu estou morto de fome. Nunca como grande coisa antes do espectáculo da noite, e estive a pé a noite toda. Importas-te que eu coma qualquer coisa?

De repente Tommy sentiu-se envergonhado.

— Não, claro que não. Deixa-me ajudar-te. Ovos, está bem? É mais ou menos a única coisa que tenho a certeza que há.

Curvou-se e tirou uma frigideira do armário. — Há aqui umas duas dúzias. Quantos queres? Não é melhor tirares essas calças de ginástica, também? Avisaste-me inúmeras vezes acerca do perigo dos resfriados.

— Muito bem. Vou fazer isso mesmo. — Quando voltou, Tommy já tinha fatias de bacon a escorrer em cima de um guardanapo de papel e estava a começar a fritar os ovos. Viu Mário sorrir e perguntou-se vagamente qual seria a razão. Quando os ovos estavam no prato, Tommy apercebeu-se de que tinha fome.

Sentou-se à mesa com Mário a seu lado. Agarrou na chávena de café. O vapor quente e cheiroso, o calor da chávena na sua mão, pareceu dissolver o nó que lhe fazia doer a garganta, e a imagem do prato com os ovos ficou desfocada pelas lágrimas que lhe encheram os olhos.

Mário passou-lhe uma mão por cima dos ombros.

— Pronto, miúdo — disse-lhe num sussurro, pronto. Se te vais deixar ir abaixo esta é a altura indicada, agora que já passou tudo. Vá lá, bebe o café. — Levou a chávena aos lábios de Tommy.

— Não faz mal se te queimar a boca. Vá, engole, isso. Rapaz valente!

Tommy deu um golo, engoliu, fungou, engasgou-se e deu outro golo. Meio a rir, meio a chorar, agarrou a chávena entre as mãos.

— Já... já estou bem. Não tens de me dar de comer como se eu fosse um bebé...

— Então é melhor atacares esses ovos, ragazzo.

— Está bem — Tommy agarrou no garfo. Comeram em silêncio.

A primeira luz cinzenta da manhã começava a entrar pela janela.

— Escuta — disse Mário. — Vento. Ou será chuva? — Lá fora ouvia-se o barulho forte da chuva que caía. — Passa-me mais café, que estás mais perto.

Tommy pegou na cafeteira e começou a verter café na chávena de Mário. De repente começou a rir.

Olha... tens as ligaduras dos pulsos encharcadas! Esqueceste-te de as tirar quando tomaste banho.

— Devia estar a pensar noutra coisa. — Mário empurrou o prato. — Vai dormir, miúdo. Eu fico aqui contigo.

— Eu fico bem sozinho.

Mário riu-se.

— Descontra-te! Eu não te estou a tratar como se fosses um bebé, miúdo, mas o Papa Tony e o Angelo já devem estar a dormir profundamente e matavam-me se eu os acordasse. Não te importas se eu dormir uma soneca aqui, pois não?

— Claro que não — balbuciou Tommy. Mário foi até à porta do atrelado e olhou para o céu cinzento. Não havia luzes acesas no acampamento à excepção do projector central que nunca era apagado. Ouviu-se à distância o barulho de um animal acorrentado a bater com as patas.

— Chuva — disse Mário. — Amanhã não vai haver espectáculo... isto é, hoje. Vai para a cama, rapazinho.

Tommy abriu o sofá onde dormia. Não se sentia com coragem para enfrentar a escuridão e o vazio do quarto dos pais. Deitou, contraído, a cabeça na almofada e, quando fechou os olhos, a imagem que mantivera afastada do seu espírito durante toda a noite voltou com uma nitidez horrível: as horrendas tiras vermelhas e ensanguentadas penduradas, o pai tombando nos braços de Angelo como se fosse uma marioneta a quem tivessem cortado os fios... ...mais de oitenta pontos... Talvez sejamos capazes de lhe salvar a visão...

Mário apagou a luz. O sofá-cama gemeu quando ele se lhe sentou em cima para tirar as botas. Deitou-se completamente vestido.

— Vais dormir vestido? Posso arranjar-te um pijama do meu pai.

— Não faz mal. De qualquer maneira já é quase de manhã.

Inesperadamente, Tommy sentiu a respiração prender-se-lhe na garganta e soube, envergonhado, que ia chorar.

Mário virou-se. Disse num murmúrio:

— Olha, miúdo, tem calma. No espectáculo há sempre gente a ferir-se a toda a hora. Sabes disso. Vem cá, deita a cabeça no meu ombro. — Abraçou Tommy na escuridão. — Assim está melhor.

Abruptamente, totalmente exausto, Tommy sentiu dissolver-se o peso que tinha no peito e caiu num sono pesado.

Quando acordou, o atrelado estava imerso na luz cinzenta do dia chuvoso, e estava sozinho. Lá fora ouvia-se o som de passos na lama, o barulho do motor de um carro protestando ao ser ligado, a bateria resistindo, as mudanças a serem engrenadas, o som lúgubre do grito de um elefante reclamando contra um passo qualquer do seu número, o barulho dos cascos dos cavalos, enterrando-se e desenterrando-se na lama, o choro de um bebé algures noutra atrelado. Os sons familiares do acampamento numa manhã de chuva.

Depois, de muito perto, através de uma porta aberta, veio o som da voz de Mário, fria e zangada como nunca a ouvira:

— Angelo, se eu tivesse uma mente suja como a sua, lavava-a três vezes ao dia com sabão azul e branco! O miúdo estava doente de choque; achei que era melhor não o deixar sozinho.

Foi isso o que se passou e apenas isso! Valha-me Deus, Minha Nossa Senhora, que é que pensa que eu sou?

Angelo resmungou qualquer coisa. Mário, não se acalmando, rosnou:

— Muito bem, muito bem, quer que toda a porcaria do acampamento saiba disso? Desapareça, vá ajudar o Papa Tony que eu cá me arranjo! A não ser que ache melhor certificar-se, perguntando ao Tommy...

— Sou muito capaz disso — disse Angelo e, passado instantes, entrou no atrelado sem bater.

— Tom, estás acordado?

— Sim, acho que sim. — Tommy sentou-se a pestanejar. — Que se passa Angelo, aconteceu alguma coisa?

Angelo ficou a olhar para ele durante alguns minutos, depois abanou a cabeça e disse:

— Não, o Big Jim cancelou o espectáculo desta tarde, está a chover a potes lá fora. Partimos para a próxima cidade por volta do meio-dia. Veste qualquer coisa, miúdo. Temos de saber se o teu pai pode ser deslocado.

Tommy vestiu-se à pressa e viu que ainda havia leite na geleira. Bebeu um copo sem se dar ao trabalho de comer mais nada. Lá fora a chuva transformara o solo num enorme lamaçal, com poças de lama onde antes tinham estado os limites da pista.

A maioria dos atrelados das famílias já tinham partido.

Joe Cardiff, o encarregado dos animais de Tom Zane, e seu domador assistente, veio ter com Tommy quando este atravessava o acampamento.

— Vais ver o teu pai ao hospital hoje de manhã? Diz-lhe que não se preocupe, eu posso fazer o espectáculo com os leões durante uns dias. A não ser que a tua mãe prefira fazê-lo.

— Está bem, eu digo-lhe.

— O teu pai vai perder o olho?

— Espero que não.

— É duro para a tua mãe. Especialmente agora, que tu tens de te ir embora com o espectáculo e ela tem de ficar aqui com ele — disse Cardiff. — Bem, dá-lhes os meus cumprimentos, Tommy. Eu vou agora com o camião dos bichos.

Foi-se embora e Tommy ficou de pé, sob a chuva torrencial, sem sequer por que estava a ficar ensopado. Dera-se conta naquele momento que não era simplesmente o filho de um dos artistas, viajando com a sua família; ele próprio era um artista, com um contrato assinado. Tinha subido ao trapézio na noite anterior sem saber se o pai sobreviveria ou não; teria de partir, naquela tarde, para a cidade seguinte do roteiro que fora traçado.

Um operário veio ter com ele e disse:

— Tommy, desengatei o atrelado da tua família. Vamos levá-lo para um parque na cidade. O Tonio Santelli disse-me que tu vais com eles. É melhor ires buscar as tuas roupas e levá-las para o atrelado dos Santellis.

Novamente atordoado, Tommy obedeceu, empacotando as suas roupas e as calças de ginástica. Angelo apareceu ao volante do carro dos Zane e fez-lhe sinal para que entrasse. Sentou-se ao lado de Angelo, olhando os limpa pára-brisas mexerem-se da esquerda para a direita, da esquerda para a direita. As mãos de Angelo no volante pareciam estar tão firmes e confiantes como sempre. Apenas



a borda da ligadura aparecia por baixo da manga impecável do impermeável. Estava barbeado, com um aspecto esmerado e impecável.

No hospital, Tommy pensou que pelo menos naquele dia não pareciam vagabundos nem maltrapilhos. Foi percorrido por um estremecimento doloroso quando viu a mãe na sala de espera : ainda com o mesmo vestido manchado de sangue.

— Como está o pai esta manhã, mãe?

— Está a aguentar-se. Se não houver infecções, deve sair do hospital daqui a uma semana. — Passar-se-iam anos até que Tommy percebesse a disciplina espartana por detrás daquele opti- mismo.

— Beth, já tomou o pequeno-almoço? — perguntou Angelo.

— Não tinha fome.

— Ainda não comeu nada desde a refeição de ontem antes do espectáculo? — Agarrou-a firmemente pelo braço. — Vou aplicar-lhe o mesmo tratamento que o Matt aplicou ao seu miúdo ontem à noite. Em frente, marche. — Conduziu-a ao café que havia no outro lado da rua, em frente ao hospital, e recusou-se a dizer palavra até ela ter comido ovos com batatas e pão torrado e já ter começado a beber uma segunda chávena de café.

— Importa-se que eu fume, Beth? Ter aqui ficado foi um disparate, especialmente agora. Levei um diabo de um sermão da Margot por ter consentido nisso. — Tommy perguntou-se quando é que ele teria tido tempo de falar com Margot.

— Oh, ela disse-lhe...

Angelo assentiu com a cabeça e Beth continuou:

— Geralmente, quando Tom não estava a trabalhar, era eu que fazia o espectáculo com os leões. Eles estão habituados a mim e é o que o Tom espera que eu faça. No entanto agora...

— O Cardiff disse que podia resolver o problema — disse -lhe Angelo, fazendo uma argola com o fumo do cigarro. — O seu atrelado está num parque para atrelados a oito quarteirões daqui, e estão aqui as chaves do seu carro. O Matt e o Papa Tony vêm-nos aqui buscar dentro de meia hora. Mas antes disso temos de resolver o problema do miúdo. Podemos arranjar-nos sem ele durante dois

ou três dias, se precisar dele aqui. Ele pode juntar-se ao espectáculo em Ruidoso...

— É muito gentil da sua parte, Angelo. Mas com o Tom fora de acção, o Lambeth não vai querer mais ninguém fora do espectáculo. Pode pedir à Ma Leighty que lhe arranje onde dormir?

— Não se preocupe com isso. Há muito espaço no nosso atrelado, e todos nós nos habituámos a tê-lo por perto durante este Inverno. Ele e o Matt dão-se optimamente.

— Não gosto de impor...

— Impor, nada! Oiça, ele faz parte do número... sabe como o Papa é em relação à família. — Angelo apoiou o queixo nas grandes mãos. — Eu sei o que a está a preocupar, Beth. Mas eu tomo conta dele. Eu também sou pai, sabia?

— Não, não sabia disso...

— Sim. Tenho uma miúda, a Tessa. Teresa, como a mãe. Está no colégio do Convento do Holy Name<sup>{12}</sup>, na Califórnia. Eu tomo conta do Tom como se fosse meu filho, Beth, prometo.

Beth disse lentamente:

— Está bem. Saberei que ele está em boas mãos se ficar consigo e com o Tonio. — Pôs-se de pé com o ar de quem já tinha arrumado o assunto.

Tommy perguntou:

— Posso ver o pai antes de me ir embora, mãe?

— Filho, ele ainda está sob efeito da anestesia... não te reconheceria. Não me reconheceu a mim quando me deixaram vê-lo esta manhã. — A mão de Beth, firme e fria, tremeu um pouco ao tocar na do filho. Tommy sentiu um aperto no peito quando a beijou.

— Meu Deus, mãe, quando voltarei a ver o pai?

— Manter-nos-emos em contacto. Saberei qual o vosso percurso pelo Billboard e escrever-te-ei um postal sempre que puder.

Angelo debruçou-se e deu um pequeno beijo na face de Beth.

— Este é da Margot. Agora não fique preocupada, Beth, tomaremos conta do Tommy por si.

— Deus o abençoe, Angelo. Tu sê um bom rapaz, Tommy, e não dês problemas aos Santellis.

Ele assegurou-lhe que assim faria, mas sentiu, enquanto via a mãe encaminhar-se de volta para os portões do hospital, que ela já o voltara a esquecer.

## *Capítulo XIV*

O velho atrelado azul e branco que era o lar dos Santellis quando andavam na estrada, não era nem muito novo nem muito grande e tinha o aspecto um tanto desordenado dos lares onde uma mão feminina não toca há muito tempo. Não havia no entanto a sujidade existente nos alojamentos de alguns dos outros artistas.

Tonio Santelli nunca se esquecia, ou permitia que a sua família se esquecesse, de que pertenciam à aristocracia do circo. Não era para ele, nem para ninguém que trabalhasse sob as suas ordens, o falso luxo dos espectáculos que escondia a sujidade ou o desmazelo dos bastidores. As roupas de treino podiam estar gastas e usadas até ao fio, mas estavam sempre passajadas e imaculadas.

Não era por Angelo ser adulto que se escapava de levar uma descompostura por ter um rasgão na costura da camisola, e não importava quão cedo os homens dos aparelhos começassem a montar os postes, António Santelli aparecia sempre para os supervisionar, penteado e barbeado de fresco, com os bigodes húmidos e a cheirar a sabonete.

Estas coisas tinham sido inculcadas tão cedo em Mário, que ele as passou a Tommy sem haver sequer necessidade de admoestações verbais. (Mesmo já naquela altura, por força do hábito, quando se vestia para o espectáculo, Mário dava por si a estender as mãos para que as unhas limpas e sem sinais de roeduras fossem inspeccionadas. Surpreendeu-se a fazê-lo e riu-se de si próprio, e aquilo tornou-se numa piada da família, mas Tommy sabia que houvera uma altura em que de piada aquilo não tivera nada.)

E Tommy aprendeu rapidamente que não era aceitável aparecer com os cotovelos sujos ou com uma camisola que deveria estar na lavandaria. Os fatos de cena eram arejados e escovados depois de cada espectáculo, os roupões e calças de ginástica eram atados numa trouxa e levados para a lavandaria ou para o auto-serviço de lavagem de roupa que ficasse mais próximo. O atrelado,

pen- sava às vezes Tommy, era mantido mais limpo do que o da sua família era pela sua mãe.

No centro do atrelado havia uma pequena cozinha, atafalhada com um fogão de dois bicos, uma geleira muito pequena e um lava-loiça. Havia uma sanita e um lavatório, mas não tinham chuveiro.

"Afinal de contas", disse-lhe uma vez Mário, em tom de desculpa, "todos nós crescemos a actuar em tendas e habituámo-nos a tomar banho, lavar as calças de ginástica e a escaldar os pés, tudo num só balde. Na tenda do vestiário toda a gente tem direito a dois baldes de água — ponto final. Se queres tomar um banho quente, tens de esperar por chegar a uma cidade grande onde haja uma piscina ou uns balneários públicos." Na parte de trás do atrelado havia um quarto tipo armário, fechado por portas de tabuinhas, que Angelo partilhava com o pai. À frente, dois bancos estofados transformavam-se em camas um tanto duras, e era aí que Mário e Tommy dormiam.

Como homem mais novo da equipa, cabiam a Tommy as tradicionais responsabilidades por todo o tipo de pequenas tarefas.

Mesmo o estatuto de estrela, se por qualquer razão era pertença do homem mais novo — como era o caso de Mário naquele ano , não era motivo suficiente para a isenção das tarefas familiares tradicionalmente destinadas ao mais novato. Tommy, ao viver com os pais, fora poupado a algumas dessas tarefas; agora todos eles partiam do princípio que ele se encarregaria delas.

Na verdade Tommy descobriu que aquelas tarefas lhe davam prazer. Ir com Mário deixar a roupa na lavandaria, e lavar camisolas e calças de ginástica no auto-serviço de lavagem de roupa, em cada cidade onde paravam, preparar a ceia depois do espectáculo da noite e arrumar a cozinha a seguir, verificar se tudo estava em ordem no atrelado antes de partirem de novo, estender a roupa, remendar os fatos de cena e pendurar calças de ginástica molhadas.

Tudo aquilo o mantinha tão ocupado, que evitava que pensasse muito no pai. Enquanto actuavam, cidade após cidade e Estado após Estado, estabeleceu-se uma rotina de treinos, espec- táculos, trabalho e horas de sono, que lhe deixavam muito pouco tempo para o que quer que fosse.

Entraram em Lawton, Oklahoma, atravessando os contornos cinzentos de uma grande borrasca. Uma chuvada que durou o dia inteiro levou consigo qualquer ideia de fazer um espectáculo à noite, e Lambeth, cancelando o espectáculo, resmungou e falou cabisbaixo em consultar um adivinho em vez da delegação local dos serviços meteorológicos. A maioria dos artistas, contudo, depois de duas grandes estiradas na estrada e de dois espectáculos diários ao ar livre, ficaram contentes por ter um dia e uma noite de folga.

Já perto do crepúsculo, Angelo veio ao atrelado para se barbear e mudar de roupa e encontrou Tommy sentado à mesa com os livros da escola.

— Olha, miúdo, vou ao cinema à cidade com a Margot.

Se quiseres levar a Ellen ou a Little Ann, posso deixá-los em qualquer sítio.

— Obrigado — disse Tommy aborrecido, mas a Little Ann está de cama com dor de ouvidos; a Margot não lhe disse? E a Ellen foi a uma coisa qualquer na Igreja Baptista com a família, um piquenique, ou coisa do género. Convidaram-me para ir, mas achei que não gosto assim tanto de bolo de frutas para ter de ouvir aquelas orações todas. Por isso acho que vou ficar a pôr em dia as minhas lições e mandar isto tudo pelo correio para a escola por correspondência em Baltimore; assim não vou ter de me preocupar com isto durante um mês. No último postal que recebi, a minha mãe dizia-me para eu manter as lições em dia.

— O Papa foi à cidade. Conhece aqui um tipo que costumava ser o encarregado dos equipamentos nos Espectáculos Woods-Wayland, e foi jantar com ele para conhecer a mulher e os netos dele. Achas que o Matt quer boleia para a cidade? — Angelo estava a fazer o nó da gravata.

— Não, foi jogar cartas com o pessoal.

Angelo soltou uma fungadela expressiva.

— Bem, não pode fazer muitos disparates com o dinheiro que recebemos na estrada! — Devido a um antigo acordo familiar, Papa Tony geria as finanças dos Santellis durante a temporada, dando-lhes apenas pequenas quantias a que chamava "dinheiro para cigarros". No fim da temporada, o dinheiro era dividido — ou no

caso de Tommy, depositado — pelos artistas. Tommy recebia uma semanada de três dólares, mas visto que isso era mais do que o dinheiro de bolso que recebera dos pais, estava satisfeito.

Com os atacadores a custarem cinco cêntimos o par, os gelados a 15 cêntimos e os bilhetes de cinema a 35 cêntimos, não precisava de muito dinheiro.

— Ficas bem aqui sozinho, Tom? Não fiques até muito tarde a ler essas porcarias de livros aos quadrinhos do Batman admoestou-o Angelo e foi-se embora.

Tommy estudou durante mais uma hora, depois guardou os livros e deitou-se na cama com um livro aos quadrinhos. Estava a ler há cerca de uma hora quando Mário entrou, ensopado até aos ossos. Tirou a camisa molhada e tirou uma toalha do armário.

— Vais sair outra vez? — perguntou Tommy.

— Acho que não. Perdi noventa e três cêntimos e decidi que já me chegava de alta finança por esta noite. Nestas cidadezinhas idiotas do Bible Belt<sup>{13}</sup>, onde ainda têm a lei seca, fazem contrabando de cerveja mexicana que sabe a chichi ensonso de cavalo... Bolas, até as gasosas que se compram no quiosque dos comes e bebes sabem melhor e dão mais gozo! Pensei que ias à cidade com o Angelo. — Mário foi ao pé dele e curvou-se sobre a cama. — Que estás a ler?

— Livros aos quadrinhos.

Mário folheou-os.

— Lanterna Verde... Super-homem... Capitão Marvel...

O Mágico Mandrake... não sabia que gostavas destas coisas. — Agarrou numa revista do Batman e folheou-a. — Esta é que me mata. — Apontou para um desenho de Batman e Robin pendurados num trapézio num ângulo que nenhum trapézio poderia descrever sem a revogação imediata das leis da gravidade, e numa atitude que garantiria a ruptura imediata de vários músculos dos braços.

— Aposto que o tipo que desenha estas coisas nunca viu um bom número de trapézio voador! — Tommy empurrou as revistas de cima do sofá. Mário lia muito quando andava na estrada — revistas, policiais, ficção científica, histórias de batalhas aéreas, mas Tommy sabia que ele achava as revistas de histórias aos quadrinhos

infantis e praticamente deixara de as ler quando Mário estava por perto.

Mário tirou os sapatos.

Um jogo de póquer é uma maneira estúpida de passar a noite. Prefiro ler um bom livro. Só que se não passo algum tempo com os outros, a malta começa a achar que eu sou um filho da mãe convencido, e eu já tenho de ouvir bocas por ensinar numa escola de ballet. Mas raios me partam se gosto de passar metade da noite para ali sentado, a ouvir contar anedotas porcas e a ficar enjoado com aquela porcaria de cerveja marada!

— Tenho de pôr um selo na carta com os meus exercícios de Matemática para mandar para a escola. Tens um selo de três cêntimos?

Mário procurou na carteira.

— Sim. Tenho um. É esta a carta? — Mário selou o envelope, tornou a pô-lo em cima da mesa da cozinha e voltou para a sala da frente. De repente ouviu-se um trovão e as luzes do atrelado apagaram-se.

Mário riu-se no escuro.

— Isto vai ensinar ao Lambeth o que custa tentar poupar a gasolina do camião-gerador ligando-nos às linhas eléctricas da cidade! Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, isto ia acontecer.

Gostava de saber como é que se estarão a safar no jogo de póquer!

— Provavelmente acenderam uma vela. É o que a minha mãe faz.

— Sim, e aquele batoteiro habilidoso do Cliff abotoa-se com os ases todos enquanto eles estão à procura da vela! — As luzes tremeluziram e acenderam-se de novo. — Anda, vamos abrir as camas antes que a luz se apague de vez.

Abriram as camas e deitaram-se, apagando as luzes. Lá fora os relâmpagos iluminavam a noite com grandes raios brancos.

Tommy ouviu Mário suspirar e virou-se na cama, irrequieto.

— Estás a dormir?

— Raios, não. Quem é que consegue dormir com esta barulheira?



— Mário sentou-se, o seu rosto bem visível à luz súbita de um relâmpago. O atrelado abanou e tremeu com o estrondo de um trovão.

— Mário....

— Sim?

— Importas-te que... que eu me deite contigo um bocadinho?  
— quando Mário o beijou de novo — passados uns dez segundos — teve consciência, de uma forma indefinida, da dimensão do abismo que atravessara, num abrir e fechar de olhos.

Não se tratava mais de uma brincadeira furtiva e um tanto assustadora, levada a cabo no escuro, algo desagradável e unicamente suportado em troca da excitação do momento. Já não era de nada disso que se tratava. Ainda não sabia em que é que aquilo se transformaria, mas estava deseioso de o descobrir. A luz de um relâmpago, desta vez muito menos catastrófico, mostrou-lhe novamente o rosto de Mário e Tommy, agora livre de qualquer embaraço ou timidez, puxou-o para baixo e beijou-o novamente.

Mário perguntou, hesitante:

— Queres...? — Tommy percebeu que ele continuava a tratá-lo como o miúdo que fora aquando da primeira vez que tinham estado assim. Sentiu-se envergonhado, envergonhado até à náusea, com a sua anterior mentira. De como fingira dormir, de como escondera o prazer assim roubado e o mantivera secreto. A forma como agora se sentia, era totalmente diferente. Agora não sentia qualquer vergonha ou medo. Mas percebeu que Mário não tinha consciência da transformação que ocorrera dentro de si, que estava com medo de lhe pedir mais qualquer coisa, mais do que aquilo que Tommy já lhe dera: permissão para manipular o seu corpo passivo e a certeza de que, pelo menos, não protestaria. Sentiu-se invadir por uma compaixão quase dolorosa, Ele acha que mesmo isto já é pedir muito!

Tentando encontrar uma forma de expressar esta nova consciência, Tommy passou o braço pela cintura de Mário, sentindo a pele nua, tentando, sob o impulso daquela nova ternura, acariciá-lo.

Infantilmente, com pequenas festas, tentou encontrar, na sua inexperiência, qualquer palavra ou toque que transmitisse o que sentia.

— Claro que quero — sussurrou. — Pensei que já tinhas percebido.

Só que... só que... quero dizer, que é que tu queres, realmente?

Isto é, até ao fim. Tu tens andado à volta do assunto, não é? Não tens querido fazer nada que... me assustasse, ou magoasse...

— Sim — disse Mário num murmúrio sobressaltado, mas não sabia que tu tinhas percebido. Como é que soubeste?

Inconsciente da poesia crua da situação, Tommy disse com naturalidade:

A forma como me beijaste deu-me a entender que deve haver muito mais...

A boca de Mário não o deixou continuar. Fortemente apertado contra Mário, a tremer, quase em êxtase naquele abraço esmagador Tommy continuava a sentir a tensão e o terrível controlo a que o outro homem se sujeitava, como se, apesar dos seus incentivos, Mário continuasse com medo.

Oh, meu Deus, tu és um miúdo, um miúdo pequeno — disse num murmúrio rouco. — Deviam-me chicotear... raios, Tommy, sabes que eu podia ir parar à cadeia por causa disto?

— E como é que alguém vai saber, a não ser que tu lhes contes? — Faltou a voz a Tommy. As suas mãos, aprendendo a ternura através da dor que encontravam no corpo que tocavam, procuraram atabalhoadas, ignorantes, num apelo cheio de ternura, encontrar uma forma de aliviar e confortar aquela tensão terrível.

— Vá lá — murmurou, está tudo bem, Mário. Faz tudo o que quiseres. Mostra-me o que queres que eu faça, diz-me o que queres.

Ouviu Mário engolir em seco e não teve a certeza se ele estava a rir ou a chorar.

— Está bem, miúdo. Mas tem calma... isto não é uma dança em que tenham de se aprender os passos. Fica assim quieto, um bocadinho, encostado a mim. Deixa-me abraçar-te assim um bocadinho...

Continuava a sentir a tensão e o medo de Mário e, contra a sua vontade, isso fê-lo sentir medo, como se se estivesse a preparar para uma provação. E por isso não se apercebeu, durante muito tempo, de quão gentil Mário fora consigo, com quanta suavidade e cuidado o levara a ultrapassar a ignorância e o medo e a experimentar novas sensações. A sua própria excitação crescente aterrou-ou-o de novo, mas o terror perdeu-se no prazer também ele crescente e demolidor. A forma como se entregaram um ao outro em ondas de prazer fê-lo pensar, confusamente, sem ter perfeita consciência disso, do salto do trapézio para o espaço; no atordoamento aterrorizador — o próprio medo fazendo parte da excitação, a excitação quase dor... E depois, quando já não podia aguentar mais, chegava o momento de êxtase e triunfo da união, da fusão, o choque abrupto do momento, agarrando-se, seguro nas mãos dele, que conseguiam estar lá no momento exacto, quando uma fracção de segundo a mais significaria a inconsciência e a morte; mas estavam seguros, balouçando juntos... E agora a excitação podia crescer de novo, e o triunfo... as mãos entrelaçadas enquanto balouçavam, os corpos convulsos num prazer espasmódico — e naquele momento de revelação soube o que nunca seria capaz de transpor em palavras: porque invejara Angelo durante tanto tempo, porque invejara o que existia entre ele e Mário quando trabalhavam ininterruptamente a perfeição no triplo, o que lhe faltara até Mário lhe ter ensinado a voar... e depois aqueles pensamentos esvaíram-se e ele não voltaria a encontrá-los durante anos. Os relâmpagos continuavam a cruzar intermitentemente o céu e pareceu-lhe, quando abriu os olhos, que estes eram como que um reflexo do tremor do seu próprio corpo, da explosão daquele terror mortal e do prazer que, lentamente, passavam à memória. Sentiu, sem ter consciência disso, que toda aquela terrível tensão de Mário desaparecera agora que, atravessado sobre o seu corpo, cansado e em paz, respirava pesadamente, com a cara no estômago de Tommy. E foi Tommy que o puxou para cima e os cobriu com o cobertor e sussurrou:

— Posso dizer-te uma coisa?

— Claro. — Mário apertou-lhe levemente o braço.

Tommy disse, num murmúrio quase inaudível:

— Amo-te. — Ficou de novo cheio de medo. Quebrara uma regra não explícita, o compromisso que era subentendido: aquilo não se podia dizer.

Mas as barreiras tinham caído. Mário virou-se e colou a boca ao seu ombro nu e macio e disse, numa voz baixa e clara mas não num murmúrio:

— Tom, escuta-me. Eu já desejei homens, mas, e eu morra já aqui se isto não é verdade, nunca pensei que fosse possível amar alguém assim. Nunca amei ninguém a não ser a Liss, e isso é diferente. Mas amo-te, Tommy. Amo-te mesmo, amo-te tanto que era capaz de morrer. Sou um desgraçado de um filho da mãe, Tommy, mas amo-te.

Escondeu o rosto no ombro de Tommy e este sentiu-o chorar, sacudido por soluços. Mas Tommy, que também estivera perto das lágrimas naquele momento terrível de terror e triunfo, não tentou confortá-lo. Parecia-lhe perfeitamente natural que Mário chorasse ele ficasse a abraçá-lo, sem oferecer qualquer conforto a não ser a pressão dos seus braços apertados contra o seu corpo.

Deixou-o chorar e sentiu o ombro molhado com as lágrimas de Mário, limpou-as suavemente e esse foi o seu último acto consciente antes de adormecer.

... Mário abanava-o com força.

— Tom — murmurou com urgência , Tom, levanta-te, rápido!  
Vai para a tua cama! A porcaria da tranca não se aguentou!

Tommy murmurou um protesto ensonado e não se mexeu.

Os dedos de Mário cravaram-se cruelmente no seu braço.

— Raios, acorda!

Acordado à força, Tommy deixou que Mário o empurrasse para a sua cama. Viu que estava nu e cobriu-se com o lençol. Pelo canto do olho viu que Mário empurrava o seu pijama para baixo da cama. Menos de um segundo depois, viu uma nesga de luz aparecer por baixo da porta de correr que dividia a cozinha do atrelado.

— Matt? — murmurou Angelo. — Vocês estão bem?

— Mmmmm — tartamudeou Mário, fingindo dormir.

Tommy não se atrevia a mexer-se. Angelo disse num murmúrio:

— Pensei que a trovoada era capaz de os ter acordado; o poste mesmo aqui ao lado do atrelado foi atingido por um raio. Parece que o Tommy dormiu o tempo todo, não?

— Sim, acho que sim. Apague a porcaria da luz que me está a bater nos olhos! — disse Mário com a voz empastada.

Angelo sussurrou:

— Pronto, pronto — e a nesga de luz desapareceu.

Passados alguns instantes, Tommy sentiu que Mário procurava a sua mão no escuro, através do espaço exíguo que separava as duas camas. Mas não se mexeu. Estava agora totalmente desperto e vagamente ressentido por Mário ter escondido, de forma tão pronta e expedita, algo de tão perfeito e mágico. A razão dizia-lhe que isso era necessário, que Mário fizera a única coisa possível, mas ele tinha apenas 15 anos e ainda pensava com as emoções.

Mário deslizou para fora da cama e ajoelhou-se a seu lado.

— Tommy...

— Volta para a cama. O Angelo é capaz de voltar.

Mário baixou a cabeça e beijou-o na têmpora.

— Ragazzo, piccino... figlio, fanciullo mio... — implorou Tommy percebendo apenas que as palavras eram expressões de ternura, disse amuado:

— O que é?

— Desculpa, Lucky. Oh, raios os partam a todos, vamos ter de ter tanto cuidado que estou aterrorizado. Achas que eu queria fazer-te aquilo?

Tommy encostou a cabeça ao ombro nu de Mário.

— Gostava de poder dormir contigo.

— Tommy, de verdade, tenho medo de te deixar dormir comigo. O Angelo vai entrar aqui cedíssimo para nos acordar.

Eu também gostava. Talvez noutra altura. — Ficou sentado com o braço por cima dele durante algum tempo, depois deu-lhe um último beijo na face e voltou para a cama. E Tommy, sentindo-se doer de amor, continuava a sentir a vaga sensação de perda que não é desapontamento, nem desilusão, mas uma tristeza que mesmo

nas mais perfeitas condições do amor é difícil de evitar e que, naquelas condições, era praticamente inevitável.

## *Capítulo XV*

Quando acordou, o sol brilhava fraco e intermitente lá fora.

Mário dormia profundamente, de costas voltadas para Tommy.

Tinha o lençol e o cobertor puxados para trás, as calças do pijama enroladas à volta dos tornozelos e das canelas, e os ombros, tão bronzeados que nem pareciam estar nus, estavam curvados no casulo privado do sono. Tommy lembrou-se de uma frase que Mário uma vez lhe dissera: "Quando estás a dormir pareces um miúdo pequeno." Mas Mário, adormecido, era um homem, muito mais velho e invulnerável, sem o riso agaiatado ou a insegurança que lhe era característica quando estava acordado. Era difícil conciliar a distância e a auto-suficiência dos ombros curvados de Mário, com a forma como este se agarrara a Tommy e chorara até adormecer. Enquanto Tommy se espreguiçava, sentindo uma descontração quase luxuosa por todo o corpo, sentiu uma certa tristeza e algum espanto.

Ouviu passos lá fora; depois, nas traseiras do atrelado, Angelo tossiu. Ouviu estalidos e Angelo falando com o homem dos equipamentos, ao pé da porta da cozinha. Tommy empurrou o cobertor, enfiou as calças e os sapatos e foi ter com Angelo à cozinha.

Deixando Mário e Papa Tony adormecidos no atrelado, atravessaram o acampamento alagado para ir inspeccionar os aparelhos.

Angelo estava com um ar ensonado. Ainda não se tinha barbeado.

Tinha a barba cerrada e a pele muito sensível, e para evitar ter de se barbear duas vezes por dia, só o fazia mesmo antes do espectáculo da tarde. Era um hábito que não se coadunava com o ênfase que os Santellis punham no aspecto imaculado e, periodicamente, causava acessos de fúria a Papa Tony, embora, quando confrontado com a realidade, este acabasse por concordar

que era uma questão de bom senso. Mas Angelo assobiava baixinho e alegremente enquanto atravessavam o campo enlameado.

Os operários já estavam a montar a pista, praguejando por causa da lama.

Tommy perguntou:

— Ontem à noite, o filme foi bom?

Angelo sorriu-lhe com um ar meio ausente.

— Deixa-me que te diga uma coisa, miúdo. Um tipo que vá ao cinema com uma miúda e consiga dizer se o filme era bom ou não, ou tem menos de doze anos, ou mais de setenta, ou é maricas como tudo.

Tommy riu-se pouco à vontade.

— Não me vou esquecer disso.

Começaram a trabalhar, supervisionando a erecção dos postes, verificando a tensão dos cabos e das cordas, cuidando dos mil detalhes que não podiam ser deixados ao cuidado de estranhos, pois não só o sucesso do espectáculo, como as suas próprias vidas dependiam da segurança impecável de cada parafuso e amarra. Quando voltaram ao atrelado, Mário já fizera café e Papa Tony tinha encontrado a padaria local e trouxera um saco de pão fresco. Tommy descalçou as botas enlameadas e sentou-se.

— Ei — disse , os homens dos aparelhos não falavam de outra coisa. Sabiam que passou um tornado aqui perto na noite passada?

Mário dirigiu a Tommy um pequeno sorriso repleto de subentendidos.

— Eu achei que era capaz de ser isso o que estava a acontecer.

Papa Tony estava a espalhar abundantemente manteiga num dos pãezinhos.

— Lembras-te de como a Liss ficava sempre aterrorizada durante as trovoadas, Matt? Levantava-se e ia meter-se na cama da mãe, ou na tua, ou na de qualquer pessoa que estivesse por perto...

Tommy deu uma risada e Mário apressou-se a dizer:

— Passa-me a cafeteira, Tom. — Quando Tommy se esticou para obedecer, Mário deu-lhe um pontapé forte e raivoso no tornozelo.

Tommy disse precipitadamente:



— Uma vez levei uma sova por me meter num armário durante uma trovoada, tinha quatro anos. Deixei-me dormir ali e a minha mãe pôs o acampamento inteiro à minha procura, pensou que eu me tinha perdido ou tinha sido raptado, ou coisa do género. Não tinhas medo das trovoadas quando eras miúdo, Mário?

Aqui entre nós, eu é que tinha medo e a Liss costumava vir para a minha cama para me confortar. Mas dizia ao Angelo que era ela que tinha medo porque não queria que ele soubesse o bebezão que eu era, e ninguém chateia uma rapariga por ela ter medo.

— Seu malandro — disse Angelo afectuosamente. — Um rapaz de quinze anos não tem nada que ter medo de trovões. Nem tem nada que se meter na cama com a irmã. Quando se chega a essa idade, deve-se procurar outra rapariga para nos aquecer.

— Angelo, basta! — disse-lhe Papa Tony, e disparou num discurso em italiano. Tommy não conseguiu perceber grande coisa, mas há muito que percebera que Papa Tony detestava aquele tipo de insinuações e que por vezes utilizava o facto de Tommy estar presente — ou, em casa, a presença das crianças mais novas — para parar aquele tipo de conversas.

Angelo disse bem humoradamente:

— Bem, Papa, com a idade dele provavelmente já deve ter descoberto isso sozinho, e se não descobriu, então já não há esperança.

— Meteu o resto de um pão na boca e foi-se embora a assobiar para se vestir para o treino.

Durante o ensaio da manhã, Tommy sentia-se um pouco ansioso. Depois da noite anterior, como seria capaz de tocar impessoalmente no amigo, sem trair tudo o que descobrira?

Ou, pior, não se viraria Mário de novo contra si? Mas a força do hábito fê-lo passar pelos primeiros minutos enquanto chegava à conclusão, com uma estranha desilusão, mas também uma curiosa percepção que lhe deu segurança, que até a mais intensa das experiências sexuais não deixa quaisquer traços visíveis. O corpo de Mário era exactamente o mesmo corpo forte, amigável e impessoal do parceiro que ele sempre fora. E Mário estava em grande forma; passava de barra para barra com uma precisão milimétrica, aquela

qualidade de estar no sítio certo ao milésimo de segundo, que à falta de melhor descrição se chamava sentido do tempo e do ritmo. Era mais do que a simples noção de quando devia mover-se. Era aquela qualidade que marca a diferença entre um artista competente e uma estrela.

Tommy deu-se conta, por instantes, cheio de felicidade, de quão orgulhoso sempre se sentira daquele seu talento que o fazia mover-se no número de pares como se fosse a sombra de Mário ou como se um mesmo relógio interno os fizesse mover em sincronia total. Disse de si para consigo, movemo-nos como se tivéssemos um só coração. Era ainda demasiado inocente para pensar em dizer em voz alta aquilo que pensara.

Mais tarde, vendo Angelo e Mário treinar uma passagem difícil, pensou de novo. Eles têm-no ainda mais do que eu e Mário — tão perfeitos, como se fossem uma só pessoa com dois corpos.

Cheio de uma confiança súbita, Mário gritou a Angelo:

— Achas que esta manhã me consegues agarrar num triplo?

Angelo respondeu:

— Claro. De que estás à espera?

Mário ficou tenso e Tommy, observando-o, passando-lhe a barra, pensou, Neste momento Angelo é, para ele, a única pessoa do mundo. Observando os seus próprios músculos ficando mais tensos enquanto o seu espírito seguia com Mário no trapézio cada vez mais rápido, a ideia atravessou-lhe por instantes o espírito, como uma nuvem que encobre brevemente o Sol, Quem me dera ser eu o base... pergunto-me se seria capaz... e depois a ideia desapareceu novamente, o seu espírito totalmente concentrado em Mário que se soltava e virava... e outra vez... e outra vez... Tommy sentiu o choque, quase como se o impacte fosse no seu corpo, quando mãos e pulsos se juntaram, fundiram, atingiram a tensão máxima...

Por trás dele Papa Tony disse, num tom descontraído:

— Voltou a fazê-lo. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo. — Gritou para Mário. — E agora, quando é que vais voltar a fazer isso num espectáculo?

Angelo respondeu por Mário.

— Quando se sentir pronto para isso, não é, Matt? — E Tommy sentiu uma onda de afecto, quase de amor, por Angelo.

Pensou, quase com ferocidade, Assim é que é, Angelo... não deixes que ninguém o pressione!

Mas se aquela "manhã seguinte" foi suave e não provocou desilusões, teve os seus maus momentos. Devido à experiência amarga que tivera e de que se recusava a falar, Mário tomou sobre si a total responsabilidade de vigiar o seu segredo, e Tommy deu por si aceitando humildemente as regras de ferro quanto aos locais e às horas dos seus encontros, e abafando lealmente as suas opiniões acerca do assunto. Mas sentia-se ressentido. Não o conseguia evitar.

Através de um pacto que não era menos forte por nunca ter sido expresso verbalmente, sabiam que o que acontecera era um laço que teria de ser renovado uma e outra vez, um compromisso nunca expresso por palavras mas redobradamente fortalecido pelo seu carácter secreto. Mas não lhes era fácil terem privacidade e encontrarem-se sozinhos. Não era fácil para nenhum deles.

Apesar dos preconceitos generalizados acerca da moral dos artistas itinerantes, uma vida tão dura e nómada, combinada com uma rigorosa rotina diária, deixa pouco tempo para condutas irregulares. É claro que existiam algumas, mas eram calmamente toleradas, pois as pessoas muito ocupadas não têm tempo para se meter na vida dos outros. Para além disso, era geralmente aceite que as pessoas muito ocupadas têm mais que fazer do que preocuparem-se com os pequenos detalhes das convenções sociais. Havia, por exemplo, o caso entre Angelo e Margot Clane.

Toda a gente estava mais ou menos ao corrente, dependendo do grau de intimidade que tinham com Margot ou com Angelo, e ninguém lhes prestava a mínima atenção.

Mas aquilo era muito diferente, e tanto Tommy como Mário o sabiam. Estavam sempre juntos quando trabalhavam, treinavam e cuidavam do guarda-roupa e dos equipamentos, mas nunca estavam sozinhos, e tinham consciência, até ao desespero, de que não tinham qualquer pretexto aceitável para tentarem ficar sozinhos.

Viviam permanentemente sob o olhar atento de Papa Tony, Angelo, Buck, e do "raio do circo inteiro", como Mário rosnara uma

vez.

Sentiam-se ambos chocados, devido a um idealismo quase infantil, pelos ardis que tinham de encontrar. Conseguiram uma vez voltar a fazer a viagem entre duas cidades no camião dos equipamentos, mas Mário disse que seria demasiado perigoso tentar fazê-lo com frequência. Uma solução ocasional, ainda que arriscada, era o atrelado dos Santellis entre os espectáculos da tarde e da noite, quando por vezes Papa Tony e Angelo iam até à cidade jogar flippers ou dardos num café, durante uma ou duas horas. Como Mário nunca tivera o hábito de ir com eles, que não o fizesse agora não chamava a atenção.

Mas as suas desculpas eram geralmente esfarrapadas e os seus encontros furtivos; ambos o detestavam, mas não conseguiam evitar fazê-lo.

Numa ocasião em que as circunstâncias os tinham mantido virtualmente afogados em gente durante uma semana inteira, sem poderem sequer conversar livremente, encontraram um pequeno bar sujo numa cidade do Sul do Arkansas e entraram para a sala das traseiras, querendo apenas poder conversar à vontade, mas o empregado franziu o sobrolho e perguntou:

— Que idade tem o miúdo?

— Quinze anos — respondeu Mário com igual frieza. — Que se passa, não posso oferecer uma gasosa ao meu irmão mais novo enquanto bebo uma cerveja? Ou tenho de o deixar a vaguear pelas ruas?

— Não devia trazê-lo para aqui — replicou o homem. Trouxe a Mário uma garrafa de cerveja e a Tommy uma garrafa de refrigerante sem mais discussões, mas Mário disse entredentes:

— Vamos embora daqui. — Deixaram as bebidas a meio e foram-se embora.

— Que é que tu tens, Mário?

— Ele estava desconfiado em relação a nós.

— Raios, eu não acho. Alguns Estados têm leis contra servir miúdos em bares. Em muitos sítios eu podia ir com o meu pai e a minha mãe e beber uma gasosa e comer amendoins enquanto eles bebiam um copo, e noutros sítios eles não me podiam levar.

— Também têm um outro tipo de leis — resmungou Mário. — Achas que não percebi, pela maneira como ele olhou para nós?

— Oh, por amor de Deus! Tu tens macaquinhos no sótão em relação a isso! Achas que qualquer pessoa sabe só de olhar para ti? Tu não és nada amaricado, de verdade; ninguém vai pensar coisa nenhuma. Além disso, tu gostas de pensar que és diferente, dá-te gozo pensar que és especial, que as pessoas, só de olhar para ti...

— Vá, entra no carro. Não fiques para aí parado a contar isso a quem quiser ouvir! — Mário abriu a porta do carro e fechou-a com estrondo. Tommy gritou; Mário fechara-lhe a porta nos dedos.

Depois do primeiro grito involuntário, ficou sentado dobrado em dois, a tremer, a face contorcida, agarrado à mão.

Oh, meu Deus — sussurrou Mário, quase a chorar. — Oh, meu Deus, Lucky, não fiz... — Subitamente explodiu num ataque de raiva angustiada: — Não sabes manter essas mãos fora do caminho?

Tommy encostou-se à porta, apertando o pulso magoado com a mão intacta como se pudesse de alguma forma impedir que a dor horrível, lancinante, lhe subisse pelo braço. Ficou ali sentado, com o estômago às voltas, tentando desesperadamente não vomitar, enquanto Mário o levava ao pequeno hospital de província.

Ficou sentado na grande mesa da sala de emergências como a enfermeira lhe dissera para fazer, com Mário de pé atrás de si, a mão no seu ombro. Sentindo aproximar-se uma náusea, Tommy encostou a cabeça a Mário, mas este empurrou-o bruscamente quando o médico entrou.

Conseguiu, sem saber como, não gritar quando o médico lhe moveu a mão, flectindo-lhe dolorosamente cada dedo. Não tinha ossos partidos, mas a unha do indicador estava pendurada por um fio e o nó do dedo estava cortado até ao osso, a cartilagem branca a ver-se por entre a carne viva.

— Deves ter umas mãos muito fortes, filho. Foi uma sorte esse dedo não ter ficado partido numa dúzia de sítios. Consegues mexer o outro dedo? Hmmm, óptimo. — O médico pôs-lhe uma grossa ligadura e uma tala de metal. — A porta de um carro, hem?

Está sempre a acontecer. — Foi buscar uma seringa e deu-lhe uma injeção contra o tétano. — Vocês são do circo? Vi o

espectáculo ontem à noite. Vocês não são do número de trapézio? São aqueles que fazem um número pendurados no mesmo trapézio.

Essa mão vai manter-te afastado do trapézio durante um bom par de semanas, filho. Vocês são mesmo irmãos? Não são nada parecidos.

— Somos meios-irmãos — disse Mário com o rosto muito pálido e contorcido. — Ele vai ficar bom da mão?

— Eu diria que sim. Se lhe der descanso. Leve-o a um médico daqui a dois dias, esteja onde estiver, para mudar o penso. — Meteu alguns comprimidos dentro de um frasco. — Isso vai começar a doer a sério dentro de uns dez a vinte minutos, quando arrefecer. — Tommy perguntou-se se seria possível aquilo doer mais do que já doía e, se isso acontecesse, como é que ele poderia deixar de chorar como um bebé. O médico deu os comprimidos a Mário e disse: — Dê-lhe dois destes assim que chegarem a casa e, depois disso, um de hora a hora, quatro horas depois.

Vai tratar dele?

— Não há dúvida que faço um óptimo trabalho a tomar conta dele! — disse Mário quase a chorar.

— Se vai conduzir o carro até casa — disse o médico secamente, se calhar é melhor dar-lhe um calmante a si também, meu rapaz.

Tommy conseguiu dar uma pancadinha no braço de Mário com a mão que estava em bom estado.

— Mário, não fiques assim. Eu sei que não me magoaste de propósito. Não fiques assim.

Mário franziu o sobrolho e afastou-lhe a mão com a expressão de repreensão que Tommy aprendera a reconhecer. Tirou a carteira do bolso e perguntou:

— Não é preciso, obrigado, doutor, não posso tomar nada que me deixe tonto; tenho um espectáculo hoje à tarde. Quanto é que lhe devo?

Ao dirigirem-se para o carro, Tommy sentiu-se tão maldisposto e tão tonto, que pensou que as pernas não seriam capazes de aguentar o seu peso. Agarrou no braço de Mário, para se equilibrar, mas Mário sacudiu-o.

— Cuidado, cuidado — avisou-o com brusquidão e Tommy recuou. No caminho de regresso, Tommy só lhe apetecia abandonar-se à náusea, deitar a cabeça no colo de Mário e deixar que a dor tomasse conta de si, mas em vez disso sentou-se muito direito e frio, lutando contra o mal-estar.

— Escuta, Mário, se continuas a ser assim filho da mãe para mim, toda a gente vai perceber que se passa qualquer coisa de errado. Tivemos uma briga e tu fechaste a porta do carro nos meus dedos. Eu sei muitíssimo bem que não o fizeste de propósito, mas tu ages como se o tivesses feito. Vá lá — implorou de repente, a fraqueza e a dor tomando conta de si de tal forma que começou a chorar , não estejas zangado, Mário...

— Eu não estou zangado. Não estou zangado. Mas não sejas assim bebé! Não podes fazer essas coisas à frente das pessoas.

Aninhar-te em mim na sala de espera, encostares-te todo a mim na sala de emergências. Raios, estou farto de te avisar...

— Sim, avisaste-me e podes ir para o inferno! — Tommy olhou pela janela, as lágrimas de dor e fúria secando-lhe no rosto.

Quando chegaram ao acampamento tomou os comprimidos que o médico lhe dera, respondeu às perguntas preocupadas com um "foi uma espécie de acidente; a porta fechou-se na minha mão", e deixou que Angelo lhe cortasse a carne do jantar. Durante o intervalo do espectáculo da noite, Angelo trouxe-lhe um gelado enorme; Tommy deitara-se, à espera que os comprimidos fizessem efeito. Foi para a cama sem olhar para Mário nem responder às suas boas-noites sussurradas.

Só esteve sem poder entrar no espectáculo durante oito dias, mas pareceram-lhe um mês de aborrecimento e tédio. Com a mão direita imobilizada, nem sequer podia desempenhar as suas tarefas habituais na primeira parte do espectáculo, e Angelo e Mário dividiam-nas entre os dois sem protestar. No terceiro dia, Angelo levou-o a um médico na cidade onde o circo parara, para mudar o penso e arrancar a unha, provação de que Tommy saiu nauseado de dor e mortalmente branco — suficientemente branco para assustar Angelo, que o cumprimentou pela sua valentia quando regressavam ao carro. Parou a caminho de casa para comprar a Tommy uma

caixa de rebuçados e voltou a comentar a sua valentia nessa noite ao jantar, o que causou mais embaraço a Tommy do que o facto de ter desmaiado. Angustiado, Tommy recordou-se da forma como Mário recusara até um braço para o equilibrar, enquanto que Angelo o levava ao colo para o carro, com os seus braços em volta do pescoço, sem sequer pensar nisso duas vezes.

Nessa noite Mário meteu-se na cama a seu lado e tentou mimá-lo até que ficasse de bom humor, mas Tommy virou-se para a parede e fingiu dormir. Mário disse-lhe por fim, num murmúrio tenso e furioso:

— Muito bem, seu filhinho da mãe. Podes esperar até ao dia de S. Nunca à tarde que eu venha ter contigo outra vez!

Mesmo quando regressou ao trabalho, a mão latejava tremendamente de cada vez que agarrava a barra. Na primeira noite que voltou ao espectáculo falhou uma pega e teve uma queda má na rede, ficando com uma queimadura de corda no cotovelo que lhe doía tanto como a mão. Papa Tony assobiou-lhe: "Palhaço desastrado!", enquanto subia à plataforma de novo, e Tommy apertou os lábios, a tremer, conseguindo sem saber como manter a expressão serena, virando-se para as bancadas com um aceno rebuscado, como se a queda tivesse sido propositada para lhes pregar um susto. Ignorou a pergunta imediata e cheia de preocupação de Mário:

— Estás bem, miúdo?

No dia seguinte, no treino, atrapalhou-se de novo e, quando ia subir de novo a corda, Angelo fez-lhe sinal para que ficasse no solo.

— A tua mão ainda te dói? Não é melhor ficares parado mais um ou dois dias?

— Raios, não — disse Tommy em tom de desafio. — Acha que quero ficar todo perro?

— Não, mas também não queremos que te magoes — disse Mário. Veio ter com Tommy e pegou-lhe na mão, flectindo-lhe cuidadosamente os dedos para trás e para a frente, movendo cada articulação entre os seus dedos fortes, explorando os músculos magoados e as nódoas negras. Tommy ficou de pé sem se mexer



nem olhar para ele. Mário disse finalmente: — Se ele quiser continuar, Angelo, não vai ter problema.

— Sabes tu bem disso! — resmungou Tommy.

— O que eu quero dizer — disse Mário com frieza , é que não vai causar danos permanentes à tua mão. — Largou a mão de Tommy e foi-se embora.

— Bem, se vais entrar no espectáculo desta noite, é melhor tentares novamente essa passagem — disse-lhe Angelo e mandou-o subir para a plataforma.

Depois do treino, Papa Tony apanhou-o na base do aparelho.

— Olha, filho, não achas que já chega de estares zangado com o Matt? Ele contou-me como te magoou a mão. Pensaste que ele tinha feito de propósito? Não nos conheces suficientemente bem para saber que nenhum de nós faria uma coisa assim? Não, mai — nunca — nem num milhão de anos! Vá lá, só os rapazinhos pequenos é que ficam assim amuados, vê lá se cresces um bocadinho, está bem? Vais ter com ele como um homem, apertas-lhe a mão, dás-lhe uma oportunidade de ele te dizer como lamenta ter-te magoado, e ficam amigos de novo, está bem? Como eram.

Irmãos. Não gosto de vos ver, a ti e ao Matt, assim. Vocês sempre se deram tão bem. Quero que vocês voltem a ser como eram. Fazes isso por mim, hem, Tommy?

Tommy engoliu em seco.

Claro — disse por fim , eu vou falar com ele. — Correu a ir ter com Mário que, sombrio, estava a trocar de roupa no atrelado.

Disse numa voz insegura, para as costas viradas de Mário:

O Papa Tony disse que... não quer que nós... guardemos ressentimentos. Ele diz que quer que nós sejamos... — de repente percebeu que ia começar a chorar , ele quer que voltemos a ser como éramos. Tu não queres?

— Oh, Deus! — Esquecendo-se por uma vez de tomar quaisquer precauções, Mário girou sobre si próprio e prendeu Tommy num grande abraço. — Oh, meu Deus, então não quero! Então não hei-de querer, miúdo!

Durante o intervalo entre os espectáculos, nessa tarde, os homens mais velhos ficaram a vê-los trabalhar juntos nas traseiras

do atrelado, pendurando calças de ginástica molhadas, rindo e metendo-se um com o outro como era hábito, irem de braço dado até ao quiosque das bebidas para tomarem um refresco. Papa Tony sorria cheio de aprovação. Angelo, contudo, observava-os com uma expressão carrancuda e curiosa. Nada de tão concreto, ainda, que se pudesse chamar suspeita. Apenas a sensação de que a briga e a reconciliação tinham sido mais intensas do que seria normal.

Era mais difícil do que nunca conseguirem estar sozinhos nem que fosse por um momento, e por duas vezes, frenéticos com a necessidade de estarem um com o outro, correram os riscos terríveis que tinham prometido um ao outro nunca correr. Uma vez, já muito tarde, Mário passou às escuras para a cama de Tommy e deitou-se a seu lado. Durante todo o tempo que estiveram juntos, manteve a mão sobre a boca de Tommy como precaução, não para o abafar, mas para evitar qualquer som que os pudesse denunciar.

Pareceu nessa altura a Tommy, enquanto cerrava com força os lábios para evitar que até a respiração se ouvisse, que tinham tocado no fundo — mas não tinham. Uns dias mais tarde, desesperados por alguns instantes juntos, agarraram-se um ao outro por detrás da porta trancada de uma casa de banho imunda, numa estação de serviço à beira da estrada. A seguir Mário ficou tão deprimido, tão infeliz, que até Tommy, sempre tão criativo nas formas que encontrava para o animar, não conseguiu encontrar nada para dizer. Restava apenas aquela dor atordoadora, aquele sentimento de infelicidade. Iam de boleia nas traseiras de um dos camiões de equipamentos de caixa aberta; quando voltaram a subir para a caixa do camião, Mário mergulhou num acesso de amarga autoflagelação.

— Miúdos ordinários — gritou para o vento que lhe batia na cara enquanto o camião percorria a estrada, com brincadeiras nojentas em sítios nojentos. Devias odiar-me por te ter feito entrar neste inferno! Se eu tivesse uma réstia de decência...

Tommy não tentou argumentar com ele. Limitou-se a apertar a mão de Mário com um amor dorido e impotente. Aqueles encontros terríveis limitavam-se a aliviar a tensão do seu corpo.

Não tinham qualquer efeito na tensão maior e mais dolorosa que era como um punho fechado no seu peito, que ele definia, vagamente, como uma dor no coração.

Nessa noite fizera aquilo que nunca se atrevera a fazer, a única coisa que Mário lhe proibira específica e claramente de fazer. Se Mário quebrava as suas próprias regras, ele também não tinha de lhes obedecer cegamente. Depois de o atrelado estar às escuras e Papa Tony estar a ressonar calmamente no quarto das traseiras, foi até à cama de Mário e deitou-se a seu lado. Mário sussurrou furioso:

— Estás maluco?

— Mário... não, escuta, por favor... por favor. Está tudo bem.

Não temos de... Quero dizer, só quero... deixa-me só... deixa-me só... ficar aqui deitado ao teu lado por uns minutos. Por favor.

Ficamos sempre tão excitados com... com o resto, que nunca temos tempo para... para... oh, raios partam, pareço uma heroína de um filme melado... Nunca tenho tempo só para te amar. Por favor, deixas-me ficar aqui deitado e... e amar-te?

Mário abraçou-o. Durante alguns instantes de um horror indizível, Tommy pensou que Mário se estava a rir dele. Depois sentiu o tremor nos ombros de Mário.

— Pobre, pobre miúdo. — Não parava de murmurar aquelas palavras, desesperadamente, como numa litania. — Pobre miúdo desgraçado, pobre miúdo desgraçado. — Embalou-o com doçura, como a uma criança, sussurrando meiguices ininteligíveis. — Eu sou um filho da mãe, meu pobre bebé.

— Por favor, Mário. Está tudo bem. Olha, dorme. Eu não adormeço aqui e, se adormecer, juro que me estava a sentir muito sozinho e que te atormentei até tu me deixares dormir contigo. Por favor. — Manteve-se abraçado a Mário até o rapaz mais velho se ter acalmado e o ter puxado para junto de si e o ter beijado com meiguice. E, por uma sorte miraculosa, ninguém os ouviu quando, nas horas escuras que precedem a madrugada, Tommy começou a rir-se baixinho pois, como é evidente, tinham acabado por fazer amor — e ele perguntou-se se sempre teria sabido que aquilo acabaria assim.

## *Capítulo XVI*

E depois, como costuma acontecer com todas as situações insuportáveis, a tensão abrandou e as coisas melhoraram. Talvez por sentir os sinais da tensão, ou talvez apenas por ver que Mário estava deprimido, Papa Tony fê-los trabalhar aos dois arduamente no treino da passagem cruzada no espaço. O exercício exigia que estivessem os dois no ar ao mesmo tempo, chegando um deles à barra para o voo de retorno no momento em que o outro a largava.

Parecia inevitável que se atrapalhassem um ao outro, que colidissem em pleno voo e batessem com os pés na cara um do outro, e por vezes isso acontecia. Angelo argumentara que aquele exercício estava muito para além das capacidades de Tommy na altura, e o próprio Tommy começou a sentir-se desencorajado, pois passavam horas a treinar a passagem e nunca a conseguiam fazer com precisão. Durante mais de um ano não conseguiriam dominar aquele exercício suficientemente bem para ser apresentado ao público.

Mas não foi tempo perdido. Agora que trabalhavam juntos tão duramente, a tensão pessoal entre eles desaparecera, pura e simplesmente. Como sempre que era o trabalho que estava em questão, um tom estranhamente impessoal voltou a colorir a sua relação. Enquanto que, algumas semanas atrás, uma palavra mais dura de Mário tinha feito Tommy morder o lábio para suster as lágrimas, agora, tal como na época em que começara a treinar com ele, tudo voltava a ser impessoal. Treinavam até à exaustão, Tommy tremendo de fadiga, Mário explodindo em ataques de fúria, chamando-lhe estúpido, trapalhão, incorrigível. Mas riam e brincavam os dois um com o outro nas longas estiradas entre cidades, gritavam um com o outro por causa de sapatos e camisolas deixados fora do lugar, e resmungavam com bom humor por causa das tarefas domésticas, mas tudo sem qualquer tensão.

Tommy deu conta, uma noite, que durante três semanas a fio, depois do espectáculo da noite, tinham ceado, lavado a loiça e caído na cama sem trocarem qualquer palavra mais pessoal ou qualquer carícia, para além do aperto de mãos, breve e ritual, trocado entre as duas camas. Houve mesmo duas noites em que, totalmente sós e em segurança, se tinham limitado a sentar-se juntos na porta do camião dos equipamentos. Tommy passara o braço pela cintura de Mário e fora tudo muito pacífico e amigável.

Um par de noites mais tarde, ao vestir-se para o espectáculo da noite, Mário disse repentinamente:

— Estou a sentir-me com sorte esta noite. Queres tentar acabar o espectáculo desta noite com um triplo, Angelo?

— O pescoço é teu — disse Papa Tony. — Mas avisa o apresentador antes de começarmos a actuação, que é para ele poder anunciar o triplo com antecedência. — Tommy sentiu que o peito se lhe apertava; mexeu nervosamente na medalhinha de São Miguel.

Mais tarde, quando o maestro da banda começou o ominoso rufar de tambores, Tommy olhou de relance para Papa Tony.

Como sempre que Mário saltava da plataforma para fazer um exercício mais difícil, o velhote desviou supersticiosamente o olhar. Nunca via nem sequer o duplo mortal. Mas Tommy não conseguia desviar o olhar do voo rectilíneo como o de uma seta, do corpo que cortava o ar. Para cima — e para baixo de novo — e novamente para cima, cada vez mais alto, e — Oh, meu Deus, o trapézio vai-se entortar, não podes levá-lo até tão acima — soltou-se da barra, girou — uma, duas, três vezes — a pega feita com violência com a mão no cotovelo, entrou e Tommy voltou a respirar. Nem chegou a ouvir os aplausos.

Enquanto se vestiam depois do espectáculo, uns quantos admiradores vieram pedir autógrafos e Tommy, observando sem ser visto enquanto estes se aglomeravam à volta de Mário, pensou que ia explodir, tanto era o amor e o orgulho que sentia.

A emoção que sentia era tal, que se sentiu corar com o seu calor.

Papa Tony pôs-lhe uma mão no ombro enquanto Mário, do lado de fora do camião, ria e conversava com o pequeno grupo de entusiastas.

— Estás muito calado, Tommy. Não te importes, não tenhas ciúmes... o teu dia também há-de chegar.

Sobressaltado e desapontado — como podia Papa Tony pensar sequer que ele invejava a Mário nem que fosse só uma pequena parcela de adoração? — explodiu:

— Oh, não, não, não, Papa! Não é isso! — Ficou muito corado, sem o conseguir evitar. — É só que... ele é tão... é que eu sinto-me tão... tão excitado com isto, com o que ele fez, como eles e... e estou aqui convosco, e ele é meu amigo e... e é demais...

Quase não consigo acreditar, é só isso!

— Estou a ver. — O velhote franziu o sobrolho. — Pergunto-me...

— começou a dizer mas não acabou. Mário subiu os degraus cheio de bom humor. Tommy quis falar e descobriu que não era capaz de dizer palavra.

— Ebbene, Signor Mário — disse Papa Tony friamente. — Sugiro que arrumes as tuas toalhas e a caixa da maquilhagem, a não ser que queiras que vão pelos ares na próxima viagem.

Não chegaste a encontrar o par da meia verde, pois não?

Mário riu-se com exuberância.

— Estás a ver, Lucky, nesta família é impossível ficar-se cheio de si. O Papa está determinado a que eu não fique vaidoso, se isso estiver nas suas mãos!

Começou a arrumar as suas coisas, mas Tommy disse:

— Por favor, deixa que eu... — Sentia que explodiria ali mesmo se não pudesse fazer qualquer coisa que, de alguma forma, desse expressão àquilo que lhe ia na alma — e aquela era a única forma que conseguira encontrar para o fazer. Juntou as toalhas espalhadas de Mário, as calças de ginástica e as sapatilhas largadas a um canto, dobrou o roupão e a capa, juntou todos os pequenos objectos que ele deixara na prateleira e guardou-os no estojo de maquilhagem. Mário, lavando a cara com água fria e passando um pente pelos caracóis encrespados, fez uma pausa para procurar, com um sorriso,

o olhar de Tommy, mas este não se atreveu a retribuir-lho na presença dos outros.

Três horas mais tarde, quando se preparavam para dormir, Mário ajoelhou-se ao lado da cama de Tommy, soltando uma gargalhadinha.

— Lucky? Ouve, sabes... já há muito tempo que...

Tommy engoliu em seco e disse estupidamente:

— Bem, temos andado os dois muito ocupados.

— Então és como eu? Quando tens o suficiente em que pensar não sentes a falta disso?

— Eu não disse que não sentia a falta... — começou Tommy a dizer com dignidade, mas Mário cortou-lhe a palavra com um abraço forte e rápido.

— Escuta, eu não decidi acabar com tudo, nem me apaixonei por mais ninguém. Só que achei que era mais sensato se, durante uns tempos, não abusássemos da sorte. Não te importaste tanto como isso, pois não?

— Não — disse Tommy com honestidade, tens sido muito mais simpático para mim de outras maneiras.

Mário disse, rindo-se baixinho:

— Acho que o raio do passe cruzado nos acalmou aos dois. — Curvou-se sobre Tommy e murmurou: — Seja como for, há limites para tudo. Ouvei o Angelo sair, toda a gente no circo sabe onde ele passa as suas noites, e o Papa já está a dormir há uma hora. Se não fizermos barulho...

Apesar do assomo físico de excitação que sentiu, Tommy ficou tenso sob a mão de Mário que deslizou ao longo das suas costas nuas. Seria este o início de mais um dos ciclos de irritabilidade frenética e de culpabilidade de Mário, numa espiral crescente, até se tornar de todo insuportável? Sentia-se um tanto assustado por Mário ter relaxado as rígidas precauções que se impunha.

Mas nada disto foi articulado em palavras e, docilmente, ficou feliz quando Mário se meteu por baixo do seu cobertor. Não voltaram a comunicar por palavras — ambos sabiam o perigo que isso representava, mas Tommy sentia que Mário, apesar disso, lhe estava a dizer uma imensidão de coisas.

Durante o período a que Tommy chamava agora "os tempos maus", tinham tido de aproveitar momentos fugazes; houvera sempre uma certa pressa e — da parte de Mário, pelo menos — uma certa dureza que, combinada com a impaciência e a inexperiência de Tommy, transformara os seus encontros amorosos mais numa luta do que num encontro. Sabia que Mário também podia ser meigo — mesmo então tinham existido momentos de ternura e carícias, mas mesmo nas melhores alturas tinha estado presente uma urgência frenética e assustada. Agora também isso deixara de existir. Tommy sentiu com nitidez que Mário viera ter com ele naquela noite, não devido à sua própria necessidade ou desejo, mas simplesmente numa reacção às emoções que transbordavam em Tommy. Desde a sua primeira noite em Oklahoma, a noite da grande tempestade, que não havia tanta ternura entre eles. E depois, enquanto deslizava para o sono, sentiu-se maravilhado, ainda que de uma forma indefinida, por continuar a conseguir sentir, apesar de conhecer Mário como conhecia, todo o seu ressentimento dissolver-se naquele prazer e adoração que chegavam a ser dolorosos. Pensou, Quem me dera que ele fosse sempre assim. Mas seja ele como for, eu amo-o. Quando Mário se moveu para sair da cama, sentiu-se nu e magoado; não fez menção de o reter, mas talvez por ter sentido aquilo que Tommy mais desejava, Mário chegou-se mais a ele e abraçou-o até ele adormecer.

Uma manhã, depois do treino, Angelo chegou ao pé dele e disse:

— Vou à cidade comprar comida. Queres vir comigo?

Como Tommy hesitasse, Angelo disse:

— O Matt deixa-te ir por um bocadinho, não deixa? Temos mantido o miúdo aqui amarrado este tempo todo. Anda, Tom, abotoa a camisa e põe uma gravata... Fazemos as compras e depois vamos beber um batido, ou coisa do género, no regresso.

Manobrando o carro através do acampamento em direcção à estrada rural, Angelo assobiava, baixando o vidro da janela. Era Agosto e estava horrivelmente quente. O interior do carro parecia um forno.



— Não te esqueças de comprar bronzeador, miúdo. Este sol é terrível.

— Sim, e montaram o trapézio numa posição tal, que no espectáculo vou ter o sol nos olhos quando voltar à plataforma!

— Também eu. — Angelo riu-se. — Vamos lançar uma nova moda: Trapezistas com óculos de sol. — Encostou o carro à berma.

— Ouvi dizer que a Stella te ensinou a conduzir. Passa para aqui, sempre quero ver como aguentas o carro. — Saiu e deu a volta enquanto Tommy deslizava para trás do volante. Sentindo-se um pouco nervoso, Tommy engatou a primeira. De repente teve medo de o deixar ir a baixo, ao manobrar a pesada alavanca, mas lá conseguiu meter a mudança e, instantes depois, ao manobrar cuidadosamente o carro para o meter na linha de trânsito, descontraiu-se.

Angelo observou-o cuidadosamente durante alguns minutos, sem falar, depois disse:

— Nada mal para um principiante. A razão porque falei nisto é que neste Estado pode-se tirar a carta aos quinze anos. Devias ir até à cidade um dia desta semana e fazer o exame. Depois podes usar o carro de vez em quando. Com a tua mãe e o teu pai afastados do circo, ninguém se tem preocupado em fazer com que tu te divirtas. Passas o tempo todo a trabalhar connosco no duro, e depois passas o teu tempo livre aqui enfiado connosco também.

Devias sair mais, divertires-te com outros miúdos da tua idade.

Tommy lançou-lhe um olhar culpado, mas ele estava a acender um cigarro, protegendo o fósforo do vento que entrava pela janela aberta do carro com a mão. Angelo disse:

— Não fumas, pois não? Podes tirar um cigarro, se quiseres, mas é melhores deixares-me acendê-lo enquanto conduzes.

— O Mário disse que me torcia o pescoço se eu começasse a fumar.

Angelo guardou o maço, rindo-se.

— Ele tem provavelmente razão. Mas sabes, é um bocado isso o que eu quero dizer. A maioria dos miúdos da tua idade não presta tanta atenção assim ao que os adultos lhes dizem. Talvez lhes

devesse dar ouvidos a eles em vez de nos dares sempre ouvidos a nós.

Tommy observava a rua com cuidado.

— A maioria dos miúdos da minha idade parece idiota.

— É um disparate dizer uma coisa dessas — disse Angelo com reprovação. — Só porque fazes parte de um número que é cabeça de cartaz, não tens de te comportar como um convencidozinho embirrente!

— Se eu sou um convencidozinho embirrente — ripostou Tommy, não sei para que é que os outros miúdos me queriam por perto!

— Pronto, pronto, calma — repreendeu-o Angelo. — Pareces o Matt. Nunca lhe consigo dizer nada sem que ele amarinhe pelas paredes!

— Ouça, Angelo — disse Tommy, controlando-se, não quis ser malcriado, de verdade. O Angelo é mais velho do que eu, é mais esperto e é meu patrão. Eu nunca lhe respondo torto por causa do trabalho, pois não? Mas, com franqueza, não acho realmente que tenha de — respirou fundo — se meter na forma como passo os meus tempos livres.

Esperara — curiosamente, procurara até — uma dura reprimenda; estava habituado ao mau feitio de Papa Tony e às fúrias descontroladas de Mário. Angelo limitou-se a inclinar-se para a frente e a sacudir a cinza do cigarro.

— Bolas, miúdo, não tenho de facto que me meter no que tu fazes fora do número, desde que não te mates nem vás parar à cadeia. Mas não é disso que eu estou a falar. Nós tornámo-nos responsáveis por ti. A Beth é minha amiga, e eu prometi-lhe que cuidaria de ti como se fosses meu filho. Isso não significa apenas zelar para que estudes as tuas lições, calces as galochas quando chove e comas os espinafres. — Hesitou, e Tommy teve a nítida impressão de que ele ia dizer mais qualquer coisa e depois se arrependera. Por fim, o que ele disse foi: — Significa também fazer com que não passes o tempo todo preocupado com o trabalho, fazer com que tenhas algum tempo para ti próprio, que te divirtas com os

outros miúdos. E é também uma sobrecarga muito grande para o Matt, fazê-lo olhar por ti o tempo todo.

Tommy sentiu como se tivesse levado um murro em cheio.

— Foi o Mário que disse isso? Que eu passo demasiado tempo atrás dele?

— Bolas, não, ele até parece gostar de te ter por perto. Mas isso também tem a ver com o que eu disse. O Matt é tão pouco sociável que eu detesto ver-te ficar como ele. Passas o tempo todo com ele, e em breve já não vais ser capaz de falar com os miúdos da tua idade, e mais tarde isso vai ser muito importante para ti.

— Eu não gosto muito dos miúdos da minha idade.

— Sim, eu sei. É esse o problema. Devias gostar deles, e preocupar-te em fazer com que eles gostassem de ti.

— Com mil raios, e porquê? — argumentou Tommy. — Há alguma lei, ou alguma coisa dessas, que diga isso?

— Valha-me Deus — disse Angelo com um ar cansado. — Talvez seja melhor não falar mais nisso. Só queria falar contigo.

Não estou a ralhar contigo ou a tentar pressionar-te.

As mãos de Tommy estavam a tremer no volante. Angelo avisou:

— Cuidado! Cuidado com aquele carro, filho! — e Tommy travou a fundo.

Tinha a voz pouco segura quando disse:

— Acho que é melhor conduzir, Angelo.

— Claro, miúdo. Sicuro. — Angelo saiu e deu a volta ao carro para o lado do condutor, mas não se sentou ao volante. Em vez disso entrou para o banco das traseiras, por trás de Tommy e disse:

— Ouve, miúdo, estás metido nalguma alhada? Não devias ter ficado assim tão perturbado.

Tommy sabia que estava a agarrar o volante com toda a força. Obrigou-se a relaxar os dedos, um a um. Disse para consigo, Ele está a deitar-se a adivinhar... não pode provar absolutamente nada.

— Sabe Deus que não te tenho mantido assim tanto debaixo de olho. Pareces ser um miúdo tão calmo e sensato, que eu a modos que tenho como certo que és capaz de olhar por ti. E o Matt, sempre com a cabeça na lua, serve tanto para tomar conta de um miúdo

como um dos elefantes que estão lá nas jaulas! Tens algum problema de saias, ou coisa assim?

— Problemas de saias? Raios, Angelo, só consegue pensar nisso? — explodiu Tommy. — Onde é que eu tenho tempo para raparigas?

— Bem, na tua idade, muitos miúdos não pensam em mais nada. Isso não tem nada de mal. Estou preocupado, é só isso.

— Bem, e que é que eu fiz de errado?

Angelo suspirou.

— Nada, nada. E isso é metade do problema. És tão empertigado, tão adulto, que não pareces nada um miúdo.

Tommy disse, impotente:

— Angelo, não percebe nada. — Sabia que não podia dizer aquilo que verdadeiramente lhe apetecia deitar cá para fora, mas sentia a necessidade de, de alguma forma, conseguir chegar a Angelo. A preocupação que Angelo manifestara consigo, ainda que de uma forma desajeitada, tocara-o mais do que conseguiria expressar por palavras. — Não percebe nada. É que eu... eu já não sou um miúdo. — Era complicado; havia tantas coisas que ele não se atrevia nem a sugerir, tantos riscos que não podia correr.

Sentia-se como se caminhasse por uma estrada, como lhe acontecia por vezes nos pesadelos, que se transformava num arame a 20 metros de altura. — As... as coisas que põem os miúdos todos excitados, as coisas que os miúdos da minha idade costumam querer, já não me dizem nada. As coisas que eles querem, parecem-me assim... assim como que infantis e palermas. Eles não sabem o que querem nem para onde vão.

Angelo deu-lhe uma pancadinha no ombro, com uma ternura desajeitada.

— Eu sei, miúdo, eu sei. O Matt fez-te ficar todo excitado com esta história do trapézio, não fez? A tradição dos Santellis e como lhe debes dedicar a tua vida, e... e por aí fora. Certo?

— Há nisso alguma coisa de mal? — perguntou Tommy, com uma hostilidade cheia de tensão.

Angelo suspirou.

— Não, nada, miúdo. É ótimo, em si, isso é ótimo. Mas mantém uma certa distância, Tommy. Não lhe dediques toda a tua energia. Guarda um bocadinho para poderes gozar a vida.

És novo. Aproveita.

— Sim! E é capaz de me dizer alguém que tenha gostado de ser novo? — retorquiu Tommy, e Angelo ficou a olhar para ele, chocado com a amargura que transparecia na voz do rapaz. — Sou sempre demasiado novo para tudo, não sou?

Angelo disse:

— Valha-me Deus, miúdo, não é assim tão mau! — Ficou a olhar fixamente em frente durante algum tempo e depois disse:

— Olha, é melhor irmos buscar as mercearias. Temos de estar de volta antes do espectáculo da tarde. — Abriu a porta e entrou para o banco da frente; Tommy chegou-se para o lado deixando o volante livre.

— Sabes, a verdadeira raiz do problema é — disse Angelo, como eu disse ao Matt, ele ter-te iniciado demasiado novo. Aí é que está o problema todo. Eu disse ao Matt, mas a ele não se lhe pode dizer nada. Mas ele devia saber disso. Exige demasiado de um miúdo novo como tu.

— Mas a culpa não é do Mário — protestou Tommy, desesperado.

— Eu queria voar. Fui eu que não parei de lhe implorar que me ensinasse. E não sou assim tão novo...

— Ei, calma, calma — disse Angelo. — Não fiques todo excitado!

Vocês, os miúdos, ficam todos irritados por uma coisinha de nada! De qualquer maneira acho que tenho tanta culpa como o Matt. Eu podia ter batido o pé. Eu sei, meu Deus, sim, eu sei, que não te teríamos podido fazer parar sem te ter dado um grande desgosto. Mas... Mas não faças disto toda a tua vida, miúdo. Há mais coisas na vida para além de voar. Ficas tão excitado que me assustas como o diabo!

Estacionou o carro num parque de estacionamento.

— Olha, isto aqui parece ser um bom mercado. Não me deixes esquecer de comprar bicarbonato de sódio; há qualquer coisa na

geleira que tresanda, é melhor darmos-lhe uma boa lavadela esta noite.

Compraram as mercearias de que precisavam e depois foram até um café comer sanduíches e beber batidos de chocolate.

Quando já estavam a acabar de comer, Angelo disse:

— Seja como for, tens andado a trabalhar demasiado. Não quero que o teu pai pense que te andamos a explorar. Eu devia saber, depois de ter criado o Matt, a Liss e o Johnny, que os miúdos tendem a mergulhar de cabeça nas coisas. Bem, lembra-me, que eu levo-te ao Departamento de Viação para fazeres o exame de condução para a semana que vem, e depois podes usar o carro de vez em quando para levar uma das tuas amigas ao cinema.

— Qual amiga?

Angelo deu uma gargalhadinha.

— Não deves ter grande problema em arranjar uma. A Little Ann. A Ellen. A Little Ann estava a dizer no outro dia... sabes, estás a ficar com fama de convencido. Como se te achasses demasiado importante para te dares com os miúdos do circo, só porque fazes parte do número que é cabeça de cartaz. Não faças com que os miúdos se zanguem contigo, Tom. Estou a falar a sério. Há quanto tempo é que tu e a Little Ann são amigos?

— Ui, sei lá... desde que éramos bebés, acho eu. A minha mãe diz que já conhecia a Margot anos antes de se ter juntado ao Lambeth.

— E agora ela pensa que tu te achas demasiado importante e orgulhoso para te dignares falar com ela. Tom, não estou a tentar dirigir a tua vida, mas não te fazia mal nenhum se fosses mais simpático para a Little Ann. Podes levar o carro, se quiseres, e ir com ela ao cinema no domingo.

— Está bem, eu convido-a.

— Já me devia ter lembrado disso. É esse o tipo de coisa que eu acho... tu pareces tão adulto e ages de uma forma tão adulta, que nenhum de nós se lembra de tomar conta de ti como faria com qualquer outro miúdo da tua idade. — Empurrou o copo vazio... — É melhor irmos indo.

— Não se esqueça de comprar o bronzeador — lembrou-o Tommy, e Angelo riu-se.

— Parece que, por estes lados, precisamos que alguém aja como um adulto! Raios me partam se não me tinha esquecido outra vez!

Nessa tarde, entre os espectáculos, Mário foi ter com ele e perguntou-lhe:

— Que tinha o Angelo para te dizer?

— Nada demais. Queria assegurar-se de que eu não ando a trabalhar demais — disse-lhe Tommy. — Disse-me que eu devia levar a Little Ann ao cinema às vezes. Parece que isso é qualquer coisa que se espera de nós. Levar as raparigas a sair.

— É uma ótima ideia — disse Mário, eu próprio me devia ter lembrado disso.

Tommy estivera à espera que Mário lhe desse apoio; esta aprovação incondicional enchia-o de desalento.

— Mas eu não quero sair com o raio da rapariga!

— Bem, mas devias.

— Sabes muitíssimo bem porque é que eu não quero!

Mário virou-se para ele, furioso, e Tommy encolheu-se.

— Mário, eu não quis dizer...

— Cala-te. Eu sei muito bem o que é que quiseste dizer com essa piada!

— Raios! Tu não sabes coisíssima nenhuma.

— Baixa a voz — disse Mário friamente. — As pessoas estão a olhar para nós. E cuidado com a língua. Embora talvez não fosse má ideia se tivéssemos uma boa briga, visto que costumamos andar por aí como dois pombinhos! E se queres uma briga, é só mandares mais uma piada suja como essa!

— Que diabo é que tu queres dizer com isso, piada suja?

Eu só disse...

— Eu ouvi o que tu disseste, ragazzo. E sei o que quiseste dizer. E se voltas a dizer qualquer coisa que se pareça com isso, dou-te um enxerto de pancada!

— Sim, e aí é que o Angelo vai começar mesmo a meter o nariz! Se fazes uma fita dos diabos em plena pista central logo na

primeira vez que eu convido uma rapariga para sair!

Mário apertou-lhe o pulso e Tommy sentiu os ossos estalarem.

— Repete isso e torço-te esse pescoço sujo!

— Da última vez que brigámos por pouco que não me partiste a mão. Desta vez queres dar-me cabo do pulso e manter-me fora do espectáculo mais umas semanas? — Tommy contorceu-se rapidamente, debatendo-se, e lançou um pontapé às canelas de Mário. — Tira a porcaria das mãos de cima de mim!

Mário, numa tentativa óbvia e deliberada de se controlar, largou o pulso de Tommy.

— Pronto, eu mereci isso. Desculpa, portei-me mal. Olha miúdo, não me interessa com quantas miúdas é que tu saís.

Se isso acalma o Angelo, eu sou todo a favor.

Pouco razoavelmente, Tommy ficou ainda mais zangado, mas em vez de dirigir a sua ira contra Mário, esta espalhou-se confusamente em todas as direcções. Não sabia se devia estar furioso com Angelo, se consigo próprio.

— Para que é que eu quero a porcaria da rapariga, não me dizes? Não tenho nada para dizer a uma rapariga. Só porque se espera que se convidem as raparigas para sair, o Angelo acha que eu tenho de sair com a Little Ann!

A fúria de Mário confundira o verdadeiro problema. Quaisquer que fossem as suas emoções, certas ou erradas, teriam de ficar fechadas bem dentro de si. O Angelo ter-lhe-ia dado conselhos amigáveis e ter-lhe-ia dispensado todos os tipos de simpatia, se o problema dele fosse — como era a porcaria da expressão? — problema de saias. Mas em relação aos verdadeiros sentimentos e preocupações de Tommy, em relação à sua preocupação com os acessos de desespero e culpa de Mário, em relação ao seu desespero por nunca ter um momento a sós com Mário sem ter de mentir — em relação a tudo isto, Angelo não teria nada para lhe oferecer senão horror e repulsa. A única segurança que ele e Mário podiam ter era nunca deixar que ninguém descobrisse.

Nunca.

Podia levar a Little Ann ao cinema e toda a gente do acampamento iria sorrir com aprovação. Podia andar metido pelos



cantos com a nojenta da Rosa. O Angelo franzir-lhe-ia o sobrolho e avisá-lo-ia acerca dos perigos de apanhar doenças, e esse tipo de riscos, mas não deixaria de ser tolerante, e se Tommy arranjasse mesmo problemas ficaria satisfeito por o poder ajudar. Podia mesmo engatar uma das raparigas meio idiotas que passavam a vida atrás dos trapezistas depois dos espectáculos, e ninguém se importaria com isso, limitar-se-iam a dizer que os rapazes são mesmo assim. Raios, eu podia andar metido com uma prostituta qualquer que eles, apesar de não gostarem, não se iam ralar com isso. Desde que fosse uma mulher.

Mas Mário, que fizera acordar nele o que tinha de melhor, tudo aquilo que ele considerava, ainda que de forma incoerente, como nobre, bom, altruísta e puro — se qualquer vestígio do que existia entre eles transparecesse, só poderia esperar que acontecesse uma desgraça...

Mário estava a olhá-lo com um ar desolado.

— Fui eu quem te meteu nisto, Tommy. Dá-me vontade de me matar quando me apercebo que dei cabo de tudo, da piada que tem... crescer. Juro-te que só te quero ver feliz, e... e dei-te cabo da tua juventude...

Tommy reconheceu, com um enorme desespero, que Mário estava a entrar num daqueles seus acessos de autoflagelação que eram uma tortura para os dois. Com os nervos à flor da pele, sentindo que depois da tensão da sua conversa com Angelo naquela manhã não conseguiria aguentar mais nada, Tommy deixou que o seu desespero se transformasse novamente em fúria.

— Oh, não sejas tão horrorosamente piegas! Vou levar a miúda ao cinema e pronto! Não a vou convidar para sair e saltar-lhe para cima, por amor de Deus!

Mário sorriu, com um estranho sorriso cheio de amargura.

— E porque não? Tenho a certeza de que ela iria adorar.

— Ouve — disse Tommy voltando a cerrar os punhos, para com isso! A Little Ann é uma rapariga decente. Conheço-a desde sempre. Eu não digo piadas porcas acerca da Liss, pois não?

— E foi então que todo o seu ressentimento transbordou. — E, com mil raios, se eu quiser convidar uma rapariga para sair, ou

estiver na marmelada com ela, ou se quiser ir para a cama com ela, podes estar absolutamente certo que não me vou pôr de joelhos e perguntar-te se isso não é problema para ti! No sábado de manhã, Tommy bateu à porta do atrelado vermelho. Margot Clane, envolta num quimono azul debotado abriu a porta.

— Olha, o Tommy! Tens andado muito desaparecido! Vieste só dizer olá, ou vens por uma razão especial? Não queres entrar?

— Não, obrigado. — Olhou-a com olhos críticos e cheios de incertezas. Conhecera Margot Clane durante toda a vida, mas percebeu, pela primeira vez, que havia uma grande distância entre a pessoa que ele conhecia e a pessoa que ela realmente era.

Tommy era demasiado novo para levar aquele pensamento até ao fim da sua conclusão lógica: visto que nunca podemos conhecer totalmente outro ser humano, temos de aceitar necessariamente aquilo que é aparente. As suas convicções tinham sido abaladas sem que ele conseguisse encontrar nada de sólido com que as pudesse substituir. Ainda não conseguia perceber que conhecia, de facto, algo da verdadeira Margot na mulher exaltada e bondosa a que, quando era pequeno, chamara "tia Marge" e que lhe ensinara os seus primeiros passos no trapézio. Agora, tendo vislumbrado o enorme abismo que havia entre a sua tia Marge e a mulher que tinha um caso com Angelo, estava pronto a acreditar que não a conhecia de todo. Também ele a estava a ver pela primeira vez como mulher, e isso perturbava-o sem que soubesse porquê.

— Estou à procura da Little Ann. Ela está?

— Está no atrelado da Ma Leighty. Não estás mesmo a trabalhar no guarda-roupa este ano?

— Têm mais coisas para eu fazer — disse Tommy. Foi-se embora e dirigiu-se ao enorme camião-atrelado que servia de armazém ao guarda-roupa do Circo Lambeth. Little Ann, com uma lista dactilografada na mão, estava a verificar os cabides dos fatos de cena à luz crua de uma lâmpada. Tinha o cabelo penteado em pequenos caracóis e preso com alfinetes. A Ellen Brady estava de joelhos em frente de um armário, com a cabeça no seu interior. A Ma Leighty estava sentada num pesado banco numa das pontas do

atrelado — nenhuma cadeira vulgar suportaria o seu peso -, dando pequenos pontos rápidos numa nuvem de tule.

— Posso entrar, Ma?

Ambas as raparigas se viraram, e Ellen deixou cair com estrondo uma pequena caixa de metal.

Oh, Ellie, entornaste a purpurina. Olha, deixa-me ajudar-te a apanhá-la. — Tommy ajoelhou-se ao seu lado. — Dá-me uma folha de papel que é para ver se isto não se pega ao chão Pronto. — Varreu cuidadosamente o pó vermelho e brilhante para cima do papel e depois, fazendo um canudo, deixou-o cair para a caixa.

Ellen, uma rapariga com uns olhos castanhos muito calmos e tranças escuras, que lhe caíam nos ombros, era mais bonita que Little Ann.

Pensei que já te tivesses esquecido destes pequenos pormenores.

— Num só Inverno? Deves pensar que sou um miudinho completamente tonto!

— Por onde tens andado? — perguntou Ellen.

— Bem à vista de toda a gente, no topo do trapézio voador — retorquiu Tommy. — E se não me vires, é só pores-te à escuta dos gritos do Papa Tony!

— Porque é que não trabalhas aqui este ano? — perguntou a Ma Leighty. — Tinha acabado de te ensinar onde guardo tudo, e este ano, como trabalhas no espectáculo, já te achas muito crescido para trabalhar no guarda-roupa, é?

— Não, não é nada disso, Ma- disse Tommy sentindo-se desconfortável. — É só que tenho muito que fazer, é só isso. Sou eu que cuido dos fatos do trapézio, e esse tipo de coisas.

A Little Ann soltou uma risadinha.

— É preso por ter cão e preso por não ter, não é, Tommy?

O miúdo mais velho do desfile é sempre quem verifica os fatos à entrada e à saída, e agora que estás no número de trapézio, eles obrigam o mais novo a fazer esse tipo de coisas!

Ma Leighty riu-se.

— Assim, quando ficar gordo e velho, continuará a ser de alguma utilidade para o espectáculo.

— Os voadores nunca engordam — disse Little Ann. — Envelhecem, sim, mas não engordam. Veja o Papa Tony. Deve ter setenta anos. — Pôs a lista dactilografada em cima da mesa. — Já acabei isto, Ma. A última chuvada encheu tudo de lama, mas parece-me que está tudo. — Saltou do atrelado com Tommy logo atrás.

Ele perguntou:

— Já arranjaste os fechos dos teus sapatos? — Naquele ano Little Ann fazia um número que se chamava "tornado dourado"... num trapézio rotativo em que girava à volta, presa pelos pés. Era um número simples e nada perigoso, porque os sapatos da artista estavam presos à barra do trapézio. Mas no último espectáculo os sapatos de Little Ann tinham ficado de tal forma presos à barra do trapézio, que ela tivera de se debater embaraçosamente para se libertar no fim do número, e por fim um dos homens dos equipamentos tivera de trepar lá acima para lhe soltar os sapatos e trazê-la para baixo.

— Sim, a mãe deu-os ao Angelo para ele os concertar. Agora já estão bons, experimentei-os esta manhã. — Seguiram pela rua que ia ganhando forma no campo de milho deserto, onde os operários estavam a montar os quiosques. Little Ann tirou do bolso uns óculos escuros e pô-los.

— Tommy, o Papa Tony é tão difícil de se aturar como dizem?

— Oh, não. Ele é severo, e obriga-te a teres cuidado com o que fazes a todo o momento, mas ladra mais do que morde.

E, seja como for, a mim nunca me mordeu, pelo menos ainda não.

Little Ann soltou uma risadinha e depois ficou séria.

— Escuta, tens tido notícias do teu pai? Ele vai ficar bom?

— Acho que sim — disse Tommy. — Só o olho é que está infectado, eles durante algum tempo até tiveram medo que ele perdesse a vista. Estão a experimentar um remédio novo... uma droga nova, tipo milagrosa.

— Se eu fosse o teu pai nunca mais me aproximava de uma jaula.

— Eu também não, mas acho que o pai não pensa da mesma maneira. Uma vez levou uma dentada que lhe ia arrancando o braço,

quando eu tinha quatro anos, mas ele nunca se preocupa com essas coisas. E lembras-te daquela vez que partiste o braço, no ballet aéreo? Já estavas de novo lá em cima três dias depois de te terem tirado o gesso. Ann, tenho de levar umas roupas à lavandaria... queres ir comigo para me fazer companhia?

— Deixa-me ir dizer à minha mãe.

Partiu a correr. Quando voltou tinha penteado os caracóis e trazia um vestido azul de corpete e saia rodada.

— A minha mãe diz que está bem, se tu conduzires com cuidado.

Caminharam ao longo dos atrelados até ao dos Santellis.

Cada atrelado tinha a sua posição predeterminada, e onde quer que actuassem, qualquer que fosse a forma do terreno, estavam sempre à distância de seis portas um do outro e toda a gente tinha os mesmos vizinhos todas as noites. Ele bateu à porta do atrelado.

— Está cá alguém?

— Entra — disse Mário de lá de dentro com uma voz irritada.

— Que se passa contigo, Tom?

— Estás decente? Vem uma pessoa comigo.

— É só um minuto... — Depois, a voz abafada pela porta fechada, disse: — Pronto, entrem.

A pequena sala central estava vazia. Tommy disse, em voz alta:

— Vim buscar a roupa suja.

— Queres que vá contigo? Acho que me dá tempo.

— Não, convidei a Little Ann para vir comigo.

Mário apareceu, a abotoar a camisa. Estava descalço, o cabelo molhado e despenteado. Disse "olá" à Little Ann, e Tommy, vendo a expressão dela alterar-se, pensou, Aposto que metade das miúdas do espectáculo estão doidas pelo Mário — nunca tinha pensado nisso.

— Mário, tens trocos para a lavandaria? Se eles tiverem máquinas vou precisar de moedas.

Mário procurou nos bolsos e tirou uma mão-cheia de moedas, que meteu, sem contar, nas mãos em concha de Tommy.

— Pára em qualquer sítio no regresso e traz-me uns atacadores pretos, está bem?

— Claro. Mais alguma coisa?

— Não, acho que não. Guarda o troco... tomem uma gasosa ou qualquer outra coisa.

Tommy estava a fazer uma trouxa de roupa suja, embrulhando tudo numa camisa e Little Ann franziu o nariz, fungando.

— Que é este cheiro tão bom? Parece cravinho-da-índia.

— É do fixador para o cabelo. Glicerina. — Mário mostrou-lhe o frasco. — É a minha mãe quem nos faz isto; o de compra é muito gorduroso. — Pousou o frasco. — Ann, quem é a rapariga nova no ballet aéreo? Aquela que fica no trapézio do fundo, a que tem o cabelo comprido?

— Chama-se Sue-Lynn. É de um sítio qualquer do Leste.

Esqueço-me do último nome dela... Farris ou Farley, ou coisa assim. Porquê?

— Faz-me lembrar uma pessoa que conheci, mais nada disse Mário.

Tommy percebeu o que ele queria dizer. No dia em que vira a rapariga morena e elegante pela primeira vez, pensara, incrédulo, a Liss?, depois ela descera a corda e ele vira-a de perto.

Não era a Liss; os olhos não eram azuis mas castanhos-escuros, a boca era maior e mais sensual com dentes um bocadinho tortos.

Mas era parecida com Liss, e havia qualquer coisa nos movimentos do corpo esbelto e quase sem peito, que lhe fazia lembrar a forma como Liss Santelli se movia. Até o Angelo falara nisso:

"Matt, viste a rapariga no ballet aéreo, a que é parecida com a Liss?"

— Talvez ela seja alguém que tu conheces — disse Little Ann de uma forma quase provocadora. — Ela perguntou-me quem era o moreno giro do trapézio voador, e perguntou se tinhas namorada.

Mário estava exasperado, mas foi bem-educado.

— Casamenteira, na tua idade, Ann?

— Não. Ela disse que trabalhou um par de anos num número de trapézio voador, e como viu que não havia nenhuma rapariga no vosso número, pensou que talvez quisessem uma, foi só isso.

Isto é, se estiverem interessados.

Mário disse:

— Também achei que ela parecia muito competente para estar naquele número.

— Ah, então estás interessado! — provocou-o Little Ann.

— Não. Não verdadeiramente.

— És mauzinho, Mário — disse Little Ann rindo-se. — O homem mais giro do espectáculo e não tens uma namorada certa, nem nada.

Contorcendo o rosto propositadamente, numa careta, Mário provocou-a:

— Não sabes que estou à espera que tu cresças, querida?

— Oh, parvo! — exclamou Little Ann com uma risadinha e corando como um tomate.

Tommy ergueu a trouxa de roupa suja e disse bruscamente:

Vamos levar isto à cidade, ou queres ficar aqui na conversa com o Mário?

Quero ficar aqui na conversa... — De repente, Little Ann deu-se conta de que Tommy não estava a brincar. — Claro, estou pronta. Vamos. — Abriu a porta para que Tommy conseguisse sair com a trouxa de roupa. Enquanto ele a punha no banco de trás do carro dos Santellis, perguntou: — Estás com ciúmes, ou quê? Não posso brincar com o Mário se me apetecer? Ele tem idade para ser meu pai, quase!

— Ora! Não quero saber com quem brincas ou não! E ele não é assim tão velho. Tem só vinte e três anos, e não mais que isso.

— Entrou no carro, abrindo a janela para deixar sair o calor sufocante, e fez marcha atrás. Sentia-se irritado e não sabia porquê.

Ter visto Mário a namoriscar com Little Ann — e fora isso o que eles tinham estado a fazer, e ele sabia-o — fizera-o sentir-se profundamente desconfortável.

— Olha, óptimo — disse Little Ann enquanto entravam no caminho de gravilha em frente de um letreiro que dizia Lavandaria -, é uma das novas, com máquinas de lavar e de secar automáticas. São bastante divertidas.

Duas mulheres gordas, vestidas com batas de trazer por casa, ficaram a olhar para eles quando os miúdos entraram. Tommy não lhes prestou atenção; estava habituado a que olhassem para ele.

— Deixa-me ajudar-te, Tommy.

— Está bem, se quiseres. As toalhas vão para uma máquina e as calças de treino e esse tipo de coisas, para outra. E os roupões têm de ser lavados noutra máquina porque debotam, e a água tem de ser fria, não liguas a água quente.

Little Ann voltou a rir-se.

— Ei, era eu quem te devia estar a dizer isso tudo! Eu é que sou a rapariga!

Tommy trabalhou em silêncio, carregando as máquinas. Uma das mulheres, olhando-os com curiosidade, perguntou:

— Vocês são novos na cidade, não são? Pertencem à gente dos poços de petróleo, nos arredores da cidade?

— Não, minha senhora — disse Little Ann educadamente -, somos do circo.

— Vocês são... entram no espectáculo?

— Sim, entramos em números diferentes.

— Oh, mas que interessante! — A mulher foi-se embora, relutantemente, para tomar conta da sua roupa, assegurando-lhes que procuraria vê-los durante o espectáculo.

Tommy murmurou:

— Estas cidadezinhas pategas! Olha, ela ainda está a olhar para nós!

— É por causa da porcaria do meu cabelo — disse Little Ann fazendo beicinho. O cabelo dela era, recordava-se Tommy de o ter visto há uns anos atrás, normalmente de um castanho-claro, mas quando começou a entrar no número, Margot tinha começado, com absoluta naturalidade, a descolorá-lo até ficar de um loiro-platinado.

— Quando andei no liceu o ano passado, havias de os ter ouvido: as raparigas decentes não descoloram o cabelo.

E esse tipo de coisas. Mas de qualquer maneira muitas delas começaram a descolorar o cabelo também. A mãe diz que faz com que as pessoas reparem em mim. Lá isso faz.



— Deixa-os olhar. Eu acho que é bonito. — Tommy lembrou-se repentinamente de Stella e perguntou-se se o seu cabelo seria naturalmente loiro ou se ela também o descoloraria. — Está ali uma máquina que vende gasosas. Queres uma garrafa?

Beberam pela garrafa, ouvindo a roupa às voltas dentro das máquinas. Tommy perguntou-se porque razão se teria preocupado tanto. Aquilo parecia tudo muito natural, exactamente como nos velhos tempos.

— Gostaste da Califórnia, Tommy?

— Sim, foi bom. Só que era um bocado esquisito ter palmeiras à volta e nunca cair neve, nem mesmo no Natal.

— A minha mãe disse-me, uma vez, que a Lúcia Santelli era provavelmente a melhor trapezista voadora do mundo. Ela também é da família? Conheceste-a?

— Claro, é a mãe do Mário — disse Tommy.

— Ouvi dizer que partiu a coluna. Está muito aleijada?

— Não, quase nem se dá por isso. Só que às vezes mexe-se muito devagar, só isso. Estava a ajudar o irmão do Mário, o Johnny, a treinar o número dele. — Começaram a falar dos Santellis enquanto metiam as roupas nas máquinas de secar.

— Tem cuidado, não ponhas aí as calças de ginástica — avisou Tommy. — São de lã e encolhem.

— Há uma rapariga no ballet aéreo que usa calças de ginástica feitas de seda, como os collants das bailarinas. Diz que as calças de lã lhe irritam a pele. Eu acho que ela quer é mostrar as pernas — disse Little Ann.

— Acho que a lã tem esse efeito em muita gente — disse Tommy. — A irmã do Mário, a Liss, usa collants de seda, mas ela foi bailarina durante algum tempo.

— Ela agora não faz parte do número?

— Não, casou-se e teve um bebé — disse Tommy.

— Bem, a minha mãe também. Assim como a tua... — argumentou Little Ann.

— Mas o marido dela não é do circo — disse Tommy.

— Eu acho que as pessoas do circo só se deviam casar umas com as outras.

— Bem, é o que acontece a maior parte das vezes. — Tommy não queria discutir aquele assunto. — Olha, o Angelo disse-me que me emprestava o carro no domingo. Se houver um filme bom queres ir ao cinema?

— Adorava — disse Little Ann. Depois, desconfiada, perguntou:

— A minha mãe pediu-te que me convidasses?

— Claro que não! Porque é que ela havia de fazer uma coisa dessas?

— Porque no outro dia eu estava a dizer que nunca mais tinha estado contigo, e logo depois disso tu convidas-me para sair, e eu não preciso que a minha mãe me ande a arranjar encontros!

— Ninguém arranjou coisa nenhuma. O Angelo esteve a dar-me um sermão porque, segundo ele, os miúdos do espectáculo me acham convencido, e depois disse que eu podia levar o carro se quisesse sair com alguém.

— Então está bem, adorava ir. A não ser que o filme seja de cow-boys, não gosto de filmes de cow-boys. Olha, o secador já parou. Queres que te ajude a dobrar a roupa?

No domingo à noite, quando começava a escurecer, Tommy foi buscar a Little Ann ao seu atrelado. A luz ténue e calma em volta do recinto, que fechara durante o domingo, fazia-o sentir-se pouco à vontade. Estava habituado às luzes brilhantes dos espectáculos e, no fim da sua vida, a escuridão viria a assustá-lo de uma forma tal que nunca conseguiria traduzir em palavras.

Little Ann trazia um vestido cor-de-rosa com golas brancas de um tecido brilhante, e sandálias com os saltos debruados a branco. Ele, pela primeira vez, abriu-lhe a porta do carro para que entrasse.

— Estás muito gira, Little Ann. Cuidado com os dedos — acrescentou automaticamente antes de fechar a porta do carro.

Ela ainda fazia uma covinha infantil na face quando se ria.

— Quem me dera que as pessoas me chamassem só Ann.

Já não há nenhuma Big Ann<sup>{14}</sup> no espectáculo, e Little Ann é um bocado pateta.

— Vou tentar não me esquecer. Mas sempre te chamei assim desde os nossos seis anos. Olha, o filme que vai na cidade é de cow-boys, mas mais ou menos a uns dez ou doze quilómetros daqui,

quando se vai pela estrada, há um daqueles lugares novos, um drive-in<sup>{15}</sup>, onde se fica sentado dentro do carro e se vê o filme num grande ecrã, lá à frente, e dão-nos uma coluna para pôr no nosso carro.

— Já tenho passado por sítios desses na estrada, mas nunca estive em nenhum — disse Ann. — Qual é o filme?

— É um filme musical, acho eu. De qualquer maneira não é um filme de cow-boys, porque eu perguntei. Queres ir lá?

— Acho que era capaz de ser divertido — disse ela com acanhamento -, mas como és tu quem conduz... isso é contigo.

O drive-in estava pouco iluminado. Pouco depois, enquanto esperavam que o filme começasse, Tommy passou o braço por cima dos ombros de Ann. Ela chegou-se um pouco mais a ele, mas continuou sentada muito direita.

— Queres pipocas? — perguntou ele.

— Adorava — parecia aliviada.

Ele voltou do quiosque equilibrando um tabuleiro de cartão com dois sacos de pipocas e dois copos altos cheios quase só com gelo.

Toma — disse ele -, lembrei-me de que tu não gostas de Coca-Cola, por isso comprei-te Seven-Up.

Beberam os refrescos e comeram as pipocas, olhando as luzes dos carros que iam chegando enquanto a noite ia caindo.

É engraçado fazer parte do público — disse Ann.

Era capaz de ser engraçado viver sempre na mesma cidade e ir sempre ao mesmo cinema. Olha, o ecrã está a começar a ficar iluminado, deve estar quase a começar.

Com uma explosão de ruído do altifalante, o Perna-Longa apareceu no ecrã. Tommy acabou de comer as pipocas e amachucou o saco. Instalou-se para ver o filme. Depois de algum tempo pôs a mão, com alguma insegurança, no joelho de Ann. Ela deixou-a ali ficar durante um ou dois minutos sem se mexer, e depois deu-lhe a mão dela. Passados mais alguns minutos ele passou o braço em volta dela e ela aninhou-se confortavelmente contra ele. Cheirava muito bem a lavado, a sabonete e a pó de talco, misturados com um perfume leve fresco.

— Cheiras a morangos — disse ele.

— Deve ser do meu bâton. Tem um sabor parecido ao das cerejas.

Passado mais algum tempo ele beijou-a hesitantemente na face e ela apertou-lhe a mão no escuro, mas disse com suavidade:

— Vamos ver o filme, está bem?

— Está bem. Mas o filme não é assim tão bom, pois não?

— Acho que não — murmurou ela, e ele, sob a luz ténue, viu-lhe de novo as covinhas na face. Após alguns instantes agarrou-lhe no rosto, virando-o para si, e beijou-a, desta vez na boca.

Ela desviou-se passado pouco tempo e disse, um pouco ofegante:

— Ei, nada de grandes paixões, está bem?

Mas não fez qualquer esforço para se chegar para o seu lado do banco, e ele ficou confundido. Perdeu o fio à história que passava no ecrã, embora o filme já tivesse começado e estivesse cheio de raparigas com saias mexicanas rodadas, girando numa dança espanhola qualquer. Estava demasiado consciente dos ombros bronzeados e firmes de Little Ann contra o seu braço. Pôs, com cuidado, a mão que tinha livre no peito dela. Ainda estava a tentar prestar uma certa atenção ao filme, mas quando Ann suspirou e ergueu o rosto para que ele a beijasse, esqueceu-se de olhar para o ecrã. Passado bastante tempo ele disse numa voz rouca:

— O teu bâton sabe mesmo a cerejas.

— Mmmm.

Tommy apercebeu-se subitamente, e com algum desconforto, que o prazer difuso e amigável de acariciar e abraçar se transformara, abrupta e perturbantemente, em excitação sexual. Isso encheu-o de desalento. Nunca lhe ocorrera, nem sequer como hipótese remota, que se poderia sentir excitado por uma rapariga.

Por qualquer rapariga. E ainda por cima logo pela Little Ann!

Bem, lá no fundo sentia-se curiosamente satisfeito consigo próprio, mas estava sobretudo preocupado, não querendo que ela se apercebesse de como se sentia. Mas parecia não ser capaz de parar de a puxar contra o seu corpo de uma forma tal, que ela não podia deixar de dar por isso.

Entre dois beijos ela murmurou:

— Nunca conheci ninguém que beijasse como tu.

Haveria nele algo de diferente, de revelador — de estranho?

— na forma como ele a beijava? Ele ergueu o rosto e ela disse-lhe:

— Eu não disse que não gostava, seu tonto — e beijou-o de novo por sua própria iniciativa. Não protestou por ele ter as mãos sobre os seus seios, embora tivesse empurrado com firmeza os seus dedos quando lhe tentara desabotoar a gola do vestido. — Chega — disse ela com suavidade. Ele não insistiu. Já era suficientemente excitante sentir os pequenos mamilos a endurecer por baixo do tecido do vestido e do soutien. Era quase como se fosse uma luta, embora ela não se debatesse. Não era resistência, mas sim excitação, o que fazia agitar o pequeno corpo nos seus braços, contra o seu peito. A mão dele subiu pela pele nua da sua perna magra, sob os folhos das cuequinhas. Ela vestia calcinhas de seda com cós de elástico. Para surpresa momentânea dele, a pele macia estava ligeiramente húmida. Ele não sabia que as raparigas eram assim. Ela pusera as mãos sobre ele, timidamente, um pouco contra vontade, tocando-o por cima da roupa. A tensão que tal lhe provocava era quase insuportável. Habituará-se a poder resolver este tipo de tensão (e tão rapidamente e eficientemente quanto possível), e não a prolongá-la, a controlá-la e a suportá-la passivamente.

Ela empurrou-lhe a mão desviando-a rapidamente das calcinhas.

Não — disse ela baixinho -, por favor, Tommy. Eu não vou tão longe.

Ele tirou a mão sem protestar. Mas ela voltou a beijá-lo sonhadoramente e ele sentiu-se novamente confundido e quase zangado. Ela queria ou não queria? E seria assim tão diferente para as raparigas? E como é que ele podia saber? A dor que sentia nas entranhas era como um espinho cravado na carne. Apertou-a contra si, a mão pousada nas suas costas tensas. Isso acalmava-o um pouco. Murmurou:

— Não vês como eu estou? Não ficas... não ficas excitada também?

— Sim. É isso que me assusta.

— Mas não há razão nenhuma para te assustares.

— Mas estou. Por favor, Tommy, não é sensato ir tão longe, que depois não consigamos parar.

Isto ainda o confundiu mais. Estava praticamente deitado em cima dela, a sua mão, como que atraída por um íman poderoso, estava de novo entre as suas coxas.

— Mas porque é que temos de parar? — murmurou. — Parece um bocado idiota querer fazer tudo excepto isso.

— Oh, Tommy, não — disse ela, e por instantes ele julgou que ela estava a chorar. — Eu nunca deixei rapaz nenhum chegar até aqui. Gosto mais de ti do que de qualquer outra pessoa que eu conheça, mas não quero mesmo ir até ao fim.

Ele sentia-se como se estivesse a reter a respiração há muito tempo. Respirou fundo, sentindo uma dor pulsando nas têmporas.

As pestanas da rapariga sabiam ao sal das lágrimas quando as beijou.

— Ann, não chores, querida. A sério. Eu não te faço nada que tu não queiras... nunca faria. — Cuidadosamente desenlaçou-se dela.

— Estás zangado comigo, Tommy? Eu não tinha intenção de... de te deixar ficar assim todo excitado. Eu sei como são os rapazes... devia ter-te feito parar antes.

Cheio de nervosismo, ele pôs-se outra vez na brincadeira.

— É por causa do bâton com sabor a cerejas. Não me farto desse bâton com sabor a cerejas. É autêntica dinamite.

Ela deu uma risadinha que lhe pareceu aliviar também a tensão. Tommy disse:

— Olha, estou com sede. Queres outro refresco?

— Adorava. Mas é melhor limpares esse bâton.

Ele viu, aliviado, que os sinais mais evidentes da sua excitação tinham desaparecido, deixando apenas um vago desconforto. Deslizou para a porta do carro e abriu-a. Dirigiu-se à casa de banho dos homens; a tensão aguda e a erecção tinham abrandado, mas o

corpo doía-lhe todo de uma forma difusa. Foi ao quiosque buscar as bebidas e, quando regressava ao carro, viu que Little Ann vinha da casa de banho das mulheres. Será que as raparigas também ficam assim? Quem me dera arranjar coragem para perguntar a alguém. Mas não a ela. Ficou a equilibrar os copos de papel no colo enquanto ela alisava a saia nos joelhos. Ambos tinham perdido irremediavelmente o fio à história e ficaram aliviados quando o filme acabou. Ficaram a rir-se como duas crianças, só que mais violentamente, com os desenhos animados do Pato Donald, as mãos frias devido aos copos gelados, apenas tocando uma na outra.

À excepção do projector preso ao poste no centro do acampamento, este estava às escuras quando voltaram. Ele estacionou o carro e levou Ann até ao seu atrelado.

— Olha, há luz lá dentro. A tia Marge ainda estará acordada?

— Talvez tenha deixado a luz acesa para eu me poder despir.

— Gostava de assistir — disse ele audaciosamente.

Ela pousou-lhe a mão pequena e com a palma calejada e seca pela resina, tal como a sua, no pulso, muito levemente. Era a mão de uma trapezista. Disse gravemente:

— Tom, eu gosto muito de ti, mais do que de qualquer rapaz que eu conheça. Se eu fizesse essas coisas com algum rapaz, seria contigo. E provavelmente algumas raparigas fá-lo-iam mesmo, só porque tu és tão especial, e fazes parte do número de trapézio voador e tudo, e elas gostariam de ter as tuas atenções. Eu também te acho especial. Sempre achei. Mas... Tommy... algumas raparigas começam a deixar os rapazes fazerem-lhes tudo e depois não conseguem parar, e não tarda muito, fazem-no a toda a hora com qualquer pessoa, até com rapazes de quem não gostam muito. — Tinha a voz a tremer. — Mesmo que não fosse um pecado mortal, e é, eu não gostava de ficar assim e de andar por aí, pelos cantos, com os rapazes todos do circo.

Tommy olhou para a pequena boca vermelha e esborratada.

Agarrou as mãos dela nas suas. Eram tão parecidas com as suas, calejadas pelos trapézios. Como as dele, as de Mário ou as de Stella.

Acho que também eu não gostaria que fosses assim, Ann.

Não gostava mesmo.

Ela sussurrou:

— Queres dar-me um beijo de boas-noites?

Ele curvou-se e beijou-a. Os seus lábios eram macios e frescos. Sentiu de novo a tensão da dor difundir-se pelo seu corpo pelo peito, pela cabeça, pelo sexo, pela parte de trás das coxas.

— Muito obrigada, Tom. O filme foi óptimo.

Ele riu-se, num murmúrio quase inaudível.

— Qual era a história, afinal?

O atrelado dos Santellis estava às escuras, silencioso à excepção do ressonar calmo de Papa Tony. Mário tinha feito a cama de Tommy. Estava a dormir de costas, um braço passado por cima da cara. Tommy despiu-se às escuras, sentindo uma confusão tão grande que chegava a ser dor. Ele pensara que sabia o que era, e pensara que o tinha aceite: irremediavelmente maricas, de tal forma que isso era mais uma bênção que um tormento.

E, no entanto, naquela noite, sentira-se excitado pela Little Ann, tanto mais por saber que não havia esperança de satisfazer a excitação. Ele sempre soubera que Little Ann não era esse tipo de rapariga. Sentiu a excitação renovar-se quando recordou, numa imagem nítida e quase táctil, o toque sedoso e húmido da sua pele.

Seria ele um daqueles tarados sexuais de que ouvira falar, que não podiam tocar em ninguém, homem ou mulher, sem ficarem todos excitados?

Mário virou-se, a dormir.

— És tu, Tom? Divertiste-te?

Tommy levantou-se impulsivamente e caiu de joelhos ao lado da cama de Mário. Beijou-o, sentindo o impacte do beijo na medula, num misto de desejo e angústia. Mário bocejou e deu-lhe uma pancadinha no ombro, ensonado.

— Calma, miúdo. Vai dormir.

Tommy meteu-se na sua cama. A dor já não era física. Sentia-se, pura e simplesmente, infeliz. Como sempre, antes de dormir, Mário esticou a mão entre as suas camas e, passado um instante, Tommy apertou-a. Mário sussurrou: — Buona notte- e caiu instantaneamente a dormir.



Meu Deus, pensou Tommy, quão baixo és capaz de descer, Tom Júnior? Sentia ainda toda a tensão da sua infelicidade concentrada no pescoço e na testa. Iria ter uma dor de cabeça na manhã seguinte. Ficou a olhar para a escuridão durante algum tempo, sentindo-se deprimido, até que adormeceu num sono irrequieto e cheio de sonhos.

## *Capítulo XVII*

Foi no início de Agosto que, numa manhã, enquanto estavam a instalar os aparelhos, Tommy viu um atrelado seu conhecido, comprido e pintado de cinzento e cor de laranja, alinhar-se com os outros e ir ocupar o espaço vazio ao lado do de Margot. Estava no topo do aparelho com Buck, verificando o alinhamento dos cabos de segurança com um nível e um prumo, mas quando viu o atrelado sentiu qualquer coisa dar uma cambalhota dentro de si, e teve de fechar os olhos durante alguns instantes, para recuperar o domínio de si próprio.

Angelo chamou-o da base do aparelho, e Tommy lançou-se pela corda abaixo.

— Os teus pais chegaram mesmo agora — disse Angelo. — Viste? Vai lá, que eu acabo isto aqui. Vai dizer olá ao teu pai e à tua mãe.

Tommy passou o nível a Angelo e partiu a correr. O electricista estava a ligar os cabos eléctricos que saíam do camião-gerador aos atrelados e todo o tipo de actividades domésticas transbordavam das portas dos atrelados: mulheres estendiam cordas para secar a roupa e penduravam roupa molhada, crianças andavam de um lado para o outro em motorizadas ou davam de comer aos cães. Tommy entrou de roldão pela porta do atrelado laranja e cinzento. O pai apareceu junto às portas de abrir que dividiam o atrelado a meio e Tommy, esquecendo-se de que já tinha mais de 15 anos, lançou-se contra ele e abraçou-o como se fosse um rapazinho pequeno.

O pai agarrou-o pelos ombros e afastou-o para o poder ver bem. Tom Zane parecia mais velho; os cabelos claros tinham mais brancos, a pálpebra do olho direito estava coberta por uma cicatriz brilhante, e a sobrancelha desaparecera; um vergão cinzento e irregular cortava a pele onde esta estivera. Tommy sentiu apertar-se-lhe a garganta com uma sensação de náusea que não era provocada pela repulsa.

— Já está bem, pai?

— Claro — disse o pai, com a voz insegura. — Como estás, filho? Os Santellis têm-te tratado bem? Houve uma altura em que pensei que não te voltaria a ver.

Tommy disse, sentindo-se sufocar:

— Pai, esse olho está uma miséria. Consegue ver alguma coisa com ele?

— Alguma coisa. Não muito, mas cá me arranjo. O resto sarou tudo às mil maravilhas. E então tu, filho? A tua mãe disse-me que tu, naquela noite, te comportaste como um veterano.

Tommy engoliu em seco.

— Eu pensava que não conseguia, mas depois o Mário deu-me uns safanões e eu acabei por conseguir.

O pai apertou-lhe ligeiramente o ombro.

— Acontece. O importante é que tu continuaste a funcionar.

— Largou-o e disse: — Tenho de ir ver como é que o Cardiff tem tratado os meus bichos. Ainda não posso trabalhar com eles, tenho de fazer mais uns tratamentos ao pulso. Mas posso habituá-los a mim outra vez. — Virou-se para a porta. — A tua mãe foi à tua procura. Eu disse-lhe para ela esperar aqui, que acabarias por aparecer, mas ela foi na mesma, não conseguia esperar. Olha, é ela que ali vem. — No minuto seguinte já Tommy estava nos braços da mãe.

— Oh, Tommy, Tommy... estás tão magro, tão alto! Estás com um ar muito crescido... já não és o meu rapazinho...

Não. Não sou. Quebrara-se o último elo. Este já enfraquecera antes, até ficar em quase nada, mas naquelas últimas semanas, e no meio do turbilhão em que se vira envolvido, ele agarrara-se a uma ilusão: A mãe e o pai vão voltar e eu vou ficar como era; tudo vai ser como dantes. Agora sabia que isso não passara de uma fantasia. Nada voltaria a ser como era dantes. Algumas coisas mantinham-se: o afecto, a admiração, o amor. Sim, e a dor — uma angústia desesperada pelo homem com a terrível cicatriz branca no olho, uma pena que chegava a ser dolorosa pela mulher que chorava e sorria, e o abraçava com tanta força. Mas sabia que um terrível isolamento se estendera entre as duas gerações. O seu lugar já não era ali. Eles

não eram apenas a mãe e o pai, duas pessoas totalmente centradas nele, mas o Tom e a Beth Zane, um casal cujas vidas tinham sido completas antes de ele entrar nelas, e que continuariam a ser completas mesmo depois de ele sair delas.

De novo sob controlo, Beth Zane deu-lhe uma pancadinha meiga e rápida no braço.

É melhor ires buscar as tuas coisas — disse. — Deste-te bem com os Santellis? Eles foram simpáticos contigo?

— Sim, claro — murmurou ele, e foi buscar as suas roupas.

Mário estava na sala da frente do atrelado, a tirar os lençóis das suas camas e a fazer uma trouxa para levar para a lavandaria.

Disse:

— Vou dar uma volta pela cidade antes do espectáculo da tarde. Vou comprar umas botas de cow-boy. Queres vir?

— Acho que não posso. — Foi à gaveta metida na parede, onde tinha guardadas as camisas de pólo e os calções, juntos com os de Mário, e começou a separar os seus. — Os meus pais acabam de chegar e devem querer que eu fique por perto esta tarde.

— Oh, claro — disse Mário. — Provavelmente estão cheios de saudades tuas.

Tommy ergueu os olhos e ficou a olhá-lo, a sua última certeza desfeita. Mário olhou para o rosto pálido do rapaz e disse suavemente:

— Tom, que se passa?

Ele disse, com a boca seca:

— Não tinha pensado que, provavelmente, irias ficar contente por te veres livre de mim.

Mário pousou a trouxa da roupa e levantou-se. Disse:

— Ei, ei, puto — e pôs-lhe uma mão na cabeça, despenteando-lhe o cabelo com meiguice. Era um gesto que fizera muitas vezes quando Tommy era mais novo, mas não ultimamente. — Olha, Lucky, tu sabias que isto ia acontecer, mais cedo ou mais tarde. Vá lá, companheiro, eu ajudo-te a arrumar as tuas coisas.

— Não te incomodes. Já te dei trabalho suficiente.

Mário agarrou-o pelos braços. O desespero espelhado nos olhos de Tommy fez com que falasse brutalmente.

— Olha, ouve-me bem, Tom. Temos tido muitíssimo mais sorte do que seria lícito esperar. Conseguimos enganar o Angelo, mas não vou correr quaisquer riscos a tentar enganar o teu pai e a tua mãe. Temos de passar a ser muitíssimo mais cuidadosos.

Tommy contorceu-se, libertando-se.

— Sim. Tem de ser sempre como tu queres, não é? Quando tu achas que não há problema, quanto tu queres...

— Tom, raios, baixa a voz, estás a ouvir? — Também a voz de Mário soava desesperada, mas Tommy enganou-se totalmente na razão que o fazia falar assim. — É mesmo daquilo que estamos a precisar, que a tua mãe ou o Papa Tony entrem aqui e apanhem este tipo de conversa!

— Neste momento estou-me completamente nas tintas — disse Tommy, sentindo prender-se-lhe a voz mas conseguindo recuperar o seu domínio. — Pronto, pronto, não te vou arranjar problemas.

Vai lá à lavandaria antes que alguém venha à tua procura.

Com os braços cheios de roupa, saiu do atrelado. Mário disse, atrás dele:

— Ei, miúdo, ouve... — mas ele não se virou. Quando foi buscar o segundo carregamento, Mário já lá não estava. Tommy não o voltou a ver antes do espectáculo. Tommy, abotoando o casaco para ir ajudar os homens que seguravam as cordas durante o ballet aéreo, viu-o atravessar o acampamento, muito alto e gingão sobre os saltos das botas de cow-boy, e com uma camisa a condizer com aplicações de madrepérola.

Enquanto estava a preparar os fatos de cena para o número de trapézio na segunda parte do espectáculo, Mário entrou no camião dos equipamentos.

— Já te instalaste?

— Sim, claro — Tommy não se virou para o olhar.

Mário disse em voz baixa:

— Escuta, eu sei que estás aborrecido comigo. Mas houve uma coisa que prometemos um ao outro. Lembras-te?

Aconteça o que acontecer, não vamos permitir que isso volte a interferir com o nosso trabalho. Vamos manter tudo isso fora da

plataforma. Tommy engoliu em seco, olhou para ele e obrigou-se a sorrir.

— Está bem — disse -, não te preocupes. Eu lembro-me muito bem disso.

— És um bom miúdo. — Mário teria dito mais qualquer coisa, mas Angelo entrou tirando os sapatos enlameados.

Então, conseguiste comprar as botas, Matt? — disse, agarrando numa e admirando-a. — Vais participar no Grande Espectáculo do Oeste no ano que vem? Quanto é que pagaste por isto?

Trinta e nove dólares e meio.

Angelo assobiou.

É melhor não dizeres ao Papa Tony! Ele continua a pensar que se pode comprar um bom par de sapatos por cinco dólares!

Enquanto estava ao lado de Mário na plataforma, ouvindo os aplausos que se seguiram ao seu número de pares, Tommy perguntou-se por que razão, afinal, estaria preocupado. Que interessava o resto, enquanto tivessem aquilo?

— Para onde é que estás a olhar? — murmurou Mário asperamente.

— Despacha-te, ragazzo. — Tommy agarrou na barra e lançou-se no ar. Sentia-se outra vez completamente feliz.

Depois do espectáculo da noite, Margot Clane deu uma ceia à meia-noite para dar as boas-vindas, de volta ao circo, aos Zanes. Foi uma festa barulhenta e animada, que durou até às quatro da manhã. Margot preparara sanduíches e bolo, e Jim Lambeth, o maestro da banda e os Santellis, levaram uma grade de cerveja e outra de refrescos. Praticamente toda a gente do circo apareceu. Tommy deu por si monopolizado por Little Ann e pela Ellen Brady, mas teve a noção — como se tivesse olhos na nuca — que, enquanto ele estava ali sentado a comer batatas fritas, a beber gasosas e a conversar com as raparigas, Mário estava a beber cerveja com um grupo de raparigas do espectáculo e que acabara por se sentar numa cadeira com a rapariga nova do ballet aéreo ao seu colo. Ela era parecida com Liss, pensou ele, e a semelhança ainda era mais notória quando estava perto de Mário. Tinha o mesmo cabelo escuro e sedoso afastado das têmporas e ligeiramente

encaracolado, o mesmo tipo de rosto em forma de coração. Liss tivera exactamente aquele aspecto, pequena e frágil, quando recostada nos braços do irmão.

Mais tarde, quando Tommy foi ter com eles, ela disse uma piada e a ilusão desfez-se. A voz de Liss era leve e feminina, um soprano alto mas não agudo, enquanto a voz de Sue-Lynn era rouca e grave. O tipo de voz a que se costuma chamar sensual, pensou Tommy.

— Tommy, este Mário é o único homem que eu conheço que dá um piropo a uma mulher dizendo-lhe que ela é parecida com a irmã dele!

— Ah — disse Tommy -, mas devias ver a irmã dele! — Sentiu-se apaziguado. Ele tem saudades da Liss, é só isso. Mas quando a festa acabou e Tommy se deitou ensonado na sua cama agora pouco familiar, sentia-se zangado, envergonhado por se sentir infeliz e atormentado pela imagem de Sue-Lynn sentada no colo de Mário, as cabeças juntas, a rapariga a beber do seu copo.

Soubera desde o início que a própria natureza da relação deles inviabilizava promessas ou mesmo um carácter de permanência, e agora via o verdadeiro lado espinhoso da questão.

Também não era difícil, depois de ter vivido com os Santellis, que combinavam uma disciplina dura durante as horas de trabalho com uma quase total indiferença ao que fazia fora delas, habituar-se à total indiferença da mãe em relação ao seu trabalho e às restrições que lhe impunha nas suas actividades pessoais.

Estava habituado a ser dono de si próprio quando não estava a trabalhar, e aquilo incomodava-o.

Mas houve uma compensação. Depois de ter tido uma conversa com Angelo, Tom Zane dera a Tommy um jogo de chaves do carro da família e deixava-o conduzi-lo sempre que ele queria.

Os olhos do pai não estavam à altura de muitas horas de condução.

Tommy habituou-se a conduzir com o pesado atrelado atrás, e começou a tolerar as baixas velocidades exigidas para carros com reboque. Às vezes a Little Ann ia com eles no carro nas viagens entre cidades. A mãe dele conhecia a Ann desde que ela era um

bebé, e aceitou-a imediatamente como sendo a namorada de Tommy; por vezes referia-se-lhe assim, e Tommy começou a tomar aquilo como certo. Entre os espectáculos ele e Ann iam fazer juntos as compras para as respectivas famílias. Nas cidades que ficavam perto dos grandes centros urbanos, onde os palhaços e os grandes números que utilizavam técnicas mais teatrais refaziam os seus fornecimentos de materiais de maquilhagem e pequenos adereços descartáveis, tanto Tommy como Ann, ambos experientes nas questões do guarda-roupa, eram muitas vezes encarregues de ir fazer compras aos armazéns fornecedores dos teatros. Na maior parte dos domingos desse mês de Agosto, durante a folga dominical, ele levava-a ao cinema, mas apesar de lhe pegar na mão e gostar de passar o braço por cima dos ombros firmes e nus, aquela terrível tensão nunca mais se manifestara.

Dava-lhe um beijo de boas-noites à porta do atrelado, e sentia apenas afecto e boa vontade.

O Circo Lambeth acabou a sua digressão através do Arkansas e começou a sua viagem de regresso através do Louisiana e do Texas. Little Ann fez 16 anos e Ellen Brady 15 durante a segunda semana de Agosto, e Beth Zane ofereceu-lhes uma festa de aniversário conjunta. Acabou por ser uma festa muito infantil, com os filhos dos artistas, incluindo os que não tinham mais que três anos, mas Tommy divertiu-se na mesma.

Antes do espectáculo da noite, sentaram-se nos degraus do atrelado a acabar o bolo.

— A minha mãe disse-me que para o ano posso dar uma festa de anos como as dos adultos — disse Little Ann. — Queres ser o meu par, Tommy?

— Nem sequer sei se para o ano ainda estaremos no Lambeth.

— Passo a vida a esquecer-me que tu agora pertences aos Santellis — disse Little Ann. — A minha mãe provavelmente vai ficar com o Lambeth, mas disse que quando eu tiver dezoito anos posso tentar ir para um circo maior. No entanto ela preferia que eu continuasse aqui. Ela diz que os circos maiores são muito duros para uma rapariga sozinha.



— Acho que ela tem razão — disse Tommy lembrando-se de Stella.

— Mas o que eu gostava mesmo de fazer era de dançar em filmes, mas acho que deve haver para aí umas dez mil coristas com a mesma ideia — confidenciou-lhe Little Ann. — Acho que estou melhor assim. — Ann acabou de comer o bolo e lançou as migalhas a um cão que andava a cheirar, esfomeado, em volta do acampamento. — Vamos limpar isto tudo à tia Beth antes de nos vestirmos para o espectáculo da noite... Ei, o que é que se passa ali?

Um pequeno grupo de homens e mulheres estava reunido em torno da porta do atrelado dos Santellis; o rádio, lá dentro, tinha o som no máximo. Ann e Tommy correram para o atrelado e Ann perguntou a Angelo, que estava um pouco afastado dos outros:

— Que é? Que se passa?

— Chiu — disse ele num tom imperativo. — Acho que a guerra acabou, ou coisa assim...

— Ainda não — disse Tom Zane, descendo os degraus do atrelado -, mas acabaram de lançar uma espécie de superbomba no Japão. Uma bomba atómica, ou lá o que é, suficientemente grande para destruir uma ilha inteira ou coisa que o valha.

— É bem feito — disse um dos homens do grupo.

— Não diga isso — implorou uma das mulheres. — O meu filho está num campo de prisioneiros japoneses! Se eles o bombardeiam...

Papa Tony saiu do atrelado, abanando a cabeça. Disse:

— É uma coisa terrível. Escutem, é o sinal para o espectáculo.

Tenho de desligar o rádio e ir fazer o espectáculo da noite, com guerra ou sem ela. — Foi-se embora na direcção do camião dos equipamentos; os outros deixaram-se ficar mais um pouco. Mário veio ter com Tommy e Little Ann.

— Feliz aniversário, Ann. A festa foi boa?

— Óptima. A tia Beth fez um bolo lindo e recebi presentes muito bonitos. Como é que sabias que eu gostava daquele sabonete de alfazema inglês?

— Perguntei à Margot, claro, o que é que achas? — Mas parecia distante e deprimido.

— Mário, que se passa?

— É pena isto ter acontecido no teu aniversário... a bomba e isso. Tenho a sensação de que esta vai ser uma daquelas datas de que ninguém se vai esquecer, como a do Dia do Armistício.

— Só por causa de uma bomba qualquer em cima dos japoneses? — disse Little Ann. — Ora, deixa-te disso!

— Isto não é "uma bomba qualquer", Little Ann. Lançaram uma bomba sobre uma cidade japonesa, Nagasáqui, e a cidade inteira foi engolida pelas chamas. Só uma bomba, e pensa-se que matou um milhão de pessoas. É mais gente do que a que viu o Circo Lambeth desde que se fez à estrada, há quinze anos.

E lançaram mais uma bomba noutra cidade, Hiroxima, acho eu, e mais cerca de um milhão de pessoas morreu. Só com duas bombas. Consegues imaginar uma coisa assim?

— Bem, eles bombardearam-nos a nós. Em Pearl Harbor.

— Sim, mas estas duas bombas mataram mais gente do que todos os nossos exércitos juntos. Homens, mulheres, crianças e velhos, toda a gente. Não ficou nada dessas cidades. Nada, só um buraco queimado no chão.

Enquanto Mário e Tommy se dirigiam ao camião dos equipamentos, Tommy perguntou:

— Achas que isto vai ser o fim da guerra?

Tem de ser — disse ele e ficou de novo em silêncio.

Quando estavam mesmo a entrar no camião dos equipamentos, acrescentou: — Não fales na guerra ao Papa Tony, está bem?

A atitude dele é do tipo "As guerras vão e vêm, mas nós temos um espectáculo para fazer." Percebes?

— Certo — disse Tommy antes de subir os degraus e começar a vestir as calças de ginástica.

Mais tarde, no acampamento, Jim Lambeth veio ter com eles.

— Ouviram as notícias? Acerca da bomba?

— E quem é que podia deixar de as ouvir? — respondeu Mário.

— O que é que acham?

Mas a Mário não lhe apetecia dar-lhe troco. Disse apenas:

— Bem, se a guerra acabar já, talvez consigamos arranjar pneus novos para o camião esta temporada.

— Sim — disse Lambeth -, e alguém para trabalhar com os aparelhos e operários que não sejam ou adolescentes ou velhos bêbados!

Mário ficou a vê-lo ir-se embora, com o rosto fechado e inexpressivo. Tommy, com as palavras que Mário dissera sobre o bombardeamento ainda a ecoarem-lhe na cabeça, sentiu-se subitamente atingido por toda a horrível realidade da guerra. Antes daquilo isso fora algo de distante, algo que significava senhas de racionamento, ausência de doces nas lojas e muita conversa sobre a gasolina para os carros.

— Mário — disse passados uns minutos -, o bombardeamento matou mesmo dois milhões de pessoas?

Com o rosto virado para o outro lado, Mário respondeu:

— Parece-me bem que não foi lá ninguém contar cabeças.

Anda, temos um espectáculo para fazer.

Nessa noite — e uns dias mais tarde o Japão rendeu-se -, Tommy continuou a pensar, Isto deveria ter mais algum significado.

Mas em geral, nos bastidores do Lambeth, a maioria dos artistas reagiu da mesma maneira que o próprio Lambeth: filhos, irmãos e pais voltariam para casa, pneus novos voltavam a ser uma possibilidade ainda que remota, e os concessionários dos quiosques voltavam a falar com esperança acerca do fim do racionamento do açúcar. Mário não voltou a falar do assunto, mas Tommy gostaria que ele o fizesse; sentia que gostaria de discutir aquela questão. Mas Mário afastara-se de novo. Ele e Tommy viam-se duas vezes por dia durante o espectáculo e trabalhavam lado a lado nos aparelhos, mas Mário parecia que estava do outro lado do mundo.

Uma manhã, quando estavam a preparar-se para o treino, Sue-Lynn Farris, que estava a fazer exercícios de flexibilidade com Margot, perto da rede, parou e correu na direcção de Mário, olhando-o com excitação e falando muito depressa. Tommy não conseguia ouvir o que ela dizia, mas Mário sorria de bom humor e abanava a cabeça.

— Vá lá, Matt, não sejas mau!

— Sue-Lynn, tu própria disseste que não subias ao trapézio voador há seis meses. Não é possível, é só isso. — Deu-lhe uma

pancadinha amigável no braço e afastou-se.

Enquanto subia a corda, Tommy perguntou:

— O que é que ela queria?

— O que é que achas? Oh, raios — disse Mário olhando para trás. Sue-Lynn subia atrás deles. Pousou na plataforma com um sorriso malandro.

— Eu disse-te que não ia aceitar um não como resposta!

— Olha, Sue-Lynn, queres-me arranjar problemas com o Papa Tony?

A rapariga limitou-se a rir.

— Vá lá, rezingão. Eu aprendi a balouçar-me no trapézio quando tinha dez anos. Deixa-me tentar só uma vez.

— Parece-me que é a única forma de nos vermos livres dela — disse Mário, resignado. — Passa-lhe a barra, Tommy.

Amuado, Tommy soltou a barra do gancho e passou-lha. Era a primeira vez que via Mário ceder tratando-se de uma questão de competência profissional.

— Ela tem muita lata! — resmungou, mas Mário estava a observá-la lançar-se no trapézio, os olhos semicerrados, enquanto ela colocava a barra por trás da cintura.

— Bons músculos. Fora de forma, claro, e não tem um estilo lá muito bom.

Sue-Lynn saltou de novo para a plataforma, deixando o trapézio nas mãos de Tommy.

— Eu bem te disse — disse ela, rindo-se.

Sim, não está mal. Oh, oh, vamos ter problemas! — murmurou Mário quando Papa Tony chegou à base do aparelho, obviamente furioso. Deu um grito em italiano a Mário, parou para respirar e gritou de novo:

— Desçam daí. Todos!

Mário fez um gesto exagerado a Sue-Lynn.

— Primeiro as senhoras.

Passaram-se bem cinco minutos antes que Papa Tony interrompesse a torrente de insultos para poder respirar. Uma das mais importantes regras dos Santellis era que nenhum estranho subia ao trapézio voador sem a sua autorização pessoal.

Sue-Lynn disse timidamente:

— A culpa foi minha, senhor Santelli. O Matt disse-me que eu não podia subir e eu subi na mesma. Mas, honestamente, eu sei o que faço lá em cima. O meu pai é o Pete Challobner...

— Nunca ouvi falar nele — disse o Papa Tony numa voz fria como gelo. — Agora, jovem senhora, se nos quiser dar licença, eu e a minha equipa estamos num treino.

Angelo chegara a tempo de ouvir o fim da tirada. Deu uma pancadinha nas costas de Mário.

— Vá lá, Matt, devias ter o juízo suficiente para não lebares a tua namorada para o trapézio! Pelo menos sem teres pedido autorização ao Papa Tony!

— Eu não a levei — protestou Mário.

Papa Tony, olhando pensativamente para Sue-Lynn, que se afastava, disse lentamente:

— Bem, Matty, acho que é justo. Afinal de contas eu deixei o Angelo ensinar a Teresa a voar. Só que para a próxima vez pede-me primeiro, e não depois.

Noutra manhã em que não houve treino, Mário, vestindo umas calças de ganga e a camisola preta de gola alta que usava quando ia para a escola de ballet, acompanhado por Sue-Lynn, que vestia uma saia espampanante, parou no atrelado dos Zanes.

— Não me disseste uma vez que tinhas ido patinar com a Little Ann? A Sue-Lynn diz que há um grande ringue nesta cidade, e ela é um génio com os patins. E eu também não sou mau. Porque é que não vais buscar a Little Ann e vamos todos juntos?

Perante o sorriso caloroso e expectante estampado no rosto de Mário, Tommy sentiu, sem realmente o saber, porque é que Mário tinha arranjado aquela saída a quatro; sentiu-se simultaneamente satisfeito e exasperado. As raparigas sentaram-se as duas no banco de trás do carro. Mais tarde ficou de pé à beira do ringue com Mário, observando as duas raparigas baixarem-se para apertar os patins, caracóis louros e trança preta lado a lado. Agora que conhecia melhor a Sue-Lynn, já não a achava tão parecida com Liss, a não ser quando, como agora, só lhe via a trança preta e a curva graciosa da cintura vista por trás. Little Ann dissera-lhe que ela já fora casada e

estava divorciada. A seu lado Little Ann parecia quase acriançada, com o cabelo platinado muito frisado e o rosto sardento de nariz arrebitado, muito redondo e abebezado. Sue-Lynn chamava-lhe "Doçura" e "Bebé". A distância entre Sue-Lynn e Little Ann parecia fazer aumentar a distância existente entre si e Mário, a ponto de não serem um grupo de quatro, mas dois casais com muito pouco em comum, girando ruidosamente em volta do ringue.

Little Ann era uma boa patinadora; giravam e entrecruzavam-se com facilidade, fazendo as curvas muito depressa, curvando-se e deslizando como duas andorinhas. Tommy observou Mário agarrando as mãos cruzadas de Sue-Lynn, inclinando-se para ela enquanto metiam e tiravam os patins de entre os pés um do outro, girando para o centro do ringue e desenhando uma figura complicada.

— Exibicionismo — disse Little Ann. — Já no ballet aéreo é a mesma coisa. Tem de estar sempre no centro das atenções.

Mário, pensou Tommy, não estava a fazer nada para o evitar.

Little Ann voltou a olhá-lo de relance e disse:

— O Mário é bom com os patins, não é? Ele é bailarino?

— Sim, acho que sim. Ensina bailado numa escola, durante o Inverno.

— Eu já calculava. Pela forma como movimenta as mãos.

Eu às vezes também vou a uma escola de ballet durante o Inverno.

É uma boa maneira de me manter em forma.

Os quatro encontraram-se face a face num dos cantos e Mário estendeu as mãos a Little Ann.

— Trocamos os parceiros? — Espantada e corando, Little Ann agarrou-lhe nas mãos e acompanhou-o, com um ar meio atrapalhado e muito jovem, ao pé da graciosidade de Mário. Tommy, sentindo-se igualmente pouco à-vontade e demasiado novo, deu por si sozinho com uma Sue-Lynn educada mas entediada, girando uma e outra vez à volta do ringue, em silêncio. Chegou a casa irritado, desejoso de uma boa briga, sentindo-se completamente gelado enquanto Mário se afastava com Sue-Lynn. No interior do seu atrelado, a mãe estava sentada numa cadeira da cozinha a

remendar-lhe os pés das calças de ginástica. Tommy sentiu toda a tensão acumulada transbordar.

— Mãe, por amor de Deus, eu sei cuidar dos meus fatos de cena, se não se importa! — Quase que lhe arrancou as calças das mãos, mas a sua expressão magoada e cheia de espanto fizeram-no parar.

— Ora, Tom Júnior — disse ela pestanejando, sobressaltada, e ele viu que a tinha magoado.

— Desculpe, mamã. Acho que me habituei a fazer o meu próprio trabalho. Já tem suficiente que fazer sem ter de cuidar de um matulão como eu.

— Ora, Tommy, para que é que tu achas que servem as mães?

— Eu sei, mas já sou crescido — disse ele. — Aprendi a tomar conta das minhas coisas no Inverno passado.

— Que se passa contigo? Não te divertiste a andar de patins?

A namorada do Mário é muito simpática. Vão fazer um lindo casalinho. Ovi dizer que ela também é trapezista. É uma dos Challoners. O teu pai e eu trabalhámos uma temporada com os Challoners; foi no ano antes de tu nasceres, antes de nos juntarmos ao Lambeth. A Sue-Lynn nessa altura ainda era pequena.

Ergueu as calças para que ele aprovasse o seu trabalho.

— Ora aí está, já deve servir. Até que te cases com a Little Ann e ela trate de te remendar e passajar a roupa, vais ter de te contentar com a tua mãe.

— Santo Deus — gritou-lhe Tommy, ficando vermelho -, vou patinar com uma rapariga e já me quer casar com ela! Deixe-me em paz, está bem?

Ela sorriu, brincando com ele.

— Bem, precisas mesmo que alguém trate da tua roupa. Está tudo uma desgraça. Qualquer um pode ver que és tu quem tem tratado da tua roupa. — Tommy, que aprendera a coser, passajar e reparar roupas com grande competência quando trabalhava com a Ma Leighty no guarda-roupa, sentiu-se chocado e desapontado com aquela observação. Não era ainda suficientemente crescido para perceber o orgulho feminino que lhe estava subjacente.

— O que é que lhe deu, mãe? Pôs-me a trabalhar com a Ma Leighty no guarda-roupa ainda antes de eu saber ler!

— Isso é diferente — disse Beth Zane incompreensivelmente.

— Não gosto nada de ver um homem a coser, é só isso.

De alguma forma isso não me parece uma coisa masculina.

— Isso é uma cambada de disparates! — explodiu Tommy, gritando-lhe, enquanto ela ficava sentada a olhá-lo, as faces ficando vermelhas, afogueadas pela ira.

— Como te atreves a falar-me dessa maneira? É isso o que tens aprendido com os Santellis?

Tommy abriu a boca e engoliu em seco. Conseguia imaginar o que Papa Tony diria se alguém se atrevesse a falar com Lúcia daquela maneira. Curvou a cabeça e balbuciou:

— Desculpe, mamã — mordendo o lábio para se impedir de dar largas a todo o seu ressentimento e raiva. Apercebeu-se vagamente de que, de qualquer maneira, não era com a mãe que ele estava zangado. Disse: — Dava tudo por tudo para poder viver sozinho! — e saiu do atrelado batendo com a porta.



## *Capítulo XVIII*

Quase que teria sido melhor, pensou Tommy, se Mário o evitasse deliberadamente. Aí eu ficava a saber. Mas passavam juntos tanto tempo como sempre tinham passado — continuamente, casualmente — e isso quase que tornava tudo pior. Tommy sentia-se perturbado por ansiedades indefinidas, era assaltado por fantasias perturbantes, pela vergonha que Mário tentara evitar a todo o custo. Sabia que a tensão que estava a acumular acabaria inevitavelmente por explodir e, como que atordoado, deixava-se embalar por aquele estado de espírito sem saber o que fazer para lhe pôr fim.

Numa manhã de Setembro, Margot convocou um ensaio do ballet aéreo e Tommy compareceu com os outros homens que trabalhavam com as cordas naquele número. Depois do ensaio, ele e Little Ann foram juntos até ao atrelado dela para beber um café.

— Açúcar?

— Não, obrigado, desabituei-me de usar açúcar durante o racionamento. Mas se houver leite aceito.

— Está azedo.

— Bhh. Então prefiro bebê-lo simples.

— Eu gosto. — Little Ann inclinou a lata de metal aberta sobre a sua chávena de café. — Sabe a natas.

— A mim não me sabe a nada — disse Tommy. — De que é que tu e a Christa se estavam a rir?

— Prometes não contar a ninguém?

— Isso são coisas de raparigas. E a quem é que eu ia contar?

E para quê?

Little Ann olhou cuidadosamente em volta para se assegurar de que ninguém a podia ouvir. Estava vestida com um fato de treino cor-de-rosa aos quadrados e tinha o cabelo apanhado e coberto por um lenço. Um ou dois caracolinhos estavam de fora, presos com rolos. Ele perguntou-se por que razão as raparigas faziam aquilo ao

cabelo. Ultimamente nunca via o cabelo de Little Ann senão com rolos, a não ser durante os espectáculos.

— A minha mãe dava-lhe uma coisa se soubesse que eu as ouvi falar daquela maneira. Sabes que há quem diga que o Mário é maricas? Sabes o que isso é, não sabes?

Tommy sentiu o já familiar nó apertar-se-lhe no peito.

— Claro. E depois?

— Bem, a Sue-Lynn Farris disse que sabia muito bem que isso não era verdade, e a Christa perguntou-lhe como é que ela sabia, e... bem, a Sue-Lynn disse-lhe. Disse-lhe assim, directamente.

— Little Ann estava corada, e deu uma risadinha, pouco à vontade. — Pensei que me ia enfiar pelo chão dentro, a sério!

Nunca tinha ouvido uma rapariga dizer aquelas palavras. Os rapazes, já tinha ouvido, às vezes, mas não à frente de mulheres.

Eu pensava que uma rapariga séria preferia morrer a dizer uma coisa assim, daquela maneira, à frente de outras pessoas.

O aperto de mal-estar no seu peito transformara-se num nó gelado, mas a capacidade que adquirira de se controlar não o abandonou.

— Ora, isso já eu poderia ter dito a essas tuas amiguinhas com cabeças sujas. O Mário não é mais maricas que eu.

— Há muita gente que diz que ele é.

— Quando as pessoas não têm nada para dizer, inventam — disse Tommy friamente.

— Achas que o Mário e a Sue-Lynn se vão casar? Ela ia encaixar-se perfeitamente nos Santellis Voadores, não ia? Morena, como ela é, toda a gente ia pensar que era da família, não achas?

E fazem um casal lindíssimo.

— As raparigas, sempre a bisbilhotar, enojam-me — explodiu Tommy. — É só nisso que sabem pensar. Quem está apaixonado por quem e quem se vai casar com quem? Metem-me nojo! — Levantou-se e foi-se embora.

Ofendida, Little Ann disse nas suas costas:

— Ora essa, tu perguntaste-me — mas ele não lhe prestou atenção.

Ao vestir-se para o espectáculo da tarde, Tommy só tinha aquilo na cabeça, sentindo o nó gelado no peito.

Mantém isso fora da plataforma. Aconteça o que acontecer.

Isto é trabalho. Por muito que briguemos por causa de outras coisas, não deixes que isso afecte o trabalho.

Mário estava atrasado. Angelo estava a pentear-se, e o ar estava empestado pelo cheiro a cravinho-da-índia do creme para o cabelo. Papa Tony estava a fazer paciências em cima de um tabuleiro equilibrado no colo, a cabeça ligeiramente de lado, a ouvir a banda, seguindo a sequência do espectáculo.

Já estavam todos prontos quando Mário chegou e se começou a despir.

Papa Tony disse em tom glacial:

— Buona será, Signor Mário. Vais-nos dar o privilégio da tua presença no espectáculo da tarde?

— Tenho muito tempo — disse Mário alegremente, enfiando as calças de ginástica. Tommy estava sentado numa cadeira desdobrável, a limar uma unha. Cerrou os punhos, sentindo o bico da unha cravar-se dolorosamente na palma da mão. Conseguia ver, pelo canto do olho, o corpo elegante e perfeito de Mário. Ficava fisicamente doente quando pensava em Sue-Lynn a babar-se toda no corpo de Mário.

— Hoje estás muito calado, Lucky — disse Mário estendendo-lhe a protecção de cabedal que usava no pulso. — Toma, ata-me isto, está bem?

— Claro. — Tommy viu que conseguia controlar perfeitamente a voz. Enquanto atava os cordões perguntou: — Vais tentar o triplo hoje?

— Parece-me que sim. — Mário viu se as protecções dos pulsos estavam bem apertadas. — Obrigado. — Virou-se, remexendo na bainha da capa. — Esqueceste-te de escovar esta, Tommy. Que é isto na bainha, estrume de cavalo? — Franziu o nariz com um ar enjoado.

— Arrastaste-a na pista quando saíste. Sabes tão bem como eu por onde os cavalos passam quando entram na pista.

— Bem, é tua obrigação limpar esta porcaria.

— Se a vais arrastar pela trampa dos cavalos, podes limpá-la tu! — explodiu Tommy. — Eu não sou nenhum rapaz de pista para andar a limpar as tuas porcarias!

— Basta, vocês os dois! — Angelo virou-se, o rosto tenso.

Não podem entrar em pista assim. Toma! — Atirou uma escova a Tommy. — Seja o que for, limpa essa porcaria!

Furioso, Tommy curvou-se e escovou a nódoa seca. Quando Angelo e Papa Tony saíram, Mário curvou-se e tirou-lhe a escova.

— Dá cá — disse ele. — Desculpa. Eu devia ter tido mais cuidado. Eu depois limpo isso, está bem? Vira-te.

Tommy virou-se enquanto Mário lhe punha a pesada capa sobre os ombros. As suas preocupações pessoais esvaíram-se enquanto ele lhe arranjava o laço no pescoço. Já aprendera a descontrair-se e a gozar o barulho da multidão enquanto atravessavam a pista. Um sopro de vento e poeira afastou a corda, e Papa Tony virou-se e disse:

— O vento está demasiado forte, Matt. Não faças o triplo. Acaba com um duplo e meio.

Mário abriu a boca para protestar, mas depois encolheu os ombros.

— Sim, senhor. — Mas deu a Tommy uma pequena piscadela de olhos quando chegaram à plataforma.

— Não é o vento que está demasiado forte — murmurou -, eu é que estou muito excitado.

Depois de cada espectáculo, enquanto se vestiam no camião dos equipamentos, Papa Tony chamava sempre a atenção para quaisquer falhas que tivesse notado. Naquele dia disse:

— Tommy, quando o Matt está a voar, mantém-te atento!

O público está a olhar para ele, é verdade, e não deves fazer nada que os distraia dele, mas não és invisível! Não podes ficar ali e deixar que os ombros te descaiam e começar a sonhar não se sabe com o quê!

Tommy aceitou humildemente a crítica e continuou a pendurar os fatos. Os outros foram-se embora, mas ele ficou para trás,

estendendo a capa de Mário e atacando a nódoa renitente com um limpa-nódoas.

Viu pelo espelho que Mário voltava a entrar no camião.

— Não devias usar isso com a porta fechada, Tommy, isso é tóxico. Lê o que diz na etiqueta: Usar em espaços bem ventilados.

— Não usei muito. — Tommy não ergueu o olhar enquanto dobrava a capa e a punha no seu lugar. Mário voltou a fechar a porta, depois veio até ele e pôs-lhe as mãos nos ombros, virando-o com suavidade. Apesar da sensação familiar de excitação e antecipação que sentiu, Tommy empurrou-o.

Que se passa, Lucky? Queria falar contigo.

Bem, eu não quero — disse Tommy. — Poupa a conversa para a Sue-Lynn. Não me deves explicações.

Mário riu-se sem fazer barulho.

— Meu Deus, a rapariga não perdeu tempo, pois não?

— É ou não é verdade?

— O que é que é verdade? Claro que fui para a cama com ela, ela não me larga! — Mário parecia estar imensamente divertido.

— Quer dizer que foste deliberadamente... — faltavam-lhe as palavras. — Foste deliberadamente...

— Claro que fui deliberadamente — disse Mário imitando-o, ainda a rir-se. — Achei que podia ter a certeza de que ela espalharia isso pelo acampamento todo antes do espectáculo da tarde.

Foi a fulana mais fácil de levar para a cama de toda a minha vida.

— Pela história que ouvi, vocês estão praticamente noivos.

Mário riu-se.

— Disparate. A Sue-Lynn só quer que as pessoas saibam que deu uma voltinha com a estrela do trapézio voador.

— Mas como é que pudeste.:. — Amargamente confuso, Tommy calou-se.

— Ouve, miúdo — disse Mário, a expressão ensombrando-se -, não sei onde é que foste buscar a ideia de que tenho de te prestar contas de tudo o que faço.

Tommy agarrou na cadeira desmontável e começou a dobrá-la.

Disse:

— Se não consegues perceber onde fui buscar essa ideia, então é porque não és muito esperto.

— Parece-me bem que tu é que não és muito esperto. Raios, miúdo, já tens idade suficiente para usar a cabeça neste tipo de situação. Só nos faltava que os teus pais, e já te avisei acerca disso um monte de vezes, oiçam algumas dessas conversas... bem, o que a Little Ann te disse que tinha ouvido dizer a meu respeito. E tu sabes e eu sei, o que é que lhe disseram. A Susan não é má pessoa; é boa rapariga, um bocado estúpida...

— Como eu — disse Tommy, deixando transparecer toda a sua amargura.

— Oh, meu Deus, Lucky... — Mário calou-se. Tentando ser paciente, disse: — Mais do que qualquer outra coisa, ela fala demais. Só o que nos faltava era que o teu pai e a tua mãe ouvissem esse tipo de conversa e começassem a pensar nisso.

Na pior das hipóteses o teu pai metia-me na cadeia, se não me desse de comer aos leões primeiro, e punha-te a ti num reformatório.

Na melhor das hipóteses, na melhor das melhores, fazia com que me despedissem, e podes ter a certeza absoluta que nunca voltarias a voar com os Santellis Voadores. É isso o que tu queres? Vá lá — persuadiu-o -, deixa de te comportar como um miudinho idiota. Agora a rapariga já tem mais qualquer coisa para contar, e talvez o outro tipo de bisbilhotice defina e acabe por morrer definitivamente.

Tommy disse, empertigado:

— Sim. Já tinha dado por isso, tu és um indivíduo nobre e cheio de capacidade de auto-sacrifício.

— Ouve! — O rosto de Mário congestionara-se numa ira súbita. — Para usar as tuas próprias palavras, se eu quiser sair com uma rapariga, ou estar na marmelada com ela, ou levá-la para a cama, podes ter a certeza de que não me vou pôr de joelhos e pedir-te autorização!

— Podes foder o circo inteiro se quiseres, incluindo os camelos! Não quero saber disso para nada!

— Cuidado com a língua — disse Mário numa voz baixa e zangada. — Esse tipo de conversa não te leva a nada a não ser a uma boca cheia de dentes partidos!

— Cuida da porcaria dos botões da tua braguilha e deixa que eu cuide da minha linguagem — rosnou-lhe Tommy, fora de si de humilhação e raiva. Mário ergueu a mão fazendo menção de lhe dar um estalo; Tommy empunhou a cadeira desmontável.

Mário agarrou-a e, depois de uma luta breve mas acesa, conseguiu tirar-lha. Segurou-a atrás das costas.

— Muito bem, Tom — disse baixinho -, talvez eu tenha de aceitar esse tipo de reacção da tua parte. Acho que tens esse direito. Mas se apanhas o hábito de falar assim, um dia destes ainda dizes uma coisa desse tipo à frente do Angelo ou do teu pai. E quando isso acontecer, não venhas ter comigo a chorar para eu te encontrar os dentes. — Parou, engoliu em seco e pousou a cadeira. — Escuta, tu estavas um bocado esquisito antes do espectáculo, por isso vim ver se havia alguma coisa... mas tudo bem, se queres assim, muito bem. Mas não fiques à espera que eu venha ter contigo e te volte a pedir desculpa! Para a próxima hás-de ser tu quem vem ter comigo! E de joelhos!

— De joelhos uma gaita! — gritou-lhe Tommy. — Podes beijar-me o cu.

Mário ripostou, com um sorriso malandro:

— Não sem que antes me peças desculpa.

— Seu nojento... — Tommy lançou-se sobre ele. Mário desviou-se, agarrou-o pelos ombros e manteve-o afastado. Tommy rasteirou-o, apanhou-o desequilibrado e caíram juntos no chão.

Já verdadeiramente zangado, Mário agarrou numa mão-cheia do cabelo de Tommy e empurrou-lhe a cara contra o chão do camião dos equipamentos.

— Se queres a boca cheia de porcaria, raios me partam se não ta vou encher! E não como gostarias que eu ta enchesse!

Tommy conseguiu soltar-se.

— Vou fazer-te comer pó por causa disso, seu filho da mãe! — Rolaram juntos, pontapeando-se e esmurrando-se, rolando na

direcção da porta do atrelado.

A porta abriu-se de repente e a silhueta de Angelo apareceu subitamente, recortada contra a luz do sol do fim da tarde.

— Nossa Senhora — ofegou -, que é que se passa com vocês os dois? Conseguia ouvir os vossos gritos do outro lado do acampamento!

Mário largou Tommy imediatamente e disse:

— Estava só a dar-lhe uns sopapos... ele respondeu-me torto.

Tommy disse simultaneamente:

— Eu provoquei-o e ele estava a obrigar-me a pedir desculpa, foi só isso. — Ouviu-se a si próprio e ficou chocado com o instinto que os fazia saltar em defesa um do outro.

— Levantem-se. — Angelo espicçou Mário com o pé e agarrou Tommy pela gola da camisa. — A dar uma sova a um miúdo, Matt!?

Tommy conseguiu libertar-se.

— Ele não me estava a dar uma sova — protestou. — Eu arrei-me em esperto com ele e ele disse-me para eu não me meter na vida dele.

— Pois! — grunhiu Angelo cheio de cepticismo e irritação. — Vocês os dois. Ou aos beijos ou aos coices. Gémeos siameses num minuto, cão e gato no minuto seguinte, são piores que um par de bichas lá da tua escola de ballet! — Mas disse aquilo sem convicção, sem lhe dar significado, e Tommy conseguiu respirar de novo. — Quando deixámos o Johnny, pensei que se tinha acabado este tipo de coisas. Muito bem, seus fedelhos. Apertem as mãos e façam as pazes. Se se vão comportar como miúdos pequenos, então é assim que eu vos vou tratar. Deviam ter vergonha — resmungou -, andar à porrada na vossa idade!

Envergonhado, Mário estendeu a mão.

— Eu não devia ter dito aquilo, Tom. Tudo bem?

Tommy disse, igualmente rígido:

— Eu devia ter-me metido na minha vida, como tu disseste.

Angelo observava-os, de cenho franzido.

— Malditos putos — disse. — Pronto, Tom, acaba o teu trabalho e pira-te. Matt, a tua namorada está à tua espera ao pé do quiosque dos comes e bebes.



Mas ficou de pé, à porta do camião, vendo-os afastarem-se em direcções opostas, franzindo ainda um pouco o sobrolho.

O calor abrasador do Texas foi substituído pelos ventos secos do Oklahoma. A temporada arrastava-se nas suas últimas semanas.

Numa noite do princípio de Setembro, estava demasiado quente para ir para os atrelados. O dia seguinte ia ser um domingo de folga e a rotina da desmontagem do acampamento ainda não tinha começado. Tommy e Mário, juntando-se preguiçosamente aos vadios que cirandavam os quiosques, gozando o ar fresco da tarde e bebendo laranjadas geladas, meteram conversa com duas raparigas que os reconheceram do número de trapézio voador.

Calculou que elas deviam ter cerca de 18 anos; eram raparigas bonitas, com um ar fútil. Tinham os cabelos demasiado frisados a emoldurar-lhes, em carapinha, os rostos igualmente magros e pálidos e usavam vestidos muito justos para os seus corpos roliços.

Os olhos eram irrequietos e calculistas.

Não era de forma nenhuma pouco vulgar que admiradores viessem ter com eles depois dos espectáculos, fazendo perguntas por vezes disparatadas, outras vezes inteligentes, tentando travar conhecimento com os artistas. Frequentemente eram raparigas, com rostos tímidos ou ousados, às vezes com um irmão ou um acompanhante vagamente hostil, que se mantinha por perto numa atitude vigilante. Tommy aprendera a falar com elas amigavelmente sem hostilizar os homens que as acompanhavam.

Aquele par parecia um pouco mais pateta do que era habitual.

Espantado, viu que Mário estava a pôr em acção todo o seu encanto em benefício da mais velha das duas. Ajustando o seu comportamento ao de Mário (as coisas tinham sido mais ou menos remediadas entre eles; não tinham a anterior intimidade, mas pelo menos já falavam de novo um com o outro), Tommy respondia às perguntas patetas da rapariga e contra-atacava com comentários descontraídos. Até que, para sua surpresa, Mário lhe tocou no ombro e disse:

— Que é que achas, Tom? Vamos buscar o carro e vamos até à cidade. Apetecia-me uma sanduíche e uma cerveja, e a ti?

— Tenho de avisar os meus pais.

Disse à mãe que iam até à cidade com umas miúdas que tinham conhecido; ela ouviu-o sem lhe dar atenção enquanto ele vestia um casaco e punha uma gravata. Mário já estava junto ao portão com o carro dos Santellis. Tommy sentou-se atrás com uma das raparigas, enquanto que a outra se sentava à frente encostada a Mário, fazendo um comentário idiota acerca dos motoristas que conduziam só com uma das mãos.

— Como é que te chamas? — perguntou Tommy.

— Priscilla. A minha irmã chama-se Helen. — Não disse qual era o seu apelido nem lhe perguntou o seu. Chegou-se a ele e passou-lhe o braço pela cintura. — Vá lá, vamos fazer-nos amigos.

A rapariga sentada ao lado de Mário dava-lhe indicações acerca do caminho. Passado algum tempo encostaram o carro junto a um bar de aspecto encardido com uma luz de néon cor de laranja que acendia e apagava a palavra cerveja. Tommy sentiu-se ligeiramente desconfortável, recordando a última vez que entrara num bar, mas como se respondesse a uma pergunta de Mário, a rapariga que estava a seu lado disse:

— Não faz mal, eles conhecem-nos aqui, nunca fazem perguntas — e entraram.

O interior do bar era barulhento e não muito limpo. Sentaram-se num compartimento com assentos de oleado e comeram hamburgers e beberam cerveja. Tommy bebeu a sua cerveja, não gostando do paladar, e tentou responder às perguntas que a rapariga lhe fazia. Priscilla, segundo esta lhe disse, tinha 18 anos; ela e a irmã trabalhavam numa fábrica, e o pai não as deixava sair com rapazes.

— Mas nós divertimo-nos, podes ter a certeza — disse entre duas risadinhas. — Nunca saímos com ninguém conhecido do meu pai.

Depois de ter acabado a sua cerveja, Tommy deu por si a falar mais descontraidamente. Priscilla mantinha-se muito atenta às suas palavras, e ele sentiu-se lisonjeado, tentando que a comparação com Mário não lhe fosse desfavorável. Mário estava bonito e excitado, com a camisa azul de cow-boy aberta no pescoço, o braço passado

pelos ombros de Helen. Estava a contar-lhe anedotas e pequenas histórias num tom que Tommy nunca o vira usar com um estranho.

E como é que poderia ter ouvido? Nunca o vejo com estranhos. Pelo menos até hoje.

Beberam mais uma rodada de cervejas e saíram. A rapariga de Mário disse-lhe para onde se deveria dirigir, e Tommy não se sentiu surpreendido quando Mário estacionou o carro numa ruela deserta. Priscilla estava a aninhar-se nele desde que tinham saído da cervejaria; Tommy puxou-a para si e beijou-a, e ela não protestou.

Vindos do banco da frente, ouviam-se risinhos abafados, murmúrios, o som dos corpos a roçarem no banco, o gemer das molas e gargalhadas abafadas. Priscilla murmurou:

— És tímido, não és? Eu gosto de rapazes tímidos. Pelo menos gosto mais do que dos do tipo garanhão. — Dentro do carro ela parecia-lhe mais calorosa, mais bonita, mais suave sob as suas mãos e sob a sua boca. Ela não lhe afastou as mãos que a exploravam, como Little Ann fizera, limitando-se a rir. Os sons avulsos que vinham da frente do carro eram misteriosamente excitantes. Percebeu, sem no entanto o pôr claramente por palavras, que estava numa encruzilhada; era movido por um misto de curiosidade, ressentimento e uma espécie de rancor dissimulado.

Sabia que aquelas eram todas razões erradas para o que estava a acontecer, sentiu uma dúvida momentânea e depois um alívio confuso; pelo menos não seria apontado como incompetente ou como uma espécie de anormal. A rapariga riu-se num momento crucial e ele sentiu uma aversão súbita, sentiu-se enjoado e sujo, odiando-a, e odiando-se a si próprio pelo que fizera. Se era isto e era Ser normal, então que fosse tudo para o inferno. O que é que ele tinha dito? Eu não o faria a não ser que gostasse da pessoa. Sim. As suas famosas últimas palavras.

Ficou em silêncio enquanto a rapariga se compunha, puxando para baixo o vestido que ficara enrolado à volta do corpo, passando uma escova pelo cabelo, dando um pequeno impulso com a cabeça a cada passagem da escova. Arranjou-se um pouco a si próprio, detestando tudo aquilo. Não valia a pena, raios, pura e simplesmente, não valia a pena.

Passados alguns instantes, Mário virou-se sobre as costas do banco e perguntou:

— Estão prontos para irmos embora?

— Sim, claro, quando quiseres — respondeu Tommy, odiando o tom presunçoso de Mário, e ouvindo-o ecoar na sua própria voz. Priscilla deu-lhe a mão e ele forçou-se a aguentar o toque quente e húmido. O cabelo de Helen estava todo despenteado na nuca. Sentira-se incomodado quando Priscilla se penteara, mas o pescoço transpirado e o cabelo despenteado da outra rapariga ainda o faziam sentir-se pior. A gola do vestido dela estava suja.

Mário ligou o motor. Helen disse-lhe qualquer coisa que sugeria que eles provavelmente tinham uma namorada em cada cidade.

— Duas — respondeu Mário alegremente.

— É melhor deixarem-nos naquela esquina — disse Helen e Mário virou para a rua que ela tinha indicado. Parou o carro e depois agarrou Helen e beijou-a, com um beijo prolongado.

Tommy, consciente da necessidade imposta pelas convenções, seguiu-lhe o exemplo. Mas mal conseguiu disfarçar um suspiro de alívio quando as duas se foram embora.

Mário conduziu o carro durante alguns metros e depois parou.

— Passa para a frente, não queres?

— Está bem. — Tommy passou por cima das costas do banco.

Mário estava a sorrir com um ar distante, e Tommy disse friamente:

— Estás muito satisfeito contigo próprio, não estás?

— Porquê? Não especialmente — disse Mário com um bom humor enfurecedor. — Mas pensei que tu estivesses. — De repente pisou o acelerador a fundo e arrancaram disparados pela rua abaixo, o motor a gemer com o esforço. — Raios as partam a todas raios partam todas as gajas estúpidas deste mundo!

Nervoso, vazio e enjoado, Tommy fechou os olhos. Porquê porquê, porquê? O vento a bater-lhe na cara não conseguia acalmá-lo.

Por fim o vento abrandou um pouco; Mário desacelerara o carro. Disse por fim, numa voz estranha e monocórdica:

— Estás a ver, Tom? Isto não quer dizer nada. Absolutamente nada. Porquê fazer disto uma coisa tão importante? — Conduziu em silêncio durante mais um par de quilómetros. Depois disse, sem o olhar: — Escuta, já passa da meia-noite. Os teus pais sabem que tu estás comigo. A minha família pensa que eu ando por aí na borga. Se comentarem o assunto uns com os outros, o que não farão, pensamos numa história qualquer para lhes contar.

Dizemos que eu me embebedei e não podia conduzir e que passámos a noite num hotel qualquer, está bem?

Tommy sentiu que qualquer coisa de estranho acontecia à expressão tensa do seu rosto.

— Não quiseste sequer ficar naquele bar comigo, disseste que o empregado nos tinha topado. E agora achas que podemos passar a noite num hotel sem que ninguém desconfie?

Mário ficou a olhar para as mãos. Tommy ainda sentia o cheiro do pó-de-arroz da rapariga.

— Um hotel que a esta hora ainda tenha vagas, não se vai fazer esquisito. E este carro tem matrícula da Califórnia.

A pequena fila de cabinas para turistas tinha um aspecto escuro e encardido, mas um sinal em néon esverdeado ainda anunciava: Vagas. Mário deixou-o no carro, mas Tommy ouviu através da porta aberta do pequeno escritório a voz grave de Mário, respondendo às perguntas do recepcionista da noite. Saiu, enfiando o troco no bolso e deslizando novamente para trás do volante e conduziu o carro até à última cabina.

Lá dentro, esta era pequena e abafada. Mário ligou a luz do tecto e a ventoinha, olhou rapidamente para Tommy e desviou de novo o olhar. Tommy sentou-se sobre a colcha de turco e Mário disse:

— A indústria hoteleira já ganhou um milhão de dólares com o facto de um quarto duplo, com cama de casal, sair mais barato que um com duas camas.

Tommy olhou fixamente para o chão.

Disseste-me no treino que eu não estava pronto para um Duplo.

— RAIOS — disse Mário mantendo o rosto inexpressivo -, vou obrigar-te a dormir no chão. Que é que se passa contigo?

És maricas ou quê?

Quando se despiu, Tommy sentiu que o cheiro da rapariga continuava colado à sua pele. Foi para debaixo do chuveiro e esfregou-se violentamente com um pequeno pedaço de sabão, deixando que a água quente levasse consigo o seu nojo. Mário veio ter com ele e meteu-se também debaixo do chuveiro. Estava muito calado, mas por fim, ao lavar o sabão da cara, disse quase inaudivelmente por baixo do som da água que caía:

— De cada vez que uma porcaria de uma gaja qualquer me diz que eu tenho um corpo bonito, só me apetece cortá-lo com uma faca, ou coisa assim.

Tommy arrepiou-se debaixo da água quente enquanto Mário continuava, no mesmo tom gelado e tenso:

— Foi uma coisa detestável submeter-te àquilo, Tom. Queria que ficasses enjoado, enjoado. Que percebesses que não tem qualquer importância. Mas não o devia ter feito. Não... não tem de ser assim. Não tem de ser ordinário. Já tive raparigas de... de que gostei. Sem grande emoção, não é o meu tipo de coisa, mas pode ser uma... uma coisa agradável. E... uma coisa simpática. Devia ter tido a decência suficiente para não te ter estragado tudo. Sou... sou um filho da mãe sujo e baixo!

Tommy virou-se e abraçou Mário. Estavam os dois molhados e escorregadios de sabão.

— Pára com isso! — exigiu. — Raios partam, pára com isso!

Pura e simplesmente não suporto isso! De cada vez que comesças a chamar coisas horríveis a ti próprio, acabamos a ter uma enorme briga! Pára com isso, acaba com isso e cala-te!

Mário contorceu-se nos seus braços e, por instantes, Tommy pensou que ele se estava a rir, mas não estava.

— Desculpa, miúdo. Meu Deus, desculpa. Se eu te pudesse compensar de alguma maneira...

Tommy abraçou-o com mais força debaixo da água que, de um momento para o outro, ficara gelada. Disse, a tremer de frio:

— Não tens de me compensar. Já compensaste. Só por... estares aqui.

Começou a bater os dentes. Mário puxou-o para fora do chuveiro e limparam-se um ao outro, esfregando-se com força, impessoalmente, como faziam depois de cada espectáculo. Ainda a tremer, Tommy meteu-se debaixo do lençol húmido. Mário procurou outro cobertor dentro da cómoda, pô-lo por cima de Tommy, meteu-se na cama e puxou-o para si.

— Agora cheiras a lavado, Tommy.

— Sinto-me lavado. — Passado um minuto acrescentou:

Engraçado. Há um bocado estava excitadíssimo. Agora desapareceu.

Estou só com sono.

— Então dorme, miúdo. Eu só achei que ia ser bom ficar contigo, assim, sem ter de ter medo.

— Podes crer. — Ficaram calados, as pernas nuas entrelaçadas, face contra face. Depois de algum tempo Tommy disse: — Já tiveste... mulheres? Pode ser... diferente de hoje?

— Oh, claro, claro que pode.

— E a rapariga? Quem era...

— Propriedade privada — disse Mário com suavidade -, mantém-te afastado.

— O quê?

— Todos os adultos têm os seus segredos, miúdo. Importas-te que eu não fale disso?

— Está bem. — Tommy ficou outra vez em silêncio. Mário tocou-o de uma forma que ele conhecia — num convite, como que numa pergunta -, mas Tommy não se mexeu.

— Estás zangado comigo?

— Não, acho que não — disse Tommy depois de pensar. — Estou mais zangado comigo. É como se tivesse tentado provar qualquer coisa a mim próprio. Ou a ti. Mas não quero voltar a fazer isso.

Ficaram os dois abraçados, sem falar. Mário murmurou:

— Devíamos ter-nos visto livres daquelas cabras e ter vindo logo para aqui.

— Sim — riu-se Tommy. — Parece que elas me tiraram a vontade.

Como disse o ovo para a frigideira...

— Muito bem, raios, faz de conta que sou um tipo certinho:

Que é que o ovo disse à frigideira?

— Se ficares quente antes de eu ficar duro, lembra-te que acabei de me pôr em cima de ti...

Cala-te — disse Mário embaraçado. — Que maneira de falar!

Bem, eu já te tinha avisado que ainda estou muito verde.

És mas é muito atrevido. Devias ter vergonha! — Aquilo era uma novidade tão grande, estarem sozinhos e não haver qualquer hipótese de serem interrompidos, que estavam um pouco embaraçados. Adormeceram com as cabeças na mesma almofada.

Sobre a manhã, Mário acordou com os lábios de Tommy a roçarem-lhe pela cara.

— Não estás a dormir, Lucky?

— Não quis desperdiçar tempo a dormir — disse Tommy num murmúrio. — Não tarda já é de manhã.

A voz dele, que começara a mudar, soava esganiçada no escuro e Mário, comovido, murmurou:

— Um dia ainda te vou ler um poema que começa assim.

Ah Deus, Oh Deus, porque chega o dia tão cedo...

— Engraçado. Nunca penso em ti como em alguém que sabe de poesia.

— E, na verdade, não sei. Estive em contacto com ela, é tudo, e fui ligeiramente contagiado. Como acontece com a varicela.

Interesse tipicamente amaricado, como sabes. Como o ballet.

— Mário estendeu a mão e tocou na face macia debruçada sobre a sua. Sentiu qualquer coisa molhada cair-lhe sobre o rosto.

— Estás a chorar? — perguntou horrorizado. — Lucky; vem cá, vem cá! — Sentou-se na cama e embalou o rapaz contra o seu peito nu, curvando-se para acariciar o pescoço de Tommy com os lábios. — Vá lá, vá lá, não te quero ver chorar. És um rapazinho tão valente, que me esqueço que és muito miúdo. Que se passa, Lucky?

— Na...Nada. Não sei. Temos... temos de ser sempre tão... tão controlados e tão cuidadosos, que eu rebentei...



Mário continuou a embalá-lo. Doía-lhe a garganta.

— Escuta, miúdo — disse por fim, e pôs a mão debaixo do queixo de Tommy, virando para si a cara do rapaz: — Seria mais fácil para ti se... se acabássemos com isto, com o sexo, e voltássemos a ser irmãos, como éramos dantes? — Sentiu que Tommy se remexia nos seus braços, num início de negação e abraçou-o com mais força. — Olha, Tommy, eu continuava a amar-te tanto como te amo. Eu sei como te sentes, mas juro por Deus, miúdo, tu ficas tão perturbado que isso me assusta. Assusta-me como o diabo ver-te cair assim aos bocados. E a chorar.

— Desculpa. Eu vou tentar... eu sei que detestas que eu fique assim...

— Eu não detesto, miúdo. Fico assustado, é só isso.

— Achas que eu vou ficar desfeito e desorientado, e te vou denunciar? Afinal quem pensas tu que eu sou?

Mário fê-lo parar com um abraço apertado.

— Não, não, miúdo, não é nada disso. Eu sei que posso confiar em ti. Raios, eu confio-te a minha vida, todos os dias, não confio? No trapézio? Não é por mim; é o que isto te está a fazer a ti! O que eu mais quero no mundo é que tu sejas feliz, e quando te vejo assim... Olha, miúdo, mata-me pensar que te estou a fazer isto!

— Olha, se queres acabar tudo... — começou Tommy, mas a voz prendeu-se-lhe na garganta e recomeçou a chorar, com um desânimo cheio de desespero.

— Eu podia tentar manter as mãos afastadas de ti, se isso te ajudasse — disse Mário -, mas já é demasiado tarde para isso, e de qualquer forma isso não ia mudar o que eu sinto. A única maneira de acabar com tudo era desistir do circo, e juro-te que já pensei se essa não seria a única coisa decente a fazer antes que dê cabo da tua vida de vez!

— Acho que morria se fizesses uma coisa dessas — disse Tommy com a voz a tremer. — E não me vou sentir melhor se me deres com os pés e começares a ir para a cama com raparigas, mesmo debaixo do meu nariz!

— Já te pedi desculpa por isso, Tommy — disse Mário, exausto. — Há alguma coisa que eu possa fazer, qualquer coisa, que te faça

sentir melhor em relação a isso? Lucky, estás gelado até aos ossos por estares aí todo destapado. Mete-te debaixo dos cobertores, deixa-me aquecer-te.

Envolveu Tommy nos braços. Tommy ficou contra ele, imóvel e inerte. Não com o tipo de sonolência agradável que ambos conheciam, mas antes numa calma sem esperança, num desespero tão profundo que se aproximava da calma total. Por fim disse:

— Achas que podemos continuar assim, então?

— É o que tu queres, Tommy?

Foste tu quem me ensinou que existe uma grande diferença entre o que se quer e o que se pode ter. Estou farto que tu me perguntes o que eu quero. Eu estou a perguntar-te o que podemos ter.

É justo. — Ele próprio enchera o miúdo de dureza, porque é que agora isso o magoava tanto? Mário teve de esperar, controlando a voz, antes de poder responder: — Tudo o que te posso oferecer para te aguentares, é o seguinte: no próximo Inverno, se continuares a sentir o mesmo, vai ser mais fácil. Vais ser mais velho. Não nos vão vigiar tão de perto.

— O próximo Inverno parece estar a uma distância de um milhão de anos — disse Tommy e ficou deitado muito quieto, olhando fixamente para a forma branca da almofada. — Como o último Inverno. Nunca pensei que as coisas dessem nisto.

— Nem eu. Eu já te queria, claro, desde a primeira vez que trabalhámos juntos...

— A sério? — Tommy ficou a olhá-lo cheio de espanto.

— Oh, claro. Pensei que tu soubesses. Mas sabia que mesmo que nunca te tocasse com um dedo, éramos especiais um para o outro, já nos tínhamos tido de uma forma um tanto estranha...

Tommy disse infantilmente, levando-o à letra:

— Estás a referir-te àquela vez lá em casa em que vieste ao meu quarto e... e fingiste, depois, que não tinha acontecido nada?

— Não — disse Mário, demasiado absorto no que estava a dizer para chegar a sentir-se embaraçado -, não é isso. Refiro-me à forma como estamos juntos, a voar, nos nossos números de pares... já

havia isso entre nós, de qualquer maneira. E isso já era quase como se fizéssemos amor.

— Um amor horrivelmente público — disse Tommy tentando ser irreverente.

— Não foi isso o que eu quis dizer. — O seu tom sério fez com que o sorriso de Tommy se apagasse. — Mas dançar é algo de sexual, sabias? Como o voo de acasalamento dos pássaros. — Mário ergueu-se sobre um cotovelo. — Uma vez, um dos meus professores de ballet, quando estava a falar da levitação, do bailado lento, começou a falar de sonhos voadores. E depois virou-se para mim e disse: "O Matt Gardner sabe do que eu estou a falar, porque o trapézio voador exerce o mesmo tipo de atracção: é a realização dos nossos sonhos voadores. Que são sonhos sexuais."

— O Angelo disse qualquer coisa parecida com isso. Na noite em que estivemos todos a ver o álbum da Lúcia.

— É engraçado que tenha sido o Angelo a dizer isso. Muito do melhor trabalho no trapézio é sexual, simbólico, pelo menos e, especialmente, o trabalho no trapézio voador. Grande parte desse trabalho, parece-me a mim, é homossexualidade sublimada e transformada em arte. Mas se dissesses isso ao Angelo ele ia morrer a rir e, se o conseguisses convencer, davas cabo de um bom trapezista, porque ele ia ficar demasiado consciente de si próprio. Nele, tudo o que existe dessa faceta, e eu acho que é bastante, embora se eu lho dissesse na cara ele ou caía para o lado de tanto se rir, ou me enfiava os dentes pela boca a baixo, vai totalmente para o trabalho que ele faz no trapézio, e aquilo que nele é consciente... bem, cos diabos, tu conheces o Angelo.

E nunca conheci uma trapezista que fosse inteiramente feminina.

— Ora, deixa-te disso, a tua mãe teve quatro filhos!

— Sim. É exactamente isso que eu quero dizer. A família casou a Lu antes de ela ter idade suficiente para pensar por si própria e, sendo católica, teve provavelmente os quatro filhos porque nunca lhe ocorreu que houvesse alguma coisa que pudesse fazer para o evitar. Mas pensa lá um bocadinho. Conheces a Lúcia.

Achas que algum membro convicto da Sociedade Protectora dos Animais lhe confiava um gatinho? Eu não o faria. Claro, agora que vive em casa, ela representa bem o papel, fingindo que a sua única preocupação é se o esparquete se queima ou não. Não a conheceste, não conviveste com ela, quando eu era miúdo. Ora bolas, como é que começámos com esta conversa? Seja como for, com o Angelo é tudo instinto, ele nunca pensa nisso, e talvez seja assim que as coisas devem ser. Talvez eu não devesse parar para pensar e fazer este tipo de raciocínios. Não quero dizer que tudo no trapézio tenha necessariamente a ver com sexo. Assim como no bailado não é tudo sexo. O que eu quero dizer é que vem tudo do mesmo sítio, lá bem de dentro de nós, o mesmo tipo de coisa que faz com que o sexo funcione. Das nossas entranhas, das nossas emoções. Acho que é por isso que tu e eu somos tão bons juntos, e que é por isso que quando estamos a trabalhar no duro não temos muitas energias de sobra nem para... nem para isto — disse tocando suavemente em Tommy.

Tommy ficou a pensar. Depois disse:

— Pensei que a razão porque somos tão bons juntos era por bem, tu ensinaste-me a voar, tu como que és o trapézio voador para mim, e quando penso em voar, penso em ti...

Então porque é que eu e o Angelo não formamos uma dessas equipas perfeitas? — perguntou Mário.

Tommy pensou, E são-no, no triplo — mas não o disse em voz alta -, enquanto Mário continuava:

O Angelo praticamente foi quem me criou. Ensinou-me tudo o que eu sei. Não me interpretes mal, eu gosto imenso do Angelo, é como se ele tivesse sido o meu verdadeiro pai. É um óptimo base e é muito paciente. Meu Deus, fazes ideia do que é apanhar alguém com o meu tamanho, e o meu peso, num triplo?

Mas nunca brilhámos juntos como tu e eu sempre fizemos, desde o início. O Papa Tony viu isso desde o princípio. Eu e tu juntos somos mais do que a soma das partes. O Papa disse uma vez, Tommy, que tu ias ser qualquer coisa de muito, muito especial.

E eu tenho medo. Meu Deus, Tommy, tenho tanto medo, tenho um medo de morte — disse enterrando a cara na almofada.

— Medo? Medo de quê, Mário?

— Medo de dar cabo daquilo que é tão especial em ti. Medo de te tornar tão dependente, que não consigas trabalhar com ninguém a não ser comigo.

Tommy pôs os braços em torno de Mário, apertando contra ele todo o seu corpo.

— Mas eu não queria trabalhar com mais ninguém.

Mário virou-se e puxou Tommy contra si, com força.

— Oh, meu Deus, Lucky — disse -, é isso que me assusta, e se é assim, se isso já aconteceu... — Tommy ouviu-o engolir em seco, a voz demasiado embargada para que pudesse falar. Disse, por fim: — Escuta, Lucky. Provavelmente vamos continuar como até aqui. Formamos uma ótima equipa, mesmo se... devido ao que sentimos um pelo outro. Mas esta é a outra face da moeda.

As brigas horríveis que passamos a vida a ter, e... e ter de estar assim, a forma como estamos juntos... — Não conseguiu continuar.

Não estava a chorar, mas não conseguia fazer com que a voz lhe obedecesse.

Tommy disse com ferocidade:

— Ouve, nós fizemos uma promessa um ao outro. Lembras-te?

Prometemos que manteríamos isso tudo afastado da plataforma, que nunca deixaríamos que isso interferisse com o nosso trabalho.

Mário conseguiu controlar novamente a voz.

— Sim, eu sei. E nisso tu és melhor que eu. Não passas de um miúdo, mas pensas que eu não reconheço que nisso és melhor que eu? Mas há uma coisa que podemos fazer. Agora que temos consciência disso, podíamos tentar utilizar isso. Incorporar isso no nosso trabalho, tentar tornarmo-nos tão bons em conjunto, que ninguém se atreva alguma vez a querer separar-nos. Pode ser perigoso. Podemos chegar a um ponto tal que não consigamos trabalhar com mais ninguém, e podemos vir a ter de nos separar.

Um de nós pode aleijar-se ou... ou morrer, podemos ter uma briga horrível, podemos mudar, podemos vir a odiar-nos e estar

presos um ao outro por esta... esta, seja lá o que for que existe entre nós.

— Eu quero que seja assim — murmurou Tommy. Tinha os olhos novamente rasos de água, mas não se ralou. — Porque assim nunca ninguém nos vai poder separar...

Mário agarrou-o contra a almofada, beijando-o descontroladamente uma e outra e outra vez.

— Aqui está o quanto eu quero que isso aconteça. Se alguma vez tiver de ser, Lucky, eu deixo de voar e passo a ser o teu base.

Se essa for a única forma de podermos continuar juntos!

— Eu nunca te deixaria fazer uma coisa dessas, Mário.

— Esperemos que nunca venha a ser necessário. Mas é a única saída que vejo para nós. Tornarmo-nos numa equipa de tal modo perfeita, que nunca ninguém se atreva a destruir aquilo que somos...

Tommy engasgou-se.

— Posso dizer uma coisa... horrível?

— Tudo o que quiseres, miúdo. Tudo, neste momento.

— Odeio-te — disse Tommy com a boca contra a almofada. — Às vezes odeio-te. Quem me dera não te amar, mas não consigo... não consigo fazer-me parar... e está tudo misturado com o que eu sinto acerca de voar. Não sei... quem me dera... quem me dera...

Raios — explodiu, ofegante — quem me dera ser uma rapariga, aí não teria importância o facto de... de te amar...

O rosto de Mário contorceu-se; apertou Tommy contra si, angustiado.

Não — disse ele, a respiração entrecortada -, não, não, não Lucky, não... — Abraçou-o com força, embalando-o, tentando protegê-los aos dois daquela consciência insuportável. — Não, não querias nada disso. Sei o que queres dizer, Lucky, juro que percebo. Seria mais fácil, talvez, mas tens de enfrentar a realidade, ragazzo. Somos o que somos. Sei que é duro para ti, estamos nisto às cegas, criando as nossas próprias regras, para ser como somos. Não podemos fazer as mesmas coisas que as outras pessoas.

Mas temos de descobrir o que é que nos serve a nós. Vou tentar, Lucky, eu sei que sou horrível para ti. Mas se nos amarmos o suficiente, e se... se conseguirmos não nos odiarmos em demasia,

então talvez... talvez consigamos ser bem sucedidos, de uma forma ou de outra.

Tommy virou a cara e beijou Mário, como uma criança confiante, mas depois agarraram-se um ao outro, numa espécie de necessidade cheia de angústia e desespero. Para Tommy, naquele momento, não era uma questão de sexo, mas uma espécie de frenesim para se aproximar mais e mais de Mário, para fundir nele não só o seu corpo, mas também a sua própria essência, todo o seu ser.

— Lucky... Lucky... fanciullo... caro, caro... não chores...

— Não consigo estar suficientemente próximo de ti, Mário... se não me conseguir aproximar mais de ti, vou morrer...

— Pronto, pronto, vem cá, bebé... assim... sente o meu coração a bater, sente isto... assim, estás suficientemente próximo, fanciullo? Pronto, pronto, não chores, não... está bem? Pronto.

Sentiu os soluços acalmarem-se. Confusos e exaustos, ficaram nos braços um do outro, como se o desalento se tivesse transformado numa espécie de sacramento do desespero que os unisse para todo o sempre. Tommy sussurrou:

— Não te quero deixar nunca. Nunca me deixes...

Mário engasgou-se ao responder:

— Nunca te vou deixar, Lucky. Não seria capaz. Aconteça o que acontecer, o que quer que façamos um ao outro, agora fazemos parte um do outro.

## *Capítulo XIX*

Setembro foi decorrendo e Tommy sentia-se quase desesperado à medida que a temporada se aproximava do fim. Depois da honestidade brutal daquela noite no hotel, Mário afastara-se de novo, e Tommy, sentindo-se impotente e tendo consciência de que as raízes da sua vida emocional estavam dependentes dos caprichos de um homem difícil, nervoso e temperamental, não tinha nem conseguia criar as condições necessárias para revelar a ansiedade que sentia. Fora violentamente obrigado a adoptar uma atitude de estoicismo; agora tinha um orgulho amargo em conseguir igualar o enorme autocontrolo de Mário.

Tiveram mais uma discussão amarga e inflamada, uma estupidez, por Tommy ter vestido uma camisola de Mário sem lhe ter pedido autorização. Mário, que habitualmente não ligava a esse tipo de coisa e até encorajava essas liberdades, decidira por qualquer razão explodir por causa disso. No dia do último espectáculo estavam praticamente sem se falar. Tommy passou o intervalo entre os espectáculos no camiã dos equipamentos, empacotando lugubrememente os fatos de cena em caixas de cartão etiquetadas. Enquanto atava chinelos aos pares pelos cordões coloridos e enrolava calças de ginástica velhas com os buracos para fora por forma a que se vissem, deu por si a acalantar uma vaga esperança de que Mário o procurasse ali, aproveitando aquela solidão pouco habitual. Só quando chegou o crepúsculo de Outubro, com os seus dias curtos, anunciando a aproximação da noite, é que ele desistiu e foi para o atrelado da sua família, já atrasado Para o jantar.

Depois do espectáculo demorou-se junto à mesa que utilizavam como toucador, juntando as suas coisas: pente e escova, um rolo de adesivo, um tubo meio usado de creme para as queimaduras solares. Meteu tudo dentro de uma caixa de sapatos Papa Tony parou por trás dele e disse:



— Falei esta tarde com o teu pai, Tommy. Os teus salários desta temporada já estão depositados; ele tem os pormenores.

E aqui está um pequeno extra de todos nós, um pequeno presente para ti, por teres sido tão bom rapaz, tão simpático de se ter por perto. Compra qualquer coisa para ti, qualquer coisa que gostes. — Meteu uma nota no bolso da camisa de Tommy.

Vemo-nos no dia um de Janeiro.

Tommy agradeceu com timidez. Angelo veio ter com ele e apertou-lhe os ombros com as mãos.

— Descansa bem este Outono, seu malandro... vou fazer-te trabalhar até caíres para o lado na Primavera que vem. E não te deixes convencer a jogar futebol; se quiseres fazer qualquer coisa para te manteres em forma, começa a correr ou a fazer atletismo.

— Parou e olhou em torno de si. — Escuta, Tom, eu sei que o Matt te fez passar um mau bocado este Verão. Ele não tem um temperamento muito fácil. Quero que saibas que todos nós apreciamos a forma como te esforças por te dares bem com ele.

Sabes... — Calou-se, como se não tivesse a certeza do que devia dizer ou de como dizê-lo. — Durante algum tempo eu tive medo que ele fosse uma má influência para ti. Ele foi um miúdo terrível, não sei se sabes. Sabias que ele tem cadastro na polícia?

Tommy disse, escrupulosamente fiel à verdade:

— Ele disse-me que tinha estado preso.

— Sim. Eu não devia reclamar, pois isso manteve-o fora da tropa, mas ainda assim... bem, seja como for, ter de olhar por ti acho que o fez assentar um bocado. Queria que soubesses que te estamos gratos. — Angelo deu-lhe um abraço e um beijo áspero na face. — Porta-te bem, miúdo. Tem cuidado contigo. Vemo-nos este Inverno. Aqui já está tudo pronto? Pronto, vamos lá fechar isto — disse. — Vamo-nos embora esta noite. — Meteu o estojo de maquilhagem debaixo do braço e foi-se embora a assobiar.

Tommy correu o acampamento todo à procura de Mário, sem sucesso. Por fim, quando o acampamento já estava todo às escuras e a sua mãe já devia estar a perguntar-se por que razão ele não aparecia, começou a regressar desanimadamente ao seu atrelado.

Já havia espaços vazios nas linhas de atrelados, deixados por alguns artistas que tinham partido assim que o espectáculo da noite terminara. Quando estava prestes a entrar silenciosamente no atrelado dos Zanes, ouviu um assobio baixo e virou-se, vendo Mário de pé por baixo de um candeeiro de rua do lado de fora do acampamento. Mário chamou-o com a mão. Quando Tommy chegou junto dele, Mário fez-lhe sinal para que não fizesse barulho e, pegando-lhe num cotovelo, conduziu-o para fora do círculo de luz. A estrada que levava ao acampamento estava escura e silenciosa, e uma linha de lâmpadas, como faúlhas ou jóias, continuava a perder-se de vista pela pradaria nua, afunilando-se em direcção ao horizonte. Tommy acabou por quebrar o silêncio:

— Escuta, Mário, a minha mãe vai acabar por acordar e ver as horas e vai fazer-me a vida num inferno!

Mário encolheu os ombros.

— Bem, esta é a última vez que, nos próximos meses, vais ter de te preocupar por eu te meter em sarilhos. Só achei que podíamos despedir-nos sem ter o espectáculo inteiro a assistir, foi só isso.

As folhas secas dos choupos mexeram-se ao vento fazendo barulho por cima das suas cabeças, acentuando o facto de que estavam a falar quase num murmúrio.

— O Angelo esteve a apertar comigo por eu ser tão... tão duro contigo, miúdo. Raios, eu tinha de ser assim, não percebes? Tinha de ser duro contigo, Tommy. Se não fosse assim duro, acabava por me encher de ternura e me derreter todo, e encontravas-me para aí feito numa poça num sítio qualquer. — A voz tremeu-lhe.

— Eu não me importo — disse Tommy. — Podes ser tão duro comigo quanto queiras, em frente das outras pessoas. Parece-me bem que o Angelo não calcula o tipo de tratamento que me dás nas costas dele.

Primeiro com hesitação e depois, irreprimivelmente, Mário deu uma gargalhada. Lançou os braços à volta de Tommy na escuridão num abraço breve, mas forte e intenso.

— Sem ressentimentos, está bem, miúdo?<sup>{16}</sup> Tommy riu-se e disse:

— Não te vou responder.

Mário ficou a olhar para ele, apanhou o segundo sentido e ripostou.

— Cuidado com a língua, seu fedelho. — Depois, visto que Tommy estava a tremer de frio por causa do vento agreste, disse:

— Olha, escuta, eu não te devia fazer estar aqui ao frio desta maneira. O Angelo deve pensar que me fui embebedar, ou coisa assim, e é capaz de vir à minha procura. Devemos sair daqui às três da manhã. É melhor dizermos já adeus.

— Está bem — disse Tommy numa voz inexpressiva. — Adeus.

— Lucky, que foi?

— Que é que tu achas? — Tommy viu, para seu desespero, que tinha a voz a tremer. — Talvez tu consigas dizer adeus assim, quando vamos estar sem nos ver durante meses, e... não querer saber disso para nada. Mas eu não consigo.

Mário virou-o com rudeza. O seu rosto estava invisível, pois a lua desaparecera por detrás das nuvens que subitamente a tinham encoberto.

— E quem diabo te disse que eu não queria saber? Mas, ouve miúdo, eu sei que isto é duro para ti. Tentei arranjar uma maneira... mas há algumas coisas que são como uma queda na rede. Não nos habituamos a elas, e não se tornam mais fáceis, mas a única coisa que podemos fazer é deixar-nos ir. E eu não posso dar as tuas quedas por ti. É claro que detesto ter de te dizer adeus assim. É claro que vou ter saudades tuas. Mas há coisas que eu não posso tornar mais fáceis do que aquilo que são, nem vale a pena tentar. Está bem?

— E que raio é que tu queres que eu responda a isso?

Mário suspirou.

— Até é bom, de certa forma, separarmo-nos durante algum tempo — disse. — Vai dar-te a hipótese de pensar bem em tudo isto. Sobre o tipo de coisas que temos feito, e o tipo de vida que queres para ti. Um dia pode ser que venhas a ver tudo isto como as outras pessoas vêem. Contributo para a delinquência de um menor. Ou coisa pior.

— Passas a vida a bater na mesma tecla — disse Tommy e sentiu a voz voltar ao soprano. — Se tenho idade suficiente para me

arriscar a partir o pescoço a doze metros do chão então, com mil raios, devo ter idade suficiente para poder decidir com quem durmo!

— Mesmo assim. Quando estiveres a uns milhares de quilómetros de distância e conseguires pensar direito, és capaz de me começar a odiar.

Não nos vamos separar, contigo a dizer isso, Mário. Dás cabo de mim quando comesas com essas conversas.

— Está bem. Está bem, miúdo. — Mário deu-lhe uma pancadinha no braço. — Mas não nos vai fazer mal estarmos uns tempos separados. Janeiro não está assim tão longe.

Como que atraídos por um íman, dois pares de mãos juntaram-se.

Tommy, ainda a tremer, foi buscar forças e coragem ao rosto contorcido e desolado que se curvava sobre si. Não posso dar as tuas quedas por ti.

— Adeus, Mário. Vejo-te em Janeiro.

— Não digas adeus, miúdo. Diz só boa noite. — As mãos dele apertaram-se nas de Tommy, mas embora estivessem suficientemente próximos um do outro para se beijarem, ele não o fez e Tommy pensou, espantado, Porque não? O Angelo beijou-me. — Eu uma vez disse-te, Tommy: Tu sei mi fortuna o sventura... Talvez a má sorte seja melhor que nenhuma. Talvez agora já percebas porque é que eu o disse. — Foi-se embora, sem olhar para trás.

Tommy virou-se e dirigiu-se, sem ver, para o seu atrelado.

A dor que sentia dentro de si era pior que as lágrimas. Embateu, às cegas, numa qualquer peça do mobiliário do atrelado e ouviu a sua mãe chamar:

— És tu, Tommy? Já é tarde, onde é que tu estiveste?

— Estive a discutir a temporada com... com os Santellis. Não dei pelas horas.

— Bem, mete-te na cama. Não acordes o teu pai.

Tommy despiu-se às escuras e foi para a cama, demasiado disciplinado para chorar, sem ter já sequer consciência de que era isso que queria fazer. Ouviu o relógio marcar a passagem do tempo, e pouco antes do romper da madrugada ouviu o motor de um carro

a ser ligado e o barulho de um atrelado a ser rebocado para fora do acampamento. Devia ser o atrelado dos Santellis a ir-se embora. Depois virou-se, enterrando a cara na almofada amarrotada e sentiu todo o desespero e violência que havia dentro de Si, muito para lá das lágrimas. Não acreditava que fosse possível viver assim; parecia-lhe que nem mesmo a morte faria desaparecer a dor cega e desesperada que sentia dentro de si. E, no entanto, soube sempre que, quando a manhã chegasse ele se levantaria e desempenharia em silêncio as tarefas do dia, como sempre Isso fazia simplesmente parte daquilo que ele era. Mas, para ele o tempo já começara a sua contagem decrescente no ritmo da espera em que todo o seu ser se resumia. Tendo apenas feito 15 anos, Tommy aprendera já uma das lições mais duras da vida, e que espera os jovens e ingênuos: que o desespero, tal como o amor, não deixa sinais visíveis nem mesmo para aqueles que nos conhecem melhor; e que o desespero, tal como o amor, existe num tempo que lhe é próprio, exterior a relógios e calendários, num ritmo incessante de espera, de progressão e de dor. Sentia que não voltaria realmente a existir antes de Janeiro, quando poderia voltar para casa, para a Califórnia, para os Santellis, para Mário.

O pai enviara um telegrama com a hora da chegada da sua camioneta, mas quando Tommy chegou à estação rodoviária não estava ninguém à sua espera. Por instantes perguntou-se se os Santellis achariam que, naquele ano, ele já era suficientemente crescido para ir sozinho para casa. Depois, através da multidão de viajantes natalícios, viu Mário, com um ar — como sempre que vestia roupas de passeio — moreno, magro, curvado, amarrotado.

Totalmente diferente de si próprio.

— Olá.

— Olá, Mário.

— Dá-me a tua mala. Boa viagem?

— Razoável. Miúdos a chorar a noite inteira. E uma rapariga que queria namorar... ou que talvez só quisesse um ombro para dormir.

Um sorriso atravessou o rosto de Mário e Tommy reconheceu-o, pela primeira vez.

— Não devias ser assim tão atraente para as raparigas.

— É um atributo da profissão, disse-me o meu pai.

Mário tinha um carro novo: um Cadillac usado, elegante, cinzento-escuro, só com uns quatro ou cinco anos.

— Ei! Bonito carro!

Mário abriu a porta e atirou a mala de Tommy lá para dentro.

Tive um bocado de sorte este Outono e gastei o dinheiro todo nisto. Aquele velho Chrysler estava a cair aos bocados e arranjei este barato; era de um tipo da escola de ballet.

Tem oito cilindros ou é um daqueles de doze?

Não faço a menor ideia. Mas anda bem, e não passa a vida a avariar-se, e isso é tudo o que me interessa. Podes olhar para dentro do motor um destes dias, se isso te interessa. Cuidado com os dedos — avisou automaticamente antes de bater com a porta — Escuta, Tom, fui eu quem atendeu o telefone quando nos comunicaram o telegrama do teu pai. Calhou estar por ali.

Disse à Lúcia que só chegavas amanhã, não te importas?

— Porquê?

Mário disse, sem olhar para ele, remexendo na alavanca das mudanças:

— No ano passado querias ir à minha casa. Pensei que quisesses ir lá passar a noite. Olha, se não quiseres, podes telefonar para casa e dizes que houve uma confusão qualquer...

Tommy sentiu-se como se lhe tivessem tirado um enorme peso do peito.

— Não sejas tonto.

Mário vivia numa casa enorme e a cair aos bocados, dividida há muitos anos atrás em pequenos quartos e apartamentos. O quarto dele era no terceiro andar, amplo e quase vazio. O chão era de soalho e estava cuidadosamente encerado, e uma barra de ballet tinha sido fixa num dos topos do quarto. Para além de uma mesa e de uma cama de metal, não havia mais mobília, a não ser uma estante cheia de livros com muitas páginas. Tommy sabia que Mário lia muito quando andava na estrada, sobretudo revistas sensacionalistas, mas nunca o vira com um livro nas mãos. Foi ver os livros enquanto Mário pendurava o casaco no roupeiro, mas a

maior parte deles era sobre ballet. Agarrou num com o título O Atletismo no Mundo Antigo e folheou-o. Era cheio de imagens de coisas que pareciam acabadas de sair de um museu: velhos vasos, pratos e estátuas, na sua maioria de homens nus a correr, a lançar dardos ou a saltar barreiras. Encolheu os ombros e voltou a pôr o livro no lugar.

Dentro do roupeiro havia uma colecção de roupas muito diferentes das que vira Mário usar.

— Muitas destas coisas são do Eddie Keno — disse Mário. — ele vem cá mais logo. Porque é que não te sentas?

Não havia cadeiras e Tommy sentou-se na cama. Mário puxou uma pequena carpete de feltro de baixo da cama e sentou-se no chão, atirando com os sapatos, como todos os Santellis faziam quando estavam dentro de casa.

— Quem é esse Keno?

— É um tipo que conheci na escola de ballet. Durante o Inverno vivo eu aqui, e ele vive com os pais e passa o tempo com um grupo de fãs da ficção científica, na cidade. Guarda aqui umas coisas e eu deixo-o usar o quarto se ele quer trazer cá alguém. No Verão, quando eu ando na estrada, ele muda-se para cá. Funciona bastante bem. Acabamos por não nos ver muito um ao outro, mas assim podemos manter a casa que tem a renda congelada. Durante a guerra foi bastante duro viver aqui, mesmo no meio da zona de blackout...<sup>{17}</sup> — Apontou na direcção das cortinas pesadas e espessas que estavam enroladas por cima das janelas. — Às vezes apanhávamos grandes sustos com os alarmes de ataques aéreos, mas acabou por nunca acontecer nada.

— Nós também passámos por isso, no ano em que vivemos na Florida. Havia aquele falatório todo acerca dos submarinos, mas o máximo que aconteceu foram os alarmes de treino. Tiveste um bom Outono?

— Bastante bom. Eu e o Angelo fizemos um contrato de seis semanas com um circo que actua em recintos cobertos, em Seattle.

, A Liss trabalhou connosco.

. — A Liss? Mas eu pensei...

— Isso é uma longa história. O Sorenson queria que uma rapariga fizesse parte do número, e a Cleo Fortunati arranhou-nos uma rapariga chamada Linda Slade. Mas uma semana antes de nos estrearmos ela caiu na rede e partiu a rótula, e já não havia tempo para arranjar mais ninguém. O Angelo enviou um telegrama desesperado à Liss. E ela apanhou o comboio seguinte, deixou o Davey com a Lúcia, treinou durante três dias connosco e, quando nos estreámos, ali estava ela. O David Renzo armou um barulho dos diabos, mas tínhamos uma estreia à porta, e não havia nada a fazer. Divertimo-nos imenso. Não há ninguém no mundo que se compare à Liss.

Tommy sentiu um ciúme estranho e ilógico, e sentiu-se envergonhado.

Ficaria ele ressentido por Mário passar umas quantas semanas com a irmã que adorava? Mário tirou um recorte de jornal da carteira coçada e passou-lho. Era uma fotografia dos três, intitulada Sucesso Estrondoso dos Santellis Voadores nos Espectáculos Sorenson. Leu a legenda da fotografia em voz alta: — "A estrela do trapézio, Mário Santelli, o seu base, Angelo e a sua irmã, Elissa, exibiram uma passagem aérea e outros exercícios no trapézio voador com encanto e estilo." — Nenhum triplo?

— Depois daquela confusão toda para trazermos a Liss para trabalhar connosco, achei que não devia abusar da sorte. — Mário dobrou o recorte e voltou a guardá-lo.

— E como está o resto da família? — perguntou Tommy.

— Óptima, excepto a Stel. Continua a arrastar-se, mais parece um fantasma.

— A Stella? Que é que lhe aconteceu?

Mário hesitou. Por fim disse:

— Pronto, tu és da família, tens o direito de saber. O Johnny engravidou a miúda, e em vez de lhe comprar uma aliança de casamento, levou-a a um médico. A um vigarista.

— Oh, meu Deus...

— A Liss bem que tinha topado o Johnny — disse Mário soturnamente — e o nosso respeitável avô Gardner! — Mário fechou o punho e bateu com ele no chão. — Andavam a actuar em feiras ao



ar livre e esse tipo de coisas, no Estado de Washington, quando a Stella engravidou. O Jock foi ter com o avô Gardner e ele financiou aquilo... e o argumento que apresentou foi Johnny não arruinar a sua vida com uma pêgazinha de um espetáculo de feira!

Pega! — Os olhos de Mário chispavam. — As raparigas do circo são mais decentes que a maioria das raparigas das cidades, podes crer no que te digo! A Stel não se engravidou a si própria! Seja como for, o médico era um vigarista, claro. Os médicos decentes não têm de arriscar as suas licenças para exercer medicina a fazer esse tipo de trabalhos sujos, e depois o Jock teve medo de a levar ao hospital e só a levou quando pensou que ela estava a morrer. Quando finalmente percebeu que aquele era um caso de vida ou de morte, ela já estava tão mal que o hospital teve de participar o caso à polícia, e tudo somado, foi o maior sarilho do ano.

— Parece-me tudo uma coisa horrível — disse Tommy. .

Nunca pensaria que Johnny fosse capaz de fazer uma coisa assim — E quem é que tu achas que os ajudou? — continuou Mário.

— O Papa Tony?

— Meu Deus, não! Ele teria chicoteado a miúda, e o Johnny sabia muito bem disso. Foi o tio Angelo, esse é que foi. Emprestou-lhes dinheiro, pagou a conta do hospital do seu próprio bolso, e depois ficou sentado com o Johnny no corredor do hospital e ameaçou-o com a fúria divina. Digo isto literalmen... foi buscar um padre e casaram-se no hospital. Depois trouxe-os para casa, deu-lhes o seu próprio quarto, sabes, o quarto grande que fica de esquina, aquele em que a Terry dormia, e nem sequer disse à Lúcia o filho da mãe que lhe saíra como filho mais novo. Deixou que toda a gente pensasse que os miúdos se tinham casado no início da temporada, e que a Stell caíra e perdera o bebé. Por isso não contes a ninguém, ouviste?

— Pobre miúda — sussurrou Tommy. — Ela agora já está bem?

— Bem, mais ou menos. Quer dizer, está com um aspecto horrível... pesa só cerca de trinta e sete quilos. Teve uma infecção no sangue; deram-lhe uma droga nova qualquer que parece que é milagrosa, ou não se teria safado.

— O Johnny dever-se-ia ter casado com ela primeiro ou então tê-la deixado em paz — disse Tommy. — Não quero saber que ele seja teu irmão, foi uma coisa horrível e muito baixa o que ;;; ele fez!

! — Bem, eu não vou discutir isso, mas também tenho alguma : pena do Jock. O Angelo contou-me que quando ele se apercebeu de quão doente a Stella estava, se sentou e chorou como um bebé.

E não se pode deitar-lhe as culpas todas, quero dizer, depois da atitude da Lúcia em relação aos filhos. Eu acho que ele é capaz de ter pensado que estava a fazer um favor à Stella, ou coisa assim, não a obrigar a ter o filho como uma boa rapariga católica.

Ouviram-se passos na escada e ouviu-se alguém chamar:

— Matt?

— É o Eddie. — Mário abriu a porta, deixando entrar um rapaz bem constituído de vinte e poucos anos, de calças de ganga justas e uma grossa camisola vermelha. Tinha uma boca cheia e infantil e cabelo preto encaracolado, quase em carapinha, cortado muito curto.

É então este o famoso Tommy — disse ele numa voz doce de tenor, agarrando a mão de Tommy e não a largando. — Como estás, Tommy? O Mário contou-me tantas coisas sobre ti! — Largou Tommy e disse a Mário, empurrando-o levemente: — Machão, mas, oh, tão bonito! É então isto o que tu tens mantido em tão grande segredo, Mário?

Acaba com a fantochada, Eddie. E mantém-te afastado, estou a falar a sério!

Ora bem, Tommy, podemos ser amigos na mesma, espero eu — disse Eddie e, para enorme embaraço de Tommy, bateu-lhe as pestanas encaracoladas, voltou a pegar-lhe na mão e deu-lhe um pequeno apertão entusiástico. Tommy ficou a olhar para ele cheio de espanto e soltou a mão. Keno tinha o tipo de exuberância que Tommy associava aos bêbados, no entanto parecia estar totalmente sóbrio.

— Vais levá-lo a conhecer os rapazes, Matt?

— Duvido muito — respondeu Mário.

— Afinal quantos anos tens, Tommy? — perguntou Keno.

— Dezasseis — disse Tommy antecipando-se uns meses.

Keno assobiou dizendo:

— Um caso para cadeia, e de que maneira! Não sabia que gostavas de desviar menores, Matt!

— Escuta, raios...

— Seja como for é uma boa desculpa para não o trazeres para os bares. Homem, como ele faria as delícias dos engates...

— Acaba com isso, Eddie. Eu próprio não ando muito com essa malta quando estou a trabalhar.

— Não devias permitir que a tua família te absorvesse tanto — disse Eddie com ar sério. — É mau para a tua psique e para a tua personalidade. O meu psicanalista disse-me...

— Oh, que se foda o teu psicanalista!

Keno murmurou:

— Ele não faz mesmo o meu género, querido.

— Em todo o caso deixa que eu me preocupe com a minha psique e com a minha personalidade, está bem, miúdo? Gosto do meu trabalho e adoro a minha família.

— E eles adoram-te a ti? Ou gostam só do papel de bom rapaz que tu representas em seu benefício?

Mário disse, com um encolher de ombros irritado:

— Vá lá, Eddie, acaba com isso, a sério. Não tenho tempo para essas tretas psicanalíticas. Tu dizes à tua mãe e à tua avó esse género de coisas?

Keno franziu a cara numa expressão depreciativa. Debruçou-se sobre Tommy e disse num tom confidencial:

— Talvez tu te consigas livrar de algumas das velhas inibições de Matt. Pareces ter aquilo que é necessário para isso. E se ele não o souber apreciar... — Pôs um braço insinuante sobre os ombros de Tommy.

Mário disse:

— Pára com isso, Eddie, estás a perder tempo com o miúdo... ele não está a perceber as tuas dicas, não está nesse comprimento de onda. Senta-te e conta-nos como vão as coisas. Queres beber alguma coisa?

— Tens gim? Ou só desse vinho tinto spaghetti de que tanto gostas?

— Desculpa. Só há tinto spaghetti. Bebeste o resto do gim da última vez que aqui estiveste.

— Deixa estar. Antes queria beber tinta encarnada. — Eddie sentou-se aos pés da cama ao lado de Tommy, chegando-se a ele. Usava as mãos, que eram quadradas e tinham as unhas arranjadas na perfeição, para ilustrar cada frase. Apesar do grande corpo masculino e da barba cerrada que lhe ensombrava o queixo, parecia que tentava ser — disse Tommy rudemente para si próprio — tão amaricado quanto possível. Fazia com que Tommy se sentisse nervoso, cheio de uma apreensão que vinha de longe.

— Matt, esqueci-me pura e simplesmente de te dizer, o Bart Reeder conseguiu finalmente um bom papel!

— O Bart? Num bar? Num cabaré?

— Não, não, querido, um papel muitíssimo respeitável num filme muitíssimo respeitável também. E não é daqueles papéis em que não se diz palavra, é um bom papel a contracenar com a Louise Lanart. Dizem que ele teve de dormir com o Johnny Mac... sabes a quem me refiro, para o conseguir, mas é um óptimo papel, em que faz a corte à Lanart...

Mário assobiou.

— O Bart a fazer o papel de um grande amante? Isso deve valer a pena ser visto!

— Cos diabos, o homem é um actor, digas lá o que disseres dele Mas tu conhecestes o Reeder muito melhor do que eu.

Não assim tão bem — disse Mário na defensiva. — Ele passava muito tempo lá no estúdio, era só isso. Não era grande bailarino, mas tornou-se num excelente acrobata.

Keno deu um assobio sugestivo.

Posso imaginar. Mas ficava tão giro em calças de ginástica!

Podes crer! — concordou Mário, rindo-se.

— Tu lá deves saber.

Mário riu-se de novo, desviando o olhar. Depois, olhando de novo directamente para Keno disse:

— Olha, para tua informação, o Bart passava muito tempo comigo porque eu era apresentável. Não me andava a bandear por tudo quanto era sítio, e ele podia ser visto comigo sem se denunciar,

quando íamos juntos a sítios heterossexuais. Deus Todo-Poderoso, Eddie, não estás com ciúmes de mim e do Bart, pois não?

— Deveria estar? — perguntou Keno e, com um súbito assomo de ciúmes, Tommy reconheceu o nome. Bart Reeder. Vira-o em filmes de cow-boys e em filmes de aventuras, fazendo papel de vilão e de duro. Bem, supunha que, por aquelas paragens, entrar em filmes não era nada do outro mundo.

Eddie suspirou.

— Ora, podemos sempre dizer que o conhecemos quando ele não era famoso.

— Afinal como é que soubeste disso? — perguntou Mário.

— Passei pelo Circle Square ontem à noite. Não se fala noutra coisa — disse Eddie. — O Bart estava lá a celebrar. Perguntou por ti.

Mário abanou a cabeça.

— Podes ficar com a minha parte do Bart Reeder, és até muito bem-vindo. Eu não gosto de práticas violentas, e ele tinha umas ideias esquisitas, que me tiravam a vontade toda.

— Dá-me uma pista — disse Keno.

Mário abanou a cabeça.

— À frente do miúdo não. Mas conhecendo-te como te conheço, posso dizer-te desde já que não irias gostar.

— Sim — disse Keno com um riso estranho -, tu sabes do que é que eu gosto, não sabes? — Abruptamente saltou da cama, exclamando enquanto fazia um gesto bamboleante: — Oh, meus queridos, tenho uma aula à tarde a que não posso voltar a faltar! Vemo-nos por aí, Tommy. — Agarrou na camisola e foi-se embora a correr. — Divirtam-se miúdos... pensem no tio Eddie logo à noit... gritou de ao pé da porta antes de a fechar com estrondo e Mário respondeu com um encolher de ombros ao olhar curioso de Tommy.

— Que tipo tão esquisito. Quero dizer, estranho.

— Se isso era uma pergunta — disse Mário — "esquisito"<sup>{18}</sup> serve.

— Ele age de uma forma tão... — Tommy desistiu, incapaz de encontrar a expressão adequada e Mário forneceu-lha.

— Desfaz-se todo. Pois é, desfaz-se mesmo. É tudo cinema, não sei se sabes. Não existe razão nenhuma para que ele não se

comporte de uma forma tão... tão viril como eu. Só que ele é mais corajoso, e, talvez, um pouco mais honesto.

— Pois, está bem, mas gostavas que eu andasse por aí a comportar-me daquela maneira?

— Provavelmente torcia-te o pescoço. Se o Angelo não to torcesse primeiro. Gostaste dele?

— Acho que sim. Mas ele age como se tu lhe pertencesse.

— E se pertencer? — Mário olhou-o com um olhar duro e fixo.

Tommy começou a exaltar-se; depois a sua ira transformou-se em dignidade estóica.

— Não havia necessidade disto. Se só me quiseste trazer aqui para me mostrares o teu novo namorado...

— Raios, não. O Keno teve-me, ou pelo menos teve-me emprestado, durante algum tempo, há uns dois ou três anos. Nunca chegou a ser muito sério. Ele era apenas alguém com quem eu podia falar, alguém de quem não tinha de me esconder, e a quem não tinha de dizer mentiras. O Keno, também, é só garganta, e a mim conheces-me tu.

— Pois conheço. E às vezes fazes com que eu deseje não conhecer.

Mário foi até à porta e trancou-a. Depois voltou para trás e estendeu os braços a Tommy. A tremer, este lançou-se neles. Mário ergueu-lhe a cabeça e beijou-o, murmurando contra a sua boca:

— Diz isso outra vez, Lucky. Diz isso outra vez.

E mais uma vez, depois do Inverno cheio de desespero e , solidão, Tommy sentiu aquela curiosa sensação de segurança interior fervilhar dentro de si e espalhar-se, preenchendo o vazio, preenchendo-o dos pés à cabeça. A rocha sólida que era agora a base da sua vida. Com Mário, voltava a sentir-se de novo ele próprio.

Conseguiu finalmente reunir a confiança necessária para perguntar:

— Tiveste saudades minhas?

— Raios, não, tive o corpo inteiro de bailado a entrar e sair daqui, nem tive tempo para mudar os lençóis... Mas afinal o que é que tu achas, miúdo? Porque é que achas que não me atrevi a

escrever-te, nem sequer um cartão de Natal? — Mário beijou-o de novo, com tanta força que o magoou. Mas já estava a sorrir, a tensão rígida em volta da boca de novo ausente. Passou os dedos pelo queixo de Tommy. — Ora esta, quem diria? Aposto que te começaste a barbear. Já me sinto melhor. Já não estou a corromper um jovem imberbe; sabes o que os Gregos pensavam disso.

Tommy disse, com a cabeça ainda apoiada no ombro de Mário:

— Toda a minha vida tenho ouvido dizer que os Gregos tinham um nome que davam a não sei o quê. Mas nunca soube que nome era esse, nem do que se tratava.

Mário riu-se.

— Quer creias quer não, era para isto que eles tinham um nome, e eles foram praticamente os únicos que tiveram um nome para isto que podia ser repetido em sociedade. Esperava-se deles que tivessem amigos e que os amassem. Era perfeitamente respeitável e toda a gente o fazia.

— Estás a brincar comigo!

— Não, não estou. Um dia destes mostro-te isso num livro.

Escreviam poemas de amor aos namorados e tudo, e ninguém se importava. As pessoas esperavam que assim fosse. — Levantou-se e procurou durante alguns instantes na estante, encolheu os ombros, recostou-se e citou, a sorrir: — "O amor e a amizade na sua forma mais pura existem entre os homens. Em Esparta, todos os rapazes de bom carácter tinham um amante mais velho que era para eles um mestre e um modelo de virilidade. O sentimento reinante era de que isso seria uma inspiração para a virtude e bravura dos rapazes, levando-os a querer demonstrar coragem e valentia perante o amado. Tanto o amante como o jovem preferiam morrer a ter qualquer atitude desonrosa perante o outro." — Sorriu e disse a Tommy: — Aristóteles. Talvez tenhas ouvido falar nele nas aulas de História na escola, mas aposto que isto não te ensinaram.

Tommy abanou a cabeça. Sentia crescer qualquer coisa dentro de si que era quase dolorosa. Sempre soubera, algures dentro de si, que Mário trazia ao de cima o que de melhor havia em si, que lhe inspirava força e coragem, que o levava a fazer um pouco mais que o seu melhor. Disse num sussurro:

— É isso. É isso mesmo, Mário.

— Sim, é, não é? Só que não é no aqui e agora. Tom, queres beber alguma coisa? Não estamos na temporada, por isso não faz mal. É assim uma espécie de acto simbólico. Gostava... gostava de beber um copo contigo.

Tommy sentiu espalhar-se dentro de si a já sua conhecida sensação de complacência.

— Claro, como queiras.

Mário foi até à prateleira do canto e tirou uma garrafa.

— Só há vinho tinto. Como o que a Lu serve ao jantar. Nunca toco em mais nada. Da única vez que bebi uma bebida mais forte acabei na cadeia. Um dia destes conto-te a história toda. — Tirou dois copos pequenos e limpos da prateleira e deitou cerimoniosamente um pouco de vinho em cada um. Deu um deles a Tommy e ficaram a olhar durante algum tempo um para o outro.

— Bem — disse Mário por fim, quase num murmúrio: — fazemos um brinde? A nós? A uma boa temporada? Àquilo para que os Gregos tinham um nome? — Estava a brincar, disfarçando a emoção, mas a expressão nos seus olhos era a sua expressão habitual, cheia de meiguice, e Tommy sentiu-se como se estivesse a ser, embora com suavidade, virado do avesso.

Sorriu e disse, tentando desanuviar o ambiente:

— Eu proponho um brinde, está bem? E que tal "Manter tudo afastado da plataforma"?

Beberam, rindo-se um do outro. Mário pegou no copo de Tommy e passou-lhe um braço pelas costas.

— Sabes, não consigo perceber as pessoas. Especialmente o Angelo. O Johnny e a Stel metem-se em sarilhos, a Stel quase que morre por causa disso e qual é a primeira reacção do Angelo? Levá-los a correr a um padre e tratar de tudo para que sejam felizes para sempre. E, no entanto, aqui estamos nós, tu e eu, sem arranjar o mínimo dos problemas a ninguém, mais felizes do que a maioria das pessoas alguma vez consegue ser e, se o Angelo o descobrisse, dava cabo de nós e faria tudo para que eu fosse para a cadeia e tu para um reformatório. Consegues perceber isto?



— Nem tento, sequer. — Tommy tirou o copo da mão de Mário e pousou-o na cama, mas este rolou para o chão. Ficou ali, a rolar silenciosamente, para trás e para a frente até que parou finalmente, sem que eles dessem por isso.

## *Capítulo XX*

As salas da casa Santelli estavam silenciosas, quando Mário e Tommy chegaram, no início da tarde seguinte. Depois de Mário ter ajudado Tommy a arrumar as suas roupas, no quarto que voltaria a ser o seu naquele ano, foram até à sala de treinos.

O cheiro familiar da sala — cera, óleo e pó — provocaram em Tommy um curioso sentimento de regresso a casa. Os trapézios, balouçando-se, provocavam reflexos brilhantes no chão.

Angelo, de pé junto ao trapézio voador, virou-se e fez-lhes um pequeno aceno. Tommy, tirando os sapatos, viu que Angelo segurava as cordas de um dispositivo de segurança. As cordas subiam e passavam por uma roldana fixa no tecto e desciam até aos destorcedores presos ao cinto de cabedal que Liss, na plataforma, apertava em torno da cintura. Em calças de ginástica coçadas e remendadas, com o cabelo entrançado caindo-lhe pelas costas, estava de pé com um braço passado em torno de uma corda, franzindo o sobrolho com grande concentração enquanto tentava apertar as fivelas com uma só mão. A seu lado estava uma mulher baixa e morena com um fato macaco justo. Tommy não a reconheceu até ela se voltar, mas Mário ficou a olhar e gritou:

— Lúcia, em que é que se meteu agora?

Ela riu-se.

— Fico impaciente! Sou o velho cavalo dos trapézios repetindo os meus passos... Sempre foste buscar o Tommy?

— Claro, está aqui comigo — disse Mário. Ela viu-o e acenou, Tommy, retribuindo o aceno, lembrou-se, sentindo um baque, que no que dizia respeito à família, a sua camioneta acabara de chegar, e a noite anterior não existira. Pensou, Raios, porque é que isto tem de ser assim? Mas ali, na sala de treinos, aquele pensamento limitou-se a passar-lhe pelo espírito e a desaparecer de imediato.

Tommy olhou em volta da sala. No extremo do aparelho onde trabalhava o base, reconheceu Bárbara, balouçando-se para trás e para a frente no trapézio base. Este fora reforçado com um "berço", o laço para o pé utilizado pelas mulheres e pelos principiantes, em vez do laço para a perna utilizado pelos homens mais experientes. Por baixo dela estava Johnny, descalço, com umas calças velhas de ganga grosseiramente cortadas por baixo do joelho, e que lhe marcava o ritmo dos seus impulsos.

— Um, dois, três... assim mesmo, acelera um bocadinho Ei, a Liss está pronta?

A Liss deu um esticão na corda do dispositivo de segurança.

— Está demasiado apertado. Magoa-me. Tenho mesmo de usar isto?

— Sim — disse Angelo bruscamente. — O teu ritmo ontem estava uma desgraça e tu sabe-lo bem. Isso costumava ficar-te ótimo. Que tens andado a fazer? A encher-te de batatas fritas?

Ou estás grávida outra vez?

— Não, raios! — gritou Liss provocando ruídos de desaprovação a Lúcia. — O Johnny mandou arranjar isto ao tamanho da Bárbara! Eu não preciso disto nem quero isto para nada! Matt, diz-lhes que eu nunca uso isto!

Angelo encostou-se ao poste de apoio do aparelho e disse:

— Gatinha, a não ser que seja eu próprio o teu base, tu pões, e pões mesmo, esse cinto até que eu te diga para o tirares, ou então desces já cá para baixo!

— Pronto, vem cá! — exclamou Lúcia e virou Liss com mãos competentes, apertando firmemente a fivela do cinto.

Mário riu-se e Liss gritou, zangada:

— Para ti, é muito fácil rir! Tu nunca usas esta porcaria!

— Doçura — disse Mário tentando acalmá-la -, tu queres manter os braços e as pernas assim bonitos, não os queres cheios de queimaduras das cordas como os meus.

Tommy atravessou a sala para perguntar a Johnny:

— Que se passa aqui?

— Que te parece? — Johnny desviou a atenção da oscilação do trapézio de Bárbara por alguns instantes. — Com um pouco de

sorte, daqui a uma ou duas temporadas, somos capazes de ter um número de trapézio voador só com raparigas, se elas se deitarem ao trabalho. Vá lá, Liss — gritou -, de que estás à espera?

Subitamente muito séria, Liss tirou a barra das mãos de Lúcia.

Estavam todos em silêncio. Liss saiu da plataforma, balouçando-se com perfeição, suspendendo-se do trapézio pelos joelhos dobrados no voo de retorno, esticando os pulsos na direcção de Bárbara. Esta fez a pega, com uma certa atrapalhação e Johnny grit... para a próxima espera que ela te tire da barra, Liss! Continuas a agarrar-te a ela! Barbie, mantém os cotovelos um pouco mais dobrados, ou esse ombro vai sofrer as consequências! Pronto, Angelo, larga-a.

Enquanto Angelo deixava descer as cordas do cinto de segurança, fazendo com que Liss caísse lentamente na rede, alguém disse nas costas de Tommy:

— Ei, então este ano não me falas?

Virou-se e viu Stella a olhar para ele. Estendeu-lhe a mão mas ela lançou os braços à sua volta e abraçou-o. Parecia mais magra e, à volta da boca, havia rugas que não tinham ali estado no ano anterior. Parecia tão frágil que Tommy teve medo de retribuir o abraço infantil. Disse, encabulado:

— O Mário disse-me que tinhas estado doente.

O sorriso ensombrou-se-lhe.

— É verdade. Enrolei o Johnny mesmo no meio da temporada.

— Ela hesitou. — Suponho que ele te disse que nos casámos?

Tommy assentiu com a cabeça. Tu enrolaste o Johnny? pensou, incrédulo. Uma gaita! A mim parece-me mais ter sido ele que te enrolou a ti, e de que maneira! Mas não o disse em voz alta.

— Agora já estás bem, não estás, Stel?

— Acho que sim. O médico diz que posso voltar a trabalhar, se me sentir bem, talvez na próxima semana.

Bárbara tocou-lhe no ombro. Já estava mais alta que Tommy, uma rapariga robusta, com cabelo castanho encaracolado e a cara corada pelo exercício. Tinha uma toalha lançada por cima do maillot.

— Olá, Barbie. Que estás aqui a fazer?

— Que te parece? Andei de roda da Lulu para aprender a voar até o Johnny me dizer que me ensinava a trabalhar a base, e aqui estou eu.

— Não és demasiado leve para base?

Johnny ouviu a pergunta e voltou-se para dizer:

— Isso é um disparate. O tamanho não importa, isso é tudo um monte de tretas! É um velho conto de fadas, isso de o base ter de ser o homem maior do número! Tem é de se saber a técnica, é tudo. Nunca se faz a pega com os braços totalmente esticados, e dá-se impulso no momento em que o voador nos toca os pulsos. A Stel pode apanhar-me sem se magoar minimamente. Eu ensinei-a a fazer isso para provocar sensação, porque é tão inesperado, uma coisinha como ela a apanhar um tipo do meu tamanho.

— Mesmo assim — disse Mário juntando-se-lhes: — Eu gosto de ter um base suficientemente sólido para aguentar o meu peso. Mais cedo ou mais tarde o esforço vai ter consequências.

Os ombros são sempre o ponto fraco. Lembras-te do que aconteceu ao Barney Parrish? Aquela queda que ele deu não o deveria ter deixado fora de acção por mais de uma semana, mas quando o músculo do ombro sofreu uma ruptura, acabou-se. — Mário fez um gesto de guilhotina com a mão. — Acabado. Nunca voltou a subir ao trapézio. E ele era o melhor de todos.

— Bolas — disse Johnny -, eu costumava ser teu base, e tu és mais alto do que eu.

— Mas não me aparavas em nenhum dos exercícios mais difíceis. Só foste meu base quando éramos miúdos. Sinto-me muitíssimo mais seguro com o Angelo.

— Escuta, o impulso das barras...

Tommy foi-se embora. Já ouvira Mário e Johnny discutirem antes, argumentos infundáveis sobre aspectos técnicos que não resolviam nada e que não convenciam nenhum deles. Também Stella encolheu os ombros e disse:

— É melhor voltar ao trabalho.

— Pensei que não começavas a trabalhar antes da próxima semana.

— Exercícios de flexibilidade, só isso. Estive doente durante tanto tempo, que os meus músculos estão todos fora de forma.

Angelo fez sinal a Tommy.

— Vai vestir-te. Vamos lá ver quão má está a tua forma depois do defeso de Inverno.

Ele foi e enfiou umas calças de ginástica. Quando subiu à corda, Lúcia ainda estava na plataforma e Angelo tinha subido para o trapézio base. As raparigas tinham-se ido embora. Lúcia disse:

— Agora que as miúdas já se foram embora, podemos deitarmo-nos ao trabalho — e ele sentiu-se estranhamente cumprimentado.

Ela classificava até a Liss entre os amadores, enquanto a ele lhe dava estatuto de profissional. Passou-lhe a barra com destreza e competência. — Desliza as mãos um pouco mais para o centro. Olha, tenta manter os polegares por cima da barra, assim.

Tommy experimentou.

É uma sensação estranha.

Sim, ao princípio. Mas dá mais equilíbrio e nunca se fica pendurado ao sair da barra. Observa o Matt... vê como ele coloca as mãos.

Angelo gritou, do outro lado do aparelho: "Pronto?" Tommy balouçou-se várias vezes e, por insistência de Angelo, deixou-se cair e voltou a subir para se balouçar de novo. Por fim, Angelo mandou-o embora, dizendo:

— Não está mal; não te deixaste mesmo sair de forma. Bom trabalho, miúdo.

Tommy foi para o vestiário e depois recuou, embaraçado, pois lá dentro estava Stella, meio despida, sentada num banco com a cabeça entre as mãos. Liss, ajoelhada a seu lado, abraçou-a e disse-lhe qualquer coisa que Tommy não conseguiu ouvir e Stella abanou a cabeça.

— Não, estou bem, só que fico tão furiosa! Ponho-me a... a tremer. Não posso confiar em mim, porque de cada vez que me descontrolo, fico com os braços bambos. Liss, já se passaram dias...

— Eu sei, Stel, eu sei — Liss confortou-a, abraçando-a. — Os teus músculos amoleceram, é só isso. Eu sei como é horrível, passei

por isso quando o Davey nasceu, mas uma vez que consigas recuperar as tuas forças, voltará a ser tudo como dantes, a sério. Isso nunca se perde. Olha para a Lúcia, não voa no trapézio há quase dez anos, mas o ritmo dela continua perfeito, tu própria a viste. Anda, querida, anda para cima e toma um bom banho quente, que eu dou-te uma massagem nas costas. — Riu-se. — Estás a ir muito bem. E pelo menos o Johnny já conta que estejas cansada quando chega a hora de ir para a cama. — Começaram a rir-se as duas, e Tommy, percebendo repentinamente o que elas queriam dizer, recuou até sair completamente do vestiário sentindo-se corar. Foi para cima para se vestir, não se atrevendo sequer a ir buscar a sua roupa, não fossem as mulheres aperceber-se de que a sua conversa tinha sido ouvida.

A vida voltou rapidamente à rotina habitual. Tommy matriculou-se na escola; ele e Mário começaram com os treinos regulares de manhã, com a companhia quase diária de Johnny e ; Bárbara e, por vezes, de Liss. Agora que, contando com Papa Tony, tinham quatro voadores, começaram a treinar uma passagem sincronizada no ar para as mãos de dois bases, utilizando o trapézio de pares que Tommy e Mário tinham usado na temporada anterior. Johnny dizia piadas — quando Angelo não o podia ouvir — acerca dos números tipo confetti, mas era um bom base, forte e seguro. Mário estava a treinar de novo, e intensamente, o triplo com Angelo. Johnny trabalhava com Liss, Lúcia e Bárbara.

Stella continuava a não estar suficientemente forte para subir ao trapézio. Mas Papa Tony não dizia nada acerca dos exercícios a incluir no número daquele ano, nem sequer sobre quais os membros da família que iriam com eles em digressão. Parecia estar à espera de qualquer coisa.

Foi então que, um dia à tarde, Lúcia o chamou ao telefone.

Quando regressou ficou a observá-los durante algum tempo e depois perguntou:

— Matteo, estás pronto para nos mostrares um triplo?

— Amanhã, Papa — disse Angelo. — Ele tem estado a trabalhar o dia todo.

— Amanhã, então. Lá para cima, vocês todos. E vistam-se. — Mas fez Mário parar junto da porta. — Não saias de casa. Quero falar convosco, com todos, depois do jantar, na sala.

Mário foi até ao quarto de Tommy para se vestir, mas estava silencioso, de cenho franzido. Tommy perguntou:

— Que se passa? Que quererá o Papa?

Mas Mário limitou-se a dizer:

— Esperemos para ver, está bem, miúdo?

Na grande sala em mau estado, Papa Tony, de pé com as costas viradas para a lareira, ficou a olhar para eles, enquanto se juntavam, com os olhos escuros e vivos. Lúcia estava sentada muito direita e altiva na sua cadeira de espaldar, com um vestido escuro com uma pele branca em volta do pescoço, totalmente diferente da mulher amigável que era quando estava na plataforma.

Mário estava recostado numa cadeira de braços, com as pernas esticadas. Liss estava sentada no braço da sua cadeira.

Papa Tony deixou que a expectativa crescesse durante vários minutos à luz tremeluzente da lareira. Tommy foi sentar-se ao lado de Bárbara na pedra da lareira. Angelo, com um pulso ligado, estava a acender um cigarro. Até mesmo Johnny estava calado, com os braços passados em torno dos joelhos. Finalmente, Papa Tony disse:

O Jim Fortunati telefonou-me esta tarde das instalações de Inverno do Circo Starr. O Randy Starr quer um segundo número de trapézio. O Jim disse-me que o Starr gosta de números com muita gente, quanta mais melhor. Receber-nos-á daqui a dez dias.

Este ano teremos quatro voadores; Johnny, tu serás o segundo base. Elissa, visto que a Stella ainda não está suficientemente forte para trabalhar, vais à audição no lugar dela.

Lúcia disse:

— Papa, isso será inteligente? Sabes que...

O velhote encolheu os ombros com impaciência.

— Ir à audição não a compromete em nada. Precisamos dela enquanto a Stella estiver doente!

Não era a primeira vez que Tommy se perguntava como teria a Liss conseguido o consentimento de David. Ou será que não tinha? Mas não tinha tempo para pensar nisso.



— Gianni.

— Papa... — começou Johnny a dizer.

— Agradece ao Angelo, não a mim. Ele convenceu-me de que tens direito a mais uma oportunidade.

— Tio Angelo, é claro que lhe agradeço, mas...

— Lembra-te apenas de qual é o teu lugar — retorquiu Angelo.

— Segundo base. Algures lá para baixo, entre o Tommy e a Liss. E nada de gracinhas. És um Santelli, não te esqueças disso.

Johnny cerrou os maxilares, e à luz do fogo Tommy viu os Pequenos músculos da sua garganta moverem-se, mas ele limitou-se a dizer:

— Está bem, está bem.

— Matt, este ano vamos apresentar-te como a estrela do número. Queres mostrar já o triplo ao Fortunati?

— Acatarei a sua decisão, Papa.

— Não. É a ti e ao Angelo que cabe decidir.

— Mostra-lhe, Matt — disse Angelo. — Ele é suficientemente bom para saber, se falhares, quão perto estiveste de o conseguir.

— Muito bem — assentiu Papa Tony. — Elissa, vais trabalhar no exercício de pares, na passagem aérea e fazer mais uma ou duas coisas bonitas para a abertura. Pergunta à Lúcia o que será melhor.

— Ela assentiu humildemente e ele acrescentou, fixando-a com um olhar severo: — Desta vez não quero ter problemas com o David, estás a ouvir-me?

Mário deu a mão à irmã e disse:

— Eu garanto-o.

— Tommy — disse Papa Tony olhando para o local onde ele estava sentado ao lado de Bárbara. Todos os olhares seguiram o de Papa Tony e fixaram-se em Tommy, mas daquela vez ele não se sentiu assustado. Era a vez dele, era tudo. — Os teus exercícios de pares com Mário são a coisa mais espectacular que temos, à parte o triplo. São suficientemente pouco habituais para marcar a diferença. Uma coisa: és um Santelli; não te esqueças disso e não digas que te chamas Tommy Zane. Eu digo ao Fortunati quem tu és, mas isso faz parte da nossa imagem: três gerações de Santellis. — Os seus olhos desviaram-se. — Alguém tem alguma coisa a dizer?

Lúcia tinha.

— Guarda-roupa. A Liss e o Johnny estão a usar os trapos velhos que encontraram lá em baixo. E, Matt, quero que fiques cá em casa esta semana. Nada de borgas em Hollywood com o grupo dos rapazes do ballet, ou com esses vadios universitários.

Sei que ainda não estamos na temporada e que o teu tempo livre devia estar por tua conta, mas quero-te aqui. Entendido?

— Oiça, Lu, eu tenho um emprego. Posso arranjar as coisas de maneira a ir à audição, claro, mas não faz sentido nenhum...

— De qualquer maneira já vais e vens todos os dias — disse Lúcia — e se estiveres a dormir aqui, posso encontrar-te quando precisarmos de ti, e ter a certeza de que estás a dormir o suficiente, a comer o suficiente...

— Lu, por amor de Deus, eu não tenho dezasseis anos! Já há seis anos que vivo sozinho! E de resto o Tommy está a dormir no meu quarto, e com a Liss aqui e toda a gente a partilhar quartos...

Angelo disse:

— A Lu tem razão, Matt. Mudas-te para o quarto de um dos miúdos, do Clay ou do Tommy. Mas devias ficar cá.

Mário encolheu os ombros.

O Angelo é quem manda. Tommy, consegues aguentar comigo no teu quarto durante mais ou menos uma semana?

Se estiver bem para ti — tartamudeou Tommy, sem se atrever a erguer os olhos — está bem para mim.

Os dias tornaram-se totalmente frenéticos daí em diante.

A sala de treinos estava vedada a toda a gente excepto aos seis que estavam a trabalhar realmente e, mesmo Papa Tony, que nunca estava fora de forma, treinava com eles.

Tempos houvera em que Tommy pensara que se pudesse partilhar um quarto com Mário e dormir com ele todas as noites, seria maravilhoso; contudo era tudo muito rotineiro. Estavam demasiado ocupados, e demasiado cansados, para aproveitarem as vantagens que as circunstâncias proporcionavam.

No entanto, era muito importante para ele, no meio daquela rotina estafante, poder adormecer todas as noites com a cabeça na almofada de Mário e acordar, uma ou duas vezes por noite, para o

ouvir respirar. Não mais que isto. Tinham voltado a ser o que tinham sido anos atrás — parceiros, companheiros, irmãos.

E toda a tensão existente entre os seus corpos, nunca totalmente ausente, parecia acumular-se, não em função do momento em que se deitavam nos braços um do outro à noite, mas em função do momento em que se lançavam, como um só, da barra do trapézio.

Quando deslizavam pela corda após os treinos, encharcados em suor, para apanhar os roupões e cair no chão a descansar (por duas vezes Mário adormeceu em cima do soalho), Tommy sentia-se fraco e relaxado, como se tivesse saído da mais violenta sessão de amor. À noite passavam os braços em volta um do outro antes de adormecerem, mas era o abraço fatigado e amigável de dois irmãos. Tommy pensava que Mário não se tinha apercebido completamente da situação — ou seria que, por estarem no seio da família, ele estava a acautelar a sua posição?

Mas uma manhã, enquanto se barbeava, Mário resmungou:

— Meu Deus, não temos sido bons rapazinhos?

— E quem é que tem energia para mais?

— Quando isto acabar, quer corra bem quer não, vou ensinar-te uma ou duas coisas. Está bem?

— Está bem. — Mas Tommy virou-se, temendo deixar transparecer o que sentia. Assim como estavam era melhor, não tendo de pensar em mais nada a não ser no trabalho.

David Renzo apareceu no fim-de-semana e, pareceu a Tommy não para inteira satisfação de Liss. Poucos minutos antes de ele aparecer, Liss tinha estado a treinar um exercício novo e tinha dado uma grande queda na rede. Quando ele entrou ela estava a limpar o rosto suado com uma toalha, mas quando ele a abraçou ela encolheu-se e afastou-se.

— Ai!

Lúcia veio ter com ela e tocou-lhe no braço.

— Magoaste-te quando caíste, Liss?

Liss abanou a cabeça. Descontraidamente tirou a camisola ficando em soutien na frente deles. Angelo também veio até ao pé dela para olhar para a rede de vergões vermelhos nas suas costas.

Lúcia riu-se.

— Isso é para aprenderes, ragazza!

— Deus do Céu — disse David Renzo, ofegante -, parece que foste chicoteada com um gato-de-nove-rabos, ou coisa do género! Que se passou? Caíste? Eu sabia, eu sabia que não te devia ter deixado...

— Não sejas pateta — disse Liss. — Caí na rede com demasiada força, foi tudo. Quando se faz este tipo de coisas, passa-se a vida a cair. Não exageres, David, a culpa foi minha.

— Escuta, Liss, tu nunca me disseste... pensei que me tinhas dito que nunca te magoavas... — começou ele a dizer.

Ela virou-se para ele, completamente furiosa.

— Vais começar outra vez com isso, David? Prometeste-me...

— E queres que eu fique para aqui a ver matares-te? — Passou o olhar pelo círculo de Santellis, reunidos à sua volta, e Tommy apercebeu-se que se tinham juntado todos e que estavam a observar David, o intruso.

Angelo disse brevemente:

— Veste a camisola, Liss. Não estejas para aí assim meio despida. Ainda te constipas. E para a próxima, rola quando caíres na rede. Já sabias cair melhor que isso quando eras da idade da Barbie! E faz o favor de tomares um banho quente, e pede à Lu ou ao Johnny que te façam uma massagem às costas. Se estiveres toda dorida no sábado, torço-te o pescoço. — Virou-se e ordenou-lhes: — Então, vamos lá ao trabalho! Johnny, já puseste fita naquela barra? Matt, Tommy, subam para os exercícios de pares.

Enquanto Angelo se afastava sem dirigir palavra ao marido de Liss David Renzo olhou zangado para Liss, depois abanou a cabeça, com os lábios cerrados e saiu da sala de treinos, batendo com a porta. Nas suas costas, Tommy ouviu Lúcia dizer numa voz baixa e tensa:

Liss, vai atrás dele. Não o deixes ir-se embora assim zangado.

— Por amor de Deus — gritou-lhe Liss, as mãos contra as têmporas, olhando impotente da mãe para a porta fechada por onde o marido tinha desaparecido -, que é que quer que eu faça, Lulu?

Que é que acha que eu posso fazer? Porque é que tem de me meter nisto?

— Elissa, ele é teu marido! Não podes brigar com ele assim! Vai ter com ele, faz as pazes...

— E que é que quer que eu lhe diga? — Liss correu para o vestiário e bateu com a porta. Lúcia correu atrás dela.

Angelo, de cenho franzido, rosnou:

— Não, raios, Matt, mantém-te fora disto! Volta lá para cima para o teu lugar. Tommy, estou à espera!

Quando Tommy se lhe juntou no cimo do aparelho, Mário estava pálido e a tremer, esfregando o pulso com um ar preocupado. Tommy disse:

— Mário... — mas Mário olhou para o rapaz com a sua expressão mais distante e fria.

— Não comeces, raios! Despacha-te!

Nessa noite, à frente da lareira, Angelo disse repentinamente:

— Dave, quero contar-te a história da minha mulher, da Teresa.

Tommy ergueu o olhar do livro de geometria. Angelo nunca falava de Terry Santelli. Tommy vira fotografias suas no álbum da família, uma linda mulher jovem de cabelo escuro. A pequena Tessa, com os seus olhos negros, o grande orgulho de Lúcia, vinha de vez em quando do colégio do convento onde estava interna, Para passar o fim de semana com eles. Toda a gente a mimava horrivelmente. Angelo dirigiu-se a David e sentou-se a seu lado.

— Eu às vezes pensava que a Terry se tinha casado comigo porque estava apaixonada pelo... pelo fascínio do trapézio. pelo perigo do trapézio.

— Como a Liss? Olhe, Angelo, escusa de me tentar convencer — Não — disse Angelo -, não era nada como a Liss. A Terry era doida por coisas perigosas, só porque eram perigosas. A Liss corre riscos, mas só porque foi assim educada, faz tudo parte de um dia de trabalho. A Terry, bem, eu nunca quis que ela voasse mas ela estava doida por experimentar. Eu, de qualquer forma tinha de treinar a Liss e o Matt, e ensinei a Terry ao mesmo tempo que os ensinava a eles, e ela era boa. Era absolutamente destemida.

Corria riscos inacreditáveis; eu estava sempre à espera que ela partisse o pescoço, mas ela era mesmo muito boa. Nunca partiu sequer um dedo. E foi então que a Tessa nasceu e eu fiz mesmo finca-pé. Nessa temporada, proibi a Tess de voar, proibi-a de se chegar ao pé do trapézio. — O rosto de Angelo contorceu-se ligeiramente numa expressão irónica. — A Terry barafustou e implorou, mas era eu quem usava calças lá em casa e não se falava mais nisso. O trapézio acabara-se, ela ia assentar e criar a minha filha, como qualquer boa dona de casa.

— Angelo, oiça...

— Não, tu é que me vais ouvir, Dave. Por isso, quando a Tessa tinha dez meses, a Terry espetou-se com o meu carro, porque era doida por velocidade, perigo e excitação. Como eu não a deixava voar connosco, ela tirava a excitação de que precisava conduzindo o carro a 150 quilómetros por hora na auto-estrada, onde as outras pessoas à volta dela se estavam nas tintas para a segurança.

— Angelo tinha os olhos fixos no fogo. Tommy perguntou-se o que ele estaria a ver nas chamas. — Dave, miúdo, não se pode proteger alguém a não ser que essa pessoa queira ser protegida.

David não respondeu durante algum tempo. O seu rosto estava tão rígido e fechado como o de Angelo. Levantou-se, virando as costas ao fogo.

— Bem — disse por fim -, tenho de pensar nisso. Mas, com mil raios, não tenho de gostar, pois não?

Angelo levantou-se e pôs-lhe a mão no ombro, dando-lhe um pequeno abanão.

— A questão é mesmo essa, miúdo. É que acho que tens mesmo de gostar.

David não disse mais nada, mas quando voltou para São Francisco no domingo à noite, deixou a Liss com eles sem mais protestos. No dia seguinte Tommy deu a sua primeira queda séria.

Enquanto estava a aprender, tinha falhado e caído na rede centenas de vezes. Tinha sofrido, em consequência, todas as nódoas negras queimaduras provocadas pelas cordas, e esfoladelas nos joelhos, que eram habituais na maioria dos atletas jovens. Aceitava-

as com naturalidade, e sentia um orgulho secreto por ser capaz de as ignorar. Mas aquilo era diferente e aterrorizante.

Estava a fazer uma passagem simples, e chegara mesmo a tocar nos dedos de Johnny, quando deixou subitamente de ver e se sentiu cair. Lutou, nos últimos momentos de consciência, para se enrolar, apercebeu-se com horror que os músculos não lhe obedeciam, depois caiu com violência na rede e a escuridão transformou-se em explosão e desmaiou.

Não tinha a noção de quanto tempo passara quando sentiu um odor amargo penetrar para lá da inconsciência. Tossiu, engasgou-se e abriu os olhos. Tinha a cara fria e a pingar e Johnny, de joelhos a seu lado, tinha um frasco com amoníaco destapado debaixo do seu nariz. O chão por baixo das suas costas era duro.

O rosto de Mário, um círculo desfocado por trás do ombro de Johnny, parecia ondular quando Tommy empurrou o amoníaco e se sentou...

— Que aconteceu? — tartamudeou.

— Acho que desmaiaste — disse Johnny. — Pensei que tinhas falhado, mas depois vi-te cair desamparado, em vez de te enrolares para caíres decentemente. Meu Deus, pregaste-me um susto, pensei que ias aterrar mesmo de cabeça!

Mário disse:

— Dá-me essa toalha, Liss — e voltou a humedecer-lhe a cara.  
— Vá, endireita-te, Lucky. Dói-te alguma coisa?

Tommy experimentou mexer-se.

— Acho que estou bem. Eu, ai!, parece-me que fiz uma ruptura num músculo ao pé das costelas, ou magoei-o, ou coisa assim. Mas de resto estou bem. — O terror atingiu-o de novo, num espasmo, fazendo-o sentir câibras no estômago. — Foi um pesadelo horrível!

— Pregaste-nos um susto a todos — disse Angelo bruscamente, mas com uma gentileza pouco habitual. — Podias ter partido o pescoço. Por instantes pensei que tinhas mesmo partido. Acho que o Matt acertou quando te começou a chamar Lucky. Tommy disse, a tremer:

— Foi tudo tão rápido. Eu estava bem e, de repente, ficou tudo negro. Tentei enrolar-me e não consegui.

— Tens de acender uma vela a São Miguel. — Liss tocou-lhe num braço, timidamente. — É assim que os voadores morrem quando perdem o controlo dessa maneira.

Ele apercebeu-se de como todos eles pareciam abalados. Teria ele corrido mesmo um perigo assim tão grande? Teriam mesmo ficado assim tão preocupados com ele? Contudo, quando começou a sentir o calor invulgar da sua solicitude, as inesperadas demonstrações de afecto e emoção, Angelo ordenou bruscamente:

— Muito bem, minha gente, acabem com isso. Ele não está ferido. Não podemos passar o resto do dia a imaginar o que poderia ter acontecido. Liss, é a tua vez, e queres fazer o favor de te lembrar, de que eu estou aqui para te agarrar? Continuas a agarrar-te a mim. Limita-te a colocar os pulsos onde deves e deixa que eu me preocupe em agarrá-los, certo?

Liss começou a subir a corda. Mário fez sinal a Tommy para que a seguisse.

— Conheces as regras. Quando se falha, sobe-se de novo e repete-se o exercício.

Tommy abanou a cabeça, atordoado.

— Não posso. Ainda estou a tremer.

— Por isso mesmo. Imediatamente, Lucky.

— Tu és quem manda. — Enfraquecido pela reacção ao choque, Tommy pôs-se de pé e encaminhou-se para a corda. A boca sabia-lhe mal. De repente disse:

— Cuidado... vou vomitar... — e mal teve tempo de chegar à casa de banho do vestiário. Mário seguiu-o e ficou ao pé dele, de cenho franzido. Atirou-lhe uma toalha molhada para que limpasse a cara. Tommy sentia-se como se fosse vomitar as tripas.

Quando finalmente acabou de vomitar, agarrou-se à bancada, dizendo através do zunido que lhe enchia os ouvidos: — Escuta, é melhor ficar por aqui hoje. Se eu subo outra vez agora, vou cair novamente.

— E se não sobes, és capaz de nunca mais voltares a fazê-lo — os olhos de Mário olharam-no a direito, cheios de frieza, e a mão



que tinha no cotovelo de Tommy já não lhe servia de apoio e empurrava-o na direcção da sala de treinos. — Se tivesses batido com a cabeça, eu dar-te-ia razão, podias ter feito um pequeno traumatismo. Mas não bateste, por isso essa porcaria desses vômitos todos não querem dizer nada a não ser que estás borrado de medo. Já lá para fora, raios te partam, ou ainda te desfaço. — Empurrou-o com rudeza e Tommy, repentinamente, percebeu.

Pensara que já ultrapassara o medo. Secretamente sentira um enorme orgulho por nunca ter sofrido nenhuma das crises provocadas pelo pânico, comum entre os trapezistas jovens, que os fazia ficar incapazes de se mexer. Nunca ficara agarrado à barra com medo de cair na rede, nunca tivera um ataque de nervos súbito que o fizesse agarrar-se às cordas como um náufrago.

Percebia agora que, afinal, não estava imunizado, o seu pânico limitara-se a manifestar-se mais tarde e de uma forma mais subtil.

Não houvera qualquer virtude na sua anterior coragem; não tivera simplesmente medo, só isso. Agora tinha medo, e Mário apercebera-se disso. Sob o olhar sarcástico de Mário, reduzido a um monte de nervos provocados pelo pânico, cambaleou em direcção à corda, os pés tropeçando sem precisão enquanto subia.

— Até que enfim — disse Liss rudemente quando ele chegou à plataforma. — Boa noite. — Esperou que ele lhe passasse a barra, lançou-se no espaço, passou por cima do trapézio e deixou que Angelo a agarrasse pelos tornozelos. Tommy agarrou a barra que voltava desajeitadamente, tentando expulsar do espírito tudo a não ser o momento em que Angelo a soltou para o voo de retorno; lançou-lhe a barra. Liss agarrou-a, pousou a seu lado e ele tentou agarrar o trapézio que ela largara enquanto ela saía rapidamente do caminho.

— Desvia a barra mais depressa! Pára de hesitar — gritou Mário do solo. — Pronto, Tommy, é a tua vez.

Liss manteve o trapézio seguro enquanto ele o agarrava mantendo os polegares por cima da barra. Angelo gritou-lhe causticamente:

— Importas-te de me dizer o que é que vais fazer?

— Passagem por cima — respondeu Tommy. Foi a única coisa que lhe ocorreu.

Mário estava a marcar-lhe o ritmo como já não fazia desde Os tempos da sua iniciação. — ... dois, três — vai! — Tommy sentiu o trapézio levá-lo levantá-lo no ar como se os seus músculos não fossem realmente os seus, e a voz de Mário parecia estar a um milhão de quilómetros de distância.

— Para cima, junta os pés, aguenta, aguenta, sim, vai! .

Tommy lançou o corpo por sobre a barra e, de repente, as mãos voltaram a estar onde deviam; sentiu Angelo agarrar-lhe os pulsos esticados, sentiu o esticão e a dor súbita nas costelas enquanto balouçavam juntos. Mas já sentia de novo o ritmo, regular como o de um pêndulo, no seu cérebro... virou-se para o voo de retorno e os pulsos soltaram-se. Deixou que o impulso o levasse, sentiu a barra envolta em fita adesiva debaixo das mãos, e depois, com alívio, sentiu novamente a solidez da plataforma sob os seus pés.

— Horrível, horrível! — gritou Mário. — Pés e cotovelos espalhados por tudo o que é sítio! Liss, afasta a barra depressa, não a atires de lado dessa maneira! Vamos lá tentar de novo!

Depois de mais duas tentativas, Angelo deixou que Tommy descesse, chamando Mário para treinar o triplo. Tommy deixou-se cair no chão ao lado de Johnny, fechando os olhos, agradecido pela convenção tácita que permitia que se pudesse estender ali e fingir que dormia. Não lhe apetecia enfrentar nem sequer as provocações bem humoradas de Johnny. Sentia-se amassado, mal disposto, dorido. Quando Mário e Angelo deram o treino por terminado, sentou-se. Respondendo à pergunta seca de Mário, "Estás bem, Lucky?", com um aceno de cabeça, começou a dirigir-se para o vestiário.

— Vais dizer à Lúcia? — perguntou Angelo por cima da sua cabeça.

Mário olhou-o zangado.

— E para quê? Por amor de Deus, será que eu digo à Lu de cada vez que dou um trambolhão?

Angelo disse calmamente:

— Isto é diferente e tu sabe-lo bem. Quando alguém perde o controlo no ar daquela maneira, existe a possibilidade de alguma coisa estar errada. Ele devia ser visto por um médico e tu sabes disso.

Tommy disse:

— Não vou a médico nenhum!

Tu farás o que te disserem e não quero discussões a esse respeito — disse Angelo acrescentando para Mário: — Há a possibilidade de ele ter um problema cardíaco ou de ter feito um pequeno traumatismo provocado por outra queda. Para a próxima pode não ter tanta sorte. Se ele não está em plena forma não pode voar, sabes disso tão bem como eu.

Parece uma velha a falar, Angelo — disse Mário franzindo o sobrolho. — Uma queda não quer dizer nada. Falar assim vai-lhe fazer pior do que um par de trambolhões na rede.

Johnny passou-lhe uma toalha por cima dos ombros.

— Angelo, está a armar uma confusão por causa de uma coisa sem importância. E a audição no Starr está à porta. Bolas, sabe como são os médicos. O médico vai jogar pelo seguro, vai manter o Tommy no chão durante um par de semanas mesmo que não consiga encontrar nada de errado com ele.

— Eu estou bem — disse Tommy. — Acho que perdi os sentidos por estar quente demais, ou coisa assim.

— Claro — disse Mário. A sua mão desceu sobre o ombro de Tommy, firme e reconfortante. — Meu Deus, Angelo, não se lembra como me costumava acontecer a mesma coisa na primeira temporada em que treinei o triplo? De cada vez que começava a enrolar a porcaria da terceira volta, os meus músculos desistiam de fazer o que eu lhes mandava e o meu cérebro enchia-se de nevoeiro e, quando dava por mim, estava na rede. Uma boa noite de sono fará melhor ao miúdo do que um hospital cheio de médicos.

— Sim, médicos — disse Johnny enjoado. — Lembram-se do imbecil que tratou do pulso de Matt? Seis semanas, disse ele, para um osso fracturado. Não acreditou quando o Matt lhe disse que já estava bom, ao princípio nem nas radiografias queria acreditar.

Na minha opinião, qualquer pessoa que saiba o suficiente de ossos e músculos para poder voar, sabe se está em condições de trabalhar. Se o Tom diz que está bem, e pela forma como ele fez a última passagem, a mim pareceu-me estar bem, então o melhor é acreditarmos nele e deixar de fazer uma tragédia por causa disto!

Angelo parecia não estar convencido, mas acabou por encolher os ombros.

Pronto, façam como quiserem.

Johnny observou Tommy enfiar com dificuldade o braço na manga da camisola.

— Distendeste o músculo? Deixa ver. — Johnny obrigou-o a voltar-se e depois passou as mãos pelas costas de Tommy, os dedos firmes explorando cada camada do músculo. — O ombro está ótimo — disse e puxou também a camisola interior para cima. — E não tens nódoas negras. Onde é que te dói? Queres que te faça uma massagem?

— Deixa estar. Eu estou bem.

Mário disse:

— Deixa-o tentar, Tom. O Johnny é muito bom nisso.

— Serviço especial sem honorários extra — brincou Johnny, acrescentando em tom mais sério: — Não queremos que fiques cheio de dores musculares, sobretudo esta semana. E eu posso remediar isso... pergunta à Liss.

Angelo, ajoelhando-se para atar os sapatos, riu-se secamente.

— Sim, Tom, não liguês a um traumatismo, mas, por amor de Deus, não ignores as dores musculares!

Mário ainda estava no duche, no andar de cima, quando Johnny bateu à porta do quarto que Tommy e Mário partilhavam.

Entrou, fez sinal a Tommy que se deitasse de barriga para baixo em cima da cama e sentou-se a seu lado. Começou a massajar os músculos das costas de Tommy com um toque firme mas exploratório.

Tommy ficou tenso debaixo das suas mãos; detestava que lhe mexessem.

— Descontrai-te miúdo, estás duro como uma tábua. Não posso fazer absolutamente nada enquanto não relaxares. — As

pontas dos dedos de Johnny enterraram-se no pescoço de Tommy com movimentos profundos e circulares, tentando descontrair os músculos em tensão. Tommy tentou forçar-se a descontrair.

O toque não era desagradável; ficara tenso porque tivera medo de deixar transparecer alguma reacção inesperada. Estava habituado a ver Johnny em calças de ginástica, no trapézio, no vestiário, a trabalhar. Mas Johnny só em calções, acabado de sair do duche, o cabelo a cheirar a limpo e a sabonete — era totalmente diferente.

Tommy enterrou a cara afogueada na almofada e desejou com todas as suas forças estar em Timbuctoo. Tarado, disse para si próprio com uma fúria cheia de amargura, sua bicha filha da mãe.

Mário entrou, enrolado numa toalha e apanhou as calças de ganga que estavam penduradas aos pés da cama.

O miúdo fez uma distensão?

. Hmm, acho que não. Os músculos parecem estar todos bem Aqui, dói-te? — Johnny empurrou Tommy para outra posição e continuou a enterrar os dedos no meio das suas costas. Mais uma vez parecia conseguir chegar a cada camada de tecido muscular, encontrando os pontos doridos.

Fazes isso como um profissional — comentou Mário, observando-o.

Johnny riu-se.

— E sou. Passei dois Invernos a trabalhar como monitor num ginásio. Onde é que achas que aprendi os truques todos?

Um velho massagista ensinou-me imensas coisas. Tens algum pó de talco? Pronto, sentes-te melhor, Tom? — As suas mãos massajavam os músculos, vagarosamente. Tommy mexeu-se e Johnny disse: — Ei, qual é o problema? Estás nervoso como tudo. Tens cócegas?

Mário escolheu aquele momento para se dobrar e tocar nas costas nuas de Tommy com a ponta do dedo. Tommy saltou e bateu nos dois com um cotovelo.

— Parem com isso! — grunhiu, a voz falhando e saindo em falsete.

Johnny disse:

— Pira-te, Matt. Pões-me nervoso. — Mário agarrou nas roupas e saiu e Johnny endireitou-se.

— Senta-te um minuto, Tom. Apetece-me um cigarro, e além disso tenho uma coisa para te dizer e achei que tu preferirias que não falasse nisso à frente do Matt. Queres um cigarro? — Estendeu-lhe o maço.

Tommy fixou os olhos na carpete e murmurou:

— Não, obrigado.

— Como queiras. Ouve, puto, tu tens os nervos num feixe.

Pensas que não sei o que está a dar cabo de ti? Afinal que idade tens tu? Quinze anos?

— Dezasseis.

Um sorriso passageiro atravessou o rosto de Johnny.

— Acho que não deves ter levado uma vida muito recatada nos acampamentos dos circos, mas há umas quantas coisas...

Suponho que não passaste muito tempo em saunas ou em grandes ginásios profissionais, pois não? Não, bem me parecia. Mas eu passei. Talvez eu te deva esclarecer um pouco sobre... bolas ;! vejo que percebes onde quero chegar.

Tommy não se atrevia a erguer os olhos.

— Ouve uma coisa, miúdo — disse Johnny apagando o cigarro -, se alguém te mexesse desta maneira e tu não sentisses nada por dentro — fez um gesto breve mas explícito — estavas morto, completamente morto. Ouve-me bem, miúdo. Honestamente.

Eu não sou maricas; não sou o tipo de homem que tira gozo de apalpar os rabos nus de rapazinhos bem parecidos.

Este é o trabalho que aprendi a fazer e faço-o bem, e para mim não tem mais significado nenhum. Agora, por amor de Deus, serás capaz de te descontraíres e deixar-me massajar-te os músculos?

Com o rosto a arder, Tommy rolou sobre si próprio e enterrou a cara nos braços. Não conseguia perceber se Johnny não tinha percebido nada ou se tinha percebido bem demais.

Na noite anterior à partida para as instalações de Inverno do Circo Starr, Papa Tony fê-los repetir as sequências até à exaustão. A seguir, Lúcia inspeccionou-os dos pés à cabeça, andando repetidamente em volta deles, remexendo aqui e ali. Brandiu uma

tesoura e cortou o caracol mais proeminente de Tommy, franziu o sobrolho perante uma madeixa descolorada do cabelo de Johnny e penteou-a por forma a que não se visse, confiscou os velhos pulsos elásticos de Angelo e procurou um par novo para lhe dar, arranjou um bonito caracol na têmpora de Liss.

Tinham decidido não mostrar o número com os fatos de cena. O Starr, o indiscutível "Grande Espectáculo" do mundo do circo, montava os seus números com grande luxo, e por isso os Santellis tinham decidido aparecer nos seus fatos de treino impecáveis e idênticos. Os homens vestiam calças de ginástica pretas, com o uso suficiente para não parecerem novas em folha, e camisolas de algodão que Lúcia tinha corado, com competência, até à brancura total; Liss vestia um maillot e collants simples de : ballet, cor-de-rosa. A própria simplicidade do vestuário, percebeu Tommy, era em si própria uma forma sofisticada de profissionalismo e estratégia.

Ninguém comeu grande coisa ao jantar. No fim da refeição Papa Tony pôs-se de pé durante alguns instantes e olhou para a grande mesa.

Quero dizer-lhes — começou — que, seja como for que As coisas corram amanhã, eu agradeço-vos. Conseguimos, voltámos a ser uma família. Já fomos muitos, no passado, como somos agora. Agora vejo que podemos ficar todos juntos, como sempre aconteceu.

Joe, Lúcia, vocês trabalharam mais, como é que se costuma dizer nos discursos? — hesitou por instantes, franzindo o sobrolho -, e melhor do que vos era exigido pelo dever.

Clay, Bárbara, são demasiado novos para estarem connosco desta vez, mas podem já ver aquilo de que um dia farão parte.

Não quero fazer um discurso. Vou dizer só isto: hoje sou um homem feliz, um homem muito feliz. Há muitos anos que eu não era tão feliz, com todos os meus filhos à minha volta, amanhã.

Todos os meus filhos, filhos, netos sim, e netas também, Elissa — acrescentou com meiguice. — Eu sei, acredita, que para ti foi muitas vezes mais duro que para qualquer outro. E fazes parte da família de uma forma especial. Stella — disse e os olhos pousaram com ternura especial na rapariga pálida de vestido cor de fogo -,

quem me dera que pudesses estar connosco amanhã; gostava que a Cleo te visse. E tu, Tommy. Porque quando te vejo trabalhar, quando vejo como o Mário te ensinou, vejo a forma como eu ensinei os meus filhos, e sei que haverá alguém depois de mim que passará a... a tradição, que ensinará a voar aqueles que voarão quando eu já cá não estiver.

Angelo disse bruscamente:

— Isso vai ser daqui a muito, muito tempo, Papa. Não devia dizer essas coisas.

— Não? — Papa Tony olhou para Angelo e sorriu. — Talvez tenhas razão. Mas o que eu estava a dizer era o seguinte. As pessoas, tu e eu, Angelo, vão e vêm, mas isto, o número, a família, isto continua, maior que tu, maior que eu, maior que todos nós, certo? — Ergueu o copo de vinho que tinha na mão e, cerimonialmente, bebeu. Depois disse: — Amanhã, meus filhos. Tenho orgulho em vós esta noite. Façam com que sintam orgulho de vós amanhã. Não estou a falar no contrato, talvez o consigamos, talvez não; em parte é uma questão de sorte, em parte é uma questão de negociação. Seja como for, dêem o vosso melhor, como fizeram esta noite, e terei orgulho em vocês, orgulho em todos vocês, Carl figli, Carl fanciulli — Tommy viu-o pestanejar e engolir em seco, tutti, tutti, pronto, não vou fazer um discurso — disse apressadamente e voltou a sentar-se.

Quando estavam a preparar-se para ir para a cama, no quarto Mário disse:

— Então, que achaste do discurso do Papa Tony? — A voz soou brusca, mas Tommy conseguiu perceber, por trás da brusquidão, o que Mário sentia realmente, e disse aquilo que sabia que ele não diria por vergonha.

— Deu-me vontade de chorar.

— Sim, a mim também. Este foi sempre o objectivo da vida do Papa. Ele poderia ter ficado com os Fortunatis, sabes, quando a Lu e o Joe tiveram o acidente. Continuaria a ser cabeça de cartaz com eles. Mas deixou o Starr e a pista central, só para preparar o nosso regresso como uma família, fazendo digressões apenas com o Angelo e a Terry, e depois com a Liss e comigo, e depois só comigo



e com o Angelo quando a Liss se casou, só porque estava a preparar o regresso. Confio em Deus para que amanhã tenhamos sucesso. Por causa dele.

— O Starr é um espectáculo enorme, Mário. Eles podem contratar qualquer número de trapézio voador do mundo.

— Eu sei. Mas não faz mal sonhar. — Trepou para a cama e estendeu-se, ensonado. — Foi uma boa coisa ele ter-nos estafado esta tarde, hem? Ou eu estaria demasiado nervoso para dormir.

Tommy acordou sobressaltado na manhã seguinte quando Johnny entrou sem bater. Mário abriu os olhos, ensonado, mas não se mexeu.

— Quem é? Jock?

— Sou. Mas que lindos que vocês estão! -Johnny tinha vestido um velho roupão de banho remendado. Não se tinha barbeado, mas era tão louro que quase não se dava por isso.

Mário esfregou os olhos.

— Mas afinal que horas são?

— Seis, mais ou menos, acho eu. Devo estar a ficar temperamental, tive alguma dificuldade em adormecer e acordei há uma hora. Esqueci-me que o miúdo dormia aqui. — Sentou-se na beira da cama. — Estava a lembrar-me dos tempos em que andávamos todos na estrada. Lembras-te?

Mário riu-se.

. Chega-te para cá, Lucky — disse e afastou os cobertores.

Johnny deslizou para dentro da cama, ao lado deles e disse:

. Tinha-me esquecido do miúdo, mas estava meio à espera de encontrar aqui a Liss. Ela sempre veio aninhar-se ao pé de ti.

Os maxilares de Mário apertaram-se ligeiramente.

.- A Liss agora já é uma rapariga crescida. E casada.

— Mesmo assim, aposto que ela também está cheia de nervos, pobre miúda. Recordas-te de como cada vez que fazíamos um espectáculo grande, ou incluíamos um novo exercício no número, tu e eu nos íamos deitar com a Liss e recapitulávamos cada movimento que iríamos fazer? Quando éramos miúdos não fazia mal, mas depois de sermos adolescentes a Lúcia começou a ver aquilo com maus olhos. Se pensarmos bem nisso ela até era capaz de ter razão,

sei muito bem como costumava ficar todo perturbado e excitado, irmã ou não. A Liss é lindíssima. E tu, Matt?

— Se vais falar dessa maneira — disse Mário com brusquidão — podes sair já daqui para fora.

— Ei, ei, companheiro — disse Johnny muito depressa -, desculpa. Não quis... olha, deixa isso. Não me importava de ter um ombro bonito em que chorar, ou coisa assim. Ou alguém para me fazer companhia. Tenho estado a dormir no sofá já faz uma semana. Não que eu culpe a Stella, na verdade.

Mário arreganhou o lábio e disse com uma entoação estranha:

— A manteres-te em forma, Jock?

Começaram os dois a rir-se quase histericamente, e Tommy perguntou:

— Que é que tem tanta graça?

Johnny disse, entre gargalhadas:

— É só uma espécie de anedota porca da família. É demasiado complicada para explicar. Oh, meu Deus, Matt, alguma vez vais conseguir esquecer-te da expressão da Terry?

— Nem da do Angelo — riu-se Mário e recomeçaram às gargalhadas.

Depois de alguns minutos Johnny acalmou-se e disse:

— Sim. Mas se me tivesse lembrado disso mais cedo, não estava metido agora neste sarilho. E a Stel iria connosco hoje. Ela é melhor que a Liss e tu sabes disso. E isso podia fazer a diferença.

Randy Starr gosta muito de mulheres nos números.

— Olha, Jock — Mário pegou na mão do irmão -, isto não é forma de se falar antes de uma audição. Descontrai-te.

— Sim, mas está a contender-me com os nervos. Em geral De qualquer forma estou farto de pensar no que será pior. Parece que a ideia generalizada é de que andar por aí de cama em cama dá cabo de nós. Mas, eu não sei, parece que portar-me bem me faz muito pior.

Mário ficou em silêncio e Johnny acrescentou, muito depressa e na defensiva:

— É claro que todos nós sabemos que tu és um atleta modelo, não bebes, não fumas nem vais para a cama com ninguém.

— Estava só a pensar nisso, Jock. Acho que o truque está naquilo que o Angelo passa a vida a apregoar, anedotas porcas à parte, no bom senso. É claro que se pode gastar imensa energia a andar atrás de mulheres. Por outro lado, se ficas tão tenso que não consegues dormir nem pensar como deve ser, então acho que o melhor é resolver a questão para te poderes concentrar naquilo que estás a fazer. Em vez de andares para aí todo excitado e tenso e a pensar sempre na mesma coisa.

Johnny riu-se com nervosismo e disse:

— Sim. Quem me dera que a Stel visse as coisas dessa maneira. Talvez devesse arranjar forma de tu lhe dares um sermão.

Mário riu-se e abanou a cabeça.

— Isso é tarefa tua, irmãozinho. Não me metas nisso.

— No entanto, se os Fortunatis não gostarem de nós, lá se vai tudo por água abaixo — disse Johnny acabrunhado. — Ouvi dizer que já chamaram os Barrys Voadores e os Rienzis. Mas que concorrência vamos ter! Raios partam, a Liss não está à altura do Starr!

Mário disse suavemente:

— Mesmo que isso seja verdade, e eu não acredito que seja, há mais espectáculos, Jock. E somos todos novos. Não é como se esta fosse a única oportunidade que alguma vez teremos com os espectáculos grandes.

— Raios partam, nunca te ralas sequer, pois não, Matt?

— Oh, eu preocupo-me. Mas não vou arrepelar os cabelos se não conseguirmos o que queremos esta temporada. Como já te disse, há outros espectáculos e mais temporadas. O Lambeth é um bom sítio para se trabalhar. E estão sempre com falta de homens, por isso ficariam satisfeitos por nos receber, e à Stel também. E ela este Verão já vai poder trabalhar, não vai?

Sim, acho que sim. Grande merda — repetiu Johnny com desalento -, isso é que me mata. A culpa é só minha.

Mário riu-se.

Vê lá como falas, irmãozinho. Se a Lúcia te ouve com esse tipo de conversa ainda lhe dá uma coisa.

Oh, por amor de Deus, Matt. Já sou crescidinho. E não achas que tenho razões para praguejar? Pronto, o médico disse que a Stel pode voltar a trabalhar este Verão, mas disse mais outra coisa.

— Que foi, Jock? — perguntou Mário.

Johnny, defensivamente e recusando a simpatia oferecida pelo tom de Mário, retorquiu:

— Acabaste de me dizer para não me enervar mesmo antes de uma audição, para me concentrar no que vou ter de fazer e essas coisas todas.

— Vá lá, vá lá — disse Mário passando o braço à volta do irmão. — Desabafa, se isso está assim tão mal. Que se passa, miúdo?

Johnny disse, aos borbotões:

— O médico disse que a Stel não pode ter filhos. Nunca mais.

O filho da mãe daquele vigarista sujo, deu cabo dela de uma forma tal... — Enterrou a cara na almofada e disse: — Raios partam isto tudo, as nossas contas deram erradas daquela vez, só daquela vez, e pronto. Acabou-se o espectáculo, minha gente. Não que eu queira saber disso para alguma coisa, mas está a ser muito duro para a Stel. Tão duro, Matt, mas tão horrivelmente duro, que me dá vontade de chorar!

— Valha-me Deus! — murmurou Mário. — Que é que eu te posso dizer, rapaz? Não sabia disso.

— E aquelas coisas que o Papa disse ontem à noite acerca de continuar a tradição familiar quando ele já cá não estiver. Podes imaginar o efeito que teve na Stella... — Engoliu em seco e disse, numa voz empastada: — Olha para mim, pareço um bebé chorão...

— Calma, Jock, tem calma. Uma coisa de cada vez, miúdo.

Sei que isso é um inferno, e sei que não há nada que possa remediar isso. Mas tens de conseguir recompor-te para hoje.

— Claro. Eu sei. Temos um espectáculo para fazer. — Johnny assoou-se ao lençol, ergueu a cabeça e olhou, de olhos secos e em ar de desafio para Tommy. — Escuta, Matt, se isto com o Starr não resultar, vais voltar a fazer o triplo naquela porcaria de circuito da lama? Se o fizeres é que estás doido!

— Não sei. Isso é com o Papa.

— Vais acabar por andar com a família toda às costas!

— E que tem isso de mal? O Papa Tony andou connosco às costas durante muito tempo. E o Angelo também. Imaginas o inferno por que eu o fiz passar quando estava a treinar o triplo?

Da primeira vez que consegui velocidade suficiente para dar a terceira cambalhota, derrubei-o do trapézio. Podia tê-lo morto.

Caímos à beirinha da rede, podia ter sido uma repetição da história da Lúcia e do Joe, mais uma vez. Dois Santellis acabados de vez.

Ele enrolou-se à minha volta e amorteceu-me a queda, partilhe dois dentes da frente e ele nem sequer contou ao Papa Tony.

Se o tivesse feito, o Papa Tony ter-me-ia feito parar com aquilo durante pelo menos mais um ano. Achas que eu ia abandonar a família, que ia trabalhar com mais alguém, depois disto?

Johnny riu-se. Voltara a ser o velho Johnny petulante.

— Também vais ficar com manias em relação ao Tommy?

Mário estava deitado de lado, o rosto tenso fazendo-o parecer-se com um Pierrot zangado.

— Já tenho, Jock. Tu e eu podíamos ter conseguido fazer exercícios de pares, mas tu eras demasiado individualista. — Fez a palavra soar como se fosse um palavrão. — São sete horas, Jock. É melhor levantarmo-nos e irmos barbear-nos e arranjar-nos antes que as raparigas se fechem nas casas de banho. — Sentou-se, atirando com os cobertores.

— Sete horas, miúdos — anunciou Angelo, abrindo a porta de par em par. Viu Johnny e começou a rir-se. — Bem, eu deveria ter calculado. Recordo-me de quando vocês andavam todos na estrada, na noite antes de um grande espectáculo, onde estava um estavam todos. Pergunto-me onde se terá a Liss metido esta manhã. Na cama com a Lúcia, talvez? Ora, acho que vocês já estão crescidos, pelo menos desta vez não a encontrei aqui!

## *Capítulo XXI*

Tinham pedido a carrinha emprestada a Joe para irem até às instalações de Inverno do Circo Starr, que ficava a cerca de oitenta quilómetros para sul. Quando chegaram ao portão Papa Tony perguntou pelos Fortunatis, e indicaram-lhes uma grande tenda de ensaios no centro do recinto. Lá dentro tinham sido montados vários aparelhos de trapézio. Lá no alto, por cima das suas cabeças, várias silhuetas coloridas voavam para trás e para a frente.

Ficaram agrupados, observando. Mário apontou.

— Aquele, no pedestal, é o Jim — murmurou -, e no trapézio base está o Lionel. Olha, é a Cleo a fazer uma passagem.

Liss suspendeu a respiração quando a mulher girou numa delicada pirueta antes de agarrar a barra. Disse, com a voz a tremer:

— E temos de lhes mostrar aquilo de que somos capazes?

— Calma, calma — Angelo passou-lhe um braço pela cintura.

— O Matt também não é nenhum trapalhão. Vai correr tudo bem.

A mulher no trapézio voador aumentara o ritmo do balanço, levando a barra para além do topo do aparelho até estar prestes a tocar com os pés na tela por cima da sua cabeça. No limite possível, quando as cordas estavam prestes a dar de si, largou a barra, enrolou-se à retaguarda e fez dois mortais perfeitos para a rede. Saltou da rede com desenvoltura, numa cambalhota, apanhou um roupão branco que estava ali perto e veio ter com eles, apertando ligeiramente o cinto em torno da cintura. Papa Tony apertou-lhe a mão com uma pequena vénia cortês.

— Cleo, minha querida.

Cleo Fortunati era muito pequena, ainda mais pequena que Tommy, com o cabelo ruivo puxado para fora do rosto e olhos calorosos e vivos.

— É bom vê-lo de novo, Tony. Admito mesmo que me estava a exhibir para si, só um bocadinho.

Os dois homens estavam a descer do aparelho. Dirigiram-se ao grupo dos Santellis e o mais alto dos dois apertou firmemente a mão de Papa Tony.

— E como é que vai isso, tio Tony? O Starr virá ter connosco mais tarde. Eu e o Lionel achámos que vocês deviam querer algum tempo para se adaptarem aos aparelhos e à luz, e essas coisas, visto que têm trabalhado ao ar livre e em feiras. Eu sei que o senhor é capaz de trabalhar em qualquer sítio, mas disse-me que os miúdos nunca tinham trabalhado numa tenda.

— Foi muito atencioso da tua parte, Jim. É verdade, temos estado a trabalhar em pequenos espectáculos ao ar livre, em parques e em feiras. Nenhum dos miúdos, a não ser o Angelo, trabalha numa tenda há anos.

Jim Fortunati tinha mais uns centímetros que Papa Tony, mas não era alto. Tinha o corpo seco e musculado dos trapezistas e o seu cabelo, espesso e grisalho, estava fortemente manchado de branco nas têmporas. Devia ter, pensou Tommy, cerca de 45 anos. O irmão, Lionel, era mais novo, mais moreno e com ombros largos e musculados, e um bigodinho encaracolado e impecável. Apertou a mão de Angelo, perguntando:

— Eles são todos da família?

— Correcto — disse Angelo e Tommy pensou, É verdade.

Eles estavam a falar a sério quando me falaram nisso. A depressão que o atingira naquela manhã, ao ver Mário com Johnny, desapareceu. Ele também era um Santelli, de uma maneira especial.

Não preciso de ter ciúmes do Johnny nem de ninguém.

Cleo perguntou, na sua voz quente e profunda:

— Porque é que a Lúcia não veio convosco, Tony? Estou morta de vontade de a ver.

— Eu sei que ela gostaria imenso de te ver, Cleo — disse Papa Tony passados uns instantes -, mas acho que ela pensou que os miúdos se podiam sentir nervosos se ela aqui estivesse, a vê-los trabalhar. Ela manda-te cumprimentos. O Jim já te deve ter dito que eu tenho três dos filhos dela a trabalhar no número.

O rosto de Cleo — triangular, de nariz arrebitado e parecido com o de um gnomo — era cativante quando sorria.

Bem, deixe-me ver se me lembro deles. Matt Júnior, claro era o moreno. E Mark, não, é verdade, ele não voava, pois não? Um problema nos olhos, ou coisa do género, não era? Johnny, certo? E, claro, a minha menina. — Abraçou a Liss e apertou-a com entusiasmo. — Lembras-te de mim, doçura?

Liss assentiu com a cabeça. Era estranho ver a Liss, que era tão vivaz, ficar muda de timidez, parecendo quase alta, ao lado de Cleo.

— Mas estás tão alta, tão crescida. Bom Deus, numa das suas cartas a Lu mencionou que te tinhas casado e que até tinhas um bebé. Que idade é que ele tem?

— Dois anos e meio. — Disse Liss envergonhada. Cleo abraçou-a mais uma vez e depois soltou-a.

— Gostava de o conhecer. Devias tê-lo trazido contigo.

Há aqui gente mais que suficiente para o manter debaixo de olho. Ou és como a Lu, sempre desejosa de um bom pretexto para impingir o miúdo a outra pessoa?

Mário disse:

— Olá, Cleo. Está exactamente na mesma.

— Tu é que não estás na mesma — disse ela erguendo o rosto e sorrindo-lhe. — Não és muito alto para um trapezista?

— Toda a gente diz isso — respondeu Mário com um sorriso.

— Mas cá me arranjo.

— Eu sei. A Lúcia mandou-me alguns recortes de jornal. — Olhou de relance para Tommy. — E este deve ser o protegido de que ela me falou.

— Oh, desculpe — disse Liss, corando. — Cleo, Tommy Zane.

Chamamos-lhe Tommy Santelli no número.

Cleo estendeu a mão a Tommy. Era forte e firme.

— Prazer em conhecer-te. Nós sabemos que qualquer pessoa que venha com os Santellis vale a pena conhecer, não é, Jim?

Jim Fortunati franziu ligeiramente o sobrolho quando apertou a mão a Tommy, não de forma pouco amigável, mas como se qualquer coisa o estivesse a confundir.

— Que idade tens, Tom?



Tommy olhou de relance para Papa Tommy que lhe fez um gesto de assentimento.

— Dezasseis anos, senhor Fortunati. — Repentinamente, sentindo-se assombrado, teve a consciência de que aqueles eram de facto os Fortunatis Voadores cuja fotografia ele tinha recortado das revistas desde que tinha cinco ou seis anos. Engoliu em seco repentinamente incapaz de falar.

— Demasiado novo — disse Jim Fortunati. — Ele já trabalhou mesmo na pista, tio Tony?

— Ele esteve connosco na temporada passada, fez parte do número — disse Mário. — No Lambeth. Ele é um profissional.

— No Lambeth. Estou a ver. — Jim Fortunati continuava de cenho franzido. — Bem, tio Tony, vou apresentar-lhe o Randy Starr. Nunca o encontrou, pois não?

— Não, só o velhote, o Luciano. O Randy era um miúdo.

— Bem, agora é ele quem dirige o espectáculo e houve algumas mudanças. Mas é bom tipo, vai gostar dele. Cleo, Lionel, tomem conta deles. Mandem um aderecista ir buscar as coisas deles e mostrem-lhes onde é que se podem vestir.

Cleo pôs outra vez o braço à volta de Liss.

— Vem comigo, coelhinha. Podes mudar de roupa no nosso atrelado; a tenda do vestiário das mulheres está sempre na maior confusão. Lionel, toma conta dos homens.

Tommy e os outros foram com Lionel até à grande tenda que servia de vestiário aos homens, onde este os deixou para vestirem os fatos de treino. Angelo fez alguns exercícios de flexibilidade para descontrair os músculos da tensão provocada pelas horas de condução. Quando se reuniram novamente à entrada da ; grande tenda de treinos, Johnny perguntou:

— Há alguma coisa assim muito especial, ou muito diferente em trabalhar numa tenda?

— É mais quente — disse Angelo -, mas não tens de te preocupar com o vento ou com o sol a bater-te nos olhos.

Liss voltou a juntar-se-lhes e Johnny sorriu-lhe.

— A confraternizar com a aristocracia, mana? A rainha e a camponesa, hem?

— Ela sabia que eu estava nervosa e não me quis deixar sozinha num sítio estranho. Ela sempre foi boa para mim, e eu sempre gostei dela, sabes disso muito bem.

— Não deixes é que ela te provoque um ataque de medo do palco, gatinha — disse Angelo.

— Não, não provoca — replicou Liss com dignidade. — Ela só faz com que eu queira dar um pouco mais que o meu melhor.

Angelo fê-los subir aos aparelhos e habituarem-se a el... mandou cada um deles balançar-se um par de vezes para se descontraírem e familiarizarem com as luzes que lhes eram estranhas.

Por fim, Papa Tony fez sinal de que estavam prontos. Tommy podia ver os Fortunatis reunidos no solo, diminuídos pela distância até ao tamanho de pequenos bonecos em fatos de ginástica, o cabelo de Cleo formando uma mancha brilhante mesmo visto daquela altura. Os treinos nos outros aparelhos tinham sido suspensos. Estava cerca de uma dúzia de desconhecidos reunidos perto do aparelho, observando-os, e entre eles um homem pesado e moreno que não podia ser outro que não o famoso Randy Starr.

— Tu primeiro, Elissa — murmurou Papa Tony, e começaram.

Tommy nunca vira Liss trabalhar fora da sala de treinos onde parecia estar sempre nervosa e tensa, e ficou surpreendido com o seu estilo e com a perfeição com que ela agarrou na barra e se lançou no espaço. Fez uma passagem perfeita, com meia pirueta no voo de retorno. Depois foi a vez de Tommy fazer um mortal simples. Papa Tony executou com perfeição um duplo à frente e Tommy recordou-se de Mário ter dito uma vez: Há muita gente que afirma ser o duplo mortal à frente tão difícil como o triplo à retaguarda.

Depois Johnny juntou-se a Angelo no segundo trapézio base e Tommy ficou ao lado de Mário na plataforma, os ombros mal se tocando, cronometrando o balanço pendular dos dois bases.

Lá muito em baixo, na luz amarela e pouco familiar do sol passando através da tela, Tommy via a linha fina da rede. Quase como se lesse os seus pensamentos, Mário murmurou:

— Se falhares, Lucky, conta até três antes de te virares.

Aquela rede está lá muito em baixo... — Vai!

Fizeram o exercício impecavelmente, mas quando voltaram, Tommy teve a sensação de que apesar de aquele ter sido um bom dia e a sua coordenação ter sido perfeita, a precisão dos movimentos que fazia daquele um exercício espectacular nos aparelhos ao ar livre do Circo Lambeth, era menos impressionante naquele aparelho tão alto, por cima de todos aqueles trapézios.

Reuniram-se depois para o duplo cruzamento no espaço, Papa Tony e Mário saindo juntos e Tommy esperando com Liss a seu lado na plataforma. O Johnny chamou a isto um número tipo confetti. O ar cheio de corpos em voo. Tommy sentiu uma vontade irresistível de se rir que desapareceu quando agarraram na barra que retornava e as mãos de Liss a apanharam, fortes e seguras ao lado das suas. Ela deslizou as mãos ligeiramente para mais perto das suas.

Saíram da plataforma, o impulso do pesado trapézio levando-os cada vez mais alto; depois, quando atingiram a altura máxima, largaram o trapézio em simultâneo. Os quatro corpos cruzaram-se no ar, por alguns instantes, como se fossem pássaros; Tommy sentiu os seus pulsos fundirem-se com os de Johnny. Instantes depois voavam de regresso à plataforma, e a barra que Mário lhes tinha lançado... sempre, sempre aquela fracção de segundo em que sentia medo, exaltação e alívio...

Mas ele e Liss não tinham a precisão da coordenação que existia entre ele e Mário. Se fosse eu que mandasse, era eu quem saía primeiro com o Papa Tony — somos do mesmo tamanho — e depois a Liss com o Mário. Resultaria melhor e teria mais equilíbrio. Incrédulo, afastou o pensamento. Era a primeira vez que lhe ocorria sequer criticar a forma como Papa Tony dirigia o número.

Papa Tony dirigiu-lhe um pequeno sorriso nervoso enquanto o segundo trapézio base era retirado outra vez mais para cima.

— Sta bene, filhos... Bem, Matteo, chegou o momento, é todo teu.

Mário parecia tenso, as sobrancelhas oblíquas juntas no meio.

Limpou as palmas das mãos com um lenço. Tommy chegou-se para um dos lados; ninguém a não ser Papa Tony tinha autorização para lançar a barra para o voo de retorno de Mário quando este fazia um triplo. Liss e Tommy manobraram cuidadosamente à volta dele,

sabendo que, no que respeitava a Papa Tony, era como se eles estivessem na China. Angelo estava a aumentar o seu ritmo, cada vez mais alto, mais longo, mais rápido. Mário agarrou na barra. Liss murmurou subitamente:

— Não consigo ver... — e virou-se, tapando os olhos com o braço livre. Tommy deu-lhe uma pancadinha no ombro, mas não conseguia desviar os olhos de Mário.

Mário lançou-se para a frente, cada vez mais alto, até que, momentaneamente, Tommy pensou que ele iria atingir a tela e sair pela parte de cima da tenda. Saiu da barra, girou num mortal à retaguarda, fez um segundo — oh, Deus — e um terceiro e enditou-se caindo directamente nas mãos estendidas de Angelo. Liss soprou audivelmente e benzeu-se. Papa Tony tartamudeou qualquer coisa em italiano. E Mário já estava de volta a seu lado.

Parecia nervoso e Tommy viu que ele estava a tremer de tensão.

Um a um, Papa Tony fez-lhes sinal para que saltassem em mortal para a rede. Quando já estavam todos de novo no solo, Cleo correu em direcção a Mário e lançou-lhe os braços em volta do pescoço. Jim Fortunatti saltou por cima de um esticador para lhe apertar a mão.

.- Deus do Céu! — disse. — Deus do Céu, Tonio, queres fazer-me crer que este miúdo tem andado a fazer isto no circuito da lama? Bolas, eu próprio faço triplos, mas nunca vi estética como esta desde... desde que o Barney Parrish deixou de voar! Ei — perguntou -, há quanto tempo é que fazes isto, Matt?

Mário sorriu, descontraído, com o ar depreciativo que era reflexo do alívio que sentia.

— Não consigo sempre. Mas hoje senti-me com sorte.

Randy Starr veio ter com eles. Era um homem ainda novo, pequeno, com cara de lua cheia, careca e com uma expressão totalmente inexpressiva.

— Jim, quero falar com o Tonio e com o rapaz grandalhão que fez o último exercício. Eles que vão ter ao atrelado prateado — disse. Olhou para cada um deles, separadamente e Tommy sentiu que ele os estava a memorizar, olhando para o cabelo entrançado de

Liss, para os caracóis louros de Johnny, para os pulsos elásticos já gastos que Angelo fora desencantar e que pusera em vez do par novo. — São todos Santellis? Vamos lá ver se acerto. — Apontou com o dedo rechonchudo. — Tonio.

Angelo. Mário. Tommy. Elissa. — Tocou na testa por breves instantes.

— Ótimo, vou lembrar-me — disse e Tommy percebeu, com um pequeno estremecimento algo estranho, que ele os recordaria, que se encontrasse qualquer um deles, daí a cinco ou trinta anos, se lembraria do nome, do rosto e das circunstâncias tão claramente como naquele momento.

— Lúcia Santelli. Ótima trapezista. Fazia a pirueta dup... uma mulher esplêndida, também, de grande beleza. E não arranjava sarilhos, não tinha mau feitio. A rapariga parece-se com e... a tua mãe, Elissa? Calculei que sim. Dá-lhe os meus cumprimentos. Obrigado, miúdos, obrigado. Lionel, porque é que não mostras o recinto aos miúdos depois de se vestirem? — Era clara mente uma despedida. Foi-se embora com Papa Tony e Jim Fortunati, com Mário timidamente atrás.

Nenhum deles disse grande coisa enquanto se vestiam, embora Angelo dissesse, enquanto apertava a gravata:

— Não há dúvida de que o Matt os impressionou. Acerca disso não há qualquer dúvida.

Johnny resmungou:

— Mas nós é que não. Acerca disso também não há grandes dúvidas, pois não?

Por delicadeza para com Lionel, que lhes andava a mostrar o recinto e que os apresentava a alguns dos nomes sonantes do Grande Espectáculo, abstiveram-se de discutir o possível veredicto.

Tommy conheceu pessoas que não tinham passado de nomes para ele, rostos colados no seu álbum. Vagamente sentia que, noutra ocasião, se teria sentido excitadíssimo, mas naquele momento só conseguia pensar em Mário, falando com Randy Starr e Jim Fortunati, discutindo o destino dos Santellis Voadores. Quando regressaram ao atrelado dos Fortunatis, Cleo, agora muito elegante e bem vestida com o seu traje de passeio, fez-lhes café e ofereceu-

lhes sanduíches. Tommy estava com fome, mas as sanduíches sabiam a serradura. Quanto tempo levariam eles a chegar a uma decisão? Estavam todos irrequietos. O interior do atrelado estava repleto de fotografias e imagens de estrelas do circo, passadas e presentes. Liss levantou-se e começou a olhá-las.

— Tommy, estes não são os teus pais? — perguntou ela.

Tommy foi ter com ela e olhou para a pequena fotografia do seu pai e da sua mãe posando com o velho Lúcifer. Já tinha visto aquela fotografia antes, no álbum da mãe. Tinha sido tirada antes de ele ter nascido. Nesta estava escrito com a letra familiar da mãe:

Para a Cleo, com amor, do Tom e da Beth Zane. Ele disse-lhe que sim e Cleo ficou a olhar para ele.

— Desses Zanes. Eu deveria ter calculado! És a imagem de Beth, com o cabelo ruivo e essas sardas todas. A Beth trabalhava com felinos aqui no Starr quando eu me juntei ao espectáculo, era uma das boas domadoras de felinos. Não havia muitas nessa altura. Na verdade também não há muitas agora. E tu és filho dela!

Tommy continuou a olhar para as fotografias coladas no placar. Houve uma que lhe chamou a atenção.

Conheceu o Barney Parrish?

A sua voz estava cheia de admiração e espanto: a lenda, grande trapezista irlandês, o "Demónio Voador", que tornara o triplo famoso. Mas a voz de Cleo soou risonha, e casual.

. Meu Deus, claro que sim. Ele ensinou-me a voar.

Liss disse, ciumenta:

Pensei que tinha sido a Lúcia quem a tinha ensinado a voar, Não, doçura, embora me tenha encorajado a aprender — disse Cleo. — Eu cresci no Texas, e nunca vi um circo quando era pequena. A minha mãe era uma Baptista severa, à moda antiga, e achava que qualquer mulher que mostrasse as pernas num circo estava condenada ao fogo do Inferno, sem apelo nem agravo. Mas o meu pai era empresário e trabalhava com o velho Luciano Starr, chamavam-lhe Lucky, e, quando eu tinha cerca de dezasseis anos, fui fazer uma visita ao circo e como que me apaixonei por ele.

— Devias tê-la visto — disse Lionel Fortunati. — Uma coisinha pequenina, nem tinha metade do teu tamanho, Liss, vagueando pelo

acampamento, querendo experimentar tudo, e fazendo bem tudo o que experimentava. Uma trapezista nata. Na teia, no ballet aéreo, nos números de equilíbrio, até no velho número de alçapões.

Cleo assentiu.

— E quando o espectáculo saiu para a estrada, no primeiro de Maio, eu fui também. A minha mãe tinha a certeza de que eu estava condenada ao fogo do Inferno, mas eu tinha dezasseis anos e o meu pai disse que eu podia ir. A minha mãe nunca se resignou, mas quando o circo actuou em Abilene eu mostrei-lhe a carruagem onde dormiam as raparigas, três em cada beliche e tínhamos de assinar um papel de cada vez que saíamos ou entrávamos no acampamento, mesmo que fôssemos com os nossos próprios pais, e ela acabou por se convencer de que o espectáculo não era nenhum cabaré ambulante. De qualquer forma, em vez de ir para uma escola de enfermagem, viajei com o Starr e fiz de tudo: ballet aéreo, teia... O teu irmão, o Joe, costumava ser assim, Angelo; conseguia trabalhar com os acrobatas, e subir a um pau untado de sebo e, se tivesse de ser, até era capaz de pintar a cara e fazer cabriolices com os palhaços. Fazia um pouco de tudo.

Angelo disse:

— A mulher de Johnny, a Stella, também é um pouco assim acho eu. Já fez de tudo e é boa em tudo o que faz.

— Não sabia que eras casado, Johnny. Ela não veio contigo?

Johnny aclarou a voz.

— Ela não está bem. Teve... teve um aborto no Outono passado.

Mas consegue fazer quase tudo: acrobacias, trapézios fixos trapézios duplos, malabarismos, trapézio voador. Costumava entrar nos números todos quando trabalhava nos Freres e Stratton se alguém estava doente ou queria ter uma folga.

— Gostava de a conhecer — disse Cleo.

— Bem, se isto resultar, ela vai viajar connosco — disse Johnny.

— Ela é muito melhor do que a Liss.

— John, ouve... — protestou Angelo com brusquidão.

No silêncio cheio de tensão, Liss disse muito depressa:

— Cleo, ia-nos contar qualquer coisa do Barney Parrish.

— Oh, pois ia. Bem, lá para o fim da temporada, a Lúcia veio ter comigo à grande tenda do vestiário. Têm de ter em mente que ela era a estrela dos Santellis Voadores, e eu não passava de uma miúda na minha primeira temporada. Ela viajava numa carruagem privada e tinha uma tenda vestiário só para ela, e eu estava enfiada num beliche e tinha a minha mala na tenda do vestiário das mulheres com mais duzentas raparigas.

Por isso, quando ela veio ter comigo, fiquei tão espantada que quase não lhe conseguia responder. Perguntou-me se eu já alguma vez tinha pensado em aprender a voar. Disse que eu tinha corpo para isso...

— Querendo dizer — brincou Lionel — que não tinhas quase corpo.

: — Pois — disse Cleo com um sorriso triste -, mas não se esqueçam que nessa altura estava na moda não ter peito. Bem, a Lúcia disse que ia para a Califórnia passar o Inverno e que o Barney ficaria nas instalações de Inverno. Disse que falaria com ele para que ele me ensinasse, e falou mesmo. E foi assim que passei esse Inverno com o Barney e com a mulher dele, a Eileen Leeds, morreu na pista aí uns cinco anos depois disso, mas nessa altura estava no topo, a aprender a voar.

Tommy perguntou timidamente:

— Como era o Barney Parrish? — Estava ainda a tentar adaptar-se à ideia de que esta mulher de aspecto jovem, amigável e faladora, era a grande estrela dos Fortunatis Voadores, a mulher cuja fotografia, com o irmão e o marido, tinha estado colada à parede do seu quarto desde que era pequenino. Teria o Barney Parrish a lenda do Maior Espectáculo do Mundo, sido também Como ela, apenas — lutou para conseguir traduzir o que sentia Em palavras — um homem vulgar e caloroso, alguém que se podia conhecer e com quem se podia conversar?

O Barney? Oh, era o homem mais doce do mundo — disse Cleo peremptoriamente. — Irlandês, não conseguiria dar-te uma pequena ideia de como era o sotaque dele, e naquela altura eu ainda falava texano puro, por isso às vezes mal nos conseguíamos entender. Ele e a Eileen tratavam-me como se eu fosse sua filha. A Eileen



costumava trazer-me chocolates às escondidas, dizendo que o pobre do bebé, que era eu, precisava de arranjar forças, e o Barney tirava-me os chocolates dizendo que não queria que eu ficasse muito gorda. E depois devolviamos na condição de eu os partilhar com ele e não dizer nada à Eileen, porque ela não queria que ele se desviasse da dieta que fazia. Lembro-me que ele uma vez disse — tinha o olhar distante — que só era precisa uma única coisa para se ser trapezista.

Era ter o espírito aberto quanto à possibilidade de partir o pescoço.

Tommy lembrava-se de Mário ter dito qualquer coisa parecida com aquilo numa ocasião. Onde estava Mário? Mexeu-se impaciente na cadeira. Em qualquer outra altura, aquela coscuvilhice sobre o Grande Espectáculo, sobre os homens e as mulheres que eram lendários, tê-lo-ia fascinado. Sentiu-se ligeiramente ressentido por não poder gozar a situação, estando na expectativa.

— Queres mais biscoitos, Tommy? Liss?

— Não, obrigado — disse ele recuperando as boas maneiras -, mas são muito bons. Foi a Cleo quem os fez?

— Bom Deus, não! — Cleo riu-se. — Não consigo ferver água sem me queimar. As mulheres com uma carreira não cozinham.

Tommy sentiu-se confundido, lembrando-se de quão orgulhosa Beth Zane era em relação à sua competência doméstica, aos seus cozinhados e aos seus bolos. Mas, na verdade, ela já não trabalhava na pista. Porque não?

Angelo perguntou:

— Cleo, onde está agora o Barney?

O rosto vivo de Cleo ficou instantaneamente contraído e pálido. Por instantes quase que ficou com o aspecto da idade que tinha.

— Não sei — disse numa voz sumida e triste. — Ninguém sabe. E Deus sabe que tentámos tudo o que estava ao nosso alcance. Não paro de pensar que se ele ainda estivesse vivo contactaria comigo. Quer dizer, eu era como se fosse sua irmã.

Foi ele quem me levou ao altar quando me casei com o Jim.

Quando parti o braço na pista ele vinha-me fazer companhia toda a noite, quando eu não conseguia dormir, e lia-me alto um livro

irlandês de contos de fadas. E depois teve aquela queda, e foi com aquela mulher horrível, a Elsa, e desapareceu.

Tommy disse, chocado:

— Pensei que ele tinha morrido. — Nunca lhe ocorrera que o grande trapezista irlandês, ferido numa queda durante a infância de Tommy, pudesse ainda estar vivo.

— Mesmo saber disso já seria um alívio — disse Lionel. — Ele limitou-se a desaparecer, de um dia para o outro. O Randy Starr pôs os Pinkertons atrás dele durante um ano, e quando eles desistiram, eu e o Jim contratámos um detective. Seguiram-lhe a pista até à fronteira mexicana e depois a pista ficou fria. Nunca mais ninguém ouviu falar dele.

Uma sombra escura e triste, cheia de fantasmas, obscureceu subitamente a sala. O grande trapezista irlandês, o ídolo de Mário, com as duas pernas esmagadas numa queda, tinha desaparecido no limbo dos trapezistas mutilados, dos sucessos esmagados. Tommy pensou em Lúcia, com os seus gestos graciosos disfarçando os movimentos rígidos e a dor que não conseguia impedir de transparecer por vezes; e em Joe, com o cabelo prematuramente embranquecido, que em tempos fora capaz de fazer "um pouco de tudo". Pensou no seu próprio pai, na cicatriz que cobria o olho de Tom Zane, aquela coisa branca e espessa, nas tiras vermelhas dependuradas, naquela noite, do fato rasgado pelas garras...

— É a forma como as coisas são neste negócio — disse Angelo com sobriedade. — Num minuto, no topo do mundo.

No minuto seguinte, onde é que se está?

Johnny arrepiou-se e disse:

— Vá lá, vamos lá sair da morgue! Falar assim não faz bem a ninguém! Posso beber mais café, Cleo?

Quando ela estava a deitar o café, Papa Tony e Mário entraram no atrelado com Jim Fortunati, e Cleo atarefou-se a ir buscar mais sanduíches, mais café e mais um saco com biscoitos. O atrelado estava agora a abarrotar de Fortunatis e Santellis. Liss e Cleo acertaram-se para caberem numa só cadeira. Tommy deu a sua cadeira para que Papa Tony se sentasse, e sentou-se no chão ao lado de Mário. Ficaram em silêncio.

Papa Tony disse:

Não, não quero mais café, Cleo, obrigado. Não vos vou manter na expectativa, meus filhos. O Starr gostou de nos ver mas não tem lugar para nós esta temporada.

Tommy olhou para Mário, mas ele tinha a cara enterrada numa grande caneca azul cheia de café. Liss pareceu ficar desapontada, mas não muito surpreendida. Johnny cerrou o punho e bateu com ele no chão.

— Ele fez uma proposta, tio Tony... — disse Jim.

Mário interrompeu-o:

— Não, Jim, eu disse...

Jim Fortunati fê-lo calar com um gesto.

— Ele ofereceu-se para fazer de Matt cabeça de cartaz, na pista central, com Cleo e Lionel. Disse que contrataria o Tony como responsável por todos os números de trapézio. Disse que não tinha lugar para nenhum dos dois bases. A rapariguinha... não quero magoar-te, Liss, mas o que ele disse foi "Tenho uma dúzia de raparigas tão boas como ela e quase tão bonitas". E quanto ao miúdo, Tommy?, o miúdo parece prometedor, mas antes de cinco anos o Starr não o pode contratar. Nós actuamos nos grandes Estados da costa leste e eles têm leis muito rígidas sobre menores a trabalhar no trapézio. Uns quantos filhos dos artistas fantasiavam-se e participam no desfile, andam à volta da pista, mas a nossa política aqui é muito rígida: no ar não temos ninguém com menos de vinte e um anos. Se ele tivesse dezoito anos tentaríamos fazer a coisa passar mas, com dezasseis anos, não.

Tonio Santelli deu uma gargalhada seca.

— Isso teria sido muito duro para ti e para mim, hem, Jim?

Fortunati riu-se.

— Pode apostar, tio Tony. Eu era o topo da pirâmide de uma Pirâmide humana num número de acrobacia, quando tinha oito anos, e trabalhei no arame quando tinha treze.

Johnny perguntou:

— Que se passa, Jim? A Liss e o Matt trabalharam ambos com a Lu, na pista, e a Liss nem sequer tinha catorze anos nessa altura pois não?

Jim disse:

— Eu sei. Mas isso foi antes da guerra. Aí há uns três anos tivemos problemas em Chicago, uma rapariga num número de trapézio caiu e partiu a coluna. Era um daqueles grandes números familiares, Gonsalvo ou Gonzalez, não me lembro...

— Gonzalez — disse Cleo -, Consuelo Gonzalez.

Lionel assentiu.

— Havia tantos homens a serem chamados para a tropa, que estávamos a usar muitos números mexicanos em que os homens não eram cidadãos americanos, e em quem os serviços locais de recrutamento não podiam tocar. Por isso, quando a Consuelo caiu e se aleijou, descobriu-se que ela não tinha mais de quinze anos.

Os agentes locais do Trabalho Infantil souberam da história e fizeram imenso barulho, e uma irmã lacrimejante encheu os jornais com aquilo. Quando a coisa acalmou tivemos de tornar as regras mais rígidas quanto ao trabalho de menores nos trapézios.

— Eu já tinha posto estes todos a voar antes de fazerem quinze anos — disse Papa Tony com uma gargalhada dura. — Não gostaria de ter de treinar alguém com os músculos e os ossos já perros com a idade. É como com o ballet. As crianças têm de começar enquanto ainda são jovens e flexíveis. Esse tipo de leis ainda há-de ser o fim do circo.

— As leis não são tão duras no Midwest ou lá para baixo, ao pé da fronteira mexicana — explicou Jim. — Mas nas grandes cidades eles passam mesmo a vida a fiscalizar-nos. Temos os agentes do Trabalho Infantil em cima de nós todos os meses.

Papa Tony parecia agora estar verdadeiramente zangado.

— Essa gente pensa realmente que um pai não sabe ver o que é melhor para os seus filhos? Foi para isto que combatemo... na guerra pela liberdade? Se neste país, que é livre, podem chega... a uma família e dizer ao pai que não pode ensinar os seus próprios filhos e filhas? Jim disse, tentando acalmá-lo: — Sei como se sente, tio Tony, mas é essa a política do Starr: ninguém com menos de vinte e um anos nos números aéreos. Seja como for — continuou ignorando o ruído de irritação produzido por Papa Tony — eles fizeram um contrato com os Barrys, mas arranjam lugar para o Matt.

Cleo atravessou a sala e beijou Mário, à francesa, com um beijo em cada face.

Eu sabia que o Randy Starr te queria no momento em que te viu actuar, Matt. Já te disse a maravilha que és? E agora que o Jim não pode voar...

— Não sabia disso — interrompeu-a Angelo, e Tommy teve a intuição de que ele o fazia para desviar as atenções de Mário, para lhe dar tempo para pensar. — Que aconteceu, Jim?

Jim encolheu os ombros.

— Triplos demais, acho eu. O meu ombro tem estado a dar cabo de mim. Se eu fosse mais novo, era capaz de tentar aquela operação que eles fazem agora, mas estou a atingir o ponto em que tem de se parar de qualquer maneira, e é melhor ficar a dirigir o número a partir do chão. A Cleo, por si própria, já é estrela que chegue, não precisamos de duas num só número. Mas se tivermos o Matt connosco, o número fica o mesmo de sempre.

— Tu ficas, não ficas? — persuadiu-o Cleo. -Já trabalhei com os Santellis. Vais trabalhar connosco, não vais, Matt?

Mário tinha os olhos fixos no chão do atrelado. As palavras de Cleo tinham feito com que todas as atenções se voltassem a concentrar em Mário, e Tommy voltou a sentir um aperto doloroso no peito. O Mário partiria, sozinho, para voos que ele não poderia acompanhar...

Ele prometeu que ficaríamos juntos. Estaria a falar a sério?

Ou seria só uma daquelas coisas que se dizem?... Olhou para o chão.

— Lamento, Jim — disse Mário, erguendo o olhar -, mas o que eu disse ao Randy Starr lá no escritório ainda se mantém.

Quero ficar com a família.

Papa Tony disse:

— Eu disse-lhe: "Matty, aceita se quiseres; ser cabeça de cartaz com os Fortunatis não é nada que se deite fora." Disse:

"Matty, vai em frente, se quiseres." Mário apertou as mãos magras e torceu-as.

Cleo, lamento. A sério, não tenho nada contra si nem contra o Lionel, mas não quero ser estrela noutra número. Quero ter a família

comigo, quero ser, quero fazer parte dos Santellis Voadores.

Nunca trabalhei com ninguém de fora da família. E não ; quero fazê-lo.

Jim disse:

— Família? Por amor de Deus, miúdo, o tio Tony casou-se ! com a irmã do meu pai; a Lu, o Angelo e o Joe são meus primos direitos!

Parecia estar zangado e ofendido, e Mário apressou-se a dizer:

— Jim, não era isso o que eu queria dizer. A sério. Não era.

Mas... quero ficar com o Angelo, e... ele é o meu base, e... eu sou um Santelli. Não... não sou um dos Fortunatis Voadores. Escute, não fique zangado...

— Ei, ei, ei, miúdo, eu não estou zangado, não é nada disso.

Só que o Randy vai pensar que estás a tentar arrancar-lhe mais dinheiro. Ele quer mesmo aquele triplo que tu fazes.

— E essa é a outra questão — disse Mário com ar muito sério.

— Não acho que esteja pronto para ser cabeça de cartaz com o triplo, ainda não. Não até conseguir fazê-lo na maioria das vezes em que tenho de o fazer, e não apenas quando me estou ! a sentir com sorte ou muito bem. E mesmo então quero fazê-lo nos Santellis Voadores.

Johnny interrompeu-o.

— Matt, se recusas a oportunidade de seres cabeça de cartaz com os Fortunatis, enlouqueceste!

— Então sou louco — disse Mário. — Estou a recusar.

; — Maluco como tudo. — Mas Jim Fortunati sorriu. — Muito bem, filho, eu compreendo. A Cleo e o Lionel, e eu, também, gostaríamos de te ter connosco. Eu sei como te sentes. Mas se acontecer qualquer coisa que te faça mudar de ideias, volta cá, estás a ouvir?

Olhou para Papa Tony que parecia, simultaneamente, preocupado e muito, muito satisfeito.

— Tony, espero que tenha tanto orgulho nestes miúdos como aquele que eles merecem.

Papa Tony pôs-se de pé e foi ter com Mário. Pôs-lhe uma mão no ombro e Tommy podia sentir, mesmo antes de o ver, o brilho que cresceu e transbordou do sorriso do velhote.

— Orgulho? Orgulho não consegue nem começar a descrever o que sinto, Jim. Não trocaria o dia de hoje pela pista central do Grande Espectáculo, e não me importa que se saiba disso!

## *Capítulo XXII*

Durante os dias que se seguiram, estabeleceu-se a inevitável reacção. O frenesim da expectativa e a tensão da audição tiveram as suas consequências. Já na viagem de regresso a casa, a cara amuada de Johnny lhes lançara avisos da tempestade que se seguiria, e ele murmurara quando se sentou entre Liss e Angelo:

— Se a Stel tivesse estado connosco, o resultado era capaz de ter sido diferente!

Liss virou-se para ele, zangada e magoada.

— Não é por culpa minha que ela não está a trabalhar!

Papa Tony implorou:

— Meus filhos! Meus filhos!

Todos eles sentiam o desapontamento. A habitual rotina de Inverno parecia-lhes entediante. Liss foi a casa e passou duas semanas em São Francisco com David, e quando regressou vinha pálida e tensa, caindo em súbitos silêncios pensativos. Stella começou a treinar de novo com eles, a princípio ainda com insegurança, mas recuperando rapidamente a sua anterior competência e força.

Tommy deveria acabar o liceu na Primavera, mas sabia que no dia de entrega dos diplomas já estaria há um mês na estrada, e teria de se contentar com o certificado de habilitações. Não conseguia sentir grande interesse pela avalanche de actividades promovidas pelos finalistas.

Habitualmente ia e vinha da escola com Bárbara. Era agradável ter alguém que olhasse para si com admiração, como se fosse um irmão mais velho. Tinha grande prazer em a ajudar a vestir o casaco, em carregar, juntamente com os seus, os livros mais Pesados e, uma vez, ao fazê-la ficar muito quieta enquanto lhe desprendia do seu cabelo brilhante uma folha de árvore, sentiu-se cheio de ternura. Bárbara nunca tinha ido em digressão com o circo e estava absolutamente fascinada com as histórias que ele lhe



contava da vida na estrada, mas houve um dia em que lhe confiou o seu maior segredo. Embora gostasse de voar, e tivesse aprendido a profissão familiar sem sequer ter pensado muito nisso a sua verdadeira ambição não era voar mas sim dançar. Não no ballet clássico que Mário adorava — e que Bárbara estudava desde os seus sete anos — mas nos grandes filmes musicais. Já participara em muitos recitais de dança e implorara ao pai que a deixasse candidatar-se a uma audição num estúdio.

— Mas — concluiu miseravelmente — a Califórnia está a abarrotar de raparigas bonitas que estão mortas por entrar para o cinema, e todas elas são mais bonitas que eu.

Tommy olhou-a gravemente durante alguns minutos e ela fez beicinho, pois ele não lhe deu o piropo que ela esperara ouvir.

Depois ele disse:

— Mas tu não és apenas uma rapariga bonita, Barbie. Tu és uma bailarina, e uma boa bailarina, não vens de um daqueles sítios que só preparam as raparigas com o mínimo indispensável para entrar em filmes ou para irem para o teatro. E, além disso, também foste treinada como acrobata.

— E quantos filmes terão necessidade de raparigas acrobatas?

— Calculo que haja alguns. Mas o que eu quero dizer é que tu és mais do que uma cara bonita. Tu sabes fazer coisas, por isso se entrares para o cinema, não vais ser apenas mais uma, vais ser especial!

Aos sábados iam juntos ao cinema. Clay desaparecia com uma horda de rapazinhos pequenos e Tommy sentava-se com ela no balcão e, por uma ou duas vezes, ela deu-lhe a pequena mão quente e flexível. Uma vez, durante uma cena de amor, ela encostou-se ao seu ombro, procurando confusamente o tipo de conforto de que não tinha consciência de que procurava. Tommy sentia nisto um prazer difuso, mas nunca se sentiu tentado a reter-lhe a mão, a beijá-la ou sequer a pensar nisso e, uma vez, quando a sua mão roçou pela lã felpuda da saia de pregas, por cima das coxas musculadas, ela retirou-a como se se tivesse queimado.

Houve uma ocasião em que pensou, Eu amo muito a Bárbara, mas é da mesma maneira que o Mário ama a Liss. Ela é minha irmã.

Sentavam-se todas as noites lado a lado na grande sala de estar, fazendo os trabalhos de casa, e houve uma noite em que a avó Santelli saiu das suas divagações e os observou durante todo o serão. Quando Lúcia veio buscar a velhota senil para a levar para a cama, ela grasnou: — Buona notte, Matteo, Ellissa.

Tommy treinava com Bárbara, e uma vez, depois de pedir gravemente a permissão de Papa Tony, apareceu com ela num concurso de talentos na escola, vestindo calças de ginástica escarlates e fazendo um complicadíssimo número no tapete. Numa ocasião — só numa e depois de ter sido muito perseguido por Bárbara — Mário pôs um disco de Chopin no gira-discos e dançou com ela um pas de deux elaborado. Tommy sentiu qualquer coisa mexer dentro de si, dolorosamente familiar. Bárbara estava linda, com os seus caracóis castanhos e brilhantes, e as graciosas saias de tule, mas a atenção de Tommy estava concentrada em Már... esbelto como um choupou, forte como o aço, cheio de uma tensão cativante que Tommy nunca lhe vira, nem mesmo quando fazia o triplo. Ao dançar, ele tinha o mesmo tipo de força intensa e transbordante que irradiava de Cleo, a marca inconfundível das estrelas. Quando posaram no clímax final, Bárbara sobre o ombro de Mário, Tommy sentiu-se grato pela obscuridade da sala. Tanta beleza era demasiado intensa para ser suportável, e não conseguiu perceber como é que os outros não estavam comovidos, limitando-se a cumprimentar Bárbara pelo bem que tinha dançado. Mário ficou muito calado durante o resto da noite, deitado na carpete com a cabeça sobre uma almofada aos pés de Lúcia. Tommy pensou que ele se tinha ido embora para casa, mas mais tarde nessa noite ele foi até ao seu quarto.

— A Lúcia disse que o melhor era eu ficar cá. Não te importas, pois não?

Mais tarde, Tommy tentou expressar, de forma incoerente, o que a sessão de bailado significara para ele, mas Mário limitou-se a suspirar.

— Não é como voar. No ballet nunca se é suficientemente bom. Os homens, no ballet, nunca são suficientemente bons. Nem mesmo

os Nijinkys. É uma arte feminina. Talvez a Barbie venha a ser boa, um dia.

Tommy disse, com uma intuição súbita:

— Tu o que querias realmente fazer era dançar e não voar, não era?

— Durante algum tempo achei que sim — disse Mário. .

Houve mesmo um ano em que fiquei irritado por ter de recusar uma oferta de um grupo de bailado para poder ir em digressão com o número. O Angelo teria lutado pelo meu direito de ficar na faculdade, se eu quisesse, mesmo depois de... bem, não vamos falar nisso agora. Mas quanto ao bailado, era diferente. Por isso voltei para a estrada, e, na verdade, não o lamento; foi nesse ano que comecei a trabalhar no triplo. Mas durante o Inverno quando estou na escola de ballet, ainda me pergunto se terei feito a escolha certa. E, agora, não sou mesmo grande coisa como bailarino. Talvez pudesse ter sido. Agora nunca o saberei.

— A mim pareceste-me óptimo, mas eu não percebo nada disso. Mas pensei que continuasses a dançar para a família.

— Raios, não. Eles dizem sempre as coisas erradas. E o Angelo detesta. Oh, ele não se importa que eu o faça para ajudar a Bárbara a exhibir-se, mas detesta quando eu me envolvo mesmo.

Eu e a Liss costumávamos dançar muito, e ele tinha ataques. Desisti disso já há muito tempo.

— Mesmo assim, ainda bem que te pude ver pelo menos uma vez. Quando danças — Tommy hesitou e depois disse, timidamente — és lindo.

— Palavras provocadoras. — Mário riu-se e deu-lhe um murro na brincadeira, mas Tommy sentiu que Mário percebera. Como sempre que estavam rodeados pela família e andavam a trabalhar duramente, tinham revertido para o estatuto de irmãos, de companheiros.

Com a passagem do tempo e com o hábito de viverem juntos, alguma da intensidade inicial tinha-se inevitavelmente desvanecido, e até o sexo se tornara qualquer coisa que tomavam como certa, um hábito, um abraço breve e silencioso antes de dormir. Mas naquela noite, quando Mário pôs os braços em volta de Tommy, o rapaz

sentiu a velha emoção nascer dentro de si. Não disse nada — aprendera a nada dizer -, mas ficou abalado, novamente à beira das lágrimas, como há já algum tempo não acontecia.

Pouco tempo depois da Páscoa, Tommy regressou da escola a casa com Bárbara, e ouviu vozes por detrás da porta fechada da sala de estar. Enquanto pendurava a camisola, Joe Santelli saiu da sala e fez-lhe sinal para que entrasse.

Estávamos à vossa espera.

O crepúsculo mal acabara de cair, pois os dias estavam a ficar mais longos com a chegada da Primavera, mas as cortinas tinham sido corridas e a lareira acesa. Estavam todos presentes, formalmente reunidos, e Tommy perguntou-se, Que se passara? Enquanto Bárbara e Tommy entravam, Papa Tony, em pé à frente da lareira, disse:

Muito bem, agora que já cá estamos todos, posso dizer-vos aquilo que os mais velhos já devem ter adivinhado. Ofereceram-nos um contrato para esta temporada com o Circo Woods-Wayland.

Será que a minha mãe e o meu pai me irão deixar continuar com os Santellis se não formos com o Lambeth? A ideia atravessou o espírito de Tommy, e como se se lhe dirigisse a ele, Papa Tony disse:

— O Lambeth tem uma opção sobre o nosso contrato, mas eu posso rescindi-la se o avisar antes do primeiro de Abril. O James Wood pediu-me para formar a minha própria equipa e não especificou o tamanho. Bárbara — disse -, a Lúcia disse-me que se trabalhasses com empenho estarás pronta para ir connosco este ano. O Tommy tinha a tua idade quando começou.

A rapariga engoliu em seco enquanto alisava a saia pregueada.

— E que é que o meu pai disse, Papa Tony? — olhou para Joe.

— Nesta família — disse Joe suavemente — se se tem idade suficiente para voar, tem-se idade suficiente para tomar decisões.

A questão é, tu queres ir, Bárbara?

Bárbara curvou a cabeça e disse:

— Papa Tony, eu... eu não quero. Quero continuar na escola e... e acabar o liceu com a minha turma e continuar a dançar.

As sobrancelhas espessas do velhote ergueram-se. Lúcia desviou os olhos fixando-os no fogo. Por fim Papa Tony disse:

— Muito bem, estás no teu direito. Eu não sou um tirano.

Tommy, que tens a dizer? Ainda não decidimos se devemos aceitar este contrato ou se devemos continuar com o Lambeth. Qual é a tua opinião?

Tommy engoliu em seco. Estaria mesmo a ser consultado?

— Bem, eu tenho um contrato consigo, Papa Tony. Para onde disser que eu vou, eu vou e o senhor sempre me disse que um artista fazia o que lhe diziam sem argumentar.

O velhote sorriu.

— Nos treinos e nos espectáculos isso é verdade. Mas a regra nesta família sempre foi que, antes de tomarmos qualquer decisão importante, toda a gente tem de ser ouvida, do mais novo ao mais velho, para que aqueles de nós que tomam as decisões possam ouvir a opinião de todos e levá-la em conta.

Johnny murmurou:

— Isso quer dizer que todos nós damos a nossa opinião e depois ele decide-se pela alternativa que preferia desde o início.

Papa Tony lançou-lhe um olhar zangado mas limitou-se a dizer:

— Tommy?

— Bem, eu sei que o meu pai e a minha mãe esperavam que nós voltássemos para o Lambeth.

— Sim, os teus pais têm de ser levados em consideração e têm de ser avisados. Gianni?

— O Woods-Wayland é um circo muito duro — disse Johnny.

— Põem toda a gente a trabalhar que nem doidos. Para mim e para a Stel é uma promoção, claro, mas de certeza que não nos vão dar o tipo de tratamento que tínhamos com o Lambeth. Vamos ter todos imensas tarefas extra. Por outro lado, eles são um dos maiores circos que se deslocam de comboio e que ainda andam em digressão. São mais ou menos o que de melhor existe, à excepção do Starr e, especialmente o Matt, atingiu o ponto em que precisa de se mostrar e fazer alguns investimentos, senão ainda vai acabar por passar a vida como um grande sapo em pequenos charcos, como o Lambeth. Eu por mim acho que ele devia ter ;; aceite a oferta do Randy Starr, mas isso são águas passadas. Por mim acho que devemos aceitar.

Papa Tony acenou sem se comprometer.

I — Stella?

— Oh, eu não tenho de dar opinião, pois não?

— Se vieres em digressão connosco, tens. Mesmo que não voes connosco, às mulheres dos artistas é sempre dado trabalho durante os espectáculos.

— Ela vai connosco — disse Johnny — ou então eu não vou.

Papa Tony estava radiante. Stella murmurou:

— Bem, eu posso fazer quase tudo; não há muitas coisas que eu não tenha experimentado. Gostava de voar, mas consigo fazer quase tudo e gostava de estar com um circo a sério, Linda menina — disse Papa Tony. — Vens connosco, então. Matt?

Mário encolheu os ombros.

Parece que o Johnny falou por mim. Eu só tenho isto para dizer: O Jim Woods é bom tipo, conheço a reputação dele.

Os Waylands são um par de vigaristas velhacos. Isso do ponto de vista pessoal. Profissionalmente, acho que o Jock tem razão; é altura de passarmos a outro tipo de coisas, de vermos se também conseguimos ser sapos grandes em charcos grandes.

— Elissa?

Ela fechou os olhos e desviou-se abruptamente do rosto expectante de Mário. Depois respirou fundo e disse:

— Não contem comigo. Eu não vou. O resto de vocês façam o que acharem melhor.

Mário disse, chocado:

— Doçura, mas tu disseste-me... — e os olhos de Papa Tony flamejaram com uma ira súbita.

— Che...? Ragazza...

— Pronto, pronto, gatinha — disse Angelo -, que história é esta?

Elissa pôs-se de pé e ficou ali, a torcer entre os dedos a ponta da sua longa trança.

— Não vou — disse. — Não posso levar o Davey para a estrada; a Lu levou-nos para a estrada e olhem para nós! Seja como for, o David não me deixaria ir, provavelmente divorciar-se-ia de mim antes. E vocês não gostariam que isso acontecesse, pois não, Lulu?

— disse, virando-se para a mãe. — Nunca houve uma mulher divorciada na família, ou houve? E de qualquer forma... de qualquer forma, eu... eu vou ter outro bebê — disse com um soluço e, virando-se maldosamente para Lúcia: — Agora já está satisfeita? Raios, agora já está satisfeita, Lulu?

— Lissa, cara, Liss, isso não é justo! Eu disse que a escolha era tua... — começou Lúcia a dizer, mas Liss interrompeu-a com um gesto.

— Disse-me isto, disse-me aquilo, disse-me tanta porcaria que já nem sei para que lado me hei-de virar! Agora está resolvido.

Não sei se era isto que eu queria se não, mas seja como for está resolvido, já não está nas minhas mãos, e estou satisfeita... estou satisfeita por já não ter de me preocupar mais com isto, e por já não ter de vos ouvir a todos a dar conselhos num e noutro sentido...

— A voz prendeu-se-lhe. Rebentou em soluços incontrolláveis lançou as mãos sobre o rosto e saiu da sala a correr, batendo com a porta.

— Oh, meu Deus... — ofegou Stella e levantou-se para ir atrás dela. Lúcia agarrou-lhe um braço.

— Não — disse. — Não, Stel, deixa-a ir...

Mário estava de pé, mas Lúcia pôs-se na sua frente.

— Não. Senta-te, Matt. E tu também, Stella. Sentem-se, já disse! — A cara de Lúcia tinha uma palidez de morte.

— Lúcia, Lúcia cara — disse Joe com gentileza. — A Elissa não queria dizer... ela estava só...

Lúcia impediu-o de continuar com um gesto imperioso. Disse qualquer coisa em italiano e depois:

— Eu sei. Vou falar com ela.

— Falar com ela! — disse Mário cheio de fúria. — Gesú e Maria, já falou demais! Não a pode deixar em paz, nem mesmo agora? Não fez já mal que chegasse?

Papa Tony rosnou-lhe qualquer coisa em italiano. O rosto de Mário ficou vermelho mas sentou-se, baixando a cabeça, com os olhos fixos nos joelhos. Tommy viu que a sua boca se movia; estava a praguejar baixinho. Mas não se mexeu quando Lúcia saiu da sala e

fechou a porta silenciosamente atrás de si. Instalou-se um silêncio tenso.

Papa Tony disse por fim com um pesado encolher de ombros:

— Pronto. A Elissa fez a sua escolha. Deveria ter falado comigo em privado, e não assim. Continuemos. Angelo?

Angelo levantou-se, apertando as mãos por trás das costas.

Parecia abalado, e Tommy teve a nítida sensação de que, o simples acto de falar, constituía para ele um enorme esforço. Mas quando acabou por falar, fê-lo como se não tivesse havido qualquer interrupção.

— Andar em digressão de comboio não é tão confortável como fazê-lo no nosso atrelado particular. Os miúdos já não se lembram, mas eu lembro-me bem demais, e não tenho a certeza de querer voltar a fazê-lo.

— Eu lembro-me muito bem — disse Mário erguendo a cabeça, e Tommy teve a sensação de que, também ele, queria fingir que não tinha havido qualquer interrupção — e sou totalmente a favor. Não temos de cozinhar, não temos tarefas domésticas, não temos de conduzir entre cidades a meio da noite.

E não temos privacidade, não temos vida familiar e não temos liberdade — disse Angelo. — Habituei-me a viver no atrelado.

Tinha pensado que era capaz de me voltar a casar. Não fico propriamente doido de alegria com a ideia de voltar para um beliche numa carruagem com sessenta homens lá dentro. Contudo — encolheu os ombros -, como disse o Johnny, o Woods-Wayland é o melhor que conseguiremos, se não contarmos com o Starr, e não vejo que possamos recusar a oferta. Por isso toda esta discussão é chata como o raio — desculpa, Stella — e não vejo para que é que havemos de estar a repisar nisto.

Eu não iria assim tão longe — disse Papa Tony -, mas seria difícil recusar uma oferta tão boa como esta. Mais alguém tem alguma coisa a dizer?

Mário levantou-se e ficou de costas para o fogo.

— Claro que a Liss nos pregou uma partida... — começou a dizer.



— Poderás afirmar com honestidade que não sabias de nada?  
— explodiu Johnny. — Todos nós sabemos que a Liss te conta tudo, deves ter sabido mesmo antes de ela contar ao Dave!

Vocês estavam a empatar, à espera até ao último minuto, não estavam?

Desejando que eu e a Stel ficássemos fartos de ficar por aqui e nos fôssemos embora sozinhos, e assim tu e a Liss podiam fazer tudo à vossa maneira...

— Johnny, não... — implorou Stella, puxando-lhe pelo braço, mas ele ignorou-a. Angelo interrompeu-o.

— Cala a boca, Johnny. O Matt sabia tanto como tu! E eu aposto o meu ordenado em como a Liss não estava calada à espera da hipótese remota de que qualquer coisa acontecesse ao bebé, nem que estava a planear ir a um desses médicos vigaristas...

— Oiça, seu filho da mãe... -Johnny pôs-se de pé num salto cerrando os punhos.

Stella implorou:

— Johnny, Johnny, por favor...

— Basta! Chega! — Rosnou Papa Tony. — Nem mais uma Palavra, vocês os dois! Isso é passado! Passado, estão a ouvir-me?

Estamos a discutir a próxima temporada, não a que ficou para trás. Sentem-se, sentem-se os dois!

Johnny deixou-se cair na pedra da lareira, e passados alguns instantes Tommy viu-o procurar a mão de Stella.

— Desculpa, querida — murmurou. — Desculpe, Angelo. Mas esse foi um golpe baixo. O facto é que eu também acho que a Liss nos pregou uma grande partida.

Papa Tony esperou que ficassem todos em silêncio.

— Mais alguma coisa?

— Eu não acabei — disse Mário. — Num pequeno espectáculo como o Lambeth, poderíamos continuar a trabalhar, a melhorar.

Com um espectáculo grande, a forma como começamos a temporada é a forma como a acabaremos.

— Mesmo assim — disse Papa Tony — acho que é a altura de darmos este passo. Oiçam, filhos. Esta vai ser a minha última temporada.

— Porquê, Papa? — disse Joe, falando pela primeira vez desde que a Lúcia saíra da sala. — O Pierre Regny ainda fazia duplos quando tinha setenta anos, e o Gerard Might fazia um número de equilíbriismo aos oitenta e dois!

Papa Tony riu-se.

— Não tenho a ambição de ser anunciado como o trapezista mais velho do mundo. Há cinquenta e dois anos, o meu irmão Rico e eu fazíamos um número com o meu pai. Não sei se se lembram desses números, em que havia dois bases em trapézios fixos e um voador entre eles? Depois de termos visto um grupo espanhol fazer o seu primeiro número de trapézio voador em Viena, olhámos um para o outro e dissemos: "Ora, ora, assim como assim já precisávamos de comprar aparelhos novos." Fizemos a nossa rede à mão naquele Inverno. — Esfregou os nós dos dedos, recordando-se. — E foi esse o início dos Santellis Voadores. Dois anos depois viemos para a América com o Starr. Cinquenta anos já chegam. Quando os velhos joelhos ficam cheios de nós, quando cada cidade se parece com todas as outras e já se consegue adivinhar o Estado em que se está pela cor da lama, então é que já é tempo de ficar em casa, à lareira. Tudo o que quero agora é ver-vos a vocês, os mais novos, lançados. A terem o que merecem.

Neste ano, sim, vou convosco, tomo conta de vocês. Mas, já não precisam de mim. Olho para vocês agora e vejo que o Matt vai ser o melhor que há, e que o Tommy e a Stella o vão seguir de perto, talvez mesmo a par dele. Vejo-te a ti, Angelo, tão sério, tão consciencioso, todos prontos para cuidarem da família quando eu já não estiver entre vós. E tu também, Johnny. Brigamos, não nos conseguimos entender, mas tu lutas por aquilo que queres e isso também é bom, sobretudo quando aprenderes a controlar esse feitio impetuoso, quando aprenderes a lutar pela família e não só por ti. A Elissa, não sei... ela tem a sua vida, não quero interferir, não quando as coisas estão como estão. — Por instantes pareceu ficar triste. Depois suspirou e sorriu. — Pronto, fiz tudo o que um homem poderia ter feito. Voltei a pôr de pé os Santellis Voadores.

Se o Senhor permitir que eu viva o suficiente, ainda vos hei-de ver a todos na pista central um dia; mas depois desta temporada

vou limitar-me a ser um velhote sentado à lareira. Já tive na vida tudo o que um homem pode querer sem tentar a sorte. — Ficou de pé à luz do fogo, com os olhos escuros brilhando com um dos seus raros e belos sorrisos. — Quantos homens, pergunto-me eu, poderão dizer o mesmo?

## *Capítulo XXIII*

O Circo Woods-Wayland, que se deslocava pelos caminhos de ferro era, para Tommy, com as suas três pistas, um mundo totalmente novo e espantoso. Depois da privacidade e da intimidade do Circo Lambeth, sentia-se tão espantado e perdido como qualquer artista na sua primeira temporada.

Na carruagem dormitório, onde dormiam todos os artistas solteiros do sexo masculino, Tommy e Mário partilhavam um pequeno compartimento num corredor que comportava cerca de mais duas dúzias de compartimentos iguais. Angelo e Papa Tony tinham o compartimento do lado. Stella e Johnny dividiam um noutra carruagem reservada a casais. Os Santellis não recebiam o tratamento das estrelas dos três ou quatro números principais que eram cabeça de cartaz, e que tinham carruagens privativas ou suites espaçosas. Por outro lado, visto que eram artistas importantes que constavam do elenco anunciado, não tinham sido relegados para as carruagens com grupos de três beliches e que alojavam a miscelânea de palhaços, cavaleiros, malabaristas e artistas menores.

Angelo chegou a dizer que estava contente por a Liss e a Bárbara não estarem com eles naquela temporada. Como artistas solteiras, teriam tido de partilhar um espaço exíguo na carruagem alcunhada de "convento" que alojava todas as raparigas solteiras do espectáculo. Ouvira dizer que havia lá noventa raparigas naquele ano.

Era estranho tomar as refeições na enorme tenda do refeitório, atafalhado, cotovelo contra cotovelo, com mais duzentos e vinte artistas e trezentos operários. A comida era boa e o serviço óptimo, mas não era nada que se parecesse com a comida caseira. Era estranho adormecer depois do espectáculo, com o comboio a sair da estação, as linhas a tinir barulhentas por baixo da cabeça e o balanço do comboio por baixo de si, em vez de ir calmamente para a cama no atrelado da família.

Contudo, habituou-se. Gostava de acordar de manhã nos cais cinzentos de cidades estranhas; habituou-se a partilhar o vestiário dos trapezistas com mais duas dúzias de homens, em vez de ter a privacidade que havia quando cada número se vestia nos seus próprios atrelados. Aprendeu a adormecer apesar dos protestos dos animais a serem embarcados ou desembarcados à luz cinzenta da madrugada ou na escuridão da noite. Esperava-se que todos os homens capazes do espectáculo, mesmo os artistas com nome de cartaz, se juntassem aos operários na montagem das tendas e dos aparelhos. Tommy, a trabalhar com os homens dos aparelhos, ajustou-se ao ritmo trepidante do espectáculo: ao bater ritmado das pancadas dos homens das estacas, ao canto do capataz das cordas, comandando a equipa que trabalhava com os cabos da Grande Tenda, esticando a tela, e ao baixo profundo e macio dos negros que trabalhavam com os panos da tenda, e ao ritmo jazz do seus cantos, Agarra, abana, passa, prende, passa à frente!

Como Johnny previra, todos eles tinham sido encarregues de desempenhar tarefas adicionais. Esperava-se, evidentemente, que fizessem parte do desfile e, porque enquanto acrobatas, era presumível que conseguissem equilibrar-se bem e sem dificuldade, Tommy e Johnny deram por si a ser colocados nos mastros mais altos de um carro alegórico em forma de veleiro, vestindo tangas, turbantes e pouco mais. Angelo entrava, de túnica e turbante, num grupo de janízaros<sup>{19}</sup> a cavalo; Papa Tony, vestido de rajá, conduzia um carro puxado por cavalos cercado por quatro belas raparigas do ballet aéreo. Stella tinha a tarefa tradicional das acrobatas experientes e ia escarrapachada no pescoço de um elefante, enquanto Mário, para seu enorme desgosto — protestou imenso mas isso não o levou a lado nenhum — tinha a tarefa mais detestada em qualquer circo: montar um camelo.

A juntar a tudo isto, depois de conferenciar com Coe Wayland, o responsável pelos números de trapézio, Tommy deu por si num número de acrobacia numa das pistas laterais, enquanto um famoso grupo de acrobatas espanhóis ocupava a pista central.

O número de acrobacia, composto por Coe Wayland, Johnny, Tommy, Mário e Stella, era anunciado como "Os Gardners". Com

todas estas mudanças de roupa e tarefas extra, Tommy achava cada espectáculo uma corrida contra o pó, as calças de ginástica viradas do avesso, os atacadores com nós impossíveis de desatar e o tempo. Estava sempre ofegante.

E no entanto, para ele, os primeiros meses daquela temporada foram um daqueles intervalos de calma que acontecem em todas as vidas, um patamar de repouso e satisfação. Depois das tempestades do seu décimo quinto Verão, estava ingenuamente espantado com a calma daquele período e sentia, aos dezasseis anos, que isso se devia ao facto de já ser crescido.

Apesar da aglomeração de gente e da falta de privacidade, ele e Mário não acumularam nada que se parecesse com a tensão e frustração do ano anterior. Iam juntos para todo o lado e nunca ocorreu a ninguém do espectáculo que eles não eram, simplesmente, irmãos de facto. Todas as aparências apoiavam aquela assunção: a forma como Angelo lhes dava ordens aos dois nos treinos e na tenda do vestiário; a obediência instantânea e infantil de Tommy à menor palavra de Papa Tony; a própria naturalidade do seu afecto, que o fazia parecer mais inocente do que aquilo que de facto era. No seu contrato o nome que constava era o de Thomas LeRoy Zane, Jr., actuando como Tommy Santelli, assim como Mário e Johnny constavam como Matthew Gardner e John B. Gardner, actuando como Mário Santelli e Johnny Santelli.

Mas mesmo a gente do circo que conhecia Papa Tony há décadas, pensava que Tommy era mais um dos netos Santelli. O cartão colado na sua porta dizia Mário e Tommy Santelli, Santellis Voadores, exactamente como aquele que estava colado na do compartimento ao lado dizia Tonio e Angelo Santelli, e Mário nunca se referia a Tommy em qualquer circunstância que não fosse como "o meu irmão mais novo". Fechados no seu pequeno compartimento, conversavam durante as longas viagens nocturnas quando deveriam estar a dormir. Quando calhava, adormeciam nos braços um do outro, no beliche de baixo, a cabeça de Mário apoiada no ombro de Tommy e o barulho do comboio deixando para trás condados e Estados inteiros. Só de vez em quando, quando a sombra familiar

cruzava a expressão de Mário na escuridão, é que Tommy sentia o sinal da antiga loucura e mesmo aí era passageira.

— Que te dizem os apitos do comboio, ragazzo?

Tommy ficou a pensar naquilo.

— Dizem, "Estou só-ó, só!"

— Então diz-lhes que estão a mentir, pois eu estou aqui disse Mário, passou o braço à volta de Tommy e a sombra desvaneceu-se.

Numa única ocasião, numa tirada longa durante a noite, enquanto estavam acordados a ouvir a chuva bater na janela, e Mário estava tenso e irrequieto porque nessa tarde tentara o triplo e tinha falhado e caído (ele detestava quando isso lhe acontecia na pista, embora umas centenas de quedas durante os treinos não lhe tirassem a boa disposição), este falou no passado.

— Os apitos do comboio fazem-me sempre sentir como se fosse um miúdo pequeno. Cresci num circo destes, que viajam de comboio, sabias?

— Sim. A Lúcia contou-me.

— Eu e a Liss costumávamos dizer que os apitos dos comboios diziam "Andiamo, me vo, ma non so dove..."

Tommy sabia italiano suficiente para traduzir: Vamos embora, estou a ir, mas não sei para onde.

— Costumava assustar-me, ir para a cama e não saber onde iria acordar. A Liss costumava tentar convencer-me de que isso não tinha importância porque, para onde quer que fôssemos, não deixávamos de estar todos juntos no comboio, mas eu ficava assustado. Costumava acordar a meio da noite e pensar que toda a gente estava a dormir no comboio e que só eu e os apitos é que sabíamos para onde estávamos a ir. E descia da cama e ia acordá-la só para não estar sozinho no mundo, com os apitos dos comboios.

Tommy disse, hesitante, pois Mário não o mencionara desde que o contrato fora assinado:

— É uma pena a Liss não ter podido vir connosco esta temporada.

Mário limitou-se a olhar sombriamente para a chuva que escorria pela janela e disse:

— Bem, a Stella está a safar-se bem — numa voz que encerrava o assunto, o atava, selava e o lançava a um rio profundo.

Tommy cresceu os seus últimos centímetros nesse tempo. nunca seria alto — e aumentou dois quilos antes do dia 1 de Julho. Papa Tony autorizou-o a fazer um mortal e meio na pista e a tentar o duplo à retaguarda nos treinos, e aí fê-lo parar.

Quando tiveres dezoito anos — disse — podes tentar o que quiseres. Por agora, já chega.

Tommy fora ensinado a não argumentar, mas Papa Tony viu o brilho de rebelião nos seus olhos e disse:

Vá lá, diz o que tens a dizer.

Papa Tony, eu quero trabalhar um par de exercícios dos mais complicados. Treiná-los, nos ensaios. O Mário já fazia o duplo e meio quando tinha dezassete anos, e eu para o ano vou ter essa idade.

— Sim — disse o velhote com lentidão -, mas se eu soubesse o que sei hoje, nunca o teria permitido. Deixei-o fazer demasiado quando era muito novo, e depois já não tinha mais objectivos. Tinha de partir o coração, e tentar partir o pescoço, naquele maldito triplo.

— Não queria que ele o fizesse? — Aquilo parecia incrível a Tommy. Era o triplo que fazia os Santellis famosos de novo, e parecia ser esse o principal objectivo de Papa Tony.

Lentamente, o velhote abanou a cabeça.

— Não, não queria que ele o fizesse. Não percebi porque é que ele tinha de o fazer; só percebi que ele tinha de o fazer e que eu não o poderia impedir. Existe uma razão para chamarem ao triplo o salto mortale. É, deixa-me pensar, em inglês quer dizer "o salto da morte", "o salto fatal", mas acho que para ele é mais que isso, talvez... — Voltou a parar e pensou por uns momentos.

— Acho que para ele é o salto do destino. Isto faz algum sentido para ti, Tommy?

Fazia. Tommy ficou mudo, a olhar para o velhote. Nunca lhe ocorrera que o brusco e cheio de sentido prático António Santelli pensasse naquele tipo de coisas.

— Guarda alguns objectivos para o futuro, Tommy. Ao Matt, Penso eu, aquilo foi a única coisa que o destino lhe deixou para alcançar. A vida é demasiado longa quando se chega ao topo



demasiado cedo e já não há mais caminho nenhum para seguir, a não ser para baixo. E aí, se não partires o pescoço, partes o coração — — Parou, dando uma das pequenas gargalhadas que dava quando se sentia embaraçado. — Pronto, pronto — disse, lá está outra vez o velhote a fazer discursos. — Esticou a mão e deu uma pancadinha no ombro de Tommy. — E porque é que achas que podes treinar os exercícios mais complicados, se atiras braços e pernas para todos os lados como se fosses um camelo bebé apanhado por uma rede?

Enquanto iam atravessando o país e começavam a assentar no novo padrão de noites e dias da sua nova vida, começaram a ter algum tempo para perceber o que se passava à sua volta.

Tommy, que enquanto estivera no Lambeth e com os Santellis começara a dividir as pessoas entre aquelas poucas que conhecia muito bem e os milhares sem rosto por detrás das luzes da pista, deu por si, naquele território mais alargado, a ser mais sociável. Iniciou uma amizade com uns irmãos gémeos da sua idade, de uma família de cavaleiros franceses, e em pouco tempo já falava francês o suficiente para falar com eles sem dificuldade.

Um velho palhaço ensinou-lhe mais coisas acerca de maquilhagem, entre uma sessão da tarde e um espectáculo da noite, do que ele aprendera em três anos com o Lambeth. O palhaço fora em tempos um ilusionista famoso que actuara em teatros e tivera o azar de perder dois dedos num acidente com uma bombinha de Carnaval.

Houve confusões e emergências. O irmão mais velho de uma família de ciclistas ingleses conduziu a sua bicicleta uns centímetros mais perto do que devia da borda da prancha em que se equilibrava, e cinco ciclistas que estavam em pirâmide uns por cima dos outros caíram numa chuva de corpos desamparados, milagrosamente intactos, à excepção da pequena Isabella Byrd que, caindo do topo da pirâmide, perdera dois dentes e fora levada para fora da pista, tão espantada que nem chorava. A sua irmã mais velha, Sally, em cuja cabeça ela partira os dentes, comentou que graças a Deus eram só dentes de leite e acabariam por crescer de novo e meteu Isabella na cama, prometendo-lhe um shilling por cada um deles — aos oito anos Isabella não conseguia perceber o dinheiro americano. Uma

das trapezistas na outra pista lateral, caiu na rede e partiu um pulso e Stella, que iniciara a temporada a participar no desfile e a trabalhar no número de acrobacias no tapete — não havia lugar para uma mulher no número de trapézio voador dos Santellis, tal como eles o tinham imaginado para o Woods-Wayland -, ocupou o seu lugar. E Mário, não se sabia porquê, meteu-se-lhe na cabeça que gostaria de aprender a andar no arame e, para espanto de toda a gente, em menos de um mês de treinos, aprendera a percorrê-lo sem a ajuda de uma vara para se equilibrar — facto que, por os equilibristas no arame actuarem sem rede, provocou o maior ataque de fúria da temporada a Papa Tony.

Tommy só tivera raras notícias ocasionais da sua família; não esperara mais que isso. Nos meses que passara com os Santellis a mãe só lhe enviara uma dúzia de notas breves, com mensagens escritas à pressa, de amor e admoestações para que fosse bom rapaz e se portasse bem. Mantinha-se a par da rota do Circo Lambeth mais por sentir curiosidade, que por ter saudades.

Numa tarde de sábado, tendo alguns minutos para descansar antes de ter de se preparar para o número de trapézio na segunda parte do espectáculo, estava a passear ao longo da "Rua dos Palhaços". Os palhaços tinham a parede de um dos lados da tenda reservada para eles. Devido às enormes quantidades de maquilhagem que usavam e aos seus inúmeros fatos, tinham direito a duas vezes o espaço a que os outros artistas tinham direito na tenda do vestiário. Caminhando, através das arcas alinhadas com precisão, até ao local onde os Santellis tinham o seu espaço permanente na tenda de vestiário, passou por Coe Wayland, o encarregado dos números de trapézio que trabalhava com eles no número de tapete na primeira parte do espectáculo. Wayland estava a mudar de roupa para a segunda parte do espectáculo em que tomava conta da bilheteira. Quando Tommy ia a passar, fechou a tampa da sua arca com estrondo, mas não antes que Tommy pudesse ver a garrafa chata e o copo apressadamente metidos por baixo das calças de ginástica que acabara de despir.

Tommy ficou a olhar embora não tivesse intenção de o fazer.

Beber no recinto, embora fosse oficialmente proibido, era habitualmente tolerado desde que os artistas estivessem sóbrios durante os espectáculos, mas os acrobatas e os trapezistas eram geralmente abstémios, pois temiam que mesmo uma pequena quantidade de álcool lhes perturbasse a coordenação. Papa Tony tinha uma vez descomposto Angelo por beber um segundo copo de vinho, e fora a um domingo em que não havia qualquer espectáculo. Mesmo Um operário, ou um dos homens das tendas, podia ser despedido sem aviso prévio se fosse visto bêbado em público. Mas os poucos que bebiam, faziam-no abertamente; a ideia de beber às escondidas era algo de totalmente estranho para Tommy.

Wayland ergueu os olhos e perguntou:

— Para onde é que estás a olhar, Cenoura?

Que raio, pensou Tommy, ele já não entra mais no espectáculo de hoje. Não tem de estar sóbrio para contar o dinheiro das entradas. Disse a primeira coisa que lhe ocorreu.

— Tem o último número do Billboardt Vi o Eddie passar com o camião pelo acampamento mesmo antes da sessão da tarde, mas não tive tempo de comprar um. Posso vê-lo?

— Sim, já acabei de o ler — disse Coe Wayland e riu-se. Era um homem robusto e com um pescoço forte como o de um toiro, bem parecido num estilo um tanto rústico. — E para que é que queres o Billboard, miúdo? — perguntou com um humor de mau gosto — Andas à procura de outro emprego, talvez, em que terás a pista central num número a solo?

— Quero ver os roteiros, para ver por onde anda o Circo Lambeth esta semana — respondeu Tommy de improviso.

— Vá lá, Cenoura — disse Wayland ainda na brincadeira -, e que é que tu queres com um circo barato do circuito da lama?

Estás a dar-te bem aqui connosco, não estás? Houve alguém que não fosse simpático contigo, miúdo? Contas ao tio Coe e eu dou-lhe cabo do canastro!

— Eu cresci nesse circo barato do circuito da lama — disse Tommy. — Quero saber por onde anda a actuar a minha família.

— É verdade, tu não és um Santelli, pois não? Lembro-me de ter visto no contrato que tinhas um nome diferente — disse

Wayland. — Como é que começaste a voar com os Santellis? Eles fazem tanta questão de serem todos da família, o seu pequeno clã, que pensei que para se entrar no número ou se nascia um deles, ou se casava com um deles. Foste tu ou foram os teus pais que entraram para a família?

— Não foi ninguém — disse Tommy. — Os Santellis estavam a trabalhar no Lambeth e o Mário ensinou-me a voar.

— Não és lá muito parecido com eles, lá isso é verdade. — Disse Wayland. — Eles são spaghettis ou coisa assim, não são?

Apesar de o Johnny ser tão loiro. Que é que eles fizeram, Cenoura, ficaram contigo por causa da tua beleza, para terem um loiro, um moreno e um ruivo, hem? — Ele estava perto de Tommy e este conseguia cheirar o uísque no seu hálito, e isso fazia-o sentir-se pouco à-vontade. Wayland perguntou: — Os teus pais também são trapezistas?

Tommy abanou a cabeça.

Não, o meu pai é domador no Lambeth. É o Tom Zane.

Queria ver onde eles estão a actuar esta semana.

O queixo de Coe Wayland caiu. Ficou a olhar para Tommy.

Deus do céu — disse -, tu és esse Zane? És filho deles?

E há algum problema nisso? — perguntou Tommy. — Ei porque é que estás a olhar para mim dessa maneira? A minha cara ficou verde, ou quê?

— O velho Tony, então ele é o teu tutor?

— Parece-me que sim — disse Tommy. — Porquê?

— Foi uma boa coisa estares aqui, não foi? Ou então... oh, meu Deus. — Disse Wayland e virou-se bruscamente, agarrando no casaco e apertando a gravata. — Pira-te, miúdo. Vai-te embora.

Tenho de ir para o portão.

Que raio? Tommy estava completamente espantado. Estará bêbado?

— Posso levar o Billboard? Disse que já tinha acabado de o ler.

— Bem, mas não acabei. E não o tenho aqui. — disse Coe Wayland com as costas viradas para Tommy. — Vai-te embora, pira-te, vai ter com o Tony Santelli. Vá, vai! — E enquanto Tommy se virava, de cenho franzido, Wayland disse nas suas costas, com a

intensidade dos bêbados: — Ei, Tommy... tem calma, miúdo, está bem?

Aquele tipo ou está bêbado ou é maluco. Tommy chegou ao local onde estavam alinhadas as arcas dos Santellis; a sua arca estava aberta, o seu fato para o número de trapézio estava estendido no tabuleiro de cima. Mário estava assente num só pé, meio despido, a vestir as calças de ginástica.

— Estás atrasado — disse -, é melhor começares a arranjar-te.

Tommy despiu as calças de ginástica pretas que usava para o número no tapete.

— Parvalhão! — disse enojado.

— Quem? Eu? — perguntou Mário, divertido.

— Aquele bandido imbecil do Wayland — disse Tommy. — Está sempre a pedir Billboards emprestados às outras pessoas, como se comprar o seu próprio exemplar o fosse levar à falência mas tem o último número e quando eu lhe perguntei se podia vê-lo só por instantes, para saber qual era o roteiro do Lambeth mentiu-me. Disse que não o tinha, e eu a ver o jornal ali mesmo em cima da arca dele. Quão sovina é que se pode ser?

— Esse — disse Papa Tony, penteando o cabelo em frente do espelho assente numa tábua apoiada na arca de Angelo e na sua, e que fazia uma espécie de toucador provisório — é demasiado amigo da garrafa.

Angelo encolheu os ombros.

— E o que é que podemos fazer? Ele é irmão do patrão.

Qualquer outro já teria sido corrido do recinto.

Mário disse abafadamente, com a cabeça a sair da parte de cima do fato de cena:

— Ouvi dizer que ele tinha voado até esta temporada, mas que o parceiro dele se foi embora.

— E censura-lo? — perguntou Tommy. Apertou os cordões das calças de ginástica e depois curvou-se para calçar as sapatilhas que usava para voar. — Alguém tão sovina como ele, provavelmente obrigava o parceiro a usar fita adesiva em segunda mão nas barras, ou coisa assim. É tão, mas tão sovina, que lava e passa a ferro o papel higiénico usado!

— Vá lá, vá lá — repreendeu-o Papa Tony -, esta não é a altura adequada para bisbilhotices! Onde está o Johnny? — perguntou, olhando para a arca de Johnny ao lado das suas.

— Ele já está vestido — disse Mário. — Deve ter ido beber água, ou coisa assim. Ali está ele, vem aí... — Tommy ergueu os olhos e viu Johnny dirigindo-se na direcção deles; reparou que ele trazia o último número do Billboard debaixo do braço. Johnny pô-lo em cima da sua arca e Tommy apanhou-o, mas Mário agarrou-lhe num braço. Disse, repentinamente brusco:

— Tens mais que fazer que ficar para aí a ler o Billboard!

Vá lá, ragazzo, lá para fora. Ainda vamos ficar atrasados!

— Estás maluco ou quê? Ainda temos cinco minutos — protestou Tommy, mas Mário empurrou-o e Tommy foi, a fumegar de raiva. A maioria das vezes ele e Mário eram amigáveis um com o outro, tratando-se como iguais. Depois, subitamente e sem razão aparente, Mário puxava dos galões e começava a dar-lhe ordens como se ele fosse um miúdo pequeno! — Só queria ver onde é que os meus pais estão a actuar esta semana — disse, mas Mário ignorou-o.

Afinal o que é que terá acontecido? O que é que se estará a passar? Mas nessa altura chegaram à entrada das traseiras, à porta dos artistas, e ele esqueceu a questão, pois fora treinado para esquecer os pequenos problemas e preocupações pessoais. Entre espectáculos Mário perguntou-lhe inesperadamente se não estava farto da comida do refeitório e levou-o a um restaurante chinês na cidade. Era raro Mário levá-lo sozinho onde quer que fosse, mas já se tinha passado tanto tempo desde que tinham começado a ser vistos como os netos do Santelli no Circo Woods-Wayland, que ambos se sentiam descontraídos em relação a isso. Mário estava excepcionalmente simpático e cheio de atenções, agindo quase como se espera que um amante faça. O autocarro que os levou de volta ao recinto do circo, quando regressaram para o espectáculo da noite, estava quase vazio e Mário sub-repticiamente meteu a mão na mão de Tommy, e ficou de mão dada com ele.

— Que é que te saiu no bolinho da sorte? — perguntou Tommy. Desdobrou o pequeno pedaço de papel e releu o seu:

— Vai receber notícias inesperadas!

Mário contorceu a boca num sorriso exagerado de palhaço e Tommy contraiu-se; habitualmente Mário só fazia aquilo quando estava perturbado.

— O meu diz, Socorro! Estou prisioneiro numa fábrica de bolinhos da sorte!

— Ora, deixa-te disso — disse Tommy entediado -, já oiço essa desde os meus seis anos!

Mário amarrotou o pequeno pedaço de papel e deitou-o fora pela janela do autocarro.

— Não passa tudo de um monte de asneiras — disse. O autocarro parou junto ao recinto do circo e ele saltou para o chão.

Anda, vamos despachar-nos. Safámo-nos bem, mas se chegarmos atrasados o Papa Tony não nos vai deixar repetir este tipo de coisa.

O Papa Tony estava sentado em cima da sua arca, já vestido, a ler alguns papéis. Tommy viu um impresso amarelo de telegrama e, quando saíam para o número de acrobacia perguntou:

— Ei, Mário, a Liss já teve o bebé?

— Espero que não — disse Mário. — Só deve nascer para Setembro.

— Bem, o Papa Tony recebeu um telegrama, e só me lembrei dessa razão. Está tudo bem, não está, Mário? — perguntou, sentindo-se subitamente assustado e pensando na forma estranha como Coe Wayland agira, e como Mário fora inesperadamente simpático com ele.

Mário disse bruscamente:

— Se tiveres alguma coisa a ver com isso, o Papa Tony dir-te-á na altura certa. E que tem ele ter recebido um telegrama? Não sejas tão bisbilhoteiro! — Por instantes Tommy descontraíu-se, Mário estava novamente normal, mas depois voltou a sentir-se assustado.

Quando Stella se lhes juntou para o número no tapete olhou para ele de relance e desviou novamente o olhar. Quando chegou ao topo do aparelho de trapézio conseguiu esquecer tudo, como lhe fora ensinado. Aqui em cima nada tem importância, absolutamente nada, a não ser se saio da barra em boas condições. Mas voltou do

número de trapézio a sentir uma apreensão crescente e atordoadora. Que se estaria a passar? Que é que lhe estavam a esconder?

Ao seu redor os operários estavam a esvaziar a tenda do vestiário; o número de trapézio voador era dos últimos do espectáculo e a maioria das arcas dos outros artistas já tinham sido levadas e a tenda estava praticamente vazia à sua volta, com tudo já carregado no comboio do circo. Papa Tony pôs a mão no ombro de Tommy e, instantaneamente, o seu medo transbordou.

— Que se passa? O que é que aconteceu? Que é que vocês me estão a esconder? Porque é que estão todos a olhar para mim dessa maneira? Parece que morreu alguém...

Angelo passou-lhe um braço por trás das costas.

— Vem sentar-te aqui, Tommy — disse com gentileza -, temos uma coisa para te dizer... — mas Tommy mergulhou, agarrando o exemplar do Billboard que estava em cima da arca de Papa Tony.

— Não! — disse Mário com urgência na voz. — Tira-lho, Johnny, não... — mas Tommy já o tinha folheado, muito depressa, cheio de medo, detendo-se quando viu o título: Casal Trucidado em Passagem de Caminho de Ferro. Leu a notícia, rapidamente, aos pedaços.

Tom Zane, domador do Circo Lambeth... carro e atrelado instantaneamente esmagados... Beth Zane, a sua mulher...

— Oh, meu Deus — disse ele atordoado. — E eu nem sequer sabia. Eu deveria estar lá, eu deveria ter estado com eles...

Angelo disse, o braço apertando Tommy, a voz áspera mas cheia de gentileza.

Não, miúdo. Não. Se eles se chegaram a aperceber de alguma coisa, provavelmente o seu último pensamento foi de alegria por tu não estares com eles, por tu estares bem.

A mãe. O pai.

Não chores — disse Mário, olhando-o, pálido e abalado. — Não vou ser capaz de me aguentar se tu chorares, Tommy...

Tu já sabias. Soubeste a noite inteira! Sabias e não me disseste nada... — Era uma traição monstruosa. A simpatia de Mário, só para o afastar do recinto, para evitar que fizesse perguntas.



— Não o culpes a ele — disse Angelo. — Fui eu que disse que era melhor dizer-te depois do espectáculo, quando as coisas se acalmassem um pouco, quando tivéssemos tempo para... para estar contigo...

— Ei, Santellis! Despachem-se com isso aí, temos de desmontar esta tenda! — Um dos operários negros veio ter com eles. — Já acabaram o que tinham a fazer com estas arcas? Posso levá-las?

— Claro, leve-as — disse Angelo pondo o seu casaco pelos ombros de Tommy. — Vá lá, miúdo, tem calma...

Então era a isso que o Coe Wayland se estava a referir. Ele percebeu de repente quem eu era, e que ainda não sabia...

Papa Tony passou o braço pelos ombros de Tommy enquanto saíam da tenda. Disse:

— Esta também não é a altura mais adequada. Talvez não haja altura própria para uma coisa destas. Ragazzo, eu sei que isto não serve de conforto neste momento, mas tens de te lembrar disto. Não estás sozinho. Tens-nos a todos nós. Ainda tens uma família. Agora és realmente meu filho.

Tommy encostou por alguns momentos a cabeça no ombro de Papa Tony, sentindo a aspereza da lã cinzenta da camisola do homem mais velho, as mãos ásperas dando-lhe pancadinhas nas costas. Mas não chorou. Teve uma consciência vaga de que tinham entrado no autocarro que fazia a transferência dos artistas do recinto para o comboio. Quando o nevoeiro que o envolvia se desvaneceu, viu que estava, com Mário, sozinho no seu compartimento.

— Tu sabias. Tu sabias e não me disseste...

— Foi a coisa mais difícil da minha vida, Tommy — disse Mário com uma voz rouca. — Eu não queria que fosse assim. Só que não havia outra forma de o fazer. Não com dois espectáculos prestes a começar.

— Eu sei. Não tem importância — Tommy tentou desatar os atacadores.

— Dá cá. Deixa-me ajudar-te. — Acabou por ser Mário a despi-lo; depois abraçou-o meigamente até ele adormecer.

Tommy disse, a tremer:

— Agora tens mesmo que ser meu irmão. Agora tu és tudo o que eu tenho.

A voz de Mário soou aguda e insegura na escuridão.

— O que dizia no papel dos bolinhos da sorte, aquele que não te mostrei, era, Tem de se resignar a cumprir um dever desagradável.

E ali estava eu a saber de tudo isto. Tive vontade de matar o Angelo. Fanciullo... Será que alguma vez me vais perdoar?

— Claro que sim — disse Tommy, quase num murmúrio -, fizeste o que tinha de ser. A porcaria dos bolinhos da sorte também não passam de um monte de asneiras, como tu disseste.

O apito soou, longo e triste, enquanto o comboio do circo saltou e arrancou por baixo deles, o barulho dos carris forte e violento durante algum tempo, e depois cada vez mais depressa até se transformar num barulho embalador. Ouvia-se novamente o som do apito a vapor e Tommy, olhando pela janela para a cidade desconhecida, apercebeu-se de que nem sequer sabia onde estavam, onde é que soubera aquela notícia. Nunca o saberia.

O som do apito do comboio voltou a gritar na noite desconhecida.

Andiamo, me vo, ma non so dove...

— Estou a ir — murmurou -, mas não sei para onde...

Os braços de Mário apertaram-se em torno de si.

— Não importa — disse suavemente -, estás aqui comigo.

Tem alguma importância onde estás ou para onde vamos? Desde que estejamos juntos?

Oh, meu Deus, que tipo de anormal é que eu sou? O que eu mais quero é que ele seja assim comigo, e quando ele é assim.

— É — por uma razão destas... e um sentimento de culpa desabou sobre si, pois mesmo numa altura daquelas, só conseguia pensar na ternura inesperada de Mário.

A temporada continuou e o circo completou a primeira parte da sua digressão pelo Oeste e dirigiu-se para a Costa Leste.

Na primeira semana de Agosto, Mário autorizou finalmente os Waylands a anunciarem o seu triplo como parte integrante do número, e durante os primeiros seis dias fê-lo duas vezes por dia e

falhou uma única vez. Paul Mainwaring, o director dos números equestres, transferiu os Santellis para a pista central só por essa razão, e se Mário não era agora reconhecido como a estrela do circo (tinha a competição feroz da estrela da família de cavaleiros franceses que fazia mortais com pirueta de um cavalo para outro, a pleno galope), era pelo menos a estrela do sector dos trapézios.

Papa Tony enfrentou esta situação com palavras estóicas e duras e o seu habitual sarcasmo, mas Tommy sentiu que por detrás daquela atitude ele estava a rebentar de orgulho. Ouviu Angelo dizer a certa altura a Coe Wayland, com bom humor:

— Tommy? Oh, o miúdo venera o chão que o Mário pisa.

— Embora aquilo tivesse embaraçado Tommy de tal maneira que provocara uma briga com Mário na tenda do vestiário, e em retaliação Mário lhe tivesse enfiado a cabeça num balde de água, lá bem no fundo Tommy percebeu, É verdade, pois venero... e, com mil raios, porque é que não hei-de venerar?

Johnny dirigia-se ao irmão tratando-o ironicamente por Signor Mário, mas Tommy sabia que, também ele, gostava de desfrutar do reflexo da glória que Mário lhes trouxera a todos. Mário não dizia grande coisa acerca do assunto e dava a maioria do crédito a Angelo, e comportava-se com uma modéstia tão discreta que, irracionalmente, irritava os outros trapezistas. Coe Wayland explodiu numa ocasião:

— Diabos, o tipo faz muito bem teatro, é tudo! Não é humano não se vangloriar um pouco! Aquela modéstia toda é só para impressionar mais do que o faria um orgulho normal! — E Tommy, Prestes a tomar iradamente a defesa de Mário, e mordendo o lábio Para se controlar, sentiu, com alguma culpa, uma ferroadada de dúvida. Não era, afinal de contas, a modéstia autodepreciativa de Mário, mais impressionante que as poses arrogantes das outras estrelas?

Havia um único local onde o prazer e o orgulho de Mário transbordavam; era bem acima das multidões, bem alto no pedestal, quando fazia o voo de retorno para a plataforma. Com um dos braços erguidos a agradecer os aplausos, as suas sobranceiras oblíquas faziam-no parecer um ser exultante de outro mundo

largado por alguns instantes na terra para deslumbrar aqueles que não podiam sair do solo. Ficava simultaneamente tenso como a corda de uma guitarra e descontraído como um gato. Aquele estado de espírito nunca durava mais tempo que aquele que levava para fazer o caminho até à tenda do vestiário, onde começava a tremer com a descompressão da tensão desumana a que estivera sujeito e tinha ataques de riso ou de depressão furiosa. Inconstante e temperamental como era, aquela era a única ocasião em que nem Angelo nem Papa Tony o metiam na ordem, e até Johnny se mantinha à distância. Mário disse a Tommy, uma vez enquanto se vestiam:

— Sabes, miúdo, quase que vale a pena arriscar o pescoço, só para eles me deixarem em paz durante um bocado, depois...

— e Tommy sentiu a pequena dor provocada pelo conhecimento íntimo que tinha dele. Mário, que nunca se queixava nem se rebelava contra a dura disciplina familiar, sofria talvez mais duramente com ela do que qualquer um deles.

Ocorreram algumas pequenas tragédias e uma ou duas das grandes. Uma das mulheres do ballet aéreo, sem qualquer razão aparente, desequilibrou-se e caiu de uma altura de doze metros; foi socorrida e levada para fora da pista, morrendo após alguns minutos na tenda do vestiário. Um dos cavalos de um dos números equestres saltou subitamente da pista para as bancadas laterais; houve uma enorme confusão de gritos de pânico com espectadores a fugirem por todos os lados. O cavalo foi capturado, esfolado mas não gravemente ferido, uns minutos mais tarde, mas uma das mulheres que estivera sentada na bancada caíra de três metros de altura e tivera de sair de maca. Um ajudante das jaulas, descuidado, tinha provocado um elefante e foi encontrado a seis metros de distância com um traumatismo craniano, depois de o elefante lhe ter dado uma pancadinha de repreensão com a tromba.

No fim de Julho, Tommy estava a fazer o teste rotineiro da rede, saltando para cima e para baixo em cima dela e Mário estava ali por perto, aproveitando alguns minutos disponíveis para treinar no arame sob o olhar crítico de Jake Davis. Quando desceu a corda, rindo-se, deu a Tommy um empurrão na brincadeira.

O Jack diz que eu estou pronto para fazer a travessia com alguém aos ombros. Ainda és suficientemente pequeno para ires por cima; queres experimentar?

Raios, não — retorquiu Tommy. — O trabalho no arame é como trabalhar com os leões; tem de se ser ligeiramente maluco para o fazer. Pede à Stella, ela está sempre disposta a tentar todas as maluquices que lhe propõem!

— E sou capaz de pedir — disse Mário, rindo-se. — Ela é mais magra que tu, e mais fácil de transportar.

— Bem, mas não deixes que o Johnny te oiça propor-lhe isso — disse Tommy. Depois, vendo que Johnny subira para o trapézio base, colocou os pés na corda que levava ao trapézio.

Um dos aderecistas estava perto do aparelho dos trapézios. Não era o homem que tomava habitualmente conta daquele aparelho, mas pareceu a Tommy que ele lhe parecia algo familiar. Era um homem baixo e envelhecido, com o rosto bronzeado e cheio de rugas e arrastava pronunciadamente a perna quando caminhava — embora parecesse bastante ágil. Tinha o cabelo de um ruivo debotado, que parecia ter tido, em tempos, a cor do cabelo de Tommy.

— Peço desculpa — disse quando Tommy começava a subir a corda -, mas não é por acaso o jovem a quem chamam Mário Santelli?

Tommy abanou a cabeça.

— Não, o Mário é aquele ali, o que está a falar com o Jack Davis.

— Desculpe, raramente tenho oportunidade de assistir aos números no trapézio voador — disse o homem. Embora estivesse vestido um tanto andrajosamente, com uma camisola de algodão muito usada e calças de ganga debotadas, o seu sotaque era o de um homem educado. Na realidade tinha uma ligeira entoação que recordava vagamente a Tommy a de Betsy Gentry ou a do Pai da Isabella Byrd; não era bem americana. Bem, Tommy sabia que entre os aderecistas e os operários havia uma quantidade de homens que tinham desaparecido de vista na sua vida anterior. Nunca se devia demonstrar curiosidade sobre o passado de ninguém.

— Tenho ouvido dizer que um dos jovens trapezistas tem feito o triplo, por isso troquei de lugar com o Sandy por esta manhã, pois pensei que talvez tivesse hipóteses de o ver treinar — disse o homenzinho, e Mário, ouvindo-o, ergueu as sobranceiras oblíquas quando o fixou.

— Quer ver o triplo? Muito bem, então fique por aí. — Mário começou a subir a corda gritando para Johnny, que estava no outro extremo do aparelho. — O Angelo ainda não apareceu?

— Rebentou uma costura no fundilho das calças de ginástica.

Teve de ir à procura de outro par — respondeu Johnny. — Já deve estar a aparecer. Porquê?

— Porque eu quero tentar o triplo, só por isso. Muito bem, acelera. Tens andado a dizer que consegues fazer tudo o que o Angelo faz e melhor que ele. Vamos lá prová-lo — gritou-lhe Mário. Estava a rir-se a bandeiras despregadas, e Tommy olhou-o de relance com o cenho franzido, enquanto Johnny se inclinava para descer para a posição de base.

— Achas que não há problema? — murmurou Tommy.

— Descontrai-te, Lucky. Quando o Jock é bom, é muito, muito bom. Achas que consegues passar-me a barra para o retorno?

Tommy olhou-o com cepticismo. Normalmente só o Papa Tony merecia confiança suficiente para o fazer ou, em casa, na sala de treinos, a Lúcia.

— Farei o meu melhor.

— Acelera um pouco mais, Johnny. Muito bem, assim deve chegar. — Mário enxugou cuidadosamente as mãos no lenço encharcado em resina.

Tommy perguntou asperamente:

— Para impressionar um dos operários?

Mário sorriu-lhe.

— Miúdo, onde é que tu achas que se encontram os verdadeiros fãs do circo? Entre todos os milhões de sítios que existem neste mundo para se desaparecer, porque é que alguém escolheria um circo, a não ser que este fosse importantíssimo para ele?

Aposto que aquele homenzinho ali em baixo sabe mais de trapézio voador que qualquer dos tipos que pagam seis dólares por um lugar reservado.

Tommy passou os dedos pela pequena medalha de metal presa por dentro da gola da camisola, observando cheio de tensão o balanço pendular de Johnny. Sim, ele está com o ritmo certo.

O sorriso de Mário desvaneceu-se. Apanhou a barra e lançou-se para a frente, voltou, foi para a frente de novo, cada vez mais al... como sempre, Tommy susteve a respiração enquanto o homem e o trapézio se separavam e Mário girava à retaguarda na primeira volta, na segunda e na terceira, a uma velocidade estonteante, e depois se endireitava fazendo uma pega rápida e segura e ficando a balouçar com Johnny. Tommy lançou-lhe a barra, mas mesmo enquanto o fazia, soube que o fizera cedo demais; Mário também o percebeu e mergulhou directamente dos pulsos de Johnny para a rede. Tommy voltou a prender a barra no gancho, segurou-a por forma a que não estorvasse e deu um mortal para a rede.

O homenzinho ainda ali estava, sorrindo com um ar distante.

— Posso cumprimentá-lo por uma excelente execução? Ou é supersticioso em relação a essas coisas?

— Não, não sou — disse Mário, sobressaltado.

— Importa-se de me dizer que idade tem, meu rapaz?

— Vinte e três.

— Tão novo? Há quanto tempo é que faz isto?

— Comecei a tentar quando tinha dezanove anos. Ainda não o consigo fazer sempre.

— Ninguém consegue — disse o homenzinho. — Oito em dez ainda é, creio eu, um recorde.

— Sim, e ninguém a não ser o Parrish e o Fortunati o conseguiram — disse Mário. — Eu faço uma média de seis em dez, se me sinto bem.

— Que é que o fez decidir-se a tentá-lo? — perguntou repentinamente o homenzinho.

— Só Deus sabe — disse Mário encolhendo os ombros. — Provavelmente para provar qualquer coisa.

O homem assentiu lentamente com a cabeça.

— Que seria da vida se não houvesse qualquer coisa impossível para tentar? Um dia, talvez, quando já for velho, se viver até lá, estará no meu lugar a observar um jovem a aperfeiçoar quatro mortais consecutivos.

Impossível — disse Mário com uma careta. — Não pode ser feito; é uma impossibilidade física. A não ser que se ponha mais espaço entre as barras, e aí o impulso não seria suficiente para o manter lá em cima.

O homenzinho grisalho encolheu os ombros.

— E no entanto, sabe, eu nunca acreditei em factores limitativos. — disse. — Acredito que um dia haverá um atleta que correrá a milha em quatro minutos, e no entanto diz-se que isso é uma impossibilidade física. E um dia haverá um homem que escalará o monte Everest, no Tibete. E haverá um homem que fará quatro mortais para as mãos do base.

Mário deu uma grande gargalhada.

— Já agora também podia dizer que um dia haverá um homem que irá à Lua!

— Mesmo isso não deve ser impossível — riu-se o homem grisalho. — Não percebo porque é que haveria de ser impossível.

Se não acredita no impossível, para quê tentar o triplo?

Mário riu-se.

— Apanhou-me. Mas eu sabia que não era impossível; vi o [ Jim Fortunati fazê-lo quando eu era miúdo, e sabia que tinha havido um par de outros tipos que o tinham feito antes dele.

— E no entanto, sabe — disse o homenzinho, na sua voz suave com sotaque -, durante muito tempo acreditou-se que o triplo era impossível, qualquer coisa que alguém de carne e osso não poderia fazer. Na primeira vez que foi conseguido, foi por acidente, por puro acidente. Foi o Gerard Might que o fez, e ficou totalmente espantado por lhe ter sobrevivido; ouvi-o dizer isso ! mesmo. Nunca tentou fazê-lo de novo; benzia-se de cada vez que falava nisso. E os empresários do circo costumavam citar todo o tipo de factos impressionantes para provar que o triplo era fisicamente impossível. Um deles citava todos os tipos de factores ] médicos, como o cérebro perdia o controlo depois de duas voltas e meia e desistia de



comandar os músculos. Existiu um trapezista, uma vez, não sei se conhece a história, que insistiu em tentar o triplo, e o empresário dele ofereceu-lhe um presente de Natal com a intenção de o desencorajar. Estavam nessa altura nas instalações de Inverno em Houston, e o empresário elaborou uma longa lista de todos os trapezistas que tinham tentado o triplo, o salto mortale, chamava-lhe ele, quer a partir de um trapézio, quer a partir de um trampolim, e cujos resultados tinham sido acabarem alojados nos respectivos cemitérios. O empresário dactilografou a lista, dobrou-a muito bem dobrada e meteu lá dentro uma doação para uma campa num cemitério, e deu-a no Natal ao trapezista. E no entanto, meu rapaz, acabei de o ver fazer um triplo, e fazê-lo com bastante competência e, quem sabe, talvez um rapazinho qualquer que o veja fazê-lo ainda em criança, crescerá a pensar que nada é impossível e tentará aperfeiçoar um quádruplo para as mãos do base. Ou escalar o monte Evereste ou, quem sabe, pilotar uma nave espacial até à Lua. Não, nada é impossível, meu rapaz. Não, enquanto existirem jovens com o espírito aberto em relação à possibilidade de partirem os seus pescoços patetas.

Mário riu-se.

— Parece-me que tem andado a ler demasiados livros aos quadrinhos do Buck Rogers — disse. — Seja como for, o meu espírito está absolutamente fechado a esse respeito: tenho grandes objecções quanto a partir o pescoço.

O cabelo alaranjado do homem moveu-se para cima e para baixo em assentimento.

— Alguns inventam exercícios e outros aperfeiçoam-nos.

Tenho a certeza de que o Jim Fortunati nos seus tempos áureos, embora o tenha visto fazer triplos múltiplas vezes, nunca fez um tão perfeito como aquele que acabou de fazer. Estou certo de que...

— Ei, Lefty — gritou alguém. — Tens trabalho para fazer, não podes estar para aí a dar à língua com os artistas. Vá lá, homem, despacha-te!

O homem enrugou o rosto num sorriso e disse:

— Receio bem estar a negligenciar os meus deveres. Foi um grande prazer, meu rapaz. Que se passem muitos, mas muitos anos antes que herde a campa no cemitério. — Virou-se e foi-se embora a coxear.

Tommy e Mário ficaram a olhar um para o outro. Tommy disse finalmente:

— Que homenzinho tão arrepiante!

— Não sei — disse Mário. — Ele sabe imenso de circo; recordo-me de a Cleo me contar a mesma história acerca do Parrish quando eu e a Liss éramos miúdos. Como o velho Luciano Starr ofereceu a Barney Parrish uma campa num cemitério um ano pelo Natal. Talvez ele tenha sido um trapezista, quem sabe? Não me parece que seja muito bom da cabeça. — Olhou lá para cima, para o aparelho. — Um quádruplo mortal. Não, de maneira nenhuma Mas suponho que um dia alguém podia tentar um triplo e meio.

— Tira já essa ideia da cabeça — disse Tommy zangado. .

Nem comeces sequer a pensar nisso!

Mário riu-se novamente e abanou a cabeça.

— Raios, não. Como disse aquele patifezinho, há tipos que inventam exercícios e há outros que os aperfeiçoam, e eu não sou dos que os inventam. Deixo o triplo e meio para outro. Ele de qualquer forma, tem de estar doido. A milha em quatro minutos... está provado que é uma impossibilidade fisiológica; o coração humano não aguentaria. E como é que se havia de conseguir levar uma nave espacial à Lua? E parece que lá nem sequer há ar. Quero dizer, mesmo que se usasse uma das naves espaciais movida a foguetões, como as do Buck Rogers, contra que é que o foguetão exerceria a sua força? Não, o tipo é doido. — Mas olhou mais uma vez para o trapézio, como se tentasse imaginar um voador a fazer um impossível quádruplo para as mãos do base, e Tommy sentiu-se arrepiar.

Pergunto-me se o homenzinho não será um dos que se aleijaram a tentar o triplo. Dizem que houve imensos. Ele sabia muitas coisas acerca do trapézio.

E aquela conversa toda sobre conseguir-se o impossível. Será mesmo isso o que o Mário quer?

Numa longa viagem durante o dia, através do Nordeste, Tommy viajou ao pé do Papa Tony durante toda a tarde. Mário e Angelo estavam a jogar cartas com Stella na carruagem-bar.

Johnny fazia bonecos com um lápis no assento ao lado. Papa Tony e Tommy estavam a jogar damas num tabuleiro magnético em miniatura que o velhote lhe oferecera pelos anos, quando Tony Santelli ergueu repentinamente os olhos da dama que acabara de fazer.

— Tommy — disse ele -, tu trabalhas muito e pareces feliz. Estás feliz?

Tommy sentiu-se, como sempre, embaraçado e confundido por aquela solicitude.

— Claro, porque é que não havia de ser feliz?

— Vocês, os rapazes! — Papa Tony abanou a cabeça. — Pensas que ser feliz é uma coisa assim tão vulgar? Claro, claro que sei que não te sentes infelicíssimo, não tens uma dor de dentes, nem choras até adormecer, mas feliz? Feliz por forma a que a vida pareça melhor a cada dia que passa, por forma a que a vida seja uma coisa boa?

Tommy disse, em voz baixa, com os olhos no tabuleiro:

Nunca pensei nisso.

As pessoas não o fazem, quando são novas. — Papa Tony franziu o sobrolho e moveu uma das suas peças. — Devia ensinar-te a jogar xadrez; treinar-te a pensar em antecipação.

— Nunca me consigo lembrar dos movimentos. São demasiado complicados. De qualquer maneira eu não sou assim tão esperto. Tem de se ser uma grande cabeça para jogar xadrez, não é?

— Não sabes se és assim tão esperto e não sabes se és feliz?

Depois de algum tempo, estudando a disposição das peças e sem erguer o olhar, Tommy disse:

— Sim, Papa Tony, sou feliz. Eu... eu faço aquilo de que mais gosto.

Tonio Santelli dobrou-se para comer uma das damas de Tommy e removeu-a do tabuleiro.

— Vês? Mesmo no jogo das damas temos de pensar em antecipação. E o Matt? Vocês dão-se bem? Não sei, talvez ele seja demasiado duro contigo, talvez... tu és só um miúdo; talvez eu

devesse... — Interrompeu-se e debruçou-se novamente sobre o tabuleiro. Tommy, estudando a armadilha que Papa Tony lhe preparara entre duas damas, e fazendo a jogada forçada que o levaria a perder mais uma peça, apercebeu-se repentinamente de que aquelas palavras significavam mais do que aparentavam.

De alguma forma, fosse como fosse, Papa Tony sabia. O seu cérebro entrou num frenesim. Como? Temos tido tanto cuidado.

Mas Tommy percebeu que o velhote sabia; nunca o admitiria, mas ali, na frente do tabuleiro de damas e casualmente, o futuro todo de Tommy dependia da forma como respondesse.

Que é que eu posso dizer? Ele provavelmente acha que é uma coisa horrível. O Mário avisou-me...

— É muito bom a estender armadilhas — disse desoladamente, observando Papa Tony fazer a jogada e comer a peça que lhe pusera em perigo. Depois, cautelosamente, falou. — Eu gosto do Mário, Papa Tony. Nós damo-nos bem — disse e encontrou finalmente as palavras que procurara atabalhoadamente, nem demasiado desprendidas, o que se tornaria óbvio, nem exprimindo uma adoração demasiada. — As... as atitudes duras dele, são sobretudo teatro, sabe; ele é realmente ótimo comigo. — Subitamente exultou, comendo uma peça e movendo a sua dama até ao topo do tabuleiro. — Fiz dama!

— Hmm! — A mão do velhote sobrevoou o tabuleiro evitando cuidadosamente a armadilha de Tommy. Ergueu, sem se comprometer, o olhar inquisitivo.

Tommy, examinando o tabuleiro para tentar descobrir se a jogada casual não escondia uma armadilha subtil para as suas peças, arriscou subitamente tudo.

— Sabe, Papa Tony, o Mário não é assim tão duro. Sabe, eu... eu adoro o tipo. — Acrescentou, como que apalpando terreno, a mão hesitando entre uma jogada perto da dama e uma jogada indiferente, mas que o poderia conduzir a uma armadilha imprevista.

— Se as nossas brigas o incomodam, talvez nos possamos acalmar um pouco. Como eu já disse, a maior parte daquilo é teatro.

Papa Tony sorriu e, calmamente, comeu a dama que Tommy acabara de fazer.

— Ótimo. Eu pensei que talvez fosse isso, só que provavelmente queria ouvir isso da tua boca, que estás feliz. Vocês os dois, sabes, fazem uma equipa muito boa. Vão ficar juntos durante muito tempo, talvez durante o resto das vossas vidas, se trabalharem assim juntos. E talvez tu sejas capaz de trabalhar com alguém de quem não gostes, em quem não confies, a quem não ames.

Eu não sei; nunca tentei. O Angelo e eu damo-nos melhor que a maioria dos pais e dos filhos; temos de nos dar bem, de outra forma não poderíamos trabalhar juntos. Discutimos, por vezes, como qualquer pai com qualquer filho, mas não relativamente ao que realmente importa. Onde isso é realmente importante, podemos confiar cegamente um no outro; nem sequer temos de pensar nisso. Confio nele dessa forma, e nem sequer tenho de pensar no facto de que o amo. Amo o Johnny, mas não confio nele, não dessa forma, ainda não. Tradição. É algo que nós temos, eu e o Angelo, é algo a que nos agarramos os dois. Autoconfiança? Não, também não é isso. Simpatia? Não sei. Tu e o Matt, eu vejo isso em vocês. Mesmo quando brigam como dois miúdos mal comportados, têm qualquer coisa extra. São jovens, nem sequer são irmãos, mas têm algo, pertencem um ao outro. Vejo-o, e reconheço-o.

Não sei que nome é que lhe hei-de dar, mas existe e está lá. Tommy olhava para as costas das mãos, com medo de erguer Os olhos, profundamente comovido mas com medo do que poderia deixar transparecer se erguesse os olhos ou se falasse. Uma parte de si queria dizer a Papa Tony que nome deveria dar àquilo, mas com esforço, conseguiu ficar calado. Papa Tony não queria saber. Tommy percebeu-o. Se soubesse, se lho dissessem explicitamente, teria de tomar a atitude convencional, teria de exprimir o choque e o horror convencionais. Mas sabendo sem analisar a questão, sabendo-o a um nível mais profundo que o das palavras, podia ver, saber e aceitar.

Papa Tony disse, na mesma voz pensativa:

— O Matt está sempre perdido num mundo solitário, Tommy.

Percebes muita coisa; também consegues perceber isso? Quão duro é para ele ser muito melhor que eu, muito melhor que aqueles

que o ensinaram! Ele quer ter-nos respeito, admirar-nos, e dá por ele muito à nossa frente, a ter de olhar para trás para nos ver, e isso fá-lo tremer todo por dentro. Consegues ver isso? Viste a forma como o Fortunati o tratou e como isso deixou o Matt todo abalado e assustado? Se fosse o Johnny, eu não me preocupava.

O Johnny havia de se vangloriar, de ficar todo arrogante, até que alguém o pusesse no seu lugar, mas entretanto havia de desfrutar todas as atenções e todos os aplausos. O Matt é muito diferente. Não sei, Tommy, não sei mesmo — repetiu. — Está completamente perdido num mundo solitário. Nenhum de nós consegue já chegar até ele.

Tommy pestanejou, engolindo em seco, não querendo que Papa Tony visse que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— A não ser tu, talvez — disse Papa Tony. — Não sei porquê, Tommy, mas ele deixa-te aproximar, deixa que tu te chegues a Ele. Magoa-me — disse o velhote -, magoa-me tanto vê-lo assim, tão perdido, tão solitário. — Tommy, esquecendo-se do seu embaraço pessoal, ergueu os olhos e viu a dor estampada nos olhos do avô. — Tenho tanto orgulho nele, estou tão orgulhoso e podia morrer. Valeu a pena o que fiz a Lúcia passar, valeu a Pena o que os fiz passar a todos. — Tommy percebeu que Tonio Santelli se esquecera de que estava a falar com uma criança, que estava a falar de coração aberto, por amor ao neto. — Eu queria que ele chegasse onde chegou, mas agora que ele já lá está, não o posso seguir. Tenho de o deixar partir, já não há nada que eu possa fazer por ele. Mesmo quando sei o quão desesperadamente ele precisa de alguém. E talvez seja de ti que ele precisa porque ele te deixa penetrar aquela... aquela muralha que construiu em torno de si.

Tommy não conseguia falar. Por fim, Papa Tony interrompeu o silêncio para lhe sorrir.

— A nossa família é muito estranha — disse. — Come as pessoas vivas, e tu ainda és muito novo para seres mastigado e engolido.

— Eu... eu sinto-me muito feliz por ser um Santelli, Papa Tony. A sério. E com... e com tudo o resto.

O sorriso luminoso e raro de Papa Tony iluminou-lhe o rosto.

Deu uma pancadinha no ombro de Tommy e disse:

— Pensei que talvez assim fosse. Sabes, eu sempre fui feliz a fazer o trabalho que queria fazer. Falo demais, olha bem para a situação em que deixaste a minha dama. — Enquanto Tommy se curvava e lhe comia a última dama, acrescentou: — Estás a ficar bom demais para mim a jogar damas, Tommy. Acho que talvez seja melhor ensinar-te a jogar xadrez. Ensinar-te a pensar em antecipação, e a não deixares que as pessoas percebam o que estás a fazer. — Sorriu, enfiou as damas no bolso, abriu o compartimento do seu lado do tabuleiro e começou a alinhar as peças do xadrez. — No xadrez nunca se pode perder o rei. Este é o rei — começou e Tommy franziu o sobrolho, concentrando-se no jogo, percebendo que o velhote estava a dizer qualquer coisa extremamente importante sem o dizer explicitamente.

## Capítulo XXIV

O Circo Woods-Wayland entrou em Cincinnati numa tarde abafada e húmida do meio de Agosto. O sol de Agosto, incidindo no pano esticado da tenda, transformava o seu topo num inferno abrasador. Papa Tony, no cimo do aparelho ao lado de Tommy, verificando o alinhamento das barras com um nível, limpou a cara com um lenço.

— É estranho, não é? O tempo frio torna o corpo mais lento, mas este tipo de calor também. — Voltou a enfiar o lenço no cinto.

— Tommy, a fita adesiva da barra do trapézio está peganhenta; leva-a para baixo para que ponham uma fita nova.

Tommy fez o que lhe tinham dito, descendo pelas cordas como um macaco. Entregou a barra a um dos operários. Quando voltou a subir com a barra enrolada de novo, viu que Papa Tony continuava sentado na plataforma e sem se mexer.

— Papa Tony, passa-se alguma coisa?

— Não, o calor... come um forno. — O velhote enxugou a testa outra vez, e Tommy avaliou o seu mal-estar pela língua que utilizara; Papa Tony sabia que Tommy não percebia italiano, e tinha sempre o cuidado de falar com ele em inglês.

— E esta tarde vai ser pior. Uma vez, num dia como estes quando estávamos no Starr, o Rico levou um termómetro para o trapézio base e pendurou-o lá; no fim do número marcava trinta e cinco graus. Fico sempre preocupado com a cristalização do metal quando está assim quente. Quando o Joe e a Lúcia deram a queda foi devido à cristalização de um elo de metal na correia do trapézio.

Agora, Tommy, estava realmente assustado. Papa Tony tinha um tabu fortíssimo quanto a referir acidentes quando estava perto dos aparelhos; era a sua única superstição.

— Papa Tony, acho que não se está a sentir bem. Posso ajudá-lo a descer?



— Quando eu precisar de ajuda para descer uma corda, ragazzo, podes levar-me e chamar o cangalheiro — disse Papa Tony asperamente, com o bigode a tremer. Voltou a enxugar a testa e as mãos. — Deixa lá, eu sei que a tua intenção era boa, meu rapaz. Vou descer e beber qualquer coisa fresca. — Pôs-se de pé, preparou-se para um mergulho na rede e armou um salto perfeito.

Mas Tommy não ficou descansado. Ao meio-dia, no refeitório, foi à procura de Angelo e disse:

— Escute, poderá falar com o Papa Tony e convencê-lo a ficar cá em baixo esta tarde? Esta manhã ele subiu ao aparelho e eu pensei que ele ia desmaiar.

Angelo riu-se.

— Tu tiveste um desmaio e nós obrigámos-te a subir imediatamente a seguir.

— Eu sei. Mas está horrivelmente quente. — Angelo não subira lá acima e não vira a expressão contraída do velhote, nem ouvira a sua respiração difícil sob a temperatura abrasadora do topo da tenda. Angelo olhou para Tommy e deve ter percebido como ele estava preocupado.

— Vou tentar, miúdo. Mas tu sabes como é o Papa.

Quando Tommy se lhes reuniu na tenda do vestiário, Angelo parecia estar tenso, e a expressão decidida no rosto de Papa Tony e o olhar brilhante e duro, fizeram com que se calasse. Afastou-se e foi vestir as calças pretas de ginástica para o número no tapete que abria o espectáculo.

O número de trapézio era o primeiro da segunda parte do espectáculo. Quando subiram ao aparelho depois do intervalo, o topo da tenda, há horas debaixo do sol escaldante e ainda mais aquecida pelo ar quente que subia das respirações do público que se apinhava lá em baixo, era um inferno abrasador. Quando chegaram à plataforma, atingiu Tommy como se se tivesse aberto a porta de uma fornalha; até a música da banda parecia aumentar e desvanecer-se novamente no calor espesso e abafado. Mário murmurou: "Deus do Céu" enquanto passava as mãos com resina.

Quando Tommy saiu para o seu primeiro exercício, sentiu que a barra estava novamente peganhenta devido ao calor. Tinha as mãos

húmidas e peganentas apesar da espessa camada de resina com que as cobrira, e quando escorregaram nos pulsos de Johnny, ouviu-o gemer, "Estamos metidos numa alhada", por entre os dentes antes de o largar de novo. Até os aplausos pareciam soar a milhões de quilómetros de distância.

Para dar a Mário mais algum tempo extra para se preparar para o triplo, o penúltimo exercício do número era um duplo mortal à frente executado por Papa Tony, e que alguns peritos continuavam a considerar mais difícil do que o duplo e meio à retaguarda. Tommy contornou agilmente o cabo que segurava a plataforma, para o lado de fora, passando a barra a Papa Tony. Este murmurou qualquer coisa em italiano, voltando a passar as mãos pelo saco com resina, e Tommy disse subitamente:

— Papa Tony, está com um aspecto horrível. Por favor não faça esse salto. Não o faça hoje. — Desde a conversa que tinham tido à frente do tabuleiro das damas, ele começara a ver Papa Tony não como um gigante de autoridade e disciplina, mas como uma pessoa verdadeira, como ele próprio, com sentimentos e até fraquezas.

— Deixe-me fazer antes uma passagem; isso dará a Mário tempo para ele se preparar.

— No, no, ragazzo — murmurou Papa Tony — grazia tanto... — e Tommy ficou verdadeiramente assustado.

— Mário... — disse Tommy, aflito, mas Mário já estava por cima deles na plataforma mais alta, e Papa Tony já tinha a barra nas mãos, e não havia forma de o fazer parar a não ser com uma briga pouco decorosa. O corpo magro e direito como um espeto, que continuava a mover-se como o de um jovem, arqueou-se saindo da barra e enrolando-se nas duas voltas muito rápidas do duplo mortal; depois as suas mãos estavam firmemente apertadas nos pulsos de Angelo.

Tommy, vendo-os balançar juntos, agarrando o trapézio no seu voo de retorno, e preparando-se para o sinal de Mário para o enviar de novo para o voo de regresso de Papa Tony, ouviu Mário murmurar por cima de si:

— Graças a Deus. Ele está bem, Tom. Um, dois,...

Depois, lentamente, muito lentamente, num horrível movimento de câmara lenta, Tommy viu as mãos e os pulsos deslizarem uns nos outros, afrouxarem, e soltarem-se. O rosto de Angelo transformou-se numa expressão de horror atordoado quando Papa Tony o largou e caiu das suas mãos. Caiu como um peso morto, sem se virar ou enrolar, atingiu a rede ainda completamente erecto, com os joelhos desmoronando-se com o impacte, caiu sobre o rosto e ficou sem se mexer, sobre a rede.

Tommy ouviu o som abafado das exclamações de horror nas bancadas. O apresentador, que já declamava as palavras exuberantes a anunciar Mário, começou subitamente com uma lengalenga rápida chamando a atenção do público para os outros trapezistas numa das pistas laterais. A banda começou a tocar abruptamente a "Marcha dos Brinquedos" — o sinal de alerta que era dado na pista do Woods-Waylands quando algo de anormal ocorria — e o número que estava sempre a postos para preencher qualquer tempo morto, um grupo de palhaços acrobatas, apareceu aos saltos pela pista dos cavalos, amontoando-se à frente da pista central.

Tommy agiu quase sem ter consciência do que fazia. Largou o trapézio, deixando-o a balouçar na barra central, e deslizou pela corda exterior da escada do aparelho, depois lançou as pernas por cima da rede. Mário deslizou atrás de si. Disse numa voz rápida e tensa:

— Conseguimos tirá-lo dali ou temos de baixar a rede?

Ainda bem que tiveste a presença de espírito de não saltar para a rede, se ele estiver ali com o pescoço partido... — Mário interrompeu-se quando Johnny e Angelo chegaram a correr da outra ponta do aparelho.

Johnny disse:

— Olhem, icem-me... — mas a enfermeira profissional que viajava com o espectáculo já estava ao pé da rede. Disse numa voz rápida e baixa:

— Não, não o puxem para baixo. Se o pescoço ou a coluna estiverem magoados, podiam piorar ainda mais as coisas. Ponha-me lá em cima, senhor Santelli.

Angelo parecia estar em transe. Ignorou a enfermeira, dizendo: Ele deve ter desmaiado. Ele ficou de repente um peso morto e eu não o consegui agarrar. E ele caiu daquela maneira...

Mário pôs-se por trás da enfermeira, pôs-lhe as mãos em torno da cintura, ergueu-a sem esforço para cima da rede. Ela andou com dificuldade em cima da rede e depois ajoelhou-se ao pé de Papa Tony, e Tommy ouviu o seu "Oh!" abafado de choque.

Depois fez-lhe sinal e Mário, muito pálido, ergueu-se à força de braços para cima da rede e pôs-se a seu lado.

— Chamem os aderecistas. Tommy, vem cá, ajuda-me a levantá-lo...

— Ele está bem? Ei, Papa, Papa... — Angelo ajoelhou-se ao lado do pai enquanto Mário e o aderecista o puxavam para o chão, mas o aderecista já estava a embrulhar num cobertor a pequena forma vestida com calças de ginástica douradas, e com um aspecto muito cinzento e mirrado.

A enfermeira disse suavemente:

— Ele está morto, senhor Santelli.

— Oh, meu Deus, não — ah Dio...

Por instantes Tommy pensou que Angelo ia cair de cara no chão e agarrou-o por um braço.

— Angelo, está a sentir-se bem?

Johnny, do outro lado, agarrou Angelo com firmeza.

— Vamos, tio Angelo — disse baixinho. — Vá, aguarde-se.

Primeiro vamos sair daqui, está bem?

Angelo ignorou-o, dizendo numa voz razoável:

— Ele não pode estar morto, não sejam patetas. Uma queda destas não o magoaria assim tanto. Ele já deu quedas muito piores que esta.

— Sim, eu sei — disse Johnny abanando a cabeça, desolado.

— Mas vamos lá, companheiro, vamos sair daqui, está bem?

O grotesco da situação atingiu Tommy, chocando-o, enquanto saíam, agrupados e muito juntos, pela saída dos artistas. Angelo continuava a parecer atordoado, mas caminhou entre eles, dócil e sem protestar, até chegarem ao exterior. Aí soltou-se do braço de

Tommy e correu atrás da enfermeira e do homem que transportava o corpo sem vida envolto num cobertor.

— Ele não pode estar morto — disse ele, com a voz a tremer —  
— Uma queda daquelas não o podia ter magoado assim tanto, pois não? Não era queda para matar ninguém!

A mulher pousou-lhe uma mão firme no ombro.

— Não foi a queda, senhor Santelli. Ele já devia estar morto quando chegou à rede, provavelmente já o estava antes de sair das suas mãos. O coração dele parou, pura e simplesmente, a meio do voo.

O rosto de Angelo encheu-se de ira.

— Ele morreu-me nas mãos — disse, abrindo as mãos e ficando a olhar para elas, cheio de horror. — Ele morreu-me nas mãos e eu não o consegui segurar.

As três horas que se seguiram foram terríveis. O corpo de Papa Tony foi imediatamente levado com discricção para fora do recinto e para a morgue. Johnny, enfiando um casaco por cima da roupa de cena, acompanhou o corpo. A lei dura, mas necessária, do circo, exigia que os doentes, os feridos e os moribundos, fossem retirados do recinto sem demora; não havia forma de se poder lidar com eles ali. Angelo ficou sentado na tenda do vestiário dos homens, enrolado em cima da sua arca, abalado por violentos soluços. Os homens dos outros números lançavam-lhe olhares furtivos e, com o único tacto possível nas circunstâncias, tiveram a cortesia de continuar a tratar das suas vidas e fingir que não davam por nada. Mário, ele próprio a chorar abertamente, estava dobrado sobre ele, com um braço por cima dos seus ombros, implorando-lhe em sussurros que não ficasse daquela maneira.

— Ele largou-me — repetia Angelo, quase histérico. — Ele largou-me e eu não o consegui segurar. Não o consegui segurar.

Ele largou-me.

— Angelo, não, não. Ele já devia estar morto... ele já estava morto antes de chegar à rede. A culpa não foi sua, não podia ter feito nada.

— Ele morreu-me nas mãos. Nas minhas mãos. -Angelo voltou a abrir as mãos e ficou a olhar para elas com um horror atordoado e

recomeçou a chorar. Estava todo a tremer. Parecia não ouvir sequer a voz de Mário.

Por fim, embaraçado, Jim Davies foi ao pé deles e disse, em voz baixa, dirigindo-se a Mário:

— Olha, não me quero meter onde não sou chamado, mas acho que não é só o desgosto, Matt. Acho que ele está em estado de choque. É melhor arranjares-lhe uma bebida, ou qualquer coisa, ou então chamar outra vez a enfermeira.

— Sim, é capaz de ser boa ideia...

— O Coe Wayland tem sempre uma garrafa, de uísque na arca — disse Jake, e passado algum tempo voltou com a garrafa.

Mário deitou algum uísque num copo de papel e pôs a mão com firmeza no ombro de Angelo.

Beba. Vá lá, tio Angelo, é uma ordem.

Não quero. — Angelo empurrou-lhe a mão, afastando-a.

Ou bebe isto ou eu tapo-lhe o nariz e enfio-lhe isto pela boca abaixo — ordenou-lhe Mário. — E depois vai vestir-se.

Temos imenso que fazer antes do espectáculo da noite!

Angelo engoliu, engasgou-se dolorosamente e depois tossiu.

Continuava com um ar atordoado, mas começava a ter consciência do que se passava em torno de si. Agarrou o copo com a sua própria mão e bebeu o resto com uma careta. As mãos continuavam a tremer-lhe, mas a voz já estava mais firme.

— Pronto — disse, a tossir -, já estou bem. Obrigado, Matt.

Eu... — Engoliu em seco, mas disse: — vou vestir-me. Há coisas a tratar; é melhor eu encarregar-me disso.

— Oh, meu Deus — disse Tommy de repente. — Stella. Ninguém disse à Stella. E o Johnny foi... foi com o Papa Tony. — Depois, olhando para o abalado Angelo que se agarrava ao braço de Mário, percebeu que tinha de se oferecer como voluntário. — Eu vou dizer à Stella.

Ao atravessar o recinto em direcção à tenda do vestiário das mulheres, apercebeu-se de que o espectáculo continuava, que a banda e os aplausos soavam tão alto como sempre. Seria o público inteiramente composto por gente mórbida e sádica? Conseguiram assistir a uma coisa daquelas e estar-se nas tintas? Conseguiram

continuar a olhar para um grupo de palhaços a fazer piruetas e rir-se como sempre?

Encontrou Stella perto da entrada da tenda das mulheres e, mesmo naquela situação, sentiu um certo alívio por isso lhe poupar a necessidade de ter de falar com a matrona e lhe pedir para ir chamar a Stella Gardner. Mesmo se ela fosse a sua mulher, ele não poderia ter entrado na tenda das mulheres. Ela tinha uma figura infantil, pequena e vulnerável, completamente sozinha ao pé da porta, com um velho casaco de bombazina cinzenta por cima do vestido; mas de alguma forma, o facto de só ela ter tido a presença de espírito necessária para se vestir completamente, enquanto que Johnny e Tommy se tinham limitado a vestir umas calças e calçar uns sapatos por cima dos fatos de cena, era um facto estabilizador e reconfortante.

Ela correu na sua direcção e agarrou-lhe na mão, apertando-a com força.

— Tommy — murmurou — ele está bem? Que é que aconteceu?

Tem o pescoço partido? O Johnny não pôde esperar por mim para me dizer... uma das raparigas disse-me que ele saiu de ambulância. Que é que ele tem?

Não havia maneira possível de Tommy suavizar o que tinha para dizer, por isso nem tentou.

— Ele está morto, Stel. Já estava morto quando chegou à rede.

— Oh, não! — explodiu Stella, e benzeu-se. — Oh, meu Deus, que coisa horrível para o Angelo...

— Ele não está a reagir bem, Stella — disse Tommy e abraçou a rapariga, apertando-a com força. Ficaram agarrados um ao outro, mais uma vez dois estranhos atirados de encontro um ao outro nas franjas do seu mundo peculiar.

Depois, endireitando-se rapidamente com um pequeno gesto estranho e adulto, Stella disse calmamente:

— O Mário tem de ficar com o Angelo, então, o Johnny foi com o... foi com o Papa Tony. Mas o Joe e a Lúcia têm de ser avisados, e devíamos mandar-lhes imediatamente um telegrama antes que saibam pela rádio, ou coisa do género. Ou... olha, Tommy, seria

horrível para a Lúcia receber um telegrama. Tens algum dinheiro? Vou fazer um telefonema de longa distância, e... e tentar dar-lhe a notícia de uma forma mais suave.

Pela primeira vez Tommy apercebeu-se da têmpera de aço da rapariga. Procurou dentro dos bolsos; só tinha umas poucas moedas.

— Não chega para telefonar para a Califórnia. É melhor telefonares a pagar no destino, ou pedires algum dinheiro ao patrão para pagar o telefone.

— Há mais alguém a quem eu deva telefonar?

— A Liss — disse Tommy. — Posso tirar o número dela da agenda do Mário. Ela vive em São Francisco...

— Não — disse Stella, abanando a cabeça. — A Liss vai ter um bebé, e um telegrama ou um telefonema meu iria abalá-la em demasia. Eu digo à Lúcia, e deixo que ela lhe diga. Vou ter de sair do recinto para encontrar um telefone público... não, espera, aposto que o Woody me deixa utilizar o telefone no escritório dele...

— Por uma razão destas? Claro. Queres que eu vá contigo, Stel?

Ela abanou a cabeça com gravidade.

Não, é melhor voltares para o pé do Mário e do Angelo.

Ele ficou a vê-la afastar-se na direcção do escritório, parecendo uma criança com o seu casaco velho. Depois voltou para a tenda dos homens, preparando-se para o que se seguiria.

Era como se fosse um pesadelo que não acabava mais.

Rodeava-os a penosa curiosidade e a simpatia de todos os outros homens. Era necessário que Angelo falasse com a polícia e assinasse um papel a autorizar a autópsia, para que ficasse oficialmente estabelecido se Papa Tony morrera pelos ferimentos provocados pela queda, por falha cardíaca ou devido aos efeitos do calor.

— Não, não, não autorizo — insistiu Angelo. — Não é decente, nem está certo, cortarem-no e mutilarem-no depois de morto! — Só depois de um padre católico, um dos capelães da polícia, ter falado com ele, é que, com relutância, assinou o impresso de



consentimento. Tommy conseguiu sussurrar a Mário que Stella telefonara à família.

A hora de jantar chegou e passou, mas nenhum dos Santellis teve tempo ou vontade de ir ao refeitório. Havia papéis para assinar; o capelão da polícia ficou para ajudar Angelo a cumprir as horríveis formalidades. A polícia voltou e fez mais algumas perguntas a Angelo — daquela vez, graças a Deus, no escritório e longe dos olhos e ouvidos presentes na tenda do vestiário. Para Tommy, aquele questionário acrescentou o toque final de grotesco e quase de indecência, ao ouvir polícias à paisana perguntarem-lhes se Angelo estava de boas relações com o pai. Por fim, provocadoramente, perguntaram ao próprio Angelo:

— E então, Santelli? Você e o velhote davam-se bem? Brigavam muito?

O rosto de Angelo continuava cinzento e contraído.

Não, o Papa e eu sempre nos demos bem. — E depois, ao retardador, o choque espalhou-se no seu rosto. — Dio m... quer dizer que pensam que eu lhe poderia ter feito mal? Eu, o seu filho?

Acontece — disse o polícia numa voz inexpressiva. — Temos muitos casos em que o filho se quer ver livre do seu velhote. E parece que você teve uma boa oportunidade, com um Velhote como ele num número perigoso.

Angelo ficou a olhar para ele e benzeu-se.

— Dio! Vocês não têm qualquer decência? — explodiu, e Tommy temeu que ele rebentasse em lágrimas outra vez.

Mas conseguiu controlar-se. — Eu amava o meu pai — disse por fim, quando conseguiu firmar a voz. — Toda a minha vida trabalhei com ele, durante quanto tempo? Desde que era um rapazinho de doze anos. E desde que o meu irmão Joe deu uma queda na pista com a minha irmã, fui sempre o seu base, todos estes anos, todos estes anos — repetiu. — Tantos anos a ser o base dele no número, e vocês pensam, atrevem-se a pensar que seria capaz de magoar o Papa...

Tommy nunca se apercebera antes do mais leve vestígio de sotaque na voz áspera de Angelo, mas agora ele aparecia, quase tão forte como o de Papa Tony.

— Deus vos perdoe por esse pensamento perverso, e que eu morra já aqui! Já é suficientemente mau saber... saber que o Papa morreu aqui... nestas mãos... sem isso, também... — Cobriu o rosto com as mãos e ficou em silêncio.

O padre, de pé atrás dele, curvou-se e disse-lhe qualquer coisa em italiano, e Angelo respondeu na mesma língua. O detective, que começava a ficar irrequieto, perguntou:

— Ele não sabe falar inglês? Estava a falar inglês há bocadinho. Que é que ele disse, padre?

O padre franziu o sobrolho ao detective.

— O que ele disse, senhor, foi unicamente, Tente fazer-lhes compreender como eu teria ido, de boa vontade, se Deus me levasse em seu lugar.

O detective passava o peso de um pé para outro.

— Estive a conversar com algumas das outras pessoas aqui do recinto. Eles dizem que o velhote era bastante duro com vocês todos. — Olhou em torno do pequeno escritório quase nu, pela janela para o monte de tendas e vestiários, para os caminhos entre os quiosques estendendo-se para lá delas, para o recinto cheio de gente. Tommy pôde ver o desprezo e a distância da sua expressão. O oficial da polícia desprezava-os, desprezava-os a todos. Eram uma raça estranha, estrangeira, nómada, o oposto do mundo de cidadãos respeitáveis e sólidos da cidade; eles eram capazes de tudo. Por fim o detective encolheu os ombros.

Estou só a cumprir o meu dever, senhor Santelli. Pode muito bem ter sido um acidente; não há provas num ou noutro sentido. — Com aquelas palavras, saiu do escritório.

Mais tarde James Wood foi ter com eles à tenda do vestiário, onde os homens do espectáculo se estavam a preparar para o espectáculo da noite. Olhou para a expressão turvada de Angelo.

— Oiça, tem a certeza que pode entrar no espectáculo hoje, Angelo? Posso cancelar a actuação dos Santellis esta noite, se quiser.

Todos sabiam aquilo que ele estava a pensar. Um rapaz da imprensa da cidade, com uma máquina fotográfica, tinha apanhado o corpo de Papa Tony torcido e horrivelmente espalhado na rede, e correrá para o jornal local a tempo de conseguir a manchete da

edição da tarde: Estrela do Circo Cai das Mãos do Filho para a Morte. Alguém tinha, impensadamente, levado um exemplar para a tenda.

Mas Angelo disse com firmeza:

— Não, eu estou bem. Vou fazer o espectáculo.

Apesar de ser ainda jovem, Tommy sabia que depois de uma tragédia no circo havia sempre um certo número de pessoas no público que voltavam ao espectáculo para ver o número que tinha tido um encontro com o azar. Parte da tradição era confundir aquele tipo de curiosidade fazendo precisamente o que era habitual no espectáculo, não deixando transparecer nada.

— Oiça, Angelo, eu sei como vocês são, os artistas da velha guarda. Mas não sei se sou suficientemente doido para o pôr ali para que fiquem a olhar para si, mesmo que alguns desses imbecis só venham para isso mesmo. Deixe-me cancelar os Santellis só por esta noite.

Johnny e Mário entreolharam-se e chegaram-se um pouco mais um para o outro, por trás de Angelo. Estendendo as mãos puxaram Tommy para o seu círculo apertado, e Johnny disse:

— Que se lixe o cancelamento!

A voz de Mário tinha uma arrogância calma.

— E bondoso da sua parte, Woody. Mas isto é tudo o que podemos fazer pelo Papa Tony, não percebe isso? — E Angelo, erguendo a cabeça, com os olhos a brilhar, pôs-se abruptamente de Pé como se o sustentasse uma qualquer reserva interior de tradição e orgulho. Tommy quase que conseguia ouvir as palavras de Papa Tony na noite em que Angelo fora ferido na pista pelo leão:

Os Santellis estão sempre prontos.

O calor continuava a cobrir a cidade, erguendo-se espessamente do solo, mas uma brisa leve e fresca movia-se por baixo das estrelas, quando se dirigiam à entrada dos artistas. Enquanto atravessavam a pista sob as luzes, Mário e Angelo iam juntos, lado a lado, com as capas balouçando ritmicamente. Separaram-se dois a dois na base do aparelho como se aquele fosse o padrão habitual do número. Com um pé na corda, parecia a Tommy que ainda via a confusão na cara de James Wood, e um orgulho estranho e sombrio fortaleceu-o contra a sensação de vazio

e náusea que lhe enchia o peito. Quando chegou ao pedestal, virando-se para sair do caminho de Mário, deu por si a afastar-se para dar lugar a Papa Tony a seu lado, e sentiu-se arrepiar. Tocou na pequena medalha de metal presa por dentro da gola da camisa, sem se aperceber de que o fazia.

Devido à morte nos bastidores, que causara grande perturbação da rotina entre espectáculos, James Wood passara palavra para "um espectáculo rápido", com cada número reduzido ao essencial.

O espectáculo teria uma duração de apenas duas horas e um quarto em vez das habituais três horas. O triplo fora cancelado — Mário fizera essa concessão — e acabara o número com o duplo e meio com que o costumava substituir. Tommy, observando Angelo com atenção, viu o pânico que lhe atravessou a expressão por milésimos de segundo, quando Mário girou caindo para as suas mãos. Os pulsos fundiram-se e escorregaram ligeiramente antes de voltarem a fazer a pega. Mais tarde, quando se estavam a vestir, viu que os pulsos de Mário tinham nódoas negras simétricas.

Mário reparou na direcção do seu olhar, mas não disse nada.

A velocidade impiedosa da desmontagem do espectáculo não se compadecia com a morte ou a tragédia; o espectáculo da noite acabou às dez e meia da noite, e à meia-noite o comboio do circo estava pronto para partir. Antes de ir para a sua carruagem, Johnny parou no compartimento que Angelo partilhara com o pai — Stella, como é evidente, mesmo acompanhada pelo marido, não podia entrar nas carruagens dormitório reservadas aos homens solteiros — para perguntar:

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

Angelo abanou a cabeça. Tinha o rosto vazio e inchado. Estava sentado no beliche mais baixo do compartimento, e Mário e Tommy estavam sentados na arca que quase enchia por completo o resto do espaço.

— Não, já tratei de tudo, acho eu. Sabem, o recinto do circo é um sítio muito duro. Recordo-me de como tivemos de deixar o Joe e a Lúcia no hospital, naquela noite, sem mesmo saber se a Lúcia estava viva ou morta. Nem mesmo a Liss pôde ficar com ela. E agora

só nos resta deixar o Papa Tony numa agência funerária desconhecida, sem ninguém a não ser um padre desconhecido para se assegurar que o mandam decentemente para casa.

Johnny sentou-se no beliche ao lado de Angelo e passou-lhe um braço por cima. Antes, durante todo o tempo que levava a desmontar o circo, as pessoas não tinham parado de vir ter com eles, oferecendo a sua simpatia, um aperto de mão caloroso e perguntando: — Em que é que posso ser útil? — e dizendo timidamente, com uma sinceridade óbvia e até lágrimas em alguns dos olhos, o quanto todos tinham gostado de Tonio Santelli. Apesar de as intenções serem as melhores, fora uma dura prova. Mas agora que estavam sozinhos, e embora todos os homens na carruagem dormitório tivessem conhecido e gostado do Papa Tony, ofereciam aquilo que podiam oferecer à família: uma porta fina fechada, um movimento ruidoso no exterior que pretendia um ar de normalidade e que se destinava a proporcionar uma frágil ilusão de intimidade para o seu desgosto íntimo.

Johnny disse:

— Tio Angelo, quer que eu fique consigo esta noite?

Ele abanou a cabeça.

— E ias deixar a Stell sozinha? Não, Jock, fica com ela.

Eu estou bem, e se precisar de alguma coisa o Matt e o Tommy estão aqui mesmo ao lado.

Houve outro longo silêncio. Por fim Johnny disse:

— Não paro de pensar na noite em que também o Joe e a Lúcia se magoaram. Tínhamos aquela grande carruagem privada no comboio do Starr, e antes de o comboio partir, a Cleo veio meter-nos a nós, aos miúdos, na cama. Quando o Papa Tony entrou, já nós estávamos todos a chorar outra vez. Pobrezinha a Liss, lembram-se de como ela tentou fazer de nossa mãe nessa noite? Mark era quem estava pior, chorando e não se calando mais. Grande como ele era, a Liss sentou-o no colo e tentou embalá-lo.

— Sim, lembro-me — disse Angelo numa voz rouca. — Vocês todos com aquelas camisas de flanela vermelha às riscas que os miúdos usavam nessa altura. Não podia fazer nada para vos ajudar,

mas o Papa Tony foi ter convosco, sentou-se na cama da Liss, olhou para vocês e disse — lembras-te, Matt? -, disse:

"Pronto, pronto, isto não é altura para fazer um velório, é melhor que rezem pela vossa mãe do que chorem por ela." E pôs a mão por baixo da almofada da Liss, onde ela guardava o rosário e começou a dizer uma Ave Maria, e vocês todos pararam de chorar e começaram a rezar com ele. — Voltou a esconder o rosto nas mãos.

— Sim — disse Johnny baixinho -, mas ele teve a ideia certa, sabem?

— É vero. — Angelo procurou entre as coisas que estavam pousadas na prateleira, tirou uma fiada de pequenas contas escuras e começou a murmurar em italiano. Johnny e Mário curvaram as cabeças e começaram a repetir as palavras que ele dizia em inglês.

O credo dos Apóstolos não era familiar para Tommy, mas quando Angelo começou a dizer o Pai Nosso, ele reconheceu a Oração do Senhor e juntou-se-lhes. Contudo, quando começaram a dizer as Ave Marias, cobriu a cara, e por detrás dos olhos fechados sentiu a dor das lágrimas. Sentia que também deveria rezar, mas só conseguia repetir para si próprio, uma e outra vez, intensamente:

— Oh, meu Deus, sê bom para ele, por favor — e aquilo não lhe parecia correcto; era como se estivesse a representar, a dramatizar algo que era real e horrível. As repetições ininterruptas surpreenderam-no e sentiu-se embaraçado, como a maioria dos protestantes, perante o carácter demonstrativo das rezas católicas.

Angelo dizia-as em italiano, mas Mário, a seu lado, rezava em inglês, e Tommy, ouvindo a repetição das Ave Marias, deu por si confuso e perturbado; eles tinham-se afastado para muito longe e ele sentia que tinham um tipo de conforto que ele não podia partilhar. Mário, com o rosto por detrás das mãos, os olhos fechados, murmurava:

— Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita Sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do Vosso ventre Jesus.

Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amen. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

Tommy estava sentado em silêncio ao seu lado, sentindo a garganta apertada à medida que a oração regressava, uma e outra vez, às palavras pronunciadas baixinho, agora e na hora da nossa morte. Na hora da nossa morte. Na hora da morte do Papa Tony. Estava desesperado com medo de chorar. Pareceu passar-se imenso tempo até terminarem as orações e Angelo voltar a guardar o rosário. Ele parecia estar mais calmo, e a sua voz estava firme. Tommy sentiu que a família queria mesmo estar sozinha.

Disse um boa-noite abafado a Angelo. O homem passou-lhe o braço pela cintura e abraçou-o.

— Sabes, Tom, ele também te amava. Como a qualquer um de nós.

— Eu também o amava, Angelo — disse Tommy e sentiu os olhos encherem-se de lágrimas -, como se ele fosse meu avô.

— Eu sei, miúdo. — Angelo puxou-o mais para si e beijou-o.

— Boa-noite, figlio. Deus te abençoe.

Tommy foi para o seu compartimento, despiu a roupa e subiu para o beliche de cima. Não adormeceu, ouvindo o bater e o rolar do barulho dos carris e, de vez em quando, o apito sombrio do comboio soltando o seu grito eterno na noite.

Quem está sozinho? Eu estou so-o-zinho.

Já não sabia se as lágrimas que lhe corriam pela cara eram por Papa Tony, ou se eram devido à tristeza daquele grito. Depois de muito tempo, viu a luz mortíça do corredor e Mário entrou, sentou-se na beira do beliche de baixo e começou a despir-se.

Tommy curvou-se por cima da beira da sua cama e murmurou:

— Como está o Angelo?

— Adormeceu. A enfermeira deu-me uns comprimidos para eu lhe dar e, depois de algumas tentativas, consegui que ele os tomasse. Devem ser fortes; ele apagou-se como uma vela. Tu, pobre miúdo, também não consegues dormir? Vem cá para baixo, se quiseres.

Tommy desceu e deitou-se ao lado de Mário.

— Isto atingiu o Angelo de tal forma, que nenhum de nós teve ainda oportunidade de sentir realmente o que aconteceu — disse Mário.

— Eles eram muitíssimo chegados.

— Eu sei. O Joe e a Lúcia foram-se afastando, não por culpa deles, claro, e o Angelo era realmente tudo o que ele tinha.

— Mário ficou silencioso durante uns momentos. — Mas sabes, eu gostava de morrer assim. Nunca teve de se sentir velho, ou doente, ou aleijado. E viveu o suficiente para nos ver de novo no caminho para o topo.

— No entanto, nunca teve a oportunidade de se reformar e ficar em casa a levar a vida com calma.

— Ele nunca se teria reformado, Tommy. Ele adorava voar.

E morreu a seguir a ter feito um dos exercícios mais difíceis, ouvindo os aplausos, sabendo... Eu devia estar horrorizado por ele ter morrido de repente, sem ter tido hipótese de se pôr em paz com Deus...

— E em que é que ele se tinha de pôr em paz com Deus? — perguntou Tommy. — Ele era um homem bom!

— Passo a vida a esquecer-me de que não foste educado na Igreja Católica. Supostamente é horrível morrer sem um padre, sem se ter a oportunidade de confessar quaisquer pecados que ainda se tenha na consciência. Mas — engoliu em seco -, não consigo evitar sentir-me contente por ele ter morrido no trapézio.

A fazer aquilo que queria fazer. Detesto pensar que Deus possa não perceber isso.

Tommy disse com ferocidade:

— Eu não teria grande opinião de um Deus que não percebesse isso. — Papa Tony pusera grande ênfase no facto de a morte dos seus pais ter sido tão rápida, tão misericordiosa.

E eu não sabia. Nem sequer estava lá quando eles morreram.

Depois, com uma maturidade tragicamente grande para a sua idade, apercebeu-se de que o seu lugar era ali, com Mário.

— Eu amava-o tanto, Tommy — disse Mário. — Ele foi o único pai que eu alguma vez tive. Não me lembro absolutamente nada do meu verdadeiro pai.

— Mário, ele tinha tanto orgulho em ti. Ele sabia que tu irias pôr os Santellis no topo outra vez.

— Estou contente por ao menos ter podido fazer isso por ele.



Desiludi-o tantas vezes.

No escuro, Tommy procurou a mão de Mário e segurou-a, sabendo subitamente qual era a coisa certa a dizer.

— Escuta, Mário. O Papa Tony sabia... sabia de nós, sabes?

— Che... o que é que te leva a dizer isso?

Tommy relatou-lhe a sua conversa com Papa Tony em frente do tabuleiro de damas e Mário soltou um grande suspiro, abalado.

— Por uma ou duas vezes, suspeitei de que ele sabia. E aí ficava cheio de suores frios. — Ergueu-se sobre um cotovelo. — Ele confiava em mim contigo, Tommy. Mesmo depois de... dos sarilhos em que me meti, daquela vez. Já te contei essa história.

— Não, nunca contaste — disse Tommy.

— Oh, claro que te contei. Disse-te que me tinha metido em sarilhos, que tinha sido expulso da faculdade.

— Só me disseste que tinhas estado na cadeia — murmurou Tommy. — Disseste algumas vezes que um dia me contarias a história. Mas nunca contaste.

Silêncio, e o longo grito do apito do comboio numa passagem de nível. Luzes vermelhas e a piscar brilharam no quadrado negro da janela que depois voltou a escurecer, enquanto o comboio deslizava através da cidade e a deixava para trás.

— Eu era muito novo — disse Mário por fim. — Tinha dezassete anos. E estava podre de bêbado. Encontrei um miúdo que conhecia da escola de ballet. Estávamos na brincadeira. Só que o fizemos no sítio errado e no momento errado, e um polícia caiu praticamente em cima de nós. Quando nos interrogaram, no tribunal, o outro miúdo entrou em pânico e mudou a história dele e disse que eu... bem, disse que a ideia tinha sido minha. Por isso fui condenado por ter contribuído para a delinquência de um menor, e por mais um par de coisas. Estava tão atordoado, e tão bêbado, que quando o polícia nos apanhou tive medo de me meter em trabalhos por estar num bar e ser menor, por isso disse-lhes, jurei e trejurei, que tinha vinte e um anos. E eles trataram-me como um adulto, e os adultos que cometem crimes sexuais não são lá muito bem tratados. — A voz dele esmoreceu. — Acabaram por dizer-me finalmente que eu podia fazer uma chamada telefónica, mas eu estava demasiado

assustado para telefonar ao Joe ou ao Angelo, e não consegui encontrar o Bart. — Tommy perguntou-se se ele se referiria ao Bart Reader, mas não quis interrompê-lo.

— Mas depois de eu não aparecer em casa durante três dias, a Lúcia começou a telefonar para os hospitais e acabou por telefonar para a polícia. O Papa foi lá e pagou-me a fiança e, como é óbvio, a primeira coisa que fez foi dizer-lhes qual era a minha idade, por isso transferiram-me para o Tribunal de Menores. Mas por essa altura eu já estava em estado de choque; tinha estado na cadeia municipal durante três dias. — O seu rosto tinha uma expressão amarga, provocada pelas memórias dolorosas.

Depois de um longo silêncio, Tommy perguntou num murmúrio:

— Que aconteceu? Mandaram-te para a prisão?

Mário abanou a cabeça.

— Não. Ouviram-me como menor, e o juiz pregou-me um sermão dos diabos, disse-me para me afastar da bebida, nunca mais toquei em bebidas fortes, e disse que não via grande utilidade em enviar-me para um reformatório, onde eu me limitaria a repetir o que fizera. Por isso enviou-me em liberdade condicional sob a custódia do Papa Tony.

— Que fez o Papa Tony?

— Bem, levou-me para casa, mas eles atiraram-se todos a mim ao mesmo tempo. A Lúcia a chorar, o Angelo a querer dar-me um ensaio de pancada, o Joe perguntando-se se me deveriam mandar a um psiquiatra ou se deveriam chamar um padre. O Papa Tony avançou por ali adiante; sabes como ele costuma fazer, como costumava? Gritou que aquela era a sua família e o seu neto e que por Deus seria ele a tratar do assunto, e eu pensei que por fim ele me ia chicotear! Em vez disso ele levou-me a um barzinho sossegado e ofereceu-me uma bebida. E, meu Deus, eu por essa altura já estava bem necessitado, estava a rebentar pelas costuras.

Sabes que ele nunca bebe, só vino ao jantar, mas mandou vir uma dose de uísque e fez com que eu a bebesse e depois disse:

"Agora, Matt, explica-me lá que história toda é esta. A única coisa que consigo arrancar ao Angelo é que tu nos desgraçaste a

todos."

"Bem, eu mal conseguia dizer palavra, de tal forma estava perturbado, mas acabei por conseguir contar a história, mais ou menos, e ele olhou-me como uma águia e disse, Matty, olha-me nos olhos e diz-me: Esse outro rapaz, ele queria fazer o que vocês fizeram? E graças a Deus que consegui olhá-lo nos olhos e dizer que sim, que queria. Depois o Papa Tony perguntou-me se aquela fora a primeira vez que eu tinha feito aquilo com outro tipo, e como ele tinha sido tão decente comigo, eu achei que lhe diria a verdade nem que ele me matasse por causa disso, e disse-lhe que não, que eu sempre fora assim.

"Ele limitou-se a beber o vinho, muito calmamente, e depois nunca esqueci uma única das suas palavras — disse, Bem, se calhar eduquei-te completamente mal. Mas que eu morra já aqui se consigo achar que tenhas feito uma coisa assim tão horrível como eles dizem. Não posso dizer que me agrada, não posso dizer que perceba, mas se é dessa forma que tu queres viver a tua vida, já não és um miúdo pequeno, és adulto e não tenho o direito de te querer fazer mudar. Depois olhou-me muito seriamente e disse: Mas nem que seja só por mim, promete-me uma coisa Matty: Promete-me que não te voltas a embebedar ou a meter-te em trabalhos com a lei. És um homem, não és uma criança, e tens direito a ter a tua vida da forma como a queiras viver, mas se te meteres em sarilhos, isso atinge-nos a todos, atinge a família."

A voz de Mário estava desfeita.

— Eu estava à espera de um sermão sobre o pecado — disse -, quer dizer, eu estava à espera. Ele era sempre tão religioso.

Mas ele limitou-se a dizer: "Matty, a forma como um homem vive, isso não interessa. É a forma como trata as outras pessoas que interessa." E depois, por último, pôs as mãos em cima das minhas e, juro por Deus, Tom, eu comecei a chorar como um bebé, e ele disse-me para eu não chorar, que não interessava o que as pessoas me chamassem enquanto, e foi isso que me fez chorar ainda mais, enquanto as pessoas que eu amasse, fossem elas homens ou mulheres, ficassem melhor por me amarem e não pior. E depois levou-me para casa, e descobri mais tarde que ele disse ao Angelo

para me deixar em paz. Oh, Tommy, Tommy, juro-te que me teria atirado de cima do trapézio antes de lhe arranjar mais problemas! E ele confiou-te a mim, e eu sentia-me tão mal por causa disso, porque sentia que o tinha traído...

Tommy virou-se para ele no escuro e abraçou-o com toda a sua força.

— Nunca o desiludiste, Mário. Nunca o desiludiste. Ele sabia, e não se ralava. Tudo o que ele queria saber era se eu estava feliz...

— Ainda continuas contente, não lamentas, piccino?

— Sabes que sim — disse Tommy, continuando a abraçá-lo, mais uma vez consciente da íntima certeza de que aquilo estava certo, da consciência confusa de que Mário fazia brotar em si o que de melhor nele havia. Sentia, contra o seu rosto, que as faces de Mário estavam húmidas.

— Então... então a única coisa que temos de fazer é tornarmos-nos felizes um ao outro, em vez de infelizes...

— Tu fazes-me feliz — murmurou Tommy. — Nós fazemo-nos felizes.

Os soluços de Mário acabaram por se acalmar; a sua cabeça pesava no braço de Tommy. Depois de algum tempo este deixou escorregar a mão suavemente, numa interrogação, pela frente do pijama de Mário. Mário empurrou-o.

— Não! Agora não, por amor de Deus, não tens qualquer sentido da decência? Com ele ainda sem ter sido enterrado...

Tommy susteve a respiração num misto de choque e desolação, menos por ter sido recusado do que pela ideia de que, de alguma forma, poderia querer desrespeitar o velhote que amara.

A voz tremeu-lhe.

— Que tipo de filho da mãe supersticioso é que tu és?

Se ele não se importava quando era vivo, que é que te leva a pensar... — Não conseguiu continuar. Era a primeira vez que reunira a coragem suficiente para fazer um gesto sexual tão expresso, e a dor causada pela recusa era agonizante. — Não te entendo, a falar de decência! Parece que achas que... que podemos demonstrar respeito não... não fazendo nada...

— Oh, meu Deus — disse Mário a tremer, puxando-o para si -, eu não quis dizer isso assim... é só que...

— Acabaste de dizer que ele queria que nós nos fizéssemos felizes um ao outro... — Tommy beijou a face molhada de Mário e puxou-o mais para si, as mãos estendendo-se, com meiguice, na sua direcção. — Vá lá — disse baixinho -, deixa-me fazer-to.

Precisas de dormir, e isso far-te-á dormir melhor, é só isso. — Mas ele sabia que era mais que isso. Para ele, pelo menos, era uma forma de reafirmar o laço que os unia, de reafirmar a si próprio que era ali o seu lugar, uma forma de fechar o abismo que parecera abrir-se entre ele e os Santellis enquanto estes rezavam. Disse, encorajadamente:

— O nosso lugar é junto um do outro. O Papa Tony sabia-o.

E esta é a melhor forma que eu encontro de... de to provar.

Mário envolveu Tommy nos braços. Murmurou:

Não tens de me provar nada, miúdo. Eu sei que o nosso lugar é perto um do outro. E será sempre.

O apito do comboio gritou na noite vazia. Angelo dormia, drogado, revolvendo-se num sono cheio de sonhos agitados. Stella Gardner estava acordada, pestanejando lentamente e retendo as lágrimas que não conseguia chorar, com a cabeça de Johnny pesando-lhe no ombro, onde adormecera numa espécie de desgosto atordoado. Em São Francisco, Elissa Renzo, muito grávida, chorou até adormecer recusando qualquer conforto que David lhe pudesse oferecer. Lúcia estava sentada às escuras, na velha casa dos Santellis, com o rosário nas mãos, tentando rezar, a sua mente voltando obstinadamente à noite de outro acidente no trapézio, dez anos atrás, enquanto a velha Isabella di Santali dormia profundamente, sem ter compreendido totalmente que outro dos seus filhos morrera e porquê. Até mesmo Mário e Tommy acabaram por adormecer, reconfortados, nos braços um do outro. E António Abelardo Santelli jazia numa paz calma e anónima, sozinho, acompanhado unicamente pela vigília de um padre desconhecido, numa cidade desconhecida, que nada sabia dele a não ser que ele era uma alma que partira para Deus, e que não precisava de saber mais nada.

## *Capítulo XXV*

O refeitório comum, e a regra tácita de que ali não se falava de trabalho durante as refeições, tirava aos Santellis a oportunidade de falarem calmamente durante o pequeno-almoço. Essa fora sempre a ocasião em que, enquanto tinham viajado com o Lambeth no seu próprio atrelado, a família discutira esses assuntos.

Só ao fim da manhã Angelo os conseguiu reunir a um dos cantos da bancada central, enquanto os operários montavam os aparelhos lá em baixo nas pistas. Angelo parecia recomposto, embora um tanto pálido.

— A primeira coisa que temos de fazer é assentar no nosso número. Se nos limitarmos a tirar todos os exercícios em que o Papa Tony entrava, não resta grande coisa. Tommy, já te vi fazer o duplo mortal à retaguarda nos ensaios. Matt, que achas? Ele pode fazê-lo regularmente no espectáculo?

Mário hesitou, olhou de relance para Tommy e disse:

— Fá-lo tentar uma ou duas vezes no treino. Se se sair bem, inclui esse exercício no espectáculo. Mas precisamos de alguém que maneje as barras nos números de pares. Montámos o número para três voadores e dois bases. Acho que podemos pedir ao Waylands para nos dar outro homem...

— E porque não a Stella? — perguntou Johnny. — Tudo o que o Tommy tem feito ela faz melhor.

— Sabes muito bem qual era a opinião do Papa Tony sobre a inclusão de mulheres nos números de trapézio voador... — Johnny interrompeu Mário.

— Eu sei o que tu pensas — disse Johnny -, mas ele incluiu a Liss no nosso número da audição no Starr. Estás a tentar dizer-me que a Stella não é suficientemente boa para o Woods"Wayland?

Stella protestou:

— Ei, Johnny, olha, o Angelo não...

— Eu não disse isso — fez-lhe notar Mário. — Tanto quanto sei, ela é provavelmente melhor voadora que a Liss...

— Até que enfim que o admities!

Mário franziu o sobrolho ao irmão.

— Eu nunca o neguei. Mas há uma diferença, e uma grande diferença. A Liss fazia voo simples. Tu treinaste a Stella para fazer aquele tipo de coisas mais elaboradas, e eu não sei se ela se iria adaptar.

— Raios, bem que podíamos usar qualquer coisa um pouco diferente!

Angelo abanou a cabeça com violência, e fez um gesto para que Johnny se calasse.

— Por amor de Deus, Jock, não vamos discutir isso agora!

Seja como for, a Stella já tem muito que fazer no espectáculo.

Vamos deixá-la treinar um ou dois dias connosco, nos ensaios, manejando as barras nos números de pares, ela tem um óptimo sentido dos ritmos para esse tipo de coisas, e a fazer umas passagens simples. Stella, o que achas? Queres tentar?

Ela olhou de relance para Johnny e disse:

— Claro. Se o patrão achar bem.

— Há uma coisa em que eu quero assentar — disse Johnny. — Angelo, suponho que é o tio que agora está à frente do número...

Uma expressão de dor cruzou o rosto de Angelo.

— Não vejo qualquer vantagem em discutirmos por causa disso. Deixemos as coisas assim por uns tempos. Na próxima temporada...

— Eu não vou esperar a temporada inteira — disse Johnny.

— Olha, Jock — apelou Mário -, hoje não. Deixemos isso para mais tarde, quando tivermos tido oportunidade de nos acalmarmos.

— Não, raios — disse Johnny. — Eu só quero saber se o Angelo espera que todos nós saltemos quando ele assobia, ou se, finalmente, iremos ter aqui uns processos um pouco mais democráticos!

Angelo disse calmamente:

— Um carro com dois condutores nunca vai muito longe.

E o lugar de um macaco com duas cabeças é num espectáculo de curiosidades.

Mário, fazendo estalar os dedos com nervosismo disse:

— Eu não me importo se o Angelo quiser continuar a dirigir as coisas.

Angelo fez uma careta.

Obrigado, Matt. Obrigado por nada. — Olhou furioso para Tommy. — Também te vais meter nisto?

— Não, o Angelo é quem manda.

Johnny rosnou:

— Oh, o Angelo e o Matt treinaram o Tommy como um leão amestrado. Estalem o chicote e ele saltará pelo arco! Sabe Deus que eu amava o Papa Tony. Ele era um homem velho, sempre fez as coisas desta forma, e eu não me importava que ele me desse ordens, não tinha importância! Mas uma coisa é deixar o Papa mandar em mim, outra coisa totalmente diferente é ter o Angelo a puxar dos galões!

— Escuta, eu não estou a tentar puxar de galões nenhuns, Jock. Mas o nosso contrato diz que, em caso de doença, ou em quaisquer outras circunstâncias inultrapassáveis, e a morte súbita é uma dessas circunstâncias, eu sou responsável por manter o número e os artistas à altura dos padrões aceitáveis. E eu sou o homem mais experiente do número. Se queres mudar os exercícios, eu estou perfeitamente disposto a discutir essa questão. Mas não agora. Por amor de Deus, dá-nos algum tempo para respirar.

O espectáculo desta tarde já vai ser suficientemente duro, qualquer que seja a forma como o montemos!

— Angelo... — começou Tommy.

— Virgem Maria — gritou-lhe Angelo -, agora vais tu começar?

Tommy disse, indignado e abalado:

— Só lhe queria perguntar o que acontece com o meu contrato.

Eu tinha um contrato pessoal com o Papa Tony, e ele era o meu tutor. Só quero saber em que situação fico agora. Isto é, legalmente.



— Oh, Deus, esqueci-me completamente disso. O teu contrato está no cofre do Papa Tony no banco, em Los Angeles.

Vou mandar um telegrama ao Joe para ele lhe dar uma vista de olhos. Sou capaz de ter de assinar alguns papéis para ficar com o contrato. Importas-te que eu seja nomeado teu tutor?

Mário disse:

— Acho que isso não deve ser necessário, Angelo. O Tommy tem dezasseis anos; não tem já idade suficiente para ter a licença "e trabalho normal e ser ele a assinar os contratos?

— Vou ter de saber como isso é — disse Angelo. — Penso que de acordo com as leis da Califórnia ele ou tem de ir à escola, ou tem de ter um tutor, até fazer dezoito anos. Talvez os advogados do Woody me saibam esclarecer.

— Eu não me importo que o Angelo seja nomeado meu tutor — disse Tommy.

— Que é que eu disse? — resmungou Johnny — Leão amestrado!

— Oh, cala-te! — explodiu Mário. — Se o Tommy nem sequer sabe como vai ficar a situação do contrato dele e consegue não armar uma grande confusão, porque é que tu tens de estar a pressionar o Angelo dessa maneira?

Stella, como uma gatinha feroz, mostrou as suas garras.

— Vocês todos despejam tudo em cima do Johnny, mas ele tudo o que quer é que as coisas funcionem à maneira do século XX, e não como se estivéssemos numa ditadura qualquer do Velho Mundo! Livrámo-nos do Hitler, ou não foi?

— Matt, Stella... por favor! — Angelo parecia exausto. — Parem com isso até depois do espectáculo, está bem? As coisas já estão suficientemente más sem uma briga familiar. O Papa Tony ainda não está frio, e vocês já estão a discutir sobre quem vai dirigir as coisas! Stella, se queres entrar no espectáculo esta tarde, não me importo, não é razão para estarmos aqui a discutir.

Eu próprio irei falar com o Woody e obtenho a aprovação dele.

Assim está bem para ti, Johnny?

Aquilo fez com que Johnny se calasse, envergonhado. Mas enquanto se estavam a vestir para a sessão da tarde, Angelo

contornou a fila de arcas alinhadas, até ao sítio onde Mário e Tommy estavam a utilizar o mesmo espelho.

— Matt, não faças hoje o triplo, está bem? Acaba com um duplo com pirueta, ou coisa assim.

— Angelo, já há três dias que não o faço. O Woody vai ter um ataque.

— Deixa-o ter, raios. Está no nosso contrato que tu tens poder de decisão sobre isso.

— Também está no meu contrato que actuarei de acordo com as minhas possibilidades, Angelo, e ele mudou-nos para a pista central por causa do triplo. Vai ficar magoado.

— Que fique magoado e que vá para o raio que o parta!

Mário passou um pó da cor da pele por cima do adesivo que lhe cobria o corte que fizera ao barbear-se.

— Ei, ei, Angelo, que se passa consigo? Está a ter uma premunição?

— Não, mas os acidentes vêm de três em três. E... oh, raios — explodiu -, eu acho que não te vou conseguir apanhar no triplo!

Mário disse baixinho, espantado:

— Está bem, Angelo. O tio é quem manda. Mas o Johnny já fez isso um par de vezes. Quer que ele o substitua?

— Não — disse Angelo com aspereza. — Não o faças hoje.

Mário disse:

— Certo, companheiro, como queira — mas enquanto Angelo foi buscar as capas que estavam penduradas na tela da tenda, perguntou-se em voz alta: — Que bicho é que lhe mordeu?

No dia seguinte, Angelo não protestou quando Mário voltou a incluir o triplo no número, mas uns dias mais tarde, quando o comboio saiu de um cais algures no Indiana, Angelo bateu na fina divisória entre os seus compartimentos.

— Tommy, Matt, querem chegar aqui, por favor?

Tommy já se despira; voltou a vestir as calças e a calçar os sapatos, e foram ao compartimento do lado. Angelo estava a fumar, irrequieto, e o chão ao lado do beliche estava coberto de cinzas. Ofereceu um cigarro a Mário. Mário abanou a cabeça.

— Tom?

— Não, obrigado.

— Sentem-se, está bem? Oiçam — disse Angelo -, não vou andar à volta do assunto. Direi ao Johnny mais tarde, mas pensei que era melhor dizer-vos a vocês primeiro. Quero desistir.

— Desistir? — Mário ficou a olhar para ele. — Desistir do quê?

— De voar. Não, espera um minuto, Matt. Mesmo a sorte mais fantástica se acaba um dia. Eu voo desde os meus doze, treze anos.

É um quarto de século, vinte e cinco anos do diabo no trapézio base. Os Santellis nunca tinham tido um acidente realmente grave antes; até o Joe e a Lúcia sobreviveram ao deles. Estatisticamente, as probabilidades diminuem, a cada dia que passa. Quero desistir antes que chegue a minha vez.

Mário ficou a olhar para ele de boca aberta.

— Deve estar doido — disse por fim. — Que é que nós faríamos sem si? O tio é a cabeça dos Santellis Voadores!

— Pois! — grunhiu Angelo com cepticismo. — Pergunta ao Johnny a opinião dele!

— Eu torço o pescoço ao Johnny!

— Não. E essa é outra razão, Matt. Eu não fui feito para ser padrone. Sei receber ordens, mas não presto para nada a dirigir as coisas. Tu poderias dirigir bem o número, se te resolvesse a fazê-lo, mas não o farás se eu estiver por perto.

— Mas o Johnny não receberá ordens minhas — disse Mário atordoado.

Angelo sacudiu a cinza do cigarro.

— Terás de resolver isso com ele pelos teus próprios meios.

Lamento fazer-te isto, Matt, juro que lamento, mas não paro de pensar na Tessa. Nunca tive oportunidade de a conhecer realmente, e agora que me convenci de que alguma coisa pode correr mal, a qualquer altura, e então nunca teria essa oportunidade...

Eu estou acabado, Matt. Vou voltar para a Califórnia e tirar a Tessa da porcaria daquele colégio interno. Eu sou um homem de família e isto não é vida para mim. Podes dizer que perdi a coragem, se quiseres.

— Mas e o que é que vai fazer? — perguntou Mário e Angelo encolheu os ombros.

— Raios me partam se sei. Hei-de encontrar qualquer coisa. Posso trabalhar como duplo, talvez.

— Isso é mais perigoso que voar.

— Terei então de esperar até perder a coragem em relação a isso e desistir também! A única coisa que eu sei é que para mim voar acabou-se. Já entreguei a minha demissão ao Woody, esta noite. Ele ofereceu-me um aumento, e o Coe Wayland como assistente, e eu recusei ali mesmo.

— Angelo, escute — disse Mário passado algum tempo -, eu falo com o Johnny. Se eu conseguir arranjar as coisas com ele...

— Essa seria a forma mais fácil, Matt — disse Angelo. — Eu podia deitar as culpas para cima do miúdo. Mas não te vou enganar. Mesmo se este problema com o Johnny nunca se tivesse levantado, continuo a pensar que me sentiria da mesma maneira. Perdi o que é preciso para isto, seja lá o que for. Não sei... parece que não consigo aguentar-me. De cada vez que te agarro, é como se fosses morrer como o Papa Tony. Que te vais largar e cair, e que eu não vou ser capaz de te segurar. Ontem à noite fiquei acordado durante horas, cheio de suores frios, só a pensar naquela queda que a Lúcia deu. De cada vez que sais do trapézio, ou o Tommy, ou a Stel, quase que consigo vê-los a apanharem-vos no chão aos bocados. — Tinha a cara contraída e cinzenta. — Não aguento mais, Matt.

— Oh, Meu Deus, Angelo — murmurou Mário. — Escute, esta semana tem sido muito dura. Muito dura mesmo. Tire um ou dois dias, deixe que o Jock o substitua e descanse. Recomponha-se e veja como se sente depois, está bem? Mas não tome a decisão assim, precipitadamente. Olhe, Angelo, eu sei como se sente...

— Sabes? Pergunto-me se saberás — disse Angelo. — Eu acho que não.

— Está a falar mesmo a sério, Angelo, vai mesmo fazer isto a nós todos? Então e o contrato do Tommy? E então os Santellis Voadores?

— Detesto ter de dizer isto, Matt, mas estou-me realmente nas tintas — disse Angelo e acendeu outro cigarro. — Não é como se vocês fossem todos adolescentes. Não precisam de ninguém para lhes agarrar na mão. Até o miúdo tem idade suficiente para saber

cuidar de si. — Lançou um curioso olhar a Tommy, cheio de hostilidade.

— Escuta, Matt, passei a minha vida inteira a preocupar-me com o raio da família. Para variar, quero pensar em mim e na Tessa.

Na minha família.

— Angelo, por amor de Deus! — implorou Mário, e Tommy viu que ele estava à beira das lágrimas. — Não me faça uma coisa dessas... não nos faça uma coisa destas a todos! Oíça, o Angelo é... é o meu base, o único com quem alguma vez trabalhei.

Como é que eu vou poder fazer triplos sem si? Ou... ou qualquer outra coisa? Eu sempre disse que era a âncora dos Santellis, é o tio que mantém o espectáculo na estrada...

— Matt... miúdo — disse Angelo estendendo a mão e apertando a de Mário. — Não faço isto por te querer magoar, miúdo. Não quero magoar nenhum de vocês, mas especialmente a ti. O Johnny e a Stel, é claro que sei que se hão-de arranjar. Mas tu também, de uma forma ou de outra. E eu não vou passar o resto da minha vida a discutir com o Johnny, e a tentar manter as coisas a funcionar. Pensei que conseguiria fazê-lo, mas não nasci para isso, e não vou tentar!

Mário ficou a olhar para ele, com amargura, a dor e o sentimento de que tinha sido traído transparecendo na voz. — O Papa Tony passou a vida dele a tentar trazer os Santellis Voadores de novo para o topo. Reconstruiu-nos do nada, e mesmo antes de ele estar frio na sua campa, o tio deserta, foge de tudo por que ele sempre lutou! Sua porcaria de... — Mas não concluiu a frase, ficou sentado a olhar para Angelo, com o rosto repleto de dor e desolação.

— Eu deveria ter calculado que tu me irias lançar isso à cara — retorquiu Angelo, e esmagou o cigarro com o salto do sapato. — Muito bem, Matt — disse por fim -, nunca pensei que viesse a dizer isto a alguém. Pensei que nem o diria a um padre na confissão. E, pensando nisso, nunca o fiz. Mas houve qualquer coisa que aconteceu dentro de mim quando apanharam o meu pai morto na rede. Raios, eu nunca quis voar.

— Que diabo está para aí a dizer? — perguntou Mário.

— Exactamente o que disse. Nunca quis voar. Foi por isso... foi por isso que nunca consegui... nunca consegui compreender realmente a Terry. O Papa Tony nem sequer me perguntou.

Limitou-se a dizer, quando eu tinha cerca de doze anos: "Bem, Angelo, estás a ficar um rapaz grande e forte; vamos ensinar-te a voar." Eu fiz apenas o que me diziam. Era o negócio da família, teria sido o mesmo se fôssemos sapateiros ou vendêssemos macarrão.

E depois, quando já estava a começar a ser bastante bom, tu não te lembras; a Lu nunca fala muito disso. Quando a Lúcia soube que a Liss vinha a caminho, talvez te tenham contado, teve um ataque de fúria. Ela agora é tão calma que custa a acreditar.

Ela barafustou e gritou, chorou e fez uma birra que durou metade da noite. Foram precisas mais de seis horas para que o Papa, o Joe e o Matthew a conseguissem acalmar um pouco. No dia seguinte, na mesa dos trapezistas, no refeitório, o Papa disse ao velho Luciano: "A Lúcia vai ter de ficar de fora do número durante uns oito ou nove meses. Que é que vamos fazer para a substituir?"

E o velho Lucky Starr disse que a Cleo podia ocupar o lugar da Lúcia no espectáculo, e depois disse: "Esse seu rapaz, o Angelo, pode ocupar o lugar que era da Cleo." Muito bem, eu não discuti.

As coisas já estavam suficientemente más com a Lúcia a fazer todo o tipo de ameaças malucas, estávamos todos com medo que ela fugisse e fizesse algum disparate, cometesse um acto desesperado.

Ela dizia que se atirava para baixo do comboio. Esse tipo de coisas. A Nonna viajava connosco nessa altura, e não conseguia fazer nada da Lúcia. E a Cleo tinha só dezassete anos e estava assustada de morte por ir fazer o lugar da estrela. Eu não quis piorar as coisas, e o Matt já tinha trabalho de sobra a tentar controlar a Lúcia.

Tommy perguntou-se, não pela primeira vez, que tipo de homem teria sido o Matthew Gardner, para ter ficado tanto na sombra, para se ter deixado absorver daquela maneira na vida da família da mulher. Papa Tony dissera-lhe uma vez, A nossa família come as pessoas vivas. Teria o Matthew pai sido um fraco, como muitos homens que se casam com mulheres fortes e dominadoras?

Talvez isso explique a forma como o Johnny se sentiu em relação à Stella, quando ela ficou grávida. Como se lhe estivesse a fazer um favor, deixando que ela não tivesse o bebê. Angelo continuava a falar, concentrado, com uma amargura intensa, virando entre os dedos um cigarro apagado.

— Assim, uns anos mais tarde, depois de o Matt morrer, e eles passavam por aquelas crises da Lúcia mais ou menos todos os anos, bem, eles precisavam de outro base. E ali estava eu.

E quando o Joe e a Lúcia tiveram o acidente e a Lúcia deu cabo das costas, todos pensámos que o número se desfaria. Eu disse ao Papa Tony que queria desistir, dedicar-me a outro tipo de trabalho.

E o Papa disse que eu era tudo o que lhe restava. Seria que também eu o iria abandonar? Ele não conseguia simplesmente perceber que alguém neste mundo não preferisse voar a comer.

Mário disse lentamente:

— Sim. Foi o Angelo que impediu que a Lu e o Papa obrigassem o Mark a voar à força de pancada.

— Pois fui. Foi a única briga séria que eu tive com a Lúcia.

Decidi que vocês, os miúdos, teriam a possibilidade de crescer como quisessem, e não iria permitir que a Lu vos apertasse como ela e o Papa me fizeram a mim. Fui eu que arranjei forma de o Mark ficar em São Francisco com o avô Gardner, e que fosse lá para a escola, e fui eu que convenci o Papa Tony a deixar-te ir a ti para a faculdade, só que disso foste tu quem deu cabo — disse Angelo e a boca torceu-se numa careta esquisita. — O melhor cérebro que alguma vez tivemos na família e havias de querer dar cabo dele a fazer triplos!

— Angelo, por amor de Deus...

— Pronto, pronto. Mas, de qualquer forma, vocês já são todos crescidos e esta é a minha última oportunidade, talvez a única que alguma vez terei, de começar outro tipo de trabalho antes de ser tão velho que, quando finalmente cair e não puder voltar a voar, não possa ser mais nada senão um vagabundo.

Mário ficou sentado a olhar para ele.

— Sempre se sentiu assim, e no entanto passou por aquele inferno todo para me ensinar o triplo, sabendo que eu podia muito bem partir o pescoço aos dois...

— Eu não te ensinei o triplo, seu palerma — disse Angelo e cobriu afectuosamente a mão de Mário com a sua -, só te aturei enquanto tu te ensinavas a ti próprio. Sim, eu sei, ragazzo, tu adoras voar, e o Tommy tem o bichinho, tal como tu. Por isso, muito bem, muito bem, este é um país livre. Se é isso o que queres fazer, continua a fazê-lo até ao dia de S. Nunca à tarde.

Mas não contes comigo, está bem?

Johnny e Stella, como é óbvio, tinham de ser postos ao corrente, e Angelo deu-lhes a notícia no dia seguinte depois da sessão da tarde. Ficaram os dois com um ar totalmente espantado e culpado.

— Angelo, isto é por causa da briga que tivemos? — perguntou Johnny. — Eu sabia que me devia ter calado...

Angelo abanou a cabeça.

— Não, Jock, aquilo não foi uma briga, foi apenas uma honesta divergência de opiniões. Talvez me tenha ajudado um pouco a pôr as ideias em ordem, no entanto. Se eu continuasse, continuaríamos a discutir.

— Mas... tio Angelo... nem sequer fica até ao fim da temporada?

— Não. Pensei nisso. Mas o Woody diz que vai pôr o Coe Wayland a base suplente. O Wayland quer voltar a voar.

— Tio Angelo, escute, faria alguma diferença se eu promettesse, se eu garantisse, que não ouviria nem mais uma palavra de reclamação da minha parte ou da Stel até ao fim da temporada?

— Não, não faria. Não te culpes, John — disse com simpatia.

— Eu só decidi que já me chega de trapézio. Não há muita gente que tenha a possibilidade de recomeçar na minha idade.

Recusou-se a dar mais explicações a Johnny, e acabaram a semana num silêncio mais ou menos hostil. Em Kansas City, no meio de uma tempestade enorme, Angelo fez o seu último espectáculo, arrumou a arca e foi-se embora, causando uma vaga de curiosidade



no circo inteiro, mas recusou-se a que lhe fizessem o que quer que fosse para a sua partida.

— Que é que vai dizer à Lúcia — quis saber Mário. Ele e Tommy acompanharam Angelo à estação rodoviária onde ficaram à espera da camioneta para a Califórnia, olhando para a chuva torrencial. Angelo encolheu os ombros e pegou na mala — a arca seria enviada pelo caminho de ferro.

— Eu já sou crescido. A Lúcia ou aceita, ou então pode fazer o que quiser. — Tinha uma expressão fechada e sombria. Estendeu-lhe a mão. — Sem ressentimentos, Matt?

Mário hesitou, o seu rosto estava zangado e cabisbaixo. Por fim respirou fundo e suspirou.

— Está bem, Angelo. Sem ressentimentos. — Apertaram as mãos.

— Obrigado. — Angelo viu o motorista trepar para dentro da camioneta e acender o sinal que dizia Los Angeles Express.

Virou-se brevemente para Tommy. — Boa sorte, miúdo.

Tommy, ainda magoado e furioso, olhou amuado para o homem mais velho. Como podia o Angelo fazer aquilo a todos eles, especialmente a Mário? Mas por fim, como Mário fizera, estendeu-lhe a mão.

— Boa sorte, Angelo.

— Vejo-os aos dois em Outubro. — Angelo apertou Mário fortemente contra si e beijou-o na face. — Cuida de ti, Matt, e não atures parvoíces ao Johnny. — Deu-lhe uma pancadinha no ombro, agarrou na mala e correu para a camioneta. Mário ficou a vê-lo subir, mas Tommy observava o rosto de Mário, frio, fechado, zangado.

Como é que o Angelo conseguiu fazer isto ao Mário? Posso perceber que ele não tivesse nenhuns sentimentos especiais em relação ao Johnny, depois da forma como ele agiu. Mas, meu Deus, com os sentimentos que o Mário tem por ele... Tommy sentiu, com uma ira confusa, que poderia ter morto Angelo sem sentir qualquer remorso. O autocarro arrancou, deu uns solavancos e afastou-se da estação. Mário ficou a vê-lo afastar-se, com os lábios muito apertados.

— Bem — disse por fim -, temos um espectáculo para fazer —  
Queres apanhar o autocarro para o recinto do circo?

— Raios, não. Ficar para aí à chuva e apanhar uma  
pneumonia?

Vamos apanhar um táxi. — Mas não se mexeu; estava com os  
olhos fixos na porta de um bar do outro lado da rua, em frente à  
estação. — Se calhar vou beber uma cerveja antes.

— Não sejas parvo — disse Tommy. — Tens um espectáculo  
hoje à tarde.

Mário suspirou e depois riu-se.

— Pronto, miúdo. Está bem. Vamos apanhar um táxi e  
voltamos para o recinto. No entanto, se continuar a chover desta  
maneira, não vai haver espectáculo que mereça esse nome.

A chuva tinha parado à hora da sessão da tarde, mas eles  
ficaram juntos num pequeno espaço abrigado por baixo da entrada  
dos artistas, tentando evitar que as sapatilhas se enchessem de  
lama. Foi Mário quem deu voz àquilo que ia no espírito de todos.

— Bem, estamos entregues a nós próprios.

Johnny disse:

— Acaba de me ocorrer. Agora que já cá não está o Angelo, já  
não há um único Santelli nos Santellis Voadores. Nem um. Três  
Gardners, um Wayland e um Zane.

— Bem, miúdos, o mundo do espectáculo é mesmo assim —  
disse Coe Wayland com uma das suas gargalhadas ásperas.

— É mesmo assim que as coisas se passam neste negócio. —  
Tommy reparou que a grande massa de cabelo ruivo do homem  
grandalhão estava mal penteada e que as calças de ginástica verdes  
pareciam não lhe servir bem. Forçou-se a não ser crítico — Afinal de  
contas, pensou, com uma tolerância que não percebeu ser  
arrogante, ele não é realmente um de nós.

Mário disse:

— Eu não sei o que tu pensas, Jock, mas eu continuo a ser um  
Santelli. E o Papa disse que o Tommy tinha o direito de usar o nome.  
— Ficou a olhar, com uma expressão estranha, desapaixonada e  
quase hostil para Stella, pequena e atrevida ao lado de Johnny, com  
o cabelo louro seguro por uma tira cravejada de pedras verdes.

Tommy deu por si a pensar, Onde é que eles terão ido buscar um fato Santelli para a Stella? Será que foi a Lúcia quem o mandou quando integraram a Stel no número?

Johnny retorquiu:

Estás a querer insinuar que eu e a Stella não temos o direito de nos chamar Santellis?

Mário encolheu os ombros.

Eu não disse isso. Foste tu quem deu a piada sobre já não haver mais nenhum Santelli no número. — Tommy achou que ele parecia querer que Johnny discutisse com ele, mas ele não o fez.

Wayland, sabes qual é a sequência...

Sei, sei — disse Coe Wayland com impaciência, puxando as ligaduras de gaze dos pulsos com os dentes fortes -, eu já era base ainda vocês andavam de fraldas.

— Eu ia dizer — disse Mário friamente -, que não tivemos oportunidade de treinar o triplo. Achas que és capaz de me agarrar num triplo?

Wayland pôs as mãos nas ancas. Passou os olhos por Mário, com insolência, dos pés à cabeça.

— Claro, grandalhão — disse por fim, com um sorriso ofensivo -, não és assim tão pesado.

Stella deu uma risadinha e Johnny deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Escuta, seu parvalhão — começou Tommy, mas Mário olhou apenas com a sugestão de um franzir de cenho repressivo e ele calou-se. Mário disse:

— Eu estava a pensar em ti, Wayland. Posso acabar o espectáculo de hoje com um duplo com pirueta, se preferires.

— Não te preocupes comigo — disse Wayland. — Evidentemente, se achas que não consegues fazer o triplo sem o teu — hesitou -, sem o teu amigo brutamontes a base...

Mário parecia prestes a explodir, mas controlou-se e disse:

— Ainda não sabes os nossos sinais. Eu costumava fazer sinal ao Angelo no último minuto para lhe dizer o que ia fazer, dependendo de uma data de coisas: da luz, de como me sentia, e por aí fora. Não gosto de ter de me decidir com muita antecedência.

Hoje vou terminar com o duplo com pirueta, e amanhã podemos treinar os sinais, está bem?

Coe Wayland encolheu os ombros.

— Como queiras. Se queres fazer o teu triplo, estás à vontade.

— Primeiro quero habituar-me a trabalhar contigo. Se me apanhares em desequilíbrio, é provável que arranques o ombro da articulação, e se me arrancares o meu, torço-te o pescoço.

Wayland parecia estar entediado. Disse:

— Acaba com o número de comédia, rapazinho bonito.

Tu assinalas os exercícios e eu agarro-te, é tão simples como isso.

Preocupa-te com os exercícios bonitos e deixa que eu me preocupe com o meu lado do aparelho, está bem?

Mário mordeu o lábio e virou-lhe as costas. A capa de Angelo não era suficientemente comprida para Coe Wayland, e ficava esquisita nele. Quando a banda atacou a música que assinalava a sua entrada, Mário passou o braço pelo de Tommy como se procurasse algo que o reconfortasse, e Tommy apertou-lho.

— E na pista central... Os... Santellis... Voadores!

— Calma, Mário — murmurou Tommy. — Andiamo.

Mário respirou fundo e depois sorriu-lhe.

— Está bem — disse baixinho -, nós ainda cá estamos.

## *Capítulo XXVI*

Kansas City. St. Louis. Oklahoma City. Dálla. Houston. Tommy estava a raspar cuidadosamente a lama acumulada nas sapatilhas que usavam no trapézio, na tenda do vestiário dos homens, e recordando-se do que Papa Tony dissera no início da temporada, que se consegue dizer em que Estado é que se está só pela cor da lama...

— É verdade — disse em voz alta a Mário, que estava na tenda, sentado em cima da sua arca, a ler uma revista sensacionalista.

— Vê só como esta lama peganhenta e cinzenta do Mississipi se agarra a tudo, e a lama do Oklahoma é vermelha, vermelha como os tijolos. Será com isto que se fazem os tijolos, Mário?

— Raios me partam se sei — disse Mário com a cara enfiada na Planet Stories. — Se calhar é, suponho. Que é que isso interessa?

Tommy acabou o trabalho preparando os fatos para o espectáculo da tarde e foi dar uma volta pelo recinto. Em que Estado estariam eles? O calor húmido estendia-se como uma mortalha sobre a cidade, e havia um odor forte a qualquer coisa química, acre, como se houvesse uma refinaria algures. Estava cansado da longa temporada, cansado do comboio do circo, da falta de privacidade.

O pequeno anão coxo que tinha a concessão do Billboard no Woods-Wayland abordou-o e Tommy comprou um exemplar, procurando por força do hábito a página dos roteiros para ver onde estava a actuar o Lambeth. Foi então que lhe ocorreu.

Será que o Jeff Cardiff ficou com os leões? Ele sempre o quis.

Folheou lentamente o jornal, procurando qualquer coisa que o interessasse. Os Fortunatis estavam a fazer um espectáculo especial em recinto coberto, em Boston. Deve estar bem fresco e agradável "lá para cima, para o Norte. Bebeu um copo de uma mistela adocicada, com mais gelo que bebida, comprada no quiosque dos

comes e bebes, e voltou para a tenda mastigando o gelo. Era a hora morta da manhã e em toda a volta da tenda havia artistas a ler, a remendar fatos de cena, a escrever cartas. A um canto um grupo estava a jogar cartas. Tommy passou pela arca de Coe Wayland e o base brigão bateu com a tampa da arca despertando recordações em Tommy.

Oh, oh, isto não pode ser. Eu pensei que ele tinha deixado de beber quando o puseram a trabalhar connosco.

É melhor eu perguntar — Interrompeu aquela linha de raciocínio; já não podia falar com o Angelo acerca daquele assunto.

Seja como for, disse ferozmente para consigo, não tenho nada a ver com isso; ele tem o direito de fazer o que quiser nos seus tempos livres. Mário continuava absorto na revista. A capa mostrava um homem a ser estrangulado por flores roxas que pareciam uma enorme dioneia<sup>{20}</sup>. Startling Stories<sup>{21}</sup>. Bem, pela capa, as histórias pareciam mesmo espantosas. Não conseguia perceber porque é que Mário lia aquelas porcarias, mas lia-as sempre que podia. Tommy sentou-se na sua arca para ler o Billboard.

Mário pousou a revista e aproximou-se por trás dele.

— O Circo Lambeth está a actuar em Lawton, no Oklahoma — leu ele por cima do ombro de Tommy.

— Parece-me que há qualquer coisa que aconteceu nessa cidade e de que eu me deveria lembrar, mas não consigo recordar-me.

— Dirigiu a Tommy um sorriso rápido e sub-reptício que fez com que ele se sentisse, simultaneamente, deliciado e com vontade de se meter pelo chão dentro.

Tommy disse, apercebendo-se de que Johnny estava de joelhos ao pé da sua arca aberta, a olhar para eles.

— Sim, houve lá um tornado, ou coisa assim, não foi?

— Qualquer coisa assim, acho eu. — Tommy sentiu que estava a corar e virou-se para meter o Billboard dentro da arca enquanto Mário continuava, lenta e deliberadamente. — Parece-me que me recordo de mais umas quantas cidades no Oklahoma.

É um grande Estado, não é? Aconteceram-me lá umas quantas coisas agradáveis.

Raios o partam, quem me dera que ele deixasse de me provocar à frente de outras pessoas!

Oklahoma — disse Johnny -, podes ficar com ele. E com o Texas também. Podem embrulhar o Texas e o Oklahoma, e esses Estados todos do Bible Belt e deitá-los do Grand Canyon<sup>{22}</sup> abaixo, a ver se eu me ralo. Há mais alguma novidade no Billboard, Tommy?

— Há uma boa fotografia dos Fortunatis. A Cleo e o Lionel estão a voar num espectáculo, num recinto coberto de Boston.

— Quem me dera que fôssemos nós — disse Johnny. — Este calor está a dar cabo de mim. Quando acabares de ler o Billboard posso ficar com ele, Tom? A Stel recorta cada fotografia da Cleo Fortunati em que consegue pôr as mãos para colar no álbum. Acho que ela está apaixonada por ela, ainda fica ressentida quando se lembra de que a Liss a encontrou e ela não. Escutem, eu tenho de ir dar uma palavrinha ao Coe Wayland, raios o partam. Estou farto daquele filho da mãe.

— Que é que ele fez desta vez? — perguntou Mário enquanto Tommy arrebitava as orelhas.

— Idiota malcheiroso — disse Johnny -, perguntei-lhe em que pocilga é que ele tinha crescido, para não lavar as calças de ginástica de vez em quando. Com este calor, ele cheira mal como um bode, e quando consigo sentir o cheiro dele até no trapézio, já é um bocado de mais! Por isso, como já disse, pedi-lhe para ele lavar a porcaria das calças de ginástica e tomar um banho de vez em quando, e o filho da mãe perguntou-me se eu era maricas, para não conseguir aguentar um cheirinho a suor!

Mário encolheu os ombros.

— Ele chama maricas a toda a gente quando está irritado.

Não quer dizer nada.

Johnny riu-se.

— Eu disse-lhe que acerca disso era melhor falar com a Stel.

Pensas que eu não sei que género de tipo é que chama maricas as Pessoas a torto e a direito? Seja como for, vou comprar-lhe bocado de sabão e dizer-lhe que se ele não o usar o atiro para o bebedouro dos cavalos! Raio de circo mais sovina e maltrapilho!

Aposto que o Larry Wayland ainda hoje tem o primeiro tostão que ganhou. Porque é que achas que ele pôs o Coe no nosso número, em vez de contratar outro base? Provavelmente isso poupa-lhe cem dólares por semana! — Foi-se embora por entre as filas de arcas e Tommy pensou, O Coe Wayland é, evidentemente, um grande empecilho. Mas tê-lo por perto a criar razões de queixa mantém o Mário e o Johnny afastados um do outro.

Mário curvou-se por cima de Tommy, que estava de joelhos ao pé da sua arca, e murmurou baixinho, por forma a que apenas Tommy o pudesse ouvir:

— Aposto que não sabias que eu tinha tão boa memória, não é, ragazzo?

— Que queres que eu te responda a isso?

— Já te tinha dito que sou um filho da mãe sentimental — murmurou Mário. — Ei, porque é que estás a ficar com as orelhas encarnadas? Estás a corar, é?

— Vá lá — murmurou Tommy, aflito -, deixa-te disso, Mário!

— Ninguém na tenda do vestiário estava a olhar para eles, mas apesar disso ele sentia-se dolorosamente consciente da presença dos outros homens.

Mário riu-se e endireitou-se.

— Conversamos sobre isso mais tarde — disse e foi-se embora, comentando: — A bandeira do refeitório está içada. Acho que vou comer.

Tommy ficou onde estava, de joelhos ao pé da arca. Uma parte de si estava satisfeita por Mário também se ter recordado, fazendo reviver alguma da enorme excitação e intensidade da sua primeira temporada juntos; mas outra parte de si estava zangada por Mário o provocar assim em frente de outras pessoas, quando ele não podia reagir de forma a traí-los com uma atitude que pudesse ser demasiado reveladora.

Afinal que raio é que ele esperava que eu dissesse?

Mas entre o espectáculo da tarde e o da noite, fez uma descoberta que lhe varreu a ira e o embaraço. Não disse nada na tenda do vestiário, nem enquanto o comboio do circo estava a ser carregado depois do espectáculo. Quando já estavam fechados no



seu compartimento e o comboio começava a andar, Mário apagou a luz e disse numa voz que Tommy mal conseguia ouvir com o barulho dos carris por baixo de si:

— Vem cá para baixo para o meu beliche, Tommy. Parece-me que tinhas qualquer coisa para me dizer acerca de Lawton, Oklahoma, não?

— Sim — disse Tommy deixando-se escorregar para o chão -, mas há outra coisa que tenho de te dizer primeiro, Mário. Escuta, sabias que o Coe Wayland é um bêbado? Guarda uma garrafa de uísque na arca...

— Eu sei. Dei algum do uísque da garrafa dele ao Angelo.

Ele não é o único que o faz. A Lúcia costumava ter sempre algum, para o caso de alguém ter uma dor de dentes, ou uma constipação, ou coisa assim.

— Já o vi bêbado — disse Tommy com teimosia. — Um par de vezes. Não bêbado a cair, mas bêbado. E também já me cheirou.

No último domingo...

— E quem é que quer saber como é que ele passa os domingos?

Se todos os artistas que se embebedam aos domingos fossem despedidos, teriam de acabar com o espectáculo.

Tommy disse, teimosamente:

— Ele estava a beber esta noite. Mesmo antes de entrarmos na pista.

Mário deu um salto e ficou sentado no beliche.

— Ei, espera aí — disse. — Eu sei que não gostas do tipo.

Eu próprio não o suporto. Mas isso é mesmo assim, Tom? Não estás a inventar, ou a exagerar, porque o Wayland foi antipático contigo?

— Mas que raio é que tu pensas que eu sou? — perguntou Tommy enraivecido. — Eu não faria isso a ninguém!

Mário franziu o sobrolho.

— Desculpa, miúdo, Mas isso é importante. Não se pode dizer assim esse tipo de coisas de um trapezista. Ou confirmas o que disseste neste momento, ou então esqueces isso de uma vez por todas.

— Já te disse, ele estava a beber esta noite. Mesmo antes de subirmos para os aparelhos. Sabes que eu voltei à tenda imediatamente antes da segunda parte do espectáculo...

— Pensei que tinhas ido à latrina para fazer chichi.

— E fui — disse Tommy — e pareceu-me que alguém lá tinha estado a vomitar, porque aquilo tresandava, e escorreguei e fiquei com as sapatilhas sujas. Por isso fui à procura de algumas ervas para as limpar, mas também tinha as meias sujas e fui à tenda do vestiário para ir buscar um par lavado, e ele estava lá, a beber.

Bateu com a tampa da arca imediatamente, como costuma fazer, mas deixou o copo no chão ao pé da arca, e eu cheirei-o, e com mil raios, Mário, eu reconheço uísque quando o cheiro!

Mário ficou sentado a olhar para ele. Disse:

— Queres dizer que isso foi antes de subir ao aparelho?

Mesmo antes de começarmos o número?

— Sim.

O rosto de Mário perdera lentamente a cor.

— Porque não me disseste na altura?

— Eu não sabia o que fazer — disse Tommy. — Não queria que te enervasses antes de ir para o trapézio. Fiquei assustado, mas quando... quando voltei já estava na altura de entrarmos na pista e não sabia o que seria pior: dizer-te ou não te dizer.

— Devias ter-me dito — disse Mário. — Eu ter-me-ia recusado a subir com ele. — Franziu o sobrolho e começou a vestir as calças.

— Veste-te, Tom.

— Vais falar com o Wayland?

Mário abanou a cabeça. Enquanto Tommy enfiava as calças de ganga e calçava os ténis, Mário disse:

— Vai à carruagem dos casais e pergunta ao Johnny e à Stella se querem vir à carruagem-bar comer uma sanduíche, ou se podemos ir ao compartimento deles. A Stel não pode vir aqui à carruagem dos homens, mas acho que nós podemos ir lá. Pergunta-lhe o que preferem. Quero ter uma conversa com eles.

Tommy vestiu o blusão de ganga; o calor do fim de Agosto dava lugar a um vento frio depois do pôr do Sol. Entre as carruagens fazia corrente de ar, e ele estava a tremer de frio.

Na carruagem dos casados procurou ao longo das portas fechadas o cartão que dizia Johnny e Stella Gardner, Santellis Voadores.

Bateu, hesitante. Stella, embrulhada até ao queixo num roupão turco cor-de-rosa abriu a porta e disse, surpreendida:

— Tommy!

Ele comunicou a mensagem de Mário e ela disse:

— Quando se tenta ter uma conversa na carruagem-bar tem-se logo uma dúzia de tipos a tentar ouvir a conversa. Se é um assunto privado da família é melhor ficarmos aqui.

Juntaram-se no pequeno compartimento. Johnny desocupou o beliche para que Mário pudesse estender as longas pernas e sentou-se numa pequena cadeira desdobrável. Stella e Tommy sentaram-se na carpete que fazia parte da mobília que levavam consigo durante as viagens. Todas as noites era estendida no seu compartimento e Stella estendia-a, segundo lhe dissera, em frente da sua arca na tenda do vestiário. Era uma velha carpete, cheia de carrapetas e a perder o pêlo, mas ao olhar para a carpete, para a cadeira desmontável, para o lenço bordado que ela pusera por cima da arca, ele pensou, Ela fez disto uma espécie de lar. Como acontecia com o atrelado dos meus pais no Circo Lambeth.

Pensou se seriam só as mulheres que pensavam naquele tipo de coisa.

Johnny ofereceu-lhes cigarros. Mário deu a Stella uma caixa de doces que comprara algures e que ela passou imediatamente em volta, e comeram queijo e bolachas que tiraram de pequenos potes. Falaram durante algum tempo do espectáculo e da longa viagem nocturna até Denver.

— Detesto Denver — disse Johnny. — Raio de cidade mais azarenta. Foi lá que o Joe e a Lúcia...

— Sim — disse Mário — e o pai de Tommy ficou com o braço em tiras, quando foi atacado por um leão, também em Denver, no ano passado. O Angelo também ficou ferido.

Stella benzeu-se.

— Não falem dessas coisas!

— Bem, de uma coisa podem ter a certeza absoluta, é que não vou tentar o triplo lá — disse Mário. — Azares à parte, não sei se é da altitude, se quê, mas fico com a respiração alterada.

— Por mim tudo bem — disse Johnny. — Eu fico com dores de cabeça horríveis durante o tempo todo que lá ficamos. Sempre foi assim.

— Por falar de azares — disse Mário -, que é que achas do Coe Wayland?

— Aqui para nós, que ninguém nos ouve — disse Johnny -, não suporto o filho da mãe. Mas que é que se pode fazer? Ele é o irmão do patrão e estamos amarrados a ele.

— Para ser franco, põe-me nervoso como os diabos ter de trabalhar com ele.

— Bem, Matt, como já disse, ele por mim também não ganha nenhum concurso de popularidade. Mas não vejo que possamos fazer o que quer que seja em relação a isso.

— Bem, isso é uma ajuda — disse Mário -, uma grande ajuda. Mais valia termos ficado no nosso compartimento. Jock, não sejas assim!

— Bem, ouve, Matt, podemos reorganizar o número por forma a que seja eu a agarrar-te no triplo, se quiseres. Não morro de amores pela ideia, tu és um tipo bastante pesado. Mas a única alternativa para isso seria não actuar durante alguns dias e reformular o número. Não que ele não precise de ser reformulado.

— Isso não serve — disse Mário. — Precisamos de dois bases no número; os números de pares estão no nosso contrato. Ainda faltam seis semanas para acabar a temporada, e o Wayland é uma porcaria de um artista, é um relaxado, é perigoso e é bêbado.

Ambos se viraram para olhar para ele. Stella disse, com uma inflexão de espanto:

— Um bêbado?

Johnny disse:

— Não sejas parvo, Matt. Os trapezistas não bebem e sobrevivem, como o Coe Wayland tem sobrevivido. E que tem se ele gosta de um golo de uísque de vez em quando? Eu também gosto. Nem todos podemos ser totalmente abstémios como tu!

Achas que isto devia ser uma espécie de espectáculo da catequese?

— Eu disse bêbado e era isso mesmo que queria dizer — insistiu Mário e ficou a olhar, furioso, para Johnny.

Johnny devolveu-lhe o olhar.

— Escuta, Matt, com mil raios, eu também não sou fã do Wayland. Mas se esse tipo de conversa se espalha... ele está a trabalhar com os Santellis. Se consegues provas, fazemos qualquer coisa para resolver a questão. Se não consegues prová-lo, quero que desistas dessa ideia neste momento.

Stella disse baixinho:

— Eu já ouvi dizer qualquer coisa parecida com isto, Johnny.

Ele uma vez apanhou uma bebedeira que durou três dias e desapareceu, e o Woody espetou-lhe uma multa de cinquenta dólares.

Johnny continuava a parecer irritado.

Isso não prova nada. A não ser, talvez, que ele tem o bom senso suficiente para apanhar as bebedeiras longe do recinto.

Tommy — disse Mário -, conta-lhes o que me contaste a mim esta noite.

Tommy repetiu o que vira e Johnny franziu o sobrolho.

Não chega. Se o apanhássemos com a boca na botija, mas precisamos de mais que isto para ir falar com o Woody. Tenho uma ideia melhor. Já andava a querer falar contigo sobre umas mudanças no número.

Mário parecia abatido.

— Dispara.

— Não te descontroles, irmão mais velho. És a estrela e merece-lo, ninguém está a dizer o contrário. Mas, sem te querer tirar publicidade...

— Isso é um golpe baixo, Johnny.

— Deixa-me acabar, está bem? Podíamos dar mais requinte ao número, torná-lo mais vistoso, sem prejudicar ninguém.

O nosso número parece demasiado simples.

— É nisso que está a arte — disse Mário calmamente. — Fazer com que o quase impossível pareça simples e fácil. Não precisamos

de mais espectacularidade; as pessoas que sabem apreciar verdadeiramente o trapézio sabem o que estamos a fazer.

— Oh, Deus, tu e as tuas conversas de arte pura! Isto é um circo, Matt, não é a porcaria do Ballet Russo! Quer queiras quer não, estamos no mundo do espectáculo. Tenho estado a pensar na Stella. Ela é bastante espectacular. Podíamos fazer qualquer coisa verdadeiramente espantosa com ela.

— Olha, Jock, isto é um número de trapézio voador. É um número clássico. Se queres essas coisas cheias de arabescos, porque é que não convences o Woody a dar um solo especial à Stella? A Julie Lee já está a chegar à altura em que se vê que está grávida, e não deve tardar muito a ter de parar. Talvez o Woody consiga pôr a Stel a substituí-la.

Johnny explodiu:

— Estás a tentar dizer que ela não serve para um número na pista central com o nome da família! Quando era a Liss nunca arranjaste problemas...

— Já chega dessa conversa! — disse Mário, pondo-se de pé num salto. — Deixa-me dizer-te uma coisa, Jock: a Liss é uma trapezista voadora, não é uma corista! Ela fazia os números de pares comigo e uma ou duas coisas bonitas e simples para alindar um pouco o número, e ficava-se por aí. Não tinha um complexo de esplendor, nem tentava incluir coisas particularmente rebuscadas nos números clássicos de trapézio voador...

Stella abriu e fechou a boca. Johnny disse-lhe, furioso:

— Os Santellis construíram o número, durante anos, em torno de uma estrela feminina, e tu sabe-lo bem!

— E a Stella não é a Lúcia!

— Raios, a Lu nunca foi grande coisa! Nunca fez nenhum dos exercícios mais difíceis! Era apenas espectacular, a mesma espectacularidade que tu dizes desprezar, foi o que a levou ao estrelato!

Que se passa, sentir-te-ias diminuído se houvesse duas estrelas na família?

— Olha, Jock... — começou Mário. Respirou fundo, expirou e começou de novo. — Olha, eu não tenho de me preocupar com esse

tipo de coisas. Aquilo que eu faço, ninguém conseguiria diminuir, com espectacularidade ou sem ela. Mas há coisas que têm lugar num número de trapézio clássico, e coisas que não têm.

— Tretas! — disse Johnny. — Tu próprio bem que precisavas de alguma espectacularidade, já que falamos nisso! Ouve no outro dia alguém comentar, quando fizeste uma pirueta, "Mas porque é que ele não faz qualquer coisa difícil?"

O sorriso de Mário alargou-se.

— Isso só demonstra como são parvos. A pirueta é das coisas mais difíceis que eu faço no número.

— Sim, mas raios partam — argumentou Johnny -, tu fazes aquilo parecer tão fácil, que ninguém dá por isso! Podíamos encenar a coisa por forma a pôr as pessoas sentadas na borda das cadeiras...

— Eu não preciso desse tipo de espectacularidade. Isso é tudo falso, é o que é!

Johnny bateu com o punho na arca.

— Matt, eu fico tão farto, mas tão farto, com esse teu número de humildade e modéstia! É teatro, e tu sabe-lo tão bem como eu!

És capaz de te deixar dessas tretas?

— Olha, ouve bem...

Alguém bateu à porta, num tom imperativo. Stella disse:

— Oh, oh, agora é que arranjámos a bonita — e foi abrir a porta.

Uma voz apologética queixou-se:

Stella, querida, será que podiam, por favor, fazer um pouco menos de barulho? Acabei de adormecer o Bucky, e agora ele já está a chorar outra vez.

Claro — murmurou Stella. — Desculpa, Vicky. — Virou-se com os olhos a chispar. — Era a Vicky Davis — disse ela -, tem um bebé a quem estão a nascer os dentes. Por isso, querem fazer-me o favor, os dois, de saírem daqui para fora? E, Johnny, não quero ouvir nem mais uma palavra tua esta noite, nem mais palavra!

Ouviste bem?

— Sim, minha senhora! — disse Johnny a rir-se.

Mário assobiou baixinho.

— Ei, Stella, desculpa...

— E escusas de perder tempo a pedir desculpa! Limita-te a sair daqui para fora, já! — Fechou a porta atrás deles com um ruído perceptível, e Tommy e Mário olharam um para o outro, meio divertidos, meio arrependidos.

— Ei, quem sabe — murmurou Matt -, se calhar até temos mesmo outra Lúcia na família!

Quando chegaram ao seu compartimento, Mário já parara de rir e parecia mais deprimido que nunca.

— Começámos por falar no Coe Wayland — disse, olhando zangado para a escuridão para lá da janela, — mas o Johnny só pensou em usá-lo como um instrumento para me forçar a incluir os exercícios especiais da Stella no nosso número. — Subiu para a cama e ficou ali a olhar para a janela, com os braços por trás da cabeça. — E agora que raio vamos nós fazer? — Mas aquilo não era uma pergunta. Tommy trepou para o beliche superior e deitou-se sem lhe tentar responder. Havia alturas em que ele conseguia fazer com que Mário ficasse bem-disposto, mas aquela não era uma delas.

Tommy foi ter com Johnny no dia seguinte e voltou a falar no Wayland, mas Johnny limitou-se a franzir-lhe o sobrolho. Disse:

— Arranja-me provas. Qualquer coisa que possamos mostrar ao Woody. Aí talvez se possa fazer qualquer coisa. Até lá, não há nada que possamos fazer relativamente a isso.

Tommy manteve Wayland debaixo de olho, vigiando-o até ter medo que o homem desse por isso, mas não havia nada de definitivo, nada que servisse de prova. Foi então, no terceiro dia da estadia em Denver, que aconteceu uma coisa que lhe varreu tudo aquilo completamente do espírito.

Estavam na tenda do vestiário. Tommy decidira mandar a roupa a lavar fora, e o camião acabara de entregar uma trouxa de roupa lavada que tinha escrito Santelli. Estava a separar as suas meias, calças de ganga e camisolas de algodão das de Mário e a metê-las na sua arca. Mário estava de joelhos em frente à sua arca engraxando os melhores sapatos que tinha.

— Já que tenho aqui a graxa queres que te engraxe os teus?

Não vale a pena sujares as mãos enquanto estás a mexer na roupa — disse Mário. — Olha, atira-os para aqui, está bem?



— Certo. — Tommy passou a Mário os seus sapatos castanhos. Jake Davis aproximou-se por entre as fileiras de arcas e Mário ergueu as sobrancelhas.

— Que se passa, Jake?

— Estou a fazer uma colecta para os Fortunatis. A maioria dos trapezistas contribuiu com qualquer coisa.

— Meu Deus! — Mário voltou a sentar-se sobre os calcanhares. Estava em tronco nu, com o cabelo completamente em pé.

— Que se passou, Jake?

— Não ouviste dizer? O Woody recebeu um telefonema ontem à noite, e eu telefonei ao meu irmão. Ele está a trabalhar em Boston no mesmo sítio onde eles estavam.

— Jake, que aconteceu? Nós tivemos alguns problemas e não ouvimos dizer nada!

— A Cleo — disse Jake. — Caiu fora da rede ao fazer um duplo e pensa-se que tem a coluna partida. Não têm a certeza de ela sobreviver.

— Minha Nossa Senhora! — murmurou Mário deixando cair a escova da graxa castanha em cima da sua pilha de camisolas de algodão brancas. Tommy curvou-se para a apanhar, sentindo-se atordoado. Cleo! pensou, horrorizado.

— Pois é — disse Jake. — Tu conhece-los. Quer dizer, pessoalmente.

Eu nunca os conheci.

— O Jim Fortunati é meu primo — disse Mário — e a Cleo trabalhou com os Santellis durante anos. — Parecia estar atordoado.

— Ela está muito magoada?

— Foi o que ouvi dizer. Nada de oficial... sabes como são os boatos. Mas ela está no hospital, e sabes como são os seguros para os trapezistas, quase nada, por isso estamos a fazer uma colecta para ajudar o Jim a pagar o hospital. — Aquilo era rotina para os trapezistas. Mário enfiou a mão no bolso das calças e tirou um par de notas.

Isto é meu e do Tom. O Johnny e a Stel provavelmente também vão querer dar mais qualquer coisa.

O Coe Wayland deu-me dois dólares — disse Jake, baixando a voz. — É o último dos mãos largas, hem? — Olhou para o canto da nota que Mário lhe dera e disse: — Ei, obrigado! — e foi-se embora, apressado.

Mário sentou-se em cima do seu malão, esquecido dos sapatos, com o olhar fixo em frente. Não pareceu ouvir Tommy quando este falou, e Tommy não ficou ressentido. Agarrou na escova dos sapatos e acabou ele próprio de os engraxar, deu brilho às botas de montar de Mário e voltou a guardá-las na arca. Cleo Fortunati, que rira e fizera festas a Liss, que lhes contara histórias do Barney Parrish; a Cleo, jazendo num hospital com a coluna partida. Disse a si próprio com ferocidade, São coisas que acontecem. Que foi que o Barney Parrish disse? Temos de ter um espírito aberto relativamente à hipótese de partirmos o pescoço. Mas aquilo também o fez pensar em Cleo, contando aquela história no atrelado dos Fortunatis. Piscou os olhos e engoliu em seco várias vezes. O Papa estivera com eles naquela altura. E o Angelo. Os seus próprios pais estavam vivos. A Cleo conhecera a sua mãe. És a imagem da Beth.

Tinha os olhos a arder.

Mário continuava imóvel sentado na arca.

— Mário, a bandeira do refeitório está içada. Queres ir comer agora?

— Não estou com fome, Lucky. Vai tu, se queres.

— Eu fico aqui, se houver alguma coisa que...

Mário franziu-lhe o sobrolho.

— Raios, não! Vai lá jantar, miúdo. Deixa-me sozinho, está bem?

Sentindo-se miseravelmente, Tommy foi para o refeitório.

O único lugar vago na mesa dos trapezistas era ao lado de Coe Wayland, o que não lhe agradava nada. O criado pôs-lhe um prato cheio de carne e batatas à frente, e ele comeu mecanicamente, sem saborear.

— Ei — disse Wayland -, onde está o menino bonito?

— Hem? — Absorto na sua infelicidade, ele mal o ouvira.

— O teu irmão mais velho. O patrão. Onde está ele? A fazer dieta para manter a cinturinha, é?

— Deixa-me em paz — disse Tommy. — Ele acabou de saber a notícia acerca dos Fortunatis. A Cleo é uma velha amiga da mãe dele. Ele está perturbado por causa disso.

O rosto rude e bem parecido de Wayland ficou subitamente sério.

— Isso foi horrível, sim — disse. — Eu próprio não conheço os Fortunatis, mas foi mesmo azar. Talvez as coisas não sejam tão más como dizem, Cenoura. Nestas coisas as pessoas exageram sempre.

Tommy apercebeu-se, contra sua vontade, que o homem estava a tentar ser simpático. Ele está mesmo a tentar animar-me.

Deu por si a sentir-se ressentido. Não queria ficar com melhor opinião do Coe Wayland. Não queria admitir que o homem era humano. Mas, contra sua vontade, deu por si a pensar: Claro, ele também é trapezista. Quando um trapezista se aleija ou morre, todos os trapezistas o sentem, até mesmo ele; faz-nos tomar consciência de que o mesmo pode acontecer a qualquer um. Em qualquer altura.

Mário já conseguira recompor-se à hora da sessão da tarde.

Com a disciplina de ferro dos Santellis não mencionou os Fortunatis, mas quando trepavam para os aparelhos, com Stella a seu lado, Tommy viu a tensão dos maxilares de Mário e percebeu que ele estava tenso como tudo. Normalmente, no topo do aparelho, Mário estava cheio de exuberância. Involuntariamente, Tommy lembrou-se do dia nas instalações de Inverno do Circo Starr, quando tinha feito uma audição para os Fortunatis. Depois, reajustando meticulosamente as mãos para as equilibrar com as de Mário na barra para o seu exercício de pares, varreu tudo do espírito.

Quando se voa, nada importa. Nada. Nada a não ser, será que deixei a barra direita?

Balouçaram-se lado a lado, mas o cronómetro dentro de si disse a Tommy, Não está bem — estamos a fazer tudo mal... Conseguiram fazer a passagem dupla para as mãos dos bases e regressar sem perder o impulso, mas quando aterraram na plataforma, Tommy desequilibrou-se e caiu pesadamente contra Stella. Mário rosnou-lhe:

— Presta atenção ao que estás a fazer, ragazzo!

Chegou a altura de Mário se preparar para o triplo.

Naquele dia na tenda de ensaios do Starr, a Cleo correu para o Mário, abraçou-o e deu-lhe os parabéns. O Papa Tony estava tão orgulhoso. E agora o Papa Tony está morto e a Cleo, se calhar, está a morrer... Tommy viu a expressão momentânea de medo e horror atravessar o rosto de Mário. Quis gritar e implorar-lhe que não fizesse o triplo naquele dia, não naquele dia...

Mário agarrou a barra entre as mãos, lançou-se para a frente, largou a barra, enrolou-se no primeiro mortal — Oh, meu Deus, ele vai falhar! — tentou fazer a pega atabalhoadamente, falhou as mãos de Coe Wayland e caiu, com o corpo horrivelmente frouxo. Veio um murmúrio abafado de desalento e horror das bancadas. Mário conseguiu enrolar-se e cair de costas, mas tinha sido uma queda mal feita e a aterragem também o fora. Em vez de subir novamente para a segunda tentativa que lhe era proporcionada quando falhava um triplo, abanou a cabeça e fez-lhes sinal para que descessem. Tommy, lançando-se no espaço para o mortal elaborado com que encerravam o número, sentiu uma simpatia dolorosa e desgosto por Mário; ele detestava falhar um exercício na pista. Ele não deveria ter tentado, não hoje.

Murmurou através dos aplausos, enquanto saíam da pista:

— Estás bem, Mário?

— Sim. Caí sobre o meu pulso mau, foi só. — Respondeu Mário, com a cara pálida e contraída.

— Vou pedir ao Johnny que te veja isso quando voltarmos para a tenda — disse Tommy. — Ele é bom nessas coisas. — Era tudo o que podia fazer.

Johnny foi ter com eles e trabalhou durante bastante tempo, tentando descontraír os músculos dos ombros tensos de Mário e ligando-lhe o pulso, e pelo menos naquele dia não disse piadas parvas. Mário tremia com a reacção, sentado com um cobertor por cima dos ombros, ficara muito abalado pela queda. Tommy foi até ao quiosque dos comes e bebes para lhe ir buscar café e trouxe-lhe também uma sanduíche. Mário ficou a olhar para ela enjoado.

— Não tenho fome.

— Mas também não comeste ao jantar — protestou Tommy, quase a chorar. — Tens de comer, Mário.

Johnny apertou a protecção de cabedal por cima das ligaduras. Disse:

— Vá lá, Signor Mário, não nos vais fazer agora uma birra não é? Que diria o Angelo se te começasses a comportar dessa maneira?

Mário soltou um longo suspiro e bebeu um golo de café. Agarrou na sanduíche com a mão que não estava magoada; subitamente sorriu com uma sombra do seu sorriso habitual.

— Pronto, pronto, miúdos — disse e deu uma dentada.

Quando chegou a hora do espectáculo da noite ele parecia estar razoavelmente normal, e embora não tivesse tentado o triplo, visto o pulso ainda lhe doer consideravelmente, fez um duplo com pirueta e aceitou os aplausos com o seu habitual estilo e vivacidade.

Mas depois do espectáculo, já no comboio, voltou a cair num silêncio mal-humorado e pensativo. Tommy estava deseioso de descer para o beliche dele e confortá-lo, mas algo na expressão retraída e fria de Mário fez com que nem sequer tentasse.

Ficou acordado durante muito tempo, ouvindo a respiração de Mário — Ele também não está a dormir — e a pensar, Não há dúvida que esta temporada ficou, de um momento para o outro, feita em cacos. Por fim não conseguiu aguentar mais o silêncio tenso da vigília de Mário, por baixo de si, curvou-se sobre a beira da cama e murmurou:

— Mário, estás a dormir?

— Deixa-me em paz, Lucky — disse ele sem irritação, mas como se estivesse a chegar ao fim da sua capacidade de resistência.

— Por favor, deixa-me em paz, está bem?

Rejeitado, Tommy voltou a deitar-se na sua cama. Por instantes sentiu-se zangado — Muito bem, raios o partam, se é assim que ele quer, que vá para o diabo!

Depois, subitamente, ficou desesperadamente preocupado.

Que se passava com Mário?

Que terá sido que lhe aconteceu?

## Capítulo XXVII

Tommy só conseguiu adormecer já a luz do dia entrava pela janela, e voltou a acordar quando o comboio se deteve num cais deserto, ao ouvir os protestos dos animais e o barulho de uma locomotiva nos carris laterais da estação. Desceu do beliche. Mário estava mergulhado num sono provocado pela exaustão, de tal forma morto para o mundo que nem se mexeu quando Tommy, vestindo-se no espaço reduzido, embateu contra a sua cama. Apareceu atrasado no refeitório, recusando o seu pequeno-almoço habitual e bebendo unicamente uma chávena de café. Os criados estavam a levantar os pratos de comida quando um deles foi ter com Mário e lhe entregou um envelope amarelo.

Um telegrama. Que será agora? Apreensivos, juntaram-se em torno de Mário enquanto este abria o envelope. Ele deu um suspiro de alívio e passou o telegrama a Johnny.

— Boas notícias, para variar.

Stella e Tommy esticaram os pescoços para ler por cima do ombro de Johnny: Elissa teve uma filha em São Francisco 5h45m.

Baptizada Cleo Maria Renzo. Ambas bem. Abraço Joe.

— Que maravilha — murmurou Stella. — A Liss tinha-me dito que queria uma menina. Temos de lhe mandar flores, Johnny.

— Claro, querida. O que quiseres — disse Johnny. — Cleo Maria, hem? Faz sentido, dado os sentimentos que a Liss sempre teve pela Cleo. Ei, quando mandares flores para a Liss, manda também algumas à Cleo, mandas?

— Manda uma mensagem com as flores — sugeriu Tommy. — É capaz de animar a Cleo saber que a Liss deu o seu nome ao bebé.

Mário voltou a pegar no telegrama e ficou a olhar para ele.

— Pelo menos isto já passou.

— Pelo menos por este ano — disse Johnny com sarcasmo.

— Ela vai provavelmente ter seis ou oito antes de dar a coisa por terminada, se tivermos em conta aquele parvalhão com quem se

casou. Bem, se é isso o que a Liss quer da vida espero que lhe faça bom proveito, é tudo!

Mário pôs-se de pé derrubando a cadeira, e afastou-se da mesa. Não voltou.

Mais tarde Tommy foi à cidade com Johnny e Stella. Trataram do envio das flores à Liss e à Cleo, para Boston, com mensagens de amizade de todos eles; Tommy insistiu que o nome de Mário também fosse incluído. Depois disso tinham trabalho a fazer a verificação dos aparelhos, o que o manteve ocupado até ao meio dia quando a bandeira foi içada no refeitório. Acabou de almoçar cedo — Mário não chegara a aparecer — e foi para a tenda do vestiário. Àquela hora estava geralmente vazia, mas naquele dia Mário já lá estava. Tirara as capas da arca do guarda-roupa e estava a pendurá-las, presas à tela da tenda. Quando Tommy chegou ao pé dele na tenda vazia — pois a maioria dos homens ainda estava no refeitório a almoçar — Mário virou-se, tomou Tommy nos braços e puxou-o a si num abraço apertado.

— Ei — disse baixinho contra a orelha de Tommy -, acabámos por nos esquecer da questão de Lawton, Oklahoma, não foi?

Por instantes Tommy sentiu-se satisfeito; depois, abruptamente, ficou aborrecido. Soltou-se com delicadeza.

— Temos muito tempo para isso — disse -, mas agora temos de nos aprontar para o espectáculo da tarde.

— Temos tempo. — Mário puxou-o mais para si, com uma carícia provocadora.

— Estás maluco ou quê? — Tommy tinha a voz a tremer. — Escuta, não tarda vão entrar duas ou três dúzias de homens nesta tenda.

— Descontrai-te. Estão todos no refeitório ou a verificar os equipamentos. Temos tempo suficiente para uma rápida... — pôs a boca no ouvido de Tommy e murmurou-lhe uma palavra, e Tommy afastou-se, chocado e zangado.

— Perdeste o juízo! Escuta, disseste-me inúmeras vezes que tudo tem o seu local e hora apropriados, e sabes muito bem que este não é nem o lugar nem o momento para isso, estúpido!

Mário ficou a olhar para ele com os lábios apertados de fúria.

De repente ficaste muito cuidadoso, não foi?

Alguém tem de ter cuidado — disse Tommy. — Vá lá, Mário, deixa-te de brincadeiras. Temo-nos estado a safar incrivelmente este ano, mas tu sabes tão bem como eu que há limites para tudo, e esse tipo de risco não vale a pena.

E quem é que tu achas que vais impressionar com essa conversa? Ou será que de repente ficaste religioso?

Mário, que foi que te deu? Deixa-me em paz, estás a ouvir? — Tommy estava agora verdadeiramente zangado. — Pronto, estás muito preocupado com qualquer coisa, sabe Deus com o que será desta vez, mas porque é que achas que tens de descarregar em cima de mim? De cada vez que estás maldisposto dás em implicar comigo para arranjar uma briga, e eu estou farto de te servir de capacho!

— Eu tenho uma definição melhor para ti do que capacho. — Deliberadamente, com desdém, Mário pronunciou um insulto que Tommy nunca ouvira. Tommy ficou a olhar para ele, chocado e cheio de indignação, e Mário deu uma gargalhada desagradável.

— Não gostas de palavras feias, pois não? A palavra perturba-te, não é? Mas nunca te perturbou o facto de seres um... — disse-o novamente.

Tommy encolheu-se como se Mário lhe tivesse batido; de certa forma sentiu que Mário o tinha atingido de uma forma muito mais forte que qualquer agressão física. Disse, tentando desesperadamente controlar a voz:

— Olha, existe uma grande diferença entre aquilo que se passa por detrás da porta fechada do nosso compartimento no comboio, e começar com este tipo de coisas na tenda do vestiário, com a porcaria do espectáculo inteiro prestes a entrar e a apanhar-nos!

Afinal o que é que te deu? Foste tu quem me avisou, inúmeras vezes, de quão cuidadosos... — A voz faltou-lhe e ele calou-se.

— Eu sabia que um dia me atirarias isso à cara, seu filho da mãe! — disse Mário. Agarrou o braço de Tommy e torceu-o cruelmente por trás das costas. Tommy soltou um gemido e tentou libertar-se, mas Mário forçou-o implacavelmente a baixar-se até ao chão da tenda. Silenciosamente, selvaticamente, Tommy lutou, mas



Mário empurrou-lhe a cara contra o chão, ajoelhando-se sobre as suas costas, mantendo-lhe o braço torcido por trás das costas, Por forma a que Tommy não se pudesse mexer.

— Diz! Não tenhas tanto medo da porcaria da palavra! Não és melhor que eu! Diz aquilo que és, raios te partam!

— Que diabo... — Jack Davis e um dos palhaços estavam parados à porta da tenda.

Mário rosnou:

— Pirem-se. Isto é uma briga privada! — E torceu o braço de Tommy de maneira a que ele não se pudesse mexer nem uma fracção de milímetro sem correr o risco, que era iminente, de deslocar o ombro.

— Diz — exigiu Mário por entre dentes, tão baixo que os homens parados à porta não o podiam ouvir. — Diz, sua bicha moralista de merda, diz!

— Eu mato-te — ofegou Tommy.

Imperceptivelmente, Mário aumentou a pressão. Tommy, sentindo o suor brotar-lhe da testa, a dor lancinante percorrer-lhe o braço, ouviu vozes por trás de si e sentiu uma névoa vermelha envolvê-lo. Dizer aquela palavra, pensou no meio da sua confusão, seria transformar tudo aquilo que eles tinham sido um para o outro em algo de sujo e desprezível. Ouviu Johnny dizer:

— Vá lá, Matt, estás outra vez a bater no miúdo? Deixa-o, antes que lhe dês cabo do ombro!

— Sim, claro — disse Mário com a alegria intensa e louca que tomava conta de si quando tinha aquelas fúrias -, assim que ele disser o que eu lhe disse para dizer.

Pálido de dor e humilhação, Tommy só conseguia ver o círculo de rostos que o olhavam — a maioria parecia divertida.

Pareciam pensar, devido às gargalhadas de Mário, que aquilo era uma brincadeira qualquer. Coe Wayland disse com uma das suas gargalhadas ásperas e roucas:

— Vá lá, Tommy, diz-lhe o que ele quer, diz-lhe que vais ser um bom rapaz.

Johnny avançou, pouco à-vontade, e disse:

— Por amor de Deus, parem os dois com a comédia. Deixa o miúdo, Matt, ainda o magoas a sério.

Mário não se mexeu. Por fim, com um ruído convulso de dor, Tommy desistiu. Murmurou:

— Mário, larga-me. Por favor.

Mário murmurou:

— Diz, ou parto-te o braço.

Tommy sussurrou:

Brochista — e caiu de cara no chão, quase a soluçar, quando Mário lhe largou o braço. Como é que ele foi capaz? Que é que lhe deu? É como se houvesse qualquer coisa dentro dele que o faz ter gozo em me magoar.

Será mesmo a mim que ele quer magoar?

Mário ria-se às gargalhadas. Os panos que cobriam a porta da tenda, batidos pelo vento fraco, deixavam entrar uma luz estranha que batia intermitentemente no rosto belo e de expressão dissoluta por cima de si. Tommy fechou os olhos com força.

Porquê, porquê, porquê? Mário já fora, esporadicamente, cruel antes, mas nunca com aquela concentração e intensidade sádicas.

Como naquela noite em que engatámos as duas raparigas.

Fica possuído. De repente, desesperado, lembrando-se de como aquilo começara, pensou, Antes queria que eles tivessem entrado e nos tivessem apanhado afazê-lo. Pelo menos isso teria sido honesto!

— Que se passa contigo, irmão mais velho? — perguntou Johnny. — Acabei de ouvir o sinal para o desfile. Vá lá, Tommy, veste-te. Não tens o juízo suficiente para não te meteres em brigas antes do espectáculo?

Abalado, Tommy pôs-se de pé. Foi buscar a tábua que, estendida entre a arca de Mário e a sua, era o toucador do número e pôs-lhe o espelho em cima. Sentia o ombro como se lhe tivessem batido com um martelo. Moveu-o com precaução e depois mais descontraidamente. Sentou-se na arca e começou a descalçar-se.

Mário passou por ele e Tommy rosnou-lhe:

— Seu filho da puta!

Mário sentou-se, olhando-o com raiva. Atirou a Tommy a trouxa embrulhada em musselina com a etiqueta T. Santelli que continha o seu fato para o desfile. Mário desembulhou a sua, tirou a túnica longa que usava no desfile e começou a abotoá-la por cima da roupa.

Johnny virou-se.

— Ei, é melhor vestires as calças de ginástica, Matt. Assim não ficas com muito tempo para trocares de roupa para o número no tapete.

Mário não virou a cabeça.

— Preocupa-te com a porcaria do teu fato e deixa que eu trate do meu.

— Olha, Matt, eu só disse...

— Porque não vais tu em cima da merda do camelo, já que estás tão preocupado com isso? — rosnou-lhe Mário.

Johnny despiu as calças, enrolou a tanga do seu fato por cima das cuecas e começou a enrolar o turbante.

— Muito bem, Signor Mário, mas se nos espetarem com uma multa por perdermos a deixa, só porque tu não estás vestido ela vai sair do teu ordenado. Estás pronto, Tom?

Quando estavam a subir para o topo do carro alegórico no meio da confusão de animais, carros alegóricos e raparigas meio nuas, Johnny murmurou pelo canto da boca:

— Afinal que raio foi aquilo, Tom?

Tommy, passando um braço em torno do mastro instável, tartamudeou, sentindo-se demasiado abalado para ser cauteloso:

— Acho que ele estava mal-humorado e precisava de alguém em cima de quem descarregar.

Johnny assobiou, consternado.

— Raios, o Angelo é a única pessoa capaz de meter o Matt na ordem quando ele tem estes ataques. Mas escuta, Tom, tu não tens de aturar esse tipo de coisas. Eu próprio direi uma palavrinha ao Signor Mário.

Apesar de o ombro lhe doer, e de se sentir magoado e desesperado, Tommy não estava pronto para aquilo.

— Não preciso que traves as minhas batalhas por mim, Johnny.

— Lucky, tu tens metade do tamanho dele — disse Johnny com uma gentileza pouco habitual — e tens de viver com o tipo. Raios me partam se vou ficar a assistir enquanto ele te dá sovas.

— És capaz de não te meter nisto e cuidar da tua vida?

Abespinhado, Johnny retorquiu:

— Está bem, seu idiotazinho arrogante. Mas depois não te venhas queixar se ele um dia destes te partir o pescoço.

Tommy riu-se, apesar da forma como se sentia, e Johnny perguntou:

— Que é que tem assim tanta graça?

— Tu e o Mário — disse Tommy. — Saíram do mesmo molde.

São iguais.

Johnny sorriu.

Claro, eu sei disso. Porque é que achas que não nos damos bem?

Mas quando o carro alegórico começou a percorrer a pista dos cavalos, Tommy sentiu a vontade de rir desaparecer. Estava ao mesmo tempo assustado e furioso, a segurança que sentira durante aquele ano desaparecera, como se se tivesse lançado na barra e descoberto que a rede não estava no seu lugar. Fazia-o pensar num pesadelo que tivera uma vez e de que não se conseguia recordar bem.

Estava a lutar para manter o autocontrolo. Mantém isso fora da plataforma. Aconteça o que acontecer. Por muito que briguemos.

Mário nunca fizera nada como aquilo mesmo antes de um espectáculo, e Tommy perguntava-se se lhe seria possível subir para o aparelho como se nada se tivesse passado. O carro em que seguiam saiu pela porta depois de ter feito o circuito das três pistas e ele saltou, tirando o turbante enquanto corria.

Já se acalmara um pouco quando chegou a altura de correrem para a pista do fundo para o número no tapete. Fez pinos e mortais, agarrando nos pulsos de Stella e equilibrando-a nas suas mãos, lançando-a para os ombros de Johnny, encolhendo-se apenas um pouco quando fez uma roda e o peso fez pressão no ombro dorido. Quando estavam reunidos na tenda do vestiário, a prepararem-se para o número de trapézio, sentiu que o tremor se acalmava e dava

lugar a uma calma estranha e completa. Mário estava a ligar o pulso, remexendo na fita adesiva. Tommy atravessou-se na sua frente e disse numa voz alta e clara:

— Vem cá. Ata-me aqui isto. Atas?

Mário curvou-se sobre o pulso de Tommy e mexeu no cordão de cabedal da protecção do pulso. De repente ergueu o olhar e encontrou os olhos de Tommy. Olharam um para o outro, duros e implacáveis, com uma emoção tão intensa que Tommy não soube, por instantes, se era paixão ou ódio. Simultaneamente acenaram um ao outro e, sem uma palavra, souberam que era como se tivessem repetido o seu velho voto.

Manter essas coisas fora da plataforma.

Calma e impessoalmente, Mário pôs-se de pé e pôs as mãos sobre o ombro de Tommy. Fazendo a articulação mover-se cuidadosamente para trás e para a frente.

— Não tem problema — disse e Tommy assentiu.

Nem sequer era uma trégua. Era simplesmente o cessar de tudo excepto, simplesmente, ser o que eram. Continuava a sentir uma dor ténue no ombro, mas naquele momento esquecera literalmente qual a sua causa; pensava simplesmente quais seriam os efeitos que aquilo teria no número.

Johnny veio até ao pé de Tommy e pôs-lhe a capa sobre os ombros.

— Wayland — chamou Mário com rudeza -, vens connosco?

— É já mesmo. — O homem pôs-se de pé, tropeçando no balde com água. Tommy, observando-o com os olhos semicerrados pensou, Continuo sem poder provar nada. Ele é um filho da mãe trapalhão quando está no solo, mas é muito bom nos aparelhos.

Stella juntou-se-lhes na entrada dos artistas, parecendo um passarinho muito vivo com a sua capa verde. Johnny disse rapidamente a Mário, quando se separaram dos bases que se dirigiam para o seu lado do aparelho:

— Combinei uma coisa com o maestro da banda para a Stella — e começou a subir a corda.

Os exercícios de pares com Tommy e Mário correram na perfeição; saíram juntos na barra e a velha precisão dos seus ritmos

pareceu funcionar de novo. Tommy começou a respirar mais facilmente quando o segundo trapézio base estava a ser retirado, mas Mário franziu o sobrolho, protegendo os olhos com a mão para observar o outro extremo do aparelho. Normalmente Coe Wayland ficava a base, mas daquela vez Johnny também ficou e o apresentador chamou o nome de Stella. Mário sobressaltou-se de espanto, mas não alterou a rotina com que a contornava e lhe passava a barra. De acordo com o ritmo do espectáculo, Mário dizia-lhe habitualmente qual dos exercícios que tinham treinado e ela deveria fazer, mas quando falou com ela daquela vez, ela abanou ligeiramente a cabeça.

— Eu e o Johnny preparámos outra coisa. Limita-te a vigiar a barra... não a lances cedo demais — disse e lançou-se para a frente. Balouçando-se na barra, virou-se por cima dela, rodou num mortal muito rápido, fez mais uma rápida meia volta e lançou os tornozelos esticados para as mãos de Johnny. Ficou ali a balouçar, posando, com os braços abertos. Depois Mário, segurando na barra e pronto para a lançar, ficou suspenso no movimento, pois John e Stella, percorrendo a barra do trapézio para trás e para a frente, faziam uma série de exercícios de equilíbrio retirados — percebeu Tommy — do seu antigo número de trapézio duplo.

O público, preparado para a tensão do retorno, hesitou, silencioso, e depois explodiu em aplausos espontâneos. Finalmente, correspondendo a um sinal de Johnny, Mário largou a barra e Stella fez o seu voo de retorno.

Quando pousou na plataforma, Mário agarrou-lhe no braço como se estivesse apenas a apoiá-la na sua pose cheia de arabescos, com os braços estendidos para agradecer os aplausos, mas Tommy ouviu-o dizer pelo canto da boca:

— Sua cabra, que se passa aqui? Quem te disse para fazeres aquilo?

— Foi o Johnny — disse Stella, sorrindo e acenando ao público como se de nada se tratasse. — Discute isso com ele.

Mário estava pálido de raiva.

— Nesta família — disse ele enquanto a banda começava o rufar de tambores que anunciava o seu triplo -, combinamos os nossos exercícios antes de subirmos para a plataforma, e não depois. Prega-me outra partida como essa, Stella cara, e eu torço-te o pescoço!

— O Johnny...

— O Johnny não dá ordens neste número.

Stella encolheu os ombros e disse com indiferença:

— Eu recebo as minhas ordens do Johnny. É a tua vez, Mário — acrescentou chegando-se para o lado para lhe dar espaço.

Tommy apercebeu-se de que Johnny deixara o trapézio base e de que Coe Wayland tomara o seu lugar e que estava a ganhar balanço para o triplo.

Tommy sussurrou:

— Não o tentes hoje, Mário. Faz um duplo com uma pirueta...

— Agora vais começar tu, com mil raios! — disse Mário com impaciência.

O apresentador já estava a anunciar, com voz tonitruante:

— ... o triplo mortal para as mãos do seu base, o mais perigoso de todos os feitos aéreos. Por favor fiquem em silêncio enquanto Mário Santelli estiver no ar...

Tommy apertou a medalha de São Miguel presa por dentro "a sua camisa enquanto Mário, com o corpo arqueado e tenso como a corda de um arco, se lançou para a frente. Deu uma volta, duas — oh, Deus, falhou outra vez! — virou-se, mergulhou e enterrou-se pesadamente na rede. Ouviu-se o murmúrio áspero das respirações suspensas do público, mas no momento em que ele começava a subir para a segunda tentativa que lhe era permitida, o apresentador soprou fortemente no apito e os cavalos do número equestre entraram garbosamente na pista.

Tommy agarrou o trapézio, lançou-se para a frente e mergulhou para a rede, aterrando ao lado de Mário. Este, com o rosto pálido e contraído de fúria, estava a olhar para o apresentador.

— Mas que raio...

— Fui eu que fiz sinal para que ele apitasse — disse Coe Wayland, conduzindo-os para a porta de entrada dos artistas. — Eu

vi que não estavas em condições de o fazer, Matt.

Mário virou-se para ele e disse:

— E quem diabo te disse que tu podias tomar decisões neste número? Seu idiota bêbado, a dar cabo de tudo! Qualquer principiante conseguiria balouçar-se mais alto e com mais rapidez que aquilo...

— Calma, calma, Matt — disse Johnny pondo-lhe uma mão no ombro. — Falhaste triplos imensas vezes com o Angelo a base; não atires as culpas para o Wayland. Estás magoado? — levantou o cotovelo de Mário e disse: — Meu Deus, tens aqui mais uma bela queimadura.

Anda, vamos pôr qualquer coisa nisso, irmão mais velho.

Mário empurrou-o.

— E já que estamos a falar de estragar o número, quem diabo disse à Stella para fazer um exercício a que eu nunca dei o meu consentimento?

Johnny encolheu os ombros.

— Eu disse-lhe para tentar. Neste número há ali espaço para qualquer coisa especial.

— Então agora és tu quem escolhe os exercícios para o número?

— Oh, por amor de Deus — disse Johnny, perdendo a paciência por completo -, porque é que cada porcaria de cada pormenor tem de ser o mesmo em todos os espectáculos? Saiu bem, ou não saiu?

— Não, não saiu! — gritou Mário. — Aquilo não era voar, aquilo foi um filho da mãe de um número de trapézio fixo, e não tem mais lugar num número clássico de trapézio do que dois palhaços!

— Tretas! — disse Johnny. — A mim pareceu-me muito bem, e o público aplaudiu, ou não?

Mário disse com frieza:

— Conheces as regras dos Santellis Voadores: ninguém faz um exercício no espectáculo sem o tentarmos primeiro no ensaio.

Eu sei que foi o Jock quem te fez fazer isto, Stel, mas vou pôr-te no chão por três dias na mesma, e se nos multarem és tu quem paga.

— Espera aí um bocadinho — disse Stella.



— E quem é que te deu autoridade... — começou Johnny.

Tommy respirou fundo e disse:

— O Mário é o homem mais antigo do número, Johnny, e tu sabe-lo tão bem como eu. Há uma forma correcta e outra errada de se incluir um exercício no espectáculo, e tu escolheste a errada. — Sim, pensou, e escolheste um raio de um dia para o fazer, com o Mário já no meio de um ataque de fúria! — E, por amor de Deus, será que temos de discutir isto aos quatro ventos na entrada dos artistas?

— Sim, devem ser capazes de nos ouvir na porta da frente — disse Coe Wayland. — E deixa-te de coisas, Matt. Eu autorizei o exercício.

— Mantém-te fora disto, Wayland — ripostou Mário. — Isto é um assunto de família, não metas o nariz!

A atitude de Coe Wayland nunca agradara muito a Tommy.

Mas nem mesmo o Papa Tony teria feito aquele tipo de observação a alguém que era parte integrante do número, fosse ou não da família. Sempre gritara imenso com Tommy e com Stella nos treinos, mas durante os espectáculos sempre fora escrupulosamente educado. A boca de Wayland contorceu-se.

— Sim, patrão — resmungou e foi-se embora na direcção da tenda do vestiário.

Johnny pôs uma mão no ombro de Stella.

— Vai vestir-te, querida. Depois volta para arrumarmos isto de uma vez por todas.

— Já está arrumado — disse Mário.

Johnny virou o rosto na sua direcção.

— Olha, hoje tens andado a puxar dos galões como um doido, mas já é altura de entenderes uma coisa, Matt. Podes dar ensaios de pancada ao miúdo se a ele lhe apetecer permitir-to, e eu sei cuidar de mim como descobrirás se alguma vez me puseres a mão em cima. Mas ouve-me e ouve-me bem. Aprendi a ler os lábios quando andava com os saltimbancos, e se mais alguma vez resolveres disparatar com a Stella, Matt, vais acabar a falar com a boca cheia de dentes partidos.

— Jock, que estás tu a tentar provar? Queres que ela seja a estrela do número? Queres que eu abandone esse lugar? Queres dirigir o número?

— Oh, por amor de Deus, não vamos agora ter um acesso de mau feitio! — Johnny virou-lhe as costas. — Estou aqui com a roupa transpirada e ainda apanho uma pneumonia, e a altitude está a dar-me uma dor de cabeça horrível. Não vamos complicar tudo agora, está bem?

Tommy virou-se e foi para a tenda do vestiário. Coe Wayland, nu, estava a vestir as calças e lançou um olhar magoado a Tommy quando ele entrou. Tommy despiu as calças de ginástica e tirou alguma água do seu balde. Enquanto começava a mergulhar a esponja na água fria, percebeu que estava fraco e a tremer com a reacção da tensão anterior. Desejou — oh, Deus, como desejou — que tivessem a privacidade do atrelado da família para se vestirem, se lavarem e, se necessário, brigarem, sem terem duas ou três dúzias de artistas à sua volta, a entrar e a sair, e a mudar de roupa. Tommy não ergueu o olhar quando Mário entrou, mas quando acabou de se vestir viu que ele se tinha sentado na arca, ainda com o fato de cena, e ali tinha ficado sem se mexer.

— Mário — disse baixinho, debruçando-se na sua direcção para que os outros não o ouvissem -, isso vai melhorar alguma coisa, ficares aí sentado com as roupas encharcadas em suor para apanhar uma constipação? Avisaste-me muitas vezes em relação a isso.

Mário ergueu o rosto pálido e praguejou.

— Serás capaz de me deixar em paz, Tom... será que, por amor de Deus, és capaz de me deixar em paz? — gritou.

Tommy, a tremer de fúria, tirou uma camisola da arca, vestiu-a por cima da camisa e saiu disparado em direcção ao refeitório.

Ele que vá para o Inferno! Ele que vá para o Inferno se quiser!

Pouco antes do início do espectáculo da noite, Johnny pôs um jornal local, aberto numa das páginas interiores, à frente do nariz de Mário.

Olha para isto, raios! Achas que este tipo de publicidade nos vai fazer algum bem?

Tommy inclinou-se para ver e leu: Zaragata no Circo Interrompe Espectáculo no Woods-Wayland.

Ouve bem — disse Johnny desgostoso. — "Os Santellis Zaragateiros brigam enquanto voam. Espectadores sentados próximo da entrada dos artistas, no recinto do Circo Woods-Wayland esta tarde, puderam assistir a uma grande discussão quando a conhecida família do circo começou uma briga no aparelho de trapézio. Trocaram-se palavras iradas, audíveis até nas bancadas, enquanto a espectacular trapezista, Stella Gardner e a estrela do número, Mário Santelli, discutiam ruidosamente. Em resultado deste confronto, a estrela Mário Santelli falhou o seu muito publicitado triplo mortal e, exibiu de tal forma o seu mau feitio, que o apresentador interrompeu o número com o seu apito. Quando o grupo já tinha saído, uma enorme briga explodiu junto à entrada, que pode ter chegado ou não a vias de facto, mas que proporcionou sem dúvida à assistência um espectáculo extra e gratuito."

Mário bateu com a mão no jornal. O pequeno espelho escorregou e caiu no chão.

— Onde é que foste buscar esta porcaria? — Virou-se para Coe Wayland, que estava sentado à frente da sua arca. — Foste tu quem lhes vendeu estas tretas? Não espero que ajas como um Santelli, mas esperava que tivesses miolos suficientes para não lavar a nossa roupa suja em público!

Wayland levantou a cabeça com brusquidão.

— Aaah, pára com isso! Pensas que não tenho mais nada para fazer do que falar de vocês, seu filho da mãe? Se queres saber, rapazinho bonito, a cidade inteira conseguia ouvir os teus gritos.

Agas como se eu fosse um monte de esterco, Senhor Menino Bonito, mas já ando nesta vida há tempo suficiente para ter o juízo necessário para não brigar na pista, e apesar de todas as nobres tradições da tua família, parece-me que tu não tens!

Mário calou-se, com um soluço, como se Coe o tivesse esbofetado — como, reflectiu Tommy sombriamente, esbofeteara.

"- E há mais — disse Johnny desgostoso. — Ouve bem.

"Têm corrido rumores sobre a ruptura iminente do grupo Santelli Desde que o seu chefe, o artista veterano do circo, António

Santelli, caiu para a morte em Cincinnati e o seu base saiu em consequência de disputas sobre a direcção do número..."

— Onde é que eles foram buscar isto tudo? — perguntou Tommy.

Coe Wayland disse:

— Não se fala noutra coisa no recinto. Houve alguém que falou com o repórter, é tudo. A maioria dos artistas não fala com os locais, mas há sempre um operário ou um aderecista, sedento de uns dólares e pronto a estender o guardanapo. — Parecia zangado e desgostoso.

A actuação no espectáculo da noite foi a pior de que havia memória. No exercício no tapete o ritmo de Mário estava de tal forma mau, que Johnny saiu da pista pálido e enraivecido.

Na tenda do vestiário, despindo as calças pretas que usava naquele número e vestindo o fato verde que usava no trapézio, rosnou por cima do ombro, para Mário:

— Acho bem que consigas recuperar o controlo de ti próprio, Matt, antes que alguém se aleije.

— Eu vou ficar bem. Deixa-me, Jock.

— Ainda fazes com que nos despeçam, se continuas assim.

— E se isso acontecer, acontece, raios!

— Escuta — disse Johnny girando sobre si próprio para o encarar, a ira estampada na cara: — Matt, companheiro, não sei o que é que te está a pôr assim, irmão mais velho, mas seja o que for, por favor acalma-te antes que morra alguém! — Hesitou, a preocupação transparecendo-lhe na voz. — Da forma como tens estado a agir... Matt, queres ficar de fora esta noite? Nós encobrimos-te, dizemos ao patrão que estás doente.

Mário respirou profundamente.

— Eu vou ficar bem. Dêem-me... Dêem-me só um minuto, está bem?

— Faz como queiras, com mil raios! — Johnny atirou a capa por cima dos ombros e resmungou: "Filho da mãe teimoso!", enquanto se ia embora.

Tommy foi ter com Mário. Apesar do que Mário tinha feito, aquele tipo de tortura era mais do que ele podia aguentar. Porque é

que ele faz isto a si próprio?

— Mário... — disse, mas Mário empurrou a mão que lhe tocava, implorativa, no braço e saiu da tenda sem olhar para trás.

Tommy ficou, indeciso, entre as filas de arcas. Coe Wayland bateu rapidamente com a tampa da sua.

— Vá lá, miúdo, despacha-te — disse com brusquidão. — Eu vou lá ter muito a tempo. Vai ver como estão os outros, mas não tentes controlar-me a mim.

Tommy saiu da tenda mas encostou-se à parede de um dos lados, vigiando-o. Quando Wayland saiu, Tommy voltou a esgueirar-se para dentro da tenda. Lá fora, mordendo o lábio, Mário pôs-se de pé enquanto Stella, vestida para o número, se dirigia aos homens.

— Stel — disse -, eu disse que ficavas de fora durante três dias, e estava a falar a sério. Não entras no espectáculo esta noite.

— Oh, entra, entra — disse Johnny -, ou então, eu também não entro.

— É assim mesmo — disse Wayland, pousando a grande mão no ombro de Johnny. — Mostra-lhe como é, um tipo tem de olhar pelos interesses da sua mulher. Responde à letra aqui ao cara de maricas. Para que é que ele está a armar barulho? O que o público quer são raparigas bonitas. Eu prefiro ser base de uma rapariga bonita a ser base aqui do menino bonito! — Olhou insultuosamente para Mário. Mário ignorou-o.

— Jock, se a Stel entrar no número, eu não entro.

— Faz como queiras e faz com que te despeçam, Matt.

Tu és a estrela, mas não és quem dirige o número, e não tentes sequer fazê-lo!

— Eu sou o homem mais antigo do número — disse Mário numa voz gelada — e o trapezista mais antigo tem sempre a autoridade...

— Oh, tretas! — interrompeu-o Johnny. — Quem é que disse isso? Isso acabou-se no dia em que o Angelo saiu do número, e tu, o melhor que tens a fazer, é parar de tentar puxar pelos galões.

— Vá lá, vocês os dois — disse Wayland bem-disposto -, tenham calma, a nossa deixa não tarda aí. Depois do espectáculo podemos ir falar com o patrão e decidir quem é que chefia a

porcaria do número. É claro que, se o menino bonito ficar com ciúmes porque o público acha que a Stella é mais bonita que ele...

— Cala-te — disse Mário, muito tenso e até Wayland percebeu que daquela vez fora longe demais. — Estás bêbado, raios te partam!

Tommy estava um pouco mais afastado, mesmo à entrada da tenda, a ouvi-los. Saiu da tenda e disse:

— Desta vez encontrei-o. Em cima do toucador dele. Cheira-o.

— Passou a Mário um copo de dentes que ainda continha umas gotas cor de âmbar. Mário cheirou-o e ficou a olhar para Wayland, siderado.

— Seu patife bêbado!

Johnny agarrou no copo e disse, como uma repulsa zangada:

— É então assim que fazes o aquecimento para o espectáculo!

Eu não acreditei quando eles mo disseram!

— Calma, amigos — disse Coe Wayland balouçando-se sobre os calcanhares e sorrindo. Mesmo no meio daquela confusão, Tommy não pôde deixar de reparar como ele era atraente, ali de pé, com o corpo musculado realçado pelas calças de ginástica, o seu rosto corado iluminado por um sorriso afável. À sua maneira, era tão elegante como Johnny ou Mário. No menos apropriado dos momentos a ideia passou pelo espírito de Tommy — Muito do melhor trabalho no trapézio é homossexualidade sublimada — e afastou-a, horrorizado.

— Ouve, Matt — disse Wayland -, já estou neste negócio há muito tempo. Sei o que posso aguentar. Trabalho melhor com uma ou duas bebidas. Descontra-me. Confia em mim. Raios, tenho feito isto a temporada inteira, por esta altura já devias ter percebido que aguento.

Johnny e Mário olharam um para o outro, a sua briga pessoal instantaneamente esquecida. Johnny disse:

— Escuta, isto não é coisa com que se brinque. Volta para a tenda, Wayland. Nós encobrimos-te do patrão esta noite, mas acabou-se aqui. Ninguém que beba entra nos números connosco.

Certo, Matt?

— Certo — disse Mário.

Johnny tomou o comando da situação.

— Escuta, saltamos os exercícios de pares esta noite. Stella, corre e pede a uma das raparigas que passe palavra ao maestro da banda. — Mesmo naquela altura Tommy teve de admirar o talento de Johnny para pensar rapidamente no meio de qualquer crise — Escuta Matt, tu e o Tommy começam com duas passagens cada um. Digamos que uma volta com meia pirueta para ele, e tu fazes uma passagem por cima e uma pirueta no retorno e depois um duplo à retaguarda. Depois deixas a Stel fazer os passes bonitos dela, aqueles que fez hoje, e tu e o Tommy acabam com a passagem cruzada no ar, estamos todos demasiado enervados para um triplo. Percebeste?

— Sim — disse Mário rapidamente. — Percebeste, Tom? — Rapidamente reviu a sequência de novo. A banda atacou a música que assinalava a sua entrada, e os irmãos estenderam as mãos e apertaram-nas.

— Muito bem, irmão mais velho, esquece — disse Johnny.

Coe Wayland estava de pé, as mãos nas ancas, observando-os. Sorriu maliciosamente.

— E vocês não se estarão a esquecer de qualquer coisa?

Pensam que me podem afastar da pista? Depois daquela confusão toda hoje, o que vocês estão mesmo a precisar é de mais uma briga e do vosso nome arrastado pela lama.

— Usa a cabeça, Coe — disse Johnny. — Vai coser a bebedeira, ou qualquer coisa. Falamos nisso amanhã. É a nossa vez!

Coe virou-se para eles, enraivecido.

— Vocês, seus filhos da mãe sabichões, pensam que me podem manter afastado daquele trapézio? — Forçou a passagem entre Mário e Johnny. — Eu vou entrar, a não ser que queiram decidir isso a murro no meio da pista central. Pensas que me consegues fazer parar, menino bonito?

O rosto de Mário empalideceu. Sem aviso ergueu a mão e abateu-a em cutelo e com força sobre o pescoço de Coe Wayland.

O homem soltou um grunhido de espanto e caiu.

— Ena! — Johnny assobiou, mas apanhou o corpo que se abatia e atirou-o para os braços de um operário espantado,

enquanto o apresentador anunciava:

— E na Pi-ista Central — Se-enhoras e Se-enhores, os Santellis Voadores!

— Andiamo! — disse Johnny com um sorriso endiabrado, e deu o braço a Mário, Mário estendeu o braço livre a Tommy e os três, lado a lado, encaminharam-se para a luz do projector central, fazendo uma pausa para que Stella se lhes juntasse vinda da galeria da banda. Tommy, com a mão enfiada no braço de Mário viu que, qualquer que fosse o motivo — talvez a necessidade de cerrar fileiras contra o intruso -, Mário voltara a ser de novo ele próprio.

Horas mais tarde, sozinho no seu compartimento, Mário estava sentado no beliche mais baixo com a cabeça entre as mãos. Estava pálido e esgotado, mas ergueu a cabeça e teve um ataque de riso que o fez estremecer todo quando Tommy entrou vindo do corredor.

— O Coe Wayland embarcou no comboio são e salvo?

— Claro — disse Tommy -, mas está absolutamente furo.

Meu Deus, Mário, ele está com vontade de matar alguém!

Mário deu uma risadinha curta e seca.

— Para fazer qualquer coisa contra alguém, teria de admitir primeiro que estava bêbado que nem um cacho, e não o estou a ver fazer uma coisa dessas. Isto não foi um dia dos diabos?

Pôs-Se de pé, pôs as mãos nos ombros de Tommy e virou-o suavemente.

— Lucky... — disse em tom implorativo.

Tommy empurrou-o.

— Vai para o Inferno. O que é que tu pensas que eu sou afinal?

— Queres que me ponha de joelhos à tua frente? — Mário agarrou-o pelos braços e Tommy encolheu-se, temendo a violência transmitida tanto pela voz como pelas mãos. Mário apercebeu-se e largou-o. Tartamudeou qualquer coisa em italiano e atirou-se para cima da cama.

Tommy disse, a tremer:

— Neste ano temos tido uma sorte dos diabos. Pensei que estava tudo a correr optimamente. E depois começaste com aquilo na tenda do vestiário... e quase que me partiste o ombro... —



Temendo chorar com a recordação da dor e da humilhação, virou-se para o outro lado. — Às vezes acho que deves ser doido!

— Ajo como se fosse, não é? Lucky, vale alguma coisa se eu te disser que estou com tanta vergonha que podia morrer?

Não valia grande coisa. Se fazia alguma diferença era para pior.

— Estás sempre — disse Tommy sem se voltar. Depois implorou, com a voz a tremer: — Mário, que é que vamos fazer acerca disto? Será que estamos a contender com os nervos um do outro?

Queres separar-te durante algum tempo, partilhar o compartimento de outra pessoa?

Não! — disse Mário numa voz rouca e terrível, e puxou Tommy abraçando-o violentamente. Ficaram juntos, de pé, no compartimento oscilante, tensos e imóveis, e ocorreu a Tommy que uma explosão de violência era quase um alívio, depois da agonia provocada por tanta emoção. Depois, sem aviso, a tensão desapareceu do rosto de Mário e ele inclinou-se e pousou os lábios sobre os de Tommy.

— Para a próxima, raios, parte-me os dentes antes de eu ficar naquele estado. — Parecia exausto, mas a infelicidade desumana tinha desaparecido.

Quando ele diz, "Deixa-me em paz", está a implorar ajuda, e eu nunca tive miolos suficientes para perceber isso.

Mário virou-o com gentileza.

— Como está o ombro?

— Dorido como o diabo.

— É melhor deixares-me fazer-te uma massagem. Ou queres que peça ao Johnny que venha cá dar-te uma?

Tommy abanou a cabeça. O Johnny é demasiado perspicaz.

Tirou a camisa e deitou-se na cama de Mário. Mário, sentando-se ao seu lado, começou a massajar os músculos doridos; gradualmente o seu toque transformou-se numa carícia. Depois pegou nos ombros de Tommy e virou-o suavemente. Sorrindo, curvou-se sobre ele.

— Houve uma coisa que não acabámos — murmurou -, uma coisa que começámos em Lawton, Oklahoma, lembras-te?

E agora não estamos na tenda do vestiário. — Já estava deitado no beliche, estendido ao comprido, o corpo cobrindo o de Tommy, as mãos na almofada uma de cada lado da cabeça do rapaz.

Naquele momento Tommy sentiu que a dor e o desespero do dia, toda a infelicidade e humilhação, valiam a pena por causa de momentos como aquele. Os lábios de Mário fecharam-se lentamente sobre os seus, e Tommy fechou os olhos, abandonando-se.

Depois, paralisado, horrorizado, Mário ergueu de repente a cabeça, olhando pálido para a porta escancarada do compartimento.

— Não deixem que eu vos interrompa — disse Coe Wayland.

Tommy pensou que nunca vira um ódio tão grande estampado na cara de alguém — Seus filhos da mãe, eu vinha aqui rastejar se fosse preciso, implorar-vos outra oportunidade. Têm-se comportado como se eu fosse um monte de esterco, suas bichas de merda. Sim, aqui o menino bonito e o seu namoradinho, vinha implorar-vos de joelhos, admitir as minhas culpas. Portei-me mal e vinha pedir desculpa. Mas vejo que estão demasiado ocupados A porta do compartimento fechou-se com estrondo. Tommy que se deixara cair contra a parede, demasiado chocado e atordoado para perceber totalmente o que se passara, ouviu Mário rebentar num riso amargo e estridente.

— Citando as palavras de um palhaço muito famoso — disse Mário por fim, a voz sumida pela exaustão — "La commedia é finita!".

O comboio rolava e gingava por baixo deles. Mário, ainda a rir em gargalhadas histéricas e exaustas, saltou para trancar a porta.

— É a velha história de casa roubada, trancas na porta. Vem cá, piccino. Vem cá...

— Olha, Mário... — Tommy ajoelhou-se ao lado dele, assustado.

— Oh, raios, vem cá, que diferença faz agora? — disse Mário com uma gargalhada amarga. — No que nos diz respeito, a temporada acabou. Espera e verás.

Estendeu os braços e passou-os pelo pescoço de Tommy quase o estrangulando. Tommy, deixando Mário puxá-lo para baixo, sentindo o desespero dos que se sentem perdidos, por detrás das

gargalhadas, pensou subitamente se aquela catástrofe, o terem sido descobertos, não teria sido o que Mário procurara provocar durante todo aquele dia horrível.

# INTERLÚDIO

1947 — 1952

# Capítulo I

Março de 1947

As instalações de Inverno do Circo Starr não tinham mudado.

A já conhecida desordem de tendas para ensaios, tractores, cabos eléctricos estendidos por todo o lado, animais a serem conduzidos através do recinto, e o ar curiosamente vazio que é o de qualquer circo quando não há espectáculo: um ar simultaneamente deserto e cheio de uma vida misteriosa que se esconde algures nos bastidores.

Mário caminhou lentamente através da relva pisada e seca até à tenda de treinos dos números aéreos onde, apenas há um ano, tinha feito uma audição para os Fortunatis. Mesmo por baixo da porta da tenda batida pelo vento apareceu um homem robusto que gritou:

— Vou já ter contigo!

— Olá, Lionel — apertaram as mãos.

— Vamos até ao escritório — Lionel conduziu-o, passando pela tenda e dirigindo-se a um pequeno atrelado pintado de vermelho. Lá dentro havia duas secretárias atafalhadas, dois armários enormes para arquivo, um cofre a um canto e duas cadeiras de espaldar. Lionel puxou uma das cadeiras e indicou a outra a Mário.

— Como é que estás? Como vai a família?

— Como de costume. Como está a Cleo?

Lionel franziu ligeiramente o sobrolho.

— Já consegue andar outra vez, com a ajuda de muletas, e isso já é para nós um milagre suficientemente grande. Para ela acabou-se o trapézio, é claro. Aqui entre nós, e sem querer ser pouco cavalheiresco, a Cleo já não é muito nova. Embora, e Deus o saiba, não pareça nem um dia mais velha do que quando eu comecei a ser base dela e do Jim.

Mário perguntou:

— E como é que ela está a aceitar a situação, Lionel?

Lionel desviou o olhar.

— Ela não fala muito nisso. Está a treinar duas raparigas aqui no espectáculo, e parece estar a gostar. Mas nunca se sabe.

Bem, Matt, e vocês que andaram a fazer este Inverno?

— Sabes que deixámos o Woods-Wayland antes de a temporada acabar...

— Sim, ouvi falar nisso.

— Em Outubro, fomos todos para o México. O Angelo esteve lá a dirigir um espectáculo durante um par de meses.

— Ele deixou mesmo de voar, Matt?

— É o que ele diz, e esta Primavera não chegou sequer a treinar. Esteve a trabalhar durante algum tempo para uma companhia cinematográfica mexicana, como... como... raios, não me consigo lembrar do nome. Era o tipo que mantinha os cavalos em ordem enquanto os duplos caíam de cima deles e voltavam a montá-los. Seja como for, era o chefe dos cavalos. Depois, a seguir ao Ano Novo, o meu irmão Johnny e a mulher foram para a Costa Leste para uma digressão de Primavera com um grupo que actua em feiras, auditórios, e por aí fora. Eu e o Tommy fomos até São Francisco para ver se arranjavamos trabalho com um grupo que o Clint Redmann está a montar. O Freres e Statton fez-nos uma oferta, mas ainda não chegámos tão baixo. Pelo menos ainda não.

— Espero bem que não! — disse Lionel. — Mas ainda andas à procura de um contrato para o Verão? Olha, a razão porque te chamei aqui não era só para falar da família. Agora, que tanto o Jim como a Cleo já não voam, ando à procura de um parceiro fixo.

E vi-te no ano passado.

Mário assentiu pensativamente.

— Sabes em que estado é que os Santellis estão. Eu e o Tommy não podemos continuar sozinhos. Nem sequer temos um base fixo. Pensámos, durante algum tempo, que poderíamos trabalhar com o Johnny e a Stella, mas eles decidiram trabalhar sozinhos este ano.

Lionel apoiou o queixo nas suas grandes mãos, reflectindo.

— Eu sei como é o vosso trabalho, claro. Nós queríamos-vos no ano passado. Mas há um problema. O miúdo, o Tommy. Que é que

vamos fazer com ele?

Mário encolheu os ombros.

Viste-o trabalhar no ano passado, e ele tem progredido imenso. Levámos três anos a aperfeiçoar os números de pares que fazemos. Somos uma equipa. Damos-te a cabeça de cartaz, se quiseres — Lionel Fortunati e os Santellis Voadores — vamos ficar juntos, eu e o Tommy.

Lionel abanou a cabeça.

— Lamento, Matt. Mas não é possível.

— Que mal é que tem? O número clássico são dois voadores e um base...

Lionel pôs as mãos na secretária e endireitou-se.

— Matt, sem ofensa, mas tenho que te dizer isto. O que corre no meio é que tu passaste estes três anos, como é que eu hei-de dizer isto, a ensinar ao miúdo uns números de pares que não se podem fazer em público. Percebes o que quero dizer? Quer dizer, eu sei por que razão vocês foram despedidos do Woods-Wayland.

Mário não se mexeu, mas os olhos encheram-se de cansaço.

— Despediram-me do Woods-Wayland porque dei uma sova no irmão do patrão quando o apanhei bêbado na pista.

— Continua. Conta-me a tua versão.

— Primeiro gostava de saber qual foi a versão da história que tu ouviste. Eu já ouvi quatro diferentes este Inverno.

Lionel olhou pouco à-vontade para as grades da janela.

— O que eu ouvi foi que tu tinhas espancado o Coe Wayland porque ele tinha entrado no teu compartimento no comboio sem bater à porta, e te tinha visto a ti e ao miúdo, e não estavam a jogar às cartas.

Mário entrelaçou os dedos tentando controlar-se.

— O Papa Tony não teria permitido ao Coe Wayland nem sequer subir a corda do trapézio. É um mau base, e é um bêbado.

Toda a gente do espectáculo sabia disso, mas ninguém o conseguia provar, mas um dia o Tommy apanhou-o a emborcar uísque cinco minutos antes de subir para os aparelhos. Ele armou uma zaragata e insistiu em entrar no espectáculo de qualquer maneira, e eu dei-lhe um murro e pu-lo K.O. Ficámos por isso na

lista negra dele, e ele andou a rondar e a escutar às portas até pensar que nos tinha apanhado em qualquer coisa. No dia seguinte veio ter comigo e tentou fazer chantagem para eu o incluir novamente no número. Em vez disso eu esmurrei-lhe o queixo e parti-lhe alguns dentes, e disse-lhe para ver se conseguia vender aquilo ao patrão e eu perdi o emprego.

— Mas ele sabia mesmo alguma coisa de vocês?

— Lionel, eu só vou à confissão na Sexta-Feira Santa.

Lionel riu-se e depois, subitamente, subitamente, ficou outra vez sério.

— Se tu, tu pessoalmente, Matt, me deres a tua palavra de honra que o Coe Wayland andava só a vender mentiras porcas para se vingar de ti, farei o meu melhor para acabar com essa história.

— Não sei que tipo de mentiras é que o Wayland tem andado a espalhar — disse Mário cabisbaixo. — Como já disse, este ano já ouvi quatro versões diferentes, e sabe Deus quantas outras correrão por aí no meio. Não posso segui-las a todas e negá-las a todas. Raios, sabes que no meio o que se dizia era que a Cleo tinha quebrado a coluna, e não apenas um par de ossos nas ancas.

Lionel suspirou.

— Matt — disse -, tenho quase o dobro da tua idade. Já vivi muito. Não me choco facilmente. Mas deixa que te dê um conselho, como teu amigo de longa data. É melhor que tu e o miúdo se separem antes que a história se cole a vocês para sempre e nunca mais se consigam livrar dela. Arranjem parceiros novos, os dois. Eu fico contigo, e arranjam mais um ou dois voadores, talvez uma rapariga.

— Talvez gostasses que eu me casasse com uma e acabasse com a história de vez? — disse Mário e as suas sobrancelhas oblíquas arquearam-se com desdém.

— Bem, isso mal não fazia — disse Lionel.

— E livrava-me do miúdo? Gaita para isso, Lionel. O Tom e eu formamos uma equipa.

— Não, comigo, não. Não vos recebo aos dois, isso está fora de questão. Olha, eu não tenho nada contra o miúdo, como é que ele se chama? Zane? Tanto quanto me lembro, ele é um rapaz



simpático, e o Jim disse que ele era o miúdo mais prometedor que tinha visto em anos.

— E é. Sabes que ele vai ser muitíssimo bom. Percebes o suficiente de trapézio para saber isso, Lionel.

Mas não com uma história assim a persegui-lo a vida inteira.

Mário entrelaçou os dedos. Disse por fim:

— Vamos supor, por alguns instantes, que o Coe inventou aquela história toda naquele esgoto a que chama cabeça. Que o que quer que seja que ele disse que viu, nunca aconteceu.

Vê a coisa do meu ponto de vista e do ponto de vista do Tom.

Eu ensinei o miúdo a voar quando ele era pequeno. Recebemo-lo na família. A Lúcia e o Angelo têm dele a melhor das opiniões.

Agora, não seria um golpe baixo livrar-me dele depois destes anos todos, só porque o Wayland resolveu espalhar por aí umas porcarias? Se nos separássemos agora, não seria quase o mesmo que admitir que a história é verdadeira, e fazer com que ela nos persiga para sempre?

— Tens alguma razão — admitiu Lionel e pôs-se de pé. — Posso ser franco, Matt? Sem ofensa? Não foi a primeira vez que eu ouvi este tipo de história a teu respeito. — Mário fez menção de o interromper, mas Lionel calou-o com um gesto. — Deixa-me acabar, está bem? Matt, a tua moral pessoal não é assunto meu. Não sou nenhum puritano saloio. Mas também não sou cruzado nenhum. Tenho duas coisas com que ganho a vida: uns reflexos fora do normal e o nome dos Fortunati, e o prestígio que o nome tem. E não vou arriscar esse prestígio, ligando-me a um par de... — hesitou, procurando uma forma de o dizer sem causar ofensa.

— A palavra de que estás à procura é maricas — disse Mário curvando o lábio num trejeito irónico, e Lionel abanou a cabeça, perturbado.

— Com um par de miúdos que foram parar à lista negra devido àquilo que deve ter sido uma parvoíce das grandes, quer o Wayland tenha ou não visto o que diz ter visto. Por isso talvez tu e o miúdo estivessem a praticar técnicas de judo, a lavar as costas um ao outro, não quero saber disso para nada. O que me aborrece é que não tenhas tido o cuidado suficiente para proteger a tua reputação e

o nome dos Santellis. Que te tenhas deixado à mercê do Wayland para que ele pudesse espalhar aquele tipo de história. E acabares na lista negra.

Mário escondeu a cara nas mãos. Lionel pusera o dedo na ferida da sua culpa.

— Isso é mesmo assim, Lionel? Lista negra?

Lionel assentiu.

— Já foi passada palavra. Escuta, eu estou disposto a ajudar-te a lutar contra esta situação, Matt, nem que seja só em memória do tio Tony. Eu adorava o velhote. Mas tu também tens de fazer qualquer coisa para me ajudar. Se te livrares do miúdo agora, conseguiremos abafar provavelmente a coisa antes que se espalhe mais.

Mas se vocês insistirem em ficar juntos, raios, sabes tão bem como eu o que acontecerá. O Wayland fala que se farta, e se continuarem juntos depois de ele andar com esse tipo de conversa durante um ano, ou mais, o nome dos Santellis vai-se cobrir de lama.

Acrescentou com urgência:

— Pensa também no miúdo. Ele é um bom rapaz. Queres acabar-lhe com a carreira ainda antes de ter começado? Eu também tenho um filho mais ou menos daquela idade.

A boca de Mário contorceu-se.

— E estás disposto a expor o teu filho à minha suposta depravação?

Lionel começou a rir-se, mas as gargalhadas soaram falsas.

— Não sejas assim, Matt. Tu és decente, alguém educado pelo Tony não poderia ser outra coisa. Mas se gostas daquele miúdo, se te preocupas com o que lhe pode acontecer, o mínimo que podes fazer é separar-te dele, dar-lhe a hipótese de se livrar também da lista negra.

— Estás a partir do princípio que toda a gente reagiria como fez o Woody.

— Muita gente reagiria, Matt. O Starr reagiria, mas eu consigo convencer o Randy a dar-te uma oportunidade. E se te separares do

miúdo agora, toda a gente vai pensar que o Wayland é um mentiroso e que tem uma mente tão suja como a boca.

Mário olhou para Lionel e, por breves instantes, a sua expressão ficou totalmente desprotegida.

— Eu... Eu prometi ao miúdo que ficaria com ele. Ele confia em mim.

Lionel parecia tão perturbado como o seu primo mais novo.

— Sê razoável, Matt. Eu de qualquer forma não poderia contratar o miúdo. A política do Starr é muito estrita: ninguém com menos de vinte e um anos entra nos números aéreos. Se o puto se ralar alguma coisa com o que te poderá acontecer, não te vai fazer ficar com ele. Matt, vai para casa, fala com o rapaz, tenta fazê-lo compreender que estás a fazer o melhor para os dois. Quero-te comigo, preciso de um parceiro fixo. Não consigo ver-te dar cabo da tua vida desta maneira. E pela memória do tio Tony, quero que o nome dos Santelli saia de tudo isto sem ser muito arrastado pela lama.

Mário ficou sentado, perfeitamente imóvel, durante vários minutos. Por detrás da expressão impassível que mantinha, conseguia ouvir uma outra voz, agora silenciada para sempre:

Promete-me uma coisa, Matty. Promete-me que não te voltas a embebedar e que não te metes em sarilhos, porque isso atinge-nos a todos, a toda a família. Desta vez não estivera bêbado, mas era como se tivesse estado. Atraíra tudo aquilo sobre si, levado por um desespero incontrolável que estava para lá da sua compreensão; atirara fora toda a cautelosa estrutura das cautelas que os protegera.

— Pensa nisso, Matt — insistiu Lionel. Estava a observar o homem mais novo com um sentimento dolorosamente próximo da pena. — Conversa com o miúdo. Telefona-me daqui a dois ou três dias. Mas não leves muito tempo. O Randy quer ter todos os contratos assinados até 1 de Abril, e temos de treinar juntos durante algum tempo, se quisermos incluir o triplo no número deste ano.

Mas Mário estava a ver mais qualquer coisa. Tommy, humilhado, a cara contra o chão da tenda do vestiário, murmurando o palavrão que traíra tudo o que existira entre eles. Violado. Muito

pior do que o que alguém pudesse dizer acerca de ter seduzido o rapaz.

E eu pude fazer-lhe aquilo!

— Espera — disse, erguendo repentinamente a cabeça e olhando para Lionel -, não preciso de pensar mais.

## Capítulo II

As escadas da pensão estavam escuras e atravancadas de coisas. Tommy procurou a chave, empurrou um saco de lixo com o pé e depois bateu à porta.

— Não está fechada — gritou Mário lá de dentro. — Entra.

O quarto estava limpo e quase vazio, as chávenas do pequeno-almoço tardio ainda estavam em cima da mesa. Lá fora já escurecia, mas Mário não acendera a luz.

— Voltaste cedo — disse Tommy puxando o cordão do interruptor do candeeiro. — Não esperava que chegasses antes de logo à noite, mas vi o carro lá fora.

— Telefonaste para casa esta manhã?

— Falei com a Lúcia. É claro que lhe disse que tinhas ido às instalações de Inverno para falar com o Lionel sobre um emprego para esta Primavera. Correu bem, não correu? Ela queria que fôssemos lá a casa jantar, mas eu disse-lhe que tinha de ver se tu tinhas alguma coisa combinada. — Pendurou o blusão no pequeno roupeiro. — Hoje encontrei o Keno no café. Deu-me boleia para casa.

— Que é que ele te disse?

— Nada. Perguntou porque é que não tens aparecido. O costume.

Oh, falou muito, mas não disse nada, sabes como é.

— Porque é que ele não entrou para dizer olá?

— Eu não tinha a certeza de que estivesses em casa — disse Tommy -; e eu e ele não temos nada para dizer um ao outro.

— Não gostas do Eddie, pois não?

— Ele não é mau tipo. Gosto mais dele do que da maioria daqueles palhaços que andam por aí — disse Tommy. — Pelo menos não tenta engatar-me.

— Compraste os ténis?

— Sim. Dei cinquenta e três dólares por eles, não faz mal?

— Claro que não, se te sentes bem com eles. Compraste pretos ou azuis?

— Pretos. — Tommy estendeu o pé. — O mesmo número dos dois últimos pares que comprei. Acho que parei mesmo de crescer.

— Isso é uma boa coisa. Já és suficientemente alto para um trapezista — disse Mário. — Escuta, aquele grupo anda mesmo a dar-te problemas, Tommy?

— Raios, não. Sei muito bem cuidar de mim.

— Eu avisei-te no que te irias meter se andasses por aí comigo.

Tommy girou sobre si próprio e disse:

— Eu sei cuidar de mim. E seja como for, eles sabem que quando eu digo, não obrigado, estou a falar a sério. Mas os teus amigos não gostam lá muito de mim e eu não gosto lá muito deles, e acho que a atitude mais inteligente que alguma vez tomaste foi deixar de andar por aí pela cidade com aquele bando de... de...

— Porque é que tens tanto medo da palavra, Tommy?

Tommy disse com brusquidão:

— Muito bem, maricas, se queres que o diga. Se te dá gozo ouvires-me dizê-lo.

— Só não quero que te iludas. Se não te importas de ser — utilizou a palavra deliberadamente — maricas, então não quero que tenhas medo de dizer a palavra ou de me ouvir dizê-la.

Ou de o admitir.

Tommy pôs as mãos nas ancas, numa atitude beligerante.

— Está bem, está bem, raios. Sou maricas. Mas não tenho mais em comum com aqueles filhos da mãe do que tu.

— Eu tenho mais do que tu pensas, Tommy.

— Pois bem, eu não. Excepto — acrescentou escrupulosamente -, que por acaso somos todos maricas. E não tenciono fazer disso a minha carreira, como eles fazem.

— És muito intolerante, não és, miúdo?

— Sim, pessoas que têm telhados de vidro não têm nada de atirar pedras ao telhado do vizinho, e esse género de coisas.

Claro, sou maricas, mas isso é uma questão da minha vida privada e não ando por aí a atirar com isso à cara das pessoas.

Mário tirou as pernas de cima da cama e sentou-se.

— Talvez eles não consigam evitar ser assim, assim como nós não conseguimos evitar ser como somos.

Mas ao menos podiam tentar — disse Tommy com a intolerância dos muito novos. — E fico enjoado de os ver fazer avanços a cada rapaz novo que aparece.

Mário riu-se e passou um braço por trás das costas dele.

A culpa é tua, puto. Não devias ser assim tão bem parecido.

Com essas sardas sensuais, e tudo.

Tommy riu-se.

Deixa-te de tretas, está bem? Conta-me lá o que se passou com o Lionel. — Depois, quando a expressão risonha se desvaneceu do rosto de Mário disse: — Correu mal, foi?

Mário sentou-se na beira da cama.

— Tenho estado a adiar isto. Vem sentar-te ao pé de mim, Lucky. — Passados alguns instantes Mário disse: — Foi assim, miúdo. O Lionel fez-me uma proposta, e muitíssimo boa. Mas não nos aceita aos dois.

— Meu Deus, outra vez essa história? — Estava evidentemente à espera que Mário lhe repetisse o que dissera no ano anterior: que ou trabalhavam como uma equipa, uma família, os Santellis Voadores, ou então não trabalhavam.

Mas Mário ficou silencioso durante muito tempo, e depois disse:

— Olha, Tom, eu podia enganar-te, dizer-te que é por causa do Starr ter aquela política de não ter ninguém nos números aéreos com menos de vinte e um anos. Mas é mais do que isso.

— Bolas, o Starr não é o único circo do mundo!

Mário ficou em silêncio durante muito tempo e depois respirou fundo.

— No que nos diz respeito, é muito bem capaz de ser. Tom, descobri porque é que o Sorenson nos mandou embora depois de termos trabalhado uma semana, e porque é que nem sequer conseguimos falar com o Clint Redmann, e porque é que o Braden nos disse que não tinha vagas e depois contratou os Russos na semana seguinte. Puto... — Hesitou de novo, sem saber como havia de dizer aquilo, sabendo que a culpa era totalmente sua e não de

Tommy, sentindo-se esmagado pelo enorme peso da sua culpa. — Miúdo, sabias que estamos na lista negra?

Na lista negra? Porquê?

— Usa a cabeça — a voz de Mário soou com brusquidão.

O Coe Wayland deu com a língua nos dentes.

— Oh, com mil raios — disse Tommy num sussurro: — Com mil raios.

— Sim, com mil raios. E, escuta, Tom — Mário pegou-lhe na mão e apertou-a com força. — Ficarmos juntos é suicídio. Lionel pôs tudo em pratos limpos. Tentará lutar contra a lista negra por mim, e com a tua idade, ninguém se vai importar contigo. Eu queria dizer ao Lionel que fosse pentear macacos. Mas com as coisas ! neste pé, estamos acabados, e tu sabes disso, acabados como ! equipa. Talvez nos safássemos, num número com a família. Mas já não há um número da família. O Lionel está a arriscar-se e muito por mim. Vou ter o segundo lugar no cartaz — Fortunati e Santelli, ou mesmo Fortunatis Voadores — durante um ou dois anos, se o Starr ainda estiver nervoso por causa da lista negra. Não há forma de lutarmos contra isto, miúdo. Não temos saída. Juntos, não.

Tommy fechou os olhos por instantes. Parecia mais novo do que era, vulnerável e, a Mário, lembrava-lhe dolorosamente a criança que fora quando ele o conheceu. Depois levantou-se da cama, tirando a mão da mão de Mário, e ficou de pé à janela, olhando para as casas meio arruinadas do outro lado da rua. Mário foi ter com ele, mas Tommy empurrou-lhe a mão.

— Tu e os teus lindos discursos! Sobre como iríamos ficar juntos acontecesse o que acontecesse!

— Eu nessa altura não sabia da lista negra, Lucky.

— Se te querias ver livre de mim, porque é que não me disseste? Porque é que me enganaste? Porque é que não me dizes directamente que arranjaste outro namorado?

— Por amor de Deus — disse Mário. — Tu não achas que o Lionel...

Tommy engoliu em seco.

— Para ti, isso até é capaz de ser um alívio — disse. — Vais poder jogar pelo seguro. Arranjaste um parceiro com quem não



precisas de te preocupar!

Mário fechou os olhos.

— Isso foi um golpe muito, mas muito baixo, miúdo, — E achas que o que acabaste de dizer não foi?

— Oh, meu Deus — disse Mário e deixou-se cair novamente em cima da cama. — Pensas que eu não sei como tu te sentes; pensas que eu não compreendo; puto, eu sei que tu podias ter-te safo perfeitamente no Woods-Wayland. Tudo o que tinhas de fazer era ir ter com o Coe Wayland e dizer ao patrão que não fazias a mínima das ideias do que eu estava a tentar fazer contigo, e terias saído perfumado como uma rosa e eu teria ficado enterrado em lama até ao pescoço. Podias até ter feito com que eu acabasse na prisão.

E o que é que tu pensas que eu sou?

És o meu miúdo — disse Mário tentando sorrir-lhe.

E isso serviu-me de muito! — lançou-lhe Tommy. — Mas quando pensei que poderíamos ficar juntos, eu... eu não me ralei.

Só que agora... — Foi tudo o que conseguiu dizer. — Tudo o que tu consegues fazer é falar da porcaria da lista negra...

A voz de Mário endureceu subitamente.

— Raios, Tom, vamos acabar com as brincadeiras. Só há uma forma de ultrapassar esta situação. Mas se me queres atirar à cara que perdeste o emprego por teres ficado a meu lado, e que agora eu devia ficar do teu...

— Olha, Mário, eu não disse...

— Cala-te — disse Mário com rudeza. — Estou a dizer-te qual é a hipótese que temos de ultrapassar esta situação. Posso ir com o Lionel e encontramos outro emprego para ti. A outra hipótese, não, raios, vais-me ouvir; já disseste o que pensavas e agora é a minha vez, e eu estou pronto a optar por ela se tu o decidires.

Mudamos os nossos nomes, desaparecemos da vista da família, e escondemo-nos num espectaculzinho miserável qualquer do Sul, daquele tipo de espectáculos que contrata qualquer coxo que lhe apareça, actuando para ouvir a banda, conduzindo os camiões, e vendendo rifas nos quiosques entre os espectáculos.

Talvez penses que consegues aguentar isso, depois de ter actuado na pista central com os Santellis Voadores, mas eu não acho. Porque essa é a única possibilidade que temos de continuar juntos.

Tommy apoiou a cabeça nos braços cruzados contra o vidro frio da janela enquanto Mário continuava, por trás de si, em voz rouca de dor:

— Se ficarmos juntos acabaremos por desistir de voar para sempre, porque os únicos espectáculos que podem ignorar a lista negra e contratar-nos aos dois, são demasiado pequenos ou demasiado rascas para terem um número de trapézio voador. O Lionel tem um nome suficientemente importante para lhe permitir lutar contra a lista negra, e está a fazê-lo, não por mim, mas porque também é da família. E, não sei o que tu queres, miúdo, mas eu quero voar.

Esticou uma mão na direcção do rapaz, mas ao ver a expressão do rosto de Tommy retirou-a. Quando Tommy falou finalmente, fê-lo com uma voz inexpressiva e oca.

— Muito bem, Mário. Estou a perceber o que queres dizer Não há mais nada que possas fazer.

— Sinto que te estou a apunhalar pelas costas, miúdo. Mas juro por Deus que não vejo outra saída. E não será por muito tempo. Uma ou duas temporadas, só até que os boatos esmoreçam.

Então, faz ou não faz sentido?

— Claro — disse Tommy, na mesma voz inexpressiva -, faz imenso sentido.

— Cuidarei que não saias prejudicado. Vão-me pagar o mesmo que pagavam à família inteira no Woods-Wayland...

— Se me ofereceres dinheiro, Mário, mato-te — disse Tommy sem levantar a voz.

— Com os Santellis sempre partilhámos o dinheiro igualmente, no que me diz respeito.

— Mas eu não sou um Santelli. O Johnny avisou-me há bastante tempo de que não me deveria esquecer disso. De qualquer forma tu mesmo acabaste de dizer que os Santellis estão acabados.

Muito bem, diz ao Lionel que arranjou um parceiro.

Foi até ao armário e tirou de lá a sua mala bastante usada.

Enquanto Mário o olhava, atordoado, começou a dobrar a roupa e a metê-la lá dentro. Mário acabou por perguntar:

— Afinal que é que tu pensas que estás a fazer?

— A mala. No caso de ser da tua conta. Que já não é.

— Enlouqueceste? — Mário agarrou-o e começou a abaná-lo.

— Vais-me deixar?

— Essa também é boa — disse Tommy com um sorriso amargo. — Olha, tira as mãos de cima de mim. Estou a falar a sério. Não quero acabar tudo isto com uma grande briga.

— Briga?

— Quero dizer, um par de dentes partidos. — Tommy empurrou-o com força. — Estou a falar a sério, raios, tira as mãos de cima de mim. A não ser que — contorceu a boca -, a não ser que te dê gozo partires-me um braço ou deslocares-me um ombro como presente de despedida.

Mário soltou-o e caiu em cima da cama.

Acho que mereço isso. Mas serás capaz de me dizer que mais poderia eu ter feito?

— Absolutamente nada. — Tommy abriu uma gaveta de roldão e começou a separar as calças de ginástica que estavam misturadas umas com as outras. — Não sei quais destas são minhas.

Vou levar os dois primeiros pares que conseguir desenrolar, está bem?

— Leva tudo o que quiseres, Lucky. Mas não tens de te ir embora assim. Não podemos conversar?

— E que é que há para conversar? Já disseste como as coisas eram.

— Escuta, vou pedir ao Lionel que te arranje qualquer coisa...

— Não quero favores teus.

— Talvez seja boa ideia ires para casa durante uns tempos.

A Lúcia nunca gostou que ficasses aqui comigo. O Angelo conhece toda a gente no meio...

— Queres acabar com essas tretas? Para casa? Quem é que pensas que estás a enganar?

— É a tua casa, Lucky. Sabes disso tão bem como eu.

O Angelo adora-te. Ele virar-se-á do avesso para te arranjar um bom contrato para a temporada. É só pedires-lhe.

— E vê-lo todo contente por nós nos termos separado? Nem pensar! — Tommy fechou a gaveta com estrondo, atirou um par de ténis para dentro da mala e começou a fechá-la.

— Lucky... — implorou Mário -, olha para mim. Não te queres sentar, beber qualquer coisa e conversar sobre isto?

— Por amor de Deus! — gritou-lhe Tommy, e a Mário o grito soou como o guincho que ele soltara quando lhe tinha fechado a porta do carro nos dedos. — Quanto mais é que tu achas que eu consigo aguentar?

Mário voltou a cair na cama e enterrou a cara nas mãos. Disse Por entre os dedos:

— Um dia ainda me vais agradecer por isto, Tom.

— Ou pelo menos agrada-te pensar que assim será? — Tommy fechou o fecho da mala e enfiou os braços no blusão de ganga.

Olhou para o quarto com um olhar clínico e frio. — Bem... havemos de nos ver por aí, acho eu, um dia.

— Tom... não te vais embora, assim?

— Ensinaste-me a não gostar muito de despedidas longas e ternas.

Mário ergueu-se e disse:

— Tom, promete-me que...

— Vai para o diabo com essas coisas! — disse Tommy.

Nada de promessas. Não as cumpriria melhor que tu.

— Seu fedelho teimoso! — faltou a voz a Mário. — Estás a fazer isto de propósito. Já te tentei explicar porque é que tinha de ser assim. — A voz tremeu-lhe e depois deixou transparecer toda a angústia. — Pelo menos diz-me o que vais... Não me faças...

Raios, Tommy, tu ainda és o meu... o meu miúdo.

No limite da resistência, Tommy disse:

— Escuta-me. Disseste-me uma vez: disseste que era para meu bem, que não podias dar as minhas quedas por mim. E quem está a pedir-te que o faças? Deixa-me fazer isto rapidamente e com limpeza. Sem pieguices. Sem orações fúnebres. E por amor de Deus, sem beijos nem lágrimas!

— Deus do Céu! Sabes ser duro, não sabes?

— Tenho de ser. Não sou suficientemente grande para te poder partir o braço.

— Queres mesmo que isto seja assim?

— E que importância tem aquilo que eu quero? Esta é a única solução para mim.

Mário disse por fim:

— Muito bem. Faz como quiseres. — Tirou a carteira do bolso.

— Eu disse para não me ofereceres dinheiro, Mário, ou eu mato-te.

— Não te vou deixar sair daqui sem tostão no bolso. Eu tenho emprego. Tu nem sequer podes mexer no que tens no banco — disse Mário e Tommy acabou por encolher os ombros.

— Queres ficar sem mim na consciência, não é? Faz como bem te aprouver. De qualquer forma é o que vai acontecer.

Mário deu-lhe um maço de notas, sem contar, e Tommy enfiou-as nas calças de ganga sem olhar para elas. Hesitantemente, Mário estendeu-lhe a mão. Tommy pousou a mala por alguns instantes e dois pares de mãos apertaram-se por instantes, sem que nenhum se atrevesse a falar ou a olhar um para o outro. Mário acabou por tartamudear, como que soltando Tommy de uma corda invisível:

— Até à vista, Lucky.

— Acho que de felicidade, tem havido muito pouca. — As mãos separaram-se; Tommy levantou a mala, saiu do quarto e desceu as escadas.

Mário ficou sentado na cama, com a cara nas mãos, ficando onde estava à custa de uma disciplina férrea construída ao longo dos anos. Fora tudo o que ele pudera fazer para evitar agarrar o miúdo num dos seus antigos abraços, cheios de angústia, e prometer-lhe... prometer-lhe o quê? Nada de promessas. Não as cumpriria melhor que tu.

Não, assim é melhor. Deixa o miúdo ir. Vai-lhe custar durante algum tempo, mas tudo o que eu disse é verdade e ele sabe disso.

Foi até à janela e ficou ali. Viu Tommy sair da porta do prédio, ficar imóvel por instantes e depois seguir pela rua abaixo sem olhar para trás. Estava a dirigir-se à paragem dos autocarros. Ele irá para

casa. Ficará amuado durante uns tempos, depois vai acabar por ir para casa e eles olhar o por ele. O Angelo cuidar  bem dele, sobretudo quando souber que eu estou fora da jogada. Vou dar-lhe uns dias para ele se recompor. A família vai ficar do lado dele; não vai ter problemas nenhuns em arranjar um bom contrato para esta temporada...

Esta temporada. Tentou imaginar a temporada sem Tommy e viu que não conseguia. O Lionel pedira-lhe que se apresentasse nas instala es de Inverno na semana seguinte, por isso ia ter de entregar outra vez o quarto ao Eddie Keno.

Quando lhe tiver passado a fúria, há-de querer saber como   que as coisas me estão a correr. No entanto, talvez fosse melhor ir sem voltar a ver o Tommy, sem outra cena, outra briga...

Embora tivesse fechado os olhos, tudo o que conseguia ver era o rosto sardento de Tommy, ficando frio e hostil, estremecendo com as lágrimas que estava demasiado zangado para chorar.

Vulnerável, subitamente adulto, distante. Virou-se deliberadamente de novo para o interior do quarto, deixando cair a cortina da janela, lutando contra a premun o avassaladora de que nunca mais voltaria a ver Tommy.

*Livro Dois*

**O BASE**  
1952 — 1953

## *Capítulo I*

O parque de diversões era grande e vistoso, e a música do carrocel passava pela multidão em sopros semelhantes aos de um vento quente. Tommy Zane movia-se por entre a multidão que enchia a feira, passando por mães cansadas que arrastavam atrás de si crianças lamurientas, marinheiros de licença que passeavam em grupo de três ou de braço dado com raparigas vestidas com saias curtas e cabelos curtos e encaracolados. O seu olhar experiente descobriu a pequena barraca indiferenciada onde sabia que poderia obter resposta às suas perguntas.

— O Joe Santelli está por aí?

Olhos perscrutantes pousaram sobre si.

— Pode ser que sim. Que é que quer dele?

Tommy estava habituado àquele tipo de atitude, à desconfiança em relação aos estranhos.

— Eu costumava trabalhar com a família dele. Ele pediu-me que o procurasse quando saísse da tropa.

— Esteve fora muito tempo? — Uns meses. Estive na Costa Leste.

O homem virou-se e gritou:

— Ei, Giuseppe! Está aqui um tipo à tua procura!

Passado um minuto Joe Santelli apareceu nas traseiras da barraca, baixo e robusto com uma camisa às riscas de mangas arregaçadas até aos cotovelos, e o cabelo branco encaracolado.

Parece o Papa Tony.

— Joe? Lembra-se de mim?

Joe Santelli ficou a olhar para ele, pestanejou e depois estendeu-lhe a mão. Sorriu.

— Tommy! É bom ver-te, miúdo! Afinal onde raio é que tu te meteste? Na Marinha? No Exército?

— No Exército — disse Tommy. — Passei lá uns anos, estive dois anos na Alemanha. Como é que vão as coisas por aqui?



— Tudo bem... vai tudo bem — disse Joe. — Ei, eu ia mesmo agora fazer um intervalo para comer. Queres trincar alguma coisa?

— Está bem, obrigado.

Sentaram-se a uma mesa em frente da barraca, com tabuleiros cheios de batatas e camarões fritos cobertos de ketchup e começaram a comer. Joe explodiu de repente, por cima do barulho da música do carrocel:

— Onde raio é que tu te meteste, miúdo? Nós ficámos doidos, todos nós, completamente ralados contigo! O Angelo estava completamente perdido da cabeça!

Tommy ficou a olhar para o ketchup que lhe enchia o prato.

— Eu e o Matt brigámos. Eu fui-me embora, trabalhei com um grupo de saltimbancos na Costa Leste e depois alistei-me. Eu sabia que a Junta de Recrutamento me iria chamar mais cedo ou mais tarde, fosse como fosse. Mas pus mesmo o nome do Angelo como meu tutor, só que se calhar eles nunca confirmaram com ele.

— Recebemos uma espécie de aviso — disse Joe -, só que isso foi mais tarde. Nessa altura eu estava preocupado era com o Matt. Ele disse-nos que vocês tinham brigado por causa de o Lionel não te querer contratar para o Starr. Nunca o vi em tal estado, nem mesmo quando o Papa Tony teve de o ir buscar à cadeia por ele se ter metido num sarilho qualquer, quando era miúdo. Ele apareceu lá em casa a querer falar contigo, foi nessa noite que soubemos que tinham discutido, e a Lúcia disse-lhe que não te via há mais de uma semana, e que pensava que tu ainda estavas com o Matt na casa dele. E quando o Matt disse que vocês tinham brigado e que tu te tinhas ido embora, e que não te via há dias... aí é que se armou a maior das confusões, miúdo.

Ninguém lá de casa te vira. Comunicámos o caso ao serviço de pessoas desaparecidas, mas eles disseram que já tinhas idade suficiente para que ninguém te conseguisse encontrar a não ser que tu quisesses que te encontrassem, e que milhões de adolescentes desapareciam todos os anos. Procurámos-te na polícia e nos hospitais por toda a cidade, mas depois não havia mais nada que pudéssemos fazer. Foi uma coisa horrível o que tu fizeste à família, Tommy. A Lúcia ia dando em doida.

Tommy agarrou num camarão frito pela cauda e brincou com ele, mergulhando-o no ketchup, olhando para ele pensativamente, mergulhando-o novamente no molho e acabando por o largar no prato de papel sem o trincar. Disse:

Sim, eu sei. Não tenho lá muito orgulho nisso. Eu era um puto idiota.

— Bem, bolas, nós culpámo-nos a nós próprios por te deixar andar com o Matt — disse Joe. — Ninguém de fora da família deveria ter de aturar aquele feitio horrível que ele tem. Mas vocês deram-se sempre tão bem... E depois vai acontecer uma coisa daquelas. O Angelo, especialmente, culpou-se a si próprio. Levou aquilo muito a peito, por causa de ser o teu tutor e isso tudo.

— Eu sei — tartamudeou Tommy. — Sinto-me pessimamente por causa disso. Mas depois eu mandei um postal à Lúcia... achei que lhe devia dizer que estava bem. Mas por essa altura já eu estava na recruta.

— Bem, isso agora já são tudo águas passadas — disse Joe. — Que é que vieste cá fazer, Tommy?

Tommy pegou no camarão esquecido no prato e trincou-o.

Por fim disse:

— Pensei vir saber notícias do Mário... onde é que o Matt está a trabalhar. Gostava de o voltar a ver. Acho que também lhe devo uma desculpa.

— Meu Deus, então não sabes? — perguntou Joe, e depois disse: — Não. Não podes saber. Tendo estado na tropa, no estrangeiro, não havia razão para te maneres ao corrente das notícias do circo...

Tommy sentiu o velho nó seu conhecido apertar-se-lhe no peito.

— Ele... ele está bem, não está? Não... não morreu, nem coisa assim?

As palavras de Joe pareceram soar para lá do apito que lhe enchia os ouvidos, muito ao longe.

— Não, ele está vivo, tanto quanto nós sabemos. Só que nós não sabemos, e aí é que está a questão. Não tens lido o Billboard?

— Não vejo nenhum número desde que me alistei.

— Espera só um bocadinho. — Joe levantou-se e atravessou a rua estreita desaparecendo dentro de um quiosque e finalmente voltou com um número do Billboard na mão. Abriu-o e passou-o a Tommy com uma página virada para cima, apontando com um dedo para um pequeno anúncio.

— A Lúcia tem aí esse anúncio já há quatro anos. Não que isso tenha adiantado alguma coisa.

Apontou com o dedo grosso para a coluna dos anúncios pessoais. Tommy leu, com os olhos focando-se e desfocando-se:

Matthew Gardner, Jr. também conhecido por Mário Santelli. Qualquer pessoa que saiba do seu paradeiro é favor contactar Lúcia Santelli Gardner.

E por baixo a direcção da família.

— Ela começou a pôr aí o anúncio há quatro anos — disse Joe -, depois de o Matt ter tido aquele acidente grave. Foi no mesmo ano em que a Nonna morreu, nessa Primavera, mais ou menos por alturas da Páscoa...

— Espere — disse Tommy -, deixe ver se percebo. Ele era cabeça de cartaz no Starr. Eu disso soube. Uma vez vi-o actuar com o Lionel. Tinha acabado de sair da recruta, e o espectáculo era a vinte ou trinta quilómetros do sítio onde eu estava.

Ele assistira, as mãos apertando-se na escuridão enquanto Mário voara com uma perfeição e exactidão milimétricas para as mãos de Lionel num triplo perfeito. Quase que fora aos bastidores para falar com Mário depois do espectáculo, tendo encontrado o caminho no acampamento familiar sem que ninguém desse por ele.

Havia visitantes fardados por todo o recinto. Só que a visão de Mário e Lionel, de braço dado enquanto saíam da pista, fizera-o parar. Deixa as coisas como estão. É tudo passado, acabou-se.

— Sim, ele esteve dois anos no Starr — disse Joe. — Não, um ano e meio. Queres mais uma cerveja, Tommy? Não? Bem, no início da segunda temporada, ele e a rapariga que entrava no número, a mulher do Matt...

— Ele casou-se? — Aquilo era inacreditável.

— Oh, claro — disse Joe -, durante a primeira temporada no Starr. Passaram o Inverno connosco. O bebé nasceu nesse Inverno.

A rapariga até era simpática. Parecia-se muito com os Santellis. A Lúcia dizia que ela era igualzinha à Liss. Era Susan qualquer coisa. Não, Sue Ann... Susan... — Franziu o sobrolho.

— Sue-Lynn? — Tommy sentia-se como se tivesse entrado num pesadelo.

Sue-Lyn, era isso... eu sabia que era um desses nomes duplos que eles têm lá no Sul. A Lúcia no entanto sempre lhe chamou Susan. Era a filha do Pete Challoner; cresceu com um número de trapézio. Bem, depois de o bebé ter nascido, ela estava a trabalhar com o Matt e o Lionel no espectáculo quando aquilo aconteceu. Tiveram uma queda grave. O Lionel deu cabo do ombro, e sabes o que isso quer dizer para um trapezista.

A Susan partiu o nariz e ficou com a cara em bastante mau estado, mas não ficou ferida com gravidade.

— E o Mário?

Joe encolheu os ombros.

— Deu cabo do pulso doente, aquele que sempre lhe deu problemas. E teve um traumatismo craniano, mas eles disseram que ele iria ficar bom. Da última vez que foi visto foi quando a Susan foi ter com ele ao hospital para lhe pedir o divórcio, não sei porque é que isso foi; eles sempre me pareceram bons amigos, e ela disse que ele falou muito sensatamente com ela e que lhe passou um cheque para ela se aguentar mais a Suzy, que era o bebé. Tinha só alguns meses nessa altura. A Lúcia teve um ataque quando soube do divórcio, mas isso não vem agora para o caso. Bem, ela disse que ele foi amigável, calmo como sempre; mas nessa noite telefonaram do hospital a dizer que ele tinha saído sem consultar o médico e foi a última vez que alguém ouviu falar nele. Parece que se evaporou da face da Terra. Nem uma palavra, nada, desde esse dia até hoje.

— A polícia não podia...

— Tentámos. Mas ele era um homem adulto, por isso não havia nada que eles pudessem fazer. Só se a Sue-Lynn quisesse apresentar queixa e mandá-lo prender por não pagar a pensão a filha. Ela estava a viver connosco, não estava a trabalhar e estava falida. Eles perguntaram-lhe se queria mandá-lo prender, mas ela disse que na

prisão ele não lhe servia de nada, e que Podia ir para o Inferno. Ela agora anda na estrada com o Starr.

Podias escrever-lhe para ver se ela sabe alguma coisa. Mas acho que se ela tivesse sabido de alguma coisa teria dito à Lúcia. Ela as vezes vem cá ficar uma ou duas semanas com o bebé, fora da temporada. A Suzy agora deve ter aí uns quatro anos. É muito parecida com a filha da Liss... não, tu nunca viste a pequena Cleo, pois não?

Tommy abanou a cabeça.

— E não faz ideia onde o Mário pára? Ideia nenhuma?

— Não faço a mínima ideia. Mas não está a voar sob o seu próprio nome nem com o nome da família. É tudo o que eu sei. Pode estar em qualquer sítio. A trabalhar com uns saltimbancos quaisquer. A dançar ou coisa assim, ele costumava dançar muito, até queria seguir a profissão, quando era miúdo. Pode estar na Marinha... pode estar na China! Só Deus sabe. Já desistimos mais ou menos de o encontrar. Se ele tivesse morrido era provável que o soubéssemos. Nunca pensei agradecer a Deus ele ter cadastro na polícia, mas isso quer dizer que se ele morresse poderiam identificar o corpo e avisar a família.

Tommy estremeceu e Joe olhou-o com simpatia.

— Sim, vocês eram mesmo bons amigos, não eram? Parceiros.

— Mais como irmãos.

— Eu sei. Todos nós tínhamos a melhor opinião a teu respeito, Tom. Especialmente o Angelo. Ele ainda fala de ti às vezes.

Escuta — empurrou o banco com as duas mãos e pôs-se de pé -, gostava de ficar aqui sentado contigo a conversar, mas tenho de voltar ao trabalho. Onde é que estás a dormir?

— Em sítio nenhum — disse Tommy. — Estou só de passagem.

— Dá uma volta por aí e vem comigo lá a casa. A Lu adoraria ver-te e há lá muito espaço para dormires. E os meus filhos..., tu e a Barbie costumavam ser amigos quando estavas na escola, recordo-me disso.

— A Barbie era boa miúda. Que está ela a fazer?

— Dança — disse Joe. — Entrou num par de filmes, a dançar numa daquelas cenas de haréns. Conseguia-se vê-la ao fundo, aí

durante uns dez minutos. E dobrou uma atriz, a voar, num filme sobre o circo. Acho que não é grande coisa como atriz, mas é boa bailarina e é uma acrobata e pêras. Trabalha como figurante para os estúdios e também faz algum trabalho de duplo. Sei que ela gostaria de te ver. Saio às dez; levo-te para casa...

Tommy abanou a cabeça.

— Tenho o carro lá fora.

— Bem, bolas, miúdo, sabes o caminho para casa. Não és nenhum estranho. Podes ir pela nova auto-estrada até a dois quarteirões de distância de lá de casa. Agora já não levamos a vida inteira para chegar a casa!

Alguém gritou:

— Ei, patrão...

Joe virou-se apertando apressadamente a mão de Tommy.

Então, até logo, miúdo, está bem? Olha, não te vás embora, falo contigo mais tarde lá em casa?

Tommy saiu lentamente do recinto e dirigiu-se ao seu carro.

Tinha o espírito num tumulto. Mário, casado, com uma filha.

Mário tinha partido, tinha-se evaporado, desaparecido. Ficou a olhar para o Billboard que continuava na sua mão.

A Lúcia pôs aí esse anúncio faz agora quatro anos. Não que isso tenha adiantado grande coisa.

Mário tinha partido, desaparecido como o Barney Parrish.

A ideia atravessou-lhe o cérebro e ele sentiu um arrepio.

O grande trapezista perdido, desaparecido no limbo dos sucessos esmagados, dos sonhos desfeitos. E Mário depois dele, desaparecido, desaparecido sem deixar rasto...

Pousou o Billboard no assento e ligou o carro, tomando o caminho tão familiar. A casa Santelli, ao fundo do caminho, pareceu-lhe mais pequena, mais velha, a precisar de uma pintura.

Parou o carro antes de passar pelos portões e ficou ali sentado, olhando à distância, recordando a primeira vez que vira aquela casa. Quão espantado ele ficara! Visualizou-se a si próprio a subir o caminho familiar, atravessando o alpendre, tocando a campainha.

Quem abriria a porta? Que lhe diriam?

A porta abriu-se, um espaço sombrio que dava para o interior familiar e desconhecido, e uma mulher saiu para o alpendre.

Tommy não a reconheceu. A Nonna? Não, o Joe disse que a Nonna morreu no ano do acidente do Mário. Deus tenha a sua alma em descanso, pensou Tommy. Ela era uma velhota amorosa, ainda que nunca tenha percebido quem eu era. Devia ter mais de noventa anos. A Lúcia? Alguma empregada de limpezas?

De repente imaginou que os olhos da mulher desconhecida estavam fixos no carro estranho parado do lado de fora dos Portões e sentiu-se apreensivo, incapaz de encarar a situação.

Rapidamente engatou a mudança e foi-se embora.

## *Capítulo II*

O vento quente e seco de Setembro varria as ruas de Abilene, Texas, empurrando as folhas castanhas e secas caídas das noqueiras. Tommy Zane levou o carro até à esquina examinando o cartaz do circo que estava colado na parede, depois desligou o motor do carro e pegou no exemplar do Billboard que tinha sobre o assento.

Os circos grandes, como era evidente, estavam fora de questão.

Se Mário estivesse a trabalhar em qualquer um deles, alguém teria sabido disso. E embora ele tivesse parado e investigado junto de cada grupo de saltimbancos por que tinha passado ou visto anunciado no Billboard, Tommy sabia, em termos racionais, que se Mário se tivesse escondido no recinto de qualquer feira nunca seria encontrado a não ser que o quisesse. Seria mais fácil, em comparação, encontrar uma agulha num palheiro.

Mas os pequenos circos eram uma possibilidade. Mesmo aí seria necessária sorte, muita sorte; e Tommy encarou a possibilidade de Mário, tendo escolhido esconder-se nesse tipo de circo, não querer ser encontrado.

Raios, eu não quero nada dele. Só quero saber se ele está bem. Sabia também que aquele tipo de busca era um luxo, um capricho, que não poderia prolongar-se por muito mais tempo.

Mas em Wichita Falls, no dia anterior, ao fazer as perguntas costumeiras no recinto de um pequeno espectáculo ambulante, tinham-lhe dito que havia trapezistas a trabalhar num pequeno circo que por lá tinha passado na semana anterior. E ao olhar para um dos cartazes que tinha ficado na parede — o irmão gémeo daquele para que olhava agora em Abilene — vira, junto à base do cartaz, a seguinte legenda:



## REDDICK E GARDNER PROEZAS FABULOSAS NO TRAPÉZIO VOADOR!

Aquilo parecera-lhe justificar um dia de desvio do seu caminho. Do caminho uma gaita. Eu não vou para sítio nenhum.

Voltou a examinar o cartaz, Reddick e Gardner. Mas, pensou, pode ser, é mesmo possível que seja, o Johnny. Não se conseguia recordar do nome de solteira da Stella, mas lembrava-se de que o número deles no trapézio duplo era Gardner e qualquer coisa.

Gardner não é um nome assim tão pouco vulgar. Pode ser qualquer pessoa. Provavelmente é mesmo. Mas, pensando na possibilidade remota de ser Johnny, até gostaria de o ver. Não tinha perguntado a Joe onde estava Johnny. E era óbvio que onde quer que Johnny estivesse, não estava a trabalhar em nenhum dos circos maiores, ou Tommy, no seu exame pormenorizado de cada roteiro, de cada elenco, de cada número mencionado na Bíblia profissional dos circos e dos grupos de saltimbancos, já teria certamente visto o seu nome, ou como Santelli, ou como Gardner.

Mas aquele espectáculo não vinha sequer no Billboard. Era patrocinado por uma estância de veraneio local e estava instalado nos arredores da cidade. Era um espectáculo ao ar livre como o Lambeth, com o aparelho de trapézio voador e um grande poste erguendo-se acima das casas baixas ao fundo da cidade.

Tommy estacionou o carro num terreno vazio junto ao recinto deserto dos rodeos e entrou. Deu uma nota de dólar ao porteiro e ouviu o som da charanga por detrás das tábuas.

Os odores estranhamente familiares, bem como o cenário, os pequenos barulhos bem seus conhecidos, fizeram mexer qualquer coisa dentro de si, algo que ele já quase esquecera. Ou tentara esquecer. Sentiu-se momentaneamente tentado a dar a volta por trás do acampamento, mas afastou prontamente essa ideia, e trepou para um lugar numa das bancadas.

O espectáculo já começara. No céu, o sol escaldante do Texas, ligeiramente encoberto pelo pó acastanhado, brilhava sobre as filas de bancadas de madeira empenada. Fora montada uma única pista com uma pequena plataforma quadrada, ao lado da qual estava a

ser empilhada por um aderecista uma série de monociclos. Um operário estava a polir umas barras paralelas com um pano de flanela. Ao fundo estava montado um aparelho de trapézio com uns oito metros de altura, mais pequeno do que aquele que existira no Lambeth. Vendedores percorriam a bancada central que se ia enchendo aos poucos, vendendo pipocas, chapéus de palha e gelados. Um palhaço, vestido com um uniforme burlesco imitando o de um polícia e com uma enorme estrela de lata ao peito, percorria as filas na base da bancada central apertando a mão de crianças que se desfaziam em risadinhas.

No desfile de abertura não havia ninguém que se parecesse nem mesmo remotamente com Johnny, embora houvesse duas mulheres novas e louras que poderiam ser Stella, com um ar mais velho, e num carro alegórico, sob toucados de penas índios, viu um ou dois homens morenos que lhe recordaram, ainda que vagamente, Mário.

O Circo e Exibição Equestre Blanding era pouco mais que um rodeo itinerante com uns quantos números de circo enxertados.

Os números apresentados eram sobretudo a exibição de truques do Oeste e cavalos amestrados. Tommy não percebia nada de equitação nem estava interessado em perceber, e não tinha qualquer interesse por animais amestrados. Ficou ali sentado, cheio de tédio, durante a maior parte do espectáculo, pensando de vez em quando em ir-se embora. Houve um pequeno número de equilibrista com bicicletas, um par de chimpanzés amestrados que andavam numa bicicleta dupla, e três rapazes adolescentes que trabalhavam nas barras paralelas com um nível de exibição inferior ao que Tommy já vira nos ginásios das grandes escolas secundárias. Mas quando o altifalante anunciou os trapezistas, Tommy endireitou-se despertando da sonolência induzida pelo sol escaldante e viu-os entrar pela porta dos artistas ao fundo da pista.

E não era Johnny. Não era mesmo Johnny. Era Mário.

Parecia mais velho e mais magro. Tinha vestidas umas calças de ginástica de um vermelho comido pelo sol e estava em tronco nu. O seu rosto ostentava uma expressão ausente e sombria. Não olhou para as bancadas nem para as crianças barulhentas. Tommy sentiu a

boca seca quando Mário trepou pela corda do aparelho com um estilo que fazia os seus dois parceiros parecerem desajeitados. Tommy desviou os olhos da pista e fez sinal a um dos homens que percorria as bancadas dando-lhe trinta cêntimos por um copo cheio de gelo e de uma bebida com um vago sabor a laranja. Deu um ou dois golos e pousou o copo no chão esquecendo-se imediatamente dele. Os outros dois elementos do número de trapézio eram um base atarracado, com braços musculados como os de um gorila, e uma mulher pequena e de expressão dura com os cabelos pintados de louro e encaracolados, vestida com um fato vermelho coberto por lantejoulas vistosas.

A rapariga fez umas passagens com um estilo muito amador e depois Mário fez um duplo mortal que fez com que Tommy se espantasse — até perceber que era a falta de jeito do base que o tinha feito parecer trapalhão. Depois, no retorno, Mário girou subitamente numa pirueta rapidíssima e elegante que fez com que lhe faltasse a respiração. Mas o que é, pensou ele, que o Mário está a fazer aqui? Os miúdos gritavam e aplaudiam e Mário virou-se, com uma sombra dos seus antigos sorrisos endiabrados, e dobrou-se numa ampla vénia.

Enquanto os trapezistas saíam pelo portão, Tommy viu o base erguer os olhos brevemente para Mário; a mão dele pousou-lhe por instantes no ombro.

Seria aquela a razão? Aquele novato desajeitado e sem préstimo... tê-lo-ia Mário seguido até àquele miserável espectáculo de feira? Tommy cerrou os maxilares. Sentiu-se tentado a meter-se no carro e a ir-se embora sem lhe ir falar.

Em vez disso deixou-se ficar até os miúdos barulhentos terem saído do recinto. Depois, deu a volta lentamente até ao acampamento, por entre os cabos eléctricos estendidos e os atrelados estacionados. Um palhaço enxovalhado, vestido com roupas normais mas ainda maquilhado, estava sentado nos degraus de um camião a fazer festas a um cão enorme com uma fita ao pescoço. Tommy parou a seu lado.

— Onde é que posso encontrar o trapezista? O Gardner?

A cara pintada do palhaço contorceu-se num desapontamento exagerado.

— Lamento imenso, senhor, mas desencontrou-se dele por pouco. Acabo de o ver sair para a cidade. Provavelmente foi comer qualquer coisa.

— Mas... — começou Tommy a dizer e depois riu-se, percebendo que o palhaço cometera o erro natural de pensar que Tommy era um estranho, alguém do público. — Deixa-te de tretas, bola de sebo. Ele nem teve tempo para despir as calças de ginástica, a não ser que agora também seja mágico nas horas vagas.

Sobressaltado, o palhaço olhou para ele e depois riu-se.

Parece-me que deve ter razão. Mas olhe que ele depois atira-se é a mim se você for um cobrador, ou um funcionário do tribunal.

Não venho cobrar nada — disse Tommy. — Trabalhei com ele num dos circos que actuam em tendas, há já alguns anos, num outro número. Vim só dizer olá.

O palhaço apontou.

— Aquele ali é o atrelado dele. O verde.

O atrelado verde era pequeno — demasiado pequeno para alojar uma família — e parecia em mau estado e a precisar de uma pintura. Era provavelmente um modelo de antes da guerra.

Tommy tropeçou num cabo eléctrico enquanto subia um degrau e batia à porta.

Lá dentro ouviu a voz grave sua conhecida, uma voz tão inesperadamente casual que sentiu qualquer coisa mexer dentro de si.

— Vai ver quem é, está bem, Jack?

Tommy pensou, Se aquele base abre a porta, eu digo que é engano e desapareço daqui para fora. Em vez disso a porta foi aberta por um rapaz com 14 ou 15 anos, em calças de ganga, e o cabelo escuro a cair-lhe para a testa em caracóis. Olhou desconfiado para Tommy e perguntou:

— Que é que quer?

— Estou à procura do Matt Gardner — disse Tommy.

Depois, num impulso, acrescentou: — diz-lhe que está aqui o irmão dele.

— Não sabia que ele tinha um irmão. — O rapaz virou-se e levantando a voz disse: — Matt, está aqui um tipo que diz que é teu irmão. Tens algum irmão?

— Tenho um par deles — disse a voz bem conhecida, e depois, muito simplesmente, sem preparação nem rufar de tambores, Mário apareceu na soleira da porta. Continuava em tronco nu. Tinha vestidas umas calças velhas de bombazina. — Mas não sei o que qualquer um deles estaria a fazer... — Calou-se e ficou a pestanejar sob a luz do sol; depois, abruptamente, os seus olhos focaram-se. Pestanejou mais uma ou duas vezes e disse:

Tommy?

— Olá, Mário.

Mário não se mexeu. Continuou a olhá-lo fixamente.

— Eu... eu quase não te reconheci.

O adolescente observava-os, cheio de curiosidade.

— Então ele é teu irmão, Matt? Tudo bem?

— Sim, claro que está tudo bem. Entra, Tom.

Tommy ficou de pé sobre os degraus numa atitude de desafio.

— Oh, não quero intrometer-me...

Mário abanou a cabeça.

— Não está aqui ninguém, só eu. Vivo sozinho. Os Reddicks têm o atrelado deles ali à frente. — Olhou para o rapaz.

Tommy, este é o Jack Chandler. O pai dele faz parte do número equestre. Escuta, Jack, importas-te? Eu já não vejo aqui o miúdo há... bom Deus, há cinco anos? Vai-te embora, está bem, puto?

— Claro. — O rapaz dirigiu a Tommy um sorriso encabulado e disse: — Prazer em conhecê-lo — e foi-se embora. Pela primeira vez desde que aparecera à porta, Mário mexeu-se; agarrou na mão de Tommy e apertou-a com força.

— Agora o tonto do miúdo vai espalhar pelo acampamento todo, para aí nos próximos dez minutos, que afinal o lobo solitário até tem um irmão.

— Bem — disse Tommy -, podes sempre renegar-me.

Mário continuava a segurar-lhe na mão. Pareceu tomar consciência disso e largou-a, com uma pequena gargalhada nervosa.

— Afinal por onde é que andaste, Lucky? Como é que vieste aqui parar?

— Oh, andei por aí. A maior parte do tempo estive na tropa.

Mário parecia-lhe mais pequeno e mais magro. Tinha rugas em torno dos olhos e as suas mãos calejadas estavam secas e gretadas. Estava tão bronzeado que parecia um índio. Estava mais velho e embora continuasse a ser bonito, tinha um ar cansado e reservado.

— Sim, o Angelo disse-me isso da última vez que fui a casa.

— O Joe disse-me que te tinhas casado e tido uma filha.

Os lábios de Mário cerraram-se.

— Isso acabou há já muito tempo. Não penses nisso agora.

Assististe ao espectáculo?

Tommy só conseguiu pensar numa única resposta:

— Não fizeste o triplo.

— Com o Paul Reddick a base? — Mário abanou a cabeça. — Não queres entrar?

O atrelado era pequeno, e estava atafalhado e em mau estado, com uma única divisão com uma pia e um pequeno fogão a uma das pontas e um sofá-cama na outra. Em cima da mesa estava um saco com fruta e uma laranja meia comida estava em cima da toalha de mesa aos quadrados. As calças de ginástica vermelhas que Mário usara no espectáculo estavam cuidadosamente penduradas dentro de um saco de plástico para as proteger do pó.

— Senta-te. — Mário agarrou na laranja e separou um gomo.

Estendeu o saco a Tommy. — Queres uma laranja?

Tommy riu-se.

— Costumavam ser chocolates — disse. Tirou uma e começou a descascá-la.

— Agora tenho de ter cuidado com o peso. Já quase que não como chocolates. Tom, afinal de onde é que vieste?

Tommy sentiu a ira ferver dentro de si.

— Isso é um raio de uma pergunta para me fazeres! Segundo as últimas notícias que tive, tu eras cabeça de cartaz com os Fortunatis, não andavas para aí a vadiar com um espectáculozinho rasca!

— Só trabalhei com o Lionel durante duas temporadas.

Depois tivemos um acidente e tivemos de nos separar. — Mário atirou a casca da laranja para cima da mesa e perguntou: — Para onde raio é que tu foste naquela noite? Meu Deus, Tommy, a Lúcia estava fora de si de preocupação... para onde é que foste?

Tommy ficou a olhar para o chão. Este fora cuidadosamente varrido de terra e pó. O atrelado tinha o odor familiar a café, cravinho-da-índia, resina e suor. Mário sentara-se de pernas abertas na cadeira e estava a olhá-lo fixamente. Continuava em tronco nu e Tommy lembrou-se vagamente, como se isso tivesse tido lugar numa outra vida, de que houvera um tempo em que Mário não exibira o seu tronco cheio de cicatrizes das queimaduras provocadas pelas cordas da rede que fizera quando estava a treinar o triplo. Os seus braços e os seus ombros estavam cobertos por uma teia de cicatrizes antigas que sobressaíam, brancas, do seu bronzeado.

— Deixamos os postmortens para mais tarde, está bem Mário? Pensei que talvez pudéssemos ir a qualquer sítio comer Gostava de conversar contigo. — E depois ocorreu-lhe uma outra ideia, originária do súbito ressentimento que sentira em relação ao base que vislumbrara e em relação ao adolescente que obviamente adorava Mário. — A não ser que tenhas alguém à espera.

— Não, puto, continuo a ser o mesmo filho da mãe insociável que sempre fui — disse Mário com algo muito parecido com o seu antigo sorriso assomando-lhe ao rosto. — Senta-te. Deixa-me vestir qualquer coisa.

Virou-se. Tommy descascou uma laranja e comeu-a. Mário voltou com umas calças e camisola pretas que, se não eram as que costumava usar na escola de ballet, eram as suas irmãs gémeas. Estava a passar um pente pelos cabelos e Tommy viu que havia tons de cinza espalhados pelos caracóis pretos. Angelo também começara a ter cabelos brancos muito cedo, lembrou-se.

Atravessaram o acampamento até ao parque de estacionamento.

O carro de Tommy era o único que lá tinha ficado. Mário pôs a mão no braço de Tommy mas depois tirou-a. Tommy, olhando-o de lado, viu que o rosto de Mário estava contraído e pálido, e a antiga

ternura quase dolorosa atingiu-o bem lá no fundo. Fora precisa toda a sua força de vontade para não lançar os braços à volta de Mário. Como poderia fazê-lo? Tudo isso pertencia ao passado, um passado de há muitos anos, a sua ruptura tinha sido definitiva. Mário mudara, tinha sido casado. O próprio Tommy tinha estabelecido o tom do seu reencontro ao dizer: Diz-lhe que o irmão está aqui. Mário aceitara-o dessa forma, e isso já era mais do que ele merecia.

— O meu carro é este.

Mário assobiou rudemente.

— Qual foi o banco que roubaste?

— O meu próprio porquinho mealheiro. Comprei isto com o dinheiro que juntei enquanto estive na tropa. Quando se está na tropa não há grande coisa em que gastar o dinheiro, a não ser que se goste de jogar ou que se vá às fräuleins<sup>{23}</sup>.

Mário abriu a porta do carro.

— E então... não houve Fräuleins?

Tommy cerrou os lábios e não deu a resposta que Mário procurava obter.

Nunca aprendi a língua delas. Cuidado com os dedos — bateu a porta do carro e entrou. Quando meteu a chave na ignição, Mário estendeu o braço e agarrou-lhe o pulso, virando-lhe a mão para lhe ver a palma.

— Sem calos?

— Não subo a um aparelho de trapézio desde que nos separámos. Onde é que se pode comer qualquer coisa aqui perto?

— Há um café ao fundo da rua. O pessoal do espectáculo diz que não é mau. Abilene, evidentemente, não é aquilo que se pode chamar famosa pela sua cozinha.

Pela primeira vez Tommy reparou nos vestígios da velha ironia cómica. Manteve a voz intencionalmente arrogante.

— Depois do rancho do exército deve saber-me optimamente.

O café era pequeno e estava cheio de fumo, e no ar pairava a gordura dos hamburgers fritos. Tommy pediu uma sanduíche mas Mário disse:

— Só café. Tenho um espectáculo daqui a um par de horas. — Quando a comida veio perguntou: — A comida no exército é assim



tão má? Lembro-me que durante a guerra ouvíamos dizer a toda a hora como eles se alimentavam bem, mesmo enquanto a carne e o açúcar e esse género de coisas era racionado.

Tommy encolheu os ombros.

— Talvez eles achassem que nós devíamos tornar-nos tão duros que nem quiséssemos saber do que comíamos. A cozinha no exército é apenas mais uma forma de nos tornar a vida impossível enquanto estamos na recruta. — Mordeu a sanduíche.

— Tens a certeza de que não queres nada? Um gelado, ou um batido?

A sala era pequena, cheia de mazelas e a mesa era de madeira nua. Alguém meteu uma moeda na jukebox e o altifalante fez ouvir o som melancólico de uma guitarra acompanhando uma voz nasalada e grave que cantava um blues<sup>{24}</sup>:

Sou uma pedra solta, só e perdida.

Por uma vida de pecado pago agora o preço!

Quando passo na rua toda a gente diz.

É só mais um tipo no caminho dos perdidos.

— Porcaria mais saloia!

Tommy encolheu os ombros.

— A guitarra até que é boa.

— Tom, para onde é que vais? Vais ficar por aqui uns tempos, não vais?

— Ando mais ou menos na vadiagem. — Tommy sabia que nunca mencionaria a Mário que andara à sua procura. — Não pensei encontrar-te aqui.

A boca de Mário curvou-se naquilo que era o início de um dos seus velhos sorrisos.

— Nem eu próprio pensei encontrar-me um dia aqui. — Olhou para os pulsos de Tommy. — Parece-me bem que te mantiveste em forma.

— Feito estúpido, quando eles me perguntaram qual era a minha profissão na vida civil, eu disse acrobata, e enfiaram-me no programa de educação física. Passei os meus primeiros dois anos a ver os recrutas a fazer flexões. Acabei por chegar a sargento. Depois

concorri para ser mandado para o estrangeiro e fui para Berlim. — Sorriu. — Tentei entrar para a Polícia Militar.

Eles concordaram que eu era muito teso, mas era demasiado baixo.

— Gostaste do exército?

— Nem por isso. Fartei-me que me chamassem baixote. — A Tommy não lhe apetecia falar da tropa. Era uma memória confusa de demasiados corpos masculinos, de demasiada gente à sua volta, de demasiado barulho, conversas brutas e uma disciplina que não era bem-vinda, e que ele aceitara com um enorme esforço de autocontrolo unicamente porque não tivera alternativa — não era o tipo de disciplina que conhecera com os Santellis, aceite de boa vontade porque era uma forma de se conseguir aquilo que mais se desejava. A disciplina do exército não tinha qualquer propósito, não passava de uma forma de armazenar homens com um mínimo de problemas. Ocorreu-lhe subitamente que durante anos fora uma marioneta que fizera cegamente aquilo que tinha de ser feito, mas que mal estivera vivo. Agora estava novamente a caminho de algo, nem que fosse do caminho dos perdidos que aquele tipo da jukebox estivera a lamentar.

— Prefiro não falar do exército, está bem? Conta-me o que aconteceu contigo, sim? Falei com o Joe na Califórnia. Ele disse que tu não ias a casa há anos. Que estás tu a fazer num espectáculo destes?

Mário agarrou na chávena e deu um golo no café frio e amargo. Fez uma careta.

— Estive imenso tempo sem voar. Talvez tenhas ouvido dizer que o Lionel deu cabo do ombro, e que eu voltei a partir o pulso que sempre me deu problemas. Trabalhei num grupo de saltimbancos, acabei no México, passei lá um ano... Olha, miúdo, eu um dia conto-te a história toda, mas não agora, está bem? Tenho um espectáculo para fazer.

— Claro, como queiras.

— Falaste com o Joe na Califórnia? Como está a família?

— Bem, acho eu. Não estive com mais ninguém. — Fiquei ali sentado no carro, como um idiota. Não consegui arranjar a coragem

necessária para tocar a campainha...

De volta ao recinto do circo, nos limites da cidade, Mário disse:

— Arruma o carro no acampamento; há alguns tipos dessa cambada de vigaristas que assaltam os carros que estão no estacionamento. E é melhor pões as tuas coisas no meu atrelado; há tipos neste espectáculo que seriam capazes de roubar o cão a um cego.

Tommy obedeceu, franzindo o sobrolho surpreendido. Na sua experiência as pessoas do circo eram honestas, especialmente com os colegas.

Não foi assistir ao espectáculo da noite, embora tenha ficado junto à entrada dos artistas durante alguns minutos para ver o número de trapézio. Ficou mais espantado que nunca. Quando o espectáculo terminou e Mário se vestiu, este disse:

— Os Reddicks e eu jantamos muitas vezes juntos, mas ao verem aqui o teu carro saberão que eu tenho companhia e não vão aparecer, com certeza. Ainda bem que ficamos aqui quatro dias; a nossa próxima estirada é depois de amanhã, para Odessa.

Queres jantar? Ainda gostas de bacon com ovos?

— Claro, óptimo. Deixa-me ajudar-te, está bem? — Estavam ambos satisfeitos por terem qualquer coisa com que ocupar as mãos. Quando acabaram, lavaram os pratos, mas por fim Tommy disse aquilo que lhe ia na cabeça.

— Mário, não consigo perceber nada disto. Pensei que tinhas o teu sucesso garantido. Foi por isso que eu me fui embora, para que pudesses trabalhar no Starr, na Pista Central.

No topo do mundo. Que aconteceu? Porque é que foi tudo por água abaixo? Onde estão a tua mulher e a tua filha? E...

— e o mais importante foi o que ele perguntou em último lugar -, como diabo é que te deixaste descer tão baixo? O Papa Tony deve estar às voltas na sepultura.

O velho Mário brilhou, por instantes, nos olhos que se fixavam em Tommy.

— Que é que isso importa? A família estava desfeita, de vez. Tudo o que me restava eras tu, e quando te foste embora...

Tommy ergueu a cabeça e lançou-lhe cinco anos de angústia reprimida.

— Que é que queres dizer com isso, quando me fui embora? O que tu queres dizer é quando tu me mandaste embora!

— Isso não é justo, Tom. Eu implorei-te que não fosses.

Eu só queria que nos separássemos durante algum tempo até as conversas esmorecerem...

— E que é que querias que eu fizesse? Que ficasse pendurado ao teu pescoço como uma pedra, enquanto tu subias até ao topo? Ficar por ali e viver à tua custa? E além disso tu casaste-te...

Mário disse, com uma risada:

— Isso também durou pouco. Parece que tudo começou a cair aos bocados ao mesmo tempo. Eu, o Lionel, a Susan... lembraste da Sue-Lynn Farris?

— Mais ou menos. Uma rapariga morena, que se parecia um bocado com a Liss.

— Eu nunca achei, mas o Angelo e a Lúcia achavam que sim. Bem, isso só durou cerca de um ano. Depois ela pediu o divórcio e eu dei uma queda dos diabos. O Lionel deu cabo

Do ombro, eu parti o tornozelo e espatifei outra vez este pulso, e a Susan ficou com a cara um bocado amassada. Acho que ela pensa que eu fiz aquilo de propósito. Bem, ela abandonou-me enquanto eu estava no hospital e levou a Suzy, o nosso bebé.

Estava sem mulher, sem filha e sem trabalho, não sabia se poderia voltar a voar, ou se o pulso estava acabado de vez. Por isso saí dali para fora, exactamente como tu fizeste.

Tommy pegou no pulso de Mário movendo-o suavemente entre as mãos.

— Agora parece estar bem.

Tive sorte. Eu já tinha partido este pulso antes, quando era miúdo.

— Eu lembro-me de tu me contares. — Na noite em que fomos no camião dos equipamentos. Havia mil coisas não ditas, que nunca mais poderiam ser ditas. Tommy desejou subitamente nunca ter vindo até ali. — Mas então sempre ficou bom?

Mário encolheu os ombros.

— Parece que sim. Às vezes dói-me. Tenho de o ter sempre ligado. Disseste que tinhas visto a família? Estava mesmo a pensar se ainda haverá alguém na família a trabalhar. Nunca mais vi nenhum número do Billboard. Acho que devo ter tido medo de ver, de saber coisas.

Estará ele a dizer a verdade? Ou será que quer que eu pense que ele não sabe do anúncio que a Lúcia tem posto nos últimos quatro anos, dando em doida sem saber se ele é vivo ou morto?

Tommy percebeu que nunca o saberia, como nunca saberia muitas outras coisas acerca daqueles anos perdidos.

— Olha — disse Tommy num impulso -, os rumores já devem ter esmorecido por esta altura. Estava a pensar que talvez tu... tu quisesses voltar a trabalhar comigo, como uma equipa.

Costumávamos trabalhar muito bem juntos.

— Oh, Deus — murmurou Mário -, se nós pudéssemos!

— E porque não havemos de poder? Voltaste a entrar para a lista negra? Talvez quando estavas com o Starr?

— Não, eu nem sequer deixei o espectáculo sem avisar, mandei a nota de despedimento, tudo como deve ser, enquanto estava no hospital. Quer dizer, o meu parceiro estava acabado e eu tinha o pulso numa miséria tal, que de qualquer maneira teria de ficar parado o resto da temporada; o número estava liquidado. Por isso com o Starr não tenho nada pendente. Eles até me pagaram a conta do hospital.

Não fora naquilo que Tommy estivera a pensar, mas deixou passar o assunto.

— Estás então comprometido com o Reddick, é isso?

— Só por esta temporada, e já só faltam seis semanas para ela terminar. O único problema é que estou falido. O salário aqui é uma miséria. Eu tinha algumas poupanças quando estive com o Starr, mas dei tudo à Susan por causa do bebé. No entanto tenho uma parte da casa em Los Angeles. Talvez um dia destes a família queira comprar a minha parte.

— Bem, eu tenho algum dinheiro — disse Tommy. — Não é muito, mas é o suficiente para me aguentar algum tempo.

E ainda há outra coisa: o dinheiro todo que eu ganhei no número quando era miúdo, e naquele ano em que estivemos com o Woods-Wayland, ainda está algures num banco qualquer, em aplicações ou numa conta a prazo ou coisa do género; eu só lhe podia mexer aos vinte e um anos. Só que no meu vigésimo primeiro aniversário eu estava na Alemanha, como já te disse. Por isso esse dinheiro está para lá, a acumular juros.

O Joe deve saber os pormenores, ou o Angelo. Depois de o meu pai morrer, o Jeff Cardiff comprou os leões, foi o Angelo que me disse nesse Verão, e esse dinheiro também está no banco.

Não é nenhuma fortuna, mas chegaria para os equipamentos que tivéssemos de comprar. Terias de nos arranjar um base, e isso tudo. Tu ainda tens contactos, eu não.

— No que respeita a equipamentos — disse Mário -, há para lá muitos em casa, e não me parece que ninguém da família os esteja a utilizar. Podíamos treinar lá na casa da família durante o Inverno.

— Escuta, achas que a tua família me quereria lá?

A expressão de Mário contraiu-se.

— É bom que queiram. Como te disse, parte da casa é minha. A casa pertencia ao Papa Tony, ao Angelo e ao Joe em partes iguais. O Papa deixou-me a parte dele. — Depois riu-se.

— Descontra-te, miúdo, a família provavelmente não se importaria nada de me trocar por ti. Todos eles tinham a melhor das impressões a teu respeito. E nenhum deles soube daquelas histórias da lista negra.

— Queres apostar nisso? Mas tu casaste-te e eu estive na tropa, já passou muita água por baixo das pontes. Nessa altura éramos miúdos. E agora eu sou um veterano do exército e tu... tu és um homem casado, um pai, por amor de Deus! Parece-me bem que não vamos ter de nos preocupar mais com essas histórias antigas, não achas?

Mário estava a deixar-se entusiasmar lentamente.

— Estou bestialmente enferrujado, deixei-me abandalhar, mas com um Inverno a trabalhar no duro devemos ficar novamente em forma. Podíamos pôr um anúncio no Billboard para arranjar um base. Achas que conseguimos comprar um Billboard aqui na cidade?

— Numa cidadezinha da parvónia como esta? Não apostaria nisso.

— Então compramos amanhã quando chegarmos a Santo António. Bem, de qualquer forma vamos lá ver de quanto é que precisamos para os equipamentos. Vamos precisar de cabos novos e de uma rede, mesmo que haja lá em casa alguma coisa que possamos usar. O Papa Tony costumava encomendar as redes num sítio qualquer em San Diego, fazem lá redes para a frota pesqueira. Não sei se ainda fazem esse tipo de trabalho.

Tommy riu-se.

— Costumava perguntar-me a mim próprio onde é que se poderia comprar uma rede para o trapézio.

— Bem, de certeza que não é na secção de brinquedos de um grande armazém — disse Mário com um sorriso.

Tommy tirou uma esferográfica do bolso.

— Tens um papel onde eu possa fazer as contas? Tenho uma cópia do meu antigo contrato na pasta, e tenho a caderneta da tal conta bancária.

— Claro. E enquanto fazes isso deixa-me fazer mais café.

A noite passou sem que dessem por isso enquanto conversavam e faziam contas. Mário espreguiçou-se por fim, pegando na cafeteira que há muito estava vazia, e ficou a olhar para o Pequeno relógio pousado em cima da mesa.

— Deus do Céu, miúdo, já passa das três da manhã.

— Oh, meu Deus — disse Tommy amarrotando um papel coberto de cálculos -, devias ter-me posto na rua há horas!

Podemos combinar os pormenores amanhã.

— Pensei que ficasses aqui. Acho que vais ter mesmo de ficar, a não ser que queiras dormir no carro. Até os hotéis para turistas já vão estar cheios a estas horas.

Tommy olhou atentamente para Mário, mas este estava debruçado remexendo numa tira de cabedal da sua sandália.

Raios, disse para consigo próprio, foste tu que delineaste a fronteira.

Disseste para lhe dizerem que o irmão estava ali. Já não és nenhum miúdo. Esquece isso. Ele já esqueceu...

— Está bem. Obrigado.

Mário sentou-se à beira da cama com um velho roupão vestido.

— Queres um cigarro?

— Obrigado. Quando é que começaste a fumar?

— Não fumo muito. Três ou quatro por dia, nem mesmo o Angelo me daria sermões por causa disso.

— Vi o nome dele num... como é que aquilo se chama?

No genérico de um filme qualquer. Quando estava na Alemanha.

— Sim, no ano em que trabalhei no Starr ele trabalhou muito em Hollywood. É um bom duplo — disse Mário. — Sempre achei que aquele trabalho era mais perigoso do que voar.

— Mário apagou o cigarro. — Já que estamos a sonhar, devíamos sonhar em convencê-lo a ser nosso base, a voltar a trabalhar connosco.

Estavam deitados lado a lado sem se tocarem. Mário continuava a ter o mesmo cheiro, cheirava ligeiramente a cravinho-da-índia.

Tommy lutou contra o impulso que o fazia querer tocar no ombro cheio de cicatrizes. Bolas, disse furiosamente a si próprio, andaste quatro mil quilómetros para vir ter com ele, és novamente amigo dele; deixa as coisas nesse pé.

Como Mário estava imóvel, quase não respirava! De que é que ele está com medo? E depois percebeu. Mário era — seria sempre — o mesmo. Mas quanto a ele próprio... fora-se embora era ainda um rapazinho e voltara um homem. Como poderia Mário saber se os anos o tinham mudado?

Para que é que te estás a enganar a ti próprio? Estiveste a pensar nisto desde o início. Talvez sejas doido por tentar remexer no passado. Já não somos os mesmos.

— Estás a dormir? — murmurou.

— Quase. — Mas Tommy percebeu que não era verdade.

— Quantos anos tens, Mário?

— Vinte e nove. Sabes disso.

— Tinha-me esquecido.



— Eu não — disse Mário suavemente. — Fizeste vinte e dois anos no primeiro de Maio. Fixei a data porque achei que era um bom dia para alguém do circo fazer anos.

— Não me lembro de quando fazes anos.

— Em Fevereiro — disse Mário. — Parece que sou Aquário.

— Sabes o que eu queria?

— Não. O que era?

— Quem me dera que houvesse mais uma trovoada — disse Tommy com a voz prendendo-se-lhe na garganta. Esticou os braços e puxou Mário para si como se só a violência pudesse aniquilar cinco anos de auto-repressão e infelicidade. — Vem cá, Mário, seu grande tonto. De que estavas tu à espera?

Mário deixou que ele o puxasse para si, mas estava tenso.

Tommy, sentindo a sua relutância, a sua resistência, sentiu-se por instantes inundado pelo pânico. Sua besta, será que estragaste tudo? Depois percebeu que não era relutância; era o antigo controlo tenso e terrível... Ouviu a respiração de Mário soltar-se num longo suspiro convulso.

— Estava a pensar... qual de nós cederia primeiro. Sou o mesmo filho da mãe de sempre, não é, miúdo?

Tommy tartamudeou:

— Queres que eu te diga o que és?

— Não. Uma vez já chegou, miúdo. — Abraçou-o contra si com uma violência esfomeada. — Oh, meu Deus, pensei...

— Esquece isso. Não fales agora. Isso já passou. Anda cá.

Mas cinco anos não podiam ser apagados assim tão simplesmente e Tommy, mais tarde, vendo Mário afastar-se de si e cair num sono profundo, perguntou-se se mais alguma vez conseguiria encontrar o caminho que os levava um ao outro. Ou teriam perdido para sempre algo de cuja raridade ele nunca se tinha apercebido, algo de muito perfeito e precioso, algo a que nunca tinham sabido dar o devido valor até o terem perdido?

## Capítulo III

Acordou e por alguns instantes o tempo não existiu; sabia unicamente que Mário estava a seu lado. Depois viu o atrelado velho à luz do sol da manhã e recordou-se de onde estava. Sentiu-se assustado pela intensidade da sua felicidade. Mário abriu os olhos e sorriu-lhe.

— Então afinal não foi um sonho. Olá, Lucky.

Riu-se, e Tommy perguntou:

— Que é que tem tanta graça?

— Tu. Estás crescido. — Mário pôs-lhe um braço por cima, timidamente. Estavam ambos um pouco embaraçados à luz do Sol. — Tiveste saudades minhas?

Tommy tocou-lhe levemente na face reparando que algumas das rugas em volta da boca pareciam ter desaparecido durante a noite.

— Claro que tive. Vá, é melhor levantares-te para ires ver os aparelhos.

— Isto não é A Escola de Trapézio e Reformatório, miúdo.

O Paul e eu verificamos os aparelhos antes do espectáculo, e é só essa a verificação que é feita.

— Também não treinam?

Mário fez uma careta.

— O que é que te parece? O Paul e a Ina acham que todo o treino de que precisam é aquele que fizeram no início da temporada.

— E tu vais nisso?

— Não tenho escolha. O número não é meu e não sou eu quem manda. — Mário pôs um roupão pelos ombros e bocejou.

O homem dos aparelhos foi-se embora há seis semanas, por isso eu e o Paul temos andado a montar os nossos aparelhos, os do número no arame e os do número de equilibrismo, desde essa altura. Ei, tive uma ideia. Porque não havemos de pedir ao Blanding para te contratar como encarregado dos aparelhos?

O Papa Tony obrigou-te a montar os aparelhos com o Buck durante dois anos. Acho que antes queria fazer isso do que o que andei a fazer antes de o homem dos aparelhos se ter pirado Toda a gente neste espectáculo tem de servir de ama-seca à porcaria dos cavalos. O salário não é grande coisa, mas... bem somos capazes de conseguir arranjar algum tempo para treinar de vez em quando, a não ser que estejas com pressa de voltar para a Costa.

Tommy encolheu os ombros.

— Porque não? Eu disse que de agora em diante te ia manter debaixo de olho. O melhor é começar já a fazê-lo.

Mário virara as costas e estava a encher a cafeteira com água.

Disse, sem se voltar:

— Não é preciso bateres na mesma tecla, Lucky. Eu sei que me deixei ir abaixo. Pensei que já não me ia importar mais com o passado nem com o futuro. Agora comecei a ter vergonha de mim próprio. Talvez seja bom sinal.

Bob Blanding era um homenzinho gordo, de gargalhada fácil, que admitia com toda a candura que não percebia nada de circo. Passara grande parte da sua vida a dirigir rodeos e só naquele ano o tinham conseguido persuadir a anunciar o espectáculo como um circo e a contratar acrobatas e trapezistas; tudo porque não conseguira a quantidade suficiente de números equestres.

— Queres que contrate o teu irmão para os aparelhos?

E para que é que precisamos dele? Pensei que tu e o Reddick se estavam a safar muito bem.

Mário respirou fundo e Tommy pensou que ele ia explodir.

Em vez disso pôs a cabeça de fora da porta do atrelado e gritou:

— Vão chamar o Paul Reddick!

Em breve o pequeno base robusto, vestido com um camuflado do exército, entrou no atrelado.

— Diz ao patrão que ele devia contratar o meu irmão para os aparelhos, Paul — disse Mário. — Eu quando me irrita digo palavrões e o Blanding não fala italiano.

Paul Reddick sorriu afectuosamente a Mário.

— Bob, prometeste que eu e o Matt não teríamos de montar os aparelhos durante mais do que uma semana, e agora que o Matt te arranja um homem experiente, tu róis a corda!

Pronto, pronto — disse Blanding virando-se para Tommy. — Sabes fazer mais alguma coisa para além disso? Sabes montar?

Dava-nos jeito mais um homem no número equestre.

Tommy admitiu que não sabia montar.

— Mas cresci num circo. Sei trabalhar no tapete, nos trapézios fixos e no trapézio voador.

Blanding olhou atentamente para Tommy.

— Para que é que queres este emprego? Pareces suficientemente esperto para conseguires arranjar um melhor.

Tommy olhou Blanding nos olhos percebendo que aquela era uma das ocasiões em que uma mentira era no essencial mais verdadeira do que a própria verdade.

— Acabei de sair da tropa, e praticamente não vi o meu irmão nos últimos cinco anos.

— Muito bem. Eu pagava trinta dólares ao outro homem.

Pago-te trinta e cinco até saber o que vales. E quero ver os documentos da desmobilização; não contrato desertores.

Tommy foi ao atrelado de Mário para ir buscar os documentos que estavam na sua mala. Entregou o certificado de desmobilização ao Blanding que ergueu os olhos subitamente.

— Zane? Pensei que eras irmão dele.

— Irmão adoptivo — disse Mário. — Mas esquecemo-nos sempre disso. Ele viveu connosco desde que tinha aí uns treze anos.

— Muito bem. Sargento, hem? Que é que fazias no exército?

— Preparação física. E algumas partes da recruta.

— Ai é? Eu também estive na tropa durante algum tempo.

Recebi uma Purple Heart<sup>{25}</sup> em Leyte- disse Blanding. Empurrou o impresso do contrato na direcção de Tommy. — Estás contratado.

É proibido beber no recinto, nada de vigarices, nem de roubalheiras. Isto é um espectáculo honesto.

Tommy acabou por ficar bastante ocupado tendo de montar todos os aparelhos do espectáculo. Ele e Mário voltaram

rapidamente à sua antiga rotina de treinar antes do início do dia de trabalho e, pelo menos para Tommy, este começava cedo.

As duas primeiras semanas foram quase um regresso a casa, com a diferença de que estavam sozinhos, isolados e sem as suas famílias ou ninguém que interferisse. Um dia, ao montar o aparelho numa pequena cidade do Texas, Tommy percebeu que aquilo era perigosamente parecido com um dos seus sonhos de adolescente: ele e Mário juntos e em digressão com um espectáculo qualquer, onde pudessem passar juntos todo o tempo que desejassem...

Há cinco anos que não subia a um trapézio voador, mas descobriu que recuperava rapidamente o velho jeito, e o seu antigo ritmo. Era simplesmente uma questão de músculos enferrujados por falta de uso e que agora se fortaleciam de novo.

Quando treinavam juntos, Mário ficava a base, como fizera quando tinham começado a trabalhar pela primeira vez. Depois de algumas semanas de treino, Tommy já ganhara a confiança suficiente para não hesitar quando Mário lhe gritou:

— Achas que ainda consegues fazer um duplo à retaguarda?

— Mas quando chegou às mãos de Mário e ficou ali a balançar, viu que Paul Reddick estava junto à base do aparelho e o observava.

Quando desceram, Mário sorriu a Reddick.

— Tinha-te dito que o miúdo era trapezista.

— E parece que tu também és base.

— Sim, quando começámos eu era o base porque sou maior. Fui eu quem ensinou o Tommy a voar. Tenho sido o base dele desde que ele teve a altura suficiente para chegar à barra do trapézio.

Tommy riu-se, sentindo-se excitado pelo exercício e com a sensação de sucesso.

— Devias ver-nos na passagem cruzada.

Reddick ergueu as sobrancelhas.

— Querem tentar? Acho que ainda sou base suficiente para isso.

— Não era isso exactamente... — Mário franziu-lhe o sobrolho e Tommy calou-se.

Paul Reddick começou a subir pela corda enquanto Mário e Tommy iam para o seu lado do aparelho.

— Afinal que ideia foi essa? — disse Mário.

— Não sei. Achei só que me apetecia experimentar.

— Bem, agora vais mesmo tentar. E o melhor é não assucatares o exercício.

— Então, muito bem — disse Reddick quando já estavam todos novamente no solo. — Isto foi coisa fina. Afinal quem és tu, o filho ilegítimo do Jim Fortunati ou quê?

Tommy sentiu-se como se Reddick lhe tivesse dado um estalo mas, devido ao hábito de tantos anos, não disse nada.

Voltou para o atrelado, vestiu-se rapidamente, e depois foi cuidar do seu trabalho. Mais tarde, viu Mário e Reddick junto à base do aparelho ainda na conversa, mas enquanto os olhava eles riram-se e foram-se embora de braço dado. Só voltou a ver Mário depois do espectáculo da tarde. Quando o público já se tinha ido quase todo embora e Tommy voltou para o atrelado, Mário já lá estava com um roupão vestido por cima das calças de ginástica.

Estava a fumar um cigarro — o que era sempre prenúncio de tempestade — e a saudação que lhe dirigiu foi igualmente ominosa.

— Arranjaste-me mesmo a bonita com o Reddick. Pensei que já te tinha dito como ele é susceptível.

Tommy encolheu os ombros.

— Ele tem ciúmes. Até um cego consegue ver que tu voas muitíssimo melhor que a mulher dele, ou lá o que ela é, e agora também sabe que tu és um base suficientemente bom para que ele faça figura de parvo. Não sei como é que tu consegues trabalhar com ele. Eu não conseguiria.

— Bem, ninguém te está a pedir que o faças. E a não ser que pares de te exhibir à frente do Reddick, é melhor pararmos com isto tudo até voltarmos a ter o nosso próprio número.

Tommy ia responder-lhe à letra, mas depois achou melhor não o fazer.

— És tu quem manda, Mário.

— Não, quem manda é o Reddick, e o melhor é que não te esqueças disso, miúdo.

Tommy bateu com a porta do atrelado. Sentia-se percorrido Por um mal-estar indefinido ao ver Mário submeter-se àquele idiota

incompetente. Nos dois dias que se seguiram quase não falaram um com o outro, e Tommy procurou estar sempre ocupado algures no acampamento, nas alturas em que Mário poderia procurar a sua companhia. Percebia agora quão frágil era o acordo a que tinham chegado, e como uma pequena discussão poderia deitar tudo a perder.

Mas já tarde, na terceira noite, no meio da confusão da desmontagem do acampamento, desarmando furiosamente os aparelhos com a ajuda de um operário particularmente estúpido, Tommy ergueu os olhos e viu Mário vestido com a sua velha camisola preta. Trabalharam lado a lado sem falar, empacotando as cordas e os cabos com gestos precisos, quase mecânicos, como se aquilo se tratasse de um bailado em que os cabos e as barras de ferro fossem manipulados segundo uma coreografia previamente estudada. Nenhum deles falou, mas quando finalmente prenderam o atrelado e entraram nos respectivos carros para o percurso até à cidade seguinte, já estavam a sorrir novamente um ao outro. Tommy sabia que não se deitariam antes das duas ou das três da manhã, mas isso agora já não tinha importância.

Na manhã seguinte, ao montar os quiosques, Tommy ficou surpreendido por ver Mário no topo do aparelho de trapézio com o adolescente moreno e elegante que encontrara no seu atrelado no dia em que chegara, o Jack Chandler. Viu Mário passar a barra ao rapaz. Jack lançou-se em frente num movimento desajeitado e depois, a meio do percurso descrito pelo trapézio, perdeu o impulso. Após alguns balanços muito tortos o trapézio ficou imóvel com Jack dependurado.

— Não tem problema — gritou Mário -, larga a barra e deixa-te cair.

Tommy parou aquilo que estava a fazer para observar o miúdo. Com que então Jack estava a ter a sua primeira e dura lição, cujo principal objectivo era desencorajar os principiantes que pudessem pensar que aquilo seria tudo muito fácil e divertido. Tommy observava com o divertimento distanciado do atleta nato que nunca passara por um ataque de pânico no trapézio, nem nunca ficara paralisado de terror agarrado à barra.

— Vá lá, está tudo bem, estou a dizer-te! Sabes como é que se faz, larga-te!

— Não consigo... — O rosto do miúdo estava rígido e contorcido; não estava muito longe de ter um ataque de histeria.

— Vá lá! Já me viste fazer isso mais de cem vezes! Agora descontrai-te, larga-te e enrola-te. Não te vais magoar!

Aquilo não era apenas teimosia; tinha aliás muito pouco a ver com vontade própria. Era simplesmente um caso em que os músculos obedeciam ao medo cego e instintivo da queda em vez de obedecerem ao cérebro que racionalmente lhes dizia que não se iriam magoar. Por mais que a vítima se quisesse largar, não era capaz de o fazer. Apesar de tudo aquilo parecer muito ridículo, não tinha nada de engraçado. O costume dos Santellis naquele tipo de situação fora sempre o de gritar provocações, insultos e piadas desagradáveis até que a vítima ficasse suficientemente envergonhada ou exausta e se deixasse cair. Mas Tommy naquele momento teve receio de interferir. Ficou ali a ouvir Mário ameaçar, enfurecer-se, implorar e encorajar durante dez minutos até que Jack, com um suspiro de exaustão, se largou e caiu na rede. Mário mergulhou imediatamente ao seu lado, passou-lhe um braço por cima dos ombros e começou a falar com ele num murmúrio suave e encorajador. Tommy, demasiado afastado para poder perceber as palavras que ele dizia, só conseguia perceber o tom geral, mas passado algum tempo Jack voltou a subir ao trapézio. Lançou-se em frente e voltou a perder o impulso, mas daquela vez largou-se, enrolou-se e aterrou de costas com toda a limpeza. Mário desceu a rir-se, deu uma pancadinha no ombro de Jack e foi-se embora a assobiar para ir trocar de roupa.

Quando Tommy chegou ao atrelado, Mário virou-se e disse:

— Viste o que aconteceu no aparelho? O miúdo do Chandler tem andado a massacrar-me para eu o deixar subir e balançar-se no trapézio, e eu acabei por lhe dizer que sim.

— Eu vi o que se passou.

— O miúdo, no entanto, não se saiu mal. Voltou a subir lá para cima.

— Sim, depois de tu o teres apaparicado durante dez minutos.



Sai do caminho, está bem? Quero lavar-me, se não te importas.

Mário baixou a toalha e ficou a olhar para ele com a cara a pingar.

— Que foi que te deu?

— Como tu mudaste, rapaz! Lembro-me de quando a Barbie ficou paralisada na barra e tu fizeste a Liss ir lá acima e desprender o trapézio para a fazer cair.

Mário encolheu os ombros.

— Não se pode tratar toda a gente da mesma maneira. Não quis desencorajar o miúdo.

Tommy grunhiu.

— Lembro-me que da primeira vez que me deixaste subir ao trapézio me disseste que, se eu andava só na brincadeira então quanto mais depressa me fartasse melhor! Se eu tivesse armado uma cena daquelas tu terias corrido comigo do aparelho e nunca mais me terias deixado voltar a subir, e eu sabia disso!

E recordo-me de uma ocasião em que desmaiei no aparelho e fiquei doente e tu me obrigaste a subir imediatamente a seguir, doente ou não.

Mário pousou a toalha numa cadeira.

— Escuta, Tom, tu eras um trapezista nato, e já trabalhavas no trapézio desde que tinhas deixado de usar calções, eu não precisava de te apaparicar.

— Se o miúdo tem de ser apaparicado, não vejo porque é que te dás ao trabalho, sequer!

— Ele tem andado de volta de mim o Verão inteiro, tem-me visto treinar durante toda a temporada. E afinal que tens tu a ver com isso? Porque é que estás a armar tanta confusão por causa disto?

— Porque sei por que é que tu te dás a tanto trabalho com miúdos daquela idade. Sim, tu gostas mesmo deles é à volta dos catorze anos, não é? Eu estou bem colocado para o saber.

Mário ficou mortalmente pálido sob o bronzeado.

— Muito bem. Já disseste. Tiraste esse peso de cima. Agora retira o que disseste ou eu mato-te.

— Tenta — disse Tommy por entredentes. — Já não tenho quinze anos. Tu queres é alguém a quem possas mimar quando estás para aí virado, levar para a cama quando te apetece, e depois dar-lhe grandes ensaios de pancada se te apetecer. Bem, o melhor é começares a namorar o teu amiguinho, porque, meu caro, eu passei os últimos cinco anos a aprender a cuidar de mim e se me deres um murro, eu vou retribuir por forma a que só pares na cavalaria!

— Tom, retira o que disseste acerca do miúdo.

— E porque é que achas que tens de defender a honra dele? — perguntou Tommy arreganhando o lábio e Mário deu-lhe um murro. Sem qualquer hesitação, Tommy ergueu um punho e esmurrou-o com força no diafragma.

Mário dobrou-se em dois soltando um "Ai!" sobressaltado e lançou-se sobre Tommy. Uma cadeira caiu com estrondo e eles caíram por cima dela, debatendo-se.

Alguém bateu à porta. Mário pôs-se instantaneamente de pé.

— Pára — disse e escancarou a porta. Paul Reddick ficou a olhar fixamente para o seu lábio aberto e para a cadeira derrubada.

— Mas que raio... — disse. — Mas que raio...

Com uma sensação chocada de déjà vu, quase que conseguia ver a cara de Angelo, Tommy sentou-se.

— Por amor de Deus, Matt — disse Reddick -, o Blanding podia multar-vos por se meterem em zaragatas no recinto!

Mário limpou o sangue que lhe escorria do lábio.

— Isto não é uma zaragata, Paul, isto é uma discussão familiar.

— Então o melhor é acalmarem-se.

Tommy tirou um lenço do bolso e comprimiu-o contra o nariz que começara a sangrar.

— Quem é que te mandou meteres-te nisto?

Reddick ignorou-o.

— Matt, queres que vá buscar gelo para esse lábio? Vai estar lindo à hora do espectáculo. — Virou-se para Tommy. — E tu, seu vadio, onde é que foste buscar a ideia de que podes andar a bater nos artistas? Devia correr contigo para fora do acampamento!

— Tenta — disse Tommy enfurecido, mas Mário desviou a mão de Reddick do seu braço.

— Cala-te, Tom — ordenou-lhe. — Vai tratar do teu trabalho antes que o patrão nos venha chatear.

— O Blanding... — Tommy ia dizer o que Blanding podia fazer quando viu o olhar que Mário lhe lançava. Havia nele um apelo desesperado.

— Escuta, Paul — disse Mário a Reddick -, eu e o miúdo sempre brigámos desde que ele deixou de andar de calções.

O olhar dele dizia, Eu trato do Reddick. Tommy murmurou "Está bem" e saiu do atrelado. Ainda não se tinha afastado muito e já ouvia as gargalhadas de Reddick e dirigiu-se para os estábulos dos cavalos, a tremer de fúria. Sentia-se prestes a dirigir-se ao seu carro e a sair da vida de Mário. Sentia-se enjoado pela recordação do braço de Mário sobre os ombros de Jack Chandler e pela humildade e prontidão com que Mário — Mário Santelli dos Santellis Voadores — se humilhara perante Paul Reddick. Mas o velho hábito levou-o ao aparelho de trapézio para verificar as cordas antes do espectáculo.

Mantém isso afastado da plataforma.

Esse era, afinal de contas, o cerne do problema. Mário estivera a trabalhar com o miúdo do Chandler.

No intervalo, Tommy esgueirou-se até ao atrelado onde Mário estava a vestir as calças de ginástica.

— Senta-te — disse. — Eu trato-te da cara.

— Está bem. Eu até que preciso disso.

Tommy abriu a gaveta onde Mário guardava os produtos de maquilhagem. Cobriu o corte do lábio com um adesivo cor de carne e cobriu a nódoa negra em volta do olho com um creme colorido. Devido ao hábito, e sem se aperceber do que fazia até ao momento em que deu por si a fazê-lo, agarrou no pente de Mário e penteou-lhe o cabelo espesso e deu-lhe aquele toque especial que aprendera há tantos anos atrás e que nunca esquecerá. Mário ergueu a mão e cerrou-a em torno do punho de Tommy.

— Erraste a vocação, miúdo. Podias ganhar a vida como maquilhador em Hollywood.

— Pode ser que isso me venha a dar jeito qualquer dia.

Cerra os punhos. — Tommy pegou no rolo de fita adesiva.

— Aperta isso bem. Foi esse o pulso que eu parti. — Mas enquanto Tommy lhe ligava os pulsos Mário fechou os olhos. — Meu Deus, miúdo, voltámos ao ponto de partida, não é? À mais pequena coisa começamos a atirar-nos um ao outro...

— Pára com isso, pára com isso! — rosnou-lhe Tommy. — Não comeces com isso imediatamente antes de um espectáculo...

Estás maluco ou quê?

Mário começou a rir-se, com um riso que lhe vinha lá bem do fundo.

— Ragazzo — disse -, és demasiado bom para seres verdade. Está bem, companheiro.

Mas embora tivesse falado com ligeireza, houve qualquer coisa na sua voz que fez com que Tommy ficasse a pensar.

Meu Deus, ele está um frangalho, para começar com este tipo de conversas cinco minutos antes de entrar em pista! Que outros efeitos não perceptíveis à superfície teriam aqueles anos tido em Mário?

Voltou ao atrelado depois do espectáculo da noite e Mário já lá estava a cozinhar bacon com ovos. Tommy lavou-se sem falar, procurou facas e garfos dentro da gaveta e sentou-se.

Comeram em silêncio até Tommy empurrar o seu prato. Depois Mário apoiou os cotovelos na mesa.

— Ouve, miúdo. Estamos a voltar outra vez à mesma coisa, não achas?

Tommy ficou a olhar para o prato sujo de ovo e repleto de migalhas.

— Eu também estava a pensar nisso. Se isto é demasiado duro eu posso sempre fazer a mala e ir-me embora. Se vamos começar outra vez no mesmo, a atirarmo-nos um ao outro...

Olha, uma coisa era quando éramos miúdos. Mas agora somos um par de atletas robustos, e se continuarmos a ter este tipo de brigas, um destes dias um de nós vai matar o outro. Que achas, companheiro? Queres que eu deixe o espectáculo e... desapareça?

Mário apoiou o rosto nos punhos fechados. Disse, com a cara escondida entre eles, a voz vazia de qualquer emoção excepto a exaustão.

— Não tenho o direito de te pedir que fiques. Mas... imploro-te. Se voltares a ir-te embora, não sei o que serei capaz de fazer.

Tommy ficou a olhar para ele cheio de consternação. Levantou-se e deu a volta à mesa, pousando uma mão nos seus ombros curvados.

— Percebeste-me mal, Mário — disse. — Eu não estou a ameaçar deixar-te. Estou a perguntar se para ti seria mais fácil se eu o fizesse. Queres que eu me ponha a andar? Se queres que eu fique, bolas, então não me conseguirias pôr fora nem com uma metralhadora.

Mário ergueu o rosto. O adesivo soltara-se do seu lábio e este estava novamente a sangrar.

— Porque raio é que mandaste aquela piada suja ao miúdo?

Tommy apetecia-lhe gritar. Era verdade, não era? Mas esperou até conseguir controlar a voz.

— Pronto, está bem. Fiquei com ciúmes.

Mário cobriu a mão de Tommy com a sua. Disse, muito baixo:

— Não tens razão para ter ciúmes, Lucky. De ninguém.

Se quiseres que eu corra com o miúdo, eu corro com o miúdo.

Tommy ficou a olhar para o chão.

— Raios, não. A última coisa de que precisamos é de ficar com a fama de que não nos damos com mais ninguém a não ser um com o outro. — Depois, com os últimos resquícios da sua fúria, explodiu: — Fiquei magoado por te ver rebaixares-te perante um idiota como o Reddick.

Houve um grande silêncio no atrelado.

— Tommy — disse Mário por fim -, o Paul recebeu-me quando eu estava a tocar o fundo. Um vadio. Ninguém. Como te disse, passei um ano a vadiar no México. Trabalhei num grupo de saltimbancos de lá. Regressei para Tijuana e arranjei um emprego no espectáculo mais rasca dos Estados Unidos, operário, biscateiro num parque de diversões ao pé da fronteira, a receber bilhetes, trabalhei numa barraca de rifas. Pensas que eu agora estou uma desgraça, mas devias ter-me visto nessa altura. — Ficou calado, perdido nas suas memórias, com o olhar distante acabando por

arranjar coragem para dizer: — Fui expulso desse emprego e passei sessenta dias na cadeia de El Paso.

— Meu Deus! Porquê?

— O que é que tu achas? O advogado oficioso que me deram conseguiu reduzir a acusação para conduta desordeira, senão poderia ter apanhado uma pena até dez anos. Foi no Texas. — Passados instantes acrescentou, olhando para o chão:

— O miúdo tinha cabelo ruivo. Bem, ele não era propriamente um miúdo, era da base da Força Aérea.

Tommy não se atreveu a falar.

— Dá-me mais café, está bem? — Mário estendeu-lhe a chávena.

Tommy deitou o café sem reparar que tinha entornado algum por cima da mão de Mário. Este tirou-lhe a cafeteira da mão e pousou-a em cima do fogão.

I SALTO MORTAL 591 — Saí e comecei à procura de emprego. Ouvei dizer que o Blanding estava com falta de números e ele mandou-me falar com o Reddick. Fui honesto com o Paul. Bem, nós... nós demo-nos logo bem. Ele contratou-me e adiantou-me dinheiro do seu próprio bolso. Apoiou-me com muita calma até eu voltar a estar em forma e me aguentar novamente de pé. A única coisa que eu não lhe disse foi que já tinha usado o nome Santelli.

Ele encobriu-me com o patrão. O Blanding nunca contrataria ninguém que já tivesse estado preso. Eu sozinho nunca teria conseguido, Tom.

Tommy queria fazer mais perguntas, mas tinha a certeza de que não obteria respostas. Presunçosamente pensara estar a ajudar Mário a sair da maior das desgraças. Agora descobrira que não fazia ideia do que essa desgraça fora realmente.

— O Reddick... ele é maricas?

Mário hesitou bastante antes de lhe responder e por fim disse:

— Penso que talvez seja. Só que... luta contra isso. Alguns homens fazem-no. Ele nunca mo disse explicitamente, mas quando eu lhe disse acerca de mim isso também não lhe provocou qualquer reacção. Talvez eu não seja o tipo dele. Mas devo-lhe muito. —

Houve outra hesitação e depois disse: — Escuta, Lucky, acerca do miúdo, do Jack, olha, eu não me meteria nisso aqui no recinto, onde o patrão pudesse vir a saber e isso arranjasse problemas para o Paul.

— Meu Deus — disse Tommy por fim: — Estás a fazer com que eu me sinta muito mesquinho.

Mário agarrou-lhe a mão por cima da mesa.

— Não era essa a minha intenção, ragazzo. Pronto, como eu já te disse, o Paul não é mau tipo. — Levantou-se, embaraçado, e fechando-se como sempre fizera. — Este café está uma porcaria. Vou fazer mais.

Andou às voltas pelo atrelado acabando por voltar para a mesa onde Tommy estava sentado, sentindo-se abatido.

— Olha, miúdo, nós costumamos entender-nos desde que consigamos controlar os nossos maus feitios. Vamos prometer um ao outro que não nos voltamos a envolver neste tipo de brigas, hem?

Tommy sentiu que se estava a desfazer aos bocados com uma dor antiga e quase esquecida.

— Não temos sido grande coisa a manter promessas.

— Não — disse Mário com a garganta apertada. — Ajuda alguma coisa se souberes que eu tenho tanta vergonha que poderia morrer?

Tommy abanou a cabeça sem falar. Se aquilo tinha algum efeito era só o de piorar as coisas. Sabia, lá bem no fundo onde nascia esse tipo de convicção, que daquela vez tinham de ficar juntos sob pena de se afundarem, mas não tinha a certeza da razão porque assim era. Não era suficientemente sofisticado, nem suficientemente dado à filosofia, para pensar em si próprio como o instrumento da salvação de Mário, mas de alguma forma tacteara em torno de algo parecido com isso e também ele estava agora profundamente envergonhado com a sua presunção. Sabia agora que era muito mais egoísta do que isso.

A minha tarefa é levá-lo inteiro de volta à Costa. Mas isso é porque eu preciso dele inteiro.

Mas temos de encontrar uma forma de viver juntos sem darmos cabo um do outro desta maneira. E isso é comigo, porque os

nervos dele estão aos bocados e os meus estão em boa forma.

Recostou-se encostando a cabeça a Mário, depois virou-se e passou-lhe os braços em torno da cintura. Não se apercebeu de que aquele era um gesto que fizera instintivamente quando era um rapazinho.

— Bolas, companheiro — murmurou -, se te fizesse algum bem bater-me, eu provavelmente deixar-te-ia fazê-lo. Mas isso só faz com que tu fiques muito pior depois.

— Oh, tu és um miúdo maluco — murmurou Mário -, és um miúdo maluco e tonto! — E depois, sem transição, o aperto de mão solene, e que como que selava o compromisso, transformou-se num abraço tenso e febril. Pela primeira vez Tommy teve um vislumbre do efeito que aquela tensão tinha em Mário.

Depois todos os pensamentos se desvaneceram. Por instantes limitaram-se a ficar agarrados um ao outro, como se através de um qualquer processo místico pudessem moldar e fundir os seus corpos doridos um no outro — como sempre, ofegantes e desajeitados com a dificuldade inerente a dois corpos masculinos, com o ressentimento momentâneo mas brutal pela recusa dos seus corpos se fundirem espontaneamente de acordo com a necessidade profunda dentro de si. Depois Mário murmurou:

Anda, raios, anda — e empurrou-o para cima do sofá. Nem se deram sequer ao trabalho de tirar a roupa.

No dia seguinte, Blanding foi até ao pé do trapézio e ficou a observá-los durante alguns minutos. Depois fez sinal a Tommy.

— Estive a observar-te no outro dia. Eu tinha-te dito que se soubesses fazer mais alguma coisa no espectáculo te dava um aumento. Queres entrar no número do trapézio?

— Que dirá o Reddick?

— O que o senhor Reddick diz não conta, filho. Eu falo com ele.

Paul Reddick bateu à porta do atrelado deles algumas horas mais tarde tentando aparentar boa disposição.

— Matt, o patrão quer pôr o teu irmão mais novo a entrar no número. Que é que achas?



— Por mim tudo bem — disse ele com um encolher de ombros, mas quando o Reddick se foi embora virou-se para Tommy, de cenho franzido. — Mas que raio...

— Escuta, hoje foi a primeira vez que ouvi falar nisso.

O Blanding limitou-se a ir ter comigo esta manhã e a perguntar-me o que eu achava.

Mário ficou a olhar para ele e depois descontraiu-se.

— Pois, eu sei... o Blanding está tão desesperado para conseguir mais números que era capaz de pôr o miúdo do Chandler no trapézio se eu consentisse nisso.

— E olha que não faria muito pior figura que a Ina Reddick.

Mário fez uma careta.

— Cuidado, não digas isso à frente do Blanding. Ela é irmã dele.

Era esquisito estar novamente perante o público. Algumas pessoas naquelas cidadezinhas talvez o tivessem visto actuar no Lambeth quando era pequeno. Na plataforma sentiu uma enorme vontade de corrigir o ritmo de Ina Reddick, obrigá-la à força a adoptar uma atitude mais clássica, e perguntou-se como conseguiria Mário passar por aquelas sequências atabalhoadas sem que a sua velha paixão por ensinar, sem que o seu velho perfeccionismo, transparecessem. Teria ele perdido totalmente essas qualidades?

Tommy sentia o mesmo nervosismo que qualquer voador sente perante um base desconhecido. E no entanto confiavam as suas vidas uns aos outros. Paul e Ina Reddick não sabiam nada dele, e no entanto estavam dispostos a aceitar a palavra de Mário e a confiarem-se-lhe. Como se sentiriam por ter um recém-chegado metido à força no seu número? Eram, apesar de tudo, profissionais.

Depois do espectáculo, Ina Reddick veio ter com eles.

— Venham até ao nosso atrelado depois de se vestirem — disse. — Temos de festejar de alguma maneira o sucesso desta estreia.

O atrelado dos Reddick era maior do que aquele que Tommy partilhava com Mário, estava limpo e tinha cortinas nas janelas, e lá dentro havia um cachorrinho barulhento preso a uma trela. Havia café e cerveja gelada e sanduíches de grandes fatias de salsichão.

Comeram agradecidos e Ina, preguiçosamente esticada no sofá, com os longos pés de unhas pintadas de vermelho descalços, olhava-os com um sorriso. Paul passou-lhe uma lata de cerveja com a espuma a deitar por fora.

— Também tens de celebrar, Ina.

— Café, obrigada. Não posso engordar. — Virou-se de lado com um sorriso. — Muito bem, Matt, abre o jogo. Afinal quem são vocês os dois? Já vi aquele passe num sítio qualquer, mas sei perfeitamente que não foi feito por ninguém que se chamasse Gardner. Havia um Gardner que costumava trabalhar no Freres e Stratton, mas esse trabalhava com uma rapariga num número de trapézios duplos...

— Esse é o meu irmão Johnny e a mulher dele — disse Mário passados alguns instantes, e Tommy percebeu que tinham sido invulgarmente infelizes. Tal como Randy Starr, Ina Reddick tinha uma daquelas memórias fenomenais que por vezes se encontram no mundo do espectáculo; nunca esquecia um rosto ou uma actuação.

— Bem, então onde é que foi? Não foi no Starr quando vi o espectáculo deles há um par de anos. Carey-Carmichael, Woods-Wayland... — Endireitou-se de repente e apontou. — Foi num circo pequeno — disse -, algures no Oklahoma. Tu eras um miúdo pequeno — indicou Tommy com a cabeça -, e vocês os dois faziam um exercício num só trapézio, um número de pares. Havia um velhote no número... — Franziu o sobrolho e mordeu o lábio, esforçando a memória. Subitamente estalou os dedos. — Lambeth. É isso. Os Santellis Voadores.

Mário Santelli — disse Paul lentamente. — Sim. Ouvi o miúdo chamar-te Mário uma vez.

— Bem, raios me partam — disse Ina. — Mais tarde estiveste no Starr. Comparavam-te com o Barney Parrish! Andas fugido à polícia ou quê?

— Eu não menti acerca de nada. O meu nome legal é Matthew Gardner. O que aconteceu foi que o número dos Santellis se desfez quando o meu avô morreu, e eu não queria usar o nome num espectáculo como este.

— Sim — disse Paul secamente -, parece-me bem que é uma despromoção, depois do Starr. Raios, tu andavas a fazer triplos. Podias ter sido franco comigo, eu não te denunciaria. — E Tommy detectou uma nota de ciúme e mágoa na sua voz.

Muito do trabalho no trapézio é homossexualidade sublimada. Só que a maioria das pessoas nunca pensa nisso...

— Devíamos sentir-nos honrados — disse Ina. — Parece-me .: que sempre vou beber essa cerveja. Começámos por celebrar uma oportunidade dada a um miúdo, e acabamos por descobrir que é uma dupla famosa a fazer um regresso.

O sarcasmo atingiu-o num ponto fraco.

— Pare com isso — disse Tommy. — Não fomos nós que vos dissemos nada; foi a senhora quem nos arrancou a história.

— Pronto, pronto, vamos celebrar. — Também Paul parecia estar pouco à-vontade. — Bebam uma cerveja, Matt, Tom.

Tommy aceitou a cerveja.

— É a primeira vez que voo desde — viu o olhar de aviso que Mário lhe lançou -, desde que fui para a tropa. Não posso deixar a senhora Reddick beber sozinha.

— Ina — disse ela sorrindo e Tommy sentiu uma premonição de perigo.

Sarilhos.

Paul disse:

— Acho que já percebi porque é que parecia que andavas a tentar impor-te. Como raio é que vocês os dois acabaram num sítio destes?

Mário encolheu os ombros.

— Parti o pulso numa temporada e tive de ficar parado muito tempo. Como é que as pessoas acabam neste tipo de sítio?

Paul, misericordiosamente, deixou as coisas por ali, mas Ina não foi capaz de se calar.

— Parece-me que houve mais qualquer coisa. Não trabalharam uma temporada no Woods-Wayland? O Coe Wayland é amigo do meu irmão. Parece... — Franziu o sobrolho e Tommy sentiu os pêlos arrepiarem-se-lhe ao longo da coluna.

— Deve estar a pensar na ocasião em que o meu avô morreu na pista — disse Mário. — Teve um ataque de coração em pleno voo e caiu das mãos do meu tio Angelo. Já estava morto antes de ter chegado à rede. Houve muito falatório acerca disso nesse ano.

— Meu Deus — disse Paul -, não é para admirar. Isso foi uma coisa horrível! Que idade é que ele tinha? — Continuou a falar mas os olhos de Ina continuavam semicerrados, e Tommy percebeu que ela estava a tentar localizar uma recordação que lhe fugia. Se ela tinha aquele tipo de memória, mais tarde ou mais cedo recordar-se-ia.

Muito mais tarde, já de volta ao seu atrelado, ficaram a olhar um para o outro numa desolação silenciosa.

— Raios partam o Blanding mais as suas ideias brilhantes — disse Mário andando para trás e para a frente no atrelado atravancado. — Com o Paul tudo bem, acho eu. Mas a Ina tem ciúmes. Tem cuidado com ela, Tom.

— Porquê? Ela pareceu-me simpática. Pensei que era o Paul que era o ciumento.

— Sta bene, mas lembra-te de que te avisei.

— Se tens alguma coisa a dizer, Mário, então diz. Não andes à volta do assunto.

Mário apagou o cigarro.

— Esquece. Se calhar tens razão. Vamos dormir.

Para surpresa de Tommy, na manhã seguinte quando foram treinar — habitualmente faziam uma ou duas passagens depois de verificar os aparelhos -, Ina apareceu e perguntou se podia treinar com eles. A Tommy aquilo parecia bastante razoável, e não conseguiu perceber porque é que Mário ficou amuado e nervoso.

Ina era uma trabalhadora conscienciosa e ambiciosa; no entanto o treino e aperfeiçoamento pouco lhe adiantariam.

Ela atingira o nível profissional, não havia nada de amador nela, mas atingira o seu máximo e este era muito baixo. Durante aquelas sessões Mário ficava a base, e Tommy atribuía o seu ressentimento ao facto de ele não gostar daquele trabalho (ele nunca fora base de ninguém de boa vontade a não ser de Tommy e Liss). Rapidamente se tornou natural que Ina os convidasse para

tomar café depois dos treinos, e também pareceu natural que Tommy aceitasse e Mário recusasse. Ina era espirituosa e sagaz, e até o seu sarcasmo era divertido. Mário provocou-o um pouco por causa da sua conquista.

— Ora, até que é uma boa ideia estar de boas relações com a irmã do patrão. E ela faz um café óptimo. Deve usar uma mistura diferente daquela que nós usamos.

— Ela põe chicória no café ou coisa do género. — Mário fez uma careta.

— Eu gosto do café assim. Eu cresci no Sul, estás recordado?

— A Lu às vezes também fazia o mesmo, durante a guerra, quando o café estava racionado. Mas nenhum de nós conseguia beber aquilo. Quanto à Ina faz como queiras; já és crescidinho, mas eu continuo a achar que isso não é sensato.

— Ora, vá lá, até me devias agradecer — brincou Tommy. — Mantenho-a ocupada e dou-te a oportunidade de tentares engatar o Paul.

Os lábios de Mário apertaram-se e Tommy percebeu que pisara o risco de forma imperdoável.

— Cala-te com essas porcarias, estás a ouvir?

Uns dias mais tarde, ao tomarem café no atrelado dos Reddick, Ina disse:

— Tommy, o espectáculo vai separar-se dentro de uma ou duas semanas. Tu e o Matt não vão voltar no próximo ano, pois não?

— Não, não me parece.

Ina pôs-lhe uma mão no braço.

— Escuta, nós fazemos uma boa equipa, não fazemos?

Tu e eu?

Tommy ia responder-lhe com um comentário arrogante, depois percebeu, com incredulidade, que a mulher olhava para ele atentamente, muito corada. Tinha os lábios húmidos e as suas narinas frementes fizeram-no sentir algo enjoado. Suavemente tirou a mão dela do seu braço.

— Não está a deixar o Paul como que fora disto?

Ela lançou-lhe um olhar subitamente duro antes de bater as pestanas e a sua sensação de enjoo piorou. Se ela tivesse feito uma

proposta directa, em qualquer dos sentidos, ele saberia como lidar com a situação. Sabia lidar com as mulheres que se atiravam a ele; os rapazes bonitos que usavam calças de ginástica acostumavam-se a ser olhados com lascívia pelas mulheres mais velhas. E saberia também lidar com qualquer tipo de proposta de negócios, por menos bem-vinda que esta fosse, tentando pelo menos ter algum tacto. Mas quando as propostas vinham embrulhadas uma na outra como acontecia naquela situação, ele nem sabia se havia de se sentir desolado se divertido.

— Com alguém realmente bom eu teria hipóteses de chegar a algum lado. O Paul só serve para estes espectáculos do circuito da lama, por isso mantém-me agarrada a isto. Mas o nosso casamento já acabou há muito tempo, percebes o que eu quero dizer?

Esfomeada por sexo, também. Tommy lembrou-se de repente das suposições de Mário acerca de Paul Reddick. Disse, impotente e procurando palavras que não a magoassem a ela nem o comprometessem a si próprio.

— Bem, isso é com o Matt. — E, meu Deus, pensou, que batata quente eu lhe estou a passar!

Ela chegou-se mais para ele, quase toda encostada ao seu braço, quase que se aninhando contra si.

— Não me parece que o teu irmão goste de mim. Mas tu gostas, não gostas?

Meu Deus! Pensou Tommy furioso e embaraçado, e recordando-se rapidamente de um dia no Lambeth, há muitos anos.

Pela primeira vez sentiu a simpatia por Mário que naquela altura não pudera sentir por ser demasiado novo e inexperiente.

Eu dei à rapariga qualquer coisa em que pensar, e talvez agora esse tipo de rumores acabe por morrer de uma vez por todas.

Foi a mulher mais fácil de levar para a cama que eu já tive.

Mas ao mesmo tempo que aquela ideia lhe ocorria ele rejeitou-a. Disse, com gentileza e neutralidade:

— Claro, Ina. Só que tanto eu como o Matt temos muito boa opinião do Paul. Ele é capaz de ficar com a ideia errada.

Ela percebeu a mensagem e recuou, com os olhos muito abertos numa boa imitação de grande indignação moral.

— Seu vadiozinho atrevido! Faço-te uma proposta honesta de trabalho e insultas uma mulher casada e respeitável!

— Escute, não foi minha intenção insultar ninguém...

Abruptamente ela virou-se estalando os dedos. Ele viu a recordação nos seus olhos.

— Santellis. Eu sabia que tinha havido qualquer coisa.

Foram vocês os que o Wayland expulsou do acampamento. Sob a acusação de imoralidade.

Tommy estava a tremer e sentia-se cheio de frio. Disse calmamente:

— Houve cerca de quatro versões da mesma história a correr por aí, Ina. Se a Ina ou o Paul quiserem ouvir a nossa, podem ouvi-la depois do espectáculo. — Acrescentou: — Obrigado pelo café — e foi-se embora.

Bolas, eu devia ter-lhe dado aquilo que ela queria! Tinha de contar a Mário, e a sua reacção era previsível.

— Eu disse-te que essa tipa era veneno.

— Pois disseste. E tinhas toda a razão. E agora que raio vamos fazer? Deixar que ela vá encher os ouvidos do Blanding?

A frase favorita dele é: "Este espectáculo é um espectáculo limpo." Não reconheceria um vigarista nem que ele lhe mordesse, e acho que nem sequer sabe que os tipos dos quiosques o estão a roubar indecentemente, mas uma coisa destas... bem, podes imaginar.

Mário apoiou o queixo nas mãos.

— Detesto fazer isto ao Paul, mas parece que a melhor coisa que temos a fazer é irmo-nos embora. Não devias ser assim tão atraente para as mulheres!

— Costumavas dizer que isso era um dote profissional.

— Eu costumava dizer uma data de asneiras — retorquiu Mário com súbita violência. — Eu já tinha visto que a Ina era um grave caso de cio antes de estar neste espectáculo há uma semana!

— Olha, se eu me for embora...

Mário respirou fundo.

— A temporada também só tem mais uma semana ou dez dias. Vai andando, eu faço as malas enquanto tu prendes o atrelado. — Com uma hilaridade repentina e absurda acrescentou:

— Miúdo, ser expulso de um sítio destes, bolas, agora é que não temos mesmo mais sítio nenhum onde nos esconder!



## Capítulo IV

— Isto parece estar tudo na mesma — comentou Mário.

Tommy, vendo o brilho do sol reflectido nas janelas enquanto viravam para o caminho que levava à casa dos Santellis, recordou-se de uma outra ocasião em que ali estivera, incapaz de reunir a coragem necessária para entrar. No entanto agora estavam de volta.

Estacionou o carro atrás de um Chrysler azul metalizado que estava parado no caminho, perguntando-se qual dos membros da família teria comprado um carro novo. Travou o atrelado verde. Tinham vendido o velho carro de Mário na noite em que tinham deixado os Espectáculos Blanding, e tinham vindo para casa no carro de Tommy, e para ele esse facto, mais do que todas as promessas, mais do que qualquer acto de amor, marcava o ponto de não retorno, e queimava todas as pontes.

— Bem — disse Mário -, vamos lá dar-lhes a oportunidade de darem as boas-vindas aos filhos pródigos. — Subiram os degraus juntos e tocaram à campainha. Passados alguns instantes ouviram-se passos lá dentro e Joe Santelli, com uma camisola vestida mas descalço, ficou a olhar para eles incrédulo, franzindo os olhos sob a luz do sol.

— Matt! E... valha-me Deus, Tommy? — Deu um grande abraço a Mário, estendendo a mão livre a Tommy. — Eu bem que deveria ter calculado que um dia haveriam de aparecer juntos!

Entrem, miúdos, entrem. Sejam bem-vindos a casa! — Bateu com a porta e gritou: — Lúcia! Vem cá ver quem está aqui!

Lúcia apareceu ao fundo do átrio e depois correu desajeitadamente e lançou-se nos braços do filho.

— Olá, Lu. O filho pródigo regressou.

Ela disse numa voz abafada:

— Bem, já não era sem tempo. Matt, deixa-me olhar para ti! — Mas quando ergueu a cabeça, os seus olhos estavam secos e os

lábios curvavam-se no seu velho sorriso cheio de autocontrole.

— Magro como um choupo, evidentemente. Pareces um vadio.

— Conduzimos a noite toda — desculpou-se Mário. — Não parámos para nos arranjar, nem nada.

Um adolescente alto — deve ser o Clay, pensou Tommy; ele já teve ter aquela idade — e uma rapariga morena e elegante de 11 ou 12 anos, que Tommy não reconheceu, entraram no átrio. Lúcia apertou por alguns momentos o braço de Mário e depois largou-o. Mário pôs as mãos nos ombros da rapariga morena.

— Olá, Tessa, lembras-te de mim?

Ela assentiu com timidez.

— Por onde é que andou, tio Matt?

— Oh, por aí. — Beijou-a com meiguice numa das faces e disse olá a Clay.

Lúcia estendeu a mão a Tommy.

— É bom ter-te de volta a casa — disse. — Entrem, rapazes.

— E ficou-se por aí.

A velha sala de estar continuava a cheirar a fumo, à madeira apanhada nas praias e a bons cozinhados. Tessa disse, cheia de naturalidade:

— O melhor é pôr mais dois pratos na mesa. — Joe deu um copo de vinho a cada um. Havia algumas almofadas novas no sofá, mas de resto a velha sala estava na mesma.

— E que tem feito o Angelo agora? — perguntou Mário.

— É duplo no cinema, que outra coisa seria de esperar?

— A Bárbara também trabalha no cinema — disse Clay.

— A dançar? — perguntou Mário, parecia interessado.

Lúcia disse com desdém:

— O Johnny e a Stella ofereceram-lhe um lugar no número deles. Mas ela prefere dançar! Ela e mais outra rapariga têm um apartamento no White Knoll Drive. Os jovens agora são assim!

Pessoalmente, eu acho que uma rapariga solteira deveria viver debaixo do tecto da família, mas não tenho nada a ver com isso! — O olhar que lançou a Joe estava cheio de ressentimento, e Tommy percebeu que as velhas discussões continuavam tão acesas como sempre.

Tommy perguntou a Clay:

— Então e tu?

— Eu gostava de voar, mas o meu pai diz que ainda sou muito novo para começar.

Mário riu-se.

— Eu já estava na barra quando tinha dez anos.

— Bem — disse Joe -, se ficares por cá o tempo suficiente, podes ensinar o Clay. Eu não posso, e o Angelo não quer.

— Mas agora diz-nos por onde andaste, Matt — exigiu Lúcia. — Nunca chegaste a ver os meus anúncios no Billboard, em todos estes anos?

— Não. Andei por aí na vadiagem. Trabalhei com grupos de saltimbancos e passei um ano no México. Estava a trabalhar num pequeno espectáculo quando o Tommy apareceu. Depois deixámos o espectáculo e viemos para casa.

— Mas porque é que... — Lúcia interrompeu-se ao ouvir o som de um carro que se aproximava e correu para a entrada.

Ouviram a sua voz, alta e excitada, chamar: — Angelo! Angelo, adivinha quem acaba de aparecer!

Angelo estava mais pesado e menos atlético, e na sua cara havia rugas que não tinham ali estado antes; quanto ao resto continuava o mesmo Angelo de sempre. Abraçou-os aos dois, um de cada vez. Manteve os ombros de Tommy entre as mãos um pouco mais longamente, dizendo:

— Miúdo, acho que nunca fiquei tão contente por rever alguém! Por amor de Deus, miúdo, o que é que te fez desaparecer daquela maneira?

Tommy disse, pouco à-vontade:

— Eu era um fedelho tonto. Podemos ficar-nos por aí? Isso de qualquer forma são tudo águas passadas.

Angelo acabou por assentir.

— Está bem — disse -, mas como é que tu e o Matt se juntaram outra vez? Como é que o encontraste?

— Foi pura sorte — disse Tommy. Aquela era a única versão que ele estava disposto a dar-lhes. — Eu passei naquela cidade Por acaso. Ele estava a trabalhar num número de trapézio.

Contrataram-me durante algum tempo, mas a senhora Reddick começou a lançar-me olhares esfomeados e o Paul Reddick era um tipo demasiado decente para eu lhe fazer uma coisa dessas e por isso viemo-nos embora.

Angelo riu-se.

— Problemas com mulheres são um inferno nos espectáculos.

Foi por isso que sempre gostei de viajar com a Terry. Se a nossa mulher está ali mesmo, a ver tudo, isso é uma boa desculpa para afastar as mulheres com o... — olhou para Tessa e emendou -, com inclinações aventureiras. — E Tommy percebeu que, embora não tivesse dito nada que não fosse verdade, lançara uma pista falsa que duraria algum tempo. Deixámos o espectáculo por causa de um problema de saias. Era o tipo de coisa que Angelo gostava de ouvir.

Depois do jantar Mário expôs-lhes os seus planos com um certo ar de desafio.

— Não temos de ficar aqui se estivermos a atrapalhar. Mas precisamos de um sítio onde possamos treinar. Estamos a pensar voltar à estrada esta Primavera, se conseguirmos arranjar um base.

— É claro que ficam cá — disse Lúcia prontamente.

— Angelo, suponho que não o consigo convencer a voltar a trabalhar connosco?

— Não, acho que não — disse Angelo, a sorrir.

Clay disse numa voz acanhada:

— Há alguma hipótese de eu trabalhar convosco?

— Sim, está bem — disse Mário -, mas eu sou horrível a trabalhar. Pergunta ao Tommy.

— Ele parece ter sobrevivido — disse Clay e Tommy riu-se.

— Sim, sobrevivi. Com algumas cicatrizes, mas sobrevivi.

— Mas vai trabalhar connosco, Angelo? Mesmo se não o conseguirmos convencer a ser o nosso base, ajuda-nos a trabalhar os pormenores do número?

Angelo abanou a cabeça.

— Vocês sabem o que eu sinto em relação a isso. E nunca fui grande coisa como treinador.

— Angelo, foi o tio quem me ensinou a fazer o triplo!

— Como já disse aí umas cem vezes, não te ensinei coisa nenhuma. Só te aturei enquanto tu próprio aprendias a fazê-lo sozinho. Tu é que és o treinador; porque é que não ensinas ao Tommy alguns dos teus melhores exercícios e não fazes um número simples só com os dois, contigo a base? Vocês costumavam trabalhar muito bem nos exercícios de pares. Bolas, de qualquer forma, as probabilidades estão contra ti, Matt. Com o teu tamanho, vais acabar a base, mais cedo ou mais tarde.

Um eco agonizante ecoou na memória e no espírito de Tommy: Aqui está o quanto me interessa. Se alguma vez tiver de ser, deixo de voar para ser o teu base.

Mas Mário limitou-se a abanar a cabeça.

— O nosso antigo quarto está vago? — perguntou a Lúcia.

— Claro. Ou qualquer dos outros quartos lá de cima.

Se há alguma coisa de que não tenhamos falta, é de espaço.

O familiar átrio do andar de cima estava com um aspecto um pouco mais gasto, mas o quarto com o papel de parede às riscas estava exactamente igual ao que fora seis anos atrás. Lúcia disse, abrindo a porta:

— Podias mudar-te para o quarto do Papa, no rés-do-chão, se quisesses. Mas está todo desarrumado. Precisa de ser pintado e o estuque reparado.

Mário sorriu.

— Esqueça. Eu e o Tom vivemos juntos naquele meu atreladozinho, e isto é uma mansão comparado com aquilo. Não, a sério, Lu, não se preocupe.

— Façam como quiserem. Se não se importam realmente de partilhar o quarto durante uns dias, eu arranjo-te depois um dos outros quartos para ti. — Lúcia beijou a face do filho e, depois de uma ligeira hesitação, beijou também a de Tommy. — É bom ter-vos em casa.

Mário deu-lhe um abraço apertado.

— Lu, porque é que não vem em digressão connosco?

Aposto que ainda conseguiria!

— Ir convosco — disse ela, rindo-se. — Estou velha e gorda, e gosto dos meus confortos.

— Lu, não quis perguntar à frente da família, mas... como está a Liss? Ela está bem? É feliz?

Os olhos escuros de Lúcia ficaram graves.

— Quem é que é capaz de dizer o que é ser feliz? Ela assentou.

Tem uma bela casa com o David, nos subúrbios, o Davey está na escola e a Cleo começa este ano. Ele ganha bem, dão-se bem, não atiram com a mobília um ao outro. Quem sabe, se calhar tem uma vida melhor do que qualquer um de nós.

— Gesú! Isso é tudo o que consegue dizer?

— Não sei o que queres que eu te diga, Matt. — Lúcia virou-se para sair do quarto, mas quando chegou à porta hesitou.

Nem sequer perguntas? A Susan esteve aqui no Verão passado com a Suzy, durante alguns dias. A Suzy é linda, Matt. É tal e qual a Liss quando era bebé. Ela e a Cleo da Liss poderiam ser gémeas Mário virou as costas, com os lábios muito apertados.

— Se ela é parecida com a Liss, é só porque a Susan é parecida com a Liss. Não tem nada a ver comigo.

— Matthew, Gesú e Maria, isso é uma coisa muito grave para se dizer! — Explodiu numa torrente de italiano. Mário franziu o sobrolho.

— Escute, mãe — disse, e como Tommy nunca o ouvira chamar mãe a Lúcia antes, sentiu-se chocado, embora a voz de Mário estivesse perfeitamente calma. — Pode ser grave, mas acontece que é verdade. A Suzy não é minha filha. E se pergunta como é que eu sei disso, sei-o da única forma que é possível saber esse tipo de coisa.

Lúcia corou. Disse qualquer coisa em italiano, mas Mário respondeu-lhe com brusquidão:

— Sim, e vou dizê-lo em bom inglês. A Susan é uma puta, e a Suzy é bastarda. É suficientemente claro para si? Eu estava disposto a ficar com a Suzy e ela nunca saberia que eu não era o pai, e visto que diz que ela é parecida com as outras raparigas da família, provavelmente eu ter-me-ia saído bem. Mas a Susan não quis que assim fosse, por isso dei-lhe o divórcio e a filha dela, ponto final. E se eu tivesse sabido que ela teria a lata de aqui vir, ter-lhe-ia torcido o pescoço.

— Matthew Gardner, não vou consentir esse tipo de linguagem debaixo do tecto do meu pai! O casamento é um sacramento, é sagrado. Aos olhos de Deus tu e a Susan são marido e mulher para sempre...

— Lu, por amor de Deus, se vir as coisas dessa forma, então eu e a Susan nunca fomos marido e mulher. Ela divorciou-se do primeiro marido um ano antes de eu a ter conhecido! E não está aí uns trinta anos atrasada para começar a ser sentimental em relação às crianças?

— Oh, Matt... — O rosto de Lúcia, ainda belo, contraiu-se.

Abriu as mãos e o gesto, tão resignado, fez Tommy sentir-se próximo das lágrimas. — Só desejo, Matt, que os teus filhos saibam perdoar melhor do que os meus. Vocês bem que me fizeram pagar por isso, todos vocês, Deus sabe-o bem.

— Lúcia, cara Lúcia...

Chamaste-me "mãe" há um minuto atrás. Mas para o fazeres, tiveste de estar tão zangado que tinhas vontade de me matar!

Mário sorriu, mas o seu rosto tinha uma expressão selvagem.

Quando nós éramos suficientemente novos para lhe querermos chamar mãe, querida Lu, ensinou-nos a pensar que "mãe"... era um palavrão. — Ela estremeceu e pôs-lhe uma mão no braço.

. Magoou-me e eu retribuí, mais nada. Perdoa-me?

Ela apertou-lhe a mão dele na sua.

— Claro. Mas... filho... mas isso remediará o facto de não teres tido o tipo de mãe que merecias ter tido? Impedir que a Suzy cresça tendo um bom pai e uma família?

Mário abanou a cabeça, fatigado.

— E que bom pai eu daria! — disse. — Não, claro que não, Lu. Mas ninguém pode fazer com que as coisas sejam diferentes do que são. A Suzy terá de se sujeitar, acho eu, como todos nós nos sujeitámos.

Uns dias mais tarde Tommy e Mário estavam no rés-do-chão, no vestiário, a separar o guarda-roupa empacotado na última temporada dos Santellis Voadores. A sala cheirava a pó e a fechado, uma mistura de cheiro a naftalina e o odor indefinível de suor e panos bafientos. Um dia, pensou Tommy, batera ali o coração da

casa, o seu centro vital; agora estava vazia, sem vida. O quadro na parede estava vazio e coberto de pó, as paredes nuas. Mário olhou demoradamente para a sala.

— Parece-me que a Escola de Trapézio e Reformatório fechou as portas de vez. Amanhã montamos o aparelho de trapézio, podemos pedir ao Joe e ao Angelo que venham cá a baixo ajudar-nos com os cabos.

Tommy assentiu.

— É melhor montarmos também o dispositivo de segurança, com os miúdos por aí. Queres mesmo ensiná-los, Mário?

Aquilo fora assim: Um ano antes, três dos colegas de escola e Clay tinham formado um grupo acrobático, e depois de terem avançado dos exercícios no tapete para as barras paralelas tinham começado à procura de alguém que lhes ensinasse trapézio. Angelo recusara prontamente, mas uns dias antes Clay tinha feito menção do facto e a reacção de Mário fora:

— Porque não?

A Tommy respondeu, lentamente:

— Bem, eu de qualquer forma tenho de ensinar o Clay, o Papa Tony teria querido que eu o ensinasse. E se tenho de ter um adolescente, bem que posso ter meia dúzia.

— Achas que o maior não poderia ser o nosso base?

— Não, se o meu julgamento estiver certo. Oh, podemos mantê-lo debaixo de olho, mas o que há a fazer é mantê-los todos juntos, deixá-los construir o seu próprio número. O "grande" Phil Lasky, tinha dezassete anos; os outros, os amigos de Clay, eram o Bobby e o Carl Meredith e tinham catorze e quinze anos, respectivamente.

— Achas que o Clay vai ser alguma coisa de jeito, Mário?

— É demasiado cedo para se dizer. Ele está interessado, e isso é o mais importante. Mas pode perder o interesse, como aconteceu com a Barbie. Agora, se ela quisesse voar connosco, eu incluía-a no número. Mas ela não quer. Parece que a família acabou mesmo para o trapézio. Sabes, tentei fazer com que a Tessa subisse as cordas no outro dia. Sabes que ela estava demasiado assustada para tentar? A Lu disse-me que ela sempre tinha tido medo das alturas, mas



quando ela era pequenina, lembro-me de ter de andar sempre a tirá-la de cima de qualquer coisa. Uma vez trepou ao trapézio voador sozinha. Agora nem sequer se lembra disso.

— Dada a forma como o Angelo se sente, provavelmente isso até é bom.

— Vou estar ocupadíssimo com os rapazes, de qualquer forma.

— Eles parecem já gostar de ti.

Mário lançou-lhe um olhar duro.

— Ainda estás a pensar no miúdo Chandler?

— Raios, não!

— Pensei que talvez não tivesses confiança em mim relativamente a miúdos novos.

— E eu seria a pessoa indicada para falar nisso, não era?

— Ei... — Mário virou a cabeça de lado, pondo-se à escuta. — Quem é que vem aí nas escadas?

A porta da sala de treinos abriu-se com estrondo e alguém chamou: "Matt?" Depois ouviu-se o barulho de saltos no em outros tempos sacrossanto chão da sala de treinos, a porta do vestiário abriu-se de par em par e Liss lançou-se nos braços de Mário, com uma violência tal que ele se desequilibrou e teve de dar um passo atrás antes de recuperar o equilíbrio.

— Oh, Matt! Estes anos todos, tive tanto medo... temi que estivesse morto algures. Quando a Lúcia me telefonou, meti-me no carro e só parei aqui... — Enterrou a cabeça escura no ombro dele. — Todos estes anos, sem saber...

Os braços de Mário apertaram-se em torno dela e ficou a olhar por cima da sua cabeça, com o rosto contraído e com uma palidez de morte. Depois agarrou-lhe nos ombros e ficou a olhá-la à distância dos braços estendidos.

— Calma, doçura, estou aqui e estou bem. Raios, então é assim? A chorar desta maneira? Isto não é nenhum funeral!

Ela limpou a cara encharcada.

— Matt, como é que pudeste fazer uma coisa assim? Todos estes anos sem uma palavra, nem um postal, e depois nem sequer me disseste que tinhas voltado... só soube quando a Lúcia me telefonou ontem...

— Doçura... eu... eu ter-te-ia dito. Só que não sabia como é que havia de te dizer. Olha, eu estou aqui, está bem?

Ela agarrou-se à mão dele.

— Matt, estás tão magro, tão macilento e o teu cabelo está a ficar grisalho...

Ele enrolou um dos caracóis que caíam sobre a têmpora de Liss num dos seus dedos.

— Olha quem fala, doçura. Escuta, eu teria entrado em contacto contigo, mas não consegui... não consegui falar contigo ao telefone. Como estás tu, querida? E nem vais sequer dizer olá ao Tom?

Ela agarrou-se-lhe ao braço tentando recuperar as boas maneiras.

— Olá, Tommy. Ouvei dizer que estiveste na tropa. Estás muito crescido, não estás? Não vi que eras tu. — Estendeu-lhe a mão. Esta era muito macia e parecia muito bem cuidada, com as unhas compridas, arredondadas e envernizadas. Parecia mais alta, e Tommy viu que era por usar sapatos de salto alto; nunca a tinha visto calçada com mais nada a não ser sapatilhas de ballet ou sapatilhas para o trapézio. Estava mais cheia, mais arredondada, a linha delicada da cintura mais esbatida, estava mais mulher. Tinha cortado o cabelo e usava-o redondo e fofo; o rabo de cavalo desaparecera. O rosto em forma de coração seria sempre adorável, as mãos elegantes seriam sempre graciosas — como as de Lúcia, pensou Tommy -, mas ela amolecera. Em poucos anos ficaria como Lúcia, talvez até mais pesada. Tommy sentiu-se irracionalmente triste. Gostaria de poder recordar a sua graça de cisne, o longo cabelo voando ao vento e os seus gestos delicados sem que a imagem de uma Liss mais velha esbatesse essa memória.

— A Lúcia disse-me que vocês os dois vão em digressão este Verão.

— Se conseguirmos arranjar um base.

Ela sorriu com timidez e, por instantes, um vestígio da antiga Liss brilhou-lhe nos olhos.

— Parece divertido. Eu nunca voltarei a voar, evidentemente, mas gosto de pensar que ainda há um par de Santellis a voar,

algures.

Mário agarrou-lhe nos dedos finos e começou a brincar com eles, deslizando as mãos em torno das unhas, tocando cada falange separadamente.

— Queres voltar a voar, doçura?

— Oh, Deus, Matt, não sei — disse ela e Tommy viu a sua mão parar, ficar rígida como uma pequena garra. — Não fales nisso.

— Porque não? Ainda podias, sabes? Eu estive parado quatro anos, e voltei. Liss, se quiseres...

Subitamente ela pareceu aterrorizada.

— É demasiado tarde, Matt. Já era tarde quando me casei com o David, só que eu não sabia disso. Tentei, mas já era demasiado tarde. Nem quero sequer pensar nisso outra vez.

O rosto dele estava abatido.

— Parece que eu não fui o único membro da família a desaparecer de vista.

— É diferente. Para um homem é diferente. Matt, por favor, não. Talvez eu... eu tenha errado, mas o mal está feito e agora não há nada a fazer, e não consigo passar por isto outra v... por favor, Matt. Se me amas...

Ele pegou-lhe novamente na mão. Era tão pequena, que ficava completamente escondida pela sua. "Doçura...", murmurou, e por instantes Tommy pensou que ele ia chorar. Depois soltou um longo suspiro e soltou-lhe a mão.

Liss perguntou:

— Tens visto a Suzy?

Mário abanou a cabeça.

— A Lu já me esteve a dar cabo da cabeça por causa disso.

Não comeces tu agora.

— Ela está outra vez a trabalhar com o Starr, disse-me a Lúcia — disse Liss. — Ela parece muito mais nova que eu... manteve a mesma figura. Estou-me a referir à Susan. E a Suzy, é uma bonequinha, é tão parecida com a Cleo Maria. Dei-lhe muitas coisas da Cleo, afinal ela é da família.

— Liss, importas-te de não falar nisso?

Os lábios dela curvaram-se, mas não estava a sorrir, nem nada que se parecesse.

— Então somos dois a não querer falar de qualquer coisa.

Mas, Matt, a Suzy é a outra única neta Santelli. Não deverias ter permitido que a Susan ficasse com a bebé.

— E como é que eu poderia educar a miúda sozinho?

Entregarias os teus filhos à Lúcia para que ela tos criasse? Então, entregarias?

Ela ficou em silêncio e, mais uma vez, Tommy vislumbrou a antiga Liss quando ela enrolou um caracol nos dedos.

— Não sei se ficariam muito pior do que aquilo que estão.

E se eu o tivesse percebido há seis anos... — Abanou violentamente a cabeça. — Isso não tem nada a ver para o caso. A Suzy podia viver connosco. O Dave gosta de crianças... ficaria feliz se eu tivesse uma meia dúzia. E a Suzy é tão parecida com a Cleo, que se adaptaria perfeitamente. Ou... — Liss hesitou e depois disse: — A Stella morreria para ficar com ela. Ela não Pode ter bebés, como sabes, e nem sequer podem adoptar um, a viver aqui e ali como vivem. Ela até já tentou levar o Johnny a assentar num sítio qualquer para poderem adoptar um bebé.

Contorceu a boca e acrescentou: — Pensando bem, sei até dois com que ela poderia ficar, se eu conseguisse arranjar maneira de lhos dar. Oh, Deus, pareço a Lu, não pareço? Parece-me bem que a galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha.

Mário disse, depois de um silêncio longo e tenso:

— Onde é que o Johnny e a Stella estão, doçura?

Ela também pareceu aliviada pela mudança de assunto.

— Quer dizer que não viste o grande espectáculo de circo na televisão? Uma coisa que se chamava Os Dias e as Noites do Circo? Foi o Johnny quem produziu o programa, e a Stella era uma das estrelas. Não viste o programa, no Verão passado?

— A única vez que vi um aparelho de televisão foi num bar. Mas podes contar-nos essa história toda mais tarde, doçura — disse ele pondo-se de pé e olhando para o relógio. — Eu e o Tom temos de montar o aparelho.

Liss ficou com eles quatro dias. No último dia foi até à sala de treinos e ficou ao lado de Tommy, observando Mário trabalhar com os quatro rapazes; Clay e os três colegas de escola que Mário estava a ensinar.

Observando-o do ponto de vista do adulto, Tommy apercebeu-se de que Mário era um professor nato. Tinha o dom raro de ser descontraído e informal, sem nunca perder a relação indispensável professor-aluno. Conseguia rir com os rapazes, brincar com eles, dizer piadas e ouvir as suas — e, no entanto, quando estalava os dedos e dizia: "Muito bem, miúdos, é altura de trabalhar alguma coisa", eles ficavam imediatamente atentos e concentrados.

Tommy ainda não ouvira nenhum deles ser respondão com ele.

Liss observou-os a balouçarem-se, um após outro, e as suas primeiras quedas atabalhoadas para a rede.

— Não me parece que qualquer deles venha a ser grande coisa. Nem mesmo o Clay.

— Ora, isto dá-lhes gozo. E é bom para o Mário tê-los por perto. — Diariamente, Tommy via o antigo Mário emergir daquele estranho tenso e despedaçado em que ele se tornara nos últimos anos. Continuava tenso, demasiado calado, explosivamente nervoso mas, ao trabalhar com os rapazes, parecia-se mais consigo próprio.

Liss estava a ver Mário apertar um cinto de segurança em torno da cintura de Bobby Meredith.

— Sim, vejo bem que sim. O Matt devia ter uma dúzia de rapazes.

Tommy sentiu-se sobressaltado, mas Liss estava a observar Mário com um sorriso sereno. Percebeu que o que Liss quisera dizer, era que ele deveria ter uma dúzia de filhos.

— É realmente um bocado trágico, sabes, Tommy? Ele foi o melhor dos Santellis, e vai ser o último também. Não tem filhos, a não ser o bebé. Os filhos do Joe não querem voar, a Barbie já desistiu, e para o Clay isto não passa de uma brincadeira.

E o Johnny não terá filhos porque a Stella não os pode ter, depois daquele aborto que fez. Por isso as quatro gerações de Santellis atingiram o seu ponto alto em Matt, e vai acabar-se tudo com ele.

— Bem — disse Tommy -, pelo menos não cairão na mediocridade depois dele. Como aconteceu com aquela família de actores: três estrelas sensacionais numa geração e depois os filhos deles eram zés-ninguéns.

Liss tocou-lhe numa mão e disse:

— Parece-me que vais ter de ser o filho dele. Parece-me que vais ser o único que ele alguma vez terá.

Isso, pensou Tommy, observando Mário na plataforma, e tudo o mais que ele não tiver. Ele é a única família que eu alguma vez terei.

Uma tarde, Tommy desceu as escadas e encontrou Angelo na sala de treinos.

— O Matt não está em casa?

— Está lá em cima, a montar uma armadilha para os ratos que a Lúcia lhe pediu.

— Tom, posso arranjar-te uns dias de trabalho lá na companhia a filmar quedas, se te quiseres registar como duplo. Por cada sessão pagam-te cem dólares.

— Obrigado. Sabe Deus que esse dinheiro nos dava jeito, ao preço a que os aparelhos estão.

— Certo. Tens de ir à Equity para te registares e tens de entrar para o sindicato. — Angelo sentou-se no chão com as costas apoiadas na parede. — Queres contar-me porque é que vocês brigaram naquela altura? Quando te foste embora?

Tommy ficou a olhar para o chão encerado. Sentia-se ridículo, de pé a olhar para Angelo e sentou-se ao lado dele.

— Fiquei magoado por ele ter feito um contrato com o Fortunati e eu não poder. Fiquei com ciúmes.

Angelo encolheu os ombros.

— Deixa-te disso. Tu sempre o encobriste, não foi? Acho que devia agradecer por o teres trazido para casa, seja lá o que for que tenha acontecido. A Lúcia estava a ficar com cabelos brancos por causa disso. No entanto, não posso deixar de pensar nisso, Tom. Vocês sempre foram tão amigos, e de repente — Bum!

— Deixe isso, Angelo. Eu era um miúdo pateta.

— Sabes — disse Angelo com a sua bondade um tanto rude -, poderias ter vindo para aqui. Esta casa é tua, sabes?

O Papa Tony sempre quis que assim fosse. Eras parte da família como qualquer um de nós.

— Ele sempre foi muito bom para mim. Nunca o vou esquecer.

— Foi então pela memória de Papa Tony que tu andaste à procura dele e o trouxeste para casa?

Novamente embaraçado, Tommy encolheu os ombros.

— Nunca trabalhei com mais ninguém a não ser com o Mário, e eu queria voltar a voar. A não ser que quisesse fazer carreira no exército, voar é tudo o que eu sei fazer.

— E isso também não é lá muito bom.

— Bem, o Angelo deixou-nos e nós sobrevivemos. — Tal como noutra ocasião longínqua, as perguntas de Angelo, bem-intencionadas que eram, provocavam-lhe exasperação e perturbavam-no.

Raios, Angelo, deixe-se disso Sei o que está a tentar que eu diga! Quer saber se eu me separei do Matt por ter descoberto que ele era maricas, adoraria ouvir-me dizer que ele me fez um avanço e que eu me fui embora. Só que não fora assim que as coisas se tinham passado, e ele nunca poderia dizer uma coisa assim, e isso fazia com que se sentisse zangado e vagamente maldisposto.

— Sinto que estamos em dívida para contigo, Tom.

— Se alguém deve alguma coisa a alguém, sou eu. Quebrei o meu contrato. Ninguém me pôs fora. O Mário implorou-me que não me fosse embora.

— Mesmo assim, sinto-me responsável. Deixei-te andar com ele daquela maneira.

Tommy perguntou-se por quanto tempo mais conseguiria aguentar-se sem explodir.

Como eu já disse, fui-me embora com uma birra e fui demasiado teimoso para voltar. — Vagamente, como uma dor de dentes já meio esquecida, sentiu a memória dolorosa daquela noite: as ruas que percorrera sem ver, perdido, acabando por ir parar ao café onde a cara de Eddie Keno fora o único rosto familiar. Quisera fugir, e no fim da noite... Interrompeu a recordação, num corte

limpo, empurrou-a para fora do espírito, para lá de um penhasco, esquecida. Angelo olhava-o fixamente, mas os seus ombros acabaram por subir e descer quando ele os encolheu.

— Muito bem, miúdo. Se é assim que queres.

— Foi assim que as coisas se passaram.

— Sinto-me culpado por causa disso — disse Angelo. — Eu era responsável por ti. Legalmente e moralmente. Nunca deveria ter deixado o Woods-Wayland sem te ter trazido comigo.

— Eu não teria vindo.

— Terias de ter vindo. Estavas sob contrato com a família, não com o circo, e eu nessa altura era o teu tutor. Pensas que eu não sei que foi o Matt que fez com que tivessem sido todos despedidos? Não estou a dizer que acredito naquelas baboseiras sujas que Coe Wayland andou a espalhar por aí — olhou para Tommy perscrutando-o -, mas foi o Matt quem o esmurrou e vos arranjou aquele sarilho a todos.

— Se o Matt não lhe tivesse dado um murro, teria dado eu.

Ou o Johnny. Ele estava bêbado. Nenhum de nós teria entrado no espectáculo com ele.

— Mesmo assim. Se eu tivesse ficado no número, ou te tivesse trazido comigo...

Tommy deu-lhe um murro ao de leve no braço. — — Esqueça isso, Angelo.

— O Matt também passou um mau bocado, miúdo. Não o estou a defender, de forma alguma, mas quando ele veio até aqui a casa naquela noite, e descobriu que tu tinhas desaparecido...

— Angelo, isso são tudo histórias antigas. Podemos não falar mais nisso? Já pisámos e repisámos esse assunto!

— Pronto, pronto, miúdo. Vou arranjar-te trabalho como duplo. Como te disse, tens de te sindicalizar.

— Obrigado. Dá-me jeito. — Mas sentiu-se aliviado quando Angelo saiu da sala de treinos.

Quando Mário desceu passado algum tempo, perguntou:

— Afinal que é que o Angelo queria?

— Perguntou-me se eu queria ganhar algum dinheiro como duplo. Eu disse que sim.



— Quem me dera que o conseguisses convencer a voltar a ser o nosso base. Ele a mim não faz nada do que eu lhe peço, mas a ti acho que nunca houve nada que ele te recusasse.

Tommy retorquiu amavelmente:

— Estás com ciúmes? — antes de ter tempo de perceber que Mário não estava com disposição para aquele tipo de brincadeiras.

— Eu falei nisso, mas ele não está interessado. Raios, Mário, ele tem o mesmo direito de não voar, que nós temos de continuar a voar.

— Sim, eu sei. — Ficou a olhar maldispuesto para a parede. — Não que eu me importe de ser o teu base nos treinos. Mas, raios partam, isso não nos está a levar a sítio nenhum e eu quero voltar a voar.

Se alguma vez tiver de ser, Lucky, eu deixo de voar e serei o teu base. Se for a única forma de ficarmos juntos.

Ele respondera na altura, e estivera a falar a sério: Eu não te deixaria fazê-lo.

Nunca lhe pediria tal coisa. Nem mesmo se ele se tivesse oferecido de boa vontade, como uma oferta de amor. E Mário nem se recordava do voto que fizera; no entanto isso estava a ser-lhe exigido. Tommy olhou pensativo para as cordas do aparelho.

— Quanto é que tu pesas, Mário? Isto é, exactamente?

— Setenta quilos, em cuecas, porquê?

— Porque eu peso quase o mesmo e sou do tamanho do Angelo. Há alguma razão para que eu não seja o teu base?

O Papa Tony às vezes fazia-o.

Mário pestanejou.

— Um tipo pequenino como tu?

— Eu não sou assim tão pequeno. Tu és alto e magro e pareces grande, mas tens os ossos pequenos. Os meus pés são maiores que os teus, e as minhas mãos também. O Johnny ensinou a Stella a agarrá-lo a ele. E ele é maior que ela.

Mário abanou a cabeça.

— Eu sempre fui fiel ao que o Barney Parrish dizia. O base tem de ser suficientemente grande para aguentar o peso.

E, de qualquer maneira, pensei que detestasses trabalhar a base.

— Não mais que tu — retorquiu Tommy, embora isso fosse verdade. Adorava voar e tinha muito pouco interesse pelo trabalho do base. — Não sei se te conseguiria aguentar nos exercícios mais difíceis, mas tu de qualquer forma agora não fazes o triplo. Mas até arranjarmos um base, vou fazer a minha parte desse trabalho.

Mário parecia perturbado.

— Lucky, queres mesmo fazer isto?

— O que é justo, é justo — disse Tommy. — Farei a minha parte.

Mas sentiu-se subitamente apreensivo e estonteado quando começou a praticar o balanço pendular e regular que era o primeiro passo do trabalho do base. Dominara aquela técnica em tempos, mas já a esquecera. Lúcia foi com eles para a sala de treinos para os ajudar e para manobrar o trapézio para Mário.

Apesar dos protestos de Tommy, insistiu para que o trapézio base fosse reforçado por um berço, o laço para o pé utilizado pelas mulheres. Com os pés presos no laço, o base corria menos riscos de se desequilibrar do que com o laço para a perna que os homens mais experientes utilizavam. Teria muito tempo para trabalhar com esse tipo de laço, insistiu Lúcia, quando já se tivesse habituado ao peso. Durante alguns dias limitou-se a ajustar o seu ritmo ao do trapézio vazio, com Lúcia fazendo as marcações. Finalmente, depois de muitas tentativas, Mário disse: "Muito bem, vamos a isto."

Tommy já não se lembrava de que o base não via as mãos do voador, apenas o vulto do corpo a girar no ar. No entanto, e com aquela sua antiga precisão que comandava o cronómetro dentro de si, estendeu as mãos por instinto, e os pulsos juntaram-se com um pequeno esticão.

— Vês — disse ele numa voz tensa pelo esforço -, não tem nada que saber. — Pensou, Movemo-nos como se tivéssemos um só coração, e esqueceu-se disso imediatamente. Ficou espantado por se aperceber de que suportar o peso de Mário parecia não ser mais difícil do que suportar o seu próprio peso; a tensão nos músculos dos ombros era imensa, mas apenas momentânea.

Levou-lhe muito mais tempo a dominar a segunda parte do trabalho do base: libertar o voador no momento exacto para o seu retorno ao trapézio. Lúcia observou-os a trabalhar durante dias, mantendo um silêncio cheio de cepticismo, e o seu silêncio era perturbador. Tommy desejava que ela dissesse qualquer coisa, nem que fosse para o criticar. Como nos seus primeiros tempos de trabalho com os Santellis, sentia o corpo permanentemente dorido, a tremer de fadiga, os braços e os pulsos sempre magoados; os músculos, que não estavam habituados àquele esforço, não se adaptariam totalmente durante anos.

Angelo cumpriu o que prometera e Tommy trabalhou durante cinco dias como duplo numa comédia cheia de cenas de pancadaria, substituindo a estrela em quedas por escadas abaixo e para dentro de banheiras cheias de água. Perguntou-se por que razão Mário nunca teria experimentado aquele tipo de trabalho, e ocorreu-lhe pela primeira vez que, tendo cadastro, talvez algumas portas não estivessem abertas para ele. Mas afinal foi Mário quem, por sua própria iniciativa, falou no assunto.

Já era tarde, e Tommy estava meio a dormir no quarto — Lúcia falava periodicamente em arranjar mais um quarto, mas acabava por nunca o fazer -, quando se apercebeu de que Mário não estava deitado ao seu lado e que estava de pé, em silêncio, a olhar pela janela.

— Que se passa? — Tommy não se tinha apercebido da existência de qualquer problema até ao momento em que formulou a pergunta. À superfície, o seu espírito julgara apenas que Mário tinha ido à casa de banho, ou que tinha ido fumar um cigarro. Só quando as palavras ecoaram no quarto obscurecido é que Tommy percebeu que sim, qualquer coisa não estava certa, e que ele apenas não se apercebera disso até ali.

— Tommy, gostas de trabalhar como duplo?

— Sim. E sabe Deus que o dinheiro me faz jeito.

— Estamos assim tão falidos?

— Bem, cada tostão já é uma ajuda. E se tivermos de montar o nosso próprio número, vamos precisar de dinheiro. Precisamos mesmo de uma rede nova este ano.

Mário disse com uma violência contida:

— Estás a tentar exhibir-te?

Tommy sentou-se bruscamente na cama. — De que raio é que tu estás a falar?

— Faz-te sentir bem, não faz, sabes que estás a fazer qualquer coisa que eu não posso fazer?

Tommy ficou a olhar para ele, continuando sem perceber.

— Olha, preferes que eu ande por aí a viver à custa da tua família? Eu não vou viver por conta de ninguém, Mário. Vamos ter de aceitar o facto que, a não ser que estejamos a trabalhar juntos, vamos ter de passar algum tempo separados, de vez em quando. Eu não armaria nenhum drama se tu voltasses a dar aulas na escola de ballet. Porque é que me estás a atacar por causa disto?

— Mas pensaste... — Mário procurou um cigarro na mesa de cabeceira. — Foi isso o que tu pensaste? Que eu estava furioso por o Angelo te ter arranjado trabalho a ti e não a mim?

Fora o que Tommy pensara, embora não o tivesse dito, mas agora já não lhe parecia que fosse isso.

— Não. Mas é evidente que há alguma coisa que te está a perturbar.

Mário soltou um ruído estranho que poderia ser uma gargalhada.

— Subestimei o Angelo, então. Pensei que ele não seria capaz de resistir a contar-te a história toda, que eu me acobardei com esse trabalho. Que eu morro de medo por tu andares a trabalhar nisso, a tentares partir a porcaria do pescoço... — A voz enrouqueceu-lhe e ele calou-se. — Não que isso tenha importância, mas por acaso é um pescoço em que eu penso muito.

Com que me preocupo muito.

Tommy não conseguiu dizer palavra. Se Mário, de repente, tivesse partido uma janela a pontapé, ele não teria ficado mais espantado.

— O Angelo tem trabalhado como duplo todos os anos, monta nos rodeos, faz quedas, desde que existem duplos no cinema. Uma vez arranjou-me uns contratos. Mais ou menos na altura em que

eu... eu fui expulso da faculdade. — E Tommy ouviu-o engolir em seco na escuridão — Eu entrei em pânico.

Estraguei tudo. Fiquei morto de medo, foi tudo. Um cobarde.

— Meu Deus — murmurou Tommy -, e passaste cinco anos a aperfeiçoar o triplo. E chamam a esse exercício, como é?... Salto mortale.

— Isso é diferente. Não é a mesma coisa, não tem comparação!

Eu no trapézio sei o que estou a fazer, sei onde é que cada impulso me levará. Mas essa história de cair desamparado, esparramado, descontroladamente... — A voz sumiu-se-lhe. — Não aguento. É cobardia pura e simples.

— Que raio, Mário! Uma queda é uma queda, faz-se por instinto!

— Isso foi o que o Angelo me tentou dizer — disse Mário numa voz sumida na escuridão -, mas eu parece que não consigo fazer passar essa mensagem do cérebro para... para os meus músculos, ou para as minhas entranhas, ou para o que quer que seja que me controla.

A razão dizia a Tommy que tocara num ponto fraco, numa bolsa de inesperada irrazoabilidade, e que não devia falar mais nisso; mas não conseguiu.

— Admite — disse, tentando dissipar a tensão parodiando como costumava fazer no passado -, que não consegues forçar-te a fazer qualquer coisa que não seja bonita. Precisas da luz dos projectores e dos aplausos para arriscares o pescoço.

A gaveta da cómoda gemeu quando Mário a abriu.

— Provavelmente tens razão — disse numa voz neutra e sem emoção.

— Onde vais?

— A sítio nenhum. Dorme.

— Mário, eu não tive intenção de...

— Cala-te e dorme. — O que quer que dissesse agora, Tommy sabia-o, só agravaria a sua ofensa, por isso voltou a esticar-se na cama, e no meio do longo silêncio percebeu, subitamente, que não dizer nada ainda seria pior. As fugas de Mário, os seus súbitos

"Deixa-me em paz", eram um reflexo, provavelmente originários da sua infância, quando qualquer necessidade urgente de simpatia ou atenção tinham tido de ser adiados até depois do espectáculo ou até ao fim da temporada. Agora as manifestações de simpatia só o perturbavam; parecia ser-lhe muito necessário parecer nunca precisar de atenção ou simpatia. E repelia essas atenções quando mais delas necessitava. Mário tinha vestido as calças e calçado os sapatos e já tinha saído a porta quando Tommy percebeu tudo isto. Levantou-se e foi atrás dele.

— Volta já para aqui, seu idiota! Tu sabes que eu não te quis ofender. Não sejas parvo. Raios, Mário, será que tenho de fazer uma lista de todas as coisas de que eu tenho medo?

Mário descontraíu-se, riu-se e deixou que Tommy o levasse de novo para a cama. Mas quando se ajeitavam para dormir, Tommy pensou, sentindo-se miserável: Nunca te direi aquilo de que às vezes tenho mais medo. De ti, por vezes. E percebeu que as coisas nunca ficariam bem entre eles até que conseguisse dizer também isso a Mário.

## Capítulo V

Estava-se no último dia do ano. Bárbara tinha vindo jantar, mas até a Tommy a casa Santelli parecia vazia. Lúcia, movendo-se entre a sala e a cozinha, comentou meia dúzia de vezes, a quem quer que a quisesse ouvir, que nem sequer parecia Ano Novo. Chamou Mário para que abrisse uma garrafa de vinho, como se estivesse determinada a que a ocasião fosse tão festiva quanto possível, fosse como fosse, mas a casa estava cheia de fantasmas. Mário, com o rosto contraído e em silêncio, parecia vê-los em cada canto.

Mas nenhum deles, quando subiram para vestir camisas lavadas, mencionou os nomes dos ausentes. Estavam a começar a descer as escadas quando Mário pôs a cabeça de lado, à escuta.

— Não é um carro a entrar no caminho? Talvez a Liss e o David tenham vindo de São Francisco. Até isso melhoraria o Ano Novo à Lu. — A campainha da porta tocou, e Mário apressou o passo. — Mas a Liss não tocara à porta...

A Lúcia já estava no átrio. A meio das escadas, Tommy ouviu o seu grito de boas-vindas, alegre e sem palavras e viu-a ser envolvida pelo abraço de Johnny. Quando ele a largou, ela estava radiante. Tommy sempre suspeitara que, se Lúcia tinha algum preferido entre os filhos, esse era Johnny. Apesar de ter ficado perturbada como ficara pelo desaparecimento de Mário e pela sua longa ausência, não reagira assim quando ele regressara.

— Matt, vem cá ver...

— O Matt? Ele está cá? — Johnny largou a mãe e foi até à base das escadas e apertou o irmão num grande abraço.

— Ei, companheiro, eu sempre soube que tu havias de aparecer um dia — disse, afastando Mário para o poder ver bem.

— Onde raio é que tu te meteste? Na prisão, ou coisa assim?

— Coisa assim. Um dia conto-te, está bem? É bom ver-te de novo, Jock.

Johnny estendeu a mão a Tommy.

— Olá, miúdo. Por onde andaste este tempo todo?

— Na tropa — disse Tommy. Johnny continuava magro, de olhos brilhantes e irrequieto. Parecia um universitário. — Que tens feito?

— Queres dizer que não nos viste na televisão? Um espectáculo para uma das redes de televisão, emitido para todo o lado, um grande espectáculo. Os Dias e as Noites do Circo, foi como lhe chamaram.

— A Liss falou-me nisso — disse Mário. — Mas eu não estava no tipo de sítio em que houvesse uma televisão.

— Nem em sítio nenhum — disse Johnny e a sua voz soou ressentida. — Não tinhas nada que desaparecer durante tanto tempo. Fizemos um programa especial sobre o Barney Parrish e o triplo. O Jim já não voa, por isso tu e o Simon Barry são os únicos que fazem o triplo, e ele não tem estilo nenhum!

Eu queria-te para o triplo, desesperadamente, e não te consegui localizar!

— Por amor de Deus, Johnny, não comeces a ralhar com ele quando ainda não chegaste nem há dez minutos — repreendeu-o Stella. — Olá, Mário, estou contente por teres voltado!

Johnny insistiu:

— Mas se te tivesse conseguido localizar, poderias ter tido publicidade nacional na televisão, podias ter feito um regresso em grande, com o triplo...

Mário abanou a cabeça.

— Nunca mais fiz o triplo desde que me separei do Lionel.

— Nunca mais fizeste o... -Johnny ficou a olhar para ele, de boca aberta.

— Deixa-o em paz, Johnny — disse Stella bruscamente. — Vai mas é buscar a bagagem ao carro.

Estendeu as duas mãos a Tommy. Estava vestida com roupas caras, o cabelo apanhado ao alto, e pela primeira vez, desde que Tommy se recordava, estava maquilhada. Se ele a tivesse visto algures, pensou, não a teria reconhecido. Mas quando ela lhe pegou nas mãos, o reconhecimento surgiu: mãos duras, calejadas, secas pela resina, as mãos de uma trapezista. As unhas continuavam uma



desgraça, roídas até ao sabugo. Apesar dos anos, do sucesso, das roupas caras, ela ainda era a Stella, a sua Stella, como quando eram os dois um par de crianças estranhas no seio daquela família espantosa e peculiar. Deu-lhe um grande abraço, com uma sensação de que realmente voltara a casa.

Continuava a haver muitos lugares vazios na grande mesa familiar, mas Lúcia disse com satisfação, olhando para Joe que estava sentado no outro topo, que era tal qual os velhos tempos.

— O ano passado foi horrível — disse. — O Johnny não pôde sair de Nova Iorque, e o Angelo estava a trabalhar no Novo México. E nem sequer sabíamos onde parava o Matt. Nem o Tommy.

Tommy deu por si a pensar em Lúcia Gardner. Mário dissera-lhe uma vez que, apesar do seu casamento ter durado uns meros sete anos, ela nunca considerara sequer a hipótese de voltar a casar. Papa Tony dissera-o, numa ocasião: A nossa família come as pessoas vivas. Comera a Lúcia. Pelo menos ela preferira esta família a constituir uma outra, sua. Tommy reflectiu, sobriamente, que com ele acontecera o mesmo: escolhera, por sua livre vontade, voltar para a sua família adoptiva em vez de constituir uma sua. Joe, à cabeceira da mesa, estava a servir o vinho. O mundo podia mudar, mas os Santellis continuavam os mesmos.

Lúcia perguntou:

— Que vais fazer este Verão, Johnny? Vais voltar para o Starr?

— Aí não há futuro. O circo, tal como nós o conhecemos, está morto, Lúcia.

— Eu não acredito nisso — protestou ela.

— Não importa que acredite ou não, é a verdade. Há o Starr, e há mais oito ou dez pequenos espectáculos que vagueiam pelos campos, e pronto. Quem é que quer transportar um circo inteiro por caminho de ferro, quando todos os artistas e jardins zoológicos do mundo estão ali mesmo, do outro lado do interruptor da televisão? O cinema matou os espectáculos de variedades, e a televisão vai acabar com isso, e com o circo, de uma vez por todas.

— A televisão? — Ela ficou a olhar para ele, incrédula.

— A televisão é onde está o futuro do espectáculo, Lu.

— Não! — protestou ela. — Quem é que vai querer ficar sentado em casa a olhar para uma caixinha quando pode sair com a família? A televisão é uma moda passageira. Recuso-me a ter uma em casa.

— Espere e verá, Lu. Daqui a dez anos todas as famílias terão um aparelho de televisão, tal como já têm um carro e um rádio.

— Oh, claro — escarneceu Angelo. — Há dez anos dizia-se que o helicóptero substituiria o carro familiar, que haveria um estacionado em cada telhado!

Lúcia protestou:

— Não me consegues convencer de que chegará o dia em que ninguém se interessará pelo estranho, pelo extraordinário, por coisas que ninguém consegue fazer...

— Eu não disse isso. Os espectáculos à moda antiga é que vão desaparecer. O Starr já desistiu da tenda, não soube disso?

Agora só vão actuar em grandes recintos, como o Madison Square Garden. Na província ainda há alguns circos com tendas, mas não vão durar muito. Quantos espectáculos é que vêm agora no Billboard? — Não esperou pela resposta. — E há vinte anos atrás eram mais de cem. Vê? A ideia que as pessoas fazem do que é diversão, é isso que está a mudar. Mas vai haver sempre algum interesse pelos acrobatas; quanto mais confortável se torna a vida das pessoas, mais elas gostam de números espectaculares e de resistência. E a televisão é a montra perfeita para esse tipo de coisas.

Mário disse, de bom humor:

— Então eu se calhar estou mesmo sem trabalho.

— Raios, não. Só que trabalharás para a televisão. Fiz mais um contrato para outro espectáculo de circo nesta Primavera, para as mesmas pessoas que pagaram Os Dias e as Noites do Circo. Que tal, Matt, estás pronto para voltar a voar?

— Desde que consigamos arranjar um base — disse Mário e Johnny assentiu.

— Não tem problema. Eu arranjo-te um, ou eu próprio trabalho contigo. Tu costumavas ser bastante espectacular.

O sorriso de Mário era bem-humorado.

— Que diferença é que isso faz? Num desses ecrãs de televisão, que tamanho é que eles têm?, trinta centímetros?, como é que se vão poder ver os pormenores importantes do voo, se o trapezista não aparece com mais de sete ou oito centímetros?

— Sim, mas em compensação, pensa bem, tens dois ou três milhões de pessoas a verem-te! E sabes o que é uma lente de grandes planos? As pessoas vão poder ver o voo de perto, de uma forma que nunca viram antes. E agora têm a câmara lenta...

— Tretas — disse Angelo. — Para que é que alguém vai querer ver trapezistas em câmara lenta? A velocidade é que é a essência do voo no trapézio.

Johnny abanou a cabeça com vigor.

— Não. Está enganado, Angelo. Olhe, eles estão a usar essa técnica nos jogos de basebol, no futebol, para que se consiga ver como o jogador chega à base, como é que a jogada de três pontos foi conseguida quando foi tudo tão rápido que não nos foi possível ver. Lembrem-se de como, em cada espectáculo, temos sempre pessoas a fazer perguntas, a querer saber tudo, e como é que fazemos os exercícios? Agora podemos mostrar-lhes.

Durante todo o serão, Johnny tagarelou cheio de energia e entusiasmo, sobre os seus milhentos planos.

— Do que tu precisas é de um empresário, Matt. E qualquer pessoa neste negócio te dirá que eu sou o melhor. Enquanto estiveste ausente trabalhei num filme, mas acabou por não dar em nada. A vida de Barney Parrish, acreditas? Queres ouvir uma muito boa? Que achas de mim a fazer o triplo?

Mário disse, obviamente incrédulo:

— Não acredito. Nem que visse com os meus próprios olhos. Tu? Nunca.

Lúcia disse:

— Gianni, estás a fazer pouco do teu irmão...

— Conte-lhes, Angelo — disse Johnny.

Angelo riu-se e abanou a cabeça.

— Eu próprio vi e ainda não acredito, mas isso é porque sei como aquilo foi feito. Não te disse nada na altura, Lúcia, porque não

quis que ficasses com a ideia de que eu ia voltar a voar. Mas quando estavam a fazer o tal filme sobre o Parrish, o tal que acabou por não dar em nada, eu e o Johnny passámos alguns dias a dobrar os artistas, ele a voar e eu a base.

Lúcia disse:

— Não me vais dizer que fizeste um triplo, Johnny?

— Não — disse Johnny -, mas o que é verdade é que falsifiquei muito bem um. Fiz quatro ou cinco duplos, depois eles cortaram-nos e montaram as imagens. Pura falsificação, trabalho de câmara e montagem.

— Isso não me parece honesto.

Johnny encolheu os ombros.

— É o Mundo do Espectáculo. O Simon Barry fez um triplo que foi filmado, mas os meus falsos ficaram melhores que o dele.

Se eu tivesse feito um de verdade, metade do público pensaria que era uma falsificação de qualquer das maneiras.

Mário perguntou:

— E que é que aconteceu ao filme?

— Nunca o acabaram — disse Johnny.

— Acabou-se-lhes o dinheiro — acrescentou Angelo — e houve problemas com o sindicato dos duplos. Ovi um boato há uns tempos de que vão fazer o filme outra vez. Há um actor chamado Bart Reeder que está doido por o fazer.

— Bem, eu não quero nada a ver com isso. Essa porcaria dá azar — disse Johnny.

Mas Mário estava de cenho franzido, a sua atenção concentrada num outro detalhe.

— O Bart Reeder? Eu dantes conhecia um tipo com esse nome. Começou no palco e depois conseguiu alguns papéis no cinema, mais ou menos na altura em que o perdi de vista. Pergunto-me se será o mesmo tipo que eu conheci.

— Eu nunca o encontrei — disse Johnny. — Não sei se sabe representar alguma coisa, mas têm-lhe construído a imagem de estrela romântica, fazendo papéis históricos com a Louise Lanart, e falam dele como se fosse a melhor coisa que apareceu desde o Valentino. Mas hoje em dia a maioria dos actores não sabe

representar, e basta ligar o rádio para se ver que a maioria dos cantores não sabe cantar.

— Oh, ele é um bom actor — disse Angelo. — Bom como o diabo. E aguenta-se bem, também. Fui duplo dele num filme de piratas. Ele não precisava realmente de um duplo, poderia ter feito ele próprio o trabalho, mas o estúdio estava com medo que ele desse cabo daquela cara que é o sonho das raparigas.

Johnny atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— É o que fazem os agentes e a imprensa! Essa ideia de vender a imagem do Bart Reeder como o maior dos heróis românticos... aqui entre nós, ele é um grandessíssimo maricas, a maior bicha de Hollywood!

Lúcia parecia espantada.

— A maior quê?

Angelo disse qualquer coisa em italiano, entredentes, e Lúcia corou.

— Mesmo assim — disse Johnny -, tudo o que usa saias em Hollywood morre de amores por ele, das rapariguinhas às avozinhas. Ao pé disso, eu fazer triplos falsos nem sequer me parece muito desonesto.

Lúcia perguntou, o rosto contraindo-se de desolação:

— Matt, como é que conheceste um homem assim?

Mário disse, com uma casualidade estudada:

— Nem sequer tenho a certeza de que seja o mesmo tipo.

Costumava vir treinar à escola de ballet, foi a algumas das minhas aulas de acrobacia. Costumava entrar em corridas de automóveis e uma vez fui às corridas com ele. Depois conseguiu um par de bons papéis no cinema e perdi-o de vista.

Mas Tommy estava a recordar-se de uma conversa que tivera lugar há muito tempo, que já quase esquecera, e que na altura escutara sem perceber. Por mim podes ficar com a minha parte do Bart Reeder. E, quando contara a Tommy o episódio da sua juventude em que acabara na cadeia, Mário dissera, Tive medo de telefonar ao Joe ou ao Angelo, e não consegui encontrar o Bart.

— Seja como for — disse Johnny -, como é que começámos a falar dele? Era só para vos mostrar o que um bom agente pode fazer

com a imprensa. E eu quero mesmo entrar na produção televisiva. É aí que o dinheiro está nos dias de hoje, não está na representação nem nos espectáculos. Os bases são a tostão a dúzia.

Mário abanou a cabeça.

— Do tipo de base que eu preciso, não.

— Mesmo assim, vou construir este novo programa à tua volta. Tu estavas muito perto de te tornares no melhor de todos os tempos, irmão mais velho, e quando eu me der por satisfeito, toda a gente vai saber disso mesmo!

Era impossível não se ser contagiado pelo seu entusiasmo.

Ergueu o copo.

— Que tal, Matt? Ainda somos os Santellis Voadores, não somos? Ainda não estamos acabados!

Tommy sentia algumas dúvidas. Parecia demasiado bom para ser verdade, mais um dos planos grandiosos de Johnny, mais um dos seus exageros. No entanto a ideia fazia acordar memórias, velhos sonhos, ambições que ele pensava ter esquecido, e podia ver tudo isso acordar também em Mário enquanto o observava.

Tommy disse cautelosamente:

— E há algum dinheiro nisso?

Johnny riu-se, fazendo um gesto expansivo.

— Se há algum dinheiro nisto? Terei os contratos assim que conseguir falar ao telefone com os meus patrocinadores. Espera só e verás que tipo de dinheiro há nisto! Deixa-te de coisas! — Levou o copo aos lábios, bebeu, depois esperou, rindo, que os outros o imitassem. — Aos Santellis Voadores — ancor!

Observando o gesto, erguendo o seu copo lentamente e provando o vinho familiar de que nunca gostara e continuava a não apreciar, Tommy pensou, É estranho. Apesar de todos os discursos de Johnny sobre o seu afastamento da tradição familiar, ele é tal e qual o Papa Tony. Daqui a quarenta anos até se vai parecer com ele! Olhando em volta da mesa enquanto a família bebia ao brinde, perguntou-se se mais alguém se aperceberia disso.

Johnny falou sem parar até à meia-noite, as ideias continuando a jorrar.

— Lembrem-se do grande número de que costumávamos falar quando éramos miúdos, Matt? Uma estrutura aerodinâmi... os aparelhos pintados de prateado, tudo aquilo que não for manuseado polido até brilhar. Fazer incidir sobre os aparelhos luzes coloridas. Mesmo o trapézio. Fazer com que aquele tipo, como é que ele se chama?, nos arranje uma tinta qualquer que brilhe e não seja escorregadia. Desistir das velhas calças de ginástica e camisolas e usar fatos futuristas, estranhos, metálicos, criar a ilusão de voos a jacto, de voos espaciais.

— E cintos espaciais do Buck Rogers? — perguntou Tommy com uma ironia bem-humorada.

— Porque não? Rapaz, estamos a meio do novo século!

Mário objectou calmamente:

— Pensei que eu era o único que se interessava por ficção científica na família.

— Matt, o trapézio voador é quase ficção científica! — Johnny estava sentado com uma perna dobrada por baixo do corpo numa atitude elegante, rindo-se cheio de atrevimento. — Chega aos limites do que é humanamente possível. Todas as leis do movimento, da dinâmica, os padrões fluidos do voo, a necessidade do homem de atingir o inatingível.

— Como aquela fotografia antiga da Lúcia — murmurou Stella. — Sonhos voadores.

— É isso mesmo — disse Johnny excitado. — É exactamente isso! Chamem-lhe Sonhos Voadores. Uma espécie de fantasia parecida com o sonho, quase um ballet de sonho, levitação e câmara lenta...

Mário semicerrou os olhos, pensativo e com o olhar distante.

— Sonhos Voadores. O Angelo disse qualquer coisa parecida com isso uma vez... "o sonho mais antigo e mais universal da humanidade". A psicologia dos sonhos.

— Eu não percebo nada de psicologia — disse Johnny -, mas vai dar um espectáculo dos diabos. Atingir as pessoas nas entranhas. Porque, lá bem no fundo, acho que toda a gente quer voar, e é isso que lhes vamos dar. — Virou os olhos brilhantes para Stella. — Eu sabia que tu terias a ideia certa no momento certo!

Tens sempre!

— A ideia foi da Lúcia, com o álbum — disse Stella, rindo-se.

Mas Tommy reparou que por detrás da fachada brilhante e um tanto frágil, ela continuava a ser a mesma Stella, tão calada e intensa como sempre fora. Aprendera a técnica para disfarçar os silêncios com animação e vivas demonstrações de interesse, só isso.

— Fico contente por ter alguma coisa a ver com isso — disse Lúcia, denotando algum ciúme. — Todas estas conversas sobre ficção científica e design futurista, fazem-me sentir completamente ultrapassada!

— Tem tudo a ver com isto — disse Johnny com um sorriso.

— Chiu — disse Stella, pondo-se à escuta. — Meia-noite.

Algures, um relógio bateu as doze badaladas. Johnny tomou Stella nos braços e beijou-a num beijo longo e terno. Joe riu-se e deu a Lúcia um abraço fraternal, e depois de alguns instantes Angelo, rindo-se também, puxou Tessa para si e beijou-a. Mário pôs galantemente o braço em torno de Bárbara, e Johnny e Stella estenderam cada um deles a mão a Mário e depois puxaram Tommy para o círculo.

— Vamos desejar que este seja um bom ano para todos nós — brindou Mário.

Os dedos de Mário apertaram os de Tommy, mas o próprio cariz secreto do gesto fez com que Tommy se sentisse deprimido, marginalizado. Mais uma vez sentia que lhe era esfregado na cara que qualquer que fosse o seu envolvimento com a família e com Mário, a própria natureza da sua relação enchia tudo de subterfúgios.

Stella dirigiu-lhe um sorriso cheio de simpatia, tentando incluí-lo, mas excepcionalmente ele evitou-lhe o olhar. Stella conseguira entrar na família, era aceite de uma forma que ele nunca seria. Desviou-se de Mário, sabendo que mesmo que conseguisse comunicar a Mário o que sentia, o amigo não teria qualquer conforto para lhe oferecer.

Não posso dar as tuas quedas por ti, Lucky.



Pouco depois da meia-noite Joe deu um beijo de boas-noites à filha e foi para cima. Tessa estava meia a dormir, e Lúcia levou-a para o quarto. Um por um, os membros da família foram-se retirando, mas Tommy e Bárbara ficaram na grande sala.

Bárbara tinha agora 20 anos, uma rapariga grande e robusta, com o cabelo castanho-avermelhado apanhado num carrapito de bailarina. Enroscou-se na carpete em frente à lareira.

— Meu Deus, a família continua a mesma de sempre, não é? — disse ela sorrindo-lhe. — Especialmente no Ano Novo.

Eu aguento isto uma vez por ano, mais ou menos, mas enlouquecia se tivesse de viver sempre assim. Aliás, é por isso que não vivo.

— Tu costumavas ser doida por voar — disse Tommy.

— Ainda tenho saudades de voar, às vezes — disse ela apoiando o queixo redondo nas mãos. — Eu queria voar, mas não queria ser uma Santelli. Sabes qual é a diferença?

Tommy sabia. Não a conseguia compreender, mas sabia.

— Ainda não disse a ninguém da família — disse. — Suponho que se alguma vez conseguir um bom papel num filme, isso se saberá. Estou registada no Sindicato dos Actores como Bárbara Clayton. Era o nome da minha mãe... nunca a conheceste. O meu irmão usa o nome de Clay, mas na verdade é Joe Júnior, sabias?

Tommy não sabia, mas não ficou surpreendido.

— Eu não me atreveria a fazê-lo enquanto o Papa Tony fosse vivo — disse Bárbara -, e sei que o papá vai ter um ataque, e a tia Lu também. Mas eu não pareço italiana, e não quero ficar com esse estigma, sempre a representar raparigas perversas em casas de baile e esse tipo de coisa. Sombreros e saias rodadas em filmes de cow-boys. Sabes, eu fui baptizada Lúcia Bárbara Santelli, mas quando comecei a ir à escola armei o maior dos barulhos até me começarem a chamar Bárbara. A Liss também foi baptizada com o nome de Lúcia, mas decidiram que era demasiado confuso terem duas Lúcias no mesmo número, por isso começaram logo a chamar-lhe Elissa. Na certidão de nascimento dela o que diz é "Lúcia Cleo".

Tudo aquilo era totalmente incompreensível para Tommy.

Disse:

— Eu nunca quis fazer outra coisa senão voar.

— Eu sei. Eu tive a minha primeira oportunidade no cinema a voar, a dobrar a Lillian Whitney, fiz meia dúzia de cenas a base e um duplo à retaguarda. Também já fiz trabalho de duplo.

O tio Angelo conhece toda a gente no negócio. Bem, é por tudo isso que eu não quero viver cá em casa, porque recebo chamadas do meu serviço de mensagens em nome de Bárbara Clayton e até consigo imaginar a Lúcia a dizer que não há cá ninguém com esse nome.

— Acho que o Angelo compreenderia — disse Tommy. — Foi ele que os fez deixarem o Mário ir para a universidade.

Bárbara encolheu os ombros com cepticismo.

— O tio Angelo? A família é Deus, e o tio Angelo é o Seu profeta. — Ficou a olhar para o fogo que morria. — Engraçado.

Sempre pensei que fosse com o Mário que eu teria esta conversa.

Ele foi um bailarino muito bom, sabias? E foi sempre tão desligado da família, vivendo fora de casa, com um emprego separado do trabalho da família e tudo isso. E, no entanto, ele aqui está, de volta no meio de tudo isto outra vez.

— Suponho que a família é muito importante para ele.

— Não consigo perceber — disse Bárbara. — O Johnny também. Quando era mais novo nem queria usar o nome dos Santellis, agia como se se quisesse libertar e ser independente.

E ele aí está, esta noite, falando como se não houvesse nada que ele mais desejasse que recomeçar tudo de novo. "Aos Santellis Voadores... ancor!" e essas tretas todas. Talvez eu tivesse percebido isso se tivesse vindo de Mário. Vindo do Johnny soa realmente estranho.

Tommy, ele próprio sem perceber aquilo muito bem, recordou-se subitamente de uma manhã em que a máscara de total indiferença em relação à família, que Johnny usava, escorregara.

— Talvez seja porque ele sabe que ele e a Stella nunca poderão ter a sua própria família.

— Talvez. Mas eu pensava que isso tornaria as coisas mais fáceis — disse Bárbara. — Foram os miúdos da Liss que a puseram na situação em que ela está.

Tommy abanou a cabeça.

— As coisas nem sempre funcionam dessa maneira. A Lúcia teve quatro, e continuou a trabalhar até ter ficado aleijada.

Mas o pensamento de Bárbara estava a seguir o seu próprio curso.

— Quando éramos miúdos e íamos ao cinema aos sábados, lembraste-te?, a tia Lu dizia que eu devia pensar em casar-me contigo quando crescêssemos. Manter-te no número da família. — Olhou-o de relance por baixo das sobancelhas oblíquas. — Só que tu encontraste uma outra forma de o fazer, não foi?

— Não sei a que te referes — disse Tommy, mas sabia, e ela percebeu.

— Olha, eu sempre soube isso em relação ao Mário. Ele sempre foi o meu primo favorito. Claro que, no que lhe dizia respeito, eu era apenas um bebé, como a Tessa, ele nunca quis saber de ninguém a não ser da Liss, e ela nunca o percebeu.

Eu adoro a Liss — disse Bárbara -, mas ela é completamente tontinha. Da primeira vez que o Mário te trouxe cá para casa, eu percebi logo o que ele sentia por ti. Vê-se muito esse tipo de coisa na escola de ballet.

Tommy sentia-se desconfortável.

— Vá lá, Barbie, sabes bem que ele foi casado.

— Também conheci a mulher dele. E sei quanto tempo é que isso durou. A Susan nunca se entregou a nada nem a ninguém, por isso também não perco horas de sono por causa dela.

Há muitos homens que dão para os dois lados. E isso fez com que a tia Lúcia o deixasse em paz. Por isso é que te estou a dizer — apertou-lhe a mão com os seus dedos longos e elegantes -, se alguma vez precisasses de te casar, para abafar um escândalo, ou coisa assim, ficaria tudo em família.

Tommy estava profundamente embaraçado sob o olhar perspicaz de Bárbara.

— Isso não seria lá muito justo para contigo, pois não?

Bárbara riu-se com um som macio, no fundo da garganta.

— Não te assustes. Podíamos sempre encenar uma grande briga e viver separados. Só que se eu fosse casada, se eu tivesse sido casada, o papá e a tia Lúcia teriam de admitir que eu sou crescida e tenho direito à minha vida. Seria mais vantajoso para mim que para ti.

Tommy também se riu, pouco à-vontade.

— Isto é um raio de uma maneira de começar um novo ano!

Supõe que um dia te querias mesmo casar e já eras casada comigo? Supõe que te apaixonavas?

Ela ficou a olhar para ele.

— Eu teria medo de me casar com alguém que amasse. Acho que funciona melhor ao contrário. O papá casou-se com a minha mãe por causa do número e nunca mais se quis voltar a casar quando ela morreu. E o Papa Tony contou-me uma vez que nunca tinha falado sozinho com a avó Carla antes de se casarem, mas funcionou tudo bem. Isso foi no outro país, e ela era uma Fortunati. E o Johnny e a Stella, alguma vez viste pombinhos assim? Mas a Liss casou-se com um homem de fora do mundo do espectáculo porque pensou que estava apaixonada, e ela e o Dave mal se conseguem ver um ao outro! E ela nem se pode divorciar dele porque os católicos não se podem divorciar!

— O Mário divorciou-se — disse Tommy. Foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

— E foi excomungado. Mas eu e tu podíamos casar-nos e depois obter uma... uma anulação, porque se eu quisesse casar-me com alguém, podíamos jurar que não tínhamos... — Olhou para o chão. — Chamam a isso um casamento de conveniência. Poderia ser conveniente para os dois.

Tommy não sabia o que dizer ou para onde olhar. Tentou brincar dizendo uma piada nervosa.

— Oh, isto é tão inesperado!

— Ela puxou-lhe o rosto para junto do seu.

— Tu foste o único que não teve um beijo de Ano Novo — disse e ergueu a boca. Tommy, reagindo com um divertimento distante, apercebeu-se de que o corpo dela estava contra o seu e

que os lábios dela se abriam debaixo dos seus. Sentiu-se meio !  
embaraçado, meio escandalizado. Já lhe tinha acontecido ser alvo do  
avanço de mulheres, mas a Bárbara era da família! Reagindo com  
ira, puxou-a para si e beijou-a prolongadamente, explorando com a  
língua a sua boca entreaberta. Quando a largou, ela estava  
afogueada e ofegante, corada até à raiz dos cabelos, mas a sua  
zanga desapareceu rapidamente.

— Parece-me que estava a pedir isso. Estás zangado comigo,  
Tommy?

— Zangado? Não. Mas não percebo o que estavas a tentar  
provar. — Aquele episódio, estranho e inconclusivo como fora,  
clarificara algo que ele nunca compreendera totalmente em Mário.  
Aquele tipo de coisa não era o que ele desejava, mas podia ser mais  
fácil, mais simples; percebia agora por que tantos , homossexuais  
acabavam casados. Era tão fácil de fazer, tão difí- cil de criticar, e  
havia tantos casamentos que falhavam, de toda a maneira.

— Vamos voltar ao início e recomeçar, Barbie — disse. — Acho  
que era este o beijo que me querias mesmo dar, está bem?

— Beijou-lhe com meiguice os lábios fechados, como se fosse  
uma criança. — Feliz Ano Novo, Barbie. E obrigado.

## *Capítulo VI*

Johnny cumpriu a sua palavra. Lúcia resmungou com o número de chamadas de longa distância que ele fez nos quatro dias seguintes, mas antes de a semana acabar ele já tinha os contratos, e Mário e Tommy assinaram-nos para um espetáculo especial que a televisão produziria na Primavera seguinte. Os aparelhos especiais foram encomendados, Lúcia começou a fazer os fatos, e eles começaram a ensaiar na sala de treinos do rés-do-chão.

Johnny concordou em ser o base das sequências de trapézio voador, e era muito bom, a sua velha excelência intacta, mas sem a sua antiga imprudência. A verdadeira surpresa, contudo, veio de Stella. Tommy apercebeu-se de que ela era a melhor trapezista que vira desde a Cleo Fortunati. Não ficou surpreendido quando, depois de uma semana de treinos, Mário disse:

"Vamos deixar a Stella fazer a passagem cruzada no ar; ela é mais espectacular." Tommy cedeu-lhe o lugar sem protestar, mas vendo Mário e Stella voarem juntos, sentiu um súbito ressentimento que, passado algum tempo, reconheceu serem ciúmes.

Eles são tão absolutamente perfeitos juntos! Stella não era uma rapariga verdadeiramente bonita, mas vendo-a na plataforma, lançando-se para as mãos de Johnny que a esperava, começou a compreender o que fizera de Mário, em tempos, a estrela do Woods-Wayland: não apenas um bom artista, mas uma estrela.

Talvez fosse o estilo e a vitalidade de cada movimento, talvez apenas a alegria que provocava, em quem o observava, uma excitação semelhante.

O que quer que fosse, percebeu Tommy sensatamente, Mário não o tinha agora. Fazia os seus exercícios com um estilo e técnicas perfeitos, mas Tommy sentiu-se perturbado ao perceber que era Stella, e não Mário, quem emprestava o toque de excelência e perfeição ao número.

Talvez que, à medida que Mário fosse recuperando confiança e força, recuperasse aquilo que fizera com que tivesse sido especial. No entanto, Tommy não sabia como criticar Mário, ou o que lhe deveria dizer. Não conseguia pôr o dedo no que quer — que fosse que Mário não estava a fazer e que deveria fazer, ou no que estava a fazer e não deveria fazer. Mas, recordando os dias em que Mário fizera o triplo para as mãos de Angelo, partia-se-lhe o coração.

Para o Johnny está tudo bem, porque assim será a Stella a estrela. No entanto, e com justiça, viu que no estado actual de Mário ninguém olharia duas vezes para ninguém senão para Stella.

Também Johnny percebeu que havia qualquer coisa que não ia bem, se bem que não soubesse o que era. A dado momento disse:

— Do que tu precisas é de espectacularidade, Matt. És bom, és um dos melhores. Mas fazes tudo de uma forma tão simples, -, que ninguém lhe dá valor. Com o tipo de encenação certa, consegue-se fazer a multidão abrir a boca de espanto quando um miúdo faz um mortal para a rede.

Mário sorriu.

— Estou-me nas tintas para o que esse tipo de público pensa.

— Raios, Matt, o circo é espectacularidade e brilho. Sempre foi. Já alguma vez viste com atenção, mas com atenção mesmo, os álbuns da Lúcia?

— Não, bolas. Tenho mais que fazer do que pôr-me a ler.

— Então não sabes do que eu estou a falar. A Lu nunca foi assim tão boa; nunca fez nada de extraordinário ou pouco usual. Mas a encenação era perfeita, e ela teve, durante quinze anos, o estatuto de superestrela. A Cleo nunca teve esse tipo de publicidade e era três vezes melhor trapezista que a Lúcia.

— Ora, deixa-te disso... — protestou Mário, mas sem muita convicção.

— A Cleo era como tu, Matt. Ela fazia tudo parecer demasiado simples e perfeito.

— Isso é que é arte... — começou Mário. Era a velha — discussão, e mais uma vez Johnny fez um gesto de desinteresse.

— A arte é uma coisa óptima, claro, mas tens de a enquadrar da forma certa para que as pessoas a apreciem.

Mário encolheu os ombros.

— Tu és quem manda — disse e mesmo aquela complacência perturbou Tommy. Tempos houvera em que ele teria argumentado com Johnny até chegarem a um impasse.

No entanto, acabaram por ter uma verdadeira discussão por causa da utilização do dispositivo de segurança. Mário instalara-o para os adolescentes que estava a ensinar, como um factor de segurança extra, mas quando viu Johnny ajustá-lo para a Stella, riu-se cinicamente.

— Já chegámos a esse ponto, Johnny?

Ao ouvi-lo, Tommy percebeu que ele estava a exagerar no tom de desdém. Angelo obrigara Liss a usar o cinto de segurança quando estavam a preparar a audição para os Fortunatis. Johnny também sabia disso.

— Vou deixar a Stel tentar o duplo e meio, e não quero que ela dê nenhuma queda grave nesta altura.

— Porque não? É a melhor forma de se aprender.

Johnny encolheu os ombros.

— Os teus métodos espartanos estão ultrapassados. Desta forma ela vai consegui-lo com metade dos problemas até encontrar o ritmo certo. Para quê expô-la a um acidente evitável enquanto está a aperfeiçoar o exercício?

— Se ela usar essa coisa, nunca irá aperfeiçoá-lo. Terá a papinha toda feita.

— Tretas — disse Johnny, encerrando a discussão como se esta não valesse de todo a pena. — Tommy, tu não fazes o duplo e meio, pois não? Aposto que com o cinto poderias aprendê-lo em metade do tempo.

Tommy ouviu pensativamente aquele conselho.

— Eu quis tentar o duplo e meio no ano em que estivemos com o Woods-Wayland. O Papa Tony não me deixou.

— Se o aprenderes — disse Mário irritado -, aprendê-lo-ás da forma certa, e não com cinto. Aprenderás a cair e a fazê-lo sem partir o pescoço. E se te importas alguma coisa com a Stella, Johnny, seria essa a forma como a farias aprender o exercício, da forma correcta!



Os olhos de Johnny chisparam.

— Raios partam, Matt, eu treino a minha mulher e tu treinas o teu... — hesitou um segundo a mais — o teu parceiro.

E nada de piadinhas arrogantes, Signor Mário!

— O meu método era suficientemente bom para o Barney Parrish. Talvez não seja suficientemente bom para ti e para a Stel, mas eu continuarei a treinar assim!

! Clay era o convertido mais entusiasta. Mário ainda não o deixava voar, limitando-o — como Tommy fora limitado nos seus primeiros meses de treino — aos balanços e saltos para a rede. Contudo, com a conivência de Johnny, Clay começou a aprender alguns dos exercícios mais simples com o cinto de segurança, e rapidamente pôde deixar o cinto e lançar-se nas mãos de Johnny com um quarto das quedas que Tommy dera quando tinha a sua idade.

— E depois? — perguntou Mário quando Johnny lhe fez notar esse facto. — Claro, ele safa-se, mas não conseguiu interiorizar o cronómetro que marca os milésimos de segundo. Evidentemente que ele consegue cair, se tudo correr bem, mas não há ainda um instinto. Eu sobrevivi a quedas que me deveriam ter morto por ter tido tanta prática a cair, devido a todos os tipos de erro que consigas imaginar. Saber cair, saber realmente, foi tudo o que impediu que o Joe e a Lúcia morressem daquela vez.

O Clay não sabe, e tu estás a arranjar as coisas de forma a que ele nunca saiba.

Johnny começou a responder-lhe e depois fez um esforço visível para se controlar.

— Muito bem, Matt. Tu treinas à tua maneira e eu treino à minha. Teremos de esperar até que Clay tenha a idade de Tommy para sabermos qual deles é melhor. — Mário teria acrescentado mais qualquer coisa, mas Johnny impediu-o de o fazer. — Pára com isso, Matt, não vou discutir contigo por causa disto.

Uns dias mais tarde, Tommy foi fazer um trabalho de duplo bem cedo no estúdio. Acabou por ser uma coisa bastante simples, que exigia que o duplo se lançasse através de um vidro especial que, se bem que pudesse cortar, se se não tivesse cuidado, não se

estilhaçava, e já estava despachado antes do meio-dia. Depois de ir buscar o cheque ao escritório, Tommy telefonou a Mário para o ir buscar com o carro.

Estava à espera do lado de fora do portão principal quando um homem bem constituído e bem parecido, com trinta e tal anos e um rosto que Tommy achou vagamente familiar — mas não reconheceu — saiu do portão por trás de si e começou a dirigir-se ao parque de estacionamento. Parou, lançando a Tommy um pequeno sorriso.

— Parece-me que não tenho fósforos. Tem lume?

Tommy procurou nos bolsos.

— Não fumo muito, mas sou capaz de ter. Espere um bocadinho. — Enquanto ele procurava nos bolsos, o homem observava-o de uma forma tão descarada, que ele reconheceu a atitude devido à experiência que tivera nos seus anos de tropa.

Tommy, que aceitara o pedido de lume de boa-fé, sentiu-se aborrecido. Bolas! O truque mais velho de todos e eu não o reconheci! Mas na tropa também aprendera a negar-se com tacto, e a melhor forma era agir como se o pedido fosse genuíno, dar ao tipo o fósforo e ir-se embora, sem nunca dar a entender por olhares ou por palavras que se tinha apercebido de que aquilo era uma abordagem. Ergueu os olhos e viu que Mário vinha ao seu encontro. Disse numa voz neutra: — Não tenho fósforos, mas talvez o meu irmão tenha, ou um isqueiro.

Mário veio até junto dele e disse:

— Tive de estacionar à esquina, Tom. Há ali uns camiões... — Interrompeu-se e o desconhecido olhou-o com um sorriso de reconhecimento.

— Matt! Por onde é que tens andado escondido?

Mário ficou a olhar para ele inexpressivamente e depois os seus olhos denotaram reconhecimento.

— Bart! Não te reconheci de todo! — Apertaram as mãos. — Tommy, conheces o Bart Reeder?

Bart Reeder disse, os olhos demorando-se em Tommy:

— Eu estava a tentar conhecê-lo.

Mário riu-se.

— A tua técnica deve estar a piorar, querido. Bart, este é o Tommy Zane.

Tommy pestanejou ao ouvir aquilo, sentindo-se ressentido.

Mário fizera tanta questão em referir-se-lhe, fora da família, como ao "meu irmão mais novo". Depois recordou-se.

Bart conhecia Mário há anos. Tommy já tinha percebido que eles tinham sido mais que amigos. Bart sabia com certeza quantos irmãos Mário tinha. E saberia certamente os seus nomes.

Aceitou a mão que Bart lhe estendia. Era uma mão bem feita e bem tratada, mas musculada. Reeder manteve a mão na sua durante um pouco mais de tempo do que seria normal.

— Muito prazer. Matt, entras por acaso no novo musical que eles estão a fazer aqui?

— Eu já não danço. Só vim buscar o Tommy.

— Bom trabalho — murmurou Reeder. Tommy apanhou claramente a inflexão. Acabava-se por ter um sexto sentido em relação àquele tipo de coisa, certos tons de voz, certas palavras que alguém exterior ao meio nunca utilizaria mas também não notaria. Tinha de ser. Um engano poderia significar um desast... na melhor das hipóteses, um grande embaraço; na pior, a prisão.

Todos os homossexuais aprendiam a viver com isso.

Sim. O Johnny chamou-lhe a maior bicha de Hollywood.

Ouviu a conversa sentindo a velha repulsa contra a feminilidade exagerada e deliberada da linguagem. Agora, evidentemente, já a compreendia. Ele próprio a utilizara, no exército; era uma forma de fornecer pistas sem cometer indiscrições insensatas quando não se tinha a certeza acerca do interlocutor. Uma forma de trocar uma espécie de senha: nome, patente e número de série. Mas continuava a não gostar daquilo.

— Tentei encontrar-te, há anos, mas tu desapareceste totalmente de vista. Por onde andaste?

— Oh, por aí, na vadiagem.

Bart continuava a olhar para Tommy pelo canto do olho.

— Vocês estão com pressa? Posso oferecer-vos um copo?

Mário olhou para Tommy.

— Por ti tudo bem?

— Claro, porque não? — Por muito que não gostasse da linguagem daquele submundo, era bom ver Mário outra vez activamente interessado em qualquer coisa.

— O meu carro está ali, no parque — apontou Reeder.

Era um pequeno MG prateado, e Tommy sentiu, contra sua vontade, um assomo de interesse. Não entrara num MG desde o dia em que Stella o ensinara a conduzir o seu velho MG amolgado.

O seu maior desgosto era o facto de as poupanças que fizera na tropa não darem — nem de perto nem de longe — para comprar o tipo de carro que realmente desejava.

Reeder viu o brilho de admiração nos seus olhos e perguntou:

— Queres conduzir?

Apesar de tentado, Tommy não aceitou o desafio.

— Obrigado, mas não estou certo de conseguir conduzi-lo.

— O carro é muito pequeno — murmurou Reeder. — Vamos ter de nos sentar ao colo uns dos outros.

Mário e Tommy encolheram-se no pequeno assento do pendura e Reeder levou-os a um pequeno bar local.

— Este sítio é bastante discreto. Há uma cláusula no meu contrato que especifica uns quantos locais de que tenho de me manter afastado.

Mário disse secamente:

— Posso imaginar. Ouvi rumores.

— Oh, e eu que tenho sido tão bom rapaz, e tão cuidadoso!

O bar era mais escuro do que o habitual e a jukebox<sup>{26}</sup> estava silenciosa. Àquela hora estava praticamente deserto, à excepção de dois rapazes que estavam sentados num dos compartimentos ao fundo. Apesar da pouca luz, Tommy conseguiu ver que estavam de mãos dadas. Disse a si próprio que a repulsa que sentia não era racional.

Que raio pensas tu que estás a esconder? O Reeder identificou-te mesmo antes de ter reconhecido o Mário. Disse a si próprio que era só o exibicionismo que o incomodava e depois sentiu-se zangado com a sua hipocrisia. São mais honestos que eu, é só isso!

— Vamos sentar-nos. Que é que vocês bebem? Tommy, cerveja? A tua bebida é gim tónico, não é Matt?

— Deves estar a confundir-me com outro tipo qualquer.

Eu sou o tipo que desmaia quando bebe bebidas fortes, lembra-te?

Cerveja.

— Gostos não se discutem. — Bart pediu um uísque com soda mas Tommy reparou que se limitava a bebericar. — A tua família era do circo, não era Matt?

— Ainda é.

— Sabes que estão a fazer um filme da vida do Barney Parrish?

— Soube que fizeram um — disse Mário. — O meu irmão Johnny e o meu tio Angelo fizeram algumas das dobragens. Mas o Angelo disse que nunca o acabaram, parece que ficaram sem dinheiro, ou coisa assim.

— Sim, só que agora há um tipo que resolveu fazê-lo outra vez — disse Reeder. — O Angelo Santelli é-te alguma coisa? Ele faz muito trabalho de duplo, aqui. Ora, ali está um lindo pedaço de homem!

— Não lhe digas isso — disse Mário numa paródia de aviso.

— Ele é a versão original do ódio aos homossexuais!

— Que desperdício — suspirou Bart. — Tens a certeza, querido?

Mário riu-se.

— Tenta, se quiseres, mas depois não venhas chorar no meu ombro se ele te enfiar os dentes pela boca abaixo. O meu irmão Johnny fez um documentário qualquer sobre circo para a televisão.

Os Dias e as Noites do Circo, qualquer coisa assim...

— Mas eu vi isso! — interrompeu-o Bart. — Aquele era o teu irmão? O pessoal do estúdio ficou chateado porque ele fez uma cena sobre o Barney Parrish e eles querem arrancar outra vez com o filme do Parrish. Eu vi o programa, sabes que eu sempre fui doido por circo. O teu irmão era um dos voadores?

— Foi ele que produziu o programa. É o Johnny Gardner.

— Conheço o nome — assentiu Reeder. — Diz-se no meio que ele é uma das promessas nesse campo. Que está ele a fazer agora?

Parecia genuinamente interessado e Mário contou-lhe algumas coisas sobre os Sonhos Voadores.

— E vocês entram os dois no programa? — perguntou Reeder, virando-se para Tommy e tentando inclui-lo na conversa.

— Se estão a fazer um filme sobre o Barney Parrish — disse Tommy -, então devem ter descoberto o que foi feito dele, não?

A última vez que ouvi falar dele, ninguém sabia se estava vivo ou morto.

Teria sido isso que Mário fizera? Uma imitação consciente ou inconsciente do grande trapezista que o precedera? Teria sido essa a razão porque tinha desaparecido tão completamente que ninguém soubera para onde ele fora? A pensar naquilo, Tommy perdeu o rumo da conversa e depois ouviu o que Reeder estava a dizer.

— ... nos fins de quarenta e seis, princípios de quarenta e sete, encontraram-no morto. Tinha estado a trabalhar num circo pequeno... Woods, Will, ou qualquer coisa assim, como... como é que se chama? Biscateiro. Estava bastante aleijado. Um dia encontraram-no morto com um tiro. Suicídio. Ninguém sabia quem ele era, sabiam só que trabalhava no espectáculo, mas depois de ele ter morrido descobriram...

— No Woods-Wayland? — perguntou Mário.

— Sim, é isso.

Tommy sentiu Mário, que estava sentado quase em cima de si em torno da pequena mesa, estremecer. Foi um estremecimento profundo, que lhe mexeu o corpo todo. Esquecendo as precauções, agarrou na mão de Mário por baixo da mesa e apertou-a com força. Sabia que ambos se estavam a recordar da mesma coisa, do pequeno homem grisalho com um ligeiro sotaque:

Tenho ouvido dizer que um dos jovens trapezistas tem feito o triplo, por isso troquei de lugar com o Sandy por esta manhã para ter a oportunidade de o ver treinar.

Bart perguntou:

— Conhecia-lo?

— Conheci-o quando era miúdo — disse Mário. — Ele era... era um velho amigo da família. Morreu? Ele... ele matou-se?

— Com um tiro na cabeça. Dizem que a única coisa que ele tinha consigo, à excepção do passaporte inglês, era uma das suas velhas fotografias publicitárias e um recorte de jornal com uma

notícia de um jovem trapezista que tinha ficado aleijado ao fazer o exercício em que ele tivera sucesso. O triplo, não era?

Não sabia que hoje em dia havia quem fizesse triplos.

— E acho que não há. — A voz de Mário estava tensa. — Eu fiz, durante algum tempo, mas agora não.

— Era mesmo sobre isso que eu queria falar contigo — disse Bart. — Foi uma sorte ter-te encontrado. Como te disse, estão a começar a fazer outro filme sobre a vida do Parrish, e o meu agente está a negociar o papel para mim. Tu continuas a trabalhar no trapézio, não é?

— Se conseguirmos arranjar um base, eu e o Tom, vamos em digressão esta Primavera.

— Bem, Matt, escuta, acho que seria bom para mim se se espalhasse a notícia de que estou a ter lições de trapézio, voar, não é como vocês lhe chamam?, com um verdadeiro profissional do circo. E que tal dares-me umas lições?

— Lições a sério, Bart? Ou só pela publicidade?

— Dos dois tipos, acho eu — disse Bart com uma risada. — Quanto mais parecer que sei o que estou a fazer no trapézio voador, melhores são as minhas hipóteses! É claro que eles não me vão deixar voar no filme, os tipos dos seguros nunca caíam nisso. Mas se conseguir ter um ar convincente lá em cima... Seja como for — acrescentou tocando nas costelas de Mário -, sempre gostaste de me dizer que eu ficava bem de calças de ginástica!

— Lá disso não há dúvidas — disse Mário com um sorriso.

— A sério, Matt. O meu agente encarregar-se-ia da publicidade.

Até somos capazes de conseguir meter uma cunha para o documentário televisivo do teu irmão.

— Bem, eu estou a ensinar uns miúdos a voar, porque não ensinar-te a ti também? Eu falo com o Johnny.

— Dá-me o teu número de telefone que eu depois telefono-te.

— O nosso número vem na lista. Vem em nome de Lúcia Santelli.

Enquanto conversavam, Tommy apercebeu-se de que Reeder se estava a chegar para ele, que já estava a fazê-lo há algum tempo,

mas ele justificara-o com o facto de as pequenas cadeiras estarem muito juntas em torno da mesa. Naquele momento, e repentinamente, sentiu que a perna e a coxa de Bart Reeder se moviam discretamente contra a sua.

— Toma — disse Bart passando um pequeno livrinho de endereços com capa de cabedal por cima da mesa -, escreve o número no meu livrinho, querido.

Tommy estava com receio de se afastar demasiado abruptamente.

As pequenas cadeiras eram tão instáveis, que um movimento súbito era bem capaz de os atirar os dois ao chão.

Começou a sentir a mão de Bart tocar-lhe ao de leve na perna e começar a subir pela sua coxa acima. Ainda relutante em se afastar de uma forma pouco discreta — Bolas, não se pode culpar o tipo por tentar! -, ficou quieto, fingindo que não tinha dado por nada. Não era a negativa directa que gostaria de lhe dar, mas também não era uma reacção. E depois, quase contra vontade, lembrou-se de um Tommy mais novo, e de um Mário mais novo, no banco de trás do carro dos Santelli.

Quem é que eu pensava que estava a enganar? Eu sabia exactamente o que ele estava a fazer. Mário e Reeder continuavam a combinar horas e locais, mas a atenção de Tommy estava dividida entre a mão de Reeder, movendo-se lentamente para o seu baixo ventre, e aquela memória que o impelia à acção.

Abruptamente, quase desajeitadamente, afastou a cadeira da mesa, deixando-a cair para trás e depois saltando para a agarrar.

— Raios partam estas cadeirinhas instáveis! — Virou-se para Mário. -Tenho de ir ao banco antes que feche... acho que vou depositar o cheque enquanto tu e o Bart combinam o que têm a combinar.

Mas a interrupção cumprira os seus objectivos. Reeder estendeu o braço e agarrou na cadeira equilibrando-a.

— Não te magoaste, pois não? Não consigo perceber porque raio de razão é que eles fazem cadeirinhas deste tamanho para adultos! Matt, eu levo-os até ao sítio onde deixaste o carro.

Telefone-te daqui a dois ou três dias.



Bart pôs o carro a trabalhar e virou-se para Tommy, perguntando:

— Gostas de carros? Já alguma vez entraste numa corrida?

Tommy abanou a cabeça.

— O pessoal dos seguros lá do estúdio já não me deixa entrar em corridas, mas deixa-me entrar em ralis. Não te podes aleijar num rali, a não ser que sejas completamente pateta.

É coisa para miúdos, conduzir em contra-relógio, mas é divertido.

Não queres entrar num comigo, um dia destes? Eu depois digo-te qualquer coisa.

Quando chegaram ao parque de estacionamento, Mário e Tommy saíram do carro e acenaram enquanto se dirigiram para o seu próprio carro.

— Parece-me bem que fizeste uma conquista, miúdo — comentou Mário a rir-se.

— Ora bolas, tu foste uma antiga paixão dele, não foste?

— Isso é uma história antiga, Tom. Muito antiga.

Tommy encolheu os ombros.

— Bem, ele tem é um carro dos diabos.

— Talvez um dia te possamos comprar um assim. Entretanto, bem que podes aceitar o convite dele — disse Mário e Tommy riu-se.

— Eu acho que aquilo foram tudo tretas.

Não esperara que aquele encontro desse em nada, mas para sua surpresa, uns dias mais tarde ele telefonou mesmo, fazendo imenso charme a Lúcia, de tal forma que ela esqueceu as suas reservas iniciais relativamente a "um homem daqueles". Nessa tarde chegou lá a casa durante a hora a que Mário dava lições.

Na sala de treinos, Mário estava na plataforma com Bobby e com Clay. Tommy, no lado do base, estava a dar instruções a Phil Lasky.

— Não subas tanto, abranda um pouco. Tens de ter o mesmo ritmo do voador, sim, sim, assim está melhor... — Interrompeu-se e virou-se quando a porta se abriu.

Lúcia perguntou:

— Importam-se de ter uma pessoa a assistir?

Mário olhou para baixo e gritou:

— Bart! Eu desço já...

— Não, deixa-te estar. Deixa-me assistir durante algum tempo, tentar sentir a coisa, está bem? Continua o que estavas a fazer.

— Bem, então ainda faltam cerca de vinte minutos — disse Mário e virou-se novamente para Clay que estava na plataforma.

— Muito bem, vamos a isto. Espera pelo meu sinal. Depois vira-te sobre a barra para uma pega pelos pés. Phil, estás pronto?

Um, dois — espera, espera — muito bem — vai!

Reeder dirigiu-se para o lado de Tommy observando em silêncio enquanto Clay saiu da plataforma, balouçando-se na barra.

Observou Phil Lasky agarrar com segurança nos tornozelos de Clay, balouçar-se com ele e depois soltá-lo.

— Daqui parece tão fácil — disse.

— Sim. Esse é o objectivo de um bom número de trapézio.

— É como o ballet — disse Reeder -, ou como a esgrima.

Tem de parecer que estamos a fazer aquilo para nos divertirmos.

— Isso é o que o Mário passa a vida a dizer.

— Há quanto tempo é que conheces o Matt? — perguntou Reeder.

— Eu entro no número desde que era um miúdo.

Reeder perguntou baixinho:

— Tu és gay<sup>{27}</sup>, não és, Tommy? — Tommy nunca ouvira a expressão, mas a conotação foi óbvia. Reeder acrescentou: — Não, não és facilmente identificável. Mas... no bar. Eu vi que tu tinhas percebido o tipo de local que era.

— Claro. Também o percebi a si.

— E tiveste muito tacto. — Reeder virou-se para os aparelhos observando Mário enquanto ele se lançava para a frente, demonstrando aos adolescentes a facilidade com que se conseguia virar e trocar as mãos em qualquer ponto do voo. Depois dos amadores, a sua graciosidade era espectacular. Mesmo Tommy, depois de tantos anos, se sentia maravilhado. Passados alguns minutos, Mário mergulhou na rede, chamando Phil para baixo e disse:

— Por hoje já chega, miúdos. Até quinta-feira. Vão mudar de roupa antes que arrefeçam. — Lançando uma toalha em volta do pescoço, veio ter com Reeder. — Olá, Bart, ainda queres experimentar?

— Claro. No entanto, sei que não pode ser tão fácil como parece.

— Não é — disse Mário esfregando o pescoço e o tronco com a toalha -, mas também não é difícil. O Johnny diz que consegue meter um miúdo num número de trapézio em seis semanas, desde que o miúdo faça o que lhe mandam. Eu por mim prefiro levar um pouco mais de tempo. Mas dizem-se muitos disparates acerca da dificuldade do voo no trapézio. A questão é, como é que está a tua forma física? Como é que estão os teus músculos?

— Os meus músculos estão maravilhosos, querido — disse Bart em falsete.

— Deixa-te de tretas, Bart. Não quero que partas o pescoço.

— Olha, não sabia que isso te importava, doçura — disse Bart, e depois acrescentou rapidamente: — Descontrai-te, eu estava a brincar. Faço judo e faço musculação todos os dias no ginásio, e além disso tenho uma aula de ballet uma ou duas vezes por semana. Se queres, vê por ti próprio.

Mário apalpou-lhe os músculos do estômago, de uma forma tão impessoal como a de um médico.

— Não está mal. Provavelmente vais apanhar-lhe o jeito sem grandes problemas.

Bart fugiu às mãos dele dizendo:

— Estás a fazer-me cócegas, querido!

Mário olhou-o em ar de aviso, sem sorrir.

— Olha, Bart, comesas com essas coisas aqui, e quem te torce o pescoço sou eu.

— Que raio, Matt! O Tommy sabe muito bem...

— O Tommy, claro que sim. Mas os miúdos que ali estão dentro... e o meu irmão Johnny... tem cuidado, estás a ouvir?

O sorriso desapareceu do rosto de Reeder.

— Está bem, Matt. Estou a perceber. Desculpa.

— Desculpa ter sido assim tão directo. Tommy, mostra-lhe onde ele pode mudar de roupa. Bart, trouxeste umas calças de ginástica?

— Sim e um fato de treino.

Em calças de ginástica, Reeder era impressionante e tinha a graciosidade dos atletas. Como a maioria dos homens com uma boa musculatura, quando vestido com roupas de passeio, Reeder parecia magro e pouco robusto, mas por debaixo das calças de ginástica viam-se os gémeos fortes de bailarino e tinha os ombros largos e uns peitorais fortes. Tommy não conseguiu evitar um olhar rápido de admiração, mas sentiu-se aborrecido por Bart ter dado por isso. Falou com brusquidão.

— Já alguma vez estive num trapézio, Reeder?

— Chama-me Bart. Não, mas costumava trabalhar nas paralelas quando era mais novo, e também já trabalhei no tapete.

Mário estava à espera deles. Acenou com aprovação quando viu as calças pretas de ginástica de Reeder; via-se que tinham muito uso e eram bastante velhas, era óbvio que ele as usava para treinar e não para se exhibir.

— Não tens medo das alturas, pois não, Bart?

— Bom Deus, e achas que tentaria apanhar este papel se tivesse?

— Nunca se sabe — disse Mário secamente. — O Angelo disse-me que uma das grandes estrelas dos filmes de cow-boys morre de medo dos cavalos. Muito bem, suponho que a primeira coisa que tens de aprender é a trepar a corda. Alguma vez reparaste como se fazia?

Reeder dirigiu-se à escada de corda e agarrou-a com ambas as mãos e depois pôs um pé no primeiro degrau. A escada torceu-se para um dos lados e Mário disse:

— Não. Essa é a forma como um amador o faria. Repara.

Mário foi à frente. Reeder seguiu-o, hesitante, mas rapidamente apanhou o jeito. Tommy sentou-se para fumar um cigarro.

Parecia que naquela primeira sessão Reeder se limitaria a aprender uns quantos truques dos profissionais: como subir a corda,

como se equilibrar e parecer à-vontade no alto da plataforma.

Mas Reeder aprendia depressa, e Tommy observava-o com prazer.

— Muito bem — disse Mário -, é melhor aprenderes a cair na rede sem partir o pescoço. — Explicou cuidadosamente o processo e depois mergulhou para ver, de baixo, Reeder lançar-se num mergulho para a rede, enrolar-se e aterrar numa bola desajeitada.

Desenrolou-se, encolhendo-se de dor.

— Ai! Agora já percebo onde foste arranjar essas cicatrizes todas que tens nos braços, Matt — disse ele encaminhando-se desajeitadamente para a borda da rede.

— Tens aí uma bela queimadura — disse Mário observando-o.

— Leva-o para pôr qualquer coisa nisso, Tom.

— Ainda não, está bem? Quero tentar outra vez.

— Claro, tenta. — Mário observou Reeder subir a corda.

Daquela vez fê-lo da forma correcta, colocando delicadamente os dedos em torno da corda exterior e Mário disse:

— De qualquer maneira, ele aprende depressa.

Tommy disse:

— Ele tem melhor aspecto do que o Parrish alguma vez teve.

— Oh, lá isso não sei — o sorriso de Mário estava cheio de reminiscências. — Quando eu era um miudinho, pensava que Parrish era Deus. Uma vez ele deu-me um chupa-chupa. Nunca o comi, guardei-o numa gaveta para olhar para ele de vez em quando. Meu Deus! Dá cabo de mim, pensar que não o reconheci daquela vez...

— Acho que ninguém o reconheceu, Mário. Ele deve ter mudado imenso.

— Meu Deus, se mudou! Quando eu tinha aí uns sete anos, nessa altura a Cleo trabalhava com o Parrish, ele a mim parecia-me que tinha dois metros de altura. Eu era doido por ele.

Odiava a Cleo por ela entrar no número dele e eu ainda não ter idade. Costumava andar por ali a exhibir-me para ele olhar para mim, nem que fosse para gritar comigo. Acho que talvez tenha sido ele a razão de eu querer voar.

Era raro Mário revelar-se daquela maneira, e Tommy não o teria interrompido por razão nenhuma, mas por trás deles a porta

abriu-se e Johnny entrou.

— Ainda aqui estás, Matt? Pensei que os miúdos já tinham ido para casa.

Bart caiu com força, grunhindo quando tocou na rede e a força do impacte fê-lo expelir o ar que tinha nos pulmões. Rolou na rede e disse:

— Como é que se sai desta porcaria desta coisa?

— Mostra-lhe, Tommy. — Mário estendeu a mão; Tommy apoiou-se nela por instantes, saltou para a rede e demonstrou a forma como os trapezistas saltavam da rede em cambalhota por cima do seu bordo. Bart imitou-o, não muito desajeitadamente, para uma primeira vez.

— Bom trabalho, vais parecer um profissional dentro de duas ou três semanas — disse Mário. — Quero apresentar-te o meu irmão Johnny. John Gardner, Bart Reeder.

Bart apertou-lhe a mão.

— Vi o seu programa na televisão.

— Eu uma vez já fiz trabalho de duplo para si — disse Johnny -, mas provavelmente não se lembra de mim. Quer dizer, quem é que repara num duplo?

Bart riu-se e disse:

— Por acaso eu reparo. Eu próprio comecei como duplo.

Está a fazer outro documentário sobre o circo?

— Correcto. O Angelo disse-me que vai entrar no filme sobre o Parrish.

— Espero bem que sim. Mas ainda não está nada assinado.

— Que nome é que lhe vão dar?

— Ainda não está decidido. Houve alguém que sugeriu Demónio Voador, mas o meu agente diz que isso parece uma série de terror para miúdos. Sabe como é, Frankenstein Encontra o Demónio, A Maldição do Demónio, esse tipo de coisa. O pessoal da direcção há-de pensar nalguma coisa.

— Vai você próprio fazer o trabalho de trapézio no filme?

Isso podia dar boa publicidade — disse Johnny e Bart riu-se pesarosamente.

— Não há hipótese de me tornar suficientemente bom para isso! Mesmo que a direcção mo permitisse. Eles tornam as coisas muito claras: se eu distendo um músculo ou torço um tornozelo, o elenco inteiro ganha horas extraordinárias. Mas o seu irmão diz que me pode ajudar a ter o aspecto certo para o papel.

— Se há alguém que o possa fazer, esse alguém é o Matt.

— Eu sei. Vou dar uma palavrinha no estúdio para ser o Matt o meu duplo no filme. Matt, tu fazias o grande número do Parrish, não fazias? O triplo?

— Sim — Mário ficou tenso. — No entanto, há já algum tempo que não o faço.

— Nós começámos a ensaiar há pouco tempo para o novo documentário — comentou Johnny, desviando a conversa deliberadamente.

Bart percebeu imediatamente a deixa.

— Há alguma hipótese de eu assistir a alguns dos ensaios?

Só para sentir a coisa... a forma como as pessoas se mexem, como se comportam...

— Claro, porque não?

O sorriso de Reed era encantador.

— E um dia desta semana trago comigo os operadores de câmara. Achei que se se espalhasse que eu estava a ter lições com um profissional, isso me daria vantagens. Os Santellis Voadores têm nome.

Tommy, observando-os de longe, viu que Reeder tinha encontrado o isco adequado para cativar Johnny também. Meu Deus, o tipo consegue ligar e desligar o encanto como se fosse um interruptor! Mas não é cínico. Percebeu que gostava do Bart Reeder, e sentiu-se aborrecido consigo próprio por ter de o admitir. Encanto, sim — o homem era actor, fazia parte da sua profissão ser encantador. E fica muitíssimo bem de calças de ginástica, fica sensual como o diabo. E como era praticamente a sua primeira experiência com aquele tipo de atracção sexual directa, sentiu-se furioso e embaraçado consigo próprio. Pareço um soldado idiota a babar-se com uma fotografia de uma gaja qualquer!

Depois de Reeder se ter ido embora, Johnny, exuberante, foi à cozinha dizer a Stella.

— Ouve, Stel, adivinha quem vem cá para nos ver ensaiar os Sonhos Voadores... — Fez o relato para uma audiência que não incluía unicamente Stella mas também Lúcia e Angelo, que chegara e ainda não tinha ido mudar de roupa para jantar.

— O Reeder tem muito peso no estúdio — confirmou Angelo -, e é evidente que tem muito bons resultados nas bilheteiras, por isso se se espalhar com antecedência que é ele quem vai fazer o papel do Parrish, isso também é boa publicidade.

Sabes que ele vos está a usar, vai ser muito bom para ele se se souber que os Santellis Voadores aceitaram ensinar-lhe a voar.

Johnny riu-se.

— Claro. Mas nós também o vamos usar. E seja como for que se veja a coisa, esse tipo de publicidade só nos vai fazer bem.

— Bem, tem cuidado contigo — avisou Angelo em tom brincalhão. — Ele é a maior bicha de Hollywood, como eu já te disse. Como é que ele consegue continuar assim, sendo casado com uma tipa linda como a Louise Lanart, raios me partam se compreendo, mas é melhor não te aproximares muito!

— Não devias falar assim — reprovou Lúcia. — Angelo, não trabalhas em Hollywood há tempo suficiente para não dares ouvidos às bisbilhotices maldosas que se contam dos actores?

Dizem o que quer que seja, e quando não têm nada para dizer, inventam!

— Ele é muito bonito — disse Stella timidamente.

Johnny pôs-lhe o braço por cima.

— Bem, graças a Deus que não tenho nada a ver com a vida privada do Reeder. Não sou o confessor dele. E se o tipo é maricas, não vou ter de me preocupar com os avanços que ele possa fazer à Stella, mesmo que ela fique toda babada por ele...

— Oh, Johnny!

Ele riu-se e abraçou-a.

— Estava a brincar contigo, bebé. Podes olhar para todos os tipos bonitos que quiseres e eu olharei para todas as raparigas



bonitas. Não há nada de mal em olhar, pois não? Matt, já conheces o Bart Reeder há muito tempo?

— Conheci-o há muitos anos, na escola de ballet. Eu e o Tom encontrámo-lo por acaso no outro dia e bebemos um copo com ele.

— Bem, isto pode dar-nos muita publicidade. E talvez mais alguma coisa. Se — acrescentou com um olhar duro para Mário -, se mais alguma vez conseguires voltar a fazer o raio do triplo!

— Johnny, és capaz de deixar de me pressionar? Só quando eu estiver pronto para isso!

— Deus Todo-Poderoso — disse Johnny olhando-o desgostosamente -, quando é que vais crescer? Um oportunidade como esta e tu dá-te um ataque de mau génio!

— Escuta, Johnny... — começou Stella.

— Não te metas nisto, Stel. Matt, vais estragar outra vez tudo?

— Eu nem sequer tenho um base!

Agora Johnny estava realmente zangado.

— Não seria a primeira vez que eu te agarrava num triplo.

Que se passa, eu não sou suficientemente bom para ti?

— Não és o Lionel Fortunati! — rosnou-lhe Mário.

— Não — disse Johnny -, e ser o teu base não é propriamente a minha ideia de umas horas bem passadas. Tu és um tipo de peso, Signor Mário. Mas posso fazê-lo se tiver de ser, por isso para quê este barulho todo?

— Oiçam, miúdos... — começou Angelo.

Mário virou-se para ele zangado.

— Isto é culpa sua, Angelo! Desistiu no momento em que eu estava no caminho certo! Tudo aquilo por que o Papa Tony trabalhou e o tio deixa cair tudo.

Oh, meu Deus, pensou Tommy, era mesmo disto que estávamos a precisar, ele envolver-se com o Angelo agora... mas o olhar que Angelo pousou no homem mais novo era suave e afectuoso.

— Desculpa, miúdo — disse. — Eu sei como tu te sentes acerca disso. Mas eu agora já não podia regressar, mesmo que quisesse. E não quero. Lamento, miúdo, mas não quero.

— Nem para me ajudar a conseguir voltar a fazer o triplo?

— Ora, deixa-te disso, Matt. — Angelo pousou uma mão no ombro de Mário e abanou-o com gentileza. — Sabes que isso não é assim. Nada de chantagens, está bem? Eu não sou o único base da família, ragazzo. — A sua voz soava mais suave do que aquilo que Tommy alguma vez lhe ouvira. — Matt, não fiques a olhar para mim como se eu te tivesse dado um pontapé nos tomates. Já discutimos isto tudo há anos atrás, miúdo. — Puxou Mário para si e deu-lhe um abraço brusco mas cheio de ternura.

— Tem calma, está bem? Tu vais voltar a fazer o triplo. Não precisas de mim. Dá tempo ao tempo. Johnny, deixa-o em paz, estás a ouvir-me?

Largou Mário e este saiu da sala sem dizer palavra.

— Está qualquer coisa a queimar-se! — exclamou Lúcia e correu para o fogão. Tommy começou a atravessar o átrio para ir tomar banho. Atrás dele, Johnny murmurava zangado que se soubesse que aquilo ia pôr o velho Matt naquele estado, nunca teria mencionado o raio do triplo!

— Quem me dera que o Barney Parrish nunca tivesse inventado a porcaria do exercício!

Quando Tommy entrou no quarto depois de ter tomado duche, Mário estava sentado na cama, carrancudo e amuado.

Tommy reconheceu os sinais da tempestade que se aproximava e sentiu-se impotente e mudo de medo.

O que quer que eu faça vai ser a coisa errada. O que quer que eu diga vai despoletar a crise. Contemporizando e ganhando tempo, despiu o roupão de banho e procurou uma camisa lavada no roupeiro.

— Isto não é um velório — disse Mário apagando nervosamente o cigarro. — Também estás com medo de falar no triplo?

E se eu não disser nada, isso também vai despoletar a crise.

Sentindo o estômago contrair-se com o gelo do pânico, Tommy vestiu a camisola interior.

— Que queres que diga? Não te posso pressionar por causa disso, Mário. Como o Angelo disse, hás-de acabar por conseguir fazê-lo de novo quando estiveres pronto.

— Que se foda o Angelo! — rosnou Mário.

Tommy sentiu que os pêlos dos seus braços ficavam de pé.

Oh, oh. É desta. E agora o que é que eu faço? Tentando desesperadamente transformar aquilo numa piada, fazendo palhaçadas disse, imitando deliberadamente o falsete do Bart Reeder:

— Lamento, querido, mas ele não é realmente o meu tipo!

— Ouve, seu filho da puta...

Ainda preso nas garras do pânico, Tommy soube de repente o que tinha a fazer. Era isso ou encarar a hipótese de uma crise que faria com que fossem expulsos da casa dos Santelli como tinham sido do Woods-Wayland. Mais uma vez, Mário tentava o perigo e o desastre. Estava demasiado treinado, a sua disciplina era demasiado grande, para o fazer no trapézio. Mas ali fá-lo-ia.

— Estás outra vez mortinho por uma briga, Mário?

— O que é que queres dizer com essa piada?

— Isto. — Tommy foi até à porta e trancou-a.

— Agora não. Desta vez percebeste-me mal. — Deliberadamente, Tommy dirigiu-se a Mário e deu-lhe um estalo na cara com as costas da mão.

— Seu filho...

Tommy bateu-lhe outra vez, com força.

— Decidi que desta vez te daria uma desculpa verdadeiramente boa — disse por entre os dentes cerrados. Mário atirou-se a ele e engalfinharam-se numa luta feroz e silenciosa.

Mas Tommy teve a consciência, enquanto imobilizava Mário com uma técnica de luta livre, que, pela primeira vez, aquela não era uma luta desesperadamente desigual e impotente. Ele era mais forte que Mário; a sua força expandia-se como se um dique se tivesse desmoronado dentro de si enquanto agarrava Mário pela cintura e o empurrava para o chão.

Mário lutou violentamente, atordoado pela selvajaria do ataque.

— Tommy, raios partam, que...

— Levanta-te — disse Tommy entre-dentes.

Tommy lançou-se de novo a ele, acertando-lhe três vezes com golpes terríveis e certos — costelas, olho e de lado na cabeça. Mário acertou-lhe um par de vezes e Tommy voltou a bater-lhe, com um murro fortíssimo no maxilar que o lançou por terra. Tommy sentou-se em cima dele.

— Muito bem, com mil raios — disse ofegante -, as contas estão saldadas de uma vez por todas. Não vou fazer isto em frente de ninguém. Mas de uma vez por todas, Matt Gardner, se voltas a erguer-me os punhos de novo, é o teu pescoço que vai acabar torcido e não o meu. Pensei que era melhor demonstrar-to, por uma vez. Se me quiseres mandar pelas escadas abaixo e expulsar de casa, eu vou. Ou se quiseres lutar mais comigo, tudo bem, posso provar-te de novo que te posso dar um ensaio de pancada a qualquer altura. Mas, de uma forma ou de outra, esta é a última vez que vamos andar à pancada.

Percebeste?

Mário estava quieto no chão, pálido e espantado. Tinha a boca a sangrar e um fio de sangue escorria-lhe do nariz.

— Deixa-me levantar, Lucky — disse por fim.

Tommy libertou-o, e Mário sentou-se, apoiando-se em ambas as mãos sem se mexer. Por fim levantou-se e sentou-se na cama.

Estendeu-lhe a mão.

— Aperta aqui, Lucky. Acho que estava a merecer isso.

Tommy agarrou-lhe na mão mas encolheu-se quando Mário a apertou. Mário virou-lhe a mão e observou-a.

— Acho que já há muito tempo que eu estava a pedir isto, miúdo.

Ficaram sentados lado a lado na cama, curiosamente calmos, como se estivessem a reafirmar um voto antigo. Depois Tommy riu-se.

— Vá lá, Matt. Vai lavar a cara. Ou o que a Lúcia me vai dar não será o jantar!

Mário destrancou a porta, agarrou na toalha e começou a atravessar o átrio. Abruptamente parou e virou-se para Tommy.

— O que é que me chamaste?

Tommy pestanejou. Matt disse lentamente, surpreendido:

— Sabes que nunca o tinhas feito?

— Sim. Eu sei.

— Estás a ficar crescido, acho eu. Já não és o meu miúdo.

Tommy foi até ele, agarrou-lhe na mão entre as suas e manteve-a ali durante alguns minutos.

— Acho que vou ser sempre o teu miúdo. Pelo menos nalgumas coisas. — Depois deu-lhe um empurrão. — Vá lá, Matt.

Vai lavar a cara.

Desceram as escadas lado a lado. Na sala de jantar, Angelo, que deitava o vinho nos copos, virou-se e ficou a olhar para a boca inchada de Mário e para a nódoa negra que escurecia por cima do olho de Tommy.

— Gesú e Maria! Che... o que é que aconteceu ao teu olho, Tom?

— Bati numa porta — disse Tommy.

Angelo abanou a cabeça.

— Isso não parece... O que é que aconteceu à tua boca, Matt? Vocês andaram...

Mário disse, inexpressivamente:

— Bati numa porta.

— Por outras palavras, eu que me meta na minha vida.

Muito bem, ragazzi. Como queiram. O Matt bateu numa porta.

E o Tommy bateu numa porta. Deve ter sido a mesma porta. — Observou-os aos dois, abanando a cabeça. — Acho melhor apagar as luzes e ir à procura de umas velas — disse por fim. — Não queremos que a Lu desate a fazer uma data de perguntas.

## *Capítulo VII*

Três dias depois da primeira visita de Reeder, Mário ao tomar o pequeno-almoço trincou uma torrada, cuspiu e pôs-se de pé com um salto, atirando a cadeira para trás.

— Será que eu te eduquei numa pocilga, Matt? — disse Lúcia secamente.

— Desculpe — disse ele numa voz espessa por detrás do guardanapo. — O chumbo do dente caiu, ou coisa assim. Ai!

— O número do Dr. Ashland está na agenda, no átrio — disse Lúcia. — Chama já o serviço de chamadas dele, provavelmente ainda te recebe esta manhã, tratando-se de uma emergência.

— Vem aquela gente toda cá, esta tarde, por causa daquela coisa da publicidade do Reeder...

— Por essa altura já tu estás despachado, se ele te receber logo à abertura do consultório — disse Angelo. Olhou para o relógio. — Se estiveres pronto dentro de um quarto de hora posso deixar-te aí a um quarteirão do consultório dele. Tessa, está frio, vai buscar uma camisola.

Ela foi buscá-la em silêncio. Tornara-se numa rapariga morena e calma, tão empertigada e de falas tão mansas, na sua farda severa da escola, que uma vez Tommy formulara em voz alta a sua suspeita de que ela pensava ir para freira. Mário insistira que aquilo não passava de uma fase e que Liss, na idade dela, fora igualmente solene e piedosa. Tommy achara difícil imaginar tal coisa e dissera-o, mas tanto Angelo, como Lúcia, tinham confirmado que era verdade.

Saíram os três e Tommy estava a beber uma segunda chávena de café quando Johnny apareceu.

— O Matt ficou na cama esta manhã?

— Não, teve de ir ao dentista. Disse que estaria de volta a horas para receber o pessoal da publicidade que o Reeder vai trazer cá esta tarde.

— É melhor que esteja. — Johnny esticou o braço para a cafeteira e deitou café na chávena, depois apoiou os cotovelos na mesa ficando a olhar para Tommy.

— Tom, tu conhece-lo melhor que eu. Sê franco comigo, companheiro. Afinal que é que se passa com Matt?

— Quem me dera saber, Johnny.

— Quando ele é bom, Tom, é tão bom. Mesmo agora é melhor que a maioria dos trapezistas que por aí anda, mas não tem aquele extra que costumava ter. Talvez se conseguisse voltar a fazer o triplo...

— Sente a falta do Angelo, evidentemente.

— Sim, mas isso já foi há seis anos e, de qualquer forma, eu não sou um base assim tão mau.

— Eu não acho que seja isso, Johnny. Acho... acho que ele já não acredita em si próprio.

— Isso é um monte de tretas — disse Johnny. — Não me digas que agora também acreditas nessas tretas do "pensamento positivo".

— Eu não disse que acreditava. É do Matt que estamos a falar.

Johnny franziu o sobrolho, ignorando o prato que Lúcia lhe pôs à frente.

— Bem, seja lá o que for, quem me dera que ele ultrapassasse esta fase. Queria montar este espectáculo à volta dele, apresentá-lo como a estrela, mas da maneira como ele está agora, não posso.

— Sim, eu sei — suspirou Tommy. Não havia forma nenhuma de ele poder discutir o verdadeiro problema com Johnny. Em desespero, na esperança de evitar uma das crises autodestrutivas de Mário, dera-lhe uma sova; não tivera alternativa, excepto aquela que não podia escolher e que era sair da vida de Mário, deixá-lo só e abandonado às forças destrutivas que o devastavam. Tivera esperança de pôr fim às crises que deixavam Mário completamente arrasado pela culpa e pelo ódio de si mesmo, e que faziam com que passasse as semanas seguintes num autêntico farrapo.

Mas, embora Mário parecesse ter compreendido. — E isso quer pelo menos dizer que não vamos passar a vida à pancada um com o

outro — era como se a última chispa do seu velho brilho se tivesse extinguido.

— Quem me dera que o Angelo voltasse a trabalhar com ele.

— Também a mim — assentiu Johnny. — Ele sempre foi o único que conseguia meter o Matt na ordem quando ele tinha destes ataques. O Matt aceitava isso dele, mas com os diabos, Tommy, eu sou só o irmão mais novo! Bem, vamos trabalhar sem ele esta manhã, se conseguirmos arrancar a Stella da cama.

— Johnny parecia deprimido. — Às vezes penso que ela está tão mal como o Matt. Ela já não fala muito nisso, mas acho melhor desistir do circo depois deste espectáculo e arranjar um emprego respeitável na produção. Talvez aí haja alguma agência de adopções que nos leve a sério da próxima vez que nos candidatarmos.

Tommy disse:

— Seria mesmo uma pena se deixasse de haver Santellis a voar no trapézio.

Johnny encolheu os ombros e não lhe respondeu.

— Deite-me aí mais café, Lu, já que está de pé. Vou levar uma chávena à Stella e ver se a consigo acordar.

Tommy foi para a sala de treinos com a cabeça cheia das coisas que Johnny dissera, e aquilo que já antes a Liss lhe tinha dito: Quatro gerações de Santellis atingiram o seu ponto máximo no Matt, e vai acabar-se tudo com ele. E agora parecia que até o Mário... Com lealdade afastou aquele pensamento e começou a verificar os aparelhos.

Depois de algum tempo começou a pensar no exercício que estavam a aperfeiçoar, um exercício que não era, no sentido estrito, parte do repertório dos números de trapézio voador, e que nunca teria lugar num número clássico de trapézio voador.

Mas parecera a Tommy ter aquela qualidade estranha, característica dos sonhos e que era o que Johnny queria. No início dos treinos ele discutira a questão com Johnny.

— A Stel sabe fazer o mortal e meio?

— Claro. De olhos fechados.

— Não vale a pena fazê-lo de olhos fechados — disse Tommy -, mas ouve isto. Eu faço uma passagem qualquer; depois a Stel vem e



faz uma passagem por cima de mim no momento em que tu me largas. Até aqui toda a gente pensa que é uma passagem vulgar. Mas em vez de voltar para a barra, enquanto tu balouças com ela, eu viro-me e fico pendurado pelos joelhos, e quando tu a largas, em vez de ela voltar à barra, eu apanho-a, estás a ver? De base para base. Ela é muito pequena e leve, e o truque está aqui: consigo imaginar isto numa dessas imagens em câmara lenta, todos nós movendo-nos em câmara lenta, como num sonho...

Johnny semicerrou os olhos visualizando aquilo que Tommy lhe explicara.

— É capaz de resultar. É mesmo. Parece-me bem. Só que não a poderias deixar balouçar-se no voo de retorno, terias de a puxar para cima da barra. — Foi até ao local onde tinha o casaco pendurado e procurou papel e lápis nos bolsos.

Tommy perguntou:

— Como é que a Stel se sentiria assim, feita em bola humana? Atirada para trás e para a frente entre dois bases?

— Ela fará o que eu lhe disser para fazer — disse Johnny com confiança. — Aquela rapariga consegue fazer absolutamente tudo.

O único problema é que ainda não sabe disso. Se eu subisse para o aparelho e lhe dissesse: "Muito bem, Stel, faz-me um triplo", ela fá-lo-ia. E um dia vou fazer exactamente isso.

Tommy ficou a olhar para ele, a rir-se.

— A Stella? Um triplo?

— E porque não? A Cleo Fortunati fê-lo umas quantas vezes antes de ter dado aquela queda. Não, pára de te rir, Tommy.

A Stel seria capaz de o fazer. Ela faz o duplo à frente, e isso é supostamente tão difícil como o triplo à retaguarda.

Stella estivera de acordo quando lhe tinham explicado o novo exercício.

— Que é que te fez pensar nisso, Tommy? — perguntou.

— Não sei. Suponho que me recordei de uma fotografia que vi, daquele velho número de trapézios fixos em que dois bases lançavam um voador para trás e para a frente, entre eles. E pensei se alguém já se teria lembrado de fazer isso com os trapézios em movimento.

Agora, esperando que Johnny descesse com Stella, Tommy removeu demoradamente aquilo que Johnny lhe dissera no andar de cima. Talvez que se a Stella fizesse um triplo mesmo debaixo do nariz de Mário, isso o chocasse tanto que o levasse a tentar de novo. Ou será que o abalaria tanto que ele nunca mais tentaria?

Johnny e Stella juntaram-se-lhe e depois de uma hora de trabalho, Johnny deu-se por satisfeito.

— Vamos fazer isto no ensaio de hoje à tarde. Vai ficar espectacular quando puserem isto em câmara lenta. Os dois bases móveis, e o voador movendo-se entre eles. Consigo ver nisto uma certa qualidade dos sonhos, como se nenhum de nós fosse real.

Assim que Mário voltou, Bart Reeder trouxe um homem do departamento de publicidade do estúdio e um par de operadores de câmara. Entrevistaram Lúcia, falaram mesmo com o Joe, acerca da tradição dos Santellis e fotografaram Bart em todos os sítios imaginários: na plataforma com Mário, subindo a corda, a cair na rede. Já eram quase quatro horas quando o homem da publicidade chamou os fotógrafos.

— Acho que já temos tudo o que precisamos, mas gostaria de algumas imagens convosco a treinar — disse o fotógrafo.

Johnny abanou a cabeça.

— Só quando o número já estiver mais formado.

Quando se foram embora, Mário disse a rir:

— Nunca pensei ver o dia em que tu recusasses publicidade, Jock!

— Há publicidade e publicidade — disse Johnny com ar matreiro. — Quero que as pessoas se interroguem sobre o que isto será, não os quero a ver bocadinhos, antes de verem o espectáculo, e a ficarem com a ideia errada.

— Não te importas que eu convide o Reeder para assistir, pois não?

— Raios, não. Reparei como o tipo aprende depressa. Reparaste que ele já anda como tu? Houve uma vez que ao vê-lo subir a corda pensei que eras tu. Não sei como, tinha ficado com a ideia de que um actor estudava vozes e palavras, mas ele parece fazê-lo com o corpo.

A primeira parte do treino correu bem, mas quando fizeram o novo exercício que tinham inventado, com os dois bases, Mário, para espanto de Tommy, teve um ataque de fúria.

— E quem é que foi que teve essa ideia brilhante? — explodiu ele.

— Não gostas? — perguntou Stella, espantada.

— Se gosto? Estás doida? — Tinha o rosto contorcido de raiva e desdém. — Chamas a isso voar?

Mário lançou-se da plataforma para a rede. Enquanto marchava na direcção do vestiário, Johnny gritou-lhe:

— Ei, ainda não acabámos!

— Eu acabei — disse Mário. — Parece que neste número não há lugar para um voador.

— Ei, espera... — Johnny escorregou pela corda. — Onde diabo é que pensas que vais afinal? Temos trabalho a fazer!

Mário girou sobre si próprio enquanto Tommy e Stella chegavam ao pé dele e de Johnny, no solo.

— Quem foi que teve a ideia daquele número abastardado?

É uma mistura maluca de trapézios fixos, de voo com retorno e de truques de equilibrismo! É uma porcaria rasca e sensacionalista, e eu não quero ter nada a ver com isso!

— Estou a começar a ficar completamente farto deste tipo de tretas, Signor Mário! — explodiu Johnny. — Eu estou a gerir este número, para o caso de não estares recordado, e eu autorizei o exercício.

— Outra coisa não seria de esperar, vinda de ti! Já uma vez fizeste uma coisa parecida... esse tipo de exibicionismo, rasca e barato!

— Rasca! — explodiu Johnny. — Se pensas que é assim tão simples, gostava de te ver lá a cima a tentar fazê-lo!

— Escuta, se eu subir lá a cima e conseguir fazê-lo logo à primeira, tiras esta porcaria abastardada do número? Apostamos desportivamente, Jock. Está abaixo da dignidade de qualquer voador fazer uma coisa rasca como aquela, mas se eu conseguir fazê-lo, retiras o exercício do número?

— Não, raios, não tiro. Ninguém te pediu que fizesses nada que estivesse abaixo da tua tão apregoada dignidade. E quando é que paras de nos gritar a todos dessa maneira, como o Papa Tony nos seus piores dias? "Exibicionismo rasca", "números ordinários" e essas tretas todas! Vê se compreendes uma coisa, irmão mais velho: sou eu quem está a dirigir o número, e desta vez vais trabalhar para mim. Raios partam, Matt — disse ele, olhando descorçoado para o irmão -, não me dá prazer nenhum puxar dos galões para ti, mas não tenho tempo para estes ataques de mau humor!

Mário encostou-se à porta do vestiário.

— Eu e o Tommy assinámos o contrato para um número de trapézio clássico, não para uma data de truques rascas que mais parecem de macacos!

— Na verdade, foi o teu precioso Tommy quem inventou esta macaquiça rasca!

— É verdade, Mário — disse Tommy. — A ideia foi minha.

Lamento que não te agrade...

— Olha, Matt — interrompeu-o Johnny -, faz o favor de me explicares o que tens contra este exercício? A mim parece-me que se adapta perfeitamente ao tema do espectáculo.

Sonhos Voadores. Tenta visualizar isto em câmara lenta. Tens os três corpos em movimento aqui, cada um movendo-se ao seu ritmo, mas todos em sincronia uns com os outros, como num sonho, entretecendo-se... é sensual. Estás a ver?

— Mas não é trapézio voador — disse Mário.

— E depois? Escuta, Matt, as pessoas querem ver coisas novas. Estamos a meio do século vinte, raios, pensei que tinhas percebido isso quando assinaste o contrato.

— Deixa-me tentar explicar-te — disse Mário lentamente, lutando para controlar a sua ira. — Estavas a referir-te a sonhos voadores. Sensuais, evidentemente. Mas subtis. Existe uma espécie de pureza no voo no trapézio. Puro, perfeito. Não precisas do esplendor. Tens uma espécie de... acho que temos de lhe chamar pureza em movimento. Arte. Não vêes que esses truques vistosos e rascas só diminuem a pureza de sonho do voo?

As pessoas não se conseguem aperceber de quão difícil é, de quanto esforço exige, porque parece absolutamente perfeito, natural. Como se qualquer pessoa o pudesse fazer, como se consegue nos sonhos. — Parou para respirar e Tommy, vendo o brilho que lhe aparecia de novo no olhar, pensou: — Meu Deus! Pensei que isso tinha desaparecido! Mas ele ainda o tem, e se o Johnny o faz desaparecer de novo, eu torço-lhe a porcaria do pescoço!

— Acho que não percebo — disse Johnny. — Sei que sentes realmente o que estás a dizer, Matt. Mas tenta ver as coisas do meu ponto de vista por instantes. Os sonhos são complexos, misturados, e aquela espécie de entrecruzamento em câmara lenta, para dentro e para fora, entrecruzando-se...

Mário abanou a cabeça. Já não estava zangado e disse, com uma seriedade apaixonada:

— Jock, estás errado. Juro por Deus que percebo o que estás a tentar fazer, mas estás completamente errado. Dizes que os sonhos são complexos. E aí é que está, Jock: os sonhos não são complexos. São perfeitamente simples, reduzidos a elementos básicos, à forma como um miúdo pequeno vê as coisas.

Tu não queres que o público abra a boca e diga: "Meu Deus, como é que ele faz aquilo?" Isso é pouco melhor que os alarves que esperam o tempo todo que alguém caia e parta o pescoço.

O voo no trapézio tem de se parecer com um desses sonhos voadores, tão simples que as pessoas acreditem que elas próprias seriam capazes de fazer o mesmo. É esse o objectivo quando se fala de sonhos voadores. Puros, simples, perfeitos. De forma a que toda a gente que assista sinta vontade de chorar, porque sabem lá no fundo, bem dentro de si, que um dia tiveram asas e voaram, mas que agora já se esqueceram de como isso se fazia.

— Tinha a voz a tremer. — Quando nós éramos miúdos, quando via a Lúcia e... e o Barney Parrish, eu costumava sonhar que conseguia voar, e quando acordava estava a chorar porque me tinha esquecido de como se fazia. É isso o que nós queremos, Jock, fazer com que as pessoas se sintam assim outra vez.

A voz de Stella vibrava de emoção.

— Johnny, eu percebo o que ele quer dizer. Ele tem razão, Johnny. Nós estamos errados.

— Deus Todo-poderoso — explodiu Johnny -, também tu?

— Johnny, as ideias dele estão certas, só que eu não teria conseguido exprimi-las assim. Temos de ser suficientemente generosos para admitir quando estamos errados.

Johnny olhava da mulher para o irmão, completamente siderado.

— Eu não consigo perceber isso — disse -, mas nunca me envolvi nessa grande mística do voo. Eu não passo de um acrobata, e para mim um truque é um truque. Mas vocês são ambos melhores trapezistas do que eu. Isso tem assim essa importância toda para vocês?

— Isto é toda a essência do voo no trapézio, Johnny — disse Mário. — Não consegues perceber?

— Stel, vais-te pôr do lado dele?

Ela mordeu o lábio.

— Johnny, não é uma questão de tomar partidos. É só que o que ele disse, é essa a essência do voo, e o que nós devíamos fazer no espectáculo, era tentar que as pessoas vissem isso.

— Raios — disse Johnny franzindo o sobrolho -, se vocês os dois sentem isso tão intensamente, devem ter alguma razão.

Esqueçam a porcaria do exercício. Só lamento que tenhamos dispendido tanto tempo e esforço com ele. Tom, parece que o teu exercício já não entra no número.

— Por mim tudo bem — disse Tommy. — O que o Mário disse também me pareceu correcto.

A boca de Johnny contorceu-se num sorriso amargo.

— Não vou discutir estética. — Com snobismo, Tommy sentiu-se surpreendido por Johnny conhecer a palavra. — Por isso, e se é que podemos voltar às questões práticas por alguns instantes, se tirarmos este exercício, ficamos com um buraco no número que dava para fazer passar um camião de equipamentos.

Então o que é que vamos fazer para substituir o exercício?

Ponham o vosso grande sentido estético a resolver este problema, hem? — Mas quando chegou ao topo do aparelho já se

estava a rir, e Tommy pensou, Esta é outra das coisas que ele tem parecida com Papa Tony — nunca o vi guardar um ressentimento.

Mas o breve brilho de paixão que ele vira fulgir em Mário desaparecera de novo. Ainda lá está, pensou Tommy, lá no fundo. Mas, meu Deus, está bem enterrado.

Costumava vir à superfície quando ele voava. Ainda aparece, um pouco. Mas já não aparece em mais nenhuma situação.

Nem sequer... Desconcertado por aquele pensamento, levou-o no entanto até à sua conclusão lógica: Nem sequer na cama, já não.

E depois a disciplina do treino voltou a impor-se, e ele já não teve tempo para pensar em mais nada. Quando já tinham acabado e estavam no vestiário, Johnny enfiou a camisola pela cabeça rindo-se.

— Sabes, Matt, acho que esta foi a primeira briga que tivemos, que eu te deixei ganhar. Não é justo, as raparigas ficam sempre do teu lado. Quando éramos miúdos, eras tu e a Liss contra mim, e agora és tu e a Stel!

Mário estava sentado, todo esparramado no banco.

— Não me dá gozo nenhum brigar contigo, Johnny.

Tommy olhou para ele com desolação. Ele deveria estar exuberante. Desta vez não deixou que o Johnny o vencesse com os seus argumentos. Mário conseguira ser persuasivo, mesmo eloquente, relativamente a algo que era de grande importância para si. Mas fica para ali sentado como se tivesse morrido!

Johnny também deu por isso.

— Ei, Matt, o que é que tens? Passa-se alguma coisa?

— É a porcaria do dente. O dentista pôs-lhe um penso temporário, e dói-me como o diabo. Tenho de lá voltar daqui a três ou quatro dias. E ainda tenho de ir levar o Bart a casa. O carro dele está na oficina.

Mas Tommy sabia que não era nada de assim tão simples.

Mário não reagia à dor daquela maneira; Tommy conhecia-o há demasiado tempo para se deixar enganar. Vira Mário fazer algumas das suas melhores exposições com os pulsos em carne viva e com queimaduras provocadas pela rede que, abertas, lhe deviam provocar dores absolutamente horríveis. Perturbado, e sem saber que mais poderia fazer, disse:

— Calma, Matt, eu levo o Bart a casa. Tu de qualquer forma não estás em condições de conduzir. Vai para cima e toma uma aspirina.

— Aspirina uma gaita — disse Mário com uma careta. — Vou lá acima pedir ao tio Joe uma boa dose de uísque, pode ser que me ajude.

— Provavelmente vais-te passar para o outro lado — disse Johnny -, aliás suponho que é mesmo isso o que tu queres.

Bart Reeder já mudara de roupa. A voz de Tommy soou mais brusca do que era sua intenção quando lhe disse:

— Anda, Bart, eu levo-te a casa. Vais ter de me indicar o caminho, não sei onde tu vives.

— Sabes como é que se vai daqui para a auto-estrada?

— Sei. — Tommy fez marcha atrás para sair do caminho de gravilha.

Não falaram durante algum tempo. Depois Reeder disse:

— Não és nada mau condutor, na verdade. Já alguma vez entraste em corridas?

— Nunca tive oportunidade. Quando era miúdo havia muitos desafios nas ruas, mas eu achava aquilo um disparate. Além disso nunca tive um carro meu. Quando estive na Europa fui até Le Mans para ver uma corrida, mas não sou lá grande coisa para ficar sentado a olhar. E além disso sabia que não estava à altura daquilo.

— Nem eu. Às vezes penso que gostava de me sentar ao volante de um daqueles monolugares dos Grandes Prémios, mas sei quais são os meus limites. No entanto participei duas vezes nas Mille Miglia como co-piloto do Tony Rogers.

— Eu pensei que isso não fosse muito melhor do que assistir.

— Vê-se que não percebes grande coisa disso. É a única forma de poderes participar numa corrida se não fores piloto, e podes acreditar-me, ninguém te vai querer no carro a não ser que saibas exactamente o que estás a fazer. Tens de saber distribuir cada quilo do teu peso da melhor forma para facilitar a vida ao piloto. — Riu-se. — Agora que penso nisso, a forma como o Tony me observou antes da corrida não foi muito diferente da forma como o Matt o fez,



antes de me deixar subir ao aparelho no outro dia! Suponho que um perito é um perito, qualquer que seja a sua arte.

— Arte?

— Oh, decerto. A pilotagem é uma arte como outra qualquer.

É necessário talento, competência e treino especial, como no ballet. Ou no trapézio. Ou mesmo para tocar violino, suponho.

E depois de tudo isso ainda é necessária qualquer coisa extra. Eu desisti do ballet porque não tinha essa qualquer coisa.

Nunca teria passado de um bailarino competente, e competente não chega, no ballet.

Tommy pensou naquilo enquanto levava o carro para a auto-estrada e acelerava para se juntar ao trânsito.

— O Matt disse qualquer coisa parecida com isso uma vez.

— Tom, que se passa com o Matt?

O Reeder também dera por isso?

— Aquela discussão que ele teve com o Johnny? Isso não quer dizer nada. Ele e o Johnny passam a vida a discutir por causa deste ou daquele exercício.

— Não é a isso que me refiro — disse Bart. — O que eu quero dizer é, que se passa de errado com ele? Tom, eu conheço-o há dez, doze anos. Costumava vê-lo dançar e pensava, aquele miúdo tem qualquer coisa muito especial. Pensas que não vejo que há ali qualquer coisa?

Por momentos a lealdade fez com que Tommy se mantivesse em silêncio. Depois o homem mais velho conseguiu detectar o desespero e a preocupação na sua voz quando ele disse:

— Bart, eu não sei. É como se a chama se tivesse apagado.

Não consigo perceber porquê e isso assusta-me de morte. — Ouvindo a sua voz tremer, Tommy calou-se. — Qual destas saídas devo tomar?

— A terceira depois desta. — Continuaram em silêncio durante alguns minutos. — Queres contar-me, Tom? Eu já o conheço há muito tempo e, como provavelmente adivinhaste, gostei muito dele. Ainda gosto, na verdade. Provavelmente eu poderia compreender melhor o que se passa do que a maioria das pessoas.

Tommy virou para a saída da auto-estrada sentindo-se quase irresistivelmente tentado. Reeder era mais velho, homossexual também, um velho amigo de Mário e capaz de perceber pelo menos algumas das suas preocupações. E já se passara muito tempo desde que tivera alguém com quem pudesse falar livremente.

Tommy pensou, o Angelo seria a pessoa indicada, mas não posso falar com o Angelo. Não a respeito disto. Parou o carro em frente da casa que Reeder indicou.

— É como te disse, é como se a chama se tivesse apagado.

Talvez seja apenas porque ele não consegue voltar a fazer o triplo.

— Eu tinha razão em relação a vocês os dois, não tinha?

Vocês são amantes?

Em todos aqueles anos, Tommy nunca ouvira ninguém pôr a questão assim, muito simplesmente, com aceitação total. Subitamente sentiu que poderia chorar de puro alívio.

— Sim. Desde que eu era miúdo.

— Isso é muito tempo para um casal ficar junto.

— É? Talvez. Suponho que não sei grande coisa acerca de como as coisas são para as outras pessoas. — Nunca se interessara realmente, pensou Tommy, por saber. Hesitando, e procurando as palavras, contou a Reeder como procurara Mário e como o encontrara, magro, fechado, uma sombra de si próprio.

— Durante algum tempo correu tudo bem. Mas desde que estamos a ensaiar este espectáculo tem ficado cada vez pior.

Eu pensei que ele estivesse farto de voar, mas ouviste o que ele disse ao Johnny hoje. Se apenas falar de voar o consegue pôr assim... Pergunto-me se aquilo que eu fiz... meu Deus, Bart, sinto-me culpado porque é como se lhe tivesse tirado, à força, toda a alegria de viver.

— Acho que não percebo o que queres dizer — disse Bart com comedimento. — Algum de vocês — hesitou -, está envolvido em práticas de... sadismo? — Ao ver a expressão confundida de Tommy elucidou cuidadosamente: — Algum de vocês tem de sentir dor para... para sentir gozo? Gostam de... de se chicotear um ao outro, atarem-se, esse tipo de coisa?

— Meu Deus, não! — explodiu Tommy. — Nunca ouvi falar em nada assim! Não era isso que eu queria dizer. É, bem, sempre que ele estava muito em baixo descarregava em cima de mim, armando uma briga a pretexto de coisa nenhuma e acabava por me dar uma sova. E... e isso nem sequer o fazia sentir-se melhor; só o fazia recriminar-se ainda mais. Por isso, há alguns dias ele começou a arranjar pretextos para brigar e eu... eu fiquei magoado e dei-lhe um ensaio de pancada. Agora sou mais forte que ele. Não sei, mas talvez o facto de eu ter invertido as coisas assim, talvez ele não tenha aguentado, talvez... talvez ele não o soubesse, mas talvez fosse mesmo qualquer coisa do tipo da que tu disseste... Bart, será que fiz mal? Se ele precisava de me bater...

Bart abanou a cabeça lentamente.

— Eu sei que ele é um filho da mãe nervoso. Certamente que não se poderia esperar que tu consentisses em ser espancado de cada vez que ele tem um ataque de nervos por causa de qualquer coisa. Se ele tivesse gozo nisso tu já terias percebido.

— Não consigo deixar de pensar — disse Tommy abalado -, talvez agora que já sou crescido... Eu sei que alguns homens só se sentem atraídos por miúdos. Não consigo deixar de pensar que o facto de ele ter percebido que eu já sou adulto o fez perder o interesse. Se agora que sou um homem, e não mais um rapaz, ele já não me quer. Só que nós somos parceiros, Bart. Quanto ao resto, se ele quisesse arranjar outro rapaz, ora, bolas, é evidente que eu me importaria, eu amo o tipo, mas havia de me aguentar. Eu só o quero ver bem outra vez, vê-lo como era dantes. Como deveria ser. Eu amo-o — disse impotente, engoliu em seco e ficou calado.

— Isso vejo eu — a voz de Bart era meiga. — Isso não acontece com muita frequência a tipos como nós.

— Eu não o quero deixar. Se eu não estivesse lá, seria só a família e eles dão com ele em doido. Ele ir-se-ia embora outra vez, e sabe Deus onde iria acabar desta vez. Esteve preso num sítio qualquer horrível ao pé da fronteira mexicana. Ele não quer falar disso, mas deve ter sido bastante mau. Não sei porque raio te estou a contar tudo isto, tu também não podes fazer nada!

Bart pôs a mão sobre as de Tommy com gentileza.

— Tudo o que podes fazer é o que tens feito.

— Só que não tenho feito nada — disse Tommy -, e é isso que dá cabo de mim.

— Oh, sim, tens feito sim — disse Reeder. — Estás lá, e ele pode confiar em ti. E se conseguir sair desta situação, será por essa razão, quer ele tenha consciência disso ou não. Fica com ele, Tom. — Olhou para a casa. — Queres entrar e beber um copo?

Tommy hesitou e Bart disse:

— Não. Hoje não. No estado de espírito em que estás não o irias apreciar, e... e talvez não seja bom deixá-lo sozinho muito tempo. Se estiver cheio de codeína e uísque deve estar bem, mas talvez seja melhor estares lá quando ele acordar...

— Bart, que estás tu a tentar dizer-me?

A boca de Bart estava contraída numa linha.

— Não estou a tentar assustar-te. Mas a taxa de suicídio para... para nós, é cerca de vinte vezes a taxa de suicídio para... para as pessoas vulgares. Quando vejo alguém no estado em que o Matt estava esta tarde, fico todo nervoso. Ele não tem uma arma, pois não? Ele toma comprimidos para dormir?

— Meu Deus, não... nunca o tinha visto tomar uma aspirina sequer.

— E eu sei que ele não bebe. Muito bem, mas não faria mal nenhum se não o perdesse de vista durante uns dias. — Riu-se e largou a mão de Tommy. — E se eu te convidasse para entrar iria acabar por te tentar levar para a cama — acrescentou com uma ligeireza que Tommy percebeu ser um disfarce adoptado à força de vontade -, e neste momento isso não te daria grande prazer. É melhor ires ter com ele.

Tommy voltou a ligar a ignição.

— Obrigado, Bart. Sinto-me melhor por ter falado nisto.

— Eu sei. Houve ocasiões em que teria dado as minhas orelhas para ter alguém com quem pudesse conversar — disse Reeder de novo sério. — Todos nós precisamos disso. É por isso que tantos de nós frequentam os bares. Tom, olha, deixa-me dar-te o meu número de telefone. Não vem na lista, mas podes telefonar-me quando quiseres. — Puxou Tommy para si, com meiguice, e deu-lhe um

abraço. — Vejo-te na quinta-feira, está bem? — Abriu a porta e saiu. Depois deu a volta ao carro até ao lado de Tommy, inclinou-se pela janela aberta e tomou o rosto de Tommy entre as mãos. — És um rapaz adorável — disse.

— Quando as coisas estiverem melhor contigo, voltaremos a falar nisso. Está bem? — Inclinou-se pela janela e beijou deliberadamente a boca de Tommy, depois largou-o e subiu o caminho que levava à casa.

## *Capítulo VIII*

O programa televisivo, *Sonhos Voadores*, deveria ser emitido em directo a partir das instalações de Inverno do Circo Starr, imediatamente antes da Páscoa. Dez dias antes Johnny reuniu-os.

— Há uma coisa que já adiámos demasiado — disse. — Como é que apresentamos isto? "John Gardner apresenta..." Foi como eu vendi o espectáculo. Como é que vamos usar os vossos nomes?

— Eu parti do princípio que iam ser os Santellis Voadores.

Johnny disse:

— Matt, como quer que olhes para a coisa, o circo tradicional morreu. Há anos que está morto, só que as pessoas ainda não se tinham apercebido. Pessoas como o Papa Tony, bem, se calhar foi uma sorte não viverem o suficiente para assistir a isto.

— Meu Deus, Johnny — disse Mário -, pensei que a tradição Santelli era uma das coisas que tu querias!

— E queria — disse Johnny — , e ainda quero. Mas também não vou continuar a viver nos anos trinta. Estamos numa nova era. Na Era Atómica, talvez mesmo na Era Espacial. Se quiseres aposto já aqui contigo, quinhentos dólares, em como vamos pôr um homem na Lua, ou os Russos porão um homem na Lua, antes do ano dois mil.

Mário riu-se.

— Se não fosses meu irmão eu aceitava a aposta. Era uma maneira de ganhar umas massas para a minha velhice.

— Bem, eu far-te-ei lembrar disto se ainda formos vivos.

Mas isso ainda vem longe. Pensei anunciar o espectáculo assim:

"John Gardner apresenta, Stella Gardner, Matthew Gardner, Tommy Zane." Se quiseres discutir por a Stella vir à cabeça, podem lançar uma moeda ao ar. De acordo?

Mário abanou a cabeça.

— O meu nome artístico é Mário Santelli. Foi o nome com que trabalhei no Starr, e apesar dessa tua conversa de que o circo está morto eu por mim penso que é um cadáver muito vivo, a tua audiência para o programa vai ser em grande parte de fãs do circo. Muitos deles vão ligar a televisão porque se lembram do nome, e eu vou continuar com o mesmo nome.

— Eu também — disse Tommy. — Sempre me chamei Tommy Santelli desde a primeira vez que entrei no número.

Johnny apertou os lábios e disse:

— Eu já devia estar à espera disto. De cada vez que tu dizes qualquer coisa, Matt, o Tommy é como se fosse o senhor Eco.

Porque raio nunca o deixas falar por si próprio?

Mário abriu a boca para falar mas Tommy antecipou-se.

— Pára com isso, Johnny. Eu e o Matt somos parceiros, temos feito números de pares desde que eu era miúdo.

Talvez eu seja supersticioso em relação à mudança do nome, mas seja como for, eu e o Matt somos os Santellis Voadores, e é assim que tu nos vais anunciar. É pegar ou largar. Certo, Mário?

— Certíssimo.

Johnny deu um murro na mesa.

— Raios partam isto! Aquilo que eu mais quero é afastar-me dessa imagem antiga que veio do Velho Mundo, da família do circo!

— Gostava que a Lúcia te ouvisse dizer isso — ripostou Mário zangado.

— Não quero saber... — começou Johnny e depois interrompeu-se, suspirando. — Eu não quero magoar a Lu. Mas os tempos mudaram. Quando ela voava... o Mundo era outro.

— Claro. Muitas coisas mudaram. Nós também mudámos.

Mas por que não manter a tradição, o nome, a boa vontade, toda a boa publicidade que os Santellis conseguiram durante cinquenta, sessenta anos? Tu estás no mundo do espectáculo, Jock, sabes o que isso vale.

Johnny encolheu os ombros.

— Faz como quiseres. "John Gardner apresenta Stella Gardner e os Santellis Voadores?" É isso que queres?

Stella, que ouvira atentamente, falou pela primeira vez.

— Johnny, eu acho que o Matt tem razão. Mantém o teu nome, se queres, mas transforma isso em "John Gardner apresenta os Santellis Voadores". É assim que deve ser.

— Oh, por amor de Deus, Stella! — explodiu Johnny, mas ela reduziu-o ao silêncio com um gesto rápido.

— Escuta, Johnny. Quando me trouxeste para aqui, eles aceitaram-me imediatamente na família. O Papa Tony tratou-me exactamente da mesma maneira que à Liss e à Bárbara. Nós não somos um conjunto de estrelas, Johnny. Nós somos uma família.

Um número familiar. E eu faço parte dele. — Ela mordeu o lábio e Tommy viu que a boca lhe tremia.

Johnny ficou a olhar para ela, espantado. Depois, como se por momentos se tivesse esquecido de que Tommy e Mário ali estavam, agarrou-lhe na mão entre as suas e apertou-a com força.

Passados instantes levou-a aos lábios e beijou-a. Foi um gesto tão íntimo que, por qualquer razão, Tommy desviou os olhos, embaraçado.

— Isso tem assim tanta importância para ti, bebé?

A voz dela tremia de tal forma que por momentos Tommy pensou que ela se desfaria em lágrimas.

— E que é que eu tenho mais, Johnny? Se eu não sou parte da família para que serviu tudo isto?

— Bebé. Bebé. — Johnny passou os braços à volta da mulher e apertou-a contra si. — Se é isso que queres, é isso que vais ter. Muito bem, rapazes, serão os Santellis Voadores, então. Porque no que me diz respeito, o que a Stella quer, a Stella tem. — A voz dele, zangada e beligerante, desafia-va-os a que dissessem nem que fosse mais uma palavra.

O alívio de Tommy estava misturado com algo que ele reconheceu ser totalmente egoísta. Enquanto ele e Mário fossem simplesmente dois membros do número da família, era altamente improvável que qualquer sombra do velho escândalo os tocasse.!

Bart Reeder apareceu jubilante nessa tarde.

— Já é oficial, companheiros — disse. — O meu agente acabou de assinar o meu contrato para o filme do Parrish. Vão fazer



algumas das filmagens ambientes nas instalações de Inverno do Starr. Não é onde vocês vão filmar aquilo para a televisão?

— Sim, mesmo no meio do mato — confirmou Johnny. — Em pleno País das Laranjas.

— E que é que isso importa? — disse Reeder. — Eu já estou satisfeito por não ter de ir fazer filmagens no Texas, ou coisa assim.

— Também eu — disse Mário. — Por mim já me chegou de Texas.

— Vai haver algum público ao vivo para as filmagens da televisão? — perguntou Bart. — Há alguma hipótese de me arranjam um lugar?

Johnny encolheu os ombros.

— Claro. Vamos um par de dias mais cedo para montar os aparelhos, ter um ou dois dias para ensaiar no local e habituarmos às luzes e esse género de coisas. Podes vir connosco para o ensaio geral.

— E se nos virem muitas vezes juntos — disse Bart -, ainda é mais provável que comecem a pensar nos Santellis Voadores para a dobragem no filme sobre o Parrish:

— Certo — disse Johnny -, se o Matt alguma vez voltar a fazer a porcaria do triplo!

Mário prometera a Bart que ele podia tentar uma passagem para o base naquele dia. Pôs-lhe o cinto de segurança, e mandou Tommy para o trapézio base em vez de pedir a Johnny que o fizesse. Apesar da ajuda do dispositivo de segurança, Reeder falhou e caiu pesadamente nas suas primeiras cinco tentativas, e Tommy deu por si a admirar a coragem do homem. Voar fora qualquer coisa que Tommy começara a fazer com tanta facilidade, que nunca parara para pensar como aquela actividade era perigosa.

Quando pararam para descansar um pouco, Tommy perguntou-lhe:

— Porque raio é que estás a fazer isto, Bart? Eles vão dobrar-te no filme.

Bart disse, com ligeireza:

— Vaidade, talvez. Não quero admitir que há qualquer coisa que eu não seja capaz de fazer.

— Isso não é uma razão lá muito boa — disse Tommy.

— Talvez não — disse Bart -, mas é a única razão que tenho.

Mário, com uma toalha em volta dos ombros, veio ao pé deles e perguntou:

— Queres tentar outra vez, Bart?

Tommy disse em tom de desafio:

— Olha, talvez seja eu que estou a dar cabo de tudo. Talvez o Johnny...

— Não é necessário — disse Mário. — Tu és melhor base do que aquilo que pensas. Tens um óptimo ritmo. Como a Stel.

Se ela fosse dez ou quinze quilos mais pesada, seria a melhor base da família.

Balouçando-se de cabeça para baixo, à espera de Mário, Tommy pensou naquilo. Vagamente, pelo canto do olho, envolto em sombras e borrões de cor, conseguia ver difusamente o balouçar do outro trapézio e o corpo de Mário que se flectia.

Automaticamente, sem pensar, flectiu os ombros dos músculos, alongando um pouco o balanço do seu trapézio. Stella estava a manejar as cordas, mas ele não a via. A sombra voadora dirigiu-se a ele, esborratada, depois houve um momento de tensão, simultaneamente rígido e descontraído — e os pulsos fundiram-se, deslizaram, fixaram-se e Mário estava a balouçar com ele.

Sentiu o sangue pulsar-lhe nos ouvidos.

Aposto que o podia agarrar num triplo...

Mas no momento em que aquele pensamento lhe cruzou o espírito ele voltou a afastá-lo. Para isso é preciso um base com muito peso. Eu não sou nenhum Fortunati. E se ele o tenta e volta a falhar, vai ficar desfeito.

Estava a começar a aparecer a publicidade ao espectáculo dos Sonhos Voadores. Um fotógrafo foi lá a casa para tirar fotografias dos fatos de cena para uma revista de fãs do cinema que começava a mostrar algum interesse ocasional pelas estrelas da televisão. Três dias antes do espectáculo, Johnny e Tommy desmontaram o aparelho de trapézio, embalaram-no e meteram-no dentro de um camião alugado com esse objectivo.

Tommy perguntou:

— Queres que eu conduza? Conduzi alguns camiões na tropa. Johnny abanou a cabeça.

— Não é preciso. A conduzir camiões entre espectáculos para o Freres e Stratton, aprendi a gostar de conduzir estes camiões grandes. Será como nos velhos tempos, para mim e para a Stel, não é, bebé?

Para Tommy também havia algum perfume dos velhos tempos enquanto conduzia o carro para as instalações de Inverno do Circo Starr. Só que desta vez era ele quem conduzia. Por causa do pulso que lhe dava problemas, Mário raramente conduzia desde que houvesse por perto alguém capaz de o fazer.

O Circo Starr estrearia a temporada dentro de quatro semanas no Madison Square Garden, e os ensaios deveriam estar no seu apogeu. No entanto, o recinto parecia vazio, sem nada que fizesse lembrar a estreia a não ser pelos cartazes colados em todas as superfícies disponíveis.

— Onde estará toda a gente?

— É o fim-de-semana da Páscoa — respondeu Johnny. — Como é que achas que o pessoal da televisão obteve permissão para montar esta coisa mesmo no meio dos ensaios?

Mas não era feriado para a equipa da televisão que tinha vindo montar as luzes e as câmaras. Antes de terem acabado, já uma pequena multidão se juntara à entrada da tenda dos treinos. Finalmente conseguiram que tudo estivesse como queriam.

Os Santellis Voadores viriam no dia seguinte para um ensaio geral no local das filmagens, passariam a noite num hotel local, e fariam o directo televisivo no dia seguinte. Quando já estavam a terminar, uma figura alta e familiar separou-se do grupo que os observava.

— Olá, Matt, é bom ver-te de novo — disse Jim Fortunati e Mário apertou-lhe a mão.

— Olá, Jim.

— De cada vez que vejo o Lionel ele pergunta-me por ti.

Ouvi uns rumores de que vais fazer as partes do trapézio para o filme do Parrish que vai ser feito.

— Ainda não é nada de oficial, Jim. E afinal como está o Lionel?

— As últimas notícias que tive era de que estava bem — disse Jim. — Ele nunca voltou a voar depois do acidente que vocês os dois tiveram. Abriu uma coisa qualquer para turistas em São Diego. Oçam, porque é que vocês os quatro não vêm até ao nosso atrelado e jantam connosco? A Cleo iria adorar revê-los.

Quando começaram a dirigir-se para o atrelado, acrescentou:

— Matt, vi a tua filha no outro dia. A tua mulher, hmm, a tua ex, trouxe-a no outro dia para o treino. A miúda é mesmo gira. Parece-se muito com a Liss quando tinha aquela idade.

A expressão de Mário ensombrou-se.

— Não sabia que a Susan ainda estava com o espectáculo, Jim. Não a vejo desde que nos separámos.

— Ai é? Ela quando soube que cá vinhas por causa disto até perguntou onde é que ias ficar e tudo.

— Eu sei o que ela quer. Acho que tenho de entrar em contacto com ela.

Cleo estava à espera deles no atrelado, tão elegante e bonita como sempre. O seu cabelo ruivo flamejante estava mais escuro e acastanhado, e ela usava-o curto e à moda, mas não havia mais nenhuns sinais do acidente que lhe tinha acabado com a carreira no trapézio. Tinha rugas em torno dos olhos sorridentes de que Tommy não se recordava, mas o seu sorriso continuava tão bonito como sempre. Lançou os braços em torno de Mário e abraçou-o com força e, passados instantes, apertou também Tommy nos braços, amigavelmente. Stella, quando foi apresentada, ficou tímida e encabulada. Cleo disse, com o seu sorriso espontâneo e encantador:

— Vi-te na televisão. Dias e Noites do Circo? Bem me parecia.

Fazes-me lembrar um pouco a Lúcia.

— Parecenças de família — disse Johnny alegremente.

Estavam apertados na pequena sala de jantar do atrelado, mas ninguém se importou com isso. Tommy lembrou-se de que para Mário e Johnny aquela era uma reunião de família.

Olhando para a enorme quantidade de comida espalhada em cima da pequena mesa, Mário brincou:

— A aprender a cozinhar depois destes anos todos, Cleo?  
Ela riu-se.

— Burro velho não aprende línguas. Mandeí buscar isto tudo a um daqueles sítios que vende galinha frita para fora.

— De qualquer maneira é quase tão bom como comida caseira  
— disse Johnny enterrando os dentes num biscoito.

Cleo riu-se como uma rapariguinha.

— A comida caseira do tipo da minha é a razão porque os homens saem de casa — disse. — Mário, vais fazer um triplo amanhã para a televisão? Não? Lamento ouvir-te dizer isso O Simon Barry é um bom rapaz, e um trapezista muito razoável mas não tem a tua classe. As pessoas costumavam pensar que quem quer que conseguisse fazer o triplo era só por isso muito especial, mas agora que qualquer bom trapezista o faz, as pessoas começam a perceber que o triplo tem mais que se lhe diga do que conseguir dar aquela terceira volta. Não é só fazê-lo, é também a forma como se faz.

Mário abanou a cabeça, notoriamente desconfortável.

— Desde que o Lionel desistiu, não existem muitos bases capazes de me agarrarem no triplo.

Cleo lançou um olhar a Johnny.

— Eu diria que tu és suficientemente grande.

— E sou — disse Johnny -, só que o Matt não acha o mesmo. Dizem-se muitos disparates acerca do triplo. Como a Cleo disse, há muita gente a fazê-lo hoje em dia, só para provarem que são capazes de o fazer, e eu queria que o Matt o fizesse neste espectáculo. Mas ele continua com aquela ideia parva na cabeça de que um base para o triplo tem de ser uma espécie de super-homem. Claro, quando foi inventado, era uma coisa especial. Quanto tempo é que o Barney Parrish levou para o conseguir fazer? Quatro, cinco anos? Mas agora já não é tanto assim.

Dizem-se para aí um monte de disparates acerca da dificuldade do trapézio — acrescentou e Tommy sentiu que as suas palavras eram um desafio. — Bolas, eu consigo pôr um miúdo a fazer parte de um número de trapézio em três meses, desde que o miúdo faça o que lhe digam!

Cleo disse com clareza:

— Eu tive lições de piano durante três anos quando era miúda, e já sabia tocar tudo o que havia no hinário Baptista.

Mas isso não faz de mim um Vladimir Horowitz. Uma coisa é fazerem-se truques no trapézio, Johnny, outra coisa é voar.

— Estendeu a pequena mão sardenta por cima da mesa na direcção de Mário. — Por isso é que eu tinha esperanças de voltar a ver-te fazê-lo de novo.

— Talvez noutra oportunidade, Cleo.

— Não ficaria bem neste espectáculo, não ficaria mesmo — disse Stella surpreendendo-os a todos. — Eu sei que o Johnny não concorda comigo acerca disto. Tivemos uma discussão por causa disto. Mas não se encaixaria. O triplo... — mordeu o lábio, procurando as palavras adequadas. — É uma... uma façanha... uma coisa espectacular. Mas este espectáculo, este número dos Sonhos Voadores, é supostamente algo que parece perfeito, simples, quase como um sonho. O triplo, é um número de clímax. E nisto nós não queremos clímaxes. É... é — mais uma vez procurou as palavras -, tem de ser uma unidade. Sem truques de estrela, só simplicidade e bom trabalho de equipa. — Interrompeu-se. — Eu não sei dizer estas coisas.

Pelo contrário, pensou Tommy, és mesmo bastante boa a dizê-las, e espero que o Johnny tenha percebido o que querias dizer!

Cleo assentiu pensativamente.

— Sei o que queres dizer — disse. — Foi por essa razão que eu só o fiz umas poucas vezes, e só uma ou duas vezes na pista. As pessoas não paravam de falar no facto de eu ser a primeira mulher que o tinha feito, e eu sentia que se estavam nas tintas para a forma como eu o fazia, ou quão bem o fazia, tudo o que lhes interessava era que eu era a única mulher que o conseguia fazer.

Os olhos de Stella iluminaram-se.

— Oh, percebeu o que eu quero dizer! Eu não consegui fazer ver isso ao Johnny! É exactamente por essa razão que eu não o quero fazer, senhora Fortunati! — Esquecera a sua timidez.

— Chama-me Cleo, querida, por amor de Deus!

As sobrancelhas de Mário ergueram-se no seu velho sorriso endiabrado.

— Na faculdade li uma coisa que parece perfeita, simples e quase um sonho. O triplo é como uma mulher a fazer um discurso, como um urso que anda nas patas de trás; não se espera que seja bem feito, porque já é suficientemente surpreendente que seja capaz de o fazer.

Jim Fortunati riu-se.

— Quem quer que fosse que escreveu isso, não percebia nada de circo. No circo espera-se que um urso ande nas patas de trás!

Stella ignorou-o e disse:

— Mesmo que eu o fizesse, ninguém iria ligar nenhuma à forma como eu o faria, ou porquê. Apenas ligariam ao facto de eu ser a única mulher a fazê-lo. Oh, eu sei que temos de ter publicidade, e uma certa quantidade de alarido à nossa volta mas... mas eu não quero esse tipo de publicidade.

Johnny fez uma expressão desapontada.

— O Matt de um lado, a Stella do outro e eu no meio!

E ainda se espantam que eu não queira voar mais quando esta coisa dos Sonhos Voadores tiver acabado! Não há muita coisa que se possa fazer em televisão com o circo!

Fortunati disse:

— Era por isso que eu queria falar contigo, John. Gostavas de dirigir a secção dos trapézios do Circo Starr?

— Do Starr? Meu Deus, estás a falar a sério, Jim?

— Completamente. Eu gostava que fosse a Cleo a fazê-lo, mas o Starr iria armar um barulho dos diabos se eu pusesse uma mulher à frente daquilo tudo.

— Isso não é justo — disse Stella.

Fortunati encolheu os ombros.

— Não tens de me dizer isso a mim, querida. A Cleo percebe mais daquilo que três homens juntos. Tem treinado todas as trapezistas aqui do circo nos últimos dez anos. Mas as coisas são como são. E que tal, John?

Os olhos de Stella brilhavam, mas Johnny abanou a cabeça sombriamente.

— Não sei, Jim. Soa-me bem, mas não tenho a certeza de que os trabalhos no circo tenham muito futuro, hoje em dia.

Preciso de algum tempo para pensar nisso.

— Porque é que não me deixas marcar-te uma entrevista com o Randy Starr para discutirem as questões de dinheiro e esse tipo de coisas? Eu sei que contigo o espectáculo ficaria em boas mãos.

Stella disse baixinho:

— Parece mesmo aquilo que tu querias, Johnny. Eu sei que já não queres voar. Seja no circo ou na televisão, desde que seja do lado da gestão...

— É uma ideia — disse Johnny -, mas vou ter de pensar muito bem nisso, Jim.

— Bem, pensa nisso e falaremos mais tarde — disse Fortunati.

— Por agora vamo-nos esquecer dos negócios por um bocado.

Dá-me notícias da família. Que anda o Angelo a fazer nesta altura?



## *Capítulo IX*

No dia seguinte, quando fizeram a viagem até ao circo para o ensaio geral e a emissão televisiva, Mário decidiu ir com Johnny e Stella no carro deles e Tommy foi com Bart Reeder no MG.

Para grande alívio de Tommy, Bart não se referiu, nem sequer através de um olhar sugestivo, ao assunto da sua última conversa.

Limitou-se a indicar a Tommy que se sentasse ao volante.

— Queres conduzir?

Bart mostrou-lhe cuidadosamente cada um dos comandos antes de arrancarem, demonstrando-lhe como se engatava cada uma das mudanças.

— Afinal qual é o limite de velocidade na auto-estrada?

— Legalmente, cento e vinte quilómetros por hora. Na prática, a velocidade que o trânsito permitir — disse Bart. — Já dei cento e sessenta numa ocasião em que não havia trânsito.

A estrada está preparada para isso. Por outro lado, se andares a passar de fila de trânsito em fila de trânsito, e a fazer ultrapassagens na hora de ponta, podes ser multado não indo a mais que noventa. Podes acelerar o que te apetecer.

— Eu uma vez andei a mais de duzentos à hora numa auto-estrada alemã. Um amigo meu tinha um Mercedes.

— Bem, daqui até Tijuana o que não falta é auto-estrada.

Diverte-te.

Havia um pouco de trânsito a mais para que Tommy se sentisse confortável a uma velocidade superior a cento e setenta quilómetros por hora. No entanto, o MG prateado era um sonho de carro, e ele passou àquele estado curioso de hipersensibilidade que é um misto de grande concentração e exaltação, e que é característica de todos os que conduzem pelo puro prazer de o fazerem. Durante algum tempo perdeu toda a consciência do tempo e do espaço, consciente apenas da estrada, do trânsito, dos comandos e da presença silenciosa do homem a seu lado.

Passado bastante tempo, viu uma série de sinais que indicavam a aproximação da fronteira mexicana e, pesarosamente, abrandou o carro e voltou ao seu estado normal.

— Afinal que horas são, Bart?

— Um quarto para as onze. Temos tempo suficiente para almoçar por aqui, se te apetecer.

— Quero. Quanto é que falta? Aí uns cento e sessenta quilómetros até às instalações de Inverno?

— Qualquer coisa assim. Gostas de comida mexicana?

Tommy riu-se.

— Eu fui criado com chili do Texas. Quanto mais picante melhor.

Bart assentiu.

— Eu também gosto da comida da fronteira, suficientemente picante para fazer um buraco na boca e com muita cerveja a acompanhar.

— Está bem, mas é melhor eu não abusar da cerveja. Tenho um espectáculo para fazer.

— Conheço um sítio onde a malta costuma ir depois das corridas. — Contornou o carro para se ir sentar ao volante.

Tommy, chegando-se para o lado para se sentar no lugar do pendura, encontrou o olhar de Bart e o homem mais velho pousou-lhe uma mão no braço. Mas não disse nada e Tommy sentiu-se aliviado.

O restaurante era pequeno e despretensioso, mas a meia dúzia de carros estacionados à porta fez com que Tommy pestanejasse com uma inveja súbita.

— Como eu te disse, o pessoal das corridas vem muito aqui — disse Bart. Depois, encontrando os olhos de Tommy com um olhar cheio de intimidade, avisou-o: — Olha, os fanáticos dos carros geralmente são tão heterossexuais que até chateia.

Gostava de te poder dar a mão, mas este não é o local nem a altura certa para isso. Percebes?

Tommy riu-se.

— Por mim tudo bem, Bart — disse, e lá no fundo do seu espírito percebeu o que estava a acontecer entre eles, uma série de

pequenas barreiras estavam a ser derrubadas, uma por uma.

Não tinha a certeza de querer que assim fosse. Uma parte de si sentia-se satisfeita pelo facto de Bart poder passar num grupo vulgar sem ser imediatamente identificado como homossexual — e acreditava que com ele se passava o mesmo — mas, por outro lado, a sensação de partilhar um segredo com o Bart Reeder não era inteiramente bem-vinda.

Nós somos iguais. Porque é que isso havia de me perturbar?

E, quando mais essa barreira caía, percebeu que isso não o aborrecia mesmo nada, que era bom saber que estava com um homem que percebia e partilhava o seu próprio sentimento de alienação.

— Ei, Bart! — chamou alguém do balcão quando entraram no restaurante: — Vens cá no domingo?

— Podes apostar que sim — disse Bart. Juntaram-se a um grupo que estava sentado num dos compartimentos grandes ao canto da sala. — Este é o Tom Zane. Tom, tu vens cá para o rali de depois de amanhã, não vens?

A hesitação de Tommy foi apenas momentânea. Nessa altura o espectáculo dos Sonhos Voadores já teria terminado. Seria uma mudança bem-vinda em relação à constante preocupação — não com o trapézio, esse tipo de preocupação não o perturbava, mas a constante preocupação relativamente à hipótese de Mário não se aguentar até à altura do espectáculo.

— Claro — disse -, gostava muito.

Como Bart prometera, a comida mexicana era muito picante e muito boa. Enquanto comiam, Tommy ouviu mais do que falou. A conversa era sobretudo sobre carros, mas não se sentiu tão marginalizado como temera.

— Conduzes alguma coisa, Tom? — perguntou um dos homens.

— Sou estritamente amador.

Bart riu-se e disse:

— Ele está a ser modesto. Foi ele quem trouxe o MG e tem muito jeito.

— Um MG é mesmo coisa de amador. Mais cedo ou mais tarde vais querer um Ferrari.

— Eu consigo fazer com o MG tudo o que tu fazes com o Ferrari — argumentou Bart, e perderam-se mais uma vez numa discussão sobre velocidades marginais e derrapagens controladas.

No entanto, comeram rapidamente, mantendo-se atentos ao relógio. Bart disse:

— Eu conduzo agora. Não queres chegar lá todo estafado, pois não? — Enquanto deslizava para trás do volante deu a Tommy outro dos seus sorrisos rápidos e íntimos. — Nem todo excitado.

Nas instalações de Inverno, Mário estava à espera deles na tenda dos ensaios, já de calças de ginástica, passeando-se para trás e para a frente, cheio de impaciência.

— Onde raio é que vocês os dois se meteram? Perderam-se ou quê?

Tommy olhou defensivamente para o relógio.

— Ainda tenho meia hora. Vê lá se tens calma, está bem?

— Nem sequer estás vestido ainda! — Mário estava furioso.

— Por amor de Deus, Mário, meter-me num par de calças de ginástica não leva assim tanto tempo! Onde é que me visto?

— Na tenda do vestiário dos homens, ali em frente! — Apontou. — Os nossos sacos também já lá estão. Eu e o Johnny já fizemos as reservas no hotel, mas ainda não nos registámos, está bem?

— Claro. Escuta, eu disse ao Bart que ia com ele ao rali no Domingo de Páscoa. Por ti tudo bem?

— Lucky, não tens de me pedir autorização para ir onde te apetecer, por amor de Deus!

Havia meia dúzia de desconhecidos na tenda do vestiário.

Tommy encontrou a sua mala e a de Mário, despiu-se rapidamente e enfiou o fato de cena. Bart olhava em volta cheio de curiosidade, parecendo decorar cada pormenor da tenda. Tommy calculou que para qualquer actor, aquela oportunidade de ver, pelo lado de dentro, o tipo de vida da personagem que iria encarnar, era algo de valioso e que não deveria ser descurado.

Estava a perder o seu nervosismo em relação a Bart.

O homem podia ser um daqueles tipos "óbvios" que ele detestava desde criança — mas apenas quando estava com aqueles que conhecia, e em quem sabia poder confiar. Perante estranhos, Tommy começava a percebê-lo, conseguia ser tão discreto e parecer tão vulgar como o próprio Tommy. Dirigiu um sorriso rápido e cúmplice a Tommy quando o ajudou a ajustar o cinto prateado do fato de cena. Quando iam a sair da tenda disse entredentes:

— Claro, Tom. Na minha profissão podemos ser vigaristas, violadores, chantagistas, absolutamente tudo o que se queira, enquanto o público pensar que somos cidadãos sólidos, a direcção estará do nosso lado. Existem apenas duas coisas que não se pode confessar ser quando se anda neste negócio. E a outra é ser comunista.

Há volta da tenda dos ensaios, tinham sido instaladas bancadas para o público do directo, e os homens da televisão andavam de roda das luzes. Tommy juntou-se aos outros na base do aparelho. Parecia-lhe estranho estar vestido de prateado brilhante e branco em vez do verde e dourado dos Santellis. Stella parecia pálida, e Mário estava tão tenso como a corda de um arco.

Johnny foi conferenciar com um dos operadores de câmara.

— Muito bem, miúdos, vamos fazer isto do princípio ao fim.

O espectáculo amanhã vai ser transmitido em directo, mas eles querem recolher algumas imagens nossas para usar no genérico e nos agradecimentos. Primeiro querem imagens nossas a entrarmos por ali...

Do seu trabalho como duplo, Tommy já estava familiarizado com as repetições intermináveis, as filmagens das mesmas cenas e as imagens de reserva, para serem montadas de um e de outro ângulo, mas a monotonia fazia com que Stella ficasse nervosa e, passadas algumas repetições, Mário já estava irrequieto e tenso.

Quando finalmente subiram ao aparelho para fazerem a sequência dos exercícios no ensaio final, Tommy viu que ele estava a transpirar e que tinha os olhos semicerrados por causa das luzes.

Murmurou enquanto subiam a corda:

— Se eu mais alguma vez aceitar fazer uma coisa assim, dá-me um murro, Tom, está bem?

Foi mais fácil quando estavam a fazer os exercícios que tinham ensaiado tantas vezes na sala de treinos. Quando Mário e Stella passaram um pelo outro em pleno voo, ouviu-se um aplauso espontâneo das poucas pessoas que estavam sentadas nas bancadas. Tommy, manejando as cordas, pensou: Eles são bons juntos, muito bons, e depois sentiu-se, por instantes, dolorosamente ciumento. Nos seus velhos números de pares, ele tivera aquele tipo de sincronização perfeita com Mário. Sentindo um peso no coração pensou, Como voador eu não tenho a classe deles, nem de longe...

— É a tua vez! — Stella deu-lhe um pequeno toque nas costelas e ele varreu do espírito todos os sentimentos pessoais, ficando apenas consciente da barra envolta em fita sob os seus dedos e do balanço do trapézio de Johnny que acelerava para se ajustar ao ritmo do seu. Saiu da barra girando num duplo à frente, sem sequer ter consciência de que alterava o seu ritmo em pleno voo para se ajustar ao de Johnny. Franziu o sobrolho enquanto balouçavam juntos, os pulsos entrelaçados, enquanto um pensamento lhe cruzava brevemente o espírito: O Johnny não é tão bom base como pensa que é. A Stella faria ainda melhor figura com um base melhor. Depois já voava livre, o centésimo de segundo em que se misturavam a exaltação e o medo, o impacte que tirava a respiração quando a adrenalina se soltava enchendo-o de calor enquanto pousava na plataforma.

As repetições e as imagens extra para as sequências em câmara lenta levaram mais tempo, com mais repetições e filmagens repetidas. Trabalharam intensamente até às nove da noite e depois foram os quatro jantar a um restaurante local cuja especialidade eram os bifes. Mário estava silencioso, afundado numa das suas depressões de pós-espectáculo, mas Johnny rejubilava.

— O Reeder disse que traria cá gente associada ao filme do Parrish. Isto vai ser uma coisa em grande para todos nós. Agora, se eu lhes pudesse dar qualquer tipo de garantia... — disse, olhando de relance para Mário. Tommy, vendo Mário estremecer, arranjou uma desculpa para chamar Johnny de parte enquanto os outros se sentavam num dos compartimentos do restaurante.

— Escuta, Johnny, tenho de te dizer uma coisa.

— E que raio de bicho é que te mordeu? — perguntou Johnny.

— Fala baixo, raios! Se começa a chatear o Matt com o triplo esta noite, fazendo-o ficar todo nervoso, e tendo ele o espectáculo amanhã, eu garanto que te dou pessoalmente um ensaio de pancada! Não vês o que lhe estás a fazer?

— Mas Tommy, e que raio vamos nós fazer? Tu sabe-lo tão bem como eu, ele nunca mais vai ficar bem até fazer o triplo de novo. Olha, eu não estou a tentar prejudicá-lo. Tu ages como se eu fosse inimigo dele, ou coisa assim. Tu não és a única pessoa do mundo que o quer ver bem de novo!

— Eu não deveria tê-lo dito da forma como disse. Talvez ele precise mesmo de alguém que tome o comando, alguém que lhe faça a vida num inferno, como o Papa Tony costumava fazer. Tudo o que eu digo é que, esta noite, com o espectáculo amanhã, deixa-o em paz, está bem?

— Eu vou deixá-lo em paz até esta coisa ter terminado. Mas não vou continuar a tratá-lo com punhos de renda indefinidamente, e quanto mais depressa meteres isso na cabeça, melhor para todos nós. Percebeste?

— Ei, vocês os dois, estamos à vossa espera — chamou-os Stella.

Johnny, erguendo as sobrancelhas disse:

— Qual é a pressa? Tens algum comboio para apanhar? — E deslizou para o lugar ao lado de Stella. Tommy, sentando-se como habitualmente ao lado de Mário, agradeceu conscientemente pela primeira vez, os hábitos familiares que permitiam que ele o fizesse sem suscitar comentários.

Existem apenas duas coisas que não se pode confessar ser quando se anda neste negócio. E a outra é ser comunista.

Que diabo me estará a acontecer? Pela forma como estou a agir parece que quero alugar um auditório e contar a toda a gente que sou homossexual!

Stella disse com impaciência:

— Tommy, a criada está à espera que peças. Estás a dormir ou quê? — Rapidamente forçou-se a despertar e olhou para a lista, pedindo o primeiro prato em que os seus olhos pousaram.

Mais tarde Johnny disse:

— Conheço um sítio a alguns quilómetros daqui onde tocam bom jazz. Querem ir lá ouvir um bocado de música?

Parece-me bem que não há mais nada para fazer nesta cidade.

A música era boa e ficaram até bastante tarde. No outro dia quando acordaram já era meio-dia. Mário estava no duche quando o telefone tocou e Tommy esticou-se para o atender.

— Desculpe, é do quarto do senhor Gardner?

— Quem fala? — perguntou Tommy.

— Fala Susan Gardner — disse uma voz rouca e feminina. — Foi a Cleo Fortunati quem me deu o número.

Oh, meu Deus, pensou Tommy, o que quer que eu faça agora vai ser a coisa errada. E se eu não fizer nada isso vai ser errado também.

— Ele não está aqui neste momento, Sue-Lynn — disse usando o seu antigo nome. — Posso pedir-lhe que ele lhe telefone?

— Como de costume, não é? — A voz da mulher endureceu.

— Sim, diga-lhe que eu tenho uns assuntos para arrumar com ele, e que se ele souber o que lhe convém, o melhor é vir até cá para arrumarmos essa questão, percebeu? Há já semanas que estou a tentar falar com ele, e se ele não falar comigo, vai acabar a falar com um funcionário do tribunal. Percebeu bem?

Afinal quem é que fala?

Tommy hesitou, perguntando-se se Sue-Lynn teria ouvido falar no velho escândalo. Não lhe apetecia confirmar essa hipótese.

— É o irmão. Oiça, sabe que ele tem um espectáculo esta noite? — Talvez ele devesse ir chamar o Mário ao chuveiro e deixar que eles se entendessem. O pensamento do que Mário lhe diria se soubesse que Tommy o estava a proteger, fê-lo estremecer. — Será que eu lhe posso pedir para lhe telefonar depois do espectáculo, Sue-Lynn?

A voz dela estava irritada e amuada.

— Afinal o que é que se passa? Ele esteve doente, ou coisa assim?

— Pode dizer-se que sim. — Tommy hesitou, procurando palavras que não comprometessem Mário nem antagonizassem a



mulher do outro lado da linha. — Se ainda tem alguma boa vontade ou generosidade em relação a ele, Sue-Lynn, espere até que este espectáculo lhe saia da cabeça. É trapezista, sabe como é quando uma coisa deste tipo se aproxima.

— Suponho que posso esperar mais um dia. Mas faça com que ele me telefone amanhã, ou descobrirá o tipo de problemas que posso arranjar quando me esforço de verdade.

O barulho do chuveiro parou. Tommy disse apressadamente:

— Para onde é que ele deve telefonar?

— Ele sabe onde eu estou — disse ela com desdém -, e pode dizer-lhe que eu continuo a vir na lista, por isso não vale a pena fingir que não sabe como me contactar. — Desligou e Tommy pousou lentamente o auscultador enquanto Mário, de calções, saía da casa de banho.

— Quem é que estava ao telefone, Tommy?

— Era engano — mentiu sem hesitar. Mário parecia calmo, mas Tommy sabia quão rapidamente a calma podia dar lugar à depressão ou a um nervosismo histérico. — É melhor irmos tomar o pequeno-almoço — sugeriu. — Não é provável que nos apeteça comer grande coisa antes do espectáculo desta tarde.

— Pequeno-almoço! — Mário olhou para o relógio de pulso e riu-se. — Que ricas horas para tomar o pequeno-almoço!

Comeu imenso — como fazia sempre que tinha um espectáculo tardio e sabia que as suas outras refeições seriam parcas — mas Tommy sentia-se tão mole, fatigado e sem forças como uma corda velha. Recordando-se da sua tomada de consciência do dia anterior. Como voador não tenho a classe deles, nem nada que se pareça — sentiu-se perturbado, irrequieto, perguntando-se o que estava ali a fazer. Teria sido a sua adoração por Mário, o facto de ele ter sido o herói da sua infância, que o teria conduzido a um trabalho para o qual, como adulto, ele não tinha qualquer queda? Teria sido um erro voltar, uma decisão emocional originária do seu reencontro com Mário? Olhou para Mário, descontraído e mal vestido, com a sua velha camisola da escola de ballet, o cabelo grisalho emoldurando o rosto magro e caindo-lhe sobre as têmporas. Era o rosto de alguém muito amado, mas que essencialmente era um desconhecido.

— Estás muito calado, Tom — disse Mário deitando mais café da cafeteira térmica que a criada deixara sobre a mesa. — Olha, não te preocupes com esta noite, vai correr tudo lindamente.

Sei como te estás a sentir; é como eu me costumava sentir no primeiro dia da temporada, quando era miúdo. Todos os anos, no primeiro de Maio, quando nos estreávamos, eu costumava desejar estar de volta à escola de ballet. E continuo a sentir o mesmo, só que sei que é uma daquelas coisas por que tenho de passar no primeiro dia da temporada, em que me pergunto que será que estou aqui a fazer. Descontra-te. Toma! Come o resto das salsichas. — Deitou-as no prato de Tommy. — Vai ser um dia muito longo.

Erguendo a cabeça para encontrar os olhos sorridentes de Mário, Tommy soube de repente que ele tinha razão. Tinham um espectáculo para fazer dentro de poucas horas. Esta não era a altura para se estar a perguntar se deveria ou não fazê-lo.

— Sim — disse ele agarrando na chávena de café e bebendo-a até ao fim -, temos cerca de seis horas para gastar. Não vale a pena andarmos para aí a ficarmos todos nervosos. Vamos sair à procura de um bom filme, ou coisa assim.

Antes do espectáculo, os maquilhadores da televisão e os cenógrafos prepararam cada detalhe dos fatos e da maquilhagem para as câmaras. Enquanto esperavam as suas deixas, Tommy sentia-se desconfortável com a base que tinha na cara e franziu o nariz devido ao cheiro enjoativo do fixador que lhe tinham posto no cabelo. Ficaram à espera, olhando para o monitor de televisão por detrás dos enormes painéis de equipamento que as equipas de televisão tinham trazido consigo. Viam-se quatro imagens provenientes de quatro câmaras diferentes: uma do palco, onde o famoso actor de Hollywood que era o apresentador do espectáculo daquela noite aquecia a audiência; uma captando imagens do público, e que mais tarde seria virada para o aparelho de trapézio para captar imagens de longe e outra câmara montada muito perto da plataforma do aparelho; a quarta estava focada no trapézio base que balouçava, vazio. No painel central um técnico concentrado e silencioso estava a misturar as imagens que seriam emitidas no monitor central.

Tommy perguntou-se para que serviria todo aquele equipamento complicadíssimo. Johnny observava como se compreendesse o que se estava a passar. Provavelmente compreendia.

O actor contou uma anedota que provocou grandes gargalhadas no público. Num dos monitores laterais, Tommy viu o actor, um homem bem parecido e grisalho, que fazia lembrar Jim Fortunati.

— E agora levamo-los em directo para as instalações de Inverno do Circo Starr, na Califórnia, e para o vosso apresentador desta noite, Barry Cass.

Olhando para o monitor de televisão, Tommy viu por detrás da cabeça de Barry Cass as primeiras sequências das imagens que tinham filmado e que agora estavam a ser emitidas para todo o país: um trapézio balouçando-se, a silhueta de Johnny, de cabeça para baixo, desfocada pela distância, irreal e como que num sonho, movendo-se para trás e para diante num ritmo hipnótico. Inconscientemente, Tommy sentiu que os seus ombros se flectiam e que os seus gémeos se contraíam, como se estivessem apoiados nos suportes almofadados do trapézio base.

Ao fundo via o voador, lançando-se cada vez mais alto, num ritmo perfeitamente sincronizado com o do base. Nunca se vira a voar antes, e passou-se algum tempo até perceber que era a si próprio que estava a ver. Toda a sua atenção estava concentrada em Johnny, no trapézio base; estava completamente imóvel em frente do monitor, mas estava presente a tensão subliminal dos músculos apropriados, a tensão interior e não traduzida em movimentos, quando os dois corpos se fundiram e balouçaram juntos...

O seu mundo. Era ali o seu lugar.

Sentiu a mão de Stella deslizar na sua e apertou-a com ternura.

Mesmo ao lado dela via o perfil de Johnny, tenso e apreensivo, tão diferente da perfeição da postura exacta como a de uma seta que se via no base do monitor da televisão. Eu também o amo. Nunca o tinha percebido. Por vezes nem sequer gostei muito dele, mas ele também é meu irmão e eu amo-o...

— Santellis, por favor. Senhor Gardner. Trinta segundos.

E Mário já estava por trás dele, ali onde estivera durante tantos anos. Tommy não o olhou nem lhe tocou, mas tinha consciência da sua respiração, do calor do seu corpo. Barry Cass estava a dizer, "E agora, John Gardner apresenta... os Santellis Voadores!"

Luzes nos olhos. Um pesado estralejar de aplausos como a chuva no tecto do atrelado há muitos anos atrás. Luzes na base do aparelho, luzes por todo o lado, uma pista central com um público de milhões. Stella estava mesmo à sua frente na escada do aparelho. Tommy sentia-se como se se estivesse a ver tomar o saco de resina entre as mãos, perdendo a noção do tempo...

Era agora, ou era há já muitos anos? Depois Mário estava a seu lado, pousando na plataforma com o seu velho floreado descontraído.

Lá ao fundo, as luzes brilhavam no cabelo claro de Johnny.

— Muito bem, Lucky, tu vais primeiro. Espera pelo meu sinal.

As mãos de Stella, quando lhe passaram a barra, estavam duras e firmes, já não tremiam, numa concentração profunda.

Agarrou a barra, lançou-se no longo arco, os músculos dos ombros tensos enquanto subia e volteava por cima da barra, o voo de retorno, deixando-se levar, mergulhando, e a longa sensação de queda provocada pelo voo livre. As mãos de Johnny agarrando-o, os pulsos fundindo-se com os seus. O longo voo de retorno que lhe cortava a respiração, a excitação dos dedos fechando-se novamente sobre a barra quando ele já se preparava para o longo mergulho e para a queda. Os pés atacando a plataforma.

Stella, como uma seta, voando, volteando.

Mário. Mário a voar, o seu corpo fundindo-se numa linha fluida e perfeita. Tommy, sentindo os seus próprios músculos contraírem-se por simpatia, não soube por instantes se Mário se juntava às mãos de Johnny se às suas. Uma junção perfeita, um voo perfeito, Mário e Stella passando um pelo outro como pássaros.

E, no entanto, apesar de todas as imagens de sonho, a sua atenção estava concentrada como nunca. O corpo de Stella era

macio e forte, impessoal contra o seu, e no entanto ele teve dela uma consciência tal, que foi quase como uma dor sexual.

Os olhos de Mário encontrando-se com os seus por instantes.

Mário, a voar. O ritmo preciso, infinito, intemporal do voo...

E depois estava tudo acabado e eles mergulharam para a rede, um a um, posando e fazendo vénias estudadas. Tommy voltou ao seu estado normal, cheio de frio e a tremer, sabendo que nos monitores os exercícios filmados continuavam a passar uma e outra vez, infinitos, perfeitos... mas para eles tinha acabado.

Cleo Fortunati veio ter com ele e falou-lhe, e ele conseguiu responder-lhe educadamente, sem saber o que ela lhe tinha dito.

Mário estava a seu lado, as mãos dos dois encontrando-se por breves instantes. Johnny, pálido, quase nauseado, respondia a perguntas e aceitava parabéns com o rosto branco como a neve.

Também Stella estava pálida, e parecia mais pequena, mas continuava a ser mais alta que Cleo Fortunati, que foi ter com ela e a abraçou, fazendo-lhe cumprimentos que fizeram com que Stella resplandecesse como uma criança a quem se tecem elogios.

Bart Reeder apareceu à sua frente, sorrindo a Tommy e dando-lhe um aperto de mão amigável e correcto, acompanhado de cumprimentos formais para benefício daqueles que os rodeavam.

Depois murmurou: "Amanhã digo-te o que achei realmente!"

Com um sorriso rápido, secreto e compartilhado pelos dois. Mário e Bart apertaram as mãos e repórteres dos jornais tiraram-lhes a fotografia juntos. Até isso não perturbou o sorriso de satisfação do rosto de Mário. Não se passa nada de errado com o Mário neste momento. O lugar dele é aqui. O nosso lugar é aqui.

De volta ao vestiário, lavou o creme que tinha na cara, sentindo a pele seca por causa da base. Ia haver uma recepção para o pessoal da televisão, o pessoal do circo e o do estúdio de cinema. Tommy estava a vestir o fato escuro e elegante que comprara propositadamente para aquela ocasião, o primeiro que alguma vez tivera, quando Mário lhe pôs o pulso envolto em adesivo por baixo do nariz. Uma velha memória tentou vir à superfície enquanto Tommy arrancava o adesivo e depois envolvia os pulsos esfolados em gaze e fita adesiva nova.

— Afinal para que raio serve esta recepção? — perguntou.

Mário encolheu os ombros.

— Sabe Deus. Publicidade para o Johnny, talvez. Ou talvez para o filme sobre o Parrish. Que diabo, isso tem alguma importância? Ao menos bebemos um copo à borla.

Na recepção, Cleo veio ter com Mário e perguntou, quase magoada:

— Porque é que a Lúcia não veio? Eu queria mesmo vê-la.

— Ela mandou-lhe beijinhos, Cleo. Mas já prometera levar a Tessa à primeira missa da Páscoa.

Cleo estava muito bonita e pouco familiar no seu comprido vestido de noite. Os seus lábios arquearam-se num sorriso meigo e divertido.

— Isso já seria de esperar da Lu. Ela não vem cá nem por nada. Mas depois do que ela fez por mim quando eu me aleijei, isso já não tem importância.

— Que é que ela fez, Cleo? — perguntou Mário.

— Em todos aqueles anos, desde que deu a queda e deixou o circo, nunca me veio ver. Pensei que ela me odiava. Eu tinha-me sentido tão ressentida com ela, com as pessoas sempre a compararem-nos. Nunca ninguém reparava em mim — era sempre "na grande tradição de Lúcia Santelli". E eu sentia-me como uma imitação, uma sombra, fizesse eu o que fizesse. E depois quando ela caiu, pensei que ela me odiava porque eu ainda continuava a voar e ela não podia...

Tommy ouvia-a com desolação e uma estranha e crescente intuição. Esta mulher era a maior estrela do circo, provavelmente a maior estrela feminina na história do trapézio voador, e no entanto sentia-se inferior, ultrapassada. Sempre na sombra de Lúcia, como Mário sentia que o que quer que fizesse, nunca poderia igualar o que Barney Parrish tinha feito. Teria o Barney Parrish, também, nutrido um sentimento de inferioridade, uma sombra interior, um sentimento de que nunca poderia igualar um ideal que trazia dentro de si? Aconteceria aquilo com toda a gente?

— Fiquei paralisada, não me conseguia mexer. E depois quando acordei, a Lúcia estava ao lado da minha cama. Nunca veio de carro

até Anaheim para me ver, mas voou para Boston para estar comigo no hospital. Matt, ela esteve comigo em cada minuto. Eu não queria viver. Pensava que se já não podia voar, então o melhor era desistir e morrer. A Lúcia não parava de me lembrar que também não tinham esperado que ela sobrevivesse.

Provocou-me, alimentou-me, lavou-me, ficou comigo durante a noite quando as enfermeiras não tinham tempo para mim. Acho que não estaria aqui agora se não tivesse sido a Lu.

Mário parecia espantado.

— A Lúcia? A Lúcia fez isso?

— Matt, ela foi como se fosse minha mãe. Foi ela que me manteve viva, acho eu. E no dia em que eles disseram que eu voltaria a andar, ela veio ter comigo e disse-me que já não precisava dela. Deu-me um beijo, disse-me adeus e voltou para a Califórnia.

E não a voltei a ver desde aí, nem espero voltar a vê-la.

Nenhum de nós compreende a Lúcia, pensou Tommy.

Nenhum de nós alguma vez a compreenderá.

A recepção estava a aproximar-se do fim, com os repórteres a irem embora, a exaustão marcando as linhas do rosto tenso de Stella. No carro de Jim Fortunati, Tommy sentia-se pesado e sonolento. Quando a cabeça de Stella caiu no seu ombro, ele segurou-a com ternura, cheio de amor por ela também.

Depois de dizerem as últimas boas-noites, ficou sozinho com Mário no quarto que partilhavam. Ergueu o olhar e de repente viu de novo o velho Mário, aquele que conhecera em criança.

Como costumava ser. Sem dizer palavra, virou-se para ele e abraçou-o. Não havia nada que pudesse dizer. Os braços de Mário fecharam-se em torno de si mas também ele não falou durante muito tempo. Não tinham necessidade de o fazer. Depois de algum tempo Mário largou-o, mas deixou ficar a mão no seu ombro.

— Que raio...

Tommy levou a mão ao sítio que Mário tocara. Era a medalha de São Miguel, a mesma que Mário lhe oferecera, anos atrás, no dia em que experimentara voar pela primeira vez.

Mário disse, num sussurro:

— Bom Deus, tem-la usado durante todos estes anos?

Tommy não tinha a mais pequena ideia de a ter transferido — automaticamente como sempre fizera em todos aqueles anos — de uma camisa para a outra. Disse:

— Sim. Esqueci-me de que a tinha posta. E que é que achas disto?

Tommy foi para o duche, sentindo a água quente cair-lhe na cabeça e no corpo, lembrando-se de uma forma distante da última vez que estivera num hotel com Mário. E como se o presente e o passado se tivessem juntado, Mário estava ali.

Entrou para o duche a seu lado, em silêncio, junto a si, o passado muito presente em ambos, sem que no entanto conseguissem falar dele. Ensaboaram-se um ao outro ainda em silêncio.

Tommy sentiu que se dissesse uma palavra que fosse começaria a chorar como a criança que fora naquela noite, há tantos anos.

Secaram-se um ao outro, ainda sem dizer palavra, ainda mergulhados naquela consciência absoluta da situação que reviviam.

Mário apagou a luz e Tommy puxou-o para a cama mais próxima.

Continuava quase a reviver aquela noite de há tantos anos.

Naquela altura sentira um frenesim desesperado, uma necessidade desesperada de segurança perante o novo e cruel conhecimento que tinha de si próprio. Agora era a confirmação, a reunião dos dois com a consciência absoluta do que sempre tinham sido um para o outro. Já não era uma criança agarrada a um rapaz mais velho, numa mistura confusa de veneração pelo herói, de adoração e despertar sexual. Agora, confiante e consciente, sabendo precisamente o que ambos queriam, puxou Mário para os seus braços. Algo que se perdera desde que se tinham reencontrado como homens, algo que ele temia tivesse desaparecido para sempre, estava presente de novo.

O nosso lugar é junto um do outro. Já não somos miúdos.

Somos homens, e sabemos o que somos e o que queremos. Mas devido à excitação de ter visto Mário actuar naquela noite, havia um toque do velho espanto e admiração por ele. Disse: "Amo-te,



Matt", mas sabia que as palavras não exprimiam algo que era mais do que amor, mais do que sexo, mais do que a necessidade que tinham um do outro. Mais uma vez surgiu a imagem da junção na pega, entrelaçada, fulgurante, ali, perfeita, juntos... entretecidos, sensuais, os corpos encontrando-se com a perfeição com que se encontravam em pleno voo. Sonhos voadores. Que são sonhos sexuais. Num milésimo de segundo de memória, as palavras que já esquecera voltaram ao seu espírito, e ele murmurou: "Temos um só coração." Não estava certo de que Mário o tivesse ouvido. Mas isso não importava. Ele sabia.

## *Capítulo X*

Acordou e mais uma vez a sua noção de tempo era confusa.

Um regresso ao passado ou um recomeço? Muito suavemente libertou-se dos braços de Mário que o prendiam e ficou ali deitado, a olhar para o rosto adormecido do outro homem. O quarto estava claro; o relógio de Mário, em cima da cómoda, e que ele conseguia ver torcendo um pouco o pescoço, marcava quase nove horas. Com uma combinação de ternura e resignação, olhando o rosto de Mário — descontraído, com todas as linhas de tensão e amargura momentaneamente distendidas — suspirou, apercebendo-se da profundidade do seu compromisso para com aquele pateta com um feitio tão difícil.

Como todos os amantes, deu por si a tentar localizar o primeiro momento em que tivera consciência do seu amor. Não fora na noite de tempestade no Oklahoma quando Mário o levava pela primeira vez para a sua cama. Não fora na noite escura quando, atordoado pelo estrondo das ondas do mar sentira o roçar fugidio de um beijo não concretizado. Nem sequer, talvez — embora aí tivesse estado mais perto disso — na noite em que Mário o abanara e o obrigara a tomar consciência do que era: um artista, um trapezista, e não um bebé chorão. Teria sido no dia da sua primeira queda, quando Mário lhe prendera a medalhinha na gola da sua camisa e Tommy percebera que se submeteria a cem quedas, a mil, sem se queixar só para receber um sorriso de aprovação? Tocou na pequena medalha que estava pousada na mesa-de-cabeceira. Estava agora mais fina, gasta pelo contacto com o seu corpo.

Não, começara mais cedo, num tempo em que não tivera consciência de mais nada senão da sua obsessão: um rapaz no solo a olhar para outro rapaz mais velho que voava, e que caía, magoado e abalado, quase aos seus pés — explodindo no espaço, lutando sem asas para conseguir o inatingível. Eu queria oferecer-me a ele já nessa altura. Não sabia o que ele queria mas eu também queria o

mesmo. A sede de voar, a necessidade partilhada, a obsessão: a experiência que tornava o resto da vida digna de ser vivida.

Mário dera-lhe tanto. Primeiro a liberdade da plataforma, depois a do voo. E dera-lhe força e consciência do dom incomensurável que era a coragem. Armara-o com dureza e treinara-o impiedosamente como a um potro com medo da pista, não lhe poupando nada, nem sequer em nome do amor. E mais tarde Mário dera-lhe a conhecer a sua natureza, o alvor da sexualidade, partilhara-o com ele, também, mas sem compromissos e com generosidade.

Eu tinha de ser duro contigo, Tommy. Se eu não tivesse sido assim duro, ter-me-ia derretido e amolecido e ia acabar por me encontrar para aí, feito numa poça. Tommy percebeu repentinamente que se Mário tivesse amolecido no seu treino, se tivesse alguma vez contemporizado com os seus padrões rígidos, então tudo o resto entre eles não teria valido de nada e a sua relação, assente na indulgência em vez de ser construída numa base de força, teria sido contaminada por um toque subtil de corrupção.

Mas isso, e apenas isso, nunca tinham manchado nem comprometido.

Só quando não estava com Tommy é que Mário se deixava levar e caía numa atitude de fraqueza. E por causa disso, aquilo que poderia ter sido uma sanguessuga, roendo e infectando as raízes da sua força, tornou-se na fonte da qual fluía a pureza rude que os percorria, emergindo no brilho claro do voo.

E se o excesso dessa força, o poder que estava por detrás deles, os empurrava para os braços um do outro, que importava?

Tommy nunca se apercebera da extensão da culpa que perdurava, de que a criança chocada que se escondia por detrás do homem continuava presente, fazendo-o sentir-se envergonhado daquilo que era — até àquele momento em que examinara as raízes do seu amor e as achara íntegras e puras. Deixara que estranhos o fizessem sentir-se envergonhado daquilo que era, e daquilo que sentia por Mário. Fora defensivo em relação a isso. Sempre tivera vergonha.

Mário mexeu-se, irrequieto, e acordou, abrindo os olhos escuros e confusos, e como sempre Tommy sentiu-se reconfortado por o ver regressar desse país desconhecido do sono para a luz do dia. Mário pestanejou e depois sorriu-lhe.

— Olá, Lucky. Aquilo ontem à noite foi bom, não foi?

Tommy assentiu. Mário apoiou-se sobre o cotovelo e disse:

— A que horas é que o Bart te vem buscar para a corrida de automóveis, ou lá o que isso é?

— É um rali do clube de carros desportivos. Às dez, acho eu. — Abruptamente lembrou-se de outra coisa e estremeceu.

— Matt, tenho uma coisa para te dizer. Lembras-te da chamada telefónica que eu disse ser engano?

— Eu percebi que não era — disse Mário -, mas tu parecias tão abalado que eu achei melhor não fazer perguntas. Que foi, Tom?

Aos supetões, sentindo-se transtornado, Tommy contou a Mário a chamada de Sue-Lynn. A expressão de Mário ficou tensa, mas quando Tommy acabou, ele disse:

— Não tem problema, Lucky. Eu provavelmente naquela altura não iria ser capaz de enfrentar a Sue-Lynn. Mas agora acho que o melhor é telefonar-lhe. Eu sei o que ela quer.

— O que é que ela quer?

Mário suspirou.

— Eu devo-lhe muito dinheiro — disse. — Quando nos separámos, eu concordei em pagar uma pensão à criança.

E depois desapareci e nunca mais lhe paguei nada a não ser o primeiro cheque que lhe dei. Recebi uma carta dela quando chegámos a casa, mas não consegui abri-la. E a Lúcia disse-me que ela andava a telefonar lá para casa, mas eu nunca lhe telefonei. Não... não consegui. Acho que não a culpo por estar tão aborrecida que me queira levar a tribunal. Era capaz de ser útil ter uma mulher por perto. Nem que fosse uma ex-mulher.

Não seria o primeiro... o primeiro maricas de Hollywood a casar-se para ter uma boa imagem, uma boa cobertura. — Acrescentou:

— Mas ela teria de saber quais são os factos da vida, evidentemente. Acerca de nós.

— Meu Deus — disse Tommy -, e por que não anunciar isso no Times?

— Não, Tommy, escuta. Eu disse que um dia te contaria a história toda. Isto é, acerca da Susan e de mim.

Tommy sentiu um vazio doloroso no estômago.

— Não tens de me contar nada, Matt.

— Não, eu quero contar-te. E também devíamos falar de mais umas coisas. Por exemplo, eu pensei que tu te pudesses ter casado também depois de nos termos separado.

Tommy agora já se podia rir daquilo.

— Estás doido? Ainda consegues dizer isso depois da noite passada?

— Nós nunca falámos realmente sobre nada disto, Tom. Não desde aquela vez em que fomos no camião dos equipamentos.

Não sei o que tu sentes em relação às mulheres, por exemplo, porque de cada vez que esse assunto vinha à baila, nós estávamos no meio de uma enorme discussão.

— Eu era um puto tonto — disse Tommy sentindo-se pouco à vontade.

— Não — disse Mário -, eras um miúdo muito querido.

Só que eu nunca me apercebi de quão miúdo tu eras. Agias sempre de uma forma tão adulta, que nunca me consegui convencer de que tu eras mesmo miúdo. — Tommy lembrou-se vagamente de Angelo, noutra ocasião, ter dito qualquer coisa semelhante.

— Quer acredites quer não, Lucky, quando tu te foste embora, quando nos separámos daquela vez, a única coisa que me impediu de deixar o Starr, e de correr o país todo à tua procura, ir ter contigo de joelhos, se fosse preciso...

— Matt, calma, calma, companheiro...

— Não, escuta, Lucky. A razão foi que eu não parava de repetir a mim próprio que muitos rapazes daquela idade têm paixonetas por homens mais velhos. Porque como andavas sempre atrás de mim, nunca tinhas tido oportunidade de descobrir o que sentias em relação às raparigas. Eu tinha-te apanhado antes de tu saberes o que quer que fosse, e achei que se te libertasses de mim, eras capaz de descobrir..., não, espera, Tommy, deixa-me acabar, está bem?

Achei que uma vez longe de mim, eras capaz de tentar com uma rapariga, descobrires se eras realmente... realmente homossexual, ou se estavas tão apanhado por mim que nem sabias o que eras.

Tommy enrolava e desenrolava uma prega do lençol.

— Quando me fui embora, eu próprio pensava mais ou menos isso — disse por fim numa voz muito baixa. — Tive muitas raparigas, nesse primeiro ano. Mas por alguma razão, de alguma forma, nunca me senti bem. Não tinha qualquer significado para mim, excepto... excepto — sentiu-se corar -, aquilo que costumavam dizer lá na tropa, aliviar-me. Nada mais que isso.

— Eu não lamento ter-me casado — disse Mário. — De outra forma talvez nunca tivesse tido a certeza. Sempre senti que não tinha de ser maricas, que em qualquer altura que quisesse me podia safar muito bem com uma mulher. Tu sabes.

De cada vez que me começava a sentir horrivelmente comigo próprio, desatinava e começava a andar por aí com uma rapariga qualquer, e cheguei mesmo a tentar que tu fizesses o mesmo...

Meu Deus, quantas vezes já acordei de noite e tive vontade de vomitar, ao lembrar-me daquelas duas gajas... Que eu o fizesse já era suficientemente mau, mas meter-te a ti naquilo... Nossa Senhora!

— Esquece isso, Matt. Eu esqueci — disse Tommy faltando à verdade. Ele conseguira perdoar-lhe aquele episódio, conhecendo como conhecia o tormento interior de Mário, mas esquecer era algo completamente diferente. — Foi assim que acabaste por te casar?

— Sinceramente não sei. Naquele Verão achei que estava a dar em doido. Com saudades tuas e... e preocupado com a Liss e... e a ter noites cheias de pesadelos, a cometer loucuras e a correr riscos incríveis. Uma vez até engatei um miúdo pequeno, com idade para andar na escola. Um adolescente.

Não... não lhe toquei. Perguntei-lhe se ele queria e... e ele olhou para mim como se eu fosse qualquer coisa que tivesse rastejado de debaixo de uma pedra, e eu deixei-o sair do carro e fui-me embora. Depois disso andei dez dias apavorado, à espera que me apanhassem e me prendessem, mas parece que ele não disse nada a ninguém. Talvez tenha tido vergonha, ou tenha achado que

não havia mal em perguntar, desde que se soubesse aceitar um não como resposta. E de cada vez que via uma cabeça ruiva no meio de uma multidão, ficava... nervoso, a pensar que eras tu. Oh, raios, Tom, não consigo falar disto. E depois a Susan estava por perto o tempo todo, e ficou tudo melhor. Já não andava sempre assustado. E houve um dia que nos casámos.

Na altura pareceu-me ser boa ideia, foi tudo.

O seu rosto estava inexpressivo; recordava um inferno solitário que Tommy sabia que nunca poderia partilhar. As palavras tinham apenas arranhado a superfície, mais nada.

— Tentei — disse por fim. — Juro por Deus que tentei. Não fomos casados por um padre porque ela era divorciada, mas eu tentei. Sentia-me mais um do grupo, um dos rapazes, pela primeira vez na minha vida. Foi simpático, não me sentir... excluído, do lado de fora, a ver os outros. E enquanto a Susan esteve grávida eu achei que afinal devia amá-la mesmo. Queria apaparicá-la, mimá-la, enchê-la de atenções. Como costumava fazer com... com a Liss. Devias ter-me visto no hospital na noite em que a Suzy nasceu. — Tommy viu o sorriso remoto na cara dele e sentiu-se encantado. Aquela era uma faceta de Mário que ele nunca tinha visto. — A Susan passou mesmo um mau bocado e eu fiquei assustadíssimo. Depois senti-me felicíssimo, tão orgulhoso.

Senti que o que quer que viesse a acontecer valeria a pena, porque tínhamos a Suzy. Mesmo quando as coisas com a Susan começaram a azedar, achei que havíamos de conseguir resolver tudo, por causa do bebé. Eu era doido por ela.

A minha filha. — Pestanejou e Tommy viu que havia lágrimas nos seus olhos.

— Pensava que tinhas dito à Lúcia que a Suzy não era tua filha, Matt.

Mário engoliu em seco.

— Bem, quer dizer, não tenho a certeza absoluta de que seja. Mas de qualquer forma, legalmente, ela é minha. Há uma lei que prevê isso. Quer dizer, nós éramos casados e dormíamos juntos quando a Susan engravidou. Suponho que a Lúcia me aborreceu e eu quis dizer a pior coisa que me veio à cabeça.

Mas ela pode ser minha, lá isso pode. Na verdade nem sequer tenho razões para acreditar que não seja. De qualquer maneira eu sentia que a Suzy era minha, mesmo não tendo a certeza absoluta. É como te digo, eu era doido por ela. Ela é uma miúda linda, Tom. Tem uns olhos azuis enormes e uma cabeleira cheia de caracóis pretos, não tão escuros como o cabelo da Tessa, mais como o da Liss. E é tão esperta e tão gira. A Susan dizia que eu a estragava com mimos, mas eu dizia-lhe que se ela queria o Babbo, era assim que ela me chamava, não havia razão nenhuma para não o ter. E era um bebé bem-comportado, nunca chorou muito. Sim, eu sei que tu não gostas muito de bebés, mas eu gosto. Sempre gostei. — De repente a sua expressão ensombrou-se e a voz ficou inexpressiva. — De repente a Susan disse-me que queria o divórcio. Eu disse-lhe que estava bem, mas que queria ficar com a Suzy, e foi então que ela me lançou isso à cara. Disse: "E que é que te leva a pensar que ela é tua?"

Agora vejo que ela só estava a tentar magoar-me, por isso disse aquilo que sabia que me iria magoar mais...

— Oh, meu Deus, Matt — disse Tommy e pôs-lhe o braço por cima. Mas Mário afastou-o, rodando sobre si próprio num movimento abrupto mas gracioso que o fez lembrar-se de Lúcia.

— Não, Tom, deixa-me acabar... deixa-me desabafar antes que rebente. — Ficou a olhar para o tecto. — A Susan não é má miúda. É calma, é fácil viver-se com ela, e é divertida. Nos primeiros tempos do nosso casamento houve aquilo a que a maioria das pessoas chamaria uma quantidade normal de sexo, suponho. Corria tudo bem. Não havia grande emoção, mas eu sentia-me... bem, descontraído, sentia-me bem na maior parte do tempo. Sem nervos. Só que depois de ela ter engravidado o sexo esmoreceu. Ela estava muitas vezes maldisposta. Eu queria apaparcá-la, mimá-la, enchê-la de atenções. Pensei, como já te disse, que afinal devia amá-la mesmo. Meu Deus, se levei tampas!

Sentou-se na cama e começou a esfregar distraidamente o seu pulso doente.

— Quando a Suzy tinha dois ou três meses, a Susan disse-me que o médico tinha dito que já não fazia mal, que podíamos voltar a



dormir juntos. E foi aí que me dei conta. Ela era uma pessoa fácil para se viver, eu gostava muito dela, e não nos enervávamos um ao outro. Mas no que respeitava ao sexo, ela não era o que eu queria. Eu gostava de me deitar ao lado dela, dar-lhe abraços, como fazia à Suzy, pô-la ao colo e embalá-la, mas não queria mais nada. Mas ela queria, e eu... — engoliu em seco -, eu tentei. Achei que ela tinha esse direito. Mas... não... acabou por não resultar. Por isso propus-lhe: eu tomaria conta dela, sustentá-la-ia, ela podia tomar conta da nossa casa e da Suzy, ou se quisesse voltar a voar, por mim também poderia fazê-lo. Arranjaríamos alguém que tomasse conta do bebé durante a temporada... mas seríamos só amigos. Bem, meu Deus devias tê-la ouvido. Não sei, talvez a maioria das mulheres sentisse aquilo da mesma maneira. Fizemos as pazes, mais ou menos, mas depois tive aquele acidente grave e ela deixou-me.

Acho que não a culpo muito. — Desviou os olhos. — Eu casei-me com ela de boa-fé. Queria ser um bom marido e... e um bom pai. Mas aquilo que eu lhe propus seria uma coisa horrível para uma rapariga. Por isso não tentei impedi-la de se ir embora quando ela decidiu separar-se de mim.

Tommy perguntou, baixinho:

— Ela sabia? Que tu eras... homossexual?

— Não tenho a certeza. Ela nunca disse nada. Conseguiu o divórcio alegando crueldade mental. Eu queria a Suzy, mas não se pode separar uma miúda daquela idade da mãe. Oh, provavelmente eu poderia ter ido para tribunal, mas tive medo de que aquele advogado chicaneiro que ela tem desenterrasse o meu cadastro, ou ouvisse falar daquele velho episódio da lista negra.

E se isso acontecesse, quando finalmente se dessem por satisfeitos comigo, não me deixariam chegar a menos de cem quilómetros de nenhuma criança, nem sequer da minha. Saí do escritório do advogado e andei às voltas pelas ruas durante horas, tentando acalmar-me antes do espectáculo. Só que foi nessa noite que caímos. Como já te disse, ela ficou com algumas cicatrizes na cara, e ficou com a mania de que eu tinha feito de propósito.

Tommy sentiu-se estremecer, recordando-se de momentos de crueldade sem razão aparente.

— Mas não fizeste, pois não?

Mário enterrou a cara nas mãos e disse por entre os dedos:

— Juro por Deus, Tom, que não sei. Nem sequer me lembro de ter entrado na pista nessa noite. O médico diz que foi por causa do traumatismo craniano. Lembro-me de a Sue-Lynn me ter atazanado no escritório do advogado e de me ter ido embora por ter receado que, se não saísse dali, ainda era capaz de lhe bater. Lembro-me mais ou menos de ter vestido as calças de ginástica, mas depois disso não me lembro de nada, nem da queda, nem da ambulância. A coisa seguinte de que me recordo é de estar no hospital com um aparelho de gesso enorme no pulso. Pensei que estava cego. Estava tão atordoado que nem percebi que tinha a cara completamente coberta de ligaduras.

Mas a Susan diz que eu a ameacei, e pensou que eu a tinha tentado matar.

Ficou em silêncio, mas daquela vez não se afastou do braço que Tommy lhe pôs por cima.

— Não era com ela que eu estava furioso — disse ele, gaguejando. — Estava furioso porque sabia que não me deveria ter casado com ela. Mas se consegui sair do escritório do advogado para não lhe dar um estalo, então parece-me lógico que não tenha feito nada de pior. Seja como for, não teria dado cabo do meu pulso desta maneira só para me vingar dela.

Nunca mais fiquei bom, desde aí. E ela é a mãe da minha filha. E também não queria magoar o Lionel. Por isso parece-me lógico que não a tenha tentado magoar. — Ficaram em silêncio durante algum tempo. — Não te parece?

Tommy só agora se apercebia do inferno solitário que Mário tinha atravessado. E fui eu que o causei. Abandonei-o. Mas na altura não tinha parecido haver outra solução.

— Tommy, eu sei que não teria podido magoar a Susan.

Só que não era capaz de me lembrar e isso assustou-me. Por isso assinei os papéis que eles me deram para assinar, dei-lhe um cheque para ela se aguentar e depois saí do hospital e não me lembro para onde fui nem do que fiz, até que um dia saí daquele nevoeiro e estava sentado num banco de jardim em Dallas, no

Texas, com quinze cêntimos no bolso. Ia mandar um telegrama para casa a pedir dinheiro e depois, subitamente, disse para mim próprio, que se lixe e arranjei emprego num grupo de saltimbancos que estava a actuar na cidade e que ia para o México. O resto já te contei.

— Deus Todo-Poderoso — murmurou Tommy. Sabia agora que nada poderia afectar o que existia entre eles. Nunca mais.

Estendeu o braço e fechou a mão em torno do pulso de Mário.

— Isso foi há muito tempo, Matt. Há mesmo muito tempo.

— E não pensas... não achas que eu devo à Sue-Lynn voltar para ela, cuidar dela e da Suzy?

Tommy pestanejou e disse:

— É isso que te tem estado a dar cabo da cabeça? — Sim. Em parte, pelo menos.

— Da forma como eu vejo as coisas — disse Tommy -, não debes absolutamente nada à Sue-Lynn. A não ser dinheiro, e isso não é muito difícil de arranjar da forma como as coisas nos têm corrido. Claro, tens de a ajudar a cuidar da tua filha, mas não vejo que lhe devas nada a ela, não mais do que isso.

Mário respirou fundo.

— Eu sabia disso — disse ele -, só que ao tentar resolver as coisas sozinho andei à roda do mesmo, como se estivesse enjaulado. Foi por isso que não consegui responder às cartas dela nem telefonar-lhe. Não me importo de sustentar a Suzy.

Neste momento não tenho muito dinheiro, mas se a Susan estiver disposta a ser razoável, e ela costuma sê-lo, devo ser capaz de arranjar qualquer coisa. Desde que eu possa trabalhar, o dinheiro nunca foi problema, e depois do espectáculo da noite passada já não estou preocupado com isso.

A forma calma e descontraída como ele disse aquilo teve mais significado para Tommy do que qualquer afirmação que ele pudesse fazer, de que o processo de cura estava mais adiantado do que ele supunha. Mário acrescentou suavemente:

— Só que... bem, depois da noite passada... sei também mais uma coisa. Ajudá-la-ei relativamente à Suzy, mas não voltarei a viver

com ela. Se eu voltar a tentar fazer isso, o que restará de mim não servirá para meter numa slot-machine. — Perguntou:

— Ela deu-te o número de telefone?

— Ela disse para te dizer que o nome dela vinha na lista e que saberias onde ela estava.

O sorriso de Mário era sombrio.

— Raios. Ela até que me conhece bastante bem. — Pegou no telefone.

Tommy foi fazer a barba. Não tentava de forma consciente ouvir o que se dizia no quarto ao lado, mas as paredes da casa de banho eram finas e não podia deixar de ouvir a voz de Mário, baixa, calma, estranha e distante.

"Está? A senhora Susan Gardner, por favor. Susan? Oh, deixa-me falar com a mamã, querida." Houve uma longa pausa. Tommy, tremendo com uma empatia angustiada devido à prova que Mário tinha de enfrentar, tentou preparar-se para o que viria. Tinham sempre dito um ao outro, Não posso dar as tuas quedas por ti.

Isso sempre estivera no centro da sua relação, o núcleo incorruptível.

Agora, mais do que nunca, tinha de se afastar, manter esse núcleo intacto. Agora nada de exterior poderia afectar o que existia entre eles.

E por fim voltou a ouvir a voz de Mário. "Sue? É o Matt.

Foi a Suzy que atendeu o telefone? Meu Deus, parecia tão crescida!... Não, claro que não lhe disse quem era. Ela de qualquer forma não se recordaria." Houve outro silêncio. "Recebi a tua mensagem mesmo há bocadinho. Espero não te ter acordado...

Sim, eu sei disso, querida. É uma história muito comprida.

Eu estava completamente teso e andei a vadiar grande parte do tempo... Sim, claro, foi por isso que te telefonei... Oh, agora mesmo, suponho, a não ser que vás à igreja..." Virou-se e tapou o bocal do telefone com a mão.

— Tom, o Bart leva-te no carro dele lá para essa coisa? — perguntou. Quando Tommy lhe respondeu perguntou: — Não te importas então que eu leve o Chrysler?

— Claro, porque haveria de me importar?

— Susan, vou já para aí. Como é que se vai para aí?... Oh, claro que encontro, então... Não, não tens de fazer isso, querida, posso tomar o pequeno-almoço aqui no hotel... Muito bem, então, estou aí dentro de meia hora. Dá à Suzy um abraço meu...

Sim, claro que gostava de falar com ela...

Tommy abriu o chuveiro ao máximo. Quando saiu do duche, Mário já estava vestido. Com o seu fato fino de Verão, a camisa de seda azul e a gravata preta, parecia um desconhecido, alguém que Tommy nunca vira. Disse com um ar distraído:

— Tenho de ir à procura de uma loja que esteja aberta e comprar um presente de Páscoa para a Suzy. Um coelho de pelúcia, ou coisa do género.

— Eles têm alguns na loja de prendas do hotel.

— Pois têm. Agora me lembro. Diz olá ao Bart por mim. — De repente riu-se, no fundo da garganta. — Bolas, dá-lhe um beijo meu.

Pegou nas chaves do carro que estavam em cima da cómoda e dirigiu-se para a porta, depois virou-se e voltou para trás.

Passou um braço pelas costas de Tommy puxando-o contra o seu ombro e roçou-lhe a face com os lábios. Não fizera aquilo desde que Tommy era uma criança. Disse, num murmúrio:

— Tem calma, Lucky. — E foi-se embora. Os olhos de Tommy voltaram a encher-se de lágrimas. Mário não conseguia dizê-lo. Nunca o conseguira dizer. Mas Tommy sabia que à sua maneira Mário lhe dissera — como não fora capaz de dizer desde que se tinham reencontrado — Amo-te.

Bart e Tommy foram tomar o pequeno-almoço a um restaurante onde se juntavam os sócios do clube de carros desportivos.

Estava cheio de adolescentes e de homens e mulheres de todas as idades e, aparentemente, de todas as classes sociais, pois os carros estacionados à porta iam do velho MG que fazia Tommy lembrar-se do antigo carro de Stella, até aos Alfa-Romeos elegantes, um ou dois Porsches, e meia dúzia de Jaguares. A sala estava cheia com o ruído das conversas, principalmente sobre carros, de que Tommy apanhava pedaços aqui e ali.

Bart também estava a ouvir as conversas, mas de repente olhou para o relógio.

— Vamos — disse -, vão tirar os números de partida daqui a cinco minutos.

Quando se dirigiam para a porta houve alguém que disse:

— A Louise desta vez não veio contigo?

Bart abanou a cabeça sem abrandar o passo e respondeu:

— Ela não gosta de ter de fazer as contas.

Quando saíam a porta, Tommy perguntou:

— Louise?

— A minha mulher. O estúdio gosta que ocasionalmente sejamos vistos juntos, por isso eu trouxe-a um par de vezes.

Só que quando ela descobriu que isto não era uma corrida, e que tinha de fazer de navegador e calcular uma velocidade média, ficou toda aborrecida. Não me interpretes mal, muitas mulheres são óptimos pilotos de rali, algumas são mesmo melhores que os homens. Mas os únicos números que a Louise percebe são: trinta e seis, vinte e dois, trinta e seis. O seu rosto tinha uma expressão divertida.

— Sabes calcular uma média sem entrares em pânico, não sabes? Ou a matemática também te assusta?

— Tudo menos uma régua de cálculo — disse Tommy e Bart riu-se.

— Certo. Não queremos ser desclassificados por excesso de velocidade.

Aquela foi a primeira surpresa do dia. Por qualquer razão, Tommy continuara a pensar que aquilo seria algo de semelhante a uma corrida, mas as instruções que lhe deram à partida sobressaltaram-no. Percebeu rapidamente que aquele era outro tipo de competição. O sucesso do trabalho de equipa dependeria da rapidez com que conseguisse calcular uma rota complexa e assinalá-la a Bart, deixando o parceiro totalmente livre para se concentrar na condução competente e eficaz. Ficou sobretudo surpreendido pela necessidade de manter a velocidade de acordo com uma média calculada de forma muito precisa, visto que o excesso de velocidade era penalizado com mais pontos do que o atraso à chegada aos

postos de controlo. Deu por si a apreciar o desafio e até a tentar descobrir os postos de controlo escondidos entre aqueles onde o seu tempo era contado — e que existiam para que os condutores não fizessem batota e não se metessem por atalhos desviando-se da rota preestabelecida, calculou ele. Mais tarde Bart perguntou-lhe se queria conduzir.

Aquela era para ele uma experiência nova, mas os seus reflexos eram excelentes, e depois de um ou dois minutos conseguiu dominar a tentação de deixar que a velocidade aumentasse só pelo prazer de andar depressa.

Era o tipo de coisa que nunca poderia partilhar com Mário.

Para Mário um carro era algo que servia para o transportar daqui para ali, e de regresso, com a menor atenção possível prestada à mecânica. Mário gostava de conduzir depressa, mas era por pura impaciência e não por tirar prazer da condução.

Tommy sentiu-se surpreendido com o alívio e a alegria que fazer algo de agradável, exigente, mas inteiramente não relacionado com o trapézio, podia proporcionar. Embora aquilo exigisse igual concentração e perícia. Suspeitava que aquela fora uma das razões porque Papa Tony tentara tão insistentemente ensinar-lhe a jogar xadrez anos atrás. Ele reparara que Papa Tony e Angelo conseguiam concentrar-se totalmente num jogo de xadrez e esquecerem tudo até cinco minutos antes da sua deixa para entrar no espectáculo. Quando chegaram ao último posto de controlo, com menos de três minutos de atraso, apercebeu-se, com espanto, que não pensara uma única vez, durante todo o dia, nos problemas de Mário, ou em Sue-Lynn, ou no programa de televisão, ou no triplo.

O prémio foi ganho por uma equipa com um Porsch... uma mulher magra e cavalar com um filho adolescente -, mas Bart e Tommy ganharam um dos três prémios de consolação, um certificado de uma estação de serviço que dava direito ao seu titular a lavar o carro, a abastecer-se de gasolina e a reparações no total de vinte dólares. Bart olhou para a localização da estação de serviço, encolheu os ombros e deu o certificado a Tommy.

— Dá-te jeito? Eu tenho o meu carro em Hollywood norte, e fazem lá todas as reparações de que preciso, isto é, aquelas que não

faço eu próprio. Eu nunca iria a essa estação de serviço.

— Obrigado, a nós dá-nos jeito. — Tommy meteu o papel na carteira.

Bart olhou para o céu que escurecia.

— Vamos comer qualquer coisa. — Não tinha sido previsto tempo no rali para uma paragem e, apesar do pequeno-almoço tardio, Tommy estava com fome. — Vais ficar mais uma noite naquele sítio ao pé do recinto do circo?

— Suponho que sim. — Ainda tinha a chave do quarto no bolso. Mário, sem saber ao certo quanto tempo levaria a resolver os seus assuntos com a Susan, tinha-se ido embora sem pagar a conta do hotel.

— Que me dizes àquele restaurante mexicano? — Bart hesitou.

— Olha, eu gostaria de te levar a um daqueles sítios verdadeiramente simpáticos, mas... — e Tommy percebeu a hesitação.

O peso que esquecera durante todo o dia desceu novamente sobre si. A maioria dos bons restaurantes serviam casais; só em circunstâncias muito impessoais e obviamente relacionadas com negócios é que dois homens sozinhos jantavam em bons restaurantes.

E os gostos e inclinações de Bart eram conhecidos do estúdio para que trabalhava, e por isso ir a um sítio qualquer com alguém era imediatamente razão para suspeitas.

— Por mim tudo bem — disse. — De qualquer das formas também não estou vestido para ir a um restaurante requintado.

— Bart pareceu ficar aliviado. Enquanto parceiros para o rali, toda a gente os vira e não lhes prestara a mínima das atenções.

E depois recordou-se de uma coisa que Mário lhe dissera quando ainda não tinha quinze anos:

Olha, se eu te apresentar como meu irmão mais novo, não me desmintas. Está bem? Ele não perceberá. Não naquela altura.

Meu Deus, será que eu tenho de viver assim a vida inteira?

Sem nunca poder fazer nada sem ter de parar para pensar se as pessoas não vão ficar com a ideia errada? Ou, isto é, com a ideia certa?



Mas qual era a alternativa? Ser absolutamente flagrante, uma bicha histórica do tipo do Eddie Keno?

A meio do jantar, Bart disse abruptamente:

— Olha, se quiseres ser sócio do clube de carros desportivos, eu proponho-te. Preciso de um parceiro. Tenho de trazer a Louise aí uma vez em cada quatro ou cinco, o estúdio gosta que sejamos vistos juntos, mas tenho andado à procura de um parceiro certo. E como podes imaginar — acrescentou muito baixo, abafando a voz para que não corressem o risco de ser ouvidos -, preciso de alguém que esteja ao corrente. Alguém em quem eu possa confiar, para que não tenha importância se eu baixar a guarda durante um ou dois minutos. E... — hesitou e depois acrescentou -, alguém que possa passar por heterossexual, não do tipo que se vê a quilómetros de distância.

Tommy percebia-o.

— Claro, Bart. Eu também gostava. Eu e o Matt estávamos a conversar no outro dia... se conseguirmos algum dinheiro com este contrato talvez eu possa comprar um carro a sério, algures.

— Posso ajudar-te a procurar um MG em segunda mão para comprares — disse Bart. — Não exactamente barato, mas pelo menos não serias explorado. O Matt é bom miúdo. Eu costumava gostar de andar com ele por aí mesmo depois de termos perdido o interesse em dormirmos juntos, ele disse-te, não disse?, podíamos ser vistos juntos onde quer que fosse porque ele não é óbvio... Sinto-me uma porcaria de um hipócrita a falar assim — acrescentou veementemente -, mas o meu emprego depende disso. E chegaram-me os papéis rascas que tive de fazer em filmes rascas. Gosto de ganhar bom dinheiro e gosto de viver bem, não há razão para que não o faça.

— Eu também — disse Tommy -, e de qualquer forma não vejo porque a minha vida privada tenha de dizer respeito a alguém a não ser a mim próprio. Não vejo que fosse muito mais honesto andar por aí com uma etiqueta na testa a dizer Eu Sou Homossexual. Quer dizer, para mim a vida é mais que isso.

Eu não pergunto aos outros tipos o que eles fazem na cama.

Bart riu-se.

— Bem, eu às vezes pergunto — disse com um sorriso breve e cheio de subentendidos. — Muito bem, miúdo, vou propor o teu nome. Nunca consegui que o Matt se interessasse por carros. Eu dantes costumava entrar em corridas, naqueles tempos, e levei-o comigo a um dos testes de velocidade. Ele foi muito corajoso, mas eu percebi que não gostou.

— Eu uma vez fui a Le Mans, mas não me parece que aquele seja o meu tipo de corrida. Foi um bocado chato, vê-los andar sempre à volta. Embora aquilo deva exigir muita perícia.

— E exige. Mas a corrida em circuito também não é o meu tipo de coisa. Como te disse, fui duas vezes co-piloto do Tony Rogers no Mille Miglia. Corridas em corta-mato, isso é que me dá gozo: as Mille Miglia, a Corrida Alpina.

— Sim. Acho que disso eu ia gostar.

— Não há nada que se lhe compare. Ao correr com o Tony, bem, acho que consigo perceber como o Matt se sentiu.

É preciso um tipo especial de sistema nervoso para se ficar ali sentado, a trincar uma sanduíche enquanto o nosso parceiro ataca uma curva apertada numa estrada de montanha a cento e sessenta quilómetros por hora, a descer e com o acelerador a fundo. Isso nunca me preocupou, porque eu sabia que o Tony conseguia aguentar o carro acontecesse o que acontecesse, mas agora percebo o efeito que isso poderia ter nalgumas pessoas.

Fizemos as Mille Miglia num Lancia, mas fomos ultrapassados por carros superiores, todos aqueles Maseratis e Ferraris. Acabámos em décimo quarto lugar. Mas considerando todas as circunstâncias, até que fizemos uma boa corrida. Chegámos à frente dos outros Lancias e fizemos um tempo melhor que qualquer dos Jaguares. No ano seguinte eu já tinha o Ferrari, mas rebentámos um pneu nos primeiros duzentos quilómetros, e depois ficámos sem o calço de um dos travões. Foi azar; naquele ano foi um Ferrari que ficou em primeiro lugar.

— Tens saudades das corridas, não tens?

Bart encolheu os ombros.

— Eu consegui desistir. Quando se é verdadeiramente um corredor, não se consegue desistir a não ser que se morra. Uma vez

perguntei a um violinista se ele conseguiria deixar de tocar, e ele respondeu-me que só se as mãos lhe caíssem dos pulsos.

Eu nunca fui assim. O Tony era. Diverti-me imenso com as corridas, mas quando chegou a hora da verdade eu sabia que podia parar de correr, tal como deixei praticamente de comer, se era isso que era necessário fazer para me aguentar como actor. — Depois de alguns instantes acrescentou: — Acho que é por isso que quero fazer este filme do Parrish. Conhecendo o Tony e o Matt, acho que sinto cá dentro o que o fez mexer. Voar era qualquer coisa que o Parrish tinha de fazer, e quando não pôde continuar, destruiu-se. Acho que o Matt também é assim. Suponho que ele poderia ter sido o tipo de bailarino que o Nijinsky foi se tivesse continuado. Mas dançar não era o que Matt tinha de fazer. E, pela maneira como o ouvi falar, voar é.

Tommy descobriu que não conseguia fazer passar as palavras pela garganta apertada. Nunca adivinhara que Bart tinha aquele tipo de sensibilidade. Como julgara implacavelmente o homem só pela sua postura anterior!

— E representar é aquilo que tu tens de fazer, Bart? — perguntou por fim.

— Acho que sim — Bart dirigiu-lhe um sorriso contorcido. — Bolas, eu até me casei com a Lanart, o que se pode considerar um sacrifício considerável em prol da minha adorada arte.

Tommy sentiu, como uma sombra, onde Mário fora buscar algum do seu distanciamento irónico. Bart estava a parodiar a questão, mas Tommy sentiu que havia ali um núcleo de honestidade que lhe deu coragem para perguntar:

— A tua mulher sabe? Quer dizer, ela importa-se que tu sejas... homossexual?

— Se sabe? Claro — disse Bart. — Eu não me casaria com mulher nenhuma sob falsos pretextos. Namorá-la, talvez, mas não casar-me com ela. Suponho que o estúdio expôs as coisas à Judy da mesma forma que fez comigo. O verdadeiro nome dela não é Louise Lanart, sabias? É Judith Cohen. Tanto quanto eu sei, a Judy não tem quaisquer interesses românticos, nunca a vi entusiasmar-se com

ninguém a não ser pelos gatos siameses que tem. E isso é muito duro para uma mulher nesta profissão.

Suponho que ela teve de dormir com alguns dos homens errados antes de conseguir chegar onde chegou, e isso como que deu cabo dela. Representar também é o que ela tem de fazer. E também não é lésbica. Seria mais simples se fosse. Seria tão devastador para uma mulher espalhar-se que ela é frígida, como seria para mim saber-se que eu prefiro homens. Eles disseram que se eu e a Judy nos casássemos, ela não teria de sair com outros homens, e eu não teria de fazer avanços românticos a meia dúzia de tipas diferentes mais ou menos todos os meses. E evidentemente eu não lhe exigiria nada. Por isso em público somos um casal muito devotado um ao outro, e eles acham que o facto de ela ser casada com um tipo bem parecido ainda a torna mais atraente para as bilheteiras. Não que ela precise de muita ajuda nesse sentido.

— Eu só a vi em dois filmes. Mas ela é muito bonita, pelo menos eu achei.

— É, é. Não que eu esteja equipado para o apreciar — acrescentou Bart com um distanciamento clínico. — Eu até que invejo o tipo de bicha que consegue funcionar com mulheres.

Eu sei que o Matt consegue. E tu?

— Sim — disse Tommy. — Mas não me dou a esse trabalho, no entanto. Já não.

— Eu não consigo. Nunca consegui. Tu já és maior, não és?

— Raios, claro que sou. Passei quatro anos na tropa!

— Deve ser por causa do cabelo ruivo, ou das sardas. Tens aquele ar de miúdo americano saudável. O Matt sempre teve uma inclinação para menores que o podiam meter na cadeia. Que idade é que tu tinhas quando ele te levou para a cama pela primeira vez, aí há uns dez anos?

Verdadeiramente ofendido com aquilo, Tommy disse:

— Tinha idade mais do que suficiente para saber muito bem o que estava a fazer. E — acrescentou exasperado por causa de Mário -, só para tua informação, se houve alguém que seduziu alguém, fui eu que o seduzi. Fui eu que me meti na cama dele e não o contrário!

— Mesmo assim, aposto que ele te fez ver que a cama dele estava muito quentinha e à tua espera — disse Bart, rindo-se.

— Ele próprio era menor quando eu o tive pela primeira vez.

Meu Deus, ele era um puto lindo! Mesmo agora não é nada mal parecido, é claro. O trabalho dele ontem à noite no trapézio não foi espectacular? Como é que ele está, verdadeiramente, Tom?

— Faz figas — disse Tommy. — Ele parece estar outra vez bem.

— Graças a Deus. Precisamos dele em boa forma para o filme do Parrish. Devias ter ouvido os tipos lá do estúdio. — Empurrou o prato. — Vamos embora, vamos sair daqui. Queres ir beber um copo à minha casa? Tenho lá algumas fotografias de mim e do Tony no Ferrari.

Novamente ao volante do MG, Tommy deixou que a velocidade aumentasse nas auto-estradas desertas, acumulando e libertando a tensão, sentindo-se muito consciente de Bart sentado a seu lado. Percebia o que estava a acontecer, mas isso não tinha importância. Limitou-se a perguntar quando pararam ao pé de casa:

— Então e a tua mulher?

— Ela tem o apartamento dela no segundo andar, e nunca prestamos qualquer atenção aos convidados um do outro. Mas de qualquer forma ela foi passar a Páscoa com uns amigos a Acapulco.

Na grande sala das traseiras, Bart tinha dúzias de fotografi... o Lancia, o Ferrari, fotografias autografadas de alguns dos pilotos de corrida mais conhecidos do mundo. Havia uma fotografia de Mário e de Bart na escola de ballet, com as camisolas pretas e collants cinzentos que os homens usavam naquela escola, e Tommy examinou-a com um estranho aperto na garganta.

Nunca conhecera Mário assim tão novo.

Abruptamente, Bart tirou as fotografias a Tommy e abraçou-o.

Acariciou-o, com alguma incerteza e fez um som interrogativo.

Tommy soubera que aquilo estava para vir. Bart tinha preparado aquilo, suave mas inexoravelmente desde o dia em que se tinham conhecido. Mas ao vir ali naquela noite, ele dera pelo menos um consentimento implícito. Durante todo o dia, no ambiente de estufa do carro que tinham partilhado, tinham-se deixado levar para algo que era tão íntimo como os preliminares, excitando-se

mutuamente com olhares, toques e cada palavra que diziam. Tommy deu por si imensamente excitado pela vitalidade do homem mais velho, por tudo — pela sua beleza, a sua graciosidade de bailarino, a sua respiração quente contra a sua face.

— Tu sabes que te quero — disse Bart baixinho contra a sua orelha -, e já te vi a olhar para mim. Vamos para a cama.

— Tommy não se afastou, nem sequer um centímetro, mas Bart disse: — Que se passa? Tu não és ingénuo, certamente que... sabias perfeitamente o que eu queria.

— Claro — disse Tommy. — Só que... — Não sabia o que ia dizer até ouvir as suas próprias palavras: — Não gosto de fazer este tipo de coisas nas costas do Matt, é só isso.

Bart pôs as mãos nos ombros de Tommy e virou-o com suavidade.

— Presta atenção ao que te vou dizer, Tom. Tu sabes o que eu sinto por ti, por isso podes dizer que eu arranjei esta situação para te levar para a cama. Eu sei o que tu sentes em relação ao Matt. Sei que o amas. Bolas, até um cego poderia ver isso.

Deus me livre de me meter entre vocês os dois. O tipo de coisa que existe entre vocês não acontece muitas vezes com as pessoas como nós. Bolas, nem sequer acontece muito frequentemente nos casamentos. Duas pessoas amarem-se, preocuparem-se uma com a outra, serem amigos e companheiros fora da cama. Isso é algo de especial, algo com que toda a gente sonha, não só os homossexuais. E não acontece com muita frequência.

Eu pensei que com o Tony Rogers tinha algo desse tipo. Só que estava enganado.

Por instantes a sua expressão fechou-se com amargura.

Depois disse:

— Mas há uma coisa que não se pode fazer neste tipo de... de relação, Tom. Não se pode tentar fingir que é algo que não é. E o que não é, é um casamento.

— Raios, eu sei disso. — Tommy desviou a cara, embaraçado.

— Sabes? Pergunto-me se saberás. Essas coisas em relação à fidelidade, esquecer todos os outros... isso é para os adolescentes ainda verdes, ou para os papás e as mães que estão a criar os

filhos, e para quem a interferência de alguém podia dar cabo da vida aos miúdos. Para os homens, tentar jogar esse jogo, não dá resultado. Talvez duas mulheres o possam fazer, não sei. Mas para os homens, não serve. Se tentarem ser muito castos e fiéis, e nunca tocar em mais ninguém, e tiverem ciúmes, vão acabar por se odiar um ao outro. Eu sei que é assim porque já tentei viver assim uma vez. Não podem pertencer um ao outro dessa maneira.

Tu não és propriedade dele assim como ele não é propriedade tua. Eu quero-te. É tão simples como isso. Achas que isso vai realmente tirar alguma coisa ao Matt? Bolas, se chegarmos a esse ponto, eu também sou amigo dele, e amo-o. Mas que é que isso tem a ver com o que quer que seja?

E de repente aquilo fez sentido para Tommy. Ele sentira, sem no entanto, ser capaz de o verbalizar, que tinha de se manter afastado do confronto entre Mário e Sue-Lynn. Isso fazia parte daquilo que sempre tinham sabido. Não posso dar as tuas quedas por ti.

Sabia agora que não teria tido importância se Mário tivesse levado mesmo o jovem Jack Chandler para a cama — ou antes, teria tido apenas a importância que o rapaz lhe desse. Teria sido demasiado importante para Jack, e no fundo, Tommy estava certo disso, fora por essa razão que Mário não o fizera. Mas não teria afectado minimamente aquilo que existia entre si e Mário. Nada — sabia isso agora — poderia separá-los de novo. O sexo era apenas uma parte disso; uma parte importante, mas que não podia ser falsificado em laços de fidelidade matrimonial. A fidelidade sexual era completamente irrelevante para aquilo que ele e Mário tinham um com o outro.

Era um homem adulto, não uma criança, e já não havia qualquer razão para que os seus desejos e necessidades estivessem submetidos aos de Mário.

Bart ficou em silêncio, deixando-o chegar sozinho às suas próprias conclusões, não tentando persuadi-lo através de qualquer palavra ou toque. E no entanto ele sentia que também Bart estava sozinho, que apesar do seu enorme prestígio — ou talvez devido a ele — era, em certo sentido, menos livre do que Tommy. Não havia

assim tantos homens em que ele pudesse confiar, ou com quem pudesse ter uma relação de amizade.

Existia excitação erótica, evidentemente, mas também estava presente uma oferta genuína de amizade, confiança e afecto partilhado.

Virou-se e passou os braços em torno de Bart, rindo-se.

E embora essa não tivesse sido a sua intenção, sentiu vagamente que, para lá dos motivos exteriores, aquela era também uma espécie de chegada à maioridade, uma forma de declarar a sua independência, mesmo em relação ao amor que sabia agora que seria sempre a coisa mais importante da sua vida.

— Claro — disse puxando Bart para si -, vamos para a cama.



## *Capítulo XI*

Bart levou-o de volta ao hotel muito cedo. Quando se aproximaram, Tommy viu que o seu carro estava estacionado à porta.

Pelo menos Mário estava de volta. Bart inclinou-se na sua direção, mas já era de dia e não lhe tocou.

— Eu um dia destes apareço para mais uma lição — disse. — Dá um abraço meu ao Matt.

Tommy abriu a porta com a sua chave sem fazer barulho para não acordar Mário. Não que se importasse que Mário soubesse o que se tinha passado na noite anterior — mais cedo ou mais tarde contar-lhe-ia -, mas porque sabia como o seu sono era leve. Mas do lado de dentro da porta embateu em cheio em algo que ali não estivera quando saíra. Quando os olhos se adaptaram à pouca luz do quarto, viu que uma cama desmontável tinha sido ali posta, e que na cama estava a dormir uma menina muito pequena. Tinha uma grande cabeleira escura e encaracolada e apertava contra o peito um grande pato de pelúcia amarelo.

— Não te preocupes — disse Mário -, ela não acorda.

Os miúdos dessa idade, uma vez adormecidos, até lhes pode passar um comboio por cima que eles nem se mexem.

Tommy contornou cuidadosamente a cama.

— Suponho que esta é a Suzy, mas o que é que ela está aqui a fazer?

Estava demasiado escuro para que pudesse ver a expressão de Mário.

— Quando conseguimos acabar com os preliminares, percebi que era isto mesmo o que a Susan queria. Parece que ela se quer casar outra vez e eu concordei em livrá-la da Suzy. Para sempre. Ela chamou o advogado e eu obriguei-a a assinar os papéis que garantem que ela não vai mudar outra vez de ideias.

— Acrescentou, com uma compaixão distanciada: — Parece-me que ao fim e ao cabo ela passou um mau bocado. Estavam a viver num sítio bastante apertado, e ela estava com um vestido que eu lhe ofereci no ano em que nos casámos. E a roupa interior da Suzy parece ter vindo do Exército de Salvação.

Tommy pestanejou, ainda sem ter interiorizado completamente a situação.

— E que vais tu fazer com a miúda?

— Só Deus sabe — disse Mário -, mas também não a podia deixar com alguém que não a queria. Não consigo perceber a Susan — acrescentou. — Suponho que eu não conseguiria viver com alguém que não suportasse a ideia de ter um filho meu por perto. Mas ela parecia estar com um medo de morte que o tipo desaparecesse se eu não aceitasse ficar com a Suzy. Não te importas que fiquemos com ela até eu pensar o que é que hei-de fazer, pois não? — Tommy abanou a cabeça e Mário suspirou. — Provavelmente vou ter de aceitar a oferta da Liss.

Detesto ter de o fazer, mas também não sei como diabo seria capaz de criar uma criança sozinho.

Com a luz da madrugada que entrava no quarto, os olhos da menina abriram-se e ela sentou-se na cama olhando em redor.

— Mamã?

— A mamã não está aqui, Suzy — disse Mário com a sua voz grave. — Lembras-te que eu te disse que ias viver com o Babbo e com a avó Lulu durante uns tempos?

— Oh. — Ficou sentada a pensar naquilo e Tommy pensou se ela iria começar a chorar pela mãe. Não chorou. — E vou continuar a ir à minha escola?

— Não à mesma escola, Suzy. É muito longe do sítio onde a avó Lulu vive. Eu depois arranjo-te outra escola quando fores um bocadinho maior.

— Eu já sou maior agora — disse ela. — Tenho cinco anos.

Babbo, tenho de ir à casa de banho.

— É ali, Suzy. Sabes ir sozinha?

— Claro — disse ela com dignidade e depois pôs um dedo na boca. — Vais ter de me desabotoar o pijama. Os botões estão

presos.

Mário desabotoou-lhe o pijama com dedos habilidosos.

O pijama debotado estava-lhe apertado e abria na barriga. Ela correu para a casa de banho agarrada às calças desabotoadas com as duas mãos e Mário, observando-a, disse baixinho:

— Ela faz tantas coisas sozinha que isso me preocupa. Deve ter sido deixada sozinha imensas vezes.

Tommy disse-lhe, tentando descansá-lo:

— Talvez seja só porque é esperta.

Suzy saiu da casa de banho com o pijama no braço e nua em pêlo.

— Quero um banho. Não tomei banho ontem à noite.

— Suzy, eu agora não tenho tempo de te preparar um banho.

— Eu sei preparar o meu banho — disse ela com desdém. — Pensas que eu sou algum bebé? Babbo, posso abrir aquele bocadinho de sabão?

Ela preparou o banho e Mário, que a observava sem ser visto ao pé da porta, disse que ela até tinha experimentado a água com o cotovelo antes de se meter na banheira — e ouviram-na mexer na água e falar sozinha, explicando cuidadosamente ao pato de pelúcia porque é que ele não se podia meter na banheira com ela. "Vais ficar com o teu lindo pêlo todo molhado."

De banho tomado, e com um vestido lavado mas muito curto e apertado, foi sentar-se ao colo de Mário exigindo que ele lhe escovasse o cabelo, mas olhou desdenhosa enquanto ele tentava atar-lhe a fita do cabelo e acabou por a arrancar, amuada.

— Talvez a tia Stella te consiga pôr isso quando formos tomar o pequeno-almoço — sugeriu Mário, e aquela diversão deu resultado.

— Quem é a tia Stella?

— É a mulher do teu tio Johnny.

Suzy ignorara Tommy até àquele momento, mas agora virava-se para ele perguntando:

— És tu o meu tio Johnny?

Tommy riu-se.

— Não, querida. Eu sou o tio Tommy. Matt, o Johnny e a Stella já a viram?

— Não, eu cheguei com ela já muito tarde. É melhor telefonar-lhes a dar a notícia.

Sugeriu que se encontrassem no café do hotel para tomarem o pequeno-almoço, mas enquanto Mário se estava a vestir, Stella apareceu à porta ainda em roupão. Disse a Tommy, com um olhar rápido para a Suzy: "Oh, é tão querida!" Mas embora Tommy estivesse mais ou menos à espera que ela agarrasse Suzy e a cobrisse de beijos — como fizera tantas vezes com o bebé da Liss — ela limitou-se a olhar para Suzy com um sorriso hesitante.

— Suzy? O teu pai disse-me que talvez eu te conseguisse prender o cabelo com a fita. Se ma deres eu verei o que posso fazer.  
— Falou, e Tommy deu por isso, como se Suzy e ela própria fossem da mesma idade.

Suzy deu-lhe o pedaço de fita cor-de-rosa.

— É a minha melhor fita para o cabelo — explicou. — A mamã tirou-a de uma caixa de chocolates que o namorado dela lhe ofereceu. O Babbo estava a amachucá-la toda. Os homens não sabem atar fitas, pois não, tia Stella?

Stella disfarçou um sorriso e disse gravemente que supunha que isso dependia do homem. Ajoelhou-se à frente de Suzy e fez-lhe um laço com perícia.

— Vai ver-te ao espelho para veres se era assim que querias.

Suzy trepou para cima da cama para olhar para o espelho.

— Está óptimo — disse ela dando uma pancadinha no laço. — Obrigada, tia Stella.

— De nada, Suzy. Qual é o resto do teu nome?

— Susan Lissa Gardner — pronunciou ela cuidadosamente. — A minha mamã é Susan, e tenho uma tia que se chama Lissa.

Conheces a minha tia Lissa? Ela tem meninos e meninas?

— Tem um filho chamado Davey, mais velho que tu — disse-lhe Stella -, e uma menina, mais ou menos da tua idade, que se chama Cleo.

— Acho que eu e a mamã lhe fomos fazer uma visita uma vez — disse Suzy, franzindo o sobrolho num esforço de concentração.

— Ela tinha uma boneca grande de pano e deixou-me brincar com ela. E a tia Lissa disse que eu era parecida com a Cleo, só que

eu não... ela é mais alta do que eu, e tem totós.

Tia Stella, também tens meninos e meninas?

— Não querida, nem um.

— E porquê? Não gostas de meninas pequenas? A mamã não gosta. Ela disse isso ao advogado, e foi por isso que eu vim viver com o Babbo. — Stella estremeceu e Suzy perguntou-lhe:

— Também não gostas de meninas?

Stella desviou rapidamente os olhos de Suzy. Disse, tentando controlar a voz:

— Eu gosto muito de meninas pequenas, e de meninos também, e queria muito ter filhos meus. Mas acho que Deus não quis que eu os tivesse.

— Isso foi uma maldade de Deus — disse Suzy muito séria.

Stella conseguiu rir-se e disse através da porta da casa de banho:

— Mário, vou raptar a tua filha! Suzy, queres vir ajudar-me a vestir para depois irmos tomar o pequeno-almoço?

— Claro — Suzy deu com confiança a pequena mão a Stella e foi-se embora a seu lado. Tommy entrou na casa de banho e ficou a ver Mário barbear-se.

— Ela é esperta — disse Mário. — Do mais esperto que há.

Eu bem te dizia.

— É muito observadora. Sabe que a Sue-Lynn não a quer, ouviste o que ela disse?

— Ouvi. No entanto não há nada que eu possa fazer a esse respeito, acho eu.

— Acho que ela deve mesmo ser tua filha. Sendo assim tão esperta. A Sue-Lynn não é nada esperta. E é parecidíssima com a Tessa quando ela tinha aquela idade.

— Oh, é minha, não há dúvida — disse Mário. — Tem as sobrancelhas da família e aquele dente torcido de lado que tanto a Liss como a Tess também têm. É mesmo uma Santelli.

Não que isso tenha muita importância. Seja como for ela agora é minha.

No café, Suzy insistiu em sentar-se ao lado de Stella e pediu panquecas para o pequeno-almoço. Mário hesitou.

— Ela não deveria comer... bem, cereais, sumo de laranja, esse tipo de coisa?

Stella riu-se.

— Deixa-a comer o que quiser desta vez. Quando já estiver instalada, aí podes começar a preocupar-te se ela está a comer alimentos suficientemente nutritivos. Com a Lu por perto não existe o perigo de ela ficar mimada.

Mário suspirou.

— E ainda há mais isso. A Lu está realmente muito velha para criar mais uma miúda, mesmo que eu quisesse... mesmo se ela quisesse. Tommy, importas-te que eu a leve no carro amanhã a São Francisco? Telefono hoje à noite à Liss e pergunto-lhe se não há problema. — Voltou a suspirar, pesadamente. — Ela tem andado tanto de um lado para o outro, infantário, amas, tudo isso. Mas não vejo que escolha é que tenho. Queres ir viver com a tia Liss e com os teus primos, Suzy?

— Eu quero ficar contigo, Babbo — disse ela com revolta e com a tia Stella e a avó Lulu.

Johnny disse:

— Parece que há aqui quem tenha vontade própria, Matt.

E que tal aquele colégio interno para onde o Angelo mandou a Tessa enquanto andava na estrada? Ela não tinha mais que três anos.

Mário assentiu pensativamente...

— Eu podia perguntar ao Angelo quanto é que aquilo custa, e como é que aquilo é. E se a Tessa gostou de lá estar.

Stella explodiu.

— Ela detestou! Não estás a pensar mandar uma coisinha deste tamanho para um colégio interno, pois não?

Mário suspirou.

— Stel, ela também me parece demasiado nova para isso. Mas eu este Verão tenho de ir para a estrada, e não posso tomar conta de uma criança se estiver a viver com o que posso meter numa mala. Se achas que seria melhor mandá-la para o pé da Liss...

— Ah, não, Matt. — Suzy tinha trepado para o seu colo.

Stella pôs os braços protectoramente à sua volta. — Não estás a pensar realmente que ma consegues tirar com essa facilidade toda, pois não? Sabes como eu quis... o que eu rezei... — A voz prendeu-se-lhe na garganta. Apertou Suzy com ferocidade, com a cabeça loura dobrada por cima dos caracóis pretos. Disse, sem erguer o olhar: — Por favor, Matt. Por favor.

Mário olhou para Johnny, franzindo o sobrolho. Disse:

— Stel, estás a falar a sério? Não sei, Johnny, que é que tu...

Johnny estendeu a mão na direcção de Stella, mas em vez de lhe tocar pousou-a em Suzy e deu uma pancadinha nas costas da menina.

— Olha, Matt, no que me diz respeito, o que a Stella quer, a Stella tem. — Acrescentou em tom de desafio: — Pelo que me dizes, mais ninguém quer este bichinho!

— Oh, meu Deus, John, não é que eu não a queira — disse ele, perturbado, mas Stella interrompeu-o.

— Matt, eu sei que tu a queres. Quem não quereria? Mas assim... eu juro que a tratarei como se ela fosse minha... como se fosse nossa... — Interrompeu-se, pestanejando intensamente e engolindo em seco uma e outra vez, apertando Suzy contra os pequenos seios.

Mário soltou um longo suspiro. Disse:

— Stel, se estás a falar realmente a sério...

— Oh, Deus, Matt, então não estou a falar a sério...

— Mas não queres deixar de voar, pois não? Quero dizer...

Ela ergueu a cabeça e disse em tom de desafio:

— Não, não quero, e não vou deixar de voar. E também não quero deixá-la com a Lúcia. Eu gosto muito da Lúcia, mas não acho que ela seja a pessoa indicada para criar... para criar uma coisinha deste tamanho. Tu próprio disseste que ela está demasiado velha para isso. E a Tessa é demasiado calada e... e solene. Não quero pensar que o meu bebé vai ser educado nesse ambiente. Quero-a ao pé de mim, mesmo que a tenha de levar comigo para a estrada. Quero que ela seja alegre e feliz, que se ria muito, que esteja comigo o tempo todo e saiba que alguém a ama e a quer sempre... — A voz falhou-lhe de novo.

Mário suspirou, mas desta vez de alívio, um sorriso espalhando-se pelo seu rosto. Disse:

— Deus te abençoe, Stel. Era isso que me preocupava, ter de a deixar com a Lu enquanto andássemos todos na estrada.

Muito bem, Stel. Vamos educá-la como uma Santelli. — Riu-se.

— Nem sequer teremos que lhe mudar o nome!

Stella apertou Suzy nos braços e embalou-a para trás e para a frente, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Oh, Matt, obrigada, obrigada... Oh, querida, queres ser a menina da tia Stella?

Suzy pôs-se de pé no colo de Stella levando as mãos ao rosto da mulher.

— Não chores — disse ela com um ar muito severo. — Pára com isso imediatamente, tia Stella. As meninas crescidas não choram.

Lúcia estava deliciada com Suzy, embora Tommy não tivesse a certeza se ela estava feliz com a criança ou pelo facto de Mário ter reclamado uma neta Santelli. Quanto a Stella, Tommy nunca a vira tão descontraída, tão alegre. Não deixava no entanto que os cuidados a ter com a criança interferissem com os treinos regulares que fazia com eles. Combinou com Tessa que ela ficaria com a menina depois da escola, e ofereceu-se para lhe pagar essas horas, mas Angelo recusou em nome da filha, dizendo que aquilo era simplesmente uma responsabilidade da família, e que a Tessa tinha de fazer a sua parte, como todos os outros. Tessa reagiu a Suzy como se ela fosse uma boneca nova e tê-la-ia estragado com mimos, se Stella não tivesse dito com firmeza que Suzy não podia ter tudo o que queria, mas apenas aquilo que era bom para ela.

Vários dias depois de terem trazido Suzy para casa, Stella desceu extraordinariamente cedo com Suzy, já vestida, a seu lado.

Lúcia ergueu as sobrancelhas. Anteriormente, Stella raramente se levantara antes do meio-dia. Stella sentou Suzy à mesa, foi à cozinha buscar uma tigela com cereais e sentou-se a partir uma banana aos bocadinhos que ia juntando à papa.

— E o que é que as meninas estão a fazer a pé tão cedo? — perguntou Johnny.



— Tenho de ir à cidade comprar umas roupas à Suzy — disse Stella. — Francamente, ela não tem um trapo com que se cobrir.

Os pés já lhe saem pela frente dos sapatos, as camisolas e as cuecas deviam estar no lixo, e os vestidos estão-lhe tão curtos que não são decentes nem mesmo numa rapariguinha da idade dela! Até tenho vergonha de a levar à loja assim vestida!

Mário riu-se e tirou a carteira do bolso.

— Compra-lhe o que for preciso, Stel. De quanto é que precisas?

— Não, espera aí... espera um momento — interrompeu-o Johnny. — Se vamos ser responsáveis pela miúda, podemos comprar-lhe as roupas de que ela precisa. Guarda o dinheiro, Matt.

— E quando Stella se levantou para ir buscar mais um copo de leite para Suzy, disse intensamente por entredentes: — Vá lá, Matt.

Não vêes o que isto tem feito pela Stel? Deixa-me cuidar disto à minha maneira. Quero que a Stel sinta que eu a apoio cem por cento nisto!

Lúcia disse com firmeza enquanto Stella punha manteiga na torrada de Suzy:

— Não vale a pena comprares-lhe muitos vestidos, Stella.

Já talhei três vestidos e um casaco para ela. E ela precisa de um vestido para levar à igreja. Tens de ir à retrosaria; eu dou-te uma lista dos tecidos e das fitas que tens de comprar.

Stella sorriu afectuosamente e disse:

— Recordo-me do primeiro ano que vim para aqui. A Lúcia fez-me um casaco a partir de um da Liss. E também me fez alguns vestidos. Eram os vestidos mais bonitos que eu tinha tido em toda a minha vida.

Lúcia sorriu e fez uma festa na mão de Stella.

— A tua roupa eram uns trapos não muito melhores que os da Suzy, não eram, querida?

— Eu lembro-me. Eu nem sequer tinha um soutien nem um par de cuecas; a Lúcia deu-me uns que já não serviam à Liss!

— Inclinou-se e encostou a face contra a da sogra. — Sempre foi boa para mim, Lu — disse num tom quase de desafio.

Mário sorriu.

— Bem, Lu, a Lu tem os seus defeitos, mas a verdade é que nunca se esqueceu que as duas principais virtudes da caridade são alimentar os famintos e vestir os nus.

— Sempre tentei fazê-lo — admitiu Lúcia, sorrindo a Suzy -, embora tenha de admitir que é mais divertido vestir umas pessoas do que outras. A Suzy fica um doce vestida de cor-de-rosa, mas todas as meninas se vestem de cor-de-rosa e eu fiz vestidos cor-de-rosa para a Tessa e para a Cleo Maria até já estar enjoada da cor. Vê lá se lhe compras uma saia vermelha e uma camisola vermelho-vivo, Stella. E acho que ela ia ficar linda de amarelo-claro, não achas? E no Verão que vem faço-lhe um vestido para a Primeira Comunhão.

Tommy, ouvindo a conversa, estava a recordar uma noite em que Lúcia tinha andado de roda dele com um creme para as queimaduras solares e daquilo que Cleo lhe dissera.

Lúcia Santelli não era desprovida de instintos maternais. Porque teria sido ela incapaz de ser uma boa mãe para os seus filhos?

Mário e Tommy passaram a manhã a trabalhar nos aparelhos, substituindo cabos e remendando uma das cordas da rede. Depois chegou a hora da lição dos rapazes. Mário estava a trabalhar com Bobby Meredith, explicando-lhe um novo exercício que queria que ele tentasse, quando Bart Reeder desceu as escadas e entrou na sala de treinos. Tommy acenou-lhe, fazendo-lhe sinal para que tirasse os sapatos e os metesse na caixa. Observando Bobby Meredith lançar-se no espaço, recordou-se dos seus primeiros tempos na barra. Mário ralhou, fez sinal a Bobby que descesse, e disse:

— Olha, Bob, estás a começar a perceber a ideia. Mas és trapalhão, não tens bom aspecto a fazer isso. Voar não é simplesmente uma questão de força. Um trapezista tem de ser elegante.

Belo.

— Como um bailarino? — perguntou Phil Lasky, o maior dos rapazes.

— Sim — disse Mário -, é exactamente isso.

Bobby Meredith franziu o sobrolho e disse:

— A maioria dos bailarinos são maricas, não são? Não sei se quero parecer-me com eles.

Bart Reeder, de pé por trás dele riu-se, e disse:

— Eu também costumava pensar assim. Quando fui para a faculdade, oh, sim, eu andei na faculdade há séculos atrás, a turma de ginástica dos homens soube, para nosso horror, que a faculdade tinha contratado um bailarino famoso para nos dar aulas de ginástica, ginástica rítmica, e, horror dos horrores, ballet. Alguns dos potenciais jovens jogadores de futebol<sup>{28}</sup>, entre os quais eu me contava nesses tempos de ignorância, tinham a mesma ideia que tu, jovem Bob. Por isso decidimos juntar-nos e dar uma lição a essa bicha famosa que pensava que nos ia pôr a dançar ballet, a nós, autênticos super-homens, como se fôssemos meninas. Não sei como o senhor Teigh, já ouviram falar do James Teigh?, costumavam chamar-lhe o Nijinsky americano, o Teigh soube do nosso plano e na nossa primeira aula de ginástica convidou todos os homens a irem até ele, um de cada vez, e apertar-lhe a mão. O primeiro tipo que foi ter com ele era um tipo enorme, do género dos que jogam nas linhas atrasadas, com os ombros fortes como os de um touro. Estávamos todos mesmo a ver que ele se preparava para esmagar os dedos ao James Teigh até ele gritar por piedade. E lá foi ele, estendeu a mão e quando demos por isso estava aos gritos e caiu por terra. E um a um, o Teigh atirou cada membro da turma ao chão, mesmo os últimos que, de sobreaviso, tentaram atacá-lo em grupos de quatro. E quando cada um de nós, incluindo eu, devo dizê-lo, tínhamos sido todos atirados ignominiosamente ao chão, de cabeça para baixo, e estávamos a esfregar os respectivos rabos, ele sacudi as mãos e disse muito educadamente: "Cavalheiros, esta foi a lição de hoje. Amanhã espero que estejam devidamente equipados com collants e sapatilhas para a vossa primeira lição nos passos elementares da dança."

Os rapazes ficaram a olhar para ele dando risadinhas e sentindo-se pouco à-vontade.

— E vocês foram? — perguntou finalmente Carl.

— Podes apostar — disse Bart. — Na verdade, depois disso eu decidi praticar ballet em vez de futebol para me manter em forma. É

mais exigente e muscula melhor, e quem é que consegue jogar futebol depois de ter saído da faculdade?

Os olhos de Phil Lasky estavam muito abertos.

— O senhor estudou ballet, senhor Reeder?

— Claro que estudei. Qualquer pessoa que tenha de estudar o movimento, e eu era actor, precisa de estudar dança.

Phil parecia verdadeiramente surpreendido.

— Mas o senhor não é nada amaricado! — Olhou para os ombros musculados de Reeder e depois para Mário, esbelto nas suas calças de ginástica mas com pulsos e mãos de aço.

Carl Meredith continuava hesitante.

— O meu pai dava-lhe um ataque se eu e o Bob quiséssemos ter lições de ballet. Ele diz que o ballet está cheio de bichas, e que qualquer miúdo decente que comece a fazer ballet... Sem ofensa, senhor Reeder, foi isso o que o meu pai disse. É claro que eu sei que vocês são tipos às direitas, mas não há mesmo muitas bichas no ballet? E eles nunca vos incomodaram?

— Não — disse Bart com um sorriso irónico. — Nunca me incomodaram absolutamente nada.

Tommy perguntou-se se eles perceberiam que Mário estava a fazer um enorme esforço para se controlar quando disse:

Toda a vida tive lições de ballet, e nunca conheci lá ninguém que se fosse meter com um miúdo pequeno.

Bobby, muito sério e um tanto tímido disse:

— Eu ainda assim teria medo de ter lições de ballet, por causa daquilo que as pessoas diriam. Tem mesmo esse tipo de... de reputação.

— Eu costumava sentir o mesmo — disse Tommy. — Eu cresci num circo, e costumava pôr uma peruca e entrar num número de ballet aéreo vestido de rapariga. Quando era pequeno, nunca pensei nisso, mas depois houve uns miúdos que gozaram comigo por eu me vestir de rapariga. Eu fiquei muito abalado e tentei esquivar-me a fazê-lo de novo, porque tinha medo que as pessoas pensassem que eu era algum maricas.

— Tu, um maricas? Meu Deus — disse Bobby com espanto -, foste sargento do exército, não foste? Mas depois disso não voltaste

a usar roupas de mulher, pois não?

— Usei — disse Tommy. — Tinha de ser. Havia um espectáculo para fazer. O Matt conseguiu finalmente fazer-me perceber que fazemos o nosso trabalho e não ligamos ao que as pessoas dizem, ou então arranjamos outro trabalho. — Sorriu a Mário por cima das cabeças dos rapazes.

— Eu acho que me preocupo demasiado com o que as pessoas dizem — disse Bob -, acho que não teria sido capaz de fazer isso.

Carl disse:

— Mas se as pessoas pensarem que somos maricas isso também não é importante? Quero dizer, se as pessoas meterem na cabeça que nós somos, alguma vez nos darão a oportunidade de provar que não somos? Na minha escola eles dão muita importância a isso, passam a vida a dizer-nos que temos de nos ajustar à sociedade. Ser ajustado não depende muito do... do que as pessoas pensam de nós? Não temos de... de nos adaptar?

Mário assentiu lentamente.

— Sim, isso também conta — disse. — Aquilo que és interiormente, e o que as pessoas pensam de ti e dizem de ti. Não tenho a resposta para isso, Carl. Talvez não haja resposta para isso. Talvez cada um de nós tenha de descobrir qual é a resposta para si próprio e arranjar-se o melhor que puder. Eu de certa forma tive sorte, porque cresci numa família do circo e já éramos diferentes, fosse como fosse, as pessoas pensariam que éramos diferentes não importava o que fizéssemos. — Parou e voltou com firmeza ao assunto que estavam a discutir. — Suponho que é qualquer coisa que cada um de nós tem de resolver sozinho, até onde é que pode ser diferente e aguentar-se.

E também não é para aqui na conversa que vamos resolver o assunto. Olha, Bobby, estava a dizer-te que tinhas de ser gracioso. Observa qualquer bom nadador ou tenista. Repara como eles mantêm o corpo perfeitamente controlado, sem movimentos desnecessários, tudo sob controlo, e não pés e mãos espalhados por tudo quanto é sítio. Porque é que achas que um pato é trapalhão e um flamingo é elegante? Mas se observares o pato a voar, é tão

elegante como um flamingo. Vai ao jardim zoológico e observa os animais, vê como eles se movem.

Olha... — agarrou nas mãos de Bobby, de forma impessoal e estendeu-lhe os braços para os lados: — Não é uma questão de ser oh tão gracioso... — Caricaturou as palavras pronunciando-as num falsete agudo e os rapazes todos se riram. — O pulso mole não é elegante. O objectivo é uma linha contínua de força.

É como o tal pato bravo a voar, ou então olhem para os aviões, as linhas perfeitas, aerodinâmicas. Têm de fazer o mesmo ao vosso corpo. Quebrem essa linha, e obterão menos eficiência, uma linha menos forte e é isso que faz com que tenha mau aspecto.

Carl disse, surpreendendo-os:

— É como diz um livro que eu li sobre arquitectura e desenho industrial, que a forma serve a função?

— É isso, é exactamente isso. Muito bem. Reparem como eu mantenho o corpo recto relativamente à cintura mesmo quando me dobro ao meio sobre a barra. — Mário virou-se e subiu a escada de corda. Depois lançou-se no trapézio movendo-se com uma plasticidade segura, deu a volta por cima e sob a barra, com grande elegância e absoluta economia de movimentos.

Após alguns minutos endireitou o corpo por cima da barra do trapézio e mergulhou, direito como uma seta, para a rede, enrolando-se para aterrar numa bola perfeita. Os rapazes abriram a boca. Tommy, observando fascinado — por mais vezes que visse aquilo continuava a sentir-se atordoado de admiração e inveja — ouviu Clay dizer com inveja:

— Tu fazes com que isso pareça tão fácil, Matt!

Mário riu-se e deu-lhe uma pancadinha no ombro.

— É só preciso treino, miúdo. Se trabalhares com afinco, um dia serás tão bom como eu. Muito bem, miúdos, por hoje é tudo. Vemo-nos para a semana, está bem?

Phil Lasky perguntou com timidez:

— Se tu e o senhor Reeder vão voar nós não podemos ficar a assistir?

Bart olhou para as caras ansiosas dos miúdos e encolheu os ombros.

— Claro, por que não?

— Então têm de se sentar todos e ficar calados — avisou-os Mário. — Nada de barulho nem de brincadeiras, senão saem imediatamente.

Clay, não te dispas, está bem? Hoje quero que venhas para a plataforma e trabalhes com as cordas.

Clay brilhou de excitação. Foi com os amigos e ficou na conversa com eles enquanto estes mudavam de roupa, mas já parecia um pouco distante deles. Ele era um Santelli, um membro da família, um trapezista a sério que estava a ser treinado no negócio da família.

Mário e Tommy ficaram junto à base do aparelho vendo os rapazes dirigirem-se para o vestiário. Bart murmurou:

— Belo grupinho de miúdos. Bonitos. Acho que é por causa da forma como se mexem.

Mário assentiu.

— Eu sei. Para mim as caras bonitas também não têm importância nenhuma. É nos corpos que eu reparo.

— Isso já eu calculava — disse Bart provocando-o, mas Mário abanou a cabeça...

— Não é isso que eu quero dizer. Refiro-me ao movimento, à perfeição motora.

— Eu sei o que queres dizer. Eu até consigo apreciar esse tipo de beleza nas mulheres — disse Bart.

Mário assentiu.

— Eu sei. Às vezes olho para a Stella. Ela nem sequer é bonita, é uma magricelas insignificante, mas meu Deus, quando voa, é a coisa mais bonita que alguma vez vi.

Bart disse:

— Eu reparei. Nas sequências dos Sonhos Voadores. Se eu não os conhecesse, juraria que vocês eram amantes. Pela forma como se movem em conjunto.

Mário parecia sonhador, ausente. Disse:

— Eu sei. Mesmo quando era miúdo. A dançar ballet com a Liss. Meu Deus, não pensava nisso há anos!

Bart disse, rindo-se:

— Bem, tenho de admitir, que olhar para esses teus rapazes, me provoca umas certas sensações.

Mário também se riu e a expressão gelada e remota desapareceu-lhe do rosto. Murmurou:

— Eles não são os meus rapazes, Bart. No que me diz respeito, são um fruto absolutamente proibido. E no que te diz respeito também.

Bart baixou a voz.

— Oh, eu compreendo, acredita! Hoje em dia sou tão discreto que até chateia. Nunca toco com um dedo em ninguém que seja menor, nem sequer penso nisso. Agora que penso nisso, nunca gostei muito de menores. Mas não faz mal nenhum olhar quando há qualquer coisa para que vale a pena olhar. Como aqueles miúdos. Ou a Stella.

Carl, Phil e Bobby regressaram e sentaram-se para assistir.

Mário e Bart treparam atrás de Clay para a plataforma dos voadores.

Tommy, subindo a corda no outro extremo do aparelho e sentando-se no trapézio base como se este fosse um baloiço, observou Clay de pé por trás de Mário na plataforma. Como eram parecidos! No rapaz magro e de pernas longas, com o cabelo escuro cortado curto, vestido com umas calças de ginástica velhas, quase transparentes nos joelhos e remendadas nos pés, via um Mário mais novo — braços longos e secos e uma insolência arrogante e um tipo de elegância infantil e inconsciente transformando-se já na graciosidade deliberada do atleta treinado. Tommy sentiu uma ternura quase dolorosa. Mário sempre fora muito mais velho que ele. Quando se tinham encontrado, Mário já era um homem e Tommy, sempre na ânsia de o acompanhar, afastara a sua própria infância com ambas as mãos, tão depressa quanto pudera. Ver como Mário tinha sido em rapaz provocava-lhe quase dor, ver como ele fora antes de se terem conhecido.

Não me surpreende que o Reeder se tivesse apaixonado por ele...

— E então, Clay? Estás pronto para uma passagem sem um cinto de segurança? O Bart devia praticar um bocado com as cordas,



e tu se caíres, agora já não te aleijas.

Clay aceitou a barra que Reeder lhe passava. De repente o sorriso desapareceu-lhe da cara e pareceu abalado, assustado.

Tommy, baixando para a posição de base, viu que Mário tinha a mão no ombro de Clay. Não conseguia ouvir o que Mário lhe dizia, mas podia imaginar; ele próprio ouvira aquelas palavras muitas vezes.

Por fim Tommy viu Clay lançar-se no espaço, um bola desfocada de braços e pernas em voo. Tommy arqueou as costas, fazendo o seu próprio trapézio elevar-se, e os pulsos finos do rapaz bateram de encontro às suas mãos esticadas, as mãos agarrando os seus pulsos.

— Calma — disse Tommy sorrindo para o rosto por baixo do seu, sentindo a tensão nos braços e nos pulsos. — Aqui vais tu!

Puxando-se para cima de novo, ouviu Mário criticar.

— O problema, Clay, é que tu quase nem te lanças, limitas-te a deixar que o Tommy te puxe e arranque da barra.

— Bem, foi assim que o Johnny me disse para eu fazer — argumentou Clay e Tommy quase caiu do trapézio, tal foi o seu espanto. Podia imaginar o que Angelo lhe diria se ele se tivesse atrevido a inventar desculpas!

Mário ripostou:

— Não me lembro de ter perguntado nada ao Johnny, nem a ti. Raios, não me respondas torto, Clay! Chega-te para lá, passa a barra ao Bart. Pronto, Bart, é isso mesmo, mas agarra a barra um pouco mais ao centro, está bem? Quero que aprendas o suficiente para, pelo menos, poderes fazer uma passagem simples sozinho. Eu sei que isso vai ser tudo dobrado, mas assim vais poder perceber melhor o que estás a fazer. Bem, quando começares a balouçar-te, assegura-te que manténs os cotovelos flectidos...

Bart agora já estava a aprender a cair com elegância.

Tommy supunha que era devido ao seu longo treino noutras modalidades desportivas — esgrima, dança, condução — que ele tinha tão bons reflexos. Nunca seria um trapezista, mas poderia vir a ser uma boa imitação de um voador. Já começava a andar como

Mário, mimando os seus gestos, sem esforço nem deliberação, um actor que se transformava na personagem que encarnava.

— Estão a contratar gente para o filme do Parrish — disse-lhes no vestiário quando os rapazes já se tinham ido embora.

— O Barry Cass queria fazer de Reggie Parrish, que era o irmão do Barney e o seu base. Chegaram a fazer-lhe testes para o papel, mas não deu em nada.

Tommy lembrava-se do homem grisalho e bem parecido que lhe fazia lembrar Jim Fortunati.

— Ele não tem aí uns trinta anos mais do que deveria ter para isso?

— Isso nesta profissão não quer dizer grande coisa — disse Bart. — Não foi por causa da idade, foi por causa da altura.

Ele tem quase dois metros, e juntos parecíamos o Mutt e o Jeff.

Claro que o base é geralmente um tipo grande. O Tommy é maior que tu, não é?

Mário olhou para ele e riu-se.

— Deves estar a brincar, Bart. As pessoas passam a vida a dizer-me que eu sou demasiado alto para um trapezista. Tu e eu somos mais ou menos da mesma altura, e qualquer de nós tem bem mais oito centímetros que o Tommy.

Bart olhou para um e para outro sentindo-se confundido.

— Deve ser qualquer coisa na posição que o faz parecer maior. Eu juraria que, no trapézio base, ele parecia ter duas vezes o teu tamanho!

— Os trapezistas parecem sempre maiores no trapézio — confirmou Mário. — É uma das principais ilusões deste negócio.

Toda a gente pensa que os trapezistas são homens grandes até nos verem normalmente vestidos.

— Seja como for — disse Bart -, o Mason está completamente convencido a usar os Santellis nas cenas do trapézio.

Mário estava de pé, com as costas viradas para eles, desembaraçando o pé da perna das calças de ginástica.

— Não vou ser capaz de lhe mostrar um triplo. Ainda não.

Bart encolheu os ombros.

— Não há pressa. Essa pode ser a última coisa que farás — disse, e Tommy estremeceu com o duplo sentido. Despindo as suas calças de ginástica Bart acrescentou: — É uma pena não haver aqui um chuveiro.

Mário encolheu os ombros.

— Podes subir e tomar um duche lá em cima, se quiseres.

— Não, não é preciso — disse Bart e deu uma gargalhada.

Com a minha reputação, ainda alguém ficava com a ideia errada.

— Subitamente ficou sério, completamente nu e a olhar para os amigos. — Meu Deus — disse -, eu compreendo porque razão tiveste que o fazer, mas deu cabo de mim ter de estar com rodeios com os miúdos há bocado. Não poder ser honesto com eles. Raios partam, se tivéssemos sido honestos, alguém havia de vir com a ideia de que os estávamos a tentar converter ou coisa do género. Tudo o que eu queria era... era poder ser sincero. Aquela ideia de que o ballet está cheio de bichas e que um filho nosso não está seguro nesse tipo de sítios!

Mário disse, rindo-se pouco à-vontade:

— Bem, não podes negar que isso acontece. E ninguém o sabe melhor que tu.

— Não, raios, Matt — disse Bart com veemência -, não é isso o que eu quero dizer, e tu sabes muito bem. Bolas, miúdo, eu sabia acerca de ti. E se me tivesse enganado...

— Se te tivesses enganado — disse Mário — correria para aí mais uma história porca acerca de como o ballet está cheio de bichas que passam a vida a fazer avanços aos miúdos.

E mesmo assim, há muita gente que diria que eu era capaz de ter crescido normal se tu não tivesses avançado.

— Ora, miúdo — disse Reeder suavemente -, tu sabes que isso não é assim. Poderias ter alinhado uma vez por gostares de mim, ou por sentires curiosidade, e queres saber como era.

Talvez fosses duas vezes porque nós éramos amigos e tu não querias ferir os meus sentimentos. Mas se não fosse o que tu realmente querias, bem lá no fundo, mais cedo ou mais tarde ter-me-ias dito para eu ir bugiar e terias arranjado uma rapariga.

Deus sabe que muitas raparigas bonitas se interessam pela dança.

— Ajeitou as cuecas e vestiu as calças. — Fico tão farto disto.

Aqueles miúdos a papaguear inocentemente o que os pais dizem, que todos os bailarinos são maricas. Como se fosse uma sina pior que a morte, ou coisa assim. Mesmo que isso fosse verdade, e não é.

Tommy disse:

— É a forma como as pessoas sentem, e não há nada a fazer. Nunca se consegue perceber esse tipo de coisas até... até nós próprios começarmos a senti-las. E depois já é demasiado tarde. Como é que vamos fazer as pessoas que não sentem dessa maneira perceber?

— Talvez — disse Bart com ferocidade contida — fazendo aquilo que não fizemos com aqueles miúdos hoje por nos termos acobardado. Dizendo qualquer coisa como: "Olha miúdo, eu sou homossexual, e isso não faz com que eu seja nenhum mariconso, e também não tento engatar cada miúdo em que ponho a vista em cima!"

Mário disse, com um sorriso constrangido:

— E aí estaríamos todos metidos num sarilho dos diabos.

— Claro — disse Bart subitamente desalentado. No meio da sua agitação fizera mal o nó da gravata; tirou-a e voltou a pô-la, meticulosamente. — É como se fosse um espião, ou um agente duplo, ou coisa do género. Passo a vida a vender amor e romance no ecrã e o resto do tempo... Meu Deus, fico tão farto disto.

As mulheres a babarem-se todas comigo, e recebo cartas de amor e dá-me vontade de me levantar e gritar: "Eu não sou nada disso!"

Não sou nada assim!" — Tinha a voz a tremer. Acendeu um cigarro com dedos pouco firmes.

Mário disse:

— Eu sei como tu te sentes, Bart. Acho que todos nós sabemos.

Mas a vida é mesmo assim, e não há absolutamente nada que possamos fazer relativamente a isso, a não ser que queiras voltar

aos tempos do livro que me ofereceste quando eu era miúdo. Aos gregos e aos seus exércitos de amantes. — Com um pequeno sorriso para Bart citou palavras que Tommy se lembrava de lhe ter ouvido, anos atrás: — "O amor e a amizade na sua forma mais pura existem entre os homens. Em Esparta, todos os rapazes de bom carácter tinham um amante mais velho que era para eles um mestre e um modelo de virilidade." Ora, raios, esqueci-me das palavras. É qualquer coisa parecida com isto:

"Tanto o amante como o jovem preferiam morrer a ter qualquer atitude desonrosa perante o outro."

— Tu e a porcaria dos teus gregos — disse Bart amuado. — Sim, eu conheço essa história. Os gregos faziam isto e os gregos faziam aquilo, e os gregos faziam não sei que mais, e para que raio é que isso me serve agora?

Mário pôs o braço levemente sobre os ombros de Bart durante alguns instantes. Tommy lembrou-se de que eles tinham sido amantes. Agora percebia que eles tinham sido mais do que isso, tinham sido amigos.

— Talvez te sintas dessa forma agora, mas não sabes o significado que isso teve para mim. Foste tu que me disseste, quando fui para a faculdade, que eu deveria conhecer a literatura grega. Não sabes o efeito que aquilo teve em mim, Bart?

Até então eu pensava que era o único no mundo, para além de uns tipos baixos, uns degenerados com quem eu não queria ter nada a ver, desse lá por onde desse. E depois encontrei-te e percebi que havia... que havia bons homens que eram homossexuais, que um homem podia ser homossexual e continuar a ser... a ser honrado, honesto, dedicado, e... e até um artista...

— O braço apertou os ombros de Bart. — Tudo aquilo acerca da inspiração e do modelo de virilidade. Meu Deus, não sabes como eu te via nessa altura? Não sabes que foram precisas aquelas palavras naqueles livros todos... e ainda mais... só para me ajudar a conseguir um pouco... um pouco de auto-respeito por aquilo que eu era, por aquilo que sou? Não para que me sentisse bem com isso, não para que achasse que estava certo, mas apenas para me conseguir aceitar, por forma a conseguir viver com isso.

Teimosamente, Bart não olhou para ele.

— Tu és um idealista, Matt. Eu também costumava ser, quando tinha a tua idade. Só que o que é que isso nos adianta?

A qualquer um de nós?

— Não me parece que tenhas mudado assim tanto — disse Mário. — Tens razão, evidentemente. Teria sido melhor se pudéssemos ter sido tão honestos com os miúdos como tentamos ser... como tentamos ser uns com os outros. Se não tivéssemos de nos acobardar.

Bart riu-se, desfazendo a tensão.

— Sim, estou mesmo a ver — disse. — Estabelecemos o sistema grego em todas as escolas e universidades e damos a cada miúdo um irmão mais velho para cuidar dele e lhe ensinar ideais honrosos. E depois tentaremos convencer toda a gente de como estamos a ser idealistas e respeitáveis em relação a tudo isso! — Mas sorriu a Mário e, como se se tivesse esquecido da presença de Tommy, despenteou o cabelo de Mário como se este fosse uma criança. — Talvez se um maior número de nós vivesse de acordo com esses teus ideais, miúdo, o mundo não fosse tão duro para com os homossexuais.

— Só que aí é que está — disse Mário suavemente. — Onde é que tu pensas que eu fui buscar esses ideais em primeiro lugar?

Foi contigo que os aprendi.

## *Capítulo XII*

Pareceu a Tommy que acordara de um sono cheio de sonhos confusos com a noção de que deveria ir imediatamente para a sala de treinos, onde algo de terrível estava prestes a acontecer.

Sem acender a luz, saiu do quarto e atravessou os átrios escuros da casa Santelli. Desceu as escadas, passou pela cozinha e desceu o segundo lance de escadas de madeira até ao velho salão de baile. Não havia mais ninguém nem no átrio nem nas escadas, e os seus passos não fizeram qualquer ruído no chão.

Na sala de treinos a luz estava acesa, uma luz ténue e esverdeada que parecia vir de todas as direcções ao mesmo tempo, e ele viu Johnny no aparelho, balouçando-se de cabeça para baixo no trapézio base. E Mário já estava na plataforma, tomando a barra entre as mãos. Era demasiado tarde. Tudo o que podia fazer era ficar a olhar para o monitor de televisão que estava junto à base do aparelho enquanto Mário se lançava para a frente, para trás e para a frente de novo, cada vez mais alto, e mais alto e mais alto.

Johnny gritou-lhe: "Não podes esperar mais! Sabes que tens de voltar a fazer o triplo ou nunca serás ninguém", e Tommy encolheu-se ao ouvir o desprezo contido naquelas palavras.

Stella estava agora ao lado de Mário no trapézio e Bart estava ao lado de Tommy, vendo-os no aparelho de televisão e dizendo, "É perfeitamente evidente, quando os vemos voar, que são amantes." Mas isso agora não tinha qualquer importância, porque Stella estava novamente na plataforma e Mário estava a balouçar-se na barra, para trás e para a frente, num ritmo rápido, para trás e para a frente, ganhando altura e velocidade enquanto Johnny esperava por ele, ajustando o seu balanço, e Tommy percebeu que ele ia tentar o triplo.

Ele não está pronto.

Mas tudo o que podia fazer era ficar a olhar para as duas figuras que se balançavam lá em cima, como fizera tantas vezes no

Circo Woods-Wayland, observá-los com uma empatia profunda e angustiada, só que desta vez os seus olhos não estavam fixos em Mário, a sua consciência não estava lá, com Mário.

Em vez disso os seus olhos estavam fixos na silhueta de Johnny, no ecrã da televisão, observando-o com uma concentração obsessiva.

Demasiado lento. Aumenta um pouco, o teu ritmo está demasiado lento... Sentiu que os seus próprios músculos se flectiam, torcendo-se, tentando através da sua concentração corrigir aquilo que sabia estar mal, aumentar a velocidade do movimento pendular de Johnny, empurrá-lo com a sua força interior, tentar até respirar por Johnny. Agora Mário já tinha saído da barra, girando à retaguarda no primeiro mortal, no segundo, e agora no terceiro — Oh, Deus, ele vai falhar! — no terceiro, no terceiro, num pesadelo em câmara lenta no ecrã da televisão, girando para trás, para trás, desenrolando-se, abrindo para trás e para baixo, para baixo, para baixo, cada vez mais devagar, caindo com força na rede, a rede fazendo-o ressaltar e depois, como uma areia movediça, puxando-o para baixo e para dentro de si, de pernas e braços abertos, sem vida, desfeito, morto... Tommy ouviu o seu próprio grito sair-lhe da garganta e continuou a gritar. "Mário!

Mário! Ninguém me ouve? Mário... Mário... Venham depressa! Johnny, Papa Tony, Angelo!... Mário, Mário... Ele está morto... Mário!"

Mas não houve resposta, não havia qualquer som na sala de treinos, nada a não ser o eco dos seus gritos reflectidos pelas paredes, e na televisão, num primeiro plano horrendo, a forma de Mário estendido, desfeito, imóvel... Os seus gritos não faziam qualquer ruído, nunca tinham saído, nunca tinham existido, nunca tinham saído da sua boca. Estava escuro e ele estava sentado na cama, respirando com dificuldade, e choramingando.

— Tommy? — disse Mário, confuso, a seu lado. — Que se passa, miúdo? Tens alguma coisa?

Lentamente, no calor e escuridão do quarto, Tommy percebeu que nada daquilo acontecera. Não havia aparelho de televisão.



Mário não fora convencido por Johnny, contra sua vontade, a tentar o triplo. A sequência horripilante das voltas no ar e da queda interminável, nada daquilo fora real. Um sonho, graças a Deus, apenas um pesadelo. Continuava a mal conseguir respirar, os gritos adormecidos e nunca gritados presos na garganta, mas agora, com a consciência esmagadora de que Mário estava ali a seu lado — a salvo, inteiro, quente, a respirar, vivo — não se aguentou. Agarrou-se a Mário na escuridão, a respiração ainda alterada pelos gritos do seu sonho.

— Lucky — disse Mário, abraçando-o agora com preocupação -, que foi miúdo? Que se passa?

Mas Tommy só conseguia arquejar:

— Estás aqui, estás vivo, não morreste...

— Oh, meu Deus — disse Mário, puxando-o com força contra si. — Foi um desses sonhos. Tommy, Tommy, está tudo bem, está tudo bem, estou aqui contigo... vá lá, vá lá, pronto, controla-te... estás aqui comigo.

Tommy, nos seus braços, sentindo a sua respiração quente, sentindo-o milagrosamente vivo, quente, intacto, sentiu os arquejos dolorosos no seu peito transformarem-se em grandes soluços.

Tudo o que era capaz de dizer, com grande confusão, era:

— Eu pensei que estava lá em baixo... estava lá um televisor, tu estavas ali deitado, morto:..

— Pronto, pronto, está tudo bem — acalmou-o Mário apertando-o contra si. — Estás aqui, agora já estás acordado, estás aqui comigo. Vá, anda cá, vais ficar gelado, mete-te debaixo do cobertor. Vá lá, deixa-me aquecer-te...

Descontraindo-se lentamente contra o corpo quente de Mário, Tommy disse com uma gargalhada constrangida:

— Desculpa, não te queria acordar. Só que não sabia que era um sonho. Pensei que tinha acordado aqui e que tinha ido lá abaixo...

— Eu sei, eu sei. Já passou. — Mário tentou na escuridão, num gesto antigo, enlaçar os seus ágeis dedos dos pés nos de Tommy.

Tommy, descontraindo-se pouco a pouco, continuava muito consciente do calor do corpo de Mário a seu lado, no escuro, de que

ele estava realmente ali. Realmente vivo, quente, real, não aquele horrível monte de braços e pernas... Passou novamente o braço por cima de Mário e disse, a voz abafada pelo seu ombro:

— Continuas vivo. Essa é a realidade. Tenho de o repetir a mim próprio.

— Eu sei como isso é — disse Mário na escuridão.

Naquele ano, depois de a Lu ter o acidente, nós os miúdos costumávamos acordar aos gritos, acordávamos a casa inteira. Foi nessa altura que apanhei o hábito de me ir meter na cama da Liss. O Angelo armava grandes brigas por causa disso, mas eu passava a vida a sonhar que era ela quem caía e se esmagava cá em baixo, e queria ter a certeza de que ela estava bem... — a voz desvaneceu-se-lhe até ficar em silêncio. — E mais tarde, no ano em que trabalhei com o Lionel, costumava sonhar que estava a trabalhar outra vez com o Angelo, e que ele se transformava no Lionel, no trapézio, e acordava cheio de suores frios.

Que coisa mais estranha. Eu gostava do Lionel, confiava nele, mas o raio dos pesadelos não paravam de se repetir!

Depois de Mário voltar a adormecer, Tommy ficou abraçado a ele, incapaz de prescindir da segurança do toque, da realidade de Mário vivo nos seus braços, e não desfeito no pavimento da sala de treinos. Passado muito tempo voltou a sonhar, vendo imagens de um livro antigo, de uma visita que fizera a um museu, de pinturas em potes, de atletas numa corrida, lançando dardos, correndo nus com fachos nas mãos. No que eu sou de bom foi ele que me fez assim. Transporte a sua honra como um facho aceso que me foi passado pelo corredor que veio antes de mim, para que eu o passe intacto, sem que a sua luz diminua, ao corredor seguinte... Uma parte de si sabia que estava a sonhar, a imaginar um mundo onde a honra e os ideais permaneciam em si, altaneiros e preciosos devido ao seu amor. Gradualmente o sonho desvaneceu-se na escuridão, mas mesmo adormecido, manteve-se agarrado à mão de Mário.

Tommy hesitou à porta da sala de treinos, abanando a cabeça devido à vaga recordação do sonho. Na noite anterior tivera um pesadelo horripilante, qualquer coisa relacionada com uma queda de Mário, um disparate qualquer com um televisor instalado ali em

baixo. Lançou os sapatos para dentro da caixa e depois trepou para a rede para verificar as cordas, caminhando cuidadosamente para um lado e para o outro, dobrando-se para se assegurar de que as cordas recentemente reparadas continuavam em bom estado. Parou junto à base da corda que conduzia ao trapézio base, recordando-se subitamente de como vira Johnny no monitor, por detrás do painel enquanto esperava para entrar nas sequências dos Sonhos Voadores. Agora, embora não se recordasse dos pormenores, percebia por que razão o monitor de televisão lhe parecera tão importante no sonho. O televisor realmente importante fora o do cenário dos Sonhos Voadores.

Pela primeira vez na minha vida, vi o Mário voar sem estar dentro dele enquanto o observava. Eu estava a ver o trabalho de Johnny, e de repente percebi o que ele estava a fazer de errado.

O Johnny é um bom base, mas não é o base certo para o Mário. Não consegue sentir, interiormente, o que Mário faz.

— Eu consigo. Como quando costumávamos fazer os velhos números de pares. Era isso que nós tínhamos que nos fazia tão especiais. De uma forma ou de outra conseguíamos sentir os movimentos um do outro, como se o que nos fazia mover fosse um só coração.

Agora só o que tenho de fazer é pensar numa maneira de convencer o Matt.

— O Johnny teve de sair — disse Mário ao entrar na sala.

Como sempre que a Stella treinava com eles, mudara de roupa no andar de cima; só precisava de tirar os sapatos. — Começo a ficar farto do nosso empresário. Põe estes negócios todos à frente dos treinos!

Ótimo, pensou Tommy. Era mesmo sobre isso que eu queria falar.

— Sê justo, Matt — disse Stella. — O Johnny é tão bom sem treinar, como a maioria de nós treinando.

Mário encolheu os ombros.

— Talvez. Mas eu não gosto de trabalhar assim. Lembro-me de ter lido uma vez uma coisa sobre um pianista que dizia que se não praticava um dia, dava por isso; se não praticava dois dias, os seus

amigos davam por isso; e se não praticava três dias, o público dava por isso. E eu tenho três anos de paragem para compensar e o Tommy também.

Stella riu-se.

— Ainda dizes isso depois dos Sonhos Voadores? Aquilo foi um triunfo, Matt!

— Talvez. Mas eu continuo a sentir que tenho um longo caminho a percorrer. E o Bart disse-me que querem os Santellis para fazer imagens de reserva num dos próximos dez dias, mais ou menos. Por isso cada dia que não treinamos, põe-me nervoso.

— Perguntou: — Queres que eu fique a base hoje, Tom?

— Não — disse Tommy e Mário franziu-lhe o sobrolho.

— Que é que queres dizer com esse não?

— Só não — disse Tommy. — Não vale a pena dividirmos isso. É uma perda de tempo. Não me parece que o Johnny vá ser de muita confiança como base este ano, e já é altura de começarmos a trabalhar partindo desse princípio e sem contar com ele.

— Escuta, Tommy — disse Mário -, já discutimos essa questão.

Tu nunca me conseguirias aguentar nos exercícios mais difíceis...

— Isso é tudo... — Tommy olhou para Stella e emendou: — Tretas. Matt, tu continuas a pensar em mim como se eu fosse o miudinho a quem tiveste de pegar ao colo para ver se era suficientemente alto para chegar à barra do trapézio. Estás a fazer exactamente a mesma coisa que gozaste no Bart no outro dia! Stel, quem é mais alto, eu ou o Angelo?

— És tu — disse Stella sem hesitar. — Não muito, talvez, mas és pelo menos tão alto como ele.

Mário girou sobre si próprio confrontando-a incrédulo:

— Que é que vocês os dois andaram a combinar? O Angelo é um tipo grande!

— Sempre te pareceu grande a ti — disse Tommy. — Vê as coisas como são, Matt. Ele ensinou-te a voar quando tu eras pequeno, e tu continuas a vê-lo com os mesmos olhos. Aposto que eu peso mais três ou quatro quilos que ele. Raios, começa a ver-me como eu sou agora, e não como quando eu tinha catorze anos! Peso

sessenta e seis quilos e os meus ombros são mais largos que os teus. Tenta vestir um dos meus casacos e verás!

Se fizéssemos um combate de luta livre eu conseguiria vencer-te quatro em cada cinco vezes.

Mário disse:

— Estás a confundir-me completamente.

— Não — contradisse-o Tommy com brusquidão -, estou a tentar meter-te juízo na cabeça! O Johnny quer desistir, de qualquer maneira. Nunca vai ser o nosso base, por isso já é tempo de pararmos com estas brincadeiras. Temos procurado um base por tudo quanto é sítio, e aqui estou eu, por isso vamos trabalhar assim. Se o Johnny quiser gerir o número nas questões relacionadas com os negócios, muito bem, acho óptimo, e isso até lhe dá mais poder.

Mário continuava a parecer duvidoso.

— Suponho que podíamos tentar e ver no que é que dá.

Que é que tu achas, Stella?

— O Johnny não quer voar. Não quer mesmo nada. Não sei porquê, mas não quer, nem sequer consegue perceber porque é que eu quero. Ele tem alinhado nisto porque não vos quer causar problemas, diz que pelo menos isso deve à família, mas o que ele quer mesmo é ser empresário.

— Então deixemo-nos de brincadeiras e vamos mas é trabalhar — disse Tommy.

Mas quando Stella subia a escada de corda, Mário pôs a mão no braço de Tommy.

— Tom — disse -, olha para mim, nos olhos. Estás a fazer isto porque sabes que eu odeio trabalhar a base? Diz-me a verdade ou torço-te o pescoço. E não penses que eu não saberei se me mentires!

Tommy virou-se para o encarar.

— Juro por Deus, Matt, é isto o que eu quero fazer. Comecei a pensar no trabalho do base a toda a hora. Agora quando vejo alguém voar, não vejo o que essa pessoa está a fazer, começo a pensar no que faria para a agarrar se estivesse no trapézio base. Pura e simplesmente já não sou um voador, não penso como um voador.

O rosto de Mário iluminou-se subitamente, cheio de incredulidade.

— Ei — disse baixinho, deliciado -, se isso é assim, talvez tenha sido para isto que nós temos trabalhado estes anos todos, só que não sabíamos. Vamos tentar, Lucky. Vamos tentar!

Virou-se e dirigiu-se para o seu lado do aparelho.

Para Tommy, balouçando-se no seu trapézio, baixando-se para apanhar o primeiro voo, tudo parecia mais definido do que o habitual, como se tudo tivesse arestas mais brilhantes. Isso já lhe acontecera umas quantas vezes anteriormente, mas nunca enquanto estivera a base. Agora, deliberadamente, e pela primeira vez desde que Mário o mandara subir para o aparelho contra a sua vontade, para aprender a apanhar as raparigas mais novas, começou a examinar cuidadosamente o que estava a fazer.

Desta vez não com a atitude de que aquilo era algo que ele tinha de dominar, mas sim observando cada movimento algures dentro de si.

Cuidadosamente cronometrou os seus impulsos. Stella já estava na barra, saindo da plataforma, balouçando-se; faria mais um voo para trás antes de se soltar para a passagem... Só depois de ter flectido os seus peitorais, dando mais impulso e fazendo com que o trapézio fosse mais alto, se apercebeu do que fizera.

Automático. Já interiorizei o ritmo. Vagamente, com a sua visão periférica, pelo canto do olho, viu-a passar por cima da barra; as suas mãos já estavam estendidas e preparadas para se fundirem com os pulsos da voadora antes de ele lhes ter dito o que fazer. Os pulsos dela fundiram-se com os seus, e as suas mãos sentiram os pulsos finos envoltos pelas ligaduras de gaze. Ela era tão leve, tão frágil, que o peso do seu corpo mal era suficiente para aumentar o impulso do seu balanço. Deu algum balanço extra para poderem subir mais alto enquanto a lançava de novo no ar, com a linha fina do trapézio voador atravessando-se perante os seus olhos e cortando-lhe o campo de visão.

Automático, como um cronómetro, as pancadas do coração marcando-lhe o ritmo enquanto via Mário suspenso da barra, sentindo dentro de si cada pista que os músculos lhe ditavam...

Abranda, para trás mais um pouco ou ele ainda te passa por cima... tudo isto abaixo do nível do consciente. Se ele esperasse até ver o que Mário fazia, não teria tempo para ele próprio alterar os seus movimentos; tudo tinha de ser sentido. Agora, lançando-se para o encontrar no ponto mais próximo, preparado e descontraído, sentindo depois a tensão quase insustentável e a sua libertação... os seus pulsos tinham-se encontrado sem esforço. Antes que os seus dedos tivessem consciência disso, pressentiu dor, tensão — É este o pulso que ele partiu duas vezes — e ajustou infinitesimalmente a pega para desviar a tensão do ponto fraco da fractura antiga. Mário, mergulhado na quase hipnótica tensão do voo, não tivera consciência da dor ou do seu alívio. Depois a volta rápida do voador sobre si próprio, e a linha da barra do trapézio — não havia necessidade de qualquer sinal; a pega recíproca das mãos nos pulsos soltou-se simultaneamente. Como é que eles faziam aquilo? Pequenos movimentos musculares demasiado ténues para serem apercebidos ao nível da consciência?

Funciona. Seja como for, funciona.

Talvez consigamos ler os pensamentos um do outro, ou coisa assim. Seja como for, funciona como se lêssemos.

Uma e outra vez, resultou bem, na pega pelos pés, no duplo mortal à retaguarda, no duplo e meio. Depois Tommy teve consciência da tensão tremenda durante a passagem cruzada no espaço, Stella saindo das suas mãos e Mário chegando imediatamente a seguir, um tipo de percepção que funcionava em milésimos de segundo demasiado apertados para que pudesse registar o que o seu cérebro e as suas mãos faziam. Sentiu que Mário estava satisfeito, descontraído, confiante em si e nele próprio.

Funciona. Ele também se apercebeu disso. Foi para isto que trabalhámos durante todos estes anos, e ele agora também já o percebeu.

Agora. Antes de começar a ficar cansado, antes de começar a pensar demasiado ou a preocupar-se com o que pudesse acontecer. Agora, naquela primeira vaga de confiança.

— Muito bem, Matt — gritou, erguendo-se por instantes sobre a barra -, faz-me um triplo.

Mesmo àquela distância, viu a expressão imediatamente sobressaltada de Mário, ele próprio sentiu a corrente de adrenalina dentro de si — Meu Deus, será que estou a precipitar as coisas? — e viu a hesitação do amigo.

— Lucky, não tenho a certeza...

— Tenho eu. Vá lá, Matt. Agora. Pára de adiar.

Era isto que eu dantes não sabia. O voador é a estrela, evidentemente, mas o base é o patrão, é a âncora. O Mário sempre precisou de alguém que lhe desse ordens. Foi por isso que eu tive de lhe provar que sou mais forte que ele.

— Vá lá, Matt. Tu sabes que és capaz. Eu estou aqui, à espera.

Não esperou para ver se Mário fazia o que lhe dissera. Baixou-se, de cabeça para baixo, e iniciou o balanço forte e alto, levando-se até aos limites que o trapézio era capaz de aguentar.

Nos limites extremos das possibilidades... Pensamentos cruzavam-lhe o espírito e desapareciam sem deixar rasto. Numa curiosa imagem invertida, viu Mário lançar-se no trapézio, arquear o corpo, como uma seta — alto, forte e recto. Sentiu-se a si próprio contrair os músculos do peito, flectindo as coxas para acelerar o seu próprio ritmo. Enquanto Mário recuava, afastando-se, sentiu que mudava ligeiramente a sua posição para desacelerar muito ligeiramente o seu próprio balanço, e mais uma vez os dois trapézios se arquearam muito rápidos na direcção um do outro e Mário subiu, mais alto, passando por ele, cada vez mais para cima. Não podia ver Mário quando os trapézios desceram, mas o cronómetro ritmado dos trapézios continuava dentro de si. Quando o trapézio base atingiu o seu ponto de recuo máximo, ele susteve a respiração e estendeu as mãos prontas, para quando o trapézio o lançasse em frente... É agora. Arqueou as costas, sabendo sem o ver que Mário saíra da barra e girava no ar.

Alguns, na sua visão periférica, numa imagem desfocada, Tommy viu-o girar, e mais uma vez... desenrolou-se, endireitando-se e os pulsos tocaram-se, deslizaram ligeiramente e voltaram a prender-se enquanto o recuo do trapézio absorvia algum do impacte.



Sentiu a tensão tremenda nos pulsos, nos ombros, nos braços... sentiu Mário flectindo-se instintivamente para o aliviar de parte da tensão. Tommy, encharcado em suor, percebeu que já estava a respirar de novo, e agora já tinha tempo para ter medo.

Disse num murmúrio rouco para Mário, suspenso por baixo de si:

— Tudo bem?

A voz de Mário, brusca, numa concentração demasiado forte para sentir alívio ou para exultar, disse:

— Sim... Cuidado! — Largou-se, caiu na rede enrolando-se enquanto caía, aterrando num ressalto perfeito e, mesmo nessa altura suficientemente alerta para dizer a Stella: — Está tudo bem, tudo bem...

Mesmo antes de Mário ter tempo para se pôr de pé, já Tommy mergulhava a seu lado na rede.

— Que foi que aconteceu? Estás bem?

— Claro — disse Mário apoiando-o automaticamente com uma mão sem ter consciência do que fazia. — Estou óptimo.

Só que já não me lembrava da tensão horrível que isto é no meu pulso doente. Quando eu fazia o triplo regularmente costumava manter o pulso sempre ligado, lembraste? Perdi o hábito enquanto estive parado. — E depois, subitamente, um sorriso nasceu-lhe nos olhos e inundou-lhe o rosto. — Ei — murmurou, incrédulo -, consegui, Lucky! Consegui voltar a fazê-lo!

Tommy apetecia-lhe chorar e rir ao mesmo tempo. Não fez nem uma coisa nem outra. A sua voz soou casual.

— Claro. Eu sabia que o farias.

Stella já estava no chão quando saíram da rede. Lançou os braços exuberantemente ao pescoço de Mário.

— Conquistaste, conquistaste! Oh, Matt, estou tão contente!

Estou tão contente que me apetece chorar!

Ele beijou-a ao de leve na testa.

— Bem, não chores para cima de mim — disse, rindo-se. — Já estou encharcado que chegue. Uau! Quase que me tinha esquecido desta sensação! Parece que os Santellis Voadores estão mesmo de volta!

— Isto merece ser celebrado! — gritou Stella. — Vou lá acima dizer à Lúcia. — E foi-se embora, os pequenos pés voando pela escada acima.

— Anda, Matt, veste a tua camisola. Estás encharcado em suor — disse Tommy bruscamente e foi para o vestiário agarrando numa toalha.

Passados instantes ouviu Mário por trás de si. Depois ele aproximou-se, pôs-lhe as mãos nos ombros e virou-o. Os seus olhos estavam praticamente ao mesmo nível.

— Tom, pensas que eu consigo deixar isto ficar assim?

Pensas que eu não sei o que estavas a fazer?

— Olha, Matt... — lutou para encontrar palavras que justificassem o que tinha feito. Ele tomara a iniciativa que fizera com que o triplo parecesse quase um anticlímax. Mas não encontrava as palavras para o exprimir. Nunca as encontraria.

Mário, olhando-o, percebeu isso mesmo e pôs subitamente os braços em volta de Tommy, como não voltara a fazer desde os seus primeiros tempos de amantes e beijou-o com força na boca. Disse, com a voz a tremer, "Amo-te, Tommy" e saiu rapidamente da sala e subiu as escadas.

Àquele dia auspicioso seguiu-se um outro bem mais difícil.

No início da tarde, Stella tinha de ir falar com a Madre Superiora do convento onde Tessa ia à escola, e onde Suzy começaria a frequentar o jardim infantil no Outono seguinte. Mário e Tommy tiveram de treinar sozinhos, e aquele provou ser um daqueles dias em que tudo sai mal. Enquanto subia pela corda, Mário, sem saber como, bateu com o pulso doente com uma força tal na plataforma que ficou agarrado à corda durante vários minutos, pálido de dor, antes de poder continuar. A necessidade de poupar o pulso fê-lo desequilibrar-se duas ou três vezes. Finalmente acabou por descer do aparelho e ir ligá-lo com maior firmeza, depois do que as coisas correram um pouco melhor. Mas falhou a primeira tentativa de triplo, insistiu numa segunda tentativa e caiu mal na rede, arrançando maneira de, sem perceber porquê, bater com a cara no joelho. Ficou tão contundido com a pancada que ficou atordoado na

rede, fazendo com que Tommy descesse subitamente em pânico, com medo que ele se tivesse magoado gravemente.

Tommy teve de ir buscar amoníaco ao vestiário para o reanimar, mas uma inspeção cuidadosa dos estragos não revelou mais que um nariz ensanguentado e um olho a ficar negro.

— É melhor ficarmos por aqui. — Tommy foi buscar gelo à cozinha, embrulhou-o numa toalha, e encostou-o à cara inchada de Mário. — Tens a certeza de que o nariz não está partido?

— Não, se estivesse eu sentiria. Tenho uma veia que se rompe de cada vez que levo uma pancada. Quando era miúdo tinha hemorragias horríveis. — Desviou a toalha com o gelo e riu-se. — Recordo-me da última vez que isto aconteceu. Nessa altura estávamos no Lambeth e tu atiraste comigo do trapézio base abaixo. Lembras-te?

— Lembro. — Num súbito impulso de ternura Tommy curvou-se e beijou-o. Mário estendeu os braços e puxou-o para si.

Ficaram assim durante um ou dois minutos recordando uma dúzia de quedas partilhadas, momentos em que se tinham sentido muito próximos. Depois Mário deu uma gargalhada, enfiou um cubo de gelo pela camisola de Tommy e começaram a empurrar-se e a bater-se como se fossem dois adolescentes.

De repente Mário parou e ficou calado durante alguns instantes.

— Tom, ouviste alguma coisa? Ouviste a porta abrir-se e fechar-se há uns minutos atrás?

— Não ouvi nada. — Tommy olhou para o relógio. — O Angelo ainda não deve ter chegado a casa e os miúdos estão na escola. Não acho que... achas que podia ter sido um vagabundo, ou coisa assim?

A expressão de Mário era grave.

— Não é nisso que eu estou a pensar. Suponho que ninguém podia ter visto nada de mais, nada que fizesse levantar suspeitas, mas... Ora, não importa.

Mas Tommy sentia-se apreensivo quando subiu para ir trocar de roupa. Mário fora à cozinha buscar mais gelo. Tommy estava a abotoar a camisa quando o puxador da porta girou. Pensando tratar-se de Mário, destrancou a porta.

— Que ideia é esta? — perguntou Angelo através da porta fechada. — Nesta casa ninguém tranca as portas!

— Também nunca ninguém bate antes de entrar — disse Tommy amigavelmente -, e eu tenho certas objecções quanto à Lúcia ou à Tessa apanharem-me em fralda de camisa.

— Onde está o Matt?

— Lá em baixo, a pôr mais gelo na cara.

— Eu vi-te a pôr-lhe gelo, no vestiário — disse Angelo. — Como é que ele se aleijou?

— Caiu mal na rede e bateu com a cara num joelho.

Teve uma hemorragia no nariz e vai ficar com um lindo olho negro.

Tommy fez sinal a Angelo que se sentasse numa cadeira e sentou-se aos pés da cama empurrando umas calças de ginástica sujas com o pé para debaixo da cama.

— Quer um cigarro?

— Prefiro os meus, obrigado. Essas coisas que tu e o Mário fumam sabem a reбуçados para a tosse — Angelo sorriu-lhe pouco à-vontade. — Lembras-te do dia em que te ofereci um cigarro e tu me deste um sermão explicando-me todas as razões por que um atleta não devia fumar?

Tommy também se riu.

— Meu Deus, que miúdo convencido que eu devia ser nesses tempos.

Passados instantes Angelo disse:

— Tom, ficámos todos contentíssimos quando te decidiste a juntar-te novamente ao Matt. É maravilhosa a forma como o puseste outra vez na linha. Ele era um miúdo tramado, sabes... meteu-se em sarilhos e foi expulso da Universidade.

Tommy tentou acender o isqueiro várias vezes, mas quando este finalmente fez chama, inclinou-se para a frente e apagou-a com um sopro.

— Ele contou-me essa história toda, Angelo.

— Pergunto-me — disse Angelo franzindo o sobrolho -, até onde é que ele te contou. E agora és o base dele. Tom, afinal o que é que tens enterrado nesta sociedade?

Tommy disse friamente:

— Nós dividimos tudo igualmente, tal como o Angelo fazia quando trabalhava connosco. Investi as minhas poupanças nos aparelhos novos, mas acaba por ser justo, porque ele é a grande atracção para o público.

— Eu não me estou a referir ao dinheiro, Tom. O que eu quero dizer é, quanto de ti próprio é que investiste nisto? Detestava ver-vos tornarem-se tão dependentes um do outro que... — Interrompeu-se e Tommy, com uma recordação dolorosa, percebeu que Angelo estava a andar cuidadosamente à volta daquilo de que queria realmente falar mas que lhe faltava a coragem.

Afinal o que é que ele terá visto? Que é que havia para ele ver? Nada, absolutamente nada, no entanto a Tommy apetecia-lhe gritar na cara do homem, Raios partam, Angelo, eu sei o que está a tentar saber, e a resposta é sim, e vá para o raio que o parta!

Mas o amor genuíno e o respeito que sentia pelo outro homem silenciaram-no. Finalmente disse:

— É claro que somos dependentes um do outro. Um voador e o seu base são-no sempre.

— Não estás a responder ao que eu te perguntei.

— Não, nem tenciono responder. Escute Angelo, não quero ser malcriado, mas o Angelo já não faz parte do número. Desistiu, quis que fosse assim, e agora tem a sua vida e nós temos a nossa. Não nos dirá respeito unicamente a nós, a mim e ao Matt, a forma como gerimos o nosso número?

— Tens razão — disse Angelo. — Não tenho nada a ver com isso. Mas tu próprio eras um voador bastante bom, e agora ele é a estrela e conseguiu que tu fosses o seu base. Detesto ver sacrificares-te...

— Sacrificar-me uma gaita! Sou o base do melhor voador que há. Tudo o que eu faço, faço porque quero fazer!

— Raios partam! — Angelo fechou o punho e deu um murro no braço da cadeira. — Porque não dizes a verdade, que é por...

— Faltou-lhe a voz, levantou-se e girou sobre si próprio, e por instantes Tommy pensou que ele sairia do quarto incapaz de terminar a frase. Tommy sabia que o que Angelo começara a dizer

fora: porque o amas. E se Angelo conseguisse perceber isso... com uma esperança súbita mas hesitante, Tommy abriu a boca para falar, mas Angelo virou-se para ele novamente e disse: — Olha, acho que te devo dizer isto. Não sei se o Matt alguma vez to disse ou não. Mas... mas conhecendo o Matt como conheço, talvez eu esteja a levar isto para o lado errado.

— Não me está a dizer nada que eu não saiba — disse Tommy. Ficou surpreendido por a sua voz estar tão firme. — Eu também tenho as minhas dúvidas, Angelo. Sabendo disso, conseguirá perceber por que razão as coisas são como são entre mim e o Matt?

— Eu tenho estado a tentar convencer-me a mim próprio que não percebo, ragazzo.

A velha expressão da sua infância enfraqueceu-lhe as defesas.

Angelo chamara-lhes assim a todos, indiscriminadamente, quando eram miúdos.

— Então tente perceber isto. Eu e o Matt... precisamos um do outro. Será realmente preciso que eu diga mais que isto, Angelo? Não podemos deixar as coisas por aqui?

Angelo corou até às raízes dos seus cabelos escuros. Apagou meticulosamente o cigarro num cinzeiro de porcelana com a forma do Estado da Califórnia, tentando encobrir o seu embaraço.

— Eu passo a vida a esquecer-me de como és miúdo, Tom.

Escuta, dois homens adultos não devem...

Perante o embaraço do outro homem, Tommy sentiu que também a sua cara escaldava.

— Angelo, por amor de Deus, eu estive quatro anos na tropa não tem de me explicar os factos da vida!

— É absolutamente óbvio que alguém tem de o fazer! — retorquiu Angelo. — Não, Tom, vais-me ouvir. Eu sei que tu tiveste uma grande paixoneta por ele quando eras miúdo. Pensei que quando crescesses isso te passaria. A maioria dos miúdos passa. Nunca tive grandes certezas acerca do Matt, mas depois ele arranjou uma rapariga decente, casou-se e teve uma filha. Eu não acreditei, nunca acreditei naquelas porcarias que o Coe Wayland andou a espalhar por aí. Eu próprio disse que o Coe Wayland era um bêbado com ideias porcas e uma grande dose de ressentimento.

Mesmo depois do que vi ainda há bocado lá em baixo...

O que é que ele poderia ter visto? Nada que não pudesse ser explicado. Tommy viu que se tinha esquecido de respirar e fê-lo.

— Bolas, isso... estávamos só na brincadeira — disse. Viu que o sobrolho franzido de Angelo se descontraía um pouco e percebeu que Angelo acreditaria naquilo que queria acreditar.

E tudo continuaria como sempre tinha acontecido durante anos, com base numa mentira... Com uma repulsa emocional tão grande que por instantes se sentiu fisicamente indisposto, sentiu que não conseguiria voltar a mentir a Angelo.

— Escute — disse -, lamento se isso o incomoda, Angelo.

Mas as coisas são assim entre mim e o Matt há muito tempo.

Uma vez tentou que eu lhe contasse porque é que nos tínhamos separado. Bem, foi porque fomos parar à lista negra. O Wayland viu qualquer coisa e deu com a língua nos dentes, e nós sabíamos que isso daria cabo do número, que atingiria a família, e isso era mais importante para o Matt do que qualquer outra coisa. O Lionel Fortunati disse que daria uma oportunidade ao Matt se nós nos separássemos. O Matt fez a escolha acertada, acho eu, só que acabou por não dar nada certo; quase deu cabo de nós dois. — A sua voz tinha-se erguido com a necessidade de que Angelo o compreendesse. — Durante todos aqueles anos, andando por aí na vadiagem... não faz ideia do que ele passou, e eu não tenho o direito de lhe contar. Há coisas que ele não me contou, coisas que acho que nem a um padre na confissão ele contaria! Quando eu o encontrei naquele espectaculozinho imundo do circuito da lama, no Texas... oh, raios, não posso falar nisso. Não consegue imaginar. — Engoliu em seco. — Acabou de dizer que eu o tinha metido na linha.

— Por esse preço, preferia que não o tivesses feito. Ele não o merece — disse Angelo, abanando a cabeça.

A ira corria através de Tommy como um tornado devastador.

Pôs-se de pé, a amargura jorrando de si como uma torrente.

— Não, preferiria ver-nos aos dois na sarjeta, não era? Tem ciúmes, raios o partam, Angelo. Tem ciúmes porque o Matt e eu temos qualquer coisa que o Angelo nunca teve! Para si voar era qualquer coisa que só fazia porque amava o seu pai, descobriu que

não conseguia trabalhar sem ele, não foi? Uma semana após ele ter morrido desistiu do número, mesmo a meio da temporada, deixou os Santellis Voadores à mercê do Coe Wayland para que ele nos fizesse em picadinho! Só porque não aguentava ver-nos a mim e ao Matt continuarmos a trabalhar juntos. Voando e amando-nos um ao outro...

O rosto de Angelo tinha uma palidez de morte.

— Cala-te — conseguiu dizer numa voz estrangulada. — Cala-te antes que te mate...

— Sim, por amor de Deus, calem-se os dois! — disse Mário.

Não havia forma de se saber há quanto tempo ele estava parado . à porta, agarrado à ombreira como se apenas esse apoio o mantivesse de pé. Continuava vestido com as calças de ginástica manchadas de suor, em tronco nu, com uma toalha lançada sobre os ombros. O olho negro dava ao seu rosto um aspecto assimétrico e apalhaçado. — Conseguiriam ouvir-vos nas instalações de Inverno do Starr!

— Eu culpo-me a mim próprio por toda esta porcaria desta trapalhada — disse Angelo virando-se para Mário. — Por alguma vez ter pensado que te podíamos confiar um miúdo, seu... seu anormal desprezível, sua bicha porca!

Mário entrou no quarto.

— Se vai começar com esse tipo de linguagem, então é melhor não ter a família inteira a assistir — disse. Fechou a porta e trancou-a. Angelo observou-o em silêncio.

— Agora vejo qual o objectivo das fechaduras — disse. — Suponho que deveria admirar a vossa discrição. Melhoraste, se é que a expressão se aplica, desde que os polícias te apanharam em São Francisco a molestar um miúdo de dezasseis anos.

A cara inchada de Mário contorceu-se.

— Apenas para nos mantermos fiéis aos factos, pode acrescentar que eu acabara de fazer dezassete anos quando cometi esse crime. Fim de citação.

— Estás a referir-te à última vez que foste apanhado.

Mário levou uma mão à cara magoada e riu-se, e Angelo disse:

— Sim, é muito engraçado.



— Não deveria ser tão engraçado, mas como eu tinha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, acabaria por contar tudo ao Tommy, fiz questão de ser eu a contar-lhe primeiro, há já muito tempo.

— E depois disso ele continuou a querer ser o teu amiguinho?

— Suponho que ele apenas se limitou a aprender mais qualquer coisa com o Papa Tony do que a forma de montar um cabo num aparelho. Uma coisa a que se chama viver e deixar viver. E é uma grande pena que o Papa Tony nunca lhe tenha conseguido ensinar isso a si!

— Não metas o Papa Tony nisto — explodiu Angelo. — Ele era demasiado tolerante para o seu próprio bem! Ele devia ter-me deixado dar-te um ensaio de pancada daquela vez, como eu queria fazer!

Mário olhou-o com um sorriso tímido e embaraçado.

— Acha mesmo que isso teria mudado alguma coisa, Angelo?

— Era pelo menos capaz de te ter ensinado que há coisas em relação às quais não se sai impune — disse Angelo. — E quando penso na forma como te confiámos Tommy....

— Raios, Angelo... — começou Tommy, mas Mário fez-lhe sinal para que se calasse.

— Não, Tom, isto é comigo. Angelo, se acha que eu corrompi o Tommy, nada que eu possa dizer o vai fazer mudar de ideias. Embora se dezasseis anos de vida com os pais não fizeram dele heterossexual, não vejo como é que um par de temporadas comigo na estrada o puderam fazer homossexual, sem mais nem menos. E ele passou quatro anos na tropa, longe da minha suposta má influência. Angelo, por amor de Deus, será que uma coisa assim faria de si homossexual?

Angelo disse, com um sorriso desdenhoso:

— A única bicha que alguma vez me pôs a mão em cima perdeu três dentes, podes acreditar no que te digo!

— Bem, então aí tem — Mário encolheu os ombros. — Tom tinha mais que idade para me mandar para o Inferno, e tê-lo-ia feito se fosse isso que ele queria. Eu e o Tom somos parceiros.

E quanto ao resto, Angelo, não vejo que isso seja da sua conta.

— Diz respeito a toda a gente! O Tom não passa de um miúdo...

— Escute Angelo, gaita para isso — interrompeu-o Tommy. — Fala como se a culpa fosse toda do Matt. Como se eu não tivesse tido nada a ver com isso. Não aconteceu nada que eu não quisesse que tivesse acontecido. — Engoliu em seco, recordando-se das palavras que lançara à cara de Mário no seu desespero infantil:

Se sou suficientemente crescido para arriscar o meu pescoço contigo no trapézio voador, também tenho idade suficiente para decidir com quem durmo. — Se fizer uma proposta a uma mulher e ela se recusar, viola-a, ou coisa do género? Eu sabia o que estava a fazer...

Angelo franziu a cara com repulsa e horror.

— Por amor de Deus, poupa-me os detalhes!

— Foi o Angelo quem tocou no assunto — disse Tommy avançando, zangado, na sua direcção. Viu, com um espanto distanciado, que o homem mais velho recuava. Não fazia ideia de como parecia enorme, com os ombros muito largos, zangado e erguendo-se cheio de fúria sobre Angelo, mas pela primeira vez tomou consciência de que era, de facto, mais forte que a maioria das pessoas. Era mais forte que Mário, e era mais forte que Angelo, que sempre lhe parecera imenso, adulto e invulnerável.

Angelo agarrou no cinzeiro de porcelana e sentou-se girando-o nas mãos. Disse:

— Matt, esta é uma casa decente. Vivem aqui crianças.

— Sempre foi, desde que me lembro. E agora uma das crianças é a minha. E depois?

— Eu vi-te com o Tommy. Na sala de treinos...

Mário deu uma gargalhada frouxa.

— Oh, Angelo, que idiota! Foi por isso que armou toda esta confusão? De todas as razões possíveis... olhe, todos nós em miúdos nos costumávamos beijar. Não viu o Johnny agarrar-me no outro dia, quando eu entrei? Deus Todo-poderoso, Angelo, quantas vezes é que nós os dois...

O rosto de Angelo contorceu-se.

— Acho melhor não me recordares isso neste momento!

— Mas, raios, Angelo, é mesmo essa a questão! Eu não sou diferente do que sempre fui. Sou a mesma pessoa que conhece desde que, bem, desde que eu nasci!

Angelo abanou a cabeça num pequeno gesto de negação.

Tommy estava a recordar-se do tempo em que Angelo o agarrara 766 MARION ZIMMER BRADLEY ao colo, sem quaisquer problemas, e o levava como a uma criança do consultório do médico, nas mesmas circunstâncias em que Mário, consciente e cheio de sentimentos de culpa, lhe recusara um braço para se apoiar. E Angelo beijara-o, meia dúzia de vezes, em público. Coisa que Mário nunca fizera. Tinham sido sempre tão cuidadosos, tão circunspectos.

Fomos tão bons a mentir. Durante tanto tempo.

Angelo disse, voltando a abanar a cabeça com perturbação: Quem me dera que não tornasses isto mais difícil para mim, Matt. Vais ter de me dar a tua palavra de que não haverá nada dessas coisas debaixo deste tecto, ou terei de pedir ao Tommy para procurar outro sítio para viver.

Tommy disse:

— Espere aí... — mas Mário avançou zangado na direcção de Angelo.

— Que quer dizer com isso... a minha palavra? Se se está a referir a não deixar que o Clay nos apanhe na cama, ou a não fazer avanços aos miúdos lá em baixo na sala de treinos, isso é um insulto e é melhor retirar já o que disse antes que eu lhe enfie os dentes por essa boca porca abaixo! É tão provável isso acontecer como o tio levar a Tessa a ver uma sessão de strip-tease da próxima vez que for a uma casa de putas! Quanto às nossas vidas privadas, de que raio está à espera? Quer que passemos a ter quartos separados ou quê?

Angelo virou-se e desviou rapidamente o olhar. Era perfeitamente óbvio que só havia uma cama no quarto que partilhavam há já tanto tempo. Disse sem saber para onde olhar:

— Bem, isso seria um bom começo.

— Está doido? Vai-nos fechar no quarto à noite e patrulhar os corredores? Ou quer que nós vamos para a rua à procura de um beco escuro?

O pescoço de Angelo parecia transbordar do colarinho, e o rosto estava escuro de tão congestionado.

— Temos de entrar nesses detalhes? Vocês sabem o que eu quero dizer.

— Não, não sei. Não consigo perceber se é estúpido, perverso ou apenas ingénuo. Porque é que não se limita a ficar satisfeito com o facto de eu e o Tommy sermos suficientemente crescidos e espertos para sabermos ser discretos e deixar as coisas por aí? — Angelo fez uma careta de repugnância mas Mário não lhe deu tempo para falar.

— Já é altura de perceber uns quantos factos, Angelo. Primei... se o Tommy sair, eu também saio. Isso é óbvio. Ele é o meu parceiro. Se o vai pôr fora, então ponha-me a mim também, e esqueça que eu existo. E pode ficar com a tarefa de explicar ao Johnny e à Stella, e ao resto da família, que os Santellis Voadores estão mortos, e que mais uma vez foi o tio quem os matou, como quase fez da última vez!

— Matt, isso não é justo...

— Justo uma gaita — disse Mário e Tommy viu que ele se estava a excitar e que iria ter um dos seus velhos ataques de fúria.

— E está a ser justo comigo e com o Tommy? Ou acha que lá por sermos homossexuais não merecemos ser tratados com justiça, como os outros seres humanos? Segundo facto. Legalmente, um terço desta casa é minha.

— Miúdo, ninguém está a discutir...

— Estava sim. Estava a falar em pôr o meu parceiro fora da minha casa. As coisas estavam arrançadas de maneira que a casa não pudesse ser vendida enquanto a Nonna fosse viva, eu sei. Mas agora ela já morreu, Deus tenha em paz a sua alma, e isso acabou-se. Por isso já é altura de parar para pensar. Pelo que eu percebi, o Angelo, o Papa e o Joe compraram esta casa em partes iguais nos anos trinta. E no testamento o Papa deixou-me a parte dele, ou não sabia disso? Porque ele sabia que eu cuidaria sempre da Lúcia. A Liss estava casada e o Johnny... ele nessa altura achava que não podia confiar no Johnny. Por isso tenho um terço desta casa. Suponho que não conseguiria comprar as vossas partes a pronto,

mas tendo em consideração que sou proprietário de um terço da casa, provavelmente conseguiria o financiamento. E é o que farei se tiver que ser. Ou quer arranjar o financiamento e comprar a minha parte?

Tommy, que ficara em silêncio porque estava demasiado espantado para falar, conseguiu recuperar finalmente a voz.

— Não, Matt. Não, Angelo. Isso não é necessário... eu posso arranjar outro sítio para viver...

— Não sem mim. Isto não é uma questão pessoal, Tom.

Isto é uma questão de negócios. Somos parceiros, e a casa, o aparelho de trapézio, se o Angelo me conseguir pôr fora da casa, provavelmente também me conseguirá impedir de usar o nome da família, e isso é o meu ganha-pão! Raios, nem em caso de falência, um tribunal pode tirar a um homem o seu ganha-pão!

Angelo disse pesadamente:

— Matt, estás a fazer bluff.

— Raios partam, Angelo, se é isso o que acha, eu arranjo maneira de trazer cá um advogado amanhã de manhã e um agente imobiliário para avaliar a casa! Se quiser juntar-se com o Joe e comprar a minha parte, eu não arranjo problemas. Mas vai ter de explicar à Lúcia porque é que a casa, que albergou cinco gerações de Santellis, de repente não é suficientemente grande para albergar o filho dela e o parceiro...

— Não! — disse dolorosamente Angelo e começou a falar em italiano. — Dio! Achas que a família não tem nenhum significado para mim, rapaz? Tudo o que eu fiz... — Engoliu em seco, apertou os lábios e voltou deliberadamente a falar em inglês. — Nós sempre dissemos que qualquer pessoa que entre no número da família é da família. Não tenho o direito de te pôr na rua, e mesmo que tivesse, não desfaria o lar. Este foi o lar da Lúcia durante toda a sua vida, e ela é a única irmã que eu tenho. Mas que queres que eu faça, Matt? Queres que te diga que aprovo esta... esta... — Faltaram-lhe novamente as palavras.

— Eu não espero absolutamente nada, Angelo — disse Mário. — Escute, se só agora é que descobriu o que há entre mim e o Tom, isso não lhe diz nada? Pelo menos pode estar certo de que não

vamos acabar nas colunas de mexericos, nem provocar qualquer tipo de escândalo!

Angelo olhou para Tommy como se o visse pela primeira vez. Depois de uma pausa bastante prolongada disse:

— Afinal há quanto tempo é que isto dura, Tom? Não, Matt, cala-te... eu perguntei-lhe a ele e não a ti.

Fui eu quem nos meteu nisto. E agora vamos ter ambos de viver com isto. Por fim disse:

— Desde a primeira temporada que trabalhei como efectivo no número, no Lambeth. No ano em que fiz quinze anos.

Angelo ficou pregado ao chão.

— Gesú e Maria... Eu não pensei que fosses capaz...

Tommy pensou, Isso é tudo um monte de tretas. Há anos que ele tem andado à volta da questão, tentando descobrir qualquer coisa. Disse em voz alta:

— Pronto, agora já sabe, Angelo. Se eu não lhe disse antes, raios, não é porque tivesse vergonha disso, mas porque achei que não iria gostar. Como aliás aconteceu.

Depois de muito tempo Angelo disse, encolhendo pesadamente os ombros:

— Ebbene... muito bem, muito bem. Vocês agora já são os dois adultos. Lavo daqui as minhas mãos... — Encaminhou-se para a porta com passos pouco seguros. Depois virou-se e voltou para trás, passando por Tommy e indo direito a Mário.

Pôs as mãos nos ombros dele. — Não, rapaz — disse em italiano -, para mim não é possível... eu sou cristão, sou católico, não posso virar a cara e fingir que não vejo... tu és o filho da minha única irmã, és meu afilhado... — Abruptamente começou a falar em inglês. — Tenho responsabilidades. Matt, isto é um pecado mortal... sabes disso, não sabes? Eu... eu não sei o que te dizer. Se eu trazer cá o padre Benzini, falas com ele? Pelo menos falas com ele?

Mário disse em italiano o que é que o padre Benzini podia fazer — mas fê-lo com uma frase demasiado idiomática para que Tommy percebesse — e depois calou-se. Angelo olhava-o como se ele lhe tivesse batido na cara.

— Lamento, Angelo. Não. Diga ao padre que poupe tempo e energia. Eu não sou um pecador arrependido. Nem sequer acho que seja um pecador.

— Foi então por isso que não te confessaste na Páscoa passada...

— Foi. Eu sei que a porcaria da sua Igreja diz que é um pecado mortal. Mas também seria um pecado mortal se eu dissesse que tinha o firme propósito de me emendar, porque não tenho. Tentei isso uma vez e sabe muito bem como essa história acabou.

— Matt, sabes que isto mataria a Lúcia...

— O que a Lu não sabe não lhe pode fazer mal. A não ser que ache que a salvação da sua alma depende de lhe dizer.

Angelo fez um gesto horrorizado.

— Como é que eu poderia dizer tal coisa a uma mulher à minha irmã? Mas como é que a Lúcia se vai sentir quando souber que não estás nas graças da Igreja...

— Se ela não souber disso então é mais tonta do que aquilo que eu pensava. Eu divorciei-me da Sue-Lynn, ou não foi? .

A sua expressão estava fechada.

Angelo disse por fim:

— Ebbene... não digo mais nada. Lavo daqui as minhas mãos.

— Lançou-lhes um olhar de fria repugnância. — Fico apenas satisfeito por o Papa não ter vivido o suficiente para assistir a isto. Ele amava-os aos dois, e teria tido um enorme desgosto...

Subitamente Tommy sentiu-se novamente zangado, com uma fúria imparável.

— Não tem resquícios de decência, pois não, Angelo? E porque razão acha que ele não sabia?

— Eu sei como o meu pai...

— Sabe uma merda — atirou-lhe Tommy, com uma fúria tal que se sentia capaz de torcer o pescoço de Angelo. — O Papa Tony sabia, sim senhor! Não sei se aprovava se não, nunca mo disse, mas poderia ter posto um fim à situação em qualquer altura que desejasse, bastava-lhe não renovar o meu contrato, e, fosse como fosse, podia ter-nos impedido de partilhar o mesmo quarto!

— Não acredito nisso!

Mário virou-se violentamente, a cara contorcendo-se e com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, prefere pensar que nós somos os dois suficientemente rascas para mentir sobre isso! Atreve-se a atirar-me o Papa Tony à cara, seu filha da mãe piedoso? Se nos quer fazer um sermão, eu faço-lhe um a si também, aquele sobre quem não tem pecado que atire a primeira pedra. Quando é que pára de falar nisso de partir o coração ao Papa Tony? Eu teria preferido morrer a magoá-lo — disse com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto sem que ele as tentasse limpar. — Pensa que o amou nem que fosse um bocadinho mais do que eu? Ele era cem vezes o homem que o Angelo é... — Faltou-lhe a voz. — Saia daqui para fora, ou atiro-o pelas escadas abaixo, seu hipócrita de merda!

E se volta a mencionar o nome do Papa Tony nesse tom de voz, eu mato-o... mato-o só com as minhas mãos! Agora saia daqui para fora! Saia!

Angelo tentou abrir a porta, mas esta estava trancada.

Tommy levantou-se e destrancou-a, e Angelo saiu sem olhar para trás. Tommy fechou a porta nas suas costas. Mário lançara-se para cima da cama, estremecendo com soluços violentos e convulsos, como se o seu corpo elegante se fosse desfazer sob o efeito daquele desgosto terrível. Tommy desviou o olhar não querendo vê-lo chorar. Sabia que ele próprio tinha esperado insensatamente por um milagre. Amara e admirara tanto Angelo.

Esperara que este, ao saber do que se passava, compreendesse, que os continuasse a ver com os mesmos olhos.

Tommy pensava que tinha perdido todas as suas ilusões há muitos anos, mas enquanto estava ali, com a mão no puxador da porta, sentiu que mais uma ilusão estremecia e desabava.

O Angelo afinal não era um super-homem. Era um fanático preconceituoso e intolerante que conseguia ser estupidamente cruel relativamente a tudo o que fosse contra os seus preconceitos.

Era um fim terrível e amargo para uma boa amizade, e ele sabia que aquele fora o fim. Nunca soubera quão profundo era o afecto de Angelo até ao momento em que ele lho retirou, e ele sentiu-se como se as raízes dessa afeição lhe estivessem a ser



arrancadas desde as unhas dos pés. Mário continuava no seu choro convulso, embrulhado em cima da cama. Tommy foi sentar-se a seu lado sabendo que aquele era apenas o início da dor.

— Eu poderia ter aguentado tudo — disse Mário numa voz espessa — se ele não tivesse dito aquilo do Papa Tony. Oh, bolas, o meu nariz está a sangrar outra vez, estou a encher de sangue a porcaria do lençol. A Lúcia vai ter um ataque.

— Toma isto. Põe a cabeça para trás — disse Tommy. — Vou lá abaixo buscar mais gelo.

Mas Mário agarrou-o apertando-lhe a mão com força.

— Eu disse-o há muitos anos. Temos de nos tornar uma equipa tão boa que ninguém queira separar-nos, não importe o quê. E agora conseguimos isso mesmo, voltei a fazer o triplo... eu pensei que nunca mais me sentiria tão bem. E agora aconteceu isto, agora que recuperámos o triplo. Tom, será que ele está mesmo com ciúmes? Estará ele suficientemente ciumento para nos querer destruir se não puder fazer parte disto que somos?

Fora isso o que ele próprio pensara. Preferiria ver-nos na sarjeta, Angelo, antes nos queria ver mortos do que ver-nos voar, amando o nosso trabalho e amando-nos um ao outro... Mas será verdade? Disse:

— Não sei, Matt. Juro por Deus que não sei.

— Agora é tudo o que temos, Lucky.

Tommy disse com amargura:

— Não te trouxe assim muita sorte, pois não?

Mário sentou-se e olhou para ele. Tinha a cara num estado miserável, o olho a ficar negro, a boca e o nariz sujos de sangue — Tu és toda a minha sorte — disse. — Talvez a má sorte seja melhor que sorte nenhuma.

## *Capítulo XIII*

Nenhum deles se sentia com coragem para enfrentar a família ao jantar. Nenhuma quantidade de gelo, água ou sabão, conseguiria fazer com que a cara de Mário ficasse minimamente apresentável, e Tommy percebeu que ele estava mais preocupado com os vestígios das lágrimas do que com as nódoas negras.

O próprio Tommy não sentia grande vontade de enfrentar a preocupação de Lúcia, a hostilidade de Angelo e as perguntas de toda a gente. Quando voltou à cozinha para devolver os tabuleiros do gelo, disse a Lúcia que iam à cidade jantar, e que só voltavam tarde.

Comeram num restaurante à beira da estrada e depois andaram às voltas com o carro e sem vontade de ir para casa.

Não falaram daquilo que lhes ocupava o espírito. Não disseram grande coisa um ao outro. Tommy sentiu um certo alívio em acelerar o carro na auto-estrada. Mário, consciente de como ele se sentia, não protestou, mas por fim disse, em tom apologético:

"Olha, miúdo, só o que nos faltava agora era acabar no tribunal de polícia por excesso de velocidade", e Tommy reduziu relutantemente a velocidade para os limites legais, sem ter conseguido libertar toda a sua tensão. Por fim, acabaram por ir ao pequeno bar escuro onde Bart os tinha levado no dia do seu primeiro encontro. Tommy nunca ultrapassara a sua repulsa pelos locais frequentados pelo submundo homossexual e disse-o. Mas Mário retorquiu amargamente: "E onde mais é que podemos ir?" Era verdade; não havia praticamente mais sítio nenhum onde ele e Mário pudessem ir juntos sem o medo permanente de que uma palavra mais descuidada, ou algum gesto impensado os traísse.

E por mais discretos que fossem, nos bares vulgares parte-se do princípio que um homem, ou homens, quando sozinhos, andavam à procura de companhia feminina. Dois homens satisfeitos com a companhia um do outro tornavam-se conspícuos.

Agora até a sua própria casa lhes estava vedada. Angelo tornaria cada vez mais difícil para eles o convívio com a família nos mesmos termos de sempre, e se se isolassem, isso também seria causa para suspeitas e problemas. Enquanto se sentavam numa mesa isolada a um canto, Mário disse: "Gostava de apanhar uma bebedeira até cair", e Tommy sentiu a primeira vaga ameaçadora das suas velhas fúrias autodestrutivas e cheias de sentimentos de culpa. Seria aquela a solução melhor e mais segura?

Deixar que Mário afogasse a sua angústia até cair no oblívio?

Eu poderia tomar conta dele, evitar que se metesse em sarilhos.

Mas era uma saída demasiado óbvia, e que facilmente se poderia tornar num hábito. Estava a recordar-se das estatísticas assustadoras que Bart lhe citara relativamente aos suicídios de homossexuais, estatísticas que estavam relacionadas de perto com álcool e drogas.

— Também vais deixar que o Angelo te faça isso?

— Bolas, acho que não — concordou Mário.

Ficaram sentados, a beber cerveja, lentamente. Depois das primeiras duas cervejas, Mário, dizendo que vomitaria se bebesse mais alguma daquela porcaria, começou a beber gasosa. Tommy respondeu-lhe que vomitaria ao primeiro copo daquela porcaria.

O bar, naquela noite de meio da semana, tinha pouca gente, com uns casais e alguns homens sozinhos, mas nenhum deles tentou meter conversa com Tommy e Mário. Ao voltar da casa de banho, Tommy reparou que o olho negro de Mário continuava a piorar, o sangue pisado a espalhar-se e a ficar mais escuro. Enquanto se sentava disse:

— Ficas com um ar muito desgraçado com esse olho, Matt.

Pareces um bandido, ou coisa do género.

O sorriso de Mário foi pouco mais que uma careta que lhe torceu a boca.

— Provavelmente vão pensar que tu te excitas a dar-me grandes sovas. — Algumas semanas antes Tommy não saberia ao que ele se estava a referir. Agora, que estava cada vez mais sofisticado, sentiu o calor que lhe fazia esaldar a cara e ficou

contente por o bar ser mal iluminado. Não queria que Mário o visse corar. Deu golinhos na cerveja, pensando de forma desordenada. Em duas ou três ocasiões Mário denotara uma crueldade irracional e inesperada e parecia, de facto, comprazer-se em infligir não dor, mas humilhação. Mário não era um sádico, mas Tommy perguntava-se agora, por vezes, se ele não teria algumas inclinações nesse sentido, a que se juntavam as suas espirais de culpa e depressão. Não era nada de que pudessem falar, e deixou aquilo ficar por ali.

No carro, a caminho de casa, Mário disse:

— Olha, vamos ter de conversar um bocado sobre isto.

O Angelo não vai fazer nada no imediato. Eu desmascarei-lhe as intenções, não vai vender a casa assim sem mais nem menos. Mas não podemos estar certos de que essa seja a sua única arma. Ele não é como o Johnny, ou como o Papa Tony.

Ele guarda ressentimentos.

Poderia ser apenas coincidência que Angelo tivesse adiado o seu ataque até à altura em que Mário, seguro por saber que Tommy seria o seu base, tinha recuperado o triplo e a sua antiga confiança? As suspeitas de Angelo existiam já há muito tempo; o facto de saberem que Angelo os olhara com suspeita tinha-os feito ser tão furtivos na sua primeira temporada juntos, que isso quase os destruíra aos dois. Haveria, afinal, um elemento de verdadeiro ciúme na cena que ele lhes fizera?

Tommy levantou a questão e Mário disse:

— Não percebo como é que poderia ser isso. Eu implorei-lhe que ele voltasse para o número um monte de vezes.

Raios, eu... eu amo o tipo, ele criou-me. E eu implorei-lhe que continuasse comigo. Porque raio é que ele agora havia de ter ciúmes?

Mas atrever-se-ia Angelo a aceitar aquele tipo de amor? Seria então o seu ciúme totalmente inconsciente, nunca admitido nem perante si próprio? Isso era ainda muito pior. Se Angelo soubesse que a sua raiva tinha por base o ciúme, era bem capaz de ter vergonha de arranjar problemas — mas se ele se convencera firmemente de que a perturbação que sentia era uma mais que justa

indignação moral, não haveria fim para a quantidade de sarilhos que poderia arranjar.

Tommy disse por fim:

— Para quê arranjar sarilhos? Não vejo o que o Angelo possa fazer. A não ser que nos queira mandar prender por atentado ao pudor, ou coisa assim. E não me parece que ele queira fazer a Lúcia passar por isso.

O pior momento para Tommy foi quando, na manhã seguinte desceu bem cedo e encontrou Angelo a tomar o pequeno-almoço com Lúcia e Tessa. Lúcia deu-lhe amigavelmente os bons-dias e passados momentos Angelo imitou-a. A Tommy aquilo perturbava mais que qualquer outra coisa, a necessidade de, por Lúcia preservar as aparências. Perguntou-se o que o levaria a agir daquela forma — Lúcia não era sua mãe, não lhe devia aquele tipo de atenção. Depois apercebeu-se de que, desde que Papa Tony definira qual o seu lugar na família, Lúcia nunca deixara de o acolher de boa vontade. Através do seu compromisso com Mário, ele aceitara também certas responsabilidades familiares e esta era uma delas. Murmurou:

— Bom dia, Lúcia, Angelo — e foi à cozinha buscar café.

Stella entrou com Suzy, desdobrou o guardanapo da menina e enfiou-o na gola do seu vestido. Depois perguntou:

— Onde é que vocês os dois se meteram na noite passada?

Eu e o Johnny esperámos a pé até depois das duas da manhã. Precisávamos de falar convosco!

— Fomos à cidade beber um copo — disse Tommy. Espalhou manteiga na torrada franzindo o sobrolho. Angelo dissera que não falaria naquele assunto a Lúcia, mas sentir-se-ia ele moralmente obrigado a informar Johnny e Stella, e se fosse esse o caso faria isso alguma diferença? Mas Stella, afastando com firmeza o açucareiro antes que Suzy pudesse espalhar uma segunda colher de açúcar nos cereais, sorriu-lhe amigavelmente como de costume.

— Acabámos por decidir que vocês os dois tinham ido passar a noite na farra e fomo-nos deitar. Mas ele tem de falar convosco esta manhã impreterivelmente, e tem de ser antes das dez horas. Diz bom dia à avó, Suzy.

— Bom dia, nonna Lulu. Bom dia, tio Angelo. Bom dia, tio Tommy. Bom dia...

— Já chega, Suzy — disse Stella firmemente.

— Mas eu ainda não disse bom dia à Tessa...

— Come os cereais, Suzy, nós já percebemos o que queres dizer. Lúcia, há um produtor no Texas...

— Bom dia, Babbo — guinchou Suzy, e mesmo antes de erguer os olhos do seu prato, a exclamação chocada de Lúcia deu a entender a Tommy que Mário entrara e que o seu olho e a sua cara tinham atingido todas as tonalidades do arco-íris.

— Madre di... Matt, como é que arranjaste isso?

— Caí mal na rede, Lu. Não se preocupe.

— Babbo, alguém te deu um murro? Bateste com a cara numa porta? A mamã diz que as pessoas dizem sempre isso quando têm um olho negro. Mas ela diz que geralmente isso quer dizer que bateram foi num punho. Como é que alguém pode bater num punho? Um punho está cá em baixo e não lá em cima ao pé do olho.

— Quando se diz que se foi de encontro a um punho, Suzy, isso quer dizer que se levou um murro. Mas não, ninguém me bateu. Caí mal na rede e bati com a cara num joelho.

— Isso foi um raio de uma estupidez — disse Suzy e desviou imediatamente a atenção de Lúcia da cara do filho para a linguagem da neta.

— Susan Elissa Gardner! Pronto, agora já viram o que acontece quando vocês, os homens, não tomam atenção ao que dizem. Não te atrevas a rir-te dela, Tessa! Se ela pensar que tu achas engraçado...

— Bem, a minha mamã diz essas coisas — argumentou Suzy.  
— Ela disse-o quando o Babbo...

— Isso não interessa, Suzy — disse Stella.

Angelo comentou:

— Se ela nunca disser nada pior que isso, Lúcia, estaremos com muita sorte. Tessa, é melhor ires buscar a pasta e a boina.

Hoje és capaz de ter de vir para casa de autocarro, eu devo ter de ficar até mais tarde no estúdio.

— Detesto que ela venha para casa de autocarro — disse Lúcia com preocupação. — Nunca se sabe o que poderá acontecer.

A Stella não a pode ir buscar, ou o Matt? Aquela parte da cidade já não é o que era quando a Liss andava lá na escola.

— Eu vou buscá-la — disse Mário.

— Então esperas por Matt do lado de dentro dos portões da escola, Tessa... não fiques parada à esquina. Ainda não estás pronta?

— É só um minuto, papá. Tenho uma das tranças desfeitas.

Pode arranjar-ma, Lulu? ( Lúcia franziu o sobrolho olhando para a extremidade da trança.

— O elástico está mal preso... não, está rebentado, Tessa Vai lá acima ao meu quarto, vá, corre, estão lá alguns elásticos no tabuleiro em cima da cómoda.

— Por amor de Deus — explodiu Angelo -, não podes ir sem isso?

— Apanho repreensões se não for bem arranjada — disse Tessa amuada -, e a Irmã Mary Verónica fica zangada connosco.

— Saiu a correr da sala gritando: — É só um minuto — e esbarrou com toda a força em Johnny que vinha a entrar a porta.

Ele contornou-a enquanto ela continuava a correr.

— É bom ouvir a Tessa a fazer algum barulho, para variar — comentou ele com um sorriso bem-humorado. — Ela costuma vaguear silenciosamente pela casa, mais parece uma postulante de um convento! Parece-me que a Suzy lhe está a fazer bem.

Ei, o que é que aconteceu à tua cara, Matt? Escuta, andei à tua procura ontem à noite. E agora tive de me arrancar da cama a estas horas horríveis porque tenho de mandar um telegrama a um tipo antes das dez da manhã, sem falta. Há um grande produtor de Dallas que está a montar um espectáculo enorme, um espectáculo circense para crianças deficientes, e viu os Sonhos Voadores na televisão. Quer que façamos um espectáculo ao vivo para a televisão, e falar sobre o circo às crianças. É tudo em directo. Estás de acordo, Matt?

— Bolas, eu não sei falar na televisão!

— Sou eu quem vai falar quase tudo — disse Johnny. — Tu limitas-te a ficar ali sentado a mostrar o teu bom aspecto.

— Com a cara neste estado? E também não me apetece lá muito passar dezoito horas num comboio até Dallas!

— Esqueci-me de te dizer — disse Johnny -, mas pagam-nos as despesas, incluindo os bilhetes de avião, aí uns duzentos dólares por cada um de nós. E podíamos aproveitar a publicidade toda que uma coisa dessas nos daria.

Mário olhou de relance para Tommy.

— Que é que achas disto?

— Eu sempre quis voar num desses grandes aviões transcontinentais.

Vamos.

— Pronto, Jock, vamos contigo. Mas espero bem que por essa altura a minha cara já esteja outra vez de uma cor só — disse Mário.

— Deve estar — disse Johnny recusando com um gesto o café que Lúcia fez menção de lhe deitar na chávena. — Não, não, Lu, eu depois como a uma hora mais civilizada. Tenho de ir telefonar ao tipo. É ele quem vai tratar das nossas reservas no hotel. Que é que eu lhe digo, Stel? Um quarto para nós e podem lá pôr uma cama aqui para a fofinha — acrescentou despenteando o cabelo de Suzy. — E vocês os dois podem partilhar um quarto, não é, Matt? Partilham sempre.

Tommy viu de relance a expressão de Angelo e empurrou a cadeira. Por instantes pensou que Angelo ia fazer um comentário e decidiu que, se ele se atrevesse, lhe torceria o pescoço.

Mas Lúcia falou antes que Angelo abrisse a boca.

— Não vão levar a Suzy convosco, pois não? Com a idade dela? Para que é que ela tem de ser arrastada de um lado para o outro...

— A mim nem me passa pela cabeça deixá-la — disse Stella. — Queres andar de avião, não queres, Suzy?

— Tenho de me ir embora — disse Angelo dirigindo-se para a porta. Gritou para o cimo das escadas: — Tessa! Teresa Santelli, vem imediatamente para baixo!

— Já vou, papá, mas deixe a Lúcia arranjar-me primeiro a trança, está bem? — Tessa entrou sorrateiramente na sala curvando-



se para que Lúcia lhe prendesse o cabelo com o elástico.

— Se não estiveres dentro do carro quando eu tiver ligado o motor, podes ir de autocarro — disse Angelo e bateu com a porta da rua.

Tessa soltou a trança das mãos de Lúcia e correu atrás dele com o elástico na mão e Lúcia murmurou:

— Que é que terá dado ao Angelo?

Tommy não disse nada. Mas pensou que até era capaz de adivinhar o que fora.

Johnny passou a maior parte da manhã ao telefone, e perto do meio-dia foi levantar o dinheiro que ia ser enviado para os bilhetes de avião. Pouco depois Lúcia chamou Mário ao telefone.

— É o Jím Fortunati. Diz que passou a manhã a tentar entrar em contacto contigo. Mário foi ao telefone. Voltou passados alguns minutos dizendo:

— Tommy, é desta. O Jim quer que vamos às instalações de Inverno assinar um contrato para esta temporada com o Starr.

Temos de nos decidir.

— Bem — disse Tommy -, não é isso ou nada? Há o Starr e uma meia dúzia de pequenos circos a actuar em tendas aí pela província. Não vejo que tenhamos outra hipótese. — Sorriu.

— Para já não mencionar que o teu lugar é mesmo lá, no Grande Espectáculo.

Mário olhou para o relógio que estava no átrio.

— Temos tempo à justa para irmos antes de ir buscar a Tessa. Podemos apanhá-la na volta.

A viagem levou pouco mais de uma hora. Quando chegaram ao portão das instalações de Inverno ficaram a olhar, pois às pequenas tendas de treino sobrepunha-se agora uma enorme tenda, a Tenda Grande que já não se via em circo nenhum, qualquer que fosse a sua dimensão.

— Que raio... — disse Mário enquanto estacionavam o carro no parque de estacionamento para os visitantes. — Será que eles vão voltar a actuar na tenda depois destes anos todos?

Mas quando chegaram ao escritório do circo, ao pequeno atrelado prateado a partir do qual Randy Starr geria o espectáculo —

era um atrelado muito antigo de que Mário dizia recordar-se desde os tempos em que Lúcia andara na estrada com o Starr, quando ele era ainda criança -, Jim Fortunati que os esperava com Randy Starr disse:

— Oh, a Tenda Grande é para o filme sobre o Parrish. Vão fazer grande parte das filmagens aqui nas instalações de Inverno.

Pensei que soubesses disso, pensei que eras tu quem ia dobrar as cenas de trapézio.

— Ainda não assinámos nada — disse Mário.

— Não? Bem. Eu estou a trabalhar como trapezista consultor para as questões do circo, e eles disseram-me que os iam contratar a vocês. Na verdade eu até lhes disse que não havia mais ninguém que valesse a pena. Tu ainda fazes o triplo, suponho?

— Oh, sim. Isso não tem problema.

— Então quer dizer que arranjaste um base? Quem é?

— Lembras-te do Tommy — disse Mário, e Randy Starr meteu-se na conversa.

— Oh, claro. O miúdo... lembro-me dele. Na última vez que te vi não tinhas idade suficiente, mas eu disse para comigo:

"Aquele miúdo tem um ritmo óptimo. Um dia ainda vai dar um bom base. É aí que a noção dos ritmos marca mesmo a diferença."

Já tens mais de vinte e um anos?

Tommy procurou os seus documentos de desmobilização nos bolsos. O empresário do circo estudou-os durante alguns instantes e depois devolveu-lhos.

— Muito bem. Muito bem. Tenho aqui o vosso contrato, voador e base e mais um ou dois no número, como vocês queiram organizar a coisa. Querem que eu encontre uma rapariga para o número? A tua ex-mulher ainda trabalha para nós. Voltou a casar-se, mas é bastante boa trapezista — disse Randy Starr.

— E também é bonita. Não?

— Não — disse Mário com firmeza.

Randy Starr encolheu os ombros.

— Então isso é contigo. Mas olha que eu gosto de ter pelo menos uma mulher no número. O público gosta de ver raparigas bonitas no trapézio. Mas tu tens uma irmã que é trapezista, não

tens? E houve uma outra da tua família que dobrou a Lilian Whitney num filme qualquer sobre o circo. Era a filha do Angelo?

— Do Joe — disse Mário. — A filha do Angelo ainda só tem treze anos.

— Não me parece que alguma vez tenha encontrado qualquer uma das duas — disse Starr e Tommy lembrou-se de que ele tinha uma memória prodigiosa, e que nunca se esquecia de um rosto ou de uma actuação. — E há ainda a mulher que entrou convosco nos Sonhos Voadores. Ela é muitíssimo boa, se conseguires que ela entre no número. Mas essa não era a irmã que costumava actuar contigo. Essa era uma da família, fazia-me lembrar muito a Lúcia pela forma como se movia. Elissa. Mas a dos Sonhos Voadores era uma loira...

— É a mulher do meu irmão Johnny. A Stella Gardner.

Starr empurrou o contrato por cima da mesa.

— Tu assinas pelos Santellis — disse. — Foi sempre assim que eu fiz as coisas com o Tony. O homem mais velho da família trata das formalidades por toda agente; os outros ficam com um contrato pessoal contigo. Mário assinou. Enquanto dobrava a cópia do contrato para a guardar, Jim Fortunati disse: — Por falar em contratos, Matt, diz ao teu irmão Johnny que se despache a decidir-se. Tenho de tratar dos alojamentos para a temporada para ele e para a mulher. Eles têm filhos? E temos de o ter connosco quando estearmos no Garden, e já só falta cerca de um mês. Se ele não puder eu tenho de saber para que possamos arranjar outra pessoa.

— Está bem, eu digo-lhe.

— Eu espero que ele aceite o lugar. Sei que o espectáculo, com ele, ficava em boas mãos, e não há mais ninguém que me inspire realmente confiança. Falou-se em contratar o Coe Wayland, mas eu não gosto do tipo... é um desordeiro nato. — Olhou Mário nos olhos. — Não tiveste uma vez uns problemas com o tipo? Mas nenhum dos Santellis foi alguma vez de se meter em sarilhos. Estou a contar com isso, Matt.

Mário disse:

— Podes estar descansado em relação a isso, Jim — e estendeu a mão a Randy Starr. Tommy, despedindo-se de Jim

Fortunati com um aperto de mão, percebeu que de uma forma ou de outra Jim Fortunati sabia — e estava disposto a correr o risco.

E pela primeira vez desde que Angelo fora ao seu quarto, na senda da guerra, pensou: Se calhar afinal as coisas não são assim tão más.

Nenhum dos Santellis foi alguma vez de arranjar sarilhos.

Bem, só espero que o Angelo também se lembre disso.

Nessa tarde, já em roupa de ginástica e prontos para o treino, encontraram Clay que chegava da escola. Mário disse:

— Despacha-te e vai mudar de roupa, Clay. Hoje começamos mais cedo. Se quiseres podes ir para a plataforma e tomar conta das cordas para mim e para a Stella durante um bocado, antes de o Phil, o Bobby e o Carl chegarem.

Tommy esperava que Clay reagisse com entusiasmo. Em vez disso o rapaz hesitou durante alguns segundos antes de dizer:

— Bem, está bem, suponho que posso ir. Já lá vou ter.

Mário abriu a boca para falar e depois voltou a fechá-la.

Enquanto se apressavam pela escada abaixo, Tommy perguntou, incrédulo:

— Por que raio é que o deixaste falar contigo daquela maneira?

— Não é óbvio? — disse Mário controlando-se com esforço. — O Angelo deve ter-lhe dado o toque para que ele tenha cuidado quando estiver por perto do seu perverso primo mais velho.

E não há absolutamente nada que eu possa fazer a esse respeito e o Angelo sabe-o bem.

Os seus ombros descaíram com desânimo enquanto entravam na sala de treinos. Animou-se no entanto um pouco quando Stella foi ter com eles e lhe pôde dar a boa notícia de que tinha assinado o contrato pelos Santellis Voadores para aquela temporada com o Starr.

— Oh, Matt, isso é maravilhoso! Isso é absolutamente maravilhoso para ti! Vais ser cabeça de cartaz?

— Os Santellis vão ser cabeça de cartaz. Pista central — disse e respirou fundo cheio de prazer.

— Oh, isso é maravilhoso! Quando eu era miúda nunca me atrevi a sonhar... a pista central do Starr!

— Vais então ficar connosco esta temporada?

— Bem, eu pensei que quando tinhas dito os Santellis Voadores...

Matt, tu não queres que eu fique?

Tommy disse, pegando nas pequenas mãos de Stella e mantendo-as entre as suas:

— Stel, não existem palavras que exprimam o quanto nós queremos que tu venhas connosco. Mas e o Johnny? Ele passa a vida a dizer que o circo morreu, e ainda nem sequer deu uma resposta ao Jim Fortunati em relação ao trabalho que lhe ofereceram na direcção dos trapézios.

— Bem, talvez isto o ajude a decidir-se — disse Stella com firmeza -, e ele nunca disse que não aceitaria. — Virou-se e começou a subir a escada de corda pondo fim à discussão de momento.

Precisamos da Stella, pensou Tommy enquanto se dirigia para o lado do trapézio base. À excepção de Matt ela é a melhor trapezista que já tivemos na família. A Liss nunca foi nada que se lhe comparasse. Mas como raio é que conseguiremos levá-la connosco se o Johnny não aceitar o contrato com o Starr?

Ela é demasiado boa para o Johnny...

E depois esvaziou o espírito como sempre que estava a trabalhar.

Mas aquele pensamento voltou, contra sua vontade, quando Stella fez uma passagem para as suas mãos.

Sentiu-se maravilhado pela forma como ela chegou até às suas mãos — precisa, segura e firme, sem que ele tivesse de fazer qualquer esforço suplementar, sendo ela tão leve e com um equilíbrio tão perfeito, as mãos prendendo-se levemente em torno dos seus pulsos — e pela forma como ela quase antecipava, mas sem o chegar a fazer realmente, o impulso com que ele a lançava de volta. O trabalho de base deveria ser sempre assim. Perfeito, com aquele pequeno extra que ele não sabia bem definir... Mais tarde, ao endireitar-se na barra, enxugando a testa com um lenço, apercebeu-se de mais outra coisa. Mário nunca gritava com Stella, nunca lhe

gritava ordens nem fazia comentários sarcásticos. Não precisava de o fazer. Ajustavam-se.

Ajustavam-se perfeitamente.

Bart dissera qualquer coisa nesse sentido depois de ter visto os Sonhos Voadores. Se eu não te conhecesse, dissera ele a Mário, juraria que vocês eram amantes.

Não podemos perder a Stella! Não podemos!

E no entanto. E no entanto. A primeira lealdade dela era para com Johnny e este queria deixá-los e deixar o circo.

Mário disse:

— Quero treinar o exercício do Parrish, a pirueta dupla no retorno depois do triplo, está bem? — Tommy voltou a baixar-se para a posição de base.

A pirueta vertical era considerada por muitos trapezistas como a manobra mais difícil que se fazia num trapézio. O voador girava sobre si próprio numa posição vertical, tornando assim imperativa a criação do seu próprio impulso numa direcção diferente do impulso criado pela oscilação horizontal da barra do trapézio. O próprio Tommy nunca conseguira fazer com perfeição nem sequer a pirueta simples; a dupla pirueta era uma manobra o mais difícil possível e, além disso, encerrava os seus perigos específicos. Devido à pressão desigual no retorno à barra, o mais pequeno desvio em relação ao ângulo, podia provocar grandes rupturas nos músculos dos ombros do voador. Mas que podia ele fazer? Uma vez reconquistado o triplo, Mário necessitava de novos desafios. Tommy não o poderia fazer parar — e teve de encarar o facto de que nem sequer queria fazê-lo.

O triplo saiu na perfeição, mas na pirueta de retorno, Mário girou uma vez com o corpo na vertical, deu mais meia pirueta, calculou mal, e o trapézio que voltava apanhou-o mesmo por cima da cana do nariz. Ele soltou um pequeno grito e caiu, enrolando-se por puro instinto, e Tommy viu, desolado, que o seu nariz voltava a sangrar. Desceu ao lado de Mário, mas quando estendeu uma mão para o ajudar Mário abanou a cabeça.

— Tudo bem. Sei o que fiz mal. Quero tentar novamente enquanto tenho bem presente o que não fiz e deveria ter feito.

— Estás a sangrar novamente do nariz. É melhor ires estancar o sangue — disse Tommy.

— És pior que a Lúcia — disse Mário com irritação. — Vá lá, preciso de tentar mais uma vez. Não é outra vez o triplo, ponto final, só a pirueta de retorno.

Acabou por repetir três vezes a pirueta antes de conseguir corrigir a rotação, e quando finalmente o conseguiu estava de sobrolho franzido.

— Continua a não me parecer bem. Conseguir fazê-la não chega, tenho de conseguir fazê-la com beleza — disse. Sentou-se na borda da rede e depois reparou que Angelo estava à entrada.

— Pensei que tinha sido o Bart quem entrara — disse a Tommy.

— Sim, também eu. Os miúdos estão a mudar de roupa no vestiário — disse-lhe Tommy.

Mário franziu o nariz e depois tocou-lhe com uma mão fazendo uma careta.

Ai. Esqueci-me de que ainda tinha de dar uma aula. Stel, não te importas de me ir buscar algum gelo para ver se eu não fico a sangrar durante a porcaria da aula inteira?

— Não entres calçado, Clay — gritou Tommy, vendo o rapaz caminhar sobre o pavimento polido.

Clay fez uma careta.

— És pior do que a Lúcia. Afinal o que é isto, alguma sala de visitas?

Os quatro rapazes dirigiram-se à base do aparelho. Vendo Mário pôr gelo na cara, fizeram perguntas cheias de preocupação.

— Faz tudo parte de um dia de trabalho — disse Mário encolhendo os ombros com indiferença. — Habitamo-nos. Phil e Clay, vocês sobem primeiro.

Tommy dirigiu-se ao trapézio base para dar indicações a Phil . a partir do solo. Angelo, de pé num dos extremos da sala de treinos, a fumar um cigarro, observou-os durante a aula inteira Tommy perguntou-se o que estaria Angelo a preparar. Estaria simplesmente a fazer com que eles percebessem que os tinha , debaixo de olho? Mais tarde, enquanto os dois grupos de rapazes trocavam de lugar, disse baixinho a Mário:

— Que raio, será que ele acha que nos vai apanhar a apal- par os miúdos ou quê?

Mário começou a rir-se, mas as gargalhadas não saíram.

— No que me diz respeito pode ficar a olhar para nós até ; ter os olhos tortos — disse. — Bolas, ele próprio me ensinou a não trazer a minha vida privada para o aparelho.

! Enquanto voltava para o seu lugar para dar indicações ao rapaz que estava a base, Tommy pensou se seria mesmo possível que Angelo acreditasse naquilo, depois de os conhecer há tantos anos. Dissera que a não ser que os mandasse para a cadeia, não havia nada que Angelo pudesse fazer. Agora Angelo parecia querer demonstrar-lhes o quanto lhes poderia dificultar ; a vida se assim entendesse. E se aquilo começasse a complicar com os nervos de Mário...

Raios, pensou Tommy entre a raiva e o desespero, ele estava a começar a ficar de novo em forma, e o Angelo tinha de fazer agora uma coisa destas! Apercebeu-se de que lhe daria imenso prazer torcer o pescoço a Angelo.

No dia antes de partirem para Dallas, Bart Reeder telefonou.

Mário tinha ido ao dentista para pôr o chumbo definitivo no dente, por isso foi Tommy quem falou com ele.

— Olá, Bart, que há de novo?

— As filmagens do filme sobre o Parrish começam esta semana, quem me dera que eles tornassem público o título do : filme! E eu sou capaz de ficar bastante ocupado. Quando estamos mesmo no meio das filmagens vou cedo e sozinho para a cama, e levanto-me às cinco para estar no estúdio a tempo da maquilhagem. — A sua voz adoptou o tom exageradamente efeminado que Tommy sabia ser uma piada entre os dois, uma paródia de algo que Bart não era nem nunca seria. — Só não quis que pensasses que eu já não te amava, querido.

Tommy riu-se mas não respondeu em consonância. O Bart tinha toda a privacidade do mundo, mas o telefone dos Santellis estava instalado no meio do átrio.

— Não te preocupes com isso, amigo. Mas temos tido aqui alguns problemas. Problemas familiares.



— Raios — disse Bar -, que foi que aconteceu?

— Não posso falar nisso ao telefone.

— Está alguém a ouvir?

— Não. Mas pode entrar alguém a qualquer momento.

A voz do homem mais velho estava cheia de afecto e simpatia.

— Queres vir até cá para falar disso?

— Não me parece que seja possível. Apanhamos o avião para Dallas amanhã por volta do meio-dia com o Johnny e a Stella. Vamos lá fazer um espectáculo para a televisão.

— Esses problemas não foram com eles, pois não?

— Não. — Era uma enorme tentação contar a Bart tudo o que se passara, pois sabia que ele iria compreender. — Não, com eles tudo bem. O que aconteceu... bem, o Angelo viu qualquer coisa, ou pensou que viu. Eu poderia ter-lhe dado a volta, só que de repente fiquei farto de lhe mentir. Por isso disse-lhe que pensasse o que quisesse, e no fim acabei... acabei por admitir mais ou menos a verdade.

Bart soltou um pequeno assobio de preocupação.

— Foi por isso que o Mário tinha um olho negro quando eu fui aí ter a minha lição?

— Bom Deus, não — disse Tommy. — Ele fez isso no trapézio.

Pela primeira vez deu-se conta de que aquilo poderia ter sido pior. Na tropa Tommy encontrara alguns tipos tão fanáticos que achavam que o próprio facto de existirem homossexuais fisicamente intactos era, só por si, uma ameaça à sua virilidade.

Angelo gabara-se de ter dado uma sova a um homossexual que lhe fizera um avanço. Tommy também não conseguia perceber isso. Teria um homem do tamanho de Angelo medo de ser forçado?

Pelo menos Angelo não se tinha sentido na obrigação de demonstrar o seu desapontamento moral dando-lhes uma sova.

— Ele disse que fora isso o que acontecera — disse Bart mas devo admitir que não acreditei nele. Pensei que provavelmente vocês tinham voltado a envolver-se à pancada.

— Não. Isso não voltará a acontecer. Mas olha, Bart, eu preferia contar-te tudo isto quando não tiver de estar preocupado com a eventualidade de alguém ouvir o meu lado da conversa.

Está bem?

— Tens razão — disse Bart novamente com uma atitude toda profissional. — Telefonei para perguntar se tu e o Mário queriam jantar comigo hoje. O Wally Mason, o realizador, quer que vocês vão os dois ao escritório dele esta noite para assinarem os contratos do filme. Quer dar-vos uma vista de olhos para ver se vai ser muito difícil pôr-vos parecidos com os irmãos Parrish, e esse género de coisa. Provavelmente vai telefonar-vos esta tarde. Não há problemas convosco?

— Não. O Mário deve estar a chegar do dentista.

— Amanhã filmamos no estúdio. Na próxima semana a segunda equipa vai para as filmagens nas instalações de Inverno do Starr. Eles querem conseguir tantas imagens de circo quantas puderem antes deste se estrear no Madison Square Garden.

E provavelmente vão querer muitas imagens do trapézio voador.

Por isso vocês vão ter de assinar os contratos, sindicalizarem-se no sindicato dos duplos, inscreverem-se na associação de actores e esse tipo de coisas. Vocês são sindicalizados, não são?

— Eu desde miúdo que sou sócio da AGVA — disse Tommy — e o Angelo fez com que me associasse ao sindicato dos duplos quando comecei a fazer esse tipo de trabalho este Inverno. Quanto ao Matt não sei, terás de lhe perguntar.

— Bem, podem assentar isso com o Mason, e ele pode responder às vossas questões, e depois gostava de vos levar a jantar aos dois. — Tommy conseguiu imaginar o sorriso de Bart quando ele acrescentou: — A segurança de um grupo grande, e todo esse tipo de coisas. E podem publicar a minha fotografia nos jornais e quero que se danem, quer dizer, posso sair em todos os jornais que teremos um excelente e sólido motivo para estarmos juntos. Estrela do filme sobre o circo janta com verdadeiras estrelas circenses, esse tipo de coisa. Por isso posso levá-los a sair mesmo debaixo dos narizes deles!

— Ótimo. Lá estaremos.

Wally Madison era um homenzinho gordo e insignificante com um forte sotaque de Brooklyn. Custava a crer a Tommy que fosse

um realizador internacionalmente famoso. Estavam lá também Bart Reeder e Jim Fortunati que era o conselheiro técnico para as cenas do filme que envolviam trapézios.

— Este contrato está em nome dos Santellis Voadores — disse-lhes Jim. — Quantos é que vocês são, Matt?

— Neste momento somos três, Jim. Eu, o Tommy e a Stella.

— Ótimo. O Parrish sempre trabalhou em equipas de tr... ele, o irmão e a Eileen Leeds. Depois de a Eileen ter morrido, era ele o Reggie e a Cleo. A Stella tanto pode fazer de Eileen como de Cleo nas imagens de longe, ambas eram ruivas.

— A Stella vai ficar absolutamente encantada por fazer de Cleo — disse Tommy lembrando-se do fascínio infantil que Stella nutria pela mulher.

Jim riu-se.

— A Cleo também vai ficar encantada. Ela acha a Stella maravilhosa.

Mário disse:

— Tenho de me lembrar de lho dizer. Quem é que faz de Cleo no filme?

— A Jessica Anderson — disse Mason. — Queríamos a Louise Lanart, mas ela é demasiado alta.

Jim sorriu amigavelmente a Bart e disse:

— É uma pena. Mas mesmo quando a Cleo era nova, nunca houve qualquer interesse romântico entre ela e o Parrish, e ela tornou isso muito claro ao argumentista antes de assinar a autorização para que utilizassem o nome dela. Sei que gostaria de contracenar com a sua mulher, Bart, mas parece que acabou por não ser possível. Evidentemente, a sua mulher é demasiado nova para fazer o papel de Eileen Leeds. Ela era dez anos mais velha que o Barney.

— Bem, é evidente que no filme nós diminuámos muito essa diferença, senão é muito difícil tornar a coisa romântica. Como é que o Parrish se foi casar com uma tipa de quarenta anos quando tinha trinta? Foi só porque ela também era uma estrela do circo?

— Não — disse Fortunati -, ele era doido por ela. Nunca se recompôs depois de ela ter morrido. Pode parecer esquisito, mas foi

mesmo um casamento por amor.

Bart disse com cortesia:

— Não faz mal. A Louise é uma profissional. Ela sabe como as coisas são neste negócio. — Mas o seu sorriso era ligeiramente irónico, e o seu olhar demorou-se em Tommy por instantes.

— Como reparará, senhor Gardner — disse Wally Mason -, este contrato dá ao estúdio o direito exclusivo aos seus serviços e prioridade na utilização do seu tempo até à estreia do circo no primeiro de Maio no Madison Square Garden, e ainda uma provisão para horas extras depois de o espectáculo já estar em funcionamento. Sabia que foi lá que o Parrish teve o acidente?

Mário abanou a cabeça.

— Eu nessa altura era um miúdo pequeno. Para mim os sítios eram todos iguais.

— Seja como for arranjaremos as coisas por forma a que não haja nenhum conflito — disse Fortunati. — E repara, o vosso nome vai entrar no genérico.

Tommy olhou por cima do ombro de Mário para a linha que Jim apontava: "Menção no genérico: As sequências no trapézio executadas pelos Santellis Voadores."

— Foi o Jim que vos conseguiu isso — disse Mason de bom humor. — Eu achava que era suficiente dizer As cenas de Circo foram filmadas com a assistência do Circo Starr.

Mário disse:

— Obrigado, Jim, aconselhas-me então a assinar isto tal como está, não é?

A voz bem-humorada de Mason endureceu repentinamente.

— Tem evidentemente o direito de consultar o seu próprio conselheiro jurídico, ou o seu advogado, estudar bem o contrato antes de o assinar, senhor Gardner. Este é o nosso contrato padrão para todos os duplos que não são pagos ao dia.

— Oiça, eu não estou a discutir nada. É só que o Papa sempre me disse para nunca assinar nada sem ler primeiro — disse Mário com um sorriso de desafio, passando os olhos pelo texto. — Foste tu quem incluiu esta lista de exercícios, Jim?

— Foi, sim — disse Mason. — Eu não distingo um trapézio voador de um disco voador. É por isso que preciso de um conselheiro técnico. Eu limitei-me a dizer-lhe para ele arranjar alguém que conseguisse fazer o tal exercício do Parrish, o triplo não sei o quê.

Fortunati encontrou o olhar de Mário com um sorriso.

— O triplo mortal à retaguarda com o retorno em dupla pirueta — disse -, e se não conseguires fazer as piruetas todas nós fazemos uma montagem.

— Posso fazer isso sem problemas — disse Mário e leu rapidamente o resto do contrato, lendo algumas partes em voz alta. — "Um repertório que deverá incluir, como o especificado pelo consultor técnico, o triplo mortal à retaguarda com dupla pirueta no retorno, o duplo mortal à frente e à retaguarda, a passagem cruzada no espaço, e todos os outros exercícios que forem mutuamente acordados..." muito bem, muito bem... Olhou para o topo do contrato. — "Matthew Gardner também conhecido como Mário Santelli, e os vários elementos do seu grupo incluindo, mas não se limitando a Thomas LeRoy Zane, também conhecido por Tommy Santelli, actuando como, respectivamente, voador e base no número de trapézio voador clássico conhecido como Santellis Voadores..." Muito bem, Jim, eu assino. Dá-me uma caneta. Tom, também tens de assinar isto — acrescentou, rabiscando Matthew Gardner e por baixo Mário Santelli. Tommy agarrou na caneta e escreveu cuidadosamente Thomas LeRoy Zane e Tommy Santelli nos espaços indicados para o efeito.

A última vez que assinara um contrato fora suficientemente novo para ser necessária a assinatura do seu pai e tivera de escrever Júnior depois do nome.

— E agora — disse Bart -, vamos sair para celebrar.

Foi a primeira experiência de Tommy da vida nocturna sofisticada.

Sabia que dava a Bart um certo prazer ir com eles a um ou dois dos mais badalados clubes nocturnos de Hollywood, e sabia que Lúcia ficaria muito satisfeita por ver as suas fotografias nos jornais. Avisados pelo estúdio, os repórteres aglomeravam-se à volta deles

para os fotografarem na celebração do início do filme que viria mais tarde a ser classificado como o melhor filme do século sobre o circo. Tommy pensou se todas as histórias fabulosas que apareciam nos jornais e nas revistas acerca das estrelas de cinema seriam tão fabricadas e falsas como aquela. Decidiu, enquanto uma conhecida atriz secundária era fotografada sentada ao seu colo, que provavelmente eram.

Mais tarde, regressando no carro de Bart, este disse:

— E no entanto, sabem, não percebo como é que o mundo chegou a este estado. Um mundo em que tudo tem de ser fabricado desta maneira. — Falou com uma veemência tal, que Tommy pensou que ele talvez estivesse bêbado, embora como sempre acontecia, Bart tivesse bebido muito pouco.

Mário disse:

— Suponho que o tipo de pessoas que gasta muito tempo e dinheiro a ir ao cinema, precisa deste tipo de baboseira romântica.

Tommy, não te importaste de ser fotografado com a..., como é que ela se chama?, com a Karen Andrews ao colo, pois não?

— Ora, se a Karen não se importa, porque é que eu haveria de me importar?

— Mas eu importo-me — disse Bart iradamente. — Eu gostava de viver num mundo onde me pudessem fotografar com, por exemplo, o Tommy ao colo se eu quisesse. Por cada mulher que ficasse aborrecida por eu não estar, digamos, disponível para as suas fantasias românticas, haveria um miúdo que leria os jornais e iria ao cinema e que poderia deixar de se detestar a si próprio e diria: "Muito bem, o Bart Reeder é bicha e feliz e bem sucedido, e está a dar-se bem, por isso se calhar, afinal de contas, não vou ter de me enforcar." E a taxa de suicídio desceria, e toda a gente ficaria feliz. Porque é que eu tenho de fingir que tenho um enorme interesse romântico por uma tonta qualquer do tipo da Louise Lanart? — Pronunciou o nome com asco.

— Mas não me interpretem mal. A Judy é boa miúda. Gosto muito dela, e ela não quer mais dormir comigo do que eu quero dormir com ela. Não tenho nada, mas absolutamente nada, contra a Judy Cohen. É a Louise Lanart que eu não suporto. Porque é que ela

tem de agir como se tivéssemos uma história muitíssimo romântica? Porque é que ela não há-de poder viver sozinha e admitir que nunca houve um homem, nem, neste caso, uma mulher, que fosse capaz de a excitar? Sei por acaso que ela até isso tentou quando descobriu que não conseguia sentir nada, nem mesmo por um ídolo romântico como eu! — A voz dele tinha o tipo de amargura que está para lá das lágrimas. — E já que falamos nisso, porque raio é que ela tem de ser Louise Lanart em vez de Judith Cohen? Combatemos uma porcaria de uma guerra para termos um mundo onde Judith Cohen se pudesse chamar Judith Cohen, e mesmo assim o estúdio não quis que ela tivesse um nome judeu. Quando será que nos veremos livres destas porcarias todas?

Mário sorriu com amargura.

— Mais ou menos na mesma altura em que teremos um daqueles impérios interplanetários que aparecem nas minhas revistas de ficção científica. O Johnny acha que haverá um homem na Lua antes do fim do século. Eu não acredito nisso, mas acredito que quando isso acontecer, não vão contratar nenhum homossexual para ir nas porcarias das naves espaciais.

Mais tarde, depois de terem ido buscar o carro de Tommy e já irem sozinhos a caminho da casa Santelli, Mário disse numa voz baixa e quase tão amarga como a de Bart:

— Vês agora porque é que muitos rapazes gostam de ir àqueles bares que tu tanto detestas? Pelo menos lá não te tiram o retrato com uma actriz ao colo.

Tommy disse:

— Bolas, isto não passa tudo do negócio do espectáculo. — O cheiro do pó-de-arroz da rapariga ainda estava agarrado à sua pele, e isso fez com que uma outra memória desagradável lhe viesse ao espírito. Mas ele tornara-se um realista. — Bem, seja como for, quando o Angelo vir as fotografias nos jornais vai ter de meter naquela cabeça dura que nós não vamos andar por aí com etiquetas na testa a dizer: Sou Maricas. Batam-me.

— Oh, meu Deus, Tommy, tu às vezes és pior que o Angelo! Não consegues ver como tudo isto é uma mentira suja?

Tommy agarrou-lhe na mão. Disse:

— É evidente que vejo, companheiro. Mas que queres que eu faça? Não fui eu que fiz o mundo assim. Bolas, não sou eu quem acredita num Deus que me vai mandar para o Inferno por eu gostar de dormir com homens. Mas nós tentámos à maneira deles, quando nos separámos, e também não funcionou lá muito bem. Então que havemos de fazer? Não me importo de mentir um pouco se for para... — A voz tremeu-lhe pela primeira vez.

— Se for para podermos ficar juntos sem nos metermos em todo o tipo de sarilhos.

Os dedos de Mário apertaram-se sobre a sua mão.

— Pelo menos temos isso — disse.



## *Capítulo XIV*

O avião que os levou para Dallas era um Boeing Constellation de quatro motores. A única viagem aérea que Tommy fizera anteriormente fora num avião militar em que, com mais mil soldados, fora levado para a Alemanha e voltara sentado num pequeno assento de metal, apertado, desconfortável e enjoado. Achou o contraste bem-vindo e agradável. Mário nunca antes entrara num avião, e embora tentasse disfarçar, estava quase tão excitado como Suzy. Tommy cedeu-lhe de boa vontade o lugar junto à janela — de qualquer forma não havia nada para ver — e tentou dormir.

Passado algum tempo, Suzy, na fila atrás deles, a ficar cansada de ir ao colo de Stella, começou a ficar inquieta e a queixar-se.

Mário virou-se para trás e perguntou:

— Queres que eu a leve durante um bocado, Stel? E que tal, Suzy, queres sentar-te um bocadinho ao colo do Babbo?

— Oh, não te importas, Matt? Ela é muito pesada e tenho as pernas a ficarem dormentes — disse Stella. — Parece-me bem que do que ela precisa é de uma soneca.

A hospedeira veio até junto deles e disse:

— Pode deitá-la num dos lugares vagos se quiser, senhora Gardner.

Deitaram Suzy, taparam-na com um cobertor e Mário disse:

— Porque não trocamos de lugares? Eu sento-me lá atrás com o Johnny, ele queria falar comigo sobre o contrato.

— Sim, gostava mesmo de saber como é que arrancaste aquela menção no genérico ao Wally Mason. Pelo que sei do tipo, isso foi uma proeza — disse Johnny.

Stella sentou-se no lugar ao lado de Tommy.

— Já tinhas andado de avião?

— Só na tropa. E não foi [propriamente uma viagem em primeira classe. Não havia hospedeiras de um lado para outro a oferecerem-te bebidas e boas refeições, e a satisfazerem-te cada

desejo. Havia só um par de sargentos a entregarem-nos as rações e um enfermeiro a distribuir comprimidos para o enjoo. Mas isto é óptimo. Estás a gostar?

— Como experiência é interessante, mas acho que não gostava de fazer isto muitas vezes. O barulho faz-me doer os ouvidos, e não há nada para ver. Não me espanta que a Suzy esteja impaciente. O Johnny diz que um dia as pessoas vão apanhar o avião com a mesma naturalidade com que nós costumávamos viajar de comboio quando andávamos com o circo.

Mas a mim não me parece. Acho que as pessoas devem preferir ver a paisagem. Vamos fazer esta viagem toda até ao Texas e não vemos nada a não ser nuvens!

— Bem — disse Tommy -, do que me lembro de umas quantas vezes que fiz a viagem de carro, não há grande coisa para ver a não ser cactos e amarelos. E céu.

— Mas pelo menos é divertido conduzir — disse Stella timidamente -, e num bom carro pode andar-se depressa. Há muitas estradas boas e não há muito trânsito. Quando tinha o MG costumava gostar bastante da viagem.

— Também eu. — Ocorreu-lhe que Stella teria gostado de entrar no rali que ele fizera com Bart. — Porque é que te desfizeste do MG, Stella? Gostava muito mais dele do que do Cadillac que tu e o Johnny têm agora.

— Tivemos de o vender daquela vez que eu fui para o hospital — disse ela -, e quando voltámos a ter dinheiro para comprar um carro, o Johnny quis um com um aspecto mais impressionante. Os produtores da televisão e esse género de pessoas julgam-nos pelo tipo de carro que temos.

— Um MG é bastante impressionante — disse Tommy mas ela abanou a cabeça.

— É impressionante de uma forma negativa. Tem de ser um carro mais... luxuoso, mais convencional.

— Percebo — disse Tommy. — Eu e o Matt também estamos a discutir essa questão. Com o dinheiro que vamos ganhar neste filme ele quer comprar um carro que seja fácil de conduzir, e com aquele pulso dele até que precisa de um. Por isso quer um com mudanças

automáticas, e eu disse-lhe que não queria mudanças automáticas nem que fosse num Lincoln Continental.

Eu gosto de conduzir carros. Por isso estou a pensar trocar o meu Chrysler por um carro que ele possa conduzir, e comprar um MG ou um Fiat em segunda mão para mim.

— Se comprares um deixas-me dar umas voltinhas?

— Claro — disse ele a rir. — Tu deixaste-me conduzir o teu, não foi?

Ela riu-se também.

— Eu nessa altura mal tinha idade para conduzir, na minha carta de condução dizia que eu tinha dezanove anos, mas eu não tinha nada que se parecesse com isso! Acho que tu e eu somos mais ou menos da mesma idade, só que nessa altura eu nunca o admitiria.

Aquilo queria dizer, pensou ele, que ela concebera e perdera a criança de Johnny e casara-se com ele, tudo antes de fazer quinze anos. A ideia pareceu-lhe extremamente triste.

Ela recostou-se e fechou os olhos. Ele não reparara que ela estava a deixar crescer o cabelo. Estava apenas ligeiramente maquilhada, com os lábios pálidos pintados e as sobrancelhas cuidadosamente escurecidas com lápis. Passado algum tempo ela levantou-se para ir à casa de banho e ele pôs-se de pé para que ela passasse. Um solavanco repentino do avião fê-los embater um no outro e caíram juntos no assento. Tommy agarrou-a impessoalmente pondo-lhe os braços à volta.

Fizera o mesmo milhares de vezes no trapézio, mas agora, com Stella quente e perfumada, respirando nos seus braços, aquilo já não era impessoal. O rosto dela estava contra a sua face, todo o seu corpo esbelto comprimido nos seus braços e uma dúzia de imagens de Stella cruzaram-lhe o espírito. Stella inclinando-se ao seu lado para lhe mostrar os comandos do MG, Stella encharcada pela chuva, rindo-se, Stella nos seus braços embrulhada no roupão felpudo e infantil, Stella pálida e abalada agarrando-se a ele em busca de conforto quando Papa Tony morrera... Stella, Stella, Stella... Cuidadosamente, sem deixar que nada transparecesse, ele soltou-a.

Stella. A outra criança estranha no seio da espantosa família Santelli, a rapariguinha assustada que ele abraçara e confortara quando Papa Tony lhe gritara. Recordava-se da sensação da sua pequena mão encardida e de unhas roídas na sua... Sempre estivera muito consciente da sua presença junto de si.

Abanou ligeiramente a cabeça, ajeitando-se novamente no lugar. Fechou os olhos e tentou racionalizar o que lhe estava a acontecer. Não era extraordinário para si sentir-se ocasional e momentaneamente excitado por mulheres. Memórias vagas de outras mulheres giraram no seu espírito, recuando até ao episódio infantil no drive-in onde fora ao cinema com Little Ann.

Aquele fora decididamente um episódio sexual, talvez a primeira experiência sexual com uma mulher de que tivera consciência, mas também houvera ternura envolvida, disso estava certo.

Só que ela era uma miúda, como eu, e eu sempre pensei na Stel como numa mulher mais velha.

E quando estivera na tropa também tivera mulheres. Mas essas não tinham tido qualquer significado. Que é que ele dissera a Mário, Não quis dizer absolutamente nada. Foi só para me aliviar. Com a Little Ann poderia ter sido mais do que isso.

E com Stella seria seguramente muito mais que isso.

Ela voltou. Reparou que ela se pintara cuidadosamente. Ele cedeu-lhe cortesmente o lugar junto à janela, segurando-se por forma a não lhe voltar a tocar acidentalmente.

Ela percebeu. Como é que ela percebeu? Será que as mulheres percebem sempre?

Mas abruptamente e infantilmente, tal como acontecera anos antes, ela recolhera-se no silêncio. Fechou os olhos e encostou a cabeça contra as costas do assento, e Tommy fechou os olhos e fingiu que também ele dormia. Mas o seu cérebro andava às voltas como um esquilo enjaulado.

As mulheres não tiveram significado nenhum. Foi sempre só para me aliviar, para provar a mim próprio que também era capaz de funcionar com mulheres, que não tinha de ser homossexual se não quisesse. Só que eu queria. Há já muito tempo que resolvera essa

questão. Era homossexual, definitivamente homossexual, e decidira que as mulheres não voltariam a ter para ele qualquer significado. Só que agora, toda aquela confusão agonizante, levantava-se novamente dentro de si.

Oh, meu Deus, se tivesse sido com a Stella, como tudo poderia ter sido tão diferente! Ele nunca se sentira excitado, nunca se permitira sentir excitado por uma mulher que fosse assim tão importante para si, por uma mulher que pudesse amar... não, por uma mulher que amava. Amava Stella. Conseguia agora admitir perante si próprio que a amava desde o momento em que a abraçara, uma criança soluçante num fato de ginástica debotado, na sala de treinos dos Santellis. Nunca tivera uma mulher de quem gostasse; evitara sempre cuidadosamente qualquer mulher que não pudesse desprezar e rejeitar depois.

Queria eu que tudo tivesse sido diferente? Mário não era apenas um amante. Mário era o seu primeiro amigo, o seu parceiro; as suas vidas estavam ligadas por um laço muito mais profundo que a faceta sexual da sua relação que, embora importante, era secundária em relação a esse laço mais profundo.

Voar era a sua vida, e voar era, de alguma forma, no nível mais profundo de todos, o seu amor por Mário. E no entanto sentia-se torturado pela consciência de que poderia ter encontrado alguém como Stella. Ou a própria Stella...

Ela não é feliz com o Johnny. Nunca foi. Parece-me bem que nunca a vi feliz até ao dia que Mário lhe entregou a Suzy. Talvez eu a tivesse podido fazer feliz. Fosse como fosse não teria dado cabo da vida dela como o Johnny fez.

Por momentos sentiu-se inundar de tal forma de ódio por Johnny que quase não se conseguiu controlar. Mas depois apercebeu-se de uma outra coisa.

Amo a Stel. Acho que sempre amei. Mas de todas as mulheres no mundo, ela é a única por quem eu senti alguma coisa, e é a única que eu não posso mesmo ter. Ela é a mulher do meu irmão.

Ele era um Santelli. Agora era-o até mesmo legalmente, visto que o contrato que assinara o tornara num, mas sempre o fora.

Reafirmara esse laço quando encontrara Mário e o trouxera de volta para casa. E Johnny era seu irmão e Stella era a mulher do seu irmão. Era tão simples quanto isso.

Tão simples quanto isso, e isso não é nada simples.

Encarou a realidade, nova e antiga, mas incontornável, de que amava Stella, de que sempre a amara e a amaria enquanto os dois vivessem, mas que ela nunca seria sua. Era um homem, não era um miúdo ganancioso.

O seu lugar era ao lado de Mário; tinham-se transformado em algo que era maior que a soma das duas partes. Não havia nenhuma mulher que lhes pudesse dar isso a qualquer um dos dois. Voador e base, ligados pelos mil laços do hábito, do trabalho partilhado, dos falhanços e dos sucessos.

Somos as duas metades de uma só unidade. Tinham sido pouco mais que rapazes quando tinham feito aquele voto e o tinham selado com tudo o que tinham para dar um ao outro — os seus corações, os seus corpos e os seus espíritos. Mário era o centro do seu coração. Quase a dormir, pensou, Tudo o que em mim há de bom, existe devido a ele. A sua honra é a minha, e eu transporto-a como um facho... Amante e jovem prefeririam morrer a agir desonrosamente sob o olhar um do outro...

E subitamente ficou desperto de novo. Angelo, pensou, o Angelo não acharia isto assim tão mau, eu ficar todo perturbado com a Stella. Era até capaz de ficar com a ideia de que isso fazia de mim um ser normal, ou coisa do género. Tudo aquilo que ele foi capaz de pensar foi em casar o Johnny e a Stel, mesmo depois de eles terem dado cabo da vida um do outro daquela maneira. Acabou por dar certo, mas o Angelo não sabia se daria se não — o que ele queria era meter tudo novamente na ordem.

Tudo bonito e normal.

Ele provavelmente encher-se-ia de simpatia por mim se soubesse que eu estava apaixonado pela Stel.

Mas isso não seria um comportamento honroso...

Amava Stella. E ela era a mulher do seu irmão, e a sua honra exigia que ela nunca se apercebesse disso nem fosse perturbada por aquela sua nova consciência. De repente já não sentia sono

nenhum. Por entre as pálpebras semicerradas observou Stella, a dormir, com o cabelo louro a brilhar à luz do Sol.

Sentiu-se cheio de ternura por ela. Amava-a, mas nunca lhe causaria quaisquer problemas dizendo-lho. Nunca a tocaria, nunca a teria. Chegaria o dia em que esqueceria aquilo que soubera naquele momento em que todo ele, corpo, espírito e coração, gritavam por ela e choravam aquilo que nunca poderiam ter. Queria que ela fosse feliz, queria que ela ficasse satisfeita e em paz, queria tocá-la no aparelho de trapézio sabendo que o seu corpo seria o da parceira firme e controlada que sempre fora, sem qualquer sentimento de culpa que embaraçasse qualquer dos dois. Levaria tempo. Mas naquele momento sentia-se despedaçado, chorando por dentro, rebelando-se convulsivamente.

Poderia ter sido tudo tão diferente...

Tinha de lhe tocar, fosse como fosse. Só esta vez. Passados instantes estendeu o braço e meteu a mão na sua. Adormecida, ela fez pressão na sua mão com os seus pequenos dedos fortes, e com um pequeno ruído confiante, ajeitou-se por forma a descansar a cabeça no seu ombro. Ficou assim, com ela contra si, sofrendo sob o peso do seu amor, e sentindo lágrimas queimarem-no por dentro. E no entanto, com todo o peso da sua natureza, soube que também aquilo passaria, a dor e a revolta, e que não ficaria nada a não ser o amor, nada a não ser aquilo que eram, Santellis, irmão e irmã, cada um deles ligados a outrem pela honra e pelo compromisso, por laços que nunca poderiam ser quebrados. Um dia a dor diminuiria. Por agora só lhe restava suportar a dor da solidão e da espera.

Não se estava mesmo a ver, que se eu me fosse apaixonar por uma mulher teria de ser logo pela única mulher do mundo que não posso ter? E uma pequena voz, tensa e honesta, mais profunda que a sua dor, fez-lhe notar com frieza algo que ele nunca recordaria nem admitiria nem mesmo perante si próprio:

Se eu quisesse realmente apaixonar-me por uma mulher, não teria então escolhido alguém que não fosse a única que eu não posso ter honradamente?

Mas nenhuma delas era Stella, argumentou rebelando-se, e novamente, pela última vez, a vizinha disse sobrepondo-se à sua

dor, Mesmo assim... Mas isso não fez com que a sua dor diminuísse. Absolutamente nada.

A extrema secura do ar de Dallas fê-lo recordar-se dos anos que estivera com o Lambeth. Stella levou Suzy ao café do hotel para lhe dar de jantar antes de a meter na cama, e Johnny entrou pela porta que ligava o seu ao quarto que Tommy partilhava com Mário.

Sentou-se numa das camas.

— Olha, Matt, é ótimo teres conseguido que os Santellis fossem mencionados no genérico do filme. Mas houve uma coisa que disseste que me está a preocupar. Matt, tens o contrato contigo?

— Está na minha mala.

— Importas-te que eu lhe dê uma vista de olhos? Quem me dera que me tivesses pedido para eu o ler antes de o teres assinado — disse Johnny. — Não é que eu não confie no Jim Fortunati. Mas já tenho alguma experiência deste tipo de negócio...

— Escuta, eu li o contrato antes de o assinar — disse Mário melindrado.

— Leste as letrinhas pequeninas, foi? Não conheço ninguém que leia as letrinhas pequeninas todas a não ser os advogados especializados. E eu. Aprendi a fazê-lo quando não tinha dinheiro para pagar a um advogado, quando não passava de um miúdo sozinho, por aí na vadiagem. Depois de ter sido embarretado uma ou duas vezes, aprendi a perceber os duplos sentidos jurídicos até à última vírgula. — Já estava a voltar as folhas dactilografadas que Mário lhe passara com relutância. — Sim, aqui está... "um repertório que deverá incluir, como o especificado pelo consultor técnico, o triplo mortal à retaguarda com dupla pirueta no retorno, o duplo mortal à frente e à retaguarda..." onde é que ele foi buscar isto tudo? O Mason não sabe distinguir um mortal duplo de uma cama dupla! Deve ter sido por sugestão do Jim Fortunati. Oh, oh aqui está. Era o que eu temia. — Leu em voz alta: — "E deverá incluir a dobragem de quedas e de sequências falhadas como estipulado pelo argumento." Leste a porcaria do argumento, Matt?

— Estás doido? — perguntou Mário. — Os duplos não lêem os argumentos! Li a lista dos exercícios que eles querem que eu faça, e visto que começavam pelo triplo, achei que não poderia haver lá



nada de mais difícil. Calculei que teria de dobrar um par de quedas, mas que raio, Jock, eu aprendi a fazer o triplo sem usar o dispositivo de segurança, caí tantas vezes que quase que podia cair sem rede e safar-me sem partir o pescoço.

Eu sou muitíssimo bom a cair, miúdo.

Recordando-se do medo que Mário tinha do trabalho de duplo, Tommy franziu o sobrolho, sentindo-se alarmado. Mas Johnny bateu com o punho no espaldar da cama.

— Quanto mais te conheço, Matt, mais fico com a ideia de que não deverias ter autorização para sair sem alguém que tome conta de ti! Foi assim que o Simon Barry se aleijou, fazendo essa sequência falhada na primeira versão do filme do Parrish! Será que o teu amigo Reeder não se deu sequer ao trabalho de te avisar que o argumento exige que tu faças essa sequência falhada?

Mário abanou a cabeça e Johnny ficou carrancudo e disse:

— Que rico amigo! Ora, bolas, se calhar ele acha que se tu consegues fazer o triplo, então é porque consegues fazer tudo.

Mário perguntou com apreensão crescente:

— Mas afinal qual é esse exercício de que tu estás com medo?

— O argumento especifica — disse Johnny — ou especificava, e se esta é a história da vida do Parrish deve continuar a fazê-lo, que tens de tentar um triplo, falhar, cair na rede, bater nos esticadores e ressaltar para o chão.

Falou com uma fúria lenta e deliberada, e a cor desapareceu do rosto de Mário. Mas foi Tommy quem disse:

— Ninguém neste mundo poderia fazer uma coisa dessas!

— Certo — disse Johnny. — Eu tentei ajudá-los a arranjar uma maneira de montar as imagens para essa cena. Continuo a dar voltas à cabeça de vez em quando por causa disso, mas sem sorte nenhuma. Se me tivesses levado contigo para ler o contrato, eu tê-los-ia feito incluir uma cláusula especificando que tu não tinhas de fazer isto a não ser que eles arranjassem maneira de filmar a cena sem que ninguém se aleijasse!

O argumentista deles podia muito bem arranjar maneira de não incluir essa cena.

— Suponho que é por isso que nós precisamos de ti para nosso empresário, Johnny — disse Mário numa voz inexpressiva.

— Eu não consigo pensar nesses termos. Confiei no Jim Fortunati.

— Eu continuo a confiar — disse Tommy. — Ele não te vai deixar morrer num filme de que é conselheiro técnico. — Estava chocado e desolado. Mário reunira a coragem necessária para ser duplo neste filme, apesar de um medo que lhe durava desde sempre — e agora descobria que lhe tinham preparado uma armadilha para o levar a filmar uma sequência que aleijara para sempre outro trapezista!

Mário disse:

— Deixa-te de coisas, Johnny. O sindicato dos duplos terá uma palavra a dizer nesta questão. Se nos parecer que não somos capazes de fazer isto, gritamos por um representante do sindicato.

Temos o direito de ter um representante do sindicato no local das filmagens o tempo {todo para garantir que as regras de segurança estão a ser observadas.

— Faz isso mesmo — disse Johnny. — Gritas que queres um homem do sindicato e não te calas até eles te ouvirem. É melhor quebrares o contrato do que quebrares o pescoço!

Voltou para o seu quarto e Mário ficou sentado, com o contrato na mão, com um ar pálido e assustado. Tommy perguntou finalmente:

— Foi nessa sequência que o Parrish ficou aleijado, Matt?

Mário continuou a olhar para o chão.

— Não. Foi o que o convenceu de que era sortudo. Ouve, sabes como é que o triplo foi feito pela primeira vez?

— Ouvi dizer que foi por acidente. Nunca percebi se era verdade ou se era invenção de algum agente publicitário.

— Oh, é verdade, não tenhas dúvidas. O Gerard Might fê-lo acidentalmente. Isso passou-se muitos anos antes de eu ter nascido, mas o Papa Tony conhecia-o, e ficou tão surpreendido por ter sobrevivido, que disse que já tinha gasto a sua quota de sorte para uma vida inteira, e nunca mais voltou a subir a um aparelho. Isso foi

nos tempos que ainda chamavam ao triplo o salto mortale, sabes o que quer dizer?

— O salto da morte — disse Tommy, lembrando-se de que Papa Tony lhe dissera que para Mário era o salto do destino.

— Bem, isto foi o que convenceu o Parrish de que era sortudo. A Cleo contou-me a história quando eu era pequeno.

Da primeira vez que conseguiu fazer as três voltas, falhou o base, bateu nos esticadores, ressaltou para o chão e não ficou com mais nada a não ser um polegar partido. Por isso achou que era sortudo, tão sortudo que resolveu incluir o exercício no seu número habitual... — a voz de Mário sumiu-se. — Eu sempre achei que também tinha sorte. Talvez tenha chegado a altura de descobrir de uma vez por todas, se tenho ou não.

— Matt, raios te partam! Pára de falar dessa maneira!

— Não, Tom, estou a falar a sério. Se o Parrish pôde fazê-lo acidentalmente e sobreviver, eu deveria arranjar maneira de conseguir fazer o mesmo propositadamente. Não uma maneira de falsificar as imagens, mas de fazê-lo. Tudo o que eu tenho de fazer é perceber como é que ele conseguiu sobreviver e fazer o mesmo.

— E como é que tu vais fazer uma coisa dessas? — perguntou Tommy enraivecido. — Vais fazer uma sessão de espiritismo, invocar o fantasma do Parrish e perguntar-lhe?

Mas Mário não mordeu o isco.

— Não, claro que não. Tenho unicamente de agarrar no que sei acerca da técnica das quedas e juntar tudo.

— Isso é impossível — disse Tommy e Mário acabou por erguer os olhos e sorrir-lhe. Um sorriso estranho e lento que fez com que Tommy sentisse o sangue gelar-lhe nas veias.

— Sobre isso tenho a opinião do próprio Barney Parrish — disse. — Ou não percebeste já que era ele, daquela vez, aquele homenzinho coxo que me queria ver fazer um triplo? Ele tinha razão, Tom. Nada é impossível. Não enquanto existirem idiotas como nós com o espírito aberto relativamente à hipótese de partirem o pescoço.

— Matt, estás absolutamente, completamente, totalmente, louco, perdeste a merda do juízo todo! — explodiu Tommy.

— É claro que estou — disse Mário sem emoção, com o mesmo sorriso estranho. — De qualquer maneira já tem de se ser doido para fazer o triplo. Lucky, miúdo, não sabes que eu matei o Barney Parrish, matei-o como se tivesse sido eu próprio a puxar o gatilho? Eu idolatrava-o quando era miúdo. E matei-o.

— Matt, que raio... tu nem sequer sabias que ele tinha morrido até o Bart nos ter dito!

— Oh, eu sei. Mas mesmo assim matei-o.

— Tu nem sequer reconheceste o tipo quando o encontraste!

Não o vias desde que tinhas, quantos anos?, seis, sete anos!

Que raio!

Mário apertou as mãos de Tommy com tanta força que o magoou.

— Não te lembras do que o Bart nos disse? Disse que quando o Parrish se matou não tinha nada com ele a não ser o passaporte inglês e um recorte de jornal acerca de um jovem trapezista que caíra a fazer o triplo. Era eu, Tom, eu era o único que fazia triplo na estrada nesse ano. Eu e a Susan estávamos a falar nisso no hospital; um idiota qualquer entrou e fez a cena da história melodramática, de como eu ficaria aleijado para toda a vida, de como não voltaria a voar, provavelmente não voltaria a andar. Eu e a Susan fartámo-nos de rir com a trampa que saiu no jornal! Mas o Barney Parrish deve ter lido a história e levou aquilo a sério. E matou-se porque sabia que ele fora quem nos levava a todos a tentar o triplo! E não conseguia viver sabendo disso e matou-se!

— Mário, como é que te podes culpar...

— Como é que ele se pôde culpar a si próprio? Mas fê-lo, e a vida era dele — disse Mário -, e eu nem sequer soube de nada. É por isso que agora eu tenho de fazer isto. Porque agora as pessoas pensam nele como um falhado, um suicida.

Agora tenho a oportunidade de fazer qualquer coisa pela memória dele. Este filme tem de ser feito, Tom. Eu não aguentaria se eles o voltassem a meter na gaveta. Quero fazê-lo pelo Bart, evidentemente.

E pelos Santellis. Mas sobretudo, quero fazê-lo pelo — engoliu em seco -, pelo Barney Parrish. Pelo que ele foi. E por ele ter tido

uma importância tão grande para mim quando eu era pequeno. É devido a ele que eu sou o que sou hoje. Por isso tenho de fazer isto pela memória dele, e se isso significar que tenho de correr riscos, então terei de correr esses riscos.

É tudo. Não é propriamente como se fosse a primeira vez que eu arrisco partir o pescoço na minha vida!

## *Capítulo XV*

Pela primeira vez na sua vida, Tommy não se sentiu satisfeito por voltar à casa dos Santellis. Aquele fora o único lar que alguma vez tivera; agora, num certo sentido, ele fora-lhe tirado. Tinha constantemente a sensação de que estavam a ser vigiados, de que cada palavra que diziam, tudo o que faziam, era observado.

Nunca tinham trabalhado tanto. Consultaram Lúcia acerca dos pormenores do número do Barney Parrish e do seu irmão, incorporando no seu próprio número uns quantos exercícios que agora raramente se viam. Numa ocasião Mário disse sombriamente:

"O Randy Starr perderá uma excelente oportunidade se não apresentar este número como -Os Santellis Voadores apresentam Barney Parrish!"

Estavam todos nervosos. Stella parecia estar constantemente à beira das lágrimas, e Mário estava tenso, irascível e exigente.

Um dos exercícios que Parrish tornara famoso já raramente se via: o mortal duplo a terminar com meia pirueta, um exercício terrível que exigia a Mário que saísse da barra como uma bala de canhão, fizesse dois mortais, mudasse então de direcção a toda a velocidade e passasse da rotação horizontal para uma rotação vertical, que passasse do enrolamento para um movimento lateral e vertical. Para Tommy aquilo era aterrorizador.

O voador chegava desequilibrado às mãos do base, e era quase impossível agarrá-lo sem provocar uma tensão demasiado grande num ou noutro ombro. Ninguém, desde o Parrish, fizera aquilo na pista.

— Desiste, Matt — pressionou. — Estamos a brincar com o mesmo tipo de coisa que deu cabo dos ombros do Jim e do Parrish.

Mas Mário estava inflexível.

— O Parrish fê-lo. E isso prova que é possível fazê-lo. E se pode ser feito, então nós somos capazes de o fazer.

Tommy pensou, Sim, ele fê-lo, e vê onde isso o levou. Mas não o disse em voz alta. Mesmo assim não conseguia deixar de se perguntar se estaria a alimentar um desejo de morte em Mário. Quereria Mário acabar como Parrish, aleijado, desfeito?

Estaria o seu sentimento de culpa a empurrá-lo para a destruição?

Foi o Angelo que o pôs assim. Ele durante algum tempo esteve bem. Mas agora o Angelo anda sempre atrás de nós. Tommy sabia que Angelo vigiava cada um dos seus movimentos, e isso fazia-o sentir-se muito consciente de si próprio. Mesmo quando estavam sozinhos no quarto, com a porta trancada, ele sentia-se consciente daquela realidade e não era capaz de a esquecer.

Quando Mário lhe tocava, ficava tenso, distante. Mário enfurecia-se com ele por isso, mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito.

Já só faltam umas semanas até irmos para a estrada com o Starr. Na estrada, fora daqui, vai ser tudo melhor.

Bart já estava a filmar as primeiras cenas do filme. Mário dissera aos rapazes que poderiam ir até lá a casa durante a tarde para treinarem aquilo que tinham aprendido durante o Inverno.

Mas por infeliz coincidência, Angelo não estava a trabalhar.

Todas as tardes, sem falta, descia à sala de treinos e ficava a observá-los, de pé junto à ombreira da porta, fumando sem parar, nunca desviando os olhos deles.

Houve uma tarde em que Mário explodiu. Dirigiu-se a Angelo e disse:

— Com mil raios, afinal o que é que aconteceu às regras da casa no que respeita à sala de treinos? Sobretudo àquela que diz que ninguém assiste aos treinos a não ser que tenha sido convidado a fazê-lo?

— Porquê, passa-se aqui alguma coisa que eu não possa ver?  
— perguntou Angelo.

Mário, fervendo de ódio, disse:

— Não, nada. Mas apague esse cigarro.

Angelo encolheu os ombros e apagou o cigarro, mas passado algum tempo Tommy sentiu novamente o cheiro do fumo, e

percebeu que ele tinha acendido outro. Talvez fosse por pura distração.

Havia também qualquer coisa intangível no ar que fazia com que tivessem a certeza de que ele falara no assunto a Clay.

O rapaz parecia ter adoptado uma atitude de desafio, e recusava-se a juntar-se a Tommy e a Mário a não ser quando os seus três amigos estavam presentes.

Numa tarde, quando estavam todos na sala de treinos, Tessa correu pelas escadas abaixo entrando ruidosamente pela sala de treinos dentro gritando:

— Matt, querem falar contigo ao telefone, acho que é o homem do estúdio!

Por pura sorte ninguém estava no ar naquele momento.

Mário mergulhou da plataforma para a rede, fez um mortal para o solo e encaminhou-se a passos largos para a rapariga. Ficou a olhar para ela com uma expressão furiosa.

— Teresa Santelli — perguntou -, que idade tens tu?

— Treze — disse ela curvando a cabeça perante a sua ira mais que evidente.

— E crescestes numa família do circo, e não tens o juízo suficiente... Olha, Tess, deixa-me explicar-te de uma forma muito simples. Nunca, nunca, nunca se grita a alguém que está num trapézio voador. E da próxima vez que fizeres uma parvoíce como essas aqui, eu... — Interrompeu-se, apertando os lábios e olhando para Angelo que estava de pé à porta.

— Tu não te atreverias a fazer-me nada — disse ela com insolência. — O meu papá não te deixava.

— Talvez não. Mas digo à Lúcia e veremos o que ela tem a dizer acerca do assunto. Agora, por que raio é que vieste por aí abaixo aos guinchos?

Ela disse, a tremer e quase à beira das lágrimas:

— Querem falar contigo ao telefone. A Lúcia mandou-me chamar-te.

— Bem, se tivéssemos tido aqui um acidente por causa da porcaria dos teus gritos, esse telefone levaria muito mais tempo a ser atendido, não é verdade? Agora sai daqui para fora!



Ela deslizou para junto de Angelo e disse, apelando para a sua autoridade:

— Papá...

Angelo parecia zangado. Era difícil perceber se ele estava zangado com Tessa ou com Mário. Franziu o sobrolho aos dois, indiscriminadamente.

— Ele tem razão, Tess. Não podes gritar às pessoas quando elas estão a voar; não é seguro. Pensei que tinhas mais juízo do que isso. É melhor ires lá para cima para o pé da Lúcia, vai ajudá-la na cozinha. Mas, Matt, não quero que fales à minha filha dessa maneira. Se tiveres queixas a fazer diz-me, que eu próprio trato do assunto com ela. — Mário abriu a boca para lhe dar uma resposta torta e Tommy quase desejou que se desse uma explosão capaz de limpar o ar, mas Angelo acrescentou:

— É melhor ires lá acima responder ao telefone, não achas?

Pode ser qualquer coisa importante. Eu trato das coisas aqui em baixo. — Olhou para cima, para a plataforma, onde Bobby estava a apertar o cinto de segurança em torno da cintura. Disse: — Pronto, eu cuido das cordas — e agarrou nos manípulos de madeira.

Tommy, que dava instruções a partir do solo, gritou para Bobby: "Pronto, vai..." e o rapaz lançou-se em frente, saiu da barra e mergulhou na direcção de Phil que estava no trapézio base. Falhou e Angelo aguentou a tensão e recuou, abrandando a queda do rapaz esticando as cordas do mecanismo de segurança.

Os outros rapazes riram-se. Angelo largou as cordas e foi em direcção à rede, ajudando Bobby a desapertar as correias de cabedal.

— Isso não é muito inteligente, cáíres com os pés nessa posição. Nem mesmo com o cinto e as cordas a segurarem-te.

Tens de aprender a cair automaticamente de costas, por forma a que não consigas cair de outra maneira — disse. Tommy, ouvindo-o, pensou, Parece mesmo como nos velhos tempos, quando ele trabalhava comigo. E com todos nós... O ressentimento misturou-se com vestígios da velha afeição e admiração.

— Clay — disse Angelo -, sobe lá acima e mostra-lhe como é que se ensina a cair nesta família.

Clay trepou a corda, tomou o trapézio entre as mãos e lançou-se para a frente e para cima. No ponto mais alto do balanço lançou-se num mortal para a rede, aterrando de costas com perfeição. Ressaltou na rede ficando de pé e Angelo disse:

— Muito bem, aprendes depressa. — Depois fez sinal aos outros rapazes que descessem, e quando Tommy chegou ao pé deles, ele estava a explicar-lhes a arte de cair.

— Aterra-se de costas desde que isso seja possível. Se não, enrolamo-nos numa bola e metemos a cabeça entre os ombros, como uma tartaruga que recolhe à carapaça, assim... — Curvou a cabeça para demonstrar o que dizia. — Assim, o impacte maior é aqui. — Deu uma palmada entre os ombros de Bobby.

— É como nos exercícios no tapete em que nunca se deixa a cabeça suportar nenhum do peso?

— A nuca pode suportar peso — disse Angelo. — O principal é nunca aterrar sobre a parte da frente da cabeça. O pescoço é o elo mais fraco de toda a coluna. — Pôs uma mão no queixo do rapaz e empurrou-lhe a testa com a outra mão.

— Se aterrasses na rede sobre a testa ou a cara, o teu pescoço parte-se como um palito. — Hesitou e acrescentou: — Se alguma vez virem que vão cair de cara na rede, amortecem a queda com as mãos. Dessa maneira partem os pulsos, mas mais vale os pulsos que o pescoço. Mas isso não deverá acontecer. Mas se alguma vez for preciso, têm de conseguir fazê-lo.

Mário estava junto à porta. Ali de pé, cheio de espanto, ouvira o discurso de Angelo.

— Foi assim que eu parti o meu pulso da primeira vez. Mas o Angelo tem razão, se eu não tivesse feito o que ele vos estava a dizer, teria partido o pescoço. Obrigado, Angelo. Bem, então ficou tudo aqui parado, foi? Por que é que estão todos cá em baixo?

— A ter uma lição sobre como se cai — disse Angelo. — Espero que não te importes.

Mário riu-se e abanou a cabeça.

— Não. Uma boa parte do treino de voo no trapézio é o treino das quedas. Vocês já o deveriam saber. Viram-me fazê-lo muitas

vezes. Bem, por hoje é tudo, miúdos, e amanhã e depois de amanhã não há aula. Eu e o Tom temos de ir a Anaheim.

— Quando os rapazes já tinham ido mudar de roupa, acrescentou:

— Era o Mason ao telefone. Quer-nos lá amanhã às seis da manhã para a maquilhagem.

— Vão fazer imagens do trapézio para o filme? Que é que vais fazer? O triplo, claro. Que mais? — perguntou Angelo.

— Já nos viu trabalhar o duplo com pirueta?

— Esse é uma dor de cabeça,. Parece-me bem que nunca mais ninguém o fez desde que o Barney se aleijou — disse Angelo. — O Joe queria fazê-lo, mas o Papa Tony não o deixou.

Detesto ver-te tentar fazer isso, miúdo.

Mário disse secamente:

— Não sabia que isso tinha alguma importância para si.

— Raios, ragazzo — explodiu Angelo. — Pensas que eu quero que tu partas o pescoço? — Fez um gesto como se fosse tocar em Mário, depois ficou rígido e recuou. — Não há nenhum filme no mundo que mereça uma coisa dessas, miúdo. E a Lúcia também já tem problemas que cheguem sem que tu partas o pescoço.

— Virou-se e saiu da sala de treinos sem dizer mais nada.

Os maquilhadores tinham-se instalado num atrelado no recinto das instalações de Inverno do Starr. Depois de uma longa sessão, Stella apareceu com o cabelo pintado, tão ruivo como o de Tommy, e Mário com o seu descolorado até ter uma cor irregular e clara. Tommy sentia-se esquisito e atrapalhado pelo fato antiquado, e por fim percebeu o que ele lhe fazia lembrar: a fotografia antiga dos Santellis Voadores, com a Lúcia, o Joe, a Cleo e o pai de Mário. Mário estava irreconhecível; nem era bem ele próprio nem era bem igual às fotografias do Barney Parrish.

Stella torcia e retorcia o cinto do fato deselegante.

— Como é que as mulheres conseguiram alguma vez voar metidas nestes macacões?

Mário disse de bom humor:

— Já viste muitas fotografias da Lúcia a voar com esse tipo de roupa.

Jim Fortunati dirigiu-se a eles enquanto caminhavam na direcção da Tenda Grande.

— Santellis, estão prontos? Bom Deus, acho que nem a tua mãe te reconheceria, Matt. Estás com óptimo aspecto!

Mário ergueu uma sobrancelha e Tommy viu imediatamente o velho Mário aparecer por detrás da maquilhagem.

— "Óptimo" não seria a palavra que eu escolheria, Jim, mas faz como queiras. Quanto tempo é que falta até que nos chamem?

— Uns minutos. Neste momento estão a fazer umas imagens do Reeder com o público. Trouxeram uma multidão de figurantes vestidos com fatos dos anos vinte. — Apontou para as bancadas no interior da Tenda Grande. A tenda fora transformada num circo dos anos 20; até o público fora transformado num público de há 30 anos. Esperaram da parte de fora das cordas que excluía toda a gente que não estivesse a tomar parte nas filmagens que decorriam naquele momento no cenário improvisado.

Na pista central um homem louro, vestido com um fato de trapezista, branco e prateado, acenava ao público enquanto as equipas técnicas deslocavam projectores enormes, colocando-os, deslocando-os e voltando a colocá-los.

Bart Reeder disse por trás deles:

— É como uma viagem no tempo.

Tommy virou-se, pestanejando.

— Pensei que aquele eras tu, ali na pista central...

— Não, não. Aquele é o Willy, o meu substituto. Hoje somos três vestidos de Parrish — disse Bart, rindo-se. Vestia um fato que era o irmão gémeo do que Mário tinha vestido. O seu cabelo castanho-claro fora descolorado até ficar louro, e o seu corpo esbelto e musculado exhibia-se em toda a sua beleza no fato branco e prateado. Pela primeira vez Tommy teve noção do enorme prestígio de Reeder. Não de Bart, o seu amigo. Mas de Bart Reeder, a estrela do filme.

Reeder disse baixinho a Mário:

— Estás lindo, Matt. Se eu tivesse tendências narcísicas... fazer amor com a minha imagem é uma ideia atraente.

Mário disse em voz baixa:

— Quando eu era pequeno tive uma paixoneta tremenda pelo Barney Parrish. Não conseguia tirar os olhos dele. Não és lá muito parecido com ele, na verdade. Provavelmente és mais bonito do que ele era. Mas, de alguma forma, com esse fato, fazes-me lembrar dele. Talvez te movas como ele se movia, ou coisa assim. Olho para ti, e vejo o Parrish a vir na minha direcção.

Bart disse:

— Eu movo-me da forma que tu me ensinaste, miúdo.

Talvez tu o tenhas copiado a ele. As coisas que são realmente importantes para nós quando somos miúdos... — Abruptamente disse em voz alta, o tom íntimo e meigo da sua voz desaparecendo como se nunca tivesse existido: — Graças a Deus que o Willy está ali. Com dez minutos debaixo daquelas luzes fico a suar como um porco. — E Tommy viu que Mason, o realizador, se aproximava deles.

— Bart, estás pronto? Quero-te outra vez ali só para mais meia dúzia de imagens. Depois o teu dia chega ao fim.

Mário seguiu Bart com o olhar e disse:

— Sinto-me presunçoso como tudo. Com o fato do Parrish.

A fazer os exercícios dele.

— Da única vez que ele te viu, achou que tu eras maravilhoso.

Se onde ele está se pode saber este tipo de coisa, acho que ele terá orgulho em ti. Pensa nisto desta forma: estás a mostrar às pessoas como ele era. A pessoas que nunca tiveram a oportunidade de o ver.

Uma adolescente veio ter com eles com um bloco na mão.

— O cenário está pronto para o número de trapézio.

Enquanto se dirigiam para a entrada, Tommy ouviu Mason dar instruções ao público através dos altifalantes.

— Agora, minha gente, ajam com naturalidade, façam o que fariam num circo: aplaudam, conversem, andem de um lado para o outro...

Mas a Tommy aquele público não transmitia a sensação de um público verdadeiro. E evidentemente que não o era; era um grupo de figurantes de Hollywood a ganharem o seu salário, à excepção de um grupo de crianças sentadas em cadeiras de rodas mesmo à frente — provavelmente pedidas emprestadas por aquele dia a um

orfanato ou a uma escola para deficientes, para lhes proporcionar um bom bocado e para ter no público crianças com reacções normais. Provavelmente não mais de metade do público assistira alguma vez a um espectáculo de um circo verdadeiro ao vivo. Até os aplausos tinham um som ligeiramente estranho. Tommy sentia o fato pouco usual apertá-lo em sítios inesperados, e nem sequer podia puxá-lo para o sítio, pois as câmaras podiam estar a focá-lo. Com uma estranha sensação de distanciamento, começou a subir a corda. Sentia-se ligeiramente desorganizado e como se não se estivesse a mover correctamente.

A visão dos voadores na plataforma, com os seus estranhos fatos, aumentou a sua sensação de estranheza.

Vá, raios, admoestou-se a si próprio, são só o Mário e a Stella mascarados! Recapitulou mentalmente a sequência. Uma passagem simples, Stella. Mortal e meio, Mário. Cruzamento aéreo.

E aquele maldito duplo com pirueta. Pelo menos hoje não vou ter de o agarrar num triplo, mas o outro exercício já é bastante mau. Mais tarde eles vão querer muitas imagens do trapézio para inserir nas cenas do Bart...

Ouviu, para lá da sua consciência, a música pouco familiar do velho órgão a vapor que tinham montado no exterior. Mais tarde, segundo supunha, juntariam a música escrita especialmente para o filme. Stella, na plataforma, estava a agarrar a barra. Baixou-se, de cabeça para baixo, agarrando os suportes almofadados do trapézio base com a parte posterior dos joelhos, e a disciplina de anos sobrepôs-se a tudo quando começou a balouçar-se, ajustando o seu ritmo ao de Stella.

É como qualquer outro número de trapézio voador.

E depois os reflexos tomaram o comando da situação, sem que os seus pensamentos conscientes interferissem no processo.

Percorreram a sequência de exercícios. Depois de um intervalo, fizeram-na outra vez, para aquilo que o realizador chamou de "imagens de reserva". Depois disso disseram-lhes que a tarde iria ser passada a filmar quedas, e tantas imagens quantas possíveis para serem utilizadas à última da hora de acordo com o que o realizador determinasse ou os editores desejassem.

Ao meio-dia foi-lhes trazido o almoço em tabuleiros. Bart juntou-se-lhes, ainda com o fato de cena, enfiando cuidadosamente uma toalha na gola da camisola prateada.

Passado algum tempo, Bart começou a conversar com Mário acerca de pessoas e acontecimentos que tinham tido lugar antes de Tommy os ter conhecido. Tommy, ouvindo-os sem dizer nada, pensou que alguém que os ouvisse não teria grande problema em adivinhar o tipo de pessoas que os dois homens eram. Não que eles fossem óbvios. Não eram. Será porque eu os conheço tão bem e consigo detectar os duplos sentidos naquilo que dizem?

Suponho que é preciso ser um de nós para nos reconhecer. Já há algum tempo que não via Mário livre da tensão constante em que ultimamente andava, descontraído e a rir-se. Não suportava a ideia de lhe aconselhar cautela e ver a amargura substituir o divertimento nos olhos de Mário.

Bart estava a explicar a Mário as filmagens que estavam a ser feitas no estúdio principal. — Montaram um trapézio voador num dos palcos, um aparelho a fingir com cerca de três metros, uma plataforma, um trapézio e um trapézio base, tudo montado mais ou menos à mesma altura. Fazemos a maior parte do trabalho lá, e eles afirmam que quando acabarem de montar e editar as imagens, toda a gente que vir o filme vai jurar que eu subi mesmo ali para cima — apontou para o aparelho montado na pista central -, e saltei para um triplo. Sinto-me um intrujão, sabendo que vão pôr a minha cara nessas imagens!

Mário disse, a rir-se:

— Talvez tu e eu juntos façamos uma boa imitação de Parrish, afinal. Parece-me que são precisos dois de nós para fazer um como ele.

— Não sei — comentou Bart. — É claro que eu nunca vi o Parrish com idade suficiente para saber o que via. Mas pelo que as pessoas dizem, tu até que não és uma má imitação.

— Acredita — disse Mário calmamente -, que se tivesses visto o Parrish voar, verias a diferença.

— Então quem me dera ter visto. Seja como for, o Mason queria filmar-me a balouçar-me ali em cima — apontou, e o

representante do produtor apareceu a correr e a gritar... imitando uma voz aguda e com sotaque: — Ei, afinal o que é que te deu?

Não sabes que temos a cara deste tipo segura em cem mil dólares?! Para que é que achas que servem os duplos...

Mário atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Como é que isso te faz sentir, querido, saber que o teu belo rosto vale assim tanto?

Bart disse, com um gesto afectado:

— Na verdade, faz-me sentir demasiado precioso para que possa descrevê-lo por palavras... Quer dizer, é bom ser amado, mas isto é ridículo!

Mário lançou-lhe um olhar de aviso.

— Cuidado, Bart.

— Estava a ser um pouco...

— Demasiado — disse Mário, baixinho.

— Desculpa. Passo a vida a esquecer-me, ultimamente.

Habitualmente isto não me acontece.

Tommy, que ouvira a conversa em silêncio, apercebeu-se subitamente de que os três se tinham esquecido da Stella. Teria ela percebido o que se passava, ou atribuiria tudo aquilo à excentricidade dos actores? Depois reparou no seu sorriso vago e contido.

Ela já percebeu. Bem, com os diabos, ela andou por aí com um grupo de saltimbancos quando era miúda. Também não poderia ser assim tão inocente. E deve ter ouvido o Johnny chamar ao Reeder a maior bicha de Hollywood. Isso quer dizer que ela também sabe do Mário. E sentiu-se perturbado de uma forma pouco racional. Queria proteger Stella, protegê-la daquela realidade.

A rapariga com o bloco veio novamente ter com eles.

— Senhor Reeder, por favor, vá para o cenário. Senhor Santelli... — Olhou hesitantemente de Mário para Tommy e acabou por se decidir pelo primeiro. — Eles querem algumas imagens de vocês os dois a fazerem as mesmas coisas, no mesmo espaço. — Acrescentou para Tommy e Stella: — Vão precisar de vocês os dois mais logo, com o senhor Benson e o senhor Haynes.



Um dos homens da maquilhagem aproximou-se e andou à volta de Bart, ajeitando-lhe o cabelo, passando-lhe pó pelos cantos da boca, cobrindo-lhe um brilho no nariz, limpando cuidadosamente migalhas invisíveis do casaco. Bart suportou todas aquelas atenções com um sorriso sardónico e depois observou o técnico repetir todas aquelas operações em Mário.

Stella viu-os irem-se embora com um sorriso.

Passado um ou dois minutos disse:

— Eles são velhos amigos, não são, Tommy?

— Sim, suponho que se conheceram quando o Mário era adolescente.

— Eles foram... — Stella calou-se, com uma expressão perturbada por baixo do cabelo ruivo e pouco familiar. — Não sei como hei-de dizer isto. Sabes o que eu quero dizer, não sabes?

Na sua voz meiga não havia qualquer indício de condenação, mas Tommy baixou os olhos. Por fim murmurou:

— Sim, talvez.

Portanto a Stella sabia. Ao mesmo tempo Tommy sentiu-se aliviado — pois, embora sabendo, ela não os rejeitara — e perturbado. Encarou o facto de que não queria que Stella pensasse nele daquela maneira.

— Tu percebeste o que se passava, Stel? Ficaste... não te importas? — Porque haveria de me importar? — Perguntou ela abrindo muito os olhos. — Tu deves ser o melhor amigo que eu já tive, Tommy. Sempre achei que nós éramos um bocado parecidos, tu e eu. Estamos os dois mais ou menos... mais ou menos perdidos no meio da família, somos diferentes. É como se tu fosses mesmo meu irmão, só que eu nunca tive um irmão, nem uma irmã. Nunca tive ninguém.

— Tiveste-me a mim, Stel. Sempre — disse cobrindo-lhe a pequena mão, e fazendo com que esta quase desaparecesse debaixo da sua.

— Eu acho que ao princípio fiquei mais ou menos apaixonada pelo Johnny porque ele era o tipo mais decente que eu tinha conhecido até então. Ele não estava a fingir que era decente só para... só para se meter na minha cama. Levou-me para casa e

tratou-me como a uma rapariga respeitável, como à Barbie ou à Liss...

— Tu eras uma rapariga respeitável — disse ele com ferocidade.

— Sempre foste, Stella!

— Tentei. Mas era muito nova quando o meu pai morreu e tive de lutar o tempo todo, e quando o Johnny me levou para casa, e eu me tornei parte da família... Oh, nem te sei explicar o significado que isso teve para mim! Foram todos tão bons para mim.

— Stella — disse ele com meiguice -, tu também foste muito boa para nós todos. Tu és a melhor trapezista que eles tiveram na família desde a Lúcia.

— Espero que sim. Eu queria ser — disse ela. — Só que tu... tu eras mais o meu tipo de pessoa. Também vinhas de fora.

Ao ver a maneira como eles te aceitavam, eu podia... podia acreditar que talvez um dia eu também viesse a ser parte da família. Como tu. E pensas que eu não vejo... que eu não vejo o que tu vês no Mário? — disse ela procurando as palavras. — O Mário é muito especial. Oh, não sei como hei-de dizer isto sem te dar a ideia errada. Não me interpretes mal, eu amo o Johnny, ele é o meu marido. Mas o que eu sinto por ti, é diferente, é especial, e o que eu sinto pelo Mário, ele é... ele é..., oh, meu Deus, não sei como hei-de dizer isto sem te dar a ideia errada! É mais que amor. Eu, como é que hei-de dizer, eu adoro-o. Por isso acho — disse, engolindo em seco -, que percebo o que ele é para ti. Mais do que qualquer outra pessoa no mundo poderia alguma vez ser.

Ele continuava a agarrar-lhe na mão. Apertou-a com força, sem saber o que dizer. As mãos dela eram como as suas, as mãos de uma trapezista, magras, ossudas e secas pela resina. Com as mãos dela nas suas ele conseguia ignorar a maquilhagem esquisita e ver nela apenas a sua Stella, muito sua, muito mais sua do que se ele lhe tivesse podido declarar o seu amor de uma forma mais convencional.

— Sim — disse-lhe ele num sussurro -, parece-me que tu compreendes, não é, Stel? — E acrescentou num murmúrio tão baixo que ela o poderia ouvir ou não, conforme entendesse. — Eu

também te amo Stel — e soube que aquela seria a única forma como ele lho poderia alguma vez dizer, a única forma como lho diria.

Passado pouco tempo vieram buscar Stella para fazer imagens de longe, vista por trás, no trapézio e fora dele, com as actrizes que faziam os papéis de Eileen Leeds e Cleo Fortunati. À distância havia mesmo uma grande semelhança entre Mário e Bart; eram quase da mesma altura e ambos os homens tinham a constituição e o andar dos atletas ou dos bailarinos. Com o cabelo de Mário descolorado era possível que um olhar rápido os confundisse, e quando o filme se estreou, Tommy não tinha muitas vezes a certeza se dada cena mostrava Mário ou Bart. Mas nunca seria possível confundir a arrapazada Stella com qualquer uma das jovens actrizes mais arredondadas e de peito muito mais desenvolvido a não ser nas imagens mais de longe.

Ela voltou mais tarde esfregando os olhos.

— Que se passa, Stella? — perguntou Tommy.

— Aquelas luzes lá em cima ferem-me os olhos. E parece que tenho qualquer coisa lá dentro.

Bart disse, preocupado:

— Tem de aprender a não olhar para as luzes, senhora Gardner, posso chamar-lhe Stella? Eu vou falar com o Wally Mason para as mudarem de posição para as filmagens da tarde.

Devia ter falado nisso mais cedo. — Não sabia que as podiam mudar de sítio. Estou habituada às luzes no cimo da tenda, mas estas são muito mais brilhantes.

Continuo a vê-las mesmo depois de deixar de olhar para elas, como se fossem manchas...

— Vou falar com o realizador. Da próxima vez diga quando qualquer coisa a estiver a incomodar — admoestou-a Bart, e foi à procura de Mason.

Por fim, Jim Fortunati apareceu e disse:

— Vai lá acima agora para ver se assim as luzes já estão bem, Stella. Tu também, Tommy.

Grupos de homens estavam a deslocar os enormes projectores; muito antes de terem acabado de os recolocar, já Mason estava a exigir, irritado, que recomeçassem o trabalho.

— Isto ainda não está bem, menina Santelli?  
— Acho... acho que sim — disse Stella duvidosa.  
— Muito bem, vamos lá continuar com isto! — gritou ele.  
— Precisamos de algumas quedas — disse Fortunati. — Muitas imagens, imagens de reserva. Muitas, para depois podermos escolher as melhores.

Mário riu-se.

— A melhor maneira de as conseguirem — disse -, é porem-me a mim e ao Tommy a treinar o triplo, como fazemos em casa. Continuo a só conseguir fazer dois em cada três tentativas. Se fizermos um bom, poderão usá-lo, e vão poder filmar muitas, mas muitas quedas.

— Por mim tudo bem — disse Fortunati. — Pronto, treinem então durante mais ou menos uma hora, da mesma maneira que fariam num treino normal, e nós filmamos quando vocês caírem.

Tommy disse:

— Se o Matt vai cair muitas vezes, então quero essa rede mais frouxa. Uma rede como esta, assim tão esticada, vai fazê-lo ressaltar directamente para o chão.

— Se pudéssemos filmar isso, então todos os nossos problemas estariam resolvidos — comentou Mason.

Fortunati disse:

— Se a rede estiver muito frouxa, não conseguimos imagens suficientemente realistas. Fica tudo com um ar muito chocho.

E se a rede estiver muito frouxa os pés e as mãos enredam-se nas malhas e magoam-se na mesma. Eu, nos treinos, prefiro trabalhar com uma rede mais para o tenso.

Tommy sabia que aquela era uma disputa muito antiga; cada trapezista tinha as suas preferências, e a maioria dos espectáculos eram o resultado de um compromisso. Mário disse:

— Eu cá me arranjo com a rede assim tensa, Jim.

— Não tão tensa como está, Matt. Ou dizes aos homens que a afrouxem um bocado, ou eu não subo lá para cima, e está decidido.

Ficou à espera de uma explosão de raiva de Mário, preparando-se para se manter firme, mas Mário olhou-o durante alguns instantes erguendo as sobrancelhas, pensativo. Depois disse:

— Ouviste o que ele disse, Jim. Diz-lhes para afrouxarem um bocado a rede.

Tommy trepou para a rede para supervisionar os homens dos aparelhos e passado um bocado desceu, dizendo:

— Muito bem, Matt, podes verificar a rede.

Mário içou-se para dentro da rede e verificou-a, saltando para cima e para baixo.

— Uuups — disse ele -, enterro-me até à cintura.

Mason abanou a cabeça.

— Isso assim não serve — disse. — Precisamos de ter algumas imagens dos trapezistas a caírem na rede como ela estava esta manhã.

Passou-se mais uma hora antes de conseguirem chegar a um compromisso entre o desejo de Mason de uma rede tensa que proporcionasse quedas e ressaltos dramáticos, e uma suficientemente frouxa por forma a que Tommy permitisse a Mário tentar vários triplos dos quais resultariam quedas inevitáveis. A dado momento Mason ficou zangado e perguntou:

— Que tipo de pessoas é que vocês são para estarem a arranjar problemas? O Fortunati disse-me que era fácil trabalhar convosco...

— Escute — disse Tommy descendo da rede e enfrentando-o -, o Matt não é duplo profissional. Eu sou, e sei muito bem o que podemos ou não fazer. Chame um representante do sindicato, faça-o vir até aqui às filmagens e pergunte-lhe a ele!

— Aquela fora uma das primeiras coisas que Angelo lhe disse... que se duvidassem da sua capacidade para desempenhar qualquer truque mais perigoso, deveria insistir em ter presente um delegado sindical para negociar um compromisso mais seguro.

— Essa vossa gente do sindicato só o que sabe fazer é atrasar-nos — rosnou Mason.

Fortunati disse:

— Mário, já te vi trabalhar com redes mais tensas que esta.

— Num espectáculo, com certeza — disse Tommy -, quando só se faz uma tentativa para o triplo, talvez duas se se falhar a primeira. Isto é uma rede para treinos, para dez ou vinte tentativas.

Mário encolheu os ombros e sugeriu um compromisso.

— Escutem, faço três tentativas com a rede como está agora, preparada para o espectáculo. Vou falhar uma, talvez duas vezes. Depois disso afrouxamos a rede para o resto das quedas, está bem?

Tommy continuava a ter dúvidas, mas também a ele pareceu um compromisso razoável. Era totalmente verdade que durante todos os anos em que Mário trabalhara o triplo, aperfeiçoando-o, aprendera a cair em quase todo o tipo de condições.

Era melhor tentar assim do que fazer com que Mário tivesse um ataque de nervos por causa disto.

Ele próprio se começava a sentir fatigado. Os números normais de trapézio voador eram curtos; os treinos podiam ser extensos, mas não tinham aquele tipo de pressão. Mário subiu para a plataforma e fez-lhe sinal de que iria tentar o primeiro triplo.

Tommy começou a acelerar o seu balanço, deixando-se cair para trás, ajustando o seu ritmo aos movimentos de Mário.

O silêncio era total. Mário saiu do seu trapézio, girou no ar, e outra vez, e outra vez — antes de ter tempo de saber conscientemente, Tommy pressentiu que Mário falhara e que ia cair.

Por instantes pensou que ele aterraria fora da rede e cairia em cima dos esticadores, mas na última fracção de segundo ele conseguiu enrolar-se numa bola compacta e deslizar para o centro da rede.

Tommy esperava que os operadores de câmara tivessem captado a imagem e que fosse aquele tipo de coisa que eles queriam. A sua própria respiração estava um tanto alterada. Por muito tempo que vivesse, sabia disso, de cada vez que Mário falhasse um triplo, ele nunca conseguiria sentir-se seguro.

Stella estava na plataforma e cobria os olhos com as mãos.

Raios, será que ela continua a ter problemas com os olhos? Stella era tão adaptável, estava tão habituada a receber ordens, que era muito bem capaz de não dizer nada nem armar barulho se alguma coisa não estivesse a correr bem. Deveria exigir outro intervalo? Mas também ele estava desejoso de acabar aquela sequência. Começou a acelerar novamente o balanço até atingir o ritmo perfeito para a repetição do triplo. Sabia que Mário já saíra da

plataforma e que ganhava impulso, que girava na sua direcção. Depois os pulsos e as mãos entrelaçaram-se, seguindo-se o momento de tensão quase insustentável antes de o impulso do trapézio carregar consigo a maior parte do peso. Mal conseguiu ver a cara de Mário, distorcida e desfocada, por baixo da sua. A sua visão periférica captou a sombra fina do trapézio voador e soube que qualquer coisa estava ligeiramente mal...

Mário bateu com a cabeça na barra, mesmo por cima da cana do nariz e caiu como uma pedra. No último minuto — mais por reflexo inconsciente do que por decisão deliberada — virou-se, conseguindo aterrar de costas na rede ficando ali sem se mexer, o sangue jorrando do nariz.

Mason gritava: "Não cortem! Não cortem! Continuem a filmar, fiquem com isso na película..."

Tommy disse furioso: "Vampiros!" Mário estava imóvel, e Tommy mergulhou a seu lado com o coração aos pulos.

Stella lançou mal a barra. E ela nunca o faz, nunca!

Jim Fortunati correu em direcção à rede com um ar assustado.

— Matt! Tommy, ele está bem?

— Desmaiou — disse Tommy. — Arranja amoníaco ou coisa do género. — Tirou o seu próprio lenço do cinto e fez pressão no nariz que sangrava, sentando o homem inconsciente para que o sangue não o sufocasse ao escorrer-lhe pela garganta. Pelo canto do olho viu que uma das câmaras continuava a filmar.

Um dos homens que fazia parte da equipa de filmagens passou-lhe um tubo de vidro.

— Parta-o por baixo do nariz dele — disse. Tommy quebrou a ampola sentindo o cheiro agreste do amoníaco. Isso trouxe-lhe a memória desconcertante da sua própria queda, a queda terrível que dera na sala de treinos. Mário mexeu-se e empurrou o vidro. O peitilho do seu fato branco e prateado estava num estado horrível, cheio de sangue.

— Estou bem. Que foi que aconteceu?

— Bateste na barra com a cara. A Stella lançou-a mal.

— Sim, pobre miúda, não conseguia ver o que estava a fazer...

— murmurou Mário limpando automaticamente o sangue.

— Põe a cabeça para trás — aconselhou Tommy, cauteloso, tirando o lenço de Mário do seu cinto e juntando-o ao que já tinha na mão.

Mason apareceu a correr.

— Está bem, senhor Santelli? Quer que chamemos um médico?

— Estou bem. Mas arranjam-me gelo, ou qualquer coisa...

— Vão à máquina da Coca-Cola — disse Jim Fortunati e poucos minutos depois trouxeram um balde com gelo e algumas toalhas. Mário pôs o gelo contra a cara até a hemorragia abrandar e quase parar.

— Arranjam-me um pano para limpar esta porcaria...

— Tem a certeza de que está bem? — Perante as repetidas afirmações de Mário de que estava bem, Mason disse: — Muito bem, olhe, quero então que me faça mais uma coisa. Quero que suba lá para cima, assim como está, com sangue na cara e no fato, e faça qualquer coisa, o que quiser... não interessa, só para podermos captar a sua imagem assim, cheio de sangue.

Jim Fortunati disse, numa voz inexpressiva:

— Matt, não tens de fazer isso. Se ele quer uma imagem assim, pode captá-la amanhã com sangue a fingir. Para que servem os tipos da maquilhagem?

Mas Mário começou a endireitar-se, com os olhos a brilhar, e o seu velho sorriso endiabrado.

— Raios, não. Eu dou-vos a vossa imagem!

Tommy protestou:

— Não, Matt, vais começar a sangrar outra vez...

— Pára com isso, Tom. Já te avisei quanto a isso há muitos anos.

Mário pôs-se de pé na rede e começou a encaminhar-se, bamboleante, para a escada de corda. Tommy ficou sentado, não acreditando no que via, mas por fim, quando se tornou evidente que Mário tencionava mesmo fazê-lo, abanou a cabeça com desespero e voltou a subir para o trapézio base. Mário trepou a corda com o seu velho estilo, cada movimento de uma precisão exacta, com uma exaltação tal, que Tommy se sentiu ator- doado. Mesmo de longe



podia ver que Mário vogava na crista de um dos seus momentos súbitos de louca euforia.

Raios, é nestas ocasiões que ele voa melhor. Mas porquê agora?

Na plataforma ele ergueu três dedos — era o sinal para o triplo.

Está doido. Será que a pancada da barra lhe tirou o juízo todo? Ou estará de tal forma eufórico que se está nas tintas para o que possa acontecer? Tommy abanou a cabeça, zangado, mas Mário repetiu o sinal e, sem dar tempo a que Tommy recusasse, agarrou na barra e lançou-se para a frente, construindo a velocidade extra para o pêndulo gigante. Tommy começou ele próprio a ganhar balanço. Era tarde demais para fazer o que quer ; que fosse. Falhar agora seria assassínio.

Tenho de estar lá e, desta vez, agarrá-lo com perfeição.

No estado em que ele está, nem sabe o que faz!

Mário atingiu o ponto máximo do seu balanço e saiu da barra, girando. Um pensamento instantâneo cruzou a mente de Tommy: O Jim Fortunati calculou uma vez a velocidade do trapezista quando sai da barra; ele vem a noventa quilómetros por hora, quilómetro e meio por minuto... Tommy viu que o sangue corria novamente do nariz de Mário. As suas mãos e pulsos juntaram-se, sentiu-se salpicado pelo sangue, mas Mário balouçava por baixo de si, firmemente seguro, sorrindo em êxtase, !; ignorando o sangue que lhe corria pelo rosto.

— Tu — disse Tommy por entre os dentes cerrados enquanto balouçavam juntos -, estás completamente doido!

— Mas contra sua vontade, o sorriso extasiado de Mário contagiou-o. Aquele era o velho Mário; dez anos antes Mário poderia ter feito algo de semelhante.

— Larga-me, Lucky — disse Mário. — Vou direito para a rede. A Stel está a ter outra vez problemas com os olhos. Acho que nem mesmo o Mason pensa que pode filmar mais alguma coisa hoje. Quando já estavam todos no solo, os olhos de Stella estavam vermelhos, e ela pestanejava tentando conter as lágrimas que não paravam de cair por entre as pálpebras inchadas. A cara de Mário

também tinha de ser limpa e a hemorragia novamente estancada com gelo. Tommy levou-os para casa, mas quando chegaram à casa dos Santellis Stella estava assustada, muito pálida e encolhida a um canto do carro.

— Tommy, não vejo. Não vejo absolutamente nada! Estou com medo!

— Calma. Calma, querida — disse Tommy e deu a volta ao carro, pegando-a ao colo. — Anda cá, põe os braços à volta do meu pescoço. — Levou-a pelas escadas acima. Por cima do ombro disse numa voz tensa a Mário: — Vai chamar o médico. E não te deixes ir na conversa de a levarmos ao consultório.

Ajoelhou-se ao lado dela, agarrando-lhe nas mãos. Ela estava a chorar, completamente assustada.

— Tommy, estou tão assustada! Vou ficar cega?

— Não, não — acalmou-a ele. — Aguenta-te. O médico já vem aí.

Johnny, chamado do andar de cima, fez algumas perguntas rápidas e preocupadas. Tomou Stella nos braços apertando-a contra si, acalmando-a.

— Está tudo bem, bebé, foram só as luzes — confortou-a ele e virou-se furioso para Mário.

— Não tens os miolos suficientes para a avisar acerca das luzes? Não, raios, parece-me que não, os teus olhos estão quase tão mal como os dela! — Explodiu. Os olhos de Mário também estavam vermelhos e começavam a inchar.

— Johnny, eu não sabia...

— Não é muito grave — disse Johnny ajoelhando-se ao lado de Stella e abraçando-a. — Um par de dias na cama, a descansar, e ficas boa. Mas é melhor que o médico te veja os olhos também, Matt. E mostra-lhe o nariz.

— Sim, desta vez parece-me que parti o osso. Não estou a culpar a Stel, ela não conseguia ver o que fazia, mas sinto qualquer coisa a estalar aqui dentro.

O médico confirmou o diagnóstico de Johnny acerca da exposição demasiado prolongada aos holofotes.

— Costumavam chamar a isto olhos de holofote. Hoje em dia já não se vê muito. A maioria das pessoas sabe que não pode olhar directamente para os holofotes — disse. — Foi esta a primeira vez que trabalhou em filmagens, senhora Gardner? Alguém a deveria ter avisado. — Receitou gotas para os olhos e uns dias de cama com os olhos vendados. Também confirmou que Mário tinha o nariz fracturado, embora não com gravidade, e encheu-lhe as narinas de algodão, um processo algo desagradável.

Quando ele se foi embora, avisando-os para que fossem à consulta daí a um ou dois dias, Johnny disse que deveriam telefonar imediatamente para o estúdio e pedir o pagamento da conta do médico e compensação pelo tempo perdido.

— De qualquer maneira — acrescentou olhando para Stella que estava deitada no sofá com os olhos vendados -, isto arruma uma questão, e arruma-a de vez!

— O quê, Johnny?

— Daqui em diante... — Johnny calou-se. Suzy entrara na sala e trepara para o sofá onde Stella estava deitada. Tiveram de a confortar e deitá-la ao lado da tia.

Stella sorria, abraçando a criança assustada e insistia:

— Eu estou bem, bichinho, só olhei para umas luzes demasiado brilhantes. Como quando se olha para o Sol. Que é uma coisa que nunca, mas nunca, se deve fazer.

Johnny saiu para o átrio levando Mário e Tommy consigo, os lábios comprimidos com determinação.

— De agora em diante, a Stella não volta mais para essa porcaria dessas filmagens a não ser que eu esteja presente para garantir que ela está bem! Vocês sabem que ela não se defende!

Eu sabia que deveria ter ido hoje!

Mário riu-se com uma gargalhada áspera. Tinha a voz empastada e abafada devido às camadas de algodão que lhe obstruíam as narinas.

— Por mim tudo bem, Johnny. Eu disse-te que precisávamos de um empresário.

— Do que tu precisas — disse Johnny zangado -, é de um guarda! De um daqueles homenzinhos de casaco branco! Porque é

que alguém quer voar é uma coisa que eu não consigo perceber!

## *Capítulo XVI*

O resto das cenas no trapézio foram filmadas sem incidentes, uns dias mais tarde. O seu trabalho no filme estava completo, à excepção das cenas que seriam filmadas depois da estreia do circo no Madison Square Garden.

O dia da estreia era daí a cerca de duas semanas. Uma das partes do espectáculo já atravessava o país para ir fazer os ensaios finais no Garden. Um ensaio geral seria efectuado com o público de figurantes vestidos com fatos do período em que Parrish actuara, com todos os que reinaram na pista central.

Randy Starr foi até à casa dos Santellis para visitar Lúcia, e conseguiu convencê-la a viajar até Nova Iorque para assistir à estreia do seu filho na pista central como "A Estrela do Starr", posição que ela própria ocupara durante muitos anos.

— Quem me dera saber qual é o segredo do Randy — disse Mário. — A Lu não entra no recinto de um circo há, sei lá, meu Deus, há uns bons 20 anos!

Mário, Tommy e Stella deveriam voar para Nova Iorque no dia antes da estreia para filmar as sequências finais. Estas incluíam o triplo, feito no Garden, uma última filmagem do número Barney Parrish e as sequências dos "exercícios falhados". Mário estivera a praticar as quedas, de todos os ângulos possíveis, com uma assiduidade equivalente àquela com que praticara o triplo quando era rapaz.

Nos seus tempos livres trabalhava com os rapazes amigos de Clay. Quando Tommy o repreendeu dizendo-lhe que devia poupar energias, ele disse-lhe muito sério: "Não, isto descontra-me, trabalhar com os miúdos. Mantém-me activo, faz-me sentir bem."

Mas quase todas as noites acordava com pesadelos, debatendo-se, aos gritos, e Tommy, sabendo que os seus nervos estavam a atingir o ponto de ruptura, estava desesperadamente preocupado com ele. Mário, destemido no que respeitava ao voo no

trapézio, continuava a ter um terror quase supersticioso em relação ao trabalho de duplo. Tommy não tinha aquele tipo de medo — encarava aquele trabalho com a mesma calma de Angelo -, mas sofria por causa de Mário. Durante o dia Mário trabalhava incansavelmente, não se poupando, caindo deliberadamente na sala de treinos em quedas que assustavam o próprio Tommy, mas durante a noite os seus nervos esgotados acusavam toda a tensão nos pesadelos de que ele acordava aos gritos, agarrando-se a Tommy.

— Matt, porque é que tu tens de o fazer? Deixa-os montar a porcaria da cena ou passam sem ela!

Mário disse, sentado na beira da cama a fumar um cigarro:

— Olha, tenta ver as coisas do meu ponto de vista, Tommy.

Chega-se a uma altura em que damos por nós a fazer sempre a mesma coisa, uma e outra vez. Já ninguém nos pode ensinar nada, pois já fazemos mais do que os outros já alguma vez fizeram. Eu ensinei-me a mim próprio o triplo porque não havia ninguém que mo pudesse ensinar. Mas agora isso já tenho.

Tenho de... de conseguir também isto.

Tommy sentiu a garganta apertada por dedos gelados, lembrando-se do que Papa Tony lhe dissera. Seria este de facto o salto mortal de Mário, a consubstanciação do seu destino pessoal?

Ele está distante, só e isolado, onde ninguém o pode alcançar.

Excepto tu, talvez. Mas mesmo enquanto sentia a necessidade de implorar a Mário que não fizesse aquilo, que se contentasse com o que já conseguira, Tommy percebeu que era por isso que conseguia chegar até Mário: porque sabia que tinha de o deixar fazer o que tinha de fazer. Podia dar-lhe ordens, podia tomar a iniciativa relativamente a quase tudo — mas a inversão dos seus papéis só chegava até a um certo ponto. Ele era a âncora de Mário, nunca o poderia seguir até ao fim no desconhecido, a única coisa que podia fazer era estar ali, para Mário. Para quando ele precisava de voltar atrás.

Disse:

"Dá cabo de mim, ver-te fazer isso a ti próprio", e percebeu imediatamente que aquele era o argumento que nunca poderia

utilizar. Mário tinha de facto partido para aquele lugar distante e solitário que Papa Tony referira, onde ninguém o podia seguir.

Estava nas mãos de Tommy trazê-lo de volta; só ele o poderia fazer. Mas com que custo, com que custo incalculável para aquilo em que Mário se tornara? Mário sempre fora assim — tentando sempre avançar mais um passo na direcção do desconhecido, testando e desafiando os limites do possível — e Tommy podia chegar até ele porque Mário sabia que Tommy diria sempre, como o fez naquele momento: "Muito bem, companheiro, o pescoço é teu. Eu não gosto disso, mas tu lá sabes o que tens de fazer."

Era aquele o preço de voar; sempre soubera isso desde o início, mas a si a questão nunca se pusera assim. Nunca fora uma questão de coragem — só de disciplina, técnica, conhecimento perfeito daquilo que estava a fazer. Agora enfrentava não só o orgulho de voar, mas também o preço que pagara durante todos aqueles anos: um espírito aberto não só em relação à possibilidade de partir o seu próprio pescoço, mas também à necessidade de deixar Mário partir o seu, se tivesse de ser.

Angelo tivera razão, afinal. Ele tinha sido demasiado novo para voar. Não demasiado novo para aprender os exercícios, mas demasiado novo para perceber completamente qual o preço a pagar. E agora era demasiado tarde. Tommy apercebeu-se de que, durante muitos anos, a sua verdadeira vida fora voar. Tudo o resto era apenas a mecânica da vida quotidiana, fazendo o que tinha de ser feito até ao momento em que mais uma vez subia ao aparelho. Tudo o resto na vida era monótono, sem cor, mas já não se perguntava o que teria feito se não tivesse escolhido voar. Era demasiado tarde para isso.

A única coisa que me assusta é que um dia não vou poder voar. Era assombrado, por vezes, pela recordação do homenzinho coxo observando Mário a fazer o triplo, e soube o que estivera nos olhos de Barney Parrish; fora esse mesmo olhar assombrado.

Agora, tal como quando tinham treinado juntos pela primeira vez a passagem cruzada, parecia que toda a tensão entre eles crescia e culminava, não no momento em que se deitavam nos

braços um do outro, à noite, mas no momento em que Mário se lançava do trapézio para as mãos expectantes de Tommy.

O pior era que Angelo continuava a vigiá-los, obsessivamente, ficando de pé junto à porta da sala de treinos. Tommy perguntou um dia:

— Será que ele ainda acha que nos vai apanhar a fazer propostas imorais aos miúdos, ou coisa do género?

— E como é que queres que eu saiba o que ele pensa? — perguntou Mário. — Pode vigiar-nos até ao dia de S. Nunca, a ver se eu me ralo. Talvez, raios o partam, isso lhe recorde aquilo em que costumava acreditar. — Virou-se para o seu lado do aparelho, mas Tommy viu a sua expressão triste.

O ponto crítico foi atingido num dia quando Mário tinha acabado a sessão da tarde com os rapazes. Clay chegara mais tarde; Mário prometera-lhe que trabalharia com ele separadamente depois da aula, dissera-lhe que Carl, Bobby e Phil eram um grupo que deveria trabalhar separadamente. Tommy percebeu ao ouvir aquilo que Mário começara a pensar em Clay como, pelo menos, num futuro Santelli. Concedia a Clay os mesmos privilégios que tinham sido concedidos a Tommy nas semanas anteriores à sua primeira actuação pública com os Santellis Voadores.

Mas naquela tarde Clay chegara atrasado e atravessara a sala de treinos com os ténis enlameados, deixando um rastro de pegadas.

E aquelas não eram as primeiras. O chão não era agora mantido no mesmo estado dos tempos de Papa Tony. Não tinha provavelmente voltado a ser polido desde a última temporada em que Papa Tony estivera com eles. Mário observou-o, fumegando e começando a ferver. Mas tudo o que disse quando Clay chegou perto dele, de calções e camisola de ginástica, foi:

— Que se passa? Tens as calças de ginástica a lavar ou quê?

— A Lúcia não as secou.

Mário disse num tom cáustico:

— E evidentemente tu não sabes agarrar num par de molas da roupa e pendurá-las na corda? É uma manobra demasiado complicada, muito para além das capacidades do teu pobre cérebro?



— Deixa-me em paz, Matt — disse Clay amuado. — Isso tem alguma importância? A Lúcia conta uma história acerca de não sei quem que perdeu o fato e entrou no espectáculo em roupa interior. Porquê armar esse barulho todo por causa do meu fato de ginástica?

Mário girou sobre si próprio e, encarando Angelo, disse:

— E será capaz de apagar essa porcaria desse cigarro?

Angelo franziu o sobrolho e apagou-o.

— Que foi que te deu hoje, Matt?

— E afinal de contas que raio está aqui a fazer?

Angelo encolheu os ombros.

— Raios me partam se sei — disse. — Queres fazer uma cena e pôr-me na rua?

Mário desviou-se, furioso.

— Faça o que bem lhe apetecer. As coisas por aqui estão mesmo a ficar uma desgraça! — Mas quando chegou à plataforma já estava novamente de bom humor.

Não interessa qual o seu estado de espírito, pensou Tommy, trepar pela corda faz-lhe sempre isto.

Olhou para a cara amuada de Clay. Para Angelo, Mário deveria ter-se parecido muito com Clay quando praticara o triplo — um rapaz sério e compenetrado, magro como um choupo, e com caracóis escuros caindo-lhe em torno da testa. Tommy arqueou as costas, compensando automaticamente com a altura do seu balanço o impulso mais curto do trapézio do rapaz. Agarrou os pulsos finos de Clay e depois lançou-o de volta à barra.

Mais tarde, sentado no trapézio, ouviu o que Mário dizia ao rapaz, criticando-o.

— Mas continuas a não demorar o tempo necessário, Clay.

E o problema é que não chegas mesmo a saltar, deixas que o Tommy te agarre e arranque da barra. Tenta outra vez, e desta vez tenta sair da barra pelos teus próprios meios. És suposto saltar da barra e não cair.

— Sim, mas passas a vida a dizer-me para não me agarrar ao base — argumentou Clay tirando a barra envolta em fita adesiva das mãos de Mário.

Porque raio é que o Mário o deixa responder-lhe assim?

Se eu lhe tivesse dado aquele tipo de resposta ele corria comigo!

— Pronto, espera aí, espera — vai!

Clay saiu do pedestal.

— Para cima, para cima — gritou Mário. — Junta os pés, pronto, agora! — Clay lançou-se na direcção de Tommy. Mais uma vez, calculando a velocidade do corpo que girava na sua direcção, Tommy empurrou ligeiramente mais para a frente, e mais uma vez as suas mãos se juntaram aos pulsos de Clay.

— Continuas a agarrar-te durante demasiado tempo. O Tommy teve de compensar por ti. Tom, da próxima vez que ele fizer isso, não compenses, deixa-o cair — gritou Mário. — Agora vira-te, calma, calma, muito bem, larga-te — agarra! — Quando Tommy libertou os pulsos de Clay, o rapaz tentou apanhar a barra, mal conseguiu roçar com as pontas dos dedos pelo trapézio e caiu, mergulhando na rede. — Vira-te — gritaram Mário e Tommy ao mesmo tempo, e Clay, virando-se no ar como um gato, ressaltou sem problemas na rede.

Mário mergulhou a seu lado. Já no chão disse, zangado:

— Olha, continuas a agarrar-te durante demasiado tempo.

Fizeste isso para lá e voltaste a fazer para cá!

Clay encarou Mário com o queixo erguido. Disse:

— Tu lançaste a barra demasiado cedo, não foi, Matt?

Tommy, escorregando pela corda, quase que caiu de espanto.

O rosto de Mário toldou-se.

— Eu lancei a barra demasiado cedo?

— Que foi — perguntou Clay. — Se calhar achas que és perfeito? É claro que a lançaste demasiado cedo!

Mário avançou para ele, com o rosto contraído, tão ameaçador que Tommy sentiu que se Mário alguma vez o tivesse olhado assim ele teria virado costas e fugido. Disse:

— Clay, sabes qual é o teu problema? Tens sempre uma desculpa qualquer! Se qualquer coisa falha, é por culpa do Tommy, ou é culpa minha. Nunca é por culpa tua. Nesta família não há lugar para esse tipo de coisa. Achas que és muito bom, não achas?

— O Johnny não se queixou.

— Tu nem conseguirias chegar ao base, se o Tommy não estivesse sempre a corrigir as porcarias das coisas estúpidas que tu fazes!

— Claro — disse Clay com um sorriso insolente -, todos nós sabemos que o Tommy nunca faz nada errado nesta casa.

Especialmente no que te diz respeito!

— Pelo menos na tua idade sabia não responder torto — disse Mário zangado. — Se dependesse de mim, tu nem sequer voarias!

— Bem — disse Clay com o mesmo sorriso insolente, o sorriso infantil que fazia com que Tommy tivesse ganas de lhe dar um estalo na boca. — E depende de ti?

Mário abriu a boca e voltou a fechá-la. Olhou para Angelo que fumava, impassível, à porta.

— Provavelmente, não. Vá, corre lá para cima e veste-te.

— Importas-te que vá primeiro buscar os meus sapatos? — perguntou Clay.

Mário foi até ao vestiário, agarrou nos ténis enlameados de Clay e, mantendo-os afastados de si com o braço esticado, deu-os ao rapaz.

— Não os calces aqui.

Clay disse:

— Oh, tretas! Sempre, sempre a reclamar, estás a ficar tal e qual uma velha! — E saiu disparado da sala.

Angelo foi atrás dele e Tommy rebentou:

— Raios, Matt, se eu te tivesse respondido daquela maneira quando era da idade do Clay, tu ter-me-ias dado uma sova!

Mário ficou dobrado pelo meio, de sobrolho franzido. Disse, olhando desanimadamente em torno do vestiário que os rapazes tinham deixado cheio de pegadas de lama e de calças de ginástica e toalhas sujas amontoadas:

— O Angelo deixou-me embaraçado em relação aos miúdos.

Tenho medo daquilo que ele possa ter dito ao Clay, para o fazer pensar que se pode safar e responder-me daquela maneira.

Tommy, mordendo o lábio, agarrou na camisola de Mário de cima do banco cheio de coisas e pô-la em torno dos seus ombros.

— Veste-a. Vais-te constipar, a andar por aí com a roupa molhada de suor.

Mário explodiu.

— Agora és tu que me comesças a dar ordens?

Tommy virou as costas a Mário.

— Faz como queiras — disse e bateu com a porta do vestiário atrás de si. Nem sequer eram precisos dois para armar uma briga, quando Mário estava assim.

Quando estava no chuveiro, ouviu Mário subir as escadas, parar à porta da casa de banho e passar à frente. Houvera um tempo em que ele teria entrado e ido tomar banho com Tommy.

Já não faziam isso há muito tempo. Não desde que Angelo descobrira o que se passava entre eles. Ouviu Mário ir-se embora, e quando voltou ao quarto, ele não estava lá. Tommy supôs que ele tivesse ido ao outro lado da casa para tomar banho, na casa de banho da Lúcia.

Tommy acabara de vestir as calças de ganga lavadas e uma camisa quando Mário voltou vestido com as suas velhas calças e camisola pretas. Ficou à frente do espelho a pentear-se, e Tommy reparou que os cabelos grisalhos tinham aumentado e que eram mais visíveis.

— Vamos dar uma volta, Lucky.

Tommy olhou para a janela:

— Não está a chover?

— A choviscar. Não me importo. Não me parece que vamos encolher. E não me apetece conversar aqui.

Encontrando o seu olhar, Tommy percebeu exactamente o que ele sentia. A casa estava a sufocá-los. Era pior do que a temporada com o Lambeth, quando tinham tido de se esconder, correr riscos idiotas, conspirar para arranjar 20 minutos livres de interferências. E no entanto, até as mentiras, as brigas amargas e brutais que eram consequência da tensão e da frustração em que tinham vivido, eram melhor que aquilo. Mesmo no seu quarto, com a porta trancada, Tommy tinha tido a sensação horrível de estar a ser observado, espiado.

Fui eu. A culpa é minha. Eu poderia ter convencido o Angelo de que não tinha visto nada que merecesse a sua preocupação.

Fiquei tão farto de lhe mentir! Ele, com um único gesto, afastara a aceitação de Angelo e, de agora em diante, ele e Mário tinham de viver com essa realidade.

Saíram de casa para a chuva fraca. Mário fungou.

— Primavera. Cheira bem. E dentro de um par de semanas... não, daqui a uma semana, vamos estrear-nos no Garden.

— Se nos aguentarmos até lá — murmurou Tommy.

— Lucky... — Agarrou a mão de Tommy à luz do crepúsculo, mas Tommy afastou-o.

— Matt, houve um tempo em que te recusavas a fazer compromissos.

Nem mesmo para evitar problemas com o Angelo. Nem mesmo por mim. Lembras-te... lembras-te de Lawton, Oklahoma e... e de tudo o que lá aconteceu?

Mário disse baixinho:

— Achas que alguma vez me esquecerei?

— Mesmo assim, nessa semana, gritaste comigo até eu ficar surdo, à frente de todos os operários do acampamento, só porque apareci dez minutos atrasado para o treino e com as calças de ginástica por remendar. Não importava o que havia entre nós,, tu nunca amoleceste comigo quando se tratava do trapézio. Mas com o Clay tu deixas que ele te passe por cima porque tens medo do que o Angelo lhe possa ter dito.

— Acho que tens razão, Lucky. Eu não devia ser mais permissivo com o miúdo do que aquilo que fui contigo.

— A questão não é essa. É o facto de tu cederes. Temos de sair daqui, encontrar um sítio onde não tenhas de estar sempre na defensiva. Eu... — Tommy sentiu a voz faltar-lhe e calou-se até conseguir controlá-la de novo. — Não é por mim.

É o que te está a fazer a ti.

Mário continuou a andar em silêncio durante alguns minutos.

Depois parou e virou-se. A humidade fazia com que o cabelo se agarrasse em pequenos caracóis à sua testa.

— Olha, Lucky. Lembras-te de quando decidimos que tentaríamos incorporar tudo isto no nosso trabalho, tornarmo-nos tão bons juntos que ninguém nos tentasse separar para não desperdiçar aquilo que nós éramos juntos?

Tommy disse com amargura:

— Deus, como nós éramos novos e ingénuos nessa altura!

Pensávamos mesmo que isso era possível!

— Não, raios, nós conseguimos. Tu tiveste mais coragem que eu. Disseste ao Angelo...

— Eu sabia que um dia me irias lançar isso à cara!

— Calma, calma. Não te estou a recriminar, eu só disse que nunca teria tido essa coragem. Eu sempre soube que tu eras mais corajoso que eu. Mas eu não te desmenti e agora só temos duas alternativas.

— Claro. Ficar juntos ou deixar que eles nos separem.

— Não, Lucky — disse Mário com suavidade. — Já não temos essa alternativa. Testámo-la uma vez. Separados, não vamos a lugar nenhum, não somos nada, somos apenas dois zeros. A escolha que temos agora é continuar a esconder-nos daqueles que nos amam, fingirmos ser algo que não somos para que nos deixem continuar juntos, ou então parar de fingir. Dizemos-lhes: "Isto é o que nós somos, e é por isso que fazemos a equipa que fazemos.

É pegar ou largar, e se não quiserem aceitar vão para o diabo!"

As suas mãos tocaram-se por breves instantes e depois separaram-se. Continuaram a andar lado a lado.

Era isto o que ele queria dizer. Fazemos parte da mesma coisa. E vem tudo da mesma fonte dentro de nós. Não é o sexo, mas a origem é a mesma que faz com que o sexo funcione. Aquilo que somos um para o outro.

Finalmente, quando viraram para dentro dos portões de ferro que separavam a casa da rua, Mário disse:

— Eu sei como é duro. Mas se fugirmos do Angelo, e ele é um Santelli, sabe o que nós somos e daquilo que somos capazes juntos, então vamos continuar a fugir durante o resto das nossas vidas. E acabaremos por fugir um do outro. Quem conseguiremos enfrentar

se não enfrentarmos o Angelo? — E quando Tommy assentiu, Mário acrescentou: — E de Clay. Estou farto de fugir ao patifezinho.

No átrio o odor dos cozinhados fez Tommy recordar-se do primeiro dia em que ali estivera e de Papa Tony a dar-lhe as boas-vindas.

Tu aqui não podes ser nem um estranho nem uma visita.

Tens de ser parte de nós, um bom filho obediente e um irmão mais novo... Só que já não era um irmão mais novo, mas sim um irmão mais velho. Não tinha de ser disciplinado, mas sim que disciplinar.

Mário disse:

— Espera aqui — e correu pelas escadas acima. Passados alguns momentos voltou a descer com qualquer coisa na mão.

— Vamos lá a baixo ao vestiário, Tommy.

No vestiário, em frente ao placard empoeirado e vazio, Mário tirou alguns alfinetes de dentro dos bolsos.

— Que tens tu aí, Mário?

— O velho Mário di Santalis fez estas regras — disse Mário pregando a folha debotada no placard. Por baixo pregou a tradução dactilografada. — A Lúcia tinha isto guardado no quarto dela.

Tommy leu lentamente em voz alta: "A disciplina é a marca do artista..."

— Sim — disse Mário lentamente, olhando em torno da sala suja e cheia de coisas que cheirava a suor e a roupa suja. — As coisas por aqui têm estado uma desgraça, e eu tive medo de as endireitar.

Quando acabaram de jantar, Tommy dirigiu-se para as escadas que levavam ao velho salão de baile com a intenção de ir limpar o vestiário. Mas Mário foi atrás dele.

— Vem para a sala de estar. Temos todos muita coisa para conversar.

Quando Tommy o seguiu para a grande sala, viu que estavam todos presentes. Angelo, de joelhos em frente à lareira, estava a acender o fogo. Lúcia disse da porta:

— Não vás para cima, Clay. Queremos que estejas presente.

— Tenho de ir fazer os trabalhos de casa, Lu.

— Isso pode esperar. Isto não — disse Lúcia no seu tom de comando brusco mas alegre que ninguém se atrevia a desobedecer.

— Para aqui, Clay!

Tommy teve novamente uma breve ilusão do passado, do seu primeiro dia naquela sala. Eram todos tão novos nessa altura! Stella estava a fazer a bainha de um dos vestidos de Suzy, enquanto que esta se tinha sentado ao colo de Mário. Tommy sentou-se na pedra da lareira ao pé da cadeira de Stella. Johnny estava sentado do outro lado da sala de frente para eles. Lúcia foi sentar-se na sua cadeira de espaldar direito, e pela primeira vez Tommy perguntou-se se a austeridade daquele espaldar não seria uma necessidade para apoiar as suas costas doentes. Tirou a costura de dentro de um saco. Seriam os fatos para aquela temporada?

Não, o tecido era de um cor-de-rosa pálido. Qualquer coisa para a Suzy, ou então para a Tessa.

Joe estava sentado na velha cadeira de braços que tinha sido a de Papa Tony. Claro. Agora é ele o chefe da família. Até se parece com o Papa Tony. Quando Clay entrou, Joe disse: "Vem cá, meu rapaz", e apontou para a carpete à sua frente. "Senta-te."

Clay aninhou-se aos pés do pai. Pelo canto do olho Tommy viu que ele trocara os sapatos enlameados por uns chinelos. Ele podia desafiar as regras de Mário relativamente ao chão da sala de treinos, mas as carpetes de Lúcia eram algo de totalmente diferente.

Joe perguntou:

— Filho, como é que te chamas?

— Hã? — Clay ficou a olhar para o pai. Tinha, reparou Tommy, as mesmas sobrancelhas atrevidas de Mário. — O que é que quer dizer com isso, papá?

— Só te fiz uma pergunta. Será que por acaso te lembras do teu nome de baptismo completo?

— Joseph — disse Clay franzindo as sobrancelhas, surpreendido.

— Joseph António Santelli. — Engoliu e acrescentou passado instantes: — Pai.

— E mais qualquer coisa. Já te esqueceste?

— Júnior — disse ele passados instantes.



— Júnior — repetiu Joe. — Agora escuta, Clay, houve uma coisa que nós sempre fizemos nesta família. Que é aprender qual é o nosso lugar. Tens estado a aprender a voar, não é?

— Sabe que sim. Escute, papá, eu...

— Desta vez sou eu quem fala — ralhou Joe, e a sua voz agradável soou repentinamente intimidante. — Tu já falaste que chegue. Ouve dizer que tens andado a responder torto ao Matt, tens andado a discutir com ele por causa das passagens para o base. Tudo devido à tua grande experiência e sabedoria, sem dúvida?

Clay virou-se irado para Mário.

— Com que então foste fazer queixinhas de mim, pareces a Tessa!

Angelo endireitou-se ao pé da lareira e disse:

— Já chega, Clay. Voar não é uma brincadeira de crianças com as regras das brincadeiras de crianças. Tu desobedeceste à disciplina e isso foi comunicado a quem de direito. Tens de ouvir...

— E o tio não é o meu pai! Não tenho de...

Joe Santelli disse friamente:

— Pára com essas coisas, Clay. São vocês, os trapezistas, que fazem as regras para vocês próprios, e ou obedecem às regras ou ficam no chão. Entendido?

— Eu não... — Clay olhou pouco à-vontade do seu pai para Mário. Por fim disse, dirigindo-se ao primo e espetando o queixo numa atitude de desafio infantil: — Bolas, não sabes aceitar uma brincadeira?

Mário abanou a cabeça.

— Não quando se trata de voar, Clay. Tu queres voar?

O rapaz curvou a cabeça, torceu as mãos. Por fim disse, engolindo em seco:

— Sim, quero. A sério que quero, Matt. Desculpa. Eu vou fazer o que tu me disseres. Prometo.

— É bom que o faças — disse Mário com aspereza -, porque da próxima vez que me respondas, acabou-se. Percebeste?

Acabou-se. Amanhã vais lá a baixo, antes de ires para a escola e limpas aquela porcaria toda que tu e os teus amigos fizeram no vestiário. Não existe razão para que eu, a Stella e o Tom tenhamos

de trabalhar no meio daquela confusão e daquela porcaria toda. E mais uma coisa, antes de ires hoje para a cama, vais lá a baixo e lê as regras que eu pus no placard. Lê-as bem. Porque daqui em diante ninguém entra na sala de treinos a não ser que lhes obedeça, e se eu apanhar alguém a desobedecer-lhe, andar calçado, fumar na sala de treinos, subir ao aparelho sem estar acompanhado, vou armar o maior dos barulhos.

Percebeste?

Lúcia disse muito claramente:

— Ouve-o, ouve-o.

Mário disse:

— Isto também se aplica a ti, Tessa. De agora em diante, se quiseres assistir ao treino, pedes primeiro. Percebeste? E se mais alguma vez perturbares alguém que esteja no trapézio, eu dou-te uma sova primeiro e digo à Lúcia depois. — Cerrou os dentes e disse: — E isto também se aplica a si, Angelo. Pode vir assistir ao treino quando quiser. Mas durante toda a sua vida obedeceu a estas regras. Não existe razão nenhuma para começar agora a não as respeitar, não é verdade?

— Bom Deus — disse Johnny rindo-se -, que é que te fez estoicar assim de repente, Matt? Estás a tentar reabrir a velha Escola de Trapézio e Reformatório?

Lúcia disse:

— Podia fazer coisas muito piores.

Inesperadamente Stella disse:

— Eu acho que ele tem razão.

— Como não poderia deixar de ser! — disse Johnny com sarcasmo.

Joe disse:

— Johnny, foste tu quem começou com tudo isto, não foste?

Quando permitiste que o Clay fosse respondão contigo e discutisse as tuas ordens, e quando o deixaste quebrar todas as regras que a família sempre seguiu nos treinos?

Johnny cerrou os lábios.

— Eu dirijo o meu número como uma equipa. Sempre o fiz. Se o Matt quer brincar aos ditadores, por mim tudo bem.

Ele domou o Tom como a um leão, estalem o chicote que ele salta. Mas eu não treino os meus rapazes ao pontapé. Não os descomponho, nem os espanco. Não é assim que eu trabalho.

— Tu não os treinas, ponto final — interrompeu Angelo. — Tu gostas de brincar com os miúdos. Eu vi a forma como interferiste no trabalho do Matt quando ele começou a treinar aqueles miúdos. Tu não tens a paciência ou a disciplina necessárias para trabalhar com eles, nunca tiveste nem nunca terás! Por isso, de agora em diante, mantém-te afastado do Clay.

— Virou-se para o rapaz. — Recebes as tuas ordens do Matt e não do Johnny, ou então ficas no chão. A partir do momento em que comesças a subir a corda do aparelho perdes todos os teus privilégios de fedelho mimado da família, e acatas as ordens que te derem. Sem discussões.

Johnny disse:

— Continuo sem perceber para que é que isso é necessário.

— Não — disse Angelo acaloradamente -, é normal. Nos teus tempos foste tu o fedelho mimado da família, e foste-te embora por não seres capaz de acatar ordens.

Johnny virou-se para ele, zangado.

— Pois foi! Fiquei farto dessas porcarias todas antes de ter feito dezasseis anos! Vocês vivem no passado, todos vocês! Será de espantar que eu queira sair disto tudo e arranjar um tipo de trabalho onde não tenha de aturar estas tretas? Vocês são como fósseis num museu e nem sequer dão por isso! Preparam-se para fazer ao Clay o que me teriam feito a mim se eu o tivesse permitido! Nunca vão mudar!

Lúcia disse:

— Tu não sabes o que dizes. O Papa contou-me que quando era um rapazinho de seis anos, no outro país, o avô di Santalis o equilibrou num arame e disse-lhe que se ele caísse lhe dava uma sova. E, como é evidente, ele caiu e levou uma sova. O Papa nunca nos tratou assim, a nenhum de nós.

Joe riu-se.

— O Papa nunca te tocou, pois não, Lúcia? Ires para a cama sem jantar foi o pior que te aconteceu, minha prima donna mimada,

e foi por teres chorado, uma vez que caíste! Mas quando eu comecei a treinar no solo, como acrobata, fiz o meu primeiro mortal à retaguarda com os dentes de um ancinho a quinze centímetros do sítio onde ele me dissera para aterrar. Meu Deus, se tive cuidado!

Johnny disse:

— Esse tipo de brutalidade não leva a nada!

Joe disse, sinceramente espantado:

— Brutalidade?

Quase ao mesmo tempo, Angelo disse:

— Levou a que os Santellis fossem estrelas e cabeças de cartaz, Johnny. Incluindo-te a ti. — Olhou para Clay e disse: — Alguns tipos de simpatia não passam de moleza. O Johnny não presta para nada como treinador, porque se esquece de que não valeria nada sem o treino duro que teve, e pensa que pode obter os mesmos resultados sem esse tipo de treino. O negócio da nossa família é o perigo. Vivemos com ele e, por vezes, morremos com ele.

— Ou pior — disse Lúcia, mas fê-lo baixinho, e Tommy perguntou-se se mais alguém a teria ouvido.

— Não há aqui lugar para a moleza — disse Angelo. — O Papa Tony era um tirano connosco, sim. Mas porque tinha de o ser.

Lúcia disse:

— Johnny, tu também, Clay, há um tipo de disciplina que exige verdadeiro amor. — Olhou em torno da grande sala cheia de gente. — É muito fácil ser-se simpático e mole, Clay. É muito fácil iludir um amador e deixar que ele se engane a si próprio.

Mas quanto mais nos sentimos perto de alguém, mais insistimos na honestidade. É por isso que quase nunca trabalhamos com ninguém de fora da família. E é também essa a razão porque toda a gente no número da família tem de ser da família. Como a Stella — disse com um olhar cheio de ternura para a rapariga, — e — hesitou — e o Tommy. — Olhando para Tommy à luz da lareira, sorriu e, subitamente, pestanejou. Tommy viu surgir nos seus olhos a compreensão do que se passava entre ele e Mário quando ela juntou assim os dois nomes pela primeira vez.

Stella. E Tommy. Ela debruçou-se sobre o monte de tecido cor-de-rosa que tinha no colo e pela primeira vez em todos os anos que

a conheceu, Tommy sentiu que Lúcia estava vagamente desconcertada. Depois pegou na agulha e disse: — Os meus olhos já não estão à altura deste tipo de coisa. Tommy, tu tens bons olhos... és capaz de me enfiar esta agulha?

— Claro — disse Tommy. Sentindo faltar-lhe a respiração foi ajoelhar-se aos seus pés e recebeu a agulha e a linha cor-de-rosa da suas mãos.

Lúcia continuou calmamente e sem qualquer ênfase:

— Nós não damos esse tipo de coisa aos estranhos, Clay.

Tu recibes esse tipo de tratamento porque és um dos nossos, e te amamos. E é isso, a vontade de aceitar esse tipo de disciplina, que por vezes faz de um estranho um de nós. E tu sabe-lo bem, Johnny. — Acrescentou virando-se para o seu filho preferido. — É por isso que a Stella, e até mesmo o Tommy, são mais membros da família do que tu. És um estranho porque o quiseste ser!

Johnny disse, curvando a cabeça:

— Lu, isso é uma coisa horrível para me dizer!

— Mas mesmo assim não deixa de ser verdade — disse Angelo. — O Papa ensinou-me, e ao Joe, e à Lu, da mesma forma que foi ensinado. Não talvez exactamente da mesma maneira.

Talvez cada pai seja um pouco mais brando com os seus filhos do que o seu próprio pai foi com ele. Eu sei que não vou ser tão duro com a Tessa como a Lúcia foi com a Liss. Os tempos mudam mesmo, mas há coisas que nunca mudam. Tentei ensinar o Matt, quando estávamos a treinar o triplo, da mesma forma que o Papa me ensinou a mim. E vi o Matt ensinar o Tommy exactamente da mesma maneira. E agora — pôs a mão no ombro de Clay -, ele está a dar-te a mesma oportunidade, o mesmo tipo de treino. E tu devias cair de joelhos e agradecer a Deus por isso.

Clay pôs-se de pé e olhou Angelo nos olhos. Disse, ainda com uma nota de desafio na voz:

— O tio contou-me como o Matt tinha treinado o Tommy, tio Angelo. Lembra-se?

Tommy, de joelhos na carpete em frente de Lúcia, passou-lhe a agulha enfiada. Não se atrevia a mexer-se. Maldito fedelho mimado, pensou. Dava-me vontade de o matar. Deu a oportunidade a Angelo

de falar nisso aqui mesmo, à vista de toda a família. Stella inclinou-se para a frente, de boca aberta. Tommy não se atreveu a olhar para Mário, mas passados instantes sentiu a mão de Lúcia no seu ombro, firme e confortante, emprestando-lhe força e confiança. Ela acabou de dizer que eu era da família e estava a falar a sério.

O silêncio pareceu estender-se, interminável, de forma que pareceu dar a toda a gente presente na sala tempo para reagir às palavras de Clay.

Depois Angelo respirou fundo. Disse:

— Já viste o Matt e o Tommy a voar, Clay? Já os viste com olhos de ver? Isso dir-te-á o que esse tipo de disciplina te pode proporcionar. Sim, sim, claro, também te contei mais umas coisas.

Não retiro aquilo que disse, mas isso não tem nada a ver com o que estou a dizer agora, absolutamente nada. Às vezes temos de julgar as coisas pelos seus resultados. E o Matt e o Tommy são uma equipa extraordinária a voar. Quanto ao resto, não sei, Clay; quanto a isso não vou dizer nada. — Virou-se para a lareira remexendo com o ferro nos toros incandescentes. — O que eu digo é que eles são os Santellis Voadores; são melhores do que eram quando eu fazia parte do número. É isso que é a tradição familiar, cada geração melhor do que a geração anterior, e se te agarrares a ela, talvez venhas a ser melhor do que eles, porque podes aprender com a experiência deles. Quem sabe? Tens de julgar as coisas pelos seus resultados, Clay.

Tommy ouviu a sua própria respiração soltar-se. As palavras de Papa Tony repetidas por Mário: Não posso dizer que compreenda, não posso dizer que goste, mas... Aquele mas tão importante.

Ele percebera que aquilo não modificava o que Mário era.

Também Angelo estava disposto a julgá-los por aquilo que eles significavam para a família e para a tradição familiar. Não aprovava, não conseguia aprovar, a sua relação pessoal. Mas conseguia aceitar que não eram menos Santellis por isso.

Lúcia, quebrando a tensão, riu-se e virou o tecido cor-de-rosa que tinha no colo enfiando nele a agulha e a linha.

— Joe — disse -, lembras-te daquela vez que eu deitei a língua de fora ao público nas costas do Papa e ele se virou de repente e me

viu? Disseste que ele nunca me tocou? Daquela vez chocalhou-me tanto que fiquei com os dentes a abanar!

Durante as duas horas que se seguiram foi tal qual como nos velhos tempos, com Joe e Lúcia a contarem histórias dos seus tempos de actuações em tendas. Angelo contribuiu com anedotas acerca dos circos mexicanos de que fora empresário durante algum tempo, e até Johnny contou histórias dos anos em que andara a vadiar pelo mundo colorido, estranho e de má reputação, que era o mundo dos saltimbancos. Mais tarde Suzy adormeceu ao colo de Stella. Esta levantou-se para a levar para a cama; depois virou-se para trás durante alguns instantes.

— Por favor, não se vão já embora — disse. — Tenho uma coisa para lhes dizer depois de ir deitar a Suzy.

Instantes depois Johnny pôs-se de pé e correu atrás dela.

— A miúda é demasiado pesada para a Stel, é melhor ser eu a levá-la.

— Tessa — disse Lúcia -, também devias ir para a cama.

Amanhã tens escola.

— A Stella pediu que ficássemos todos — disse Tessa com rebeldia. — Eu também sou uma Santelli, ou não sou, tia Lúcia?

Lúcia procurou dentro do cesto da costura.

— Se queres ficar, então não existe razão para que fiques sem fazer nada. Toma, faz a bainha da saia do teu uniforme, então.

Tessa fez beicinho, amuando, enquanto começava a marcar com alfinetes a sarja azul do uniforme da escola.

— Detesto este uniforme! Papa, no próximo Verão posso ter aulas de ballet? Todas as raparigas da família tiveram lições de ballet, a Lúcia, a Liss e a Bárbara.

Angelo disse:

— Não tens de fazer nada só porque toda a gente da família sempre o fez, gatinha.

— É uma tradição — disse Tessa dando um grande ponto muito mal feito. — Acabou de dizer que a tradição é uma coisa boa, Papa.

— Que é que achas, Lúcia, vamos deixá-la estudar ballet?

Lúcia disse com arrogância:

— Se me tivesses consultado, ela teria começado aos sete anos. Mal não lhe pode fazer, e pode vir a ser útil.

— Nas aulas de ginástica aprendi a fazer exercícios no tapete — disse Tessa -, e a Irmã Mary Verónica disse que eu era uma bailarina nata.

— Bem, é evidente! — disse Lúcia. — Tu és uma Santelli.

Angelo riu-se e disse:

— A tradição voltou a ganhar. Telefona para a escola de ballet, gatinha, e informa-te das horas das aulas.

Lúcia olhou severamente para Tessa e tirou-lhe a sarja azul das mãos.

— E por falar em tradição, já não ensinam a coser como deve ser no convento? Se eu alguma vez tivesse feito uma bainha destas, mesmo quando tinha sete anos, ter-ma-iam desfeito e obrigado a fazê-la de novo.

De lá de fora, do átrio, podiam ouvir Johnny dizer zangado:

— Por amor de Deus, Stel, não me queres ouvir? Isto não é uma questão familiar, isto é um assunto privado. Não poderemos resolvê-lo entre nós?

— Não — disse Stella escancarando a porta -, não podemos.

Johnny, já tentámos e voltámos a tentar, há já um mês que discutimos por causa disto. Tem de ser resolvido em família.

— Afastou-se dele e dirigiu-se para a lareira. Virou-se para ficar de frente para todos e a sua voz estava a tremer. — Quero falar convosco acerca... acerca deste Verão. Os... os Santellis Voadores assinaram um contrato com o Starr. E o Starr também quer contratar o Johnny para dirigir o sector dos números aéreos, quer ele queira voar connosco quer não...

— Não quero — disse Johnny. — Já te disse e repeti. Quero deixar de voar. Isso pertence ao passado e eu olho para o futuro.

Quando estive em Dallas tive uma oferta de uma das grandes cadeias de televisão, o homem foi lá de avião só para falar comigo. Quer que eu produza um espectáculo de televisão, com carácter permanente. Uma série. O dinheiro é bom, e podíamos assentar, educar a nossa miúda, esquecer o circo...



— E isso não é o que eu quero — disse Stella com a voz a tremer. — Eu quero voar! Quero voar na pista central do Starr...

— Stella... bebé — disse ele. — Eu já te disse. O circo está acabado. Aqui é onde estará o futuro.

Lúcia disse:

— Eu não acredito nisso, Johnny. Se não queres voar, que é que tem de mal ires gerir os trapézios?

— Nada — disse ele. — Parece até ser um trabalho óptimo.

Tenho imensas ideias excelentes para isso. Penso até que poderíamos transformar o velho estilo rural do circo, transformá-lo num espectáculo verdadeiramente moderno, trazê-lo para o século vinte. Mas também tenho de pensar em mim. Daqui a dez anos, aqueles que começarem agora por baixo, na televisão, vão estar no topo!

Joe perguntou:

— Que tipo de espectáculo é que eles querem que tu produzias, Johnny?

— É uma espécie de concurso — disse ele -, um concurso onde as pessoas vão ganhar muito dinheiro, grandes prémios, e em que o público participa. Esse tipo de coisa. É mesmo em grande.

Joe riu-se com desdém.

— Sabes o que é que isso me faz lembrar? Uma barraca de rifas. Temos milhões delas lá no parque de diversões. É essa a tua ambição para o futuro? Ser o gerente de uma grande barraca de rifas em vez de seres o gerente de uma pequena? Gritar a toda a gente que passa em frente à tua barraca: "É entrar, é entrar, venham enriquecer depressa?"

Johnny era tão louro que quando corou parecia que tinha apanhado um escaldão.

— Oiça, isto é só um começo. Claro que é um espectáculo rasca, mas depois posso passar para um melhor.

— Não estou assim tão certo disso — disse Angelo. — Quando se constrói a reputação na televisão a fazer esse tipo de espectáculo rasca, aposto que é difícil sair-se desse tipo de coisa.

— Isso é o que eu não paro de lhe dizer — disse Stella com veemência. — Nós somos os Santellis Voadores! Não quero que ele

seja nada menos que isso! E agora tem a oportunidade de ser mais. Um dia poderia vir a dirigir o espectáculo inteiro!

— Stel, Stel, eu só quero mudar para outro ramo de actividade...

— E que é que eu sou suposta fazer entretanto? — explodiu ela. — Eu sou um elemento dos Santellis Voadores que actuam na pista central....

— Bebé, tu já não tens de fazer nada! Já não estamos no Velho Mundo, a minha mulher não tem de trabalhar para pôr pão na mesa! Não achas que a Suzy merece uma mãe a tempo inteiro? O Matt pode arranjar outros trapezistas para o número, eles não precisam de ti!

— Ei, espera aí um bocadinho — disse Mário. — Vamos estrearmos no Garden, na pista central. Temos um contrato! Que raio queres dizer com isso, que não precisamos dela? É claro que há outros trapezistas, mas não são a Stella, não são Santellis!

Vão passar-se anos até que o Clay...

— Escuta, eu sei que têm de acabar o filme. Mas depois...

— Depois eu continuo e acabo a temporada com os Santellis Voadores! — insistiu ela. — Toda a minha vida trabalhei para isto, sonhei com isto! Não terei também direito ao sucesso?

E poderíamos ter sucesso os dois, comigo a voar na pista central e tu a dirigires o espectáculo inteiro. Eu sei que queres deixar de voar, sei que queres entrar na produção. Além disso nunca foste grande coisa como trapezista...

— Meu Deus, Stella! — Ele ficou a olhar para ela, traído e cinzento. — Como é que me podes falar assim? Nunca o fizeste antes!

— Não — disse ela com a voz a tremer. — Talvez o devesse ter feito. Há muito tempo atrás.

Ele virou-se para enfrentar Mário.

— Isto é obra tua! Tu fizeste com que ela ficasse t... excitada com voar, tão obcecada... Meu Deus — disse novamente -, o meu próprio irmão, e pudeste fazer-me uma coisa destas!

A voz de Mário soou abafada.

— A Stella tem o direito de decidir ela própria o que quer fazer.

— Mas ela é a minha mulher! É a mim que cabe decidir pelos dois, ou não é? Ou queres que eu ta ofereça?

— Johnny, Johnny, por favor... — Stella agora estava a chorar, sem fazer barulho, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara, mas Johnny ignorou-a, virando-se ferozmente para Lúcia.

— Raios, também tinha de fazer isto, não era? O trapézio destruiu todos os casamentos da família, não foi? A começar pelo seu. A Lu e o meu pai, o Angelo e a Teresa, a Liss e o David quase que se separaram por causa do trapézio. O Matt e a Susan.

Não ficará contente até este casamento também ter ido por água abaixo, não é, sua velha intrometida... — Interrompeu-se como se as palavras que não chegara a pronunciar o engasgassem.

Houve um momento de silêncio chocado na sala, e depois pareceu a Tommy que toda a gente falava ao mesmo tempo. Foi a voz de Mário que se sobrepôs primeiro ao clamor.

— Não, Johnny. Não foi o trapézio que nos separou. Isso foi a única coisa que eu e a Susan tínhamos a nosso favor.

Eu nunca me deveria ter casado com ela. Nem com ninguém.

E tu sabes disso tão bem como eu.

Angelo suspirou e olhou para Tessa.

— Se eu a tivesse ouvido — disse ele -, mas ouvido mesmo quando ela me disse como voar era importante para ela, ela poderia estar viva hoje. Johnny, vais fazer à Stella o que o David fez à Liss, o que todos nós fizemos?

— Eu só quero que a minha mulher fique comigo, que apoie a minha carreira — disse Johnny zangado. — Quero lealdade!

Será pedir muito? Pelo menos o tio teve a decência, quando viu que isso estava a dar cabo do casamento da Liss e do David, de lhe dizer que a lealdade dela deveria ser, em primeiro lugar, para com o marido! Tenha agora pelo menos a mesma decência. Diga à Stella que o dever dela é para comigo!

— É tarde demais para a Liss — disse Lúcia, e também ela ostentava uma palidez de morte. — Eu deveria tê-la apoiado.

Eu deveria ter sabido. Oh, Stella... — fez um movimento estranho e incompleto. — Fica comigo, decide-te por ti própria. Não o deixes convencer-te a não fazer aquilo que tu sabes que tens de

fazer. Deixa-o, se tiver de ser, mas decide por ti própria. Não deixes que ninguém decida por ti. Nem a mim, nem ao Johnny.

Faz o que queres fazer, Stel. O que tu quiseres. Não aquilo que alguém acha que tu deves querer. Não consegui dizer isto à Liss.

Mas antes que seja demasiado tarde, estou a dizer-to a ti, Stel. Para ti não é demasiado tarde!

Cobriu o rosto com as mãos e encolheu-se na cadeira. Pela primeira vez na sua vida, parecia velha. Velha e cansada. Tessa, assustada, pôs-lhe um braço por cima e Lúcia curvou-se escondendo a cara no cabelo escuro de Tessa, com os ombros abalados pelos soluços.

Traído, Johnny olhava da cara escondida de Lúcia para a de Mário.

— É então isso tudo o que lealdade quer dizer para vocês — disse num murmúrio. — Lealdade à porcaria do número Signor Mário... é a estrela, por isso agora tudo tem de ser feito como o Matt quer, em tudo, hem? Mas eu nunca acreditei que tu me fizesses isto, Matt — disse -, nunca acreditei que o fizesses só para ter uma parceira na porcaria do número! Não te chega seres a estrela e teres virado a minha própria mãe contra mim, tinhas de ter... — Calou-se, cerrando os punhos. — Também tinhas de ter a minha mulher, não era? Até lhe deste a única coisa que eu não lhe podia dar... deste-lhe uma filha.

— Johnny, isso não é justo — disse Stella. Tinha a cara encharcada em lágrimas, mas não fazia qualquer esforço para as conter ou para as limpar. — Tu podias ter-me dado o teu filho, Johnny. Era isso o que eu então mais queria.

— Stella. Stella, bebé — disse ele com o rosto desfeito. Mas ela continuou firme como um rochedo.

— Que mais temos nós, Johnny? Só a família, só... só sermos Santellis. Querias que eu voasse. Isso era mais importante para ti naquela altura do que qualquer outra coisa, mais importante que... que o nosso bebé. Por isso eu obriguei-me a querer o mesmo. Ser uma Santelli, ser um dos Santellis Voadores. E agora sou-o, e isso é mais importante para mim do que qualquer outra coisa no mundo!

Era como se estivessem sozinhos na sala.

— Porque é que pensas que eu fiquei contigo? A família era tudo o que eu tinha, tudo o que nós tínhamos. E agora queres que eu desista de tudo, isto por causa de uma porcaria de um programa rasca de televisão? Pois bem, segue em frente — lançou-lhe ela -, mas irás sem mim! A Lúcia disse que tu eras um estranho, que não fazias parte de tudo isto! Bem, eu faço, Johnny! A família, é isso que é o mais importante para mim e agora já nem sequer me podes separar da família! Eu sou uma trapezista, Johnny! Sou uma Santelli! Tu podes ser tudo aquilo que quiseres! Mas isso é o que eu sou, e o que eu quero ser: uma Santelli Voadora!

Depois cobriu o rosto com as mãos e soluçou.

Johnny disse:

— Stella, Stella. — Virou-a por forma a que a sua cara ficasse contra o seu ombro. — -Stella. Bebé. — Teve de se calar.

Não conseguia falar. Por fim disse: — Muito bem, Stel. Tudo o que tu quiseres, bebé. O que eu queria... era por ti, quer creias quer não, mas parece que não consegui fazer-te perceber isso.

Mas o que eu quero, mais do que qualquer outra coisa, é que tu e eu, e a miúda, fiquemos juntos.

Ergueu os olhos e ficou a olhá-los por cima da cabeça curvada de Stella. Ela tinha os braços em volta dele e, sem mais uma palavra, ficaram agarrados um ao outro. Ele disse, e Tommy sentiu a fanfarronice desesperada da sua voz:

— Bolas, eu também sou um Santelli!

## *Capítulo XVII*

Como sempre acontecia, parecia que o tempo não chegaria, nem de perto nem de longe, para tudo o que tinha de ser feito.

E também como de costume, concluíram quase na hora da partida, que tudo fora feito e que ainda lhes restava tempo para ficarem impacientes.

Naquele ano não houvera nenhuma exibição final para a família na sala de treinos. Johnny teve de partir com a primeira parte do Circo Starr, fazendo a viagem através do país no comboio do circo. Stella e Suzy decidiram ir com ele.

Mário e Tommy voariam para Nova Iorque dois dias antes da estreia.

— Ele diz que nada muda — disse Mário a Tommy enquanto empacotavam os seus fatos de cena -, mas ele mudou, e muito.

— Não mudou isto — disse Tommy dobrando uma das capas de cetim verde e douradas. Estrear-se-iam no Garden com os fatos do filme, as roupas brancas e prateadas idênticas àquelas que Barney Parrish e o seu número tinham usado, e continuariam a vesti-los em todas as actuações no Madison Square Garden, mas na estrada, na digressão com o circo, voltariam ao verde e dourado dos Santellis.

— Sabes — disse ele -, também nunca gostei muito do verde e dourado.

Mário riu-se.

— Na verdade, eu também não — disse -, mas sempre fez parte da tradição Santelli. Se houver alguma maneira de mudar isso, podes confiar no Johnny para o fazer! Se ele não o conseguir, é que não há nada a fazer!

Lúcia e Angelo levaram-nos de carro até ao aeroporto. Ela deu um grande abraço a Mário e um beijo, e passados alguns instantes pôs-se em bicos de pés e beijou Tommy também. Disse baixinho:

— Quem me dera... oh, quem me dera que o Papa tivesse vivido o suficiente para vos ver aos dois. Ele teria ficado tão orgulhoso, tão feliz!

Angelo disse generosamente:

— Tu mesma o disseste, Lúcia. Não tivemos nada assim na família nos últimos 20 anos. Eu nunca tive a classe deles, nenhum de nós teve.

Mário, exuberante, lançou os braços à volta de Angelo com a sua antiga descontração. Angelo sorriu um tanto rigidamente mas não retribuiu o abraço, e depois de um momento de embaraço, Mário deixou cair os braços. Tommy percebeu que, enquanto trapezistas, ele conseguia aceitá-los. Mas isso era tudo. Bem, deveria ser o suficiente.

Só que para Mário isso não chegava. Já instalados nos seus lugares no avião, disse, desanimadamente:

— Raios, Tommy, foi o Angelo que me criou! Poderás recriminar-me?

— E quem é que te está a recriminar? — Tommy recostou-se no banco. Passados alguns minutos disse calmamente: — Não posso dar as tuas quedas por ti, Matt. Só há uma forma de poderes voltar a ter o Angelo como dantes. Disseste que nós não nos podemos separar. Mas se o fizéssemos, o Angelo, no espaço de uma semana, voltaria a ser contigo como sempre foi, até tu arranjares outro namorado. Ele não é tão baixo que te diga para escolheres entre mim e a família, e além disso sabe que a Lúcia não lhe daria ouvidos ainda que ele o fizesse.

E enforcar-se-ia como Judas antes de te dizer "Escolhe entre o Tommy e mim." Agora que sabe o que foi...

O Angelo tem ciúmes. Mas nunca o admitirá, nem mesmo perante si próprio; isso daria cabo dele por dentro. E agora eu tenho aquilo que o Angelo tinha dantes e que não sabia que queria até ter perdido. O Angelo teve-o e poderia tê-lo tido para sempre...

Mário olhou à sua volta, para a cabina do avião. As pessoas entravam e saíam barulhentosamente sem lhes prestar a mínima atenção.

— Não queres dizer que o Angelo...

— Não, não. Não é isso o que eu quero dizer. Tu próprio o disseste, com o Angelo isso é tudo inconsciente, e se alguma vez trouxesses isso à superfície, darias cabo dele. Não é isso o que eu quero dizer. O que quero dizer é que a mensagem que o Angelo te está a transmitir é, podes ser maricas, ou podes ser o nosso menino bem-comportado, e nós amar-te-emos todos.

Mas não podes ser as duas coisas.

Mário riu-se repentinamente, apertando o cinto de segurança.

— O que tu estás a dizer é que fizemos a cama e agora temos de nos deitar nela.

— Bem — disse Tommy baixinho -, consigo recordar-me dos tempos em que isso nos agradaria bastante.

Três dias mais tarde um táxi deixou Tommy e Mário em frente do Madison Square Garden que estava coberto de cartazes do circo. À distância pareciam aqueles que Tommy vira quando era pequeno, mas mais de perto, Tommy viu que eram apenas uma boa imitação. As cores eram mais vivas, os desenhos melhores e mais sofisticados. Johnny dissera que o velho circo estava morto, e num certo sentido tinha razão. Se a sua encarnação moderna queria sobreviver num mundo em que existiam a guerra fria, bombas atómicas e a televisão, teria de se adaptar.

Mas algumas coisas nunca mudariam... Tommy sabia que, de uma forma especial, as suas vidas seriam um compromisso entre o que não poderia ser mudado e aquilo que tinha de ser mudado. E algumas mudanças — tal como a mudança na sociedade que faria com que eles pudessem ser, abertamente, aquilo que eram — chegariam demasiado tarde. Num certo sentido, para eles, já era demasiado tarde; as suas vidas tinham sido formadas pela necessidade do secretismo, pela luta contra o compromisso.

Vinte anos mais tarde, Tommy olharia para homens mais novos que tinham crescido numa atmosfera mais permissiva, que tinham podido aceitar ser quem eram desde a sua infância, e sentiria apenas desdém pela vida fácil que tinham tido, sem necessidade da disciplina e da força do secretismo.

Lá dentro, raparigas do ballet aéreo estavam agrupadas, bebendo café em copos de papel tirados de uma máquina



conversando com vozes agudas. Chegaram aos seus ouvidos fragmentos das conversas, fragmentos esses que deixariam perceber em qualquer circunstância onde se encontravam.

— ... e então ele disse-me que vinham à estreia seis caçadores de talentos da Broadway, à procura de coristas...

— ... caiu como um prego e bateu de lado no arame e fez um corte com dois centímetros e meio de profundidade nas costelas...

— ... disparada por um canhão? Eu disse-lhe: "Afinal o que é que pensas que eu sou?" E ele respondeu: "Querida, enquanto estiveres no meu número..."

— ... disparou um flash nos olhos do Dino no momento em que ele largou a faca, e a coisa seguinte de que me apercebi foi que havia sangue na parte da frente da minha blusa, e que o público todo estava assustadíssimo, e eu limitei-me a dizer, calma como tudo, "Acaba a tua actuação, ragazzo..."

— ... Não quero saber. Não vou montar um elefante no desfile. Faz-me asma e tenho um atestado médico que o comprova...

Um par de mulheres virou a cabeça para os ver atravessar o átrio e Tommy ouviu, por entre as conversas murmuradas:

"Santellis... o novo filme do Parrish." Houve até alguém que murmurou: "Não é giro, o ruivo?" Mas ele também já estava habituado àquilo e sabia que, mais cedo ou mais tarde, entre os rumores ouviria um outro murmúrio: "Não percas o teu tempo com esse." As raparigas do ballet aéreo e as raparigas do espectáculo sabiam sempre tudo.

Um homem com um fato-macaco vestido atravessou o átrio a correr com um coelho debaixo de um braço e um balde de tinta debaixo do outro. Mesmo no meio do átrio, um homem sentado numa cadeira desmontável estava a verificar uma lista que parecia ser interminável, numa folha de papel com um metro de comprimento. Um homem muito gordo estava a montar um bocal numa corneta qualquer.

Por detrás das três portas de vidro rotativas, ouvia-se uma confusão de barulhos: repetidos apitos, sons dispersos de instrumentos como se uma orquestra os estivesse a afinar, alguém com um marcadíssimo sotaque francês a contar numa voz

monótona, "An, dôs, an, dos, allez-hop!" E de algures veio o som estridente, como nenhum outro no Mundo, do grito de um elefante.

As pistas já tinham sido delineadas, e naquilo que seria a pista central estava a ser montado um aparelho de trapézio.

Johnny, identificável até mesmo àquela distância pelo cabelo louro e pelos óculos escuros, estava de pé junto à base do trapézio, com as mãos nos bolsos, a cabeça atirada para trás e gritava: "Não, assim não, seu imbecil! Raios, queres que eu vá lá acima fazer isso? E não penses que não era capaz!"

Tommy riu-se e Mário disse:

— Sim, há coisas que nunca mudam. Se quiserem encontrar os Santellis, procurem alguém que esteja aos gritos.

— E houve uma altura em que ele declarava desdenhosamente que tu irias ser uma nova versão do Papa Tony, saidinha dos mesmos moldes — disse Tommy e foram até à base do aparelho.

Johnny virou-se antes de eles lá chegarem, fazendo-lhes um pequeno aceno de cabeça.

Mário retribuiu-lhe o cumprimento.

— Onde está a Stella?

— No hotel. Arranjou uma ama para a Suzy — disse Johnny.

— Escuta — disse Mário abruptamente -, quero que vocês adotem a Suzy. Isto é, legalmente.

Johnny pestanejou. Disse:

— Isso é o que a Stel quer, eu sei. Mas para que é que isso é necessário? Para que é que havemos de meter os tribunais nisto?

— Porque — disse Mário lançando um olhar para o trapézio — se qualquer coisa me acontecer, a Lúcia já não tem idade para ficar com a Suzy.

— Claro, companheiro. Como quiseres. Mas a Pista Central, imediatamente antes de um espectáculo, não é o local nem a altura indicada para discutir esse tipo de coisa. Escuta, Matt, vamos todos jantar com a Lúcia... ela chegou bem, não chegou?

— Sim, está no nosso hotel.

— Ótimo. Discutiremos isso nessa altura. O Jim Fortunati já chegou com o pessoal do filme e tem andado à tua procura a manhã toda. Vai lá ter com ele e protege a reputação de pontualidade dos

Santellis, está bem? Que eu vou à procura de um homem que seja capaz de apertar um par de parafusos sem que eu tenha de ficar a olhar para ele! Só temos cerca de, deixa cá ver, dezoito horas até à estreia, e o meu número do arame ainda não chegou. Eles deviam vir de avião, de Roma. Devem andar a vadiar por aí, é o que é.

Deixando Johnny com as suas preocupações e o seu frenesim, dirigiram-se às grandes portas ogivais. Nas enormes traseiras do edifício, no segundo andar, uma das salas tinha sido reservada para instalar os escritórios do estúdio, e na porta dizia: Shalimar Films, Inc. Wally Mason, o realizador, estava lá com vários operadores de câmara, consultores e todo o tipo de gente necessária às filmagens. Jim Fortunati também lá estava, e a falar com ele estava uma figura robusta e familiar. Por momentos Tommy pensou que os seus olhos lhe estavam a pregar partidas.

Angelo? Que raio estará ele aqui a fazer? Os maxilares de Tommy apertaram-se. Será que ele nos continua a espiar? A quase cinco mil quilómetros de casa? Mas foi Mário quem fez a pergunta.

— Que raio está aqui a fazer?

— No caso de não saberes — disse Angelo -, eu sou delegado sindical. Estou aqui para cuidar dos teus interesses.

Tommy disse, num tom pouco amigável:

— Pensei que o nosso representante do sindicato fosse o Broadman.

— O Broadman pensa que um base é alguém que joga nos Dodgers<sup>{29}</sup> — disse Angelo. — Corri com ele deste trabalho por incompetência.

— Uma gaita! — explodiu Mário. — Não podia era deixar que mais ninguém...

Tommy ergueu uma mão em sinal de aviso.

— Ei, calma aí! — Mário virou abruptamente as costas a Angelo, pôs o seu melhor sorriso profissional e foi dizer olá a Jim e à equipa de filmagens. Quando levaram Mário para conferenciar com o substituto de Reeder, Jim Fortunati puxou Tommy para um dos lados da sala.

— Que se passa? Não me quero meter, Tom, mas raios, miúdo, não consigo imaginar uma coisa destas a acontecer com os Santellis.

O Tonio nunca teria trazido o número assim. Que se passa? São só nervos? Eu sei como são os nervos do Matt.

Não que eu o culpe, com aquela porcaria da sequência falhada em cima dos ombros. Mas o Angelo? Ele costuma ser totalmente calmo, a verdadeira imagem da paciência. Que é que está a ralá-lo agora?

Cuidadosamente, Tommy disse:

— Como pode ver, o Matt e o Angelo não estão... não estão na melhor das relações nestes últimos tempos. Nunca mais voltou a ser a mesma coisa desde que o Angelo deixou o número. Mas isto vai acalmar antes de começarmos a trabalhar.

Fortunati encolheu os ombros eloquentemente.

— Espero bem — disse e foi-se embora.

O jantar foi uma dura prova. Foram a um restaurante em Greenwich Village chamado Mama Vestris, um restaurante muito conhecido e que era dirigido por uma velha amiga de Lúcia de há mais de 30 anos. Mário queria conversar sobre Suzy, mas o barulho e a camaradagem explosiva do local tornavam impossível qualquer conversa séria. A mulher grande e grisalha que dirigia o restaurante fora ela própria, em tempos, uma estrela do circo — o que parecia impossível, quando se olhava para ela — e passou o tempo de volta deles, em especial de Lúcia, e teve de ser actualizada em relação a cada neto e terceiro primo. Tommy, apertado a um canto ao lado de Mário, sentia os olhos de Angelo pousados neles, e quase que tinha medo de se mexer.

Santo Nome de Deus, será que ele está com medo que dêmos as mãos em público, que envergonhemos a Lúcia num sítio destes?

Nessa noite acordou de um sono agitado com um grito de Mário. Instantaneamente Tommy atravessou o pequeno espaço que separava as duas camas e ficou a seu lado. Mário estava sentado na cama, olhando fixamente em frente. Tommy falou-lhe, mas ele pareceu não o ouvir, erguendo as mãos como se estivesse a tentar defender-se, no último minuto, de uma pancada capaz de lhe arrancar a cabeça.

— Não — murmurou, numa voz desfeita e rouca -, não, não posso...

Tommy abanou-o com força e ele pestanejou e acordou completamente. Tommy sabia que não lhe podia perguntar nada acerca do pesadelo; aqueles pesadelos já eram familiares aos dois. Mas temia que aquele tivesse sido o sinal de aviso de mais um ataque de depressão profunda prestes a abater-se sobre Mário, e ele não podia permitir que isso acontecesse. Não naquela altura.

— Dá-me um cigarro, Lucky — disse Mário soltando um longo suspiro. Tommy procurou na mesa-de-cabeceira um maço de cigarros e atirou-lho. Pensando melhor foi sentar-se na cama de Mário e acendeu também um para si na ponta incandescente do cigarro do amigo e empurrou um cinzeiro na sua direcção.

— Pega no cinzeiro, raios. Muita gente morre por causa de fumar na cama.

— Essa não é a forma como nenhum de nós vai morrer e tu sabe-lo tão bem como eu. — À luz pálida do sinal de néon do outro lado da rua, em frente da janela do quarto, o sorriso de Mário não era mais que uma careta forçada. Chupou o cigarro, a ponta ficando mais viva e brilhante e depois esmorecendo durante um ou dois minutos. Depois disse na escuridão: — Sonhei que estava no aparelho. Não naquele que temos estado a utilizar, mas no velho aparelho de doze metros que tínhamos quando estávamos no Lambeth. Estava a preparar-me para um triplo e havia alguém que estava a filmar tudo em câmara lenta, e não sei porquê isso fazia com que eu me movesse em câmara lenta. Como se me estivessem a atingir com um feixe que tivesse esse efeito.

Estava escuro, mas através dos cobertores Tommy sentiu o estremecimento convulsivo de Mário.

— E quando já estava a acabar, levou-me uma eternidade para conseguir as três voltas em câmara lenta, como já disse, vi que no trapézio base não estavas tu nem o Angelo. Era a Lúcia, e eu sabia que não podia agarrar-lhe as mãos assim... — A voz morreu-lhe e ele ficou em silêncio. — Raios, não consigo perceber porque é que fiquei tão assustado. Mas fiquei. Fiquei.

Tommy inclinou-se para ele no escuro, sem saber o que dizer. Abraçando-o com força durante alguns instantes, sentiu que Mário continuava a tremer.

Ele não deveria estar neste estado numa altura destas. Terá sido por causa da reunião de família de ontem à noite ou por o Angelo ter aparecido? Passado mais alguns instantes deixou que o abraço se transformasse noutra tipo de toque, numa carícia que durante todos aqueles anos que tinham estado juntos, fora sempre um convite. Mas Mário limitou-se a suspirar, num suspiro tão profundo que parecia vir do fundo das suas entranhas.

— Isso costumava resolver quase tudo quando éramos miúdos, não era? — O tremor aflitivo desaparecera da sua voz. — Devíamos tentar voltar a adormecer, se conseguirmos. Amanhã vamos ter um dia muito duro. — Mas quando Tommy se deitou ele estendeu o braço no escuro, como fizera nos velhos tempos, para apertar a sua mão no espaço estreito entre as duas camas.

Disse, a voz soando na escuridão: — Estava a pensar. Nos... nos gregos. E na maneira como viviam. Não se podia ultrapassar certos limites para não desafiar a ira dos Deuses. Se se ultrapassassem esses limites, os deuses chamavam a isso hubri e destruíam-nos.

Pergunto-me quão longe poderei eu ir? Esses velhos deuses não têm qualquer significado para mim. — A mão dele estava quente na de Tommy, fazendo com que ele se recordasse dos tempos que tinham passado no atrelado dos Santellis. Adormeceram assim.

Acordou com a luz cinzenta da madrugada, para descobrir que a cama de Mário estava vazia. Ele estava do outro lado do quarto, sentado à secretária, a escrever no papel timbrado do hotel. Esfregando os olhos, Tommy perguntou:

— A quem é que estás a escrever? A maior parte da família está aqui, não está?

— Isto é sobretudo para o Johnny e a Stel. Acabámos por não conversar ontem à noite. Eu quero deixar tudo por escrito.

Pelo sim pelo não.

Quando Tommy saiu do quarto, já o cesto dos papéis estava repleto de rascunhos amarrotados, e Mário ainda não tinha feito a barba. No topo de uma das folhas deitadas fora, Tommy leu, Querida Liss, mas não disse nada.

— Vai indo, Tom, diz-lhes que eu já vou. Na Califórnia já são quase seis horas e eu quero fazer um telefonema. Depois acho que vou telefonar para o quarto da Stella para lhe pedir que ela venha cá assinar isto antes de eu descer.

Tommy ficou com uma mão no puxador da porta, sentindo-se mais impotente do que alguma vez se sentira em toda a sua vida. Não conseguia pensar em nada que pudesse dizer sem despoletar uma das fúrias de Mário, e ele, confrontado com uma das mais duras provas da sua vida — pois, como quer que resultasse, a sequência do exercício falhado seria delicada e perigosa — não podia ser submetido a mais nenhuma tensão, visto que os seus nervos estavam mais frágeis do que o pulso fracturado múltiplas vezes. Tommy saiu, tomou o pequeno-almoço sozinho, comendo qualquer coisa, e foi direito ao Garden.

Em qualquer outra ocasião teria ficado satisfeito por ver que era deles o camarim da estrela, o mesmo que normalmente era atribuído ao campeão do mundo de pesos pesados em boxe. Agora isso mal conseguiu penetrar a superfície da sua preocupação.

Ficou a olhar para o rosto estranho no espelho enquanto os maquilhadores o transformavam numa réplica razoável do Reggie Parrish, com os bigodes que tinham sido a marca daquele base. Apesar de profundamente preocupado, observava a sua transformação com uma curiosidade e interesse profissionais. Mas sentia-se estranhamente despersonalizado. Já não sabia quem era.

Existiria realmente alguém que se chamasse Tom Zane? Teria ele sido totalmente engolido pelo Tommy Santelli? Não era bem ele, nem era tão-pouco o Reggie Parrish. Existiria mesmo alguém no espelho? De quem era aquele rosto estranho que ali via?

Um base. Qualquer base. Não, não qualquer base. O base de Mário, que, tal como Reggie Parrish antes dele, carregava nos ombros uma tremenda responsabilidade.

A vida dele está nas minhas mãos.

Mas sempre esteve. A vida de todos nós está nas mãos de todos os outros, no trapézio. Sempre soube disso. Porque é que agora, assim de repente, isto me atingiu assim?

As palavras de Bart Reeder acerca da taxa de suicídio entre as pessoas como eles voltaram-lhe à memória. Mário não podia estar a planear nada desse género. Não conscientemente. Podia fazer comentários sarcásticos a Angelo acerca da sua Igreja e nunca mais ter ido à confissão, mas lá no fundo, onde essas coisas realmente contam, a consciência de Mário era de um catolicismo puro. Algumas coisas nunca mudam.

Não, ele não esta a planear um suicídio. Mas talvez esteja com esperança de que algo aconteça. Tommy sentiu o sangue gelar-lhe nas veias, pois dera por si a pensar, Talvez fosse melhor para os dois.

Não. Não podia ter aquele tipo de pensamento. Nem por um minuto. Nem por um instante que fosse.

Tenho de fazer qualquer coisa. Mas, meu Deus, o que poderei eu fazer? Foi a coisa mais próxima de uma oração de que Tommy se lembrava de ter feito em toda a sua vida.

Mário estava atrasado, mais atrasado do que qualquer Santelli alguma vez estivera. Ele e Stella foram ter com Tommy, acabadinhos de sair das mãos dos maquilhadores e vestidos com os seus fatos do filme, quando os homens da iluminação estavam mesmo a acabar as afinações que tinham estado a fazer usando os substitutos das estrelas. Angelo, sentado na barra do trapézio e balouçando-se lentamente para trás e para a frente, estava também vestido com o fato branco e prateado do grupo de Parrish e Tommy reparou, sobressaltando-se, que o seu cabelo também tinha sido pintado de um louro-claro, como o de todos os outros duplos. Gritou para os homens da iluminação:

— Pronto, assim está bem. Não desloques essas luzes nem um milímetro, nem para um lado nem para o outro, ou será a ti que pedirei responsabilidades! — Enrolou-se por cima da barra e mergulhou com perfeição, se bem que sem estilo, para a rede.

Bamboleou-se até à borda da rede e saltou para o chão com um mortal.

— Boa noite, Signor Mário, já não era sem tempo!

— Estou aqui, estou aqui.



Mário remexia no adesivo que lhe envolvia o pulso e Tommy disse:

— Anda cá, deixa-me arranjar-te isso. Nunca apertas isso o suficiente. — Dobrou-se para o fazer, e passou-lhe pelo espírito que fora aquilo, mais do que qualquer outra coisa, o que ele recordara nos anos que passara na tropa, as pequenas tarefas rotineiras antes de cada espectáculo, assegurando-se de que os pulsos vulneráveis de Mário estavam bem ligados. — Fecha os punhos — disse, mas sentia os olhos de Angelo sobre eles, e atrapalhou-se com a ligadura.

Angelo aproximou-se com uma expressão de distanciamento profissional.

— Muito bem, Matty, a questão é a seguinte — disse ele bruscamente. — Passei a noite toda ao telefone com a Califórnia.

Está tudo combinado. Eles lá estão preparados para falsificar na montagem a sequência do triplo falhado e do ressalto da rede para o chão. Fazem isso no laboratório, na montagem. Temos imagens que sobram de triplos falhados, e já tenho o ressalto nos esticadores, e da queda. — Mário abriu a boca para protestar, mas Angelo disse: — Já está feito. Fiz a queda três vezes esta manhã para os colchões, por isso eles têm imagens que chegam e sobram. Já está tudo arranjado, Matt, por isso podes deixar de te preocupar com isso.

Mário soltou o pulso das mãos de Tommy com um puxão e abriu a boca ultrajado, mas Angelo calou-o com um gesto.

— Não vale a pena falar nisso, miúdo. Está feito, acabado, filmado. Já não tens de te preocupar mais com isso. Não tem importância.

Mário olhou-o furioso, com uma das pontas da ligadura solta, grotescamente dependurada do seu pulso.

— Afinal que porcaria é esta, Angelo? Tem tantos ciúmes que nem sequer me deixa fazer isto? Ou se calhar pensa que eu estou com medo?

— É claro que estás com medo — disse Angelo impassivelmente.

— Sempre tiveste medo do trabalho de duplo, e quando as pessoas se assustam, morrem. Eu sei disso muito bem, estás recordado? Não sejas idiota, Matt. Isto não é nenhum concurso de resistência, nem nenhum teste de coragem, nem nenhuma dessas tretas. Isto é o meu trabalho e eu fi-lo. Agora faz tu o teu e não me venhas com essas fitas de prima donna, está bem?

Tommy, que assistia à discussão pensou, Pronto, agora é que é. A afirmação de Angelo, feita com toda aquela naturalidade, era muito pior do que qualquer insulto. Por baixo da maquilhagem, Mário tinha uma palidez de morte.

— Raios o partam, Angelo! Não é preciso montar as imagens!

O Parrish fê-lo, e eu já descobri como é que o posso fazer também, e vou cuidar que seja feito como deve ser, sem falsificações!

Saia-me da frente, Angelo! Não tenho medo e vou provar-lho de uma vez por todas!

— Oh, por amor de Deus, Matt, já te disse que eles já filmaram a cena... — começou Angelo a dizer, mas Mário agarrou a escada de corda e começou a trepar. Angelo puxou-o para baixo com força. Naquela altura já se tinha juntado um grupo à sua volta. Mason saiu de trás dos operadores de câmara com as mãos nas ancas e de sobrolho franzido.

— Que foi agora, Angelo? Vocês, os filhos da mãe do sindicato deram cabo do outro filme sobre o Parrish. Também vão dar cabo deste?

Continuando a segurar o braço de Mário, Angelo disse ferozmente:

— Este homem não é um duplo competente. Tenho o direito de impedir alguém que não é competente para fazer determinado truque, de o fazer.

— Bom Deus, ele é o melhor trapezista de toda a profissão, foi você próprio quem mo disse!

— E é. O melhor trapezista. Eu próprio o treinei, e sei o que ele pode e não pode fazer. Ele foi contratado para voar no filme, não para dobrar as quedas. Isso é comigo, não é com ele...

Mário libertou o braço com um puxão e enfrentou Angelo.

— Quando é que vai parar de me dizer o que eu posso ou não posso fazer? Seu filho da mãe, que já nem sequer faz parte do número!

Os olhos de Angelo chisparam de fúria, mas a sua expressão permaneceu dura como o aço.

— Agora estás no meu sindicato, Matt, e na minha profissão não és sequer um bom amador. E eu digo-te mesmo o que podes ou não fazer. Fica-te pelo voo. — Virou-se para Mason e disse: — Pode confirmar isto com a sede do sindicato na Califórnia, se quiser. Telefone-lhes. Passei três horas ao telefone ontem à noite para solucionar o problema. Eles lá estão preparados para fazer a montagem no laboratório...

Mário conseguiu controlar-se. Tommy, que o observava sem se atrever a dizer palavra, sentiu a calma mortal que era o centro das suas fúrias, a calma que era sintomática das fúrias que o consumiam até ao fundo da alma.

— Angelo, eles não podem falsificar isto. Não estaria certo!

— Que é que queres dizer com isso, não podem? Já te disse que já está feito, já está tudo em película. Quando fizerem a montagem nem tu vais ser capaz de ver a diferença, miúdo.

— Não está a perceber — disse Mário com um desespero sombrio. — Esta é a única coisa que eles não devem, não, que não podem, falsificar! Leu o argumento? Angelo, isto não é um conjunto de truques, o que estamos aqui a filmar é uma vida, e este é o momento crucial dessa vida, o momento que determinou aquilo que ele foi! Não consegue perceber isso? Até agora, tudo o que filmámos é absolutamente autêntico, e agora o filme já tem vida própria. É arte, e não falsificação, não percebe a diferença? Não tem visto as projecções das filmagens? Não consegue sentir o espírito da coisa? Tem de ser a queda do Parrish, a grande proeza, da maneira como aconteceu realmente, filmada em contínuo, tal como aconteceu na realidade, a câmara mesmo em cima, sem imagens falsas nem mudanças de plano...

Angelo, não percebe? É arte, e não uma falsificação, isso não estaria certo!

Mário tinha as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, mas Angelo estava frio como uma pedra.

— Tu sempre foste o especialista da família em arte.

Eu nunca percebi de que raio estavas a falar. Não existe arte nenhuma em arranjar maneira de se morrer enquanto se está a ser filmado. Tudo o que eu sei é que sou duplo e sou delegado sindical, e a minha função é proteger os trabalhadores nesta filmagem, e isso também te inclui a ti. Limita-te a voar. É para isso que te pagam. — O seu desprezo era evidente quando olhou para as lágrimas que corriam pelo rosto de Mário, e pareceu a Tommy que ele, para além do mais, se sentia embaraçado. — Matt, por amor de Deus, controla-te!

Mário disse numa voz baixa e perigosa:

— Eu já não acato as suas ordens. Acatei durante a minha vida inteira, mas não agora. Eu vou fazer isto, e o Angelo não me vai impedir.

— Oh, vou sim — disse Angelo. Agarrou-lhe firmemente nos ombros e puxou-o à força para baixo da escada de corda. Disse:

— Aquilo que pensas que vais fazer é impossível. É impossível, ponto final. Não há mais nada para se dizer acerca disso.

Ou falsificamos a coisa ou então não se faz.

— Eu não aceito que haja nada que seja impossível — disse Mário. Tinha a voz baixa e a tremer. — Eu sei que quer pensar que eu não vou conseguir, mas eu não lhe vou permitir... não vou mais permitir que me diga...

Mesmo Tommy, que era quem estava mais perto deles, não viu o que aconteceu a seguir nem o que Angelo disse, mas debateram-se breve e intensamente enquanto Mário se tentava afastar dele e a corda do trapézio se contorcia. Mário deu-lhe um murro com força e Angelo recuou, o sangue brotando-lhe de um dos lábios que começou a inchar imediatamente.

Abanou a cabeça, olhou para Mário e disse, com um desprezo amargo na voz:

— Esperava muito melhor que isso.

Mason, exasperado para além de todos os limites da paciência, gritou:

— Parem as máquinas! Quinze minutos de intervalo para toda a gente! — enquanto olhava para o rosto pálido e abalado de Mário e para a boca de Angelo que sangrava.

Stella disse calmamente:

— Vou buscar-te um café, Matt — e dirigiu-se à máquina de café que estava no átrio.

Angelo afastou-se. Tommy, depois de alguns instantes em que se sentia demasiado chocado para que se pudesse mexer, correu atrás dele. Apanhou-o no átrio escuro em frente ao escritório que tinha sido atribuído a Jim Fortunati. Agarrou o braço de Angelo e obrigou-o a virar-se.

— Não se atreva a abandoná-lo agora, seu filho da mãe!

Que é que acha que está a fazer? A tentar que ele se mate?

Angelo arrancou o braço das mãos de Tommy como se estas o pudessem conspurcar. Disse por entre os dentes cerrados:

— Tira as mãos de cima de mim, seu... — Engoliu as palavras cerrando mais os dentes. — Eu estou a tentar certificar-me de que ele não se mata, com aquelas tretas todas acerca da arte!

Devia torcer-te o pescoço!

Tommy sentiu vir-lhe aos lábios a resposta infantil, Você e mais que o exército? Mas isso não ajudaria em nada a resolver o verdadeiro conflito entre Mário e Angelo.

Isto é entre eles. Não tem nada a ver comigo. Foi o que eu nunca percebi até hoje.

— Torcer-me o pescoço? Atreva-se a tentar! Mas não até ouvir o que eu tenho para lhe dizer! E é bom que oiça e oiça com atenção, Angelo! Eu não sou católico, mas já ouvi o suficiente acerca do catecismo da Tessa para saber que existe uma coisa que se chama pecado por omissão, e se não ouvir o que eu tenho para lhe dizer agora, será o seu próprio Deus que o vai responsabilizar por este assassínio. Sim, eu disse assassínio!

— Olha, não tens o direito de falar da minha religião...

— Sim, que se dane! Angelo, o Papa Tony disse-me isto há muito tempo. Disse-me que o Matt está sozinho, num local solitário, sentindo-se forçado, sentindo a necessidade de fazer coisas que

ninguém fez antes. O Papa nunca percebeu porque é que o Matt era assim...

— E suponho que tu sabes!

Tommy não prestou atenção à interrupção. As palavras saíam de si sem que ele pensasse no que iria dizer. Não fazia ideia do que diria a seguir, mas as palavras surgiam-lhe, quase que por vontade própria.

— O Papa não percebia, mas aceitava, aí é que está a questão. Ele sabia o que Matt tinha de fazer, e o Angelo também tem de o aceitar! Não percebe... Raios partam, Angelo, não sabe que é o único pai que o Matt alguma vez teve? Criou-o, fez do Matt o que ele é hoje, mesmo que não goste do que ele é. É o único pai que ele tem, e sabe como é a Lúcia, a única mãe que ele teve, também. Tudo o que ele é, sim, raios, tudo, é como é, porque o Angelo o fez assim, quer goste disso quer não...

— Há uma coisa que não fui eu que provoquei, Tom. Podes estar absolutamente certo que isso ele não aprendeu comigo — disse Angelo erguendo a mão num protesto.

Mas Tommy lançou-lhe:

— Não se tente enganar a si próprio! Isso também! Não sabe que toda a vida dele depende de conseguir a sua aprovação, a sua aceitação, o seu amor? Ele precisa de saber, não pode viver se não souber, que a pessoa que é mais importante para ele gosta dele, o aprova, o aceita, seja ele o que for...

— Parece-me bem que isso é tarefa tua, miúdo — disse Angelo com um olhar frio e enojado, mas Tommy engoliu em seco e abanou a cabeça.

— Quem me dera que fosse. Eu tento. Mas eu cheguei demasiado tarde. É claro que eu o amo, não, raios, Angelo, não me estou a referir a isso que está a pensar; isso é apenas uma... uma parte, e não tem nada a ver com aquilo que eu estou a dizer. Meu Deus, Angelo, não será capaz de parar de se iludir?

O Angelo ama o tipo tanto como eu, e exactamente pelas mesmas razões e sabe disso muito bem!

O rosto de Angelo contorceu-se. Disse:

— Raios te partam, Tommy, eu mato-te...

— Atreva-se a tentar — disse Tommy com os punhos cerrados -, mas noutra altura qualquer. Agora não. Raios, pelo menos desta vez vai ter de se confrontar com isso nem que eu tenha de o deitar ao chão e sentar-me em cima de si! Percebeu-me mal, Angelo. Sabe tão bem como eu do que estou a falar!

Também foi base dele! Sabe como é, quando nos encontramos a meio do ar, mãos e pulsos, e tudo fundindo-se, perfeito, como se fôssemos duas metades de uma mesma coisa e qualquer coisa acontece dentro de nós. Jesus, Angelo, eu não estou a falar de sexo! Não fique tão horrivelmente assustado, com medo de ouvir o que eu tenho para lhe dizer! — implorou. Sentia-se como se se estivesse a virar do avesso. — É outra coisa. É qualquer coisa de interior. Como se só tivéssemos um coração, e acontecesse qualquer coisa na... na nossa alma. Angelo, tem de me perceber.

Não me consegue convencer que voou durante todos estes anos só para ganhar a vida. Fê-lo porque tinha de o fazer, mesmo se não consegue admitir isso perante si próprio.

— Olha... miúdo... — disse Angelo. Parecia abalado. — Não percebo que raio é que isso tudo tem a ver com aquilo do sindicato.

Mesmo que algumas das coisas que disseste sejam verdade, não percebo...

— Não, não percebe, e é isso que o vai matar a ele — disse Tommy continuando sem sequer parar para respirar. — Nem sequer sabe porque é que ele teve de conseguir fazer a porcaria do triplo, porque é que ele teve de se submeter a tudo aquilo?

Durante toda a sua vida ele achou que se fizesse o suficiente, um dia o Angelo teria de lhe dizer o quanto gostava dele!

Quando foi que ele começou a treinar o triplo? Sim, é isso mesmo, foi mais ou menos na mesma altura em que o Angelo lhe fez sentir que ele não merecia viver! Só porque por acaso ele gostava de ir para a cama com homens em vez de ir com mulheres, o Angelo fê-lo sentir-se uma espécie de leproso...

Angelo ergueu novamente a mão num protesto, mas Tommy continuou:

— Ele vai-se matar ali hoje, tentando provar que é digno do... do seu amor e do seu afecto, do seu respeito...

Angelo agarrou-lhe um pulso. Disse com urgência:

— Escuta-me, Tommy! Meu Deus, acalma-te e ouve-me, está bem? Eu respeito-o. E — uma longa pausa — importo-me com o que lhe possa acontecer.

Ele não o conseguiu dizer, pensou Tommy. Ele continuou a não conseguir dizê-lo nem sequer consegue pensá-lo.

— Meu Deus, Tommy — disse Angelo -, pensas que eu quero que ele parta a porcaria do pescoço? Porque raio pensas tu que eu o impedi de trepar a porcaria da corda lá em baixo?

Eu não queria que ele se aleijasse!

— Mas ele não acredita nisso! Ele não acha que seja porque...

Angelo, sabe porque é que ele chegou atrasado esta manhã?

— Não, raios, não sei. Porque foi?

— Estava a fazer o testamento. A garantir o futuro da Suzy.

Ele vai fazer isto ou vai morrer a tentar, e se ele sobreviver, vai continuar a tentar vencer desafios cada vez mais disparatados, vai tentar aquele triplo e meio de que o Barney Parrish lhe falou, ou um triplo à frente. Ele continua a acreditar, lá bem no fundo, sem sequer ter consciência disso, que se for suficientemente corajoso, o Angelo será forçado a admitir que o aceita, que o respeita, que o ama. Ele não pode fazer o mesmo que a Liss fez, engravidar e arranjar uma boa desculpa para parar de tentar.

Mas pode fazer o que a Lúcia fez, dar cabo de si tentando, morrer tentando... — Tommy parou. Não tinha noção do que diria a seguir; percebeu que tinha ido demasiado longe mesmo para um momento de verdade. — Eu posso não ser um Santelli de verdade. Nem sequer venho da vossa enorme e adorada família com tantas tradições! Foi o Angelo que fez isto ao Matt e nem sequer tem noção disso, e isso é que é o diabo. Se o tivesse feito propositadamente, não seria tão mau, mas nem sequer tem a noção. — A voz faltou-lhe. Angelo estava pálido de morte, a tremer, mas tinha os punhos cerrados como se fosse dar um murro em Tommy ali mesmo, naquele momento. Mas ao fundo do átrio Jim Fortunati assomara à porta do seu gabinete.



— Angelo? Afinal que barulheira é esta? Eles já acabaram as filmagens? Temos de montar tudo para o espectáculo da tarde!

Não queremos que esta porcaria dure mais um dia...

À beira da violência, Angelo virou-se e encaminhou-se, com passos rígidos, na direcção de Fortunati. Tommy ficou completamente imóvel, vendo-o afastar-se. Sentia-se mal, e um suor frio ensopava-lhe as calças brancas de ginástica que lhe eram estranhas.

Que foi que eu fiz? Como pude usar palavras como amor com o Angelo? Será que eu disse alguma coisa que o faça perceber?

Ou será que lhe passei totalmente ao lado, que passei ao lado da casmurrice dele? Enquanto regressava à pista central, percebeu que Jim Fortunati devia ter ouvido tudo o que eles tinham dito. Sentia a garganta arranhada e perguntou-se, vagamente, Será que gritei?

Mário já estava novamente no camarim, sentado à frente do espelho iluminado que servia para as maquilhagens. Stella tinha os braços em torno dele e a sua cabeça estava apoiada no ombro dela. Ela olhava-o com uma ternura imensa, tal como costumava olhar para Suzy.

É demasiado tarde para isso. Tommy sabia que houvera um tempo em que Lúcia poderia ter conseguido chegar até ao seu filho. Mas Lúcia, enterrada no seu próprio tormento, na sua luta consigo própria, nunca tivera o tempo ou a energia necessários para os filhos que não desejara. Também Liss descobrira que essa batalha era demasiado dura para ela. Talvez, se a Susan não tivesse sido uma cabra... Mas o rosto de Mário estava calmo, e quando Tommy entrou, Stella encolheu os ombros em silêncio, impotente, deixou cair os braços que envolviam Mário e saiu do camarim.

Mário apagou o cigarro no cinzeiro. Levantou-se com um movimento ágil e intenso como o de um felino e agarrou Tommy pelos ombros.

— Não quero saber do que o Angelo diz! Vou fazer isto exactamente da maneira como planeei! Como o Parrish fez, da maneira como tem de ser feito! — As suas mãos aproximaram-se do pescoço de Tommy e fecharam-se em torno da sua garganta, meio

carícia, meio ameaça. — Não te atrevas a dizer-me que não o posso fazer, Lucky! Não te atrevas!

Tommy esquivou-se. Disse:

— Não me cabe a mim dizer-te que não podes. Mas não o faças agora. Estás completamente eléctrico, Matt, estás tenso como tudo. Já te vi tentar um mortal e meio e falhar quando estás todo torcido por dentro como agora! Senta-te e controla-te.

Porque raio é que deixas o Angelo pôr-te neste estado?

— atirou-lhe. — Ele não o merece!

Todos estes anos. Estou com ele há todos estes anos. E continua a ser da aprovação do Angelo que ele precisa. Do amor do Angelo.

Como se aquelas palavras, não proferidas, tivessem chegado a Mário, ele corou.

— O Angelo pode ir para o diabo que o carregue — disse.

Pôs os braços à volta de Tommy. — Lembras-te da primeira vez que entraste num espectáculo connosco, Lucky? Foi a primeira vez que eu fiz um triplo na pista. O Angelo também não queria que eu o tentasse!

— Claro que me lembro. — Mas Tommy virou-se, agarrou nos pulsos de Mário e pô-los com firmeza ao longo do corpo do homem mais velho. — Mas também me lembro do que o Angelo disse nessa noite e ele tinha razão. Disse: "Senta-te e acalma-te, faz exercícios respiratórios, ou qualquer coisa, ou não te deixo tentar." — Puxou-o suavemente para baixo sentando-o em frente ao toucador.

— E quem é que tu pensas que és, para me dares ordens? — explodiu Mário.

Tommy olhou-o a direito nos olhos.

— Sou o teu base. É isso o que eu sou. Deixa-me ver esses pulsos. Os maquilhadores não sabem o que fazem. Cerra os punhos ou esta ligadura vai-te cortar a pele.

Sim. Era aquela a essência do que ele era, de tudo o que existia entre eles.

Sou o teu base. É isso o que eu sou. Os seus olhos encontraram-se por momentos no espelho, e apesar da maquilhagem estranha, Tommy voltou a reconhecer-se; soube, com

um sentimento seguro de identidade, o que eram. Voador e base. Isso dizia tudo.

Ouviu-se uma pancada na porta que, mal fechada, se abriu de par em par e uma voz desconhecida chamou:

— Santellis? O cenário está pronto.

Com brusquidão Tommy murmurou, mais numa súplica que numa ordem:

— Andiamo!

— Muito bem. Aqui vamos nós.

Os Santellis estão sempre prontos...

Angelo estava à espera deles na base do aparelho. Parecia abatido e abalado, e sem saber porquê Tommy lembrou-se do aspecto dele depois da morte de Papa Tony. Vazio. Mário passou por ele sem o olhar, no momento em que os projectores se acendiam à sua volta e os operadores de câmara pousavam as chávenas de café, apagavam os cigarros e se preparavam para trabalhar.

Angelo pôs um pé na escada de corda do aparelho, ao mesmo tempo fixando-a para que Mário subisse e impedindo-o completamente de o fazer. Tommy, prestes a ir para o seu lado do aparelho, parou perto deles sentindo-se abalado de apreensão. Mais sarilhos?

Acabei de conseguir acalmá-lo — será que ele o quer matar?

Mário disse por entre os dentes:

— Saia da minha frente. Vou subir.

— Escuta, Matt, percebeste-me mal — disse Angelo. — Não podes fazer o meu trabalho assim como eu não posso fazer o teu. Pensas que eu agora te conseguiria agarrar num triplo? Nem que me dessem um milhão de dólares em dinheiro. E teria demasiado medo para tentar. Sabes porquê?

A sua voz baixou até ficar num murmúrio que só Tommy estava suficientemente perto para ouvir.

— Teria medo de te perder, como perdi o Papa, ou pior.

Por causa de um erro meu. Nunca fui grande coisa como base, miúdo. Nunca estive à tua altura. E tu és tudo o que resta, tu és tudo o que os Santellis são, tu e o Tommy. Vocês são tudo o que me resta. Não me faças isto, miúdo. Ragazzo...

Matteo... tu sei... sempre...

A sua cara contorceu-se. Engoliu em seco uma e outra vez.

Mário estava pálido, da cor do fato branco que trazia vestido.

Cegamente, estendeu a mão a Angelo. Este agarrou-a, automaticamente, em torno do pulso. A sua voz estava — quase — novamente controlada.

— Escuta, ragazzo. Lembras-te do que o Barney costumava dizer: tem de se ter o espírito aberto relativamente a partir o pescoço. Um espírito aberto, miúdo. Não conseguirás fazer nada com... com essa tua arte se estiveres decidido a partir o pescoço.

Não podes... não conseguirás sobreviver a essa atitude, como... como a Terry não sobreviveu. Ouve-me bem, fanciullo, eu alguma vez te dei maus conselhos? Vá lá, diz lá, dei?

Mário abanou a cabeça. A sua mão continuava apertada em torno do pulso de Angelo. O homem mais velho deu-lhe uma sacudidela amigável.

— Um Santelli não corre riscos estúpidos nem brinca irresponsavelmente com a hipótese de morrer. Que diria o Papa Tony acerca disto? Se eu te ensinei alguma coisa, Matt, espero ter-te ensinado isso. Não tem nada a ver com a tua coragem, figlio.

Meu Deus, tu achas que tens de me provar alguma coisa em relação a isso, a mim? A mim, fanciullo, depois de tudo o que passámos juntos por causa do triplo? — Ali mesmo, na pista central, com Mason aos gritos para que desimpedissem o cenário, Angelo puxou Mário para si e deu-lhe um beijo rude na face.

— Andiamo — disse empurrando-o em direcção à escada de corda. — Põe-te lá em cima e dá-nos o melhor triplo que nós já vimos. É esse o teu trabalho, figlio, e não há mais ninguém que o possa fazer. Tens de cá estar para o fazeres.

Atordoadado, Tommy virou-se para o seu lado do aparelho.

Que raio teria sido o que o Fortunati dissera ao Angelo, afinal?

Enquanto trepava a corda, Tommy percebeu que nunca o saberia.

Será que vai resultar? Será que ele vai subir lá para cima e matar-se tentando provar que pode fazer o impossível? No estado em que ele está... Mas depois olhou para trás, para a escada de

corda, e viu que Mário subia para a plataforma, fazendo um aceno largo e exagerado para o público. Lá em baixo, nas bancadas, o público composto pelos figurantes habituais gritava e aplaudia.

Mário lançou-se num dos enormes balanços de aquecimento com que começava sempre o dia. Tommy, sentado no seu próprio trapézio, observava-o virando-se na barra e lançando-se de novo, vendo a precisão delicada de cada movimento. Uma graciosidade perfeita, planando.

Ele está bem, ele está bem!... Homem e trapézio pareciam fundir-se, pareciam ter-se tornado numa única entidade cheia de alegria. Mário movia-se sobre a barra como uma criança que se balouçasse no trapézio pelo simples prazer que isso lhe dava.

Saltou para a plataforma, empurrando suavemente Stel para um dos lados e Tommy viu o sorriso momentâneo que ambos trocaram.

Bart dissera-o uma vez. Se eu não te conhecesse tão bem, juraria que vocês eram amantes. Não era para admirar que Johnny tivesse tido ciúmes. Mas Johnny não precisava de ter ciúmes, pelo menos não a esse nível, de forma nenhuma.

A Stella dá-lhe tudo o que ele alguma vez pôde ter, tudo o que ele precisa de qualquer mulher.

Mário ergueu a mão fazendo o sinal para o triplo. Tommy, sem sequer pensar nisso, deixou-se cair para ficar pendurado pelos joelhos. Agarrou a barra com as pernas e entrelaçou-as com segurança e precisão nos apoios almofadados. Mário já saíra da plataforma e balouçava-se impulsionando-se cada vez mais alto, e Tommy acelerou o seu próprio balanço para se ajustar, com precisão, ao ritmo de Mário. Para cima e para baixo, e novamente para cima... com precisão, em conjunto, juntos, encerrados num ritmo duplo. Como que num jogo de preliminares sexuais, levando-se à excitação mútua, a um pico febril, a tensão crescendo entre eles.

Ainda não. Não está ainda bem, ainda não. Mais um balanço... Pensamentos dispersos, pensamentos que nunca recordaria mais tarde, percorreram-lhe o espírito ao de leve. O que nós somos juntos, no trapézio. Isto é quase uma forma de fazer amor.

É horrivelmente público. Vem da mesma fonte dentro de nós.

Salto mortale. Nada em excesso. A forma perfeita e predeterminada do destino...

Não conseguia ver claramente Mário. Tinha consciência dele, do outro trapézio, ligado ao seu, fundido, como que por um só coração. Mário estava a lançar-se mais alto no último balanço, como se o seu corpo tenso tivesse de se soltar e voar para a frente e para cima, livre da gravidade, para nunca mais voltar... cada vez mais para cima, por cima dos suportes, roçando as guias. As mãos de Tommy estenderam-se no recuo do trapézio, mesmo antes de Mário sair da barra, como um tiro de canhão, girando por cima de si, incrivelmente alto no segundo mortal...

As suas mãos prenderam-se e sentiu-se abalado pelo peso antes que o Agora! no cérebro de Tommy pudesse ter sido traduzido em palavras. Só quando já balançavam juntos, as mãos e os pulsos entrelaçados, é que Tommy se apercebeu de que estivera preparado para ver Mário, como acontecera com Papa Tony, cair pela última vez. Os olhos de Mário, por baixo dos seus, estavam repletos da velha alegria e excitação.

— Pronto, Lucky? Pronto — murmurou...

E já partira de novo, como uma seta na direcção da plataforma, pousando ao lado de Stella, passando a barra para as suas mãos, lançando um braço descontraidamente em torno dela para se equilibrar e erguendo a outra mão no final e que era o aceno largo e exagerado pedindo os aplausos do público.

E estes surgiram. Espontaneamente, os sons contidos durante aqueles momentos de tirar a respiração, fizeram tremer o Garden.

Não havia ali quem tivesse pago a entrada. Não havia ali um público que procurava emoções fortes. Eram os colegas de profissão, actores e artistas de circo que, igualmente, davam a sua aprovação a um dos seus, o maior tributo que podiam oferecer ao melhor de todos eles. Tommy, erguendo-se sobre o seu trapézio, levantando as mãos para agradecer os aplausos, soube no fundo de si que estes também eram para ele.

Ele fê-los esquecer que não passam de figurantes! Ele fê-los aplaudir!

E depois já estavam novamente no solo, fazendo uma e outra vénia, agradecendo os aplausos que pareciam intermináveis.

A mão de Mário apertou a de Tommy por breves instantes, e os seus olhos encontraram os de Tommy num sorriso que tinha o brilho do Sol.

Ele exorcizou os seus fantasmas. Agora já o posso apoiar no que quer que seja. Agora ele é todo meu.

Mason gritava e fazia gestos para os operadores de câmara.

Virou-se brevemente para olhar para Mário e disse:

— Muito bem, assim está bem. Podemos utilizar isto. Parece-me que desta vez não precisamos de repetir a cena.

Jim Fortunati aproximou-se e agarrou na mão de Mário.

Disse em voz baixa:

— Matt, nunca vi nada assim. Nunca ninguém viu nada assim. És o melhor voador do mundo. Tenho a certeza de que o Barney Parrish, onde quer que ele esteja, está a ver-te e está orgulhoso de ti.

O sorriso de Mário era luminoso, brilhante, como se um velho peso lhe tivesse saído de cima para sempre.

— Sim — disse num murmúrio -, talvez esteja, talvez esteja.

Johnny correu para o centro da pista, nervoso e excitado.

— Mason, vocês já acabaram? Isto foi o fim? Raios, temos um espectáculo para fazer esta tarde, podem tirar estas tralhas todas da pista central? — Com um sorriso de lado olhou para Mário e disse: — Belo trabalho, irmão mais velho. — Deu-lhe um pequeno abraço e depois largou-o. — Bem, será que agora levam estas câmaras e estas porcarias todas daqui para fora?. A bilheteira vai abrir dentro de duas horas, e o vosso contrato diz...

Mário riu-se enquanto se afastavam.

— Há uma coisa que nunca muda. Se alguém quiser encontrar os Santellis é procurar alguém que esteja a armar o maior dos alaridos — disse.

Angelo estava de pé no limite da pista. Deu um passo em frente e estendeu as mãos, e Mário agarrou-as, na velha pega recíproca, mãos com pulso, durante alguns momentos. O sorriso de

Angelo era enorme e cheio de orgulho. Tommy pensou, Ei, ele também se parece um pouco com o Papa Tony.

— Belo trabalho, ragazzo — disse. — Quem me dera que o Papa Tony pudesse ter visto isto. No entanto, o meu coração quase que parou. Pregaste-me um susto dos diabos!

Mário sorriu-lhe, mergulhando o olhar no de Angelo numa intimidade provocatória. Disse:

— Eu sempre o assustei como tudo, Angelo, não assustei?

— Sim — disse Angelo respirando fundo e dando um grande suspiro. — De mais que uma maneira, miúdo. Esse sempre foi o problema. Olha, vai buscar uma toalha ou coisa assim, vais arrefecer, e tens um espectáculo para fazer. Até logo, miúdos. — E foi-se embora, deixando-os sozinhos aos três, isolados no meio da efervescência do circo.

Mário virou-se para Stella. Sorrindo-lhe ela disse baixinho:

— Foi lindo, Mário — e ele tocou-lhe levemente na face.

— Obrigado, doçura. Vindo de ti, isso tem muito significado — disse ele. — Escuta, porque é que não vais à procura da Lúcia? Diz-lhe para trazer a Suzy para assistir ao espectáculo da tarde. — Riu-se alto com gargalhadas exuberantes. — Eu acho que ela a trará, se lho sugerires. A Suzy é uma Santelli.

É bom que veja qual é o negócio da família. Ela um dia também vai estar lá em cima, por isso é melhor que veja como isto é.

— Vou fazer isso mesmo — disse Stel, sorrindo e correu na direcção do seu camarim.

Ficaram então sozinhos os dois, e por instantes a alegria desapareceu do rosto de Mário. Disse suavemente:

— Também te assustei a ti, não foi, miúdo? Desculpa, Lucky. — Hesitou e sorriu, com um sorriso pouco habitual, um sorriso diferente que o fez ser, uma vez mais, o rapaz tímido que Tommy conhecera.

Ele nunca deixa mais ninguém vê-lo assim. Já não. Esta é uma responsabilidade minha. Eu sou o seu base. Agora posso agarrá-lo em qualquer circunstância. Agora também eu sei quem sou.



— Está tudo bem — disse dando o braço a Mário, sem se importar com quem os pudesse ver. — Está tudo bem, Mário.

— Juntos desceram o corredor em direcção ao camarim, mas Tommy sabia agora que se dirigiam ao futuro. Como ele dissera agora estava tudo bem. "

*Fim*

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido



- [{1}](#) Big significa "grande" em inglês.
- [{2}](#) Ma — abreviatura de "mãe" em inglês.
- [{3}](#) Tio Sam — figura emblemática do povo americano; equivalente ao Zé Povinho português.
- [{4}](#) Spec — abreviatura de spectacle, nome dado ao desfile inicial nos espectáculos de circo.
- [{5}](#) Little — "pequena" em inglês.
- [{6}](#) Gerry Society — sociedade protectora dos direitos das crianças.
- [{7}](#) Ruas equivalentes ao Rossio e Rua Augusta da versão portuguesa do Monopólio.
- [{8}](#) Cartas que, no Monopólio, ditam a sorte do jogador nas jogadas seguintes.
- [{9}](#) Caught in the act, no original — no acto, mas também em plena actuação.
- [{10}](#) Drive-in — restaurante onde as refeições são servidas nos carros dos clientes.
- [{11}](#) Alusão aos racionamentos impostos durante a Segunda Guerra Mundial.
- [{12}](#) Holy Name — "Santo Nome" em inglês.
- [{13}](#) Bible Belt- regiões dos Estados Unidos da América, especialmente do Sul, onde é predominante o Fundamentalismo Protestante.
- [{14}](#) Big — "grande" em inglês por oposição a Little que significa "pequena".
- [{15}](#) Drive-in — neste caso um cinema em que o público assiste ao espectáculo dentro dos respectivos automóveis.
- [{16}](#) Hard feelings, no original. A resposta de Tommy brinca com o segundo sentido da palavra hard que também se aplica à erecção provocada pela excitação sexual.
- [{17}](#) Blackout — Escuridão total imposta durante a guerra como prevenção contra os ataques aéreos.
- [{18}](#) Queer, no original. Palavra que tanto pode significar "esquisito" como "homossexual" em calão.
- [{19}](#) Janízaro — Membro da guarda pessoal do Sultão turco, desde o século XV até ao início do século XIX.

[{20}](#) Dioneia — Planta sensitiva americana, cujas folhas, contraindo-se, apanham os insectos que nelas poisam.

[{21}](#) Starling Stories — Sendo o nome da revista em causa, significa histórias que provocam espanto ou sobressalto.

[{22}](#) Grand Canyon — Garganta gigantesca montanhosa situada no Estado do Colorado nos Estados Unidos da América.

[{23}](#) Em alemão no original. Meninas.

[{24}](#) Blues. Baladas originárias da música negra norte-americana.

[{25}](#) Purple Heart é a medalha atribuída aos membros das forças armadas norte-americanas feridos em combate.

[{26}](#) Jukebox. Máquina que permite seleccionar discos após a introdução de uma moeda.

[{27}](#) Gay. Expressão que na gíria significa "homossexual" e que se tem generalizado.

[{28}](#) O futebol aqui referido é o futebol americano.

[{29}](#) Os Dodgers são uma equipa de basebol. Um dos elementos de uma equipa de basebol é o jogador base, e é à possível confusão entre o trapezista base e o jogador base que a personagem se refere.